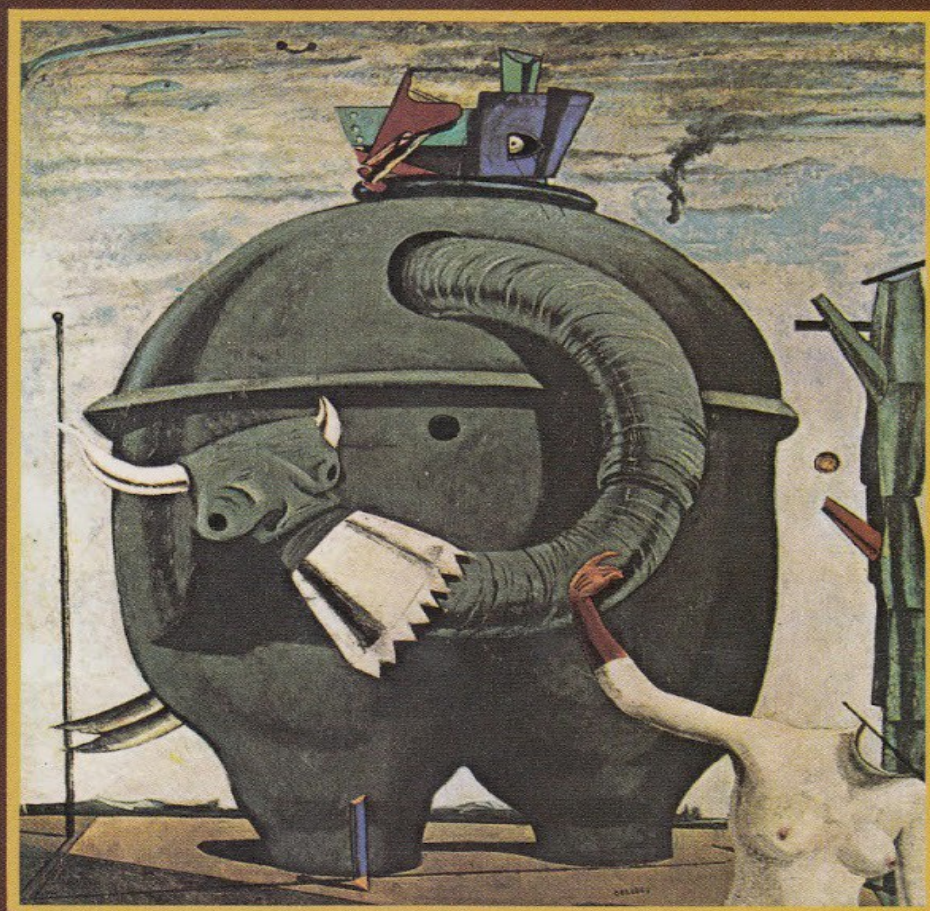


JAMES  
JOYCE

ULISSES



CÍRCULO DE LEITORES

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





James Joyce

Ulisses

Tradução

Bernardina da Silveira Pinheiro

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Objetiva Ltda. Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Seleção, elaboração e tradução das notas de capítulos  
Flavia Maria Samuda

Capa  
Victor Burton

Revisão  
Ana Kronemberger  
Umberto Figueiredo Pinto  
Taís Monteiro  
Antônio dos Prazeres  
Lilia Zanetti Freire

Conversão para e-book  
Abreu's System

CIP-BRASIL.CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DELIVROS, RJ.

J979u

Joyce, James

Ulisses [recurso eletrônico] / James Joyce ; tradução Bernardina da Silveira Pinheiro ; [seleção, elaboração e tradução das notas de capítulos Flavia Maria Samuda]. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.  
recurso digital

Tradução de: Ulysses

Formato: ePub

Requisitos do sistema

Modo de acesso:

872 p. ISBN 978-85-7962-035-5 (recurso eletrônico)

1. Romance irlandês. 2. Livros eletrônicos. I. Pinheiro, Bernardina da Silveira, 1922-. II. Samuda, Flavia Maria.

III. Título.  
10-4196.

CDD: 828.99153

CDU: 821.111(415)-3



## Sobre o autor

James Joyce nasceu em Dublin, Irlanda, em 1882. Depois de infância e juventude modestas e influenciadas por uma rígida educação jesuíta, deixou sua cidade natal em 1902 rumo a Paris. Na capital francesa, trabalhou como jornalista e professor, enfrentando grandes dificuldades financeiras. Em 1904, desta vez acompanhado de Nora Barnacle – que se tornaria sua mulher em 1931 –, Joyce instalou-se na cidade italiana de Trieste, onde escreveu a coletânea de contos *Dublinenses* (1914) e o romance *Um Retrato do Artista Quando Jovem* (1916). Com a Primeira Guerra Mundial, a família refugiou-se em Zurique, onde Joyce escreveu *Ulisses* (1922), romance que lhe valeu reconhecimento internacional. De volta a Paris em 1920, onde viveria por quase duas décadas, o agora renomado escritor dedicou 17 anos à elaboração de seu último romance, *Finnegans Wake* (1939). Com o início da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da França, a família conseguiu permissão para retornar a Zurique, onde Joyce faleceu em 1941.

O escritor tornou-se célebre por sua experimentação com a linguagem e por suas inovações estilísticas, que incluem o uso extenso do monólogo interior, do fluxo de consciência e de uma complexa rede de referências simbólicas emprestadas à mitologia, à história e à literatura, além de um vocabulário peculiar feito de palavras inventadas, trocadilhos e alusões. Em *Ulisses*, Joyce descreve um dia inteiro de seu personagem principal, Leopold Bloom, em sua jornada pela cidade de Dublin. Considerado o precursor do romance moderno, *Ulisses* é um épico moderno livremente inspirado na *Odisséia* de Homero, repleto de alusões a lugares, personagens e acontecimentos reais. Proibido nos Estados Unidos e no Reino Unido na época de sua primeira publicação, é considerado o mais representativo romance do século XX.

## Sobre a tradutora

Bernardina da Silveira Pinheiro nasceu no Rio de Janeiro, em 1922. É professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde defendeu tese de livre-docência sobre a densidade semântica na poesia de Gerard Manley Hopkins (1974). Realizou pesquisas de pós-doutorado sobre a obra de James Joyce e, especificamente, *Ulisses*, no University College, em Londres, e em Dublin, na Irlanda (1986). É membro da International James Joyce Foundation e da Escola Letra Freudiana. Traduziu *Um Retrato do Artista Quando Jovem*, de James Joyce, publicado em 2006 pelo selo Alfaguara da Editora Objetiva, e *Uma Viagem Sentimental Através da França e da Itália*, de Laurence Sterne, publicado em 2002 pela Editora Nova Fronteira.

## Introdução

*Dublinenses*, a primeira obra em prosa de James Joyce, é um livro de contos que, revelando as frustrações, a inação e, até mesmo, as perversões ocasionais de seus personagens, denuncia a inércia da cidade em que vivem. No entanto, Dublin não é apenas o centro da paralisia, mas também a segunda cidade do império britânico, quase três vezes maior do que Veneza, merecendo, portanto, que algum artista a ofereça ao mundo. E Joyce a descreve com minucioso carinho, de *Dublinenses* a *Finnegans Wake* e, em particular, em *Ulisses*, a fim de que, se algum dia for destruída por uma guerra ou um terremoto, ela possa ser reconstruída através de seus escritos.

Em seguida Joyce escreve um romance, inicialmente *Stephen Hero*, do qual só restam fragmentos, que transforma em *Um Retrato do Artista Quando Jovem*. Nesta obra primorosa, ele evolui para o monólogo interior, a narrativa do fluxo da consciência, de que se serve para acompanhar, através de recursos de linguagem e musicalidade incomparável, a evolução psíquica do seu personagem Stephen Dedalus, desde sua mais tenra idade até o final da adolescência.

Em *Ulisses*, teremos, então, uma paródia de *A Odisséia* de Homero. Elaborada com sucesso extraordinário e de forma abrangente, ela corresponde perfeitamente ao conceito atual deste gênero literário. A paródia moderna é, na realidade, uma forma de arte em que predomina a auto-reflexividade, proporcionando um novo modelo para o processo artístico. É uma inversão irônica do modelo inicial.

A paródia moderna, afirma Linda Hutcheon, se distingue da imitação ridicularizante mencionada nas definições padrões dos dicionários. Além de reativar o passado, dando-lhe contexto novo e freqüentemente irônico, ela exige do leitor maior atualização e melhor conhecimento deste passado, levando-o, se preciso for, a voltar a ele para uma maior integração com a obra. Em sua inversão irônica, é um jogo com convenções múltiplas, uma prolongada repetição com diferença crítica, uma confrontação estilística que, longe de desmerecer o original, ressalta nele apenas a diferença. Por seu aspecto sofisticado, a paródia faz exigências não apenas daqueles que a utilizam como também de seus intérpretes. De fato, tanto o escritor quanto o leitor devem efetuar uma superposição estrutural dos textos, que incorpore o antigo ao novo, visto que ela é uma síntese bitextual.

Em *Ulisses*, Joyce combina o virtuosismo técnico da paródia com o tratamento psicológico dado aos seus três personagens principais: Stephen Dedalus, Leopold Bloom e Molly Bloom. Assim, ao compor seu romance em dezoito episódios, portanto menos seis do que aqueles em que se divide *A Odisséia*, Joyce vai abandonar alguns da obra grega, alterar a ordem daqueles que usa, antecipando certos episódios e pospondo outros, criando um episódio onde não havia um no original, a fim de enfatizar os processos psíquicos e os conflitos psicológicos de seus personagens, que são os que mais lhe interessam.

Inúmeros são os recursos paródicos empregados por Joyce, quanto ao tema



propriamente dito, aos personagens e ao papel que desempenham, aos episódios de que se apropria, sem obedecer à ordem em que ocorrem no modelo homérico, à diversidade dos estilos usados com finalidade precisa, às inúmeras citações de obras, sobretudo shakespearianas, ou aos vocábulos latinos, hebraicos, franceses, irlandeses, italianos, espanhóis, alemães, inseridos naturalmente no texto.

Consideremos inicialmente o tema de ambas as obras. *A Odisséia* narra a história de um herói, Odisseu, rei de Ítaca, casado com Penélope, que, depois de ter se distinguido durante dez anos na guerra contra Tróia, por sua prudência e sagacidade, levou mais dez anos para retornar ao seu reino e à sua casa. Viu cidades e povos diferentes e passou a conhecê-lhes os costumes. No caminho de volta, enfrentou uma série de aventuras e provações, ficando muitas vezes à mercê de feiticeiros, monstros e deuses vingativos. Lutou para preservar sua vida e as de seus companheiros, mas não conseguiu salvá-los.

Mostra-nos também, paralelamente, a história de como sua mulher, Penélope, o aguardou fielmente, embora assediada por pretendentes à sua mão que, instalados em sua propriedade, esperavam ansiosos serem os substitutos escolhidos do marido desaparecido. Seu filho, Telêmaco, vendo-se despojado de seus bens e aconselhado pela deusa Palas Atena, protetora de Odisseu, sai em busca do pai.

Temos, assim, em resumo, as aventuras do herói Odisseu em sua epopéia de volta à pátria, a fidelidade da mulher ao marido ausente e um filho à procura do pai.

Em *Ulisses*, naquele longo dia 16 de junho de 1904, Leopold Bloom – o Ulisses de Joyce –, depois de um dia particularmente atribulado, perambulando por Dublin, retorna à sua casa e ao se deitar ao lado da mulher, Molly, pede-lhe que lhe traga, no dia seguinte, o café-da-manhã na cama, fato inusitado que não ocorria havia onze anos, desde a morte do filho Rudy. Durante todo aquele tempo fora ele que a servira.

Naquele mesmo dia, Molly, que além de ser a Sra. Marion Bloom também era uma cantora, cometia adultério com seu empresário Blaze Boylan. Desta traição, Bloom tivera plena consciência o dia todo.

Diferentemente de *A Odisséia*, Stephen Dedalus – o Telêmaco da obra de Joyce –, embora insatisfeito com o pai que tem, não está interessado em procurar-lhe um substituto, como o desejara no final de *Um Retrato do Artista Quando Jovem*. Aquele que, na verdade, continua sonhando em ter um filho homem é Bloom, e será ele que tentará, através de uma proposta que lhe parece interessante, convencer Stephen a morar com ele e Molly. Tal proposta, no entanto, será delicadamente recusada pelo jovem.

Temos, assim, diversamente do modelo grego, um marido traído que, ao invés de lavar a honra com sangue, inverterá com palavras uma situação existente há onze anos; uma mulher que não se mostra fiel, cometendo naquele dia adultério, e um pai procurando um filho, ao invés de um filho em busca de um pai.

Para Joyce, como ele o confessa ao amigo Frank Budgen, o mais completo herói clássico, e por isso por ele escolhido, é Ulisses, por ser filho de Laerte, pai de Telêmaco, marido de Penélope, amante de Calipso, companheiro de armas dos guerreiros gregos em Tróia e rei de Ítaca. Submetido a inúmeras provações, superou-as com sabedoria e coragem.

Seu Ulisses moderno, Leopold Bloom, também é por ele descrito como “filho, pai,

amante, amigo, trabalhador e cidadão”. É, além do mais, ainda sempre a mesma pessoa bondosa, humana, prudente, equilibrada, submissa, tragicamente isolada, astuta, cética, simples, não reprovadora, com um exterior aparentemente suave e maleável, mas com uma essência íntima, inflexível, de auto-suficiência. No entanto, diversamente de Odisseu, ele não tem uma deusa Palas Atena para protegê-lo. Terá de depender de sua própria sabedoria e de seus frágeis recursos humanos.

Molly Bloom, a Penélope de Joyce, totalmente diversa de seu modelo grego, é assim descrita por seu criador: uma “*Weib* (mulher) sã de espírito, totalmente amoral, fertilizável, inconfiável, cativante, perspicaz, limitada, prudente, indiferente – *Ich bin das Fleisch das stets bejaht*”. Ou seja: “Eu sou a carne que sempre diz sim.” Na verdade é isso que ela faz, ela diz sim à vida, no sentido mais amplo da palavra.

Outras inversões irônicas ainda ocorrem, como no caso do Sr. Deasy, diretor da escola em que Stephen leciona, que parodia Nestor, o mais sábio dos guerreiros gregos, embora esteja longe de possuir a sabedoria do modelo grego. Imbuído de preconceitos, considera as mulheres, a partir de Eva e de seu pecado original, responsáveis por todo o mal existente na terra, e os judeus, com suas riquezas, merecedores de continuar errantes pelo mundo afora. Para ele o dinheiro é tudo na vida, pois “dinheiro é poder”, o que leva Stephen a se indagar se é isso a “sabedoria”.

Contrastando com as sereias que, em *A Odisséia*, são perigosas por enfeitiçarem os homens com sua música e seus encantos e os arrastarem para a morte, as sereias em *Ulisses* são duas garçonetes do bar do Hotel Ormond. Uma delas, senhorita Douce, tem o cabelo bronzeado e a outra, senhorita Kennedy, o tem dourado. Elas tentam em vão ser sedutoras, desdenhando quem por elas mostra interesse, como Lenehan, embora sejam menosprezadas por aquele que desejariam seduzir, Blaze Boylan.

A Nausicaa do *Ulisses* de Joyce, Gertie MacDowell, é uma jovem bonita de rosto que, diversamente da moça ingênua e pura do original grego, é provocante. Conhecedora de seus dons e de sua beleza, seduz aquele homem mais velho e interessante – Bloom – que fantasia ser o homem ideal de sua vida.

Parodiando Circe que, em *A Odisséia*, é uma feiticeira fascinante que atrai os homens que dela se aproximam e os transforma em porcos, mantendo-os aprisionados em seu covil, em *Ulisses* a luxúria, o egoísmo, a sordidez, simbolizando os porcos do modelo grego, estão presentes na zona dos bordéis em que Bloom penetra em busca de Stephen e nas fantasias de toda sorte, inclusive as de poder e de perversão do herói joyciano.

Em *Ulisses*, além da inovação de uma narrativa revolucionária, baseada no fluxo da consciência através do monólogo interior, Joyce criou um herói muito especial, totalmente diferente do herói-padrão do início do século XX. De fato, ciente da traição da mulher naquele atormentado dia 16 de junho de 1904, ele reage de uma forma inesperada para a época. Embora enciumado, atormentado e sofrido, ele reflete com clareza que “cada um que entra (na cama) se imagina ser o primeiro a entrar enquanto ele é sempre o último termo de uma série precedente mesmo se ele for o primeiro de uma série subsequente, cada um se imaginando ser o primeiro, último, único e sozinho, enquanto não é nem o primeiro nem o último nem o único nem sozinho numa série originada então e repetida ao infinito”.

Tal pensamento jamais poderia ser admitido por um homem preso aos códigos vigentes na sociedade do início de século XX. Seria inadmissível para ele chegar à conclusão à qual Bloom chegou, ao considerar a atitude a tomar diante da situação que enfrentava: “Assassinato, nunca, visto que dois erros não tornam um certo. Duelo por combate, não. Divórcio, agora não.”

Bloom é, na verdade, um homem muito bom e avesso à violência que sabe conviver com suas frustrações, limitações e fraquezas; que, em sua visão realista de si mesmo, aceita a traição por saber que, ao menos naquele momento de sua vida, não consegue existir sem a mulher amada. Ele é o herói moderno, ou melhor, o anti-herói que, em sua luta diária pela sobrevivência, nem mesmo sabe o quão heróico é e tanto nos seduz.

Lembra-nos o homem absurdo de Camus que aceita a luta, não despreza de forma alguma a razão e admite o irracional, pois reconhece que o absurdo é a razão lúcida que constata seus limites.

Ao se referir a *Ulisses* em conversa com o jovem amigo Arthur Power, em *Conversations with James Joyce*, Joyce, plenamente consciente da revolução que efetuava na literatura, diz: “Quanto ao classicismo romântico que você tanto admira, *Ulisses* mudou tudo isso, pois nele eu abri um novo caminho e você vai ver que ele será seguido cada vez mais. De fato a partir dele você pode datar uma nova orientação na literatura – o novo realismo, pois embora você critique *Ulisses*, contudo a única coisa que você tem que admitir que eu fiz foi liberar a literatura de seus grilhões antiquados. Você é evidentemente um tradicionalista intransigente, mas deve perceber que uma maneira nova de pensar e de escrever foi iniciada, e aqueles que não concordarem com ela serão deixados para trás.” E em seguida acrescenta: “Em *Ulisses* procurei expressar as múltiplas variações que constituem a vida social de uma cidade – suas degradações e suas exaltações.”

Realmente tudo acontece naquele bendito dia 16 de junho de 1904: nascimento, morte, frustração, alegria, rejeição, traição, prazer, masturbação, menstruação, tudo, enfim, que um ser humano vivencia. *Ulisses* é, na realidade, uma extraordinária comédia humana.

Entre o *Ulisses* de Joyce e *A Odisséia* de Homero vários séculos se interpõem. O tempo pode, sem dúvida alguma, distanciá-los, mas o virtuosismo, o requinte técnico da paródia joyciana amarra, implacavelmente, os dois gênios da expressão artística.

Por que, então, me decidi a enfrentar a tradução de uma obra tão complexa? Certamente para mostrar que a leitura de *Ulisses* não era uma aventura intransponível, que a linguagem de Joyce não era tão difícil e pesada quanto se dizia, mas uma linguagem coloquial convidativa e ao alcance do leitor, embora lexicamente muito rica. Maior do que o desafio assustador da empreitada era o meu desejo de, através de uma linguagem coloquial semelhante à de Joyce, permitir que o maior número possível de leitores usufrísse, como eu usufruíra, de suas criações narrativas inovadoras, através de sua diversidade de estilos, sua musicalidade, sua riqueza vocabular e seu uso do monólogo interior em sua acepção mais completa. Eu desejava, sobretudo, dar-lhes a oportunidade de se divertirem com a leitura deste livro invulgar como eu me divertira ao lê-lo e traduzi-lo.

Em 1992, quando traduzi *Um Retrato do Artista Quando Jovem*, eu já me deparara com o desafio um tanto assustador de traduzir Joyce. Somente o encantamento que me

proporcionara sempre a sua leitura, devido ao seu estilo harmoniosamente adequado ao conteúdo, à sonoridade das palavras por ele empregadas, à melodia, cadência e ritmo de sua linguagem, me armara de coragem. De fato, transpor para o português, com sua música própria, a riqueza musical estilística e poética de um livro que é a própria poesia em prosa, não foi uma tarefa fácil. Na verdade o som é tão importante para Joyce em *Um Retrato* que é possível acompanhar a evolução psíquica de seu personagem Stephen Dedalus através dos efeitos que o autor lhe empresta, partindo de um som monocórdio no capítulo inicial e prosseguindo, num crescendo, até atingir uma sonoridade polifônica e orquestral na descoberta que o jovem faz de sua verdadeira vocação artística.

Em *Ulisses*, o elemento sonoro vai ser igualmente marcante. Se como Joyce dissera em *Um Retrato* que “havia diferentes tipos de dor para todos os diferentes tipos de som”, também em *Ulisses* ele imprimirá ritmos próprios e distintos aos monólogos dos três personagens principais do romance, apropriados às suas respectivas personalidades.

O monólogo de Stephen Dedalus, meditativo, mutável como Proteu, se manterá mais lento, intercalando palavras longas e curtas, de origem latina ou saxônica, refletindo a complexidade de seus pensamentos filosóficos e metafísicos. Tudo nele é pensamento ou sensação. O de Leopold Bloom, todo ele em *stacatto*, com o ritmo brusco de alguém capaz de superar as próprias dificuldades, se constituirá de frases primordialmente curtas, de omissão de sujeitos, de palavras freqüentemente monossilábicas, às vezes mesmo reduzidas por aférese, refletindo o seu ser interior que sempre tenta imaginar um sentido lógico nas coisas. O de Molly Bloom, sem pontuação, sem maiúsculas, sem fazer diferença entre os homens – todos eles são *he* –, fluirá, incontido e incontrolável, de uma mente liberta de qualquer grilhão.

É de grande importância, na tradução de um escritor genial como Joyce, estar bastante familiarizado com o autor e sua obra como um todo e tentar ser, ao máximo, fiel à sua linguagem e à sua maneira de escrever, para que o leitor possa, através delas, percebê-lo e entender os seus objetivos. Conseqüentemente, se sua linguagem é coloquial, como no caso de *Ulisses*, é indispensável usar a mesma linguagem coloquial na tradução. Cabe, no entanto, ter bem claro em mente que uma tradução nunca pode ser perfeita, pois são distintas as índoles das línguas em questão e há, às vezes, coisas intraduzíveis, armadilhas a serem vencidas, como é o caso dos *puns* – jogos de palavras – tão usuais entre os escritores de língua inglesa, como Shakespeare e Joyce. *Puns* ou jogos de palavras cada língua tem os seus, e eles são intransferíveis, precisando ser, portanto, de uma certa forma contornados, sempre que possível, sem alterar o sentido dado pelo autor ao contexto. O que fazer, por exemplo, com a expressão seguinte, usada por Stephen Dedalus ao falar sobre a mulher de Shakespeare, Ann Hathaway: “*If others have their will, Ann hath a way*”, isto é, “Se as outras têm sua vontade, Ann tem sua maneira de ser”. Neste caso, porém, o jogo de palavras e a brincadeira do trocadilho se perdem se literalmente traduzidos e, então, apelei, como em outras ocasiões para o emprego da aliteração, tão característica na poesia e na prosa de língua inglesa, ou seja, a repetição de uma mesma consoante inicial: “Se as outras têm sua vontade, Ann tem sua veneta.”

Há ocasiões em que Joyce trocará uma palavra por outra, como *world* por *word*, para

mostrar uma certa ignorância de determinado personagem, em que eu troquei “palavra” por “planeta”, ou ainda outras em que cometerá propositalmente erros de concordância verbal e eu, para lhe ser fiel, farei o mesmo.

São essas dificuldades, entre outras, que tornam maior o desafio de traduzir uma obra como esta, e somente o leitor poderá testemunhar se o meu objetivo de divulgar o *Ulisses* de Joyce foi alcançado, ao se aventurar comigo nesta jornada de Bloom, do dia 16 de junho de 1904, data celebrada todo ano, em diferentes recantos do mundo, pelos admiradores deste genial escritor irlandês.

Agradeço a Flavia Maria Samuda que me auxiliou na revisão do meu trabalho, e a todos aqueles alunos e amigos queridos que comigo leram *Ulisses*, particularmente Eduardo Vidal, Maria Helena Carneiro da Cunha, Renata Salgado, Emilia Lobato, Maria Julia Goldwasser, Virginia Murad e Pedro Otavio Prado, que contribuíram, com suas observações e seu incentivo, para que eu prosseguisse nesta árdua, mas tão prazerosa tarefa.

## **Bibliografia**

- Budgen, Frank. *James Joyce and the Making of "Ulysses"*. Londres / Oxford / Melbourne: Oxford University Press, 1972.
- Camus, Albert. *Le Mythe de Sisyphe*. Paris: Gallimard, 1942.
- Hutcheon, Linda. *A Theory of Parody*. Nova York & Londres: Methuen, 1985.
- Joyce, James. *Um Retrato do Artista Quando Jovem*. São Paulo: Siciliano, 1992. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro.
- Power, Arthur. *Conversations with James Joyce*. Chicago: Chicago University Press, 1974.

# Esquema de Episódios

EPISÓDIO	CENA	HORA	ÓRGÃO	ARTE	COR	SÍMBOLO	TÉCNICA
1. Telêmaco	A torre	8		Teologia	Branco, ouro	Herdeiro	Narrativa (jovem)
2. Nestor	A escola	10		História	Castanho	Cavalo	Catecismo
3. Proteu	A praia	11		Filosofia	Verde	Maré	Monólogo (masculino)
4. Calipso	A casa	8	Rim	Economia	Laranja	Ninfa	Narrativa (madura)
5. Os lotófagos	O banho	10	Genitais	Botânica, química		Eucaristia	Narcisismo
6. Hades	O cemitério	11	Coração	Religião	Branco, preto	Zelador	Incubismo
7. Éolo	O jornal	12	Pulmão	Retórica	Vermelho	Editor	Entimemática
8. Os lestrigones	O almoço	13	Esôfago	Arquitetura		Soldados	Peristáltica
9. Cila e Carde	A biblioteca	14	Cérebro	Literatura		Stratford, Londres	Dialética
10. As rochas ondulantes	As ruas	15	Sangue	Mecânica		Cidadãos	Labirintica
11. As sereias	A sala de concerto	16	Orelha	Música		Garçonetes	<i>Fuga per canonem</i>
12. Os ciclopes	A taverna	17	Músculo	Política		Feniano	Gigantismo
13. Nausicaa	As rochas	20	Olho, nariz	Pintura	Cinza, azul	Virgem	Tumescência, detumescência
14. O gado do sol	O hospital	22	Ventre	Medicina	Branco	Mães	Desenvolvimento embrionico
15. Circe	O bordel	24	Aparelho locomotor	Mágica		Putas	Mucinação
16. Eumeu	O abrigo	1	Nervos	Navegação		Marinheiros	Narrativa (senil)
17. Ítaca	A casa	2	Esqueleto	Giência		Cometas	Catecismo impessoal
18. Penélope	A cama		Carne			Terra	Monólogo (feminino)

# Parte I

## 1

Majestoso, o gorducho Buck Mulligan apareceu no topo da escada, trazendo na mão uma tigela com espuma sobre a qual repousavam, cruzados, um espelho e uma navalha de barba. Um penhoar amarelo, desamarrado, flutuando suavemente atrás dele no ar fresco da manhã. Ele ergueu a tigela e entoou:

– *Introibo ad altare Dei.*

Parado, ele perscrutou a escada sombria de caracol e gritou asperamente:

– Suba, Kinch! Suba, seu temível jesuíta!

Solenemente ele avançou para a plataforma de tiro. Olhou à volta e seriamente abençoou três vezes a torre, o terreno à volta e as montanhas que despertavam. Em seguida, avistando Stephen Dedalus, ele se inclinou em direção a ele e fez cruces rápidas no ar, gorgolejando na garganta e sacudindo a cabeça. Contrariado e sonolento, Stephen Dedalus apoiou os braços no último degrau da escada e olhou friamente para o rosto sacolejante e gorgolejante que o abençoava, para a cabeça eqüina e os cabelos claros sem tonsura, tingidos e matizados como carvalho descorado.

Buck Mulligan espreitou por um instante por baixo do espelho e depois cobriu a tigela rapidamente.

– De volta pro quartel! – disse implacavelmente.

E acrescentou em tom sacerdotal:

– Pois isto, meus bem-amados, é a verdadeira cristina: corpo e alma e sangue e feridas. Música lenta, por favor. Fechem os olhos, senhores. Um momento. Um pequeno problema com esses corpúsculos brancos. Silêncio, todos.

Ele olhou de soslaio para cima e soltou um longo e lento assobio de chamada, depois fez por um momento uma pausa em atenção enlevada, com seus dentes iguais e brancos brilhando aqui e ali pontilhados de ouro. Crisóstomo. Dois fortes assobios estridentes



responderam através da calma.

– Obrigado, meu velho – gritou vivamente. – Isto é o bastante. Desligue a corrente, está bem?

Saltou fora da plataforma de tiro e olhou seriamente para o seu observador, juntando em volta das pernas as dobras soltas de seu penhoar. A cara rechonchuda e sombria e a queixada oval e taciturna lembravam um prelado, patrono das artes na Idade Média. Um sorriso agradável desabrochou em seus lábios.

– A ironia das coisas! – disse ele alegremente. – Seu nome absurdo, um grego antigo!

Ele apontou com o dedo num gesto amigável e se encaminhou para o parapeito rindo consigo mesmo. Stephen Dedalus se aproximou, acompanhou-o e a meio caminho cansado se sentou na beira da plataforma de tiro, observando-o enquanto ele apoiava o espelho no parapeito, molhava o pincel na tigela e passava a espuma na face e no pescoço.

A voz alegre de Buck Mulligan prosseguia.

– Meu nome também é absurdo: Malachi Mulligan, dois dátulos. Mas soa helênico, não soa? Saltitante e radioso como o próprio cervo. Nós precisamos ir a Atenas. Você vem se eu conseguir que a tia me dê vinte libras?

Ele pôs o pincel de lado e, rindo com prazer, gritou:

– Será que ele vem? O jesuíta subnutrido!

Parando, ele começou a fazer a barba com cuidado.

– Diga-me, Mulligan – falou Stephen tranqüilamente.

– Sim, meu anjo?

– Quanto tempo Haines vai ficar nesta torre?

Buck Mulligan mostrou um rosto barbeado por cima do ombro direito.

– Meu Deus, ele não é horrível? – disse francamente. – Um saxão enfadonho. Ele não acha que você seja um cavalheiro. Meu Deus, esses malditos ingleses! Estourando de dinheiro e indigestão. Porque ele vem de Oxford. Você sabe, Dedalus, você tem o verdadeiro estilo de Oxford. Ele não consegue entender você. Ó, meu nome para você é o melhor: Kinch, a lâmina-de-faca.

Ele raspou cautelosamente o queixo.

– A noite inteira ele esbravejou em sonho a respeito de uma pantera negra – disse Stephen. – Onde é que está o estojo da arma dele?

– Um miserável lunático! – disse Mulligan. – Você ficou apavorado?

– Fiquei – Stephen disse energicamente e com um medo crescente. – Aqui no escuro com um homem que eu não conheço esbravejando e ameaçando aos gemidos atirar numa pantera negra. Você salvou homens de afogamento. Porém eu não sou um herói. Se ele ficar aqui eu estou fora.

Buck Mulligan franziu a testa ao olhar para a espuma em sua navalha. Ele saltou de seu poleiro e começou a dar apressadamente uma busca nos bolsos de sua calça.

– Droga! – bradou guturalmente.

Ele veio para a plataforma de tiro e, enfiando a mão no bolso superior de Stephen, disse:

– Faça-nos empréstimo de seu traçonasal para limpar minha navalha.

Stephen suportou que ele puxasse para fora e exibisse erguido por uma das pontas um lenço amarrado e sujo. Buck Mulligan limpou a lâmina da navalha cuidadosamente. Em seguida, lançando um olhar por cima do lenço, disse:

– O traponasal do bardo! Uma nova cor artística para os nossos poetas irlandeses: verdemeleca. A gente quase pode sentir o gosto, não é?

Ele subiu no parapeito novamente e lançou um olhar à volta por sobre a baía de Dublin, com seu cabelo louro de carvalho pálido ligeiramente alvoroçado.

– Ó Deus! – disse tranqüilamente. – Não é que o mar é aquilo que Algy chama de uma grande e doce mãe? O mar verdemeleca. O mar escrotocompressor. *Epi oinopa ponton*. Ah, Dedalus, os gregos! Eu preciso lhe ensinar. Você precisa os ler no original. *Thalatta! Thalatta!* Ele é a nossa grande e doce mãe. Venha ver.

Stephen se levantou e se encaminhou para o parapeito. Apoiando-se nele olhou para a água embaixo e para o barco-correio desafogando a entrada da enseada de Kingstown.

– Nossa mãe toda-poderosa! – disse Mulligan.

Ele voltou abruptamente do mar para o rosto de Stephen seus olhos cinzentos inquisitivos.

– A tia acha que você matou a sua mãe – disse ele. – É por isso que ela não quer me deixar ter nada a ver com você.

– Alguém a matou – disse Stephen sombriamente.

– Que droga, Kinch, você podia ter se ajoelhado quando sua mãe agonizante pediu – disse Buck Mulligan. – Eu sou hiperbóreo tanto quanto você. Mas pensar em sua mãe rogando no seu último suspiro que você se ajoelhasse e rezasse por ela. E você recusou. Existe alguma coisa sinistra em você...

Ele se interrompeu e passou espuma de novo ligeiramente na face. Um sorriso tolerante crispou seus lábios.

– Mas um mímico encantador! – murmurou consigo mesmo. – Kinch, o mais encantador de todos os mímicos!

Seramente e em silêncio ele fez a barba com tranqüilidade e cuidado.

Stephen, com o cotovelo repousando no granito pontudo, encostou a palma abaixo da sobrelha e olhou para a extremidade da manga de seu casaco preto lustroso que começava a puir. Uma dor, que ainda não era a dor do amor, agitou seu coração. Silenciosamente, em sonho, ela viera até ele após a sua morte, seu corpo gasto dentro de largas roupas tumulares marrons, exalando um odor de cera e pau-rosa, seu sopro, que se curvara sobre ele, mudo, reprovador, um fraco odor de cinzas molhadas. Através do punho puído ele viu o mar saudado como uma grande e doce mãe pela voz bem alimentada ao seu lado. A orla da baía e o horizonte continham uma massa líquida verde opaca. Uma tigela de porcelana ficara ao lado do leito de morte dela contendo a bile que parecia uma lesma verde arrancada de seu fígado apodrecido em seus ataques de vômito e de altos gemidos.

Buck Mulligan limpou novamente sua navalha de barba.

– Ah, pobre corpodeção! – disse ele com voz branda. – Eu preciso te dar uma camisa e alguns traposnasais. Como está a calça de segunda mão?

– Ela está caindo bastante bem – respondeu Stephen.

Buck Mulligan atacou a concavidade abaixo de seu lábio inferior.

– A ironia disso tudo – disse ele satisfeito. – Devia ser calça-de-segunda-perna. Só Deus sabe que alcoólatra sifilítico se desfez dela. Eu tenho uma com uma listra fina cinzenta. Você vai ficar elegante nela. Não estou brincando, não, Kinch. Você fica bonitão quando está bem vestido.

– Obrigado – disse Stephen. – Se ela for cinzenta eu não posso usar.

– Ele não pode usá-la – falou Buck Mulligan para o seu rosto no espelho. – Etiqueta é etiqueta. Ele mata a mãe mas não pode usar calça cinzenta.

Ele dobrou a navalha cuidadosamente e com batidinhas leves apalpou o rosto sentindo com os dedos a pele macia.

Stephen virou seu olhar do mar para o rosto gorducho com seus olhos expressivos azul-enfumaçados.

– Aquele camarada que eu encontrei no Ship ontem à noite – disse Buck Mulligan – disse que você tem p.g.i. Ele está lá em Dottyville com Connolly Norman. Paralisia geral do insano!

Ele fez o espelho rodopiar em semicírculo no ar para lançar a notícia bem longe sob a luz do sol agora radioso sobre o mar. Seus lábios crispados e barbeados riram assim como as pontas dos seus dentes brancos cintilantes. O riso se apoderou de todo o seu tronco forte e compacto.

– Olhe para você – disse ele –, seu bardo pavoroso!

Stephen inclinou a cabeça para a frente e examinou o espelho, fendido por uma rachadura tortuosa, estendido para ele. Cabelo em pé. Como ele e outros me vêem. Quem escolheu este rosto para mim? Este corpo de cão que tem de se livrar de vermes. Ele também me pergunta o mesmo.

– Eu o surrupiei do quarto da criada – disse Buck Mulligan. – Ela bem o merece. A tia sempre fica com empregadas feias para Malachi. Não o conduza à tentação. E seu nome é Ursula.

Rindo de novo, ele afastou o espelho dos olhos perscrutadores de Stephen.

– A raiva de Caliban por não ver seu rosto no espelho – disse ele. – Se Wilde ao menos estivesse vivo para ver você!

Recuando e apontando, Stephen disse com amargor:

– Ele é um símbolo da arte irlandesa. O espelho rachado de uma criada.

Buck Mulligan enfiou subitamente seu braço no de Stephen e caminhou com ele em volta da torre, com sua navalha e espelho estalando em seu bolso onde ele os metera.

– Não é justo implicar com você desse jeito, Kinch, não é? – disse ele amavelmente. – Deus sabe que você tem muito mais talento do que qualquer um deles.

Aparado o golpe novamente. Ele teme o bisturi da minha arte como eu temo o da dele. A pena fria de aço.

– Espelho rachado de uma criada! Diga isso para o cara bovinoxfordiano lá embaixo e arranque dele um guinéu. Ele está tresandando de dinheiro e acha que você não é um cavalheiro. O velho dele fez sua grana vendendo jalapa para os Zulus ou numa outra sórdida falcatrú. Meu Deus, Kinch, se você e eu pudéssemos ao menos trabalhar juntos nós

poderíamos fazer alguma coisa pela ilha. Helenizá-la.

O braço de Cranly. Seu braço.

– E pensar em você tendo de mendigar desses porcos. Eu sou o único que sabe o que você é. Por que você não confia mais em mim? O que você tem na cabeça contra mim? É Haines? Se ele fizer algum barulho aqui eu chamarei Seymour e nós faremos um banzé com ele pior do que aquele que fizeram com Clive Kempthorpe.

Gritos jovens de vozes endinheiradas nos aposentos de Clive Kempthorpe. Caraspálicas: eles estouram de rir, um apertando a mão do outro. Ó, eu vou expirar! Dê a notícia gentilmente a ela, Aubrey! Eu vou morrer! Com tiras rasgadas da camisa dele açoitando o ar ele salta e cambaleia em volta da mesa, com as calças arriadas até os calcanhares, perseguido por Ades do Magdalen College com a tesoura de alfaiate. Uma cara de bezerro assustado enfeitada de marmelada. Eu não quero que tirem minhas calças! Não se faça de tolo comigo!

Gritos escapando da janela aberta assustando o pátio à noite. Um jardineiro surdo, vestindo um avental, com a máscara de Matthew Arnold, empurra sua ceifadeira no gramado sombrio observando atentamente as partículas saltitantes da relva.

Para nós... novo paganismo... *omphalos*.

– Deixe ele ficar – disse Stephen. – Não há nada de errado com ele a não ser à noite.

– Então o que é? – perguntou Buck Mulligan impacientemente. – Bote pra fora. Eu sou muito franco com você. O que é que você tem contra mim agora?

Eles pararam, olhando em direção ao promontório abrupto de Bray Head que jazia na água como o focinho de uma baleia adormecida. Stephen retirou seu braço tranqüilamente.

– Você quer que eu lhe diga? – perguntou ele.

– Quero, o que é? – respondeu Buck Mulligan. – Eu não me lembro de nada.

Ele olhou para o rosto de Stephen enquanto falava. Uma brisa ligeira passou pela sua testa, abanando suavemente seu cabelo louro despenteado e revolvendo os pontos prateados de ansiedade em seus olhos.

Deprimido por sua própria voz, Stephen disse:

– Você se lembra do primeiro dia em que eu fui à sua casa depois da morte de minha mãe?

Buck Mulligan franziu a testa rapidamente e disse:

– O quê? Onde? Eu não consigo me lembrar de nada. Eu me lembro apenas de idéias e sensações. Por quê? Em nome de Deus o que aconteceu?

– Você estava preparando o chá – disse Stephen – e eu cruzei o patamar para pegar mais água quente. Sua mãe e algum visitante saíram da sala de estar. Ela perguntou a você quem estava em seu quarto.

– E daí? – disse Buck Mulligan. – O que é que eu disse? Eu esqueci.

– Você disse – respondeu Stephen –, *Ó, é apenas Dedalus cuja mãe morreu como um animal*.

Um rubor que o tornou mais jovem e mais atraente subiu às faces de Buck Mulligan.

– Eu disse isso? – perguntou. – Muito bem. Que mal há nisso?

Ele sacudiu nervosamente seu constrangimento para fora de si.

– E o que é a morte – perguntou –, a de sua mãe ou a sua ou a minha mesmo? Você só viu sua mãe morrer. Eu os vejo estourar todo dia no Mater Misericordiae e no Richmond e serem retalhados até as tripas na sala de dissecação. É uma coisa brutal e nada mais. Simplesmente não importa. Você não quis se ajoelhar para rezar por sua mãe em seu leito de morte quando ela lhe pediu. Por quê? Porque você tem aquele maldito traço jesuíta em você, só que injetado de forma errada. Para mim é tudo uma zombaria e aliás brutal. Os lóbulos cerebrais dela não estão funcionando. Ela chama o médico sir Peter Teazle e arranca flores douradas da colcha. Faça a vontade dela até que tudo termine. Você contrariou seu último desejo e no entanto fica amuado comigo porque eu não me lamurio como as carpideiras contratadas de Lalouette. Um absurdo! Suponho que eu tenha dito isso. Eu não tive intenção de ofender a memória de sua mãe.

Ele tinha ele próprio falado com atrevimento. Stephen, protegendo as feridas escancaradas que as palavras haviam deixado em seu coração, disse bastante friamente:

– Eu não estou pensando na ofensa à minha mãe.

– Em que então? – perguntou Buck Mulligan.

– Na ofensa a mim – respondeu Stephen.

Buck Mulligan rodou em seus calcanhares.

– Ó, criatura impossível! – exclamou ele.

Ele saiu caminhando rapidamente em volta do parapeito. Stephen ficou de pé em seu posto, olhando por cima do mar calmo em direção ao promontório. Mar e promontório ficaram escuros. pulsações batiam em seus olhos, velando sua visão, e ele sentiu febre em suas faces.

Uma voz chamava alto de dentro da torre:

– Você está aí em cima, Mulligan?

– Estou indo – respondeu Buck Mulligan.

Ele se voltou para Stephen e disse:

– Olhe para o mar. O que lhe importam as ofensas? Acabe com Loyola, Kinch, e desça. O saxônico quer suas fatias finas de *bacon* da manhã.

Sua cabeça parou ainda por um momento no topo da escada, ao nível do telhado.

– Não fique desanimado com tudo isso o dia todo – disse ele. – Eu sou inconstante. Desista de sua meditação ressentida.

Sua cabeça sumiu mas a lengalenga de sua voz ao descer ressoou para fora da escada.

– *E basta de virar para o lado e meditar*

*Sobre o mistério amargo do amor*

*Pois Fergus comanda as carruagens de bronze.*

Sombras-do-bosque flutuavam silenciosamente através da paz da manhã vindas do topo da escada em direção ao mar que ele contemplava. Dentro da praia e ao largo o espelho das águas esbranquiçadas, repelidas por pés apressados com calçados leves. Seio branco do mar sombrio. Os acentos entrelaçados, dois a dois. Dedos dedilhando as cordas da harpa, incorporando seus acordes entrelaçados. Ondabranca ligada às palavras bruxuleando na maré sombria.

Uma nuvem começou a cobrir o sol lentamente, totalmente, toldando a baía de um verde mais profundo. Ela jazia abaixo dele, a tigela de líquido amargo. A canção de Fergus:

eu a cantei sozinho na casa, abafando os acordes longos e melancólicos. A porta dela estava aberta: ela queria ouvir a minha música. Silencioso com respeito e piedade eu fui para o lado de sua cama. Ela estava chorando em seu leito miserável. Por essas palavras, Stephen: mistério amargo do amor.

Aonde agora?

Os segredos dela: antigos leques-de-plumas, carnês de baile enfeitados, impregnados de almíscar, um berloque de contas de âmbar em sua gaveta trancada. Uma gaiola pendurada na janela ensolarada da casa dela quando ela era menina. Ela ouviu o velho Royce cantar na pantomima de *Turko o Terrível* e riu com os outros quando ele cantou:

*Eu sou o rapaz*

*Que é capaz*

*De invisibilidade.*

Alegria fantasmática, embrulhada longe: perfumada-de-almíscar.

*E basta de virar para o lado e meditar.*

Embrulhada longe na memória da natureza com os brinquedos dela. Lembranças invadem seu cérebro ruminante. O copo da água da torneira da cozinha quando ela se aproximara do sacramento. Uma maçã sem o miolo, cheia de açúcar mascavo, assando para ela na beira da lareira numa noite escura de outono. Suas unhas bem modeladas avermelhadas pelo sangue dos piolhos espremidos das camisas dos filhos.

Num sonho, silenciosamente, ela viera até ele, seu corpo gasto dentro de suas largas roupas tumulares exalando um odor de cera e pau-rosa, seu sopro, curvado sobre ele com mudas palavras secretas, um fraco odor de cinzas molhadas.

Seus olhos vidrados, fitando de dentro da morte, para sacudir e subjugar minha alma. Só em mim. A velafantasma para iluminar sua agonia. Luz espectral sobre o rosto torturado. Seu sopro rouco estrepitando alto com horror, enquanto todos rezavam de joelhos. Os olhos dela sobre mim para me derrubar. *Liliata rutilantium te confessorum turma circumdet: iubilantium te virginum chorus excipiat.*

Espírito maléfico! Devorador de cadáveres!

Não, mãe! Me deixe em paz me deixe viver.

– Olá, Kinch!

A voz de Buck Mulligan cantou de dentro da torre. Ela se aproximou escada acima, chamando novamente. Stephen, tremendo ainda com o clamor de sua alma, ouviu correr a luz quente do sol e as palavras amigáveis no ar atrás de si.

– Dedalus, desça como um bom molenga. O café-da-manhã está pronto. Haines está se desculpando por nos ter acordado ontem à noite. Está tudo bem.

– Estou indo – disse Stephen, se virando.

– Faça isso, por Jesus – disse Buck Mulligan. – Por mim e por todos nós.

Sua cabeça desapareceu e reapareceu.

– Eu contei para ele o seu símbolo da arte irlandesa. Ele disse que é muito inteligente.

Arranque uma libra dele, está bem? Ou melhor, um guinéu.

– Eu recebo esta manhã – disse Stephen.

– A grana da escola? – disse Buck Mulligan. – Quanto? Quatro libras? Empréstimo-nos

uma.

– Se você quiser – disse Stephen.

– Quatro reluzentes soberanos – exclamou Buck Mulligan encantado. – Vamos tomar uma bebedeira gloriosa para espantar até os druidas druídicos. Quatro onipotentes soberanos.

Lançou as mãos para cima e desceu pesadamente a escada de pedra, cantando desafinado com um sotaque *cockney*:

– Ó, vamos ter momentos divertidos

*Com uísque, cerveja e vinho bebidos!*

*Na coroação,*

*No dia da coroação!*

Ó, vamos ter momentos divertidos

*No dia da coroação!*

Luz solar quente se alegrando acima do mar. A tigela de barbear de níquel brilhava, esquecida, sobre o parapeito. Por que eu a levaria para baixo? Ou então a deixaria ali o dia todo, amizade esquecida?

Ele se encaminhou para ela, segurou-a nas mãos por um tempo, sentindo seu frescor, cheirando a baba viscosa da espuma de barba na qual estava enfiado o pincel. Assim também eu carreguei o turíbulo de incenso então em Clongowes. Eu sou um outro agora e no entanto o mesmo. Um servo também. Um servidor de um servo.

Na sala de estar abobadada e sombria da torre a figura vestida de penhoar de Buck Mulligan se movia rapidamente de um lado para o outro em volta da lareira, ocultando e revelando seu brilho amarelo. Dois raios suaves de luz caíram cruzando o chão lajeado vindos das elevadas barbacãs: e no encontro de seus raios uma nuvem de fumaça-de-carvão e exalações de gordura frita flutuavam, dando voltas.

– Nós vamos sufocar – disse Buck Mulligan. – Haines, abra aquela porta, por favor?

Stephen pôs a tigela de barbear no armário. Uma figura alta se ergueu da rede em que estivera sentada, foi até o vão da porta e abriu as portas internas.

– Você tem a chave? – perguntou uma voz.

– Dedalus a tem – disse Buck Mulligan. – Meu Jesusinho, estou sufocado!

Ele uivou, sem levantar os olhos do fogo:

– Kinch!

– Está na fechadura – disse Stephen, avançando.

A chave rangeu estridentemente ao rodar duas vezes e, quando a porta pesada foi escancarada, uma luz bem-vinda e um ar claro entraram. Haines ficou no vão da porta, olhando para fora. Stephen arrastou sua aprumada valise para a mesa e se sentou para esperar. Buck Mulligan atirou a fritura na travessa ao seu lado. Em seguida ele carregou a travessa e o bule grande de chá para a mesa, pousou-os nela pesadamente e suspirou de alívio.

– Eu estou derretendo – disse ele – como a vela observou quando... Mas, psiu! Nem mais uma palavra sobre o assunto! Kinch, acorde! Pão, manteiga, mel. Haines, venha. A bóia está pronta. Abençoa-nos, Senhor, e a estas tuas dádivas. Onde está o açúcar? Ó, Cristo, não há leite.

Stephen apanhou o pão e o pote de mel e a manteigueira do armário. Buck Mulligan se

sentou com súbito mau humor.

– Que espécie de hospedaria é esta? – disse ele. – Eu disse que ela viesse depois das oito.

– Nós podemos tomá-lo preto – disse Stephen sedento. – Há um limão no armário.

– Ó, dane-se você com suas noções peculiares de Paris! – disse Buck Mulligan. – Eu quero leite de Sandycove.

Haines veio da porta e disse calmamente:

– A mulher está vindo com o leite.

– As bênçãos de Deus recaiam sobre você! – exclamou Buck Mulligan, saltando da cadeira. – Sente-se. Sirva o chá aí. O açúcar está no saco. Olhe, eu não posso continuar me atrapalhando com esses malditos ovos.

Ele cortou os três ovos na travessa e atirou cada um deles nos três pratos, dizendo:

– *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

Haines se sentou para servir o chá.

– Eu estou dando dois tabletes de açúcar para cada um de vocês – disse ele. – Mas, nossa, Mulligan, você faz um chá forte, não?

Cortando fatias grossas de pão, Buck Mulligan disse com uma voz engabeladora de velha:

– Quando eu faz chá eu faz chá, como dizia a velha mãe Grogan. E quando eu faz água eu faz água.

– Por Deus, isto é chá – disse Haines.

Buck Mulligan continuou cortando e engabelando:

– *Eu também, Sra. Cahill* – disse ela. – *Por Deus, mulher* – disse a Sra. Cahill –, *Deus mandou dizer para você não fazer os dois no mesmo bule.*

Ele entregou bruscamente de cada vez aos seus companheiros de confusão uma fatia grossa de pão, espetada em sua faca.

– Isso é o povo para o seu livro, Haines – disse ele com muita veemência. – Cinco linhas de texto e dez páginas de notas sobre o povo e os peixesdeuses de Dundrum. Impressos pelas feiticeiras irmãs no ano do vento forte.

Ele se voltou para Stephen e perguntou numa bela voz intrigada, erguendo as sobrancelhas:

– Você se lembra, irmão, se o bule de chá da mãe Grogan é mencionado no Mabinogion ou nos Upanixades?

– Tenho dúvidas – disse Stephen seriamente.

– Tem mesmo? – disse Buck Mulligan no mesmo tom. – Suas razões, por favor?

– Eu imagino – disse Stephen enquanto comia – que isso nunca existiu nem dentro nem fora de Mabinogion. Acredita-se que mãe Grogan era parenta de Mary Ann.

Buck Mulligan sorriu encantado.

– Encantador! – disse ele com uma voz doce afetada, mostrando seus dentes brancos e piscando os olhos com prazer. – Você acha que era? Que encanto!

Então subitamente com todos os traços anuviados, ele resmungou com uma voz enrouquecida e irritante enquanto cortava de novo vigorosamente o pão:



– *Pois a velha Mary Ann*

*Ela não liga a mínima.*

*Mas, arregaçando seu saiote...*

Ele entupiu sua boca com a fritura e mastigou e zuniu.

O vão da porta foi escurecido por uma forma que entrava.

– O leite, senhor!

– Entre, mulher – disse Mulligan. – Kinch, pegue a jarra.

Uma mulher idosa avançou e ficou de pé junto ao cotovelo de Stephen.

– É uma linda manhã, senhor – disse ela. – Glória seja dada a Deus.

– A quem? – disse Mulligan, olhando para ela. – Ah, com certeza.

Stephen recuou e pegou a jarra de leite no armário.

– Os nativos da ilha – disse Mulligan a Haines casualmente – falam com freqüência no colecionador de prepúcios.

– Quanto, senhor? – perguntou a velha.

– Um quarto – disse Stephen.

Ele a observou enquanto ela derramava na medida e daí dentro da jarra o leite grosso e branco, não o dela. Velhos mamilos mirrados. Ela derramou novamente uma medida completa e mais um pouco. Velha e reservada ela viera de um mundo matinal, talvez uma mensageira. Ela louvou as qualidades do leite, ao derramá-lo. Acocorada junto a uma vaca paciente ao raiar do dia no campo luxuriante, uma bruxa sobre o seu cogumelo, seus dedos enrugados rápidos nas tetas esguichantes. Elas mugiam à volta dela que tão bem conheciam, gado de pêlo úmido e sedoso. Seda do gado e pobre mulher velha, nomes dados a ela em tempos idos. Uma velha mulher errante, forma humilde de um imortal servindo seu conquistador e seu alegre traidor, corneada em comum acordo pelos dois, uma mensageira da manhã secreta. Servir ou reprovar, qual dos dois ele não poderia dizer; mas escarnejada a implorar seu favor.

– É mesmo, mulher – disse Buck Mulligan, derramando leite nas xícaras deles.

– Prove, senhor – disse ela.

Ele bebeu a pedido dela.

– Se pudéssemos viver de um alimento bom como esse – disse ele a ela numa voz um tanto elevada –, nós não teríamos um país cheio de dentes podres e de vísceras podres. Vivendo num lodaçal, comendo comida barata e com ruas cobertas de pó, de esterco de cavalo e de escarros de tuberculosos.

– O senhor é estudante de medicina? – perguntou a velha.

– Sou, mulher – respondeu Buck Mulligan.

– Ora vejam só – disse ela.

Stephen ouvia em desdenhoso silêncio. Ela inclina sua velha cabeça para uma voz que fala alto com ela, seu consertador-de-ossos, seu homem-médico: a mim ela menospreza. À voz que vai absolvê-la e ungir para o túmulo tudo que existe dela exceto suas entranhas sujas de mulher, feitas da carne do homem não à semelhança de Deus, a presa da serpente. E à voz autoritária que lhe ordena agora que fique em silêncio com olhos vacilantes e atônitos.

– Você está entendendo o que ele diz? – perguntou Stephen a ela.

– É francês que o senhor está falando? – disse a velha a Haines.

Haines falou com ela novamente, confiantemente numa fala mais longa.

– É irlandês – disse Buck Mulligan. – Você pode falar gaélico?

– Eu achei que era irlandês – disse ela – pelo som. O senhor é do oeste, senhor?

– Eu sou um inglês – respondeu Haines.

– Ele é inglês – disse Buck Mulligan – e ele acha que nós devíamos falar irlandês na Irlanda.

– E nós devíamos mesmo – disse a velha –, e eu estou envergonhada porque eu mesma não falo a língua. Eu ouvi dizer que é uma grande língua por aqueles que a conhecem.

– Grande não é bem a palavra para ela – disse Buck Mulligan. – Totalmente maravilhosa. Encha nossa xícara de mais chá, Kinch. A senhora quer uma xícara, dona?

– Não, obrigada, senhor – disse a velha, deixando deslizar até seu antebraço a asa do latão de leite e prestes a partir.

Haines disse a ela:

– A senhora tem aí a sua conta? Seria melhor que nós a pagássemos, você não acha Mulligan?

Stephen encheu novamente as três xícaras.

– Conta, senhor? – disse ela, parando. – Bem, são sete manhas um quartilho por dois pence é sete vezes dois é um shilling e dois pence passados e estas três manhas um quarto por quatro pence é três quartos é um shilling. Isto é um shilling e um e dois é dois e dois, senhor.

Buck Mulligan suspirou e, tendo enchido a boca com uma crosta de pão com bastante manteiga dos dois lados, esticou as pernas para a frente e começou a procurar nos bolsos de sua calça.

– Pague e se mostre satisfeito – disse Haines sorrindo para ele.

Stephen encheu uma terceira xícara, colorindo ligeiramente o chá com uma colher do leite grosso e forte. Buck Mulligan ergueu um florim, torceu-o em volta dos dedos e gritou:

– Um milagre!

Ele o passou pela mesa até a velha mulher, dizendo:

– *Não me peça mais nada, doçura,*

*Tudo que eu posso lhe dar eu lhe dou.*

Stephen pôs a moeda na mão nada ansiosa dela.

– Ficamos lhe devendo dois pence – disse ele.

– Tem bastante tempo, senhor – disse ela, pegando a moeda. – Bastante tempo. Bom-dia, senhor.

Ela fez uma reverência e saiu, seguida do canto terno de Buck Mulligan:

– *Amor dos meus amores, houvesse mais,*

*E mais seria depositado aos seus pés.*

Ele se voltou para Stephen e disse:

– Para falar seriamente, Dedalus. Eu estou sem um níquel. Corra para o seu colégio e nos traga de volta algum dinheiro. Hoje os bardos precisam beber e festejar. A Irlanda espera que todo homem neste dia cumpra o seu dever.

– Isso me lembra – disse Haines se levantando – que eu tenho que visitar hoje a sua

biblioteca nacional.

– O nosso banho de mar primeiro – disse Buck Mulligan.

Ele se voltou para Stephen e perguntou brandamente:

– É hoje o dia de sua lavagem mensal, Kinch?

Em seguida ele disse a Haines:

– O imundo bardo insiste em se lavar uma vez por mês.

– Toda a Irlanda é lavada pela corrente do golfo – disse Stephen enquanto deixava pingar mel em uma fatia de pão.

Haines do canto em que estava dando facilmente nó na echarpe em volta do colarinho aberto de sua camisa de tênis disse:

– Eu tenciono fazer uma coleção dos seus ditos se você me permitir.

Falando comigo. Eles se lavam e se banham e se esfregam. Remorso de consciência. Consciência. No entanto eis aqui uma mancha.

– Aquele sobre o espelho rachado de uma criada ser o símbolo da arte irlandesa é tremendamente bom.

Buck Mulligan chutou o pé de Stephen por baixo da mesa e disse em tom caloroso:

– Espere até ouvi-lo sobre Hamlet, Haines.

– Bem, eu estou falando sério – disse Haines, ainda se dirigindo a Stephen. – Eu estava exatamente pensando nisso quando aquela pobre criatura entrou.

– Eu ganharia algum dinheiro com isso? – perguntou Stephen.

Haines riu e, enquanto tirava seu macio chapéu cinzento do gancho da rede, disse:

– Eu não posso dizer, com certeza.

Ele saiu perambulando para a porta. Buck Mulligan se inclinou para Stephen e disse de maneira vigorosa e áspera:

– Agora você meteu os pés pelas mãos. Por que você disse isso?

– E daí? – disse Stephen. – O problema é ganhar dinheiro. De quem? Da leiteira ou dele. É uma questão duvidosa, eu creio.

– Eu faço o seu cartaz com ele – disse Buck Mulligan – e então você vem com seu olhar de soslaio nojento e com suas chacotas jesuítas sombrias.

– Eu vejo pouca esperança – disse Stephen – vindo dela ou dele.

Buck Mulligan suspirou tragicamente e pôs a mão no braço de Stephen.

– Vindo de mim, Kinch – disse ele.

Num tom de voz subitamente mudado ele acrescentou:

– Para falar com toda a sinceridade eu acho que você está certo. Dane-se tudo o mais para o qual eles sirvam. Por que você não os manobra como eu faço? Para o inferno com todos eles. Vamos sair da hospedaria.

Ele se levantou, desamarrou solenemente o cinto e despiu seu penhoar dizendo resignadamente:

– Mulligan está despojado de suas vestes.

Ele esvaziou os bolsos sobre a mesa.

– Aqui está seu traponasal – disse ele.

E colocando seu colarinho duro e a gravata rebelde ele falou com eles ralhando com

eles e com a corrente oscilante de seu relógio. Suas mãos mergulharam e inspecionaram seu tronco enquanto ele clamava por um lenço limpo. Remorso de consciência. Meu Deus, nós simplesmente temos que vestir o personagem. Eu quero luvas de pelica e botas verdes. Contradição. E eu me contradigo? Muito bem então, eu me contradigo. Malachi mercurial. Um projétil preto, mole, voou de suas mãos falantes.

– E aí está o seu chapéu do Quartier Latin – disse ele.

Stephen o apanhou e o pôs na cabeça. Haines os chamou da porta.

– Vocês vêm, rapazes?

– Eu estou pronto – respondeu Buck Mulligan, indo para a porta. – Saia, Kinch. Você comeu tudo o que nós deixamos, eu creio.

Resignado ele saiu com palavras e passos solenes, dizendo, quase com tristeza:

– E saindo ele encontrou Butterly.

Pegando sua bengala do porta-guarda-chuvas, Stephen os seguiu para fora e, enquanto eles desciam a escada, puxou a lenta porta de ferro e a trancou. Pôs a chave pesada no seu bolso interno.

Ao pé da escada Buck Mulligan perguntou:

– Você trouxe a chave?

– Eu a tenho – disse Stephen, passando à frente deles.

Ele continuou andando. Atrás dele ele ouviu Buck Mulligan dar pauladas com sua toalha de banho pesada nos rebentos terminais de samambaias e gramas.

– Pra baixo, senhor! Como ousa, senhor!

Haines perguntou:

– Vocês pagam aluguel por esta torre?

– Doze libras – disse Buck Mulligan.

– Ao secretário de Defesa do estado – acrescentou Stephen por cima do ombro.

Eles pararam enquanto Haines observava cuidadosamente a torre e finalmente dizia:

– Bastante fria no inverno, eu diria. Vocês a chamam Martello, não é?

– Billy Pitt as mandou construir – disse Buck Mulligan – quando os franceses estavam no mar. Mas a nossa é o *omphalos*.

– Qual a sua idéia sobre Hamlet? – perguntou Haines a Stephen.

– Não, não – gritou Buck Mulligan aflito. – Eu não sou igual a Tomás de Aquino com as cinquenta e cinco razões que ele criou para sustentar isso. Espere até que eu tenha tomado primeiro algumas cervejas.

Ele se voltou para Stephen, dizendo, à medida que puxava para baixo as pontas de seu colete amarelo-claro:

– Você não conseguiria fazer isso com menos de três cervejas, Kinch, conseguiria?

– Já se esperou tanto tempo – disse Stephen indiferentemente –, que se pode esperar mais.

– Vocês aguçam minha curiosidade – disse Haines amavelmente. – É algum paradoxo?

– Ora! – disse Buck Mulligan. – Nós superamos Wilde e os paradoxos. É muito simples. Ele prova por álgebra que o neto de Hamlet é o avô de Shakespeare e que ele próprio é o fantasma de seu próprio pai.

– O quê? – disse Haines começando a apontar para Stephen. – Ele próprio?

Buck Mulligan atirou sua toalha à maneira de uma estola em volta do pescoço e, se inclinando para soltar uma gargalhada, disse no ouvido de Stephen:

– Ó, sombra de Kinch o mais velho! Jafé à procura de um pai!

– Nós estamos sempre cansados de manhã – disse Stephen a Haines. – E é uma história bastante longa para contar.

Avançando novamente, Buck Mulligan ergueu as mãos.

– Só a sagrada cerveja pode desatar a língua de Dedalus – disse ele.

– Eu quero dizer – explicou Haines a Stephen enquanto eles prosseguiram – que esta torre e estes penhascos aqui me lembram de certa forma Elsinore. *Que se projeta acima de sua base dentro do mar, não é?*

Subitamente Buck Mulligan se voltou por um instante para Stephen mas não falou. No instante breve e silencioso Stephen viu sua própria imagem de luto barato e empoeirado entre os trajes alegres deles.

– É um conto maravilhoso – disse Haines, fazendo-os parar novamente.

Olhos, pálidos como o mar que o vento refrescara, mais pálidos, firmes e prudentes. O rei dos mares, ele olhou em direção ao sul por sobre a baía, vazia a não ser pela fumaça emplumada do barco-correio vago no horizonte claro e uma vela bordejando Muglins.

– Eu li uma interpretação teológica disso em algum lugar – disse ele confundido. – A idéia de Pai e de Filho. O Filho se esforçando por se identificar com o Pai.

Imediatamente Buck Mulligan sorrindo mostrou um rosto sorridente e amplamente satisfeito. Ele olhou para eles, com sua boca bem delineada alegremente aberta, seus olhos, dos quais retirara subitamente todo traço de esperteza, piscando com uma jovialidade louca. Moveu sua cabeça de boneca de um lado para o outro, com as abas do seu chapéu-panamá tremulando, e começou a entoar com uma voz pacata feliz e tola:

*– Eu sou um fulano muito esquisitinho.*

*Minha mãe é judia, meu pai passarinho.*

*José carpinteiro não sabe o que faz.*

*E eu brindo ao Calvário e coisas que tais.*

Ele ergueu um dedo indicador como aviso:

*– Os que ainda duvidam que eu sou divindade*

*Não vão tomar o vinho que eu farei à vontade*

*Vão ter que beber água e a água somente*

*Que verto quando o vinho vira água novamente.*

Ele puxou com força a bengala de Stephen em sinal de despedida e, correndo para o cimo do penhasco escarpado, fez seus dedos tremularem dos lados do corpo como barbatanas ou asas prestes a se erguer no ar, e entoou:

*– Então, adeus, adeus! Escrevam o que falei*

*E contem a todo mundo que eu ressuscitei*

*Meu talento inato não pode falhar*

*E com a brisa do Jardim eu hei de voar.*

Ele saltou na frente deles em direção ao buraco de quarenta pés de profundidade,

pulando lépido, com as mãos tremulando como se fossem asas, o chapéu de Mercúrio oscilante ao sopro do vento trazendo de volta até eles os gritos suaves e curtos dos passarinhos.

Haines, que até então rira prudentemente, prosseguiu andando ao lado de Stephen e disse:

– Não deveríamos rir, creio. Ele é muito irreverente. Eu mesmo não sou um crente, na verdade. Assim mesmo a sua alegria retira um pouco o aspecto ofensivo, não é? Como é que ele o chamou? José o Carpinteiro?

– A balada do Jesus piadista – respondeu Stephen.

– Ó – disse Haines –, você já ouviu isso antes?

– Três vezes ao dia, depois das refeições – disse Stephen secamente.

– Você não é um crente, é? – perguntou Haines. – Quero dizer, um crente no sentido estrito da palavra. Criação do nada e milagres e um Deus pessoal.

– Só existe um sentido da palavra, me parece – disse Stephen.

Haines parou para retirar uma cigarreira de prata na qual brilhava uma pedra verde. Ele a abriu fazendo saltar a tampa com o polegar e a ofereceu.

– Obrigado – disse Stephen, pegando um cigarro.

Haines tirou um para si e fechou com um estalo a cigarreira. Ele a pôs de volta em seu bolso do lado e tirou do bolso do seu colete um isqueiro de níquel, abriu-o e tendo acendido seu cigarro, estendeu a centelha chamejante para Stephen, protegida por suas mãos fechadas em concha.

– Sim, naturalmente – disse ele, enquanto eles retomavam a caminhada. – Ou a gente acredita ou não acredita, não é? Pessoalmente eu não poderia engolir a idéia de um Deus pessoal. Você não defende essa idéia, suponho?

– Você vê em mim – disse Stephen com soturno descontentamento – um horrível modelo de livre-pensamento.

Ele continuou a andar, esperando que lhe fosse dirigida a palavra, arrastando sua bengala ao seu lado. Sua ponteira seguia ligeiramente pelo caminho, chiando em seus calcanhares. Meu espírito-bruxo, atrás de mim, me chamando, Steeeeeeeeeeeephen! Uma linha oscilante ao longo do caminho. Eles vão caminhar por ele de noite, vindo aqui no escuro. Ele quer a chave. Ela é minha. Eu paguei o aluguel. Agora eu como seu pão salgado. Dê-lhe a chave também. Tudo. Ele vai pedi-la. Isso estava claro em seus olhos.

– Afinal de contas... – começou Haines.

Stephen se virou e viu que o olhar frio que o examinava não era tão mau assim.

– Afinal de contas, eu diria que você é capaz de se libertar. Você é seu próprio mestre, me parece.

– Eu sou um servo de dois patrões – disse Stephen –, um inglês e um italiano.

– Italiano? – disse Haines.

Uma rainha louca, velha e ciumenta. Ajoelhe-se diante de mim.

– E um terceiro – disse Stephen – existe que me quer para trabalhos avulsos.

– Italiano? – Haines disse novamente. – O que você quer dizer?

– O estado imperial britânico – respondeu Stephen, ficando ruborizado – e a santa

igreja católica apostólica romana.

Haines retirou do lábio inferior algumas fibras de tabaco antes de falar.

– Eu posso entender isso perfeitamente – disse ele calmamente. – Um irlandês deve pensar assim, ousou dizer. Nós na Inglaterra sentimos que tratamos vocês bem injustamente. Parece que a culpa é da história.

Os títulos potentes e orgulhosos retiniram na memória de Stephen o triunfo de seus sinos de bronze: *et unam sanctam catholicam et apostolicam ecclesiam*: o crescimento lento e a mudança de rito e dogma como seus próprios pensamentos escassos, uma química de estrelas. Símbolo dos apóstolos na missa para o papa Marcelo, as vozes misturadas, cantando alto em uníssono como afirmação: e por trás do canto o anjo vigilante da igreja militante desarmava e ameaçava seus heresiarcas. Uma horda de heresias voando imprópriamente com mitras: Fócio e a ninhada de zombadores dos quais Mulligan era um, e Ario lutando com a própria vida a respeito da consubstancialidade do Filho com o Pai, e Valentino, rejeitando o corpo terrestre de Cristo, e o sutil heresiarca africano Sabelio que afirmou que o Pai era Ele Próprio Seu próprio Filho. Palavras que Mulligan falara havia um momento como zombaria ao estrangeiro. Zombaria vã. O vazio aguarda certamente todos aqueles que tecem o vento: uma ameaça, um desarmar e uma derrota provocada por aqueles anjos dispostos para a batalha da igreja, o exército de Miguel, que sempre a defende na hora do conflito com suas lanças e seus escudos.

Bravo, bravo! Aplauso prolongado. *Zut! Nom de Dieu!*

– Naturalmente eu sou um britânico – disse a voz de Haines –, e sinto como tal. Eu também não quero ver meu país cair nas mãos de judeus-alemães. Receio que seja esse o nosso problema nacional, agora.

Dois homens estavam de pé na beira do penhasco, observando: um comerciante, um barqueiro.

– Ele está se dirigindo para o porto de Bullock.

O barqueiro acenou em direção ao norte da baía desdenhosamente.

– Ali há cinco braças – disse ele. – Desse jeito ele vai ser dragado quando a maré subir por volta de uma hora. Faz nove dias hoje.

O homem que tinha se afogado. Uma vela girando em volta da baía vazia esperando que uma trouxa intumescida emergisse subitamente, virando para o sol um rosto inchado, branco como o sal. Aqui estou eu.

Eles desceram do penhasco pelo caminho tortuoso. Buck Mulligan ficou de pé em cima de uma pedra, em manga de camisa, com a sua gravata desfeita esvoaçando no ombro. Um jovem se agarrando a uma saliência da rocha perto dele moveu lentamente como um sapo suas pernas verdes na profundidade gelatinosa da água.

– O seu irmão está com você, Malachi?

– Lá em Westmeath. Com os Bannons.

– Lá ainda? Eu recebi um cartão de Bannon. Diz que ele conheceu uma coisinha jovem e encantadora lá. Moça da foto como ele a chama.

– Um instantâneo, hein? Uma revelação rápida.

Buck Mulligan se sentou para desatar suas botas. Um homem mais velho projetou

perto da saliência da rocha um rosto vermelho e ofegante. Ele escalou as pedras, com água brilhando em sua cachola e em sua guirlanda de cabelo grisalho, a água escorrendo pelo seu peito e pança e soltando jatos para fora de sua tanga preta e bamba.

Buck Mulligan fez espaço para que ele passasse em sua escalada e, olhando para Haines e Stephen, fez piedosamente o sinal-da-cruz com seu polegar na testa e nos lábios e no peito.

– Seymour está de volta na cidade – disse o jovem, agarrando-se de novo à sua saliência da rocha. – Ele se livrou da medicina e vai tentar o exército.

– Puta merda! – exclamou Buck Mulligan.

– Ele parte na semana que vem para queimar as pestanas. Você conhece aquela moça ruiva, a Lily Carlisle?

– Conheço.

– Estava aos beijos com ele na noite passada no quebra-mar. O pai é podre de rico.

– Ela está de barriga?

– É melhor perguntar ao Seymour.

– Seymour um maldito oficial! – disse Mulligan.

Ele acenou com a cabeça em sinal de assentimento enquanto tirava a calça e se levantava, dizendo corriqueiramente:

– As ruivas copulam como cabras.

Ele se interrompeu alarmado, apalpando o lado do peito por baixo da camisa esvoaçante.

– Minha décima segunda costela se foi – gritou ele. – Eu sou o *Übermensch*. O Kinch desdentado e eu, os super-homens.

Ele arrancou fora sua camisa e a atirou atrás de si para onde estavam suas roupas.

– Você vai entrar aqui, Malachi?

– Vou. Faça um lugar na cama.

O rapaz recuou aos solavancos na água e alcançou o meio da enseada com duas hábeis e longas braçadas. Haines se sentou sobre a pedra, a fumar.

– Você não vai entrar? – perguntou Buck Mulligan.

– Mais tarde. Não em cima do meu café-da-manhã.

Stephen se afastou.

– Estou indo embora, Mulligan – disse ele.

– Dê-nos aquela chave, Kinch – disse Buck Mulligan –, para manter minha camisa estendida.

Stephen entregou a chave a ele. Buck Mulligan a colocou por cima das roupas amontoadas.

– E dois *pence* – disse ele –, para uma cervejinha. Jogue ali.

Stephen atirou duas moedas de um penny na pilha macia. Vestir, despir.

Buck Mulligan ereto, com as mãos juntas à sua frente, disse solenemente:

– Aquele que rouba dos pobres empresta ao Senhor. Assim falou Zaratustra.

Seu corpo gorducho mergulhou.

– Nós o veremos novamente – disse Haines, se voltando para Stephen que seguia pelo



atalho e sorrindo para o irlandês arredio.

Chifre de um touro, casco de um cavalo, sorriso de um saxão.

– O Ship – gritou Buck Mulligan. – Meio-dia e meia.

– Certo – disse Stephen.

Ele caminhou em direção ao atalho tortuoso.

*Liliata rutilantium.*

*Turma circumdet.*

*Iubilantium te virginum.*

A auréola cinzenta do padre no nicho em que ele discretamente se vestia. Eu não vou dormir aqui esta noite. Para casa também não posso ir.

Uma voz, sustentada suavemente, o chamava do mar. Dobrando na curva ele acenou com a mão. Ela chamava de novo. Uma cabeça marrom luzidia, de uma foca, bem longe no mar, redonda.

Usurpador.

## 2

Você, Cochrane, que cidade fez apelo a ele?

- Tarento, senhor.
- Muito bem. E então?
- Houve uma batalha, senhor.
- Muito bem. Onde?

O olhar vazio do menino perguntou à janela vazia.

Fabulado pelas filhas da Memória. E no entanto era de uma certa forma como se a memória não o tivesse inventado. Uma frase, então, de impaciência, um golpe das asas de intemperança de Blake. Eu ouço a destruição de todo o espaço, vidro estilhaçado e alvenaria ruída e o tempo uma lívida chama final. O que restou para nós então?

- Eu esqueci o lugar, senhor. 279 a.C.
- Asculo – disse Stephen, olhando para o nome e a data no livro sebento.
- Sim, senhor. E ele disse: *Uma outra vitória como essa e nós estamos liquidados.*

Daquela frase o mundo se lembrara. Uma vaga tranqüilidade mental embotada. De uma colina acima de uma planície semeada de cadáveres um general falava aos seus oficiais apoiado em sua lança. Qualquer general a quaisquer oficiais. Eles prestam ouvido.

- Você, Armstrong – disse Stephen. – Qual foi o fim de Pirro?
- Fim de Pirro, senhor?
- Eu sei, senhor. Pergunte a mim, senhor – disse Comyn.
- Espere. Você, Armstrong. Você sabe alguma coisa sobre Pirro?

Um saco de rolinhos doces de figo estava confortavelmente instalado na sacola de Armstrong. De vez em quando ele os enroscava nas palmas das mãos e os engolia suavemente. Migalhas aderiram à polpa de seus lábios. O hálito adocicado de um menino. Gente rica, orgulhosa porque seu filho estava na marinha. Vico Road, Dalkey.

- Pirro, senhor? Pirro, um píer.

Todos riram. Uma risada alta maliciosa sem alegria. Armstrong olhou para os seus colegas à volta, regozijo tolo em esboço. Dentro de alguns instantes eles vão rir mais alto, conscientes da minha falta de comando e das mensalidades que seus papais pagam.

– Diga-me agora – disse Stephen, cutucando o ombro do menino com o livro –, o que é um píer?

– Um píer, senhor – disse Armstrong. – Uma coisa lá na água. Uma espécie de ponte. O píer Kingstown, senhor.

Alguns riram novamente: sem alegria mas com sentido. Dois no banco de trás sussurraram. Sim. Eles sabiam: não tinham nunca aprendido nem tinham nunca sido inocentes. Todos. Com inveja ele observou seus rostos: Edith, Ethel, Gerty, Lily. Semelhantes a eles: seus hálitos, também, adocicados por chá e geléia, seus braceletes rindo com riso abafado na luta.

– Pier Kingstown – disse Stephen. – É isso, uma ponte desapontada.

As palavras perturbaram os olhares deles.

– Como, senhor? – disse Comyn. – Uma ponte fica através de um rio.

Para o livrinho de contos populares de Haines. Ninguém aqui para ouvir. Hoje à noite habilmente em meio a conversas e bebidas desenfreadas, penetrar na malha reluzente de sua mente. O que então? Um bufão na corte de seu mestre, tratado com indulgência e menosprezado, conquistando um elogio clemente do mestre. Por que eles haviam escolhido toda essa parte? Não exclusivamente por uma carícia suave. Para eles também a história era um conto como outro qualquer ouvido demais, sua nação uma casa de penhores.

Não tivesse Pirro caído pela mão de uma bruxa em Argos ou não tivesse Júlio César sido morto a punhaladas. Eles não podem ser descartados do pensamento. O tempo os marcou a ferro em brasa e agrilhoados eles estão alojados no lugar das possibilidades infinitas que eles jogaram fora. Mas podem essas ter sido possíveis visto que elas nunca se deram? Ou foi possível apenas essa que aconteceu? Teça, tecelão do vento.

– Conte-nos uma história, senhor.

– Ó, por favor, senhor. Uma história de assombração.

– Onde vocês começam nisso? – perguntou Stephen, abrindo um outro livro.

– *Não chorem mais* – disse Comyn.

– Continue então, Talbot.

– E a história, senhor?

– Depois – disse Stephen. – Continue, Talbot.

Um menino escuro abriu um livro e o apoiou rapidamente sob a proteção de sua sacola. Ele recitou o verso aos trancos com olhares esporádicos para o texto:

– *Não chorem mais, tristes pastores, não chorem mais*

*Pois Lycidas, que chorais, não está morto,*

*Embora submerso no fundo das águas mortais...*

Deve ser um movimento então, uma realidade do possível como possível. A frase de Aristóteles se formou dentro dos versos ininteligíveis e eles flutuaram para dentro do silêncio estudioso da biblioteca de Santa Genoveva onde ele lera, noite após noite, protegido contra o pecado de Paris. Ao seu lado um franzino siamês examinava um manual de estratégia. À minha volta, cérebros alimentados e se alimentando: sob lâmpadas elétricas fosforescentes, empalados, com antenas a bater ligeiramente: e na escuridão de minha mente uma preguiça do submundo, relutante, desprovida de claridade, a mover suas pregas escamosas de dragão. O pensamento é o pensamento do pensamento. Claridade tranqüila. A alma é de certa maneira tudo que existe: a alma é a forma das formas. Tranqüilidade, súbita, vasta, candente: forma das formas.

Talbot repetiu:

– *Pelo amado poder Dele que andou sobre as ondas,*

*Pelo amado poder...*

– Vire a página – disse Stephen serenamente. – Eu não vejo nada.

– O que, senhor? – perguntou simplesmente Talbot se inclinando para a frente.

Sua mão virou a página. Ele se reclinou para trás e prosseguiu novamente, tendo

acabado de se lembrar. Dele que andou sobre as ondas. Aqui também acima desses corações covardes repousa sua sombra e no coração e nos lábios escarnecedores e nos meus. Repousa nos rostos ansiosos dos que lhe ofereceram uma moeda do tributo. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus. Um olhar prolongado partindo de olhos escuros, uma frase enigmática para ser tecida cada vez mais no tear da igreja. Para sempre.

*Adivinhe, adivinhe, adivinho!*

*Ganhei grãos pra semear do paizinho.*

Talbot deixou seu livro fechado deslizar para dentro da sacola.

– Eu ouvi todos? – perguntou Stephen.

– Sim, senhor. Hóquei às dez, senhor.

– Metade do dia, senhor. Quinta-feira.

– Quem pode responder uma charada? – perguntou Stephen.

Eles recolheram seus livros, os lápis estalando, as páginas farfalhando. Empurrando uns aos outros eles passaram as tiras de couro e afivelaram suas sacolas, todos tagarelando alegremente:

– Uma charada, senhor? Pergunte a mim, senhor.

– Ó, pergunte a mim, senhor.

– Uma bem difícil, senhor.

– É esta a charada – disse Stephen.

*O galo cacarejou,*

*O céu azulou;*

*Sinos de bronze*

*Soaram onze.*

*A hora da pobre alma*

*Ir pro céu chegou.*

O que é isso?

– O quê, senhor?

– De novo, senhor. Nós não ouvimos.

Os olhos deles cresciam enquanto os versos eram repetidos. Depois de um silêncio Cochrane disse:

– O que é, senhor? Nós desistimos.

Com a garganta comichando, Stephen respondeu:

– A raposa enterrando sua avó debaixo de um azevinho.

Ele se levantou e soltou uma risada estridente e nervosa à qual os gritos deles ecoaram consternação.

Um taco bateu na porta e uma voz no corredor chamou:

– Hóquei!

Eles se separaram, andando de lado por entre os bancos, saltando por cima deles. Em pouco tempo eles tinham partido e do quarto de despejo veio o estrépito dos tacos e o clamor de suas botas e línguas.

Sargent que fora o único que se deixara ficar avançou lentamente, mostrando um caderno de notas aberto. Seu cabelo embaraçado e seu pescoço fino testemunhavam

despreparo e irresolução e através de seus óculos embaciados olhos se erguiam em apelação. Na sua face, apática e exangue, havia uma mancha de tinta em forma de tâmara recente e úmida como o leito de um caracol.

Ele estendeu seu caderno. A palavra *Somas* estava escrita no cabeçalho. Abaixo havia algarismos inclinados e embaixo de tudo uma assinatura tortuosa com voltas cegas e um borrão. Cyril Sargent: seu nome e carimbo.

– O Sr. Deasy me disse para escrever tudo de novo e lhe mostrar, senhor.

Stephen tocou as bordas do livro. Inutilidade.

– Você compreende agora como fazer isso? – perguntou ele.

– Do número onze ao quinze – respondeu Sargent. – O Sr. Deasy disse que eu devia copiá-los do quadro, senhor.

– Você consegue os resolver, você mesmo? – perguntou Stephen.

– Não, senhor.

Feio e inútil: pescoço fino e cabelo embaraçado e uma mancha de tinta, um leito de caracol. No entanto alguém o amara, o carregara em seus braços e em seu coração. Não fosse por ela a raça do mundo o teria esmagado sob seus pés, um caracol sem ossos despedaçado. Ela tinha amado seu sangue aguado fraco drenado do dela própria. Era isso então real? A única coisa verdadeira na vida? O corpo prostrado de sua mãe o ardente Columbano em seu zelo sagrado passou por cima. Ela não existia mais: o esqueleto trêmulo de um galho no fogo, um odor de pau-rosa e cinzas molhadas. Ela o salvara de ser esmagado sob pés e partira, mal tendo existido. Uma pobre alma tendo partido para o céu: e numa charneca sob estrelas cintilantes uma raposa, com o cheiro desagradável de rapina no seu pêlo vermelho, com olhos claros impiedosos cavava a terra, escutava, esburacava a terra, escutava, cavava e cavava.

Sentando ao seu lado Stephen solucionou o problema. Ele prova por meio da álgebra que o fantasma de Shakespeare é o avô de Hamlet. Sargent olhou de esguelha através de seus óculos inclinados. Tacos de hóquei retiniam no quarto de despejo: a batida oca de uma bola e os gritos vindos do campo.

Através da página os símbolos se moviam numa solene dança mouresca, na pantomima de suas letras, usando bonés exóticos de quadrados e cubos. Dê as mãos, atravesse, incline-se diante do parceiro: assim: diabinhos da imaginação dos mouros. Partiram também do mundo, Averróis e Moisés Maimônides, homens escuros em semblante e ação, refletindo em seus espelhos zombeteiros a alma obscura do mundo, uma escuridão brilhando na claridade que a claridade não pôde compreender.

– Você compreende agora? Você consegue fazer o segundo trabalho sozinho?

– Consigo, senhor.

Em longos traços de pena vacilantes Sargent copiou os dados. Esperando sempre por uma palavra de ajuda sua mão moveu fielmente os símbolos variáveis, uma ligeira coloração de vergonha estremecendo por trás de sua pele fosca. *Amor matris*: genitivo subjetivo e objetivo. Com seu sangue fraco e leite azedo ela o alimentara e o escondera assim como os cueiros dele da vista dos outros.

Como ele eu era, esses ombros inclinados, esta desgraciosidade. Minha infância se curva ao meu lado. Longe demais para eu pousar uma vez minha mão ali ou sequer levemente.

A minha está longe e a dele é secreta como nossos olhos. Segredos, silenciosos, empedernidos se sentam nos palácios escuros de nossos dois corações: segredos exaustos de sua tirania: tiranos, desejando ser destronados.

A soma foi feita.

– É muito simples – disse Stephen ao se levantar.

– É sim, senhor. Obrigado – respondeu Sargent.

Ele secou a página com uma folha fina de mata-borrão e levou seu caderno de notas de volta para a sua carteira.

– É melhor você pegar o seu taco e ir se juntar aos outros – disse Stephen enquanto seguia a figura desgraciosa do menino que se dirigia para a porta.

– Sim, senhor.

No corredor era ouvido o seu nome, chamado do campo de jogo.

– Sargent!

– Corra – disse Stephen. – O Sr. Deasy o está chamando.

Ele parou no pórtico e observou o retardatário se apressar em direção ao campo de luta onde vozes agressivas discutiam. Eles estavam divididos em times e o Sr. Deasy veio embora pisando em pedacinhos de grama com seus pés em polainas. Quando alcançou o prédio do colégio vozes novamente em disputa o chamaram. Ele virou para eles seu bigode branco irritado.

– O que é agora? – gritou continuamente sem parar para ouvir.

– Cochrane e Halliday estão do mesmo lado, senhor – disse Stephen.

– Espere por favor por um momento no meu escritório – disse o Sr. Deasy – até que eu restabeleça a ordem aqui.

E enquanto caminhava atarantadamente de volta pelo campo sua voz de velho gritava severamente:

– O que é que há? O que é agora?

As vozes agressivas dos meninos gritavam de todos os lados à sua volta: suas múltiplas figuras o cercaram, a brilhante luz solar descorando o mel de seus cabelos mal pintados.

Um ar enfumaçado e viciado pairava no escritório com o cheiro do couro marrom-claro das cadeiras. Como no primeiro dia em que ele barganhou comigo. Como era no princípio, é agora. No aparador a bandeja com as moedas Stuart, tesouro servil de um irlandereco: e sempre será. E bem confortáveis em seu estojo de colheres de pelúcia púrpura, desbotada, os doze apóstolos tendo pregado para todos os gentios: por todos os séculos.

Um passo apressado nas pedras do pórtico e no corredor. Afastando com um sopro seu bigode escasso o Sr. Deasy parou junto à mesa.

– Em primeiro lugar, nosso acordo financeiro – disse ele.

Ele retirou do paletó uma carteira de dinheiro atada por uma tira de couro que estalou ao ser aberta. E dela tirou duas notas, uma delas feita de duas metades coladas, e as colocou cuidadosamente sobre a mesa.

– Duas – disse ele, atando e guardando sua carteira.

E agora seu cofre-forte para o ouro. A mão embaraçada de Stephen se moveu por

sobre as conchas amontoadas no frio almofariz de pedra: búzios e caurins e rombos: e esta, espiralada como um turbante de emir, e esta, a vieira-de-são-tiago. Uma coleção de um velho peregrino, um tesouro morto, conchas ocas.

Um soberano caiu, novo e brilhante, sobre a lanosidade macia da toalha de mesa.

– Três – disse o Sr. Deasy, rodando com sua caixinha de níqueis em sua mão. – Estas são coisas úteis de ter. Veja. Isto é para soberanos. Isto é para shillings. Seis pence, meiascoroas. E aqui coroas. Veja.

Ele fez saltarem dela duas coroas e dois shillings.

– Três e doze – disse ele. – Creio que você vai concordar que está certo.

– Obrigado, senhor – disse Stephen, juntando o dinheiro com uma pressa tímida e pondo tudo no bolso de sua calça.

– Nada de agradecimento – disse o Sr. Deasy. – Você mereceu.

A mão de Stephen, novamente livre, voltou para as conchas ocas. Símbolos também de beleza e poder. Um bocado no meu bolso: símbolos manchados por cobiça e miséria.

– Não leve seu dinheiro desse jeito – disse o Sr. Deasy. – Você vai tirá-lo em algum lugar e perdê-lo. Compre simplesmente uma dessas engenhocas. Você vai ver que elas são muito úteis.

Responda alguma coisa.

– A minha ficaria freqüentemente vazia – disse Stephen.

A mesma sala e hora, a mesma sabedoria: e eu o mesmo. Três vezes agora. Três cadeias à minha volta aqui. E então? Eu posso rompê-las neste instante se eu quiser.

– Porque você não economiza – disse o Sr. Deasy, apontando com o dedo. – Você não sabe ainda o que é o dinheiro. Dinheiro é poder. Quando você tiver vivido tanto quanto eu. Eu sei, eu sei. *Se ao menos a mocidade soubesse.* Mas o que diz Shakespeare? *Ponha apenas dinheiro em sua carteira.*

– Iago – murmurou Stephen.

Ele ergueu os olhos das conchas ociosas para o olhar fixo do velho homem.

– Ele sabia o que o dinheiro era – disse o Sr. Deasy. – Ele ganhou dinheiro. Um poeta, sim, mas um inglês também. Você sabe qual é o orgulho dos ingleses? Você sabe qual é a palavra mais altiva que você pode ouvir da boca de um inglês?

O senhor dos mares. Seus olhos marfrios olharam para a baía vazia: parece que é culpa da história: sobre mim e sobre as minhas palavras, sem ódio.

– Que no seu império – disse Stephen – o sol nunca se põe.

– Bolas! – gritou o Sr. Deasy. – Isso não é inglês. Um celta francês disse isso.

Ele deu umas pancadinhas com sua caixinha de níqueis de encontro à unha do seu polegar.

– Eu vou lhe dizer – disse ele solenemente – qual é a sua bazófia mais altiva. *Eu paguei a minha parte.*

Bom homem, bom homem.

– *Eu paguei a minha parte. Eu nunca pedi um shilling emprestado em toda a minha vida. Você pode sentir isso? Eu não devo nada. Você pode?*

Mulligan, nove libras, três pares de meias, um par de borzeguins, gravatas. Curran,

dez guinéus. MacCann, um guinéu. Fred Ryan, dois shillings. Temple, dois almoços. Russell, um guinéu, Cousins, dez shillings, Bob Reynolds, meio guinéu, Kohler, três guinéus, a Sra. McKernan, cinco semanas de alojamento. O punhado que eu tenho é inútil.

– No momento, não – respondeu Stephen.

O Sr. Deasy riu com puro encantamento, guardando de volta a caixinha de níqueis.

– Eu sabia que você não podia – disse ele alegremente. – Mas um dia você precisa sentir isso. Nós somos um povo generoso mas também precisamos ser justos.

– Eu temo essas grandes palavras – disse Stephen – que nos tornam tão infelizes.

Por alguns momentos o Sr. Deasy fitou severamente acima do aparador a magnitude bem proporcionada de um homem de saio escocês axadrezado: Alberto Eduardo, príncipe de Gales.

– Você me considera um velho antiquado e um velho tóri – disse sua voz pensativa. – Eu vi três gerações desde o tempo de O’Connell. Eu me lembro da praga da fome em 46. Você sabia que os núcleos orange agitaram a opinião pública em favor da revogação do Ato de União vinte anos antes que O’Connell o fizesse ou antes que os prelados de sua confraria o denunciassem como demagogo? Vocês fenianos esquecem algumas coisas.

Memória gloriosa, piedosa e imortal. O núcleo de Diamond em Armagh, a esplêndida, ornado de cadáveres de papistas. O juramento de lealdade dos fazendeiros áspers, mascarados e armados até os dentes. O norte protestante-reacionário e os verdadeiros presbiterianos escoceses legalistas da bíblia. Submetam-se cabeças tosadas.

Stephen esboçou um gesto rápido.

– Eu também tenho sangue rebelde em mim – disse o Sr. Deasy. – Do lado materno. Mas eu descendo de sir John Blackwood que votou em favor da união. Nós somos todos irlandeses, todos filhos de reis.

– Ai de mim – disse Stephen.

– *Per vias rectas* – disse o Sr. Deasy firmemente –, era o seu lema. Ele votou em favor disso e para fazê-lo pôs suas botas de montar e cavalgou de Ards of Down até Dublin.

*Trota, trota meu rocim*

*E me leva até Dublin.*

Um fidalgo rural mal-humorado a cavalo com suas botas reluzentes. Um dia ameno, sir John! Um dia ameno, Excelência!... Dia!... Dia!... Duas botas de montar vão aos solavancos até Dublin. Trota, trota meu rocim. Trota, trota para mim.

– Isso me lembra uma coisa – disse o Sr. Deasy. – O senhor pode me fazer um favor, Sr. Dedalus, com alguns de seus amigos intelectuais. Eu tenho uma carta aqui para os jornais. Sente-se um momento. Eu só tenho que copiar o fim.

Ele foi para a mesa perto da janela, puxou duas vezes sua cadeira e leu algumas palavras da folha de papel no cilindro da máquina de escrever.

– Sente-se e me desculpe – disse ele por cima do ombro – *os ditames do bom senso*. Só um instante.

Por sob suas sobrelhas hirsutas ele examinou o manuscrito ao seu lado e, resmungando, começou a agulhoar lentamente as teclas rígidas do teclado, soprando às vezes quando acertava o cilindro para apagar um erro.



Stephen se sentou silenciosamente diante da presença principesca. Emolduradas nas paredes imagens de cavalos desaparecidos prestavam homenagem, com suas cabeças dóceis erguidas: *Repulse*, de lorde Hastings, *Shotover*, do duque de Westminster, *Ceylon, prix de Paris*, 1866, do duque de Beaufort. Cavaleiros elfos os montavam, atentos a um sinal. Ele viu a velocidade deles ao defender as cores da coroa, e gritou com os gritos das multidões desaparecidas.

– Ponto final – anunciou o Sr. Deasy às suas teclas. – *Mas pronto debate desta questão de grande importância...*

Lá onde Cranly me levou para ficar rico rapidamente, caçando seus favoritos entre as moitas salpicadas de lama, em meio aos gritos dos apontadores de apostas e à fumaça da cantina acima do lodo multicolorido. *Fair Rebel! Fair Rebel!* Dinheiro líquido no favorito: dez a um como ele ganha dos concorrentes. Passamos apressados pelos jogadores de dados e os trapaceiros que exploram o jogo de dedais, em busca das patas, bonés e jaquetas dos competidores e por uma mulher com cara de rodela-de-carne, mulher de um açougueiro, que enfiava avidamente seu focinho na metade de uma laranja.

Gritos agudos e o zunido de um apito soaram vindos do campo de esporte dos meninos.

De novo: um gol. Eu entre eles, entre seus corpos contendores numa mixórdia, o combate da vida. Você quer dizer aquele queridinho da mãe, cambaio, que parece estar ligeiramente de ressaca? Torneios. O tempo abalado repercute a cada impacto. Liças, lodo e rebuliço das batalhas, o gelado vômitomortal dos mortos, um brado de lanças alimentadas das entranhas sangrentas dos homens.

– Pois bem – disse o Sr. Deasy, erguendo-se.

Ele veio até a mesa, grampeou as folhas de papel. Stephen se levantou.

– Eu expus a questão em poucas palavras – disse o Sr. Deasy. – É sobre a febre aftosa. Só examine isso aqui. Não pode haver duas opiniões sobre este assunto.

Permita-me abusar de seu espaço valioso. Aquela doutrina de *laissez faire* que ocorre tão freqüentemente em nossa história. O comércio de nosso gado. O processo de todas as nossas velhas indústrias. A corja de Liverpool que sabotou o projeto do porto de Galway. Conflagração européia. Suprimentos de cereais através das águas estreitas do canal. A mais-perfeita imperturbabilidade do departamento de agricultura. Que me seja perdoada uma alusão clássica. Cassandra. Por uma mulher que não valia nem um pouco mais do que sua reputação. Para se chegar ao ponto em questão.

– Eu não tenho papas na língua, não é? – perguntou o Sr. Deasy enquanto Stephen continuava a ler.

Febre aftosa. Conhecida como preparado de Koch. Soro e vírus. Porcentagem de cavalos imunizados. Rinderpest. Peste bovina. Cavalos do imperador Mürzsteg, Áustria meridional. Cirurgias veterinárias. O Sr. Henry Blackwood Price. Oferta cortês de um julgamento honesto. Ditames do bom senso. Uma questão da maior importância. No sentido completo da palavra pegar o touro a unha. Agradecendo a hospitalidade de suas colunas.

– Eu quero que isso seja impresso e lido – disse o Sr. Deasy. – Você verá no próximo surto que eles vão embargar o gado irlandês. E ele pode ser curado. E é curável. Meu primo,

Blackwood Price, me escreveu que na Áustria ele é regularmente tratado e curado pelos veterinários de gado. Eles se oferecem a vir para cá. Eu estou tentando influenciar o departamento. Agora eu vou tentar a publicidade. Eu estou cercado de dificuldades, por... intrigas, por... influências secretas, por...

Antes de falar ele ergueu o dedo indicador no ar com o gesto de um velho.

– Preste atenção às minhas palavras, Sr. Dedalus – disse ele. – A Inglaterra está nas mãos dos judeus. Em todos os mais altos cargos: suas finanças, sua imprensa. E eles são o sinal da decadência de uma nação. Onde quer que eles se juntem eles devoram a força vital da nação. Eu tenho visto isto acontecendo estes anos. Tão certo como estarmos de pé aqui os comerciantes judeus já estão em plena ação de destruição. A velha Inglaterra está morrendo.

Deu uns passos rápidos, com os olhos voltando animadamente a si enquanto percorriam um extenso raio de sol. Deu meia-volta e retornou à posição anterior.

– Morrendo – disse ele novamente –, se ela já não estiver morta.

*De rua em rua uma prostituta berra*

*E vai se tecendo a mortalha da Inglaterra.*

Seus olhos escancarados fixavam severamente numa visão o raio de sol no qual ele se detivera.

– Um comerciante – disse Stephen – é alguém que compra barato e vende caro, judeu ou gentio, não é não?

– Eles pecaram contra a luz – disse gravemente o Sr. Deasy. – E é possível ver a escuridão nos olhos deles. E é por isso que eles são os errantes da terra até o dia de hoje.

Nos degraus da Bolsa de Paris os homens de pele-dourada cotavam o preço do mercado em seus dedos cobertos de anéis. Parolagem de patetas. Eles formigavam ruidosamente, insólitos, pelo templo, suas cabeças maquinando ferrenhamente por baixo de seus desajeitados chapéus de copa alta. Não eram deles: estas roupas, esta fala, estes gestos. Seus olhos absortos e lentos desmentiam as palavras, os gestos ansiosos e inofensivos, mas sabiam do rancor concentrado à sua volta e sabiam que o seu zelo era vão. Vã a paciência que empilhava e armazenava. O tempo certamente dispersaria tudo. Um tesouro empilhado na beira da estrada: pilhado e passado adiante. Seus olhos conheciam os anos de perambulação e, pacientes, tinham conhecimento das indignidades de sua natureza humana.

– Quem não pecou? – disse Stephen.

– O que você quer dizer? – perguntou o Sr. Deasy.

Ele deu um passo à frente e parou junto à mesa. Seu maxilar inferior pendeu um pouco para o lado em dúvida. É isso a velha sabedoria? Ele espera ouvir alguma coisa de mim.

– A história – disse Stephen – é um pesadelo do qual estou tentando despertar.

Do campo de esporte dos meninos ouviu-se um grito. Um apito estridente: gol. O que aconteceria se esse pesadelo desse um pontapé de volta na gente?

– Os caminhos de Deus não são os nossos – disse o Sr. Deasy. – Toda a história da humanidade se move em direção a um grande alvo, a manifestação de Deus.

Stephen sacudiu seu polegar em direção à janela, dizendo:

– Isso é Deus.

Hurra! Ai! Rrhiiii!

– O quê? – o Sr. Deasy perguntou.

– Um grito na rua – respondeu Stephen, sacudindo os ombros.

O Sr. Deasy baixou os olhos e segurou entre os dedos as asas pinçadas do seu nariz. Erguendo novamente os olhos ele as soltou.

– Eu sou mais feliz do que você – disse ele. – Nós cometemos muitos erros e muitos pecados. Uma mulher trouxe o pecado para o mundo. Por uma mulher que não era nem um pouco melhor do que ela, Helena, a mulher fugitiva de Menelau, os gregos guerrearam Tróia durante dez anos. Uma mulher infiel trouxe pela primeira vez estrangeiros para o nosso litoral, a mulher de MacMurrough e seu amante, O'Rourke, príncipe de Breffni. Uma mulher também causou a derrocada de Parnell. Muitos erros, muitas falhas mas não o pecado dos pecados. Eu sou um lutador agora e o serei até o final dos meus dias. Mas eu vou lutar pelo direito até o fim.

*Por Ulster lutaremos*

*E Ulster salvaremos.*

Stephen ergueu as folhas de papel em sua mão.

– Bem, senhor – disse ele.

– Eu prevejo – disse o Sr. Deasy – que o senhor não permanecerá aqui nesta atividade por muito tempo. O senhor não nasceu para ser professor, creio. Talvez eu esteja enganado.

– De preferência um aprendiz – disse Stephen.

E aqui o que você aprenderá mais?

O Sr. Deasy sacudiu a cabeça.

– Quem sabe? – disse ele. – Para aprender é necessário ser humilde. Mas a vida é a grande mestra.

Stephen fez as folhas novamente farfalharem.

– Quanto a estas – começou ele...

– Sim – disse o Sr. Deasy. – O senhor tem duas cópias aí. Se o senhor puder fazer com que sejam publicadas imediatamente.

*Telegraph. Irish Homestead.*

– Eu vou tentar – disse Stephen –, e o informarei amanhã. Eu conheço ligeiramente dois editores.

– Isso é o bastante – disse o Sr. Deasy vivamente. – Eu escrevi ontem à noite ao Sr. Field, membro do Parlamento. Há um encontro de comerciantes de gado hoje no City Arms Hotel. Eu pedi que ele apresentasse a minha carta antes da reunião. Veja se o senhor consegue pôr isso em seus dois jornais. Quais são eles?

– O *Evening Telegraph*...

– Isso é o bastante – disse o Sr. Deasy. – Não há tempo a perder. Agora tenho que responder essa carta do meu primo.

– Até a vista, senhor – disse Stephen, colocando as folhas no bolso. – Obrigado.

– Não há de quê – disse o Sr. Deasy enquanto procurava os papéis em sua mesa. – Eu gosto de quebrar lanças com o senhor, por mais velho que eu seja.

– Até a vista, senhor – disse Stephen novamente se inclinando para as costas curvadas dele.

Ele saiu pelo pórtico aberto e seguiu pela alameda de cascalho sob as árvores, ouvindo os gritos das vozes e os estalidos dos tacos no campo de esporte. Os lees agachados sobre os pilares enquanto ele passava através do portão: terrores desdentados. Assim mesmo eu vou ajudá-lo em sua luta. Mulligan vai me dar um novo apelido: o bardo protetor-de-novilho.

– Sr. Dedalus!

Correndo atrás de mim. Chega de cartas, espero.

– Um instantinho s.

– Sim, senhor – disse Stephen, dando as costas para o portão.

O Sr. Deasy parou, respirando com força e engolindo a respirao.

– Eu só queria lhe dizer – disse ele. – Dizem que a Irlanda tem a honra de ser o único país que nunca perseguiu os judeus. O senhor sabia disso? Não. E o senhor sabe por qu?

Ele franziu a testa severamente no ar luminoso.

– Por qu, senhor? – perguntou Stephen, começando a sorrir.

– Porque ela nunca os deixou entrar – disse o Sr. Deasy solenemente.

Um acesso de tosse e de riso saltou de sua garganta arrastando atrás de si uma cadeia chocalhante de expectorao. Ele se voltou rapidamente, tossindo, rindo, com os braços erguidos abanando no ar.

– Ela nunca os deixou entrar – gritou ele novamente através do riso enquanto batia com os ps calçados de polainas nos cascalhos da alameda. –  essa a razão.

Sobre seus ombros sábios o sol lançou lantejoulas e moedas dançantes através da marchetaria das folhas.

### 3

Inelutvel modalidade do visível: ao menos isso se não mais, pensei através dos meus olhos. Assinatura de todas as coisas que estou aqui para ler, ovas-do-mar e destroços-do-mar, a maré se aproximando, a bota enferrujada. Verdemeleca, azulprata, ferrugem: sinais coloridos. Limites do difano. Mas ele acrescenta: em corpos. Então ele tinha consciência deles corpos antes de ter deles coloridos. Como? Batendo com a sua cachola neles, lógico. V devagar. Calvo ele era e um milionário, *maestro di color che sanno*. Limite do difano em. Por que em? Diáfano, adifano. Se a gente pode pôr os cinco dedos através dele é um portão, se não uma porta. Feche os olhos e veja.

Stephen fechou seus olhos para ouvir suas botas esmagarem os destroços e conchas estalantes. Como quer que seja você está andando através disso. Eu estou, um passo largo de cada vez. Um muito curto espaço de tempo através de muito curtos tempos de espaço. Cinco, seis: o *Nacheinander*. Exatamente: e isso é a modalidade inelutável do audível. Abra seus olhos. Não. Meu Jesus! Se eu caísse sobre um penhasco que se projeta acima de sua base, caísse inelutavelmente através do *Nebeneinander*! Eu estou me saindo muito bem no escuro. Minha espada de freixo pende do meu lado. Bata com ela: eles batem. Meus dois ps nas

botas dele estão no final das pernas dele, *nebeneinander*. Parece consistente: feito pelo malhete de *Los demiurgos*. Estarei eu caminhando para a eternidade ao longo da praia de Sandymount? Esmaga, estala, crique, craque. Dinheiro do mar bravio. O professor Deasy sabe tudo.

*Não vens então a Sandymount,  
Madalena a égua?*

Tem início o ritmo, está vindo. Eu ouço. Um tetrâmetro acataléctico de iampos marchando. Não, a galope: *dalena a égua*.

Abra seus olhos agora. Vou abrir. Um momento. Será que tudo sumiu desde então? E se eu abrir e estiver para sempre na escuridão adiáfana? *Basta!* Vou ver se posso ver.

Veja agora. Ali o tempo todo sem você: e sempre estará, por todos os séculos.

Elas desceram prudentemente os degraus do Leahy's Terrace, *Frauenzimmer*: e debilmente desceram a praia inclinada, com seus pés achatados afundando na areia entupida de resíduos depositados pela água. Como eu, como Algy, indo de encontro a nossa mãe poderosa. A número um balançava pesadamente sua sacola de parteira, a sombrinha da outra fincada na areia. Saídas de seu quarteirão Liberties para sua atividade diária. A Sra. Florence MacCabe, viúva do falecido Patk MacCabe, perda profundamente lamentada, de Bride Street. Por uma de sua confraria fui arrastado aos gritos para a vida. Criação do nada. O que é que ela tem na sacola? Um feto prematuro arrastando consigo o cordão umbilical, silenciado numa lã avermelhada. Os cordões de todos se ligam aos anteriores, como um cabo de fio entrelaçado de toda carne. Eis por que os monges místicos. Vocês serão como os deuses? Olhe para o seu *omphalos*. Alô! Aqui é o Kinch. Ligue-me com Edenville. Aleph, Alpha: zero, zero, um.

Esposa e companheira de Adam Kadmon: Heva, Eva nua. Ela não tinha umbigo. Olhe. Ventre sem defeito, tornando-se bojudo e grande, um escudo de velino retesado, não, um monte de trigo branco, precioso e imortal, durando de todo o sempre para todo o sempre. Ventre de pecado.

Concebido na escuridão do pecado eu também fui, feito não gerado. Por eles, o homem com a minha voz e os meus olhos e uma mulherfantasma com cinzas no seu sopro. Eles se abraçaram e se separaram, fizeram a vontade do acoplador. Desde antes dos tempos Ele me quis e agora não pode me querer fora daqui ou jamais existente. Uma *lex eterna* permanece à volta Dele. É essa então a substância divina pela qual Pai e Filho são consubstanciais? Onde está o querido e pobre Ario para tentar conclusões? Lutando toda a sua vida com o contrasmagnificaejudeubanguebanguelismo. Heresiarca azarado! Numa privada grega ele deu seu último suspiro: *eutanásia*. Com uma mitra ornada de contas e com um báculo, instalado em seu trono, viúvo de um bispado viúvo, com o *omophorion* empertigado, com o traseiro coalhado.

Brisas saltaram à volta dele, brisas animadas e penetrantes. Elas estão vindo, as ondas. Os cavalos-marinhos de-crina-branca, mascando os freios sob o vento auspicioso, os corcéis de Mananaan.

Eu não posso esquecer a carta dele para os jornais. E depois? O Ship, meio-dia e meia. A propósito tenha cuidado com aquele dinheiro como um bom rapazinho imbecil. É, eu

devo.

O passo dele afrouxou. E agora. Será que eu vou para a casa de tia Sara ou não? A voz de meu pai consubstancial. Você por acaso viu seu irmão artista Stephen ultimamente? Não? Tem certeza de que ele não está com a tia dele Sally? Será que ele não podia voar um pouco mais alto do que isso, hein? Ora ora ora, Stephen, como está o tio Si? Ó, Deus lacrimejante, as coisas com as quais eu casei! Os garotos em cima no palheiro. O contadorzinho embriagado e seu irmão o tocador de corneta. Gondoleiros altamente respeitáveis! E o vesgo do Walter nada menos que senhoreando seu pai! Senhor pra cá senhor pra lá. Sim, senhor. Não, senhor. Jesus chorou: e não era pra menos, por Cristo!

Eu toco a sineta asmática da casinha deles de janelas fechadas: e espero. Eles me tomam por um cobrador e espreitam de uma posição vantajosa de observação.

– É Stephen, senhor.

– Deixe-o entrar. Deixe Stephen entrar.

Um ferrolho é retirado e Walter me dá as boas-vindas.

– Nós pensamos que você fosse outra pessoa.

Em seu amplo leito titio Richie, cercado de travesseiros e cobertor, estende por cima do montículo de seus joelhos um antebraço vigoroso. Tronco limpo. Ele lavou a parte superior.

– Salve, sobrinho. Sente-se e vá passear.

Ele põe de lado a mesinha portátil em que ele rascunha as notas de despesas para os olhos de mestre Goff e mestre Shapland Tandy, anotando os acordos e sindicâncias comuns e uma intimação *Duces Tecum*. Uma moldura de carvalho fossilizado acima de sua cabeça calva: *Resquiescat* de Wilde. O zunido enganador de seu assobio traz Walter de volta.

– Pois não, senhor?

– Uma cerveja para Richie e Stephen, peça à mãe. Onde ela está?

– Dando banho em Crissie, senhor.

A camaradinha de cama do papai. Torrão de amor.

– Não, tio Richie...

– Me chame de Richie. Pro inferno com sua água mineral. Isso deprime. Whusky!

– Tio Richie, realmente...

– Sente-se ou então pelo velho Harry eu garanto que derrubo você.

Em vão Walter relanceia os olhos à procura de uma cadeira.

– Ele não tem onde sentar, senhor.

– Ele não tem onde pôr o seu traseiro, seu bobo. Traga nossa cadeira Chippendale. Você quer comer alguma coisa? Nada dos seus malditos ares de afetação aqui. Que tal uma boa fatia fina de toucinho com arenque? Tem certeza? Tanto melhor. Nós não temos nada em casa a não ser comprimidos para dor nas costas.

*All'erta!*

Ele assobia compassos da *aria di sortita* de Ferrando. A ária mais notável de toda a ópera. Ouça.

Seu assobio melodioso soa novamente, delicadamente matizado, com elevações súbitas da melodia, os punhos tamborilando fortemente nos joelhos acolchoados.

Este vento está mais suave.

Linhagens decadentes, a minha, a dele e todas. Você disse à pequena nobreza de Clongowes que tinha um tio juiz e um tio general do exército. Sai dessa, Stephen. A beleza não está aí. Nem na baía estagnante da biblioteca de Marsh onde você lia as profecias evanescentes de Joaquim Abbas. Para quem elas? Para as centenas de cabeças da ralé perto do pátio da catedral. Aquele que odiava sua espécie fugiu dela para o bosque da loucura, sua crina espumando na lua, seus olhos estrelas. Houyhnhnm, narinascavalares. Os rostos ovais eqüinos, Temple, Buck Mulligan, Foxy Campbell, mandíbulaslanternosas. Pai Abbas, deão furioso, que ofensa pôs fogo em seus cérebros? Paf! *Descende, calve, ut ne amplius decalveris*. Uma guirlanda de cabelos grisalhos em sua cabeça anatematizada veja ele eu nos agarrando com as mãos ao último degrau do altar (*descende!*), segurando um ostensório, com olhos de basilisco. Desça, seu careca! Um coro devolve ameaça e eco, acompanhando em volta dos chifres laterais do altar, o latim escarnecido dos corpulentos padres de fachada a se mover em suas alvas, tonsurados e untados e castrados, gordos com a gordura dos rins e do trigo.

E no mesmo instante talvez um padre a esteja elevando na esquina. Drindrim! E duas esquinas mais adiante a guardando no cibório. Dringuedrim! E numa capela da Virgem um outro tomando a eucaristia só para si. Drindrim! Pra baixo, pra cima, pra frente, pra trás. Dan Occam pensou nisso, o doutor invencível. Numa manhã nevoenta inglesa o diabinho da hipóstase comichou seu cérebro. Ao descer com a hóstia e se ajoelhar ele ouviu entrelaçar-se com sua segunda sineta a primeira sineta no altar lateral (ele está erguendo o seu) e, se levantando, ouviu (agora eu estou erguendo) as duas sinetas (ele está se ajoelhando) soarem em ditongo.

Primo Stephen, você nunca será um santo. Ilha dos santos. Você era terrivelmente santo, não era? Você rezava à Santíssima Virgem para que você pudesse não ter um nariz vermelho. Você rezava ao demônio na Serpentine Avenue para que a viúva roliça em frente levantasse sua roupa ainda mais da rua molhada. *O si, certo!* Venda a sua alma por isso, vá, trapos pintados em volta de uma *squaw*. Mais diga-me, mais ainda! Sozinho no alto do trem de Howth gritando para a chuva: *Mulheres nuas! Mulheres nuas!* O que me diz disso, hein?

O que me diz de quê? Para que mais elas foram inventadas?

Lendo duas páginas de cada vez dos sete livros toda noite, hein? Eu era jovem. Você se inclinava para si mesmo no espelho, dando um passo à frente para aplaudir freneticamente, rosto surpreendente. Hurra para o maldito idiota! Hurá! Ninguém viu: não conte pra ninguém. Livros que você ia escrever com letras por títulos. Você leu o F dele? Li sim, mas eu prefiro o Q. É sim, mas o W é maravilhoso. É isso aí, o W. Lembra as epifanias escritas em folhas verdes ovais, profundamente profundas, cópias a serem mandadas se você morresse para todas as grandes bibliotecas do mundo, inclusive Alexandria? Alguém deveria lê-las ali milhares de anos depois, um mahamanvantara. Como Pico della Mirandola. Ai, muito parecido com uma baleia. Quando alguém lê estas páginas estranhas de alguém morto há muito tempo alguém sente que alguém está de acordo com alguém que certa vez...

A areia granulosa fugira de debaixo dos seus pés. Suas botas pisaram novamente o mastro úmido e estalejante, lingueirões, cascalhos chiantes, aquilo que vem bater nos

cascalhos incontáveis, casco peneirado de cracas. Armada perdida. Areias encharcadas insalubres aguardavam para sugar suas solas andarilhas, exalando para cima um bafo imundo de esgoto, um bolsão de algas marinhas ardia na fosforescência do mar sob um monturo de cinzas de homem. Ele as costeou, caminhando cautelosamente. Uma garrafa de cerveja se erguia, atolada até a cintura, na massa de areia pastosa. Uma sentinela: ilha de sede pavorosa. Arcos partidos na praia; na terra um labirinto escuro e engenhoso de redes; bem mais longe portas dos fundos das casas rabiscadas de giz e na parte mais alta da praia um varal com duas camisas crucificadas. Ringsend: barracas de timoneiros morenos e capitães da marinha mercante. Conchas humanas.

Ele parou. Deixei pra trás o caminho para a casa de tia Sara. Será que eu não vou lá? Parece que não. Ninguém à volta. Ele se voltou para o nordeste e atravessou a areia mais firme em direção ao Pigeonhouse.

– *Qui vous a mis dans cette fichue position?*

– *C'est le pigeon, Joseph.*

Patrice, de licença em casa, bebeu leite morno comigo no bar MacMahon. Filho do ganso selvagem, Kevin Egan de Paris. Meu pai é um passarinho, ele lambeu o *lait chaud* doce com sua língua cor-de-rosa de jovem e rosto rechonchudo de coelhinho. Lambida, *lapin*. Ele tem esperança de ganhar no *gros lots*. Ele leu a respeito da natureza das mulheres em Michelet. Mas ele precisa me mandar *La Vie de Jésus* de M. Léo Taxil. Ele emprestou a um amigo.

– *C'est tordant, vous savez. Moi, je suis socialiste. Je ne crois pas en l'existence de Dieu. Faut pas le dire à mon père.*

– *Il croit?*

– *Mon père, oui.*

*Schluss*. Ele lambe.

Meu chapéu do Quartier Latin. Meu Deus, nós simplesmente precisamos vestir direito o personagem. Eu quero luvas de pelica. Você era um estudante, não era? De quê, em nome do outro diabo? Peceene. P.C.N., você sabe: *physiques, chimiques et naturelles*. Ah! Ah! Comendo o equivalente a um bocado de *mou en civet*, panelas de carne do Egito, tendo ao lado coqueiros a arrotar. Diga apenas no tom mais natural possível: quando eu estava em Paris, *boul' Mich'*, eu costumava. É, eu costumava trazer comigo bilhetes picotados para servirem de álibi se me prendessem por assassinato em algum lugar. Justiça. Na noite de 17 de fevereiro de 1904 o prisioneiro foi visto por duas testemunhas. Um outro camarada fez isso: um outro eu. Chapéu, gravata, sobretudo, nariz. *Lui, c'est moi*. Você parece ter se divertido.

Andando ufanamente. De quem você estava tentando imitar o andar? Esqueça: um despojado. Com a ordem de pagamento da mãe, oito shillings, fechada com violência a porta do correio que o porteiro bateu em sua cara. Fome, dor de dente. *Encore deux minutes*. Olhe para o relógio. Preciso receber. *Fermé*. Funcionário miserável! Atire nele com um tiro barulhento até ficar em pedacinhos, pedacinhos do homem botões de metal tudo salpicado nas paredes. Os pedaços todos criquecraque estalando de volta ao seu lugar. Não está machucado? Ó, tudo bem. Aperte aqui a mão. Percebe o que eu quero dizer, percebe? Ó, está tudo bem. Aperto de mão daqui e dali. Ó, está tudo simplesmente muito bem.



Você ia fazer maravilhas, se lembra? Missionário na Europa como o ardente Columbano. Fiacre e Scotus empoleirados no céu em seus tamboretos cospem sua cerveja ao rirem alto em latim: *Euge! Euge!* Fingindo falar um inglês estropiado ao arrastar a sua valise, carregador três pence, através do píer pegajoso de Newhaven. *Comment?* Que rico despojo você trouxe de volta. *Le Tutu*, cinco números esfarrapados de *Pantalon Blanc et Culotte Rouge*, um telegrama francês azul, uma curiosidade a mostrar:

– Mãe morrendo venha para casa pai.

A tia acha que você matou sua mãe. É por isso que ela não quer.

*E aqui vai um brinde à tia de Mulligan*

*Pela simples razão que ela sempre manteve*

*As coisas todas certinhas e muito decentes*

*Na inteira família Hanniganneve.*

Seus pés marcharam com um ritmo subitamente orgulhoso sobre os sulcos de areia ao longo dos penedos da amurada sul. Ele as fixou altivamente, pedras empilhadas crânios de mamutes. Luz dourada sobre o mar, sobre a areia, sobre blocos de pedra. O sol está ali, as árvores esbeltas, as casas limão.

Paris despertando cruamente, luz solar tosca sobre as ruas limão. Bolinhos de miolo úmido de pão, absinto, seu incenso matinal, cortejam a atmosfera. Belluomo se levanta da cama da mulher do amante de sua mulher, a dona de casa de lenço na cabeça se movimenta, com um pires com ácido acético em sua mão. Na pastelaria Rodot Yvonne e Madeleine recompõem suas belezas enrugadas, despedaçando pastéis com seus dentes de ouro, suas bocas amareladas com o *pus* do *flan breton*. Rostos de parisienses passam, com suas suíças satisfeitas, *conquistadores* de cabelos anelados.

Sonolência do meio-dia. Kevin Egan enrola cigarros à maneira de estopim de pólvora através de dedos manchados de tinta de impressora, bebericando sua fada verde assim como Patrice sua fada branca. À nossa volta comilões engarfam feijão condimentado goela abaixo. *Un demi setier!* Um jato de vapor de café sai da cafeteira polida. A um sinal dele ela me serve. *Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah, oui!* Ela pensou que você queria um queijo *hollandais*. Seu pós-prandial, você conhece essa palavra? Pós-prandial. Havia um camarada que eu conheci em Barcelona, um camarada esquisito, que costumava chamar isso de seu pós-prandial. Ora: *slainte*. Em volta das mesas de lajes de mármore o emaranhado de hálitos recendendo a vinho e de gargantas sussurrantes. Seu bafô paira acima dos nossos pratos manchados de molho, a fada verde enfiando suas presas entre os lábios dele. Sobre a Irlanda, os Dalcassians, sobre esperanças, conspirações, sobre Arthur Griffith agora, AE, poimandres, bom pastor de homens. Juntar-me a ele como seu parceiro, nossos crimes nossa causa comum. Você é bem o filho de seu pai. Eu reconheço a voz. Sua camisa de fustão com flores vermelhas agita seus pompons espanhóis quando ele confia seus segredos. M. Drumont, famoso jornalista, Drumont, você sabe como ele chamava a rainha Vitória? Velha megera de dentes amarelos. *Vieille ogresse de dents jaunes*. Maud Gonne, mulher bonita, *la Patrie*, M. Millevoeye, Félix Faure, sabe como ele morreu? Homens libertinos. *A froeken, bonne à tout faire*, que esfrega a nudez masculina no banho em Upsala. *Moi faire*, disse ela, *tous les messieurs*. Não este *monsieur*, disse eu. Um costume muito

libidinoso. O banho é uma coisa muito particular. Eu não deixaria meu irmão, nem mesmo o meu irmão, uma coisa muito libidinosa. Olhos verdes, eu vejo você. Presas, eu sinto. Raça libidinosa.

A mecha azul queima agonizante por entre as mãos e queima claro. Fragmentos de tabaco soltos pegam fogo: uma chama e uma fumaça acre iluminam o nosso canto. Maçãs do rosto ossudas debaixo de seu chapéu de conspirador. Como o cabeça do grupo escapou, versão autêntica. Vestiu-se como uma jovem noiva, homem, véu, flores de laranja, de carro pela estrada para Malahide. Fez isso, por certo. Sobre líderes desaparecidos, os traídos, fugas fantásticas. Disfarces, agarrados, sumidos, não mais aqui.

Amante rejeitado. Eu era um rapaz jovem e forte naquele tempo, eu lhe digo. Algum dia eu vou lhe mostrar qual era a minha aparência. Eu era assim, garanto. Apaixonado, por amor a ela ele rodou com o coronel Richard Burke, sucessor do chefe de seu clã, agachados fora dos muros de Clerkenwell, eles viram uma chama de vingança os lançar para o alto no nevoeiro. Vidro estilhaçado e alvenaria ruída. Na alegre Paris ele se esconde, Egan de Paris, não procurado por ninguém a não ser por mim. Fazendo de suas bases diurnas a tipografia suja, suas três tavernas, ele dorme uma noite curta na toca de Montmartre, *rue de la Goutte-d'Or*, adamascada com os rostos deteriorados dos que já se foram. Desamado, desterrado, descasado. Ela está bem satisfeita e tranqüila sem o seu homem proscrito, a senhora na *rue Gît-le-Coeur*, com seu canário e dois inquilinos janotas. Faces aveludadas, uma saia listrada, brincalhona como é uma coisinha jovem. Rejeitado e não desesperançado. Diga a Pat que você me viu, está bem? Certa vez eu quis arranjar um emprego para o pobre Pat. *Mon fils*, soldado da França. Eu o ensinei a cantar *Os rapazes de Kilkenny são espadachins corajosos e exuberantes*. Conhece essa velha canção? Eu ensinei isso a Patrice. Velho Kilkenny: São Canice, o castelo de Strongbow em Nore. É assim. *O, O*. Ele me leva, Napper Tandy, pela mão.

*O, O os rapazes de  
Kilkenny...*

Mão frágil desgastada na minha. Eles se esqueceram de Kevin Egan, não ele deles. Lembrando de ti, O Sion.

Ele se aproximara da beira do mar e a areia molhada bateu em suas botas. O novo ar o saudou, tocando os nervos desenfreados, vento do ar turbulento das sementes de claridade. Espere, eu não estou caminhando para o navio farol de Kish Bank, estou? Ele se deteve subitamente, seus pés começando a afundar lentamente no solo oscilante. Volte para trás.

Voltando, ele examinou o lado sul da praia, com seus pés afundando novamente lentamente em novos encaixes. O quarto abobadado e frio da torre me aguarda. Através das barbancas os raios de luz estão sempre se movendo, sempre lentamente enquanto meus pés afundam, se arrastando em direção à sombra da noite sobre o solo quadrante solar. Crepúsculo azul, o cair da noite, noite de um azul profundo. Na escuridão da cúpula eles esperam, com as cadeiras empurradas para trás, minha valise obeliscal em volta de uma mesa com travessas abandonadas. Quem vai limpar isso? Ele tem a chave. Eu não vou dormir lá quando a noite chegar. Uma porta fechada de uma torre silenciosa, sepultando seus corpos insensíveis, o panterasahib e seu *pointer*. Chamada: nenhuma resposta. Ele ergueu os pés da sucção arenosa

e voltou para trás pelo quebra-mar. Pegue tudo, fique com tudo. Minha alma caminha comigo, forma das formas. Assim sob as meias-vigílias da lua eu ando a passos largos pelo caminho acima das rochas, de areia prateada, ouvindo a torrente tentadora de Elsinore.

A torrente está me seguindo. Eu posso observá-la passando por aqui fluindo. Volte então pela Poolbeg Road para a praia ali. Ele galgou a junça e algas litorâneas escorregadias e se sentou num banco de pedra, repousando sua bengala numa fenda.

Uma carcaça intumescida de um cachorro estava refestelada num destroço inflado. Diante dele a amurada de um barco, fincada na areia. *Un coche ensablé* era como Louis Veillot chamava a prosa de Gautier. Estas areias pesadas são a linguagem usada pela maré e o vento para obstruir aqui com aluvião. E estes montes de pedras dos construtores mortos, um viveiro de fuinhas. Esconda ouro aqui. Experimente. Você tem algum. Bancos de areia e pedras. Com o peso do passado. Os brinquedos de sir Lout. Cuidado para não levar um estrondo no ouvido. Eu sou o maldito gigante que faz rolar miseravelmente bem pedras grandes, ossadas miseravelmente boas para me servirem de degraus. Fiifófam. Eu zsinto o zcheiro do zsangue de zum zirlandês.

Um ponto, um cão vivo, surgiu à vista correndo ao longo da praia. Meu Deus, será que ele vai me atacar? Respeite a liberdade dele. Você não será o patrão dos outros ou o escravo deles. Eu tenho a minha vareta. Sente-se firme. De bem longe, caminhando em direção à praia do outro lado das ondas encrespadas, figuras, duas. As duas marias. Elas cobriram aquilo bem escondido por entre os juncos. Piquebês. Eu vejo vocês. Não, o cachorro. Ele está correndo de volta para elas. Quem?

Galeras de Lochlanns afluíram aqui na praia em busca de presas, com suas proas de bicosvermelhos rasantes sobre a arrebentação de metal derretido. *Vikings* dinamarqueses, com colares de metal como os dos *tomahawks* cintilantes no peito quando Malachi usou o colar de ouro. Um cardume de baleias *turleghides* no calor do meio-dia, esguichando, cambaleando, encalhou nos bancos de areia. Então da fortificação engaiolante da cidade faminta uma horda de anões vestindo jaquetas, meu povo, com facas esfoladoras, correram, escamaram, retalharam aos prantos carne-de-baleia. Fome, peste e carnificinas. O sangue deles está em mim, seus desejos são minhas avalanches. Eu, criança trocada ao nascer, me movimentei entre eles sobre o Liffey congelado, entre as fogueiras que expeliam resina. Eu não falei com ninguém e ninguém comigo.

O latido do cachorro correu em direção a ele, parou, correu de volta. Cão do meu inimigo. Eu simplesmente parei pálido, silencioso, acuado. *Terribilia meditans*. Um gibão amarelo pálido, destino de um velhaco, sorriu do meu medo. É por isso que você está penando, pelo latido do aplauso deles? Pretendentes: vivem as vidas deles. O irmão de Bruce, Thomas Fitzgerald, cavalheiro sedoso, Perkin Warbeck, falso herdeiro de York, de calças de seda cor de marfim rosado, maravilha de um dia, e Lambert Simnel, com uma comitiva de empregadas domésticas e vivandeiros, um ajudante de cozinha coroado. Todos filhos de reis. Paraíso de pretendentes outrora e agora. Ele salvou homens de se afogarem e você estremece com o ganido de um vira-lata. Mas os cortesãos que zombaram de Guido em Or san Michele estavam em suas próprias casas. Casa de... Nós não queremos nenhuma de suas obscuridades medievais. Você faria o que ele fez? Um barco estaria perto, uma bóia de salvamento.

*Natürlich*, posta ali para você. Faria ou não faria? O homem que se afogou nove dias atrás perto do rochedo de Maiden. Eles estão esperando por ele agora. A verdade, cuspa ela fora. Eu gostaria de. Eu tentaria. Eu não sou um bom nadador. Água macia e fria. Quando eu pus minha cara nela na bacia em Clongowes. Não consigo ver! Quem está atrás de mim? Fora rápido, rápido! Você está vendo a corrente fluindo rapidamente de todos os lados, cobrindo rapidamente com seus lençóis os bancos de areia cor-de-conchachocolate? Se eu tivesse terra sob os meus pés. Eu quero que a vida dele seja ainda dele, a minha seja minha. Um homem se afogando. Seus olhos humanos clamam para mim do horror de sua morte. Eu... Junto com ele embaixo... Eu não pude salvá-la. Águas: morte amarga: perdida.

Uma mulher e um homem. Eu vejo o saíote dela. Arregaçado, eu aposto.

O cachorro deles marchava em volta de um banco reduzido de areia, trotando, farejando para todos os lados. Procurando alguma coisa perdida em tempos idos. De repente ele fugiu como uma lebre saltitante, as orelhas jogadas para trás, caçando uma gaiivota em vôo rasante. O assobio estridente do homem atingiu suas orelhas flácidas. Ele se voltou, saltou para trás, se aproximou, trotando com suas pernas reluzentes. Num campo alaranjado um cervo, saltitante, de cor adequada, desprovido de chifres. Na orla rendada da maré ele se deteve, com as patas da frente enrijecidas e as orelhas apontando para o mar. O focinho erguido ele ladrou para o tumulto das ondas e para os bandos de vacas-marinhas. Elas serpentearam em direção a seus pés, se encrespando, desfraldando crista por crista, toda nona, quebrando, salpicando, vindo de longe, de bem longe, ondas e mais ondas.

Apanhadores-de-conchas. Eles andaram um pouco na água e, se inclinando, encharcaram suas sacolas e as erguendo novamente saíram da água. O cão ganiu correndo para eles, se ergueu e pôs as patas neles, caindo sobre as quatro patas, as ergueu novamente até eles com um mudo afago rude. Ignorado, permaneceu junto deles enquanto eles se dirigiam para a areia mais seca, com um frangalho de língua rapace vermelho-ofegante pendendo de suas mandíbulas. Seu corpo sarapintado caminhava à frente deles e então deu longos passos num galope de bezerro. A carcaça se encontrava em seu caminho. Ele parou, farejou, rastejou em volta dela, irmão, esfregando o focinho mais perto, andou à sua volta, fungando rapidamente como um cão por cima de todo o couro enlameado do cão morto. Crâniocanino, fungadacarina, olhos no chão, ele se dirige para um grande alvo. Ah, pobre corpodecão! Aqui jaz o pobre corpo do corpodecão.

– Andrajos! Cai fora, seu vira-lata!

O grito o trouxe esquivo de volta para o seu dono e o pontapé violento de um pé descalço o lançou em fuga, servilmente agachado mas incólume através de um banco de areia. Ele se moveu de volta furtivamente fazendo uma curva. Não me vê. Ao longo da borda do quebra-mar ele saltou, zaranzou, cheirou uma rocha e empinando a perna traseira urinou nela. Saiu trotando em frente e levantando novamente a perna traseira urinou agora um pouco e rápido numa rocha não cheirada. Os prazeres simples dos pobres. Suas patas traseiras espalharam então a areia: em seguida suas patas dianteiras salpicaram areia e esgravataram. Alguma coisa ele enterrou ali, sua avó. Ele fuçou a areia, chapinhando, esgravatando e parou para escutar o vento, cavou de novo a areia com a fúria de suas garras, cessando logo, um leopardo, uma pantera, nascida do adultério, rapinando os mortos.

Depois que ele me acordou ontem à noite foi o mesmo sonho ou não foi? Espere. Abra a porta da entrada. Rua das meretrizes. Lembre-se. Haroun al Raschid. Eu estou quasindo isso. Aquele homem me levou, falou. Eu não estava com medo. O melão que ele segurava ele o encostou no meu rosto. Sorrii: cheiro de frutacremosa. Era essa a regra, disse. Entre. Venha. Tapete vermelho estendido. Você vai ver quem.

Com os sacos nos ombros eles se arrastavam, os ciganos. Os pés azulados dele saindo das calças arregaçadas batiam na areia pegajosa, um cachecol cor de tijolo escuro sufocava seu pescoço barbudo. Com passos de mulher ela seguia: o rufião e sua perambulante rameira. Pilhagem suspensa nas costas dela. Areia fofa e grãos de concha se incrustavam nos seus pés descalços. Seus cabelos caíam sobre sua face castigada pelo vento. Atrás do seu senhor, a companheira dele, vão embora para Londres. Quando a noite esconde os defeitos do seu corpo, envolta em seu xale marrom, atraindo para debaixo da arcada onde cães fizeram suas sujeiras. Seu cáften está negociando com dois fuzileiros da Royal Dublin no bordel O'Loughlin de Blackpitts. Beijem-na, façam amor com ela, digam-lhe coisas bonitas, pois, Ó, ela é minha bonita e encantadora garota! Uma brancura demoníaca sob seus trapos rançosos. A ruela de Fumbally aquela noite: os odores do curtume.

*Branças as tuas mãos, rubra a tua boca*

*O teu corpo é tão belo e tão delicado.*

*Deita e dorme então comigo.*

*No beijo da noite, no abraço apertado.*

O que o barrigudo Aquino, *frate porcospino*, chama de deleitamento soturno. Antes da queda Adão copulava mas não gozava. Deixe ele então gritar: *teu corpo é tão delicado*. Linguagem nem um pouquinho pior do que a dele. Palavras de monge, contas-de-rosário que tagarelam sobre suas cinturas: palavrasenganadoras, pepitas duras tamborilam em seus bolsos.

Passando agora.

Um olhar de soslaio para o meu chapéu à Hamlet. Se eu estivesse de repente nu sentado aqui? Eu não estou. Através das areias do mundo inteiro, seguida pela espada flamejante do sol, ela migra, em direção a oeste, para as terras da noite. Ela arrasta, schleppa, traina, reboca, trascina sua carga. Uma maré que se estende para oeste atraída pela lua em seu rastro. Marés nela, com miríades de ilhas, sangue que não é o meu, *oinopa ponton*, um mar escuro como vinho. Contemple a serva da lua. No sono o sinal líquido lhe indica a sua hora, ordena que ela se levante. Leito nupcial, leito de parto, leito de morte, de velas espectrais. *Omnis caro ad te veniet*. Ele vem, o pálido vampiro, através da tempestade seus olhos, suas asas de morcego ensangüentando o mar, boca para o beijo da boca feminina.

Aqui. Anote isso, cara, está bem? Minhas tabuletas. Boca para o beijo dela. Não. É preciso duas delas. Que fiquem bem coladas. Boca para o beijo da boca feminina.

Os lábios dele tocaram e abocanharam os lábios descarnados do ar: a boca no ventre dela. 'entre, tumba que tudo entranha. A boca dele moldou o sopro que emanava, sem fala: ooihaha: rugido de planetas diluvianos, englobados, chamejantes, rugindo longelongoelongoelongo. Papel. As notas bancárias, raios as partam. A carta do velho Deasy. Aqui. Obrigado pela hospitalidade rasgue fora o final em branco. Virando as costas para o sol ele se inclinou sobre uma mesa de rocha e escreveu palavras. Esta já foi a

segunda vez que eu esqueci de pegar papeletas no balcão da biblioteca.

Sua sombra repousava sobre as rochas quando ele se inclinou, terminando. Por que não infundável até a estrela a mais distante? Elas estão ali sombrias por trás desta luz, escuridão brilhando na claridade, delta de Cassiopéia, mundos. Eu estar sentado ali com minha bengala como varinha de condão, de sandálias emprestadas, de dia, despercebido, ao lado de um mar lívido, na noite violeta caminhando sob o domínio de estrelas misteriosas. Eu me desfaço desta minha sombra circunscrita, forma humana inelutável e a chamo de volta. Interminável, seria minha, forma de minha forma? Quem me observa aqui? Quem jamais em algum lugar lerá estas palavras escritas? Sinais em um campo branco. Em algum lugar para alguém em sua voz a mais flautada. O bom bispo de Cloyne retirou o véu do templo de seu chapéu eclesiástico: véu do espaço com emblemas coloridos sombreados sobre a sua matéria. Segure firme. Colorido sobre uma superfície plana: sim, está certo. A superfície plana eu vejo, então pense em distância, perto, longe, o plano eu vejo, leste, atrás. Ah, veja agora! Cai para trás subitamente, rígido em estereoscópio. Um clique opera o truque. Você acha minhas palavras obscuras. A escuridão está em nossas almas você não acha? Mais aflutado. Nossas almas, feridas pela vergonha de nossos pecados se aferram ainda mais a nós, uma mulher se apega ao seu amante, mais e mais.

Ela confia em mim, sua mão suave, seus olhos de cílios longos. Agora com todos os diabos aonde eu a estou levando para além do véu? Para a modalidade inelutável da visualidade inelutável. Ela, ela, ela. Que ela? A virgem na vitrine de Hodges Figgis na segunda-feira procurando os livros de abecedário que você ia escrever. Você lançou a ela um olhar agudo. O pulso através da alça trançada da sombrinha dela. Ela vive no parque Leeson de desgosto e guloseimas, uma dama letrada. Conte isso para outro, Stevie: uma mulher fácil. Aposto que ela usa aquela praga de Deus de espartilho com ligas e meias compridas amarelas cerzidas bojudas de cerzido. Fale com ela sobre bolinhos de maçã, *piuttosto*. Onde é que está a sua esperteza?

Me acaricie. Olhos meigos. Mão macia macia macia. Eu estou sozinho aqui. Ó, me acaricie logo, agora. Qual é aquela palavra conhecida de todos os homens? Eu estou aqui quieto só. Triste também. Toque em mim, me acaricie.

Ele se deitou com o corpo estendido sobre as rochas pontiagudas, socando a nota escrevinhada e o lápis dentro do bolso, com seu chapéu cobrindo os olhos. Esse movimento que eu fiz é o mesmo de Kevin Egan, cabeceando para a sua soneca, na sesta de domingo. *Et vidit Deus. Et erant valde bona*. Halô! *Bonjour*. Seja bem-vindo como as flores em maio. Sob a aba do chapéu ele observou o sol que avançava para o sul através de seus cílios palpitantes de lúnulas. Eu estou preso nesta cena ardente. A hora de Pan, o meio-dia do fauno. Entre as plantasserpentes pesadas de goma, frutos gotejantes-de-leite, em cujas águas fulvas folhas se estendem amplamente. O sofrimento está longe.

*E basta de virar para o lado e meditar.*

Seu olhar se perdeu em suas botas de largosartelhos, os refugos de um cervo, *nebeneinander*. Ele contou as pregas do couro vincado em que o pé de um outro se aninhara aquecido. O pé que batera no chão em ritmo de tripudium, pé que eu desamo. Mas você ficou encantado quando seu pé entrou no sapato de Esther Osvalt: moça que eu conheci em Paris.

*Tiens, quel petit pied!* Amigo fiel, uma alma irmã: amor de Wilde que não ousa dizer seu nome. O braço dele: o braço de Cranly. Ele agora vai me abandonar. E a culpa de quem? Sou como sou. Como sou. Ou tudo ou nada.

Em longas laçadas vindas do lago Cock a água fluía copiosa, cobrindo de areia as lagoas verdedouradas, se elevando, jorrando. Minha bengala vai flutuar para longe. Eu vou esperar. Não, a água vai continuar passando, passando, se esfregando de encontro às rochas baixas, rodopiando, passando. É melhor terminar com este negócio rápido. Ouça: a linguagem de quatropalavras da onda: siisu, hrss, rsseeiss, uuus. Sopro veemente das águas entre serpentesmarinhas, cavalos corcoveantes, rochas. Nas cavidades das rochas ela salpica: sacode, salpica, bate: ricocheteando em tonéis. E, exausta, sua fala se extingue. Ela reflui, fluindo amplamente, poça-de-espuma flutuante, flor desabrochante.

Sob a maré que se ergue inflada ele viu as algas contorcidas se elevarem languidamente e balançarem os braços relutantes, erguendo seus saiotes, balançando e revirando suas tímidas copas prateadas na água sussurrante. Dia após dia: noite após noite: se ergueram, jorraram e se deixaram cair. Céus, elas estão cansadas e quando alguma coisa lhes é cochichada elas suspiram. Santo Ambrósio ouviu o suspiro das folhas e ondas, esperando, aguardando a plenitude de seus dias, *diebus ac noctibus iniurias patiens ingemiscit*. Reunidas sem nenhuma finalidade; em vão em seguida libertadas, jorrando para a frente, recuando para trás: tecelagem da lua. Também cansada aos olhos dos amantes, dos homens lascivos, uma mulher nua brilhando em sua corte, ela retira das águas um trabalho árduo para si.

Cinco braços ali. Umas boas cinco braços abaixo teu pai repousa. Ele disse: à uma hora. Encontrado afogado. Maré alta na barra de Dublin. Arrastando à sua frente um monte solto de detritos, um leque de cardume de peixes, de conchas disparatadas. Um cadáver branco de sal se erguendo na ressaca, um boto balançando passo a passo em direção à terra. Lá está ele. Enganche-o rápido. Puxe. Por mais afundado que ele esteja sob o solo da água. Nós o temos. Devagar agora.

Saco de gás cadavérico ensopado em salmoura infecta. Uma trepidação de barrigudinhos, gordura de um petisco esponjoso, jorra através das fendas da braguilha abotoada de sua calça. Deus se torna homem se torna peixe se torna bernaca se torna montanha de leito-de-penas. Sopros mortais eu respiro vivo, piso em pó morto, devoro os restos urinosos de todos os mortos. Arrastado rígido sobre a amurada ele exala para cima o odor fétido de sua sepultura verde, o orifício leproso de seu nariz ressonando para o sol.

Uma mudança do mar esta, olhos marrons azulados de sal. Morte no mar, a mais suave de todas as mortes conhecidas do homem. Velho Pai Oceano. *Prix de Paris*: cuidado com imitações. Faça você mesmo simplesmente um julgamento justo. Nós nos divertimos imensamente.

Vamos. Estou com sede. O céu está se cobrindo de nuvens. Nenhuma nuvem escura em parte alguma, será que há? Trovão de tempestade. Todoesplendoroso ele cai, o clarão orgulhoso do intelecto, *Lucifer, dico, qui nescit occasum*. Não. Meu chapéu de bico, meu bastão e delemeus sapatos assandalhados. Onde? Para terras noturnas. A noite vai se encontrar a si mesma.

Ele pegou o cabo de sua bengala, dando uma estocada com ela, brincando parado com ela. É isso aí, a noite vai se encontrar em mim, sem mim. Todos os dias completam o seu fim. Por falar nisso o próximo quando será. Terça-feira será o dia mais longo. De todo este ano novo feliz, mamãe, rataplan, plan, plan. Lawn Tennyson, cavalheiro poeta. *Già*. Para a velha megera de dentes amarelos. E monsieur Drumont, cavalheiro jornalista. *Già*. Meus dentes estão bem ruinzinhos. Por quê, eu me pergunto. Sinta. Este também se vai. Conchas. Eu me pergunto, será que eu devo ir ao dentista com este dinheiro? Aquele. Este. Kinch desdentado, o super-homem. Por que isso, eu me pergunto, ou talvez queira dizer alguma coisa?

Meu lenço. Ele o atirou. Eu me lembro. Eu não o apanhei?

Sua mão apalpou em vão os seus bolsos. Não, eu não apanhei. Melhor comprar um.

Ele colocou, cuidadosamente, a meleca seca que tirou de sua narina numa saliência da rocha. Quanto ao resto, quem quiser que veja.

Atrás. Talvez haja alguém.

Ele virou o rosto por sobre o ombro, olhando para trás. Movendo-se através do ar vergas elevadas de três mastros, com suas velas enfunadas nos vaus reais, um navio silencioso voltava para casa, corrente acima, movendo-se silenciosamente.



## Parte II

### 4

O Sr. Leopold Bloom comia com prazer os órgãos internos de aves e de outros animais. Ele gostava de uma sopa grossa de miúdos de aves, moela com nozes, um coração recheado assado, fatias de fígado fritas à milanesa, ovas de bacalhau tostadas. Mais do que tudo ele gostava de rins de carneiro grelhados que davam ao seu paladar um sabor refinado de urina ligeiramente perfumada.

Rins estavam em sua cabeça enquanto ele se movia mansamente pela cozinha, arrumando as coisas dela na bandeja corcovada. Havia na cozinha uma luz e um ar gélidos mas lá fora se estendia em toda parte uma suave manhã de verão. Fazia com que ele se sentisse um tanto faminto.

Os carvões estavam avermelhando.

Uma outra fatia de pão com manteiga: três, quatro: certo. Ela não gostava de seu prato cheio. Tudo bem. Ele deu as costas para a bandeja, levantou a chaleira da chapa de ferro da lareira e a pôs de lado no fogo. Ela ficou ali sentada, apática e acorada, com o bico projetado para fora. Uma xícara de chá logo. Bom. Boca seca.

A gata andou toda esticada com a cauda erguida em volta de uma das pernas da mesa.

– Minhau.

– Ah, você está aí – disse o Sr. Bloom, se virando de costas para o fogo.

A gata respondeu miando e toda esticada se aproximou rastejando miando novamente em volta de uma das pernas da mesa. Exatamente do jeito que ela rasteja em cima de minha escrivaninha. Ronron. Coce minha cabeça. Ron.

O Sr. Bloom observou, gentilmente inquisitivo, a forma negra flexível. Graciosa de ver: o brilho do seu pêlo lustroso, o botão branco sob a base de sua cauda, os olhos verdes cintilantes. Ele se inclinou para ela, com mãos apoiadas nos joelhos.

– Leite para a gatinha – disse ele.

– Minhau! – gritou a gata.

Eles as chamam de tolas. Elas entendem o que dizemos melhor do que nós as entendemos. Ela entende tudo que quer. Vingativa também. Cruel. A natureza dela. Curioso os camundongos não chamam nunca. Parecem gostar disso. Eu me pergunto o que é que eu pareço para ela. Altura de uma torre? Não, ela pode pular por cima de mim.

– Medo dos pintos ela tem – disse ele zombeteiramente. – Medo dos chukchuks. Eu nunca vi uma gatinha tão tola como essa gatinha.

– Miinhau! – gritou alto a gata.

Ela piscou para ele seus olhos ávidos a se fechar envergonhados, miando longa e queixosamente, mostrando para ele seus dentes brancos como leite. Ele observou as pupilas escuras se apertando de ganância até os olhos se tornarem duas pedras verdes. Em seguida ele foi até o aparador, pegou a jarra que o leiteiro de Hanlon acabara de encher para ele, derramou leite quente e espumoso em um pires que pôs lentamente no chão.

– Grru! – ela gritou, correndo para lambar.

Ele espreitou os bigodes dela brilhando metalicamente sob a luz fraca enquanto ela se inclinava três vezes e lambia ligeiramente. Eu me pergunto se é verdade que se cortarmos seus bigodes eles não podem mais depois caçar ratos. Por quê? Elas brilham no escuro, talvez, as pontas. Ou são uma espécie de antenas no escuro, talvez.

Ele escutou o barulhinho da lambida dela. Ovos e presunto, não. Ovos nada bons nesta estiagem. Precisam de água fresca pura. Quinta-feira: um dia nada bom para rim de carneiro do Buckley. Frito na manteiga, com um pouco de pimenta. Melhor um rim de porco do Dlugacz. Enquanto a chaleira está fervendo. Ela sorveu mais devagar, limpando então o pires com lambidas. Por que as línguas deles são tão ásperas? Para lambar melhor, todas de orifícios porosos. Nada que ela possa comer? Ele olhou à sua volta. Não.

Com suas botas rangendo discretamente ele subiu a escada que dava para o saguão e parou junto à porta do quarto. Talvez ela gostasse de alguma coisa saborosa. Ela gosta de manhã de fatias finas de pão com manteiga. Ainda assim quem sabe: uma vez ou outra.

Ele falou suavemente no saguão vazio:

– Eu vou dar um pulo na esquina. Estou de volta em um minuto.

E quando ouviu sua voz dizer isso ele acrescentou:

– Você quer alguma coisa para o café-da-manhã?

Uma voz sonolenta resmungou como resposta:

– Mnan.

Não. Ela não queria nada. Ele ouviu então um suspiro pesado e caloroso, mais suave, quando ela se virou na cama e as argolas de metal do enxergão soltas tilintaram. Tenho que mandar consertar essas coisas realmente. Que pena. Vindas de tão longe de Gibraltar. Ela esqueceu o pouco espanhol que sabia. Imagino o quanto o pai dela deu por isso. Estilo antigo. Ah sim! naturalmente. Comprou-a no leilão do governador. Consegui num lance curto. Duro na queda numa barganha, o velho Tweedy. Sim, senhor. Isso foi em Plevna. Eu vim de soldado raso a oficial, senhor, e me orgulho disso. Ainda assim ele tinha massa cinzenta suficiente para especular com selos. Ora isso era ver longe.

Sua mão pegou o chapéu no cabide por cima de seu sobretudo pesado com suas

iniciais e de sua capa de chuva de segunda mão do departamento de objetos perdidos. Selos: figuras com cola no verso. Aposto que muitos oficiais também estão por dentro disso. Naturalmente que estão. A inscrição gordurosa na copa interna do chapéu lhe lembrou silenciosamente: a alta categoria de Plasto, ora. Ele deu uma rápida olhadela dentro da tira de couro. Papelzinho branco. Bem seguro ali.

Na soleira da porta ele apalpou o bolso de trás em busca da chave de trinco. Nada ali. Na calça que eu suspendi. Tenho que pegá-la. A batata eu tenho. Armário rangente. Inútil perturbá-la. Ela se virou sonolentemente daquela vez. Ele puxou a porta do saguão atrás de si bem suavemente, mais, até que o rodapé da porta caiu gentilmente sobre a soleira, um tampo flácido. Parecia fechada. Está certo ao menos até eu voltar.

Ele atravessou para o lado ensolarado, evitando o alçapão da adega, solto, do número setenta e cinco. O sol estava se aproximando do campanário da igreja de São Jorge. Será um dia quente imagino. Especialmente nestas roupas pretas vou sentir mais. O preto conduz, reflete (será refrata?) o calor. Mas eu não podia ir com aquele terno claro. Fazer disso um piquenique. Suas pálpebras se afundaram mansamente várias vezes enquanto ele andava em meio à calidez aprazível. A caminhonete do pão de Boland entregando em bandejas o nosso de cada dia mas ela prefere pães dormidos pastéis tostados com a parte de cima quente. Faz você se sentir jovem. Em algum lugar no Oriente: cedo de manhã: partir de madrugada. Viajar por aí de frente pro sol, roubar um dia de marcha dele. Manter isso para sempre nunca ficar um dia sequer tecnicamente mais velho. Caminhar ao longo da praia, terra estranha, chegar ao portão de uma cidade, sentinela ali, velho soldado que também chegou a oficial, o bigode grande do velho Tweedy, se apoiando numa espécie de lança longa. Perambular através das ruas sombreadas de toldos. Rostos de turbantes passando. Grutas escuras como lojas de tapetes, homem grande, Turco o Terrível, sentado de pernas cruzadas, fumando um cachimbo espiralado. Gritos de vendedores nas ruas. Beber água perfumada com erva-doce e suco de frutas. Vagar o dia inteiro. Poderia encontrar um ou dois ladrões. Pois bem, encontrá-lo. Indo para o poente. As sombras das mesquitas entre os pilares: padre com um pergaminho enrolado. Um estremecer das árvores, sinal, o vento da noite. Eu sigo em frente. Céu dourado sumindo. Uma mãe me observa da soleira de sua porta. Ela chama seus filhos pra casa na linguagem obscura deles. Muro elevado: além tangem cordas. Céu noturno, lua, violeta, cor das novas ligas de Molly. Cordas. Ouça. Uma moça tocando um desses instrumentos como é que vocês os chamam: cítaras. Eu passo.

Provavelmente nem um pouco realmente desse jeito. Espécie de matéria que você lê: no rastro do sol. Refulgência do sol no título da página. Ele sorriu, num agrado a si mesmo. O que Arthur Griffith disse sobre o cabeçalho a respeito do líder do *Freeman*: um governo próprio se erguendo a noroeste vindo da alameda atrás do banco da Irlanda. Ele prolongou seu sorriso satisfeito. Um esperto toque judeu este: sol de autonomia se erguendo a noroeste.

Ele se aproximou do armazém de Larry O'Rourke. Partindo do respiradouro de grade do porão flutuava o jato fraco de cerveja. Através da porta aberta do bar jorravam bafos de gengibre, pó de chá, farinha de biscoito. Uma casa boa, no entanto: bem no final do tráfego da cidade. Por exemplo o armazém de M'Auley lá embaixo: nada bom como localidade. Naturalmente se criassem uma linha de bonde do mercado de gado ao cais ao longo do

Circular-Norte ia ser um tiro em termos de valorização.

Cabeça calva acima da veneziana. Velho astuto e esquisitão. Inútil cabalá-lo para um anúncio. Assim mesmo ele conhece melhor o seu negócio. Lá está ele, com toda a certeza, meu audacioso Larry, em manga de camisa apoiado na caixa de açúcar de olho no seu caixeiro que limpava com esfregão e balde de água. Simon Dedalus imita com a maior precisão seus olhos apertados. Você sabe o que eu vou lhe dizer? O que é isso, Sr. O'Rourke? Sabe de uma coisa? Os russos, eles seriam apenas um café de oito da manhã para os japoneses.

Pare e diga uma palavra: sobre o funeral quem sabe. Coisa triste a do pobre Dignam, Sr. O'Rourke.

Dobrando na rua Dorset ele disse com uma saudação vigorosa através da soleira da porta:

- Bom-dia, Sr. O'Rourke.
- Bom-dia para o senhor também.
- Um dia bonito, senhor.
- É isso tudo sim.

Onde eles conseguem o dinheiro? Caixeiros ruivos vindos do condado de Leitrim, enxaguando os recipientes vazios e guardando na adega os restos de bebida de um freguês. Então, veja e observe, eles florescem como Adam Findlater ou Dan Tallon. Pense então na competição. Sede geral. Um bom quebra-cabeça seria atravessar Dublin sem passar por um bar. Poupar isso eles não podem. Retirado dos bêbados talvez. Anotar três e levar cinco. O que é isso, um shilling aqui outro ali, em conta-gotas. Na venda por atacado talvez. Fazendo uma trapaça dupla com os caixeiros-viajantes. Elevem isso com o patrão e nós dividiremos o lucro, certo?

Quanto iria totalizar tirando isso por mês da cerveja? Digamos dez barris do troço. Digamos que ele retire dez por cento. Ou mais. Quinze. Ele passou pela escola Nacional São José. Gritaria dos fedelhos. Janelas abertas. Ar fresco ajuda à memória. Ou o ritmo. Abecê defgê kaelemen opequê erstuvê dabliu. São meninos eles? Sim. Inishturk. Inishark. Inishboffin. Na jografi deles. A minha. Monte Bloom.

Ele parou em frente à vitrine de Duglacz, olhando para as salsichas, chouriços, brancos e pretos. Quinze multiplicado por. Os números empalideceram em sua mente, sem solução: insatisfeito, ele os deixou sumir. Rolos reluzentes, abarrotados de recheio de carne moída, alimentavam seu olhar e ele inspirava tranqüilinho a exalação tépida de sangue de porco condimentado, cozido.

Um rim vertia gotas-de-sangue na travessa decorada de ramos de salgueiro: o último. Ele estava no balcão ao lado da moça sua vizinha. Será que ela ia comprar isso também, nomeando os itens de um pedaço de papel em sua mão? Áspera: água sanitária. E um quilo e meio de salsichas Denny. Os olhos dele repousaram nos quadris viçosos dela. Woods é o nome dele. Eu me pergunto o que ele faz. A mulher dele é velhota. Sangue novo. Nenhum pretendente permitido. Um par de braços fortes. Batendo com força um tapete no varal. E ela bate com força mesmo, por Deus. Do jeito que sua saia retorcida balança a cada batida forte.

O salsicheiro de olhos-de-fuinha dobrou, com dedos manchados de rosa-da-salsicha, as salsichas que ele tinha cortado. Carne de boa qualidade ali: como uma novilha engordada-

no-estábulo.

Ele pegou uma página da pilha de folhas cortadas: a fazenda modelo em Kinnereth à beira do lago de Tiberíades. Poderia se tornar um sanatório de inverno ideal. Moisés Montefiore. Eu achava que ele era. Casa de fazenda, cercada por um muro, gado indistinto pastando. Ele afastou a página de si: interessante: leia mais perto, o título, o indistinto gado pastando, a página farfalhando. Uma jovem novilha branca. Aquelas manhãs no mercado-degado, os animais mugindo em seus cercados, carneiros marcados a ferro, baque e queda de esterco, os criadores com botas ferradas, chafurdando no estrume, batendo com a palma no quarto traseiro de carne no ponto, essa está no auge, com uma vareta em estado bruto na mão. Ele segurou pacientemente a página inclinada, contendo seus sentidos e sua vontade, com o olhar suavemente pousado. A saia retorcida balançando, blam e blam e blam.

O salsicheiro agarrou duas folhas da pilha, embrulhou as salsichas de primeira dela e fez uma careta ruborizada.

– Ora vamos, minha senhorinha – disse ele.

Ela ofereceu uma moeda em pagamento, sorrindo impudente, estendendo seu pulso grosso.

– Obrigado, minha senhorinha. E um shilling e três pence de troco. Para a senhorinha, por favor.

O Sr. Bloom apontou rapidamente. Para alcançá-la e andar atrás dela se ela se movesse lentamente, atrás de suas ancas ondulantes. Primeira coisa agradável de se ver de manhã. Apresse-se, droga. Aproveitar a oportunidade. Ela estava de pé fora da loja sob a luz do sol e saracoteou preguiçosamente dobrando à direita. Ele suspirou pelo nariz: elas nunca compreendem. Mãos ásperasdesoda. Unhas dos pés encrostadas também. Escapulários marrons em frangalhos, defendendo-a de todos os lados. A picada da indiferença despertou um fraco prazer em seu peito. Ela era para um outro: um policial de folga abraçando-a em Eccles Lane. Elas gostam deles bem grandes. Salsicha de primeira. Ó por favor, Sr. Policial, eu estou totalmente perdida.

– Três pence, por favor.

A mão dele aceitou a glândula tenra e úmida e a enfiou no bolso do lado. Em seguida pegou três moedas do bolso da calça e as colocou sobre cilindros de borracha. Elas ficaram ali, foram lidas rapidamente e rapidamente deslizaram, disco por disco, dentro da gaveta da caixa registradora.

– Obrigado, senhor. Até a próxima vez.

Uma fâsca mínima de ansiedade dos olhos de raposa lhe agradeceu. Ele desviou o olhar depois de um instante. Não: melhor não: numa outra ocasião.

– Passe bem – disse ele, se afastando.

– Passe bem, senhor.

Nenhum sinal. Partiu. O que importa?

Andou de volta pela rua Dorset, lendo gravemente. Agendath Netaim: companhia de plantadores. Comprar extensões de terra deserta arenosa do governo turco e plantar eucaliptos. Excelente para sombra, combustível e construção. Pomares-de-laranjeiras e imensos campos de melão ao norte de Jaffá. Você paga oitenta marcos e eles plantam em mil

metros quadrados de terra oliveiras, laranjeiras, amendoeiras ou limoeiros. Oliveiras são mais baratas: laranjeiras precisam de irrigação artificial. Todo ano você recebe uma remessa da safra. Seu nome é incluído como proprietário para sempre no livro da união. Pode pagar dez por cento de entrada e o restante em prestações anuais. Bleibtreustrasse 34, Berlim, W. 15.

Não há nada a fazer. Ainda assim uma idéia por trás disso.

Ele olhou para o gado num halo de canícula prateada. Oliveiras salpicadas de prata. Dias tranqüilos e longos: podando, amadurecendo. As azeitonas são embaladas em frascos de vidro, não é? Ainda me restam algumas de Andrews. Molly as cuspiu. Sabe o gosto delas agora. Laranjas embrulhadas em papel de seda em caixotes. Limões também. Me pergunto se o pobre Citron ainda se encontra em Saint Kevin's Parade. E Mastiansky com sua velha cítara. Noites agradáveis tivemos então. Molly sentada na cadeira-de-vime de Citron. Agradável de segurar, fruto fresco e lustroso, de segurar na mão, de levar às narinas e sentir o perfume. Assim, pesado, adocicado, perfume forte. Sempre a mesma coisa, ano após ano. Eles renderam preços altos, me disse Moisel. Arbustus Place: Pleasants Street, velhos tempos agradáveis. Tem que ser sem nenhum defeito, disse ele. Vindo de tão longe: Espanha, Gibraltar, Mediterrâneo, o Levante. Caixotes enfileirados no cais de Jaffa, um camarada conferindo num livro, estivadores os manuseando descalços com macacões sujos. Ali está comovocêchama saído de. Como vai? Não vê. Um sujeito que você conhece só de cumprimento um pouco chato. Suas costas são como as daquele capitão norueguês. Me pergunto se vou encontrá-lo hoje. Carreta de regar. Para provocar chuva. Na terra como no céu.

Uma nuvem começou a cobrir o sol lentamente, totalmente. Cinza. Longe.

Não, não desse jeito. Uma terra estéril, nua deserta, lago vulcânico, o mar morto: nenhum peixe, nenhuma alga, afundado profundamente na terra. Nenhum vento podia elevar aquelas ondas, metal cinzento, águas nebulosas venenosas. Chamavam de enxofre a cair como chuva: as cidades da planície: Sodoma, Gomorra, Edom. Todos nomes mortos. Um mar morto numa terra morta, cinza e velha. Velha agora. Ela produziu a primeira raça, a mais antiga. Uma velha megera encurvada vindo de Cassidy atravessou, agarrando pelo pescoço uma garrafa com um pouco de licor. O povo mais antigo. Vagou bem longe por toda a terra, de cativo em cativo, se multiplicando, morrendo, nascendo em toda parte. Jazia ali agora. Agora não podia mais gerar. Morta: de uma mulher velha: a boceta cinzenta afundada do mundo.

Desolação.

Um horror cinzento crestou sua carne. Dobrando a página dentro de seu bolso ele virou em Eccles Street, se apressando em direção à casa. Óleos frios deslizaram por suas veias, enregelando seu sangue: a idade o incrustando com uma capa de sal. Bem, eu estou aqui agora. É sim, eu estou aqui agora. Boca da manhã imagens nocivas. Eu me levantei da cama com o pé esquerdo da cama. Preciso recomeçar aqueles exercícios Sandow. Deitado apoiado nas mãos. Casas de tijolos marrons manchados. O número oitenta ainda desalugado. Por que isso? Avaliado em apenas vinte e oito libras. Towers, Battersby, North, MacArthur: janelas do salão emplastradas de anúncios. Emplastos num olho ferido. Sentir o cheiro suave da fumaça do chá, a emanção da frigideira, a manteiga crepitante. Estar perto de sua carne abundante aquecida pela cama. Sim, sim.

Um breve raio de sol quente escapando de Berkeley Road, rapidamente, em sandálias elegantes, ao longo da calçada iluminada. Corre, ela corre ao meu encontro, uma moça de cabelos dourados ao vento.

Duas cartas e um cartão se encontravam no chão da sala de entrada. Ele se inclinou e os apanhou. Sra. Marion Bloom. Seu coração apressado diminuiu imediatamente as batidas. Mão atrevida. Sra. Marion.

– Poldy!

Entrando no quarto com os olhos semicerrados ele caminhou através da penumbra quente amarelada em direção à cabeça desgrenhada dela.

– Para quem são as cartas?

Ele as olhou. Mullingar. Milly.

– Uma carta para mim de Milly – disse ele cuidadosamente – e um cartão para você. E uma carta para você.

Ele pôs o cartão e a carta sobre a colcha de sarja perto da curva dos joelhos dela.

– Você quer que eu suspenda a veneziana?

Suspendendo a veneziana com suaves e equilibrados puxões ele olhou com o rabo dos olhos para o olhar que ela lançou à carta que enfiou debaixo do travesseiro.

– Assim basta? – perguntou ele, se virando.

Ela estava lendo o cartão apoiada em seus cotovelos.

– Ela recebeu as coisas – disse ela.

Ele esperou que ela pusesse o cartão de lado e se enroscasse lentamente de volta com um suspiro de reconforto.

– Apresse-se com aquele chá. Estou seca.

– A chaleira está fervendo – disse ele.

Mas ele se demorou arrumando a cadeira: a anágua listada dela, a roupa suja atirada: e pegou tudo com um braço pondo no pé da cama.

Enquanto ele descia a escada da cozinha ela chamou:

– Poldy!

– O quê?

– Escalde o bule de chá.

Em ebulição com toda a certeza: um rastro de vapor saindo do bico do bule. Ele escaldou e esvaziou o bule de chá e colocou dentro quatro colheres de chá bem cheias, inclinando então a chaleira para que a água escorresse nele. Tendo deixado o chá apurando ele retirou a chaleira e comprimiu bem a frigideira sobre os carvões em brasa e observou um bocado de manteiga deslizando e derretendo. Enquanto desembrulhava o rim a gata miava faminta enroscada nele. Dê carne demais e ela não caçará ratos. Dizem que eles não comem carne de porco. Koshner. Aqui. Ele deixou que o papel lambuzado de sangue caísse para ela e jogou o rim no molho crepitante de manteiga. Pimenta. Tirando-a de um porta-ovo lascado salpicou-a por entre os dedos à volta.

Em seguida abriu a carta, olhando-a de cima a baixo. Obrigada: novo gorro escocês com borla: Sr. Coghlan: piquenique no lago Owel: jovem estudante: moças da beira do mar de Blazes Boylan.

A infusão de chá estava pronta. Ele encheu, sorrindo, sua xícara-de-bigode, imitação barata de Derby. Presente de aniversário da Silly-Milly. Ela só tinha cinco anos então. Não, espere: quatro. Eu lhe dei o colar de âmbar prensado que ela partiu. Punha pedaços dobrados de papel marrom na caixa do correio para ela. Ele sorriu vertendo o chá.

*Ó, Milly Bloom, você é meu querubim.*

*Você me reflete no claro e na escuridão.*

*Prefiro ter você sem sequer um tostão*

*A ter Katey Keogh com seu asno e jardim.*

Pobre velho professor Goodwin. Caso antigo terrível. Ainda assim ele era um velho camarada cortês. Jeito antiquado que ele tinha de se inclinar diante de Molly quando ela se retirava da plataforma. E o espelhinho na sua cartola. Na noite em que Milly o trouxe para a sala de estar. Ó, olhem o que eu encontrei no chapéu do professor Goodwin! Nós todos rimos. O sexo despontando desde então nela. Coisinha espevitada que ela era.

Ele espetou o garfo no rim e o virou com força: em seguida ajustou o bule de chá na bandeja. Sua corcova se moveu aos solavancos quando ele a ergueu. Tudo nela? Pão e manteiga, quatro, açúcar, colher, seu creme. Sim. Ele a carregou escada acima, com o polegar enganchado na alça do bule.

Entreabrindo a porta com o joelho ele entrou com a bandeja e a colocou sobre a cadeira junto à cabeceira da cama.

– Como você demorou! – disse ela.

Ela fez o metal tilintar ao se erguer rapidamente, apoiando o cotovelo no travesseiro. Ele olhou calmamente para as formas roliças dela e para o espaço entre os seios grandes e macios, caídos dentro de sua camisola como as tetas de uma cabra. O calor de seu corpo reclinado se elevava no ar, mesclando-se com a fragrância do chá de que ela se servia.

Uma tira do envelope rasgado espreitava de debaixo do travesseiro ondulado. Prestes a partir ele ficou para esticar a colcha.

– De quem é a carta? – perguntou ele.

Mão atrevida. Marion.

– Ó, de Boylan – disse ela. – Ele vai trazer o programa.

– O que você vai cantar?

– *Là ci darem* com J. C. Doyle – disse ela – e *Love's Old Sweet Song*.

Os lábios grossos dela, bebendo, sorriam. Aquele incenso deixa no dia seguinte um pouco de cheiro de mofo. Como de água de flores podre.

– Você quer que eu deixe a janela um pouco aberta?

Dobrando uma fatia de pão na boca, ela perguntou:

– A que horas é o enterro?

– Às onze, eu penso – disse ele. – Eu não vi o jornal.

Acompanhando o dedo dela que apontava ele pegou da cama uma perna de sua calçola suja. Não? Então, uma liga cinzenta torcida enrolada em volta de uma meia: sola amarrotada, lustrosa.

– Não: aquele livro.

Outra meia. A anágua.



– Deve ter caído no chão – disse ela.

Ele apalpou aqui e ali. *Voglio e non vorrei*. Me pergunto se ela pronuncia isso direito: *voglio*. Na cama não. Deve ter escorregado para baixo. Ele se inclinou e levantou o dossel. O livro, caído, esparramado de encontro à protuberância do urinol com decoração grega homérica.

– Mostra aqui – disse ela. – Eu pus uma marca nele. Há uma palavra que não entendo e eu queria te perguntar.

Ela deu um gole no chá da xícara que ela segurava ignorando a asa e, tendo enxugado as pontas dos dedos elegantemente no cobertor, começou a procurar com o grampo de cabelo no texto até que alcançou a palavra.

– Metem psi o quê? – disse ele.

– Aqui – disse ela. – O que isso quer dizer?

Ele se inclinou para baixo e leu perto do polegar coberto de esmalte.

– Metempsicose?

– Sim. Quem é ele quando está em casa?

– Metempsicose – disse ele, franzindo as sobrancelhas. – É grego: do grego. Isso significa a transmigração das almas.

– Ó, droga! – disse ela. – Fale com palavras comuns.

Ele sorriu, olhando de soslaio para os olhos zombeteiros dela. Os mesmos olhos jovens. A primeira noite depois das charadas. Dolphin's Barn. Ele virou as páginas manchadas. *Ruby: o Orgulho do Ringue*. Alô. Ilustração. Italiano feroz com chicote-de-cocheiro. Deve ser Ruby orgulho de nu no chão. Lençol gentilmente oferecido. *O monstro Maffei desistiu e atirou sua vítima para longe de si com uma imprecisão*. Crueldade por trás de tudo. Animais dopados. Trapézio em Hengler's. Tinha de virar o rosto. O povo de boca aberta. Torça o seu pescoço e nos torceremos de rir. Famílias inteiras. Jovens se entregam a um trabalho árduo a fim de que se metempsicosem. Que nós vivemos depois da morte. Nossas almas. Que a alma de um homem depois que ele morre, a alma de Dignam..

– Você já o terminou? – perguntou ele.

– Sim – disse ela. – Não há nada de obsceno nele. Ela está apaixonada pelo primeiro camarada o tempo todo?

– Nunca o li. Você quer um outro?

– Sim. Traga um outro de Paul de Kock. Nome bonito que ele tem.

Ela pôs mais chá em sua xícara, observando de lado ele fluir.

Tenho que renovar aquele livro da biblioteca de Capel Street ou eles vão escrever para Kearney, meu fiador. Reencarnação: é essa a palavra.

– Algumas pessoas acreditam – disse ele – que nós continuamos a viver num outro corpo depois da morte, que nós vivemos antes. Eles chamam isso de reencarnação. Que nós todos vivemos antes na Terra milhares de anos atrás ou em outro planeta. Eles dizem que nós esquecemos isso. Alguns dizem que se lembram de suas vidas passadas.

O creme serpenteou lento em espirais coalhantes através do chá dela. Preferível lembrá-la da palavra: metempsicose. Um exemplo seria melhor. Um exemplo?

*O Banho da Ninfa* acima da cama. Doadada com o número de Páscoa da *Photo Bits*:

uma obra-prima esplêndida na arte das cores. Chá antes de pôr leite nele. Nada diferente dela com seu cabelo solto: mais magra. Eu dei três e seis pela moldura. Ela disse que ficaria bonito acima da cama. Ninfas nuas: Grécia: e por exemplo todas as pessoas que viveram então.

Ele virou as páginas para trás.

– Metempsicose – disse ele – é como os gregos a chamavam. Eles costumavam acreditar que a gente podia ser transformado num animal ou numa árvore, por exemplo. O que eles chamavam de ninfas, por exemplo.

A colher dela parou de mexer no açúcar. Ela olhou fixo em frente, inalando através de suas narinas arqueadas.

– Está cheirando a queimado – disse ela. – Você deixou alguma coisa no fogo?

– O rim! – gritou ele subitamente.

Ele acomodou o livro de qualquer jeito no seu bolso interior e, dando uma topada com os dedos dos pés contra a cômoda quebrada, saiu apressadamente em direção ao cheiro, descendo rapidamente a escada com pernas de uma cegonha agitada. Uma fumaça pungente se elevou com um jato raivoso de um lado da panela. Cutucando com um dente do garfo por baixo do rim ele o destacou e o virou de borco. Só um pouco queimado. E jogou-o então da panela num prato e deixou que o molho marrom reduzido gotejasse sobre ele.

Uma xícara de chá agora. Ele se sentou, cortou uma fatia de pão e passou manteiga nela. Separou a superfície queimada e a jogou para a gata. Em seguida pôs uma garfada na boca, mastigando com discernimento a carne maleável e saborosa. No ponto exato. Um gole de chá. Então ele cortou fora pedacinhos de pão, embebeu um no molho e o pôs na boca. Que história era aquela de um jovem estudante e de um piquenique? Desamassou a carta ao seu lado e a leu lentamente enquanto mastigava, embebendo um outro pedacinho de pão no molho e o levando à boca.

Meu querido paizinho

Obrigadíssima pelo lindo presente de aniversário. Ele ficou esplêndido em mim. Todos dizem que eu fico uma beldade com o novo gorro escocês. Eu recebi a bonita caixa de bombons de chocolate de leite de mamãe e estou escrevendo. Eles são muito saborosos. Estou me saindo muito bem no negócio de fotografia agora. O Sr. Coghlan tirou uma foto de mim com a Sra. Vou mandar quando reproduzida. Ontem foi um dia ótimo para os negócios. Um dia bonito e todas as mulheres de pernas grossas estavam presentes. Na segunda-feira nós vamos com alguns amigos a um piquenique informal no lago Owel. Dê meu carinho a mamãe e para você um grande beijo e obrigada. Eu os ouço tocando piano lá embaixo. No sábado vai haver um concerto no Greville Arms. Há um jovem estudante chamado Bannon que vem algumas noites aqui seus primos ou coisa que o valha são da alta e ele canta a canção de Boylan (eu estava prestes a escrever Blazes Boylan) sobre as moças à beira da praia. Diga-lhe que a Silly-Milly lhe manda lembranças. Tenho que terminar agora com todo o meu amor.

A filha que o ama

Milly

P.S. Desculpe a letra ruim estou apressada. Baibai.

M.

Quinze anos ontem. Curioso, dia quinze do mês também. Seu primeiro aniversário fora de casa. Separação. Eu me lembro da manhã de verão em que ela nasceu, correndo para bater na porta da Sra. Thornton em Denzille Street. Uma senhora idosa alegre. Ela deve ter contribuído para trazer ao mundo uma porção de bebês. Ela soube desde o início que o nosso pobre pequeno Rudy não viveria. Ora, Deus é bom, senhor. Ela soube imediatamente. Ele teria onze anos agora se tivesse vivido.

O rosto apático dele fixava compassivamente o pós-escrito. Desculpe a letra ruim. Pressa. Piano lá embaixo. Ela saindo da concha. A briga com ela no XL Café sobre a pulseira. Não queria comer os bolos ou falar ou olhar. Atrevidinha. Ele embebeu outros pedacinhos de pão no molho e comeu pedaço por pedaço do rim. Doze shillings e seis por semana. Não muito. Assim mesmo ela podia estar em situação pior. Palco de musical. Jovem estudante. Ele tomou um gole de chá mais frio para banhar sua refeição. Em seguida leu a carta novamente: duas vezes.

Ó, tudo bem: ela sabe como se cuidar. Mas se não? Não, não aconteceu nada. Naturalmente que poderia. De qualquer jeito espere até que aconteça. Uma peça agreste de mercadoria. Suas pernas finas subindo correndo a escada. Destino. Amadurecendo agora. Vaidosa: muito.

Ele sorriu com uma preocupação afetiva para a janela da cozinha. O dia em que a peguei beliscando as bochechas para torná-las vermelhas. Um pouco anêmica. Foi-lhe dado leite tempo demais. Aquele dia no *Rei de Erin* em volta do Kish. Miserável barco velho jogando de popa a proa. Nem um pouco amedrontada. Sua echarpe azul-clara solta ao vento com o seu cabelo.

*Com seus cachos e bochechas,  
Elas viram nossas cabeças.*

Moças da beira da praia. Envelope rasgado. Mãos enfiadas nos bolsos da calça, cocheiro com o dia livre, cantando. Amigo da família. *Viram* ele diz. Píer com lâmpadas, noite de verão, banda.

*Aquelas moças de se sonhar,  
Aquelas moças da beira-mar.*

Milly também. Beijos jovens: o primeiro. Bem longe agora o passado. Sra. Marion. Lendo, recostada agora, contando os fios de seus cabelos, sorrindo, trançando.

Um suave receio, tristeza, percorreu sua espinha dorsal, num crescendo. Vai acontecer, sim. Impedir. Inútil: não posso alterar nada. Lábios delicados e doces de moça. Vai acontecer também. Sentiu o receio fluindo espalhar-se sobre ele. Inútil alterar agora. Lábios beijados, beijando, beijados. Lábios grossos e pegajosos de mulher.

Melhor que esteja lá: longe. Ocupá-la. Queria um cachorro para passar o tempo. Podia viajar para lá. Feriado bancário de agosto, apenas duas e seis ida e volta. Seis semanas fora, no entanto. Podia cavar um passe de imprensa. Ou através de M' Coy.

A gata, tendo limpado todo o seu pêlo, voltou para o papel manchado de carne, cheirou-o e rastejou até a porta. Olhou de volta para ele, miando. Quer sair. Espere até que

uma porta em determinado momento se abra. Que ela espere. Fica inquieta. Elétrica. Tempestade no ar. Estava lavando sua orelha com o dorso também voltado para a lareira.

Ele se sentia pesado, cheio: então uma suave soltura de seus intestinos. Levantou-se, abrindo o cós da calça. A gata miou para ele.

– Miau – disse ele, em resposta. – Espere até eu terminar.

Indolência: dia quente se aproximando. Trabalho demais se esfalfar subindo a escada até o patamar.

Um jornal. Ele gostava de ler na privada. Espero que nenhum chato venha bater na porta justo na hora em que eu estiver.

Na gaveta da mesa ele encontrou um antigo número do *Titbits*. Dobrou-o e o pôs debaixo do braço, foi para a porta e a abriu. A gata subiu em saltos ágeis. Ah, queria ir lá para cima, enroscar-se como uma bola na cama.

Escutando, ele ouviu a voz dela:

– Venha, venha, gatinha. Venha.

Ele saiu pela porta dos fundos para o jardim: parou para escutar o que vinha do jardim vizinho. Nenhum som. Talvez estivesse pendurando roupas para secar. A empregada estava no jardim. Bela manhã.

Ele se inclinou para contemplar uma magra fileira de hortelãs crescendo muro acima. Fazer um quiosque aqui. Feijões escarlates. Trepadeiras da Virgínia. É preciso estrumar todo o lugar, solo ingrato. Uma camada escura de potássio e enxofre. Todo solo seria assim se não se adubasse. Restos domésticos. Barro, o que é que é isso afinal? As galinhas do jardim vizinho: seus excrementos são adubo de primeira. No entanto o melhor é o do gado, especialmente quando eles são alimentados com torta de linhaça. Excremento arenoso. Melhor coisa para limpar luvas de senhoras de pele de cabra. A sujeira limpa. Cinza também. Reformar todo o lugar. Plantar ervilha naquele canto ali. Alface. Ter sempre então verduras frescas. Ainda assim os jardins têm seus inconvenientes. Aquela abelha ou mosca-varejeira aqui na segunda-feira de Páscoa.

Ele continuou a andar. Por falar nisso, onde está o meu chapéu? Devo tê-lo posto de volta no cabide. Ou deixado no chão. Engraçado, eu não me lembro disso. Cabideiro cheio demais. Quatro guarda-chuvas, capa de chuva dela. Pegando as cartas. A campainha da loja Drago tocando. Esquisito eu estava justamente pensando naquele momento. Cabelo castanho-escuro com brilhantina sobre o colarinho dele. Acabou de ser lavado e escovado. Eu me pergunto se vou ter tempo para um banho esta manhã. Tara Street. O camarada da caixa registradora ali ajudou James Stephens a escapar, dizem. O'Brien.

Voz grave tem aquele camarada Dlugacz. Agendath o que é isso? Ora, minha senhorinha. Entusiasta.

Chutando ele abriu a porta rachada do sanitário. É bom ter cuidado para não sujar esta calça para o enterro. Ele entrou, abaixando a cabeça sob o lintel baixo. Deixando a porta entreaberta, em meio ao mau cheiro de caiação mofada e teias de aranha bolorentas ele arriou o suspensório. Antes de se sentar deu uma olhadela através de uma fenda para a janela do vizinho. O rei estava no seu escritório de contabilidade. Ninguém.

Acocorado no vaso sanitário ele abriu o jornal, virando as páginas sobre seus joelhos

nus. Alguma coisa nova e fácil. Nada de muita pressa. Retenhamos um pouco. Nosso prêmio titbit: *Golpe de mestre de Matcham*. Escrito pelo Sr. Philip Beaufoy, Clube dos Aficionados do Teatro, Londres. Pagamento na base de um guinéu por coluna foi feito ao escritor. Três e meia. Três libras e três. Três libras, treze e seis.

Tranqüilamente ele leu, se contendo, a primeira coluna e, cedendo mas resistindo, começou a segunda. No meio do caminho, sua última resistência cedeu, ele permitiu que seus intestinos se esvaziassem tranqüilamente enquanto ele lia, lendo ainda pacientemente aquela ligeira prisão de ventre da véspera tinha-se ido. Espero que não seja grande demais para não provocar novamente hemorróidas. Não, justo o tamanho. Assim. Ah! Prisão de ventre. Um tablete de cáscara-sagrada. A vida devia ser assim. Isso não o agitava nem o emocionava mas era alguma coisa rápida e limpa. Imprima qualquer coisa agora. Estação tola. Ele continuou a ler sentado calmamente sobre o seu próprio cheiro que se elevava. Limpo certamente. *Matcham pensa freqüentemente no golpe de mestre por meio do qual conquistou a feiticeira risonha com quem agora*. Começa e termina moralmente. *De mãos dadas*. Esperto. Ele olhou para trás para o que tinha lido e, enquanto sentia a urina fluir tranqüilamente, invejava brandamente o Sr. Beaufoy que tinha escrito isso e recebido pagamento de três libras, treze e seis.

Podia arranjar um esquete. Pelo Sr. e a Sra. L. M. Bloom. Inventar uma história para algum provérbio. Qual? Houve tempo em que eu costumava tentar rabiscar no meu punho o que ela dizia ao se vestir. Não gosto que nos vistamos juntos. Me cortei ao me barbear. Ela mordendo o lábio inferior, ao enganchar a abertura de sua saia. Marcando o tempo dela. 9:15. Roberts já lhe pagou? 9:20. O que Gretta Conroy estava usando? 9:23. O que me fez comprar este pente? 9:24. Estou inchada depois daquele repolho. Um grão de pó na bota de verniz dela: esfregando vivamente de cada vez cada dobra da bota de encontro à barriga da perna com meia. Manhã depois da dança do bazar quando a banda de May tocou a dança das horas de Ponchielli. Explique-se isso: horas da manhã, meio-dia, então o entardecer chegando, então horas da noite. Ela lavando os dentes. Aquela foi sua primeira noite. Sua cabeça dançando. Seu leque clicando ao fechar. Esse tal de Boylan está bem de vida? Ele tem dinheiro. Por quê? Eu reparei que ele exala um cheiro bom da sua boca ao dançar. Não adianta cantarolar então. Aluda a isso. Tipo estranho de música naquela última noite. O espelho estava na sombra. Ela esfregou seu espelho de mão rapidamente na sua roupa de lã de encontro ao seio roliço e balouçante. Espreitando para dentro dele. Rugas nos seus olhos. De uma forma ou de outra não ia dar resultado.

Horas crepusculares, moças em gaze cinza. Horas noturnas então: pretume com punhais e máscaras nos olhos. Idéia poética: rosa, e então dourado, e então cinza, e então preto. Ainda assim, fiel à realidade também. Dia: e então a noite.

Ele rasgou com força metade da história premiada e se limpou com ela. Em seguida suspendeu a calça, pôs o suspensório e se abotoou. Puxou a porta desconjuntada do sanitário e saiu da penumbra para o ar livre.

Na luz clara, com os membros frios e leves, ele olhou cuidadosamente para sua calça preta: as extremidades, os joelhos, os jarretes dos joelhos. A que horas é o enterro? Melhor verificar no jornal.

Um rangido e um zunido sombrio bem alto no ar. Os sinos da igreja de São Jorge. Eles soaram a hora: elevado ferro escuro.

*Haiho! Haiho!*

*Haiho! Haiho!*

*Haiho! Haiho!*

Um quarto para. Lá vai novamente: o som concomitante prosseguindo através do espaço. Um terceiro.

Pobre Dignam!

## 5

Com um andar compassado o Sr. Bloom caminhou ao longo dos caminhões do cais de sir John Rogerson, passando por Windmill Lane, Leask o esmagador de linhaça, o prédio dos Correios e Telégrafo. Podia ter dado este endereço também. E passou pelo Abrigo do Marinheiro. Deixou para trás os ruídos matinais da beira do cais e enveredou pela Lime Street. Perto dos chalés um menino coletor de lixo estava refestelado, com o balde de refugo seguro por uma corda, fumando um coto de cigarro mastigado. Uma menina menor com cicatrizes de eczema na testa olhava para ele, segurando apaticamente sua argola de barril amassada. Diga pra ele que se ele fumar não crescerá. Ó deixe ele em paz! Sua vida não é lá esse mar de rosas. Esperando do lado de fora dos bares para trazer o pai pra casa. Vem pra casa pra mãe, pai. Hora de inatividade: não haverá muitas ali. Ele atravessou Townsend Street, passou em frente à fachada rebarbativa de Bethel. El, sim: casa de: Aleph, Beth. E por Nichols o agente funerário. É às onze. Tempo suficiente. Acho que Corny Kelleher se apossou do emprego para O'Neill. Canta com os olhos fechados. Corny. Encontrei com ela uma vez no parque. No escuro. Que achado. Um informante da polícia. Seu nome e endereço ela me deu então com meu patibum patibum bum, bum. Ó, certamente ele o abateu. Enterrá-lo barato num comosechama. Com meu patibum, patibum, patibum, patibum.

Em Westland Row ele parou diante da vitrine da Companhia de Belfast de Chá Oriental e leu os rótulos dos pacotes de papel laminado: mistura requintada, a mais alta qualidade, chá da família. Muito calor. Chá. Tenho que conseguir um de Tom Kernan. Não poderia pedir-lhe isso no enterro, contudo. Enquanto seus olhos ainda liam brandamente ele tirou o chapéu aspirando serenamente o óleo do seu cabelo e pousando sua mão com lenta elegância sobre sua testa e cabelo. Manhã muito quente. Sob suas pálpebras caídas seus olhos encontraram a pequenina dobra da carneira de couro do seu chap de qualidade superior. Bem ali. Sua mão direita desceu até dentro da copa do chapéu. Seus dedos encontraram rapidamente um cartão atrás da carneira e o transferiram para o bolso do seu colete.

Tanto calor. Sua mão direita passou de novo mais lentamente sobre sua testa e cabelo. Ele pôs então novamente o chapéu, aliviado: e leu de novo: mistura requintada, feita das melhores marcas do Ceilão. O Oriente distante. Lugar encantador deve ser: o jardim do mundo, folhas grandes preguiçosas a flutuar à volta, cactos, campinas floridas, cipós sinuosos

assim os chamam. Me pergunto se é realmente assim. Aqueles cingaleses perambulando à volta sob o sol num *dolce far niente*, não fazendo absolutamente nada o dia inteiro. Dormem seis meses de doze. Calor excessivo para se brigar. Influência do clima. Letargia. Flores da ociosidade. O ar alimenta a maioria. Azotes. Estufa em Jardins Botânicos. Plantas sensitivas. Nenúfares. Pétalas cansadas demais para. Doença do sono no ar. Caminhar sobre pétalas de rosas. Imagine tentar comer tripa e mocotó. Onde é que estava aquele camarada que eu vi naquele quadro em algum lugar? Ah, sim, no mar morto flutuando de costas, lendo um livro com um guarda-sol aberto. Não poderia afundar mesmo que você tentasse: tão espesso de sal. Porque o peso da água, não, o peso do corpo na água é igual ao peso de quê? Ou é o volume que é igual ao peso? É uma lei ou coisa no gênero. Vance no ginásio estalando os dedos, ensinando. O currículo do colégio. Currículo estalejante. O que é realmente peso quando você diz o peso? Trinta e dois pés por segundo por segundo. Lei da queda dos corpos: por segundo por segundo. Eles todos caem no chão. A Terra. É a força de gravidade da Terra que é o peso.

Ele virou em direção contrária e vagou pela rua. Como ela andava com suas salsichas? Desse jeito mais ou menos. Enquanto andava ele pegou o *Freeman* dobrado do seu bolso do lado, desdobrou-o, enrolou-o no seu comprimento como um bastão e bateu com ele na sua perna-de-calça a cada passo saracoteante. Ar descuidado: só dei uma passada para ver. Por segundo por segundo. Por segundo quer dizer cada segundo. Do meio-fio ele lançou um olhar penetrante através da porta do correio. Tarde demais para retirada das cartas das caixas. O correio aqui. Ninguém. Entrar.

Ele estendeu o cartão através da grade de metal.

– Há alguma carta para mim? – perguntou.

Enquanto a funcionária do correio procurava no escaninho ele olhou para o pôster de recrutamento de soldados de todas as armas em parada: e levou a ponta do bastão até as narinas, cheirando a tinta fresca do pedaço de jornal. Nenhuma resposta provavelmente. Fui longe demais da última vez.

A funcionária estendeu de volta através da grade o cartão com uma carta. Ele agradeceu e olhou rapidamente para o envelope batido à máquina.

Henry Flower Esq.  
c/o P. O. Westland Row  
City.

De qualquer forma respondeu. Ele enfiou o cartão e a carta no seu bolso do lado, revendo de novo os soldados em parada. Onde está o regimento do velho Tweedy? Soldado rejeitado. Ali; barretina de pele e penacho de pluma. Não, ele é um granadeiro. Punhos pontudos. Lá está ele: fuzileiros do Royal Dublin. Casacosvermelhos. Chamativos demais. Deve ser por isso que as mulheres vão atrás deles. Uniforme. Mais fácil de alistar e treinar. Carta de Maud Gonne para tirá-los da O'Connell Street à noite: uma desgraça para nossa capital irlandesa. O jornal de Griffith está com a mesma norma de ação agora: um exército podre com doença venérea: império ultramarino ou de embriagados. Parecem meio sazoados: como hipnotizados. Olhos fixos. Marcando o passo. Gamela: ela. Penacho: acho. Propriedade do rei. Nunca o vi vestido de bombeiro ou de policial. De maçom, sim.

Ele se retirou do prédio do correio e dobrou à direita. Falar: como se isso

consertasse as coisas. Sua mão entrou no bolso e um dedo indicador apalpou por baixo da aba do envelope, rasgando aos trancos ao abri-lo. Às mulheres pouco se lhes dá, creio. Seus dedos arrancaram a carta e amassaram o envelope em seu bolso. Alguma coisa presa com um alfinete: uma foto talvez. Cabelo? Não.

M' Coy. Ficar livre dele rápido. Tirar-me do meu caminho. Detesto companhia quando se.

– Alô, Bloom. Para onde você está indo?

– Alô, M' Coy. Nenhum lugar em particular.

– Como vai essa força?

– Ótimo. E você como vai?

– Só me mantendo vivo – disse M' Coy.

Com os olhos na gravata e na roupa preta ele perguntou em tom respeitoso:

– Há algum... nenhum problema espero? Vejo que você está...

– Ó, não – disse o Sr. Bloom. – Pobre Dignam, você sabe. O enterro é hoje.

– É isso aí, pobre homem. É mesmo. A que horas?

Uma foto não é. Um emblema talvez.

– Oonze – respondeu o Sr. Bloom.

– Eu vou tentar ir lá – disse M' Coy. – Onze, é isso não? Eu só soube ontem à noite.

Quem foi mesmo que me disse? Holohan. Você conhece Hoppy?

– Conheço.

O Sr. Bloom olhou para o outro lado da rua para o cabriolé parado diante da porta do hotel Grosvenor. O porteiro içou a valise no porta-bagagem. Ela ficou parada, aguardando, enquanto o homem, marido, irmão, como ela, procurava um trocado em seus bolsos. Tipo elegante de casaco com aquela gola alta, quente para um dia como aquele, parece um cobertor. Posição descuidada a dela com suas mãos naqueles bolsos de malha. Como aquela criatura altiva na partida de pólo. As mulheres são todas a favor do sistema de classes até que se acerte no alvo. É bonito e faz bonito. Reservadas prestes a se render. A honrada Sra. e Brutus é um homem honrado. Possua-a uma vez e retire o formalismo dela.

– Eu estive com Bob Doran, em uma de suas bebedeiras periódicas, e como você o chama Bantam Lyons. Estivemos justamente ali no bar de Conway.

Doran e Lyons no Conway. Ela ergueu uma mão enluvada até seus cabelos. Chegou o Hoppy. Tomando um trago. Inclinando a cabeça para trás e olhando para longe por entre as pálpebras abaixadas ele viu a pele castanho-clara brilhar no clarão, debruns engalonados. Posso ver claramente hoje. Talvez a umidade à volta permita uma visão de longa distância. Falando de uma coisa ou de outra. Mão de dama. De que lado ela vai se erguer?

– E ele disse: *Que coisa triste aquela do nosso pobre amigo Paddy! Que Paddy?*, disse eu. *O pobrezinho do Paddy Dignam*, disse ele.

De partida para o campo: Broadstone provavelmente. Botas marrons de cano alto com os cadarços balançando. Pé bem torneado. Por que ele está alvoroçado com esse trocado? Me vê olhando. Sempre de olho em outro homem de reserva. Boa recuada. Para ela dois coelhos de uma só cajadada.

– *Por quê?*, disse eu. *O que há de errado com ele?*, disse eu.



Altiva: rica: meias de seda.

– Sim – disse o Sr. Bloom.

Ele andou um pouco para o lado da cabeça falante de M’Coy. Vai se levantar dentro de um minuto.

– *O que há de errado com ele?*, disse ele. *Está morto*, disse. E, por certo, ele encheu a cara. *O Paddy Dignam?*, disse eu. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Eu estive com ele na sexta-feira passada ou quinta no Arco. *Sim*, disse ele: *É sim. Ele se foi. Morreu na segunda-feira, pobre rapaz.*

Atenção! Atenção! Um lampejo de fina meia de seda branca. Atenção!

Um pesado bonde buzinando a sineta girou no meio.

Perdi. Maldito seja o seu nariz arrebitado e barulhento. Sente-se trancado do lado de fora. Paraíso e espírito benfazejo. Sempre acontece desse jeito. No momento exato. A moça na entrada de Eustace Street na segunda-feira estava ajeitando a liga. Sua amiga cobrindo a exibição da *Esprit de corps*. Ora, por que você está aí embasbacado?

– Sim, sim – disse o Sr. Bloom depois de soltar um suspiro desanimado. – Um outro se foi.

– Um dos melhores – disse M’Coy.

O bonde passou. Eles partiram em direção à ponte de Loop Line, sua bela mão enluvada no cabo de metal. Tremular, tremular: o brilho de renda do seu chapéu ao sol: tremular, tremor.

– Sua mulher está bem, suponho – disse M’Coy com voz mudada.

– Está, sim – disse o Sr. Bloom. – Excelente, obrigado.

Ele desenrolou o bastão de jornal indolentemente e leu indolentemente:

*O que é um lar sem  
Carne enlatada de Plumtree?  
Incompleto.  
Com ela uma moradia feliz.*

– Minha cara-metade acabou de receber uma proposta de contrato. Pelo menos ainda não foi firmada.

A tática da valise novamente. Por falar nisso nenhum problema. Estou fora disso, obrigado.

O Sr. Bloom voltou seus olhos de longas pálpebras com afabilidade morosa.

– Minha mulher também – disse ele. – Ela vai cantar num negócio de alta esfera em Ulster Hall, Belfast, no dia vinte e cinco.

– É mesmo? – disse M’Coy. – Alegra-me ouvir isso, meu velho. Quem está pondo isso de pé?

Sra. Marion Bloom. Ainda não está em pé. A rainha estava no seu quarto comendo pão com. Nenhum livro. Figuras sebatas de baralho estavam espalhadas ao longo de sua coxa em grupos de sete. Dama morena e homem louro. Carta. Gata como uma bola de pêlo negro. Pedacinho rasgado de envelope.

*Velha.*

*Doce.*

*Canção.*

*De amor.*

*Vem velha doce...*

– É uma espécie de *tour*, entendeu – disse o Sr. Bloom pensativamente. – *Doooce canção*. Há um comitê formado. Parte é repartida e parte é lucro.

M’Coy acenou com a cabeça, puxando o bigode ralo.

– Ó, tudo bem – disse ele. – Isso é uma boa notícia.

Ele se moveu para ir.

– Ora, é um prazer vê-lo em boa forma. Encontrá-lo perambulando.

– Sim – disse o Sr. Bloom.

– Por falar nisso – disse M’Coy. – Você poderia assinar o meu nome no enterro, está bem? Eu gostaria de ir mas é possível que eu não consiga, você sabe. Pode ser que um caso de afogamento em Sandycove venha à tona e então o médico-legista e eu teremos de ir para lá se o corpo for encontrado. Você só põe o meu nome se eu não estiver lá, está bem?

– Eu farei isso – disse o Sr. Bloom, se preparando para partir. – Está combinado.

– Certo – disse M’Coy vivamente. – Obrigado, meu velho. Eu iria se realmente pudesse. Bem. Até a vista. Só C. P. M’Coy basta.

– Isso será feito – respondeu o Sr. Bloom firmemente.

Não me pegou desprevenido esse velho truque. O toque rápido. Alvo delicado. Gostaria do meu trabalho. Valise pela qual tenho um xodó especial. Couro. Cantos reforçados, bordas pregadas, fechadura de segurança com duplo ferrolho. Bob Cowley lhe emprestou a dele para o concerto das regatas de Wicklow o ano passado e nunca mais teve notícias dela desde esse bendito dia.

Vagando em direção a Brunswick Street, o Sr. Bloom sorriu. Minha cara-metade acabou de receber uma. Soprano sardenta esganiçada. Focinho de sovina. Bastante boa a seu modo: para uma pequena balada. Sem energia na voz. Você e eu, sabe: no mesmo barco. Bajulador. Dá nervosismo, isso dá. Será que ele não ouve a diferença? Acho que ele está um pouco propenso desse jeito. Um tanto a contragosto. Pensava que Belfast o buscaria. Espero que aquele surto de varíola lá não piore. Suponhamos que ela não se deixe vacinar de novo. Sua mulher e minha mulher.

Eu me pergunto será que ele está me espionando?

O Sr. Bloom ficou de pé na esquina, com os olhos percorrendo os cartazes multicoloridos. Jinjibirra de Cantrell e Cochrane (aromática). Saldo de verão de Clery. Não, ele vai prosseguir em frente. Alô. *Leah* hoje à noite. Sra. Bandman Palmer. Gostaria de vê-la de novo nisso. Ela fez o papel de Hamlet na noite passada. Personificadora masculina. Talvez ele fosse uma mulher. Por que Ofélia cometeu suicídio. Pobre papai! Como ele costumava falar de Kate Bateman nesse papel. Do lado de fora do Adelphi em Londres esperou toda a tarde para entrar. Isso foi um ano antes de eu nascer: sessenta e cinco. E Ristori em Viena. Como é mesmo o nome certo? É de Mosenthal. *Rachel*, não é? Não. A cena de que ele sempre falava em que o velho cego Abraham reconhece a voz e põe seus dedos na face dele.

A voz de Nathan! A voz de seu filho! Eu ouço a voz de Nathan que deixou seu pai morrer de desgosto e de tristeza em meus braços, que deixou a casa de seu pai e deixou o

Deus de seu pai.

Todas as palavras são tão profundas, Leopold.

Pobre papai! Pobre homem! Fico feliz de não ter entrado no quarto para olhar para o seu rosto. Aquele dia! Ó Deus! Ó Deus! Ffuu! Bem, talvez tenha sido melhor para ele.

O Sr. Bloom deu a volta na esquina e passou pelos pôneis curvados da estação de carros. Não adianta pensar mais nisso. Hora do embornal. Gostaria de não ter encontrado aquele camarada M' Coy.

Ele se aproximou e ouviu um mastigar de aveia dourada, os dentes suavemente triturando. Seus olhos saciados de cervo o olharam enquanto ele passava, por entre o doce cheiro forte de aveia da urina dos cavalos. O Eldorado deles. Pobre ignorância! Dane-se tudo que sabem ou que tem importância para eles com seus focinhos longos enfiados em embornais. Tão cheios que não dá para expressar em palavras. Ainda assim eles sem dúvida recebem sua comida e lugar para dormir. Castrados também: um coto de guta-percha preta balançando flácido entre as ancas. Podiam ser felizes mesmo assim daquele jeito. Parecem ser bons os pobres animais. No entanto seu relinchar pode ser muito irritante.

Ele tirou a carta do bolso e a dobrou dentro do jornal que carregava. Podia esbarrar nela aqui. A ruela é mais segura.

Passou diante do abrigo de cocheiro. Curiosa a vida de se deixar levar dos cocheiros. Toda sorte de tempo, todos os lugares, toda hora ou o desembarcar dos passageiros, nenhuma vontade própria. *Voglio e non*. Gosto de lhes dar um cigarro avulso. Sociáveis. Gritam algumas sílabas apressadas quando passam. Ele cantarolou.

*Là ci darem la mano*

*La la lala la la.*

Ele dobrou em Cumberland Street e, dando alguns passos, parou no abrigo do muro da estação. Ninguém. O depósito de madeira de Meade. Vigas empilhadas. Ruínas e cortiços. Com passo cuidadoso passou por cima de uma quadra de amarelinha com sua esquecida pedradeapanhar. Não é um pecador. Perto do depósito de madeira uma criança agachada jogando bola de gude, sozinha, atirando a bola com o polegar entre os dedos. Uma gata sábia, uma esfinge a piscar, observava de sua soleira quente. Pena perturbá-los. Maomé cortou um pedaço de seu manto para não a acordar. Abra-a. E uma vez eu joguei bola de gude quando fui para a escola daquela velha senhora. Ela gostava da *mignonette*. Sra. Ellis. E Sr.? Ele abriu a carta dentro do jornal.

Uma flor. Acho que é uma. Uma flor amarela com pétalas achatadas. Não está aborrecida então? O que ela diz?

Querido Henry,

Eu recebi a sua última carta para mim e lhe agradeço muito por isso. Sinto muito que você não tenha gostado da minha última carta. Por que você incluiu os selos? Estou muito zangada com você. Eu realmente gostaria de poder puni-lo por isso. Eu o chamei de menino levado porque não gosto daquele outro planeta. Por favor me diga qual é o sentido verdadeiro daquela palavra? Você não é feliz em sua casa pobrezinho do meu menininho levado? Eu realmente

gostaria de fazer alguma coisa por você. Por favor diga o que você pensa da pobre de mim. Frequentemente penso no nome bonito que você tem. Querido Henry, quando vamos nos encontrar? Eu penso em você tanto que você não tem idéia. Nunca me senti tão atraída por um homem como você. Eu me sinto tão mal a respeito. Por favor me escreva uma carta longa e me conte mais. Lembre-se que se você não fizer eu vou puni-lo. Então agora você sabe o que vou fazer com você, seu menino levado, se você não escrevia. Ó como eu desejo o encontrar. Henry querido, não negue o meu pedido antes que minha paciência fiquem exaustas. Então eu lhe contarei tudo. Adeus agora, meu querido levado, estou com tanta dor de cabeça. hoje. e escreva *pela volta* à sua ansiosa

Martha

P.S. Diga-me sem falta que tipo de perfume sua mulher usa. Eu quero saber.

x x x x

Ele arrancou a flor gravemente de seu alfinete cheirou sua quase ausência de perfume e a colocou em seu bolso do coração. Linguagem das flores. Elas gostam disso porque ninguém pode ouvir. Ou um buquê envenenado para derrubá-lo. Então caminhando lentamente para adiante ele leu de novo a carta, murmurando aqui e ali uma palavra. Tulipas zangadas com você querido homemflor castigam seu cacto se você não agrada a pobre miosótis como eu anseio violetas para as queridas rosas quando nós em breve encontrarmos anêmona a toda picante dulcamara mulher perfume de Martha. Tendo lido ela toda ele a retirou do jornal e a pôs de volta no bolso lateral.

Alegria tênue entreabriu seus lábios. Mudou desde a primeira carta. Me pergunto se ela mesma a tinha escrito. Se fazendo de indignada: uma moça de boa família como eu, caráter respeitável. Podia encontrar um domingo depois do rosário. Obrigado: não tendo nada. Usual rixa de amor. Em seguida flertando nas esquinas. Tão ruim quanto uma briga com Molly. Charuto tem um efeito refrescante. Narcótico. Vou mais longe na próxima vez. Menino levado: punir: medo das palavras, naturalmente. Brutal, por que não? Tente de qualquer forma. Um pouco de cada vez.

Tocando ainda com os dedos a carta em seu bolso ele retirou o alfinete dela. Um alfinete comum, hein? Atirou-o na rua. Tirado de algum lugar das roupas dela: alfinetadas juntas. Estranho o número de alfinetes que elas sempre têm. Nenhuma rosa sem espinhos. Vozes de Dublin de sotaque vulgar vociferavam em sua cabeça. Aquelas duas prostitutas aquela noite em Coombe, de braços dados na chuva.

*Ó, Mary perdeu o alfinete de sua calçola.*

*Ela não sabia o que fazer*

*Para mantê-la em cima,*

*Para mantê-la em cima.*

Ela? Elas. Que tremenda dor de cabeça. Tem suas rosas provavelmente. Ou sentada o dia inteiro batendo à máquina. Foco ocular ruim para nervos do estômago. Que perfume sua mulher usa? Ora é possível entender uma coisa dessas?

*Para mantê-la em cima.*

Marta, Maria. Eu vi aquele quadro em algum lugar que eu esqueço agora de um velho mestre ou falsificado por dinheiro. Ele está sentado na casa delas, conversando. Misterioso.

Também as duas prostitutas em Coombe escutariam.

*Para mantê-la em cima.*

Tipo gostoso de sensação da noite. Basta de vagar. Só se recoste aqui: crepúsculo silencioso: deixe tudo amadurecer. Esqueça. Fale sobre os lugares em que você esteve, costumes estranhos. Aquela outra, a jarra na cabeça, estava preparando a ceia: frutas, azeitonas, água fresca deliciosa tirada do poço, friadepedra como o buraco no muro em Ashtown. Preciso levar um copo de papel na próxima vez que eu for às corridas de pôneis. Ela escuta com olhos grandes escuros e suaves. Conte a ela: mais e mais: tudo. Então um suspiro: silêncio. Longo longo longo descanso.

Andando embaixo do arco da estrada de ferro ele tirou o envelope, rasgou-o prontamente em pedaços e os espalhou pela rua. Os pedaços esvoaçaram para longe, afundaram no ar escuro: um esvoaçar branco, então tudo afundou.

Henry Flower. Pode-se rasgar um cheque de cem libras da mesma maneira. Simples pedaço de papel. Lorde Iveagh certa vez descontou um cheque de setealgarismos de um milhão no banco da Irlanda. Mostra o dinheiro a ser extraído da cerveja. Assim mesmo o outro irmão lorde Ardilaun tem que mudar de camisa quatro vezes por dia, dizem. A pele produz piolhos ou vermes. Um milhão de libras, espere um minuto. Dois *pence* uma caneca, quatro *pence* um quarto, oito *pence* um galão de cerveja comum, não, um e quatro *pence* um galão de cerveja comum. Um e quatro em vinte: cerca de quinze. Sim, exatamente. Quinze milhões de barris de cerveja comum.

O que é que estou dizendo barris? Galões. Cerca de um milhão de barris mesmo assim.

Um trem que chegava retiniu fortemente acima de sua cabeça, vagão após vagão. Barris se chocaram em sua cabeça: cerveja insípida entornou e fez espuma dentro. As bocas dos barris saltaram abertas e uma enorme torrente sombria escoou, fluindo junto, serpenteando através das extensões de terra lamacentas por toda a terra plana, uma preguiçosa espiral empoçante de bebida carregando consigo flores de pétalas largas para fora de sua espuma.

Ele atingira a porta dos fundos aberta da igreja de Todos os Santos. Entrando no pórtico retirou o chapéu, pegou o cartão do bolso e o meteu de novo atrás da carneira de couro. Maldito seja. Eu podia ter tentado cantar M' Coy por um bilhete para Mullingar.

O mesmo aviso na porta. Sermão pelo muito reverendo John Conmee S. J. sobre São Peter Claver S. J. e a Missão Africana. Orações pela conversão de Gladstone também havia quando ele estava quase inconsciente. Os protestantes são a mesma coisa. Converta Dr. William J. Walsh D. D. à verdadeira religião. Salve milhões da China. Me pergunto como eles explicam isso para os chinas pagãos. Preferem uma libra de ópio. Celestiais. Grosseira heresia para eles. Buda o deus deles deitado de lado no museu. Não se afobando com a mão debaixo do rosto. Varetas de incenso queimando. Não como *Ecce Homo*. Coroa de espinhos e cruz. Idéia genial o trevo de São Patrício. Pauzinhos dos chineses comerem? Conmee: Martin Cunnigham o conhece: aparência distinta. Uma pena que eu não passei uma conversa nele para que Molly entrasse para o coro em vez daquele padre Farley que parecia um tolo mas não era. A eles é ensinado isso. Ele não irá sair de óculos escuros com o suor saindo pelos poros para batizar negros, não é? Os óculos iam agradar a fantasia deles, brilhando. Gostaria de vê-los

sentados à volta num círculo com lábios grossos, escutando, extasiados. Vida mansa. Eles absorvem gostosamente como leite, suponho.

O cheiro frio da pedra sagrada o chamava. Ele pisou nos degraus gastos, empurrou a porta de vaivém e entrou suavemente por trás.

Alguma coisa acontecendo: alguma irmandade. Pena tão vazia. Lugar agradável e discreto para se estar ao lado de uma moça. Quem é meu próximo? Forçado pela hora a tornar lenta a música. Aquela mulher na missa de meia-noite. Sétimo céu. Mulheres ajoelhadas nos bancos com fitas carmesins em volta do pescoço, cabeças curvadas. Um grupo ajoelhado perto das grades do altar. O padre passou por elas, murmurando, segurando a coisa em suas mãos. Parou em cada uma, tirou uma comunhão, sacudiu uma gota ou duas (elas estão na água?) e a pôs com precisão em sua boca. O chapéu e a cabeça dela baixaram. Então a próxima. Seu chapéu baixou imediatamente. Em seguida a próxima: uma mulher velha e pequena. O padre se inclinou para a pôr em sua boca, murmurando o tempo todo. Latim. A próxima. Feche seus olhos e abra sua boca. O quê? *Corpus*: corpo. Cadáver. Boa idéia o latim. Entorpece-as primeiro. Asilo para os moribundos. Elas não parecem mastigá-la: apenas engoli-la. Idéia estranha: comendo pedacinhos de um cadáver. Ora os canibais concordam com isso.

Ele ficou de lado observando suas máscaras cegas passarem pela nave lateral, uma a uma, e procurarem seus lugares. Aproximou-se de um banco e se sentou na ponta, afagando seu chapéu e jornal. Esses potes nós temos que usar. Devíamos ter os chapéus modelados em nossas cabeças. Elas estavam à volta dele aqui e ali, com as cabeças ainda inclinadas em suas fitas carmesins, esperando que ela derretesse em seus estômagos. Uma coisa assim como aquele *mazzoth*: é aquela espécie de pão: pão ázimo para proposição. Olhe para elas. Agora aposto que isso faz elas se sentirem felizes. Pirulito. Faz. Sim, é chamado pão dos anjos. Há uma grande idéia por trás disso, espécie de sentimento de reino de Deus está dentro você. Primeiros comungantes. Charlatanismo um penny por pedaço. Então se sentem todos como uma festa de família, o mesmo que no teatro, todos na mesma situação. Eles sentem. Tenho certeza disso. Não tão solitários. Em nossa confraria. Então saem um pouco embriagados. Soltam para fora a energia. O negócio é se você realmente acredita nisso. Cura de Lourdes, esquecimento, e a aparição de Knock, estátuas sangrando. Homem velho dormindo perto do confessionário. Daí esses roncos. Fé cega. Sãos e salvos nos braços de venha a nós o reino. Embala toda dor. Acordem a esta hora no ano que vem.

Ele viu o padre guardar a taça da comunhão, bem dentro, e se ajoelhar um instante diante dela, mostrando uma sola grande cinza de bota por baixo do negócio de renda que ele vestia. Imagine se ele perdesse o alfinete de seu. Ele não ia saber o que fazer. Um ponto calvo atrás. Letras nas suas costas I.N.R.I? Não: I.H.S. Molly me disse certa vez em que eu lhe perguntei. Ignorado hipocritamente sobrevivi: ou não: ignorado humildemente sofri, é isso. E o outro? Inocente nazareno rapaz infeliz.

Encontrar num domingo depois do rosário. Não negue o meu pedido. Surgir com um véu e uma bolsa preta. Penumbra e a luz por trás dela. Ela podia estar aqui com uma fita em volta do pescoço e fazer a outra coisa ainda assim às escondidas. O caráter deles. Aquele homem que passou de cúmplice a testemunha de acusação contra os invencíveis ele costumava receber a, o nome dele era Carey, a comunhão toda manhã. Esta mesma igreja. Peter Carey,

sim. Não, Peter Claver eu estou pensando em Denis Carey. E imagine só isso. Mulher e seis filhos em casa. E tramando aquele assassinato o tempo todo. Esses carolas, ora esse é um nome bom para eles, há sempre alguma coisa matreira na aparência deles. Eles também não são homens de negócio honestos. Ó, não, ela não está aqui: a flor: não, não. Por falar nisso, será que eu rasguei aquele envelope? Sim: embaixo da ponte.

O padre estava enxaguando o cálice: em seguida ele bebeu de um trago o resto rapidamente. Vinho. Torna mais aristocrático do que por exemplo se ele bebesse o que eles estão acostumados a cerveja Guinness ou alguma bebida amarga de festa dublinense de Wheatley ou jinjibirra de Cantrell e Cochrane (aromática). Não lhes dá nem um pouco dele: vinho de proposição: só o outro. Grande consolo. Fraude piedosa mas bem certa: de outro modo eles teriam um velho beberrão pior do que qualquer outro que viesse, suplicando por uma bebida. Estranha toda a atmosfera de. Inteiramente certo. Perfeitamente certo é isso.

O Sr. Bloom olhou para trás em direção ao coro. Não vai haver nenhuma música. Pena. Quem toca o grande órgão aqui eu me pergunto? O velho Glynn sabia como fazer o instrumento falar, o *vibrato*: cinqüenta libras por ano dizem que ele recebia em Gardiner Street. Molly estava com uma voz ótima naquele dia, o *Stabat Mater* de Rossini. Primeiro o sermão do padre Bernard Vaughan. Cristo ou Pilatos? Cristo, mas não nos retenha a noite toda com isso. Era a música que eles queriam. O movimento dos pés tinha cessado. Podia se ouvir um alfinete cair. Eu tinha dito para ela entoar a voz na direção daquele ângulo. Eu podia sentir a vibração no ar, o máximo, as pessoas olhando para cima:

*Quis est homo.*

Algo daquela antiga música sagrada é esplêndido. Mercadante: as sete últimas palavras. A décima segunda missa de Mozart: *Gloria* nela. Aqueles papas antigos eram interessados em música, em arte e estátuas e quadros de toda sorte. Palestrina por exemplo também. Eles tiveram um passado alegre enquanto durou. Saudável também, salmodiando, horário regular, em seguida a fermentação de licores. Benedictine. Green Chartreuse. No entanto, tendo eunucos em seu coro o que estava ficando um pouco excessivo. Que tipo de voz é essa? Deve ser curioso ouvir depois seus próprios baixos profundos. *Connoisseurs*. Suponhamos que eles não sintam nada depois. Espécie de um plácido. Nenhuma preocupação. Eles engordam, não é? Glutões, altos, pernas longas. Quem sabe? Eunuco. Uma maneira de se sair bem.

Ele viu o padre se inclinar e beijar o altar e então fazer meia-volta e abençoar todas as pessoas. Todos se benzeram e se levantaram. O Sr. Bloom lançou um olhar à sua volta e então se levantou, olhando acima dos chapéus erguidos. Levantar-se no evangelho, naturalmente. Então todos se ajoelharam novamente e ele se sentou tranqüilamente no banco. O padre desceu do altar, segurando a coisa longe de si, e ele e o coroinha responderam um ao outro em latim. Então o padre se ajoelhou e começou a ler num cartão:

– Ó Deus, nosso refúgio e nossa força...

O Sr. Bloom esticou o rosto para pegar as palavras. Inglês. Atire o osso para eles. Eu me lembro ligeiramente. Há quanto tempo desde sua última missa? Virgem gloriosa e imaculada. José, seu esposo. Pedro e Paulo. Mais interessante se você entendesse do que se tratava. Maravilhosa organização certamente, funciona como um relógio. Confissão. Todo

mundo quer. Então eu vou lhe dizer tudo. Penitência. Puna-me, por favor. Grande arma na mão deles. Mais do que médico ou advogado. Mulher morrendo para. E eu chchchch. E você fez chachachachacha? E por que você fez? Olhe para o anel dela para encontrar uma desculpa. Sussurrando as paredes da galeria têm ouvidos. Marido descobre para sua surpresa. A piadinha de Deus. Então ela sai. Arrependimento superficial. Vergonha encantadora. Rezar no altar. Ave Maria e Santa Maria. Flores, incenso, velas derretendo. Esconder seus rubores. Exército da Salvação imitação ruidosa. Prostituta convertida vai conduzir o encontro. Como eu encontrei o Senhor. Camaradas criteriosos devem ser aqueles em Roma: eles organizam todo o espetáculo. E eles não acumulam dinheiro também? Doações também: para o P. P. por enquanto com sua absoluta discrição. Missas públicas a serem rezadas com as portas abertas para o descanso de minha alma. Monastérios e conventos. O padre no banco das testemunhas naquele caso de testamento de Fermanagh. Nada de intimidá-lo. Ele tinha sua resposta preparada para tudo. Liberdade e exaltação de nossa santa madre igreja. Os doutores da igreja: eles fizeram um levantamento de toda a teologia dela.

O padre rezou:

– Abençoado Miguel, arcanjo, defenda-nos na hora da luta. Seja nossa salvaguarda contra a maldade e as armadilhas do demônio (possa Deus detê-lo, humildemente rogamos!) e tu, Ó príncipe da hoste celestial, pelo poder de Deus lança Satanás no inferno e com ele aqueles outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para desgraça das almas.

O padre e o coroinha se levantaram e saíram. Tudo terminado. As mulheres permaneceram atrás: dando graças.

É melhor ir abrindo caminho. Irmão Bisbilhoteiro. Venha com o prato de coleta talvez. Cumpra seu dever pascoal.

Ele se levantou. Alô. Estavam esses dois botões do meu colete abertos o tempo todo? As mulheres sentem prazer com isso. Nunca lhe dizem. Mas nós. Desculpe, senhorita, há um (whh!) apenas um (whh!) argueiro. Ou a saia delas atrás, abertura da saia desenganchada. Aparições momentâneas da lua. Aborrecidas se você não. Por que você não me disse antes. No entanto preferem você desarrumado. Que bom que não foi mais ao sul. Ele passou, abotoando discretamente, pela nave lateral e saiu através da porta principal para a claridade. Ficou um momento sem ver junto à bacia de mármore preta e fria enquanto à sua frente e atrás duas devotas mergulhavam mãos furtivas na quantidade reduzida de água benta. Bondes: um carro da tinturaria Prescott: uma viúva em seu traje de luto. Noto porque também estou de luto. Ele se cobriu. Como anda o tempo? Passou de um quarto. Tempo bastante ainda. Melhor mandar preparar aquela loção. Onde é isso? Ah sim, a última vez. Sweny na praça Lincoln. Farmacêuticos raramente se mudam. Seus frascos verde e ouro são pesados demais para se mover. Hamilton Long, fundado no ano da inundação. Cemitério huguenote perto dali. Visitar algum dia.

Ele caminhou em direção ao sul ao longo de Westland Row. Mas a receita está na outra calça. Ó, eu esqueci a chave de trinco também. Uma amolação o negócio desse enterro. Tudo bem, pobre rapaz, não é culpa dele. Quando é que eu mandei preparar pela última vez? Espere. Eu troquei um soberano eu me lembro. Deve ter sido o primeiro dia do mês ou o segundo. Ó, ele pode verificar no livro de prescrições.



O farmacêutico virou página após página. Ele parecia exalar um cheiro areento e seco. Cérebro minguado. E velho. Busca da pedra filosofal. Os alquimistas. Drogas envelhecem você depois de excitação mental. Letargia então. Por quê? Reação. Uma vida toda numa noite. Altera gradualmente seu caráter. Viver o dia inteiro entre ervas, unguentos, desinfetantes. Todos os vasos-de-lírio dele de alabastro. Argamassa e pilão. Aq. Dist. Fol. Laur. Te Virid. O cheiro quase nos cura como a campainha da porta do dentista. Doutor Charlatão. Ele devia se medicar um pouco. Eletuário ou emulsão. O primeiro sujeito que colheu uma erva para se curar teve um bocado de coragem. Os simplórios. Precisam ser cuidadosos. Material aqui suficiente para nos cloroformizar. Teste: tornam vermelho o papel de tornassol azul. Clorofórmio. *Overdose* de láudano. Bebidas para dormir. Filtros de amor. Elixir paregórico ruim para tosse. Bloqueia os poros ou a fleuma. Venenos as únicas curas. Remédio onde você menos espera. Inteligente por parte da natureza.

– Cerca de quinze dias atrás, senhor?

– Sim – disse o Sr. Bloom.

Ele esperou junto ao balcão, inalando lentamente o cheiro forte e desagradável das drogas, o cheiro seco e poeirento das esponjas e lufas. O tempo que se leva contando suas dores e sofrimentos.

– Óleo de amêndoa doce e tintura de benjoim – disse o Sr. Bloom – e então água de flor de laranjeira...

Isso certamente tornava sua pele tão delicada branca como cera.

– E cera branca também – disse ele.

Ressalta a cor escura de seus olhos. Olhando para mim, com o lençol puxado até os olhos, espanhola, se cheirando, enquanto eu fixava as abotoaduras em meus punhos. Essas receitas caseiras são freqüentemente as melhores: morangos para os dentes: urtiga e água da chuva: mingau de aveia dizem embebido em leite. Alimento da pele. Um dos filhos da velha rainha, duque da Albânia era isso? tinha apenas uma pele. Leopold, sim. Nós temos três. Verrugas, joanetes e espinhas para piorar. Mas você quer um perfume também. Que perfume sua? *Peau d'Espagne*. Essa água de flor de laranjeira é tão fresca. Cheiro gostoso têm esses sabonetes. Puro sabonete de coalho. Hora de tomar um banho lá na esquina. Hamman. Turco. Massagem. Sujeira fica enroscada em seu umbigo. Mais gostoso se uma bela moça o fizesse. Também penso eu. Sim eu. Fazê-lo no banho. Desejo curioso eu. Água para a água. Combinar negócio com prazer. Pena sem tempo para massagem. Sentir-me fresco então o dia inteiro. Enterro vai ser bastante taciturno.

– Sim, senhor – disse o farmacêutico. – Isso foi dois e nove. O senhor trouxe uma garrafa?

– Não – disse o Sr. Bloom. – Prepare-a, por favor. Eu virei buscá-la mais tarde e vou levar um desses sabonetes. Quanto é que custam?

– Quatro pence, senhor.

O Sr. Bloom ergueu um sabão até suas narinas. Doce cera limonada.

– Eu levo este – disse ele. – Isso faz três e um penny.

– Sim, senhor – disse o farmacêutico. – O senhor pode pagar tudo junto, quando voltar.

– Muito bem – disse o Sr. Bloom.

Ele vagou para fora da loja, com o bastão de jornal debaixo da axila e o sabonete fresco e embrulhado na mão esquerda.

Junto à sua axila a voz e a mão de Bantam Lyons disseram:

– Alô, Bloom. Qual é a melhor notícia? Esse é de hoje? Mostre-me um minuto.

Raspou o bigode de novo, por Deus! Lábio superior longo e frio. Para parecer mais jovem. Ele tem de verdade um aspecto balsâmico. Mais moço do que eu.

Os dedos amarelos de unhas escuras de Bantam Lyons desenrolaram o bastão. Precisa de um banho também. Tirar fora a sujeira desagradável. Bom-dia, você usou o sabonete Pear? Caspa nos seus ombros. Couro cabeludo precisa levar um óleo.

– Eu quero ver o que diz sobre aquele cavalo francês que corre hoje – disse Bantam Lyons. – Onde o patife se meteu?

Ele fez as páginas dobradas farfalharem, sacudindo o queixo sobre o colarinho alto. Ânسيا de barbeiro. Colarinho apertado ele vai perder o cabelo. Melhor deixar que ele fique com o jornal e me livrar dele.

– Você pode ficar com ele – disse o Sr. Bloom.

– Ascot. Grande prêmio. Espere – murmurou Bantam Lyons. – Só um mi. No máximo o segundo.

– Eu o ia jogar fora – disse o Sr. Bloom.

Bantam Lyons ergueu os olhos subitamente e olhou fracamente de soslaio.

– O que é isso? – disse sua voz estridente.

– Eu disse que você pode ficar com ele – respondeu o Sr. Bloom. – Eu o ia jogar fora naquele momento.

Bantam Lyons hesitou um instante, olhando de soslaio: em seguida empurrou as folhas estendidas de volta nos braços do Sr. Bloom.

– Vou arriscá-lo – disse ele. – Tome, obrigado.

Partiu a toda velocidade em direção à esquina de Conway. Vai com Deus seu tratante.

O Sr. Bloom dobrou as folhas novamente num quadrado caprichado e acomodou o sabonete dentro, sorrindo. Lábios imbecis os daquele camarada. Apostando. Uma fonte costumeira disso ultimamente. Meninos mensageiros roubando para apostar seis pence. Rifa de um peru grande macio. Seu jantar de Natal por três pence. Jack Fleming deu desfalque para jogar em seguida partiu às escondidas para a América. Tem um hotel agora. Eles nunca voltam. Vida de luxo do Egito.

Ele caminhou alegremente para a mesquita dos banhos. Lembra uma mesquita, telhas vermelhas, os minaretes. Esportes de colégio hoje estou vendo. Olhou para o cartaz de ferradura acima do portão do parque do colégio: ciclista dobrado como um bacalhau numa panela. Anúncio danado de ruim. Agora se o tivessem feito redondo como uma roda. Depois os raios da roda: esporte, esporte, esporte: e o eixo grande: colégio. Alguma coisa para atrair o olhar.

Ali está Hornblower de pé no alojamento do porteiro. Mantenha-o à mão: com um aceno ele pode deixar você dar uma volta por ali. Como vai, Sr. Hornblower? Como vai, senhor?

Um tempo realmente divino. Se a vida fosse sempre assim. Tempo de críquete. Sentam-se por aqui debaixo dos guarda-sóis. Um serviço após o outro. Fora. Eles não podem jogar aqui. Seis escores nulos de um batedor. Ainda assim capitão Culler quebrou uma janela no clube da Kildare Street com um golpe violento contra a posição defensiva. A feira de Donnybrook faz mais o estilo deles. E as cabeças que nós estávamos quebrando quando M'Carthy começou a dançar. Onda-de-calor. Não vai durar. Está sempre passando, o fluxo da vida, aquilo que traçamos no fluxo da vida nos é mais caro doo que tudo o mais.

Desfrute um banho agora: uma tina de água limpa, esmalte frio, o jorro tépido e suave. Este é o meu corpo.

Ele anteviu seu corpo pálido totalmente reclinado nela, nu, num útero de calor, untado de um sabonete líquido perfumado, suavemente banhado. Viu seu tronco e membros, limão-amarelo, cobertos pela água ondulada e por ela sustentados, boiar ligeiramente: seu umbigo, broto de carne: e viu os cachos escuros emaranhados de seu tufo flutuando, cabelo flutuante da corrente em volta do pai flácido de milhares, uma lânguida flor flutuando.

## 6

Martin Cunningham, primeiro, meteu sua cabeça de cartola na carruagem rangente e, entrando habilmente, se sentou. O Sr. Power entrou depois dele, curvando sua estatura com cuidado.

– Venha, Simon.

– Depois do senhor – disse o Sr. Bloom.

O Sr. Dedalus se cobriu rapidamente e subiu, dizendo:

– Sim, sim.

– Estamos todos aqui agora? – perguntou Martin Cunningham. – Venha, Bloom.

O Sr. Bloom entrou e se sentou no lugar vago. Puxou a porta atrás de si e bateu com ela duas vezes até que ficasse bem fechada. Passou um braço através da correia e olhou gravemente da janela aberta da carruagem para as persianas abaixadas da avenida. Uma puxada para o lado: uma mulher idosa espreitando. Nariz branco de tão achatado de encontro à vidraça. Agradecendo aos céus por ter ficado incólume. Extraordinário o interesse que têm em um cadáver. Contentes em nos ver partir nós lhes damos tanto trabalho ao chegar. A tarefa parece lhes convir. Secretamente nos cantos. Patinham nos chineloshelepe com medo que ele acorde. Então o aprontam. Vestem o defunto. Molly e a Sra. Fleming fazendo a cama. Puxe mais para o seu lado. Nossa mortalha. Nunca sabemos quem vai tocar em nós quando mortos. Lavam corpo e cabelo. Creio que aparam as unhas e o cabelo. Guardam um pouco num envelope. Crescem mesmo assim depois. Trabalho sujo.

Todos esperavam. Nada foi dito. Arrumando as coroas provavelmente. Estou sentado numa coisa dura. Ah, aquele sabonete: no meu bolso detrás. Melhor mudá-lo dali. Esperar por uma oportunidade.

Todos esperavam. Então ouviu-se o som de rodas vindo da frente, virando: então mais próximas: em seguida patas de cavalos. Um sacolejão. A carruagem deles começou a se mover, rangendo e balançando. Outras patas e rodas rangentes começaram a ser ouvidas atrás. As persianas da avenida passaram e o número nove com a argola coberta de crepe da porta entreaberta. Andando a passo.

Eles esperaram imóveis, os joelhos sacudindo, até que viraram e seguiram ao longo dos trilhos dos bondes. Tritonville Road. Mais rapidamente. As rodas chocalhavam ao rolar por sobre a estrada de paralelepípedo e os vidros enlouquecidos vibravam chocalhando nos alizares das portas.

– Por que caminho ele está nos levando? – perguntou o Sr. Power através de ambas as janelas.

– Irishtown – disse o Sr. Cunningham. – Ringsend. Brunswick Street.

O Sr. Dedalus acenou com a cabeça, olhando para fora.

– Esse é um ótimo costume antigo – disse. – Estou feliz em ver que não desapareceu.

Todos observaram por algum tempo através das janelas bonés e chapéus erguidos por passantes. Respeito. Na altura de Watery Lane a carruagem se desviou do trilho do bonde para

tomar uma rua mais suave. O Sr. Bloom à espreita viu um rapaz esbelto, vestido de luto, com um chapéu de aba larga.

– Lá se foi um amigo seu, Dedalus – disse ele.

– Quem é?

– Seu filho e herdeiro.

– Onde ele está? – disse o Sr. Dedalus, se estirando para a janela oposta.

A carruagem, passando por bueiros abertos e montes de pedras da rua fendida diante das moradias, deu uma guinada na esquina e, se desviando de volta para o trilho do bonde, deslizou ruidosamente com rodas trepidantes. O Sr. Dedalus caiu para trás, dizendo:

– Aquele cafajeste do Mulligan estava com ele? Seu *fidus Achates*!

– Não – disse o Sr. Bloom. – Ele estava sozinho.

– Lá com sua tia Sally, suponho – disse o Sr. Dedalus –, a facção Goulding, o contadorzinho bêbado e Crissie, o torrãozinho de esterco do papai, a filha sábia que conhece seu próprio pai.

O Sr. Bloom sorriu tristemente em Ringsend Road. Wallace Bros: o fabricante de garrafas: ponte Dodder.

Richie Goulding e a sacola legal. Goulding, Collis e Ward ele denomina a firma. Suas piadas estão ficando um pouco chochas. Uma grande figura ele era. Valsando em Stamer Street com Ignatius Gallaher num domingo de manhã, com dois chapéus da senhoria pregados em sua cabeça. Fora na baderna toda a noite. Está começando a denunciá-lo agora: aquela dor nas costas dele, eu receio. A mulher massageando suas costas. Pensa que vai se curar com pílulas. Todas migalhas de pão que elas são. Cerca de seiscentos por cento de lucro.

– Ele está andando com uma turma sórdida – rosnou o Sr. Dedalus. – Esse Mulligan segundo todos dizem é um desgraçado desordeiro aferrado e pervertido. Seu nome tem má fama em toda Dublin. Mas com a ajuda de Deus e de Sua santa mãe eu vou me encarregar de escrever um desses dias uma carta à mãe dele ou à sua tia ou o que quer que ela seja que vai abrir seus olhos tão grandes quanto uma cancela. Eu vou comichar o traseiro dele, acredite em mim.

Ele gritou acima do estrépito das rodas:

– Eu não vou permitir que o bastardo do sobrinho dela destrua meu filho. O filho de um caixeirinho qualquer. Vendendo cadaço na loja de meu primo, Peter Paul M'Swiney. Não vou mesmo.

Ele cessou. O Sr. Bloom, sacudindo seriamente a cabeça, lançou um olhar de seu bigode raivoso para o rosto brando do Sr. Power e para os olhos e barba de Martin Cunningham. Homem voluntarioso barulhento. Empolgado com seu filho. Ele está certo. Alguma coisa para transmitir. Se o pequeno Rudy tivesse vivido. Vê-lo crescer. Ouvir sua voz dentro de casa. Andando ao lado de Molly com uniforme de Eton. Meu filho. Eu em seus olhos. Sentimento estranho seria. De mim. Apenas uma chance. Deve ter sido naquela manhã no Raymond Terrace ela estava na janela, observando os dois cachorros fazendo aquilo junto ao muro do deixar de fazer o mal. E o sargento sorrindo para cima. Ela estava com aquele vestido creme com o rasgão que ela nunca coseu. Vamos transar, Poldy. Meu Deus, estou morrendo de vontade. Como a vida começa.

Ficou barriguda então. Teve de recusar o concerto de Greystones. Meu filho dentro dela. Eu poderia tê-lo ajudado a progredir na vida. Poderia. Torná-lo independente. Aprender alemão também.

– Estamos atrasados? – perguntou o Sr. Power.

– Dez minutos – disse Martin Cunningham, olhando para o relógio.

Molly. Milly. A mesma coisa atenuada. Suas imprecações de garoto levado. Ó Júpiter saltador! Ó deuses e peixinhos! Assim mesmo, ela é uma menina amada. Em breve será uma mulher. Mullingar. Queridíssimo papaizinho. Jovem estudante. Sim, sim: uma mulher também. Vida, vida.

A carruagem se inclinou pra frente e pra trás, seus quatro troncos balançando.

– Corny podia ter nos fornecido um aparato mais cômodo – disse o Sr. Power.

– Poderia – disse o Sr. Dedalus –, se não tivesse aquela sovinice a perturbá-lo. Vocês me entendem?

Fechou o olho esquerdo. Martin Cunningham começou a varrer para longe migalhas de pão de debaixo de suas coxas.

– Em nome de Deus – disse ele –, o que é isso? Migalhas?

– Alguém parece ter feito um piquenique aqui recentemente – disse o Sr. Power.

Todos levantaram suas coxas e olharam com desagrado para o couro mofado e sem botões dos assentos. O Sr. Dedalus, torcendo o nariz, olhou carrancudo para baixo e disse:

– A menos que eu esteja terrivelmente enganado... O que você acha, Martin?

– Ocorreu-me também – disse Martin Cunningham.

O Sr. Bloom abaixou sua coxa. Contento porque tomei aquele banho. Sinto meus pés bem limpos. Mas gostaria que a Sra. Fleming tivesse cerzido melhor estas meias.

O Sr. Dedalus suspirou resignadamente.

– Afinal de contas – disse ele – é a coisa mais natural do mundo.

– Tom Kernan apareceu? – perguntou Martin Cunningham, torcendo delicadamente a ponta de sua barba.

– Sim – disse o Sr. Bloom. – Ele está atrás com Ned Lambert e Hynes.

– E Corny Kelleher ele mesmo? – perguntou o Sr. Power.

– No cemitério – disse Martin Cunningham.

– Eu encontrei M' Coy esta manhã – disse o Sr. Bloom. – Ele disse que tentaria vir.

A carruagem se deteve subitamente.

– O que aconteceu?

– Estamos parados.

– Onde é que estamos?

O Sr. Bloom pôs a cabeça para fora da janela.

– O grande canal – disse.

Gasômetro. Dizem que cura coqueluche. Ainda bem que Milly nunca teve. Pobres crianças. Dobram o corpo ficam azuis com as convulsões. Uma lástima realmente. Comparada sofreu pouco de doenças. Só sarampo. Chá de linhaça. Escarlatina, epidemias de gripe. Angariando votos para a morte. Não perca esta oportunidade. Abrigo dos cachorros lá. Pobre velho Athos! Seja bom para o Athos, Leopold, é o meu último desejo. Seja feita a tua vontade.

Nós obedecemos a eles na sepultura. Um rabisco agonizante. Ele ficou muito abalado, definhou. Animal sossegado. Os cachorros dos velhos geralmente são.

Uma gota de chuva respingou em seu chapéu. Ele recuou e viu uma chuva momentânea espalhar pingos sobre as bandeiras cinzentas. À distância. Curioso. Como através de um coador. Eu achei que ia. Minhas botas rangeram eu me lembro agora.

– O tempo está mudando – disse tranqüilamente.

– Uma pena que não se manteve bom – disse Martin Cunningham.

– Necessário para o campo – disse o Sr. Power. – Lá está o sol saindo novamente.

O Sr. Dedalus, espreitando o sol velado através de seus óculos, proferiu uma maldição muda contra o céu.

– Está tão incerto quanto o bumbum de uma criança – disse.

– Partimos de novo.

A carruagem virou novamente suas rodas emperradas e os troncos deles balançaram docemente. Martin Cunningham torceu mais rapidamente a ponta de sua barba.

– Tom Kernan esteve ótimo ontem à noite – disse ele. – E Paddy Leonard o imitando nas suas barbas.

– Ó, dê-nos uma amostra, Martin – disse o Sr. Power animadamente. – Espere até ouvi-lo, Simon, sobre o canto de Ben Dollard de *O Jovem Patriota*.

– Ótimo – disse Martin Cunningham pomposamente. – *Seu canto daquela balada simples, Martin, é a mais vigorosa interpretação que eu jamais ouvi em todo o curso de minha experiência.*

– *Vigorosa* – disse o Sr. Power rindo. – Ele é um bamba nisso. E o *arranjo retrospectivo*.

– Você leu o discurso de Dan Dawson? – perguntou Martin Cunningham.

– Eu não li então – disse o Sr. Dedalus. – Onde está?

– No jornal desta manhã.

O Sr. Bloom pegou o jornal de dentro do seu bolso. Aquele livro que preciso trocar para ela.

– Não, não – disse o Sr. Dedalus rapidamente. – Mais tarde por favor.

O olhar do Sr. Bloom desceu pelo jornal, passando uma vista pelas mortes: Callan, Coleman, Dignam, Fawcett, Lowry, Naumann, Peake, que Peake é esse? será o camarada que estava no Crosbie e Alleyne? não, Sexton, Urbright. Letras feitas de tinta sumindo rapidamente no jornal rasgado que se partia. Graças à Pequena Flor. Perda muito triste. À inexpressável dor dos seus. Aos 88 anos depois de uma doença longa e cansativa. Lembrança de mês: Quinlan. De cuja alma o doce Jesus tenha compaixão.

*Faz um mês que o caro Henry voou*

*Para sua casa lá em cima no céu*

*Enquanto sua família lamenta sua perda*

*Esperando encontrá-lo um dia no céu.*

Eu rasguei o envelope? Sim. Onde é que eu pus a carta dela depois de lê-la no banho? Bateu de leve no bolso do colete. Estava ali sim. Querido Henry voou. Antes que minha paciência fiquem exausta.

Escola nacional. Recinto de Meade. A estação de fiacres. Só dois agora ali. Sacudindo a cabeça. De barriga cheia como um carrapato. Ossos demais em seus crânios. O outro trotando com um passageiro. Há uma hora eu passei ali. Os cocheiros tiraram seus chapéus.

As costas de um agulheiro se impertigaram subitamente de encontro a um pilar da ferrovia perto da janela do Sr. Bloom. Será que não podiam inventar uma coisa automática de modo que a própria roda muito mais prático? Bem mas então aquele camarada ia perder o seu emprego? Ora mas então um outro camarada conseguiria um emprego fabricando a nova invenção?

Salas de concerto Antient. Nada acontecendo lá. Um homem num terno de camurça bege com uma braçadeira de crepe. Um desgosto não muito grande ali. Um quarto de luto. Parente por afinidade talvez.

Eles passaram por Saint Mark com seu púlpito frio, por debaixo da ponte da ferrovia, e ladearam o teatro Queen: em silêncio. Cartazes: Eugene Stratton, Sra. Bandman Palmer. Será que eu poderia ir ver *Leah* hoje à noite, eu me pergunto. Eu disse eu. Ou *Lily de Killarney*? Companhia de Ópera Elster Grimes. Mudança grande e poderosa. Cartazes resplandecentes com tinta fresca para a próxima semana. *Diversão em Cartaz*. Martin Cunningham podia me arranjar um bilhete para o Gaiety. Terei de lhe pagar um ou dois drinques. Dá no mesmo.

Ele vem à tarde. As canções dela.

Plasto. Na fonte o busto em memória de sir Philip Crampton. Quem era ele?

– Como vai? – disse Martin Cunningham, erguendo a palma da mão até a testa em sinal de saudação.

– Ele não nos vê – disse o Sr. Power. – Vê, sim. Como vai?

– Quem? – perguntou o Sr. Dedalus.

– Blazes Boylan – disse o Sr. Power. – Lá está ele arejando seu topete.

Justo naquele momento eu estava pensando.

O Sr. Dedalus se inclinou para o lado oposto para saudar. Da porta do Red Bank o disco branco de um chapéu de palha lançou uma resposta: figura elegante: passou.

O Sr. Bloom inspecionou as unhas de sua mão esquerda, em seguida as de sua mão direita. As unhas, sim. Há alguma coisa a mais nele que elas ela vê? Fascinação. Pior homem em Dublin. Isso o mantém vivo. Elas às vezes sentem o que uma pessoa é. Instinto. Mas um tipo como esse. Minhas unhas. Eu só estou olhando para elas: bem aparadas. E depois: pensando sozinho. Corpo ficando um pouco flácido. Eu notaria isso: por me lembrar. O que causa isso? Suponho que a pele não pode se contrair bastante rapidamente quando a carne minguia. Mas a forma está ali. A forma ainda está ali. Ombros. Quadris. Roliça. Noite da dança se vestindo. Camisa presa entre as faces de detrás.

Ele apertou as mãos entre seus joelhos e, satisfeito, lançou um olhar vago sobre os rostos dos outros.

O Sr. Power perguntou:

– Como é que vai o *tour* de concertos, Bloom?

– Ó, muito bem – disse o Sr. Bloom. – Tenho tido excelentes informações sobre ele. É uma boa idéia, sabe...



– Você vai também?

– Bem não – disse o Sr. Bloom. – Na realidade tenho de ir ao condado Clare a negócios particulares. Você sabe a idéia é fazer o *tour* das principais cidades. O que se perder numa pode ser recuperado na outra.

– Certamente – disse Martin Cunningham. – Mary Anderson está por lá agora. Vocês têm bons artistas?

– Louis Werner é quem está como empresário dela – disse o Sr. Bloom. – Ó, sim, nós teremos todos artistas de primeira. J. C. Doyle e John MacCormack espero e. De fato, o que há de melhor.

– E *madame* – disse sorrindo o Sr. Power. – A última mas nem por isso a menos importante.

O Sr. Bloom abriu as mãos em um gesto de discreta polidez e as apertou novamente. Smith O'Brien. Alguém pôs um ramallete de flores ali. Mulher. Deve ser aniversário de sua morte. Para que esta data se repita muitas vezes. A carruagem passando pela estátua de Farrell unia silenciosamente os joelhos passivos deles.

Oota: um homem idoso mal trajado apregoava do meio-fio suas mercadorias, sua boca se abrindo: oota.

– Quatro cordões de bota por um penny.

Eu me pergunto por que ele foi excluído do foro judicial. Tinha seu escritório em Hume Street. A mesma casa do xará de Molly, Tweedy, procurador da coroa por Waterford. Tem aquela cartola desde então. Relíquia do antigo decoro. De luto também. Terrível queda, pobre infeliz! Chutado à volta como uma pitada de rapé em um velório. O'Callaghan nas últimas.

*E madame*. Onze e vinte. De pé. A Sra. Fleming está lá para a limpeza. Penteando seu cabelo, cantarolando. *Voglio e non vorrei*. Não. *Vorrei e non*. Olhando para as pontas de seus cabelos para ver se estão partidos. *Mi trema un poco il*. Que beleza a sua voz naquele *tre*: tom choroso. Uma toutinegra. Um tordo. Existe uma palavra tordo que expressa isso.

Seus olhos percorreram levemente o rosto bem-apegoado do Sr. Power. Grisalho sobre as orelhas. *Madame*: sorrindo. Eu sorri de volta. Um sorriso vai longe. Apenas cortesia talvez. Homem simpático. Quem sabe se é verdade acerca da mulher que ele mantém? Nada agradável para a própria mulher. No entanto dizem, quem foi mesmo que me disse, que não há nada carnal. Poder-se-ia imaginar que eles ficariam exaustos muito rápido. Sim, foi Crofton que o encontrou uma noite levando um quilo de rabada para ela. O que é que ela era? Garçonete no Jury. Ou em Moira, não é?

Eles passaram sob a estátua do Libertador com sua enorme capa.

Martin Cunningham cutucou o Sr. Power.

– Da tribo de Reuben – disse ele.

Na esquina da casa Elvery's Elephant, uma figura alta de barba preta, mancando apoiada em uma bengala, lhes mostrava uma mão curvada aberta sobre as costas.

– Em toda a sua beleza primitiva – disse o Sr. Power.

O Sr. Dedalus lançou um olhar para a figura que andava pesadamente e disse suavemente:

– Que o diabo arranque as suas tripas!

Desabando de rir, o Sr. Power protegeu o rosto da claridade da janela quando a carruagem passou pela estátua de Gray.

– Nós todos passamos por isso – disse claramente Martin Cunningham.

Seus olhos encontraram com os olhos do Sr. Bloom. Ele acariciou a barba dizendo:

– Bem, quase todos nós.

O Sr. Bloom começou a falar com súbita animação olhando nas caras dos companheiros.

– Há uma ótima que anda circulando a respeito de Reuben J. e o filho.

– Sobre o barqueiro? – perguntou o Sr. Power.

– É sim, não é ótima?

– O que é isso? – perguntou o Sr. Dedalus. – Eu não ouvi nada.

– Havia uma moça no caso – começou o Sr. Bloom – e ele determinou enviar o filho a salvo para a ilha de Man mas quando os dois estavam...

– O quê? – perguntou o Sr. Dedalus. – É aquele miserável comprovado imberbe?

– É sim – disse o Sr. Bloom. – Eles estavam os dois a caminho do barco e ele tentou se afogar...

– Que se afogue Barrabás! – gritou o Sr. Dedalus. – Por Cristo como eu gostaria que tivesse!

O Sr. Power soltou uma risada longa pelas narinas sombreadas.

– Não – disse o Sr. Bloom –, o próprio filho...

Martin Cunningham impediu asperamente a sua fala:

– Reuben J. e o filho estavam se mandando pelo cais ao lado do rio a caminho do barco para a ilha de Man e o jovem trapaceiro subitamente se soltou e pulou da amurada dentro do Liffey.

– Pelo amor de Deus! – exclamou o Sr. Dedalus assustado. – Ele está morto?

– Morto! – gritou Martin Cunningham. – Ele não! Um barqueiro pegou uma vara e o pescou pelas calças largas e ele foi descarregado no cais para o pai mais morto do que vivo. Metade da cidade estava lá.

– Sim – disse o Sr. Bloom. – Mas a parte divertida é...

– E Reuben J. – disse Martin Cunningham – deu um florim ao barqueiro por ter salvo a vida do filho.

Um suspiro abafado veio de debaixo da mão do Sr. Power.

– Ó, ele fez isso – confirmou Martin Cunningham. – Como um herói. Um florim de prata.

– Essa não é ótima? – disse o Sr. Bloom vivamente.

– Um pouco demais até – disse o Sr. Dedalus secamente.

O riso sufocado do Sr. Power estourou tranqüilamente na carruagem.

Coluna de Nelson.

– Oito ameixas por um penny! Oito por um penny!

– É melhor termos um ar um pouco sério – disse Martin Cunningham.

O Sr. Dedalus suspirou.

– Ah certamente então – disse – o pobre pequeno Paddy não iria nos regatear uma risada. Muitas e boas ele próprio contou.

– Que Deus me perdoe! – disse o Sr. Power, enxugando os olhos molhados com os dedos. – Pobre Paddy! Eu mal podia imaginar há uma semana quando o vi pela última vez e ele estava com sua saúde habitual que eu estaria acompanhando seu corpo desse jeito. Ele nos abandonou.

– O tipo do homenzinho decente – disse o Sr. Dedalus. – Ele foi muito subitamente.

– Colapso – disse Martin Cunningham. – Coração.

Bateu no peito tristemente.

Rosto inflamado: vermelhovivo. John Barleycorn demais. Cura para um nariz vermelho. Beber como o diabo até que ele fique cinza-amarelado. Ele gastou um bocado de dinheiro o colorindo.

O Sr. Power lançou um olhar de pesarosa apreensão para as casas que passavam.

– Ele teve uma morte súbita, pobre homem – disse.

– A melhor morte – disse o Sr. Bloom.

Seus olhos escancarados o olharam.

– Nenhum sofrimento – disse ele. – Um momento só e está tudo terminado. Como morrer dormindo.

Ninguém falou.

Lado morto da rua este. Negócio monótono de dia, corretores de terras, hotel de temperança, guia de estrada de ferro de Falconer, faculdade de administração pública, círculo católico de Gill, instituição para cegos trabalhadores. Por quê? Alguma razão. Sol ou vento. À noite também. Rapazes pobres e empregadas. Sob o patrocínio do falecido padre Mathew. Pedra fundamental para Parnell. Colapso. Coração.

Cavalos brancos com plumas brancas na testa vinham da esquina de Rotunda, galopando. Um caixão pequenino irrompeu. Com pressa de enterrar. Um coche de luto. Não-casada. Pretos para os casados. Malhados de preto e branco para os solteiros. Castanho para uma freira.

– Triste – disse Martin Cunningham. – Uma criança.

Rosto de um anão, cor de malva e com rugas como era o do pequeno Rudy. Corpo de anão, fraco como betume, num caixão raiado de branco. A Friendly Society paga o enterro. Um penny por semana por uma gleba de gramado. Nosso. Pequeno. Mendigo. Bebê. Não significava nada. Erro da natureza. Se é saudável herdou da mãe. Se não do homem. Mais sorte da próxima vez.

– Pobre coisa pequenina – disse o Sr. Dedalus. – Está bem fora disso.

A carruagem subiu mais lentamente a colina da praça Rutland. Chocalham seus ossos. Sobre os seixos. Somente um indigente. Ninguém é dono.

– No meio da vida – disse Martin Cunningham.

– Mas o pior de tudo – disse o Sr. Power – é o homem que tira sua própria vida.

Martin Cunningham tirou o relógio vivamente, tossiu e o pôs de volta.

– A maior desgraça a se ter numa família – acrescentou o Sr. Power.

– Insanidade temporária, naturalmente – disse decididamente Martin Cunningham. –

Precisamos ter uma visão caridosa sobre isso.

– Dizem que quem faz isso é um covarde – disse o Sr. Dedalus.

– Não nos cabe julgar – disse Martin Cunningham.

O Sr. Bloom, prestes a falar, cerrou os lábios novamente. Olhos grandes os de Martin Cunningham. Olhando para longe agora. Homem humano e compreensivo ele é. Inteligente. Como o rosto de Shakespeare. Sempre uma palavra boa para dizer. Eles não têm compaixão disso aqui ou de infanticídio. Recusam enterro cristão. Costumavam atravessar com uma estaca de madeira seu coração na sepultura. Como se ele já não estivesse partido. No entanto às vezes eles se arrependem tarde demais. Encontrado no leito do rio agarrando juncos. Ele olhou para mim. E aquela mulher dele horrível bêbada. Montando casa para ela sem parar e ela então penhorando a mobília quase todo sábado. Fazendo ele levar a vida de um amaldiçoado. Consumir o coração de uma pedra, aquilo. Segunda-feira de manhã. Começar de novo. Dar um duro. Meu Deus, ela devia estar uma figura naquela noite que Dedalus me disse ter estado lá. Bêbada pela casa e pulando com o guarda-chuva de Martin.

*E eles me chamam de jóia da Ásia,  
da Ásia,  
A gueixa.*

Ele afastou os olhos de mim. Ele sabe. Chocalham seus ossos.

Aquela tarde do inquérito judicial. A garrafa com rótulo vermelho sobre a mesa. O quarto do hotel com quadros de caçada. Estava sufocante. A luz do sol através das tábuas da veneziana. As orelhas ensolaradas do médico-legista, grandes e peludas. O camareiro do hotel dando testemunho. Pensei primeiro que estava dormindo. Vi então como que riscas amarelas em seu rosto. Tinha escorregado para o pé da cama. Veredicto: *overdose*. Morte acidental. A carta. Para meu filho Leopold.

Não sofrer mais. Não acordar mais. Ninguém é dono.

A carruagem chocalhou rapidamente pela Blessington Street. Sobre os seixos.

– Estamos indo a passo, creio – disse Martin Cunningham.

– Deus queira que ele não capote conosco na estrada – disse o Sr. Power.

– Espero que não – disse Martin Cunningham. – Haverá uma grande corrida de automóvel amanhã na Alemanha. A Gordon Bennett.

– É mesmo, por Deus – disse o Sr. Dedalus. – Essa vai valer a pena ver, palavra.

Quando eles dobraram em Berkeley Street um órgão de rua perto de Basin enviava para eles dos salões uma canção lépida e jovial. Alguém aqui viu Kelly? Ka e dois éles ipsilone. Marcha fúnebre de *Saul*. Ele é tão ruim quanto o velho Antonio. Ele me deixou por minha continha. Pirouette! O *Mater Misericordiae*. Eccles Street. Minha casa ali. Um lugar grande. Uma ala para os incuráveis lá. Muito encorajador. Our Lady's Hospice para os doentes terminais. Necrotério ao alcance embaixo. Onde a velha Sra. Riordan morreu. Elas têm uma aparência horrível as mulheres. Sua xícara de alimentação e ela esfregando sua boca com a colher. Então o biombo em volta de sua cama para ela morrer. Simpático estudante aquele que tratou da picada que a abelha me deu. Ele foi transferido para uma maternidade me disseram. De um extremo ao outro.

A carruagem galopou em torno da esquina: parou.

– O que é que aconteceu agora?

Uma manada dividida de gado marcado a fogo passou pelas janelas, mugindo, andando encurvados sobre suas patas almofadadas, espanando lentamente com suas caudas as garupas ossudas e grumosas. Fora deles e no meio deles seguiam carneiros sarapintados balindo assustados.

– Emigrantes – disse o Sr. Power.

– Hoooh! – gritou a voz do tropeiro, com seu chicote soando em seus flancos. – Hoooh! Fora daí!

Quinta-feira, naturalmente. Amanhã é dia de matança. As prenhas. Cuffe as vendeu por cerca de vinte e sete libras cada. Para Liverpool provavelmente. Rosbife para a velha Inglaterra. Eles compram todas as suculentas. E então a quinta parte se perde: toda aquela matéria bruta, couro, pêlo, chifres. Vem a ser um grande negócio por ano. Comércio de carne morta. Subprodutos dos matadouros para curtumes, sabão, margarina. Me pergunto se essa artimanha de retirar carne de qualidade inferior do trem de Clonsilla funciona hoje em dia.

A carruagem se movimentou através da manada.

– Não posso entender por que a corporação não organiza uma linha de bondes do portão do parque até o cais – disse o Sr. Bloom. – Todos esses animais podiam ser transportados em caminhões até os barcos.

– Em vez de obstruir a via pública – disse Martin Cunningham. – Inteiramente certo. Eles deviam.

– É sim – disse o Sr. Bloom –, e uma outra coisa em que tenho freqüentemente pensado, é haver bondes funerários municipais como eles têm em Milão, sabe. Organizar uma linha para os portões do cemitério e ter bondes especiais, carro fúnebre e carruagem e tudo o mais. Percebem o que eu quero dizer?

– Ó, essa seria uma danada de uma história – disse o Sr. Dedalus. – Vagão-leito e sala de estar e de jantar.

– Uma pobre perspectiva para Corny – acrescentou o Sr. Power.

– Por quê? – perguntou o Sr. Bloom, se voltando para o Sr. Dedalus. – Não seria mais decente do que galopar os dois lado a lado?

– Bem, há alguma idéia nisso aí – concedeu o Sr. Dedalus.

– E – disse Martin Cunningham – não teríamos cenas como essa em que o carro fúnebre emborcou na esquina de Dunphy e derrubou o caixão na rua.

– Aquilo foi terrível – disse o rosto chocado do Sr. Power –, e o cadáver caiu na rua. Terrível!

– O primeiro na esquina de Dunphy – disse o Sr. Dedalus, abanando a cabeça. – Taça Gordon Bennett.

– Louvado seja Deus! – disse Martin Cunningham piedosamente.

Bumba! Derrubado. Um caixão saltou para a estrada. Abriu-se com violência. Paddy Dignam projetado para fora e rolando rígido na poeira em um terno marrom grande demais para ele. Rosto vermelho: cinza agora. Boca escancarada. Perguntando o que foi isso agora. Inteiramente certo fechá-la. Fica horrível aberta. Além do mais, as entranhas se decompõem rapidamente. Muito melhor tapar todos os orifícios. Sim, também. Com cera. O esfíncter solto.

Lacrar tudo.

– Dunphy – anunciou o Sr. Power enquanto a carruagem dobrava à direita.

A esquina de Dunphy. Coches fúnebres parados, afogando seu pesar. Uma pausa à beira da estrada. Ótima situação para um bar. Espero que nós paremos aqui na volta para beber à saúde dele. Passar à volta a consolação. Elixir da vida.

Mas suponhamos agora que tivesse realmente acontecido. Será que ele sangraria se um prego no choque o cortasse? Sangraria e não sangraria, creio. Depende onde. A circulação cessa. Ainda assim algum sangue poderia se esvaír de uma artéria. Seria melhor enterrá-los de vermelho: vermelho escuro.

Eles seguiram em silêncio ao longo de Phibsborough Road. Um carro fúnebre vazio trotou, vindo do cemitério: parece aliviado.

A ponte Crossguns: o canal real.

Água jorrou com estrondo através das comportas. Um homem se encontrava em sua barcaça que afundava, entre montes de turfa. No caminho da margem junto à eclusa um cavalo preso por uma corda frouxa. A bordo do *Bugabu*.

Os olhos deles o observavam. Na lenta via navegável cheia de ervas daninhas ele flutuara na sua balsa em direção ao litoral da Irlanda arrastado pela corda de um reboque passando por leitos de junco, por cima de lodo, garrafas sufocadas de lama, carnes putrefatas de cães. Athlone, Mullingar, Moyvalley, eu bem que podia fazer uma caminhada para ver Milly pelo canal. Ou ir de bicicleta. Alugar um cavalo velho, segurança. Wren tinha um no outro dia no leilão mas de uma senhora. Desenvolvendo vias navegáveis. O passatempo favorito de James M’Cann é me levar remando acima da estação de barcas. Trajeto mais barato. Por etapas fáceis. Casas flutuantes. Acampar fora. Também carros fúnebres. Para o céu de barco. Talvez eu vá sem escrever. Chegar de surpresa, Leixlip, Clonsilla. Descendo eclusa após eclusa até Dublin. Com a turfa dos pântanos do interior. Saudar. Ele ergueu seu chapéu de palha marrom, saudando Paddy Dignam.

Eles passaram pela casa de Brian Boroimhe. Bem perto agora.

– Eu me pergunto que fim levou nosso amigo Fogarty – disse o Sr. Power.

– Melhor perguntar a Tom Kernan – disse o Sr. Dedalus.

– Como é? – disse Martin Cunningham. – Deixou-o chorando, suponho?

– Embora longe dos olhos, perto do coração – disse o Sr. Dedalus.

A carruagem rumou à esquerda para Finglas Road.

O pátio da marmoraria à direita. Última volta. Uma multidão de sombras silenciosas apareceram na banda de terra, brancas, pesarosas, estendendo suas mãos serenas, ajoelhadas sob a dor, apontando com o dedo. Fragmentos de sombras, talhadas. Num silêncio branco: apelando. O melhor possível de se conseguir. Thos. H. Dennany, escultor e construtor monumental.

Passaram.

No meio-fio diante de Jimmy Geary, o coveiro, estava sentado um velho mendigo, resmungando, esvaziando a sujeira e as pedras de sua enorme bota escancarada coberta de poeira marrom. Depois da jornada da vida.

Seguiram-se então jardins sombrios: um a um: casas sombrias.

O Sr. Power apontou.

– Foi aí que Childs foi assassinado – disse ele. – A última casa.

– É isso aí – disse o Sr. Dedalus. – Um caso revoltante. Seymour Bushe o livrou. Assassinou seu irmão. Ou é o que dizem.

– A coroa não tinha provas – disse o Sr. Power.

– Apenas circunstanciais – acrescentou Martin Cunningham. – Essa é a máxima da lei. É melhor que noventa e nove culpados escapem do que uma pessoa inocente seja erradamente condenada.

Eles olharam. Terreno de assassino. Passou obscuramente. Persianas fechadas, inabitada, jardim maltratado. O lugar todo entregue às moscas. Erradamente condenado. Assassinato. A imagem do assassino nos olhos do assassinado. Eles gostam de ler sobre o assunto. Cabeça de homem encontrada num jardim. A roupa dela consistia em. Como ela foi morta. Ultraje recente. A arma usada. Assassino ainda está solto. Pistas. Um cordão de sapato. O corpo para ser exumado. Assassinato virá à luz.

Apertados nesta carruagem. Ela poderia não gostar que eu chegasse desse jeito sem que ela soubesse. É preciso ter cuidado com as mulheres. Pegá-las uma vez com as calças arriadas. Não nos perdoarão nunca depois. Quinze anos.

As grades elevadas do Prospect ondularam sob seus olhares. Choupos escuros, raras formas brancas. Formas mais freqüentes, formas brancas se apinhavam entre as árvores, formas e fragmentos brancos se movendo mudos, sustentando no ar a inutilidade de seus gestos.

O aro da roda se tornou estridente de encontro ao meio-fio: parou. Martin Cunningham pôs o braço para fora, puxando a maçaneta com força para trás e, empurrando com o joelho, abriu a porta. Desceu. O Sr. Power e o Sr. Dedalus o seguiram.

Mude o sabonete de lugar agora. A mão do Sr. Bloom desabotoou o bolsinho rapidamente e transferiu o sabonete grudado no papel para o bolso interior do lenço. Ele saltou fora da carruagem, repondo o jornal que sua outra mão ainda segurava.

Enterro reles: coche e três carruagens. Dá tudo no mesmo. Carregadores do fêretro, rédeas douradas, missa de réquiem, disparar uma torrente de palavras. Pompa da morte. Do outro lado da carruagem detrás um vendedor ambulante estava de pé junto de sua barraca de bolos e frutas. Bolos recheados são esses, colocados juntos: bolos para os mortos. Biscoitos para cachorro. Quem os comia? Carpideiras saindo.

Ele seguiu seus companheiros. O Sr. Kernan e Ned Lambert seguiram, Hynes andando atrás deles. Corny Kelleher ficou ao lado do carro fúnebre aberto e retirou as duas coroas. Entregou uma para o menino.

Onde foi parar o enterro daquela criança?

Uma parelha de cavalos passou vinda de Finglas com passadas penosas e difíceis, arrastando através do silêncio funéreo uma carroça rangente na qual havia um bloco de granito. O carroceiro marchando à sua frente saudou. O caixão agora. Chegou aqui antes de nós, apesar de estar morto. Cavalo olhando à volta para ele com sua pluma enviesada. Olhar apagado: colarinho apertado no pescoço, pressionando uma veia ou coisa no gênero. Será que eles sabem o que eles transportam todo dia aqui em suas carroças? Devem ser uns vinte ou

trinta enterros todo dia. Então Mount Jerome para os protestantes. Enterros em todo o mundo em toda parte a todo minuto. Enterrando-os aos montes muito depressa. Milhares a toda hora. Muitos demais no mundo.

Carpideiras saíram através dos portões: uma mulher e uma menina. Harpia de queixada magra, mulher dura numa barganha, sua touca torta. Rosto da menina manchado de sujeira e lágrimas, segurando o braço da mulher, olhando para ela à espera de um sinal para chorar. Cara de peixe, exangue e lívida.

Os acompanhantes pagos do enterro puseram nos ombros o caixão e o carregaram através do portão. Tanto peso morto. Eu me senti mais pesado saindo daquele banho. Primeiro o defunto: em seguida os amigos do defunto. Corny Kelleher e o menino seguiram com suas coroas. Quem é aquele ali ao lado deles? Ah, o cunhado.

Todos caminharam atrás.

Martin Cunningham segredou:

– Eu estava numa agonia mortal com você falando de suicídio na frente do Bloom.

– O quê? – sussurrou o Sr. Power. – Como assim?

– O pai dele tomou veneno – segredou Martin Cunningham. – Tinha o hotel Queen em Ennis. Você ouviu ele dizer que estava indo para Clare. Aniversário.

– Ó meu Deus! – sussurrou o Sr. Power. – A primeira vez que ouço falar nisso. Se envenenou?

Olhou para trás para onde um rosto com olhos escuros pensativos seguia em direção ao mausoléu do cardeal. Falando.

– Ele tinha seguro? – perguntou o Sr. Bloom.

– Creio que sim – respondeu o Sr. Kernan. – Mas a apólice tinha uma hipoteca elevada. Martin está tentando fazer o menino ingressar em Artane.

– Quantos filhos ele deixou?

– Cinco. Ned Lambert diz que ele vai tentar fazer uma das meninas entrar em Todd's.

– Um caso triste – disse o Sr. Bloom brandamente. – Cinco filhos pequenos.

– Um grande golpe para a pobre mulher – acrescentou o Sr. Kernan.

– É mesmo – concordou o Sr. Bloom.

Agora o feitiço se virou contra o feiticeiro.

Ele baixou os olhos para as botas que tinha engraxado e lustrado. Ela sobrevivera a ele. Perdeu seu marido. Mais morto para ela do que para mim. Um tem que sobreviver ao outro. Dizem os homens sábios. Há mais mulheres do que homens no mundo. Dê pêsames a ela. Sua perda terrível. Espero que o acompanhe em breve. Para as mulheres hindus apenas. Ela se casaria com outro. Ele? Não. Contudo quem sabe afinal de contas. Viuvez não é mais aquela coisa desde que a velha rainha morreu. Arrastada sobre uma carreta de canhão. Vitória e Alberto. Cerimônia de aniversário de morte em Frogmore. Mas no final ela pôs algumas violetas em sua touca. Vaidosa no fundo do coração. Tudo por uma sombra. Consorte nem sequer um rei. Seu filho era a substância. Alguma coisa nova para lhe dar esperança não como o passado que ela queria de volta, aguardando. Ele nunca vem. Um tem que ir antes: sozinho, debaixo da terra: e não se deitar mais na cama quente dela.

– Como vai você, Simon? – disse Ned Lambert suavemente, apertando suas mãos. –



Há séculos que não o vejo.

– Não podia estar melhor. Como vão todos em nossa cidade de Cork?

– Eu estive lá para a corrida do parque de Cork na segunda-feira de Páscoa – disse Ned Lambert. – Os mesmos velhos seis e oito pence de sempre. Fiquei na casa de Dick Tivy.

– E como está Dick, o homem sensato?

– Nada entre ele e o céu – respondeu Ned Lambert.

– Por São Paulo! – disse o Sr. Dedalus com moderada surpresa. – Dick Tivy careca?

– Martin está fazendo uma coleta para os meninos – disse Ned Lambert, apontando para a frente. – Alguns shillings por cabeça. Só para mantê-los em forma até que o seguro esteja esclarecido.

– Sim, sim – disse o Sr. Dedalus com certa dúvida. – Aquele ali em frente é o menino mais velho?

– É sim – disse Ned Lambert –, com o irmão da mãe. John Henry Menton está atrás. Ele se inscreveu com uma libra.

– Eu garanto que ele fez isso – disse o Sr. Dedalus. – Muitas vezes eu disse ao pobre Paddy que ele devia dar atenção ao seu emprego. John Henry está longe de ser o pior homem do mundo.

– Como ele o perdeu? – perguntou Ned Lambert. – Bebida, como?

– Falha de muito homem bom – disse o Sr. Dedalus com um suspiro.

Eles se detiveram perto da porta da capela mortuária. O Sr. Bloom ficou atrás do menino com a coroa de flores olhando para seu cabelo lustroso e para o pescoço magro vincado dentro de seu colarinho novo em folha. Pobre menino! Será que ele estava lá quando o pai? Ambos inconscientes. Voltar a si no último momento e reconhecer pela última vez. Tudo que podia ter feito. Eu devo três shillings a O'Grady. Será que ele iria entender? Os acompanhantes pagos carregaram o caixão para dentro da capela. Em que extremidade está sua cabeça?

Depois de um momento ele entrou acompanhando os outros, piscando na luz encoberta. O caixão jazia no seu esquife diante do santuário, com quatro longas velas amarelas nos seus cantos. Sempre diante de nós. Corny Kelleher, colocando uma coroa em cada canto fronteiro, fez sinal para o menino se ajoelhar. Os acompanhantes do enterro se ajoelharam aqui e ali em genuflexórios. O Sr. Bloom ficou em pé atrás perto da pia de água benta e, quando todos se ajoelharam, deixou cuidadosamente cair o jornal desdobrado de seu bolso e ajoelhou nele seu joelho direito. Assentou seu chapéu preto suavemente no joelho esquerdo e, o segurando pela aba, se inclinou piedosamente.

Um sacristão trazendo uma caçamba de bronze com alguma coisa dentro saiu através de uma porta. O padre de bata branca veio atrás dele, ajeitando sua estola com uma das mãos, balançando com a outra um livrinho de encontro ao seu ventre de sapo. Quem vai ler o livro? Eu, disse a gralha.

Eles se detiveram junto ao esquife e o padre começou a ler em voz alta em seu livro com um grasnido fluente.

Padre Coffey. Eu sabia que o nome dele era como um esquife. Dominamine. Ele tem a aparência de um focinho grande e compacto demais. Controla o espetáculo. Cristão

musculoso. Maldito seja aquele que olhe atravessado para ele: padre. Tu és Pedro. Dedalus diz que ele vai estourar pros lados como um carneiro na engorda. Com uma barriga como a de um cachorrinho envenenado. Expressões as mais divertidas esse homem descobre. Hhnh: estourar pros lados.

– *Non intres in iudicium cum servo tuo, Domine.*

Faz eles se sentirem mais importantes ao serem encomendados em latim. Missa de réquiem. Pranteadores fúnebres. Papel de carta tarjado de preto. Seu nome na lista do altar. Lugar friozinho este. Precisa se alimentar bem, sentado ali toda a manhã na penumbra tendo que esperar de pé pelo próximo por favor. Olhos de um sapo também. O que o incha desse jeito? Molly fica inchada com repolho. O ar do lugar talvez. Parece cheio de gás nocivo. Deve haver uma quantidade infernal de gás nocivo em volta desse lugar. Açougueiros, por exemplo, ficam como bifés crus. Quem me disse isso? Mervyn Browne. Lá na câmara mortuária de São Werburgh com seu velho belo órgão de cento e cinquenta anos eles têm às vezes que fazer um buraco nos caixões para deixar escapar o gás nocivo e queimá-lo. Aflui para fora: azul. Uma baforada disso e você é um homem morto.

Minha rótula está doendo. Au. Assim está melhor.

O padre tirou da caçamba do menino uma vara com uma saliência na extremidade e a sacudiu sobre o caixão. Em seguida ele caminhou para a outra extremidade e a sacudiu novamente. Então voltou e a pôs de volta na caçamba. Como você era antes de repousar. Está tudo anotado: ele tem de fazer isso.

– *Et ne nos inducas in tentationem.*

O sacristão dizia as respostas com voz estridente e aguda. Eu muitas vezes achei que seria melhor haver sacristãos meninos. Até os quinze anos mais ou menos. Depois disso, naturalmente...

Era água benta aquilo, imagino. Sacudindo o sono para fora. Ele deve estar cheio desse trabalho, sacudindo aquela coisa sobre todos os cadáveres que lhe apresentam. Que mal haveria se ele pudesse ver sobre o que ele estava sacudindo aquilo. Todo santo dia uma nova leva: homens de meia-idade, mulheres velhas, crianças, mulheres mortas no parto, homens com barbas, negociantes carecas, moças tuberculosas com pequenos peitos de pardais. Durante todo o ano ele rezou a mesma coisa sobre todos eles e sacudiu água em cima deles: sono. Sobre Dignam agora.

– *In paradisum.*

Disse que ia para o paraíso ou está no paraíso. Diz isso sobre todo mundo. Que tipo de trabalho chato. Mas ele tem que dizer alguma coisa.

O padre fechou o livro e saiu, seguido pelo sacristão. Corny Kelleher abriu as portas laterais e os coveiros entraram, içaram o caixão novamente, o levaram para fora e o empurraram sobre sua carreta. Corny Kelleher deu uma coroa para o menino e uma para o cunhado. Todos os seguiram saindo pelas portas laterais para o ar cinzento e ameno. O Sr. Bloom veio por último dobrando seu jornal de novo para dentro de seu bolso. Olhou gravemente para o chão até que a carreta-do-caixão rodasse para a esquerda. As rodas de metal esmigalharam o cascalho com um grito agudo irritante e o bando de botas grossas seguiu a carreta rolante ao longo da alameda de sepulcros.

O ri o ra o ri o ra o ru. Meu Deus, eu não devo cantar aqui.

– O círculo de O’Connell – disse o Sr. Dedalus para os que estavam à sua volta.

Os olhos suaves do Sr. Power se ergueram para o topo do obelisco elevado.

– Ele está em paz – disse –, no meio do seu povo, o velho Dan O’. Mas seu coração está enterrado em Roma. Quantos corações partidos estão enterrados aqui, Simon!

– A sepultura dela é ali, Jack – disse o Sr. Dedalus. – Em breve estarei estendido ao seu lado. Que Ele me leve logo que queira.

Cedendo à emoção, começou a chorar silenciosamente, tropeçando um pouco no seu andar. O Sr. Power lhe deu o braço.

– Ela está melhor onde está – disse bondosamente.

– Creio que sim – disse o Sr. Dedalus com a respiração ligeiramente entrecortada. – Acredito que ela está no céu se houver um céu.

Corny Kelleher se retirou de sua fila e permitiu que as carpideiras o ultrapassassem.

– Ocasões dolorosas – começou cortesmente o Sr. Kernan.

O Sr. Bloom fechou os olhos e inclinou tristemente duas vezes a cabeça.

– Os outros estão pondo os chapéus – disse o Sr. Kernan. – Creio que podemos fazê-lo também. Nós somos os últimos. Este cemitério é um lugar traiçoeiro.

Eles cobriram a cabeça.

– O reverendo cavalheiro leu o cerimonial rápido demais, não acham? – disse o Sr. Kernan com reprovação.

O Sr. Bloom acenou gravemente com a cabeça olhando para os olhos injetados e vivos. Olhos secretos, procurando segredo. Maçom, penso: não tenho certeza. Ao lado dele novamente. Nós somos os últimos. No mesmo barco. Espero que ele diga mais alguma coisa.

O Sr. Kernan acrescentou:

– A cerimônia da igreja irlandesa usada em Mount Jerome é mais simples, mais comovente, devo confessar.

O Sr. Bloom deu um prudente assentimento. A linguagem naturalmente era uma outra coisa.

O Sr. Kernan disse com solenidade:

– *Eu sou a ressurreição e a vida.* Isso toca o coração mais profundo do homem.

– Toca sim – disse o Sr. Bloom.

Seu coração talvez mas quais as probabilidades para o camarada nos seis pés por dois com seus artelhos voltados para as margaridas? Nada comovente isso. Sede dos afetos. Coração partido. Uma bomba afinal de contas, bombeando milhares de galões de sangue todo dia. Um belo dia fica obstruída: e lá está você. Uma porção deles deitados aqui à volta: pulmões, corações, fígados. Velhas bombas enferrujadas: maldito tudo o mais. A ressurreição e a vida. Uma vez que você esteja morto você está morto. Aquela idéia do último dia. Fazendo todos sair de suas sepulturas. Pra frente Lázaros! E ele ficou pra trás e perdeu o lugar. Levantem-se! Último dia! Então cada homem procurando à volta seu fígado e seus pulmões e o resto de seus troços. Não encontrando nada de si naquela manhã. Um vigésimo de onça dentro de um crânio. Um vigésimo de onça doze gramas. Medida *troy*.

Corny Kelleher acompanhou ao lado deles.

– Tudo correu às mil maravilhas – disse ele. – O quê?

Ele olhou para eles com um olhar arrastado. Ombros de policial. Com seu patibum patibum.

– Como devia ser – disse o Sr. Kernan.

– O quê? Hein? – disse Corny Kelleher.

O Sr. Kernan lhe assegurou.

– Quem é aquele camarada lá atrás com Tom Kernan? – perguntou John Henry Menton. – Eu conheço aquela cara.

Ned Lambert olhou para trás.

– Bloom – disse ele –, Madame Marion Tweedy era, é, quero dizer, a soprano. Ela é mulher dele.

– Ó com certeza – disse John Henry Menton. – Eu não a vejo há algum tempo. Ela era uma mulher bonita. Eu dancei com ela, espere, quinze dezessete áureos anos atrás, em Mat Dillon's na Roundtown. Ela podia ser contida numa boa braçada.

Ele olhou para trás por entre os outros.

– O que é que ele é? – perguntou. – O que ele faz? Ele não trabalhava no ramo de papelaria? Eu tive uma desavença com ele certa noite, eu me lembro, num jogo de bocha.

Ned Lambert sorriu.

– Sim, ele trabalhava em Wisdom Hely's – disse. – Um caixeiro-viajante para mata-borrão.

– Por Deus – disse John Henry Menton –, por que razão ela se casou com um sonso como esse? Ela tinha muita energia dentro dela então.

– Ainda tem – disse Ned Lambert. – Ele faz alguma corretagem de publicidade.

Os olhos grandes de John Henry Menton fitaram em frente.

A carreta dobrou numa alameda lateral. Um homem corpulento, de tocaia no gramado, ergueu o chapéu em homenagem. Os coveiros levaram as mãos a seus bonés.

– John O'Connell – disse o Sr. Power satisfeito. – Ele nunca esquece um amigo.

O Sr. O'Connell apertou as mãos de todos em silêncio. O Sr. Dedalus disse:

– Eu venho lhe fazer uma outra visita.

– Meu caro Simon – respondeu o zelador do cemitério em voz baixa. – Eu não o quero de jeito nenhum como freguês.

Cumprimentando Ned Lambert e John Henry Menton ele andou ao lado de Martin Cunningham manipulando duas chaves grandes em suas costas.

– Vocês ouviram essa – ele lhes perguntou – sobre Mulcahy de Coombe?

– Eu não ouvi – disse Martin Cunningham.

Eles curvaram suas cartolas de comum acordo e Hynes inclinou sua orelha. O zelador suspendeu seus polegares nos anéis da corrente de ouro de seu relógio e falou em tom discreto para seus sorrisos vagos.

– Contam – disse ele – a história de que dois bêbados vieram aqui numa noite nevoenta para procurar a sepultura de um amigo. Eles perguntaram por Mulcahy de Coombe e lhes disseram onde ele fora enterrado. Depois de vagar no nevoeiro eles encontraram efetivamente a sepultura. Um dos bêbados soletrou o nome: Terence Mulcahy. O outro bêbado

piscava os olhos para uma estátua de Nosso Salvador que a viúva tinha mandado pôr ali.

O zelador olhou piscando para um dos sepulcros pelos quais passaram e retomou:

– E depois de piscar para a figura sagrada, *Droga nem um pouquinho como o homem*, disse ele. *Esse não é Mulcahy*, disse, *qualquer que seja o infeliz que tenha feito isso*.

Recompensado pelos sorrisos ele diminuiu o passo e falou com Corny Kelleher, aceitando os comprovantes de pagamento que lhe foram dados, revirando e os verificando enquanto andava.

– Tudo isso foi feito com uma finalidade – explicou Martin Cunningham a Hynes.

– Eu sei – disse Hynes. – Eu sei disso.

– Para levantar o moral de uma pessoa – disse Martin Cunningham. – É pura bondade de coração: o resto que se dane.

O Sr. Bloom admirou a rica corpulência do zelador. Todos desejam ficar em bons termos com ele. Camarada decente, John O'Connell, realmente um bom sujeito. Chaves: como o anúncio do Chaves: nenhum perigo de alguém escapar. Nenhum controle de saída. *Habeas corpus*. Eu preciso ver a respeito daquele anúncio depois do enterro. Será que eu escrevi Ballsbridge no envelope que peguei para esconder o que eu escrevia a Marta quando ela me interrompeu? Espero que não esteja jogado na seção de cartas não reclamadas. Seria bom me barbear. Barba nascendo grisalha. Esse é o primeiro sinal quando surge cabelo grisalho. E o gênio ficando irritadiço. Fios prateados entre os cinza. Imagine sendo mulher dele. Eu me pergunto como ele teve a audácia de pedir uma moça em casamento. Saia e venha morar no cemitério. Balance isso diante dela. Pode excitá-la a princípio. Cortejando a morte. Sombras da noite pairando aqui com todos os mortos estirados à volta. As sombras das tumbas quando os cemitérios bocejam e Daniel O'Connell deve ser um descendente suponho quem era aquele que costumava dizer que ele era um estranho reprodutor ainda assim um católico excelente como um grande gigante da escuridão. Fogo-fátuo. Gás dos túmulos. Ela precisa manter sua mente fora disso para poder engravidar. As mulheres especialmente são tão sensíveis. Conte a ela na cama uma história de fantasma para a fazer dormir. Você já viu alguma vez um fantasma? Bem, eu vi. Foi numa noite escura como breu. O relógio deu a badalada de meia-noite. Assim mesmo eles certamente se beijariam se devidamente estimulados. Prostitutas nos cemitérios turcos. Aprendem qualquer coisa se apanhadas jovens. Você poderia arranjar aqui uma jovem viúva. Os homens gostam disso. Amor entre as pedras tumulares. Romeu. Tempero do prazer. No meio da morte estamos na vida. Os dois extremos se encontram. Torturante para os pobres mortos. Cheiro de bifês grelhados para os famintos. Corroendo seus órgãos vitais. Desejo de provocar inveja nas pessoas. Molly desejando fazê-lo na janela. Em todo caso ele tem oito filhos.

Ele viu em seu tempo um número considerável de pessoas ir para debaixo da terra, deitadas à sua volta num terreno após o outro. Terras santas. Mais espaço se os enterrassem de pé. Sentados ou ajoelhados não era possível. De pé? A cabeça dele poderia surgir algum dia acima do solo num deslize de terra com sua mão apontando. O solo deve ser todo esburacado: celas oblongas. E ele o mantém muito limpo também: grama e bordas aparadas. Major Gamble chama seu jardim de Mount Jerome. Bem, é isso mesmo. Deveria haver flores soníferas.

Cemitérios chineses com papoulas que crescem gigantescas e produzem o melhor ópio me disse Mastiansky. Os Jardins Botânicos são bem ali. É o sangue penetrando na terra que dá nova vida. Mesma idéia daqueles judeus, que, disseram, mataram o menino cristão. Todo homem tem seu preço. Cadáver gordo bem preservado, cavalheiro, epicúreo, inestimável para pomar. Uma barganha. Pela carcaça de William Wilkinson, inspetor e contador, falecido recentemente, três libras treze e seis. Com os agradecimentos.

Ouso dizer que o solo seria bem fértil com adubo de cadáveres, ossos, carne, unhas. Ossuários. Pavoroso. Ficando verdes e rosados ao se decompor. Apodrecimento rápido em terra úmida. Os velhos magros são mais resistentes. Então uma espécie de queijoso gorduroso. Em seguida começam a enegrecer, um melado negro se esvaindo deles. Depois ficam secos. Mariposas-de-morte. Naturalmente as células ou o que quer que sejam continuam a viver. Vão mudando. Vivem praticamente para sempre. Nada para alimentá-las alimentam-se de si mesmas.

Mas eles devem produzir uma quantidade infernal de larvas. O solo deve simplesmente turbilhonar por sua causa. Elas fazem simplesmente girar nossas cabeças. Aquelas mocinhas bonitas da beira da praia. Ele parece bastante animado com isso. Ver os outros partirem antes dele lhe dá um sentimento de poder. Me pergunto de que maneira ele encara a vida. Zombando com suas piadas também: aquece o fundo do seu coração. Aquela sobre o boletim. Spurgeon foi para o céu às quatro desta manhã. Onze da noite (hora de fechar). Não chegou ainda. Pedro. Os próprios mortos os homens pelo menos gostariam de ouvir uma velha piada ou as mulheres de saber o que está na moda. Uma pêra succulenta ou um ponche de senhoras, quente, forte e doce. Afastar a umidade. É preciso rir às vezes assim é melhor fazê-lo desse jeito. Coveiros em *Hamlet*. Demonstra o profundo conhecimento do coração humano. Não ousaram fazer pilhéria sobre os mortos durante dois anos pelo menos. *De mortuis nil nisi prius*. Tire o luto primeiro. Difícil imaginar o enterro dele. Parece um tipo de piada. Ler a notícia do seu próprio obituário dizem faz você viver por mais tempo. Isso lhe dá novo fôlego. Novo prazo de vida.

– Quantos vocês têm para amanhã? – perguntou o zelador.

– Dois – disse Corny Kelleher. – Dez e meia e onze.

O zelador pôs os papéis em seu bolso. A carreta parara de rodar. Os acompanhantes do enterro se dividiram e se deslocaram para cada um dos lados da cova, pisando com cuidado em volta das sepulturas. Os coveiros carregaram o caixão e colocaram sua ponta na beira da cova dando voltas com as alças em torno dele.

Enterrando-o. Viemos enterrar César. Seus idos de março ou junho. Ele não sabe quem está aqui e nem liga.

Ora quem é aquele sujeito estranho desengonçado ali de capa impermeável? Ora quem é ele eu gostaria de saber? Ora eu daria uma bagatela para saber quem ele é. Sempre surge alguém com quem você nunca sonhou. Um homem poderia viver em sua solidão toda sua vida. Sim, ele poderia. Ainda assim ele teria que conseguir alguém para cobri-lo de terra depois que ele morresse embora ele pudesse cavar sua própria sepultura. Nós todos temos. Só o homem enterra. Não, as formigas, também. A primeira coisa que ocorre a qualquer um. Enterrar os mortos. Digamos que Robinson Crusó foi fiel à realidade. Bem então Sextafeira o

enterrou. Se você prestar atenção toda Sextafeira enterra uma Quintafeira.

*Ó, pobre Robinson Crusó!*

*Como você pode ser o que é?*

Pobre Dignam! Sua posição final na terra em sua caixa. Quando se pensa em todos eles parece um desperdício de madeira. Toda inteiramente corroída. Podia ser inventado um belo esquife com uma espécie de painel deslizante, que o depusesse embaixo desse jeito. Sim mas eles poderiam recusar ser enterrados com o que foi usado por um outro. Eles são tão exigentes. Deposite-me na minha terra natal. Um pouco de argila da terra santa. Só uma mãe e o filho morto ao nascer são sempre enterrados no mesmo caixão. Eu entendo o que isso significa. Entendo. Protegê-lo enquanto for possível mesmo na terra. A casa do irlandês é o seu caixão. Embalsamamento nas catacumbas, a mesma idéia das múmias.

O Sr. Bloom ficou bem para trás, com seu chapéu na mão, contando as cabeças descobertas. Doze. Eu sou treze. Não. O camarada de impermeável é treze. O número da morte. De onde diacho ele surgiu? Ele não estava na capela, isso posso jurar. Que superstição tola essa do treze.

Que belo *tweed* macio o desse terno de Ned Lambert. Um toque roxo. Eu tinha um assim quando nós morávamos em Lombard Street oeste. Um homem elegante ele era antigamente. Costumava mudar três ternos ao dia. Eu tenho que fazer Mesias me entregar o meu terno cinza. Alô. Está tingido. A mulher dele eu me esqueci que ele não é casado ou sua senhoria devia ter retirado esses fios para ele.

O caixão mergulhou fora da vista, baixado suavemente pelos homens escarranchados sobre os suportes da cova. Eles se levantaram com dificuldade e saíram: todos de cabeça descoberta. Vinte.

Pausa.

Se de repente nós fôssemos uma outra pessoa.

Lá longe um burro zurrou. Chuva. Nenhum asno assim. Nunca se vê um morto, dizem. Vergonha da morte. Eles se escondem. O pobre papai também partiu.

Um ar suave e agradável soprou em volta das cabeças descobertas como um sussurro. Sussurro. O menino junto à cabeça da cova segurou sua coroa com ambas as mãos fitando calmamente o espaço aberto e escuro. O Sr. Bloom se moveu atrás do bondoso e corpulento zelador. Sobrecasaca bem cortada. Examinando-os talvez para ver quem seria o próximo a partir. Bem é um longo repouso. Não sentir mais. É no momento que você sente. Deve ser tremendamente desagradável. Não se pode acreditar a princípio. Deve haver um engano: uma outra pessoa. Tente a casa em frente. Espere, eu queria. Eu ainda não. Então a câmara mortuária escurecida. Eles querem luz. Sussurrando à sua volta. Gostaria de ver um padre? Depois tagarelado e perambulando. Delírio tudo que você escondeu toda a sua vida. A luta da morte. O sono dele não está natural. Pressione sua pálpebra inferior. Observando se seu nariz está afilado se seu queixo está caindo se as solas de seus pés estão amarelas. Puxe para fora o travesseiro e termine tudo no chão visto que ele está condenado. O demônio naquele quadro da morte do pecador lhe mostrava uma mulher. Vestindo uma camisa e morrendo de vontade de abraçá-la. Último ato de *Lucia*. *Será que nunca mais vou te ver?* Bumba! Ele expira. Foi-se afinal. As pessoas falam um pouco de você: esquecem de você. Não se

esqueçam de rezar por ele. Lembrem-se dele em suas orações. Até Parnell. O dia da hera se extinguindo. Então eles seguem: caindo num buraco, um depois do outro.

Nós estamos rezando agora para o repouso de sua alma. Esperando que você esteja bem e não no inferno. Bela mudança de ar. Fora da frigideira da vida dentro do fogo do purgatório.

Será que ele alguma vez pensa no buraco que o espera? Dizem que você pensa quando treme de frio no sol. Alguém andando sobre ele. Aviso do moço-de-recados. Perto de você. O meu lá em direção a Finglas, o lote que eu comprei. Mamãe, pobre mamãe, e o pequeno Rudy.

Os coveiros pegaram suas enxadas e lançaram pesadas porções de barro sobre o caixão. O Sr. Bloom virou o rosto. E se ele estivesse vivo o tempo todo? Puxa! Caramba, isso seria medonho! Não, não: ele está morto, certamente. Certamente que ele está morto. Ele morreu na segunda-feira. Devia haver uma lei para que se perfurasse o coração para se ter certeza ou um relógio elétrico ou um telefone no caixão e algum tipo de tela com buraco para ar. Bandeira do desespero. Três dias. Muito tempo para mantê-los no verão. Uma sorte ficarmos livres deles assim que temos certeza de que não há.

O barro caiu mais suavemente. Começar a ser esquecido. Longe dos olhos, longe do coração.

O zelador se afastou dando alguns passos e pôs o chapéu. Estava farto daquilo. Os acompanhantes do enterro recobriram ânimo pelo prazo de graça, cobrindo um a um a cabeça sem ostentação. O Sr. Bloom pôs o chapéu e viu a figura corpulenta habilmente abrir caminho através do labirinto de sepulturas. Tranqüilamente, seguro do chão que pisava, ele atravessou o campo sombrio.

Hynes anotando alguma coisa no seu caderno de notas. Ah, os nomes. Mas ele sabe todos eles. Não. Caminhando para mim.

– Eu estou só pegando os nomes – disse Hynes falando em voz baixa. – Qual é seu nome de batismo? Não estou bem certo.

– L – disse o Sr. Bloom. – Leopold. E você podia anotar também o nome de M’Coy. Ele me pediu para fazê-lo.

– Charley – disse Hynes escrevendo. – Eu sei. Ele foi outrora do *Freeman*.

Foi sim antes que conseguisse um emprego no necrotério sob a chefia de Louis Byrne. Uma boa idéia uma autópsia para os médicos. Descobrir o que eles imaginam que sabem. Ele morreu numa terça-feira. Foi posto fora. Fugiu com o dinheiro de alguns anúncios. Charley, meu amorzinho. Foi por isso que ele me pediu para. Ó tudo bem, não faz mal. Eu cuidei disso, M’Coy. Obrigado, meu velho: muito grato. Deixe-o dever-lhe um favor: não custa nada.

– E diga-nos – disse Hynes – você conhece aquele camarada de, o camarada que estava lá de...

Ele olhou à volta.

– Impermeável. Sim, eu o vi – disse o Sr. Bloom. – Onde é que ele está agora?

– Impermeal – disse Hynes escrevinhando. – Eu não sei quem ele é. É esse o nome dele?

Afastou-se olhando à sua volta.

– Não – começou o Sr. Bloom, se virando e parando. – Escute, Hynes!



Não ouviu. O quê? Onde é que ele desapareceu? Nenhum sinal. Ora com franqueza. Alguém aqui o viu? Ka é dois éles. Tornar-se invisível. Meu Deus, que fim ele levou?

Um sétimo coveiro se aproximou do Sr. Bloom para pegar uma enxada que não estava sendo usada.

– Ó, me desculpe.

Ele se desviou agilmente.

Barro, marrom, úmido começou a ser visto no buraco. Ele subia. Quase terminado. Um monte de terra úmida subiu mais, subiu, e os coveiros repousaram suas enxadas. Todos se descobriram de novo por uns instantes. O menino apoiou sua coroa num canto: o cunhado a sua sobre um torrão de terra. Os coveiros repuseram seus bonés e levaram suas enxadas terrosas para a carreta. Então eles bateram com as lâminas ligeiramente na relva: limpas. Um se inclinou para arrancar do cabo um longo tufo de grama. Um, abandonando os companheiros, caminhou lentamente com a arma no ombro, sua lâmina oblíqua azul. Silenciosamente na cabeceira da sepultura um outro enrolava a alça do caixão. Seu cordão umbilical. O cunhado, se virando, colocou alguma coisa em sua mão livre. Agradecimento em silêncio. Não precisava, senhor, se preocupar. Aperto de mão. Eu sei disso. Simplesmente para vocês todos.

Os acompanhantes se afastaram lentamente a esmo, por trilhas sinuosas, parando vez por outra para ler um nome numa tumba.

– Vamos dar uma volta até a sepultura do chefe – disse Hynes. – Temos tempo.

– Vamos – disse o Sr. Power.

Eles viraram para a direita, seguindo seus pensamentos morosos. Com pasmo a voz inexpressiva do Sr. Power falou:

– Alguns dizem que ele não está de jeito nenhum naquela sepultura. Que o caixão foi recheado de pedras. Que um dia ele vai voltar novamente.

Hynes sacudiu a cabeça.

– Parnell nunca virá novamente – disse ele. – Ele está lá, com tudo dele que era mortal. Paz para suas cinzas.

O Sr. Bloom caminhou ao longo de sua alameda ignorado por anjos entristecidos, cruzeiros, colunas quebradas, câmaras mortuárias de famílias, esperanças petrificadas rezando com os olhos voltados para o céu, corações e mãos da velha Irlanda. Mais sensato gastar dinheiro com alguma caridade para os vivos. Rezar para o descanso da alma de. Será que alguém realmente reza? Plante-o e fique quite com ele. Como deslizar pela calha do carvão. Depois empilhe-os todos juntos para poupar tempo. Dia de finados. No dia vinte e sete estarei em sua sepultura. Dez shillings para o jardineiro. Ele o mantém livre de ervas daninhas. Ele mesmo um homem velho. Dobrado em dois podando com o tesourão. Perto da porta da morte. Quem se acabou. Quem partiu desta vida. Como se o fizessem por vontade própria. Levaram um empurrão, todos eles. Quem bateu as botas. Mais interessante se eles dissessem o que eles eram. Fulano de tal, consertador de rodas. Eu viajava para o linóleo. Em bancarrota eu reembolsei cinco shillings por libra. Ou uma mulher com sua caçarola. Eu fazia um bom ensopado de carne de carneiro. Panegírico de um cemitério do campo devia ser aquele poema de quem mesmo Wordsworth ou Thomas Campbell. Os protestantes dizem entrou em seu repouso. O túmulo do velho Dr. Murren. O grande médico o chamava de lar. Bem é o acre de

Deus para eles. Bela residência campestre. Recentemente rebocada e pintada. Lugar ideal para se fumar tranqüilamente e se ler o *Church Times*. Anúncios de casamento eles nunca tentam embelezar. Coroas enferrujadas penduradas em ganchos, guirlandas de folhas de bronze. Melhor avaliá-las pelo dinheiro gasto. Ainda assim, as flores são mais poéticas. As outras se tornam fatigantes, não murchando nunca. Não expressam nada. *Immortelles*.

Um pássaro se sentou mansamente empoleirado num galho de álamo.

Como se empalhado. Como o presente de casamento que o regedor Hooper nos deu. Huu! Completamente imóvel. Sabe que não há nenhum estilingue para ser atirado contra ele. Ainda mais tristes os animais mortos. Silly-Milly enterrando o passarinho morto na caixa de fósforos da cozinha, uma cadeia de margaridas e pedacinhos de louça partida sobre o túmulo.

Esse é o Sagrado Coração: mostrando-o. O coração na mão. Devia ficar de lado e vermelho e deveria ser pintado como um coração de verdade. A Irlanda foi dedicada a ele ou o que quer que seja isso. Longe de parecer satisfeito. Por que esta imposição? Será que passarinhos viriam então e bicariam como no caso do menino com a cesta de frutas mas ele disse que não porque eles deviam ter tido medo do menino. Esse era Apolo.

Quantos, meu Deus! Todos estes aqui andaram certa vez por Dublin. Mortos fiéis. Assim como vocês são agora assim certa vez fomos nós.

Além disso como você poderia se lembrar de todo mundo? Olhos, andar, voz. Bem, a voz, sim: gramofone. Que se tenha um gramofone em todas as sepulturas ou que ele seja guardado em casa. Depois do jantar num domingo. Ponha no pobre e velho bisavô. Craarc! Alôalôalô tãoãofeliz craarc tãoãocontenterever alôalô tãoão pshite. Faz você lembrar da voz como a fotografia faz lembrar do rosto. De outro jeito você não poderia se lembrar do rosto quinze anos depois, digamos. Por exemplo quem? Por exemplo um camarada que morreu quando eu trabalhava para Wisdom Hely.

Tsterst! Um chocalhar de pedras. Espere. Pare!

Baixando os olhos ele olhou com atenção para uma cripta de pedra. Algum animal. Espere. Lá vai ele.

Um rato cinza obeso caminhou vacilante pelo lado da cripta, movimentando as pedras. Um velho ator: bisavô: ele entende do riscado. O cinzento vivo se espremeu sob a base se introduzindo sorrateiramente debaixo dela. Bom esconderijo para um tesouro.

Quem mora ali? Foram depositados os restos de Robert Emery. Robert Emmet foi enterrado aqui à luz de tochas, não foi? Dando suas voltas.

O rabo se foi agora.

Um daqueles caras daria rapidamente cabo de um homem. Deixam os ossos limpos não importa quem ele tenha sido. Carne comum para eles. Um cadáver é carne que se estragou. Bem e o que é o queijo? Cadáver de leite. Eu li em *Voyages in China* que os chineses dizem que o homem branco cheira a defunto. Cremação é melhor. Padres mortalmente contra isso. Advogando para a outra firma. Venda por atacado de maçaricos e revendedores holandeses de fornos. Época da peste. Febre de covas com cal virgem para consumi-los. Câmara mortífera. Cinzas às cinzas. Ou enterrar no mar. Onde está aquela torre do silêncio de Parsi? Comidos por pássaros. Terra, fogo, água. Afogamento dizem é o mais agradável. Ver toda a sua vida num relance. Mas ser trazido de volta à vida não. No entanto não se pode enterrar no ar.

Jogados fora de uma máquina voadora. Me pergunto se corre a notícia toda vez que um novo é jogado para baixo. Comunicação subterrânea. Soubemos disso por eles. Não ficaria surpreso. Alimentação regular substancial para eles. Moscas vêm antes que ele esteja bem morto. Viemos a saber sobre Dignam. Eles não ligam para esse cheiro. Mingau farelento de cadáver brancodesal: cheiro, gosto de nabo branco cru.

Os portões vislumbraram em frente: ainda abertos. De volta novamente ao mundo. Chega desse lugar. Traz você toda vez um pouco mais perto. A última vez que estive aqui foi no enterro da Sra. Sinico. Do pobre papai também. O amor que mata. E mesmo cavoucando à noite a terra com uma lanterna como naquele caso que eu li para chegar a mulheres recém-enterradas ou até putrificadas com chagas tumulares supuradas. Dá arrepios depois de algum tempo. Vou aparecer a você depois da morte. Você verá meu fantasma depois da morte. Meu fantasma vai assombrá-lo depois da morte. Há um outro mundo depois da morte chamado inferno. Eu não gosto daquele outro planeta ela escreveu. Eu também não. Muito ainda para ver e ouvir e sentir. Sentir seres vivos quentes perto de nós. Que eles durmam em seus leitos bichados. Eles não vão me pegar ainda dessa vez. Camas quentes: vida cheia de sangue quente.

Martin Cunningham emergiu de um caminho lateral, conversando gravemente.

Advogado, creio. Conheço o seu rosto. Menton, John Henry, advogado, especialista em juramentos e declarações juramentadas. Dignam costumava ficar em seu escritório. No de Mat Dillon, muito tempo atrás. O alegre Mat. Noites festivas. Frango frio, charutos, garrafas de vidro lapidado de Tântalo. Coração de ouro realmente. Sim, Menton. Ficou zangado aquela noite no gramado de jogo de bocha porque eu o enfrentei com disposição. Puro acaso feliz: a forma irregular da bola. Razão pela qual tomou uma aversão a mim tão arraigada. Ódio à primeira vista. Molly e Floey Dillon se deram o braço sob a árvore de lilás, rindo. Um homem fica sempre desse jeito, mortificado se há mulheres por perto.

Está com um amassado do lado do seu chapéu. A carruagem provavelmente.

– Desculpe-me, senhor – disse o Sr. Bloom ao lado deles.

Eles pararam.

– Seu chapéu está um pouco amassado – disse o Sr. Bloom apontando.

John Henry Menton o fitou por um instante sem se mover.

– Ali – contribuiu Martin Cunningham, também apontando.

John Henry Menton tirou o chapéu, abaulou o amassado e alisou a penugem na manga de seu paletó. Recolocou rapidamente o chapéu em sua cabeça.

– Está bem agora – disse Martin Cunningham.

John Henry Menton sacudiu a cabeça para baixo em sinal de aquiescência.

– Obrigado – disse secamente.

Eles caminharam em direção aos portões. O Sr. Bloom, deprimido, recuou alguns passos para não os escutar. Martin sendo dogmático. Martin podia exercer completo domínio sobre um camarada inexperiente como aquele, sem que ele o percebesse.

Olhos de ostra. Não se importe. Vai talvez se arrepender depois quando se der conta. Dessa maneira leve vantagem sobre ele.

Obrigado. Como estamos formidáveis esta manhã!

## NO CORAÇÃO DA METRÓPOLE HIBÉRNICA

Diante da coluna de Nelson os bondes diminuían a marcha, manobravam, mudavam de linha, partiam para Blackrock, Kingstown e Dalkey, Clonskea, Rathgar e Terenure, Palmerston Park e alto Rathmines, Sandymount Green, Rathmines, Ringsend e Sandymount Tower, Harold's Cross. O rouco registrador do horário de partida da Companhia Unida de Bondes de Dublin gritava as saídas:

– Rathgar e Terenure!

– Vamos, Sandymount Green!

À direita e à esquerda, paralelos, com o retinir das sinetas que soavam, um ônibus de dois andares e um de um andar abandonavam seus terminais, desviavam para as vias descendentes, deslizavam paralelos.

– Parta, Palmerston Park!

## O MENSAGEIRO DA COROA

Sob o pórtico do correio geral engraxates chamavam fregueses e engraxavam. Estacionados na rua North Prince os carros-correio escarlates de Sua Majestade, tendo nas laterais as iniciais reais, E.R., recebiam sacos lançados ruidosamente, de cartas, cartões-postais, cartas-postais, pacotes, registrados e pagos, para entrega local, na província, na Inglaterra e além-mar.

## HOMENS DE IMPRENSA

Carroceiros com botas grossas rolavam barris com ruído surdo para fora dos depósitos de Prince e os sacolejavam sobre a carroça da destilaria. Sobre a carroça da destilaria sacolejavam barris rolados com ruído surdo para fora dos depósitos de Prince por carroceiros com botas grossas.

– Aí está – disse Red Murray. – Alexandre Chaves.

– Recorte-o apenas, está bem? – disse o Sr. Bloom –, e eu o levarei para o escritório do *Telegraph*.

A porta do escritório de Ruttledge rangeu novamente. Davy Stephens, minúsculo em sua grande pelerine, o cabelo anelado coroado por um pequeno chapéu de feltro, saiu com um rolo de papéis debaixo do seu manto, um mensageiro do rei.

O tesourão longo de Red Murray cortou o anúncio do jornal com quatro golpes secos. Tesoura e cola.

– Eu vou passar pelas impressoras – disse o Sr. Bloom, pegando o quadrado cortado.

– Naturalmente, se ele quiser um par – disse Red Murray vivamente, com uma caneta atrás da orelha –, podemos fazer um para ele.

– Certo – disse o Sr. Bloom acenando com a cabeça. – Eu enfatizarei isso.

Nós.

### O ILUSTRE WILLIAM BRAYDEN, DE OAKLANDS, SANDYMOUNT

Red Murray tocou no braço do Sr. Bloom com o tesourão e sussurrou:

– Brayden.

O Sr. Bloom se virou e viu o porteiro de libré tirar seu boné com o nome impresso do jornal enquanto uma figura imponente entrava entre os cartazes de notícias do *Weekly Freeman and National Press* e do *Freeman's Journal and National Press*. Barris de Guinness com ruído surdo. Subiu majestosamente a escada, conduzido por um guarda-chuva, um rosto solene emoldurado por barba. As costas de casimira enfiada se elevavam a cada passo: costas. Toda sua massa cinzenta está em sua nuca, diz Simon Dedalus. Vergões de carne nele atrás. Dobras gordas do pescoço, banha, pescoço, banha, pescoço.

– Você não acha que o rosto dele é como o de Nosso Salvador? – murmurou Red Murray.

A porta do escritório de Ruttledge sussurrou: ii: criei. Eles sempre constroem uma porta em frente à outra para que o vento. Entrada. Saída.

Nosso Salvador: rosto oval emoldurado de barba: conversando na penumbra. Maria, Marta. Conduzido pela espada de um guarda-chuva para a ribalta: Mario o tenor.

– Ou como o de Mario – disse o Sr. Bloom.

– Sim – concordou Red Murray. – Mas se dizia que Mario era o retrato de Nosso Salvador.

Jesusmario com as faces carmesim, de gibão e pernas finas. Mão no coração. Em *Martha*.

*Ve-em tu que estás perdida,  
Ve-em tu que és querida!*

## O BÁCULO E A PENA

– Sua graça telefonou duas vezes esta manhã – disse gravemente Red Murray.

Eles observaram os joelhos, pernas, botas sumirem. Pescoço.

O garoto do telegrama entrou lepidamente, jogou um envelope no balcão e saiu a toda velocidade com uma palavra:

– *Freeman!*

O Sr. Bloom disse lentamente:

– Bem, ele é um dos nossos salvadores também.

Um sorriso manso o acompanhou quando ele ergueu o batente do balcão, passou pela porta lateral e caminhou ao longo da escada sombria e quente e do corredor, ao longo das tábuas do soalho que agora ecoavam. Mas será que ele vai salvar a circulação? Martelando. Martelando.

Ele empurrou a porta de vaivém de vidro e entrou, pisando sobre papel de embrulho espalhado. Através de uma ala de rotativas estrepitantes ele se encaminhou em direção ao gabinete de leitura de Nannetti.

Hynes aqui também: provavelmente relato do enterro. Martelando. Martelam.

É COM VERDADEIRO PESAR QUE ANUNCIAMOS O FALECIMENTO DE UM MUITO  
RESPEITADO BURGUEZ DE DUBLIN

Esta manhã os restos mortais do falecido Sr. Patrick Dignam. Máquinas. Despedaçam um homem até seus átomos se conseguem pegá-lo. Controlam o mundo hoje em dia. Os mecanismos dele também estão trabalhando com afinco. Como estes, perderam o controle: fermentando. Trabalhando com afinco, rasgando com afinco. E aquele velho rato cinzento abrindo buraco para entrar.

## COMO É PRODUZIDO UM GRANDE DIÁRIO

O Sr. Bloom se deteve atrás do corpo magro do chefe de redação, admirando sua cabeça lustrosa.

Estranho ele nunca ter visto seu verdadeiro país. Irlanda meu país. Membro do College Green. Ele valorizou rapidamente com o máximo esforço aquele trabalhador do trabalho diário de um novo programa de ação. São os anúncios e reportagens de página que vendem um hebdomadário, não as notícias requentadas da gazeta oficial. A rainha Ana morreu. Publicado oficialmente no ano mil e. Propriedade situada no território de Rosenallis, baronato de Tinnahinch. A todos aqueles aos quais possa interessar relação de acordo com estatuto mostrando a relação de mulas e jumentas exportadas de Ballina. Notas sobre a natureza. Cartuns. A história semanal Pat e Bull de Phil Blake. A página de tio Toby para as crianças pequeninas. Perguntas de caipiras. Prezado Sr. Editor, qual é um bom tratamento para flatulência? Eu gostaria dessa parte. Aprende-se muito ensinando aos outros. A nota pessoal. E.S.F. Essencialmente só fotografias. Banhistas bem-feitas de corpo na areia dourada. O maior balão do mundo. Casamento duplo de irmãs celebrado. Dois noivos rindo cordialmente um para o outro. Cuprani também, linotipista. Mais irlandês do que os irlandeses.

As máquinas batiam em compasso de três-por-quatro. Martelavam, martelavam, martelavam. Agora se ele ficasse paralisado ali e ninguém soubesse como pará-las elas bateriam assim mesmo incessantemente, imprimiriam sem parar pra cima e pra baixo. Macaquice de simplório a coisa toda. É preciso presença de espírito.

– Ora, ponha isso na edição da noite, conselheiro – disse Hynes.

Em breve o chamará de meu senhor prefeito. O Long John o está apoiando, dizem.

O chefe de redação, sem responder, escreveu imprensa num canto da folha e fez um sinal para um linotipista. Ele entregou a folha silenciosamente por cima da tela de vidro suja.

– Está certo, obrigado – disse Hynes saindo.

O Sr. Bloom ficou no seu caminho.

– Se você quiser sacar o caixa está justamente indo almoçar – disse, apontando para trás com o polegar.

– Você sacou? – perguntou Hynes.

– Mm – disse o Sr. Bloom. – Vai rápido e você o pegará.  
– Obrigado, meu velho – disse Hynes. – Eu também vou recorrer a ele.  
Caminhou apressado e animadamente em direção ao escritório do *Freeman's Journal*.  
Eu lhe emprestei três shillings no Meagher. Três semanas. Terceira insinuação.

## VEMOS O CORRETOR DE PUBLICIDADE EM AÇÃO

O Sr. Bloom colocou o recorte na escrivaninha do Sr. Nannetti.

– Desculpe-me, conselheiro – disse. – Este anúncio, sabe. O Chaves, o senhor se lembra?

O Sr. Nannetti considerou o recorte por algum tempo e acenou afirmativamente com a cabeça.

– Ele o quer para julho – disse o Sr. Bloom.

O chefe de redação movimentou seu lápis em direção ao recorte.

– Mas espere – disse o Sr. Bloom. – Ele o quer modificado. O Chaves, sabe. Quer duas chaves em cima.

Infernal barulho o que eles fazem. Ele não ouve. Nannan. Nervos de aço. Talvez ele entenda o que eu.

O chefe de redação se voltou para ouvir pacientemente e, erguendo o cotovelo, começou a coçar lentamente a axila através de sua jaqueta de alpaca.

– Assim – disse o Sr. Bloom, cruzando seus dedos indicadores no alto.

Deixe que ele primeiro assimile isso.

Tirando os olhos da cruz que fizera com os dedos, o Sr. Bloom contemplou o rosto pálido do chefe de redação, penso que tem o aspecto de icterícia, e mais além carretéis obedientes abastecendo enormes bobinas de papel. Retinem. Retinem. Milhas de papel desenroladas. O que é feito dele depois? Ó, embrulha carne, pacotes: mil e uma utilidades, milhares e milhares de coisas.

Deslizando habilmente suas palavras nos intervalos do retinir ele desenhrou rapidamente na madeira coberta de cicatrizes.



## A CASA DE CHAVES

– Assim, veja. Duas chaves atravessadas aqui. Um círculo. Então aqui o nome. Alexandre Chaves, comerciante de chá, vinho e bebidas em geral. Assim por diante.

É melhor não ensinar a ele seu próprio ofício.

– O senhor sabe, conselheiro, exatamente o que ele quer. Então no alto separado com entrelinhas: a casa de chaves. O senhor percebe? O senhor acha que é uma boa idéia?

O chefe de redação moveu sua mão coçadora até a altura das costelas inferiores e coçou ali tranqüilamente.

– A idéia – disse o Sr. Bloom – é a casa das chaves. O senhor sabe, conselheiro, o parlamento Manx. Alusão à autonomia. Turistas, o senhor sabe, da ilha de Man. Atrai o olhar, o senhor compreende. O senhor pode fazer isso?

Eu poderia talvez lhe perguntar como pronunciar aquele *voglio*. Mas então se ele não soubesse isso só faria com que ele ficasse sem jeito. Melhor não.

– Podemos fazer isso – disse o chefe de redação. – Você tem o desenho?

– Posso consegui-lo – disse o Sr. Bloom. – Estava num jornal de Kilkenny. Ele tem também uma casa lá. Eu vou correndo perguntar a ele. Bem, o senhor pode fazer isso e apenas um pequeno par chamando a atenção. O senhor sabe o usual. Estabelecimento autorizado de alta categoria. Uma deficiência há muito sentida. E assim por diante.

O chefe de redação pensou por um minuto.

– Podemos fazer isso – disse. – Que ele nos dê três meses de renovação.

Um linotipista lhe trouxe uma página mole de prova. Ele começou a examiná-la silenciosamente. De pé o Sr. Bloom ouvia as pulsações elevadas das manivelas, observando os linotipistas silenciosos em suas caixas.

## ORTOGRÁFICO

Querem ter certeza de sua ortografia. Febre de provas. Martin Cunningham se esqueceu de nos dar esta manhã sua charada ortográfica do concurso. É divertido observar o incomparável embora um erre não é? ço cedilha ou dois esses de um mascate cansado enquanto avaliava a o equilíbrio com io de uma pêra descascada sob um muro do cemitério. Tolo, não é? Cemitério introduzido naturalmente por causa de equilíbrio.

Eu devia ter dito quando ele colocou rapidamente sua cartola. Obrigado. Eu devia ter dito alguma coisa sobre um chapéu velho ou coisa no gênero. Não. Eu podia ter dito. Dá a impressão de que é novo agora. Ver sua fachada então.

Slit. O cilindro inferior da primeira máquina projetou para diante sua bandeja móvel com slit a primeira fornada de quatro folhas dobradas em oito páginas. Slit. Quase humana a maneira com que ela slit para chamar a atenção. Fazendo todo o possível para falar. Aquela porta também slit rangendo, pedindo para ser fechada. Tudo fala à sua própria maneira. Slit.

## FAMOSO ECLESIAÍSTICO UM COLABORADOR OCASIONAL

O chefe de redação devolveu a página de prova subitamente, dizendo:

– Espere. Onde está a carta do arcebispo? Deve ser repetida no *Telegraph*. Onde está qual é o nome dele?

Ele olhou à sua volta para as máquinas barulhentas sem resposta.

– Monks, senhor? – perguntou uma voz da caixa dos tipos de impressão.

– Sim. Onde está Monks?

– Monks!

O Sr. Bloom pegou seu recorte. Hora de sair.

– Então eu vou buscar o desenho, Sr. Nannetti – disse –, e o senhor lhe dará uma boa colocação eu sei.

– Monks!

– Sim, senhor.

Renovação de três meses. Primeiro vou ter que gastar muita saliva. A tentar de qualquer forma. Ressaltar agosto: boa idéia: mês da exposição de cavalos. Ballsbridge. Afluência de turistas para a exposição.

## UM REGISTRO-DO-DIA

Ele atravessou a sala da caixa de tipos passando por um homem idoso, inclinado, de óculos e avental. O velho Monks, o registro-do-dia. Muitas matérias esquisitas devem ter passado por suas mãos em sua vida: comunicações de óbitos, anúncios de bares, discursos, processos de divórcio, retirada de afogados. Está chegando ao limite de suas forças agora. Homem sério

e sóbrio com alguma coisa na caixa econômica eu diria. A mulher uma boa cozinheira e lavadeira. Filha em sua máquina de costura na sala de estar. Feiosa Jane, sem nenhuma maluquice na cabeça.

## E ERA A FESTA DA PÁSCOA JUDAICA

Ele parou de andar para observar um linotipista distribuindo cuidadosamente os tipos. Lê primeiro de trás para diante. Faz isso rapidamente. Deve exigir alguma prática nisso. mangiD kcirtaP. Pobre papai com seu livro Hagadah, lendo para mim de trás para diante com seu dedo. *Pessach*. O ano que vem em Jerusalém. Céus, Ó céus! Toda essa longa história de que nos tirou das terras do Egito para a casa da servidão *alleluia*. *Shema Israel Adonai Elohenu*. Não, essa é a outra. Então os doze irmãos, filhos de Jacó. E então a ovelha e o gato e o cachorro e o bastão e a água e o açougueiro. E então o anjo da morte mata o açougueiro e ele mata o boi e o cachorro mata o gato. Soa um pouco tolo até que seja bem examinado. Isso quer dizer justiça mas são todos se comendo uns aos outros. Isso é o que é a vida afinal de contas. Como ele faz esse trabalho rapidamente. A prática leva à perfeição. Parece ver com seus dedos.

O Sr. Bloom se afastou dos ruídos estrepitosos prosseguindo através da galeria até o patamar. Agora eu vou de fato sair por aí de bonde para então talvez perceber que ele saiu. Melhor ligar para ele primeiro. O número? Sim. O mesmo da casa de Citron. Vinte e oito. Vinte e oito quatro quatro.

## SÓ MAIS UMA VEZ AQUELE SABONETE

Ele desceu a escada da casa. Que diacho quem rabiscou todas essas paredes com fósforos? Parece que fizeram isso por uma aposta. Há sempre um cheiro gorduroso e intenso nesses trabalhos. Cola forte morna na casa ao lado de Thom quando eu estava lá.

Retirou o lenço para dar umas pancadinhas no nariz. Cidralimão? Ah, o sabonete que pus ali. Vou perdê-lo nesse bolso. Pondo seu lenço de volta ele tirou o sabonete e o guardou, abotoado, no bolsinho de trás de sua calça.

Qual é o perfume que sua mulher usa? Eu ainda podia ir para casa: bonde: alguma coisa que esqueci. Só para ver: antes: se vestindo. Não. Aqui. Não.

Uma súbita risada aguda veio do escritório do *Evening Telegraph*. Sei de quem é. O que está acontecendo? Surgir subitamente por um instante para telefonar. É Ned Lambert.

Ele entrou mansamente.

## ERIN, GEMA VERDE DO MAR PRATEADO

– O fantasma anda – murmurou suavemente para a vidraça empoeirada o professor MacHugh, com a boca cheia de biscoito.

Fitando da lareira vazia o rosto zombeteiro de Ned Lambert, o Sr. Dedalus perguntou-lhe mal-humoradamente:

– Por Cristo agonizante, isso não lhe provocaria uma azia no traseiro?

Sentado à mesa, Ned Lambert prosseguiu lendo:

– *Ou ainda, notem os meandros de algum regato murmurejante enquanto ele balbucia em seu curso, embora brigando com os obstáculos pedregosos, até as águas que tombam do domínio azul de Netuno, entre bancos musgosos, abanado pelo mais suave zéfiro, do qual o sol glorioso tirou vantagem ou sob as sombras lançadas sobre seu seio melancólico pela folhagem abobadada dos gigantes da floresta.* Que tal isso, Simon? – perguntou por sobre a margem do seu jornal. – O que você me diz disso como jactância?

– Está bebendo algo novo – disse o Sr. Dedalus.

Às gargalhadas, Ned Lambert bateu com o jornal em seus joelhos, repetindo:

– *O seio melancólico e a folhagem atamancada.* Puxa vida! Puxa vida!

– E Xenofonte olhou para Maratona – disse o Sr. Dedalus olhando novamente da lareira para a janela – e Maratona olhava para o mar.

– Basta – gritou o professor MacHugh da janela. – Não quero mais ouvir falar desse assunto.

Ele acabou de comer a meia-lua da bolacha de água que andara mordiscando e, o apetite despertado, se preparou para morder o biscoito em sua outra mão.

Matéria de linguagem bombástica. Disparates. Vejo que Ned Lambert está tirando um dia de folga. Perturba bastante o dia de um homem, um enterro. Ele tem influência dizem. O velho Chatterton, o vice-chanceler, é seu tio-avô ou seu tio-bisavô. Está perto dos noventa dizem. Subeditorial para sua morte talvez tenha sido escrito há muito tempo. Vivendo para irritá-los. Poderia ele mesmo partir primeiro. Johnny, faça lugar para o seu tio. O excelentíssimo Hedges Eyre Chatterton. Ouso afirmar que ele preenche para ele um ou dois cheques tremidos nos dias de pagamento dos periódicos. Sorte inesperada quando ele bater as

botas. Aleluia.

– Só um outro espasmo – disse Ned Lambert.

– O que é? – perguntou o Sr. Bloom.

– Um fragmento de Cícero recentemente descoberto – respondeu o professor MacHugh com tom pomposo. – *Nosso belo país.*

## CURTO MAS DIRETO

– País de quem? – disse simplesmente o Sr. Bloom.

– Pergunta muito pertinente – disse o professor MacHugh entre suas mastigadas. – Com acento sobre de quem.

– País de Dan Dawson – disse o Sr. Dedalus.

– É o discurso dele de ontem à noite? – perguntou o Sr. Bloom.

Ned Lambert acenou com a cabeça.

– Mas ouçam isso – disse ele.

A maçaneta da porta bateu no meio das costas do Sr. Bloom quando ela foi empurrada.

– Desculpe-me – disse J. J. O'Molloy, entrando.

O Sr. Bloom se afastou agilmente.

– Eu lhe peço desculpa – disse ele.

– Bom-dia, Jack.

– Entre. Entre.

– Bom-dia.

– Como vai, Dedalus?

– Bem, e você?

J. J. O'Molloy sacudiu a cabeça.

TRISTE

Ele costumava ser o rapaz mais inteligente do foro judicial jovem. Tísico, pobre camarada. Essa vermelhidão héctica significa o fim para um homem. É perigoso para ele. Que vento o traz, eu me pergunto. Preocupação com dinheiro.

– *Ou ainda se nós ao menos galgarmos os picos das montanhas cerradas.*

– Você está com uma aparência excelente.

– Será que o editor pode ser visto? – perguntou J. J. O’Molloy, olhando para a porta interna.

– Como não – disse o professor MacHugh. – Ser visto e ouvido. Ele está no seu santuário com Lenehan.

J. J. O’Molloy caminhou para a escrivaninha inclinada e começou a voltar para trás as páginas rosa do arquivo.

Clientela minguando. Um podiatersido. Perdendo a coragem. Jogando.

Dívidas de honra. Colhendo o turbilhão. Costumava receber bons honorários adiantados de D. e T. Fitzgerald. Suas perucas para mostrar sua massa cinzenta. Com o cérebro à mostra como a estátua em Glasnevin. Creio que ele faz uma contribuição literária para o *Express* com Gabriel Conroy. Um rapaz muito culto. Myles Crawford começou no *Independent*. Engraçada a maneira pela qual esses jornalistas mudam de opinião quando eles tomam conhecimento de uma nova oportunidade. Cata-ventos. Quente e frio no mesmo sopro. Não saberiam em quem acreditar. Uma história boa até se ouvir a próxima. Atacam-se impetuosamente uns aos outros nos jornais e depois tudo se dissipa. Cumprimentam bem o sujeito que encontram no momento seguinte.

– Ah, ouçam isso pelo amor de Deus – rogou Ned Lambert. – *Ou ainda se nós ao menos galgarmos os picos da montanha cerrada...*

– Bombástico! – interrompeu o professor com mau humor. – Chega de falastrão inflado!

– *Picos* – continuou Ned Lambert – *subindo cada vez mais alto, para banhar nossas almas, por assim dizer...*

– Que ele banhe seus lábios – disse o Sr. Dedalus. – Deus eterno e abençoado! Sim? Será que ele está recebendo alguma coisa por isso?

– *Por assim dizer, no panorama incomparável da pasta da Irlanda, inigualáveis, apesar dos protótipos bem elogiados em outras alardeadas regiões merecedoras de prêmio, por sua grande beleza, de frondosos arvoredos e planícies ondulantes e pastagens luxuriantes de um verde vernal, impregnados do brilho translúcido e transcendente do nosso crepúsculo irlandês ameno e misterioso...*

– A lua – disse o professor MacHugh. – Ele se esqueceu de Hamlet.

– *Que envolve a vista por toda parte e espera até que a orbe resplandecente da lua fulgure para irradiar seu resplendor prateado...*

– Ó! – gritou o Sr. Dedalus, dando vazão a um gemido desalentado. – Mas que merda! Chega, Ned. A vida é curta demais.

Ele tirou sua cartola e, soprando impacientemente em seu basto bigode, penteou seu cabelo à moda de Gales com seus dedos.

Ned Lambert jogou o jornal para o lado, cacarejando com prazer. Um instante depois uma risada enorme e rouca irrompeu do rosto não barbeado e de óculos escuros do professor MacHugh.

– Doughy Daw! – gritou ele.

## O QUE WETHERUP DISSE

É fácil zombar agora disso impresso friamente mas esse negócio desce pela garganta como um pãozinho quente. Também ele era do ramo da padaria, não era? Razão pela qual o chamavam de Doughy Daw. Em todo caso ele enriqueceu. Filha noiva daquele camarada do departamento de receita pública que tem um carro. Fisqueou isso satisfatoriamente. Diversões. Casa aberta a todos. Grande festividade. Wetherup sempre disse isso. Agarrá-los pelo estômago.

A porta interna foi aberta violentamente e uma cara bicuda escarlate, encimada por uma crista de cabelo emplumado, se intrometeu. Os atrevidos olhos azuis olharam fixamente à volta e a voz áspera perguntou:

– O que é?

– E eis que chega o falso senhor em pessoa! – disse grandiloqüentemente o professor MacHugh.

– Seu sabe-tudo, seu miserável velho pedagogo – disse o editor em resposta.

– Venha, Ned – disse o Sr. Dedalus, pondo o chapéu. – Eu preciso de um drinque depois disso.

– Drinque! – gritou o editor. – Nenhum drinque será servido antes da missa.

– E com toda a razão – disse o Sr. Dedalus saindo. – Vamos, Ned.

Ned Lambert desceu da mesa escorregando de lado. Os olhos azuis do editor vagaram em direção ao rosto do Sr. Bloom, que esboçava um sorriso.

– Você se junta a nós, Myles? – perguntou Lambert.

## BATALHAS MEMORÁVEIS RELEMBRADAS

– A milícia de North Cork! – gritou o editor, dando grandes passadas em direção à lareira. – Nós ganhamos todas as vezes! North Cork e oficiais espanhóis.

– Onde foi isso Myles? – perguntou Ned Lambert com um olhar pensativo para as biqueiras de seus sapatos.

– Em Ohio! – bradou o editor.

– Foi isso mesmo, por Deus – concordou Ned Lambert.

Saindo ele murmurou para J. J. O’Molloy:

– Jigas incipientes. Caso triste.

– Ohio! – exultou o editor com voz aguda e elevada partindo de seu rosto enaltecido escarlate. – Meu Ohio!

– Um perfeito crético! – observou o professor. – Longa, curta e longa.

## Ó, HARPA EÓLICA

Ele pegou um rolo de linha dental do bolso de seu colete e, partindo um pedaço, passou elegantemente entre os seus ressoantes dentes não lavados.

– Binguebangué, banguébangué.

Vendo o terreno livre, o Sr. Bloom se encaminhou para a porta interna.

– Só um minuto, Sr. Crawford – disse ele. – Eu só quero fazer uma ligação sobre um anúncio.

Ele entrou.

– E quanto ao editorial desta noite? – perguntou o professor MacHugh, vindo até o editor e pousando uma mão firme em seu ombro.

– Está tudo certo – disse Myles Crawford mais calmamente. – Não se atormente. Alô, Jack. Está bem.

– Bom-dia, Myles – disse J. J. O’Molloy, deixando as páginas que segurava deslizar molemente de volta para o arquivo. – É hoje que passa aquele caso de fraude do Canadá?

O telefone zuniu lá dentro.

– Vinte e oito. Não. Vinte. Quatro quatro, sim.



## DESCOBRIR O GANHADOR

Lenehan saiu do escritório interno com folhas do *Sport*.

– Quem quer uma barbada para o Grande Prêmio? – perguntou. – Cetro montado por O. Madden.

Jogou as folhas sobre a mesa.

No saguão gritos estridentes de pequenos jornaleiros descalços se aproximavam apressados e a porta foi aberta com violência.

– Psiu – disse Lenehan. – Ouço passos.

O professor MacHugh atravessou a sala com passos largos e agarrou o garoto agachado pela gola enquanto os outros fugiam do saguão precipitadamente escada abaixo. As folhas farfalharam com a corrente de ar, flutuaram suavemente no ar as garatujas azuis e passando por baixo da mesa chegaram à terra.

– Não fui eu, senhor. Foi o camarada grande que me empurrou, senhor.

– Ponha-o fora e feche a porta – disse o editor. – Há um furacão soprando.

Lenehan começou a pegar as folhas do chão, resmungando ao se abaixar duas vezes.

– Estou esperando o caderno especial da corrida, senhor – disse o pequeno jornaleiro. – Foi Pat Farrell que me empurrou, senhor.

Ele apontou para dois rostos espiando por detrás do batente da porta.

– Ele, senhor.

– Fora daqui você – disse rispidamente o professor MacHugh.

Ele empurrou o menino para fora e fechou com violência a porta.

J. J. O'Molloy virou as páginas do arquivo com estalido, murmurando, procurando.

– Continua na página seis, coluna quatro.

– Sim. É do *Evening Telegraph* aqui – disse ao telefone da sala interna o Sr. Bloom. – O patrão está...? Sim, *Telegraph*... Para onde? Aha! Que salas de leilão? Aha! Entendo. Certo. Eu o alcançarei.

## UMA COLISÃO SE SEGUE

A sineta zuniu novamente enquanto ele desligava. Ele entrou rapidamente e deu um encontrão em Lenehan que estava lutando com a segunda folha do arquivo.

– *Pardon, monsieur* – disse Lenehan o agarrando por um instante e fazendo uma careta.

– Minha culpa – disse o Sr. Bloom, suportando seu aperto. – Você se machucou?

Estou com pressa.

– O joelho – disse Lenehan.

Ele fez uma expressão cômica e choramingou, esfregando o joelho:

– A acumulação do *anno Domini*.

– Desculpe – disse o Sr. Bloom.

Ele caminhou para a porta e, mantendo-a entreaberta, parou. J. J. O'Molloy bateu por cima das páginas pesadas. O barulho de duas vozes estridentes, uma gaita, ecoou no saguão vazio vindo dos pequenos jornaleiros acorados na soleira da porta.

– *Nós somos os garotos de Wexford*

*Que lutam com a mão e o coração.*

## BLOOM SAI

– Eu só estou dando um pulo em Bachelor's Walk – disse o Sr. Bloom –, a respeito deste anúncio de Chaves. Quero resolvê-lo. Disseram que ele está por ali no Dillon's.

Por um momento ele olhou indeciso para os rostos deles. O editor que, encostado na lareira, apoiara a cabeça nas mãos, subitamente estendeu o braço com um gesto teatral.

– Parta! – disse. – O mundo está à sua frente.

– Volto num instante – disse o Sr. Bloom, saindo apressado.

J. J. O'Molloy pegou as folhas da mão de Lenehan e as leu, soprando suavemente para separá-las, sem comentário.

– Ele vai conseguir esse anúncio – disse o professor, olhando fixamente com seus óculos de aros escuros pela persiana entreaberta. – Olhem só para os jovens tratantes atrás dele.

– Mostre. Onde? – exclamou Lenehan, correndo para a janela.

## UM CORTEJO NA RUA

Os dois olharam sorrindo por cima da persiana entreaberta para a fila de pequenos jornaleiros

saltando no rastro do Sr. Bloom, o último ziguezagueando na brisa um papagaio branco zombeteiro, com uma cauda de laços corrediços brancos.

– Olhem para o clamor público dos moleques de rua atrás dele – disse Lenehan – e vocês vão se divertir. Ó meu fígado desopilado! Imitando seus pés grandes e seu andar desajeitado. Até os menores truques. São capazes de se aproximar despercebidos até de cotovias.

Ele começou a dançar uma mazurca numa rápida caricatura através do soalho passando com pés deslizantes pela lareira até J. J. O’Molloy que colocou as folhas em suas mãos estendidas para recebê-las.

– O que é isso? – disse Myles Crawford com um sobressalto. – Para onde foram os outros dois?

– Quem? – disse o professor, se voltando. – Eles foram dar uma volta até o Oval para tomar um drinque. Paddy Hooper está lá com Jack Hall. Chegou ontem à noite.

– Vamos então – disse Myles Crawford. – Onde está o meu chapéu?

Ele entrou abruptamente na sala atrás, separando as abas de sua jaqueta, fazendo tilintar as chaves no seu bolso de trás. Elas tilintaram então no ar e de encontro à madeira quando ele trancou a gaveta de sua escrivaninha.

– Ele está meio bêbado – disse o professor MacHugh em voz baixa.

– Parece estar – disse J. J. O’Molloy, pegando uma cigarreira com uma reflexão sussurrante –, mas não é possível nos fiarmos sempre na aparência. Quem aí tem mais fósforos?

## O CACHIMBO DA PAZ

Ele ofereceu um cigarro ao professor e pegou um para si mesmo. Lenehan riscou prontamente um fósforo para eles e acendeu os seus cigarros um de cada vez. J. J. O’Molloy abriu sua cigarreira novamente e a ofereceu.

– *Thanky vous* – disse Lenehan, se servindo.

O editor veio do escritório interno, com um chapéu de palha enviesado na testa. Declamou cantando, apontando severamente para o professor MacHugh:

– *Eram posição e fama que te tentavam  
Era o império que seduzia teu coração.*

O professor deu um sorriso forçado, cerrando seus longos lábios.

– Hein? Seu velho miserável império romano? – disse Myles Crawford.

Ele pegou um cigarro da cigarreira aberta. Lenehan, acendendo-o para ele com rápida solicitude, disse:

– Silêncio para a minha charada nova em folha!  
– *Imperium romanum* – disse J. J. O’Molloy delicadamente. – Soa mais nobre do que britânico ou de Brixton. A palavra me lembra de certa forma gordura no fogo.  
Myles Crawford soprou violentamente para o teto sua primeira baforada.  
– É isso aí – disse. – Nós somos a gordura. Você e eu somos a gordura no fogo. Estamos mais fritos do que uma bola de neve no inferno.

## A GRANDEZA QUE FOI ROMA

– Vamos com calma – disse o professor MacHugh, erguendo duas garras tranqüilas. – Não devemos nos deixar levar por palavras, por sons de palavras. Pensamos em Roma imperial, imperiosa, imperativa.

Estendeu braços elocutórios dos punhos manchados e puídos da camisa, fazendo uma pausa:

– O que foi a sua civilização? Vasta, concedo: mas desprezível. *Cloacae*: esgotos. Os judeus no deserto e no cimo da montanha disseram: *É apropriado ficar aqui. Construíamos um altar para Jeovah*. O romano, como o inglês que lhe seguiu os passos, trouxe para cada novo litoral em que pôs os pés (em nosso litoral ele nunca os pôs) apenas sua obsessão cloacal. Ele lançou um olhar à volta vestindo sua toga e disse: *É apropriado ficar aqui. Construíamos uma latrina*.

– O que eles assim fizeram – disse Lenehan. – Nossos antigos e velhos ancestrais, como lemos no primeiro capítulo de Guinness, gostavam é dos riachos.

– Eles eram cavalheiros da natureza – J. J. O’Molloy murmurou. – Mas nós temos também a lei romana.

– E Pôncio Pilatos é seu profeta – respondeu o professor MacHugh.

– Você conhecem aquela história sobre aquele importante barão Palles? – perguntou J. J. O’Molloy. – Foi num jantar da universidade real. Tudo estava indo às mil maravilhas...

– Primeiro a minha charada! – exclamou Lenehan. – Você estão prontos?

O Sr. O’Madden Burke, alto num *tweed* de Donegal de um cinza exuberante, entrou vindo do saguão. Stephen Dedalus, atrás dele, tirou o chapéu ao entrar.

– *Entrez, mes enfants!* – exclamou Lenehan.

– Estou escoltando um suplicante – disse melodiosamente o Sr. O’Madden. – A Juventude conduzida pela Experiência visita a Notoriedade.

– Como vai? – disse o editor, estendendo a mão. – Entre. Seu chefe acabou de sair.

Lenehan disse para todos:

– Silêncio! Que ópera é ao mesmo tempo um instrumento musical e um animal?

Reflitam, ponderem, excogitem, respondam.

Stephen entregou as folhas batidas à máquina, apontando para o título e assinatura.

– Quem? – perguntou o editor.

Um pedacinho rasgado.

– Sr. Garrett Deasy – disse Stephen.

– Aquele velho libertino – disse o editor. – Quem o rasgou? Estava lhe faltando papel?

*Na nau ligeira ele vem*

*Flamejando do sul tempestuoso*

*O pálido vampiro*

*A boca na minha boca.*

– Bom-dia, Stephen – disse o professor, vindo espiar por cima dos ombros deles. – Febre aftosa? Você se tornou...?

Bardo protetor-de-novilho.

## TUMULTO NUM CONHECIDO RESTAURANTE

– Bom-dia, senhor – respondeu Stephen corando. – A carta não é minha. O Sr. Garrett Deasy me pediu para...

– Ó, eu o conheço – Myles Crawford disse –, e eu conheci sua mulher também. A velha mais miserável e intratável que Deus já criou. Por Cristo, ela tinha febre aftosa sem dúvida alguma! A noite em que ela jogou o prato de sopa na cara do garçom em Star and Garter. Meu Deus!

Uma mulher trouxe o pecado ao mundo. Por Helena, a mulher fugitiva de Menelau, dez anos os gregos. O'Rourke, príncipe de Breffni.

– Ele é viúvo? – perguntou Stephen.

– É, a mulher está separada dele há muito tempo – disse Myles Crawford, percorrendo o texto batido à máquina. – Cavalos do imperador. Habsburgo. Um irlandês salvou a sua vida nas muralhas de Viena. Não se esqueçam! Maximilian Karl O'Donnell, graf von Tirconnell na Irlanda. Mandou seu herdeiro levar então ao rei as insígnias de marechal-de-campo da Áustria. Vai haver confusão lá um desses dias. Gansos selvagens. Ó sim, toda

vez. Não se esqueçam disso!

– O xis do problema é se ele se esqueceu – disse J. J. O’Molloy tranqüilamente, revirando na mão um peso de papel de ferradura. – Salvar príncipes é uma tarefa digna de uma recompensa substancial.

O professor MacHugh se virou para ele.

– E se não? – disse.

– Eu vou lhes contar como era – começou Myles Crawford. – Era uma vez um húngaro...

## CAUSAS PERDIDAS NOBRE MARQUÊS MENCIONADO

– Nós sempre fomos fiéis às causas perdidas – disse o professor. – O sucesso para nós é a morte do intelecto e da imaginação. Nunca fomos leais aos bem-sucedidos. Nós os servimos. Eu ensino a língua redundante que é o latim. Eu falo a língua de uma raça cujo ápice de sua mentalidade é a máxima: tempo é dinheiro. Dominação material. *Domine!* Senhor! Onde está a espiritualidade? Lorde Jesus? Lorde Salisbury? Um sofá em um clube aristocrático. Mas o grego!

## KYRIE ELEISON!

Um sorriso de compreensão iluminou seus olhos de bordas escuras, alongou seus lábios longos.

– O grego! – disse ele novamente. – *Kyrios!* Palavra cintilante! As vogais os semitas e os saxões as desconhecem. *Kyrie!* O esplendor do intelecto. Eu deveria lecionar grego, a linguagem da mente. *Kyrie eleison!* O fabricante da latrina e o construtor do esgoto nunca serão senhores de nosso espírito. Nós somos vassalos feudais da ordem de cavaleiros católicos da Europa que se arruinou em Trafalgar, e do império do espírito, não de um *imperium*, que se afundou com as frotas atenienses em Egospotamos. Sim, sim. Eles se afundaram. Pirro, induzido em erro por um oráculo, fez uma última tentativa de recuperar a

prosperidade da Grécia. Leal a uma causa perdida.

Ele se afastou deles a passos largos caminhando em direção à janela.

– Eles partiam para lutar – disse o Sr. O’Madden Burke sombriamente –, mas sempre perdiam.

– Buubuu! – choramingou Lenehan com um barulhinho. – Devido a um tijolo que lhe caiu em cima na segunda metade da *matinée*. Pobre, pobre, pobre Pirro!

Ele murmurou então perto do ouvido de Stephen:

### VERSO HUMORÍSTICO DE LENEHAN

*– MacHugh é um guru enfadonho*

*De óculos pretos medonhos*

*Com a visão dupla que tem*

*Os óculos não lhe fazem bem.*

*Mas isso não é piada nem em sonho.*

De luto por Saluste, diz Mulligan. Cuja mãe morreu como um animal.

Myles Crawford socou as folhas no bolso lateral.

– Vai dar tudo certo – disse. – Eu vou ler o resto depois. Vai dar tudo certo.

Lenehan estendeu as mãos em sinal de protesto.

– Mas a minha charada! – disse. – Que ópera é ao mesmo tempo um instrumento musical e um animal?

– Ópera? – O rosto esfingico do Sr. O’Madden Burke recharadou.

Lenehan anunciou alegremente.

– *Violanta*. Viram a piada? Viola e anta. Puxa!

Ele deu um soco suave no estômago do Sr. O’Madden. O Sr. O’Madden caiu com graça para trás sobre seu guarda-chuva, fingindo sufocar um grito.

– Socorro! – suspirou ele. – Estou sentindo uma extrema fraqueza.

Erguendo-se na ponta dos pés, Lenehan abanou o rosto dele rapidamente com as folhas farfalhantes.

O professor, voltando por entre os arquivos, tocou de leve com as mãos as gravatas frouxas de Stephen e do Sr. O’Madden Burke.

– Paris, passado e presente – disse ele. – Vocês estão parecendo dois membros de uma comuna.

– Como os camaradas que derrubaram a Bastilha – disse J. J. O’Molloy com branda zombaria. – Ou teriam sido vocês que atiraram de comum acordo no vice-rei da Finlândia? Vocês estão com jeito de ter realizado esse feito. General Bobrikoff.

– Nós estávamos exatamente pensando nisso – disse Stephen.

## OMNIUM AGRUPAMENTUM

– Todos os talentos – disse Myles Crawford. – Lei, os clássicos...

– As corridas de cavalos – encaixou Lenehan.

– Literatura, a imprensa.

– Se Bloom estivesse aqui – disse o professor. – A delicada arte da publicidade.

– E Madame Bloom – acrescentou o Sr. O’Madden Burke. – A musa vocal. A primadona favorita de Dublin.

Lenehan tossiu com força.

– Hemhem! – disse ele muito suavemente. – Ó, o que eu não daria por um sopro de ar fresco! Eu peguei um resfriado no parque. O portão estava aberto.

## “VOCÊ CONSEGUE!”

O editor pôs sua mão nervosa no ombro de Stephen.

– Eu quero que você escreva alguma coisa para mim – disse. – Alguma coisa mordaz. Você pode fazer isso. Eu o vejo em seu rosto. *No léxico da juventude...*

Vejo isso no seu rosto. Vejo isso nos seus olhos. Seu indolente Maquiavelzinho preguiçoso.

– Febre aftosa! – exclamou o editor numa invectiva desdenhosa. – Grande assembléia nacionalista em Borris-in-Ossory. Tudo disparate! Intimidando o público! Dê-lhes alguma coisa corrosiva. Meta-nos todos nisso e que se dane. Padre, Filho e Espírito Santo e Jakes M’Carthy.

– Nós podemos todos fornecer sustento mental – disse o Sr. O’Madden Burke.

Stephen ergueu os olhos para o olhar atrevido e desatento.

– Ele o quer na turma da imprensa – disse J. J. O’Molloy.



## O GRANDE GALLAHER

– Você pode fazer isso – repetiu Myles Crawford, apertando a mão dele com entusiasmo. – Espere um instante. Nós vamos paralisar a Europa como Ignatius Gallaher costumava dizer quando estava desempregado, marcando os pontos no jogo de bilhar no Clarence. Gallaher, aquilo é que era um jornalista. Que pena brilhante. Você sabe como ele se distinguiu? Vou lhe dizer. Foi a matéria de jornalismo mais inteligente que já existiu. Isso foi em 81, 6 de maio, época dos invencíveis, assassinato no parque Phoenix, antes de você nascer, creio. Vou lhe mostrar.

Passou empurrando por eles até o arquivo.

– Olhem aqui – disse ele se voltando. – O *New York World* havia telegrafado pedindo uma nota especial. Vocês se lembram daquele tempo?

O professor MacHugh acenou com a cabeça em assentimento.

– *New York World* – disse o editor, empurrando seu chapéu de palha excitadamente para trás. – O lugar em que aconteceu. Quero dizer Tim Kelly, ou Kavanagh. Joe Brady e todos os outros. Onde Pele-de-Cabra conduziu o carro. Todo o caminho, entende?

– Pele-de-Cabra – disse o Sr. O'Madden Burke. – Fitzharris. Ele tem aquele abrigo do cocheiro, dizem, lá na ponte Butt. Holohan me disse. Vocês conhecem Holohan?

– Pule e leve, não é? – disse Myles Crawford.

– E o pobre do Gumley também está lá, segundo ele me disse, cuidando de um depósito de pedras para a corporação. Um vigia noturno.

Stephen se voltou surpreso.

– Gumley? – disse. – Não me diga. Um amigo de meu pai, não é?

– Esqueçam Gumley – gritou irritado Myles Crawford. – Deixem que Gumley cuide das pedras, e não deixe elas fugirem. Olhem para isto aqui. O que fez Ignatius Gallaher? Vou lhes dizer. Inspiração de gênio. Telegrafou imediatamente. Vocês têm o *Weekly Freeman* de 17 de março? Vocês acharam?

Ele voltou atrás as páginas do arquivo e grudou o dedo num ponto.

– Peguem a página quatro, digamos, no anúncio do café Bransome. Acharam? Bem.

A campainha do telefone zuniu.

## UMA VOZ DISTANTE

– Eu vou atender – disse o professor, se afastando.

– B é o portão do parque. Bom.

Seu dedo saltou e bateu vibrante em um ponto atrás do outro.

– T é o alojamento do vice-rei. C é o lugar em que o assassinato ocorreu. K é o portão Knockmaroon.

A carne flácida do seu pescoço sacudiu como o papo de um galo. Com um gesto brusco ele meteu de volta dentro do seu colete o peitilho mal engomado da camisa que se projetara para cima.

– Alô? Aqui é do *Evening Telegraph*. Alô?... Quem está falando?... Sim... Sim... Sim.

– De F a P é o caminho pelo qual Pele-de-Cabra passou de carro como forma de álibi. Inchicore, Roundtown, Windy Arbour, Palmerston Park, Ranelagh. F. A. B. P. Perceberam? X é o bar Davy no alto da Lesson Street.

O professor veio até a porta interna.

– Bloom está no telefone – disse.

– Diga a ele que vá para o inferno – disse prontamente o editor. – X é o bar Davy, perceberam?

## INTELIGENTE, MUITO

– Inteligente – disse Lenehan. – Muito.

– Ele lhes deu isso num prato quente – disse Myles Crawford –, toda a maldita história sangrenta.

Pesadelo do qual você nunca despertará.

– Eu vi isso – disse orgulhosamente o editor. – Eu estava presente. Dick Adams, aquele tratante de Cork de melhor coração do mundo em que o Senhor já tenha soprado vida, e eu.

Lenehan se curvou para uma figura no espaço, anunciando:

– Madam, eu sou Adam. E Abel era eu antes de ver Elba.

– História! – exclamou Myles Crawford. – A Velha Senhora de Prince Street foi a primeira a estar lá. Por causa disso houve choro e ranger de dentes. Por meio de um anúncio. Gregor Grey organizou o plano. Isso o ajudou a pôr o pé no estribo. Então Paddy Hooper trabalhou Tay Pay que o levou para o *Star*. Agora ele está lá com Blumenfeld. Isso é a imprensa. Isso é talento. Pyatt! O papai de todos!

– O pai do jornalismo das ousadas manchetes – confirmou Lenehan – e o cunhado de Chris Callinan.

– Alô? Quem está falando? Sim, ele ainda está aqui. Venha você.

– Onde se encontra agora um jornalista desse calibre, hein? – exclamou o editor.

Ele atirou com violência as páginas.

– Tanadamente darentoso – disse Lenehan para o Sr. O'Madden Burke.

– Muito esperto – disse o Sr. O'Madden Burke.

O professor MacHugh veio do gabinete interno.

– Falando dos invencíveis – disse –, vocês viram que alguns vendedores ambulantes compareceram perante o magistrado...

– Ó sim – disse vivamente J. J. O’Molloy. – Lady Dudley estava caminhando para a casa através do parque para ver todas as árvores que foram derrubadas pelo ciclone do ano passado e pensou em comprar um cartão-postal com uma vista de Dublin. E este cartão nada mais era do que uma comemoração a Joe Brady ou o Número Um ou Pele-de-Cabra. Justamente no lado de fora do alojamento do vice-rei, imaginem só!

– Agora estão apenas envolvidos em procedimentos inconseqüentes – disse Myles Crawford. – Arre! A imprensa e a advocacia! Onde existe agora um homem nos tribunais como aqueles camaradas, como Whiteside, como Isaac Butt, como o eloqüente O’Haggan. Hein? Ah, maldito absurdo. Arre! Só de segunda categoria.

Sua boca silenciosa continuava a se contrair sem falar com crispações nervosas que expressavam desprezo.

Será que haveria alguém que desejasse beijar essa boca? Como é que vamos saber? Por que você escreveu isso então?

## RIMAS E RAZÕES

Boca, soca. Será que a boca soca de uma certa maneira? Ou o que soca é boca? Deve haver algo. Soca, toca, foca, roca, doca. Rimas: dois homens vestidos igualmente, parecendo iguais, dois a dois.

. . . . . *la tua pace*  
. . . . . *che parlar ti piace*  
*Mentre che il vento, come fa, si tace.*

Ele as viu se aproximando de três em três, moças de verde, de rosa, de castanho-avermelhado, enlaçadas, *per l’aer perso*, de malva, de púrpura, *quella pacifica oriafiamma*, ouro de oriflama, *di rimirar fè più ardenti*. Mas eu homens velhos, penitentes, pésdechumbo, soboescuroabaixo a noite: boca soca: centre ventre.

– Defenda-se – disse o Sr. O’Madden Burke.

## A CADA DIA BASTA...

Sorrindo amarelo, J. J. O'Molloy aceitou o desafio.

– Meu caro Myles – disse ele, jogando fora o cigarro –, você interpretou mal as minhas palavras. Conforme no momento aconselhado, eu não serei defensor da terceira profissão *qua* profissão mas suas pernas de Cork o estão fazendo perder o controle. Por que não trazer à tona Henry Grattan e Flood e Demóstenes e Edmund Burke? Todos nós conhecemos Ignatius Gallaher e seu patrão de Chapelizod, Harmsworth do jornal de um vintém, e seu primo americano da imprensa marrom sem mencionar *Paddy Kelly's Budget*, *Pue's Occurrences* e nosso amigo alerta *The Skibbereen Eagle*. Por que trazer à tona um mestre da eloquência forense como Whiteside? A cada dia basta o seu jornal.

## ELOS COM OS DIAS DE OUTRORA

– Grattan e Flood escreveram neste mesmo jornal – gritou o editor na cara dele. – Voluntários irlandeses. Onde você está agora? Fundado em 1763. Dr. Lucas. Quem você tem agora como John Philpot Curran? Puxa!

– Bem – disse J. J. O'Molloy – Bushe K. C., por exemplo.

– Bushe? – disse o editor. – Bem, sim: Bushe, sim. Ele tem esse estilo no seu sangue. Kendal Bushe ou quero dizer Seymour Bushe.

– Há muito tempo ele estaria na magistratura – disse o professor – se não fosse... Mas não importa.

J. J. O'Molloy se voltou para Stephen e disse calmamente e lentamente:

– Uma das orações mais refinadas que penso jamais ter ouvido em toda a minha vida saiu dos lábios de Seymour Bushe. Foi naquele caso de fratricídio, no caso do assassinato de Childs. Bushe o defendeu.

*E no pavilhão de minha orelha derramou.*

A propósito como ele descobriu isso? Ele morreu dormindo. Ou a outra história, a fera de duas costas?

– O que foi isso? – perguntou o professor.

– Ele falou baseado na lei de evidência – disse J. J. O’Molloy – da justiça romana em contraste com o código mosaico anterior, a *lex talionis*. E ele citou o Moisés de Michelangelo no vaticano.

– Hah.

– Umas poucas palavras bem escolhidas – prefaciou Lenehan. – Silêncio!

Pausa. J. J. O’Molloy pegou sua cigarreira.

Falsa calma. Alguma coisa bem banal.

Pensativamente o Mensageiro tirou um palito de sua caixa de fósforos e acendeu seu charuto.

Desde então eu pensei muitas vezes ao olhar para trás para aquela época singular, que tivesse sido aquele pequeno ato, tão trivial em si mesmo, o riscar de um fósforo, que tivesse determinado todo o futuro rumo de nossas vidas.

## UMA ÉPOCA REQUINTADA

J. J. O’Molloy retomou, moldando suas palavras:

– Ele disse sobre isso: *aquela efígie de pedra numa música congelada, cornífera e terrível, da forma humana divina, aquele eterno símbolo de sabedoria e de profecia que, se alguma coisa daquilo que a imaginação ou a mão de um escultor talhou no mármore da almatransfigurada e da almatransfigurante merecer viver, merece viver.*

Sua mão delgada com um gesto ondulante dignificou o eco e a queda.

– Ótimo! – disse Myles Crawford imediatamente.

– A divina inspiração – disse o Sr. O’Madden Burke.

– Você gosta disso? – perguntou J. J. O’Molloy a Stephen.

Com sua natureza atraída pela graça da linguagem e do gesto, Stephen corou. Tirou um cigarro da cigarreira. J. J. O’Molloy ofereceu sua cigarreira a Myles Crawford. Lenehan acendeu como antes os cigarros deles e pegou seu troféu, dizendo:

– Muichibus obrigadibus.

– O professor Magennis me falou a seu respeito – disse J. J. O’Molloy a Stephen. – O que você realmente pensa desse grupo hermético, dos poetas da Opala e do Silêncio: A. E. o mestre místico? Foi aquela mulher Blavatsky que iniciou isso. Ela era uma bela velha sacola de truques. A. E. andou dizendo a um entrevistador ianque que você o procurou nas primeiras horas da manhã para o questionar a respeito dos planos da consciência. Magennis acha que você andou fazendo A. E. de bobo. Ele é um homem da mais elevada moral, o Magennis.

Falando a meu respeito. O que ele disse? O que ele disse? O que ele disse a meu respeito? Não pergunte.

– Não, obrigado – disse o professor MacHugh, recusando a cigareira. – Espere um instante. Deixe-me dizer uma coisa. A mais refinada exibição de oratória que jamais ouvi foi um discurso pronunciado por John F. Taylor na Sociedade Histórica de Trinity College. O juiz Sr. Fitzgibbon, o presidente atual da corte de apelação, falara e o objeto de debate era um ensaio (novo para aqueles dias), advogando o restabelecimento da língua irlandesa.

Ele se voltou para Myles Crawford e disse:

– Você conhece Gerald Fitzgibbon. Você pode então imaginar o estilo do discurso dele.

– Corre um rumor – disse J. J. O’Molloy – de que ele tem assento ao lado de Tim Healy na comissão administrativa de Trinity College.

– Ele tem assento ao lado de uma coisa encantadora vestida como uma criança – disse Myles Crawford. – Continue. E então?

– Era, observem bem – disse o professor –, o discurso de um orador consumado, cheio de uma cortesia altiva que derramava com uma dicção depurada eu não diria a torrente de sua cólera mas antes o desprezo do homem orgulhoso pelo novo movimento. Era então um movimento novo. Nós éramos fracos, portanto sem valor.

Cerrou por um momento seus lábios longos e finos mas, na ânsia de prosseguir, levou a mão bem aberta aos seus óculos e, com o polegar e o dedo anular trêmulos tocando de leve nos aros pretos, firmou-os para acertar o foco.

## IMPROMPTU

Com um tom de voz natural ele se dirigiu a J. J. O’Molloy:

– Taylor doente, como você deve saber, saíra da cama para ir ali. Que ele tivesse preparado seu discurso não o creio pois não havia um estenógrafo sequer na sala. Seu rosto magro e moreno tinha à volta uma barba que crescia emaranhada. Ele tinha um cachecol branco de seda frouxo e no seu todo ele aparentava (embora não o estivesse) estar morrendo.

Seu olhar se voltou imediatamente mas lentamente do rosto de J. J. O’Molloy para o

de Stephen e em seguida se inclinou imediatamente para o chão, procurando. Seu colarinho de linho embaciado apareceu por trás de sua cabeça inclinada, ensebado por seu cabelo escasso. Ainda buscando, ele disse:

– Quando o discurso de Fitzgibbon terminou John F. Taylor se levantou para responder. Sucintamente, da melhor maneira possível em que possam me ocorrer, foram estas as suas palavras.

Ele ergueu firmemente sua cabeça. Seus olhos mais uma vez refletiam seus pensamentos. Moluscos ininteligentes eles pululavam de um lado para o outro nas lentes espessas, procurando uma saída.

Ele começou:

– *Sr. Presidente, senhoras e senhores: Foi com grande admiração que ouvi um momento atrás as observações dirigidas à mocidade irlandesa pelo meu sábio amigo. Parecia-me estar sendo transportado para um país bem longe deste país, para uma era bem distante desta era, que eu estivesse no Egito antigo ouvindo o discurso de algum sumo sacerdote daquela terra dirigido ao juvenil Moisés.*

Seus ouvintes mantiveram seus cigarros suspensos no ar para ouvi-lo, suas fumaças subindo em frágeis hastes que desabrochavam com a sua fala. *E que possam nossas fumaças tortuosas.* Palavras nobres surgindo. Cuidado. Seriam vocês capazes de fazer o mesmo?

– *E me parecia ouvir a voz daquele sumo sacerdote egípcio elevada a um tom semelhante de altivez e de orgulho. Ouvi suas palavras e seu sentido me foi revelado.*

## HERANÇA VINDA DOS PAIS

Foi-me revelado que são boas aquelas coisas que no entanto são corrompidas que nem que elas fossem extremamente boas nem a menos que fossem boas pudessem ser corrompidas. Ah, maldição! Isso é Santo Agostinho.

– *Por que vocês judeus não querem aceitar nossa cultura, nossa religião e nossa língua? Vocês são uma tribo de pastores nômades: nós somos um povo poderoso. Vocês não têm cidades nem riqueza: nossas cidades são colmeias de humanidade e nossas galeras, trirremes e quadrirremes, carregadas de toda sorte de mercadorias sulcam os mares do mundo conhecido. Vocês apenas emergiram de condições primitivas: nós temos uma literatura, um sacerdócio, uma história secular e uma sociedade organizada.*

Nilo.

Criança, homem, efígie.

Na margem do Nilo as mariasdobebê se ajoelham, berço de junco: um homem ágil no combate: de chifre de pedra, de barba de pedra, de coração de pedra.

– *Vocês rezam a um ídolo local e obscuro: nossos templos, majestosos e misteriosos, são as moradias de Ísis e Osíris, de Hórus e Ammon Ra. De vocês a servidão, o temor e a humildade: de nós o trovão e os mares. Israel é fraco e pequeno o número de seus filhos: o Egito é um exército e terríveis são suas armas. Vagabundos e diaristass assim vocês são chamados: o mundo treme ao ouvir nosso nome.*

Um arrote de fome emudecido cortou suas palavras. Ousadamente ele ergueu acima dele a sua voz:

– *Mas, senhoras e senhores, se o jovem Moisés tivesse escutado e aceitado aquela visão de vida, se ele tivesse curvado sua cabeça e curvado sua vontade e curvado seu espírito diante daquela exortação arrogante ele nunca teria retirado o povo escolhido da casa de sua servidão, nem seguido a coluna de nuvem durante o dia. Ele nunca teria falado entre relâmpagos com o Eterno no monte Sinai nem nunca teria descido com a luz da inspiração brilhando em sua fisionomia e carregando em seus braços as tábuas da lei, gravadas na língua dos fora-da-lei.*

Ele parou e olhou para eles, desfrutando um silêncio.

## DE MAU AGOURO - PARA ELE!

J. J. O'Molloy disse com um certo pesar:

– E no entanto ele morreu sem ter entrado na terra prometida.

– Uma – morte – súbita – nesse – momento – embora – de – uma – longa – doença – muitas – vezes – previamente – expectorada – acrescentou Lenehan. – E com um grande futuro atrás de si.

A tropa de pés descalços foi ouvida se precipitando ao longo do saguão e tagarelando escada acima.

– Isso é oratória – disse o professor sem que houvesse contradição.

Levado pelo vento. Exércitos dos reis em Mullaghmast e Tara. Milhares de pavilhões de ouvidos. As palavras do tribuno, berradas e espalhadas aos quatro ventos. Um povo abrigado em sua voz. Ruído amortecido. Inscrições acasianas de tudo que jamais existiu em algum lugar que fosse. Ame e louve-o: a mim não mais.

Eu tenho dinheiro.

– Cavalheiros – disse Stephen. – Posso sugerir como próxima medida de ordem do dia que seja votado o adiamento da câmara?

– Você me deixa sem respiração. Não é por acaso uma cortesia francesa? – perguntou o Sr. O'Madden Burke. – É a hora, me parece, em que a botija de vinho, falando metaforicamente, é muito agradável senhores na Vossa antiga estalagem.



– Que assim seja e pelo presente resolutamente decidido. Todos aqueles que sejam a favor digam sim – anunciou Lenehan. – Caso contrário, digam não. Declaro a moção aprovada. Para que abrigodebedeira em particular...? Meu voto de Minerva é: Mooney!

Ele foi à frente, advertindo:

– Nós vamos nos recusar terminantemente a tomar bebidas fortes, não é? Sim, é isso aí. De modo algum.

Seguindo de perto, o Sr. O'Madden Burke disse com uma estocada aliada de seu guarda-chuva.

– Em guarda, Macduff.

– Filho da antiga cepa! – exclamou o editor, batendo no ombro de Stephen. – Vamos.

Onde é que estão aquelas malditas chaves?

Ele bateu no bolso retirando as folhas batidas à máquina amarrotadas.

– Febre aftosa. Eu sei. Está certo. Vai ser publicado. Onde é que elas estão? Tudo bem.

Ele enfiou as folhas de volta onde estavam e entrou no escritório interno.

## NÃO NOS DESESPEREMOS

J. J. O'Molloy, pronto para segui-lo, disse tranqüilamente para Stephen:

– Espero que você viva o bastante para ver isso publicado. Myles, um momento por favor.

Ele entrou no escritório interno, fechando a porta atrás de si.

– Venha, Stephen – disse o professor. – Isso está ótimo, não está? Tem uma visão profética. *Fuit Ilium!* O saque da tempestuosa Tróia. Reinados deste mundo. Os senhores do Mediterrâneo são hoje em dia felás.

O primeiro pequeno jornalista desceu correndo a escada nos calcanhares deles e saiu apressadamente para a rua, berrando:

– Especial de Corridas!

Dublin. Eu tenho muito, muito que aprender.

Eles dobraram à esquerda na rua Abbey.

– Eu também tenho uma visão – disse Stephen.

– É? – disse o professor, saltando para acertar o passo. – Crawford vai acompanhar.

Um outro pequeno jornalista disparou por eles, berrando enquanto corria:

– Especial de Corridas!

## QUERIDA TORPE DUBLIN

Dublinenses.

– Duas vestais de Dublin – disse Stephen –, idosas e piedosas, viveram respectivamente cinquenta e cinquenta e três anos em Fumbally’s Lane.

– Onde fica isso? – perguntou o professor.

– Além de Blackpitts – disse Stephen.

Noite úmida exalando um cheiro de massa de pão que desperta fome. De encontro ao muro. Um rosto reluzindo sebo sob o xale de fustão dela. Corações frenéticos. Inscrições acasianas. Mais rápido, querido!

Continue agora. Ouse. Que haja vida.

– Elas querem ver a vista de Dublin do alto da coluna de Nelson. Elas economizam três e dez pence num cofre que é uma caixa vermelha de cartas. Sacodem para fora as moedinhas de três pence e a de seis pence e conseguem extrair as de um penny com a lâmina de uma faca. Dois e três de prata e um e sete de cobre. Põem suas toucas e suas melhores roupas e pegam seus guarda-chuvas com medo que venha a chover.

– Virgens sábias – disse o professor MacHugh.

## A VIDA AO NATURAL

– Elas compram por um shilling e quatro pence quatro fatias de pão com gelatina de cabeça de porco no North City Restaurant de Marlborough Street da proprietária senhorita Kate Collins. Adquirem vinte e quatro ameixas maduras de uma menina ao pé da coluna de Nelson para matar a sede que a cabeça de porco dá. Dão duas moedinhas de três pence para o senhor que fica na borboleta e começam a subir gingando lentamente a escada em espiral, resmungando, encorajando-se uma à outra, com medo do escuro, arquejando, uma perguntando à outra se está com a gelatina, louvando a Deus e à Virgem Maria, ameaçando descer, espreitando as aberturas de ar. Deus seja louvado. Não tinham idéia de que fosse tão alta.

Elas se chamam Anne Kearns e Florence MacCabe. Anne Kearns sofre do lumbago que ela fricciona com água de Lourdes, que lhe foi dada por uma senhora que conseguiu uma garrafa de um padre da Congregação dos Passionistas. Florence MacCabe todo sábado ceia pé de porco com uma garrafa de duplo X.

– Antítese – disse o professor acenando duas vezes com a cabeça. – Virgens vestais. Posso vê-las. O que é que está detendo nosso amigo?

Ele se virou.

Um bando de pequenos jornaleiros desceu galopando a escada, se espalhando em todas as direções, berrando, com suas folhas brancas de jornal esvoaçando. Logo atrás deles surgiu Myles Crawford nos degraus da escada, com seu chapéu aureolando seu rosto escarlate, conversando com J. J. O'Molloy.

– Venham – gritou o professor, fazendo sinal com o braço.

Ele voltou a caminhar ao lado de Stephen.

– Sim. – disse – Eu as vejo.

## A VOLTA DE BLOOM

O Sr. Bloom, ofegante, envolvido por um turbilhão de pequenos jornaleiros selvagens perto dos escritórios do *Irish Catholic* e do *Dublin Penny Journal*, chamou:

– Um momento! Sr. Crawford!

– *Telegraph!* Especial de Corridas!

– O que é que há? – disse Myles Crawford, dando um passo atrás.

Um pequeno jornaleiro gritou na cara do Sr. Bloom:

– Tragédia terrível em Rathmines! Uma criança mordida por um fole!

## ENTREVISTA COM O EDITOR

– Apenas este anúncio – disse o Sr. Bloom, abrindo caminho em direção aos degraus, ofegante, e tirando o recorte de seu bolso. – Eu falei com o Sr. Chaves agora mesmo. Ele vai conceder uma renovação de dois meses, disse. Depois ele verá. Mas ele quer um par para chamar a atenção no *Telegraph* também, na folha rosa de sábado. E ele quer que seja copiado se não for tarde demais como eu disse ao conselheiro Nannetti do *Kilkenny People*. Posso ter acesso a isso na biblioteca nacional. Casa de chaves, o senhor percebe? O nome dele é Chaves. É um jogo de palavras com o nome. Mas ele praticamente prometeu dar a renovação. Mas ele quer apenas um pequeno anúncio extravagante. O que eu devo lhe dizer, Sr. Crawford?

– Quer lhe dizer para beijar o meu traseiro? – disse Myles Crawford estendendo o braço para enfatizar. – Diga-lhe isso direto do estábulo.

Um pouco nervoso. Cuidado com as rajadas. Todos fora para um drinque. De braços dados. O boné da marinha de Lenehan lá pedindo esmolas. Bajulação habitual. Eu me pergunto se aquele jovem Dedalus não é o inspirador do movimento. Está hoje com um belo par de botas. Na última vez em que o vi ele estava com seus calcanhares à vista. Andando na lama por aí. Camarada descuidado. O que é que ele estava fazendo em Irishtown?

## NO CORAÇÃO DA METRÓPOLE HIBÉRNICA

Diante da coluna de Nelson os bondes diminuían a marcha, manobravam, mudavam de linha, partiam para Blackrock, Kingstown e Dalkey, Clonskea, Rathgar e Terenure, Palmerston Park e alto Rathmines, Sandymount Green, Rathmines, Ringsend e Sandymount Tower, Harold's Cross. O rouco registrador do horário de partida da Companhia Unida de Bondes de Dublin gritava as saídas:

– Rathgar e Terenure!

– Vamos, Sandymount Green!

À direita e à esquerda, paralelos, com o retinir das sinetas que soavam, um ônibus de dois andares e um de um andar abandonavam seus terminais, desviavam para as vias descendentes, deslizavam paralelos.

– Parta, Palmerston Park!

## O MENSAGEIRO DA COROA

Sob o pórtico do correio geral engraxates chamavam fregueses e engraxavam. Estacionados na rua North Prince os carros-correio escarlates de Sua Majestade, tendo nas laterais as iniciais reais, E.R., recebiam sacos lançados ruidosamente, de cartas, cartões-postais, cartas-postais, pacotes, registrados e pagos, para entrega local, na província, na Inglaterra e além-mar.

## HOMENS DE IMPRENSA

Carroceiros com botas grossas rolavam barris com ruído surdo para fora dos depósitos de Prince e os sacolejavam sobre a carroça da destilaria. Sobre a carroça da destilaria sacolejavam barris rolados com ruído surdo para fora dos depósitos de Prince por carroceiros com botas grossas.

– Aí está – disse Red Murray. – Alexandre Chaves.

– Recorte-o apenas, está bem? – disse o Sr. Bloom –, e eu o levarei para o escritório do *Telegraph*.

A porta do escritório de Ruttledge rangeu novamente. Davy Stephens, minúsculo em sua grande pelerine, o cabelo anelado coroado por um pequeno chapéu de feltro, saiu com um rolo de papéis debaixo do seu manto, um mensageiro do rei.

O tesourão longo de Red Murray cortou o anúncio do jornal com quatro golpes secos. Tesoura e cola.

– Eu vou passar pelas impressoras – disse o Sr. Bloom, pegando o quadrado cortado.

– Naturalmente, se ele quiser um par – disse Red Murray vivamente, com uma caneta atrás da orelha –, podemos fazer um para ele.

– Certo – disse o Sr. Bloom acenando com a cabeça. – Eu enfatizarei isso.

Nós.

### O ILUSTRE WILLIAM BRAYDEN, DE OAKLANDS, SANDYMOUNT

Red Murray tocou no braço do Sr. Bloom com o tesourão e sussurrou:

– Brayden.

O Sr. Bloom se virou e viu o porteiro de libré tirar seu boné com o nome impresso do jornal enquanto uma figura imponente entrava entre os cartazes de notícias do *Weekly Freeman and National Press* e do *Freeman's Journal and National Press*. Barris de Guinness com ruído surdo. Subiu majestosamente a escada, conduzido por um guarda-chuva, um rosto solene emoldurado por barba. As costas de casimira enfiada se elevavam a cada passo: costas. Toda sua massa cinzenta está em sua nuca, diz Simon Dedalus. Vergões de carne nele atrás. Dobras gordas do pescoço, banha, pescoço, banha, pescoço.

– Você não acha que o rosto dele é como o de Nosso Salvador? – murmurou Red Murray.

A porta do escritório de Ruttledge sussurrou: ii: criei. Eles sempre constroem uma porta em frente à outra para que o vento. Entrada. Saída.

Nosso Salvador: rosto oval emoldurado de barba: conversando na penumbra. Maria, Marta. Conduzido pela espada de um guarda-chuva para a ribalta: Mario o tenor.

– Ou como o de Mario – disse o Sr. Bloom.

– Sim – concordou Red Murray. – Mas se dizia que Mario era o retrato de Nosso Salvador.

Jesusmario com as faces carmesim, de gibão e pernas finas. Mão no coração. Em *Martha*.

*Ve-em tu que estás perdida,  
Ve-em tu que és querida!*

## O BÁCULO E A PENA

– Sua graça telefonou duas vezes esta manhã – disse gravemente Red Murray.

Eles observaram os joelhos, pernas, botas sumirem. Pescoço.

O garoto do telegrama entrou lepidamente, jogou um envelope no balcão e saiu a toda velocidade com uma palavra:

– *Freeman!*

O Sr. Bloom disse lentamente:

– Bem, ele é um dos nossos salvadores também.

Um sorriso manso o acompanhou quando ele ergueu o batente do balcão, passou pela porta lateral e caminhou ao longo da escada sombria e quente e do corredor, ao longo das tábuas do soalho que agora ecoavam. Mas será que ele vai salvar a circulação? Martelando. Martelando.

Ele empurrou a porta de vaivém de vidro e entrou, pisando sobre papel de embrulho espalhado. Através de uma ala de rotativas estrepitantes ele se encaminhou em direção ao gabinete de leitura de Nannetti.

Hynes aqui também: provavelmente relato do enterro. Martelando. Martelam.

É COM VERDADEIRO PESAR QUE ANUNCIAMOS O FALECIMENTO DE UM MUITO  
RESPEITADO BURGUEÊS DE DUBLIN

Esta manhã os restos mortais do falecido Sr. Patrick Dignam. Máquinas. Despedaçam um homem até seus átomos se conseguem pegá-lo. Controlam o mundo hoje em dia. Os mecanismos dele também estão trabalhando com afinco. Como estes, perderam o controle: fermentando. Trabalhando com afinco, rasgando com afinco. E aquele velho rato cinzento abrindo buraco para entrar.

## COMO É PRODUZIDO UM GRANDE DIÁRIO

O Sr. Bloom se deteve atrás do corpo magro do chefe de redação, admirando sua cabeça lustrosa.

Estranho ele nunca ter visto seu verdadeiro país. Irlanda meu país. Membro do College Green. Ele valorizou rapidamente com o máximo esforço aquele trabalhador do trabalho diário de um novo programa de ação. São os anúncios e reportagens de página que vendem um hebdomadário, não as notícias requentadas da gazeta oficial. A rainha Ana morreu. Publicado oficialmente no ano mil e. Propriedade situada no território de Rosenallis, baronato de Tinnahinch. A todos aqueles aos quais possa interessar relação de acordo com estatuto mostrando a relação de mulas e jumentas exportadas de Ballina. Notas sobre a natureza. Cartuns. A história semanal Pat e Bull de Phil Blake. A página de tio Toby para as crianças pequeninas. Perguntas de caipiras. Prezado Sr. Editor, qual é um bom tratamento para flatulência? Eu gostaria dessa parte. Aprende-se muito ensinando aos outros. A nota pessoal. E.S.F. Essencialmente só fotografias. Banhistas bem-feitas de corpo na areia dourada. O maior balão do mundo. Casamento duplo de irmãs celebrado. Dois noivos rindo cordialmente um para o outro. Cuprani também, linotipista. Mais irlandês do que os irlandeses.

As máquinas batiam em compasso de três-por-quatro. Martelavam, martelavam, martelavam. Agora se ele ficasse paralisado ali e ninguém soubesse como pará-las elas bateriam assim mesmo incessantemente, imprimiriam sem parar pra cima e pra baixo. Macaquice de simplório a coisa toda. É preciso presença de espírito.

– Ora, ponha isso na edição da noite, conselheiro – disse Hynes.

Em breve o chamará de meu senhor prefeito. O Long John o está apoiando, dizem.

O chefe de redação, sem responder, escreveu imprensa num canto da folha e fez um sinal para um linotipista. Ele entregou a folha silenciosamente por cima da tela de vidro suja.

– Está certo, obrigado – disse Hynes saindo.

O Sr. Bloom ficou no seu caminho.

– Se você quiser sacar o caixa está justamente indo almoçar – disse, apontando para trás com o polegar.

– Você sacou? – perguntou Hynes.



– Mm – disse o Sr. Bloom. – Vai rápido e você o pegará.  
– Obrigado, meu velho – disse Hynes. – Eu também vou recorrer a ele.  
Caminhou apressado e animadamente em direção ao escritório do *Freeman's Journal*.  
Eu lhe emprestei três shillings no Meagher. Três semanas. Terceira insinuação.

## VEMOS O CORRETOR DE PUBLICIDADE EM AÇÃO

O Sr. Bloom colocou o recorte na escrivaninha do Sr. Nannetti.

– Desculpe-me, conselheiro – disse. – Este anúncio, sabe. O Chaves, o senhor se lembra?

O Sr. Nannetti considerou o recorte por algum tempo e acenou afirmativamente com a cabeça.

– Ele o quer para julho – disse o Sr. Bloom.

O chefe de redação movimentou seu lápis em direção ao recorte.

– Mas espere – disse o Sr. Bloom. – Ele o quer modificado. O Chaves, sabe. Quer duas chaves em cima.

Infernal barulho o que eles fazem. Ele não ouve. Nannan. Nervos de aço. Talvez ele entenda o que eu.

O chefe de redação se voltou para ouvir pacientemente e, erguendo o cotovelo, começou a coçar lentamente a axila através de sua jaqueta de alpaca.

– Assim – disse o Sr. Bloom, cruzando seus dedos indicadores no alto.

Deixe que ele primeiro assimile isso.

Tirando os olhos da cruz que fizera com os dedos, o Sr. Bloom contemplou o rosto pálido do chefe de redação, penso que tem o aspecto de icterícia, e mais além carretéis obedientes abastecendo enormes bobinas de papel. Retinem. Retinem. Milhas de papel desenroladas. O que é feito dele depois? Ó, embrulha carne, pacotes: mil e uma utilidades, milhares e milhares de coisas.

Deslizando habilmente suas palavras nos intervalos do retinir ele desenhrou rapidamente na madeira coberta de cicatrizes.

## A CASA DE CHAVES

– Assim, veja. Duas chaves atravessadas aqui. Um círculo. Então aqui o nome. Alexandre Chaves, comerciante de chá, vinho e bebidas em geral. Assim por diante.

É melhor não ensinar a ele seu próprio ofício.

– O senhor sabe, conselheiro, exatamente o que ele quer. Então no alto separado com entrelinhas: a casa de chaves. O senhor percebe? O senhor acha que é uma boa idéia?

O chefe de redação moveu sua mão coçadora até a altura das costelas inferiores e coçou ali tranqüilamente.

– A idéia – disse o Sr. Bloom – é a casa das chaves. O senhor sabe, conselheiro, o parlamento Manx. Alusão à autonomia. Turistas, o senhor sabe, da ilha de Man. Atrai o olhar, o senhor compreende. O senhor pode fazer isso?

Eu poderia talvez lhe perguntar como pronunciar aquele *voglio*. Mas então se ele não soubesse isso só faria com que ele ficasse sem jeito. Melhor não.

– Podemos fazer isso – disse o chefe de redação. – Você tem o desenho?

– Posso consegui-lo – disse o Sr. Bloom. – Estava num jornal de Kilkenny. Ele tem também uma casa lá. Eu vou correndo perguntar a ele. Bem, o senhor pode fazer isso e apenas um pequeno par chamando a atenção. O senhor sabe o usual. Estabelecimento autorizado de alta categoria. Uma deficiência há muito sentida. E assim por diante.

O chefe de redação pensou por um minuto.

– Podemos fazer isso – disse. – Que ele nos dê três meses de renovação.

Um linotipista lhe trouxe uma página mole de prova. Ele começou a examiná-la silenciosamente. De pé o Sr. Bloom ouvia as pulsações elevadas das manivelas, observando os linotipistas silenciosos em suas caixas.

## ORTOGRÁFICO

Querem ter certeza de sua ortografia. Febre de provas. Martin Cunningham se esqueceu de nos dar esta manhã sua charada ortográfica do concurso. É divertido observar o incomparável embora um erre não é? ço cedilha ou dois esses de um mascate cansado enquanto avaliava a va o equilíbrio com io de uma pêra descascada sob um muro do cemitério. Tolo, não é? Cemitério introduzido naturalmente por causa de equilíbrio.

Eu devia ter dito quando ele colocou rapidamente sua cartola. Obrigado. Eu devia ter dito alguma coisa sobre um chapéu velho ou coisa no gênero. Não. Eu podia ter dito. Dá a impressão de que é novo agora. Ver sua fachada então.

Slit. O cilindro inferior da primeira máquina projetou para diante sua bandeja móvel com slit a primeira fornada de quatro folhas dobradas em oito páginas. Slit. Quase humana a maneira com que ela slit para chamar a atenção. Fazendo todo o possível para falar. Aquela porta também slit rangendo, pedindo para ser fechada. Tudo fala à sua própria maneira. Slit.

## FAMOSO ECLESIAÍSTICO UM COLABORADOR OCASIONAL

O chefe de redação devolveu a página de prova subitamente, dizendo:

– Espere. Onde está a carta do arcebispo? Deve ser repetida no *Telegraph*. Onde está qual é o nome dele?

Ele olhou à sua volta para as máquinas barulhentas sem resposta.

– Monks, senhor? – perguntou uma voz da caixa dos tipos de impressão.

– Sim. Onde está Monks?

– Monks!

O Sr. Bloom pegou seu recorte. Hora de sair.

– Então eu vou buscar o desenho, Sr. Nannetti – disse –, e o senhor lhe dará uma boa colocação eu sei.

– Monks!

– Sim, senhor.

Renovação de três meses. Primeiro vou ter que gastar muita saliva. A tentar de qualquer forma. Ressaltar agosto: boa idéia: mês da exposição de cavalos. Ballsbridge. Afluência de turistas para a exposição.

## UM REGISTRO-DO-DIA

Ele atravessou a sala da caixa de tipos passando por um homem idoso, inclinado, de óculos e avental. O velho Monks, o registro-do-dia. Muitas matérias esquisitas devem ter passado por suas mãos em sua vida: comunicações de óbitos, anúncios de bares, discursos, processos de divórcio, retirada de afogados. Está chegando ao limite de suas forças agora. Homem sério

e sóbrio com alguma coisa na caixa econômica eu diria. A mulher uma boa cozinheira e lavadeira. Filha em sua máquina de costura na sala de estar. Feiosa Jane, sem nenhuma maluquice na cabeça.

## E ERA A FESTA DA PÁSCOA JUDAICA

Ele parou de andar para observar um linotipista distribuindo cuidadosamente os tipos. Lê primeiro de trás para diante. Faz isso rapidamente. Deve exigir alguma prática nisso. mangiD kcirtaP. Pobre papai com seu livro Hagadah, lendo para mim de trás para diante com seu dedo. *Pessach*. O ano que vem em Jerusalém. Céus, Ó céus! Toda essa longa história de que nos tirou das terras do Egito para a casa da servidão *alleluia*. *Shema Israel Adonai Elohenu*. Não, essa é a outra. Então os doze irmãos, filhos de Jacó. E então a ovelha e o gato e o cachorro e o bastão e a água e o açougueiro. E então o anjo da morte mata o açougueiro e ele mata o boi e o cachorro mata o gato. Soa um pouco tolo até que seja bem examinado. Isso quer dizer justiça mas são todos se comendo uns aos outros. Isso é o que é a vida afinal de contas. Como ele faz esse trabalho rapidamente. A prática leva à perfeição. Parece ver com seus dedos.

O Sr. Bloom se afastou dos ruídos estrepitosos prosseguindo através da galeria até o patamar. Agora eu vou de fato sair por aí de bonde para então talvez perceber que ele saiu. Melhor ligar para ele primeiro. O número? Sim. O mesmo da casa de Citron. Vinte e oito. Vinte e oito quatro quatro.

## SÓ MAIS UMA VEZ AQUELE SABONETE

Ele desceu a escada da casa. Que diacho quem rabiscou todas essas paredes com fósforos? Parece que fizeram isso por uma aposta. Há sempre um cheiro gorduroso e intenso nesses trabalhos. Cola forte morna na casa ao lado de Thom quando eu estava lá.

Retirou o lenço para dar umas pancadinhas no nariz. Cidralimão? Ah, o sabonete que pus ali. Vou perdê-lo nesse bolso. Pondo seu lenço de volta ele tirou o sabonete e o guardou, abotoado, no bolsinho de trás de sua calça.

Qual é o perfume que sua mulher usa? Eu ainda podia ir para casa: bonde: alguma coisa que esqueci. Só para ver: antes: se vestindo. Não. Aqui. Não.

Uma súbita risada aguda veio do escritório do *Evening Telegraph*. Sei de quem é. O que está acontecendo? Surgir subitamente por um instante para telefonar. É Ned Lambert.

Ele entrou mansamente.

## ERIN, GEMA VERDE DO MAR PRATEADO

– O fantasma anda – murmurou suavemente para a vidraça empoeirada o professor MacHugh, com a boca cheia de biscoito.

Fitando da lareira vazia o rosto zombeteiro de Ned Lambert, o Sr. Dedalus perguntou-lhe mal-humoradamente:

– Por Cristo agonizante, isso não lhe provocaria uma azia no traseiro?

Sentado à mesa, Ned Lambert prosseguiu lendo:

– *Ou ainda, notem os meandros de algum regato murmurejante enquanto ele balbucia em seu curso, embora brigando com os obstáculos pedregosos, até as águas que tombam do domínio azul de Netuno, entre bancos musgosos, abanado pelo mais suave zéfiro, do qual o sol glorioso tirou vantagem ou sob as sombras lançadas sobre seu seio melancólico pela folhagem abobadada dos gigantes da floresta.* Que tal isso, Simon? – perguntou por sobre a margem do seu jornal. – O que você me diz disso como jactância?

– Está bebendo algo novo – disse o Sr. Dedalus.

Às gargalhadas, Ned Lambert bateu com o jornal em seus joelhos, repetindo:

– *O seio melancólico e a folhagem atamancada.* Puxa vida! Puxa vida!

– E Xenofonte olhou para Maratona – disse o Sr. Dedalus olhando novamente da lareira para a janela – e Maratona olhava para o mar.

– Basta – gritou o professor MacHugh da janela. – Não quero mais ouvir falar desse assunto.

Ele acabou de comer a meia-lua da bolacha de água que andara mordiscando e, o apetite despertado, se preparou para morder o biscoito em sua outra mão.

Matéria de linguagem bombástica. Disparates. Vejo que Ned Lambert está tirando um dia de folga. Perturba bastante o dia de um homem, um enterro. Ele tem influência dizem. O velho Chatterton, o vice-chanceler, é seu tio-avô ou seu tio-bisavô. Está perto dos noventa dizem. Subeditorial para sua morte talvez tenha sido escrito há muito tempo. Vivendo para irritá-los. Poderia ele mesmo partir primeiro. Johnny, faça lugar para o seu tio. O excelentíssimo Hedges Eyre Chatterton. Ouso afirmar que ele preenche para ele um ou dois cheques tremidos nos dias de pagamento dos periódicos. Sorte inesperada quando ele bater as

botas. Aleluia.

– Só um outro espasmo – disse Ned Lambert.

– O que é? – perguntou o Sr. Bloom.

– Um fragmento de Cícero recentemente descoberto – respondeu o professor MacHugh com tom pomposo. – *Nosso belo país*.

## CURTO MAS DIRETO

– País de quem? – disse simplesmente o Sr. Bloom.

– Pergunta muito pertinente – disse o professor MacHugh entre suas mastigadas. – Com acento sobre de quem.

– País de Dan Dawson – disse o Sr. Dedalus.

– É o discurso dele de ontem à noite? – perguntou o Sr. Bloom.

Ned Lambert acenou com a cabeça.

– Mas ouçam isso – disse ele.

A maçaneta da porta bateu no meio das costas do Sr. Bloom quando ela foi empurrada.

– Desculpe-me – disse J. J. O'Molloy, entrando.

O Sr. Bloom se afastou agilmente.

– Eu lhe peço desculpa – disse ele.

– Bom-dia, Jack.

– Entre. Entre.

– Bom-dia.

– Como vai, Dedalus?

– Bem, e você?

J. J. O'Molloy sacudiu a cabeça.

TRISTE

Ele costumava ser o rapaz mais inteligente do foro judicial jovem. Tísico, pobre camarada. Essa vermelhidão héctica significa o fim para um homem. É perigoso para ele. Que vento o traz, eu me pergunto. Preocupação com dinheiro.

– *Ou ainda se nós ao menos galgarmos os picos das montanhas cerradas.*

– Você está com uma aparência excelente.

– Será que o editor pode ser visto? – perguntou J. J. O’Molloy, olhando para a porta interna.

– Como não – disse o professor MacHugh. – Ser visto e ouvido. Ele está no seu santuário com Lenehan.

J. J. O’Molloy caminhou para a escrivaninha inclinada e começou a voltar para trás as páginas rosa do arquivo.

Clientela minguando. Um podiatersido. Perdendo a coragem. Jogando.

Dívidas de honra. Colhendo o turbilhão. Costumava receber bons honorários adiantados de D. e T. Fitzgerald. Suas perucas para mostrar sua massa cinzenta. Com o cérebro à mostra como a estátua em Glasnevin. Creio que ele faz uma contribuição literária para o *Express* com Gabriel Conroy. Um rapaz muito culto. Myles Crawford começou no *Independent*. Engraçada a maneira pela qual esses jornalistas mudam de opinião quando eles tomam conhecimento de uma nova oportunidade. Cata-ventos. Quente e frio no mesmo sopro. Não saberiam em quem acreditar. Uma história boa até se ouvir a próxima. Atacam-se impetuosamente uns aos outros nos jornais e depois tudo se dissipa. Cumprimentam bem o sujeito que encontram no momento seguinte.

– Ah, ouçam isso pelo amor de Deus – rogou Ned Lambert. – *Ou ainda se nós ao menos galgarmos os picos da montanha cerrada...*

– Bombástico! – interrompeu o professor com mau humor. – Chega de falastrão inflado!

– *Picos* – continuou Ned Lambert – *subindo cada vez mais alto, para banhar nossas almas, por assim dizer...*

– Que ele banhe seus lábios – disse o Sr. Dedalus. – Deus eterno e abençoado! Sim? Será que ele está recebendo alguma coisa por isso?

– *Por assim dizer, no panorama incomparável da pasta da Irlanda, inigualáveis, apesar dos protótipos bem elogiados em outras alardeadas regiões merecedoras de prêmio, por sua grande beleza, de frondosos arvoredos e planícies ondulantes e pastagens luxuriantes de um verde vernal, impregnados do brilho translúcido e transcendente do nosso crepúsculo irlandês ameno e misterioso...*

– A lua – disse o professor MacHugh. – Ele se esqueceu de Hamlet.

– *Que envolve a vista por toda parte e espera até que a orbe resplandecente da lua fulgure para irradiar seu resplendor prateado...*

– Ó! – gritou o Sr. Dedalus, dando vazão a um gemido desalentado. – Mas que merda! Chega, Ned. A vida é curta demais.

Ele tirou sua cartola e, soprando impacientemente em seu basto bigode, penteou seu cabelo à moda de Gales com seus dedos.

Ned Lambert jogou o jornal para o lado, cacarejando com prazer. Um instante depois uma risada enorme e rouca irrompeu do rosto não barbeado e de óculos escuros do professor MacHugh.

– Doughy Daw! – gritou ele.

## O QUE WETHERUP DISSE

É fácil zombar agora disso impresso friamente mas esse negócio desce pela garganta como um pãozinho quente. Também ele era do ramo da padaria, não era? Razão pela qual o chamavam de Doughy Daw. Em todo caso ele enriqueceu. Filha noiva daquele camarada do departamento de receita pública que tem um carro. Fisgou isso satisfatoriamente. Diversões. Casa aberta a todos. Grande festividade. Wetherup sempre disse isso. Agarrá-los pelo estômago.

A porta interna foi aberta violentamente e uma cara bicuda escarlate, encimada por uma crista de cabelo emplumado, se intrometeu. Os atrevidos olhos azuis olharam fixamente à volta e a voz áspera perguntou:

– O que é?

– E eis que chega o falso senhor em pessoa! – disse grandiloqüentemente o professor MacHugh.

– Seu sabe-tudo, seu miserável velho pedagogo – disse o editor em resposta.

– Venha, Ned – disse o Sr. Dedalus, pondo o chapéu. – Eu preciso de um drinque depois disso.

– Drinque! – gritou o editor. – Nenhum drinque será servido antes da missa.

– E com toda a razão – disse o Sr. Dedalus saindo. – Vamos, Ned.

Ned Lambert desceu da mesa escorregando de lado. Os olhos azuis do editor vagaram em direção ao rosto do Sr. Bloom, que esboçava um sorriso.

– Você se junta a nós, Myles? – perguntou Lambert.



## BATALHAS MEMORÁVEIS RELEMBRADAS

– A milícia de North Cork! – gritou o editor, dando grandes passadas em direção à lareira. – Nós ganhamos todas as vezes! North Cork e oficiais espanhóis.

– Onde foi isso Myles? – perguntou Ned Lambert com um olhar pensativo para as biqueiras de seus sapatos.

– Em Ohio! – bradou o editor.

– Foi isso mesmo, por Deus – concordou Ned Lambert.

Saindo ele murmurou para J. J. O'Molloy:

– Jigas incipientes. Caso triste.

– Ohio! – exultou o editor com voz aguda e elevada partindo de seu rosto enaltecido escarlate. – Meu Ohio!

– Um perfeito crético! – observou o professor. – Longa, curta e longa.

## Ó, HARPA EÓLICA

Ele pegou um rolo de linha dental do bolso de seu colete e, partindo um pedaço, passou elegantemente entre os seus ressoantes dentes não lavados.

– Binguebangué, banguébangué.

Vendo o terreno livre, o Sr. Bloom se encaminhou para a porta interna.

– Só um minuto, Sr. Crawford – disse ele. – Eu só quero fazer uma ligação sobre um anúncio.

Ele entrou.

– E quanto ao editorial desta noite? – perguntou o professor MacHugh, vindo até o editor e pousando uma mão firme em seu ombro.

– Está tudo certo – disse Myles Crawford mais calmamente. – Não se atormente. Alô, Jack. Está bem.

– Bom-dia, Myles – disse J. J. O'Molloy, deixando as páginas que segurava deslizar molemente de volta para o arquivo. – É hoje que passa aquele caso de fraude do Canadá?

O telefone zuniu lá dentro.

– Vinte e oito. Não. Vinte. Quatro quatro, sim.

## DESCOBRIR O GANHADOR

Lenehan saiu do escritório interno com folhas do *Sport*.

– Quem quer uma barbada para o Grande Prêmio? – perguntou. – Cetro montado por O. Madden.

Jogou as folhas sobre a mesa.

No saguão gritos estridentes de pequenos jornaleiros descalços se aproximavam apressados e a porta foi aberta com violência.

– Psiu – disse Lenehan. – Ouço passos.

O professor MacHugh atravessou a sala com passos largos e agarrou o garoto agachado pela gola enquanto os outros fugiam do saguão precipitadamente escada abaixo. As folhas farfalharam com a corrente de ar, flutuaram suavemente no ar as garatujas azuis e passando por baixo da mesa chegaram à terra.

– Não fui eu, senhor. Foi o camarada grande que me empurrou, senhor.

– Ponha-o fora e feche a porta – disse o editor. – Há um furacão soprando.

Lenehan começou a pegar as folhas do chão, resmungando ao se abaixar duas vezes.

– Estou esperando o caderno especial da corrida, senhor – disse o pequeno jornaleiro. – Foi Pat Farrell que me empurrou, senhor.

Ele apontou para dois rostos espiando por detrás do batente da porta.

– Ele, senhor.

– Fora daqui você – disse rispidamente o professor MacHugh.

Ele empurrou o menino para fora e fechou com violência a porta.

J. J. O'Molloy virou as páginas do arquivo com estalido, murmurando, procurando.

– Continua na página seis, coluna quatro.

– Sim. É do *Evening Telegraph* aqui – disse ao telefone da sala interna o Sr. Bloom. – O patrão está...? Sim, *Telegraph*... Para onde? Aha! Que salas de leilão? Aha! Entendo. Certo. Eu o alcançarei.

## UMA COLISÃO SE SEGUE

A sineta zuniu novamente enquanto ele desligava. Ele entrou rapidamente e deu um encontrão em Lenehan que estava lutando com a segunda folha do arquivo.

– *Pardon, monsieur* – disse Lenehan o agarrando por um instante e fazendo uma careta.

– Minha culpa – disse o Sr. Bloom, suportando seu aperto. – Você se machucou?

Estou com pressa.

– O joelho – disse Lenehan.

Ele fez uma expressão cômica e choramingou, esfregando o joelho:

– A acumulação do *anno Domini*.

– Desculpe – disse o Sr. Bloom.

Ele caminhou para a porta e, mantendo-a entreaberta, parou. J. J. O'Molloy bateu por cima das páginas pesadas. O barulho de duas vozes estridentes, uma gaita, ecoou no saguão vazio vindo dos pequenos jornaleiros acorados na soleira da porta.

– *Nós somos os garotos de Wexford*

*Que lutam com a mão e o coração.*

## BLOOM SAI

– Eu só estou dando um pulo em Bachelor's Walk – disse o Sr. Bloom –, a respeito deste anúncio de Chaves. Quero resolvê-lo. Disseram que ele está por ali no Dillon's.

Por um momento ele olhou indeciso para os rostos deles. O editor que, encostado na lareira, apoiara a cabeça nas mãos, subitamente estendeu o braço com um gesto teatral.

– Parta! – disse. – O mundo está à sua frente.

– Volto num instante – disse o Sr. Bloom, saindo apressado.

J. J. O'Molloy pegou as folhas da mão de Lenehan e as leu, soprando suavemente para separá-las, sem comentário.

– Ele vai conseguir esse anúncio – disse o professor, olhando fixamente com seus óculos de aros escuros pela persiana entreaberta. – Olhem só para os jovens tratantes atrás dele.

– Mostre. Onde? – exclamou Lenehan, correndo para a janela.

## UM CORTEJO NA RUA

Os dois olharam sorrindo por cima da persiana entreaberta para a fila de pequenos jornaleiros

saltando no rastro do Sr. Bloom, o último ziguezagueando na brisa um papagaio branco zombeteiro, com uma cauda de laços corrediços brancos.

– Olhem para o clamor público dos moleques de rua atrás dele – disse Lenehan – e vocês vão se divertir. Ó meu fígado desopilado! Imitando seus pés grandes e seu andar desajeitado. Até os menores truques. São capazes de se aproximar despercebidos até de cotovias.

Ele começou a dançar uma mazurca numa rápida caricatura através do soalho passando com pés deslizantes pela lareira até J. J. O’Molloy que colocou as folhas em suas mãos estendidas para recebê-las.

– O que é isso? – disse Myles Crawford com um sobressalto. – Para onde foram os outros dois?

– Quem? – disse o professor, se voltando. – Eles foram dar uma volta até o Oval para tomar um drinque. Paddy Hooper está lá com Jack Hall. Chegou ontem à noite.

– Vamos então – disse Myles Crawford. – Onde está o meu chapéu?

Ele entrou abruptamente na sala atrás, separando as abas de sua jaqueta, fazendo tilintar as chaves no seu bolso de trás. Elas tilintaram então no ar e de encontro à madeira quando ele trancou a gaveta de sua escrivaninha.

– Ele está meio bêbado – disse o professor MacHugh em voz baixa.

– Parece estar – disse J. J. O’Molloy, pegando uma cigarreira com uma reflexão sussurrante –, mas não é possível nos fiarmos sempre na aparência. Quem aí tem mais fósforos?

## O CACHIMBO DA PAZ

Ele ofereceu um cigarro ao professor e pegou um para si mesmo. Lenehan riscou prontamente um fósforo para eles e acendeu os seus cigarros um de cada vez. J. J. O’Molloy abriu sua cigarreira novamente e a ofereceu.

– *Thanky vous* – disse Lenehan, se servindo.

O editor veio do escritório interno, com um chapéu de palha enviesado na testa. Declamou cantando, apontando severamente para o professor MacHugh:

– *Eram posição e fama que te tentavam  
Era o império que seduzia teu coração.*

O professor deu um sorriso forçado, cerrando seus longos lábios.

– Hein? Seu velho miserável império romano? – disse Myles Crawford.

Ele pegou um cigarro da cigarreira aberta. Lenehan, acendendo-o para ele com rápida solicitude, disse:

– Silêncio para a minha charada nova em folha!  
– *Imperium romanum* – disse J. J. O’Molloy delicadamente. – Soa mais nobre do que britânico ou de Brixton. A palavra me lembra de certa forma gordura no fogo.  
Myles Crawford soprou violentamente para o teto sua primeira baforada.  
– É isso aí – disse. – Nós somos a gordura. Você e eu somos a gordura no fogo. Estamos mais fritos do que uma bola de neve no inferno.

## A GRANDEZA QUE FOI ROMA

– Vamos com calma – disse o professor MacHugh, erguendo duas garras tranqüilas. – Não devemos nos deixar levar por palavras, por sons de palavras. Pensamos em Roma imperial, imperiosa, imperativa.

Estendeu braços elocutórios dos punhos manchados e puídos da camisa, fazendo uma pausa:

– O que foi a sua civilização? Vasta, concedo: mas desprezível. *Cloacae*: esgotos. Os judeus no deserto e no cimo da montanha disseram: *É apropriado ficar aqui. Construamos um altar para Jeovah*. O romano, como o inglês que lhe seguiu os passos, trouxe para cada novo litoral em que pôs os pés (em nosso litoral ele nunca os pôs) apenas sua obsessão cloacal. Ele lançou um olhar à volta vestindo sua toga e disse: *É apropriado ficar aqui. Construamos uma latrina*.

– O que eles assim fizeram – disse Lenehan. – Nossos antigos e velhos ancestrais, como lemos no primeiro capítulo de Guinness, gostavam é dos riachos.

– Eles eram cavalheiros da natureza – J. J. O’Molloy murmurou. – Mas nós temos também a lei romana.

– E Pôncio Pilatos é seu profeta – respondeu o professor MacHugh.

– Você conhecem aquela história sobre aquele importante barão Palles? – perguntou J. J. O’Molloy. – Foi num jantar da universidade real. Tudo estava indo às mil maravilhas...

– Primeiro a minha charada! – exclamou Lenehan. – Você estão prontos?

O Sr. O’Madden Burke, alto num *tweed* de Donegal de um cinza exuberante, entrou vindo do saguão. Stephen Dedalus, atrás dele, tirou o chapéu ao entrar.

– *Entrez, mes enfants!* – exclamou Lenehan.

– Estou escoltando um suplicante – disse melodiosamente o Sr. O’Madden. – A Juventude conduzida pela Experiência visita a Notoriedade.

– Como vai? – disse o editor, estendendo a mão. – Entre. Seu chefe acabou de sair.

Lenehan disse para todos:

– Silêncio! Que ópera é ao mesmo tempo um instrumento musical e um animal?

Reflitam, ponderem, excogitem, respondam.

Stephen entregou as folhas batidas à máquina, apontando para o título e assinatura.

– Quem? – perguntou o editor.

Um pedacinho rasgado.

– Sr. Garrett Deasy – disse Stephen.

– Aquele velho libertino – disse o editor. – Quem o rasgou? Estava lhe faltando papel?

*Na nau ligeira ele vem*

*Flamejando do sul tempestuoso*

*O pálido vampiro*

*A boca na minha boca.*

– Bom-dia, Stephen – disse o professor, vindo espiar por cima dos ombros deles. – Febre aftosa? Você se tornou...?

Bardo protetor-de-novilho.

## TUMULTO NUM CONHECIDO RESTAURANTE

– Bom-dia, senhor – respondeu Stephen corando. – A carta não é minha. O Sr. Garrett Deasy me pediu para...

– Ó, eu o conheço – Myles Crawford disse –, e eu conheci sua mulher também. A velha mais miserável e intratável que Deus já criou. Por Cristo, ela tinha febre aftosa sem dúvida alguma! A noite em que ela jogou o prato de sopa na cara do garçom em Star and Garter. Meu Deus!

Uma mulher trouxe o pecado ao mundo. Por Helena, a mulher fugitiva de Menelau, dez anos os gregos. O'Rourke, príncipe de Breffni.

– Ele é viúvo? – perguntou Stephen.

– É, a mulher está separada dele há muito tempo – disse Myles Crawford, percorrendo o texto batido à máquina. – Cavalos do imperador. Habsburgo. Um irlandês salvou a sua vida nas muralhas de Viena. Não se esqueçam! Maximilian Karl O'Donnell, graf von Tirconnell na Irlanda. Mandou seu herdeiro levar então ao rei as insígnias de marechal-de-campo da Áustria. Vai haver confusão lá um desses dias. Gansos selvagens. Ó sim, toda

vez. Não se esqueçam disso!

– O xis do problema é se ele se esqueceu – disse J. J. O’Molloy tranqüilamente, revirando na mão um peso de papel de ferradura. – Salvar príncipes é uma tarefa digna de uma recompensa substancial.

O professor MacHugh se virou para ele.

– E se não? – disse.

– Eu vou lhes contar como era – começou Myles Crawford. – Era uma vez um húngaro...

### CAUSAS PERDIDAS NOBRE MARQUÊS MENCIONADO

– Nós sempre fomos fiéis às causas perdidas – disse o professor. – O sucesso para nós é a morte do intelecto e da imaginação. Nunca fomos leais aos bem-sucedidos. Nós os servimos. Eu ensino a língua redundante que é o latim. Eu falo a língua de uma raça cujo ápice de sua mentalidade é a máxima: tempo é dinheiro. Dominação material. *Domine!* Senhor! Onde está a espiritualidade? Lorde Jesus? Lorde Salisbury? Um sofá em um clube aristocrático. Mas o grego!

### KYRIE ELEISON!

Um sorriso de compreensão iluminou seus olhos de bordas escuras, alongou seus lábios longos.

– O grego! – disse ele novamente. – *Kyrios!* Palavra cintilante! As vogais os semitas e os saxões as desconhecem. *Kyrie!* O esplendor do intelecto. Eu deveria lecionar grego, a linguagem da mente. *Kyrie eleison!* O fabricante da latrina e o construtor do esgoto nunca serão senhores de nosso espírito. Nós somos vassalos feudais da ordem de cavaleiros católicos da Europa que se arruinou em Trafalgar, e do império do espírito, não de um *imperium*, que se afundou com as frotas atenienses em Egospotamos. Sim, sim. Eles se afundaram. Pirro, induzido em erro por um oráculo, fez uma última tentativa de recuperar a

prosperidade da Grécia. Leal a uma causa perdida.

Ele se afastou deles a passos largos caminhando em direção à janela.

– Eles partiam para lutar – disse o Sr. O’Madden Burke sombriamente –, mas sempre perdiam.

– Buubuu! – choramingou Lenehan com um barulhinho. – Devido a um tijolo que lhe caiu em cima na segunda metade da *matinée*. Pobre, pobre, pobre Pirro!

Ele murmurou então perto do ouvido de Stephen:

### VERSO HUMORÍSTICO DE LENEHAN

– *MacHugh é um guru enfadonho*

*De óculos pretos medonhos*

*Com a visão dupla que tem*

*Os óculos não lhe fazem bem.*

*Mas isso não é piada nem em sonho.*

De luto por Saluste, diz Mulligan. Cujas mãe morreu como um animal.

Myles Crawford socou as folhas no bolso lateral.

– Vai dar tudo certo – disse. – Eu vou ler o resto depois. Vai dar tudo certo.

Lenehan estendeu as mãos em sinal de protesto.

– Mas a minha charada! – disse. – Que ópera é ao mesmo tempo um instrumento musical e um animal?

– Ópera? – O rosto esfingico do Sr. O’Madden Burke recharadou.

Lenehan anunciou alegremente.

– *Violanta*. Viram a piada? Viola e anta. Puxa!

Ele deu um soco suave no estômago do Sr. O’Madden. O Sr. O’Madden caiu com graça para trás sobre seu guarda-chuva, fingindo sufocar um grito.

– Socorro! – suspirou ele. – Estou sentindo uma extrema fraqueza.

Erguendo-se na ponta dos pés, Lenehan abanou o rosto dele rapidamente com as folhas farfalhantes.

O professor, voltando por entre os arquivos, tocou de leve com as mãos as gravatas frouxas de Stephen e do Sr. O’Madden Burke.

– Paris, passado e presente – disse ele. – Vocês estão parecendo dois membros de uma comuna.

– Como os camaradas que derrubaram a Bastilha – disse J. J. O’Molloy com branda zombaria. – Ou teriam sido vocês que atiraram de comum acordo no vice-rei da Finlândia? Vocês estão com jeito de ter realizado esse feito. General Bobrikoff.



– Nós estávamos exatamente pensando nisso – disse Stephen.

## OMNIUM AGRUPAMENTUM

– Todos os talentos – disse Myles Crawford. – Lei, os clássicos...

– As corridas de cavalos – encaixou Lenehan.

– Literatura, a imprensa.

– Se Bloom estivesse aqui – disse o professor. – A delicada arte da publicidade.

– E Madame Bloom – acrescentou o Sr. O'Madden Burke. – A musa vocal. A primadona favorita de Dublin.

Lenehan tossiu com força.

– Hemhem! – disse ele muito suavemente. – Ó, o que eu não daria por um sopro de ar fresco! Eu peguei um resfriado no parque. O portão estava aberto.

## “VOCÊ CONSEGUE!”

O editor pôs sua mão nervosa no ombro de Stephen.

– Eu quero que você escreva alguma coisa para mim – disse. – Alguma coisa mordaz. Você pode fazer isso. Eu o vejo em seu rosto. *No léxico da juventude...*

Vejo isso no seu rosto. Vejo isso nos seus olhos. Seu indolente Maquiavelzinho preguiçoso.

– Febre aftosa! – exclamou o editor numa invectiva desdenhosa. – Grande assembléia nacionalista em Borris-in-Ossory. Tudo disparate! Intimidando o público! Dê-lhes alguma coisa corrosiva. Meta-nos todos nisso e que se dane. Padre, Filho e Espírito Santo e Jakes M'Carthy.

– Nós podemos todos fornecer sustento mental – disse o Sr. O'Madden Burke.

Stephen ergueu os olhos para o olhar atrevido e desatento.

– Ele o quer na turma da imprensa – disse J. J. O'Molloy.

## O GRANDE GALLAHER

– Você pode fazer isso – repetiu Myles Crawford, apertando a mão dele com entusiasmo. – Espere um instante. Nós vamos paralisar a Europa como Ignatius Gallaher costumava dizer quando estava desempregado, marcando os pontos no jogo de bilhar no Clarence. Gallaher, aquilo é que era um jornalista. Que pena brilhante. Você sabe como ele se distinguiu? Vou lhe dizer. Foi a matéria de jornalismo mais inteligente que já existiu. Isso foi em 81, 6 de maio, época dos invencíveis, assassinato no parque Phoenix, antes de você nascer, creio. Vou lhe mostrar.

Passou empurrando por eles até o arquivo.

– Olhem aqui – disse ele se voltando. – O *New York World* havia telegrafado pedindo uma nota especial. Vocês se lembram daquele tempo?

O professor MacHugh acenou com a cabeça em assentimento.

– *New York World* – disse o editor, empurrando seu chapéu de palha excitadamente para trás. – O lugar em que aconteceu. Quero dizer Tim Kelly, ou Kavanagh. Joe Brady e todos os outros. Onde Pele-de-Cabra conduziu o carro. Todo o caminho, entende?

– Pele-de-Cabra – disse o Sr. O'Madden Burke. – Fitzharris. Ele tem aquele abrigo do cocheiro, dizem, lá na ponte Butt. Holohan me disse. Vocês conhecem Holohan?

– Pule e leve, não é? – disse Myles Crawford.

– E o pobre do Gumley também está lá, segundo ele me disse, cuidando de um depósito de pedras para a corporação. Um vigia noturno.

Stephen se voltou surpreso.

– Gumley? – disse. – Não me diga. Um amigo de meu pai, não é?

– Esqueçam Gumley – gritou irritado Myles Crawford. – Deixem que Gumley cuide das pedras, e não deixe elas fugirem. Olhem para isto aqui. O que fez Ignatius Gallaher? Vou lhes dizer. Inspiração de gênio. Telegrafou imediatamente. Vocês têm o *Weekly Freeman* de 17 de março? Vocês acharam?

Ele voltou atrás as páginas do arquivo e grudou o dedo num ponto.

– Peguem a página quatro, digamos, no anúncio do café Bransome. Acharam? Bem.

A campainha do telefone zuniu.

## UMA VOZ DISTANTE

– Eu vou atender – disse o professor, se afastando.

– B é o portão do parque. Bom.

Seu dedo saltou e bateu vibrante em um ponto atrás do outro.

– T é o alojamento do vice-rei. C é o lugar em que o assassinato ocorreu. K é o portão Knockmaroon.

A carne flácida do seu pescoço sacudiu como o papo de um galo. Com um gesto brusco ele meteu de volta dentro do seu colete o peitilho mal engomado da camisa que se projetara para cima.

– Alô? Aqui é do *Evening Telegraph*. Alô?... Quem está falando?... Sim... Sim... Sim.

– De F a P é o caminho pelo qual Pele-de-Cabra passou de carro como forma de álibi. Inchicore, Roundtown, Windy Arbour, Palmerston Park, Ranelagh. F. A. B. P. Perceberam? X é o bar Davy no alto da Lesson Street.

O professor veio até a porta interna.

– Bloom está no telefone – disse.

– Diga a ele que vá para o inferno – disse prontamente o editor. – X é o bar Davy, perceberam?

## INTELIGENTE, MUITO

– Inteligente – disse Lenehan. – Muito.

– Ele lhes deu isso num prato quente – disse Myles Crawford –, toda a maldita história sangrenta.

Pesadelo do qual você nunca despertará.

– Eu vi isso – disse orgulhosamente o editor. – Eu estava presente. Dick Adams, aquele tratante de Cork de melhor coração do mundo em que o Senhor já tenha soprado vida, e eu.

Lenehan se curvou para uma figura no espaço, anunciando:

– Madam, eu sou Adam. E Abel era eu antes de ver Elba.

– História! – exclamou Myles Crawford. – A Velha Senhora de Prince Street foi a primeira a estar lá. Por causa disso houve choro e ranger de dentes. Por meio de um anúncio. Gregor Grey organizou o plano. Isso o ajudou a pôr o pé no estribo. Então Paddy Hooper trabalhou Tay Pay que o levou para o *Star*. Agora ele está lá com Blumenfeld. Isso é a imprensa. Isso é talento. Pyatt! O papai de todos!

– O pai do jornalismo das ousadas manchetes – confirmou Lenehan – e o cunhado de Chris Callinan.

– Alô? Quem está falando? Sim, ele ainda está aqui. Venha você.

– Onde se encontra agora um jornalista desse calibre, hein? – exclamou o editor.

Ele atirou com violência as páginas.

– Tanadamente darentoso – disse Lenehan para o Sr. O'Madden Burke.

– Muito esperto – disse o Sr. O'Madden Burke.

O professor MacHugh veio do gabinete interno.

– Falando dos invencíveis – disse –, vocês viram que alguns vendedores ambulantes compareceram perante o magistrado...

– Ó sim – disse vivamente J. J. O’Molloy. – Lady Dudley estava caminhando para a casa através do parque para ver todas as árvores que foram derrubadas pelo ciclone do ano passado e pensou em comprar um cartão-postal com uma vista de Dublin. E este cartão nada mais era do que uma comemoração a Joe Brady ou o Número Um ou Pele-de-Cabra. Justamente no lado de fora do alojamento do vice-rei, imaginem só!

– Agora estão apenas envolvidos em procedimentos inconseqüentes – disse Myles Crawford. – Arre! A imprensa e a advocacia! Onde existe agora um homem nos tribunais como aqueles camaradas, como Whiteside, como Isaac Butt, como o eloqüente O’Haggan. Hein? Ah, maldito absurdo. Arre! Só de segunda categoria.

Sua boca silenciosa continuava a se contrair sem falar com crispações nervosas que expressavam desprezo.

Será que haveria alguém que desejasse beijar essa boca? Como é que vamos saber? Por que você escreveu isso então?

## RIMAS E RAZÕES

Boca, soca. Será que a boca soca de uma certa maneira? Ou o que soca é boca? Deve haver algo. Soca, toca, foca, roca, doca. Rimas: dois homens vestidos igualmente, parecendo iguais, dois a dois.

. . . . . *la tua pace*  
. . . . . *che parlar ti piace*  
*Mentre che il vento, come fa, si tace.*

Ele as viu se aproximando de três em três, moças de verde, de rosa, de castanho-avermelhado, enlaçadas, *per l’aer perso*, de malva, de púrpura, *quella pacifica oriafiamma*, ouro de oriflama, *di rimirar fè più ardenti*. Mas eu homens velhos, penitentes, pésdechumbo, soboescuroabaixo a noite: boca soca: centre ventre.

– Defenda-se – disse o Sr. O’Madden Burke.

## A CADA DIA BASTA...

Sorrindo amarelo, J. J. O'Molloy aceitou o desafio.

– Meu caro Myles – disse ele, jogando fora o cigarro –, você interpretou mal as minhas palavras. Conforme no momento aconselhado, eu não serei defensor da terceira profissão *qua* profissão mas suas pernas de Cork o estão fazendo perder o controle. Por que não trazer à tona Henry Grattan e Flood e Demóstenes e Edmund Burke? Todos nós conhecemos Ignatius Gallaher e seu patrão de Chapelizod, Harmsworth do jornal de um vintém, e seu primo americano da imprensa marrom sem mencionar *Paddy Kelly's Budget*, *Pue's Occurrences* e nosso amigo alerta *The Skibbereen Eagle*. Por que trazer à tona um mestre da eloquência forense como Whiteside? A cada dia basta o seu jornal.

## ELOS COM OS DIAS DE OUTRORA

– Grattan e Flood escreveram neste mesmo jornal – gritou o editor na cara dele. – Voluntários irlandeses. Onde você está agora? Fundado em 1763. Dr. Lucas. Quem você tem agora como John Philpot Curran? Puxa!

– Bem – disse J. J. O'Molloy – Bushe K. C., por exemplo.

– Bushe? – disse o editor. – Bem, sim: Bushe, sim. Ele tem esse estilo no seu sangue. Kendal Bushe ou quero dizer Seymour Bushe.

– Há muito tempo ele estaria na magistratura – disse o professor – se não fosse... Mas não importa.

J. J. O'Molloy se voltou para Stephen e disse calmamente e lentamente:

– Uma das orações mais refinadas que penso jamais ter ouvido em toda a minha vida saiu dos lábios de Seymour Bushe. Foi naquele caso de fratricídio, no caso do assassinato de Childs. Bushe o defendeu.

*E no pavilhão de minha orelha derramou.*

A propósito como ele descobriu isso? Ele morreu dormindo. Ou a outra história, a fera de duas costas?

– O que foi isso? – perguntou o professor.

– Ele falou baseado na lei de evidência – disse J. J. O’Molloy – da justiça romana em contraste com o código mosaico anterior, a *lex talionis*. E ele citou o Moisés de Michelangelo no vaticano.

– Hah.

– Umass poucas palavras bem escolhidas – prefaciou Lenehan. – Silêncio!

Pausa. J. J. O’Molloy pegou sua cigareira.

Falsa calma. Alguma coisa bem banal.

Pensativamente o Mensageiro tirou um palito de sua caixa de fósforos e acendeu seu charuto.

Desde então eu pensei muitas vezes ao olhar para trás para aquela época singular, que tivesse sido aquele pequeno ato, tão trivial em si mesmo, o riscar de um fósforo, que tivesse determinado todo o futuro rumo de nossas vidas.

## UMA ÉPOCA REQUINTADA

J. J. O’Molloy retomou, moldando suas palavras:

– Ele disse sobre isso: *aquela efigie de pedra numa música congelada, cornífera e terrível, da forma humana divina, aquele eterno símbolo de sabedoria e de profecia que, se alguma coisa daquilo que a imaginação ou a mão de um escultor talhou no mármore da almatransfigurada e da almatransfigurante merecer viver, merece viver.*

Sua mão delgada com um gesto ondulante dignificou o eco e a queda.

– Ótimo! – disse Myles Crawford imediatamente.

– A divina inspiração – disse o Sr. O’Madden Burke.

– Você gosta disso? – perguntou J. J. O’Molloy a Stephen.

Com sua natureza atraída pela graça da linguagem e do gesto, Stephen corou. Tirou um cigarro da cigareira. J. J. O’Molloy ofereceu sua cigareira a Myles Crawford. Lenehan acendeu como antes os cigarros deles e pegou seu troféu, dizendo:

– Muichibus obrigadibus.

– O professor Magennis me falou a seu respeito – disse J. J. O’Molloy a Stephen. – O que você realmente pensa desse grupo hermético, dos poetas da Opala e do Silêncio: A. E. o mestre místico? Foi aquela mulher Blavatsky que iniciou isso. Ela era uma bela velha sacola de truques. A. E. andou dizendo a um entrevistador ianque que você o procurou nas primeiras horas da manhã para o questionar a respeito dos planos da consciência. Magennis acha que você andou fazendo A. E. de bobo. Ele é um homem da mais elevada moral, o Magennis.

Falando a meu respeito. O que ele disse? O que ele disse? O que ele disse a meu respeito? Não pergunte.

– Não, obrigado – disse o professor MacHugh, recusando a cigareira. – Espere um instante. Deixe-me dizer uma coisa. A mais refinada exibição de oratória que jamais ouvi foi um discurso pronunciado por John F. Taylor na Sociedade Histórica de Trinity College. O juiz Sr. Fitzgibbon, o presidente atual da corte de apelação, falara e o objeto de debate era um ensaio (novo para aqueles dias), advogando o restabelecimento da língua irlandesa.

Ele se voltou para Myles Crawford e disse:

– Você conhece Gerald Fitzgibbon. Você pode então imaginar o estilo do discurso dele.

– Corre um rumor – disse J. J. O’Molloy – de que ele tem assento ao lado de Tim Healy na comissão administrativa de Trinity College.

– Ele tem assento ao lado de uma coisa encantadora vestida como uma criança – disse Myles Crawford. – Continue. E então?

– Era, observem bem – disse o professor –, o discurso de um orador consumado, cheio de uma cortesia altiva que derramava com uma dicção depurada eu não diria a torrente de sua cólera mas antes o desprezo do homem orgulhoso pelo novo movimento. Era então um movimento novo. Nós éramos fracos, portanto sem valor.

Cerrou por um momento seus lábios longos e finos mas, na ânsia de prosseguir, levou a mão bem aberta aos seus óculos e, com o polegar e o dedo anular trêmulos tocando de leve nos aros pretos, firmou-os para acertar o foco.

## IMPROMPTU

Com um tom de voz natural ele se dirigiu a J. J. O’Molloy:

– Taylor doente, como você deve saber, saíra da cama para ir ali. Que ele tivesse preparado seu discurso não o creio pois não havia um estenógrafo sequer na sala. Seu rosto magro e moreno tinha à volta uma barba que crescia emaranhada. Ele tinha um cachecol branco de seda frouxo e no seu todo ele aparentava (embora não o estivesse) estar morrendo.

Seu olhar se voltou imediatamente mas lentamente do rosto de J. J. O’Molloy para o

de Stephen e em seguida se inclinou imediatamente para o chão, procurando. Seu colarinho de linho embaciado apareceu por trás de sua cabeça inclinada, ensebado por seu cabelo escasso. Ainda buscando, ele disse:

– Quando o discurso de Fitzgibbon terminou John F. Taylor se levantou para responder. Sucintamente, da melhor maneira possível em que possam me ocorrer, foram estas as suas palavras.

Ele ergueu firmemente sua cabeça. Seus olhos mais uma vez refletiam seus pensamentos. Moluscos ininteligentes eles pululavam de um lado para o outro nas lentes espessas, procurando uma saída.

Ele começou:

– *Sr. Presidente, senhoras e senhores: Foi com grande admiração que ouvi um momento atrás as observações dirigidas à mocidade irlandesa pelo meu sábio amigo. Parecia-me estar sendo transportado para um país bem longe deste país, para uma era bem distante desta era, que eu estivesse no Egito antigo ouvindo o discurso de algum sumo sacerdote daquela terra dirigido ao juvenil Moisés.*

Seus ouvintes mantiveram seus cigarros suspensos no ar para ouvi-lo, suas fumaças subindo em frágeis hastes que desabrochavam com a sua fala. *E que possam nossas fumaças tortuosas.* Palavras nobres surgindo. Cuidado. Seriam vocês capazes de fazer o mesmo?

– *E me parecia ouvir a voz daquele sumo sacerdote egípcio elevada a um tom semelhante de altivez e de orgulho. Ouvi suas palavras e seu sentido me foi revelado.*

## HERANÇA VINDA DOS PAIS

Foi-me revelado que são boas aquelas coisas que no entanto são corrompidas que nem que elas fossem extremamente boas nem a menos que fossem boas pudessem ser corrompidas. Ah, maldição! Isso é Santo Agostinho.

– *Por que vocês judeus não querem aceitar nossa cultura, nossa religião e nossa língua? Vocês são uma tribo de pastores nômades: nós somos um povo poderoso. Vocês não têm cidades nem riqueza: nossas cidades são colmeias de humanidade e nossas galeras, trirremes e quadrirremes, carregadas de toda sorte de mercadorias sulcam os mares do mundo conhecido. Vocês apenas emergiram de condições primitivas: nós temos uma literatura, um sacerdócio, uma história secular e uma sociedade organizada.*

Nilo.

Criança, homem, efígie.

Na margem do Nilo as mariasdobebê se ajoelham, berço de junco: um homem ágil no combate: de chifre de pedra, de barba de pedra, de coração de pedra.



– *Vocês rezam a um ídolo local e obscuro: nossos templos, majestosos e misteriosos, são as moradias de Ísis e Osíris, de Hórus e Ammon Ra. De vocês a servidão, o temor e a humildade: de nós o trovão e os mares. Israel é fraco e pequeno o número de seus filhos: o Egito é um exército e terríveis são suas armas. Vagabundos e diaristass assim vocês são chamados: o mundo treme ao ouvir nosso nome.*

Um arrote de fome emudecido cortou suas palavras. Ousadamente ele ergueu acima dele a sua voz:

– *Mas, senhoras e senhores, se o jovem Moisés tivesse escutado e aceitado aquela visão de vida, se ele tivesse curvado sua cabeça e curvado sua vontade e curvado seu espírito diante daquela exortação arrogante ele nunca teria retirado o povo escolhido da casa de sua servidão, nem seguido a coluna de nuvem durante o dia. Ele nunca teria falado entre relâmpagos com o Eterno no monte Sinai nem nunca teria descido com a luz da inspiração brilhando em sua fisionomia e carregando em seus braços as tábuas da lei, gravadas na língua dos fora-da-lei.*

Ele parou e olhou para eles, desfrutando um silêncio.

## DE MAU AGOURO - PARA ELE!

J. J. O'Molloy disse com um certo pesar:

– E no entanto ele morreu sem ter entrado na terra prometida.

– Uma – morte – súbita – nesse – momento – embora – de – uma – longa – doença – muitas – vezes – previamente – expectorada – acrescentou Lenehan. – E com um grande futuro atrás de si.

A tropa de pés descalços foi ouvida se precipitando ao longo do saguão e tagarelando escada acima.

– Isso é oratória – disse o professor sem que houvesse contradição.

Levado pelo vento. Exércitos dos reis em Mullaghmast e Tara. Milhares de pavilhões de ouvidos. As palavras do tribuno, berradas e espalhadas aos quatro ventos. Um povo abrigado em sua voz. Ruído amortecido. Inscrições acasianas de tudo que jamais existiu em algum lugar que fosse. Ame e louve-o: a mim não mais.

Eu tenho dinheiro.

– Cavalheiros – disse Stephen. – Posso sugerir como próxima medida de ordem do dia que seja votado o adiamento da câmara?

– Você me deixa sem respiração. Não é por acaso uma cortesia francesa? – perguntou o Sr. O'Madden Burke. – É a hora, me parece, em que a botija de vinho, falando metaforicamente, é muito agradável senhores na Vossa antiga estalagem.

– Que assim seja e pelo presente resolutamente decidido. Todos aqueles que sejam a favor digam sim – anunciou Lenehan. – Caso contrário, digam não. Declaro a moção aprovada. Para que abrigodebedeira em particular...? Meu voto de Minerva é: Mooney!

Ele foi à frente, advertindo:

– Nós vamos nos recusar terminantemente a tomar bebidas fortes, não é? Sim, é isso aí. De modo algum.

Seguindo de perto, o Sr. O'Madden Burke disse com uma estocada aliada de seu guarda-chuva.

– Em guarda, Macduff.

– Filho da antiga cepa! – exclamou o editor, batendo no ombro de Stephen. – Vamos.

Onde é que estão aquelas malditas chaves?

Ele bateu no bolso retirando as folhas batidas à máquina amarrotadas.

– Febre aftosa. Eu sei. Está certo. Vai ser publicado. Onde é que elas estão? Tudo bem.

Ele enfiou as folhas de volta onde estavam e entrou no escritório interno.

## NÃO NOS DESESPEREMOS

J. J. O'Molloy, pronto para segui-lo, disse tranqüilamente para Stephen:

– Espero que você viva o bastante para ver isso publicado. Myles, um momento por favor.

Ele entrou no escritório interno, fechando a porta atrás de si.

– Venha, Stephen – disse o professor. – Isso está ótimo, não está? Tem uma visão profética. *Fuit Ilium!* O saque da tempestuosa Tróia. Reinados deste mundo. Os senhores do Mediterrâneo são hoje em dia felás.

O primeiro pequeno jornalista desceu correndo a escada nos calcanhares deles e saiu apressadamente para a rua, berrando:

– Especial de Corridas!

Dublin. Eu tenho muito, muito que aprender.

Eles dobraram à esquerda na rua Abbey.

– Eu também tenho uma visão – disse Stephen.

– É? – disse o professor, saltando para acertar o passo. – Crawford vai acompanhar.

Um outro pequeno jornalista disparou por eles, berrando enquanto corria:

– Especial de Corridas!

## QUERIDA TORPE DUBLIN

Dublinenses.

– Duas vestais de Dublin – disse Stephen –, idosas e piedosas, viveram respectivamente cinquenta e cinquenta e três anos em Fumbally’s Lane.

– Onde fica isso? – perguntou o professor.

– Além de Blackpitts – disse Stephen.

Noite úmida exalando um cheiro de massa de pão que desperta fome. De encontro ao muro. Um rosto reluzindo sebo sob o xale de fustão dela. Corações frenéticos. Inscrições acasianas. Mais rápido, querido!

Continue agora. Ouse. Que haja vida.

– Elas querem ver a vista de Dublin do alto da coluna de Nelson. Elas economizam três e dez pence num cofre que é uma caixa vermelha de cartas. Sacodem para fora as moedinhas de três pence e a de seis pence e conseguem extrair as de um penny com a lâmina de uma faca. Dois e três de prata e um e sete de cobre. Põem suas toucas e suas melhores roupas e pegam seus guarda-chuvas com medo que venha a chover.

– Virgens sábias – disse o professor MacHugh.

## A VIDA AO NATURAL

– Elas compram por um shilling e quatro pence quatro fatias de pão com gelatina de cabeça de porco no North City Restaurant de Marlborough Street da proprietária senhorita Kate Collins. Adquirem vinte e quatro ameixas maduras de uma menina ao pé da coluna de Nelson para matar a sede que a cabeça de porco dá. Dão duas moedinhas de três pence para o senhor que fica na borboleta e começam a subir gingando lentamente a escada em espiral, resmungando, encorajando-se uma à outra, com medo do escuro, arquejando, uma perguntando à outra se está com a gelatina, louvando a Deus e à Virgem Maria, ameaçando descer, espreitando as aberturas de ar. Deus seja louvado. Não tinham idéia de que fosse tão alta.

Elas se chamam Anne Kearns e Florence MacCabe. Anne Kearns sofre do lumbago que ela fricciona com água de Lourdes, que lhe foi dada por uma senhora que conseguiu uma garrafa de um padre da Congregação dos Passionistas. Florence MacCabe todo sábado ceia pé de porco com uma garrafa de duplo X.

– Antítese – disse o professor acenando duas vezes com a cabeça. – Virgens vestais. Posso vê-las. O que é que está detendo nosso amigo?

Ele se virou.

Um bando de pequenos jornaleiros desceu galopando a escada, se espalhando em todas as direções, berrando, com suas folhas brancas de jornal esvoaçando. Logo atrás deles surgiu Myles Crawford nos degraus da escada, com seu chapéu aureolando seu rosto escarlate, conversando com J. J. O'Molloy.

– Venham – gritou o professor, fazendo sinal com o braço.

Ele voltou a caminhar ao lado de Stephen.

– Sim. – disse – Eu as vejo.

## A VOLTA DE BLOOM

O Sr. Bloom, ofegante, envolvido por um turbilhão de pequenos jornaleiros selvagens perto dos escritórios do *Irish Catholic* e do *Dublin Penny Journal*, chamou:

– Um momento! Sr. Crawford!

– *Telegraph!* Especial de Corridas!

– O que é que há? – disse Myles Crawford, dando um passo atrás.

Um pequeno jornaleiro gritou na cara do Sr. Bloom:

– Tragédia terrível em Rathmines! Uma criança mordida por um fole!

## ENTREVISTA COM O EDITOR

– Apenas este anúncio – disse o Sr. Bloom, abrindo caminho em direção aos degraus, ofegante, e tirando o recorte de seu bolso. – Eu falei com o Sr. Chaves agora mesmo. Ele vai conceder uma renovação de dois meses, disse. Depois ele verá. Mas ele quer um par para chamar a atenção no *Telegraph* também, na folha rosa de sábado. E ele quer que seja copiado se não for tarde demais como eu disse ao conselheiro Nannetti do *Kilkenny People*. Posso ter acesso a isso na biblioteca nacional. Casa de chaves, o senhor percebe? O nome dele é Chaves. É um jogo de palavras com o nome. Mas ele praticamente prometeu dar a renovação. Mas ele quer apenas um pequeno anúncio extravagante. O que eu devo lhe dizer, Sr. Crawford?

– Quer lhe dizer para beijar o meu traseiro? – disse Myles Crawford estendendo o braço para enfatizar. – Diga-lhe isso direto do estábulo.

Um pouco nervoso. Cuidado com as rajadas. Todos fora para um drinque. De braços dados. O boné da marinha de Lenehan lá pedindo esmolas. Bajulação habitual. Eu me pergunto se aquele jovem Dedalus não é o inspirador do movimento. Está hoje com um belo par de botas. Na última vez em que o vi ele estava com seus calcanhares à vista. Andando na lama por aí. Camarada descuidado. O que é que ele estava fazendo em Irishtown?

– Bem – disse o Sr. Bloom, voltando os olhos –, se eu conseguir o desenho suponho que vá merecer um par curto. Ele daria o anúncio, creio. Eu vou lhe dizer...

## B. M. T. R. I.

– Ele pode beijar meu traseiro real irlandês – gritou Myles Crawford bem alto por cima do ombro. – A qualquer hora que ele queira, diga-lhe.

Enquanto o Sr. Bloom media os prós e contras quase sorrindo ele se afastou aos trancos.

## ANGARIANDO DINHEIRO

– *Nulla bona*, Jack – disse ele, erguendo a mão até o queixo. – Eu estou enterrado até a alma. Estou eu mesmo com a corda no pescoço. Andei procurando um indivíduo que endossasse uma letra de câmbio para mim ainda na semana passada. Desculpe, Jack. Aceite a minha boa vontade em troca de minha inação. Se eu pudesse de todo o coração angariaria dinheiro para você.

J. J. O'Molloy fez uma cara desapontada e continuou andando em silêncio. Eles alcançaram os outros e lhes passaram na frente.

– Quando acabaram de comer o pão e a gelatina e enxugado os vinte dedos no papel em que o pão estava embrulhado, elas se aproximaram da balaustrada.

– Alguma coisa aqui para o senhor – explicou o professor a Myles Crawford. – Duas mulheres idosas de Dublin no topo da coluna de Nelson.

## QUE COLUNA! - DISSE UMA DAS ESCALADORAS

– Isso é novo – disse Myles Crawford. – Isso é cópia. A caminho do rio Dargle dos sapateiros. Duas velhas astutas, o quê?

– Mas elas estão com medo que a coluna caia – prosseguiu Stephen. – Elas vêm os telhados e discutem sobre onde estão as diferentes igrejas: o domo azul de Rathmines, Adão e Eva, São Lourenço O’Toole. Mas olhar faz com que fiquem tontas de modo que elas arregaçam suas saias...

## AQUELAS MULHERES UM POUCO INDISCIPLINADAS

– Alto lá – disse Myles Crawford. – Nenhuma licença poética. Estamos aqui na arquidiocese.

– E se sentam sobre suas anáguas listradas, erguendo os olhos para a estátua do adúltero maneta.

– Adúltero maneta! – exclamou o professor. – Gosto disso. Percebo a idéia. Entendo o que você quer dizer.

## AS DAMAS DOAM AOS CIDADÃOS DE DUBLIN A CRENÇA EM AERÓLITOS VELOZES COMO PÍLULAS DE VELOCIDADE

– Isso lhes provoca um torcicolo no pescoço – disse Stephen – e elas se sentem cansadas demais para olhar para cima ou para baixo ou para falar. Colocando o saco de ameixas entre si, tiram as ameixas e as comem, uma após a outra, enxugando com seus lenços o suco que escorre de suas bocas e cuspiendo os caroços de ameixa lentamente por entre as grades.

Ele terminou soltando subitamente bem alto uma risada jovem. Lenehan e o Sr. O’Madden Burke, ouvindo, se voltaram e, fazendo um sinal com a mão, atravessaram em direção ao Mooney.

– Terminou? – disse Myles Crawford – Desde que elas não façam nada pior do que

isso.

UM SOFISTA DÁ UM SOCO DIRETO NO NARIZ DA ALTIWA HELENA. OS ESPARTANOS  
RANGEM OS MOLARES. OS ITAQUIANOS ELEGEM PENÉLOPE CAMPEÃ

– Você me lembra Antistene – disse o professor –, um discípulo de Górgias, o sofista. Diz-se dele que ninguém podia afirmar se ele era mais amargo em relação aos outros ou em relação a si mesmo. Ele era o filho de um nobre e de uma escrava. E escreveu um livro em que retirava a palma da beleza da argiva Helena e a entregava à pobre Penélope.

Pobre Penélope. Penélope Rich.

Eles se prepararam para atravessar O’Connell Street.

ALÔ, CENTRAL!

Distribuídos em vários pontos ao longo das oito linhas bondes com seus vagões imóveis se mantinham em seus trilhos, com destino a ou vindos de Rathmines, Rathfarnham, Blackrock, Kingstown e Dalkey, Sandymount Green, Ringsend e Sandymount Tower, Donnybrook, Palmerston Park e Upper Rathmines, todos parados, acalmados num curto circuito. Carros de aluguel, táxis, caminhões de entrega, furgões postais, coches particulares, água mineral gasosa boiando nas garrafas chocalhantes dos engradados, chocalharam, rolaram, puxadas por cavalos, rapidamente.

O QUÊ? - E ALÉM DISSO - ONDE?



– Mas como você chama isso? – perguntou Myles Crawford. – Onde elas conseguiram as ameixas?

## VIRGILIANO, DIZ O PEDAGOGO. SOFOMANO VOTA NO VELHO MOISÉS

– Chame de, espere – disse o professor, abrindo bem seus longos lábios para refletir. – Chame de, vejamos. Chame de: *Deus nobis haec otia fecit*.

– Não – disse Stephen. – Eu o chamo de *Uma Visão da Palestina de Cima do Monte Pisgah* ou *A Parábola das Ameixas*.

– Entendo – disse o professor.

Ele riu gostosamente.

– Entendo – disse novamente com renovado prazer. – Moisés e a terra prometida. Nós lhe demos essa idéia – acrescentou para J. J. O’Molloy.

## HORÁCIO É CENTRO DE ATRAÇÃO NESTE BELO DIA DE JUNHO

J. J. O’Molloy lançou um olhar oblíquo e fatigado para a estátua sem dizer palavra.

– Entendo – disse o professor.

Ele se deteve na ilha pavimentada de sir John Gray e olhou para cima para Nelson através das malhas de seu sorriso amargo.

DEDOS DIMINUTOS DEMONSTRAM SER TITILANTES DEMAIS PARA  
FRANGALHONAS FOLGAZÃS. ANA TONTEIA, FLO TITUBEIA – MAS QUEM PODE  
CENSURÁ-LAS?

– O maneta adúltero – disse ele sorrindo sombriamente. – Isso me encanta, devo confessar.

– Também encantou as idosas senhoritas – disse Myles Crawford –, se a verdade do Deus todo-poderoso fosse conhecida.

## 8

Caramelo de abacaxi, bala de limão, caramelo. Uma moça besuntada de açúcar distribuindo colheradas de creme de chocolate a um irmão cristão. Alguma merenda escolar. Ruim para os seus estômagos. Balas e frutas cristalizadas do fornecedor de Sua Majestade o Rei. Deus. Salve. Nosso. Sentado pálido no trono chupando jujubas vermelhas.

Um rapaz sombrio da A. C. D. M., atento no meio das emanações doces e cálidas de Graham Lemon, pôs um prospecto na mão do Sr. Bloom.

Conversas francas.

Bloo... Eu? Não.

Sangue do Cordeiro.

Seus passos lentos o conduziram ao rio, lendo. Você está salvo? Todos estão lavados pelo sangue do cordeiro. Deus quer vítima sangrenta. Nascimento, hímen, mártir, guerra, fundações de um monumento, sacrifício, oblação de rim-queimado, altares druidas. Elias está chegando. Dr. John Alexander Dowie restaurador da igreja de Sion está chegando.

Está chegando! Está chegando! Está chegando!

Sejam todos entusiasticamente bem-vindos.

Jogo rendoso. No ano passado foi Torry e Alexander. Poligamia. Sua mulher vai pôr um fim nisso. Onde estava aquele anúncio de um crucifixo luminoso de uma firma de Birmingham. Nosso Salvador. Acordar no meio da noite e o ver pendurado na parede. Idéia do fantasma de Pepper. Inocente nazareno rapaz infeliz.

Fosforoso deve ser feito com. Quando por exemplo você deixa de lado um pedaço de bacalhau. Eu podia ver sobre ele um azul-prata. A noite em que fui à despensa na cozinha. Não gosto de todos aqueles cheiros ali aguardando para escapar. O que é que ela queria? As passas de Málaga. Pensando na Espanha. Antes de Rudy nascer. A fosforescência, aquele azulado esverdeado. Muito bom para o cérebro.

Da esquina da casa de Butler adjacente ao monumento ele lançou um olhar para Bachelor's Walk. A filha de Dedalus ainda ali do lado de fora das salas de leilão de Dillon. Deve estar vendendo alguma mobília antiga. Reconheci os olhos dela imediatamente parecidos com os do pai. Vagando enquanto o esperava. O lar sempre se desfaz quando a mãe parte. Quinze filhos ele tinha. Um nascimento quase todo ano. Isso faz parte da teologia deles ou o padre não confessará a pobre mulher, não lhe dará a absolvição. Crescei e multiplicai. Onde já se viu uma idéia dessas? Comem tudo de você casa e lar. Eles mesmos não têm família para alimentar. Tudo do bom e do melhor. Suas adegas e despensas. Eu gostaria de vê-los fazer o jejum atroz de Yom Kippur. Bolinhos da sexta-feira santa. Uma refeição e uma consoada a fim de evitar desfalecer no altar. Uma empregada de um desses camaradas se se

pudesse arrancar alguma informação dela. Nunca se arranca informação dela. Como arrancar £. s. d. dele. Ele se cuida. Nenhum convidado. Tudo para si mesmo. Controlando sua urina. Traga seu próprio pão e manteiga. Seu reverendo: caluda é a palavra.

Meu Deus, o vestido daquela pobre criança está em frangalhos. Ela parece subnutrida também. Batatas e margarina, margarina e batatas. Depois é que eles sentem. A prova do pudim. Solapa o organismo.

Assim que ele pôs o pé na ponte O'Connell uma baforada de fumaça se exalou do parapeito. Barcaça da cervejaria com cerveja de exportação. Inglaterra. Ouvi dizer que o ar do mar a azeda. Será interessante obter um dia uma autorização de Hancock para visitar a cervejaria. É um verdadeiro mundo em si mesmo. Excelentes os tonéis da cerveja comum. Ratos também entram. Inchados de tanto beber ficam tão grandes quanto um *collie* flutuando. Bêbados de cair com a cerveja. Bebem como gente grande. Pensar que se bebe isso! Ratos: tonéis. Ora, naturalmente, se nós soubéssemos todas as coisas.

Olhando para baixo ele viu gaivotas batendo fortemente as asas, volteando entre os muros lúgubres do cais. Mau tempo ao largo. Se eu me atirasse lá embaixo? O filho de Reuben J. deve ter engolido um bom fartão daquela imundície. Um shilling e oito pence a mais. Huhm. É a maneira impagável que ele tem de se sair com essas coisas. Sabe também como contar uma história.

Elas voltearam mais baixo. Procurando comida. Esperem.

Ele atirou para elas uma bola de papel amassada. Elias trinta e dois pés por segundo está cheg. Nem um pouco. A bola se moveu ignorada no curso das ondas, flutuou debaixo da ponte ao longo das pilastras. Não são tão tolas assim. Também no dia em que eu atirei aquele bolo seco do Erin's King elas o pegaram nas águas cinquenta jardas à ré. Vivem de expedientes. Elas voltearam, batendo as asas.

*A faminta gaivota esfomeada*

*Bate as asas no mar adoidada.*

É assim que os poetas escrevem, os sons semelhantes. Mas Shakespeare não usa rimas: verso branco. É o fluxo da linguagem. Os pensamentos. Solenes.

*Hamlet, eu sou o espírito do teu pai*

*Condenado por um tempo a vagar na terra.*

– Duas maçãs por um penny! Duas por um penny!

Os olhos dele pousaram por um momento nas maçãs lustrosas no quiosque dela. Devem ser australianas nesta época do ano. Cascas reluzentes: lustra-as com um trapo ou um lenço.

Esperem. Aqueles pobres pássaros.

Ele parou novamente e comprou da velha vendedora de maçãs dois bolinhos de Banbury por um penny e partiu a pasta frágil e lançou os fragmentos no Liffey. Viu? As gaivotas se precipitaram silenciosamente das alturas primeiro duas e depois todas apoderando-se de sua presa. Sumiram. Todas as migalhas. Consciente de sua ganância e esperteza ele sacudiu o farelo poeirento de suas mãos. Elas nem de longe esperavam aquilo. Maná. Vivem de peixe, carne de peixe é o que eles têm, todos os pássaros marinhos, gaivotas, mergulhões. Cisnes de Anna Liffey nadam aqui às vezes para alisar suas penas. Gosto não se

discute. Eu me pergunto que tipo de carne é a do cisne. Robinson Crusóé teve que viver se alimentando deles.

Elas giraram batendo debilmente as asas. Não vou jogar mais nada. Um penny é mais do que suficiente. Grande agradecimento eu recebi. Nem um grasnido sequer. Elas também espalham febre aftosa. Se você empanturrar um peru digamos de castanhas ele toma o gosto delas. Comer porco como um porco. Mas então por que os peixes de água salgada não são salgados? Como é isso?

Seus olhos procuraram uma resposta no rio e viram um barco ancorado sobre as ondas melosas balançar preguiçosamente seu cartaz de propaganda.

*Kino*

*II / -*

*Calças*

Que boa idéia. Me pergunto se ele paga uma taxa à municipalidade. Como é que se pode realmente ser dono da água? Ela se escoia sempre numa torrente, nunca a mesma, que na torrente da vida nós traçamos. Porque a vida é uma torrente. Toda sorte de lugar é boa para anúncios. Aquele médico charlatão de gonorréia costumava estar colado nas paredes de todos os mictórios. Não se vê mais agora. Estritamente confidencial. Dr. Hy Franks. Não lhe custava um centavo como a Maginni o professor de dança sua própria publicidade. Arranjava camaradas para os colar ou os colava ele próprio aliás ao correr às escondidas para lá para desabotoar a braguilha. Pássaro da noite. Também o lugar exato. não pregue cartazes. remeta 110 pílulas. Algum cara com uma doença venérea o queimando.

E se ele... ?

Ó!

Quê?

Não... Não.

Não, não. Eu não acredito. Ele não faria certamente?

Não, não.

O Sr. Bloom avançou, erguendo seus olhos perturbados. Não pense mais nisso. Já passa de uma. A bola-do-tempo está embaixo no escritório da Marinha. Hora de Dunsink. Fascinante aquele livrinho de sir Robert Ball. Paralaxe. Eu nunca compreendi exatamente. Ali está um padre. Poderia lhe perguntar. Par é grego: paralelo, paralaxe. Metem psi coisas ela disse até que eu lhe falei sobre a transmigração. Ó droga!

O Sr. Bloom sorriu Ó droga para duas janelas do escritório da Marinha. Afinal de contas ela está certa. Só palavras complicadas para coisas simples devido ao som. Ela não é precisamente espirituosa. Pode mesmo ser rude. Digo sem pensar o que penso. Assim mesmo não sei não. Ela costumava dizer que Ben Dollard tinha uma voz de baixo barriltoante. As pernas dele pareciam barris e a gente tinha a impressão que ele estava cantando para dentro de um barril. Ora, não é que isso é espirituoso. Costumavam chamá-lo de Big Ben. Longe de ser tão espirituoso quanto chamá-lo de baixo barriltoante. Um apetite de leão. Dá cabo de um duplo lombo de vaca. Que homem colossal ele era ao esconder aquela cerveja forte de Bass. Barril de Bass. Percebe? Tudo resulta no mesmo.

Uma procissão de homens-sanduíches com batas brancas marchava lentamente em

direção a ele ao longo da sarjeta, seus cartazes atravessados por faixas escarlates. Barganhas. Como aquele padre eles estão esta manhã: nós pecamos: nós sofremos. Ele leu as letras escarlates em suas cinco cartolas brancas: H.E.L.Y.S. Wisdom Hely. Y se arrastando atrás arrancou um naco de pão de debaixo de seu cartaz fronteiro, socou-o na boca e mastigou enquanto andava. Nosso alimento básico. Três shillings por dia, andando ao longo das sarjetas, uma rua após outra. Só para manter a pele sobre os ossos, pão e mingau. Eles não são Boyl: não, homens de M'Glade. Isso também não rende nenhum negócio. Eu tinha sugerido a ele uma carroça-reclame transparente com duas moças elegantes sentadas nela escrevendo cartas, cadernos, envelopes, mata-borrão. Aposto que isso teria pegado. Moças elegantes escrevendo alguma coisa atraem imediatamente o olhar. Todo mundo fica louco para saber o que ela está escrevendo. Juntam logo uns dez à sua volta se você ficar olhando para nada. Logo se intrometem. As mulheres também. Curiosidade. Estátua de sal. Não quis aceitar naturalmente porque ele não tinha pensado nisso primeiro. Ou o tinteiro que eu sugeri com uma mancha falsa de celulóide preto. Suas idéias para anúncios são como aquelas conservas de ameixa embaixo dos obituários, departamento de carne fria. Não se pode lambê-los. O quê? Nossos envelopes. Alô, Jones, aonde você vai? Não posso parar, Robinson, estou indo às pressas comprar o único apagador de tinta confiável *Kansell*, vendido por Hely's Ltd, 85 Dame Street. Felizmente estou fora desse bando. Trabalho infernal esse de cobrar as contas daqueles conventos. Convento Tranquilla. Aquela freira era simpática, com um rosto realmente suave. A touca de freira ficava bem na sua cabeça pequena. Irmã? Irmã? Pelos seus olhos eu podia ter certeza de que tivera uma decepção amorosa. É muito difícil negociar com esse tipo de mulher. Eu a perturbei em suas devoções naquela manhã. Mas contente de se comunicar com o mundo exterior. Nosso grande dia, ela disse. Festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Nome doce também: caramelo. Ela sabia que eu, penso que ela sabia pelo jeito quê. Se ela tivesse se casado teria mudado. Creio que elas eram realmente desprovidas de dinheiro. Fritavam assim mesmo tudo com a melhor manteiga existente. Nada de banha para elas. Meu coração se parte ao comer gordura. Elas gostam de se untar de manteiga por dentro e por fora. Molly provou, com o véu erguido. Irmã? Pat Claffey, a filha do agiota. Dizem que foi uma freira que inventou o arame farpado.

Ele atravessou Westmoreland Street quando o apóstrofe S já tinha passado se arrastando. Loja de bicicleta Rover. Essas corridas estão acontecendo hoje. Há quanto tempo foi isso? No ano em que Phill Gilligan morreu. Nós morávamos em Lombard Street oeste. Vejamos: eu trabalhava em Thom. Consegui o emprego de Wisdom Hely no ano em que casamos. Seis anos. Dez anos atrás: em noventa e quatro ele morreu sim é isso aí o grande incêndio em Arnott. Val Dillon era prefeito de Londres. O jantar de Glencree. O conselheiro municipal Robert O'Reilly esvaziando o porto em sua sopa antes que fosse abaixada a bandeira. Bobbob o sorvendo como seu sustento espiritual. Não se podia ouvir o que a banda tocava. Pelo que já recebemos possa o Senhor nos tornar. Milly era então uma garotinha. Molly estava com aquele vestido cinzaelefante com alamares trançados. Tipo *tailleur* com botões forrados. Ela não gostava dele porque eu torci meu tornozelo no primeiro dia em que ela o usou no piquenique do coral no Sugar Loaf. Como se isso. A cartola de Goodwin amarrada com uma substância pegajosa. Também um piquenique de moscas. Nunca usou um

vestido que ficasse tão bem nela como aquele. Assentava nela como uma luva, ombros e quadris. Justamente começando a ficar cheinha. Comemos torta de coelho naquele dia. As pessoas a seguindo com os olhos.

Feliz. Mais feliz então. Quartinho aconchegante era aquele com papel de parede vermelho. Em Dockrell, um shilling e nove pence a dúzia. Noite de banho de banheira de Milly. Sabonete americano que comprei: flor de sabugueiro. Cheiro gostoso do seu banho. Ela ficou engraçada toda ensaboada. Bem-feita de corpo também. Agora fotografia. O ateliê daguerreótipo de que meu pobre pai falava. Gosto hereditário.

Ele caminhou ao longo do meio-fio.

Torrente da vida. Qual era o nome daquele camarada que parecia um padre e que estava sempre de olhos semicerrados quando passava por nós? Visão fraca, mulher. Ele se alojava na casa de Citron em Saint Kevin's Parade. Pen alguma coisa. Pendennis? Minha memória está ficando. Pen...? Naturalmente foi anos atrás. Barulho dos bondes provavelmente. Bem, se ele não podia se lembrar do nome do registro-do-dia que ele via todo dia.

Bartell d'Arcy era o tenor, que estava justamente começando a se tornar conhecido. Acompanhando-a em casa depois do ensaio. Sujeito convencido com seu bigode empinado com cera. Deu-lhe aquela canção *Ventos que Sopram do Sul*.

Noite ventosa aquela em que fui pegá-la havia aquela reunião da loja sobre aqueles bilhetes de loteria depois do concerto de Goodwin na sala de banquetes ou sala de festas na residência oficial do prefeito. Ele e eu atrás. Uma folha da partitura dela voou da minha mão e foi parar nas grades da Escola Erasmus. Felizmente que não. Uma coisa dessas estraga o efeito de uma noite para ela. Na frente o professor Goodwin enfiando o braço no dela. Trêmulo nas pernas, pobre velho beberrão. Seus concertos de despedida. Positivamente a última aparição em qualquer palco. Talvez por meses e talvez para sempre. Lembro dela rindo ao vento, com sua gola alta levantada pela nevasca. Lembro daquela rajada de vento na esquina de Harcourt. Brruff! Levantou todas as suas saias e seu boá quase asfixiou o velho Goodwin. Ela ficou toda corada com o vento. Lembro de quando nós chegamos em casa eu a atizar o fogo e a fritar aquelas fatias de fígado de carneiro para a ceia dela com o molho de *chutney* de que ela gostava. E o rum quente adoçado. Da lareira podia vê-la no quarto desabotoando seu espartilho: branco.

O estalo e o baque que seu espartilho fazia ao cair na cama. Sempre quente ainda do seu corpo. Sempre gostou de se descartar dele. Sentada ali até quase duas horas retirando os grampos do cabelo. Milly encolhida em sua cama-lar. Feliz. Feliz. Aquela foi a noite...

– Oi, Sr. Bloom, como vai?

– Oi, como vai, Sra. Breen?

– Não vale a pena eu me queixar. Como vai passando Molly ultimamente? Não a vejo há séculos.

– Às mil maravilhas – disse o Sr. Bloom alegremente. – Milly está com um emprego em Mullingar, sabe.

– Não me diga! Que coisa formidável para ela, não é?

– É sim. Numa loja de fotografia lá. Está progredindo a todo pano. Como vão os seus rebentos?

– Dando trabalho ao padeiro – disse a Sra. Breen.

Quantos ela tem? Nenhum outro à vista.

– Vejo que você está de preto. Você não está...?

– Não – disse o Sr. Bloom. – Estou acabando de vir de um enterro.

Isso vai vir à tona o dia inteiro, já posso prever. Quem morreu, quando e de que morreu? Isso vai retornar como uma moeda falsa.

– Ó, meu Deus – disse a Sra. Breen. – Espero que não seja nenhum parente próximo.

É melhor conquistar sua simpatia.

– Dignam – disse o Sr. Bloom. – Um velho amigo meu. Ele morreu subitamente, pobre homem. Problema do coração, creio. O enterro foi esta manhã.

*É seu enterro amanhã*

*Enquanto você estiver no campo*

*Direlim, dindim*

*Direlim...*

– É triste perder os velhos amigos – disseram melancolicamente os olhos-patéticos da Sra. Breen.

Basta disso agora. Simplesmente: tranqüilamente: o marido.

– E o seu senhor e mestre?

A Sra. Breen ergueu seus dois grandes olhos. De qualquer forma não os perdeu.

– Ó, nem me fale! – disse ela. – É de espantar uma cascavel. Ele está lá agora com seus códigos jurídicos em busca da lei sobre difamação. Ele ainda acaba comigo. Espere até que eu lhe mostre.

Um vapor quente de carne de vitela e um aroma de pastéis de geléia e de pudins saídos do forno se exalavam da confeitaria Harrison. Um bafio pesado de meio-dia comichou as papilas gustativas do Sr. Bloom. Precisam disso para fazer uma boa massa, manteiga, a melhor farinha, açúcar mascavo, ou então se perceberia o sabor com o chá quente. Ou vem dela? Um árabe descalço de pé junto ao gradil inalava os vapores. Matava desse jeito a fome que o corroía. Isso é prazer ou dor? Jantar por um penny. Faca e garfo acorrentados à mesa.

Abrindo sua bolsa, couro lascado. Alfinete de chapéu: devia haver uma proteção contra essas coisas. Enfiar no olho de um cara num bonde. Dando uma busca. Abre. Dinheiro. Pegue por favor. É o diabo se perderem uma moeda. Fazem uma balbúrdia. O marido cria um caso. Onde estão os dez shillings que eu lhe dei na segunda-feira? Você está sustentando a família do seu irmãozinho? Lenço sujo: frasco de remédio. Uma coisa caiu era uma pastilha. O que é que ela...?

– Deve ser lua nova hoje – disse ela. – Ele fica sempre ruim nessa ocasião. Sabe o que ele fez ontem à noite?

A mão dela parou de dar busca. Os seus olhos se fixaram nele, bem abertos de espanto, no entanto sorridentes.

– O quê? – perguntou o Sr. Bloom.

Deixe ela falar. Olhe direto nos olhos dela. Eu acredito em você. Confie em mim.

– Ele me acordou de noite – disse ela. – Sonho que ele teve, um pesadelo.

Indiges.

– Disse que o ás de espadas estava subindo a escada.

– O ás de espadas? – disse o Sr. Bloom.

Ela tirou de sua bolsa um cartão-postal dobrado.

– Leia isso – disse. – Ele o recebeu esta manhã.

– O que é isso? – perguntou o Sr. Bloom, pegando o cartão. – P. C.?

– P. c.: para cima – disse ela. – Alguém lhe pregando uma peça. É uma vergonha quem quer que seja que tenha feito isso.

– É mesmo – disse o Sr. Bloom.

Ela pegou de volta o cartão suspirando.

– E agora ele está indo ao escritório do Sr. Menton. Ele diz que vai entrar com uma ação judicial de dez mil libras.

Ela dobrou o cartão e o pôs na bolsa desgastada, estalando o fecho.

O mesmo vestido de sarja azul que ela usava dois anos atrás, o tecido descorado. Já viu dias melhores. Fios de cabelo sobre as orelhas. E aquele toque deselegante na cabeça: três velhas uvas para melhorar um pouco o aspecto. Elegância surrada. Ela costumava se vestir com bom gosto. Rugas em volta da boca. Só um ano ou coisa que o valha mais velha do que Molly.

Veja só o olhar que aquela mulher, ao passar, lhe lançou. Cruel. Sexo injusto.

Ele continuou a olhar para ela, ocultando nos olhos sua insatisfação. Penetrante o aroma de carne de vitela rabada sopa hindu com caril. Eu também estou com fome. Migalhas de pastelaria na nesga de seu vestido: camadas de farinha açucarada grudadas na sua face. Torta de ruibarbo com generoso recheio de frutas. Aquela era Josie Powell. Em Luke Doyle muito tempo atrás. Dolphin's Barn, as charadas. P. c.: para cima.

Mude de assunto.

– Você vê de vez em quando a Sra. Beaufoy? – perguntou o Sr. Bloom.

– Mina Purefoy? – disse ela.

Eu estava pensando em Philip Beaufoy. Do Clube de Teatro. Matcham freqüentemente pensa no golpe de mestre. Será que eu puxei a corrente? Sim. O último ato.

– Sim.

– Eu acabei de perguntar quando estava a caminho se o parto dela já terminara. Ela está na maternidade em Holles Street. Dr. Horne a internou lá. Ela já está lá há três dias num trabalho de parto difícil.

– Ó – disse o Sr. Bloom. – Sinto muito em saber disso.

– É sim. E uma casa cheia de crianças. É um parto muito difícil, me disse a enfermeira.

– Ó – disse o Sr. Bloom.

Seu olhar pesado e compassivo absorveu a notícia dela. Sua língua estalou em sinal de compaixão. Tsk! Tsk!

– Sinto muito em saber disso – disse ele. – Coitadinha! Três dias! Isso é terrível para ela.

A Sra. Breen acenou com a cabeça em assentimento.

– Ela foi levada passando mal na terça-feira...



O Sr. Bloom tocou de leve o cotovelo dela, advertindo-a:

– Cuidado! Deixe este homem passar.

De costas para o rio uma figura ossuda andava com passos largos ao longo do meio-fio fixando com olhar enlevado a luz solar através de um monóculo preso por um cordão consistente. Ajustado como um solidéu um chapéu minúsculo se aferrava à sua cabeça. Em seu braço um guarda-pó dobrado, uma bengala e um guarda-chuva balançavam acompanhando a cadência de seus passos.

– Olhe só para ele – disse o Sr. Bloom. – Ele anda sempre ao largo dos postes de luz. Olhe só!

– Quem é ele se esta é uma pergunta que se faça? – perguntou a Sra. Breen. – Ele é maluco?

– O nome dele é Cashel Boyle O’Connor Fitzmaurice Tisdall Farrell – disse sorrindo o Sr. Bloom. – Olhe só!

– Ele faz bom uso deles – disse ela. – Um desses dias Denis vai ficar assim.

Ela se interrompeu subitamente.

– Lá está ele – disse. – Tenho que ir atrás dele. Adeus. Dê lembranças minhas a Molly, sim?

– Eu darei – disse o Sr. Bloom.

Ele a observou enquanto ela se desviava dos pedestres em direção à parte fronteira das lojas. Denis Breen numa parca sobrecasaca e sapatos de lona azul se esquivava para fora de Harrison abraçando contra o peito dois volumes pesados. Soprado pelo vento da baía. Como nos velhos tempos. Ele aceitou sem surpresa que ela o alcançasse e projetou sobre ela sua barba de um grisalho fosco, com o queixo pendente oscilando enquanto falava veementemente.

Meshuggah. Doido varrido.

O Sr. Bloom prosseguiu em sua caminhada com desenvoltura, vendo à sua frente sob a luz do sol o solidéu esticado, bengala-guarda-chuva-guarda-pó balouçante. Indo sem risco de passar despercebido. Olhe só para ele! Lá vai ele de novo fora da calçada. Uma forma de se dar bem neste mundo. E aquele outro velho lunático cabeludo naqueles andrajos. Ela deve ter uma vida difícil com ele.

P.c.: para cima. Posso jurar que isso é coisa de Alf Bergan ou Richie Goulding. Aposto qualquer coisa que escreveu isso de brincadeira no bar Scotch. De volta para o escritório de Menton. Seus olhos de ostra olhando fixamente para o cartão-postal. Será uma festa para os deuses.

Ele passou pelo *Irish Times*. Era possível que houvesse outras respostas ali. Gostaria de responder a todas. Um bom sistema para criminosos. Código. Estão almoçando agora. Funcionário ali de óculos não me conhece. Ó, que eles fiquem ali fervilhando. Bastante enfadonho ler com dificuldade quarenta e quatro delas. Precisa-se de datilógrafa capaz para auxiliar cavalheiro em trabalho literário. Eu o chamei de levado querido porque eu não gosto daquele outro planeta. Por favor me diga qual é o significado. Por favor, me diga qual é o perfume que sua mulher. Diga-me quem fez o mundo. A maneira pela qual elas soltam essas perguntas em cima da gente. E a outra Lizzie Twigg. Meus esforços literários tiveram o

privilégio de merecer a aprovação do eminente poeta A. E. (Sr. Geo. Russell). Não teve tempo de arrumar o cabelo tomando um chá lamacento com um livro de poesia.

De longe o melhor jornal para um pequeno anúncio. Já atingiu as províncias. Cozinha e empregada para todo serviço, exc. cozinha, com arrumadeira. Precisa-se de homem ativo para balcão de bebidas. Moça resp. (C. R.) se oferece para emprego em loja de frutas ou salsicharia. James Carlisle criou isso. Seis e meio por cento de dividendo. Fez um grande negócio com as ações de Coates. Vá devagar. Astuto velho escocês avarento. Todas as notícias bajuladoras. Nossa vice-rainha graciosa e popular. Comprou agora o *Irish Field*. Lady Mountcashel já se recuperou inteiramente do seu parto e participou da caçada com galgos de Ward Union na largada da raposa ontem em Rathoath. Raposa incomível. Também caçadores apenas preocupados com o número de caças. O medo injeta sucos nela que tornam sua carne suficientemente tenra para eles. Montar à amazona. Ela se senta no cavalo como um homem. Caçadora emérita. Nenhuma sela de amazona ou assento traseiro para ela, nem de brincadeira. A primeira a chegar no encontro da caçada e presente na morte da raposa. Fortes como uma égua reprodutora são algumas dessas caçadoras. Elas se vangloriam nas cavaliças. Bebem subitamente de um trago um copo de conhaque puro. Aquela em Grosvenor esta manhã. Salta no carro: uichsuich. Salta por cima de um muro de pedra ou de um portão de cinco metros de altura. Acho que aquele motorista de nariz arrebitado o fez por despeito. Com quem ela se parecia? Ó sim! A Sra. Miriam Dandrade que me vendeu seus agasalhos velhos e roupas de baixo pretas no hotel Shelbourne. Uma divorciada da América Latina. Não a perturbava em nada me ver manuseá-las. Como se eu fosse seu cabide para secar roupas. Eu a vi na festa do vice-rei quando Stubbs o guarda do parque real me fez entrar com Whelan do *Express*. Limpando os restos da nobreza. Jantar com frios e chá. A maionese eu derramei nas ameixas pensando que era creme. As orelhas dela devem ter ardido durante algumas semanas depois. É preciso ser um touro para ela. Cortesã nata. Nada de cuidar de criança para ela, obrigada.

Pobre Sra. Purefoy! Marido metodista. Método na loucura dele. Um almoço de pãozinho de açafrão e leite e soda na Educational Dairy. A.C.M. Comendo com cronômetro, vinte e duas mastigadas por minuto. E ainda assim suas suíças de costeleta de carneiro cresciam. Supunha-se que ele fosse bem relacionado. Primo de Theodore no Castelo de Dublin. Um parente grã-fino em toda família. Ele a presenteia com rebentos anuais. Eu o vi fora do Three Jolly Topers caminhando sem chapéu e seu filho mais velho carregando um menor numa cesta de mercado. Os bebezinhos. Pobrezinha! Então tendo que dar o seio a noite toda ano após ano. Egoístas todos esses abstêmios. Um desmancha-prazeres. Só um torrão de açúcar no meu chá, por favor.

Ele parou no cruzamento de Fleet Street. Intervalo para o almoço. Por seis pence em Rowe? Preciso consultar aquele anúncio na biblioteca nacional. Por oito pence no Burton. Melhor. A caminho.

Ele passou por Bolton's Westmoreland House. Chá. Chá. Chá. Eu esqueci de recorrer a Tom Kernan.

Sss. Tchu, tchu, tchu! Imagine só três dias gemendo na cama com um lenço embebido em vinagre em volta da testa, com sua barriga crescida. Puá! Simplesmente terrível. A cabeça

da criança grande demais: fórceps. Encolhida dentro dela tentando cegamente se precipitar para fora buscando em vão a saída. Isso me mataria. Felizmente Molly teve os seus facilmente. Deviam inventar alguma coisa para parar com isso. A vida com um parto difícil. A idéia de uma anestesia parcial: foi dada uma assim à rainha Vitória. Ela teve nove. Uma boa parideira. A velha que habitava num velho tamanco tinha um bando de filhos. Suponhamos que ele fosse tuberculoso. Já era tempo de alguém pensar nisso em vez de conversar fiado sobre o quê mesmo o seio pensativo do fulgor da prata. Asnice para alimentar os tolos. Era possível haver facilmente grandes estabelecimentos um negócio todo indolor sobre todos os impostos dar a cada criança que nascesse cinco libras a juro composto até atingir vinte e um anos cinco por cento são cem shillings mais as maçantes cinco libras multiplicar por vinte pelo sistema decimal isso encorajaria as pessoas a pôr de lado cento e dez e um pouco mais por vinte e um anos necessidade de calcular isso no papel o que chegará a uma soma apreciável maior do que se possa imaginar.

Não para os natimortos naturalmente. Eles não são sequer registrados. Transtorno por nada.

Visão divertida as duas juntas, seus ventres protuberantes. Molly e a Sra. Moisel. Reunião de mães. Tuberculose é temporariamente retirada de circulação, depois volta. Como subitamente elas parecem achatadas depois. Olhos tranqüilos. Um peso a menos em suas mentes. A velha Sra. Thornton era uma muito boa alma. Todos os meu bebês, dizia ela. A colher de mingau em sua boca antes de alimentá-los. Ó, é nianniam. Teve sua mão esmagada pelo filho do velho Tom Wall. A primeira mesura dele ao público. Cabeça como uma abóbora premiada. Irritado Dr. Murren. Pessoas batendo à sua porta todas as horas do dia e da noite. Pelo amor de Deus, doutor. Minha mulher lutando com o sofrimento. Depois os deixam esperar meses pelo pagamento. Por atendimento à sua mulher. Nenhuma gratidão nas pessoas. Médicos humanos, a maioria deles.

Diante da porta imensa da Câmara do Parlamento Irlandês um bando de pombos voou. Sua pequena travessura em busca de alimento. Em quem nós vamos deixar cair? Eu escolho o camarada de preto. Lá vai. Boa sorte. Deve ser excitante mandar pelo ar. Apjohn, eu e Owen Goldberg no alto das árvores perto de Goose Green bancando macacos. Eles me chamavam de cavalinha.

Um pelotão de policiais desembocou da College Street, marchando em fila indiana. Passo de ganso. Faces congestionadas por uma boa alimentação, capacetes suados, dando tapinhas em seus cassetetes. Depois de tomar uma abundante sopa substancial de estourar seus cintos. É freqüentemente feliz o destino de um policial. Eles se dividem em grupos e espalhados, se cumprimentando, se dirigem para suas rondas. Soltos para pastar. O melhor momento para atacar um deles é na hora do pudim. Um murro no seu jantar. Um outro pelotão, marchando irregularmente, circundou as grades de Trinity caminhando em direção à estação. Com destino às suas gamelas. Preparam-se para a ordem de ataque. Preparam-se para receber a sopa.

Ele atravessou sob o dedo maroto de Tommy Moore. Fizeram bem em colocá-lo acima de um mictório: encontro das águas. Deveria haver lugares para as mulheres. Correndo para dentro de confeitarias. Vou endireitar o meu chapéu. *Não Há Nenhum Vale Neste Vasto*

*Mundo*. Grande canção de Julia Morkan. Manteve toda sua voz bem até o último momento. Discípula de Michael Balfe, não foi?

Ele acompanhou com os olhos a última ampla túnica que fechava a marcha. Fregueses desagradáveis de enfrentar. Jack Power poderia revelar muita coisa: o pai é da divisão G da polícia secreta. Se um camarada der problema ao ser preso eles o fazem passar um mau pedaço na cadeia. Não se pode censurá-los afinal de contas com o tipo de trabalho que eles têm especialmente os tiras jovens. Aquele polícia-montada no dia em que Joe Chamberlain se formou em Trinity College foi recompensado por seus esforços. Palavra que foi! As patas de seu cavalo em tropel atrás de nós pela Abbey Street. Por sorte eu tive a presença de espírito de me ocultar no bar Manning ou estaria perdido. Por Deus, ele levou uma paulada e tanto. Deve ter quebrado a cabeça de encontro ao paralelepípedo. Eu não devia ter me deixado arrastar por aqueles estudantes de medicina. E os calouros de Trinity College com seus barretes de formatura. Procurando confusão. Ainda assim eu vim a conhecer aquele moço Dixon que cuidou daquela minha picada de abelha no Mater Misericordiae e está agora em Holle's Street onde a Sra. Purefoy. Relacionamentos complexos. O assobio da polícia ainda nos meus ouvidos. Todos debandaram. Por que ele me escolheu para vítima. Me deu ordem de prisão. Foi exatamente aqui que tudo começou.

– Viva os bôeres!

– Três vivas para De Wet!

– Pra força com Joe Chamberlain numa macieira bem azeda!

Bobocas: turba de filhotes inexperientes botando as tripas pela boca de tanto gritar. O Monte Vinagre. A banda do Grêmio das Leiterias. Alguns anos depois metade deles são magistrados e funcionários públicos. Chega a guerra: atabalhoadamente no exército: os mesmos homens que costumavam. Seja no alto da força.

Nunca se sabe com quem se está falando. Corny Kelleher está de olho em Harvey Duff. Como aquele Peter ou Denis ou James Carey que denunciou os invencíveis. Também era membro da corporação. Incentivando jovens inexperientes o tempo todo para ficar a par das coisas recebendo pagamento do castelo por seu serviço secreto. Deixado de lado como uma batata quente. Ora aqueles detetives à paisana estão sempre cortejando as criadas domésticas. É fácil discernir um homem metido a conquistador. Espremendo-a contra a porta dos fundos. Manejá-la um pouco. Depois o prato seguinte no cardápio. E quem é o cavaleiro que tem andado por aqui? O que anda dizendo o patrãozinho? Peeping Tom através do buraco da fechadura. Engambelador. Jovem estudante impetuoso brincando com os braços gordos dela enquanto ela passa a ferro.

– Essas são suas, Mary?

– Eu não uso essas coisas... Pare ou eu vou denunciar você à patroa. Fora de casa metade da noite.

– Grandes tempos estão para vir, Mary. Espere e você verá.

– Ah, dê o fora com seus grandes tempos a vir.

Garçonetes também. Vendedoras de tabacarias.

A idéia de James Stephen foi a melhor. Ele os conhecia. Círculos de dez de modo que cada camarada só tinha contato com os do seu próprio círculo. Sinn Fein. Se recuar uma

fácada nas costas. Mão oculta. Permanecer. Esquadrão de fuzilamento. A filha do carcereiro conseguiu tirá-lo de Richmond, fora de Lusk. Passando a noite no hotel Buckingham Palace debaixo de seus próprios narizes. Garibaldi.

Você precisa ter um certo fascínio: Parnell. Arthur Griffith é um homem honesto e reto mas não tem carisma junto ao povo. Ou atração para nossa terra adorável. Coisas corriqueiras. A sala de chá da Panificação Irlandesa. Sociedades de debates. Que a república é a melhor forma de governo. Que a questão da linguagem deva ter precedência sobre a questão econômica. Façam suas filhas os atraírem para a sua casa. Que os entupam de comida e bebida. Ganso da festa de São Miguel. Aqui está para você um bom punhado de tomilho temperando o ganso por baixo da pele. Coma mais um pouco do molho gorduroso antes que ele esfrie demais. Entusiastas meio alimentados. Pãozinho de um tostão e uma caminhada com a banda. Nenhum pedaço para o trinchador. A idéia é que o outro cara que paga tem o melhor molho do mundo. Ficam inteiramente à vontade. Mostre-nos aqueles abricós, quer dizer pêssegos. O dia nada distante. O sol da independência está se erguendo a noroeste.

Seu sorriso se esvaneceu enquanto ele caminhava, uma nuvem pesada escondeu lentamente o sol, deixando na penumbra a fachada altiva de Trinity. Bondes passaram uns atrás dos outros, entrando, saindo, tinindo. Palavras inúteis. As coisas prosseguem do mesmo modo, dia após dia: esquadrões de polícia saindo, voltando: bondes entrando, saindo. Aqueles dois malucos perambulando. Dignam removido. Mina Purefoy de ventre intumescido na cama gemendo para que arrancassem um filho de dentro dela. Um nascendo a cada segundo em algum lugar. Outro morrendo a cada segundo. Desde que eu alimentei os pássaros há cinco minutos. Trezentos bateram as botas. Outros trezentos nasceram, lavando fora o sangue, todos são lavados no sangue do cordeiro, berrando baauau.

Uma cidade toda sumindo, uma outra cidade toda surgindo, sumindo também: outra surgindo, sumindo. Casas, fileiras de casas, ruas, milhas de calçadas, tijolos amontoados, pedras. Mudando de dono. Este proprietário, aquele. O dono nunca morre dizem. Um outro mete os pés nos seus sapatos quando ele recebe ordem de partir. Eles compram o lugar com ouro e ainda assim eles têm todo o ouro. Alguma fraude nisso em algum lugar. Amontoados em cidades, esgotados século após século. Pirâmides na areia. Construídas à base de pão e cebola. Escravos da muralha da China. Babilônia. Grandes pedras deixadas. Torres redondas. Resíduo de cascalho, subúrbios esparramados, construídos às pressas. Casas de cogumelos de Kerwan construídas de brisas. Abrigo, para a noite.

Ninguém é nada.

Esta é a hora pior do dia. Vitalidade. Apática, deprimente: odeio esta hora. Sinto como se tivesse sido comido e vomitado.

Casa do Reitor. O reverendo Dr. Salmon: salmão enlatado. Bem enlatado ali. Como uma capela mortuária. Não teria morado nela mesmo que me tivessem pago. Espero que tenham fígado e toucinho defumado hoje. A natureza abomina um vácuo.

O sol se libertou lentamente e ateou clarões de luz por entre a prataria na vitrine oposta de Walter Sexton por onde John Howard Parnell passava, distraído.

Lá está ele: o irmão. A cara dele. Rosto que nos persegue. Ora isso é uma coincidência. Naturalmente uma centena de vezes você pensa numa pessoa e não a encontra.

Como um homem andando durante o sono. Ninguém o conhece. Deve haver hoje uma reunião da corporação. Dizem que ele nunca vestiu o uniforme de grande escudeiro da cidade desde que tem esse emprego. Charley Kavanagh costumava sair montado em seu grande cavalo, com seu chapéu de bicos, envaidecido, empoado e barbeado. Olhe só para o andar acobreado dele. Como se tivesse comido um ovo estragado. Olhos escaldados no fantasma. Eu tenho uma mágoa. Irmão do grande homem: irmão do seu irmão. Ele ficaria bem num cavalo de batalha. Vai provavelmente dar um pulo na D.B.C. para o seu café, jogar xadrez lá. Seu irmão utilizava os homens como peões. Que todos eles se acabem. Têm medo de fazer um comentário sobre ele. Ele os enregela com aquele seu olhar. Essa é a fascinação: o nome. Todos um pouco pirados. A louca Fanny e a outra irmã dele a Sra. Dickinson cavalgando à volta com os arreios escarlates de sua montaria. Ereta como um fuso como o cirurgião M' Ardle. Assim mesmo ele foi derrotado por David Sheehy em South Meath. Abandonou seu cargo público para se candidatar a administrador do Chiltern Hundreds. O banquete do patriota. Comendo cascas de laranja no parque. Simon Dedalus disse que quando o pusessem no Parlamento Parnell ressurgiria do túmulo e o conduziria pelo braço para fora da câmara dos comuns.

– Das duas cabeças de polvo, uma delas é a cabeça sobre a qual as duas extremidades do mundo esqueceram de se encontrar enquanto a outra fala com um sotaque escocês. Os tentáculos...

Eles passaram pelo Sr. Bloom ao longo da calçada. Barba e bicicleta. Uma moça.

E ali está ele também. Ora isso é realmente uma coincidência: a segunda vez. Futuros acontecimentos lançam suas sombras adiante. Com a aprovação do eminente poeta, Sr. Geo. Russell. Aquela podia ser Lizzie Twigg com ele. A. E.: o que isso quer dizer? Iniciais talvez. Albert Edward, Arthur Edmund, Alphonsus Eb Ed El Escudeiro. O que é que ele estava dizendo? As extremidades do mundo com um sotaque escocês. Tentáculos: polvo. Alguma coisa oculta: simbolismo. Discursar. Ela está absorvendo tudo. Sem dizer uma palavra. Para auxiliar cavalheiro em trabalho literário.

Seus olhos seguiram a figura alta vestida de tecido de fio cru, barba e bicicleta, uma mulher o escutando a seu lado. Vindos do restaurante vegetariano. Apenas legumes e frutas. Não comem um bife sequer. Se você o fizer os olhos daquela vaca irão persegui-lo através de toda a eternidade. Dizem que é mais saudável. Somente ventoeágua. Experimentei. Mantém você em forma o dia todo. Ruim como arenque defumado. Sonhos a noite toda. Por que eles chamam aquela coisa que me deram filé de noz? Nozarianos. Frutarianos. Para lhe dar a impressão de que você está comendo bife de alcatra. Absurdo. Salgado também. Eles cozinham em soda. Isso faz você ficar sentado ao lado da torneira a noite inteira.

As meias dela estão soltas acima dos tornozelos. Eu odeio isso: de tão mau gosto. Aqueles seres literários etéreos são eles todos. Sonhadores, sombrios, simbolistas. Estetas eles são. Eu não ficaria surpreso que fosse esse tipo de alimentação você sabe que produzisse essa onda de cérebros de veia poética. Por exemplo um daqueles policiais transpirando ensopado irlandês de carne de carneiro em sua camisa você não poderia espremer nenhuma linha poética dele. Não sabem sequer o que é poesia. É preciso estar com um certo estado de espírito.

*A sombria e sonhadora gaiivota*

*Lânguida sobre as águas se agita.*

Ele cruzou a esquina de Nassau Street e parou diante da vitrine de Yeates and Son, avaliando os preços dos binóculos. Que tal eu dar um pulo no velho Harris e bater um papo com o jovem Sinclair? Rapaz bem-educado. Provavelmente na hora do almoço dele. Preciso pôr em dia esses meus velhos óculos. Lentes de Goerz custam seis guinéus. Os alemães estão se espalhando por toda parte. Facilitam as vendas para conquistar o mercado. Vendendo por preço inferior. Poderia ter uma chance de conseguir um par no escritório de objetos perdidos da estrada de ferro. São espantosas as coisas que as pessoas esquecem nos trens e vestiários. Em que elas estariam pensando? As mulheres também. Inacreditável. No ano passado ao viajar para Ennis eu tive que pegar a bolsa da filha do fazendeiro e entregá-la a ela na conexão de Limerick. Dinheiro que não é reclamado também. Há um pequeno relógio colocado lá em cima no teto do banco para testar esses óculos.

Suas pálpebras caíram a ponto de quase taparem suas pupilas. Não posso vê-lo. Se você o imaginar ali você quase pode vê-lo. Não posso vê-lo.

Ele deu meia-volta e, ficando em pé entre os toldos, estendeu a mão direita à distância em direção ao sol. Muitas vezes eu quis fazer essa experiência. Sim é isso aí: completamente. A ponta de seu dedo mínimo apagou o disco do sol. Deve ser o foco em que os raios se cruzam. Se eu tivesse óculos escuros. Interessante. Havia muita discussão a respeito dessas manchas solares quando nós morávamos em Lombard Street oeste. Erguendo os olhos do jardim atrás. São explosões espetaculares. Vai haver um eclipse total este ano: em determinado momento no outono.

Agora pensando bem naquela bola que cai com a hora de Greenwich. É o relógio que é posto para funcionar por meio de um fio elétrico que parte de Dunsink. Preciso ir lá num primeiro sábado do mês. Se eu pudesse conseguir uma apresentação para o professor Joly ou descobrir alguma coisa sobre a sua família. Isso serviria para: um homem sempre se sente lisonjeado. Bajulação de onde é menos esperada. Homem nobre orgulhoso de descender de alguma amante do rei. Sua ancestral. Bajule. Boné na mão leva longe. Adular à loucura. Nada de entrar e deixar escapar o que você sabe que não deve: o que é paralaxe? Acompanhe este cavalheiro até a porta.

Ah.

Sua mão caiu para o lado novamente.

Nunca sei nada sobre isso. Perda de tempo. Bolas de gás rodopiando, se cruzando, passando. Sempre o mesmo antigo estribilho. Gás: e então sólido: então mundo: então frio: então concha morta vagando, rochedo congelado, como aquele caramelo de abacaxi. A lua. Deve ser a lua nova, disse ela. Acredito que sim.

Ele passou pela Maison Claire.

Espere. A lua cheia era a noite em que estávamos domingo exatamente quinze dias depois há uma lua nova. Caminhando ao longo do Tolka. Nada má para uma lua de Fairview. Ela estava cantarolando. A jovem lua de maio está brilhando, amor. Ele do outro lado dela. Cotovelo, braço. Ele. A lâ-âmpada do vagalume está cintilando, amor. Tocar. Dedos. Perguntar. Responder. Sim.

Pare. Pare. Se tinha que ser foi. Tem de.

O Sr. Bloom, ofegante, caminhando mais lentamente passou por Adam Court.

Com um fique quieto de alívio silencioso seus olhos notaram esta é a rua aqui no meio do dia dos ombros encurvados de Bob Doran. Na sua pândega anual, dizia M' Coy. Eles bebem a fim de dizer ou fazer alguma coisa ou *cherchez la femme*. Lá em cima no Coombe com cáftens e prostitutas e então o resto do ano sóbrio como um juiz.

Sim. Foi o que pensei. Sumindo no Empire. Partiu. Uma soda pura lhe faria bem. Onde Pat Kinsella tinha seu teatro Harp antes que Whitbred dirigisse o Queen's. Meninice de um rapaz. O negócio de Dion Boucicault com sua cara de lua cheia em seu gorro apertado. Três donzelas de pensionato. Como o tempo voa, hein? Mostrando longas pantalonas vermelhas por baixo das saias dele. Beberrões, bebendo, riam cuspiendo gotas de bebida em sua respiração. Mais uísque, Pat. Carranca vermelha: diversão para os bêbados: gargalhada e fumaça. Tire esse chapéu branco. Os olhos escaldados dele. Onde é que ele está agora? Mendigo em algum lugar. A harpa que outrora nos matou de fome.

Eu era mais feliz então. Ou será que eu era? Ou eu sou agora eu? Eu tinha vinte e oito anos. Ela vinte e três. Quando nós partimos de Lombard Street oeste alguma coisa mudou. Nunca mais pôde ser a mesma coisa depois de Rudy. Não se pode trazer o tempo de volta. É como segurar água na mão. Você voltaria para aquela época? Apenas começando então. Voltaria? Você não é feliz em sua casa meu pobre menininho travesso? Quer pregar meus botões. Preciso responder. Escrever na biblioteca.

Grafton Street alegre com casas de toldos fascinava seus sentidos. Musseline estampada, seda de damas e viúvas, o tilintar dos arreios, patadas soando baixo na rua de paralelepípedos assando ao sol. Pés grandes tem aquela mulher de meias brancas. Espero que a chuva as suje. Labregos nascidos no campo. Todas as mulheres de pernas grossas estavam ali. Isso sempre dá à mulher um andar desajeitado. Molly parece fora de prumo.

Ele passou, zombeteiro, pelas vitrines de Brown Thomas, negociante de tecidos de seda. Cascatas de fitas. Sedas chinesas delicadas. Uma urna inclinada derramava de sua boca um dilúvio de popeline vermelho-sangue: sangue lustroso. Os huguenotes trouxeram isso para cá. *Lacaus esant tara tara*. Um grande coro esse. *Taree tara*. Deve ser lavada com água da chuva. Meyerbeer. *Tara: bom bom bom*.

Alfineteiras. Eu estou há muito tempo ameaçando comprar uma. Espetando eles todos por toda parte. Agulhas nas cortinas das janelas.

Ele descobriu ligeiramente seu antebraço esquerdo. Arranhão: quase sumido. De qualquer forma não hoje. Preciso voltar para aquela loção. Para o aniversário dela talvez. Junhojulhoagostoseptembro oito. Daqui a quase três meses. Então talvez ela não gostasse disso. As mulheres não apanham alfinetes. Dizem que ele corta o am.

Sedas brilhantes, anáguas em finos trilhos de metal, seções de meias de seda em exposição.

Inútil voltar atrás. Tinha de ser. Conte-me tudo.

Vozes elevadas. Seda aquecida pelo sol. Arreios tilintantes. Tudo para uma mulher, lar e casas, tecidos de seda, baixela de prata, frutas saborosas perfumadas de Jaffa. Agendath Netaim. Riquezas do mundo.

Uma substância humana roliça e quente se assentou no seu cérebro. Seu cérebro se



rendeu. Perfume de carícias assaltaram-no todo. Com uma carne dominada pela fome ele obscuramente e mudamente ansiou por adorar.

Duke Street. Aqui estamos. Preciso comer. O Burton. Sentir-me melhor então.

Ele dobrou a esquina de Combridge, ainda perseguido. Tilintar, patadas. Corpos perfumados, quentes, saciados. Todos beijados, se entregaram: nos campos profundos do verão, a relva comprimida se emaranhou, nos saguões porejantes das moradias, ao longo dos sofás, camas rangentes.

- Jack, meu amor!
- Querida!
- Beije-me, Reggy!
- Meu garoto!
- Meu amor!

Com o coração agitado ele empurrou a porta do restaurante Burton. Um mau cheiro lhe invadiu a garganta trêmula: molho acre de carne, aluvião de legumes verdes. Veja os animais se alimentarem.

Homens, homens, homens.

Empoleirados em tamboretas elevadas junto ao bar, os chapéus jogados para trás, nas mesas pedindo mais pão parte do serviço, bebendo avidamente, comendo vorazmente porções tão grandes de comida que transbordavam da boca, com os olhos salientes, enxugando os bigodes molhados. Um jovem pálido de rosto sebento lustrava com o guardanapo seu copo faça garfo e colher. Um novo contingente de micróbios. Um homem com o guardanapo em volta do pescoço manchado de molho debaixo do queixo tomava sofregamente sopa gorgolhante pela goela abaixo. Um homem cuspiendo de volta no prato: cartilagem meio mastigada: gengivas: nenhum dente para tritrititurá-la. Pedaco de costeleta grelhada. Engolindo às pressas para acabar com isso. Olhos tristes de alcoólatra. Pôs na boca mais do que lhe era possível mastigar. Será que eu sou assim? Ver-nos como os outros nos vêem. Homem famélico é homem colérico. Dente e mandíbula trabalhando. Não por favor! Ó! Um osso! Cormac aquele último rei pagão da Irlanda do poema escolar se engasgou em Sletty ao sul de Boyne. Eu me pergunto o que ele estava comendo. Alguma coisa deliciosa. São Patrício o converteu ao cristianismo. Não consegui engolir tudo no entanto.

- Rosbife e repolho.
- Um ensopado.

Odores de homens. Cusparada na serragem, fumaça de cigarro adocicada aquecida, cheiro desagradável de fumo, cerveja derramada, xixi acervejado dos homens, a urina de levedura.

Ficou enojado.

Não poderia comer uma migalha sequer aqui. Um camarada afiando a faca e garfo para comer tudo diante de si, um cara velho palitando seus dentinhos. Ligeiro espasmo, cheio, mastigando o bolo alimentar dos ruminantes. Antes e depois. Ação de graças depois das refeições. Olhe para este retrato e depois para esse. Devorando o molho do guisado com pedacinhos de pão nele encharcados. Lamba o prato, homem de Deus! Vamos embora daqui.

Apertando as asas do nariz, ele lançou um olhar para os comilões sentados nos

tamboretetes e na mesa.

– Duas cervejas aqui.

– Uma presuntada e repolho.

Aquele camarada socando com a faca uma porção de repolho pela garganta abaixo como se sua vida dependesse disso. Bela tacada. Me dá arrepio de ver. Mais seguro comer com suas três mãos. Despedace-o membro por membro. Segunda natureza para ele. Nasceu com uma faca de prata na boca. Isso é espirituoso, penso. Ou não. Prata quer dizer que nasceu rico. Nasceu com uma faca. Mas então a alusão fica perdida.

Um serviçal malvestido recolhia ruidosamente pratos grudentos. Rock, chefe dos meirinhos, de pé no bar soprava a coroa de espuma de sua caneca. Bem para cima: ela salpicou amarela perto de sua bota. Um comensal, com a faca e o garfo erguidos, com os cotovelos na mesa, pronto para uma segunda rodada olhava para o elevador de comida através do quadrado manchado do seu jornal. Um outro cara lhe contando alguma coisa de boca cheia. Ouvinte compreensivo. Conversa de mesa. Eu chenchontrei chegunda chno Unchster Bunk. O quê! É verdade mesmo?

O Sr. Bloom ergueu dois dedos duvidosamente até seus lábios. Seus olhos disseram:

– Aqui não. Não o vejo.

Fora. Odeio comilões sujos.

Ele recuou em direção à porta. Vou fazer um lanche ligeiro no Davy Byrne's. Um tapaburaco. Para me manter em pé. Tive um bom café-da-manhã.

– Assado e purê de batata aqui.

– Meia garrafa de cerveja preta.

Cada um por si, da unha aos dentes. Trago. Bóia. Trago. Troçonaboca.

Ele saiu para o ar livre e virou em direção a Grafton Street. Comer ou ser comido. Matar! Matar!

Imaginemos aquela cozinha pública que nos espera talvez no futuro. Todos trotando com tigelas e canecas para serem servidas. Devorar os conteúdos na rua. De John Howard Parnell por exemplo superintendente de Trinity ao mais insignificante cidadão sem falar dos seus superintendentes e do superintendente de Trinity às mulheres e crianças cocheiros de fiacres padres pastores marechais-de-campo arcebispos. De Ailesbury Road, Clyde Road, às moradias populares, ao asilo de North Dublin, ao lorde-prefeito em seu coche vistoso, à velha rainha no seu carrinho de inválida. Meu prato está vazio. Depois de você com sua taça da Corporação de Dublin. Como a fonte de sir Philip Crampton. Esfregue fora os micróbios com seu lenço. O próximo cara esfrega uma nova leva com o seu. O padre O'Flynn daria asas a todos. Haveria brigas da mesma forma. Cada um querendo tudo para si. Crianças lutando para raspar a panela. Querem um prato de sopa tão grande quanto o Phoenix Park. Arpoando postas de peixe e pernas de carneiro dali. Odeiam pessoas à sua volta. Ela chamava isso de *table d'hôte* no hotel City Arms. Sopa, carne e doce. Nunca se sabe de quem são os pensamentos que você está ruminando. E então quem lavaria todos os pratos e garfos? Pode ser que nessa ocasião todos se alimentariam de pílulas. Os dentes ficando cada vez piores.

Afinal de contas há muita verdade nessa idéia vegetariana do sabor gostoso das coisas provenientes da terra o alho naturalmente dá depois um cheiro ruim aos tocadores de

realejo italianos que fritam com cebola cogumelos trufas. Um sofrimento para o animal também. Depenar e retirar os miúdos das aves. Quadrúpedes desgraçados lá no mercado de gado que aguardam o machado que vai lhes partir os crânios. Mu. Pobres bezerros trêmulos. Mé. Vitelo cambaleante. Rosbife e batata frita com legumes picados. Nos baldes dos açougueiros bofes oscilantes. Dê-nos aquela carne de peito pendurada. Chlape. Cabeça crua e ossos sangrentos. Carneiros tosquiados de olhos vidrados pendurados pelas ancas, focinhos de carneiros envoltos em papel sangrento congestionamento de nariz pingando na serragem. Perdas e aparas saindo. Ei rapazinho, não massacre os pedaços.

Recomenda-se sangue ainda quente para os tísicos. Sempre necessidade de sangue. Insidioso. Lambê-lo ainda fumegante, xarope espesso. Fantasmas famintos.

Ah, estou com fome.

Ele entrou no Davy Byrne's. Bar moral. Ele não bate papo. Oferece uma bebida de vez em quando. Mas em ano bissexto, uma vez de quatro em quatro anos. Descontou uma vez um cheque para mim.

O que é que eu vou beber agora? Olhou no relógio. Vejamos agora. Uma mistura de cerveja e gengibirra?

– Olá, Bloom – disse Nosey Flynn do seu canto.

– Olá, Flynn.

– Como vão as coisas?

– Às mil maravilhas... Vejamos. Vou tomar um copo de borgonha e... Vejamos.

Sardinhas nas prateleiras. Posso quase sentir o gosto ao olhá-las. Sanduíche? Presunto e seus descendentes concentrados e produzidos ali. Carnes enlatadas. O que é um lar sem carne enlatada Plumtree. Incompleto. Que anúncio idiota! Eles o fixam embaixo dos obituários. Todos num beco sem saída. Carne enlatada de Dignam. Canibais os comeriam com limão e arroz. Missionário branco salgado demais. Como carne de porco em salmoura. Espera-se que o chefe consuma as partes mais honrosas. Devem ser duras devido ao exercício. As mulheres dele em fila para observar o efeito. *Havia um velho negro real. Que comeu ou coisou as coisas do reverendo Sr. MacTrigger.* Com isso um lugar no paraíso. O Senhor conhece o preparado. Redenhos tripas bolorentas traquéias adulterados e picados. Charada encontre a carne. Kosher. Nada de carne e leite juntos. Isso era o que eles chamam agora de higiene. Jejum do Yom Kippur uma limpeza de primavera do interior. Guerra e paz dependem da digestão de algum indivíduo. Religiões. Perus e gansos de Natal. Matança de inocentes. Comer beber e ficar alegre. Então depois ambulatórios de hospitais cheios. Bandagens em volta da cabeça. O queijo digere tudo exceto a si mesmo. Queijo forte.

– Você tem sanduíche de queijo?

– Sim, senhor.

Gostaria também de umas azeitonas se as tivessem. Prefiro italianas. Um bom copo de borgonha leve isso. Lubrifica. Uma bela salada, senhora de si, Tom Kernan sabe preparar. Tem prazer em fazê-lo. Puro azeite de oliva. Milly me serviu aquela costeleta com um raminho de salsa. Pegar uma cebola espanhola. Deus fez a comida, o diabo as cozinheiras. Caranguejo bem temperado assado.

– A mulher está bem?

– Muito bem, obrigado... Um sanduíche de queijo, então. Você tem gorgonzola?

– Sim, senhor.

Nosey Flynn tomou um gole do grogue.

– Tem cantado ultimamente?

Olhe só para a boca dele. Poderia assobiar em seu próprio ouvido. Orelhas de abano para combinar. Música. Entende tanto disso como o meu cocheiro. Ainda assim é melhor lhe dizer. Não faz mal. Anúncio gratuito.

– Ela foi contratada para uma grande turnê no final do mês. Talvez você tenha ouvido falar a respeito.

– Não. Ó, isso tem muita classe. Quem a está organizando?

O balconista do bar serviu.

– Quanto é isso?

– Sete pence, senhor... Obrigado, senhor.

O Sr. Bloom cortou seu sanduíche em pequenas tiras... *Sr. MacTrigger*. Mais fácil do que aquele negócio de creme de sonho. *Suas quinhentas mulheres. Divertiam-se a valer.*

– Mostarda, senhor?

– Obrigado.

Ele salpicou gotas amarelas debaixo de cada tira erguida. *Suas vidas*. É isso aí. *Ficou maior e cada vez maior*.

– Você o prepara assim? – disse ele. – Ora, é como o princípio que norteia uma companhia sabe. Uma parte de ações e uma parte de lucros.

– Sim, agora eu me lembro – disse Nosey Flynn, pondo a mão no bolso para coçar a virilha. – Quem foi que andou me contando? Não é Blazes Boylan que está metido nisso?

Um choque de ar quente o calor da mostarda mordeu vorazmente o coração do Sr. Bloom. Ele ergueu os olhos e se deparou com o olhar bilioso de um relógio. Duas. O relógio do bar está cinco minutos adiantado. O tempo está passando. Os ponteiros se movendo. Duas. Ainda não.

Seu diafragma subiu então, afundou dentro dele, subiu mais demoradamente, ansiosamente.

Vinho.

Ele cheirou e deu um gole do líquido generoso e, pedindo fortemente à sua garganta que se apressasse a engoli-lo, colocou delicadamente seu copo de vinho na mesa.

– Sim – disse ele. – Na verdade é ele o organizador.

Nada de medo: nenhuma inteligência.

Nosey Flynn fungou e se coçou. Pulga fazendo uma refeição substancial.

– Jack Mooney andou me dizendo que ele teve uma boa fatia de sorte naquela partida de boxe em que Myler Keogh venceu de novo aquele soldado nas barracas de Portobello. Por Deus, ele andou me dizendo que manteve à vista aquele tipinho no condado de Carlow...

Espero que essa gota de orvalho não lhe caia no copo. Não, ela foi aspirada de volta pelo nariz.

– Por quase um mês, criatura, antes que se realizasse. Absorvendo ovos de pata meu Deus até nova ordem. Mantê-lo afastado de bebida, viu? Ó por Deus Blazes é um cara astuto.

Davy Byrne avançou da parte de trás do bar com a camisa de mangas arregaçadas, limpando os lábios com duas esfregadas de seu guardanapo. Rubor de arenque. Cujo sorriso em cada um de seus traços joga com tal e tal repleto. Gordura demais nas verduras.

– E aqui está ele em boa forma – disse Nosey Flynn. – Você pode nos dar um bom palpite para o Grande Prêmio?

– Estou fora disso, Sr. Flynn – respondeu Davy Byrne. – Nunca apostei nada em cavalo.

– No que você está certo – disse Nosey Flynn.

O Sr. Bloom comeu suas tiras de sanduíche, um bom pão fresco, com o prazer enojado de uma mostarda picante, de um queijo verde com sabor de pés. Goles de seu vinho abrandaram seu paladar. Nenhum adstringente nisso. Tem mais buquê neste tempo livre de friagem.

Barzinho gostoso e sossegado. Bela peça de madeira no balcão. Lindamente planejado. Como aquela linha curva ali.

– Eu não faria nada de forma alguma nesse ramo – disse Davy Byrne. – Isso já arruinou muitos homens, os mesmos cavalos.

Bolo de apostas de taberneiro. Licenciado para a venda e consumo de cerveja, vinho e bebidas alcoólicas no local. Cara eu ganho coroa você perde.

– Você está certo – disse Nosey Flynn. – A menos que você esteja por dentro. Não há mais nenhum esporte correto agora. Lenehan tem uns bons palpites. Ele está apostando no Cetro hoje. Zinfandel é o favorito, de lorde Howard de Walden, foi vencedor em Epsom. Morny Cannon o está montando. Eu podia ter apostado sete a um contra Santo Aman quinze dias atrás.

– É mesmo? – disse Davy Byrne.

Ele se encaminhou para a janela e, pegando seu livro de despesas, examinou atentamente suas folhas.

– Eu podia, por certo – disse Nosey Flynn, fungando. – Aquele era um cavalo fora de série. Seu pai era São Frusquino. Ela venceu num dia de tempestade, a potranca de Rothschild, com chumaços em suas orelhas. Jaqueta azul e boné amarelo. Falta de sorte para o grandão Ben Dollard e seu cavalo John O’Gaunt. Ele me pôs fora da jogada. Sim.

Ele bebeu resignadamente, fazendo seus dedos descerem deslizando pelos canudos do copo.

– Sim – disse suspirando.

De pé, mastigando ruidosamente, o Sr. Bloom olhou de cima para o suspiro dele. Nosey de cérebro parvo. Falo a ele sobre o cavalo de Lenehan? Ele já sabe. Melhor deixar ele esquecer. Ir e perder mais. O tolo e seu dinheiro. Gotas de orvalho caindo novamente. Nariz frio ele teria ao beijar uma mulher. Assim mesmo pode ser que elas gostassem. De barbas espinhosas elas gostam. Narizes frios de cachorros. A velha Sra. Riordan com seu *skye terrier* de estômago roncadador no hotel City Arms. Molly fazendo festa nele no colo dela. Ó, o grande cãozinho bauuausiuausiuausi!

Miolo de pão embebido e amaciado no vinho mostarda um momento queijo nauseante. Belo vinho este. O sabor está melhor porque eu não estou sedento. O banho naturalmente causa

isso. Só uma mordida ou duas. Então por volta de seis horas eu posso. Seis. Seis. O tempo já terá passado então. Ela.

O fogo suave do vinho inflamava suas veias. Eu queria isso demais. Me sentia tão descorado. Seus olhos sem fome viam prateleiras de latas: sardinhas, tenazes de ostras vistosas. Todas as coisas estranhas que as pessoas pegam para alimento. Litorinas fora das conchas com um alfinete, fora das árvores, os franceses comem caracóis tirados do solo, do mar tiram com isca num anzol. Peixes tolos que não aprendem nada em milhares de anos. Se você não soubesse que é arriscado pôr qualquer coisa em sua boca. Frutas silvestres venenosas. Roseiras bravas. Rotundidade você considera uma coisa boa. De uma cor vistosa você se previne. Um camarada contou para o outro e assim por diante. Experimentar primeiro no cachorro. É levado pelo cheiro ou a aparência. Fruta tentadora. Bombas geladas. Creme. Instinto. Laranjais por exemplo. Precisam de irrigação artificial. Bleibtreustrasse. Sim e quanto às ostras. Repugnantes como um grumo de catarro. Conchas asquerosas. É o diabo abri-las também. Quem as descobriu? Elas se alimentam de lixo, de imundície. Champanha e ostras do Red Bank. Efeito sobre o sexual. Afrodís. Ele estava no Red Bank esta manhã. Estava ele ostras peixe velho na mesa talvez ele carne fresca na cama não junho não tem erre nem ostras. Mas há pessoas que preferem caça. Guisado de carne de caça. Lebre cozinhada em panela de barro. Primeiro cace sua lebre. Os chineses comem ovos de cinqüenta anos de idade, azuis e verdes novamente. Jantar de trinta pratos. Cada prato inocente pode se misturar lá dentro. Idéia para um mistério com veneno. Foi o arquiduque Leopoldo não sim ou foi Otto um daqueles Habsburgos? Ou quem era que costumava comer as caspas de seu próprio couro cabeludo? O almoço mais barato da cidade. Naturalmente os aristocratas, depois os outros copiam para ficar na moda. Milly também caramelo óleo e farinha. De massa crua eu mesmo gosto. Metade das ostras apanhadas são jogadas de volta ao mar para se manter o preço alto. Por preço baixo ninguém compraria. Caviar. Dão de grande. Vinho branco Hock em copos verdes. Excelente rega-bofe. Dama tal. Pérolas em colos empoados. A *élite*. *Crème de la crème*. Eles querem pratos especiais para fingir que são. Um eremita com uma travessa de legumes para impedir ferrões na carne. Conheça-me e venha comer comigo. O esturjão real. O alto xerife, Coffey, o açougueiro, tem direito à carne de veado da floresta de sua ex. Devolver a ele a metade de uma vaca. Eu vi espalhada na área da cozinha do Juiz de Apelação. *Chef* de boné branco como um rabino. Pato combustível. Bolinho de repolho *à la duchesse de Parme*. Uma boa coisa seria escrever isso no cardápio para que você possa saber o que comeu. Drogas demais estragam o caldo. Eu sei por experiência própria. Dosando isso com sopa dessecada de Edward. Gansos cevados para eles a ponto de ficar imbecis. Lagostas cozidas vivas. Ptome um tbocado de ptármiga. Não me importaria de ser garçom num hotel de luxo. Gorjetas, traje a rigor, damas seminuas. Posso tentá-la a comer um pouco mais de filé de linguado-alimonado, senhorita Nicomo? Sim, pode deixar que eu como. Ela aceitou e como. Tem jeito de um nome huguenote. Eu me lembro que uma senhorita Nicomo morava em Killiney. *Du de la* isso é francês. Ainda assim é o mesmo peixe do qual o velho Micky Hanlon de Moore Street retirou as tripas ficando rico a todo vapor com os dedos nas guelras dos peixes não sabe escrever seu nome num cheque dava para se pensar que ele estava pintando a paisagem com sua boca retorcida. Maikel A Aitcha Ha ignorante como uma toupeira e vale

cinquenta mil libras.

Entaladas no vidro duas moscas zumbiam, entaladas.

Vinho afogueante se deteve em seu céu da boca e foi engolido. Esmagadas na prensa de lagar as uvas da Borgonha. Esse é o calor do sol. Parece com seu toque secreto estar me trazendo lembranças à memória. Atingido seu sentido umedecido se lembrou. Oculta sob samambaias selvagens em Howth a baía dormia abaixo de nós: céu. Nenhum som. O céu. A baía purpúrea junto ao Lion's Head. Verde ao lado de Drumleck. Verdeamarela em direção a Sutton. Campos submarinos, as linhas de um marrom esmaecido na relva, cidades soterradas. Com meu casaco servindo de travesseiro para seus cabelos, centopéias na urze esfregavam minha mão por baixo da sua nuca, você vai me amarrotar toda. Ó coisa maravilhosa! Sua mão suavificada por cremes me tocou, me acariciou: abaixo de mim seus olhos não se esquivaram. Deitado sobre ela extasiado, com todos os meus lábios bem abertos, eu beijei sua boca. Hum. Docemente ela fez deslizar em minha boca o bolo de sementes aromáticas quente e mastigado. Pasta enjoativa que sua boca tinha mastigado com sua saliva agridoce. Alegria: eu a comi: alegria. Vida jovem, seus lábios que fizeram beicinho. Lábios suaves quentes pegajosos gengiva gelatinosa. Verdadeiras flores eram seus olhos, me tome, olhos que desejam. Seixos caíram. Ela estava deitada imóvel. Um bode. Ninguém. No alto nos rododendros de Ben Howth uma cabra andando com um passo seguro, semeando suas passas de Corinto. Encoberta por samambaias ela ria no abraço apertado e quente. Sofregamente eu me deitei sobre ela e a beijei: seus olhos, seus lábios, seu pescoço esticado que pulsava, seus seios fartos de mulher em sua blusa de tecido fino de lã, seus mamilos redondos e rijos. Inflamado eu a lambi. Ela me beijou. Eu fui beijado. Toda entregue ela ouriçou meu cabelo. Beijou, ela me beijou.

A mim. E eu agora.

Entaladas, as moscas zumbiam.

Seus olhos abaixados seguiram silenciosos os veios da prancha de carvalho. Beleza: ela se encurva: curvas são beleza. Deusas bem proporcionadas, Vênus, Juno: curvas que o mundo admira. É possível vê-las no museu da biblioteca de pé no saguão redondo, deusas nuas. Ajuda a digestão. Elas não se importam que qualquer homem as olhe. Tudo para ver. Nunca falando. Eu tenciono dizer isso para homens como Flynn. Suponhamos que ela fizesse como Pigmalião e Galatéia o que ela diria em primeiro lugar? Mortal! Coloque-se no seu lugar. Bebendo néctar em grandes goles atrapalhada com os pratos dourados dos deuses, todos ambrosíacos. Não como o almoço reles que nós temos, carneiro cozido, cenouras e nabos, uma garrafa de Allsop. Néctar é como imaginar beber eletricidade: comida dos deuses. Formas encantadoras de mulheres esculpidas junoninamente. Imortal encantadora. E nós socando alimento por um orifício e o fazendo sair por trás: alimento, quilo, sangue, esterco, terra, alimento: temos que alimentá-lo como se alimenta a fomalha de uma locomotiva. Elas não têm nenh. Nunca olharam. Eu vou olhar hoje. O vigia não verá. Inclinarmos deixar cair alguma coisa. Ver se ela.

Pingando vinha uma mensagem silenciosa de sua bexiga ir fazer não fazer ali fazer. Como um homem e preparado ele esvaziou seu copo até a última gota e partiu, aos homens elas também se entregavam, virilmente conscientes, deitavam-se com amantes homens, um jovem gozou com ela, para o pátio.

Quando o som de suas botas cessou Davy Byrne disse erguendo os olhos de seu livro:

– O que é que ele é? Não está metido no ramo de seguro?

– Ele já está fora disso há muito tempo – disse Nosey Flynn. – Ele faz corretagem publicitária para o *Freeman*.

– Eu o conheço bem para ver – disse Davy Byrne. – Ele está com algum problema?

– Problema? – disse Nosey Flynn. – Que eu saiba não. Por quê?

– Eu notei que ele estava de luto.

– Estava? – disse Nosey Flynn. – Não é que estava. Eu perguntei a ele como estava tudo em casa. Você está certo, por Deus. Não é que ele estava.

– Eu nunca abordo o assunto – disse Davy Byrne humanitariamente – se eu vejo que o cavalheiro tem um problema dessa natureza. Isso só faz reavivar a tristeza em sua mente.

– De qualquer forma não é a mulher – disse Nosey Flynn. – Eu o encontrei anteontem quando ele estava saindo daquela leiteria irlandesa que a mulher de John Wyse Nolan tem em Henry Street com um pote de creme na mão que ele levava para casa para sua cara-metade. Ela é bem nutrida, posso garantir. Tarambolas sobre canapés.

– E ele está trabalhando para o *Freeman*? – disse Davy Byrne.

Nosey Flynn franziu os lábios.

– Ele não pode comprar creme com os anúncios que arruma. Você pode apostar nisso.

– Como então? – perguntou Davy Byrne por detrás de seu livro.

Nosey Flynn fez passes rápidos no ar com dedos malabarísticos. Ele piscou.

– Ele está na maçonaria – disse ele.

– Não me diga? – disse Davy Byrne.

– Bem metido nela – disse Nosey Flynn. – Uma ordem antiga livre e reconhecida. Ele é um irmão excelente. Luz, vida e amor, por Deus. Eles o ajudam a subir na vida. Isso me foi dito por um – bem, eu não vou dizer quem.

– Isso é verdade?

– Ó é uma ótima ordem – disse Nosey Flynn. – Eles o amparam quando você está por baixo. Eu conheço um camarada que esteve tentando entrar nela. Mas eles são miseravelmente fechados. Por Deus eles fizeram bem de deixar as mulheres fora dela.

Davy Byrne assentiu sorribocejou tudo de uma vez só:

– Haaaaaaaah!

– Houve uma mulher – disse Nosey Flynn – que se escondeu num relógio para descobrir o que eles faziam estavam fazendo. Mas danação eles a farejaram e imediatamente a fizeram prestar juramento de mestre-maçom. Ela era uma Saint-Léger de Doneraile.

Davy Byrne, saciado depois do bocejo, disse com os olhos molhados de lágrimas:

– E isso é verdade? Ele é um homem tão decente e sossegado. Eu sempre o vi por aqui e nunca nenhuma vez sequer o vi, vocês sabem, sair da linha.

– Nem Deus Todo-Poderoso poderia fazer com que ele ficasse bêbado – disse Nosey Flynn firmemente. – Ele escapole quando as coisas começam a esquentar. Vocês não viram ele olhando para o relógio? Ah, vocês não estavam lá. Se você o convida para tomar um drinque a primeira coisa que ele faz é tirar o relógio do bolso para ver o que deve beber. Juro por Deus que é isso que ele faz.



– Existem alguns assim – disse Davy Byrne. – Eu diria que ele é um homem digno de confiança.

– Ele não é nada mau – disse Nosey Flynn, fungando para dentro. – É conhecido por pôr a mão no bolso para ajudar um camarada em apuros. Dar a cada um o que lhe é devido. Ó, Bloom tem seus lados positivos. Mas há uma coisa que ele nunca fará.

Sua mão rabiscou com caneta seca uma pretensa assinatura ao lado de seu grogue.

– Eu sei disso – disse Davy Byrne.

– Nada de preto no branco – disse Nosey Flynn.

Paddy Leonard e Bantam Lyons entraram. Tom Rochford os seguiu fechando a cara, com uma mão queixosa em seu colete bordô.

– Dia, Sr. Byrne.

– Dia, senhores.

Eles pararam junto ao balcão.

– Quem está pagando a rodada? – perguntou Paddy Leonard.

– De qualquer forma eu só estou sentado – respondeu Nosey Flynn.

– Bem e o que será? – perguntou Paddy Leonard.

– Eu vou tomar uma cerveja de gengibre – disse Bantam Lyons.

– Quanto? – gritou Paddy Leonard. – Desde quando, pelo amor de Deus? Qual é a sua, Tom?

– Como vai a drenagem principal? – perguntou Nosey Flynn, bebendo um gole.

Em resposta Tom Rochford comprimiu o peito com a mão e soluçou.

– Seria muito trabalho me trazer um copo de água fresca, Sr. Byrne?

– Certamente que não, senhor.

Paddy Leonard olhou para os seus companheiros-de-cerveja.

– Meu Deus olhe só para isso – disse ele. – Veja só as bebidas que estou pagando para eles! Água fria e cerveja de gengibre! Dois caras que sugariam uísque de uma perna ferida. Ele tem algum nome de cavalo debaixo da manga para o Grande Prêmio. Uma dica certa.

– É Zinfandel, não é? – perguntou Nosey Flynn.

Tom Rochford derramou na água à sua frente um saquinho de pó.

– Essa maldita dispepsia – disse antes de beber.

– Bicarbonato é muito bom – disse Davy Byrne.

Tom Rochford assentiu com a cabeça e bebeu.

– É Zinfandel mesmo?

– Não diga nada! – piscou Bantam Lyons. – Eu vou mergulhar de cabeça cinco shillings no meu palpite.

– Diga-nos se você vale o pão que come e que se dane – disse Paddy Leonard. – Quem lhe deu a dica?

O Sr. Bloom de saída ergueu três dedos em sinal de despedida.

– Até logo! – disse Nosey Flynn.

Os outros se viraram.

– Foi aquele homem ali que me deu a dica – murmurou Bantam Lyons.

– Puts! – disse Paddy Leonard com desprezo. – Sr. Byrne, senhor, depois dessa nós vamos tomar dois pequenos Jamesons e uma...

– Cerveja de gengibre – acrescentou Davy Byrne civilmente.

– Sim – disse Paddy Leonard. – Uma mamadeira para o bebê.

O Sr. Bloom se encaminhou para Dawson Street, esfregando seus dentes suavemente com a língua. Alguma coisa verde tinha de ser: digamos, espinafre. Então com os raios daqueles holofotes Röntgen você poderia.

Em Duke Lane um *terrier* voraz vomitava nas pedras da rua um bolo alimentar socado e nauseante com o qual se engasgara e o lambia com nova satisfação. Gula. Voltou com agradecimentos tendo digerido totalmente o conteúdo. Primeiro o doce depois o salgado. O Sr. Bloom passou cautelosamente ao largo. Ruminantes. Seu segundo prato. Movimentam sua mandíbula superior. Eu me pergunto se Tom Rochford vai fazer alguma coisa com aquela sua invenção? Perdendo tempo a explicando a esta goela de Flynn. Pessoas magras bocas grandes. Devia haver um saguão ou um lugar onde os inventores pudessem ir e trabalhar livremente em suas invenções. Naturalmente você teria então todos os doidos o importunando.

Ele cantarolou, prolongando num eco solene os finais dos compassos:

– *Don Giovanni, a cenar teco*

*M'invitasti.*

Me sinto melhor. Borgonha. Um bom trago. Quem destilou primeiro? Algum cara na pior. Coragem do bêbado. Aquele *Kilkenny People* na biblioteca nacional agora eu tenho de.

Vasos sanitários declaradamente limpos aguardando na vitrine de William Miller, bombeiro, fizeram seus pensamentos voltar atrás. Eles poderiam: e observar todo o percurso da descida, se por acaso se engole um alfinete ele sai às vezes pelas costelas anos depois, faz uma excursão pelo corpo mudando o conduto biliar do baço injetando no fígado suco gástrico espirais de intestinos como tubos. Mas o pobre velho teria de ficar ali o tempo todo com as entranhas à mostra. Ciência.

– *A cenar teco.*

O que esse *teco* quer dizer? Esta noite talvez.

– *Don Giovanni, tu me convidaste*

*Para cear contigo esta noite*

*O rum o rundum.*

Não, não combina nada.

Chaves: dois meses se eu conseguir que Nannetti. Isso representaria duas libras e dez cerca de duas libras e oito. Três Hynes me deve. Duas libras e onze. O furgão da tinturaria de Prescott ali. Se eu conseguir anúncio de Billy Prescott: duas libras e quinze. Cerca de cinco guinéus. Maré de sorte.

Eu poderia comprar uma daquelas anáguas de seda para Molly, da cor de suas ligas novas.

Hoje. Hoje. Não pensar.

Depois uma excursão pelo sul. Que tal as praias inglesas? Brighton, Margate. Píeres ao luar. Sua voz flutuando. Aquelas moças encantadoras da beira da praia. De encontro a John Long's um vagabundo entorpecido se perdia em pensamentos profundos, enquanto roía o nó

encrostado de um dedo. Um homem jeitoso quer emprego. Baixo salário. Come qualquer coisa.

O Sr. Bloom se voltou para as tortas ainda não vendidas na vitrine da confeitaria de Gray e passou em frente da livraria do reverendo Thomas Connellan. *Por que eu abandonei a igreja de Roma.* As mulheres o conduzem para o Ninho de Passarinho. Elas dizem que ele costumava dar sopa às crianças pobres para convertê-las ao protestantismo na época da praga da batata. Mais adiante a sociedade à qual papai foi para a conversão dos pobres judeus. O mesmo chamariz. *Por que nós abandonamos a igreja de Roma.*

Um rapazinho cego batia de leve no meio-fio com sua bengala fina. Nenhum bonde à vista. Quer atravessar.

– Você quer atravessar? – perguntou o Sr. Bloom.

O rapazinho cego não respondeu. Sua cara-rígida se fechou levemente. Ele meneou a cabeça indeciso.

– Você está em Dawson Street – disse o Sr. Bloom. – Molesworth Street fica do outro lado. Você quer atravessar? Não há nada no caminho.

A bengala se moveu tremulamente para a esquerda. O olhar do Sr. Bloom seguiu a direção dela e viu novamente o furgão da tinturaria parado diante de Drago. Onde eu vi seu cabelo coberto de brilhantina exatamente quando eu estava. Cavalos caíndo de cansaço. Conductor em John Long. Matando sua sede.

– Há um furgão ali, mas ele não está se movendo – disse o Sr. Bloom. – Eu o ajudo a atravessar. Você quer ir para Molesworth Street?

– Sim – respondeu o rapazinho. – Para Frederick Street sul.

– Venha – disse o Sr. Bloom.

Ele tocou gentilmente o cotovelo magro: em seguida tomou a mão vidente e flácida para guiá-la adiante.

Diga alguma coisa a ele. Melhor não bancar o condescendente. Eles desconfiam do que você lhes diz. Faça um comentário qualquer.

– A chuva se afastou.

Nenhuma resposta.

Manchas no seu casaco. Baba a sua comida, creio. Sabores todos diferentes para ele. Tem que ser primeiro alimentado de colher. Como uma mão de criança, a sua mão. Como era a de Milly. Sensível. Me avaliando acho através da minha mão. Me pergunto se ele tem um nome. Furgão. Mantenha a bengala dele longe das pernas do cavalo: o cansado burro de carga está tirando seu cochilo. É isso aí. Livre. Um touro atrás: um cavalo na frente.

– Obrigado, senhor.

Sabe que sou um homem. Voz.

– Tudo bem agora? Primeiro vire para a esquerda.

O rapazinho cego bateu de leve no meio-fio e prosseguiu no seu caminho, recolhendo sua bengala, apalpando o chão de novo com ela.

O Sr. Bloom caminhou atrás dos pés privados de visão, do terno de *tweed* tecido em espinha de peixe de corte uniforme. Pobre moço! Mas afinal de contas como ele podia saber que o furgão estava ali? Deve tê-lo sentido. Vêem coisas em suas cabeças talvez: uma espécie

de sentido de volume. Peso ou tamanho dele, alguma coisa mais negra do que a escuridão. Me pergunto como ele se sentiria se alguma coisa fosse removida. Sentiria um buraco. Idéia estranha de Dublin ele deve ter, encontrando o seu caminho batendo de leve nas pedras à sua volta. Será que ele poderia andar numa linha reta se ele não tivesse essa bengala? Um rosto piedoso e exangue como o de um camarada se preparando para ser um padre.

Penrose! Esse era o nome daquele cara.

Repare todas as coisas que eles podem aprender a fazer. Ler com seus dedos. Afinar pianos. Ou será que ficamos surpresos que eles tenham cérebro. Por que nós pensamos que uma pessoa deformada ou um corcunda é inteligente se ele diz alguma coisa que poderíamos dizer. Naturalmente os outros sentidos são mais. Bordar. Cestas de palha. As pessoas deveriam ajudar. Cesta de costura eu podia comprar para o aniversário de Molly. Detesta coser. Poderia fazer objeção. Homens sombrios eles os chamam.

O sentido do olfato deve ser mais apurado também. Cheiros de todos os lados, todos enfeixados. Cada rua um cheiro diferente. Cada pessoa também. E então a primavera, o verão: cheiros. Sabores? Dizem que você não pode saborear vinhos com os olhos fechados ou com um resfriado de cabeça. Também fumar no escuro dizem que não dá prazer.

E com uma mulher, por exemplo. Mais lúbrico sem ver. Aquela moça passando pela instituição Stewart, com a cabeça empinada. Olhe para mim. Eu os engano a todos. Deve ser estranho não a ver. Uma espécie de forma nos olhos de sua mente. A voz, temperaturas: quando ele a toca com seus dedos deve também ver as linhas, as curvas. As mãos dele nos cabelos dela, por exemplo. Digamos, por exemplo, que são negros. Bom. Nós chamamos de negros. Em seguida passando em cima de sua pele branca. Uma sensação de tato diferente talvez. Sensação do branco.

Correio. Preciso responder. Canseira hoje. Mandar uma ordem postal para ela de dois shillings, meia coroa. Aceite meu pequeno presente. Papelaria bem aqui também. Espere. Reflita um pouco.

Delicadamente e lentamente ele penteou com o dedo o cabelo em volta de suas orelhas. Novamente. Fibras de palha fina fina. Em seguida seu dedo apalpou delicadamente a pele no lado direito do seu rosto. Penugem de cabelo ali também. Não suficientemente macio. O ventre é o mais macio. Ninguém à volta. Lá vai ele entrando em Frederick Street. Talvez para a academia de piano e dança de Levenston. Podia estar ajeitando meu suspensório.

Ao passar pela taberna de Doran ele fez sua mão deslizar entre o colete e a calça e, afastando suavemente sua camisa, apalpou uma dobra macia de sua barriga. Mas eu sei que ela é amarela esbranquiçada. Quero tentar fazer isso no escuro para ver.

Retirou sua mão e puxou sua roupa para.

Pobre rapaz! Quase um garoto. Terrível. Realmente terrível. Que sonhos ele teria, sem ver? A vida um sonho para ele. Onde está a justiça em se nascer desse jeito? Todas aquelas mulheres e crianças em festa naquela excursão queimadas e afogadas em Nova York. Holocausto. Chamam de carma essa transmigração pelos pecados que você cometeu na vida passada a reencarnação metem psi coisas. Meu deus, meu deus, meu deus. Uma pena, naturalmente: mas de alguma forma você não pode de algum modo os entender.

Sir Frederick Falkiner entrando no salão dos franco-maçons. Solene como Troy.

Depois de seu belo almoço em Earlsfort Terrace. Os velhos companheiros da magistratura bebendo meia garrafa de vinho. Histórias do tribunal e julgamentos e anais da escola de capa azul. Eu o condenei a dez anos. Suponho que ele torceria o nariz para esse negócio que eu bebi. Vinho de qualidade para eles, com o ano indicado numa garrafa poeirenta. Ele tem suas próprias idéias de justiça quando está no tribunal de polícia correcional. Um velho bem-intencionado. Os registros de entradas na polícia abarrotados com casos obtêm percentagem manufaturando crimes. Ele os manda passear. Pro inferno com os agiotas. Deu uma chamada violenta demais em Reuben J. Agora ele é realmente o que eles chamam de um judeu sujo. Poder esses juízes têm. Velhos encrostados beberrões de peruca. Pessoa remoedora e irritadiça. E que o Senhor tenha piedade de sua alma.

Olhe, um cartaz. Bazar Mirus. Sua excelência o vice-rei. Dezesseis. É hoje. Como auxílio para os fundos do hospital Mercer. O *Messiah* a primeira exibição foi dada para isso. Sim. Handel. Que tal ir lá. Ballsbridge. Dar um pulo lá no Chaves. Não adianta grudar nele como uma sanguessuga. Desgastar minha acolhida cordial. Com certeza vou encontrar algum conhecido no portão.

O Sr. Bloom chegou em Kildare Street. Primeiro tenho de. Biblioteca.

De chapéu de palha no sol. Sapatos castanho-amarelados. Calça revirada. É. É.

Seu coração pulsou suavemente. Para a direita. Museu. Deusas. Ele desviou para a direita.

É? Quase certo. Não vou olhar. Vinho no meu rosto. Por que é que eu? Precipitado demais. Sim, é. O passo. Não ver. Continuar.

Dirigindo-se para o portão do museu com passadas longas e violentas ele levantou os olhos. Belo edifício. Desenhado por sir Thomas Deane. Não está me seguindo?

Talvez não me viu. Luz batendo em seus olhos.

A vibração de sua respiração se fez sentir em suspiros curtos. Rápido. Estátuas frias: tranqüilas ali. Em segurança em um minuto.

Não. Não me viu. Já passou das duas. Justo no portão.

Meu coração!

Seus olhos piscando olhavam firmemente para as curvas da pedra creme. Sir Thomas Deane era arquitetura grega.

Procure alguma coisa eu.

Sua mão apressada entrou rapidamente em seu bolso, retirou, desdobrou, leu Agendath Netaim. Onde eu?

Ocupado procurando.

Depressa repôs no lugar Agendath.

À tarde ela disse.

Estou procurando isso. Sim, isso. Tente em todos os bolsos. Lenç. *Freeman*. Onde eu? Ah, sim. Calça. Batata. Carteira. Onde?

Depressa. Ande calmamente. Mais um momento. Meu coração.

Sua mão procurando o onde eu pus encontrou em seu bolsinho de trás o sabão loção tenho que dar um pulo no papel tépido grudado. Ah o sabão ali eu sim. Portão.

Salvo!

## 9

Com urbanidade, o bibliotecário *quaker* ronronou para os confortar:

– E nós temos, não temos, aquelas páginas inestimáveis de *Wilhelm Meister*. Um grande poeta sobre um grande irmão poeta. Uma alma hesitante armar-se contra um mar de desgraças, dilacerada por dúvidas conflitantes, como se vê na vida real.

Ele deu um passo sincopado para a frente em seus sapatos de couro e um passo sincopado para trás sobre o soalho solene.

Um auxiliar silencioso entreabrindo a porta lhe fez um aceno silencioso.

– Já vou já – disse ele, rangendo para ir, embora se retardando. – O belo sonhador ineficaz que sofre reveses ao enfrentar a dura realidade. Sentimos sempre que os julgamentos de Goethe são tão acertados. Acertados numa análise mais ampla.

Análise duplamente rangente ele partiu num passo de dança corrida. Junto à porta, calvo, o zelo personificado ele esticou toda a sua orelha bem grande, para as palavras do atendente: ouviu-as: e partiu.

Restam dois.

– Monsieur de la Palice – escarneceu Stephen – estava vivo quinze minutos antes de sua morte.

– Você desencavou aqueles seis bravos medicantes para escrever o *Paraíso Perdido* sob a sua orientação? – perguntou John Eglinton com a biliosidade de um mais velho. – Ele chama isso de *As Tristezas de Satã*.

Sorria. Sorria com o sorriso de Cranly.

*Primeiro ele a provocou*

*Depois ele a acariciou*

*Então com um cateter a furou*

*Pois ele era um medicante*

*Um alegre medi...*

– Sinto que você precisaria mais um para *Hamlet*. Sete é um número caro à mente mística. Os sete cintilantes como os chama W.B.

Os olhos fulgurantes em seu crânio ruivo perto da lâmpada da escrivaninha coberta por um abajur verde procuraram o rosto barbado em meio à sombra verde-escura, um ollav, com olhar de santidade. Ele riu baixo: um riso de bolsista de Trinity: sem resposta.

*Satã orquestral pranteando muitas cruces*

*Lágrimas como as dos anjos.*

*Ed egli avea del cul fatto trombetta.*

Ele mantém minhas loucuras como reféns.

Os onze de Cranly verdadeiros homens de Wicklow para libertar a terra de seus antepassados. Kathleen denteshiatados, seus quatro lindos campos verdes, o estrangeiro em sua casa. E mais um para saudá-lo: *ave, rabbi*: os doze de Tinahely. Na sombra da ravina, ele

lança seu grito de chamada para eles. Eu lhe leguei a juventude da minha alma, noite após noite. Deus o proteja. Boa caçada.

Mulligan recebeu meu telegrama.

Loucura. Persista.

– Nossos jovens bardos irlandeses – censurou John Eglinton – precisam ainda criar uma figura que o mundo coloque ao lado do Hamlet do saxão Shakespeare embora eu o admire à idolatria, como o velho Ben.

– Todas estas questões são puramente acadêmicas – vaticinou Russell do lugar sombrio em que se encontrava. – Quero dizer, se Hamlet é Shakespeare ou James I ou Essex. Discussões clericais da historicidade de Jesus. A arte deve nos revelar idéias, essências espirituais informes. A questão primordial em uma obra de arte é de que profundidade de vida ela tenha brotado. A pintura de Gustave Moreau é uma pintura de idéias. A poesia mais profunda de Shelley, as palavras de Hamlet põem nossas mentes em contato com a sabedoria eterna, o mundo de idéias de Platão. Tudo o mais é especulação de escolares para escolares.

A. E. andou dizendo isso para algum entrevistador ianque. Bem, que a danação eterna recaia sobre mim!

– Os escolásticos foram primeiramente escolares – disse Stephen superpolidamente. – Aristóteles foi outrora aluno de Platão.

– E permaneceu assim, esperemos – disse John Eglinton tranqüilamente. – É possível imaginá-lo, um aluno exemplar com seu diploma debaixo do braço.

Ele riu novamente para o rosto barbudo agora sorridente.

Amorfo espiritual. Pai, Verbo e Sopro Santo. Todopai, o homem celestial. Hiesos Kristos, o mágico do belo, o Logos que sofre a todo momento em nós. Isto é verdadeiramente isso. Eu sou o fogo sobre o altar. Eu sou a manteiga do sacrifício.

Dunlop, Judge, o mais nobre de todos os romanos, A. E., Arval, o Nome Inefável, no alto do céu: K. H., mestre deles, cuja identidade não é nenhum segredo para os adeptos. Irmãos da grande loja branca sempre observando para ver se podem ajudar. O Cristo com a noivairmã, umidade de luz, nascido de uma virgem de almainfusa, sabedoria arrependida, partiu para o plano búdico. A vida esotérica não é feita para uma pessoa comum. P. C. tem primeiro que se livrar do seu mau carma. A Sra. Cooper Oakley vislumbrou certa vez a natureza inferior e mortal da muito ilustre irmã H. P. B.

Ó que vergonha! Fora com isso! *Pfuiteufel!* Você não deve de olhar, dona, não deve de quando uma dama está mostrando sua natureza inferior.

O Sr. Best entrou, alto, jovem, brando, louro. Trazia com graça em sua mão um caderno de notas, novo, grande, em branco, esplêndido.

– Aquele aluno exemplar – disse Stephen – teria achado os devaneios de Hamlet sobre a vida-pós-morte de sua alma principesca, monólogo improvável, insignificante e antidramático, tão superficiais quanto os de Platão.

Franzindo a testa, John Eglinton disse, ficando enfurecido:

– Palavra de honra ouvir alguém comparar Aristóteles com Platão faz meu sangue ferver.

– Qual dos dois – perguntou Stephen – me teria banido de sua comunidade?

Desembainhe suas definições apunhalantes. Cavalice é a essência de todo cavalo. Eles adoram os éons e as correntes da tendência. Deus: barulho na rua: muito peripatético. Espaço: aquilo que você simplesmente tem de ver. Através de espaços menores do que os glóbulos vermelhos do sangue humano eles rastejam horripilados atrás das nádegas de Blake para a eternidade da qual este mundo vegetal é apenas uma sombra. Agarre-se ao agora, ao aqui, através do qual todo o futuro mergulha no passado.

O Sr. Best avançou, amável, em direção ao seu colega.

– Haines foi embora – disse ele.

– Foi?

– Eu lhe mostrei o livro de Jubainville. Ele tem a maior admiração, sabe, pelas *Canções de Amor de Connacht* de Hyde. Eu não consegui trazê-lo para ouvir a discussão. Ele foi a Gill para comprá-lo.

*Corra, pule, meu livrinho, rápido  
Para saudar esse público ingrato,  
Escrito contra meus desejos, eu acho,  
Em inglês enxuto e prosaico.*

– A fumaça da turfa lhe subiu à cabeça – opinou John Eglinton.

Nós sentimos na Inglaterra. Ladrão penitente. Partiu. Eu fumei seu tabaco. Pedra verde cintilante. Uma esmeralda incrustada no anel do mar.

– As pessoas não sabem como as canções de amor podem ser perigosas – preveniu ocultamente o ovo áurico de Russell. – Os movimentos que operam revoluções no mundo nascem de sonhos e visões no coração de um camponês na encosta da colina. Para eles a terra não é um solo explorável mas a mãe viva. O ar rarefeito da academia e a arena produzem a novela de seis shillings, a canção do teatro de variedades. A França produz a mais fina flor da corrupção em Mallarmé mas a vida desejável é revelada apenas aos pobres de espírito, a vida dos feácios de Homero.

Com estas palavras o Sr. Best voltou um rosto inofensivo para Stephen.

– Mallarmé, não sabe – disse ele – escreveu aqueles poemas em prosa maravilhosos que Stephen MacKenna costumava ler para mim em Paris. Aquele sobre *Hamlet*. Ele diz: *il se promène, lisant au livre de lui-même*, não sabe, lendo o livro de si mesmo. Ele descreve o *Hamlet* sendo levado numa cidade francesa, não sabe, uma cidade provinciana. Eles o anunciaram.

Sua mão livre escreveu graciosamente sinais pequeninos no ar.

*Hamlet*

*ou*

*Le Distrain*

*Pièce de Shakespeare*

Ele repetiu para a testa novamente franzida de John Eglinton:

– *Pièce de Shakespeare*, não sabe. É tão francês. O ponto de vista francês. *Hamlet*  
*ou...*

– O mendigo distraído – concluiu Stephen.

John Eglinton riu.



– Sim, suponho que o seria – disse ele. – Povo excelente, sem dúvida, mas aflitivamente míope em algumas questões.

Exagero suntuoso e estagnante de assassinato.

– Um carrasco da alma como o chamou Robert Greene – disse Stephen. – Não era à toa que ele era filho de um açougueiro, empunhando um machado próprio do ofício e cuspidando nas palmas. Nove vidas são sacrificadas por uma de seu pai. Pai Nosso que estais no purgatório. Os Hamlets de cáqui não hesitam em atirar. A mortandade crivada de sangue no quinto ato é uma previsão do campo de concentração cantado pelo Sr. Swinburne.

Cranly, eu seu ordenança mudo, acompanhando de longe as batalhas.

*Mulheres e filhotes de inimigos sanguinários que ninguém*

*A não ser nós poupamos...*

Entre o sorriso saxão e o grito rouco do ianque. O demônio e o mar profundo.

– Ele vai insistir que *Hamlet* é uma história de fantasma – disse John Eglinton em benefício do Sr. Best. – Como o rapaz gordo em *Pickwick* ele quer nos causar arrepio.

*Escuta! Escuta! Ó escuta!*

Minha carne o ouve: ficando arrepiada, ouve.

*Se tu jamais...*

– O que é um fantasma? – disse Stephen com vibrante energia. – Alguém que gradualmente desapareceu em impalpabilidade através da morte, através da ausência, através da mudança de costumes. A Londres de Elizabeth ficava tão longe de Stratford quanto a Paris corrupta se encontra da Dublin virginal. Quem é o fantasma de *limbo patrum*, retornando ao mundo que o esqueceu? Quem é o rei Hamlet?

John Eglinton moveu seu corpo minguado, se inclinando para trás para julgar melhor.

Ergueu.

– É esta hora de um dia na metade de junho – disse Stephen, rogando com um rápido olhar que o ouvissem. – A bandeira está hasteada no teatro perto da margem do rio. O urso Sackerson rosna perto no seu fosso, no jardim de Paris. Marinheiros que navegaram com Drake mastigam suas salsichas entre os espectadores mais modestos.

Cor local. Trabalhe com tudo que você sabe. Torne-os cúmplices.

– Shakespeare saiu da casa do huguenote em Silver Street e caminha à margem do rio ao longo dos viveiros dos cisnes. Mas ele não se detém para alimentar a cisne fêmea que se precipita com seu bando de filhotes para os juncos. O cisne de Avon tem outros pensamentos.

Composição do lugar. Inácio de Loyola, apresse-se em me ajudar!

– A peça começa. Trajando um colete de malha de um rebotalho de gamo de corte, avança na penumbra um ator, de bela forma física e voz de baixo. É o fantasma, o rei, um rei e não rei, e o ator é Shakespeare que estudou *Hamlet* todos os anos de sua vida que não foram de vaidade a fim de representar o papel do espectro. Ele fala as palavras para Burbage, o jovem ator que está de pé à sua frente do além-túmulo, chamando-o por um nome:

*Hamlet, eu sou o espírito do teu pai,*

pedindo-lhe que o escute. A um filho ele fala, o filho de sua alma, o príncipe, o jovem Hamlet e ao filho do seu corpo, Hamnet Shakespeare, que morreu em Stratford para que seu xará possa viver para sempre.

Será possível que aquele ator Shakespeare, um fantasma por ausência, e nos trajes do dinamarquês enterrado, um fantasma por morte, falando com suas próprias palavras ao nome de seu próprio filho (tivesse Hamnet Shakespeare vivido ele teria sido gêmeo do príncipe Hamlet), será possível, quero saber, ou provável que ele não tivesse delineado ou previsto a conclusão lógica daquelas premissas: você é o filho despojado: eu sou o pai assassinado: sua mãe é a rainha culpada, Ann Shakespeare, nascida Hathaway?

– Mas esta intromissão na vida familiar de um grande homem – começou Russell impacientemente.

Você está aí, meu chapa?

– Interessante apenas para o sacristão. Quero dizer, nós temos as peças. Quero dizer quando lemos a poesia do *Rei Lear* o que nos importa como o poeta viveu? Quanto a viver nossos empregados podem fazer isso por nós, Villiers de l’Isle o disse. Espreitando e nos intrometendo no mexerico dos bastidores do dia, a bebida do poeta, as dívidas do poeta. Temos *Rei Lear*: e é imortal.

O rosto do Sr. Best, invocado, concordou.

*Flua sobre eles com suas vagas e com suas águas, Mananaan,*

*Mananaan MacLir...*

Que é isso, malandro, aquela libra que ele lhe emprestou quando você estava com fome?

Com a breca, eu queria isso.

Pega tu esta moeda de ouro.

Ora vamos! Você gastou a maior parte dela na cama de Georgina Johnson, filha do padre. Remorso de consciência.

Você tenciona devolvê-la?

Ó, sim.

Quando? Agora?

Bem... Não.

Quando, então?

Eu paguei a minha parte. Eu paguei a minha parte.

Calma. Ele é do outro lado do rio Boyne. O canto a nordeste. Você lhe deve.

Espere. Cinco meses. Todas as moléculas mudaram. Eu sou um outro eu agora. Como um outro eu recebi uma libra.

Bla. Bla. Bla.

Mas eu, intelequia, forma das formas, sou eu pela memória porque sob formas sempre mutáveis.

Eu que pequei e rezei e jejuei.

Uma criança que Conmee salvou de palmatórias.

Eu, eu e eu. Eu.

A. E. I. O. U.

– Você pretende ir contra a tradição de três séculos? – perguntou a voz queixosa de Eglinton. – O fantasma dela ao menos foi enterrado para sempre. Ela morreu, para a literatura pelo menos, antes de ter nascido.

– Ela morreu – retrucou Stephen – sessenta e sete anos depois de ter nascido. Ela o viu chegar ao mundo e sair dele. Ela recebeu seus primeiros abraços. Ela pariu seus filhos e colocou moedas sobre as pálpebras dele para mantê-las fechadas quando ele estava deitado em seu leito de morte.

Leito de morte de minha mãe. Vela. O espelho coberto com lençol. Quem me trouxe ao mundo jaz ali, com pálpebras de bronze, sob algumas flores baratas. *Liliata rutilantium*.

Eu chorei sozinho.

John Eglinton examinou o vaga-lume emaranhado de sua lâmpada.

– O mundo acredita que Shakespeare cometeu um erro – disse ele – e que saiu dele o mais rápido e o melhor possível.

– Bobagem! – disse Stephen rudemente. – Um homem de gênio não comete erros. Seus erros são voluntários e são portais de descoberta.

Portais de descoberta se abriram para dar passagem ao bibliotecário *quaker* de sapatos-suavemente-rangentes, calvo, orelhudo e assíduo.

– Uma megera – disse John Eglinton judiciosamente – não é um portal de descoberta, deve-se imaginar. Que descoberta útil Sócrates fez com Xantipa?

– Dialética – respondeu Stephen –, e com sua mãe como trazer pensamentos ao mundo. O que ele aprendeu com sua outra mulher Mirto (*absit nomen!*), Epipsyquidion de Socratididion, nenhum homem, nem uma única mulher, jamais saberá. Mas nem o saber da parteira nem os sermões de Caudle o salvaram dos arcontes de Sinn Fein e de eles lhe impingirem cicuta.

– Mas Ann Hathaway? – disse distraidamente a voz tranqüila do Sr. Best. – Sim, parece que nos esquecemos dela como Shakespeare ele próprio a esqueceu.

Seu olhar foi da barba do meditador para o crânio do censor, para lembrar, para repreendê-los não maldosamente, em seguida para o coco calvoroso do lollardo, inocente embora caluniado.

– Ele tinha uma inteligência valendo bem uns quatro pence – disse Stephen – e uma memória nada preguiçosa. Trazia uma lembrança em sua carteira enquanto se arrastava para Londres assobiando *A Garota que Deixei para Trás*. Mesmo se o terremoto não tivesse marcado o tempo nós saberíamos como localizar o pobre Wat, lebre sentada em sua toca, o latido dos cães de caça, as bridas cravejadas e as janelas azuis dela. Aquela lembrança, *Vênus e Adônis*, se encontrava no quarto de dormir de toda mulher leviana de Londres. É Katherine a megera maldotada fisicamente? Hortensio diz que ela é jovem e bela. Você acha que o escritor de *Antônio e Cleópatra*, um peregrino apaixonado, tinha os olhos atrás da cabeça a ponto de escolher para partilhar sua cama a amante mais feia de todo o condado de Warwick? Bom: ele a deixou e conquistou o mundo dos homens. Mas suas mulheresrapazinhos são as mulheres de um rapazinho. A vida, o pensamento, a fala delas lhes são emprestados por varões. Ele escolheu mal? Ele foi escolhido, me parece. Se as outras têm sua vontade, Ann tem sua veneta. Por certo, a culpa toda foi dela. Ela o seduziu, doce e com vinte-e-seis-anos. A deusa de olhos cinzentos que se inclina sobre o rapaz Adônis, humilhando-se para conquistar, como prólogo para o ato envaidecedor, é uma moça atrevida de Stratford que derruba num campo de trigo um amante mais moço do que ela.

E a minha vez? Quando?

Venha!

– Campo de centeio – disse o Sr. Best vivamente, alegremente, erguendo seu livro novo, alegremente, vivamente.

Ele murmurou então para todos com encantamento louro:

– *Entre as terras de centeio*

*Estes bonitos camponeses se deitariam.*

Páris: o deleitado deleitador.

Uma figura alta vestindo um traje de fio cru eriçado se levantou da penumbra e exibiu seu relógio cooperativo.

– Receio que eu esteja sendo esperado em *Homestead*.

Para onde ele vai? Terreno explorável.

– Você vai embora? – perguntaram as sobranceiras ativas de John Eglinton. – Nós o veremos esta noite na casa de Moore? Piper virá.

– Piper! – piou o Sr. Best. – Piper voltou?

Peter Piper patati patatá pegou um pingão de pó de pimenta.

– Eu não sei se posso. Quinta-feira. Nós temos nossa reunião. Se eu conseguir sair a tempo.

Salãoiogapapão no conjunto de salas de Dawson. *Ísis Desvendada*. Nós tentamos penhorar o livro deles em língua pali. Sentado de pernas cruzadas à moda oriental sob um guarda-sol ele impera um logos asteca, operando em níveis astrais, a almassuperior deles, mahamahatma. Os fiéis hermetistas aguardam a luz, amadurecidos para o noviciado, rodamiçosemroda dele. Louis H. Victory, T. Caulfield Irwin. As damas de Lótus tomam conta deles com os olhos, com suas glândulas pineais incandescentes. Repleto de seu deus, ele impera, Buddh, sob sua bananeira. Golfador de almas, engolfador. Elesalmas, elasalmas, montões de almas. Engolfadas em bribrados lamurientos, rodopiavam, rodopiando, elas se lamentam.

*Em requintada trivialidade*

*Anos a fio no casulodecarne uma mulheralma morou.*

– Dizem que vamos ter uma surpresa literária – disse o bibliotecário *quaker*, cordial e convicto. – Corre um boato de que o Sr. Russell está reunindo um punhado de versos de nossos poetas mais jovens. Estamos todos aguardando ansiosamente.

Ansiosamente ele lançou o olhar para o cone da luz da lâmpada em que três rostos, acesos, cintilavam.

Veja isto. Lembre-se.

Stephen baixou os olhos para um largo chapéu velho acéfalo, pendurado no cabo de sua bengala sobre seu joelho. Meu capacete e espada. Toque de leve com dois dedos indicadores. Experiência de Aristóteles. Um ou dois? Necessidade é aquilo em virtude do qual é impossível que algo possa ser diferente. Portanto, um chapéu é um chapéu.

Ouçã.

O jovem Colum e Starkey. George Roberts está fazendo a parte comercial. Longworth lhe fará um elogio extravagante no *Express*. Ó, será que fará? Eu gostei do *Pastor* de Colum.

Sim, acho que ele tem aquela coisa estranha gênio. Você acha que ele é realmente genial? Yeats admirou seu verso: *Como em terra selvagem um vaso grego*. Admirou? Espero que você possa vir esta noite. Malachi Mulligan também vem. Moore pediu que ele trouxesse Haines. Você ouviu a piada da senhorita Mitchell sobre Moore e Martyn? Que Moore é a loucura da mocidade de Martyn? Tremendamente inteligente, não é? Lembram-nos Dom Quixote e Sancho Pança. Dr. Sigerson diz que nosso épico nacional ainda tem de ser escrito. Moore é o homem para isso. Um paladino de triste figura aqui em Dublin. Com um *kilt* açafraão? O'Neill Russell? Ó, sim, ele deve falar a grande língua antiga. E sua Dulcinéia? James Stephen está escrevendo alguns *sketches* inteligentes. Parece que estamos ficando importantes.

Cordélia. *Cordoglio*. A mais solitária filha de Lir.

Imprensado contra a parede. Agora seu melhor verniz francês.

– Muito obrigado, Sr. Russell – disse Stephen se erguendo. – Se o senhor puder ter a bondade de entregar a carta ao Sr. Norman...

– Ó, sim. Se ele considera isso importante será incluída. Temos tanta correspondência.

– Compreendo – disse Stephen. – Obrigado.

Que Deus o recompense. O jornal dos porcos. Protetordonovilho.

Synge também me prometeu um artigo para *Dana*. Será que vamos ser lidos? Sinto que sim. A liga gaélica quer alguma coisa em irlandês. Espero que você venha esta noite. Traga Starkey.

Stephen se sentou.

O bibliotecário *quaker* veio dos que se despediam. Ruborizada, sua máscara disse:

– Sr. Dedalus, suas observações são muito esclarecedoras.

Ele rangeu de um lado para o outro, se aproximando na ponta dos pés do céu com a altura de uma mulher de chapim e, coberto pelo ruído da despedida, disse baixo:

– É sua opinião, então, que ela não era fiel ao poeta?

Rosto alarmado me pergunta. Por que ele veio? Cortesia ou luz interior?

– Onde há uma reconciliação – disse Stephen – deve ter havido primeiro uma separação.

– Sim.

Raposacrsto em calças de couro, se escondendo, um fugitivo nos forçados das árvores empestadas de gritos de protesto. Não conhecendo nenhuma raposa fêmea, caminhando solitário na caçada. Mulheres que conquistou para si, pessoas delicadas, uma cortesã de Babilônia, mulheres de magistrados, esposas de taverneiros valentões. Raposa e gansos. E em New Place um corpo flácido e desonrado que foi outrora gracioso, outrora tão doce, tão fresco quanto canela, agora todo desfolhado, todo despido, com temor do túmulo estreito e não-perdoado.

– Sim. Assim você pensa...

A porta se fechou atrás do que partiu.

Uma quietude subitamente se apossou da discreta cela abobadada, quietude de ar quente e meditativo.

Uma lâmpada de vestal.

Aqui ele pensa sobre as coisas que não existiram: o que César teria vivido para fazer se tivesse acreditado no oráculo: o que poderia ter acontecido: possibilidades do possível enquanto possível: coisas desconhecidas: que nome Aquiles teve quando viveu entre mulheres.

Pensamentos confinados à minha volta, em caixões demúmiás, embalsamados na especiaria das palavras. Thot, deus das bibliotecas, um deus pássaro, coroadolunar. E eu ouvi a voz daquele sumo sacerdote egípcio. *Em aposentos pintados cobertos de tijoloslivros.*

Eles estão imóveis. Antigamente rápidos nos cérebros dos homens. Imóveis: mas uma ânsia de morte está neles, de me contar no ouvido uma história piegas, me incitar a dar livre curso à vontade deles.

– Sem dúvida – refletiu John Eglinton – de todos os grandes homens ele é o mais enigmático. Nós não sabemos nada a não ser que ele viveu e sofreu. Nem sequer tanto assim. Outros toleram nossa pergunta. Uma sombra paira sobre tudo o mais.

– Mas *Hamlet* é tão pessoal, não é? – apelou o Sr. Best. – Quero dizer, uma espécie de jornal íntimo, não sabe, de sua vida privada. Quero dizer, eu não ligo a mínima, não sabe, para quem é morto ou quem é culpado...

Ele repousou um livro inocente na beira da escrivaninha, com desafio no sorriso. Seus jornais íntimos no original. *Ta an bad ar an tir. Taim in mo shagart.* Ponha inglesismo nisso, joãozinho.

Disse joãozinho Eglinton:

– Eu estava preparado para paradoxos dentro do que Malachi Mulligan nos disse mas devo preveni-lo que se o senhor quiser abalar minha crença de que Shakespeare é Hamlet o senhor terá uma tarefa árdua à sua frente.

Tenham paciência comigo.

Stephen suportou a maldição de olhos torpes brilhando implacáveis sob sobranceiras franzidas. Um basilisco. *E quando vede l'uomo l'attosca.* Mestre Brunetto, eu te agradeço pela palavra.

– Assim como nós, ou mãe Dana, tecemos e destecemos nossos corpos – disse Stephen –, dia após dia, suas moléculas se movendo de um lado para o outro, assim também o artista tece e destece sua imagem. E como o sinal no meu peito direito está onde estava quando nasci, embora todo o meu corpo tenha sido tecido sem parar com uma nova substância, assim também através do fantasma do pai inquieto a imagem do filho anulado olha à frente. No instante intenso da imaginação, quando o espírito – diz Stephen – é carvão desvanecente, aquilo que eu fui é aquilo que eu sou e aquilo que dentro da possibilidade eu posso vir a ser. Assim no futuro, a irmã do passado, eu posso me ver enquanto sentado aqui agora mas como reflexo daquilo que eu então serei.

Drummond of Hawthornden o ajudou nesse lance.

– Sim – disse o Sr. Best juvenilmente. – Eu sinto Hamlet bem moço. O amargor poderia ser proveniente do pai mas as passagens com Ofélia são certamente do filho.

Comeu gato por lebre. Ele está em meu pai. Eu estou em seu filho.

– Esse sinal é o último a desaparecer – disse Stephen, rindo.

John Eglinton fez uma careta nada agradável.

– Se esse fosse o sinal de nascença do gênio – disse ele –, gênio seria uma droga encontrada em mercado. As peças de Shakespeare dos últimos anos que Renan admirava tanto respiram um outro espírito.

– O espírito da reconciliação – soprou o bibliotecário *quaker*.

– Não pode haver reconciliação – disse Stephen – se não tiver havido separação.

Disse isso.

– Se vocês quiserem saber quais são os acontecimentos que lançam sua sombra sobre o período infernal de *Rei Lear*, *Otelo*, *Hamlet*, *Troilus e Cressida*, olhem para ver quando e como a sombra se dispersa. O que suaviza o coração de um homem, naufragado em borrascas calamitosas, posto à prova como um outro Ulisses, Péricles, príncipe de Tiro?

Cabeça, de boné vermelho pontudo, fustigada, cega pelas lágrimas.

– Uma criança, uma menina, colocada em seus braços, Marina.

– A inclinação dos sofistas pelos atalhos de uma obra apócrifa é uma quantidade constante – detectou John Eglinton. – As grandes estradas são monótonas mas levam à cidade.

Bom Bacon: tornado desenxabido. Shakespeare desvarios da mocidade de Bacon. Malabaristas de cifras percorrendo as grandes estradas. Exploradores da grande busca. Que cidade, bons mestres? Mascarados em nomes: A. E., éon: Magee, John Eglinton. A leste do sol, a oeste da lua: *Tir na n-og*. De botas os dois e cajados.

*Quantas milhas até Dublin?*

*Umas trinta e seis, senhor.*

*Estaremos lá ao anoitecer?*

– O Sr. Brandes a considera – disse Stephen – como a primeira peça do período final.

– É mesmo? O que o Sr. Sidney Lee, ou o Sr. Simon Lazarus como alguns afirmam seja o seu nome, diz disso?

– Marina – disse Stephen –, uma criança da tempestade, Miranda, uma maravilha, Perdita, aquela que foi perdida. O que foi perdido é devolvido a ele: a filha de sua filha. *Minha amada mulher*, diz Péricles, *era como esta moça*. Será que algum homem ama a filha se não tiver amado a mãe?

– A arte de ser um avô – a boca do Sr. Best murmura. – *L'art d'être grandp...*

– Não terá ele visto renascer nela uma outra imagem, com a lembrança acrescida de sua própria juventude?

Você sabe do que está falando? Amor, sim. Palavra conhecida de todos os homens. *Amor vero aliquid alicui bonum vult unde et ea quae concupiscimus...*

– Sua própria imagem para um homem dotado daquela coisa estranha gênio é o padrão de toda experiência, material e moral. Tal apelo vai comovê-lo. As imagens de outros machos de seu sangue vão lhe desagradar. Ele verá nelas tentativas grotescas da natureza de profetizar ou de reproduzi-lo.

A testa afável do bibliotecário *quaker* se inflamou roseamente com esperança.

– Espero que o Sr. Dedalus elabore sua teoria para esclarecimento do público. E deveríamos mencionar um outro comentarista irlandês, o Sr. George Bernard Shaw. Nem deveríamos esquecer o Sr. Frank Harris. Seus artigos sobre Shakespeare no *Saturday Review*

foram certamente brilhantes. Por estranho que pareça ele também descreve para nós a relação infeliz com a dama morena dos sonetos. O rival favorecido é William Herbert, conde de Pembroke. Confesso que se o poeta tem de ser rejeitado tal rejeição pareceria estar mais em harmonia – como direi? – com nossas noções daquilo que não devia ter acontecido.

Oportunamente ele terminou mantendo uma cabeça submissa entre eles, ovo de alca, galardão de sua contenda.

Ele usa com ela tus e tuas com palavras maritais solenes. Tu amas, Miriam? Tu amas teu homem?

– Isso também pode ser – disse Stephen. – Há um ditado de Goethe que o Sr. Magee gosta de citar. Cuidado com o que você almejar na mocidade porque você o obterá na meia-idade. Por que ele envia a uma que é uma *buonaroba*, uma baía onde todos os homens aportam, uma dama de honra com uma escandalosa meninice, um fidalgote para a cortejar por ele? Ele era ele próprio senhor da linguagem e se tornara um gentilhomem rufião e já escrevera *Romeu e Julieta*. Por quê? A crença em si mesmo tinha sido prematuramente destruída. Primeiramente ele foi dominado num milharal (campo de centeio, eu diria) e depois disso nunca será um vencedor aos seus próprios olhos nem brincará vitoriosamente o jogo de rir e se deitar. Dom-juanismo assumido não vai salvá-lo. Nenhuma desgraça futura anulará a primeira desgraça. A presa do javali o feriu ali onde o amor jaz sangrando. Se a megera já foi sobrepujada ainda resta a ela a arma invisível da mulher. Há, sinto nas palavras, algum aguilhão da carne o impelindo para uma nova paixão, uma sombra mais escura da primeira, escurecendo até sua própria compreensão de si mesmo. Um destino semelhante o aguarda e os dois desejos se misturam num redemoinho.

Eles escutam. E nos pavilhões de seus ouvidos eu derramo.

– A alma fora anteriormente mortalmente atingida, um veneno derramado no pavilhão de um ouvido adormecido. Mas aqueles que são mortos no sono não podem saber a forma de sua destruição a menos que seu Criador dote suas almas com esse conhecimento na vida futura. Do envenenamento e da fera com duas costas que o provocou o fantasma do rei Hamlet não podia saber se não tivesse sido dotado deste conhecimento pelo seu criador. É por isso que a fala (seu inglês pobre e desgraçoso) está sempre voltada para outro lugar, para trás. Violador e violada, o que ele queria mas não queria, vão com ele dos globos de marfim de Lucrecia cercados de azul ao seio de Imogene, nu, com seu sinal de cinco manchas. Ele retorna, cansado da criação que ele empilhou para se esconder de si mesmo, um velho cão lambendo uma ferida antiga. Mas, como a perda é o seu ganho, ele passa para a eternidade como uma personalidade não-diminuída, não-ensinada pela sabedoria de seus escritos ou pelas leis que revelou. Sua viseira está erguida. Ele é um fantasma, uma sombra agora, o vento junto aos rochedos de Elsinore ou o que quer que você deseje, a voz do mar, uma voz ouvida apenas no coração daquele que é a substância de sua sombra, o filho consubstancial com o pai.

– Amém! – foi respondido do vão da porta.

Tu me descobriste, Ó meu inimigo?

*Entr'acte.*

Um rosto irreverente, taciturno como o de um decano, Buck Mulligan avançou, então



jovial na policromia, em direção à acolhida de seus sorrisos. Meu telegrama.

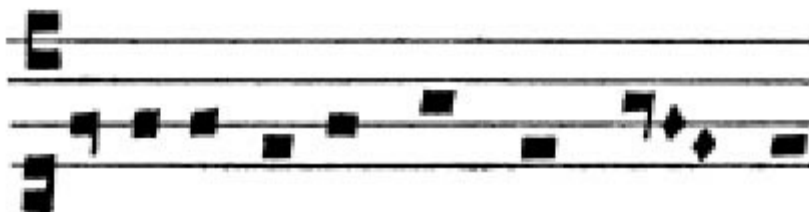
– Você estava falando do vertebrado gasoso, se não me engano? – indagou de Stephen.

Vestido-de-amarelo-pálido ele saudou alegremente com seu panamá retirado como se fosse um brinquedo.

Eles lhe deram as boas-vindas. *Was Du verlachst wirst Du noch dienen.*

Ninhada de escarnecedores: Photius, pseudo Malachi, Johann Most.

Aquele Que gerou a Si-Mesmo por meio do Espírito Santo e Ele-Próprio se enviou, um Mediador, entre Si-Mesmo e os outros, Que molestado por Seus demônios, despojado de sua veste e açoitado, foi pregado como um morcego na porta de um celeiro, passou fome na cruz de lenho, Que Se deixou enterrar, se ergueu, atormentou o inferno, se instalou no céu e lá nesses mil e novecentos anos se sentou à mão direita de Sua Própria Pessoa mas ainda virá no último dia para julgar os vivos e os mortos quando todos os vivos já estarão mortos.



*Glo\_ o \_ri\_ a in ex\_ cel\_ sis De\_ o.*

Ele ergue as mãos. Caem os véus. Ó, flores! Sinos com sinos com sinos em unísono.

– Sim, realmente – disse o bibliotecário *quaker*. – Uma discussão muito instrutiva. O Sr. Mulligan, garanto, também tem sua teoria sobre a peça e sobre Shakespeare. Todas as facetas da vida devem ser apresentadas.

Ele sorriu igualmente para todos os lados.

Buck Mulligan pensou, intrigado.

– Shakespeare? – disse ele. – Parece que conheço o nome.

Um sorriso iluminado e fugidio raiou em suas feições flácidas.

– Com certeza – disse ele, se recordando vivamente. – O camarada que escreve como Synge.

O Sr. Best se voltou para ele.

– Haines sentiu sua falta – disse ele. – Você o encontrou? Ele o verá depois no D.B.C. Ele foi à Gill's para comprar *Canções de Amor de Connacht* de Hyde.

– Eu vim pelo museu – disse Buck Mulligan. – Ele esteve aqui?

– Os conterrâneos do bardo – respondeu John Eglinton – estão talvez bastante cansados do brilho de nossa teorização. Ouvei dizer que uma atriz representou o papel de Hamlet pela quatrocentésima oitava vez a noite passada em Dublin. Vining afirmou que o príncipe era uma mulher. Ninguém pensou em fazer dele um irlandês? O juiz Barton, creio, está procurando algumas pistas. Ele jura (Sua Alteza não Sua Senhoria) por São Patrício.

– A mais brilhante de todas é essa história de Wilde – disse o Sr. Best, erguendo seu brilhante caderno de notas. – Aquele *Retrato do Sr. W. H.* em que ele prova que os sonetos foram escritos por um Willie Hughes, um homem de todos os matizes.

– Para Willie Hughes, não é? – perguntou o bibliotecário *quaker*.

Ou Hughie Wills? O Sr. William Ele Próprio. W. H.: quem sou eu?

– Quero dizer, para Willie Hughes – disse o Sr. Best, corrigindo com desembaraço

seu comentário. – É tudo sem dúvida um paradoxo, não sabe, Hughes, e cortes e matizes, a cor, mas é tão típica a maneira pela qual ele o elabora. É a própria essência de Wilde, não sabe. O toque ligeiro.

Seu olhar tocou de leve os rostos deles enquanto ele sorria, um efebo louro. Essência domesticada de Wilde.

Você é danadamente espirituoso. Três tragos de uisquete que você bebeu com os ducados de Dan Deasy.

Quanto eu gastei? Ó, alguns shillings.

Para um bando de jornalistas. Humor úmido e seco.

Vivacidade. Você daria suas cinco faculdades mentais pela altiva libré de juventude com a qual ele se adorna. Traços de um desejo satisfeito.

Haverá muitos mai. Tome-a por mim. Em tempo de acasalamento. Júpiter, envie-lhes uma estação tranqüila de copulação. Sim, arrulhe para ela.

Eva. Pecado nu de ventredetrigo. Uma serpente se enrosca nela, com veneno em seu beijo.

– Você acha que é apenas um paradoxo? – pergunta o bibliotecário *quaker*. – O escarnekedor nunca é levado a sério quando está falando sério.

Eles falavam seriamente da seriedade do escarnekedor.

Novamente o rosto pesado de Buck Mulligan olhou para Stephen por um tempo. Em seguida, balançando a cabeça, ele se aproximou, retirando um telegrama dobrado do bolso. Seus lábios móveis leram, sorrindo com renovado prazer.

– Telegrama! – disse. – Inspiração maravilhosa! Telegrama! Uma bula papal!

Ele se sentou num canto da escrivaninha não-iluminada, lendo alegremente em voz alta:

– *O sentimentalista é aquele que gozaria sem incorrer em imenso endividamento por um ato praticado.* Assinado: Dedalus. De onde você desencadeou isso? Dos bordéis? Não. College Green. Você bebeu as quatro libras? A tia vai fazer uma visita ao seu pai insubstancial. Telegrama! Malachy Mulligan, The Ship, Lower Abbey Street. Ó, você incomparável mímico! Ó, você faquinha padrificada!

Jovialmente ele enfiou mensagem e envelope no bolso mas se lamentou com sotaque queixoso:

– É o que estou lhe dizendo, doçura, nós ficamos danados da vida, Haines e eu, na hora em que ele o trouxe. Nós resmungamos pra valer pois uma experiência no patíbulo faria até um frade se inflamar, penso, e ele bambo de libertinagem. E nós uma hora e duas horas e três horas aguardando civilmente por nossa bebidinha em Connery.

Ele se lamentou:

– E nós tendo de ficar ali, meu anjo, e você sem nosso conhecimento nos mandando suas conglomerações daquele jeito e nós tendo de ficar de língua de fora por muito tempo como aqueles clérigos secos a desmaiar por uma trepada.

Stephen riu.

Rapidamente, Buck Mulligan se inclinou com uma expressão de advertência.

– O Synge errante está procurando por você – disse ele –, para te assassinar. Ele

ouviu dizer que você urinou na sua porta de entrada em Glasthule. Ele saiu de mocassim de couro cru para te matar.

– A mim! – exclamou Stephen. – Essa foi a contribuição que você deu à literatura.

Exultante Buck Mulligan se inclinou para trás, rindo para o teto escuro que escutava às escondidas.

– Te matar! – riu ele.

Rosto duro de traços grotescos que me combatia na rua Saint André des Arts acima de nossa misturada mixórdia de luzes. Em palavras de palavras por palavras, palavras. Oisin com Patrício. O fauno que ele encontrou no bosque de Clamart, brandindo uma garrafa de vinho. *C'est vendredi saint*. Irlandês assassino. Sua imagem, perambulando, ele a encontrou. Eu a minha. Eu encontrei um tolo na floresta.

– Sr. Lyster – disse um funcionário entreabrindo a porta.

– ... onde cada um pode encontrar o que lhe é próprio. Assim o Sr. juiz Madden encontrou em seu *Diário de Mestre William Silence* os termos de caçada... Sim? O que é?

– Há um cavalheiro aqui, senhor – disse o funcionário, avançando e entregando um cartão. – Do *Freeman*. Ele quer ver os arquivos do ano passado de *Kilkenny People*.

– Claro, claro, claro. Será que esse cavalheiro é...?

Ele pegou o cartão ansioso, olhou, não viu, depositou sem olhar, olhou, perguntou, rangeu, perguntou:

– Ele está...? Ó, ali!

Trêfego num passo de dança ele partiu, já estava fora. No corredor iluminado ele conversou com esforços loquazes de zelo, dominado por seu dever, cheio de cortesia, cheio de amabilidade, cheio de honestidade em seu porte quakeriano.

– Este senhor? *Freeman's Journal? Kilkenny People?* Sem nenhum problema. Bom-dia, senhor. *Kilkenny*... Temos certamente...

Uma silhueta paciente esperava, escutando.

– Toda a grande imprensa provinciana... *Northern Whig, Cork, Examiner, Enniscorthy Guardian*. Do ano passado. 1903... Por favor... Evans, conduza este senhor... Siga por favor o funci... Ou, por favor me permita... Por aqui... Por favor, senhor...

Loquaz, respeitoso, ele conduziu a todos os jornais provincianos uma figura curvada de preto que seguia seus passos apressados.

A porta se fechou.

– O judeuzinho! – bradou Buck Mulligan.

Ele saltou e agarrou o cartão.

– Como é o nome dele? Ikey Moses? Bloom.

Ele matraqueou:

– Jeová, colecionador de prepúcios, não existe mais. Eu o encontrei no museu aonde eu fui saudar a famosa Afrodite nascida da espuma do mar. A boca grega que nunca se torceu em oração. Todo dia devemos prestar homenagem a ela. *Vida de vida, teus lábios inflamam*.

Subitamente ele se voltou para Stephen.

– Ele o conhece. Ele conhece o seu velho. Ó, eu não respondo por mim, ele é mais grego do que os gregos. Seus pálidos olhos galileus repousavam sobre o sulco mediano dela.

Vênus Calipígia. Ó, o trovão de seus lombos. *O deus perseguindo a virgem escondida.*

– Queremos ouvir mais – decidiu John Eglinton com a aprovação do Sr. Best. – Começamos a ficar interessados na Sra. S. Até agora pensávamos nela, se por acaso o fazíamos, como uma Griselda paciente, uma Penélope caseira.

– Antístenes, aluno de Górgias – disse Stephen –, retirou a palma da beleza da mulher-de-ninhada de Kyrios Menelau, a argiva Helena, a égua de madeira de Tróia em cujos flancos uma dúzia de guerreiros dormiu, e a entregou à pobre Penélope. Vinte anos ele viveu em Londres e, durante parte desse tempo, ele recebeu um salário igual ao do presidente da Câmara dos Lordes da Irlanda. Sua vida foi rica. Sua arte, mais do que a arte do feudalismo como Walt Whitman a chamava, é a arte de excessos. Tortas de arenque quentes, canecas verdes de xerez, molhos de mel, doces de rosas, marzipã, pombos à groselha, guloseimas de gengibre. Sir Walter Raleigh, ao ser preso, tinha meio milhão de francos nas costas inclusive um espartilho elegantíssimo. A agiota Eliza Tudor tinha roupa de baixo capaz de rivalizar com a da rainha de Sabá. Vinte anos ele passou ali o tempo entre o amor conjugal e seus encantos castos e fornicção amorosa e seus prazeres ilícitos. Vocês conhecem a história de Manningham sobre a mulher do burguês que convidou Dick Burbage pra sua cama depois que o viu em *Ricardo III* e como Shakespeare, tendo ouvido por acaso, sem mais barulho por nada, pegou o touro a unha e, quando Burbage bateu na porta, respondeu de debaixo das cobertas do capão: *William o conquistador chegou antes de Ricardo III*. E a alegre pequena dama, senhora Fitten, a montar e a gritar Ó, e sua queridinha delicada, dama Penelope Rich, uma mulher de qualidade e honesta que é apropriada para um ator, e as prostitutas da margem do rio, a um penny por vez.

Cours-la-Reine. *Encore vingt sous. Nous ferons de petites cochonneries. Minette? Tu veux?*

– O topo da alta sociedade. E a mãe do sir William Davenant de Oxford com sua taça de vinho das Canárias para qualquer canário que aparecesse.

Buck Mulligan, com seus olhos devotos voltados para cima, rezou:

– Abençoada Margaret Mary Qualquercanário!

– E a filha do Harry das seis mulheres. E as outras damas amigas dos locais vizinhos como canta o cavalheiro poeta, Lawn Tennyson. Mas durante todos aqueles vinte anos o que é que vocês pensam que a pobre Penélope estava fazendo em Stratford por trás das vidraças de diamantes?

Fazer e fazer. Coisa feita. No roseiral em Fetter Lane de Gerard, o herbanário, ele caminha, ruivoacinzentado. Uma campânula de flores azul-celeste como as veias dela. Pálpebras dos olhos de Juno, violetas. Ele caminha. Uma vida é tudo. Um corpo. Agir. Mas aja. Longe, numa atmosfera infecta de luxúria e sordidez, mãos são postas sobre a brancura.

Buck Mulligan bateu abruptamente na escrivainha de John Eglinton.

– De quem você suspeita? – desafiou.

– Digamos que ele seja o amante rejeitado dos sonetos. Uma vez rejeitado duas vezes rejeitado. Mas a leviana da corte o rejeitou por um lorde, o meuqueridoamor dele.

Amor que não ousa dizer seu nome.

– Você quer dizer que como um inglês – interpôs John resolutamente Eglinton – ele amava

um lorde.

Velho muro em que lagartos aparecem subitamente. Em Charenton eu os observei.

– É o que parece – disse Stephen –, quando ele quer fazer para si, e para todos os outros e únicos ventres não cultivados, o santo ofício que o cavaliariço faz para o garanhão. Talvez, como Sócrates, ele teve por mãe uma parteira assim como ele teve uma megera por mulher. Mas ela, a leviana doidivanas, não quebrou um juramento de alcova. Dois feitos são repulsivos na mente daquele fantasma: um juramento perjuro e o labrego obtuso a quem ela concedeu seus favores, o irmão do marido morto. A doce Ann, eu presumo, tinha o sangue quente. Uma vez sedutora, duas vezes sedutora.

Stephen se virou deliberadamente em sua cadeira.

– O ônus da prova está com vocês não comigo – disse franzindo a testa. – Se vocês negarem que na quinta cena de *Hamlet* ele a estigmatizou com infâmia digam-me por que não há menção a ela durante os trinta e quatro anos entre o dia em que ela casou com ele e o dia em que ela o enterrou. Todas aquelas mulheres viram seus homens mortos e enterrados: Mary, seu bomhomem John, Ann, seu pobre querido Willun, quando ele foi e morreu sobre ela, enraivecido por ter sido o primeiro a partir, Joan, seus quatro irmãos, Judith, seu marido e todos os seus filhos, Susan, também seu marido, enquanto a filha de Susan, Elizabeth, para usar as palavras do vovô, casou com o segundo, tendo matado o primeiro. Ó, há menção, sim. Nos anos em que ele estava vivendo suntuosamente na Londres real ela teve que tomar quarenta shillings emprestados do pastor de seu pai para pagar uma dívida. Expliquem vocês então. Expliquem também o cantodocisne em que ele a confiou à posteridade.

Ele enfrentou o silêncio deles.

Ao que Eglinton assim falou: Você quer dizer o testamento.

Mas isso foi explicado, creio, por juristas.

Ela tinha direito a seus bens de viúva

Por direito consuetudinário. O conhecimento legal dele era grande

Dizem-nos nossos juízes.

Satã zomba dele,

Escarnecedor:

E por conseguinte ele deixou de fora o nome dela

Do primeiro rascunho mas não deixou de fora

Os presentes para sua neta, para suas filhas,

Para sua irmã, para os seus velhos amigos íntimos de Stratford

E de Londres. E por conseguinte quando ele foi instado,

Como creio, a nomeá-la

Ele lhe deixou sua

Segundamelhor

Cama.

*Punkt.*

Deixoulhesua

Segundamelhor

Deixoulhesua

Melhorumacama  
Segunumamelhor  
Deixouumacama.

Ôôoo!

– O encantador pessoal do campo tinha poucos bens então – observou John Eglinton – como eles ainda têm se nossas peças campestres de teatro são fiéis ao gênero.

– Ele era um senhor rural rico – disse Stephen – com brasão e terras em Stratford e uma casa em Ireland Yard, um acionista capitalista, um homem capaz de fazer passar uma lei no Parlamento, um fazendeiro que pagava tributo. Por que ele não lhe deixou sua melhor cama se ele desejava que ela roncasse o resto dos seus dias em paz?

– Está claro que havia duas camas, uma melhor e uma segundamelhor – disse sutilmente o Sr. Segundomelhor Best.

– *Separatio a mensa et a thalamo* – aprimorou Buck Mulligan para o qual sorriam.

– A antiguidade menciona camas famosas – careteou Eglinton Segundo, com sorriso-de-cama. – Deixe-me pensar.

– A antiguidade menciona aquele garoto-de-escola Stagirita e sábio calvo pagão – disse Stephen – que ao morrer no exílio liberta e contempla em testamento seus escravos, demonstra respeito pelos mais velhos, manifesta o desejo de ser posto na terra ao lado dos ossos de sua falecida mulher e pede aos amigos que sejam bondosos com uma velha amante (não se esqueçam de Nell Gwynn Herpyllis) e a deixem viver em sua quinta.

– Você quer dizer que ele morreu desse jeito? – perguntou o Sr. Best ligeiramente preocupado. – Quero dizer...

– Ele morreu bêbado de morrer – completou Buck Mulligan. – *Um quarto de cerveja é um prato para um rei.* Ó, eu preciso lhes contar o que Dowden disse!

– O quê? – perguntou Melhoreglinton.

William Shakespeare e companhia, limitada. O William do povo. Para as condições dirigir-se a: E. Dowden, Highfield House...

– Adorável! – suspirou Buck Mulligan amorosamente. – Eu lhe perguntei o que pensava sobre a acusação de pederastia feita contra o bardo. Ele ergueu as mãos e disse: *Tudo que podemos dizer é que os sentimentos eram muito ardentes naquela época.* Adorável!

Sodomita passivo.

– A sensação de beleza nos desencaminha – disse o belonatristeza Best ao feiosinton Eglinton.

O resoluto John retrucou severo:

– O doutor pode nos dizer o que significam essas palavras. Dois proveitos não cabem num saco só.

Dizes isso? Arrancarão eles de nós, de mim, a palma da beleza?

– E o sentido de propriedade – disse Stephen. – Ele tirou Shylock do próprio bolso longo. Filho de um especulador de malte e agiota ele era ele próprio um especulador de trigo e agiota, com dez moitas de trigo armazenadas nas épocas dos motins causados pela fome. Os que lhe tomavam dinheiro emprestado eram sem dúvida aqueles que cultuavam sua imagem mencionados por Chettle Falstaff que relatou a probidez de sua conduta. Ele processou um

colega-ator pelo preço de alguns sacos de malte e lhe arrancou a pele com juro por cada soma emprestada. De que outra maneira poderia o cavaliço e moço de recados de Aubrey ficar rico rápido? Todos os acontecimentos traziam farinha para o seu moinho. Shylock faz coro com a perseguição de judeus que se seguiu ao enforcamento e esquartejamento de Lopez, o sanguessuga da rainha, seu coração de judeu tendo sido arrancado enquanto o judeu ainda estava vivo: *Hamlet* e *Macbeth* com o acesso ao trono de um filosofastro escocês com um fraco por assado de bruxa. A invencível armada é a sua chacota em *Trabalho de Amor Perdido*. Seus quadros vivos, as histórias, navegam ventruados numa maré de entusiasmo à Mafeking. Os jesuítas de Warwickshire são julgados nos tribunais e temos a teoria de um porteiro sobre ambigüidade. A *Sea Venture* regressa das Bermudas e a peça que Renan admirava é escrita com Patsy Caliban, nosso primo americano. Os sonetos açucarados se seguem aos de Sidney. Quanto à fada Elizabeth, ou de outro modo Bess ruiva, a virgem vulgar que inspirou *As Alegres Comadres de Windsor*, deixemos algum *meinherr* de Almany buscar em vão por toda a sua vida os sentidos ocultos nas profundezas da cesta do janota.

Acho que você está se saindo muito bem. Misture apenas um misto de teolológifilolológica. *Mingo, minxi, mictum, mingere.*

– Prove que ele era um judeu – desafiou John Eglinton, expectantemente. – Seu decano de estudos mantém que ele era um católico romano.

*Sufflaminandus sum.*

– Ele foi produzido na Alemanha – replicou Stephen – como o paladino de verniz francês passado nos escândalos italianos.

– Um homem de mente múltipla – lembrou o Sr. Best. – Coleridge o chamava de mentemúltipla.

*Amplius. In societate humana hoc est maxime necessarium ut sit amicitia inter multos.*

– Santo Tomás... – começou Stephen.

– *Ora pro nobis* – o monge Mulligan gemeu, afundando numa cadeira.

Ali ele entoou uma runa lamurienta:

– *Pogue mahone. Acuschla machree!* Destruídos é que estamos a partir deste dia! Destruídos é o que estamos certamente!

Todos sorriram seus sorrisos.

– Santo Tomás – disse Stephen sorrindo –, cujas obras bojudas eu gosto de ler no original, escrevendo sobre incesto de um ponto de vista diferente do da nova escola vienense de que falou o Sr. Magee, o equipara em sua maneira curiosa e sábia a uma avareza de emoções. Ele quer dizer que o amor dado dessa forma a um próximo pelo sangue é gananciosamente negado a um estranho que, possivelmente, o deseje ardentemente. Os judeus, que os cristãos tacham de avareza, são de todas as raças os mais dados a casamentos consangüíneos. Acusações são feitas colericamente. As leis cristãs que aumentaram as reservas dos judeus (para os quais, assim como para os lollardos, a tempestade era um abrigo) também cingiram seus afetos com aros de aço. Sejam estes pecados ou virtudes o velho Papainguém nos dirá no tribunal senhorial do Juízo Final. Mas um homem que se agarra tão firmemente ao que ele chama de seus direitos sobre o que ele chama de suas dívidas também

se agarrará firmemente ao que ele chama de seus direitos sobre aquela a quem ele chama de sua mulher. Nenhum vizinho senhor sorrirá seu boi ou sua mulher ou seu empregado ou sua empregada ou seu asno.

– Ou sua asna – salmodiou Buck Mulligan.

– O gentil Will está sendo manuseado rudemente – disse gentilmente o gentil Sr. Best.

– Que *will?* – soprou suavemente Buck Mulligan. – Nós estamos ficando confusos.

– Para a pobre Ann, viúva de Will – filosofou John Eglinton –, a vontade de viver é a vontade de morrer.

– *Requiescat!* – orou Stephen.

*Onde está toda a vontade de fazer?*

*Ela sumiu há muito tempo...*

– Ela jaz exposta em rigidez completa na segundamelhor cama, a rainha encoberta, embora você prove que uma cama naqueles dias era tão rara quanto um automóvel o é agora e que seus entalhes eram a maravilha de sete paróquias. Na velhice ela se dava com pregadores puritanos (um ficou com ela em New Place e bebia um quarto de vinho da Espanha fornecido pela municipalidade mas em que cama ele dormia não cabe perguntar) e ouviu então dizer que ela possuía uma alma. Ela lia ou fazia lerem para ela os livrinhos religiosos dele preferindo-os às *Alegres Comadres* e, ao urinar noturnamente no urinol, ela meditava sobre *Ganchos e Colchetes para as Calças dos Crentes* e *A Caixa de Rapé a Mais Espiritual para Fazer as Almas Mais Devotas Espirrar*. Vênus torceu seus lábios ao rezar. *Agenbite of inwit*: Remorso de consciência. É uma era de prostituição desgastada buscando seu deus em vão.

– A história prova a veracidade disso, *inquit Eglintonus Chronolologos*. As eras se sucedem umas às outras. Mas sabemos de fonte segura que os piores inimigos de um homem são aqueles de sua própria casa e família. Sinto que Russell está certo. O que nos importa a mulher ou o pai dele? Eu diria que somente os poetas de família têm vidas de família. Falstaff não era um homem de família. Sinto que o cavaleiro gordo é sua criação suprema.

Magro, ele se joga para trás. Tímido, repudia teus parentes, os rigidamente probos. Tímido, ceando com o ímpio, ele surrupia a taça. Um pai de Antrim em Ulster fez uma oferta por ele. Visita-o aqui nas têmeoras. Sr. Magee, senhor, um cavalheiro deseja vê-lo. A mim? Diz que é o seu pai, senhor. Dê-me o meu Wordsworth. Entra Magee Mor Mathew, um soldado tosco áspero de cabelo desgrenhado, com ceroulas fáceis de desabotoar, com suas meias elisabetanas enlameadas com lama de dez florestas e um bastão de macieira brava na mão.

O seu próprio? Ele conhece o seu velho. O viúvo.

Correndo da Paris alegre da beira do rio para o esqualido leito-de-morte dela eu toquei a mão dele. A voz falando, com novo calor. O Dr. Bob Kenny está cuidando dela. Os olhos que me desejam o bem. Mas não me conhecem.

– Um pai – disse Stephen, lutando contra a desesperança – é um mal necessário. Ele escreveu a peça nos meses que se seguiram à morte do pai. Se vocês afirmarem que ele, um homem grisalho com duas filhas casadouras, com trinta e cinco anos de vida, *nel mezzo del cammin di nostra vita*, com cinqüenta de experiência, é o graduando imberbe de Wittenberg então vocês têm de afirmar que sua mãe de setenta anos é a rainha voluptuosa. Não. O cadáver de John Shakespeare não vaga de noite. De hora em hora ele apodrece e apodrece. Ele



repousa, desguarnecido de paternidade, tendo legado aquele estado místico a seu filho. Calandrino de Boccaccio foi o primeiro e último homem que se sentiu concebendo um filho. Paternidade, com o sentido de geração consciente, é desconhecida do homem. É um estado místico, uma sucessão apostólica, de apenas um gerador para um apenas gerado. Nesse mistério e não no da madona que o intelecto sagaz italiano lançou à plebe da Europa a igreja está fundamentada e fundamentada irremovivelmente porque fundamentada, como o mundo, macro e microcosmo, no vazio. Sobre a incerteza, sobre a improbabilidade. *Amor matris*, genitivo subjetivo e objetivo, pode ser a única coisa verdadeira na vida. A paternidade pode ser uma ficção legal. Quem é o pai de algum filho que algum filho devesse amar ou ele algum filho?

Que diabo está você insinuando?

Eu sei. Cale a boca. Raios o partam. Eu tenho minhas razões.

*Amplius. Adhuc. Iterum. Postea.*

Você está condenado a fazer isso?

– Eles estão separados por uma vergonha corporal tão inalterável que os anais criminais do mundo, manchados com todos os outros incestos e bestialidades, mal registram sua infração. Filhos com mães, pais com filhas, irmãs lésbicas, amores que não ousam dizer seus nomes, sobrinhos com avós, prisioneiros com fechaduras, rainhas com touros premiados. O filho não nascido desfigura a beleza: nascido, ele traz dor, divide a afeição, aumenta os cuidados. Ele é um novo macho: seu crescimento é o declínio de seu pai, sua mocidade a inveja de seu pai, seu amigo o inimigo de seu pai.

Na rua Monsieur le Prince eu pensava assim.

– O que os une na natureza? Um instante de cio cego.

Serei eu um pai? E se eu fosse?

Mão encolhida incerta.

– Sabelio, o Africano, o mais sutil heresiarca de todos os animais do campo, afirmava que o Pai era Ele Próprio Seu Próprio Filho. O buldogue Aquino, para o qual nenhuma palavra é impossível, o refuta. Ora: se o pai que não tem um filho não for um pai poderá o filho que não tem um pai ser um filho? Quando Rutlandbaconshouthamptonshakespeare ou um outro poeta com o mesmo nome na comédia dos erros escreveu *Hamlet* ele não era apenas o pai de seu próprio filho mas, não sendo mais um filho, ele era e se sentia o pai de toda a sua raça, o pai de seu próprio avô, o pai de seu neto não nascido que, em prova do que digo, nunca nasceu, pois a natureza, como o Sr. Magee a entende, abomina a perfeição.

Olhos-de-Eglinton, reluzentes de prazer, se ergueram brilhando de timidez. Olhando contente, um alegre puritano, através da madressilva retorcida.

Bajule. Um pouquinho. Mas bajule.

– Ele mesmo seu próprio pai – falou consigo mesmo Filhomulligan. – Espere. Eu estou grávido. Tenho um filho não-nascido no meu cérebro. Pallas Athena! Uma peça! A peça é o que interessa! Deixe-me parir.

Ele apertou sua testabarriguda com suas duas mãos fórceps.

– Quanto à sua família – disse Stephen –, o nome de sua mãe vive na floresta de Arden. Sua morte fez que dele surgisse a cena com Volumnia em *Coriolano*. A morte de seu

filho-menino é a cena de morte do jovem Artur em *Rei John*. Hamlet, o príncipe negro, é Hamnet Shakespeare. Quem são as moças em *A Tempestade*, em *Péricles*, em *Conto de Inverno* nós o sabemos. Quem Cleópatra, vivendo no luxo do Egito, e Cressida e Vênus são nós podemos adivinhar. Mas há um outro membro de sua família que está registrado.

– A trama está engrossando – disse John Eglinton.

O livreiro *quaker*, tremendo, entrou na ponta dos pés, quakra sua máscara, quakra com pressa, quakra, quak.

Porta fechada. Cubículo. Dia.

Eles ouvem. Três. Eles.

Eu você ele eles.

Vamos, partilhem a comida.

## STEPHEN

Ele tinha três irmãos, Gilbert, Edmund, Richard. Gilbert na velhice contou a alguns cavaleiros que conseguiu certa vez um bilhete de graça do Mestre Coletor por Deus que conseguiu e ele viu seu mano Mestre Wull o dramaturgo lá em Londres numa peça de luta com um homem em suas costas. A salsicha do teatro foi um regalo para a alma de Gilbert. Ele não está em nenhum lugar: mas um Edmund e um Richard estão registrados nas obras do suave William.

## MAGEEGLINJOHN

Nomes! O que existe em um nome?

## BEST

Esse é o meu nome, Richard, não sabe. Espero que você diga uma palavra favorável a respeito de Richard, não sabe, para meu próprio bem.

*(risos)*

BUCK MULLIGAN

*(piano, diminuendo)*

*Então declarou medicante Dick  
Ao seu camarada medicante Davy...*

STEPHEN

Em sua trindade de Wills sinistros, os ladrões vilões, Iago, Richard o Corcunda, Edmund em *Rei Lear*, dois trazem os nomes dos tios perversos. Mais ainda, essa última peça foi escrita ou estava sendo escrita enquanto seu irmão Edmund agonizava em Southwark.

BEST

Espero que Edmund apanhe tudo. Não quero que Richard, meu nome...

*(risos)*

QUAKERLYSTER

*(a tempo)* Mas aquele que surrupia de mim meu nome honrado... .

## STEPHEN

(*stringendo*) Ele escondeu seu próprio nome, um nome impoluto, William, nas peças, um super aqui, um palhaço ali, como um pintor da antiga Itália colocou seu rosto num canto escuro de sua tela. Revelou-o nos sonetos em que existem Wills de sobra. Como John of Gaunt seu nome lhe é caro, tão caro quanto os brasões que ele obteve à custa de bajulação, sobre uma barra diagonal de zibelina uma lança ou prata acerada, honorificabilitudinitatibus, mais caro do que sua glória como o maior abalador-de-cena do país. O que é que existe num nome? É isso que nos perguntamos na infância quando escrevemos o nome que nos disseram ser o nosso. Uma estrela, uma estrela matutina, um meteoro, surgiu no dia em que ele nasceu. Ela brilhou de dia sozinha no céu, mais resplandecente do que Vênus à noite, e de noite brilhou sobre Delta em Cassiopéia, a constelação reclinada que é a assinatura de sua inicial entre as estrelas. Seus olhos a observaram, baixando no horizonte, a leste da Ursa, enquanto ele caminhava pelos campos entorpecidos do verão ao voltar à meia-noite de Shottery e dos braços dela.

Os dois satisfeitos. Eu também.

Não lhes diga que ele tinha nove anos quando ela se extinguiu.

E dos braços dela.

Espera ser seduzido e conquistado. Sim, seu palerma. Quem vai te seduzir?

Leia nos astros. *Autontimorumenos. Bous Stephanoumenos.* Onde está a sua configuração? Stephen, Stephen, corte o pão em fatias iguais. S. D.: *sua donna. Già: di lui. Gelindo resolve di non amare S. D.*

– O que é isso, Sr. Dedalus? – perguntou o bibliotecário *quaker*. – Terá sido um fenômeno celestial?

– Uma estrela à noite – disse Stephen. – Uma coluna de nuvens de dia.

O que mais a dizer?

Stephen olhou para seu chapéu, sua bengala, suas botas.

*Stephanos*, minha coroa. Minha espada. As botas dele estão estragando a forma de meus pés. Compre um par. Furos nas minhas meias. Um lenço também.

– O senhor faz um bom uso do nome – concedeu John Eglinton. – Seu nome ele mesmo é bastante estranho. Suponho que ele explica seu fantástico humor.

Eu, Magee e Mulligan.

Fabuloso artífice. O homem falcão. Você voou. Para onde? Newhaven-Dieppe, passageiro de terceira classe. Paris e retorno. Ventoinha. Ícaro. *Pater, ait.* Salpicado de água do mar, prostrado, chafurdado. Você é uma ventoinha. Seja uma ventoinha.

O Sr. Best tranqüilamente ansioso ergueu seu livro para dizer:

– Isso é muito interessante porque aquele tema do irmão, não sabe, também encontramos nos antigos mitos irlandeses. Exatamente o que você diz. Os três irmãos Shakespeare. Em Grimm também, não sabe, nos contos de fada. O terceiro irmão que sempre se casa com a bela adormecida e ganha o melhor prêmio.

O melhor dos irmãos Best. Bom, melhor, o máximo.

O bibliotecário *quaker* se deteve saltando perto.

– Eu gostaria de saber – disse – que irmão o senhor... Julgo o senhor ter sugerido que houve adultério com um dos irmãos... Mas talvez eu esteja me antecipando?

Ele se deteve no ato: olhou para todos: se conteve.

Um funcionário chamou da porta:

– Sr. Lyster! Padre Dineen deseja...

– Ó, padre Dineen! Já vou.

Rapidamente ereto rangendo ereto ereto ele saiu ereto.

John Eglinton tocou na chapa.

– Vamos – disse. – Ouçamos o que o senhor tem a dizer sobre Richard e Edmund. O senhor os deixou para o fim, não foi?

– Ao lhes pedir que se lembrassem desses dois parentes nobres titio Richie e titio Edmund – respondeu Stephen –, acho que lhes pedi talvez demais. Um irmão é tão facilmente esquecido quanto um guarda-chuva.

Ventoinha.

Onde está seu irmão? No saguão do boticário. Meu incentivo. Ele, em seguida Cranly, Mulligan: agora estes. Fale, fale. Mas aja. Aja com a fala. Eles zombam para o testar. Aja. Reaja.

Ventoinha.

Estou cansado de minha voz, a voz de Esaú. Meu reino por uma bebida.

Vai.

– Vocês dirão que esses nomes já se encontravam nas crônicas das quais ele tirou a matéria de suas peças. Por que ele os tirou em lugar de outros? Richard, um corcunda filho-da-puta, bastardo, faz a corte a uma enviuvada Ann (o que existe num nome?), a seduz e a conquista, uma viúva alegre filha-da-puta. Richard o conquistador, o terceiro irmão, veio depois de William o conquistado. Os outros quatro atos daquela peça pendem molemente desse primeiro. De todos os reis Richard é o único rei desprotegido do respeito de Shakespeare, o anjo do mundo. Por que o enredo secundário de *Rei Lear* no qual Edmund figura é retirado da *Arcádia* de Sidney e pastichado de uma lenda celta mais antiga do que a história?

– Essa era a maneira de ser de Will – defendeu John Eglinton. – Não nos caberia agora combinar uma saga nórdica com um trecho de uma novela de George Meredith. *Que voulez-vous?*, diria Moore. Ele situa a Boêmia à beira-mar e faz Ulisses citar Aristóteles.

– Por quê? – respondeu Stephen a si mesmo. – Porque o tema do irmão falso ou do usurpador ou do adúltero ou todos os três em um só está para Shakespeare, o que os pobres não estão, sempre com ele. O tom de banimento, banimento do coração, banimento do lar, soa ininterruptamente de *Os Dois Cavalheiros de Verona* em diante até que Próspero quebra o seu bastão, o enterra algumas braças de terra abaixo e afoga seu livro. O tema se duplica no meio da vida dele, se reflete num outro, se repete, prátase, epítase, catástase, catástrofe. Repete-se novamente quando ele está próximo à sepultura, quando sua filha casada Susan, que tem a quem sair, é acusada de adultério. Mas foi o pecado original que escureceu sua compreensão, enfraqueceu sua vontade e deixou nele uma forte inclinação para o mal. Essas palavras são as

dos meus senhores bispos de Maynooth. Um pecado original e, como pecado original, cometido por um outro em cujo pecado ele também pecou. Está nas entrelinhas de suas últimas palavras escritas, está petrificado na laje do seu túmulo sob a qual não devem ser depositados os quatro ossos dela. A idade não o murchou. A beleza e a paz não o fizeram desaparecer. Ele existe numa variedade infinita em toda parte no mundo que ele criou, em *Muito Barulho por Nada*, duas vezes em *Como Gostais*, em *A Tempestade*, em *Hamlet*, em *Medida por Medida* – e em todas as outras peças que não li.

Ele riu para libertar sua mente do cativo de sua mente.

O juiz Eglinton resumiu.

– A verdade está no meio – afirmou. – Ele é o fantasma e o príncipe. Ele é tudo em todos.

– Ele o é – disse Stephen. – O rapaz do primeiro ato é o homem maduro do quinto ato. Tudo em todos. Em *Cymbeline*, em *Otelo* ele é alcoviteiro e corno. Ele atua e é atuado. Amante de um ideal ou de uma perversão, como José ele mata a verdadeira Carmen. Seu intelecto incansável é o desvairado Iago desejando incessantemente que o mouro nele sofra.

– Cuco! Cuco! – Cucante Mulligan cacarejou licenciosamente. – Ó palavra temível!

O domo escuro recebeu, reverberou.

– E que personagem esse Iago! – o impávido John Eglinton exclamou. – Afinal de contas Dumas *filis* (ou será Dumas *père*) está certo. Depois de Deus foi Shakespeare quem mais criou.

– O homem não o encanta nem a mulher – disse Stephen. – Depois de uma vida de ausência ele retorna àquele recanto da terra em que nasceu, onde sempre esteve, homem e menino, uma testemunha silenciosa e ali, terminada a jornada de sua vida, ele planta na terra sua amoreira. Então morre. O movimento chegou ao fim. Coveiros enterram Hamlet *père* e Hamlet *filis*. Um rei e um príncipe finalmente na morte, com música de menor importância. E o que mais, embora assassinado e traído, é chorado de tristeza por todos os corações ternos e frágeis, dinamarqueses ou dublinenses, que sofrem pois o morto é o único marido de quem elas se recusam a se divorciar. Se você gosta do epílogo considere-o longamente: próspero Próspero, o bom homem recompensado, Lizzie, a queridinha do vovô, e titio Richie, o homem mau retirado por justiça poética para o lugar para o qual os negros malvados vão. Frase de suspense. Ele encontrou no mundo exterior como real aquilo que existia em seu mundo interior como possível. Maeterlinck diz: *Se Sócrates sair de sua casa hoje vai encontrar o sábio sentado no beiral de sua porta. Se Judas sair esta noite é para Judas que os passos dele o conduzirão*. Toda a vida são muitos dias, dia após dia. Nós caminhamos através de nós mesmos, encontrando ladrões, fantasmas, gigantes, velhos, jovens, esposas, viúvas, cunhados, mas sempre nos encontrando. O dramaturgo que escreveu o fôlio deste mundo e o escreveu mal (Ele nos deu primeiro a luz e o sol dois dias depois), o senhor das coisas como elas são o qual os mais católicos romanos chamam de *dio boia*, deus carrasco, é sem dúvida tudo em tudo em todos nós, cavaliço e acougueiro, e seria alcoviteiro e corno também não fosse pelo fato de que na economia do céu, predita por Hamlet, não existem mais casamentos, homem glorificado, um anjo andrógino, sendo uma esposa para si mesmo.

– *Eureka!* – gritou Buck Mulligan. – *Eureka!*

Subitamente alegrando ele saltou e alcançou com passo largo a escrivantina de Eglinton.

– Posso? – disse. – O Senhor falou com Malachi.

Começou a escrevinhar num pedaço de papel.

Pegue alguns pedaços de papel do balcão ao sair.

– Aqueles que são casados – disse o Sr. Best, arauto sereno –, todos exceto um, viverão. Os restantes permanecerão como estão.

Ele riu, solteiro, para Eglinton Johannes, bacharel de artes.

Não casados, não fantasiados, conscientes da astúcia, eles folheiam e meditam cada um deles à noite sobre a edição variorum de *A Megera Domada*.

– O senhor é uma ilusão – disse sem rodeios John Eglinton a Stephen. – O senhor nos fez percorrer todo esse caminho para nos mostrar um triângulo francês. O senhor acredita em sua própria teoria?

– Não – disse prontamente Stephen.

– O senhor vai escrevê-la? – perguntou o Sr. Best. – Deveria fazer um diálogo dela, não sabe, como os diálogos platônicos que Wilde escreveu.

John Eclecticon deu um sorriso que valia por dois.

– Bem, neste caso – disse –, não sei como o senhor esperaria um pagamento por ela visto que o senhor mesmo não acredita nela. Dowden julga que há um certo mistério em *Hamlet* mas não diz mais do que isso. Herr Bleibtreu, o homem com quem Piper se encontrou em Berlim, que está desenvolvendo aquela teoria de Rutland, acredita que o segredo está escondido no monumento de Stratford. Ele vai visitar o atual duque, diz Piper, e provar para ele que seu ancestral escreveu as peças. Vai ser uma surpresa para sua graça. Mas ele acredita em sua teoria.

Eu acredito, Ó Senhor, ajude minha descrença. Isto é, me ajude a crer ou me ajude a descrever? Quem ajuda a crer? *Egomen*. Quem a descrever? Um outro camarada.

– O senhor é o único colaborador de *Dana* que exige moedas de prata. Assim eu não sei quanto ao próximo número. Fred Ryan quer espaço para um artigo sobre economia.

Freidrairie. As duas moedas de prata que ele me emprestou. Te ajudou a vencer uma dificuldade. Economia.

– Por um guinéu – disse Stephen – o senhor pode publicar esta entrevista.

Buck Mulligan se levantou de onde estava escrevinhando rindo, rindo: e então disse gravemente, com uma malícia melada:

– Eu fui visitar o bardo Kinch em sua residência de verão no alto de Mecklenburgh Street e o encontrei mergulhado no estudo da *Summa contra Gentiles* na companhia de duas damas gonorréicas, a Fresca Nelly e Rosalie, a prostituta do porto carbonífero.

Ele se interrompeu.

– Vamos, Kinch. Vamos, Aengus errante dos pássaros.

Vamos, Kinch. Você comeu tudo que deixamos. Sim. Eu vou te servir teus restos e rebotalho.

Stephen se ergueu.

A vida são muitos dias. Isso terá fim.



– Nós o veremos hoje à noite – disse John Eglinton. – *Notre ami* Moore disse que Malachi Mulligan tem de estar lá.

Buck Mulligan agitou seu pedaço de papel e o panamá.

– Monsieur Moore – disse ele –, conferencista de letras francesas para a mocidade da Irlanda. Eu estarei lá. Vamos, Kinch, os bardos precisam beber. Você consegue andar reto?

Rindo, ele...

Beber avidamente até as onze. Distração das noites irlandesas.

Palhaço...

Stephen seguiu um palhaço...

Um dia na biblioteca nacional tivemos uma discussão. Apertos de mão. Depois. Nas costas do palhaço: eu segui. Eu fiz uma bolha no seu calcanhar.

Stephen, cumprimentando, e então totalmente desalentado, seguiu o palhaço gracejador, uma cabeça bem penteada, recentemente barbeado, saiu do cubículo abobadado desembocando numa claridade estilhaçante vazia de pensamento.

O que é que eu aprendi? Deles? De mim?

Ande agora como Haines.

A sala dos leitores assíduos. No livro de registro dos leitores Cashel Boyle O'Connor Fitzmaurice Tisdall Farrell rubrica seus polissílabos. Item: estava Hamlet louco? A cachola do *quaker* de pureza divina com a conversa livresca de um padrego.

– Ó faça por favor, senhor... Eu terei muito prazer...

Achando graça Buck Mulligan meditou num murmúrio agradável, concordando consigo mesmo:

– Um traseiro satisfeito.

A borboleta.

É isso...? Um chapéu de fita azul...? Escrevendo negligentemente...? O quê?... Olhou...?

A balaustrada curva: o suavementedeslizante Mincius.

Puck Mulligan, sob seu panamáelmo, foi passo a passo, iambando, girando:

– *John Eglinton, meu jo, John,*

*Por que você não casa com uma mulher?*

Ele cuspiu para o ar.

– Ó, o chinês chem queixo! Chin Chon Eg Lin Ton. Nós fomos para o teatro deles, Haines e eu, o estúdio dos bombeiros. Nossos atores estão criando uma nova arte para a Europa como os gregos ou M. Maeterlinck. Teatro da Abadia! Sinto o cheiro do suor público dos monges.

Ele cuspiu inexpressivo.

Esqueci: não mais do que ele esqueceu a surra que a nojenta Lucy lhe deu. E ele abandonou a *femme de trente ans*. E por que nenhum outro filho nasceu? E seu primeiro filho uma menina?

Sabedoriatardia. Volte.

O triste recluso ainda ali (ele teve parte do bolo) e o suave meninote, escravo do prazer, o cabelo louro de Phedo feito para afagar.

Hein... Eu só hein... queria... eu esqueci... hein...

– Longworth e M’Curdy Atkinson estavam lá...

Puck Mulligan pisou com elegância, trinando:

– *Assim que ouço o som do cortiço*

*Ou de um soldado inglês falando quando passo*

*No F. M’Curdy Atkinson logo penso*

*Aquele mesmo da perna de pau*

*E no de saio com cara de mau,*

*O homem mais sedento que já vi*

*O que não tinha queixo, o tal Magee.*

*Era tanto o medo de casar*

*Que se masturbavam sem parar.*

Continue a gracejar. Conheça-se.

Parado, abaixo de mim, um zombador olha para mim. Eu paro.

– Mímico tristonho – gemeu Buck Mulligan. – Synge deixou de se vestir de preto para ficar igual à natureza. Só corvos, padres e carvão inglês são pretos.

Um riso saltitou em seus lábios.

– Longworth está se sentindo muito mal – disse ele – depois do que você escreveu sobre Gregory aquela velha fofoqueira. Ó você seu judeu jesuíta bêbado inquisidor! Ela te arranja um emprego no jornal e aí você vai e solta os cachorros em cima da sandice de suas elucubrações. Será que você não poderia proceder como Yeats?

Ele continuou a descer, fazendo caretas, cantando e balançando graciosamente os braços:

– O mais belo livro que tenha sido publicado sobre nosso país em nossos dias. Faz-nos pensar em Homero.

Ele parou no pé da escada.

– Eu concebi uma peça para os farsistas – disse solenemente.

A sala de colunas mourescas, sombras entrelaçadas. Findada a dança folclórica *morris* de nove homens com bonés de expositores.

Com vozes suavemente variadas Buck Mulligan leu em sua tabuleta:

*Todo homem com a Própria Mulher*

*ou*

*Uma Lua-de-Mel na Mão*

*(uma imoralidade nacional em três orgasmos)*

*por*

*Ballocky Mulligan*

Ele voltou para Stephen o sorriso afetado de um palhaço, dizendo:

– O disfarce, receio, é escasso. Mas ouça.

Ele leu, *marcato*:

– Personagens:

TOBY TOSTOFF (um polonês arruinado)

CRAB (um bandido)

ESTUDANTE DE MEDICINA DICK (dois coelhos numa

ESTUDANTE DE MEDICINA DAVY } só cajadada)

MÃE GROGAN (uma carregadora de água)

FRESCA NELLY

e

ROSALIE (a prostituta do porto carbonífero).

Ele riu, balançando a cabeça pra lá e pra cá, seguindo em frente, acompanhado por Stephen: e alegremente disse às sombras, almas de homens:

– Ó, a noite em Camden Hall quando as filhas de Erin tiveram de erguer suas saias para passar por cima de você que jazia em seu vômito amoracolorido, multicolorido, multitudinário!

– O mais inocente filho de Erin – disse Stephen –, por quem elas jamais sempre as ergueram.

Prestes a passar pela porta, sentindo alguém atrás, ele ficou de lado.

Partir. Agora é o momento. Para onde então? Se Sócrates partir de casa hoje, se Judas sair esta noite. Por quê? Isso jaz no espaço ao qual com o tempo devo, inelutavelmente, vir.

Minha vontade: a vontade dele que me confronta. Oceanos entre.

Um homem saiu, passando entre eles, se curvando e cumprimentando.

– Mais uma vez bom-dia – disse Buck Mulligan.

O pórtico.

Aqui eu observei os pássaros em busca de augúrio. Aengus dos pássaros. Eles vão, eles vêm. A noite passada eu voei. Voei facilmente. Os homens se espantaram. Ruas das meretrizes depois. Um melão cremoso ele estendeu para mim. Entre. Você verá.

– O judeu errante – sussurrou com o assombro de um palhaço Buck Mulligan. – Você viu os olhos dele? Ele te examinou com desejo. Eu te temo, velho marinheiro. Ó, Kinch, você corre perigo. Providencia para ti uma braguilha de segurança.

Modos de Oxenford.

Dia. Sol de carrinho de mão sobre o arco da ponte.

Umhas costas escuras passaram na frente deles, passo de pardo, desceram, atravessando o portão, sob as grelhas de ferro fundido do seu arco.

Eles seguiram.

Ofenda-me sempre. Fale.

Um ar ameno delimitava os ângulos das casas em Kildare Street. Nenhum pássaro. Frágeis saindo do topo das casas duas plumas de fumaça ascendiam, se emplumando e numa suave rajada de ar foram suavemente sopradas.

Pare de lutar. Paz dos padres druidas de Cymbeline: hierofântico: da vasta terra um altar.

*Louvemos os deuses*

*E deixemos que nossas fumaças tortuosas subam até suas narinas*

*De nossos altares abençoados.*

O superior, o mui reverendo John Conmee S. J. recolocou seu relógio polido no seu bolso interior enquanto descia os degraus do presbitério. Cinco para as três. Justamente a hora ideal para caminhar para Artane. Como era mesmo o nome daquele menino? Dignam. Sim. *Vere dignum et iustum est*. O irmão Swan era a pessoa indicada para se ver. A carta do Sr. Cunningham. Sim. Prestar-lhe o favor, se possível. Católico bom e prático: útil na época das missões.

Um marinheiro pernetá, balançando o corpo para a frente com os sacolejões indolentes de suas muletas, rosnou algumas notas. Ele parou bruscamente diante do convento das irmãs de caridade e estendeu um boné pontudo para esmolas em direção ao mui reverendo John Conmee S. J. padre Conmee o abençoou à luz do sol pois sua carteira continha, ele o sabia, uma moeda de cinco shillings.

Padre Conmee atravessou para a praça Mountjoy. Ele pensou, mas não por muito tempo, nos soldados e marinheiros, cujas pernas tinham sido arrancadas por balas de canhão, terminando seus dias em alguma enfermaria pobre, e nas palavras do cardeal Wolsey: *Se eu tivesse servido a meu Deus como servi a meu rei Ele não teria me abandonado na minha velhice*. Ele caminhou sob a sombra da árvore de folhas piscandoensolaradas: e vinha em direção a ele a mulher do Sr. David Sheehy M. P.

– Muito bem, mesmo, padre. E o senhor, padre?

Padre Conmee estava realmente passando maravilhosamente bem. Ele provavelmente iria para as águas termais de Burton. E os filhos dela, estavam se dando bem em Belvedere? Era isso aí? Padre Conmee estava realmente muito contente em ouvir isso. E o próprio Sr. Sheehy? Ainda em Londres. A câmara ainda estava se reunindo, certamente estava. Tempo bonito aquele, adorável mesmo. Sim, era muito provável que o padre Bernard Vaughan viesse novamente pregar. Ó, sim: um enorme sucesso. Um homem realmente maravilhoso.

Padre Conmee estava muito contente em ver a mulher do Sr. David Sheehy M. P. tão bem-disposta e lhe rogou que desse lembranças ao Sr. David Sheehy M. P. Sim, ele certamente lhe faria uma visita.

– Boa-tarde, Sra. Sheehy.

Despedindo-se padre Conmee cumprimentou com sua cartola e sorriu para as contas de âmbar da mantilha negra dela que reluzia ao sol. E sorriu ainda novamente, ao partir. Ele tinha limpado os dentes, sabia, com pasta de areca.

Padre Conmee caminhou e, caminhando, sorriu pois pensou nos olhos cômicos e na voz londrina do padre Bernard Vaughan.

– Por Pilatos! Por que você não ’etém essa multidão g’itante?

Um homem zeloso no entanto. Realmente era. E realmente à sua moda fez um enorme bem. Sem dúvida alguma. Ele amava a Irlanda, dizia, e amava os irlandeses. Além do mais de boa família já se imaginou isso? Eles eram galeses, não eram?

Ó para não se esquecer. Aquela carta para o padre provincial.

Padre Conmee deteve três garotinhos de escola na esquina da praça Mountjoy. Sim: eles eram de Belvedere. Dos primeiros graus. Aha. E eles eram bonzinhos na escola? Ó. Ora

isso era muito bom. E qual era o nome dele? Jack Sohan. E o nome deste? Ger. Gallaher. E o outro homenzinho? O nome dele era Brunny Lynam. Ó, que nome bonito era esse.

Padre Conmee tirou do peito uma carta que deu ao jovem senhor Brunny Lynam e apontou para a caixa vermelha do correio na esquina de Fitzgibbon Street.

– Mas preste atenção para não se pôr também na caixa, meu homenzinho – disse.

Os meninos com os seis olhos no padre Conmee riram:

– Ó, senhor.

– Bem, vamos ver se você sabe pôr uma carta no correio – disse padre Conmee.

O jovem senhor Brunny Lynam atravessou correndo a rua e pôs a carta de padre Conmee para o padre provincial na boca da caixa vermelha reluzente de cartas. Padre Conmee sorriu e acenou com a cabeça e sorriu e caminhou ao longo da praça Mountjoy leste.

O Sr. Denis J. Maginni, professor de dança &c. de cartola, casaco cinzento-azulado com debrum de seda, lenço-gravata branco, calças justas cor de alfazema, luvas amarelo-canário e botas pontudas de boa qualidade, andando com um porte circunspecto tomou muito respeitosa e a beira da calçada ao passar por lady Maxwell na esquina de Dignam's Court.

Aquela não era a Sra. M'Guinness?

A Sra. M'Guinness, imponente, com seus cabelos grisalhos, inclinou a cabeça para o padre Conmee da calçada distante pela qual navegava. E padre Conmee sorriu e cumprimentou. Como estava ela?

Que belo porte ela possuía. Como Mary, rainha da Escócia, alguma coisa assim. E pensar que ela era uma agiota! Ora, muito bem! Tamanho... como diria... tamanho porte de rainha.

Padre Conmee caminhou por Great Charles Street abaixo e lançou um olhar para a igreja protestante fechada à sua esquerda. O reverendo T. R. Greene B. A. (*Deo Volente*) falará. O incumbente assim o chamavam. Sentia-se incumbido de dizer algumas palavras. Mas era preciso ser caridoso. Ignorância invencível. Eles agiam de acordo com suas luzes.

Padre Conmee dobrou a esquina e caminhou ao longo da North Circular Road. Era surpreendente que não houvesse nenhuma linha de bonde numa via pública tão importante. Certamente, devia haver.

Um bando de escolares com suas sacolas atravessaram vindos de Richmond Street. Todos ergueram seus bonés desmazelados. Padre Conmee os saudou afavelmente mais de uma vez. Meninos de Christian Brother.

Padre Conmee sentia o cheiro de incenso em sua mão direita enquanto andava. Igreja São José, Portland Row. Para senhoras idosas e virtuosas. Padre Conmee ergueu o chapéu em homenagem ao Santo Sacramento. Virtuosas: mas ocasionalmente também eram mal-humoradas.

Perto da casa de Aldborough padre Conmee pensou naquele nobre perdulário. E agora era um escritório ou coisa semelhante.

Padre Conmee começou a andar ao longo de North Strand Road e foi saudado pelo Sr. William Gallagher que estava de pé na porta de sua loja. Padre Conmee saudou o Sr. William Gallagher e percebeu os odores que vinham das mantas de toucinho e das grandes cubas de

manteiga. Ele passou pela tabacaria de Grogan de encontro à qual estavam apoiados placares noticiosos que relatavam uma terrível catástrofe em Nova York. Na América essas coisas continuamente aconteciam. Gente infeliz ter de morrer desse jeito, despreparada. Ainda assim, um ato de contrição perfeito.

Padre Conmee passou pelo bar de Daniel Bergin sobre a janela do qual dois desempregados estavam apoiados. Eles o saudaram e foram saudados.

Padre Conmee passou pela casa funerária de H. J. O'Neill em que Corny Kelleher somava algarismos no diário enquanto mastigava uma folha de feno. Um guarda em sua ronda saudou padre Conmee e padre Conmee saudou o guarda. Na salsicharia de Youkstetter, padre Conmee notou chouriços, brancos e pretos e vermelhos, cuidadosamente enrolados em tubos. Ancorada sob as árvores de Charleville Mall padre Conmee viu uma barcaça de turfa, um cavalo de reboque com cabeça pendente, um barqueiro de chapéu de palha sujo sentado no meio da embarcação, fumando e mirando um galho de choupo acima dele. Era idílico: e padre Conmee refletiu sobre a providência do Criador que tinha feito turfa existir nos pântanos de onde os homens podiam desencavá-la e trazê-la para a cidade e o povoado para preparar o fogo nas casas dos pobres.

Na ponte Newcomen o mui reverendo John Conmee S. J. da igreja de São Francisco Xavier, no alto de Gardiner Street, subiu em um bonde pronto para partir.

De um bonde que chegava à ponte Newcomen saltou o reverendo Nicholas Dudley C. C. da igreja de Santa Ágata, do lado norte de William Street.

Na ponte Newcomen padre Conmee subiu num bonde pronto para partir pois lhe desagradava atravessar a pé a via escura passando por Mud Island.

Padre Conmee se sentou num canto do vagão, com um bilhete azul enfiado cuidadosamente no buraco de uma luva de pelica roliça, enquanto quatro shillings, uma moeda de seis pence e cinco pennies caíam de sua outra palma roliça enluvada para dentro de sua carteira. Passando pela igreja episcopal ele refletia que o fiscal de bilhetes geralmente fazia sua ronda quando alguém descuidadamente tivesse jogado fora o bilhete. A solenidade dos ocupantes do vagão parecia excessiva a padre Conmee para uma jornada tão curta e barata. Padre Conmee gostava de um decoro alegre.

Era um dia tranqüilo. O cavalheiro de óculos em frente ao padre Conmee acabara de explicar e baixara os olhos. Sua mulher, supunha padre Conmee.

Um minúsculo bocejo abriu a boca da mulher do cavalheiro de óculos. Ela ergueu seu pequeno pulso enluvado, bocejou muito delicadamente, batendo levemente com o pequeno pulso enluvado em sua boca que se abria e sorriu levemente, docemente.

Padre Conmee percebeu o perfume dela no carro. Percebeu também que o homem desajeitado do outro lado dela estava sentado na beirada do banco.

Na mesa de comunhão padre Conmee tinha dificuldade em colocar a hóstia na boca do homem idoso desajeitado que tinha cabeça trêmula.

Na ponte Annesley o bonde parou e, quando estava prestes a partir, uma senhora idosa se levantou subitamente do seu lugar para descer. O condutor tocou a sineta para retardar o vagão para ela saltar. Ela saiu com sua cesta e sua rede de compras: e padre Conmee viu o condutor ajudá-la a descer com sua rede e cesta: e padre Conmee pensou, visto que ela havia

quase ultrapassado o ponto final de sua viagem, que ela era uma daquelas boas almas às quais era sempre preciso dizer duas vezes *Deus a abençoe, minha filha*, que elas tinham sido absolvidas, *reze por mim*. Mas elas tinham tantas preocupações na vida, tantos encargos, pobres criaturas.

Dos cartazes o Sr. Eugene Stratton fazia com seus lábios grossos de negro uma careta para padre Conmee.

Padre Conmee pensou nas almas dos homens pretos e morenos e amarelos e no seu sermão sobre São Peter Claver S. J. e a missão africana e na propagação da fé e nos milhões de almas pretas e marrons e amarelas que não tinham recebido o batismo de água quando sua hora final chegou como um ladrão na noite. Aquele livro do jesuíta belga, *Le Nombre des Élus*, parecia uma argumentação razoável para padre Conmee. Aquelas eram milhões de almas humanas criadas por Deus à Sua Própria Semelhança às quais a fé não tinha (*Deo Volente*) sido trazida. Mas eram almas de Deus, criadas por Deus. Parecia a padre Conmee uma pena que elas tivessem de estar todas perdidas, um desperdício, se assim se pudesse dizer.

Na parada de Howth Road padre Conmee desceu, foi saudado pelo condutor e por sua vez o saudou.

A Malahide Road estava silenciosa. Agradavam ao padre Conmee, rua e nome. Os sinos-da-alegria soavam na alegre Malahide. Lorde Talbot de Malahide, imediato lorde-almirante hereditário de Malahide e dos mares adjacentes. Veio então a convocação militar e ela foi moça, esposa e viúva num só dia. Aqueles foram dias do velho mundo, tempos leais em terras urbanas prazenteiras, velhos tempos do baronato.

Andando, padre Conmee pensava no seu livrinho *Velhos Tempos do Baronato*, e no livro que podia ser escrito sobre as casas jesuítas e sobre Mary Rochfort, filha de lorde Molesworth, primeira condessa de Belvedere.

Uma dama apática, não mais jovem, caminhava sozinha pela praia de Lough Ennel, Mary, primeira condessa de Belvedere, andando apaticamente à noite, sem se atemorizar quando uma lontra mergulhava. Quem podia saber a verdade? Nem o ciumento lorde Belvedere nem seu confessor se ela não havia cometido adultério consumado, *eiaculatio seminis inter vas naturale mulieris*, com o irmão de seu marido? Ela confessaria pela metade como as mulheres faziam se ela não tivesse pecado totalmente. Somente Deus e ela e ele, o irmão de seu marido, sabiam.

Padre Conmee pensou naquela incontinência tirana, necessária no entanto à raça humana na terra, e nos caminhos de Deus que não eram os nossos.

Dom John Conmee andava e se movia nos tempos idos. Ele era humano e homenageado ali. Ele guardava em mente segredos confessados e sorria para os rostos nobres sorridentes numa sala de estar encerada, estucada com cachos cheios de frutas. E as mãos de uma noiva e de um noivo, de nobre para nobre, eram colocadas uma sobre a palma da outra por dom John Conmee.

Era um dia encantador.

O portão coberto de um campo mostrava a padre Conmee amplitudes de repolhos, lhe fazendo reverência com folhas amplas. O céu lhe mostrava um bando de pequenas nuvens brancas descendo lentamente ao vento. *Moutonner*, diziam os franceses. Uma palavra justa e

despretenciosa.

Lendo seu ofício, padre Conmee observava um bando de nuvens carneirando sobre Rathcoffey. Seus tornozelos com soquetes finas eram comichados pelo restolho do campo de Conglowes. Ele caminhava ali, lendo à tardinha, e ouvia os gritos das séries de meninos em suas brincadeiras, jovens gritos no entardecer silencioso. Era o reitor deles: seu reino era ameno.

Padre Conmee retirou as luvas e tirou para fora seu breviário de bordas vermelhas. Um marcador de marfim lhe indicou a página.

Nonas. Ele devia ter lido isso antes do almoço. Mas lady Maxwell viera.

Padre Conmee leu em segredo o *Pater* e a *Ave* e fez o sinal-da-cruz no peito. *Deus in adiutorium.*

Ele caminhou calmamente e leu silenciosamente as nonas, andando e lendo até chegar a *Res* em *Beati immaculati*:

– *Principium verborum tuorum veritas: in eternum omnia iudicia iustitiae tuae.*

Um rapaz ruborizado saiu de uma brecha de uma sebe e atrás dele veio uma moça com margaridas selvagens pendentes em sua mão. O rapaz ergueu o boné bruscamente: a moça se inclinou bruscamente e lentamente com cuidado destacou de sua saia clara um graveto nela agarrado.

Padre Conmee abençoou ambos gravemente e virou uma página fina de seu breviário.

*Sin:*

– *Principes persecuti sunt me gratis: et a verbis tuis formidavit cor meum.*

\*\*\*

Corny Kelleher fechou seu longo diário e lançou um olhar desanimado para um caixão de pinho de sentinela no canto. Ele esticou o corpo, se dirigiu até ele e, fazendo-o girar em volta de seu eixo, examinou sua forma e seus acessórios de bronze. Mastigando seu broto de feno ele pôs de lado o caixão e foi para a porta. Ali ele inclinou a aba do chapéu para proteger os olhos com sua sombra e se recostou no umbral da porta, olhando preguiçosamente para fora.

Padre Conmee subiu no bonde de Dollymount na ponte Newcomen.

Corny Kelleher trançou suas botas avantajadas e lançou um olhar, com seu chapéu inclinado para baixo, mastigando seu broto de feno.

O guarda 57C, em sua ronda, se postou ali para passar o tempo.

– Isso é que é um dia bonito, Sr. Kelleher.

– É sim – disse Corny Kelleher.



– Está muito abafado – disse o guarda.

Corny Kelleher lançou de sua boca um jato silencioso de suco de feno para cima enquanto um braço branco generoso atirava uma moeda de uma janela de Eccles Street.

– Quais são as melhores novidades? – perguntou.

– Eu vi aquele sujeito especial na noite passada – disse o guarda com um sussurro contido.

\*\*\*

Um marinheiro pernetado dobrou de muletas a esquina de MacConnell, contornando o carro de sorvete de Rabaiotti, e sacolejou pela Eccles Street acima. Dirigindo-se para Larry O'Rourke, de manga de camisa em sua porta, ele rosou pouco amigavelmente:

– *Pela Inglaterra...*

Balançando o corpo violentamente para a frente ao passar por Katey e Boody Dedalus, ele se deteve e rosou:

– *lar e beleza.*

Disseram à figura desgastada de J. J. O'Molloy que o Sr. Lambert estava no armazém com um visitante.

Uma dama grandona parou, tirou uma moeda de cobre da carteira e a deixou cair no boné estendido para ela. O marinheiro resmungou um agradecimento, lançou um olhar azedo para as janelas que o ignoravam, enterrou a cabeça e balançando deu quatro passos largos à frente.

Deteve-se e rosou raivosamente:

– *Pela Inglaterra...*

Dois garotos descalços, chupando dois longos laços de alcaçuz, pararam junto dele, boquiabertos diante de seu coto de perna com suas bocas babadas de amarelo.

Ele girou para a frente com sacudidelas vigorosas, parou, levantou a cabeça em direção a uma janela e ladrou profundamente:

– *lar e beleza.*

O assobio suave alegre chilreante vindo de dentro prosseguiu um ou dois compassos, cessou. A persiana da janela foi puxada para o lado. Um cartão *Apartamentos não-mobiliados* deslizou do caixilho da janela e caiu. Um braço roliço generoso e nu brilhou, foi visto, estendido de uma combinação branca e alças esticadas. A mão de uma mulher atirou uma moeda por sobre o parapeito. Ela caiu na calçada.

Um dos garotos correu para ela, apanhou-a e a deixou cair no boné do menestrel, dizendo:

– Tome, senhor.

\*\*\*

Katey e Boody Dedalus entraram empurrando a porta da cozinha abafada e fumegante.

– Você pôs os livros no prego? – perguntou Boody.

No fogão da cozinha Maggy comprimia duas vezes com uma vareta uma massa acinzentada por baixo de espuma de sabão fervendo e enxugava a testa.

– Não quiseram dar nada por eles – disse ela.

Padre Conmee atravessou os campos de Conglowes, com seus tornozelos de soquetes finas comichando devido ao restolho.

– Onde é que você tentou? – perguntou Boody.

– M’Guinness.

Boody bateu com o pé no chão e atirou sua sacola na mesa.

– Azar para a sua cara grandona! – gritou.

Katey foi até o fogão e examinou com seus olhos estrábicos.

– O que está dentro da panela? – perguntou.

– Camisas – disse Maggy.

Boody gritou raivosamente:

– Por Cristo, não há nada para nós comeremos?

Katey, levantando a tampa da chaleira com um pedaço de sua saia manchada, perguntou:

– E o que está nesta?

Um vapor fumegante esguichou em resposta.

– Sopa de ervilha – disse Maggy.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou Katey.

– Com a irmã Mary Patrick – disse Maggy.

O porteiro tocou a sineta.

– Triimm!

Boody se sentou na mesa e disse faminta:

– Dê isso aqui.

Maggy derramou uma sopa grossa amarela da chaleira na tigela. Katey, sentada em frente a Boody, disse tranqüilamente, enquanto elevava ao acaso com a ponta de seu dedo migalhas até a boca.

– Um bom trabalho esse nosso até aqui. Onde está Dilly?

– Foi encontrar o pai – disse Maggy.

Partindo nacos de pão dentro da sopa amarela, Boody acrescentou:

– Pai nosso que não estais no céu.

Derramando sopa na tigela de Katey, Maggy exclamou:

– Boody! Que vergonha!

Um esquife, um volante amassado, Elias está chegando, flutuou ligeiramente Liffey abaixo, sob a ponte Loopline, disparando pelas corredeiras os rápidos onde a água desgastava os pegões da ponte, navegando em direção a leste passando por cascos e correntes de âncoras, entre a antiga doca da Alfândega e o cais George.

\*\*\*

A moça loura em Thornton's colocou fibra farfalhante no fundo da cesta de vime. Blazes Boylan lhe entregou a garrafa embrulhada em papel de seda rosa e um pequeno frasco.

– Coloque primeiro estas, está bem? – disse ele.

– Sim, senhor – disse a loura. – E as frutas em cima.

– Serve assim, jogada decisiva – disse Blazes Boylan.

Ela dispôs cuidadosamente peras gordas, cabeça contra cabo, e entre elas tímidos pêssegos maduros.

Blazes Boylan andava de lá para cá em seus sapatos marrons novos pela loja recendendo a frutas, pegando as frutas, frescas suculentas enrugadas e tomates vermelhos gorduchos, aspirando os cheiros.

H. E. L. Y's desfilaram diante dele, de cartolas brancas, passando por Tangier Lane, arrastando-se em direção à sua meta.

Ele se virou de um cestinho de morangos, tirou um relógio de ouro do bolsinho de sua calça e o estendeu em todo o comprimento de sua corrente.

– Pode mandá-las de bonde? Agora?

Uma figura de costas escuras sob o Merchant's Arch examinava livros na carreta do vendedor ambulante.

– Certamente, senhor. É aqui na cidade?

– É sim – disse Blazes Boylan. – A dez minutos daqui.

A moça loura lhe entregou uma fatura e um lápis.

– O senhor pode escrever o endereço, por favor?

Blazes Boylan no balcão escreveu e empurrou a fatura para ela.

– Mande imediatamente, está bem? – disse. – É para uma inválida.

– Sim, senhor. Fique tranqüilo, senhor.

Blazes Boylan fez retinir alegremente o dinheiro no bolso de sua calça.

– Qual é o prejuízo? – perguntou.

Os dedos finos da moça loura contaram as frutas.

Blazes Boylan mergulhou os olhos no decote da blusa dela. Uma jovem franga. Pegou um cravo vermelho do comprido vaso de vidro.

– Este é para mim? – perguntou galantemente.

A loura olhou de lado para ele, erguido sem lhe dar importância, com a gravata meio torta, corando.

– Sim, senhor – disse ela.

Inclinando-se brevemente ela contou novamente as peras gordas e os pêssegos ruborizados.

Blazes Boylan olhou para o decote dela com um olhar de maior aprovação, tendo o talo da flor vermelha entre seus dentes sorridentes.

– Posso dar uma palavra em seu telefone, mocinha? – perguntou ele velhacamente.

\*\*\*

– *Ma!* – disse Almidano Artifoni.

Ele olhou por cima do ombro de Stephen para a cabeça encaroçada de Goldsmith.

Dois carros carregados de turistas passaram lentamente, suas mulheres sentadas à frente, agarrando os suportes das mãos. Caras pálidas. Os braços dos homens em volta das formas mirradas. Seus olhos iam de Trinity para o pórtico colunar escuro do banco da Irlanda onde pombos arrulhavam.

– *Anch'io ho avuto di queste idee* – disse Almidano Artifoni – *quand' ero giovine come Lei. Eppoi mi sono convinto che il mondo è una bestia. È peccato. Perchè la sua voce... sarebbe un cespite di rendita, via. Invece, Lei si sacrifica.*

– *Sacrifizio incruento* – disse Stephen sorrindo, balançando sua bengala em movimentos oscilatórios como de um pêndulo, levemente.

– *Speriamo* – disse amavelmente o rosto redondo bigodudo. – *Ma, dia: retta a me. Ci rifletta.*

Junto à mão rígida de pedra de Grattan, mandando parar, um bonde Inchiore descarregou soldados escoceses dispersos de uma banda.

– *Ci rifletterò* – disse Stephen, baixando os olhos para as calças compactas do maestro.

– *Ma, sul serio, eh?* – disse Almidano Artifoni.

Sua mão pesada segurou firmemente a de Stephen. Olhos humanos. Eles se posaram curiosamente por um instante e se voltaram rapidamente para o bonde de Dalkey.

– *Eccolo* – disse Almidano Artifoni com uma pressa amigável. – *Venga a trovarmi e ci pensi. Addio, caro.*

– *Arrivederla, maestro* – disse Stephen, erguendo o chapéu quando sua mão ficou livre. – *E grazie.*

– *Di che?* – disse Almidano Artifoni. – *Scusi, eh? Tante belle cose!*

Almidano Artifoni, segurando uma música enrolada como batuta para fazer sinal, trotou em suas calças resistentes para o bonde de Dalkey. Trotou em vão, fazendo sinal em vão em meio à turba de membros da banda militar escocesa de joelhos nus se insinuando com seus instrumentos de música através dos portões de Trinity.

\*\*\*

A senhorita Dunne escondeu o exemplar da biblioteca de Chapel Street, *A Mulher de Branco*, no fundo da gaveta e pôs no rolo da máquina de escrever uma folha espalhafatosa de papel de carta.

Um negócio misterioso demais nele. Será que ele está apaixonado por aquela Marion? Trocá-lo e pegar um outro de Mary Cecil Haye.

O disco deslizou pela ranhura, oscilou por um instante, parou e ficou de olho neles: seis.

A senhorita Dunne bateu no teclado:

– 16 de junho de 1904.

Cinco homens-sanduíche de cartolas brancas, entre a esquina de Monypeny e a laje em que não estava a estátua de Wolfe Tone, se esgueiraram contornando H. E. L. Y's e caminharam com dificuldade de volta por onde tinham vindo.

Então ela olhou fixamente para o cartaz grande de Marie Kendall, criada encantadora, e, se reclinando languidamente, rabiscou no bloco alguns dezesseis e esses maiúsculos. Cabelo mostarda e faces mal pintadas. Ela não é bonita, é? O jeito com que ela está segurando a ponta da saia. Eu me pergunto se aquele camarada vai estar esta noite na banda. Se eu pudesse fazer com que aquela costureira fizesse para mim uma saia sanfonada como a de Susi Nagle. Elas dão uma volta e tanto. Shannon e todos os figurões do iate clube nunca tiravam os olhos dela. Espero em Deus que ele não me retenha aqui até as sete.

O telefone soou asperamente em seus ouvidos.

– Alô. Sim, senhor. Não, senhor. Sim senhor. Eu vou ligar para eles depois das cinco. Só esses dois, senhor, para Belfast e Liverpool. Está bem, senhor. Então eu posso ir embora depois das seis se o senhor não estiver de volta. Quinze minutos depois. Sim, senhor. Vinte e sete shillings e seis pence. Eu direi a ele. Sim: um, sete, seis.

Ela escreveu às pressas três algarismos num envelope.

– Sr. Boylan! Alô! Aquele senhor do *Sport* esteve aqui procurando pelo senhor. O Sr. Lenehan, sim. Ele disse que estará no Ormond às quatro. Não, senhor. Sim, senhor. Eu vou ligar para eles depois das cinco.

\*\*\*

Duas bochechas rosadas se voltaram ao clarão da pequenina tocha.

– Quem está aí? – perguntou Ned Lambert. – É você Crotty?

– Ringabella e Crosshaven – replicou uma voz procurando às apalpadelas um apoio para os pés.

– Alô, Jack, então é você? – disse Ned Lambert, erguendo em saudação sua armação flexível de sarrafos entre os arcos bruxuleantes. – Venha. Cuidado ali com os degraus.

O fósforo Vesta na mão erguida do sacerdote se apagou com uma longa chama suave e foi jogado fora. Sua partícula vermelha morreu aos pés deles: e o ar bolorento os envolveu.

– Que interessante! – disse um sotaque requintado na escuridão.

– Sim, senhor – disse cordialmente Ned Lambert. – Nós estamos de pé na histórica câmara do conselho da abadia Santa Maria em que Silken Thomas se proclamou rebelde em 1534. Este é o local mais histórico de toda Dublin. O'Madden Burke vai escrever alguma coisa sobre isso um desses dias. O antigo banco da Irlanda ficava por aqui até a época da união e o templo original dos judeus ficava aqui também antes que eles construíssem sua sinagoga em Adelaide Road. Você nunca esteve aqui antes, não é Jack?

– Não, Ned.

– Ele desceu a cavalo por Dame Walk – disse o sotaque refinado –, se não me falha a memória. A mansão dos Kildares ficava em Thomas Court.

– É isso mesmo – disse Ned Lambert. – O senhor está absolutamente certo.

– Se o senhor puder ter a bondade – disse o sacerdote – de permitir que eu possa talvez na próxima vez...

– Certamente – disse Ned Lambert. – Traga a máquina fotográfica toda vez que o deseje. Eu vou mandar retirar esses sacos das janelas. O senhor pode tirar fotos daqui ou dali.

Na luz ainda fraca ele se moveu à volta, batendo de leve com seu sarrafo nos sacos de sementes empilhados e nos lugares propícios no chão.

De um rosto longo uma barba e um olhar se curvavam sobre um tabuleiro de xadrez.

– Eu lhe fico muito grato, Sr. Lambert – disse o sacerdote. – Não vou abusar de seu tempo precioso...

– Não há de quê, senhor – disse Ned Lambert. – Apareça toda vez que o deseje. Na

próxima semana, digamos. O senhor consegue ver?

– Sim, sim. Passe bem, Sr. Lambert. Tive muito prazer em conhecê-lo.

– O prazer foi todo meu, senhor – respondeu Ned Lambert.

Ele acompanhou seu convidado até a saída e então varejou seu sarrafo entre os pilares. Na companhia de J. J. O'Molloy ele avançou lentamente por Mary's Abbey onde carreteiros carregavam carroças com sacos de alfarroba e de farinha de coco de palmeira, O'Connor, Wexford.

Ele se deteve para ler o cartão em sua mão.

– O reverendo Hugh C. Love, Rathcoffey. Endereço atual: Saint Michael's, Sallins.

Um camarada jovem bem simpático que ele é. Ele está escrevendo um livro sobre os Fitzgeralds segundo me disse. Ele é, na verdade, muito entendido em história.

A moça despegou com morosa atenção de sua saia clara um graveto grudado nela.

– Eu pensei que você estivesse tramando uma nova conspiração da pólvora – disse J.

J. O'Molloy.

Ned Lambert estalou os dedos no ar.

– Por Deus! – gritou. – Eu esqueci de contar a ele aquela sobre o conde de Kildare depois que ele pôs fogo na catedral de Cashel. Você conhece essa? *Sinto muitíssimo ter feito isso*, diz ele, *mas declaro perante Deus que eu pensava que o arcebispo estivesse dentro dela*. Ele poderia não gostar muito disso, contudo. O quê? Por Deus, eu vou de qualquer jeito contá-la para ele. Esse era o grande conde, o Fitzgerald Mor. Indivíduos bem esquentados eram todos eles, esses Geraldines.

Os cavalos pelos quais ele passou estremeceram nervosamente sob seus arreios frouxos. Ele deu um tapa numa anca malhada trepidando perto dele e gritou:

– Uoa, filhote!

E ele se virou para J. J. O'Molloy e perguntou:

– Bem, Jack. O que é que há? Qual é o problema? Espere um pouco. Segure firme.

Com a boca escancarada e a cabeça jogada para trás ele permaneceu imóvel e, um instante depois, espirrou ruidosamente.

– Atchim! – disse ele. – Raios o partam!

– A poeira desses sacos – disse polidamente J. J. O'Molloy.

– Não – disse Ned Lambert com voz entrecortada –, eu peguei um... resfriado a noite passada... diabos o levem... anteontem... e havia uma corrente de ar desgraçada...

Ele segurou o lenço pronto para o que vinha...

– Eu estava... em Glasnevin esta manhã... coitadinho... como você o chama...

Atchim!... Minha mãe santa!

Tom Rochford pegou o disco de cima da pilha que ele comprimia de encontro ao seu colete cor de clarete.

– Viu? – disse ele. – Digamos que seja a vez do seis. Ponha-o aqui, veja. Número em Curso.

Ele fez deslizar para eles na abertura à esquerda o disco que caiu no encaixe, oscilou por um instante, parou, olhando-os amorosamente: seis.

Magistrados do passado, pleiteando altivos, viram passar do escritório consolidado da receita para a corte Nisi Prius Richie Goulding carregando sua pasta de Goulding, Collis e Ward e ouviram farfalhar da divisão da Marinha do Tribunal Superior de Justiça para a Corte de Apelação uma mulher idosa com dentes falsos sorrindo incredulamente e uma saia de seda preta de grande amplitude.

– Viu? – disse ele. – Veja agora o último que eu introduzi está agora aqui: Números Aparecidos. O impacto. Efeito de alavanca, compreende?

Ele lhes mostrou a coluna de discos que subia à direita.

– Que idéia engenhosa – disse Nosey Flynn, fungando. – Assim um indivíduo chegando atrasado pode ver qual o número que está acontecendo e os que já aconteceram.

– Viu? – disse Tom Rochford.

Ele fez deslizar um disco para si mesmo: e o observou cair, oscilar, ficar de olho neles, parar: quatro. Número Agora Em Curso.

– Eu vou vê-lo agora no Ormond – disse Lenehan – e sondá-lo. Um favor merece outro.

– Faça isso – disse Tom Rochford. – Diga a ele que estou Boylan de impaciência.

– Boa-noite – disse M’Coy abruptamente. – Quando vocês dois começam...

Nosey Flynn se inclinou sobre a alavanca, fungando nela.

– Mas como é que funciona aqui, Tommy? – perguntou.

– Turalu – disse Lenehan. – Vejo vocês mais tarde.

Ele saiu com M’Coy atravessando a praça minúscula de Crampton Court.

– Ele é um herói – disse simplesmente.

– Eu sei – disse M’Coy. – O bueiro, você quer dizer.

– Bueiro? – disse Lenehan. – Estava embaixo de um tampão de esgoto.

Eles passaram pelo teatro de variedades de Dan Lowry onde Marie Kendall, a encantadora criada, sorria de um cartaz para eles com um sorriso lambuzado.

Descendo pelo atalho de Sycamore Street ao lado do teatro de variedades Empire Lenehan mostrou a M’Coy como tudo se passou. Um desses esgotos como uma miserável tubulação de gás e ali estava o pobre-diabo enfiado lá embaixo, meio sufocado com o gás do esgoto. Tom Rochford desceu de qualquer jeito, com aquela veste cheia de bolsos com apostas e tudo o mais, com uma corda em volta de si. E macacos me mordam ele pôs a corda em volta do pobre-diabo e os dois foram arrastados para cima.

– O ato de um herói – disse.

No Dolphin eles pararam para permitir que a ambulância passasse a galope por eles em direção a Jervis Street.

– Por aqui – disse ele, caminhando para a direita. – Eu quero dar um pulo em Lynam



para ver a cotação inicial do Cetro. Que horas são em seu relógio e corrente de ouro?

M’Coy examinou o escritório sombrio de Marcus Tertius Moses, em seguida o relógio de O’Neill.

– Passa das três – disse. – Quem a está montando?

– O. Madden – disse Lenehan. – E uma potranca valente ela é.

Enquanto esperava no bar Temple M’Coy desviou com suaves empurrões do pé uma casca de banana da calçada para a sarjeta. Um indivíduo podia facilmente levar um tombo dos diabos vindo por ali meio bêbado na escuridão da noite.

Os portões do parque se escancararam para dar passagem à cavalgada do vice-rei.

– Ao par – disse Lenehan retornando. – Eu esbarrei em Bantam Lyons ali que ia apostar num desgraçado de um cavalo que alguém lhe indicou e que não tem nenhuma chance. Por aqui.

Eles subiram os degraus e passaram por baixo do Merchant’s Arch. Uma figura de costas escuras folheava livros na carroça do vendedor ambulante.

– Lá está ele – disse Lenehan.

– Eu me pergunto o que ele estará comprando – disse M’Coy, olhando para trás.

– *Leopoldo ou o Bloom está no campo de centeio* – disse Lenehan.

– Ele é doido por sebos – disse M’Coy. – Eu estava um dia com ele e ele comprou um livro de um velho por duas libras. Havia gravuras lindas nele que valiam o dobro do preço, estrelas e a lua e cometas com longas caudas. Era sobre astronomia.

Lenehan riu.

– Vou lhe contar uma danada de boa sobre caudas de cometas – disse. – Caminhemos ao sol.

Eles atravessaram a ponte de metal e seguiram por Wellington Quay junto à amurada do rio.

O jovem senhor Patrick Aloysius Dignam saiu do Mangan’s, ex-Fehrenbach’s, carregando uma libra e meia de costeletas de porco.

– Houve uma longa festa no reformatório de Glencree – disse Lenehan entusiasmado.

– O jantar anual, sabe. Um negócio de traje de festa. O prefeito de Londres estava lá, era Val Dillon, e sir Charles Cameron e Dan Dawson falaram e houve música. Bartell d’Arcy cantou e Benjamin Dollard...

– Eu sei – interrompeu M’Coy. – Minha mulher cantou certa vez lá.

– É mesmo? – disse Lenehan.

Um cartão *Apartamentos não-mobiliados* reapareceu na vidraça da janela do número 7 de Eccles Street.

Ele parou de repente a história e soltou uma risada asmática.

– Mas espere até que eu lhe conte – disse. – Delahunt de Camden Street era o fornecedor de alimento e este seu criado era o principal lacaio. Bloom e sua mulher estavam lá. Uma quantidade de coisas nos foram oferecidas: vinho do Porto e xerez e curaçau aos quais nós fizemos amplamente justiça. Rápida e vorazmente. Depois dos líquidos vieram os sólidos. Carnes frias em abundância e tortinhas doces...

– Eu sei – disse M’Coy. – No ano em que a patroa esteve lá...

Lenehan enfiou calorosamente o braço no dele.

– Mas espere até que eu lhe conte – disse. – Fizemos também um almoço de meia-noite depois de toda aquela folia e quando saímos impetuosamente já era uma hora melancólica da manhã seguinte à noite anterior. Vindo para a casa tínhamos uma esplêndida noite de inverno no monte Featherbed. Bloom e Chris Callinan estavam de um lado do carro e eu estava com a mulher dele no outro. Começamos a cantar canções para mais vozes e duetos: *Vejam, o primeiro raio de luz da manhã*. Ela estava bem alta com uma boa dose de Porto Delahunt em sua barriga. A cada solavanco que o desgraçado do carro dava ela caía de encontro a mim. Que prazer infernal! Ela tem um bom par, Deus a abençoe. Daquele jeito.

Ele manteve as mãos côncavas a um cúbito de distância, franzindo a testa:

– O tempo todo eu aconchegava a coberta por baixo dela e ajeitava o seu boá. Está entendendo o que eu quero dizer?

Suas mãos modelaram curvas amplas no ar. Ele fechou os olhos bem fechados em encantamento, encolhendo o corpo, e soltou de seus lábios um trinado.

– O rapaz mantinha de qualquer jeito a atenção – disse com um suspiro. – Ela é uma égua sensacional sem dúvida alguma. Bloom apontava para Chris Callinan e o cocheiro todas as estrelas e cometas no céu: a Grande Ursa e Hércules e o Dragão, e toda aquela confusão. Mas, por Deus, eu estava perdido, por assim dizer, na Via Látea. Ele as conhece bem, na verdade. Finalmente ela avistou uma mínima minúscula milhas distante. *E que estrela é aquela, Poldy?*, disse ela. Não é que ela pôs Bloom contra a parede. *Aquela, não é?*, disse Chris Callinan, *certamente aquela é apenas o que você poderia chamar de uma alfinetada*. Por Deus, ele não estava muito longe da verdade.

Lenehan parou e se inclinou para o paredão, arquejando com um riso suave.

– Estou fraco – disse com voz entrecortada.

O rosto branco de M’Coy sorriu com aquilo por instantes e depois ficou sério. Lenehan voltou novamente a andar. Ele tirou seu boné de iatismo e coçou rapidamente a nuca. Olhou sob o sol de lado para M’Coy.

– Ele é um homem de cultura versátil, Bloom – disse seriamente. – Ele não é um desses homens comuns... você sabe... Há um toque do artista no velho Bloom.

\*\*\*

O Sr. Bloom virou negligentemente páginas de *As Terríveis Revelações de Maria Monk*, em seguida de *A Obra-Prima* de Aristóteles. Impressão atamancada e tortuosa. Chapas fotográficas: bebês enroscados numa bola em ventres cheios de sangue como fígados de vacas recentemente abatidas. Uma porção deles dessa maneira neste momento no mundo inteiro.

Todos empurrando com seus crânios para sair dali. Uma criança nascendo a todo minuto em algum lugar. Sra. Purefoy.

Ele pôs seus dois livros de lado e lançou os olhos para o terceiro: *Contos do Gueto*, de Leopold von Sacher Masoch.

– Esse eu tinha – disse, empurrando-o para o lado.

O vendedor deixou dois volumes caírem sobre o balcão.

– Esses dois são bem bons – disse.

Cebolas de seu hálito vinham através do balcão de sua boca devastada. Ele se inclinou para fazer um embrulho dos outros livros, abraçou-os de encontro ao seu colete desabotoado e levou-os para trás da cortina encardida.

Na ponte O'Connell muitas pessoas observavam a postura circunspeta e o traje alegre do Sr. Denis J. Maginni, professor de dança &c.

O Sr. Bloom, sozinho, olhou para os títulos. *Belos Tiranos*, de James Lovebirch. Conheço o gênero desse. Tinha? Sim.

Ele o abriu. Era o que pensava.

Uma voz de mulher por trás da cortina encardida. Ouça: o homem.

Não: ela não ia gostar muito desse. Dei para ela certa vez.

Ele leu o outro título: *Doçuras do Pecado*. Mais na linha dela. Vejamos.

Ele leu onde seu dedo abriu.

– *Todas as notas de dólar que seu marido lhe deu foram gastas em lojas com vestidos maravilhosos e anáguas com babados caríssimas. Para ele! Para Raoul!*

Sim. Este. Aqui. Experimentar.

– *Sua boca grudou na dele com um beijo voluptuoso e suculento enquanto as mãos dele apalpavam as curvas opulentas por dentro do seu déshabillé.*

Sim. Levar este. Ponto final.

– *Você está atrasada, disse ele roucamente, lançando-lhe um olhar desconfiado.*

*A bela mulher tirou apressadamente sua manta adornada de zibelina, exibindo seus ombros majestosos e sua corpulência arquejante. Um sorriso imperceptível brincou em seus lábios perfeitos enquanto ela se voltava calmamente para ele.*

O Sr. Bloom leu novamente: *A bela mulher...*

Uma sensação de calor o invadiu gentilmente, intimidando sua carne. Carne que cedia totalmente entre as roupas amarfanhadas: os brancos dos olhos desfalecendo. As narinas dele se arquearam farejando a presa. Ungüentos fundindo nos seios (*para ele! para Raoul!*). Suor acebolado das axilas. Muco de cola de peixe (*sua corpulência excessiva*). Apalpe! Comprima! Amassada! Por Cristo! Excremento de leões cheirando a enxofre!

Jovem! Jovem!

Uma mulher idosa, não mais jovem, saiu do edifício das cortes do Tribunal do Lorde Chanceler, do Tribunal Superior de Justiça, do Ministério das Finanças e das Ações Judiciais Comuns, tendo ouvido na corte do presidente da câmara dos pares o caso de loucura de Potterton, na divisão do direito marítimo as citações judiciais, uma moção unilateral, dos proprietários de lady Cairns *versus* os proprietários do veleiro Mona, na corte de apelação a restrição de julgamento no caso de Harvey *versus* a Companhia de Seguros Marítimos Ocean Accident.

Tosses encatarradas sacudiram o ar da livraria, estufando as cortinas encardidas. A cabeça grisalha despenteada do livreiro apareceu assim como seu rosto barbudo avermelhado, tossindo. Ele limpou com força a garganta, cuspiu catarro no chão. Colocou sua bota no catarro que cuspira, esfregando sua sola nele, e se curvou, mostrando uma cabeça tosada cercada de cabelos escassos.

O Sr. Bloom a contemplou.

Controlando sua respiração perturbada, ele disse:

– Eu levo este.

O livreiro ergueu os olhos lacrimejantes com reuma antiga.

– *Doçuras do Pecado* – disse ele, dando um tapinha no livro. – Esse é bem bom.

\*\*\*

Na porta das salas de leilão Dillon o porteiro sacudiu a sineta novamente duas vezes e se mirou no espelho coberto de giz do gabinete.

Dilly Dedalus, junto do meio-fio escutando, ouviu os toques da sineta, os gritos do leiloeiro dentro. Quatro shillings e nove pence. Aquelas bonitas cortinas. Cinco shillings. Cortinas aconchegantes. Vendidas novas a dois guinéus. Alguém dá mais do que cinco shillings? Vendidas por cinco shillings.

O porteiro ergueu sua sineta e a sacudiu:

– Triim!

A detonação da sineta da última volta incitou o arranco dos ciclistas da corrida de meia milha. J. A. Jackson, W. E. Wylie A. Munro e H. T. Gahan, com seus pescoços esticados oscilantes, transpuseram a curva da biblioteca do College.

O Sr. Dedalus, puxando o longo bigode, chegava de William's Row. Ele se deteve junto à filha.

– Já era hora – disse ela.

– Estique o corpo pelo amor do senhor Jesus – disse o Sr. Dedalus. – Será que você está tentando imitar seu tio John, o cornetista, com a cabeça enfiada nos ombros? Que tristeza, meu Deus!

Dilly sacudiu os ombros. O Sr. Dedalus pousou as mãos neles e os puxou para trás.

– Fique reta, menina – disse. – Você vai acabar com um arqueamento da coluna. Sabe o que você parece?

Ele deixou sua cabeça cair subitamente avançando para a frente, curvando os ombros e deixando cair seu maxilar inferior.

– Pare com isso, pai – disse Dilly. – Todo mundo está olhando para você.

O Sr. Dedalus se empertigou todo e puxou novamente o bigode.

– Você conseguiu algum dinheiro? – perguntou Dilly.

– Onde é que eu iria conseguir dinheiro? – disse o Sr. Dedalus. – Não há ninguém em Dublin que me empreste sequer quatro pence.

– Você tem algum – disse Dilly, o olhando nos olhos.

– Como é que você sabe? – perguntou o Sr. Dedalus, com ironia.

O Sr. Kernan, satisfeito com a encomenda que tinha feito, caminhou altaneiramente por James Street.

– Eu sei que sim – respondeu Dilly. – Você esteve agora no Scotch House?

– Não estive, não – disse o Sr. Dedalus, sorrindo. – Foram as freirinhas que lhe ensinaram a ser insolente? Tome.

Entregou-lhe um shilling.

– Veja se você pode fazer alguma coisa com isso – disse.

– Suponho que você conseguiu cinco – disse Dilly. – Me dê mais do que isso.

– Espere um pouco – disse o Sr. Dedalus ameaçadoramente. – Você é como todas as outras, não é? Um bando insolente de putinhas desde que sua mãe morreu. Mas espere um pouco. Vou ignorar vocês todas por muito tempo. Sórdida patifaria! Eu vou ficar livre de vocês. Vocês não se importariam de me ver estendido duro no chão. Ele está morto. O homem lá em cima está morto.

Ele a deixou para trás e seguiu em frente. Dilly o acompanhou rapidamente e o puxou pelo casaco.

– Bem, o que é que há? – disse ele, parando.

O porteiro tocou sua sineta atrás das costas deles.

– Triiim!

– Que sua maldita alma barulhenta seja amaldiçoada – gritou o Sr. Dedalus, se voltando para ele.

O porteiro, consciente do comentário, sacudiu de leve o badalo pendente de sua sineta.

– Trim.

O Sr. Dedalus o encarou.

– Observe o que ele faz – disse. – É instrutivo. Eu me pergunto se ele vai permitir que nós conversemos.

– Você conseguiu mais do que isso, pai – disse Dilly.

– Eu vou lhe mostrar um pequeno truque – disse o Sr. Dedalus. – Eu vou deixar todas vocês onde Jesus deixou os judeus. Olhe, isso é tudo que tenho. Eu consegui dois shillings de Jack Power e gastei dois pence com a barba que foi feita para o enterro.

Ele retirou um punhado de moedas de cobre, nervosamente.

– Será que você não pode procurar algum dinheiro em algum lugar? – disse Dilly.

O Sr. Dedalus pensou e acenou afirmativamente com a cabeça.

– Eu vou fazer isso – disse seriamente. – Procurei na sarjeta em O’Connell Street. Vou procurar nesta aqui agora.

– Você é muito engraçado – disse Dilly, com um sorriso forçado.

– Tome – disse o Sr. Dedalus, entregando dois pennies a ela. – Compre um copo de leite para você e um pãozinho doce ou coisa semelhante. Daqui a pouco eu vou para casa.

Ele pôs as outras moedas no bolso e começou a andar.

A cavalgada do vice-rei, saudada por policiais solícitos, saiu pelo portão do Parque.

– Tenho certeza que você tem um outro shilling – disse Dilly.

O porteiro tocou com força a sineta.

O Sr. Dedalus partiu em meio ao alarido, murmurando suavemente consigo mesmo com uma boca afetada franzida:

– As freirinhas! Boazinhas como elas só! Ó, por certo elas não iam querer fazer nada!

Ó, por certo elas não iam realmente querer! Seria a pequena irmã Mônica!

\*\*\*

Satisfeito com a encomenda que tinha feito para Pulbrook Robertson, o Sr. Kernan caminhou do relógio solar para o portão de James, altaneiramente ao longo de James Street, passando pelos escritórios de Shackleton. Eu consegui o que queria direitinho. Como vai, Sr. Crimmins? Melhor não é possível, senhor. Eu estava com medo que o senhor estivesse em seu outro estabelecimento em Pimlico. Como vão as coisas? Apenas sobrevivendo. Como o tempo anda bonito. É sim, realmente. Bom para o campo. Aqueles fazendeiros andam sempre resmungando. Eu vou só tomar uma dose minúscula do seu melhor gim, Sr. Crimmins. Uma dose pequena, senhor. Sim, senhor. Terrível aquele negócio da explosão do *General Slocum*. Terrível, terrível! Mil vítimas do acidente. E cenas de cortar o coração. Homens pisando em mulheres e crianças. Uma coisa extremamente brutal. O que é que disseram sobre a causa? Combustão espontânea. Uma revelação bastante escandalosa. Nenhum único barco salva-vidas conseguiu flutuar e a mangueira de incêndio toda estourada. O que eu não posso entender é como os inspetores permitiram um barco como esse... Agora o senhor está falando certo, Sr. Crimmins. Sabe por quê? Suborno. Isso é verdade? Sem dúvida alguma. Bem, ora vejam só. E dizem que a América é a terra das pessoas livres. Eu pensava que era aqui que as coisas não funcionavam.

Eu sorri para ele. *América*, disse calmamente, desse jeito. *O que é? Os lixos de todos os países inclusive do nosso. Não é verdade?* Isso é um fato.

Suborno, meu caro senhor. Bem, naturalmente, onde há dinheiro circulando há sempre alguém para pegá-lo.

Eu o vi olhando para minha sobrecasaca. A roupa faz isso. Nada como uma aparência elegante. Isso os impressiona.

– Alô, Simon – disse padre Cowley. – Como vão as coisas?

– Alô, Bob, meu velho – respondeu o Sr. Dedalus, parando.

O Sr. Kernan parou e se ajeitou diante do espelho inclinado do barbeiro Peter Kennedy. Um casaco alinhado, fora de dúvida. Scott de Dawson Street. Bem merecido o meio soberano que dei a Neary por ele. Nunca feito por menos de três guinéus. Assenta-me às mil maravilhas. Era provavelmente de algum figurão do clube de Kildare Street. John Mulligan, o gerente do Hibernian Bank, me lançou um olhar atento ontem na ponte Carlisle como se estivesse se lembrando de mim.

Aha! É preciso vestir bem o personagem para esses camaradas. Cavaleiro da estrada. Cavalheiro. E agora, Sr. Crimmins, podemos ter a honra de contá-lo novamente como freguês,

senhor. A taça que alegra mas não embebeda, conforme o antigo ditado.

North Wall e o cais de John Rogerson, com quilhas de barcos e correntes de âncoras, navegando para oeste, navegado por um esquife, um volante amarrotado, balançando na esteira da balsa, Elias está chegando.

O Sr. Kernan deu um olhar de despedida à sua imagem. Tez afogueada, naturalmente. Bigode grisalho. Oficial indiano de volta. Bravamente ele inclinou seu corpo atarracado sobre pés com polainas, aprumando os ombros. Aquele ali do outro lado é o irmão de Lambert, Sam? O quê? Sim. É ele cuspidado e escarrado. Não. O pára-brisa daquele automóvel ali no sol. Só um clarão assim. Danado de parecido com ele.

Aha! A bebida quente do suco de junípero aqueceu seus órgãos vitais e seu hálito. Um bom gole de gim, isso é que era. As abas de sua sobrecasaca piscaram à luz clara do sol para seu andar empertigado.

Ali Emmet fora enforcado, eviscerado e esquartejado. Corda preta sebosa. Cães lambendo o sangue da rua quando a mulher do vice-rei passava na sua carruagem.

Maus tempos aqueles. Ora, ora. Inteiramente liquidado. Grandes beberrões também. Homens de quatrogarrafas.

Vejamos. Ele está enterrado em São Michan? Ou não, houve um enterro à meia-noite em Glasnevin. Cadáver trazido através de uma porta secreta no muro. Dignam está lá agora. Ele se foi num sopro. Ora, ora. Melhor dobrar aqui. Fazer um desvio.

O Sr. Kernan virou e desceu a ladeira de Watling Street na esquina dos salões de espera dos visitantes de Guinness. Do lado de fora dos armazéns da Companhia de Destiladores de Dublin estava um carro sem passageiro ou cocheiro, com as rédeas atadas à roda. Uma coisa tremendamente perigosa. Algum cara imprestável de Tipperary ameaçando as vidas dos cidadãos. Um cavalo desembestado.

Denis Breen com seus tomos, cansado de ter esperado uma hora no escritório de John Henry Menton, conduziu sua mulher pela ponte O'Connell, com destino ao escritório dos senhores Collis e Ward.

O Sr. Kernan se aproximou de Island Street. Épocas de distúrbios. Preciso pedir a Ned Lambert que me empreste aquelas reminiscências de sir Jonah Barrington. Quando se olha para tudo isso agora numa espécie de ordenação retrospectiva. Apostar em Daly. Nenhuma trapaça então. Um daqueles homens teve sua mão pregada na mesa por uma adaga. Em algum lugar aqui lorde Edward Fitzgerald escapou do major Sirr. Estábulos atrás da Moira House.

Um gim danado de bom aquele.

Um admirável nobre jovem arrojado. De boa cepa, naturalmente. Aquele rufião, aquele falso escudeiro, com suas luvas violeta o denunciou. É evidente que estavam do lado errado. Eles surgiram em dias tenebrosos e calamitosos. Um belo poema esse: Ingram. Eles eram cavalheiros. Ben Dollard canta essa balada de maneira comovedora. Uma interpretação magistral.

*No cerco de Ross meu pai caiu.*

Uma cavalgada a trote lento passou pelo cais de Pembroke, batedores saltando, saltando em suas, em suas selas. Sobrecasacas. Sombrinhas creme.

O Sr. Kernan se apressou, soprando ofegante.



Sua Excelência! Que pena! Perdido por um segundo. Droga! Que pena!

\*\*\*

Stephen Dedalus observou através das teias de aranha da janela os dedos do lapidário que examinavam uma corrente deslustrada pelo tempo. Poeira cobria a janela e as bandejas de mostruário. Poeira escurecia os dedos que se moviam penosamente com suas unhas de abutre. Poeira dormitava sobre os espirais inertes de bronze e prata, os losangos de cinábrio, sobre rubis, pedras escamosas e cor de vinho escuro.

Tudo isso nascido na terra escura e carcomida, centelhas de fogo congeladas, luzes malignas brilhando na escuridão. Onde os arcanjos degradados lançaram as estrelas de suas fronteiras. Focinhos enlameados de porcos, mãos que fossam e fossam, agarram e os arrebentam.

Ela dança na escuridão imunda em que a resina arde com alho. Um marinheiro, com barba cor de ferrugem, sorve rum de um copo grande e a observa. Muda concupiscência por muito tempo alimentada pelo mar. Ela dança, salta, sacudindo suas ancas suínas e seus quadris, e seu ventre obscuro no qual se agita um rubi grande como um ovo.

O velho Russell com um trapo de camurça seboso lustrava novamente sua pedra preciosa, a revirava e a segurava na altura da ponta de sua barba de Moisés para examiná-la. Avô macaco olhando com cobiça para um tesouro roubado.

E você que arranca velhas imagens da terra sepulcral? As palavras insanas dos sofistas: Antístenes. Uma doutrina de drogas. Trigo imortal do Oriente permanecendo de todo o sempre para todo o sempre.

Duas mulheres idosas recém-vindas de seu bafejo do mar se arrastavam através de Irishtown seguindo pela London Bridge Road, uma com um guarda-chuva cansado coberto de areia, a outra com uma sacola de parteira na qual sacolejavam onze conchas.

O zumbido das correias de transmissão de couro e o zumbido dos dínamos da usina elétrica incitaram Stephen a prosseguir. Seres privados de ser. Pare! Pulsação sempre fora de você e a pulsação sempre dentro de você. Seu coração você celebra. Eu entre eles. Onde? Entre dois mundos vociferantes em que eles rodopiam, eu. Estilhaça-los, os dois. Mas me atordoar também com o golpe. Estilhace-me você que pode. Alcoviteiro e carrasco eram as palavras. Ora essa! Não por enquanto. Uma olhadela à volta.

Sim, verdadeiríssimo. Muito grande e maravilhoso e trabalha com uma precisão incrível. O senhor está certo, senhor. Uma segunda-feira de manhã. Foi isso, realmente.

Stephen desceu por Bedford Row, com o cabo da bengala martelando sua omoplata. Na vitrine de Clohissey uma gravura empalidecida de 1860 de Heenan lutando boxe com Sayers reteve seu olhar. Em volta das cordas do ringue de boxe apostadores com chapéus altos

acompanhavam com os olhos. Os pesos-pesados de tangas justas exibiam um ao outro os punhos bulbosos. E eles estão pulsando: os corações dos heróis.

Ele se virou e se deteve junto à carreta de livros inclinada.

– Dois pence cada – disse o vendedor ambulante. – Quatro por seis pence.

Páginas rasgadas. *The Irish Beekeeper Journal. Vida e Milagres do Cura de Ars. Guia de Bolso para Killarney.*

Talvez eu pudesse encontrar aqui um dos meus prêmios escolares penhorados. *Stephano Dedalo, alumno optimo, palmam ferenti.*

Tendo lido suas pequenas horas canônicas, padre Conmee caminhou através da aldeia de Donnycarney, murmurando as vésperas.

Encadernação provavelmente boa demais. O que é isto? Livro oitavo e nono de Moisés. Segredo de todos os segredos. Selo do rei Davi. Páginas manuseadas: lidas e relidas. Quem passou por aqui antes de mim? Como amaciar mãos ásperas. Receita de vinagre de vinho branco. Como conquistar o amor de uma mulher. Para mim este. Dizer o talismã seguinte três vezes com as mãos juntas:

– *Se el yilo nebrakada femininum! Amor me solo! Sanktus! Amen.*

Quem escreveu isto? Palavras mágicas e invocações do mais abençoado abade Peter Salanka divulgadas a todos os verdadeiros crentes. Tão boas quanto quaisquer outras palavras mágicas de um abade, como as murmuradas de Joaquim. Para baixo, cabeçacalva, ou nós vamos tosquiar seu cabelo.

– O que você está fazendo aqui, Stephen?

Os ombros altos de Dilly e seu vestido surrado.

Feche o livro rapidamente. Não deixe ver.

– O que você está fazendo? – disse Stephen.

Um rosto Stuart sem igual de Carlos, com mechas de cabelo lisas de cada lado. Reluzia enquanto ela se agachava para alimentar o fogo com botas destruídas. Eu falei a ela sobre Paris. O deitar na cama tarde debaixo de um acolchoado de sobretudos velhos, tocando com os dedos um bracelete fantasia, uma lembrança de Dan Kelly. *Nebrakada femininum.*

– O que é que você tem aí? – perguntou Stephen.

– Eu o comprei na outra carreta por um penny – disse Dilly, rindo nervosamente. – E por acaso ele é bom?

Dizem que ela tem os meus olhos. Será que os outros me vêem assim? Rápidos, distantes e atrevidos. Sombra da minha mente.

Ele tomou o livro sem capa da mão dela. Manual de francês de Chardenal para iniciantes.

– Por que você comprou isso? – perguntou. – Para aprender francês?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, corando e apertando os lábios.

Não mostre surpresa. Fique bem natural.

– Tome – disse Stephen. – Tudo bem. Preste atenção para que Maggy não o ponha no prego. Suponho que todos os meus livros já se foram.

– Alguns – disse Dilly. – Nós fomos forçados.

Ela está se afogando. Remorso. Salve-a. Remorso. Tudo contra nós. Ela vai me afogar

com ela, olhos e cabelo. Caracóis de cabelos lisos de alga marinha à minha volta, meu coração, minha alma. Morte verde salgada.

Nós.

Remorso de consciência. De consciência remorso.

Desgraça! Desgraça!

\*\*\*

– Alô, Simon – disse padre Cowley. – Como vão as coisas?

– Alô, Bob, meu velho – respondeu o Sr. Dedalus, parando.

Eles apertaram as mãos ruidosamente do lado de fora de Reddy and Daughter. Padre Cowley escovou para baixo várias vezes seu bigode com a mão em concha.

– Quais são as melhores notícias? – disse o Sr. Dedalus.

– Ora na verdade nada de muito novo – disse padre Cowley. – Eu estou entrincheirado, Simon, com dois homens rondando a casa e tentando entrar.

– Nossa – disse o Sr. Dedalus. – Quem são eles?

– Ó – disse padre Cowley. – Um homem usurário de nossas relações.

– Com uma corcunda, não é? – perguntou o Sr. Dedalus.

– Esse mesmo, Simon – respondeu padre Cowley. – Reuben daquela espécie. Estou só esperando Ben Dollard. Ele vai dar uma palavra ao Long John para conseguir que ele retire esses dois homens. Só o que eu quero é um pouco de tempo.

Ele olhou com pouca esperança acima e abaixo do cais, com uma grande maçã se avolumando no seu pescoço.

– Eu sei – disse o Sr. Dedalus, confirmando com a cabeça. – Pobre manco velho Ben! Ele está sempre prestando serviço a alguém. Agüente firme!

Ele pôs os óculos e olhou por um instante em direção da ponte de metal.

– Aqui está ele, por Deus – disse –, traseiro e bolsos inclusive.

O fraque folgado azul e o chapéu alto de Ben Dollard acima das calças largas cruzaram o cais com passo largo vindos da ponte de metal. Ele veio em direção a eles a furta-passo coçando energicamente por baixo das abas do casaco.

Como ele se aproximasse o Sr. Dedalus o saudou:

– Segure esse homem com calças que não prestam.

– Segure-o agora – disse Ben Dollard.

O Sr. Dedalus olhou com um desprezo peregrino e frio para vários pontos da figura de Ben Dollard. Em seguida, voltando-se para padre Cowley com um aceno, murmurou zombeteiramente:

– Essa é que é uma roupa bonita, não é, para um dia de verão?

– Ora, que Deus amaldiçoe eternamente a sua alma – rosnou Ben Dollard furiosamente –, eu joguei fora mais roupas no meu tempo do que você jamais viu.

Ele permaneceu ao lado deles sorrindo para eles e para suas roupas amplas das quais o Sr. Dedalus removia felpas, dizendo:

– De qualquer maneira, elas foram feitas para um homem em pleno gozo de saúde, Ben.

– Azar para o judeu que as fez – disse Ben Dollard. – Graças a Deus ele ainda não foi pago.

– E como vai esse *basso profundo*, Benjamin? – perguntou padre Cowley.

Cashel Boyle O’Connor Fitzmaurice Tisdall Farrell, murmurando, de olhos vidrados, passou a passos largos pelo clube de Kildare Street.

Ben Dollard franziu a testa e, fazendo subitamente a boca de um cantor de coro, soltou uma nota profunda.

– Au! – disse.

– Esse é o estilo – disse o Sr. Dedalus, aprovando-a.

– O que vocês me dizem disso? – disse Ben Dollard. – Não está enferrujada demais? Que tal?

– Serve – disse padre Cowley, aprovando também com a cabeça.

O reverendo Hugh C. Love saiu da casa do cabido da abadia Santa Maria passando por James e Charles Kennedy, retificadores, assessorado por Geraldines altos e bem-apegoados, em direção ao Tholsel além de Ford of Hurdles.

Ben Dollard com uma inclinação pronunciada em direção à fachada das lojas os conduzia, elevando os dedos alegres no espaço.

– Venham comigo ao escritório do subxerife – disse ele. – Quero lhes mostrar a nova beldade que Rock arrumou como meirinho. Ele é um cruzamento de Lobengula com Lynchehaun. Ele merece ser visto, prestem bem atenção. Venham. Eu vi John Henry Menton casualmente na Bodega ainda há pouco e vai me provocar uma queda se eu não... Esperem um pouco... Nós estamos na direção certa, acreditem em mim. Bob, acredite.

– Diga a ele que é só por alguns dias – disse padre Cowley ansiosamente.

Ben Dollard se deteve e mirou, com seus ouvidos bem abertos, um botão de seu casaco pendente de seu fio balançando brilhante para trás enquanto para ouvir melhor ele limpava as densas secreções que estorvavam seus olhos.

– Que poucos dias? – retumbou ele. – Não é verdade que o seu senhorio o embargou devido ao aluguel?

– É sim – disse padre Cowley.

– Então a intimação do nosso amigo não vale nem pelo papel em que está impressa – disse Ben Dollard. – O proprietário tem prioridade de direito. Eu dei a ele todos os pormenores. Windsor Avenue, 29. O nome é Love?

– É esse mesmo – disse padre Cowley. – O reverendo Sr. Love. Ele é pastor em algum lugar do país. Mas o senhor tem certeza disso?

– Você pode dizer de minha parte a Barrabás – disse Ben Dollard – que ele pode pôr

a intimação onde Jacó pôs as nozes.

Ele avançou com padre Cowley enlaçado ao seu corpanzil.

– Eram avelãs eu creio – disse o Sr. Dedalus, os seguindo enquanto punha seus óculos no bolso da frente do casaco.

\*\*\*

– Vai dar tudo certo para o jovem – disse Martin Cunningham, enquanto eles atravessavam o portão de Castleyard.

O policial tocou sua testa.

– Deus o abençoe – disse o Sr. Cunningham, alegremente.

Ele fez um sinal para o cocheiro que aguardava e que incitou o cavalo com as rédeas e partiu para Lord Edward Street.

Bronze ao lado de ouro, a cabeça da senhorita Kennedy ao lado da cabeça da senhorita Douce aparecia acima da veneziana do hotel Ormond.

– Sim – disse Martin Cunningham, passando os dedos na barba. – Eu escrevi ao padre Conmee e expus a ele toda a situação.

– Você podia tentar o nosso amigo – sugeriu o Sr. Power se voltando para trás.

– Boyd? – disse Martin Cunningham secamente. – Não me toque.

John Wyse Nolan, se arrastando atrás, lendo a lista, descia rapidamente por Cork Hill.

Descendo os degraus de City Hall, o conselheiro Nannetti cumprimentou Alderman Cowley e o conselheiro Abraham Lyon que subiam.

O carro do castelo rodou vazio por Exchange Street adentro.

– Olhe aqui, Martin – disse John Wyse Nolan, ao alcançá-los no escritório do *Dublin Evening Mail*. – Estou vendo que Bloom se inscreveu com cinco shillings.

– Isso mesmo – disse Martin Cunningham, tomando a lista. – E também pagou os cinco shillings.

– Sem outra palavra também – disse o Sr. Power.

– Estranho, mas verdadeiro – acrescentou Martin Cunningham.

John Wyse Nolan abriu os olhos bem abertos.

– Olhe só, há muita bondade no judeu – citou, elegantemente.

Eles desceram por Parliament Street.

– Olhe ali Jimmy Henry – disse o Sr. Power, se dirigindo exatamente para Kavanagh.

– Está certo – disse Martin Cunningham. – Lá vai ele.

Do lado de fora da Maison Claire Blazes Boylan abordava o cunhado de Jack

Mooney, corcunda, bêbado, que se dirigia para as Liberdades.

John Wyse Nolan esperou pelo Sr. Power, enquanto Martin Cunningham segurava pelo cotovelo um homenzinho garboso vestindo um terno sal e pimenta, que andava incerto, com passos apressados passando pelos relógios de Micky Anderson.

– Os calos do assistente do secretário da câmara municipal estão lhe causando problema – disse John Wyse Nolan para o Sr. Power.

Eles dobraram a esquina em direção às salas de vinho de James Kavanagh. O carro vazio do castelo repousava em frente a eles em Essex Gate. Martin Cunningham, falando sem parar, mostrava freqüentemente a lista para a qual Jimmy Henry não lançou os olhos.

– E Long John Fanning também está aqui – disse John Wyse Nolan –, tão grande quanto a vida.

A figura alta de Long John Fanning tomava todo o vão da porta em que se encontrava.

– Bom-dia, Sr. subxerife – disse Martin Cunningham enquanto todos paravam e cumprimentavam.

Long John Fanning não deu passagem a eles. Ele retirou decisivamente da boca seu grande Henry Clay e seus olhos grandes e agressivos percorreram com ar carrancudo os rostos deles.

– Será que os pais conscritos estão buscando suas deliberações pacíficas? – disse com uma expressão penetrante e mordaz ao assistente do secretário da municipalidade.

Eles estavam tendo o inferno aberto para os cristãos, disse Jimmy Henry irritado, a respeito da miserável língua irlandesa deles. Onde estava o funcionário encarregado, ele gostaria de saber, para manter a ordem na câmara do conselho. E o velho Barlow o portamaça de cama com asma, nenhuma maçã sobre a mesa, nada em ordem, nem mesmo quórum, e Hutchinson, o lorde Prefeito, em Llandudno e o pequeno Lorcan Sherlock funcionando como *locum tenens* para ele. Miserável língua irlandesa, língua de nossos antepassados.

Long John Fanning soprou uma baforada de fumaça de seus lábios.

Martin Cunningham, torcendo a ponta de sua barba, falava ora com o assistente do secretário da câmara municipal, ora com o subxerife, enquanto John Wyse Nolan se mantinha calado.

– Que Dignam era esse? – perguntou Long John Fanning.

Jimmy Henry fez uma careta e levantou seu pé esquerdo.

– Ai meus calos! – disse ele tristemente. – Subam pelo amor de Deus para que eu possa me sentar em algum lugar. Ufa! Ui! Cuidado!

De mau humor ele abriu caminho ao longo do costado de Long John Fanning e entrou e subiu as escadas.

– Suba – disse Martin Cunningham ao subxerife. – Não creio que você o conhecesse mas quem sabe você, no entanto, o conhecia.

Junto com John Wyse Nolan o Sr. Power os seguiu entrando.

– Um camaradinho decente ele era – disse o Sr. Power às costas robustas do comprido John Fanning ao subir em direção ao comprido John Fanning do espelho.

– De tamanho um tanto diminuto. Dignam do escritório de Menton ele era – disse Martin Cunningham.

O comprido John Fanning não conseguia se lembrar dele.

Um tropel de patas de cavalos soou no ar.

– O que é isso? – disse Martin Cunningham.

Todos se voltaram de onde estavam. John Wyse Nolan desceu novamente. Da sombra fresca da porta aberta ele viu os cavalos passarem por Parliament Street, com os arreios e quartelas lustrosas tremulando ao sol. Alegremente eles passaram, nada rapidamente, diante de seus olhos impassíveis e nem um pouco amistosos. Em selas dos cavalos dianteiros, dos cavalos dianteiros saltadores, cavalgavam os batedores.

– O que era aquilo? – perguntou Martin Cunningham, enquanto eles subiam a escada.

– O lorde general-de-divisão e governador-geral da Irlanda – respondeu John Wyse Nolan do pé da escada.

\*\*\*

Enquanto eles avançavam pelo carpete espesso Buck Mulligan sussurrou no ouvido de Haines por trás de seu chapéu-panamá:

– O irmão de Parnell. Ali no canto.

Eles escolheram uma mesinha perto da janela, do lado oposto a um homem de rosto comprido cuja barba e olhar se curvavam sobre um tabuleiro de xadrez.

– Esse aí é ele? – perguntou Haines, se contorcendo na cadeira.

– É sim – disse Mulligan. – Esse é John Howard, irmão dele, o magistrado da nossa municipalidade.

John Howard Parnell moveu tranqüilamente um bispo branco e sua garra cinzenta se elevou até a testa onde repousou. Um instante depois, por baixo deste anteparo, seus olhos lançaram um olhar rápido, fantásmico e brilhante, para seu adversário e baixaram mais uma vez sobre um canto de manobra.

– Eu vou tomar um *mélange* – disse Haines à garçonete.

– Dois *mélanges* – disse Buck Mulligan. – E traga-nos uns bolinhos e manteiga e também alguns bolos.

Quando ela foi embora ele disse, rindo:

– Nós chamamos isso aqui de B. D. R. porque eles têm uns bolos danados de ruins. Ó, mas você perdeu Dedalus discursando sobre *Hamlet*.

Haines abriu o livro que acabara de comprar.

– Sinto muito – disse. – Shakespeare é usado alegremente por todas as mentes que perderam seu equilíbrio.

O marinheiro pernetá rosnou na área do número 14 de Nelson Street:

– *A Inglaterra espera...*

O colete amarelo pálido de Buck Mulligan sacudiu alegremente com o seu riso.

– Você devia vê-lo – disse – quando seu corpo perde o equilíbrio. Eu o chamo de Aengus Errante.

– Estou certo de que ele tem uma *idée fixe* – disse Haines, beliscando pensativamente o queixo com o polegar e o indicador. – Agora estou especulando de que espécie seria. As pessoas desse tipo sempre têm.

Buck Mulligan se inclinou gravemente por cima da mesa.

– Eles perturbaram sua cabeça – disse ele – com visões do inferno. Ele não vai nunca capturar o tom helênico. O tom de Swinburne, de todos os poetas, a morte branca e o nascimento róseo. É essa a sua tragédia. Ele não pode ser nunca um poeta. A alegria da criação...

– Punição eterna – disse Haines, com um aceno breve da cabeça. – Eu entendo. Eu tive uma discussão com ele hoje de manhã a respeito de fé. Eu vi que havia algo em sua mente. É bem interessante porque o professor Pokorny de Viena chega a uma conclusão interessante sobre isso.

Os olhos observadores de Buck Mulligan viram a garçonete se aproximar. Ajudou-a a descarregar sua bandeja.

– Ele não pode encontrar nenhum vestígio de inferno no mito antigo irlandês – disse Haines, no meio da alegre bebedeira. – A idéia moral parece estar faltando, o sentido de destino, de retribuição. É bem estranho que ele tenha apenas esta idéia fixa. Ele escreve alguma coisa para o seu movimento literário?

Ele afundou dois tabletes de açúcar habilmente no sentido de seu comprimento no creme batido. Buck Mulligan partiu um bolinho fumegante em dois e cobriu de manteiga a substância fumegante. Deu avidamente uma mordida num pedaço macio.

– Dez anos – disse, mastigando e rindo. – Ele vai escrever alguma coisa daqui a dez anos.

– Parece muito distante – disse Haines pensativamente, erguendo a colher. – No entanto, eu não me surpreenderia que ele afinal de contas o fizesse.

Ele saboreou uma colherada do cone cremoso de sua taça.

– Presumo que este seja o verdadeiro creme irlandês – disse com complacência. – Não gosto de ser enganado.

Elias, esquife, volante leve amassado, navegava em direção a leste pelos flancos de navios e traineiras, em meio a um arquipélago de rolhas, além da New Waping Street passando pela estação de barcas Benson e pela escuna de três mastros *Rosevean* vindo de Bridgwater carregada de tijolos.



Almidano Artifoni caminhava por Holles Street, passando por Sewell's Yard. Atrás dele Cashel Boyle O'Connor Fitzmaurice Tisdall Farrell, balançando bengala-guardachuva-guardapó, se desviava do poste de luz diante da casa do Sr. Law Smith e, atravessando, andava ao longo de Merrion Square. Bem longe atrás dele um rapazinho cego guiava-se com toques de sua bengala junto ao muro do parque do College.

Cashel Boyle O'Connor Fitzmaurice Tisdall Farrell andou até as vitrines risonhas do Sr. Lewis Werner, deu meia-volta e voltou a passos largos por Merrion Square, balançando sua bengala-guardachuva-guardapó.

Na esquina da casa de Wilde ele se deteve, fechou a cara para o nome de Elias anunciado no Metropolitan Hall, fechou a cara para o jardim distante de Leinster House. Seus óculos reluziram na cara amarrada sob a luz do sol. Com seus dentes-de-rato à vista ele murmurou:

– *Coactus volui.*

Caminhou a passos largos para Clare Street, rosnando sua imprecação.

Enquanto passava a passos largos pela janela do dentista Sr. Bloom o vaivém de seu guarda-pó varreu rudemente de seu ângulo uma bengala fina de cego e seguiu impetuosamente em frente, tendo fustigado um corpo frágil. O rapazinho cego voltou seu rosto pálido para a figura que andava a passos largos.

– Que Deus o amaldiçoe – disse amargamente – quem quer que você seja! Você é mais cego do que eu, seu bastardo filho-da-puta!

Em frente a Ruggy O'Donohoe jovem senhor Patrick Aloysius Dignam, agarrando a libra e meia de costeletas de porco que o tinham mandado comprar em Mangan, antigo Fehrenbach, caminhou ao longo da quente Wicklow Street, vagando. Era por demais deprimente ficar sentado na sala de estar com a Sra. Stoer e a Sra. Quigley e a Sra. MacDowell com a persiana abaixada e elas todas com suas fungadelas e sorvendo goles do superior xerez extra-escuro que tio Barney trouxe de Tunney. E elas comendo migalhas de bolo-de-frutas coberto com creme quente, batendo boca miseravelmente o tempo todo e suspirando.

Depois da passagem de Wicklow, a vitrine de madame Doyle, chapeleira estilista da corte, o fez parar. Ele ficou olhando para os dois boxeadores despídos até a cintura e em

posição de ataque. Dos espelhos laterais dois jovens senhores Dignam de luto olhavam silenciosamente embaçados. Myler Keogh, cordeiro de estimação de Dublin, vai enfrentar o primeiro-sargento Bennett, o pugilista de Portobello, por um prêmio de cinquenta libras. Puxa, essa seria uma bela partida de boxe para se ver. Myler Keogh, esse era o camarada que estava treinando aquele com uma faixa verde. Dois shillings o bilhete de entrada, metade do preço para os militares. Eu podia facilmente tapear a mamãe. O jovem senhor Dignam à esquerda virou quando ele se virou. Aquele sou eu de luto. Quando é? Vinte e dois de maio. Lógico, a maldita coisa já se foi. Ele virou para a direita e à sua direita o jovem senhor Dignam se virou, com seu boné enviesado e o colarinho alteado. Com o queixo levantado para abotoá-lo embaixo, ele viu a imagem de Marie Kendall, encantadora criada, ao lado dos dois boxeadores. Uma daquelas vadias que estão sempre nos maços de cigarros de Stoer e que quando o velho dele descobriu lhe deu uma surra e tanto.

O jovem senhor Dignam abaixou o colarinho e continuou a flunar. O melhor boxeador em questão de força era Fitzsimons. Um soco na boca do estômago dado por aquele camarada deixaria você derrubado até a metade da semana seguinte, homem de Deus. Mas o melhor boxeador em termos técnicos era Jem Corbet antes que Fitzsimons o pusesse a nocaute, apesar de se desviar e tudo o mais.

Em Grafton Street o jovem senhor Dignam viu uma flor vermelha na boca de um figurão e um outro com uma boa dose de bebida e ele ouvindo o que o bêbado lhe dizia e com um largo sorriso o tempo todo.

Nenhum bonde para Sandymount.

O jovem senhor Dignam caminhou pela Nassau Street, passando as costeletas de porco para a outra mão. Seu colarinho saltou de novo para cima e ele o puxou com força para baixo. O maldito botão era pequeno demais para a casa da camisa, maldito fim para ele. Ele encontrou meninos de escola com sacolas. Também não vou amanhã, vou ficar fora até segunda-feira. Encontrou outros meninos de escola. Será que eles notam que estou de luto? Tio Barney me disse que ia sair no jornal esta noite. Então eles todos vão ver no jornal e vão ler meu nome impresso e o nome do papai.

O rosto dele ficou todo cinzento em vez de ficar vermelho como era e havia uma mosca andando até o seu olho. O rangido que houve quando eles estavam parafusando os parafusos no caixão: e as sacudidelas quando eles estavam descendo com ele pela escada.

Papai estava dentro dele e mamãe estava chorando na sala de estar e tio Barney dizia aos homens como eles tinham que passar com ele na curva. Era um caixão grande, e alto e pesado. Como foi aquilo? A última noite em que papai estava embriagado ele estava de pé no patamar ali berrando por suas botas para sair para o Tunney a fim de se embriagar mais e ele tinha um aspecto atarracado e pequeno dentro de sua camisa. Não o ver nunca mais. É isso, a morte. Papai está morto. Meu pai está morto. Ele me disse para ser um bom filho para mamãe. Eu não consegui ouvir as outras coisas que ele disse mas eu vi a sua língua e seus dentes tentando falar melhor. Pobre papai. Esse era o Sr. Dignam, meu pai. Espero que ele esteja no purgatório agora porque ele foi se confessar com o padre Conroy sábado à noite.

\*\*\*

William Humble, conde de Dudley, e lady Dudley, acompanhados do tenentecoronel Heseltine, depois do almoço saíram de carro da residência do vice-rei. Na carruagem seguinte estavam de plantão as ilustres Sra. Paget, senhorita de Courcy e o ilustre Gerald War A. D. C.

A cavalgada saiu pelo portão inferior do Phoenix Park saudada por policiais subservientes e passando pela Kingsbridge prosseguiu ao longo do cais do norte. O vice-rei foi muito cordialmente saudado em seu caminho através da metrópole. Na ponte Bloody o Sr. Thomas Kernan do outro lado do rio em vão o saudou de longe. Entre as pontes Queen e Whitworth as carruagens do vice-rei lorde Dudley passaram e não foram saudadas pelo Sr. Dudley White, B. L., M. A., que se encontrava no cais de Arran em frente à loja da Sra. M. E. White, a agiota, na esquina de Arran Street oeste esfregando o nariz com o dedo indicador, hesitando se chegaria mais rápido em Philsborough fazendo três mudanças de bonde ou pegando um táxi ou indo a pé através de Smithfield, Constitution Hill e o terminal de Broadstone. No pórtico das Quatro Cortes Richie Goulding com a pasta de Goulding, Collis e Ward o viu com surpresa. Passando pela ponte Richmond na soleira da porta do escritório de Reuben J. Dodd, advogado, agente da Companhia de Seguros Patriotic, uma mulher idosa prestes a entrar mudou de idéia e voltando atrás pelas vitrines de King sorriu credulamente para o representante de Sua Majestade. De sua comporta na amurada do cais Wood embaixo do escritório de Tom Devan o rio Poddle em sinal de lealdade punha para fora uma língua de líquido de esgoto. Acima da persiana do hotel Ormond, ouro ao lado de bronze, a cabeça da senhorita Kennedy ao lado da cabeça da senhorita Douce observava e admirava. No cais Ormond o Sr. Simon Dedalus, se encaminhando do mictório público para o escritório do subxerife, parou no meio da rua e abaixou o seu chapéu. Sua Excelência devolveu graciosamente a saudação do Sr. Dedalus. Da esquina da Cahill o reverendo Hugh C. Love, M. A., ciente dos delegados cujas mãos benignas tinham distribuído ricas prebendas em tempos idos, fez uma reverência despercebida. Na ponte Grattan, Lenehan e M’Coy, se despedindo um do outro, observaram as carruagens passarem. Passando pelo escritório de Roger Greene e pela grande gráfica vermelha de Dollard, Gerty MacDowell, levando as cartas do manufactureiro de linóleo Casteby para seu pai que estava de cama, reconheceu pelo estilo que se tratava do vice-rei e de sua lady mas não pôde ver como Sua Excelência estava vestida porque o bonde e o grande caminhão amarelo de mudança de Spring tiveram que parar em frente a ela justamente por se tratar do vice-rei. Ao lado de Lundy Foot vindo da porta sombreada do comerciante de vinhos Kavanagh John Wyse Nolan sorria com despercebida frieza para o vice-rei e governador-geral da Irlanda. O Muito Ilustre William Humble, conde

de Dudley, G. C. V. O., passou pelos relógios sempretiquetaqueantes de Micky Anderson e pelos manequins de cera elegantes de Henry e James, o cavalheiro Henry, o James *dernier cri*. Em frente de Dame Gate, Tom Rochford e Nosey Flynn observaram a aproximação da cavalgada. Vendo os olhos de lady Dudley fixos nele, Tom Rochford retirou os polegares rapidamente dos bolsos de seu colete cor de clarete e tirou seu boné para ela. Uma criada encantadora, a grande Marie Kendall, com as faces borradas de pintura e saia levantada sorria com o rosto borrado de seu cartaz para William Humble, conde de Dudley, e para o tenentecoronel H. G. Heseltine, e também para o ilustre Gerald Ward A. D. C. Da janela de B. D. R. Buck Mulligan alegremente, e Haines gravemente, olharam para a equipagem do vice-rei por cima dos ombros de convivas excitados, cujo amontoamento obscurecia o tabuleiro de xadrez para o qual John Howard Parnell olhava atentamente. Em Fowness Street, Dilly Dedalus, forçando a vista por cima do manual de primeiras lições de francês de Chardenal, viu sombrinhas atravessadas e travões de rodas rodopiando sob a luz ofuscante. John Henry Menton, ocupando todo o espaço da soleira da porta da Casa de Comércio, olhou com seus olhos grandes de ostra cor de vinho, segurando seu gordo relógio de bolso de ouro para o qual não olhava em sua gorda mão esquerda nem o sentia. Quando a pata dianteira do cavalo de King Billy deu uma patada no ar a Sra. Breen puxou as costas apressadas do marido de debaixo das patas dos batedores. Ela gritou em seus ouvidos a notícia. Compreendendo, ele passou os volumes para o lado esquerdo do peito e saudou a segunda carruagem. O ilustre Gerald Ward A. D. C., agradavelmente surpreso, se apressou em responder à saudação. Na esquina de Ponsonby um frasco branco exausto H. parou e quatro frascos brancos de cartolas pararam atrás dele, E. H. Y., enquanto batedores passavam empinados com as carruagens. Em frente às salas de música de Pigott o Sr. Denis J. Maginni, professor de dança &c, vestido jovialmente, caminhava circunspecto, ultrapassado por um vice-rei e despercebido. Junto ao muro do reitor vinha lepidamente Blazes Boylan, andando com sapatos marrons e meias com relógios azul-celeste ao refrão de *Minha pequena é uma moça de Yorkshire*. Blazes Boylan apresentou às testas azul-celeste dos cavalos dianteiros e à sua alta atividade uma gravata azul-celeste, um chapéu de palha de aba larga de banda e um terno de sarja cor de anil. Suas mãos nos bolsos da jaqueta se esqueceram de saudar mas ele ofereceu às três damas a atrevida admiração de seus olhos e a flor vermelha entre seus lábios. Enquanto desfilavam por Nassau Street Sua Excelência chamava a atenção de sua consorte curvada para o programa de música que estava sendo tocado no parque do College. Despercebidos impudentes rapazolas escoceses clamavam e tocavam tambores atrás do cortejo:

*Mas embora ela seja uma operária*

*E não use roupas elegantes.*

*Tararabum.*

*Eu acho a minha rosinha de Yorkshire*

*Uma delícia de Yorkshire.*

*Tararabum.*

Do outro lado do muro os corredores do *handicap* de um quarto de milha, M. C. Green, H. Shrift, T. M. Patey, C. Scaife, J. B. Jeffs, G. N. Morphy, F. Stevenson, C. Adderly e W. C. Huggard, partiram em busca. Passando a passos largos pelo hotel Finn, Cashel Boyle

O'Connor Fitzmaurice Farrell lançou um olhar feroz de seus óculos através das carruagens para a cabeça do Sr. M. E. Solomons na janela do vice-consulado austro-húngaro. Bem ao fundo de Leinster Street ao lado da porta de trás de Trinity, um homem leal ao rei, Hornblower, tocou no seu boné de caça. Enquanto os cavalos lustrosos passavam empinados por Merrion Square o jovem senhor Patrick Aloysius Dignam, esperando, viu saudações serem apresentadas aos cavalheiros de cartola e ergueu também seu boné novo preto com dedos lambuzados do papel de costeleta de porco. O colarinho dele também saltou para cima. O vice-rei, em sua ida para inaugurar o bazar Mirus para a obtenção de fundos para o hospital Mercer, seguiu com seu séquito para Lower Mount Street. Ele passou por um rapazinho cego do lado oposto de Broadbent. Em Lower Mount Street um pedestre de impermeável marrom, comendo pão seco, atravessou rapidamente e são e salvo a passagem do vice-rei. Na ponte Royal Canal, de seu cartaz, o Sr. Eugene Stratton, com um riso em seus lábios grossos, deu as boas-vindas a todos que chegavam a Pembroke Township. Na esquina de Haddington Road duas mulheres cobertas de areia se detiveram, com um guarda-chuva e uma sacola com onze conchas que nela rolavam para contemplar com admiração o prefeito sem sua corrente dourada e a mulher do prefeito. Nas ruas Northumberland e Lansdowne Sua Excelência devolveu pontualmente os cumprimentos de raros caminhantes masculinos, o cumprimento de dois pequenos meninos de escola no portão do jardim da casa que dizia ter sido admirada pela falecida rainha quando de visita à capital irlandesa com o marido, o príncipe consorte, em 1849 assim como a saudação das calças vigorosas de Almidano Artifoni tragadas por uma porta que se fechava.

## 11

Bronze ao lado de ouro ouviu o soar de aço dos ferrados cascos.

Impertninte tninte.

Lascas, arrancando lascas da unha rochosa do polegar, lascas.

Horrendo! E ouro corou ainda mais.

Uma nota rouca de pífaro soou.

Soou. Brumoso Bloom no.

Cabelo-de-ouro em pináculo.

Uma rosa saltitante em seio acetinado de cetim, rosa de Castela.

Trinando, trinando: Idolores.

Pipilo! Quem está no... pipilodeouro?

Retinido bradou para bronze com pena.

E um chamado, puro, longo e pulsante. Chamado longoagonizante.

Chamariz. Palavra suave. Mas veja: as estrelas brilhantes empalidecem. Notas respondem chilreando.

Ó rosa! Castela. A manhã está despontando.

Tilintar tilintar cabriolé tilintando.

Uma moeda ressoou. Um relógio estalou.  
Confissão. *Sonnez*. Eu poderia. Ricochete de liga. Não te deixar. Estalo. *La cloche!*  
Estalo de coxa. Confissão. Quente. Meu amor, adeus!  
Tilintar. Bloo.  
Ressoaram as cordas espatifadas. Quando o amor absorve. Guerra! Guerra! O  
tímpano.  
Uma vela! Um veleiro ondeia sobre as ondas.  
Perdido. Um tordo pia. Tudo está perdido agora.  
Ereção. A ere, ereção.  
Quando ele viu pela primeira vez. Ai!  
Cópula total. Trepidação total.  
Gorjeio. Ah, fascinação! Enfeitiçando.  
Marta! Venha!  
Clapeclape. Clipeclape. Clepiclape.  
Bomdeus elenun caouviu notodo.  
Surdo calvo Pat bloco levou faca apanhou.  
Uma enluarada chamada noturna: longe, longe.  
Estou tão triste. P. S. Blooming tão sozinho.  
Ouça!  
A concha fria trespassada e sinuosa. Você tem a? Cada uma, e para a outra, salpico e  
ronco silencioso.  
Pérolas: quando ela. Rapsódias de Liszt. Vaia.  
Você não?  
Não: não, não: acreditei. Lidlyd. Com um galo com uma garra.  
Negro. Sonoro. Faça, Ben, faça.  
Espere enquanto espera. Hiii hiii. Espere enquanto você hiii.  
Mas espere!  
No fundo no centro tenebroso da Terra. Minério encravado.  
*Naminedamine*. Pregador é ele.  
Todos mortos. Todos prostrados.  
Frágeis, suas trêmulas frondes capilares femininas.  
Amém! Ele rangeu os dentes enfurecido.  
Pra trás. Pra frente, pra trás. Um bastão insensível se projetando.  
Bronzelidia ao lado de Minaouro.  
Ao lado de bronze, ao lado de ouro, na penumbra verdemar. Bloom. O velho Bloom.  
Alguém bate, alguém fura, com uma garra, com um galo.  
Rezem por ele! Reze, minha boa gente!  
Seus gotosos dedos se exaurindo.  
Grande Benaben. Grande Benben.  
A última rosa de Castela do verão deixou bloom eu me sinto tão triste sozinho.  
Puft! Um ventinho miudinho sibilou.  
Homens de verdade. Lid Ker Cow De e Doll. Sim, sim. Como vocês homens. Ergam

suas taças tchinque e tchanque.

Fff! Oo!

Onde bronze de perto? Onde ouro de longe? Onde patas?

Rrrpr. Kraa. Kraandl.

Então só então. Meu eppripftáfio. Seja pfscriit.

Acabado.

Comecemos!

Bronze ao lado de ouro, a cabeça da senhorita Douce ao lado da cabeça da senhorita Kennedy, por sobre a persiana do bar Ormond ouviu passar os cascos do vice-rei, soando aço.

– É ele? – perguntou a senhorita Kennedy.

A senhorita Douce disse que sim, sentado com sua ex, de cinza pérola e *eau de Nil*.

– Contraste primoroso – disse a senhorita Kennedy.

Quando toda impaciente a senhorita Douce disse ansiosamente:

– Olhe só para aquele homem de cartola.

– Quem? Onde? – perguntou ouro mais ansiosamente.

– Na segunda carruagem – disseram os lábios molhados da senhorita Douce, rindo sob o sol. – Ele está olhando. Espere até que eu veja.

Ela se atirou, bronze, para o canto de trás, esborrachando o rosto contra a vidraça num halo de respiração ofegante.

Seus lábios molhados riram com um riso abafado:

– Ele está torcendo o pescoço para olhar para trás.

Ela riu:

– Ó meu Jesus! Os homens não são mesmo uns tremendos idiotas?

Com tristeza.

A senhorita Kennedy se afastou devagar tristemente da luz clara do sol, enrolando o cabelo solto atrás da orelha. Vagando tristemente, não mais ouro, ela torceu enrolou uns fios de cabelo. Tristemente ela enrolou vagando o cabelo dourado atrás da curva da orelha.

– São eles que têm os melhores momentos – disse ela então tristemente.

Um homem.

Bloquem passou pelos cachimbos de Moulang carregando em seu peito as doçuras do pecado, pelo antiquário Wine, guardando na memória palavras doces e pecaminosas, ao passar pela prataria escurecida de Carroll, dirigidas a Raoul.

O ajudante de garçom se dirigiu a elas, a elas no bar, a elas garçonetes. Para elas que não lhe davam atenção ele bateu fortemente sobre o balcão com a bandeja cujas taças de porcelana trepidaram. E

– Aí está o seu chá – disse ele.

A senhorita Kennedy educadamente transportou a bandeja de chá para uma caixa de água mineral revirada, longe do alcance dos olhos, embaixo.

– O que é isso? – perguntou alto o ajudante de garçom mal-educado.

– Adivinhe – retorquiu a senhorita Douce, abandonando seu posto de espreita.

– É seu namorado, é?

Uma bronze altiva replicou:

– Eu vou me queixar de você à senhora de Massey se eu ouvir mais uma vez esta sua impertinente insolência.

– Impertinente tninte – fungou rudemente o focinhodebotas, enquanto se retirava como ela ameaçasse como ele tinha vindo.

Bloom.

Olhando carrancuda para sua flor a senhorita Douce disse:

– É muito irritante esse fedelho. Se ele não se comportar direito eu vou torcer tanto sua orelha que ela vai crescer uma jarda garanto.

Comoumadama em refinado contraste:

– Não dê atenção – retorquiui a senhorita Kennedy.

Ela verteu chá na xícara e depois verteu de volta o chá da xícara no bule. Elas se agacharam atrás da saliência do balcão, esperando nos banquinhos, caixas de cabeça para baixo, esperando que a infusão do chá ficasse pronta. Elas ajeitaram as blusas, ambas de cetim preto, de dois shillings e nove pence a jarda, esperando que a infusão de seu chá ficasse pronta, e de dois shillings e sete.

Sim, bronze de perto e ouro de longe, ouviram aço de perto, cascos soar de longe, e ouviram cascos-de-aço casco soar aço soar.

– Será que eu estou terrivelmente queimada?

A senhorita bronze desabotoou a blusa no pescoço.

– Não – disse a senhorita Kennedy. – Depois você fica morena. Você experimentou o bórax com água de louro-cereja?

A senhorita Douce levantou meio corpo para olhar de soslaio sua pele no espelho do bar ornado de letras douradas em que copos de vinho branco e clarete tremulavam tendo no meio uma concha.

– E o deixe por minha conta – disse ela.

– Experimente usar com glicerina – aconselhou a senhorita Kennedy.

Dizendo adeus ao seu pescoço e às suas mãos a senhorita Douce

– Essas coisas só provocam brotoeja – replicou, re-sentada. – Eu pedi àquele velho antiquado em Boyd alguma coisa para a minha pele.

A senhorita Kennedy, se servindo agora do chá no ponto, fez uma careta e rogou:

– Ó, não me fale dele pelo amor de Deus!

– Mas espere até que eu lhe conte – implorou a senhorita Douce.

O chá açucarado foi servido com leite pela senhorita Kennedy que tapou os dois ouvidos com seus dedinhos.

– Não, por favor – exclamou.

– Eu não vou ouvir – gritou.

Mas e Bloom?

A senhorita Douce grunhiu com a voz de uma pessoa velha e rabugenta:

– Para sua o quê? – disse ele.

A senhorita Kennedy destampou os ouvidos para ouvir, para falar: mas disse, mas rogou novamente:

– Não me faça pensar nele senão eu morro. Aquele abominável velho miserável!



Aquela noite nas salas de Antient Concert.

Com certa repugnância ela sorveu sua infusão, o chá quente, um gole, sorveu, o chá adoçado.

– Aqui estava ele – disse a senhorita Douce, empinando três quartos de sua cabeça bronze, agitando suas narinas. – Ufa! Ufa!

Uma risada estridente e esganiçada se soltou da garganta da senhorita Kennedy. A senhorita Douce soprou e bufou por suas narinas que estremeceram impertninte como um focinho em busca.

– Ó – gritou a senhorita Kennedy soltando uma risada estridente. – Será que você vai algum dia esquecer o olho esbugalhado dele?

A senhorita Douce fez coro com a risada bronze profunda, bradando:

– E seu outro olho?

Bloocujos olhos escuros liam o nome de Aaron Figatner. Por que eu sempre penso em Figather? Colhendo figos, creio. E o nome huguenote de Prosper Lore. Os olhos escuros de Bloom relancearam pelas virgens abençoadas de Bassi. Vestidadeazul, branco por baixo, venha a mim. Eles acreditam que ela é Deus: ou deusa. Aquelas de hoje. Eu não pude ver. Aquele camarada falou. Um estudante. Depois com o filho de Dedalus. Podia ser Mulligan. Todas virgens graciosas. Isso atrai aqueles homens devassos: o branco nela.

Os olhos dele relancearam. As doçuras do pecado. Doces são as doçuras.

Do pecado.

Soltando uma risadinha afetada as vozes jovens ourobronze se fundiram, Douce com Kennedy seu outro olho. Elas atiraram suas jovens cabeças para trás, bronze risinhoouro, para soltar livremente sua risada, gritando, seu outro, fazendo sinais uma para a outra, com notas agudas penetrantes.

Ah, arquejando, suspirando, suspirando, ah, exaustas, a alegria delas se esvaiu.

A senhorita Kennedy tocou novamente a taça com os lábios, ergueu, bebeu um gole e deu uma risadinharisadinha. A senhorita Douce, se inclinando sobre a bandeja de chá, agitou novamente as narinas e revirou seus olhos brincalhões empapuçados. De novo Kennedyrisada, inclinando, seu cabelo louro em pináculo, inclinando, mostrava a travessa de tartaruga da nuca, espirrava seu chá pela boca, engasgando com o chá e o riso, tossindo de se engasgar, exclamando:

– Ó aqueles olhos sebosos! Imagine só ser casada com um homem daqueles! – bradou.  
– Com aquela barbicha!

Douce deu vazão a um notável berro, um verdadeiro berro de uma verdadeira mulher, encantamento, alegria, indignação.

– Casada com aquele nariz sebosos! – berrou.

Do riso agudo ao grave, depois, ouro após bronze, elas se instigavam uma à outra a rir após rir, soando em modulações diversas, bronzeouro, ourobronze, agudograve, riso após riso. E então riram ainda mais. Sebosos eu sabe. Exaustas, ofegantes, elas colocaram suas cabeças sacudidas, trançadas e elevadas ao auge por travessas lustrosas, sobre a saliência do balcão. Todas coradas (Ó!), arquejando, transpirando (Ó!), todas ofegantes.

Casada com Bloom, com sebososobloom.

– Ó meus santos do céu! – disse a senhorita Douce, suspirando acima de sua rosa saltitante. – Eu gostaria de não ter rido tanto. Estou me sentindo toda molhada.

– Ó senhorita Douce! – protestou a senhorita Kennedy. – Sua coisa horrenda!  
E corou ainda mais (sua horrenda!), mais aureamente.

Pelos escritórios de Cantwell vagava Sebosoosobloom, pelas virgens de Ceppi, reluzentes com seus óleos. O pai de Nannetti vendia aqueles objetos de porta em porta, engambelando as pessoas como eu. A religião rende bem. Preciso vê-lo a respeito daquele par de Chaves. Comer primeiro. Eu quero. Ainda não. Às quatro, ela disse. O tempo passa sempre. Ponteirosdorelógio girando. Adiante. Comer onde? O Clarence, o Dolphin. Adiante. Para Raoul. Comer. Se eu fisgar cinco guinéus com esses anúncios. As anáguas de seda violeta. Ainda não. As doçuras do pecado.

Menos corada, ainda menos, empalideceu aureamente.

Pelo bar delas adentro vagou o Sr. Dedalus. Lascas, arrancando lascas da unha de um de seus polegares empedernidos. Lascas. Ele vagou.

– Ó bem-vinda de volta, senhorita Douce.

Segurou a mão dela. Ela aproveitou bem as suas férias?

– Foi o máximo.

Ele esperava que ela tivesse tido bom tempo em Rostrevor.

– Magnífico – disse ela. – Olhe só para a minha figura abençoada. Deitada na praia o dia inteiro.

Brancura bronzeada.

– Isso foi muito feio de sua parte – disse o Sr. Dedalus e pressionou a mão dela indulgentemente. – Tentando os pobres e simples mortais.

A senhorita Douce de cetim libertou docemente seu braço.

– Ó tenha dó! – disse ela. – O senhor é muito tolo, eu não creio.

Ele era.

– Bem certamente que sou – refletiu ele. – Eu parecia tão tolo no berço que me batizaram o tolo Simon.

– O senhor deve ter sido um maluquete – respondeu a senhorita Douce. – E o que o médico lhe prescreveu hoje?

– Ora, vejamos – refletiu ele –, qualquer coisa que você mande. Eu acho que vou perturbá-la pedindo um pouco de água fresca e meio copo de uísque.

Tilintar.

– Com o maior entusiasmo – a senhorita Douce concordou.

Com a graça do entusiasmo ela se voltou para o espelho dourado de Cantrell e Cochrane. Com graça serviu uma dose de uísque de ouro do barrilete de cristal. Da aba de seu paletó o Sr. Dedalus produziu bolsa de tabaco e cachimbo. Entusiasmo ela serviu. Ele soprou através do fumeiro duas notas roucas de pífaro.

– Por Deus – refletiu ele –, muitas vezes eu quis ver as montanhas de Mourne. Deve ser um tônico e tanto o ar de lá. Mas pode ser também finalmente bastante ameaçador, dizem. Sim. Sim.

Sim. Ele colocou com os dedos dentro da tigela fiapos de cabelo, do cabelodemoça

dela, de sereia dela. Lascas. Fiapos. Refletindo. Mudo.

Ninguém nada disse nada. Sim.

Alegremente a senhorita Douce poliu um copo, gorjeando:

– Ó, *Idolores, rainha dos mares orientais!*

– O Sr. Lidwell esteve hoje aqui?

Entrou Lenehan. Examinou à volta Lenehan. O Sr. Bloom atingiu a ponte de Essex. Sim, o Sr. Bloom atravessou a ponte de Yessex. A Marta tenho que escrever. Comprar papel. No Daly. Moça lá educada. Bloom. O velho Bloom. Brumoso Bloom está no campo de centeio.

– Ele esteve aqui na hora do almoço – disse a senhorita Douce.

Lenehan avançou.

– O Sr. Boylan andou procurando por mim?

Ele perguntou. Ela respondeu:

– Senhorita Kennedy, o Sr. Boylan esteve aqui enquanto eu estava lá em cima?

Ela perguntou. A senhorita voz de Kennedy respondeu, segurando uma segunda xícara de chá, seu olhar sobre uma página:

– Não. Ele não esteve.

A senhorita olhar de Kennedy ouviu, sem ser vista, continuou lendo. Lenehan em volta da campânula de vidro que protegia os sanduíches deu uma volta com o corpo corpulento.

– Espie só! Quem está na esquina?

Sem nenhum olhar de Kennedy o recompensando ainda assim ele lhe fez novos avanços. Ter cuidado com suas paradas. Ler apenas as pretas: o redondo e esse recurvado.

Tilintar lépido cabriolé tilintante.

Moçaouro ela leu e não relanceou. Não preste atenção. Ela não deu atenção enquanto ele lia de cor uma escala musical para ela, borbulhando terminantemente:

– Umah raposa encontrou umah cegonha. Disse elaa para aa cegonha: Você quer pôr seu bico naa minha garganta e puxar para foora uum osso?

Ele zuniu em vão. A senhorita Douce virou para o lado para o seu chá.

Ele suspirou para o lado.

– Ai céus! Ó meu Deus!

Ele cumprimentou o Sr. Dedalus e recebeu um aceno de resposta.

– Saudações do famoso filho de um famoso pai.

– Quem pode ser ele? – perguntou o Sr. Dedalus.

Lenehan abriu os braços muito cordiais. Quem?

– Quem pode ser ele? – perguntou. – O senhor pode perguntar? Stephen, o jovem bardo.

Seco.

O Sr. Dedalus, famoso pai, pôs de lado seu cachimbo cheio e seco.

– Entendo – disse ele. – Por um momento eu não o reconheci. Ouvi dizer que ele está andando com uma companhia muito seleta. Você o tem visto ultimamente?

Ele tinha.

– Eu bebi um bom copo de ambrosia com ele hoje mesmo – disse Lenehan. – No

Mooney *en ville* e no Mooney *sur mer*. Ele tinha recebido pagamento à vista pelo trabalho de sua musa.

Ele sorriu para os lábios de bronze molhados de chá, para os lábios e olhos que ouviam:

– A *élite* de Erin ficou suspensa nos lábios dele. O importante sábio, Hugh MacHugh, o mais brilhante escriba e editor de Dublin e aquele moço menestrel do nosso faroeste úmido que é conhecido pela designação eufônica de O'Madden Burke.

Depois de um intervalo o Sr. Dedalus ergueu seu grogue e

– Deve ter sido extremamente divertido – disse. – Eu percebo.

Ele perceber. Ele bebeu. Com um olhar montanhês distante e pesaroso. Pousou o seu copo.

Olhou para a porta do salão.

– Estou vendo que vocês mudaram o piano de lugar.

– O afinador esteve hoje aqui – replicou a senhorita Douce – afinando-o para o concerto de gala e eu nunca ouvi um pianista tão primoroso quanto ele.

– É verdade?

– Não é mesmo, senhorita Kennedy? O clássico verdadeiro, o senhor sabe. E ainda por cima cego, pobre rapaz. Menos de vinte anos. Tenho certeza que ele tinha.

– É verdade? – disse o Sr. Dedalus.

Ele bebeu e se afastou.

– Tão triste olhar para o rosto dele – se condeou a senhorita Douce.

Deus amaldiçoe o bastardo filho-da-puta.

Tilintando para a sua piedade ressoou a campainha de um comensal. Para a porta do bar e sala de jantar veio o calvo Pat, veio o aflito Pat, veio Pat, o garçom do Ormond. Cerveja para o comensal. Sem entusiasmo ela serviu cerveja.

Com paciência Lenehan esperava por Boylan com impaciência, pelo moço chamejante tilintante e lépido.

Sustentando o tampo ele (quem?) olhou dentro do caixão (caixão?) para as oblíquas cordas triplas (piano) metálicas. Ele pressionou (o mesmo que pressionara indulgentemente a mão dela), pedalando suavemente, três teclas para ver a espessura do feltro avançar, para ouvir a queda abafada do martelo em ação.

Duas folhas de papel pergaminho creme uma de reserva dois envelopes quando eu estava em Wisdom Hely um sábio Bloom Henry Flower comprou em Daly. Você não é feliz em sua casa? Flor para me consolar e um alfinete que fere vilmente. Tem algum significado, a linguagem da flor. Era uma margarida? Inocência isso é que é. Moça respeitável encontre depois da missa. Tremendamente muitamente obrigada. O sábio Bloom vislumbrou na porta um cartaz, uma sereia ondulante fumando no meio de ondas atraentes. Fumem sereias, a baforada mais fresca de todas. Cabelo escorrido: abandonada. Para algum homem. Para Raoul. Ele olhou e viu distante na ponte de Essex um chapéu alegre passando num carro de passeio. É. De novo. A terceira vez. Coincidência.

Saltitando de galochas flexíveis ele vagava da ponte para o cais de Ormond. Seguir. Arriscar. Ir rápido. Às quatro. Perto agora. Fora.

– Dois pence, senhor – a vendedora da loja ousou dizer.

– Aha... Eu ia me esquecendo... Me desculpe...

– E quatro.

Às quatro ela. Insinuantemente ela para Bloomelequem sorriu. Bloo sor ráp ir. Btarde. Pensa que é o único ser existente no mundo? Faz isso com todos. Para os homens.

Num silêncio sonolento ouro se inclinou sobre a página.

Do salão veio um chamado, longo em sua agonia. Era o diapasão que o afinador tinha esquecido e que agora ele soava. Um chamado novamente. Aquilo ele agora sustentou no ar aquilo ele agora pulsou. Você ouviu? Pulsou puro, mais puro, suavemente e mais suavemente, seus pinos murmurantes. Mais longo no chamado agonizante.

Pat pagou pela garrafa do comensal arrolhada com estampido: e por sobre o copo de vidro, a bandeja e a garrafa arrolhada com estampido antes de ir ele sussurrou, calvo e aflito, com a senhorita Douce.

– *As estrelas brilhantes empalidecem...*

Uma canção sem palavras cantou do íntimo, cantando:

– ... *desponta a manhã...*

Uma dezena de notas aladas trinaram numa alegre resposta tríplice sob os dedos sensíveis. Alegrementemente as teclas, todas cristalinas, unidas, todas arpejos, apelavam para uma voz que cantasse a melodia da alvorada, da mocidade, da despedida amorosa, da vida, da manhã de amor.

– *A pérola gotasdeorvalho...*

Os lábios de Lenehan por cima do balcão balbuciarum um assobio discreto como chamariz.

– Mas olhe para aqui – disse ele –, rosa de Castela.

O tilintar vagou junto à calçada e parou.

Ela se levantou e fechou o que lia, rosa de Castela: aborrecida, desesperançada, sonhadoramente rosa.

– Ela caiu ou foi empurrada? – ele perguntou a ela.

Ela respondeu, com desprezo:

– Não faça perguntas e não ouvirá mentiras.

Como uma dama, uma verdadeira dama.

Os elegantes sapatos castanho-amarelados de Blazes Boylan rangeram no chão do bar ao caminhar. Sim, ouro de perto ao lado de bronze de longe. Lenehan ouviu e soube e o saudou:

– Eis o herói conquistador que chega.

Entre o carro e a janela, caminhando cautelosamente, ia Bloom o herói inconquistado. Me ver ele podia. O assento em que ele se sentava: quente. Gato preto macho cauteloso andava em direção à pasta legal de Richie Goulding, erguida nas alturas, saudando:

– *E eu de ti...*

– Eu soube que você estava por aqui – disse Blazes Boylan.

Ele tocou para a senhorita Kennedy na aba de seu chapéu de palha inclinado. Ela sorriu para ele. Mas a irmã bronze sorriu ainda mais do que ela, ajeitando para ele sua

cabeleira mais volumosa, um seio e uma rosa.

Boylan encomendou bebidas.

– O que você toma? Um copo de *bitter*? Por favor, um copo de *bitter* e uma aguardente para mim. Ainda não veio o resultado?

Ainda não. Às quatro ela. Quem disse quatro?

As orelhas vermelhas de Cowley e seu pomo-de-adão saliente na soleira da porta do escritório do xerife. Evitar. Goulding uma chance. O que é que ele está fazendo no Ormond? Carro esperando. Esperar.

Alô. Para onde você vai? Alguma coisa para comer? Eu também estava justamente. Aqui dentro. O quê, o Ormond? O melhor negócio em Dublin. É mesmo? Sala de jantar. Sentar firme ali. Ver, sem ser visto. Acho que vou me juntar a você. Venha. Richie passou à frente. Bloom seguiu a pasta. Jantar digno de um príncipe.

A senhorita Douce se esticou para pegar uma garrafa de vinho, estendeu seu braço de cetim, seu seio, que por pouco não estourava, tão alto.

– Ó! Ó! – se sacudiu Lenehan, arquejando a cada esticada. – Ó!

Mas facilmente ela segurou sua presa e a abaixou triunfalmente.

– Por que a senhorita não cresce? – perguntou Blazes Boylan.

Elabronze, servindo com sua garrafa inclinada licor grosso para os lábios dele, olhou enquanto o líquido escorria (flor no paletó: quem lhe deu?), e com voz melosa:

– Os melhores perfumes em pequenos frascos.

O que quer dizer ela. Caprichosamente ela derramou lentamente o abrunho melado.

– À sua saúde – disse Blazes.

Ele atirou uma moeda grande no chão. A moeda girou.

– Espere – disse Lenehan – até que eu...

– Saúde – desejou ele, erguendo sua cerveja espumosa.

– Cetro vai ganhar facilmente – disse.

– Eu fui um pouco longe demais – disse Boylan piscando os olhos e bebendo. – Não por iniciativa própria, sabe. Idéia de um amigo meu.

Lenehan bebeu ainda e sorriu para o copo de cerveja inclinado e para os lábios da senhorita Douce que quase cantarolavam, entreabertos, a canção do mar que seus lábios haviam gorjeado. Idolores. Os mares orientais.

O relógio zumbiu. A senhorita Kennedy passou por eles (flor, me pergunto quem deu), levando para longe a bandeja de chá. O relógio estalou.

A senhorita Douce pegou a moeda de Boylan e bateu com força na caixa registradora. Ela retiniu. O relógio estalou. A bela do Egito provocou e separou o dinheiro na gaveta da caixa e cantarolando entregou moedas de troco. Olhe para o poente. Um estalido. Para mim.

– A que horas é? – perguntou Blazes Boylan. – Quatro?

Horas.

Lenehan, com os olhos esfomeados no cantarolar dela, o seio cantarolando, puxou Blazes Boylan pela manga da camisa.

– Vamos ouvir a hora – disse.

A pasta de Goulding, Collis, Ward conduzia Bloom pelo campo de canteio das mesas

floridas. Ao acaso ele escolheu com agitado propósito, sendo assistido pelo calvo Pat servindo, uma mesa perto da porta. Ficar perto. Às quatro. Será que ele esqueceu? Talvez um truque. Não vir: aguçar o desejo. Eu não poderia fazer. Paciência, paciência. Pat, providente, pacientava.

O azul cintilante de bronze olhou para a gravata-borboleta azulcelestes e os olhos de Blazul.

– Vamos – insistiu Lenehan. – Não há ninguém. Ele nunca ouviu.

– ... *apressou-se para os lábios de Flora.*

Aguda, uma nota aguda ressoou límpida na voz de soprano.

Bronzedouce em comunhão com sua rosa que afundava e se erguia procurava a flor e os olhos de Blazes Boylan.

– Por favor, por favor.

Ele apelou novamente revidando frases de confissão.

– *Eu não podia te abandonar...*

– Daqui a pouquinho – prometeu timidamente a senhorita Douce.

– Não, agora – urgiu Lenehan. – *Sonnez la cloche!* Ó por favor toque! Não há ninguém.

Ela olhou. Rápido. A senhorita Kennedy fora do alcance do ouvido. Inclinação súbita. Dois rostos excitados observavam a inclinação de seu corpo.

Vibrando os acordes se perderam no ar, se encontraram novamente, perderam o acorde, e o perderam e encontraram, vacilando.

– Vamos! Toque! *Sonnez!*

Inclinando-se, ela segurou uma ponta da saia acima de seu joelho. Retardou. Escarneceu deles ainda uma vez, se inclinando, os mantendo em suspenso, com um olhar decidido.

– *Sonnez!*

Estalido. Ela soltou de repente em rebote sua liga de elástico que segurava e que estalou quente contra sua coxa, dentro de sua meia quente.

– *La cloche!* – gritou contente Lenehan. – Treinada pela dona. Nenhuma serragem ali.

Ela sorrisoafetado arrogante (chorou! os homens não são?), mas, deslizando em direção à luz, sorriu suavemente para Boylan.

– O senhor é a essência da vulgaridade – disse ela deslizando.

Boylan, olhou, olhou. Levou o cálice aos seus lábios grossos, esvaziou com um só trago o cálice minúsculo, sugando as últimas gotas violetas espessas melosas. Seus olhos fascinados seguiram, seguiram a cabeça deslizante dela que atravessava o bar pelos espelhos, onde sob o arco dourado bruxuleavam copos de cerveja, vinho branco do Reno e clarete, uma concha pontiaguda, em que se projetava, no espelho, bronze com bronze mais luminoso.

Sim, bronze de bem perto.

– ... *meu amor, adeus!*

– Vou-me embora – disse Boylan com impaciência.

Ele empurrou seu cálice vivamente e apanhou seu troco.

– Espere um instante – rogou Lenehan, bebendo rapidamente. – Eu queria lhe dizer.

Tom Rochford...

– Venha dizer a Blazes – disse Blazes Boylan, saindo.

Lenehan engoliu apressado para sair.

– Está tendo uma ereção ou o quê? – disse. – Espere. Estou indo.

Ele seguiu os sapatos rangentes apressados mas ficou a postos junto à soleira da porta, cumprimentando formas, uma corpulenta com uma esbelta.

– Como vai Sr. Dollard?

– Einh? Como vai? Como vai? – respondeu a voz vaga de baixo de Ben Dollard, abandonando por um instante o infortúnio de padre Cowley. – Ele não vai lhe causar nenhum problema, Bob. Alf Bergan vai falar com o camarada comprido. Vamos pôr desta vez uma bagatela no ouvido desse Judas Iscariote.

Suspirando o Sr. Dedalus atravessou o salão, com um dedo esfregando a pálpebra.

– Hoho, nós vamos pôr – cantou Ben Dollard jovialmente em falsete. – Vamos, Simon.

Me dê uma canção. Nós ouvimos o piano.

O calvo Pat, garçom aflito, aguardava os pedidos de bebida. Uísque Power para Richie. E Bloom? Vejamos. Não deixe ele andar duas vezes. Seus calos. Quatro horas agora. Como está quente esse escuro. Naturalmente é um pouco enervante. Refrata (não é?) o calor. Me deixe ver. Sidra. Sim, uma garrafa de sidra.

– O que é isso? – disse o Sr. Dedalus. – Eu estava só improvisando, meu caro.

– Vamos, vamos – chamou Ben Dollard. – Fora com a preocupação enfadonha.

Vamos, Bob.

Lá foi ele caminhando Dollard, com as calças folgadas avantajadas, na frente deles (segure esse camarada com as: segure ele agora) para dentro do salão. Ele se deixou cair pesadamente Dollard no banco. Suas patas gotosas executaram acordes. Executaram, pararam abruptamente.

O calvo Pat encontrou na porta ouro sem chá que retornava. Aflito, ele queria uísque Power e sidra. Bronze junto à janela, observava, bronze distante.

O tilintar de um retinir que vagava.

Bloom ouviu um tinido, um pequeno som. Ele se foi. Com um ligeiro soluço de respiração Bloom suspirou para as flores azuladas silenciosas. Tilintando. Ele partiu. Tilintar. Ouvir.

– *Amor e Guerra*, Ben – disse o Sr. Dedalus. – Deus esteja com os velhos tempos.

Os olhos intrépidos da senhorita Douce, ignorados, se desviaram da persiana, castigados pela luz solar. Partiu. Pensativa (quem sabe?), castigada (a luz castigante), ela baixou a persiana por meio do cordão deslizante. Ela puxou para baixo pensativa (por que ele foi tão depressa quando eu?) em volta de seu bronze, acima do bar em que o calvo estava ao lado da irmã ouro, contraste nada primoroso, nada primoroso contraste nãoprimoroso, penumbra profunda lenta tépida sombria verdemar, *eau de Nil*.

– O pobre velho Goodwin era o pianista naquela noite – lembrou-lhes padre Cowley.

– Havia uma ligeira diferença de opinião entre ele e o piano de cauda Collard.

Havia mesmo.

– Um simpósio só dele – disse o Sr. Dedalus. – Nem o demônio o faria parar. Ele era



um velho excêntrico no primeiro estágio da bebida.

– Meu Deus, vocês se lembram? – Ben corpulento Dollard disse, dando as costas para o teclado castigado. – E por Deus eu não tinha nenhum traje de casamento.

Eles riram todos três. Ele não tinha nenhum tra. Todo o trio riu. Nenhum traje de casamento.

– Nosso amigo Bloom se mostrou prestativo naquela noite – disse o Sr. Dedalus. – E por falar nisso, onde está o meu cachimbo?

Ele caminhou de volta para o bar em busca do cachimbo perdido, do acorde perdido. O calvo Pat trouxe as bebidas dos dois comensais, Richie e Poldy. E padre Cowley riu novamente.

– Eu salvei a situação, Ben, creio.

– Salvou sim – asseverou Ben Dollard. – Eu me lembro daquelas calças apertadas também. Foi uma idéia brilhante, Bob.

Padre Cowley corou até seus brilhantes lóbulos purpúreos. Ele salvou a situa. Cal apertadas. Idé brilhante.

– Eu sabia que ele estava no miserê – disse ele. – A mulher tocava piano no palácio do café aos sábados por uma miséria e quem me deu a dica de que ela tinha aquele outro negócio? Vocês se lembram? Tivemos que procurar por toda Holles Street para encontrá-los até que o camarada em Keogh nos deu o número. Vocês se lembram?

Ben se lembrava, com seu rosto largo conjeturando.

– Por Deus, ela dispunha ali de algumas capas para teatro verdadeiramente suntuosas e coisas no gênero.

O Sr. Dedalus recuou, com o cachimbo na mão.

– Estilo elegantíssimo Merrion Square. Vestidos de baile, meu Deus, trajes de gala que eram o máximo. Ele não quis aceitar nenhum vintém por eles. O quê? Uma quantidade enorme de chapéus de bico e boleros e calções largos. O quê?

– Sim, sim – assentiu o Sr. Dedalus. – A Sra. Marion Bloom tem roupas usadas de todo tipo.

Tilintar do cabriolé pelo cais abaixo. Blazes esparramado sobre os pneus saltitantes.

Fígado e toucinho defumado. Bife e torta de rim. Certo, senhor. Certo, Pat.

Sra. Marion. Metem psi coisas. Cheiro de queimado. De Paul de Kock. Bonito nome o dele.

– Como era mesmo o nome dela? Uma mocinha rechonchuda. Marion...?

– Tweedy.

– É isso aí. Ela está viva?

– E bem viva forte e ativa.

– Ela era uma filha do...

– Filha do regimento.

– Sim, por Deus. Eu me lembro do velho tambor-mor.

O Sr. Dedalus acendeu um fósforo, que sibilou, acendeu, tragou depois uma baforada saborosa.

– Irlandesa? Não sei, na verdade. Ela é, Simon?

Depois uma baforada dura, uma baforada, forte, saborosa, crepitante.

– Meu bucinador está... O quê?... Levemente enferrujado... Ó ela é... Minha irlandesa Molly, Ó.

Ele soltou uma baforada um pungente sopro emplumado.

– Do rochedo de Gibraltar... por todo o caminho.

Elas definhavam na penumbra profunda do oceano, ouro junto à bomba de cerveja, bronze junto ao marasquino, pensativas todas as duas. Mina Kennedy, 4 Lismore Terrace, Drumcondra com Idolores, uma rainha, Dolores, silenciosa.

Pat serviu, pratos descobertos. Leopold cortou fatias de fígado. Conforme dito anteriormente ele comia com prazer os órgãos internos, moelas cheias de nozes, ovas de bacalhau fritas enquanto Richie Goulding, Collis, Ward comia carne e rim, carne e depois rim, pedaço por pedaço de torta ele comeu Bloom comeu eles comeram.

Bloom e Goulding, casados em silêncio, comeram. Refeições dignas de príncipes.

Por Bachelor's Walk com lépidas sacudidelas tilintava Blazes Boylan, solteiro, sob o sol a pino, ao trote das ancas lustrosas da égua, com leve batida do chicote, esparramada sobre pneus saltitantes, sentada quente a impaciência de Boylan, ardente destemida. Ereção. Você tem a? Ereção. Você tem a? Ere ere ereção.

Acima das vozes deles o ataque fagoteante de Dollard, retumbando novamente acordes bombardeantes.

– *Quando o amor absorve minh'alma ardente...*

O rufar de Benalmabenzamin rufou para os painéisdoteto trepidantes trêmulosdeamor.

– Guerra! Guerra! – exclamou padre Cowley. – Você é o guerreiro.

– Sou mesmo – riu Ben Guerreiro. – Eu estava pensando no seu senhorio. Amor ou dinheiro.

Ele parou. Sacudiu a imensa barba, o rosto imenso sobre seu imenso disparate.

– Certamente, você estouraria o tímpano dela, homem de Deus – disse o Sr. Dedalus através do aroma da fumaça –, com um órgão como o seu.

Com riso abundante o barbado Dollard se sacudiu sobre o teclado. Evidentemente.

– Isso para não mencionar uma outra membrana – acrescentou padre Cowley. – A metade do tempo, Ben. *Amoroso ma non troppo*. Deixe-me fazer.

A senhorita Kennedy serviu dois cavalheiros com canecões de cerveja fresca. Ela deixou escapar uma observação. O tempo estava realmente muito bonito, disse o primeiro cavalheiro. Eles beberam a cerveja fresca. Ela por acaso sabia aonde o vice-rei ia? E ouviram cascosdeação cascosretinintes soar. Não, ela não saberia dizer. Mas estaria nos jornais. Ó, ela não precisava se incomodar. Nenhum incômodo. Ela brandia pra lá e pra cá o *Independent* todo aberto, procurando, o vice-rei, os pináculos de seu cabelo se movendo lentamente, vice-rei. Trabalho demais, disse o primeiro cavalheiro. Ó, nem um pouco. A maneira que ele olhou aquilo. Vice-rei. Ouro ao lado de bronze ouviu o aço ferroso.

– ..... *minh'alma ardente*

*Não ligo pa-ara o futuro.*

No molho de fígado Bloom misturou o purê de batatas. *Amor e Guerra* alguém está. A famosa de Ben Dollard. A noite em que ele correu para nós para tomar emprestado o terno a

rigor para aquele concerto. Calças apertadas como um tambor nele. Leitõescevadados musicais. Molly riu pra valer quando ele saiu. Jogou o corpo para trás na cama, gritando, chutando. Com todos os pertences dele à mostra. Ó meus santos do céu, estou ensopada! Ó, as mulheres na primeira fila! Ó, eu nunca ri tanto em minha vida! Bem, é isso com certeza que lhe dá aquele baixo barrilto. Por exemplo os eunucos. Eu me pergunto quem está tocando. Um lindo toque. Deve ser Cowley. Musical. Sabe qualquer nota que você toque. Tem mau hálito, pobre coitado. Parou.

A senhorita Douce, insinuante, Lydia Douce, se inclinou para o sofisticado advogado, George Lidwell, cavalheiro, que entrava. Boa-tarde. Ela entregou sua mão úmida (de uma dama) para o seu firme aperto. Tarde. Sim, ela estava de volta. Para o velho dinguedongue novamente.

– Seus amigos estão lá dentro, Sr. Lidwell.

George Lidwell, delicado, solicitou, segurou uma lydiamão.

Tilintar.

Bloom comeu fig como dito antes. Limpo aqui pelo menos. Aquele camarada no Burton, cartilagem viscosa. Ninguém aqui: Goulding e eu. Mesas limpas, flores, guardanapos como mitras. Pat de um lado para o outro. Calvo Pat. Nada a fazer. O mais vantajoso em Dublin.

Piano novamente. É Cowley. Maneira como se senta nele, como uma coisa só. Compreensão mútua. Cansativos modeladores arranhando violinos, o olho na extremidade do arco, serrando o céu, lhe faz pensar em dor de dente. O ronco dela alto e longo. A noite em que estávamos no camarote. Trombone embaixo soprando como uma respiração ruidosa, entre os atos, outro instrumento de metal desatarraxando, esvaziando a saliva. As pernas do regente também, em suas calças bufantes, todas saltitantes. Faz bem em escondê-las.

Saltitante o tilintar lépido lépido.

Apenas a harpa. Encantadora. Luz dourada fulgente. Moça a tocou. Popa de um gracioso. Molho está bem bom digno de um. Navio dourado. Erin. A harpa que uma ou duas vezes. Mãos tépidas. Ben Howth, os rododendros. Nós somos suas harpas. Eu. Ele. Velho. Moço.

– Ah, eu não poderia, criatura – disse o Sr. Dedalus, tímido, apático.

Fortemente.

– Vamos, diabos o levem – resmungou Ben Dollard. – Deixe que saia aos poucos.

– *M'appari*, Simon – disse padre Cowley.

Na parte da frente do palco ele deu uns passos, grave, alto em sua aflição, com seus longos braços estendidos. Roucamente o pomo-de-adão de sua garganta enrouqueceu suavemente. Suavemente ele cantou para uma enferrujada passagem marítima ali: *Uma Última Despedida*. Um promontório, um navio, uma vela sobre os vagalhões. Adeus. Uma moça encantadora, seu véu ondulado sobre o vento sobre o promontório, vento à volta dela.

Cowley cantou:

– *M'appari tut amor:*

*Il mio sguardo l'incontr...*

Ela acenou, sem ouvir Cowley, seu véu, para alguém que partia, alguém querido, para

o vento, amor, vela veloz, retorne.

– Vamos, Simon.

– Ah, realmente, meus dias de festa terminaram, Ben... Ora...

O Sr. Dedalus colocou seu cachimbo para repousar ao lado do diapasão e, sentando, tocou nas teclas obedientes.

– Não, Simon – virou-se padre Cowley. – Toque no original. Um bemol.

As teclas, obedientes, se elevaram cada vez mais, contaram, falharam, confessaram, confusas.

Na parte de trás do palco andou padre Cowley.

– Aqui, Simon, vou acompanhá-lo – disse ele. – Levante-se.

Passou pelo caramelo de abacaxi de Graham Lemon, pela casa de Elvery's Elephant com som tilintante e sacolejante.

Carne, rim, fígado, purê, uma carne digna de príncipes sentavam-se os príncipes Bloom e Goulding. Príncipes na refeição eles ergueram as taças e beberam, Power e sidra.

A mais bela ária de tenor jamais escrita, disse Richie: *Sonnambula*. Ele ouviu Joe Maas cantá-la uma noite. Ah, que M'Guckin! Sim. À sua maneira. Estilo rapaz de coro. O rapaz era Maas. RapazMaas. Um tenor lírico se você quiser. Nunca se esqueça disso. Nunca.

Por sobre o toucinho defumado sem fígado Bloom contemplou afetosamente a tensão dos traços contraídos. Com dor nos rins ele. Olhos brilhantes de nefrite. Próximo item no programa. Pagar o flautista. Pílulas, pão amassado, valendo na verdade um guinéu a caixa. Evite-o por enquanto. Canta também: *Estirado entre os Mortos*. Adequado. Torta de rim. Doces para o. Sem tirar partido disso. Melhor negócio em. Típico dele. Power. Exigente sobre sua bebida. Defeito no copo, água fresca do Vartry. Escamotear palitos de fósforo dos balcões para economizar. E então desperdiçar um soberano em bobageira. E quando solicitado nenhum vintém. Bêbado recusa-se a pagar a passagem. Tipos estranhos.

Nunca Richie esqueceria aquela noite. Enquanto ele vivesse: nunca. No paraíso do Royal Theatre com o pequeno Peake. E quando a primeira nota.

As palavras se detiveram nos lábios de Richie.

Vai se sair agora com uma grande mentira. Rapsódias sobre tudo. Acredita em suas próprias mentiras. Acredita mesmo. Mentiroso fantástico. Mas lhe falta uma boa memória.

– Que canção é essa? – perguntou Leopold Bloom.

– *Agora Está Tudo Perdido*.

Richie alçou os lábios fazendo beicinho. Uma incipiente nota em surdina da doce *banshee* murmurou: tudo. Um tordo. Um malviz. A respiração dele, doçuradepássaro, bons dentes dos quais se orgulha, flauteou com mágoa queixosa. Está perdido. Som precioso. Duas notas numa só ali. Um melro eu ouvi no vale dos espinheiros. Apoderando-se dos meus temas ele os torceu e inverteu. Toda chamada muito nova demais se perde no todo. Eco. Quão suave a resposta. Como se faz isso? Tudo perdido agora. Pesaroso ele assobiou. Fraqueja, se rende, perdido.

Bloom inclinou o ouvido de leopoldo, dobrando uma fimbria do guardanapo debaixo do vaso. Ordem. Sim, eu me lembro. Uma bela canção. Dormindo ela ia para ele. Inocência sob a lua. Corajosas. Desconhecem o perigo. Ainda assim detê-la. Chamá-la pelo nome. Tocar

a água. Tilintar lépido. Tarde demais. Ela ansiava ir. Eis por quê. Mulher. Tão fácil quanto reter o mar. Sim: está tudo perdido.

– Uma linda canção – disse Bloom perdido Leopoldo. – Eu a conheço bem.

Nunca em toda a sua vida tinha Richie Goulding.

Ele também a conhece bem. Ou a sente. Ainda repisando o assunto de sua filha. Filha sábia que conhece seu próprio pai, disse Dedalus. Eu?

Bloom o olhou de soslaio por sobre sua ausênciadefigado. Rosto de tudo está perdido. O Richie brincalhão de antigamente. Velhas piadas batidas agora. Abanando sua orelha. Argola de guardanapo em seu olho. Agora cartas rogando dinheiro que manda por seu filho. Estrábico Walter senhor eu fiz senhor. Não queria incomodar mas eu estava aguardando algum dinheiro. Perdão.

Piano novamente. Soa melhor do que na última vez em que ouvi. Provavelmente afinado. Parou de novo.

Dollard e Cowley continuavam a instar com o vagaroso cantor para que cantasse logo.

– Vamos, Simon.

– Vamos com isso, Simon.

– Senhoras e senhores, estou profundamente agradecido por sua generosa solicitação.

– Vamos com isso, Simon.

– Não tenho dinheiro mas se vocês me emprestarem sua atenção eu vou tentar cantar para vocês sobre um coração oprimido.

Perto da campânula de sanduíches protegida pela penumbra Lydia, com a graça de uma dama, seu bronze e sua rosa, oferecia e recusava: como na glauca e fresca *eau de Nil* Mina aos canecões seus dois pináculos de ouro.

Os acordes repetidos do prelúdio chegavam ao fim. Um acorde, prolongado, vigilante arrastou para longe uma voz.

– *Quando primeiro vi aquela figura cativante...*

Richie se virou.

– A voz de Si Dedalus – disse.

Com o cérebro tinindo de excitação, as faces atingidas pela flama, eles escutavam sentindo aquela torrente cativante fluir sobre a pele os membros o coração humano a alma a espinha dorsal. Bloom fez sinal para Pat, o calvo Pat que é um garçom que ouve mal, para que deixasse entreaberta a porta do bar. A porta do bar. Assim. Basta. Pat, providente, pacientou, pacientando para ouvir, pois ele era meio surdo, junto da porta.

– ... *A tristeza parecia me abandonar.*

Através da quietude do ar uma voz cantava para eles, baixo, não era chuva, não eram folhas em murmúrio, como nenhuma voz de instrumentos de corda ou de sopro ou comovocêschama cítaras, enternecendo seus ouvidos serenos com palavras, os corações serenos de cada um as suas vidas lembradas. Bom, bom de ouvir: a tristeza de cada um deles parecia abandonar os dois assim que começaram a ouvir. Quando eles viram pela primeira vez, Richie e Poldy perdidos, a clemência da beleza, ouviram de alguém de quem nem um pouco esperavam, sua primeira palavra misericordiosa tão amada de terno amor.

Amor que canta: a antiga e doce canção de amor. Bloom lentamente desenrolou a tira elástica de seu pacote. A antiga e doce de amor *sonnez la* ouro. Bloom enrolou uma meada em volta de quatro dedos bifurcados, esticou-a, relaxou, e enrolou-a em volta dos duplos, quádruplos dedos tensos, em óctuplo, e os atou firmemente.

– *Cheio de esperança e todo encantamento...*

Tenores conseguem mulheres aos montes. Aumentam o desejo delas. Atire flores aos pés dele. Quando vamos nos encontrar? Minha cabeça ela simplesmente. Tilintar todo encantamento. Ele não pode cantar para cartolas. Sua cabeça ela simplesmente rodopia. Perfumada para ele. Que perfume sua mulher? Eu quero saber. Tilint. Parar. Bater na porta. Último olhar para o espelho antes que ela abra a porta. O saguão. Lá? Como vai? Vou bem. Ali? O quê? Ou? Frasco de cachu, balas que favorecem o beijo, na sua bolsa. Mãos para apalpar os opulentos.

Ai de mim elevou-se a voz, suspirando, alterada: sonora, vibrante, esplendorosa, gloriosa.

– *Mas, ai de mim, era um sonho vão...*

Como ainda é magnífico o seu timbre. A cantiga de Cork mais suave o sotaque deles também. Homem tolo! Podia ter ganho rios de dinheiro. Cantando palavras erradas. Consumiu sua mulher: agora canta. Mas difícil de dizer. Apenas os dois eles próprios. Se ele não sucumbir. Mantém-se em forma apesar dos pesares. Seus pés e mãos também cantam. Bebida. Nervos hipersensíveis. É preciso ser abstinência para cantar. Sopa de Jenny Lind: caldo de carne ou peixe, salva, ovos crus, meia xícara de creme. Para um sonhar cremoso.

Ternura ela se derramou: lentamente, se inflando, tremulou plenamente. Essa é a coisa certa. Ha, teste! Tome! Trema, um tremor, um pulsar orgulhoso ereto.

Palavras? Música? Não é o que está por trás.

Bloom laçava, desenlaçava, atava, desatava.

Bloom. Fluxo de calor apertado devorar em segredo se expandia para brotar na música, em desejo, para sobrepujar na escuridão o fluxo invasor. Tocando-a, atochando-a, tamponando-a, trepando nela. Trepas. Poros a se dilatar se dilatando. Trepas. A alegria o sentir o calor o. Trepas. Derramar por sobre as comportas jatos torrenciais. Inundação, jato, fluxo, jatodealegria, tremulardecópula. Aí está! Linguagem de amor.

– ... *raio de esperança é...*

Irradiante. Lydia para Lidwell o esganiçado difícil de ouvir tão refinado a musa esganiçou um raio de esperança.

É *Martha* mesmo. Coincidência. Já ia escrever. A canção de Lionel. Que nome bonito

você tem. Não posso escrever. Aceite meu pequeno pres. Tocar nas cordas do coração dela cordas da carteira também. Ela é uma. Eu o chamei de menino levado. Ainda o nome: Martha. Que estranho! Hoje.

A voz de Lionel retornou, mais fraca mas incessante. Ela cantou de novo para Richie Poldy Lydia Lidwell também cantou para Pat de boca e ouvido bem abertos paciencando para providenciar. Como ele viu pela primeira vez aquela figura tão cativante, como a tristeza pareceu se esvaír, como o olhar, a figura, a palavra encantaram a ele Gould Lidwell, conquistaram o coração de Pat Bloom.

Gostaria, no entanto, de poder ver o rosto dele. Explicaria melhor. Por que o barbeiro em Drago sempre olhava para meu rosto quando eu falava com seu rosto no espelho. Ainda assim ouço melhor aqui do que no bar embora mais longe.

– ... *Cada olhar cheio de graça...*

A primeira noite em que a vi em Mat Dillon em Terenure. Ela vestia amarelo, com renda preta. Cadeiras musicais. Nós dois as últimas. Destino. Segui-la. Destino. Girando girando lentamente. Uma volta rápida. Nós dois. Todos olharam. Parar. Ela se sentou. Todos os espoliados olharam. Lábios rindo. Joelhos amarelos.

– *Encantava meus olhos...*

Cantando. *Esperando* ela cantou. Virei a página de sua música. Voz cheia de perfume de que perfume seus arbustos de lilás. Seios eu vi, ambos fartos, garganta gorjeando. Primeiro eu vi. Ela me agradeceu. Por que ela a mim? Destino. Olhos espanholados. Sob uma pereira no pátio solitário a esta hora na velha Madri um lado na penumbra Dolores eladolores. A mim. Seduzindo. Ah, sedutora.

– *Martha! Ah, Martha!*

Abandonando todo o langor Lionel gritava de desgosto, num grito de paixão dominante ao amor para que ele voltasse com acordes profundos e crescentes de harmonia. Num grito de Lionel a solidão que ela deve conhecer que Martha deve sentir. Pois apenas por ela ele esperava. Onde? Aqui ali tente ali aqui todos tentam onde. Em algum lugar.

– *Ve-em, tua fé perdida!*

*Ve-em, tua tão querida!*

Sozinho. Um amor. Uma esperança. Um conforto para mim. Martha, dó de peito, volta!

– *Vem...!*

Ele pairou, um pássaro, deteve seu vôo, um rápido grito puro, elevado na órbita prateada saltou sereno, se apressando, ininterrupto, para vir, não prolongar o sopro longo longo demais ele o sopro de longa vida, planando alto, altamente resplendente, inflamado, coroadado, alto na refulgência simbólica, alto, do seio etéreo, alto, da vasta irradiação elevada em toda parte planando todo em toda volta em volta de tudo, a infinidade...

– *Para mim!*

Siopold.

Consumido.

Vem. Bem cantado. Todos aplaudiram. Ela deveria vir. Vem. Para mim, para ele, para ela, para você também, mim, nós.

Bravo! Clepeclepe. Muito bem, Simon. Clepeclepe. *Encore!* Clepeclepe

clepe. Som de uma campainha. Bravo, Simon! Clepeclopeclepe. *Encore*, enlepe, disseram, gritaram aplaudiram todos, Ben Dollard, Lydia Douce, George Lidwell, Pat, Mina Kennedy, dois cavalheiros com dois canecões, Cowley, primeiro cavalh com canecão e bronze senhorita Douce e ouro senhorita Mina.

Os elegantes sapatos castanho-amarelados de Blazes Boylan rangeram no soalho do bar, como dito antes. Tilintar pelos monumentos de sir John Gray, Horatio maneta Nelson, reverendo padre Theobald Mathew, vagava, como acabado de dizer há pouco. Trotando, no calor, assentoquente. *Cloche. Sonnez la. Cloche. Sonnez la.* Mais devagar a égua subiu o morro pela Rotunda, Rutland Square. Lentamente demais para Boylan, inflama Boylan, impaciência Boylan, sacolejava a égua.

O clangor renitente dos acordes de Cowley se dissipou, morreu no ar mais enriquecido.

E Richie Goulding bebeu seu Power e Leopold Bloom sua sidra bebeu, Lidwell sua Guinness, o segundo cavalheiro disse que eles iam compartilhar mais dois canecões se ela não se importasse. A senhorita Kennedy sorriu com afetação, servindo mal, lábios de coral, ao primeiro, ao segundo. Ela não se importava.

– Sete dias na cadeia – disse Ben Dollard – a pão e água. Então você cantaria, Simon, como um tordo de jardim.

Lionel Simon, cantor, riu. Padre Cowley tocou. Mina Kennedy serviu. Segundo cavalheiro pagou. Tom Kernan entrou pomposamente. Lydia, admirou, admirou. Mas Bloom cantou em silêncio.

Admirando.

Richie, admirando, tecia elogios à voz gloriosa daquele homem. Ele se lembrava de uma noite muito tempo atrás. Nunca se esqueceria daquela noite. Si cantou *Era Classe Social e Fama*: no caso de Ned Lambert era. Deus do céu ele nunca ouvira em toda a sua vida uma nota como aquela nunca mesmo *então sua falsa é melhor nos separarmos* tão clara tão meu Deus ele nunca ouvira *uma vez que não existe amor* uma voz excelente *não existe* pergunte a Lambert ele pode lhe dizer o mesmo.

Goulding, um rubor se debatendo em seu pálido, contou ao Sr. Bloom, rosto sobre a noite, em que Si na casa de Ned Lambert, Dedalus cantou *Era Classe Social e Fama*.

Ele, Sr. Bloom, escutou enquanto ele, Richie Goulding, lhe contava, Sr. Bloom, sobre a noite em que ele, Richie, ouviu ele, Si Dedalus, cantar *Era Classe Social e Fama* em sua, a de Ned Lambert, casa.

Cunhados: parentes próximos. Nós nunca nos falamos quando nos encontramos. Desavença creio. Trata-o com desprezo. E veja. Ele o admira ainda mais. A noite em que Si cantou. A voz humana, dois mínimos acordes sedosos, maravilhosos, mais do que todos os outros.

Aquela voz era uma lamentação. Mais calma agora. É no silêncio depois que você sente você ouve. Vibrações. Agora o ar silencioso.

Bloom desentrelaçou seus dedos cruzados e com dedos vagarosos puxou a tira frágil de catepute. Arrastou e puxou. Ela zumbiu, tangeu. Enquanto Goulding falava da produção vocal de Barraclough, enquanto Tom Kernan, retornando em uma espécie de arranjo



retrospectivo falava ao ouvinte padre Cowley, que tocava um solo, que assentia com a cabeça enquanto tocava. Enquanto o grandalhão Ben Dollard falava com Simon Dedalus, que, acendendo o cachimbo que fumava, assentia enquanto fumava.

Tua fé perdida. Todas as canções sobre esse tema. No entanto Bloom estica ainda mais seu cordão. Parece cruel. Deixar as pessoas se apaixonarem uma pela outra: induzi-las. Em seguida separá-las violentamente. Morte. Explos. Pancada na cabeça. Váproinferno foradisso. Vida humana. Dignam. Ufa, o rabo daquele rato que se retorcia! Cinco shillings eu dei. *Corpus paradisum*. Codornizão crocitador: ventre como o de cachorrinho envenenado. Partiu. Eles cantam. Esquecido. Eu também. E um dia ela com. Deixá-la: ficar cansado. Sofrer então. Choramingar. Grandes olhos espanholados arregalados para nada. Seus cabelosloslosvolumosossossos des penteados.

Contudo feliz demais chateia. Ele esticou mais, mais. Você não é feliz em sua? Tangeu. Estalou.

Tilintar por Dorset Street adentro.

A senhorita Douce retirou seu braço acetinado, reprovadora, satisfeita.

– Não tome tanta intimidade – disse ela – até nos conhecermos melhor.

George Lidwell lhe assegurou que realmente verdadeiramente: mas ela não acreditou.

O primeiro cavalheiro disse a Mina que era isso mesmo. Ela perguntou a ele se era isso mesmo. E o segundo canecão disse a ela que era isso mesmo. Que aquilo era isso mesmo.

A senhorita Douce, a senhorita Lydia, não acreditou: a senhorita Kennedy, Mina, não acreditou: George Lidwell, não: a senhorita Dou não acreditou: o primeiro, o primeiro: cavalh com o canec: acreditar, não, não: não acreditou, a senhorita Kenn: Lydlydiawell: o canec.

Melhor escrevê-la aqui. Penas no correio são mastigadas e torcidas.

O calvo Pat a um sinal se aproximou. Uma pena e tinta. Ele foi. Um mata-borrão. Ele foi. Um mata-borrão para secar. Ele ouviu, o surdo Pat.

– Sim – disse o Sr. Bloom, destrinchando a tira de categute retorcida. – Sim, certamente. Algumas linhas bastarão. Meu presente. Toda aquela música italiana floreada é. Quem é esse que escreveu? Se você sabe o nome você entende melhor. Pegue uma folha de papel de carta, um envelope: despreocupado. É tão característico.

– O número mais sensacional em toda a ópera – disse Goulding.

– É mesmo – disse Bloom.

Trata-se de números. Em toda música se você pensar bem. Dois multiplicado por dois dividido pela metade é duas vezes um. Vibrações: são acordes. Um mais dois mais seis é sete. Faça o que quiser com algarismos em malabarismo. Sempre descobrirá isso igual a aquilo. Simetria sob um muro de cemitério. Ele não vê minha mágoa. Insensível tudo para seu próprio bem. Musamatemática. E você pensa que está escutando o etéreo. Mas suponhamos que você dissesse desse modo: Martha, sete vezes nove menos x são trinta e cinco mil. É de cair duro. Tudo isso devido ao som.

Por exemplo o que ele está tocando agora. Improvisando. Pode ser o que você quiser, até que você ouça as palavras. Quero escutar atentamente. Firmemente. Ao começar tudo bem: então ouço acordes um pouco desafinados: me sinto um pouco perdido. Dentro e fora de sacos, por cima de barris, através de cercasdearame, corrida de obstáculo. O tempo rege a

melodia. Depende do estado de espírito em que você se encontra. Ainda assim sempre bom de ouvir. Exceto escalas acima e abaixo, meninas aprendendo. Duas juntas no vizinho do lado. Deviam ser inventados mudos para isso. Milly não tem gosto para música. Estranho porque nós dois, quero dizer. Eu comprei *Blumenlied* para ela. O nome. Uma menina a tocava lentamente, na noite em que cheguei em casa, a menina. Porta dos estábulos perto de Cecilia Street.

Calvo Pat surdo trouxe mata-borrão raso e tinta. Pat depositou tinta e pena com mata-borrão bem raso. Pat pegou prato travessa faca e garfo. Pat foi.

Era a única linguagem disse o Sr. Dedalus a Ben. Quando menino ele os ouvira em Ringabella, Crosshaven, Ringabella, cantando suas barcarolas. O porto de Queenstown cheio de navios italianos. Andando, você sabe, Ben, ao luar com aqueles chapéus de terremoto. Mesclando suas vozes. Ó Deus, que música, Ben. Ouvi quando menino. Através do porto de Ringabella luarcarola.

Retirado o cachimbo acre ele pôs a mão como um escudo ao lado dos lábios que arrulharam um chamado enluarado, claro de perto, um chamado longínquo, ecoando.

Na extremidade do seu bastão *Freeman* se alinhava Bloom, com seu outro olho, sondando onde eu vi isso. Callan, Coleman, Dignam Patrick. Ai meu Deus! Ai meu Deus! Fawcett. Aha! Justo quando eu estava olhando.

Espero que ele não esteja olhando, esperto como um rato. Ele segurou desenrolado seu *Freeman*. Não posso ver agora. Lembrar de escrever ees gregos. Bloom molhou a pena, Bloo mur: prezado senhor. Querido Henry escreveu: querida Mady. Recebi sua car e flr. Diacho onde é que eu pus? Em algum bols ou outr. É totalm imposs. Sublinhar *imposs*. É para escrever hoje.

Que chateação isso. Bloom chateado tamborilou docemente no mata-borrão raso que Pat trouxe com dedos de eu só estou refletindo.

Prossigamos. Você sabe o que eu quero dizer. Não, mude esse es. Aceite meu modesto presentin em anex. Não peça a ela nenhuma resposta. Continue. Cinco Dig. Dois mais ou menos aqui. Um vintém para as gaiivotas. Elias está chegan. Sete em Davy Byrne. São cerca de oito. Digamos meia coroa. Meu pobre presentin: r.p. dois shillings e seis. Escreva-me uma longa. Você despreza? Tilintar, você tem a? Tão excitado. Por que você me chama de levado? Você levada também? Ó, Mairy perdeu sua corrente. Por hoje adeus. Sim, sim, eu lhe direi. Quero sim. Para continuar. Chame-me daquele outro. Outro planeta escreveu ela. Minha paciência estão exaus. Para continuar. Você precisa acreditar. Acredite. O canec. Isso. É. Verdade.

Que loucura estou escrevendo? Maridos não o fazem. É isso que faz o casamento, suas mulheres. Porque eu estou longe de. Suponhamos. Mas como? Ela precisa. Manter-se jovem. Se ela descobrisse. Cartão no meu chap de luxo. Não, não dizer tudo. Sofrimento inútil. Se elas não vêem. Mulher. O que é bom para um é bom para o outro.

Um carro de aluguel, número trezentos e vinte e quatro, motorista Barton James do número um da avenida Harmony, Donnybrook, no qual estava sentado um passageiro, um jovem cavalheiro, vestido elegantemente com um terno de sarja azulanyl feito por George Robert Mesias, alfaiate e talhador, do número cinco no cais Eden, e usando um chapéu de

palha muito chique, comprado de John Plasto do número um da Great Brunswick Street, chapeleiro. Hein? Esse é o tilintar que sacolejou e tilintou. Junto dos tubos reluzentes de Agendath da salsicharia de Dlugacz passava trotando uma égua de belasancas.

– Respondendo a um anúncio? – perguntaram a Bloom os olhos penetrantes de Richie.

– Sim – disse o Sr. Bloom. – Caixeiro-viajante. Provavelmente, nada feito.

Bloom murmurou: as melhores referências. Mas Henry escreveu: isso vai me excitar. Você sabe como. Às pressas. Henry. Ee grego. Melhor acrescentar pós-escrito. O que ele está tocando agora? Improvisando. *Intermezzo*. P. S. O ram tam tam. Como você vai me punir? Você, me punir? Saia torcida balançando, sacudida por. Me diga eu quero. Saber. Ó. Naturalmente se eu não eu não perguntaria. Lá lá lá ré. Triste se dissipa em menor. Por que o menor triste? Assinar H. Elas gostam de final triste. P. P. S. Lá lá lá réé. Eu me sinto tão triste hoje. Lá réé. Tão só. Dii.

Ele enxugou rápido com o mata-borrão de Pat. Envel. Endereço. Só copiar do jornal. Murmurou: Srs. Callan, Coleman e Cia., limitada. Henry escreveu:

Senhorita Martha Clifford

c/o P. O.

Dolphin's Barn Lane

Dublin

Enxugar o outro para que ele não possa ler. Ali. Certo. Idéia do prêmio do *Titbits*. Alguma coisa que o detetive leu no mata-borrão. Pago à base de um guinéu por col. Matcham freqüentemente pensa na bruxa risonha. Pobre Sra. Purefoy. P. C.: para cima.

Poético demais isso acerca da tristeza. A música faz isso. A música tem magia. Shakespeare disse. Citações todo dia do ano. Ser ou não ser. Sabedoria enquanto você espera.

No roseiral de Gerard de Fetter Lane ele caminha, ruivoacinzentado. Uma vida é tudo. Um corpo. Aja. Mas aja mesmo.

De qualquer forma feito. Vale postal, selo. O correio mais abaixo. Ande agora. Basta. Prometi encontrá-los em Barney Kiernan. Não gosto desse emprego. Casa do luto. Ande. Pat! Não ouve. Cabeça dura é o que ele é.

Carro chegando lá agora. Falar. Falar. Pat! Não fala. Arrumando aqueles guardanapos. Um bocado de chão ele tem de percorrer o dia todo. Se pintarmos um rosto atrás dele ele vira dois. Gostaria que eles cantassem mais. Me impediriam de pensar nisso.

Calvo Pat que está aflito juntou os guardanapos em meia esquadrinha. Pat é um garçom meio surdo. Pat é um providente que pacienta enquanto você pacienta. Hi hi hi hi. Ele pacienta enquanto você pacienta. Hi hi. Um providente ele é. Hi hi hi hi. Ele pacienta enquanto você pacienta. Enquanto você pacienta se você pacientar ele vai pacientar enquanto você pacienta. Hi hi hi hi. Hóó. Pacientar enquanto você pacienta.

Douce agora. Douce Lydia. Bronze e rosa.

Ela se divertiu fantasticamente, foi simplesmente fantástico. E veja que bela concha ela trouxe.

Para a extremidade do bar para ele ela trouxe alegremente a concha cheia de pontas e sinuosa para que ele, George Lidwell, procurador, pudesse ouvir.

– Ouça! – ela lhe pediu.

O acompanhador tecia uma música lenta sob as palavras quentes de gim de Tom Kernan. Fato autêntico. Como é que Walter Bapty perdeu a voz. Bem, meu senhor, o marido o pegou pelo pescoço. *Canalha*, disse ele,  *você não vai mais cantar canções de amor*. Ele fez isso, realmente, senhor Tom. Bob Cowley tecia. Tenores conseguem mulh. Cowley se reclinou para trás.

Ah, agora ele ouviu, com ela a segurando junto ao ouvido dele. Ouça! Ele ouviu. Maravilhoso. Ela segurou junto ao próprio ouvido. E através da pálida luz peneirada ouro em contraste deslizou. Para ouvir.

Tap.

Bloom através da porta do bar viu uma concha alçada às orelhas deles. Ele ouviu mais tenuemente do que eles ouviram, cada uma para si mesma sozinha, então cada um para o outro, ouvindo o espadanar das ondas, ruidosamente, um rugido silencioso.

Bronze junto a uma ouro exausta, perto, longe, elas escutaram.

A orelha dela também é uma concha, o lóbulo espreitador ali. Tinha estado na praia. Meninas bonitas da beira da praia. Pele bronzeada crestada. Devia ter passado primeiro um creme para ficar morena. Torrada com manteiga. Ó e não posso esquecer aquela loção. Febre perto de sua boca. Sua cabeça ela simplesmente. Cabelo trançado por cima: concha com alga marinha. Por que elas escondem suas orelhas com cabelo de alga marinha? E as turcas a boca, por quê? Os olhos dela por cima do lençol. Uma *yashmak*. Descobrir a entrada. Uma caverna. Entrada proibida a não ser a negócio.

Eles pensam que ouvem o mar. Cantando. Um rugido. É o sangue. Salmoura no ouvido às vezes. Bem, é um mar. Ilhas corpúsculos.

Realmente maravilhoso. Tão inconfundível. Novamente. George Lidwell segurou seu murmúrio, ouvindo: depois a pôs de lado, gentilmente.

– O que as ondas bravias estão dizendo? – perguntou a ela e sorriu.

Encantadora, com um sorrisodemar e sem responder Lydia sorriu para Lidwell.

Tap.

Passando por Larry O'Rourke, por Larry, ousado Larry O', Boylan balançou e Boylan se virou.

Da concha abandonada a senhorita Mina deslizou para seus canecões que aguardavam. Não, ela não estava tão sozinha brejeiramente a cabeça da senhorita Douce informou o Sr. Lidwell. Caminhadas ao luar junto ao mar. Não, nada sozinha. Com quem? Com fidalguia ela respondeu: com um cavalheiro amigo.

Os dedos de Bob Cowley tocavam novamente adejantes no som agudo do teclado. O proprietário tem priori. Um pouco de tempo. John comprido. Ben grande. Suavemente ele tocou de leve um compasso animado e tilintante para senhoras saltitantes, maliciosas e sorridentes, e para seus galanteadores, cavalheiros amigos. Um: um, um, um, um, um: dois, um, três, quatro.

Mar, vento, folhas, trovão, águas, vacas mugindo, o mercado de gado, galos, galinhas não cocoricam, serpentes sssibilam. Há música em toda parte. A porta de Rutledge: ii rangindo. Não, isso é ruído. Minueto de *Don Giovanni* é o que ele está tocando. Vestidos de gala de todos os tipos nos quartos do castelo dançando. Miséria negra. Camponeses do lado

de fora. Rostos verdes e famintos comendo folhas de begônia. Que beleza isso aí. Olhe: olhe, olhe, olhe, olhe, olhe: você olhe para nós.

Isso é alegre posso sentir. Nunca escrevi algo assim. Por quê? Minha alegria é uma outra alegria. Mas ambas são alegrias. Sim, deve ser alegria. A mera existência da música mostra que você é. Frequentemente eu pensava que ela estava deprimida até ela começar a cantar melodiosamente. Então eu sabia.

A maleta de M' Coy. Minha mulher e a sua mulher. Gato guinchador. Como seda se rasgando. A voz quando ele fala parece um badalo de um fole. Não podem suportar os intervalos dos homens. Um branco em suas vozes também. Sacie-me. Estou quente, sombria, aberta. Molly em *quis est homo*: Mercadante. Minha orelha de encontro à parede para ouvir. Quero uma mulher que possa cumprir seus compromissos.

Ginga jogada gingou parou. O sapato castanho-amarelado as soquetes azulcelestes e relógios de dândi Boylan pousaram de leve na terra.

Ó veja nós estamos tão! Música de câmara. Podia fazer uma espécie de trocadilho com isso. É um tipo de música em que muitas vezes pensei quando ela. Isso é acústica. Retinindo. Vasilhas vazias fazem muito barulho. Devido à acústica, a ressonância muda de acordo uma vez que o peso da água é igual à lei da queda da água. Como aquelas rapsódias de Liszt, húngaras, de olhodecigana. Pérolas. Gotas. Chuva. Gligloglu gliglogu gluglu. Psit. Agora. Talvez agora. Antes.

Alguém bateu de leve na porta, alguém bateu na porta, toc, toc, toc Paul de Kock com um toque orgulhoso tocador com um toc bateubateu toc. Coc coc.

Tap.

– *Qui sdegno*, Ben – disse padre Cowley.

– Não, Ben – interferiu Tom Kernan. – *O Jovem Patriota*. Nosso dialeto nativo.

– Sim cante, Ben – disse o Sr. Dedalus. – Homens louváveis e valorosos.

– Cante, cante – imploraram em uníssono.

Eu vou. Volte, Pat, aqui. Venha. Ele veio, ele veio, ele não ficou parado. Para mim.

Quanto é?

– Que tom? Seis sustenidos?

– Fá maior agudo – disse Ben Dollard.

As garras estendidas de Bob Cowley pressionaram os acordes profundamente sonoros das teclas pretas.

Preciso ir disse o príncipe Bloom ao príncipe Richie. Não, disse Richie. Sim, preciso. Ganhei dinheiro em algum lugar. Lá vai ele com seu lumbago para uma bebedeira. Quanto? Ele vêouve lábiosfala. Um shilling e nove. Um penny para você. Aqui. Dar-lhe dois pence de gorjeta. Surdo, aflito. Mas talvez ele tenha uma mulher e família o esperando, esperando Pat chegar em casa. Hi hi hi hi. Surdo paciente enquanto eles patientam.

Mas esperemos. Mas ouçamos. Acordes sombrios. Lúgugubres. Profundos. Numa caverna no centro soturno da Terra. Incrustada de minério. Fragmentodemúsica.

A voz de uma era sombria, de desamor, a fadiga da terra se aproximava solenemente e penosamente, vinda de longe, de montanhas velhas e cansadas, apelava para os homens louváveis e valorosos. O padre ele procurou. A ele diria umas palavras.

Tap.

A voz de Ben Dollard. Baixo barriltoante. Fazendo sinceramente o máximo possível para dizê-lo. Grasnido do vasto pântano semhomem semlua semmulherlua. Outro revés. Um grande negócio de veleiros e navios ele empreendeu certa vez. Eu me lembro: cordas resinadas, lanternas de navios. Teve um rombo de dez mil libras. Agora na casa de Iveagh. Número do cubículo e tudo o mais. Foi a cerveja Bass número um que fez aquilo com ele.

O padre está em casa. O funcionário de um falso padre lhe deu as boas-vindas. Entre. O venerável padre. Com reverências um funcionário traidor. Arabescos de cordas íntimas.

Arruiná-los. Destruir suas vidas. Então construir celas para que nelas terminem seus dias. Quietinho bebê. Canção de ninar. Morre, cão. Cãozinho, morre.

Uma voz de aviso, aviso solene, contou-lhes que o jovem entrara num saguão escuro, contou-lhes como seus passos ressoaram solenemente ali, contou-lhes sobre a câmara lúgubre, sobre o sacerdote com seus paramentos sentado para ouvir a confissão.

Sujeito decente. Agora um pouco aturdido. Pensa que vai ser o vencedor no quebra-cabeça sobre poetas de *Answers*. Nós lhe entregamos cinco libras em notas. Pássaro sentado chocando num ninho. Ele achava que era a balada do último menestrel. Ver espaço em branco dar partida a que animal doméstico? Dar a partida travessão e espaço em branco são um marinheiro muito corajoso. Ele ainda tem uma boa voz. Nenhum eunuco com todos os seus pertences.

Ouçã. Bloom escutou. Richie Goulding escutou. E junto à porta o surdo Pat, calvo Pat, gorjeteado Pat, escutava.

Os acordes harpejaram mais lentos.

A voz da penitência e do remorso chegava lenta, embelezada, trêmula. A barba contrita de Ben confessava. *In nomine Domini*, em nome de Deus ele se ajoelhou. Bateu com a mão no peito, confessando: *mea culpa*.

Latim de novo. Isso os prende como visgo. O sacerdote com o *corpus* da comunhão para aquelas mulheres. O cara no mortuário, esquife ou Coffey, *corpusnomine*. Me pergunto onde estará aquele rato agora. Entaladela.

Tap.

Eles escutavam. Canecões e a senhorita Kennedy. George Lidwell, pálpebra bem expressiva, cetim de seios fartos. Kernan. Si.

A voz suspirando de desgosto cantava. Os seus pecados. Desde a Páscoa ele havia praguejado três vezes. Seu filho bast. da puta. E certa vez na hora da missa tinha ido brincar. Certa vez passara pelo cemitério diante da igreja e para o descanso de sua mãe não tinha rezado. Um rapaz. Um jovem rebelde.

Bronze, escutando, junto à bombadecerveja olhava para bem longe. Cheia de emoção. Quase não percebe que eu estou. Molly é uma perita e tanto em ver quem a está olhando.

Bronze olhava longe para um lado. Um espelho ali. É esse o ângulo melhor do seu rosto? Elas sempre sabem. Uma batida na porta. Últimos retoques finais.

Galogarragarra.

O que é que elas pensam quando ouvem música? Um meio de pegar cascavéis. A noite em que Michael Gunn nos deu a caixa. Afinando o instrumento. O xá da Pérsia gostava mais

disso. Lembrava-lhe o lar doce lar. Limpou também o nariz na cortina. Costume de seu país talvez. Isso é música também. Não tão ruim quanto soa. Flauteando. Bronzes dos asnos zurrando através das trombas elevadas. Contrabaixos indefesos, com feridas nos flancos. Instrumentos de sopro vacas mugindo. Piano de meia-cauda aberto como crocodilo a música tem mandíbulas. Instrumentos de sopro como nome de Goodwin.

Ela estava linda. Seu vestido cor de açafão com decote acentuado, seus pertences à mostra. Seu hálito de cravo estava sempre presente no teatro quando ela se inclinava para fazer uma pergunta. Eu lhe disse o que Espinoza declara naquele livro do meu pobre papai. Hipnotizada, escutava. Olhos assim. Ela se inclinava. O camarada no balcão nobre olhava fixamente para ela com seu binóculo para tudo aquilo que ele tinha direito. A beleza da música deve ser ouvida duas vezes. Para a natureza da mulher um meio olhar. Deus fez a Terra o homem a melodia. Metem psi coisas. Filosofia. Que droga!

Todos se foram. Todos tombaram. No cerco de Ross seu pai, em Gorey seus irmãos tombaram. Para Wexford, nós somos os rapazes de Wexford, ele iria. O último de seu nome e de sua raça.

Eu também. O último de minha raça. Milly jovem estudante. Bem, talvez culpa minha. Nenhum filho. Rudy. Tarde demais agora. Ou se não for? Se não for? Se ainda?

Ele não guardava rancor.

Ódio. Amor. Essas são palavras. Rudy. Em breve estarei velho.

O grande Ben sua voz desabrochou. Grande voz disse Richie Goulding, um rubor se espalhando em seu pálido, a Bloom em breve velho. Mas quando foi jovem?

A Irlanda vem agora. Meu país acima do rei. Ela escuta. Quem teme falar de mil novecentos e quatro? É tempo de abrir caminho. Olhou demais.

– *Me abençoe, pai* – clamou Dollard o camponês rebelde. – *Me abençoe e me deixe partir.*

Tap.

Bloom olhou, partir desabençoado. Levantou-se para matar: a dezoito shillings por semana. Os companheiros pagam com grana. É preciso ficar com o olho aberto para o clima. Aquelas moças, aquelas belas. Ao longo das ondas tristes do mar. Romance da jovem corista. Cartas lidas em voz alta por quebra de promessa. Da pintinha para o própriozinho rabugentinho. Risada na corte. Henry. Eu nunca a assinei. O belo nome que você.

A música penetrou profundamente, melodia e palavras. Depois se apressou. Da batina farfalhante do falso sacerdote surgia o soldado. Um capitão da guarda do paço. Eles sabem tudo de cor. A emoção que eles almejam. Boné de guarda do paço.

Tap. Tap.

Excitada ela ouvia, se inclinando emocionada para ouvir.

Rosto inexpressivo. Virgem dir-se-ia: ou apenas manuseada. Escreva alguma coisa nela: página. Se não o que acontece com elas? Definham, se desesperam. Isso as mantém jovens. Até mesmo admiram-se a si mesmas. Vejamos. Engane-a. Lábio soprano. Corpo de mulher branca, uma flauta viva. Sobre suavemente. Forte. Três orifícios, todos mulheres. Deusa eu não a vi. Elas o desejam. Não ser educado demais. É por isso que ele as consegue. Ouro no seu bolso, aço no seu rosto. Diga alguma coisa. Faça com que ela o ouça. De olhos nos olhos.

Canções sem palavras. Molly, aquele moço do realejo. Ela sabia que ele queria dizer que o macaco estava doente. Ou porque ela era tão como os espanhóis. Compreendem também os animais desse jeito. Salomão compreendia. Dom da natureza.

Ventriloquize. Meus lábios cerrados. Penso com meu estômago. O quê?

Quer? Você? Eu. Quero. Você. Tamb.

Com fúria grosseira e desmedida o guarda do paço amaldiçoava, estourando apoplético o filho bastardo da puta. Uma boa idéia essa sua, rapaz, de vir. Uma hora é o seu tempo para viver, sua última hora.

Tap. Tap.

Emoção agora. Piedade é o que sentem. Enxugar as lágrimas pelos mártires querendo, morrendo por, morrer. Por todas as coisas morrendo, por todas as coisas nascendo. Pobre Sra. Purefoy. Espero que ela tenha terminado. Porque seus ventres.

Um líquido do ventre de mulher do globo ocular olhou sob uma cerca de pestanas, calmamente, ouvindo. Perceba a verdadeira beleza dos olhos quando ela não fala. Sobre o rio longínquo. A cada lenta encapelada e acetinada onda do seio (do seu seio encapelado dela) uma rosa vermelha se erguia lentamente se afundava uma rosa vermelha. Batidas do coração: sua respiração: respiração que é vida. E todas as mínimas mínimas frondes das capilárias estremeeceram.

Mas veja. As estrelas brilhantes empalidecem. Ó rosa! Castela. A manh.

Ha. Lidwell. Para ele então não para. Apaixonado. Eu sou assim? Eu a vejo daqui no entanto. Rolhas estouradas, borrifos de espumadecerveja, montões de caixotes vazios.

Na macia bomba de cerveja saliente repousava a mão de Lydia, levemente, roliçamente, deixe isso nas minhas mãos. Todos perdidos em sua compaixão pelo rebelde. Daqui pra lá: de lá pra cá: por sobre a maçaneta polida (ela conhece os olhos dele, os meus olhos, os olhos dela) seu polegar e dedo passaram com piedade: passaram, repousaram e, tocando delicadamente, deslizaram então suavemente, lentamente para baixo, como uma batuta de esmalte branco firme e impassível se projetando através do anel deslizante deles.

Com um galo com uma garra.

Tap. Tap. Tap.

Eu sustento esta casa. Amém. Ele rangeu os dentes enfurecido. Os traidores vibram.

Os acordes consentiram. Uma coisa muito triste. Mas tinha de ser.

Sair antes do fim. Obrigado, foi divino. Onde está o meu chapéu? Passar por ela. Posso deixar aquele *Freeman*. A carta eu tenho. Suponhamos que ela fosse a? Não. Andar, andar, andar. Como Cashel Boylo Connor Coylo Tisdall Maurice Tisntdall Farrell. Andaaaaaaaar.

Bem, preciso sair. Você está de partida? Voceudodeus. Blselev. S'bre o altocenteio azul. Oih. Bloom se levantou. Sentindo o sabonete bem pegajoso atrás. Devo ter suado: música. Aquela loção, me lembrar. Bom, até logo. De luxo. Cartão dentro. Sim.

Pelo surdo Pat na soleira da porta passou Bloom escutando com atenção.

Na barraca de Geneva morreu aquele rapaz. Em Passage seu corpo foi enterrado. *Dolor!* Ó, ele dolores! A voz lamurienta do cantor invocou a oração dolorosa.

Pela rosa, pelo seio acetinado, pela mão acariciante, pelos restos de cozinha, pelos



caixotes vazios, pelas rolhas estouradas, cumprimentando ao sair, passando por olhos e capilárias, bronze e abatida ouro na penumbra profunda, lá se foi Bloom, suave Bloom, eu me sinto tão sozinho Bloom.

Tap. Tap. Tap.

Rezem por ele, rezou a voz de baixo de Dollard. Vocês que me ouvem em paz. Rezem uma oração, derramem uma lágrima, bons homens, boa gente. Ele era o jovem rebelde.

Assustando o bisbilhoteiro ajudante-de-garçom rebelde ajudante-de-garçom Bloom ouviu no saguão do Ormond os rosnados e rugidos de bravo, as numerosas batidas-nas-costas, as botas todas pisando, botas não as botas o rapaz. Coro geral: para tomar um trago. Contento por eu ter evitado.

– Vamos, Ben – exclamou Simon Dedalus. – Por Deus, você continua tão bom quanto sempre foi.

– Melhor – disse Tomgin Kernan. – A mais incisiva interpretação dessa balada que já ouvi, por minha alma e honra é mesmo.

– Lablache – disse padre Cowley.

O volumoso Ben Dollard cachuchou em direção ao bar, coberto enormemente de elogios e todo sorrisos, com passadas pesadas e os dedos gotosos tamborilando *castagnettes* no ar.

Bigue Benaben Dollard. Bigue Benben. Bigue Benben.

Rrr.

E todos profundamente emocionados, Simon trombeteando sua compaixão através da buzinazereia do seu nariz, todos rindo o conduziram, Ben Dollard, vibrante de alegria.

– Você está com um aspecto saudável – disse George Lidwell.

A senhorita Douce ajeitou sua rosa para esperar.

– Ben meu querido – disse o Sr. Dedalus, batendo na gorda omoplata de Ben. – Em ótima forma apesar da adiposidade encoberta por toda a sua pessoa.

Rrrrrrrsss.

– Gordura da morte, Simon – resmungou Ben Dollard.

Richie uma brecha no alaúde estava sentado sozinho: Goulding, Collis, Ward. Inseguro ele esperou. Pat que não fora pago também.

Tap. Tap. Tap. Tap.

A senhorita Mina Kennedy aproxima os lábios da orelha do primeiro caneco.

– Sr. Dollard – murmuraram eles baixinho.

– Dollard – murmurou o canecão.

O beberão número um acreditava: a senhorita Kennedy quando ela: que ele era boneco: ela boneca: o beberão.

Ele murmurou que conhecia o nome. O nome lhe era familiar. Por assim dizer. Por assim dizer ele ouvira o nome de. Dollard, não é? Dollard, sim.

Sim, os lábios dela disseram mais alto, Sr. Dollard. Ele cantou aquela bela canção, murmurou Mina. Sr. Dollard. E *A Última Rosa do Verão* era uma bela canção. Mina amava aquela canção. O canecão amava a canção que Mina.

É a última rosa do verão dollard partiu bloom sentiu gases circularem à volta por

dentro.

Que coisa gasosa aquela sidra: aglutinante também. Espera aí. A agência do correio perto do escritório de Reuben J. um shilling e oito pence também. Livrar-se disso. Esquivar-se pela Greek Street. Gostaria de não ter prometido me encontrar. Mais liberdade ao ar livre. Música. Dá nos nervos. Bomba de cerveja. A mão dela que balança o berço governa o. Ben Howth. Que governa o mundo.

Longe. Longe. Longe. Longe.

Tap. Tap. Tap. Tap.

Cais acima ia Lionelleopold, Henry travesso com carta para Mady, com doçuras do pecado com anáguas com babados para Raoul com metem psi coisas seguia Poldy.

Tap cego caminhava tapeando com o tap tapeando o meio-fio, tap por tap.

Cowley, ele se atordoa com isso: uma espécie de embriaguez. Melhor dar passagem apenas meia passagem a passagem de um homem com uma moça virgem. Como por exemplo os entusiastas. Todos ouvidos. Não perdem uma meiasemicolcheia. Olhos fechados. Cabeça acenando para marcar o tempo. Amalucados. Você não ousa se mexer. Pensar é estritamente proibido. Sempre falando de negócios. Tanta bagatela a propósito de notas.

Tudo uma espécie de tentativa de puxar conversa. Desagradável quando há uma interrupção porque você nunca sabe exat. O órgão de Gardiner Street. O velho Glynn cinqüenta libras por ano. Estranho lá em cima no sótão, sozinho com o registro do órgão e sob sete chaves. Sentado o dia inteiro no órgão. Resmungar horas a fio, falando consigo mesmo ou com o outro camarada que sopra o fole. Rosnar zangado, em seguida guinchar amaldiçoando (é preciso pôr um chumaço ou alguma coisa no dele não por favor ela gritou), então de súbito um suave minúsculo pequeno minúsculo zéfiro sussurrante.

Pfuiti! Um minúsculo ventinho sussurrou iiii. No pequeno minúsculo de Bloom.

– Era ele? – disse o Sr. Dedalus, voltando com o cachimbo que apanhara. – Eu estive com ele esta manhã no do pobrezinho Paddy Dignam...

– Ah, que o Senhor tenha compaixão dele.

– A propósito há um diapasão ali no...

Tap. Tap. Tap. Tap.

– A mulher dele tem uma bonita voz. Ou tinha. O quê? – perguntou Lidwell.

– Ó, deve ter sido o afinador – Lydia disse para Simonlionel –, eu vi pela primeira vez, que o esqueceu quando esteve aqui.

Imediatamente vi que ele era cego ela disse para George Lidwell. E tocava tão primorosamente, um prazer ouvi-lo. Delicado contraste: bronzelid, minaouro.

– Grite! – gritou Ben Dollard, servindo a bebida. – Vamos brade!

– Eu bradarei – gritou padre Cowley.

Rrrrrr.

Eu sinto que quero...

Tap. Tap. Tap. Tap. Tap.

– Muito – disse o Sr. Dedalus, olhando fixo para uma sardinha sem cabeça.

Debaixo da campânula de sanduíche jazia sobre um esquife de pão uma última, uma solitária, última sardinha de verão. Bloom tão só.

– Muito – ele olhou fixamente. – O mais baixo registro de escolha.

Tap. Tap. Tap. Tap. Tap. Tap. Tap. Tap.

Bloom passou por Barry. Gostaria de poder. Esperar. Se eu tivesse aquele trabalhador prodigioso. Vinte e quatro procuradores naquela única casa. Eu os contei. Litígio. Amam-se uns aos outros. Pilhas de pergaminho. Os Srs. Pick e Pocket têm poder de procuradores. Goulding, Collis, Ward.

Mas por exemplo o camarada que bate com força no tambor grande. Sua vocação: a banda de Mickey Rooney. Me pergunto como essa idéia ocorreu pela primeira vez. Sentado em casa depois de uma carne de porco salgada com repolho e embalando-a na poltrona. Ensaando sua parte na banda. Bom. Badabom. Ótimo para a mulher. Peles de asnos. Espancá-los através da vida, depois surrá-los depois da morte. Pom. Surrar. Me parece que isso seja o que você chama de *yashmak* ou quero dizer *kismet*. Destino.

Tap. Tap. Um rapazinho, cego, com uma bengala de bater vinha taptaptapeando pela vitrine de Daly com os cabelos de uma sereia escorrendo água (mas ele não podia ver) soprava baforadas de uma sereia (os cegos não podiam), sereia, a mais fresca de todas as baforadas.

Instrumentos. Uma haste de gramínea, na concha de suas mãos, ela então soprar. Mesmo de um pente e papel de seda você pode tirar uma melodia. Molly com sua artimanha em Lombard Street oeste, com o cabelo caindo nas costas. Suponho que cada tipo de ofício fazia sua própria música, entende? O caçador com seu clarim. Clarina. Você tem a? *Cloche*. *Sonnez la*. O pastor a sua flauta. Pfuiti pequeno minúsculo. O policial um apito. A sete chaves! Limpar a chaminé! Quatro horas está tudo bem! Dormir! Está tudo perdido agora. Tambor? Badapom. Espera. Eu sei. Pregoeiro, quadrilheiro. Long John. Depertar os mortos. Pom. Dignam. Pobre do pequeno *nominedomine*. Pom. Isso é música. Quero dizer naturalmente é tudo pom pom pom muito do que eles chamam de *da capo*. Ainda assim você pode ouvir. Quando nós marchamos, marchamos em frente, marchamos em frente. Pom.

Eu preciso realmente. Fff. Agora se eu fizesse isso num banquete. Só uma questão de costume xá da Pérsia. Murmurar uma oração, derramar uma lágrima. Mesmo assim é preciso que ele tenha sido um imbecil para que não visse que se tratava de um capitão da guarda do paço. Rosto e pescoço envolvidos. Me pergunto quem será aquele cara de imperm marrom lá na sepultura. Ó, a prostituta da viela!

Uma prostituta desmazelada com um chapéu de marinheiro de palha preto de lado veio à luz do dia ao longo do cais em direção ao Sr. Bloom. Quando ele viu pela primeira vez aquela figura cativante? Sim, é isso aí. Eu me sinto tão sozinho. Noite de chuva na viela. Ereção. Quem tinha a? Elechiu elaviu. Ela fora de sua ronda. O que ela é? Espero que ela. Psit! Alguma chance de lavar a sua roupa? Conhecia Molly. Me tinha enfeitado. Uma senhora forte estava com você com um vestido marrom. Isso deixava você desconcertado. Marcamos encontro sabendo que nunca, bem dificilmente um dia. Caro demais perto demais do lar doce lar. Ela me vê, não é que vê? É um pavor à luz do dia. Um rosto como uma vela. Que ela se dane. Ora, bem, ela tem que viver como os demais. Vejamos aqui dentro.

Na vitrine do antiquário Lionel Mark o arrogante Henry Lionel Leopold o querido Henry Flower veementemente o Sr. Leopold Bloom contemplou castiçais e acordeão bichado

com seus foles transpirando vermes. Uma pechincha: seis shillings. Poderia aprender a tocar. Barato. Deixar ela passar. Naturalmente tudo é caro quando você não está interessado. Isso é o que um bom vendedor é. Faz você comprar o que ele quer vender. Aquele camarada me vendeu a navalha sueca com a qual ele me barbeou. Queria me cobrar por tê-la afiado. Ela está passando por mim agora. Seis shillings.

Deve ser a sidra ou talvez o borgonh.

Perto de bronze de perto perto de ouro de longe eles todos tiniram seus copos estalejantes, com os olhos brilhantes e galhardos, diante da tentadora última rosa do verão de Lydia, rosa de Castela. Primeiro Lid, De, Cow, Ker, Doll, e uma quinta: Lidwell, Si Dedalus, Bob Cowley, Kernan e o Big Ben Dollard.

Tap. Um jovem entrou no saguão solitário do Ormond.

Bloom avistou na vitrine de Lionel Mark um quadro de um herói garboso. As últimas palavras de Robert Emmet. As sete últimas palavras. Isto é de Meyerbeer.

– Homens verdadeiros como vocês homens.

– É isso aí, é isso aí, Ben.

– Erguerão seus copos conosco.

Eles ergueram.

Tim. Tim.

Tip. Um rapazinho que não enxergava estava de pé na porta. Ele não viu bronze. Ele não viu ouro. Nem Ben nem Bob nem Tom nem Si nem George nem beberrões nem Richie nem Pat. Hu, hu, hu, hu. Ele não viu.

Marbloom, sebosobloom considerava as últimas palavras. Brandamente. *Quando meu país tomar seu lugar entre.*

Prrprrr.

Deve ser o borgon.

Fff. Oo. Rrpt.

*Nações da Terra.* Ninguém atrás. Passou por ela. *Então e somente então.* Bonde kran kran kran. Boa oport. Chegando. Krandrkrankran. Tenho certeza que é o borgonh. Sim. Um, dois. *Que meu epítáfio seja.* Kraaaaaa. *Escrito. Eu já.*

Ppprrpprrppffff.

*Terminei.*

## 12

Eu estava só passando o tempo com o velho Troy do D. M. P. ali na esquina de Arbour Hill quando macacos me mordam um maldito limpador de chaminé se aproximou e quase meteu seu equipamento de limpeza no meu olho. Eu me virei para lhe dizer poucas e boas quando quem eu havia de ver se esquivando por Stony Batter senão Joe Hynes.

– Ora veja, Joe – disse eu. – Que ventos o sopram? Você viu aquele maldito limpador de chaminé que quase arrancou meu olho com sua escova?

– Fuligem dá sorte – disse Joe. – Quem é aquele velho estúpido com quem você estava falando?

– É o velho Troy – disse eu –, que já foi da polícia. Estou na dúvida se não entrego aquele camarada à polícia por obstruir a via pública com suas vassouras e escadas.

– O que você está fazendo por essas bandas? – disse Joe.

– Um danado de um problema – disse eu. – Há um ladrão um maldito finório lá perto da capela da caserna na esquina de Chicken Lane, o velho Troy estava justamente me dando uma informação sobre ele, que roubou uma enorme quantidade de chá e açúcar pela qual devia pagar três shillings por semana e dizia que tinha uma fazenda no condado de Down, a um nanico de nome de Moses Herzog lá nas proximidades de Heytesbury Street.

– Um circunciso! – disse Joe.

– Sim – disse eu. – Um dos maiores. Um velho encanador chamado Geraghty. Eu estou nos calcanhares dele nesses últimos quinze dias e não consigo tirar um vintém dele.

– É esta a sua ocupação agora? – disse Joe.

– É sim – disse eu. – Como os poderosos desabaram! Cobrador de dívidas ruins e duvidosas. Mas esse é o mais notório maldito ladrão que você possa defrontar nas ruas e com um rosto em que as cicatrizes de varíola poderiam conter um temporal. *Diga a ele*, disse, *que eu o desafio*, disse, *e o desafio duplamente a mandar o senhor de volta aqui ou se ele o fizer*, disse, *eu farei com que ele seja intimado perante a justiça, ah isso eu farei, por comerciar sem licença*. E isso depois de se encher de comida até quase explodir. Meu Jesus, eu tive de rir do judeuzinho pondo seus manguitos de fora. *Ele beber meus chás. Ele comer meus açúcares. Por que ele não me pagar meu dinheiro?*

Por produtos não-perecíveis comprados de Moses Herzog, de 13 Saint Kevin's Parade na cidade de Dublin, bairro Wood Quay, comerciante, daqui por diante chamado de vendedor, e vendido e entregue a Michael E. Geraghty, Esquire, de 29 Arbour Hill na cidade de Dublin, bairro Arran Quay, cavalheiro, daqui por diante chamado de comprador, *videlicet*, cinco libras *avoirdupois* de chá de primeira qualidade a três shillings e nenhum pence por libra *avoirdupois* e quarenta e duas libras *avoirdupois* de açúcar cristalizado, a três pence por libra *avoirdupois*, o dito comprador devedor ao dito vendedor de uma libra cinco shillings e seis pence pelo valor recebido cujo total deve ser pago pelo dito comprador ao dito vendedor em sete prestações semanais todo dia sete do calendário de três shillings e nenhum pence: e os ditos produtos não-perecíveis não devem ser penhorados ou dados em garantia ou vendidos ou de outra forma alienados pelo dito comprador mas devem ser e permanecer e ser retidos como propriedade única e exclusiva do dito vendedor para serem utilizados por ele de acordo com sua vontade e prazer até que a dita importância tenha sido devidamente paga pelo dito comprador ao dito vendedor, da maneira aqui estabelecida deste dia em diante entre o dito vendedor, seus herdeiros, sucessores, curadores e depositários judiciais de uma parte e o dito comprador, seus herdeiros, sucessores, curadores e depositários judiciais da outra parte.

– Você é um rígido abst.? – diz Joe.

– Não tomo nada entre minhas bebidas – digo eu.

– Que me diz de apresentarmos nossos respeitos ao nosso amigo? – diz Joe.

– Quem? – digo eu. – Certamente, ele está no asilo de loucos John of God

completamente fora de si, pobre homem.

– Bebendo sua própria substância – diz Joe.

– É isso aí – digo eu. – Uísque e água no cérebro.

– Vamos dar um pulo no Barney Kiernan – diz Joe. – Quero ver o cidadão.

– No Barney “meu amor” que assim seja – digo eu. – Algo estranho ou maravilhoso, Joe?

– Nenhuma palavra – diz Joe. – Eu estive naquela reunião no City Arms.

– O que era aquilo, Joe? – digo eu.

– Negociantes de gado – diz Joe – sobre a febre aftosa. Quero informar o cidadão o que há por dentro da história.

Assim sendo nós fomos pelas casernas de Linenhall e pelos fundos do palácio de justiça conversando sobre uma e outra coisa. Um camarada decente esse Joe quando está na dele mas certamente desse jeito ele nunca está na dele. Meu Jesus, eu não conseguia digerir aquele velhaco desgraçado do Geraghty, ladrão em plena luz do dia. Por negociar sem licença, diz ele.

Em Inisfail a Bela existe ali uma terra, a terra de São Michan. Ali se ergue uma torre de vigia avistada por homens à distância. Ali dormem os mortos poderosos como dormiram em vida, guerreiros e príncipes de alto renome. Uma terra agradável ela é na verdade com águas murmurantes, rios abundantes em peixes em que se divertem a cabrinha, o linguado, o pardelho, o linguado gigante, o hadoque de mandíbula saliente, o salmão, o limanda, o linguado europeu, o solha, a pescada-polaca, uma mistura de peixes inferiores em geral e outros habitantes do reino aquoso numerosos demais para serem enumerados. Nas brisas suaves do oeste e do leste as árvores elevadas agitam nas mais diversas direções sua folhagem exuberante, o sicômoro adejante, o cedro libanês, o plátano sublime, o eucalipto eugênico e outros ornamentos do mundo arborizado do qual aquela região é extremamente bem suprida. Belas donzelas se sentam em íntima proximidade das raízes das belas árvores cantando as mais belas canções enquanto brincam com toda sorte de belos objetos como por exemplo lingotes dourados, peixes prateados, galões de arenques, arrastões de enguias, filhotes de bacalhau, cestos de peixinhos, gemas marítimas purpúreas e insetos brincalhões. E heróis viajam de terras distantes para cortejá-las, de Eblana a Slievemargy, os príncipes sem igual da livre Munster e de Connacht a justa e do suave e aveludado Leinster e da terra de Cruachan e de Armagh a esplêndida e do nobre distrito de Boyle, príncipes, os filhos de reis.

E ali surge um magnífico palácio cujo cintilante telhado de cristal é visto por navegantes que cruzam o vasto mar em veleiros construídos expressamente para essa finalidade, e para ali vêm todas as hordas e animais de engorda e primeiros frutos daquela terra para O’Connell Fitzsimon que recolhe um tributo deles, um chefe de tribo descendente de chefes de tribos. Para ali as caleças extremamente grandes trazem fátura dos campos, cestos de couve-flor, carroças de espinafre, abacaxi em conserva, feijões de Rangoon, grande quantidade de tomates, barris de figos, sulcos de nabos da Suécia, batatas esféricas e centos de couve iridescente, York e Sabóia, e bandejas de cebolas, pérolas da terra, e grandes cestas rasas de cogumelos e cremes de abóbora e abundantes ervilhacas e cevada e colza e castanhas vermelhas verdes amarelas marrons maçãs grandes doces amargas maduras arredondadas e

caixinhas de madeira de morangos e cestas de groselha, polposas e peludas, e morangos dignos de príncipes e framboesas tiradas dos seus galhos.

*Eu o desafio, diz ele, e eu o desafio duplamente.* Venha aqui para fora, Geraghty, seu notório ladrão desgraçado de colinas e vales!

E por aquele caminho seguiram as manadas incontáveis de carneiros-guias e ovelhas reprodutoras e carneiros e cordeiros já tosquiados e gansos selvagens e novilhos castrados médios e éguas resfolegantes e bezerros de chifres cortados e carneiros angorás e carneiros reprodutores e vacas de Cuffe prestes a dar cria e animais de engorda e porcas castradas e suínos ricos em toucinho e várias diferentes variedades de porcos de primeira qualidade e novilhas de Angus e bois descornados de raça impecável junto com vacas leiteiras e reses de excelente qualidade e premiadas: e ali se ouve permanentemente um tropel, cacarejo, rugido, mugido, balido, bramido, ronco, grunhido, uma trituração, mastigação, de carneiros e porcos e vacas de patas pesadas vindos das pastagens de Lusk e Rush e Carrickmines e dos vales regados por regatos de Thomond, dos montes de M'Gillicuddy os inacessíveis e do senhorial Shannon o insondável, e das gentis declividades do lugar da raça de Kiar, seus úberes distendidos pela superabundância de leite e barricas de manteiga e coalhos de queijo e barriletes de fazendeiro e pescoços e peitos de cordeiros e quantidades de milho e muitas centenas de ovos oblongos, diversos em tamanho, ágata e castanho-acinzentados.

Então nós entramos na propriedade de Barney Kiernan e ali, sem dúvida alguma, estava o cidadão num canto tendo uma grande confab consigo mesmo e aquele maldito cão vira-lata sarnento, Garryowen, à espera do que pudesse cair do céu em sua goela como bebida.

– Lá está ele – digo eu –, no meio de sua bagunça, com seu cantil cheio e sua porção de papeladas, trabalhando pela causa.

O maldito vira-lata soltou um resmungo que lhe daria arrepios. Seria uma obra de caridade se alguém tirasse a vida daquele cão maldito. Foi-me dito como um fato que ele comeu grande parte das culotes de um guarda-civil em Santry que veio certa vez com uma intimação judicial a respeito de uma licença.

– A bolsa ou a vida – diz ele.

– Tudo bem, cidadão – diz Joe. – Amigos aqui.

– Passem, amigos – diz ele.

Então ele esfrega o olho com a mão e diz:

– Qual é a opinião de vocês sobre a situação atual?

Fazendo sua pirataria e seu Rory da colina. Mas, por Deus, Joe estava à altura da situação.

– Acho que o mercado está em alta – diz ele, deslizando sua mão pelo garfo.

Assim por Deus o cidadão bate com a palma da mão no joelho e diz:

– As guerras estrangeiras é que são a causa disso.

E diz Joe, fincando o polegar em seu bolso:

– São os russos que desejam tyrannizar.

– Ora francamente, pare com sua maldita pilhéria, Joe – digo eu. – Estou com uma sede dentro de mim que não venderia por nada neste mundo.

- Dê-lhe um nome, cidadão – diz Joe.
- O vinho nacional – diz ele.
- Qual é o seu? – diz Joe.
- O Ditto MacAnaspey – digo eu.
- Três doses, Terry – diz Joe. – E como vai o velho coração, cidadão? – diz ele.
- Melhor do que nunca, *a chara* – diz ele. – Que tal Garry? Será que nós vamos

ganhar? Hein?

E com isso ele pegou o velho maldito canzarrão por baixo do pescoço e, Jesus da minha alma, quase o estrangulou.

A figura sentada sobre um enorme bloco de pedra aos pés de uma torre redonda era a de um herói de ombros largos de vasto peito de membros robustos de olhos francos de cabelos vermelhos de múltiplas sardas de barba desgrenhada de boca larga de nariz grande de cabeça comprida de voz grossa de joelhos nus de punho de aço de pernas peludas de rosto corado de braços musculosos. De um ombro ao outro ele media várias varas e seus joelhos como montanhas rochosas estavam cobertos, como igualmente o resto de seu corpo onde quer que fosse visível, por uma espessa vegetação de pêlos fulvos picantes em coloração e dureza semelhantes ao tojo da montanha (*Ulex Europæus*). As narinas de abas largas, das quais se projetavam pêlos hirsutos da mesma tonalidade fulva, eram de tamanha amplitude que dentro de sua obscuridade cavernosa a cotovia poderia facilmente alojar o seu ninho. Os olhos nos quais uma lágrima e um sorriso constantemente lutavam por supremacia tinham a dimensão de uma couve-flor de bom tamanho. Uma poderosa corrente de sopro quente se emanava a intervalos regulares da cavidade profunda de sua boca enquanto em ressonância rítmica as reverberações fortes vigorosas e altas de seu formidável coração trovejavam retumbantemente fazendo com que o chão, o topo da torre elevada e as paredes ainda mais elevadas da gruta vibrassem e tremessem.

Ele vestia uma túnica longa sem mangas de couro de boi recentemente tosquiado que chegava até os joelhos como um *kilt* solto e isso era amarrado no meio por uma faixa de palha e fios de junco trançados. Por baixo disso ele usava calças de tartã de couro de gamo rudemente costuradas com tripas. Suas extremidades inferiores estavam cobertas por botas altas tingidas com líquen purpúreo, os pés sendo calçados com borzeguins de couro de boi cru secado no sal atados com a traquéia do mesmo animal. De sua faixa pendia uma fileira de pedras do mar que dançavam a cada movimento de sua figura portentosa e nelas estavam gravadas com tosca e no entanto surpreendente arte as imagens tribais de muitos heróis e heroínas irlandeses da antiguidade, Chuchulin, Conn de centenas de batalhas, Niall de nove reféns, Brian de Kincora, o poderoso rei Malachi, Art MacMurragh, Shane O’Neill, padre John Murphy, Owen Roe, Patrick Sarsfield, Red Hugh O’Donnell, Red Jim MacDermott, Soggarth Eoghan O’Growney, Michael Dwyer, Francy Higgins, Henry Joy M’Cracken, Golias, Horace Wheatley, Thomas Conneff, Peg Woffington, o Village Blacksmith, capitão Moonlight, capitão Boycott, Dante Alighieri, Cristóvão Colombo, S. Fursa, S. Brendan, marechal MacMahon, Carlos Magno, Theobald Wolfe Tone, a Mãe dos Macabeus, o Último dos Moicanos, a Rosa de Castela, o Homem para Galway, o Homem que Quebrou o Banco de Monte Carlo, o Homem na Ravina, A Mulher Que Não Fez, Benjamin Franklin, Napoleão



Bonaparte, John L. Sullivan, Cleópatra, Savourneen Deelish, Júlio Cesar, Paracelso, sir Thomas Lipton, Guilherme Tell, Michelangelo Hayes, Maomé, a Noiva de Lammermoor, Peter o Eremita, Peter o Empacotador, Dark Rosaleen, Patrick W. Shakespeare, Brian Confucius, Murtagh Gutenberg, Patricio Velasquez, capitão Nemo, Tristão e Isolda, o primeiro príncipe de Gales, Thomas Cook and Son, o corajoso Soldier Boy, Arrah na Pogue, Dick Turpin, Ludwig Beethoven, the Colleen Bawn, Waddler Healy, Angus the Culdee, Dolly Mount, Sidney Parade, Ben Howth, Valentine Greatrakes, Adão e Eva, Arthur Wellesley, Boss Croker, Heródoto, Jack o Matadorgigante, Gautama Buda, lady Godiva, O Lírio de Killarney, Balor do Olhar Maléfico, a rainha de Sabá, Acky Nagle, Joe Nagle, Alessandro Volta, Jeremiah O'Donovan Rossa, dom Philip O'Sullivan Beare. Uma lança deitada de granito de ponta acerada jazia ao lado dele enquanto a seus pés repousava um animal selvagem da tribo canina cujo arfar estertoroso informava que ele estava mergulhado numa modorra agitada, uma suposição confirmada por rosnados roucos e movimentos espasmódicos que seu dono reprimia de tempos em tempos por meio de golpes tranqüilizadores com um porrete poderoso de pedra paleolítica toscamente modelado.

Então de qualquer forma Terry trouxe as três doses para Joe que estava de pé e por Deus a visão quase cegou meus olhos quando eu o vi lhe estender uma libra. Ó, tão certo quanto dois e dois são quatro. Um bem-apanhado soberano.

– E tem mais de onde isso veio – diz ele.

– Você andou roubando a caixinha dos pobres, Joe? – digo eu.

– Com o suor do meu rosto – diz Joe. – Foi o elemento prudente que me deu a dica.

– Eu o vi antes de encontrar com você – digo eu –, descendo por Pill Lane e Greek Street com seu olhar de peixe morto a inventariar as entranhas do peixe.

Quem está cruzando a terra de Michan, vestindo uma armadura de luto? O'Bloom, o filho de Rory: é ele mesmo. Impenetrável ao medo é o filho de Rory: ele da alma prudente.

– Para a velha senhora de Prince's Street – diz o cidadão – o órgão subvencionado. O partido ligado por promessas no recinto da Câmara. E vejam este maldito jornaleco – diz ele. – Vejam só isto – diz ele. – *The Irish Independent*, se me façam o favor, fundado por Parnell para ser o defensor do trabalhador. Ouçam os nascimentos e mortes em *Os irlandeses todos por uma Irlanda Independente*, e eu lhes ficarei grato e os casamentos.

E ele começa a ler para eles:

– Gordon, Barnfield Crescent, Exeter; Redmayne de Iffley, Saint Anne's on the Sea: a mulher de William T. Redmayne, nascimento de um filho. Que tal isso, hein? Wright e Flint, Vincent e Gillett para Rotha Marion filha de Rosa e do falecido George Alfred Gillett, 179 Clapham Road, Stockwell, Playwood e Ridsdale em Saint Jude, Kensington pelo mui reverendo Dr. Forrest, decano de Worcester. Hein? Mortes. Bristow, em Whitehall Lane, Londres: Carr, Stoke Newington, de gastrite e doença de coração: Cockburn, na Moat House, Chepstow...

– Eu conheço esse cara – diz Joe –, de amarga experiência própria.

– Cockburn. Dimsey, mulher de David Dimsey, tendo pertencido ao almirantado: Miller, Tottenham, com oitenta e cinco anos: Welsh, dia 12 de junho, no 35 Canning Street, Liverpool, Isabella Helen. Que tal isso em uma imprensa nacional, hein, meu pinto! Que tal

isso para Martin Murphy, o especulador de Bantry?

– Ah, tudo bem – diz Joe, passando à volta a bebida. – Graças a Deus eles nos passaram a perna. Beba isso, cidadão.

– De bom grado – diz ele – ilustre figura.

– À sua saúde, Joe – digo eu. – E à de todos os presentes.

– Ah! Ufa! Nem me diga. Eu estava muito por baixo por falta dessa bebida. Por Deus eu afirmo que poderia ouvi-la atingir o fundo do meu estômago com um clique.

E veja, enquanto eles sorviam sua taça de alegria, um mensageiro dos céus entrava rapidamente, radiante como o olhar celestial, um jovem gracioso e atrás dele passava um ancião de porte e semblante nobres, trazendo os pergaminhos sagrados da lei e com ele sua mulher uma dama de linhagem incomparável, a mais linda de sua raça.

O pequeno Alf Bergan entrou inesperadamente pela porta e se escondeu atrás da salinha do Barney, sufocado de tanto rir. E quem estava sentado ali no canto que eu não tinha visto roncando bêbado, cego para o mundo, senão Bob Doran. Eu não sabia o que estava acontecendo e Alf continuava a fazer sinais para o lado de fora da porta. E por Deus não era senão aquele desgraçado velho palhaço do Denis Breen em suas alpercatas com dois miseráveis livros grandes metidos debaixo de sua asa com a mulher em seus calcanhares, desgraçada mulher infortunada, trotando como um *poodle*. Eu pensei que Alf fosse se estourar de tanto rir.

– Olhe só para ele – diz ele. – Breen. Ele está flanando por toda Dublin com um cartão-postal que alguém lhe enviou com P. C.: escrito nele para entrar com uma aç...

E ele se dobrou em dois.

– Entrar com o quê? – digo eu.

– Uma ação por difamação – diz ele – de dez mil libras.

– Ah, droga! – digo eu.

O maldito vira-lata começou a rosnar de tal maneira a ponto de nos fazer tremer de medo ao ver que alguma coisa ia acontecer mas o cidadão lhe deu um chute nas costelas.

– *Bi i dho husht* – diz ele.

– Quem? – pergunta Joe.

– Breen – diz Alf. – Ele esteve no escritório de John Henry Menton e em seguida passou por Collis e Ward e então Tom Rochford o encontrou e o mandou de brincadeira direto ao subxerife. Ó meu Deus, eu chego a sentir dor de tanto rir. P. C.: para cima. O camarada comprido lhe lançou um olhar que valia por um mandato e agora o desgraçado velho lunático partiu para Green Street para procurar um cara da polícia.

– Quando é que o Long John vai enforcar esse homem em Mountjoy? – diz Joe.

– Bergan – diz Bob Doran, despertando. – Esse é o Alf Bergan?

– É sim – diz Alf. – Enforcar? Espere até que eu lhe mostre. Aqui, Terry, dê-nos um copo de cerveja. Aquele desgraçado velho tolo! Dez mil libras. Vocês precisavam ter visto o olhar do Long John. P. C...

E começou a rir.

– De quem você está rindo? – diz Bob Doran. – Esse é o Bergan?

– Vamos rápido, Terry meu chapa – diz Alf.

Terence O’Ryan o ouviu e sem demora lhe trouxe uma taça de cristal cheia de cerveja ale ebânea espumante que os dois nobres gêmeos Bungiveagh e Bungardilaun preparam invariavelmente em seus divinos tonéis, tão sagazes quanto os filhos da Leda imortal. Pois eles enceleiram as bagas suculentas do lúpulo e juntam e peneiram e esmagam no pilão e as preparam e misturam nelas sumos azedos e levam o mosto ao fogo sagrado e se entregam à sua faina dia e noite sem cessar, esses sagazes irmãos, lordes do tonel.

Então, cavalheiresco Terence, você passou adiante, como se tivesse nascido para esse fim, aquela bebida nectárea e ofereceu a taça de cristal àquele que tinha sede, a alma da fidalguia, íntimo em beleza dos imortais.

Mas ele, o jovem chefe dos O’Bergan que dificilmente podia suportar ser superado em feitos generosos deu por conseguinte com um gesto gracioso um testom do mais caro bronze. Nele gravada por excelente forja podia ser vista a imagem de uma rainha de porte majestoso, descendente da casa de Brunswick, de nome Vitória, Sua Mais Excelsa Majestade, pela graça do Deus do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda e domínios britânicos de além-mar, rainha, defensora da fé, imperatriz da Índia, até ela, que era o suporte do poder, uma dominadora de muitos povos, a bem-amada, pois eles a conheciam por isso e a amavam do nascer ao pôr do sol, os pálidos, os escuros, os avermelhados e os etiópicos.

– O que é que esse maldito maçom está fazendo – diz o cidadão – rondando pra cima e pra baixo do lado de fora?

– O que é isso? – diz Joe.

– Aqui estamos nós – diz Alf, tirando para fora sua grana. – Por falar em enforcamento, eu vou lhes mostrar uma coisa que vocês nunca viram. Cartas de carrascos. Vejam isso aqui.

Então ele tirou do bolso um pacote de pedacinhos de cartas e envelopes.

– Você está brincando? – digo eu.

– Verdade – diz Alf. – Leia-as.

Então Joe pegou as cartas.

– De quem vocês estão rindo? – diz Bob Doran.

Assim eu vi que ia haver um pouco de confusão Bob é um cara esquisito quando está com a cara cheia de cerveja então eu digo só para puxar conversa:

– Como tem passado ultimamente Willy Murray, Alf?

– Não sei, não – diz Alf. – Eu acabei de vê-lo em Capel Street com Paddy Dignam.

Só que eu estava correndo atrás de...

– Você o quê? – diz Joe jogando as cartas na mesa. – Com quem?

– Com Dignam – diz Alf.

– O Paddy? – diz Joe.

– É sim – diz Alf. – Por quê?

– Você não sabe que ele morreu? – diz Joe.

– Paddy Dignam morto! – diz Alf.

– Sim, senhor – diz Joe.

– Sem dúvida alguma eu o vi ainda há pouco não faz cinco minutos – diz Alf –, tão claro como a água.

- Quem está morto? – diz Bob Doran.
- Então você viu o fantasma dele – diz Joe –, Deus entre nós e o mal.
- O quê? – diz Alf. – Meu Cristo, só cinco... O quê?... E Willy Murray com ele, os dois juntos ali perto do comoéquevocêchama... O quê? Dignam morto?
- O que há com o Dignam? – diz Bob Doran. – Quem está falando sobre... ?
- Morto! – diz Alf. – Ele está tão morto quanto você.
- Talvez – diz Joe. – De qualquer forma eles tomaram a liberdade de enterrá-lo esta manhã.
- Paddy? – diz Alf.
- Sim senhor – diz Joe. – Ele já pagou sua dívida com a natureza, Deus tenha piedade dele.
- Meu Cristo! – diz Alf.

Por Deus ele estava o que se pode dizer pasmo.

Na escuridão mãos espirituais se fizeram sentir se agitando e quando a oração em forma de tantras foi dirigida para a região adequada uma luminosidade fraca mas crescente de luz rósea se tornou gradualmente visível, a aparição do duplo etérico sendo particularmente semelhante à vida devido à descarga de raios jívicos provindos da coroa da cabeça e do rosto. Comunicação foi efetuada através do corpo pituitário e também por meio de raios laranjaígneos e escarlates se emanando da região sacra e do plexo solar. Indagado por meio de seu nometerrestre quanto ao seu paradeiro no mundocelestial ele declarou que estava agora a caminho do pr̄al̄aȳa ou retorno mas ainda estava submetido à prova nas mãos de entidades sedentasdesangue nos níveis astrais inferiores. Em resposta à pergunta quanto a suas primeiras sensações para lá das fronteiras do além ele declarou que previamente ele tinha visto como se num espelho obscuramente mas que aqueles que já tinham passado para o outro lado tinham possibilidades máximas de desenvolvimento átomico à disposição deles. Indagado se a vida ali se assemelhava à nossa experiência corporal ele declarou que ouvira de seres mais favorecidos agora em seu espírito que suas habitações eram equipadas com todo o conforto de uma casa moderna como t̄al̄af̄an̄a, al̄av̄at̄ar, qūant̄afrīa, w̄at̄akl̄as̄at e que os adeptos mais elevados eram banhados por ondas de volúpia da mais pura natureza. Tendo solicitado um quarto de leiteisso foi trazido e evidentemente lhe proporcionou alívio. Indagado se tinha alguma mensagem para os vivos ele exortou todos aqueles que ainda estivessem no lado errado de M̄aȳa a reconhecer o verdadeiro caminho pois era divulgado nos círculos devânicos que Marte e Júpiter estavam empenhados em praticar dano no ângulo oriental em que Áries tem poder. Foi então perguntado se havia alguns desejos especiais da parte do defunto e a resposta foi *Nós os saudamos, amigos da Terra, que ainda estão em seus corpos. Prestem atenção para que C. K. não sobrecarregue.* Foi apurado que a referência era ao Sr. Cornelius Kelleher, gerente da funerária popular dos Srs. H. G. O'Neill, amigo pessoal do defunto, que tinha sido responsável pelos arranjos do sepultamento. Antes de se afastar ele solicitou que fosse dito ao seu querido filho Patsy que a outra bota que ele tinha andado procurando estava no momento debaixo da cômoda na saleta e que o par devia ser mandado ao Cullen para uma meia-sola apenas visto que os saltos ainda estavam bons. Declarou também que isso tinha perturbado grandemente sua paz de espírito

naquela outra região e solicitava ansiosamente que seu desejo fosse tornado conhecido. Garantias lhe foram dadas de que a coisa seria feita e foi insinuado que isso lhe causou satisfação.

Ele partiu dos lugares mortais que freqüentava: O'Dignam, sol de nossa manhã. Ligeiro era seu pé sobre a samambaia: Patrick de frente resplandecente. Lamente, Banba, com seu vento: e lamente, Ó oceano, com seu redemoinho.

– Lá está ele novamente – diz o cidadão, olhando fixamente para fora.

– Quem? – digo eu.

– Bloom – diz ele. – Ele está montando guarda ali pra cima e pra baixo nestes últimos dez minutos.

E, por Deus, eu vi sua fision dar uma olhadela para dentro e em seguida ir-se embora novamente.

O pequeno Alf ficou curvado como duas rodas de disco. Verdade, ficou.

– Meu bom Cristo! – diz ele. – Eu podia jurar que era ele.

E diz Bob Doran, com o chapéu atrás de sua cuca, o patife mais reles de Dublin quando está bêbado:

– Quem disse que Cristo é bom?

– Perdão seu pastinaca – diz Alf.

– Será que esse é um bom Cristo – diz Bob Doran – que leva embora o pobre pequeno

Willy Dignam?

– Ora, quem sabe – diz Alf, tentando disfarçar. – Ele está livre de todos os seus problemas.

Mas Bob Doran grita fora de si.

– Ele é um miserável rufião – digo eu – por levar embora o pobre pequeno Willy Dignam.

Terry veio abaixo e fez um sinal piscando o olho para que ele ficasse quieto, que eles não queriam aquele tipo de conversa naquelas premissas licenciadas e respeitáveis. E Bob Doran começa a choramingar sobre Paddy Dignam, e isso é tão verdadeiro como você estar aqui.

– O homem melhor do mundo – diz ele, fungando –, o caráter o mais puro e melhor.

A lágrima está miseravelmente perto de seu olho. Ele está dizendo disparates. Mais adequado ele ir para casa para a putinha sonâmbula com a qual ele se casou, Mooney, a filha do tira, a mãe mantinha uma hospedaria em Hardwicke Street, que costumava perambular pelos desembarcadouros me disse Bantam Lyons que ela estava parada lá às duas da manhã nua em pêlo, expondo sua pessoa, acessível a todos que viessem, um campo aberto sem favor nenhum.

– O mais nobre, o mais verdadeiro – diz ele. – E ele partiu, pobre pequeno Willy, pobre pequeno Paddy Dignam.

E pesaroso e com o coração pesado ele chorou pela extinção daquele raio de luz celestial.

O velho Garryowen começou novamente a rosar para Bloom que espreitava em volta da porta.

– Entre, vamos – diz o cidadão. – Ele não vai comê-lo.

Então Bloom se introduz com seu olhar de peixe morto no cachorro e pergunta a Terry se Martin Cunningham estava ali.

– Ó, Christ M’Keown – diz Joe, lendo uma das cartas. – Ouçam isto, sim?

E começa a ler em voz alta uma delas.

*7 Hunter Street,  
Liverpool.*

*Ao elevado Xerife de Dublin,  
Dublin.*

*Honrado senhor eu rogo oferecer meus serviços no penoso caso acimamencionado em que enforquei Joe Gann na cadeia de Bootle em 12 de fevereiro de 1900 e eu enforquei...*

– Mostre-nos, Joe – digo eu.

*– ... o soldado Arthur Chace por assassinato torpe de Jessie Tilsit na prisão de Pentonville e eu fui auxiliar quando...*

– Meu Jesus – digo eu.

*– ... Billington executou o terrível assassino Toad Smith...*

O cidadão tentou arrebatá-la carta.

*– Agüente firme – diz Joe –, eu tenho um truque especial de pôr o nó corredio uma vez dentro ele não consegue sair esperando ser favorecido eu permaneço, honrado senhor, minhas condições é cinco guinéus.*

*H. Rumbold,  
Mestre Barbeiro.*

– E um bárbaro maldito bárbaro que ele também é – diz o cidadão.

– E o garrancho imundo do desgraçado – diz Joe. – Olhe – diz ele –, leve-as para as profundezas do inferno longe da minha vista, Alf. Alô, Bloom – diz –, o que você vai tomar?

Então eles começaram a discutir sobre o assunto, Bloom dizendo que não ia nem podia e para desculpá-lo sem nenhuma intenção de ofender e assim por diante e então ele disse que pegaria apenas um charuto. Por Deus, ele é um elemento prudente, sem qualquer dúvida.

– Dê-nos um de seus canalhas de primeira, Terry – diz Joe.

E Alf nos dizia que havia um cara que mandou um cartão de luto com uma tarja preta em volta.

– Eles são todos barbeiros – diz ele – das Midlands ocidentais que enforcariam seus próprios pais por cinco libras e mais despesas de viagem.

E ele nos contava que havia dois camaradas esperando embaixo para puxá-lo pelos pés quando ele levasse a queda e estrangulá-lo devidamente e depois cortar a corda em pedacinhos e vender os pedaços a alguns shillings por crânio.

Na terra sombria eles aguardam, os cavaleiros vingadores da navalha. Seu laço fatal eles agarram: sim senhor, e nesse particular eles conduzem ao Érebo qualquer que seja o ser humano que tenha cometido um ato sanguinário pois eu não vou de modo algum suportar isso assim mesmo disse o Senhor.

Dessa forma eles começaram a conversar sobre a pena capital e naturalmente Bloom

veio logo com o por que e o porquê de todo o absurdo do negócio e o velho cachorro o cheirando o tempo todo me foi dito que esses judeuzinhos têm uma espécie de odor esquisito se exalando deles para os cachorros à volta sobre eu não sei que efeito inibitório e assim por diante e assim por diante.

– Existe uma coisa sobre a qual não tem efeito inibitório – diz Alf.

– O que é? – diz Joe.

– A ereção do pobre patife que está sendo enforcado – diz Alf.

– É mesmo? – diz Joe.

– A mais santa verdade – diz Alf. – Eu ouvi isso do chefe dos carcereiros que estava em Kilmainham quando enforcaram Joe Brady, o invencível. Ele me disse que quando cortaram a corda depois da queda aquilo estava de pé na cara deles como um atizador de brasa.

– Paixão dominadora forte mesmo na morte – diz Joe –, como alguém o disse.

– Isso pode ser explicado pela ciência – diz Bloom. – É somente um fenômeno natural, compreendem, porque devido a...

E então ele começa com suas palavras difíceis sobre fenômeno e ciência e este fenômeno e o outro fenômeno.

O distinto cientista herr professor Luitpold Blumenduft apresentou um testemunho médico para o efeito de que a fratura instantânea das vértebras cervicais e conseqüente cisão da medula espinhal seria, de acordo com a tradição mais bem aceita da ciência médica, calculada a fim de produzir inevitavelmente no sujeito humano um estímulo ganglionar violento dos centros nervosos do aparato genital, fazendo desse modo os poros elásticos da *corpora cavernosa* se dilatarem rapidamente de maneira tal a facilitar instantaneamente o fluxo sanguíneo para aquela parte da anatomia humana conhecida como pênis ou órgão masculino resultando no fenômeno que tem sido denominado pela faculdade de uma ereção prolífica mórbida para cima e para fora *in articulo mortis per diminutionem capitis*.

Assim naturalmente o cidadão que estava apenas esperando pelo piscar de uma palavra começa a falar sem parar sobre os invencíveis e a velha guarda e os homens de sessenta e sete e sobre quem tem medo de falar de noventa e oito e Joe com ele sobre todos os homens que foram enforcados, eviscerados e transportados pela causa para um julgamento sumário pela corte marcial e uma nova Irlanda e um novo isto, isso e aquilo. Por falar em nova Irlanda ele deveria adquirir um novo cachorro ah isso ele deveria. Um animal extremamente voraz farejando e espirrando pelo lugar todo e coçando suas feridas. E lá vai ele para Bob Doran que estava servindo uma meia para Alf adulando para conseguir o que pudesse. Então naturalmente Bob Doran começa a proceder como um miserável tolo com seu:

– Me dê a pata! Dê a pata, cachorrinho! Bom e velho cachorrinho! Dê aqui a pata! Me dê a pata!

Que absurdo, final miserável para a pata que ele queria que desse a pata e Alf tentando evitar que ele desmoronasse do maldito tamborete em cima do maldito velho cão e ele falando toda sorte de baboseira sobre como adestrar com carinho o cão de raça e cachorro inteligente: era de enojar. Então ele começa a raspar uns pedaços de biscoito velho do fundo da lata de Jacobs que ele disse a Terry para trazer. Deus meu, ele engoliu vorazmente de um

jeito incrível e sua língua pendurada uma jarda para fora pedindo mais. Quase comeu a lata e tudo o mais, faminto maldito vira-lata.

E o cidadão e Bloom tendo uma discussão sobre o assunto, os irmãos Sheares e Wolfe Tone lá longe em Arbour Hill e Robert Emmet e morrer pelo seu país, o toque de Tommy Moore sobre Sara Curran e ela está longe do país. E Bloom, naturalmente, com seu charuto principesco se dando um ar de *grand seigneur* com seu rosto gorduroso. Fenômeno! A desmazelada gorda com quem ele se casou é um belo velho fenômeno com um traseiro como uma pista de boliche. Já era hora de darem uma parada no City Arms Pisser Burke me disse que havia uma velhota lá com um sobrinho louco de causar vergonha e Bloom tentando atingir o lado suave dela dando uma de maricas jogando besigue para conseguir um dinheirinho no testamento dela e deixando de comer carne na sexta-feira porque a velhota estava sempre martelando sua beatice e levando o palerma para passear. E certa vez ele o levou para dar umas voltas em Dublin e, pelo santo padre, não entregou os pontos até trazê-lo pra casa bêbado como um gambá e disse que tinha feito isso para lhe dar uma lição sobre os males do álcool e pela barba de bode mansa, que história mais estrambótica, imaginem só as três mulheres quase o assaram vivo, a velhota, a mulher de Bloom e a Sra. O'Dowd a dona do hotel. Meu Jesus, eu tive de rir de Pisser Burke os imitando e batendo papo. E Bloom com o seu *mas vocês não percebem? e mas por outro lado*. E certamente, a maior prova do que foi dito, o palerma me disseram andou indo depois ao Power, comerciante de bebidas, cinco dias na semana em Cope Street voltando depois etéreo para casa num coche após beber o mais que podia todos os tipos de vinho no maldito estabelecimento. Fenômeno!

– À memória dos mortos – diz o cidadão erguendo seu copo e olhando para Bloom

– Isso sim, sim – diz Joe.

– Vocês não percebem o xis da questão – diz Bloom. – O que quero dizer é...

– *Sinn Fein!* – diz o cidadão. – *Sinn fein amhain!* Os amigos que amamos estão ao nosso lado e os inimigos que odiamos na nossa frente.

O último adeus estava afetando ao máximo. Dos campanários distantes e próximos o sino fúnebre da morte dobrava incessantemente enquanto a toda a volta dos recintos sombrios retumbava a advertência sinistra de uma centena de tambores amortecidos pontuada pelo abafado ressoar de divisões de artilharia. Os estrondos ensurdecadores do trovão e os estonteantes clarões dos raios que iluminavam o cenário horripilante testemunhavam que a artilharia do céu emprestara sua pompa sobrenatural ao espetáculo já por si mesmo medonho. Uma chuva torrencial desabou das comportas dos céus enraivecidos sobre as cabeças descobertas da multidão reunida que era constituída no mínimo por quinhentas mil pessoas. Um pelotão da polícia Metropolitana de Dublin comandado pelo Alto-Comissário em pessoa mantinha a ordem entre a imensa aglomeração humana para a qual a banda de York Street, de metais e instrumentos de sopro todos cobertos de crepe oferecia para ajudar a passar o tempo uma audição admirável da melodia incomparável que a musa melancólica de Speranza nos tornara tão cara desde o berço. Trens rápidos especiais de excursão e charabãs tinham sido providenciados para o conforto dos povos irmãos de nosso país dos quais havia um grande contingente. Diversão considerável era proporcionada pelos cantores de rua de Dublin L-n-h-n e M-ll-g-n que cantavam *A Noite Antes de Larry Esticar as Canelas* com seu jeito habitual



de provocar o riso. Nossos dois inimitáveis galhofeiros fizeram negócios retumbantes com seus volantes de palavras-e-música entre os amantes da comédia e ninguém que tenha num cantinho de seu coração um lugar reservado para a verdadeira graça irlandesa sem vulgaridade poderá condená-los pelo dinheiro ganho a duras penas. As crianças do Hospital de Meninos e Meninas Enjeitados que se apinhavam nas janelas para observar a cena se mostravam encantadas com este inesperado acréscimo à diversão do dia e uma palavra de elogio é devida às Irmãzinhas dos Pobres por sua excelente idéia de proporcionar às crianças pobres órfãs de pai e mãe um prazer genuinamente instrutivo. A festa na residência do vice-rei incluía muitas senhoras famosas que eram conduzidas por Suas Excelências a lugares de destaque na tribuna de honra enquanto a pitoresca delegação estrangeira conhecida como a dos Amigos da Ilha da Esmeralda era acomodada numa tribuna bem em frente. A delegação, toda ela presente, consistia no commendatore Bacibaci Beninobenone (o semiparalisado *doyen* do grupo que tinha que ser içado ao seu assento por meio de uma grua a vapor poderosa), monsieur Pierrepaul Petitépant, o grandegozador Vladinmire Pokethankertscheff, o arquigozador Leopold Rudolph von Schwanzenbad-Hodenthaler, a condessa Martha Virága Kisaazony Putrápesthi, Hiram Y. Bomboost, o conde Athanatos Karamelopulos, Ali Baba Backsheesh Rahat Lokum Effendi, señor Hidalgo Caballero Don Peadillo y Palabras y Paternoster de la Malora de la Malaria, Hokopolo Harakiri, Hi Hung Chang, Olaf Kobberkeddelsen, Mynheer Trik van Trumps, Pan Poleaxe Paddyrisky, Goosepond Prhklstr Kratchinabritchisitch, Borus Hupinkoff, herr Hurhausdirektorpresident, Hans Chuechli-Steuerli,

Nationalgymnasiummuseumsanatoriumandsuspensoriumordinaryprivatdocentegeneralhistoryspe Kriegfried Ueberallgemein. Todos os delegados sem exceção se expressaram nos mais fortes termos heterogêneos a respeito da barbaridade inominável que tinham sido convidados a testemunhar. Uma alteração animada (na qual todos tomaram parte) se seguiu entre os F.O.T.E.I. quanto a ser o dia oito ou nove de março a data correta do nascimento do santo padroeiro da Irlanda. No curso da discussão balas de canhão, cimitarras, bumerangues, bacamartes, granadas asfixiantes, moedores de carne, guarda-chuvas, catapultas, soqueiras de metal, sacos de areia, recorreu-se a pedaços de lingotes de metal e socos foram trocados livremente. O policial caçula, guarda MacFadden, convocado de Booterstown por mensageiro especial, rapidamente restabeleceu a ordem e com a presteza de um raio propôs o dia dezessete do mês como solução igualmente honrosa para as duas partes litigantes. A sugestão sagaz do novebotas foi imediatamente do agrado de todos e foi unanimemente aceita. O guarda MacFadden foi calorosamente congratulado por todos os F.O.T.E.I., muitos dos quais sangravam profusamente. Commendatore Beninobenone tendo sido desembaraçado de debaixo da poltrona presidencial, foi explicado por seu conselheiro legal avvocato Pagamimi que os diversos artigos escondidos em seus trinta e dois bolsos tinham sido surrupiados por ele durante o tumulto dos bolsos de seus colegas mais moços na esperança de devolver-lhes o bom senso. Os objetos (que incluía várias centenas de relógios de ouro e de prata de senhoras e cavalheiros) foram prontamente restituídos aos seus verdadeiros donos e reinou uma suprema harmonia geral.

Tranqüilamente, despretensiosamente Rumbold subiu ao patíbulo num traje matinal

impecável e usando sua flor favorita, a *Gladiolus cruentus*. Anunciou sua presença com aquela delicada tosse rumboldiana que tantos têm tentado (infrutiferamente) imitar – curta, esmerada e no entanto com tudo isso tão característica do homem. A chegada do carrasco de renome mundial foi saudada por um estrondo de aclamação da enorme multidão, as damas vice-reais acenando com seus lenços em sua excitação enquanto ainda mais excitados delegados estrangeiros aplaudiam vociferantemente numa misturada de gritos, *hoch, banzai, eljen, zivio, chinchin, polla kronia, hiphip, vive, Allah*, em meio aos quais o soar de *evviva* do delegado da terra da canção (um F maiúsculo duplo lembrando aquelas belas notas agudas com as quais o eunuco Catalani enfeitiçou nossas trisavós) era facilmente identificável. Eram exatamente dezessete horas. O sinal para a oração foi então prontamente dado por um megafone e num instante todas as cabeças foram descobertas, o sombreiro patriarcal do commendatore, que estava na posse de sua família desde a revolução de Rienzi, tendo sido removido por seu médico assistente a serviço, Dr. Pippi. O erudito prelado que administrou as últimas palavras de conforto da sagrada religião ao herói mártir prestes a pagar por seus atos com a pena de morte se ajoelhou com um espírito extremamente cristão numa poça de água de chuva, sua batina sobre a cabeça grisalha, e ofereceu ao trono da graça orações fervorosas de súplica. Juntinho ao madeiro se encontrava a figura sombria do carrasco, com seu rosto escondido por um pote de dezgalões com dois orifícios circulares perfurados através dos quais seus olhos brilhavam furiosamente. Enquanto aguardava o sinal fatal ele testava a lâmina de sua terrível arma afiando-a sobre seu antebraço musculoso ou decapitava numa sucessão rápida um rebanho de carneiros que tinha sido fornecido pelos admiradores de seu ofício feroz mas necessário. Numa elegante mesa de mogno perto dele estavam cuidadosamente arrumados o facão de esquartejar, os vários instrumentos de estripar minuciosamente preparados (especialmente supridos pelas cutelarias mais famosas do mundo, Srs. John Round e Filhos, Sheffield), uma caçarola de terracota para receber o duodeno, o cólon, o intestino e apêndice etc. quando extraídos com sucesso e duas jarras de leite espaciais destinadas a receber o sangue mais precioso da vítima a mais preciosa. O administrador do abrigo conjunto de cães e gatos estava a serviço para transportar esses recipientes quando reabastecidos para aquela instituição beneficente. Um repasto de qualidade bastante excelente consistindo de fatias de presunto e ovos, bife frito e cebolas, feito primorosamente, deliciosos pãezinhos quentes para o café-da-manhã e chá envigorante tinham sido providenciados atenciosamente pelas autoridades para o consumo da figura central da tragédia que estava no mais alto estado de espírito quando preparada para a morte e manifestava o mais agudo interesse no que estava acontecendo do princípio ao fim mas ele, com uma abnegação rara nestes nossos tempos, se mostrou à altura da situação e expressou o desejo final (imediatamente concedido) de que a refeição fosse dividida em alíquotas iguais entre os membros doentes e indigentes da associação dos camareiros como um sinal de sua consideração e estima. Os *nec e non plus ultra* de emoção foram atingidos quando a encabulada noiva por ele eleita irrompeu através das fileiras cerradas de espectadores e se lançou sobre o peito musculoso daquele que estava prestes a ser arremessado na eternidade por sua causa. O herói enlaçou sua forma graciosa num abraço amoroso murmurando carinhosamente *Sheila, minha adorada*. Encorajada por este emprego do seu nome de batismo ela beijou apaixonadamente todas as diversas áreas

acessíveis do corpo dele que as decências da roupa da prisão permitiam seu ardor de atingir. Ela jurou a ele enquanto misturavam as torrentes salgadas de suas lágrimas que sempre guardaria com carinho a sua memória, que nunca se esqueceria de seu jovem herói que foi para sua morte com uma canção nos lábios como se estivesse indo para uma partida de hóquei irlandês no Clonturk Park. Ela trouxe de volta a ele a lembrança dos dias felizes da infância feliz dos dois juntos nas margens do Anna Liffey quando eles se tinham entregue aos passatempos inocentes dos jovens e, esquecidos do presente pavoroso, eles riram efusivamente, todos os espectadores, inclusive o venerável pastor, se juntando à alegria geral. Aquela monstruosa audiência simplesmente tremeu de prazer. Mas dentro em pouco eles foram tomados pelo desgosto e se deram as mãos pela última vez. Uma nova torrente de lágrimas jorrou de seus canais lacrimais e a imensa multidão de pessoas, tocadas no íntimo do seu ser, prorrompeu em soluços de cortar o coração, ficando não menos afetado o próprio idoso prebendário. Homens grandes e fortes, oficiais da paz e gigantes joviais da polícia real irlandesa, faziam uso franco de seus lenços e é possível dizer com segurança que não havia um olho seco naquela assembléia máxima. Um incidente extremamente romântico ocorreu quando um belo jovem graduado de Oxford, conhecido por seu cavalheirismo para com o belo sexo, avançou e, apresentando seu cartão de visita, sua conta bancária e árvore genealógica, solicitou a mão da jovem dama desafortunada, solicitando dela que indicasse o dia, e foi aceito no ato. Todas as damas do público foram presenteadas com uma lembrança da ocasião de bom gosto sob a forma de um broche com crânio e ossos cruzados, um ato oportuno e generoso que evocou uma nova explosão de emoção: e quando o jovem e galante Oxoniano (portador, por sinal, de um dos nomes mais honrados em todos os tempos da história da Albion) colocou no dedo de sua *fiancée* que corava um dispendioso anel de noivado com esmeraldas cravadas com a forma de um trevo de quatro folhas a excitação atingiu seu apogeu. Mais ainda, até o severo chefe-de-polícia-militar, tenentecoronel Tomkin-Maxwell ffrenchmullan Tomlison, que presidia o triste acontecimento, ele que tinha disparado pela boca do canhão sem estremecer um número considerável de soldados nativos indianos, não pôde conter sua emoção natural. Com sua luva de cota de malha ele varreu uma lágrima furtiva e foi ouvido, por aqueles burgueses privilegiados que faziam parte do seu *entourage* imediato, a sussurrar para si mesmo em voz baixa entrecortada:

– Que eu vá para o inferno, se ela não é um belo exemplar, aquela maldita mulher da vida ali. Que inferno isso me dá vontade de chorar de dor, verdade que dá, quando eu a vejo p'que eu penso no meu velho saco de batatas que está me esperando em Limehouse Way.

Com que então o cidadão começa a falar sobre a língua irlandesa e a reunião da corporação e tudo o mais e sobre os futuros cavalheiros que não sabem falar sua própria língua e Joe interrompendo porque entrara numa fria dando uma libra a alguém e Bloom dando uma de seu velho sentimentalismo com a ponta de cigarro de dois pennies que ele filara de Joe e falando sobre a liga gaélica e a liga antiintemperança e sobre a bebida, a praga da Irlanda. Antiintemperança é sobre as proporções disso. Puxa vida, ele o deixaria derramar toda sorte de bebida por sua goela abaixo até que o Senhor o chamasse antes que você jamais visse ele pagar uma rodada. E uma noite eu entrei com um camarada em uma dessas noitadas musicais, música e dança à volta ela podia subir num feixe de feno ela podia mesmo minha Maureen Lay

e ali havia um homem com uma fita azul de Temperança saindo vistosa dele em irlandês e muitas moças louras andando à volta com refrigerantes e vendendo medalhas e laranjas e limonadas e alguns velhos pãezinhos secos, puxa, muito divertido, nem me fale. Irlanda sóbria é Irlanda livre. E então um homem idoso começa a soprar em sua gaita-de-foles e todos os trapaceiros arrastando os pés ao som da música desagradável e ensurdecidora que era tocada. E um ou dois padres dando uma olhada à volta e vendo que não estava acontecendo nada com as mulheres, dando golpe baixo.

Assim como sempre, como eu estava dizendo, o velho cão vendo que a lata estava vazia começa a farejar à volta de Joe e de mim. Eu o adestraria com bondade, faria isso sim, se ele fosse meu cachorro. Dar-lhe-ia um grande e belo chute de vez em quando onde não o cegasse.

– Com medo que ele o morda? – diz o cidadão, zombando.

– Não – digo eu. – Mas ele podia estar tomando minha perna por um poste de luz.

Então ele chama para junto de si o velho cachorro.

– O que há com você, Garry? – diz.

Em seguida ele começa a puxar e a marretar e a conversar com ele em irlandês e o velho destruidor a rosar, fingindo responder, como um dueto numa ópera. Tal rosnado vocês nunca ouviram igual ao que eles soltaram entre si. Alguém que não tenha nada que fazer deveria escrever uma carta *pro bono publico* para os jornais pedindo uma ordem para o uso de focinheira para um cachorro como aquele. Rosnando e resmungando e com os olhos injetados de sangue devido à sua segura e a hidrofobia gotejando de suas mandíbulas.

Todos aqueles que estão interessados na divulgação da cultura humana entre os animais inferiores (e seu nome é legião) deveriam se empenhar em não perder a demonstração realmente maravilhosa de cinantropia feita pelo famoso velho *setter* irlandês cãolobo antigamente conhecido pelo *sobriquet* de Garryowen e recentemente rebatizado pelo amplo círculo de amigos e conhecidos como Garry Owen. A demonstração, que é o resultado de anos de adestramento por bondade e um sistema dietético cuidadosamente planejado, compreende, além de outros feitos, a declamação de versos. Nosso maior perito de fonética vivo (cavalos selvagens não hão de arrancar isso de nós!) não deixou pedra sob pedra em seus esforços de elucidar e comparar o verso declamado e descobriu que ele tem uma semelhança *notável* (os itálicos são nossos) com os versos irlandeses dos antigos bardos celtas. Não estamos nos referindo tanto àquelas canções de amor adoráveis com as quais o escritor que esconde sua identidade sob o gracioso pseudônimo de Galinho Cheiroso familiarizou o mundo amantedeleitura mas de preferência (como um colaborador D.O.C. o assinala em uma comunicação interessante publicada por um jornal vespertino contemporâneo) à nota mais áspera e pessoal que se encontra nas efusões satíricas do famoso Raftery e de Donald MacConsidine para não mencionar um lírico mais moderno grandemente em evidência no momento. Nós acrescentamos um espécime que foi traduzido para o inglês por um eminente erudito cujo nome não temos no momento a liberdade de revelar embora acreditemos que para nossos leitores a alusão tópica seja bem mais do que uma indicação. O sistema métrico do original canino, que lembra as intrincadas regras aliterativas e isossilábicas do *englyn* galês, é infinitamente mais complicado mas acreditamos que nossos leitores concordarão que o

espírito foi bem apanhado. Talvez devesse ser acrescentado que o efeito é grandemente aumentado se o verso de Owen for falado de certa forma lentamente e indistintamente num tom sugestivo de rancor reprimido.

*A praga das minhas pragas  
Sete dias todo dia  
E sete quintas-feiras de abstinência  
Pra você, Barney Kiernan,  
Não tem gole d'água  
Que esfrie minha coragem,  
E minhas entranhas vermelhas rugindo  
Atrás das luzes de Lowry.*

Então ele pediu a Terry que trouxesse um pouco de água para o cachorro e, nossa, você podia ouvir ele bebendo tudo a uma milha de distância. E Joe lhe perguntou se ele queria mais.

– Eu quero – diz ele – *a chara*, para mostrar que não há ressentimento.

O tratante, ele não é tão tolo quanto parece. Perdendo tempo de bar em bar, com o cachorro de Giltrap, deixando com você a própria honra, e ficando aborrecido com os contribuintes que pagam taxas e os eleitores dos membros da corporação. Divertimento para homem e animal. E diz Joe:

– Pode me dar uma dose maior de bebida?

– Pode um pato nadar? – digo eu.

– O mesmo novamente, Terry – diz Joe. – Tem certeza de que não quer nada em matéria de refresco líquido? – diz.

– Não, muito obrigado – diz Bloom. – Na verdade eu só queria encontrar Martin Cunningham, sabe, sobre o seguro do pobre Dignam. Martin me pediu para ir à casa mortuária. Sabe, ele, quero dizer Dignam, não avisou a companhia sobre a hipoteca de sua apólice e nos termos da lei o credor hipotecário não tem recurso sobre a apólice.

– Guerra Santa – diz Joe, rindo –, essa é muito boa então o velho Shylock é apanhado em seu próprio jogo. Então a esposa surge como uma pessoa importante, hein?

– Bem, é esse o ponto básico – diz Bloom – para os admiradores da mulher.

– Admiradores de quem? – diz Joe.

– Quero dizer, os consultores da mulher – diz Bloom.

Então todo confuso ele começa a se atrapalhar todo sobre os termos da lei a respeito do devedor hipotecário como o presidente da Corte de Justiça ao tornar público seu julgamento no tribunal e em benefício da mulher e que uma custódia é criada mas por outro lado que Dignam devia dinheiro a Bridgeman e se agora a mulher ou a viúva contestasse o direito da hipoteca a ponto de ele me fazer ficar com a cabeça aturdida nos termos da lei. Ele estava miseravelmente seguro de que não fora preso nos termos da lei naquela vez como um trapaceiro e um vagabundo só porque ele tinha um amigo na corte de justiça. Vendendo bilhetes de bazar ou como se diz da privilegiada loteria real húngara. Tão certo como o fato de você estar ali. Ó, dê minhas recomendações a um israelita! Ladroeira húngara real e privilegiada.

Assim Bob Doran vem cambaleando pedir a Bloom que diga à Sra. Dignam que ele sente muito pelo problema que ela está enfrentando e que sente muito a respeito do funeral e que diga a ela que ele disse e todo mundo que ele conhece disse que nunca houve um homem mais direito e melhor do que o pobre pequeno Willy que está morto para dizer a ela. Sufocando com a maldita parvoíce. E apertando a mão de Bloom com um ar trágico que dissesse isso a ela. Aperte a mão, irmão. Você é um trapaceiro e eu sou outro.

– Permita-me – disse ele – abusar da nossa relação que, embora superficial como possa parecer se julgada pelo mero padrão do tempo, está fundamentada, como espero e creio, num sentimento de estima mútua a ponto de lhe pedir este favor. Mas, caso eu tenha ultrapassado os limites da reserva permita que a sinceridade de meus sentimentos seja uma desculpa para a minha ousadia.

– Não – retrucou o outro –, eu compreendo totalmente os motivos que determinaram a sua conduta e me incumbirei da tarefa que você me confia consolado pela reflexão de que, apesar da mensagem ser de pesar, esta prova de sua confiança suaviza até certo ponto o amargor da taça.

– Aceite portanto que eu tome a sua mão – disse ele. – A bondade de seu coração, tenho certeza, lhe ditará melhor do que minhas palavras inadequadas as expressões que sejam mais apropriadas para demonstrar uma emoção cuja pungência, fosse eu dar vazão aos meus sentimentos, me impediria sequer de falar.

E lá se foi ele tentando caminhar reto. Bêbado às cinco da tarde. Aquela noite em que ele foi quase preso não fosse pelo fato de Paddy Leonard conhecer o guarda, 14 A. Cego para o mundo lá num bar em Bride Street depois da hora de fechar, fornicando com duas prostitutas e um cáften de guarda, bebendo com eles cerveja em xícaras de chá. E se chamando de franciês para as prostitutas, Joseph Manuo, e falando contra a religião católica, e ele ajudando missa na igreja Adão e Eva quando era jovem com seus olhos fechados, quem escreveu o novo testamento e o antigo testamento, e se abraçando e se masturbando. E as duas prostitutas morrendo de rir, roubando seu dinheiro, o maldito tolo derramando a cerveja por toda a cama e as duas prostitutas gritando e rindo uma com a outra. *Como é o seu testamento? Você tem um antigo testamento?* Eu lhe digo mais, só Paddy estava passando por ali. Veja-o então num domingo com sua pequena concubina de mulher, e ela abanando acima sua cauda pela nave lateral da capela com nada menos do que suas botas de boa qualidade, e suas violetas, bela como ela só, dando uma de pequena dama. A irmã de Jackie Mooney. E a velha prostituta da mãe dela arrumando quartos para os casais da rua. Tratante, Jack o fez seguir as regras do jogo como os outros faziam. Disse-lhe que se ele não se casasse com a moça que engravidara, meu Jesus, ele acabaria com ele.

Então Terry trouxe as três doses.

– Tome – diz Joe, fazendo as honras da casa. – Tome, cidadão.

– *Slan leat* – diz ele.

– Boa sorte, Joe – digo eu. – À sua boa saúde, cidadão.

Puxa vida, ele já estava com sua boca a meio caminho do copo. Era preciso uma pequena fortuna para sustentar as suas bebidas.

– Quem é o homem comprido candidato à prefeitura, Alf? – diz Joe.

– Um amigo seu – diz Alf.

– Nannan? – diz Joe. – O púlpito?

– Não vou mencionar nenhum nome – diz Alf.

– Era o que eu pensava – diz Joe. – Eu o vi na reunião agora com William Field, M. P., dos negociantes de gado.

– O Peludo Iopas – diz o cidadão –, aquele vulcão explodido, o queridinho de todos os países e o ídolo do seu.

Então Joe começa a contar ao cidadão a respeito da febre aftosa e dos negociantes de gado e entrando em ação na questão e o cidadão mandando eles todos pentear macacos e Bloom se saindo com o banho dos carneiros para curá-los de uma doença de pele altamente contagiosa e o remédio para a doença dos pulmões do gado e o remédio garantido para actinomicose do gado. Porque ele estava certa vez numa venda de cavalos inutilizados próprios para o matadouro. Vagando com seu livro e lápis ele de cabeça melhor do que as pernas veio até que Joe Cuffe o mandou embora abruptamente por ter sido insolente com um invernador de gado. Senhor Sabetudo. Ensine a sua avó a ordenhar patos. Pisser Burke me disse no hotel que sua mulher costumava se debulhar em lágrimas às vezes com a Sra. O’Dowd que chorava a mais não poder com suas oito polegadas de gordura à volta do seu ser. Não podia soltar sua fieira de peidos que o olho de peixe morto valsava à sua volta mostrando-lhe como fazê-lo. Qual é o seu programa hoje? Métodos humanitários. Porque os pobres animais sofrem e peritos o dizem e o remédio mais conhecido que não provoca dor no animal e no lugar ferido se administrado suavemente. Puxa vida, que mão ligeira ele tinha por baixo de uma galinha.

Ga Ga Gara. Cluque Cluque Cluque. A Liz pretinha é a nossa galinha. Ela põe ovos para nós. Quando ela põe seus ovos fica tão contente. Gara. Cluque Cluque Cluque. Então vem o bom tio Leo. Ele põe a mão por baixo da pretinha Liz e pega seu ovo fresco. Ga ga ga ga Gara. Cluque Cluque Cluque.

– Em todo caso – diz Joe –, Field e Nannetti vão hoje à noite para Londres indagar a esse respeito no recinto da Câmara dos Comuns.

– Você tem certeza – diz Bloom – de que o conselheiro vai? Acontece que eu queria vê-lo.

– Bem, ele parte esta noite pelo barco-correio – diz Joe.

– Isso é uma pena – diz Bloom. – Eu precisava muito. Talvez apenas o Sr. Field vá. Eu não poderia ligar para ele. Não. Você tem certeza?

– Nannan também vai – diz Joe. – A liga lhe pediu para apresentar amanhã a questão sobre a proibição dos jogos irlandeses no parque determinada pelo comissário de polícia. O que pensa disso, cidadão? *The Sluagh na h-Eireann*.

O Sr. Cowe Conacre (Multifarnham. Nacionalista): Surgindo da pergunta do meu honrado amigo, o deputado de Shillelagh, posso perguntar ao correto honrado cavalheiro se o governo emitiu ordem para que estes animais sejam mortos embora nenhuma evidência médica tenha sido apresentada quanto à condição patológica deles?

O Sr. Allfours (Tamoshant. Conservador): Honrados deputados já têm em posse a evidência apresentada perante uma comissão de toda a Câmara. Sinto que não posso

acrescentar nada a isso que seja de alguma utilidade. A resposta à pergunta do honrado deputado é afirmativa.

Sr. Orelli O'Reilly (Montenote. Nacionalista): Foram emitidas ordens semelhantes de matar os animais humanos que ousarem jogar jogos irlandeses no parque Phoenix?

Sr. Allfours: A resposta é negativa.

Sr. Cowe Conacre: O famoso telegrama do muito honrado cavalheiro de Mitchelstown inspirou o plano de ação dos cavalheiros do Ministério da Fazenda? (Oh, Oh!)

Sr. Allfours: Eu devo ser informado dessa questão.

Sr. Staylewit (Buncombe. Independente): Não hesite em atirar. (Risadas irônicas da oposição.)

O presidente: Ordem! Ordem! (A câmara se levanta. Vivas.)

– Ali está o homem – diz Joe – que fez reviver o esporte gaélico. Ali está ele sentado. O homem que fez James Stephens escapar. O campeão de toda a Irlanda por lançar um peso de dezesseis libras. Qual foi seu melhor lançamento, cidadão?

– *Na bacleis* – diz o cidadão, se mostrando modesto. – Houve um tempo em que eu fui tão bom quanto qualquer outro.

– Ponha a mão aqui, cidadão – diz Joe. – Você era muitíssimo melhor.

– É verdade mesmo? – diz Alf.

– É, sim – diz Bloom. – É um fato sabido. Você não sabia?

E eis que eles começaram a falar sobre o esporte irlandês e os jogos inglesados como o tênis de gramado e o hóquei irlandês e colocação de pedras e riqueza do solo e o erguimento mais uma vez de uma nação e tudo o mais. E naturalmente Bloom também tinha que ter sua palavra sobre isso se um homem tiver o coração sobrecarregado de um remador um exercício violento lhe fará mal. Declaro ao meu sobrecoberto que se você pegar uma palha do maldito chão e disser para Bloom: *Olhe aqui, Bloom. Você está vendo essa palha? Isso é uma palha.* Posso afirmar a quem quiser me ouvir que ele falará sobre isso uma hora a fio garanto e sem parar.

Uma discussão muito interessante teve lugar no antigo saguão de *Brian O'Ciarnain* em *Sraid na Bretaine Bheag*, sob os auspícios de *Sluagh na h-Eireann*, sobre o restabelecimento dos antigos esportes gaélicos e a importância da cultura física, como praticada na Grécia antiga e na Roma antiga e na Irlanda antiga para o desenvolvimento da raça. O venerável presidente da nobre ordem ocupava a presidência e o público era de grandes dimensões. Depois de um discurso instrutivo do presidente, uma oração magnífica expressa eloqüentemente e energicamente, uma discussão muito interessante e instrutiva do usual padrão elevado de excelência se seguiu quanto à conveniência do reflorescimento dos antigos jogos e esportes de nossos prévios antepassados pancélticos. O bem conhecido e altamente respeitado batalhador da causa de nossa antiga língua, Sr. Joseph M'Carthy Hynes, fez um apelo eloqüente pelo ressurgimento dos antigos esportes e passatempos gaélicos, praticados de manhã e à noite por Finn MacCool, com o objetivo de reviver as melhores tradições da força e da proeza masculinas legadas a nós de antigas eras. L. Bloom, que se defrontou com uma recepção mista de aplausos e vaia, tendo advogado o contrário o presidente vocalista pôs um fim ao debate, em resposta a pedidos incessantes e palmas



calorosas de todas as partes de uma câmara numerosa, com um pronunciamento particularmente digno de nota dos versos perenes do imortal Thomas Osborne Davis (felizmente por demais familiares para que precisem ser lembrados aqui) *Novamente uma Nação* na interpretação dos quais pode ser dito sem medo de contradição que o veterano campeão patriota se superou lindamente. O Caruso-Garibaldi irlandês estava superlativamente em forma e suas notas estentóreas podiam ser ouvidas com o maior proveito cantando o hino sagrado como somente nosso cidadão pode cantá-lo. Seu soberbo vocalismo do mais alto teor, que por sua superqualidade realçava grandemente sua reputação já internacionalmente reconhecida, foi entusiasticamente aplaudido pelo público numeroso em meio ao qual podiam ser notados muitos membros proeminentes do clero assim como representantes da imprensa e juristas e outras doudas profissões. Dessa maneira foi encerrada a sessão.

Entre os membros do clero estavam o muito rev. William Delany, S. J., doutor em Letras; o reitor rev. Gerald Molloy, doutor em Teologia; o rev. P. J. Kavanagh, da congregação do Espírito Santo; o rev. T. Waters, cura encarregado da igreja católica de São João Batista; o rev. John M. Ivers, padre paroquial; o rev. P. J. Cleary, da Ordem de São Francisco; o rev. L. J. Hickey, da Ordem dos Monges Pregadores; o muito rev. Fr. Nicholas, da Ordem do Monastério Capuchinho de São Francisco; o muito rev. B. Gorman, da Ordem dos Carmelitas Descalços; o rev. T. Maher. S. J.; o muito rev. James Murphy, S. J.; o rev. John Lavery, membro dos Padres da Congregação da Missão; o muito rev. William Doherty, cura da procatedral da Imaculada Conceição; o rev. Peter Fagan, da Ordem dos Maristas; o rev. T. Brangan, da Ordem de Santo Agostinho; o rev. J. Flavin, da procatedral da Imaculada Conceição; o rev. M. A. Hackett, pároco da igreja católica de Santa Margarida; o rev. W. Hurley, da igreja católica de Santiago; o reitor rev. Mgr M'Manus, vigário geral da igreja de Santa Catarina; o rev. B. R. Slattery, da Ordem de Maria Imaculada; o muito rev. M. D. Scally, padre pároco da igreja de São Nicolau; o rev. F. T. Purcell, da Ordem dos Pregadores; o muito rev. cônego Timothy cânon Gorman, pároco da igreja católica de São Miguel e São João; o rev. J. Flanagan, da procatedral da Imaculada Conceição. Os leigos incluíam P. Fay, T. Quirke, etc., etc.

– Por falar em exercício violento – diz Alf –, você foi àquela partida de Keogh-Bennett?

– Não – diz Joe.

– Eu ouvi dizer que Fulano de tal ganhou um bom dinheiro com ela – diz Alf.

– Quem? Blazes? – diz Joe.

E diz Bloom:

– O que eu quero dizer sobre o tênis, por exemplo, é a agilidade e o olhar treinado.

– Sim, Blazes – diz Alf. – Ele deixou escapar que enquanto Myler se enchia de cerveja ele se matava de tanto treinar.

– Nós o conhecemos – diz o cidadão. – O filho do traidor. Nós sabemos o que pôs ouro inglês em seu bolso.

– Você está absolutamente certo – diz Joe.

E Bloom interrompe novamente com o tênis de gramada e a circulação do sangue, perguntando a Alf:

– Ora, você não acha, Bergan?

– Myler limpou o soalho com ele – diz Alf. – Perto dele o caso de Heenan e Sayers não passou de um brinquete sangrento. Deu-lhe uma surra de pai e mãe. Veja só o peixinho não chegava ao umbigo dele e o grandalhão a bater pra valer. Deus meu, e lhe deu um último soco no estômago, dentro das regras de Queensberry e tudo o mais, que o fez vomitar até aquilo que não comera.

Foi uma batalha memorável e histórica aquela em que Myler e Percy foram escalados para vestir as luvas por um pagamento de cinqüenta soberanos. Em desvantagem como estava pela falta de comissão, o querido favorito de Dublin compensou a falta por meio de uma perícia extrema na arte de boxear. O último assalto de fogos de artifício foi uma experiência estafante para os dois campeões. O sargento-ajudante peso-médio tinha esmurrado a ponto de o nariz sangrar na peleja anterior durante a qual Keogh tinha sido o recebedorgeral de direitas e esquerdas, o artilheiro fazendo um certo jogo limpo no nariz do favorito, e Myler veio parecendo grogue. O soldado foi ao que interessava, se adiantando ao outro com um poderoso soco de esquerda ao qual o gladiador irlandês revidou disparando um golpe em cheio no maxilar de Bennett. O casacovermelho desviou mas o dublinense o ergueu com um gancho de esquerda, com um notável murro no corpo. Os homens chegaram a um corpo-a-corpo. Myler rapidamente ficou ocupado colocando seu homem por baixo, o assalto terminando com o grandalhão nas cordas, Myler o castigando. O inglês, cujo olho direito estava quase fechado, foi para o seu canto onde foi generosamente encharcado de água e quando a sineta soou veio combativo e transbordante de coragem, confiando pôr fora de combate num abrir e fechar de olhos o pugilista eblanita. Foi uma luta de acabar com o adversário cabendo ao melhor fazê-lo. Os dois lutaram como leões e a excitação febril atingiu o auge. O árbitro duas vezes advertiu Pucking Percy por corpo-a-corpo mas o favorito era astuto e era um regalo observar seu trabalho com os pés. Depois de uma brusca troca de cortesias durante a qual um hábil *upper-cut* do militar fez sangrar livremente a boca do adversário subitamente o queridinho dos irlandeses investiu contra seu homem e plantou um tremendo soco de esquerda no estômago de Battling Bennett, derrubando-o direto no chão. Foi um nocaute limpo e inteligente. Em meio a uma tensa expectativa era contado o tempo do boxeador do Portobello quando o ajudante de Bennett Ole Pfotts Wettstein jogou a toalha e o rapaz de Santry foi declarado vitorioso sob as aclamações frenéticas do público que saltou através das cordas do ringue e auspiciosamente o cercou encantado.

– Ele sabe o que lhe convém – diz Alf. – Ouvi dizer que ele está organizando uma turnê de concerto no norte.

– Está mesmo – diz Joe. – Não está?

– Quem? – diz Bloom. – Ah, sim. É bem verdade. Sim, uma espécie de turnê de verão, sabe. Apenas umas férias.

– A Sra. B. é a brilhante estrela especial, não é? – diz Joe.

– Minha mulher? – diz Bloom. – Ela vai cantar, sim. Na verdade, acho que vai ser um sucesso. Ele é um excelente organizador. Excelente.

Hoho por Deus digo eu para mim mesmo digo eu. Isso explica o leite no coco e a ausência de cabelo no peito do animal. Blazes produzindo um flauteio na flauta. Turnê de

concertos. O sujo do Dan filho do trapaceiro de Island Bridge que vendeu duas vezes ao governo os mesmos cavalos para a luta contra os bôeres. Velho Quequê. Eu vim para as taxas dos pobres e da água, Sr. Boylan. Você o quê? A taxa de água, Sr. Boylan. Você quequê? Esse é o janota que vai organizá-la, ouça o que eu digo. Entre mim e você o que, de novo.

Orgulho do monte rochoso de Calpe, a filha de cabelos de ébano de Tweedy. Ali cresceu ela com sua incomparável beleza onde ameixa e amêndoa perfumam o ar. Os jardins da Alameda conheceram seus passos: os pátios de oliveiras a conheceram e se curvaram perante ela. A casta esposa de Leopold é ela: Marion dos fartos seios.

E veja, ali entrou um do clã dos O'Molloy, um gracioso herói de brancas faces contudo apesar disso um tanto corado, esse conselheiro de Sua Majestade conhecedor das leis, e com ele o príncipe e herdeiro da nobre linhagem de Lambert.

– Alô, Ned.

– Alô, Alf.

– Alô, Jack.

– Alô, Joe.

– Deus os guarde – diz o cidadão.

– Deus também o guarde em sua bondade – diz J. J. – O que você vai tomar, Ned?

– Uma meia – diz Ned.

Então J. J. pediu as bebidas.

– Você esteve lá no tribunal? – diz Joe.

– Estive – diz J. J. – Ele vai ajustar isso, Ned, diz ele.

– Espero que sim – diz Ned.

Agora o que aqueles dois estavam tramando? J. J. tirando-o da lista do grande júri e o outro lhe dando uma mão no umbral da porta. Com seu nome no Stubb. Jogando cartas, bebendo juntos com espertos figurões com um monóculo pomposo nos olhos, bebendo champanhe e ele meio sufocado com intimações e mandados judiciais. Empenhando seu relógio de ouro no Cummins de Francis Street onde ninguém o conhecia no escritório particular quando estive lá com Pisser tirando as suas botas do prego. Qual é o seu nome, senhor? Feitoso, diz ele. Sim, e feito digo eu. Tratante, um desses dias ele ainda vai se arrependar amargamente do que faz, é o que eu penso.

– Você viu por lá aquele maldito lunático do Breen? – diz Alf. – P. C.: para cima.

– Vi sim, J. J. Em busca de um detetive particular.

– É sim – diz Ned. – E ele queria sem medir conseqüências apelar para o tribunal só que Corny Kelleher o convenceu a mandar primeiro examinar a letra.

– Dez mil libras – diz Alf, rindo. – Caramba, eu daria qualquer coisa para ouvi-lo perante o juiz e o júri.

– Foi você que fez isso, Alf? – diz Joe. – A verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, e Jimmy Johnson por testemunha.

– Eu? – diz Alf. – Não lance as suas difamações sobre o meu caráter.

– Qualquer declaração que você faça – diz Joe –, poderá ser tomada como prova contra você.

– Naturalmente uma ação seria admissível – diz J. J. – Implica que ele não está

*compos mentis*. P. C.: para cima.

– *Compos* uma pinóia! – diz Alf, rindo. – Então você não sabe que ele é tantã? Olhe para a cabeça dele. Você sabe que em certas manhãs ele tem que pôr seu chapéu com uma calçadeira?

– Sim – diz J. J. –, mas aos olhos da lei a veracidade de uma difamação não justifica a indicação para uma publicação.

– Ha, ha, Alf – diz Joe.

– Assim mesmo – diz Bloom – em relação à pobre mulher, quero dizer sua mulher.

– É uma lástima para ela – diz o cidadão. – Ou para qualquer outra mulher que se case com um meio a meio.

– Como um meio a meio? – diz Bloom. – Quer dizer que ele...

– Quero dizer um meio a meio – diz o cidadão. – Um camarada que não é nem carne nem peixe.

– Nem um bom arenque vermelho – diz Joe.

– É o que quero dizer – diz o cidadão. – Um enfeitado se vocês sabem o que isso é.

Por Deus eu vi que havia confusão à vista. E Bloom explicando que ele queria dizer em relação àquilo ser cruel para a mulher ter de andar à volta atrás daquele velho tolo gago. Uma crueldade com os animais isso sim deixar aquele maldito indigente do Breen solto em campo com sua barba entre os joelhos o fazendo tropeçar, e a chamar chuva. E ela com seu nariz empinado depois que se casou com ele porque um primo do seu pai conduzia para o papa os paroquianos aos seus lugares. Um retrato dele na parede com seus bigodes de Smashall Sweeney, o signior Brini de Summerhill, o macarrone, o zuavo papal junto ao Santo Padre, abandonou o cais e foi para Moss Street. E quem era ele, me diga? Um ninguém, dois quartos dando para um pequeno pátio, de sete shillings por semana, e ele coberto de toda sorte de peitorais a desafiar o mundo.

– E além do mais – diz J. J. –, um cartão-postal é uma publicação. Serviu como prova suficiente de intenção criminosa no caso de *Sadgrove v. Hole*. Em minha opinião caberia uma ação judicial.

Seis e oito pence, por favor. Quem quer a sua opinião? Vamos tomar nossas bebidas em paz. Droga, não vão nos deixar sequer fazer isso.

– Bem, à sua saúde, Jack – diz Ned.

– À sua saúde, Ned – diz J. J.

– Lá está ele de novo – diz Joe.

– Onde? – diz Alf.

E por Deus lá estava ele passando pela porta com seus livros debaixo da axila e a sua mulher ao lado e Corny Kelleher com seu olhar parado a examiná-los enquanto passavam, falando com ele como um pai, tentando vender-lhe um caixão de segunda mão.

– Como terminou aquele caso da falcatrúia canadense? – diz Joe.

– Em reencarceramento – diz J. J.

Um da fraternidade dos narigudos conhecido pelo nome de James Wought vulgo Saphiro vulgo Spark e Spiro, pôs um anúncio nos jornais dizendo que venderia uma passagem para o Canadá por vinte shillings. O quê? Você me toma por acaso por algum ingênuo?

Naturalmente que era uma tapeação miserável. O quê? Burlou todos eles, empregadas domésticas e rústicos do condado de Meath, sim, e seu próprio rim também. J. J. nos contou que havia um antigo hebreu Zaretsky ou coisa semelhante chorando no banco das testemunhas de chapéu na cabeça, jurando pelo santo Moisés que tinha sido logrado em duas libras.

– Quem julgou o caso? – diz Joe.

– O presidente do tribunal – diz Ned.

– Pobre velho sir Frederick – diz Alf –, eles podem fazê-lo de tolo à vontade.

– Um coração tão grande quanto o de um leão – diz Ned. – É suficiente contar-lhe uma desgraça sobre dívidas de aluguel e a mulher doente e um bando de filhos e, na verdade, ele se desmanchará em lágrimas na sua poltrona de juiz.

– É sim – diz Alf. – Reuben J. teve uma sorte e tanto por ele não o ter colocado no banco dos réus no outro dia por processar o pobre pequeno Gumley que cuida do canteiro de pedras, para a corporação ali perto de Butt Bridge.

E ele começa a se lastimar com o velho presidente da corte fingindo chorar:

– Uma coisa muito escandalosa! Este pobre trabalhador! Quantos filhos? Você disse dez?

– Sim, meritíssimo. E minha mulher está com tifo.

– E a mulher com febre tifóide! Escandaloso! Saia do tribunal imediatamente, senhor. Não, senhor, não vou dar nenhuma ordem de pagamento. Como ousa, senhor, vir diante de mim para me pedir uma ordem dessa natureza! Um pobre homem trabalhador esforçado! Dou o caso por encerrado.

E considerando que estávamos no dia dezesseis do mês da deusa dos olhos de boi e na terceira semana depois do dia de festa da Santíssima e Indivisível Trindade, a filha dos céus, a lua virgem estando então no seu primeiro quarto, aconteceu que aqueles sábios juízes se encaminharam para a mansão da lei. Ali o mestre Courtenay, tendo assento em sua própria câmara, deu seu parecer e o mestre juiz Andrews, sentado sem um júri no tribunal de sucessões, pesava bem e ponderava sobre os direitos do primeiro requerente à propriedade na questão do testamento apresentado e da disposição testamentária final *in re* o patrimônio pessoal e real do lamentado Jacob Halliday, taverneiro, falecido, *versus* Livingstone, menor, deficiente mental, e um outro. E à majestosa corte de Green Street compareceu sir Frederick o Falcoeiro. E por volta das cinco horas ele deu início à sessão para ministrar a lei dos Brehons na comissão para todo esse distrito e suas dependências que deve ter assento no e para o condado da cidade de Dublin. E ali tiveram assento com ele os membros do alto sanhedrin das doze tribos de Iar, um homem para cada tribo, da tribo de Patrick e da tribo de Hugh e da tribo de Owen e da tribo de Conn e da tribo de Oscar e da tribo de Fergus e da tribo de Finn e da tribo de Dermot e da tribo de Cormac e da tribo de Kevin e da tribo de Caolte e da tribo de Ossian, havendo ao todo doze homens de bem e leais. E ele os conjurou por Aquele que morreu na cruz que eles julgassem bem e verdadeiramente e dessem uma deliberação verdadeira à matéria em questão entre o senhor soberano o rei e o prisioneiro julgado e um veredicto correto de acordo com as provas e que tomassem Deus por testemunha e que beijassem o livro. E eles se levantaram de seus assentos, aqueles doze de Iar, e juraram em nome Daquele Que é sempiterno que fariam de acordo com Sua Justiça correta. E

imediatamente os amantes da lei fizeram sair de sua torre de menagem aquele que os cães de caça da justiça tinham prendido em consequência da informação recebida. E eles o algemaram mãos e pés e o teriam levado *ne bail ne mainprise* mas preferiram uma ação judicial contra ele pois ele era um malfeitor.

– Essas são realmente umas belezas – diz o cidadão –, vir para aqui para encher o país de insetos.

Então Bloom finge que não ouviu nada e começa a conversar com Joe, dizendo-lhe que não se preocupasse com aquele assunto trivial até o dia primeiro mas se ele pudesse dar uma palavrinha ao Sr. Crawford. E então Joe jurou por tudo que havia de mais sagrado que por esse mundo e o outro ele o faria.

– Porque, você sabe – diz Bloom –, para um anúncio é necessária a repetição. Isso é todo o segredo da história.

– Confie em mim – diz Joe.

– Logrando os camponeses – diz o cidadão – e os pobres da Irlanda. Não queremos mais estrangeiros em nossa casa.

– Ó, tenho certeza que dará tudo certo, Hynes – diz Bloom. – É só aquele Keyes, você sabe.

– Considere isso coisa feita – diz Joe.

– Muita bondade sua – diz Bloom.

– Os estrangeiros – diz o cidadão. – Nossa própria culpa. Nós os deixamos vir. Nós os trouxemos. A adúltera e seu amante trouxeram os saxões ladrões para aqui.

– Decreto *nisi* – diz J. J.

E Bloom fingindo estar terrivelmente e profundamente interessado em nada, uma teia de aranha no canto atrás do barril, e o cidadão carregando o sobrolho para cima dele e o velho cão a seus pés olhando para cima para saber quem morder e quando.

– Uma mulher desonrada – diz o cidadão –, isso é que foi a causa de todos os nossos infortúnios.

– E aqui está ela em seu traje de gala – diz Alf – na *Police Gazette* dando uma risadinha para Terry no balcão.

– Deixe-nos dar uma olhada nela – digo eu.

E o que era aquilo senão fotografias enegrecidas ianques que Corny Kelleher passa para Terry. Segredos capazes de aumentar suas partes íntimas. Prevaricação da beldade da sociedade. Norman W. Tupper, rico empreiteiro de Chicago, encontra sua mulher bela mas infiel no colo do oficial Taylor. Beldade em seus calções femininos se portando mal, e seu namorado a apalpando nas zonas erógenas e Norman W. Tupper saltando com sua zarabatana justo a tempo de chegar tarde depois de ela fazer seu carnaval com o oficial Taylor.

– Ai Jesus, Jenny – diz Joe –, como sua camisa é curta!

– Ali está o cabelo, Joe – digo eu. – Pegar um bom pedaço de presuntada daquela dona, que tal?

Assim de qualquer forma chegaram John Wyse Nolan e Lenehan com ele com uma cara comprida como se ainda não tivesse tomado o café-da-manhã.

– Ora – diz o cidadão –, qual é a última notícia do cenário da ação? O que é que

aqueles lambões da prefeitura na sua reunião de líderes políticos decidiram sobre a língua irlandesa?

O’Nolan, trajando uma armadura reluzente, e curvado até o chão prestou obediência ao pujante e eminente e poderoso chefe de toda Erin e o tornou conhecedor do que tinha acontecido, como os graves veteranos da mais obediente de todas as cidades, a segunda do reino, os havia encontrado sob a nave, e ali, depois das devidas orações aos deuses que residem no éter celestial, tinham realizado um conselho solene por meio do qual eles pudessem, se assim fosse possível, trazer mais uma vez à tona com todas as honras entre os mortais a linguagem alada do celta dividido pelo mar.

– Já está a caminho – diz o cidadão. – Para o inferno com os miseráveis saxões brutais e seu *patois*.

Então J. J. dá o seu recado, bancando um figurão a respeito de uma história que era boa até ser ouvida uma outra e fazendo vista grossa para fatos e a política de Nelson, colocando seu olho cego no telescópio e redigindo uma lei de proscricção para impugnar uma nação, e Bloom tentando apoiá-lo na moderação e amolação e suas colônias e sua civilização.

– Sua sifilização, vocês querem dizer – diz o cidadão. – Para o inferno com eles! Que a praga de um deus bomparanada recaia sobre esses malditos orelhudos filhos-da-puta! Nenhuma música e nenhuma arte e nenhuma literatura digna de menção. Qualquer civilização que tenham eles a roubaram de nós. Mudos filhos de fantasmas bastardos.

– A família européia – diz J. J....

– Eles não são europeus – diz o cidadão. – Eu estive na Europa com Kevin Egan de Paris. Não se via ali nenhum vestígio deles ou da língua deles em lugar nenhum a não ser num *cabinet d’aisance*.

E diz John Wyse:

– Muitas e muitas flores nasceram para corar ignoradas.

E diz Lenehan que conhece um pouco o jargão:

– *Conspuez les anglais! Perfide Albion!*

Ele disse e então ergueu em suas grandes mãos fortes musculosas e rudes a taça quadrangular de madeira com cerveja forte de espuma escura e, pronunciando seu *slogan* tribal *Lamh Dearg Abu*, bebeu à destruição de seus inimigos, uma raça de poderosos heróis valorosos, senhores dos mares, que se sentam em tronos de alabastro silenciosos como os deuses imortais.

– O que é que há com você? – digo eu a Lenehan. – Você parece um cara que perdeu um shilling e encontrou seis pence.

– O Grande Prêmio – diz ele.

– Quem ganhou, Sr. Lenehan? – diz Terry.

– *Jogarfora* – diz ele –, a vinte contra um. Um azarão nojento. E os restantes não contaram.

– E a égua de Bass? – diz Terry.

– Ainda está correndo. Estamos todos em apuros. Boylan jogou duas libras no meu palpite *Cetro* para ele e para uma dama amiga.

– Eu mesmo joguei meia coroa – diz Terry – no *Zinfandel* que o Sr. Flynn me sugeriu.

De lorde Howard de Walden.

– Vinte contra um – diz Lenehan. – Assim é a vida numa privada ao ar livre.

*Jogar fora* – diz ele. – Leva a palma, e por falar em joanetes. Fragilidade, teu nome é *Cetro*.

Então ele se encaminhou para a lata de biscoito que Bob Doran deixara para ver se havia alguma coisa que ele pudesse pegar em confiança, com o velho vira-lata atrás dele arriscando a sorte com seu focinho sarnento para cima. A Velha Mãe Hubbard foi para o armário.

– Não há nada ali, meu filho – diz ele.



– Coragem, vá em frente – diz Joe. – Ela teria ganho se não fosse aquele outro cavalo pangaré.

E J. J. e o cidadão a discutir sobre lei e história com Bloom a meter uma palavrinha aqui e ali.

– Algumas pessoas – diz Bloom – podem ver um argueiro nos olhos dos outros, mas não podem ver a trave nos próprios olhos.

– *Raiméis* – diz o cidadão. – Não existe maior cego do que o homem que não quer ver, se vocês sabem o que eu quero dizer. Onde estão nossos vinte milhões de irlandeses desaparecidos que deviam estar hoje aqui em vez de quatro milhões, nossas tribos perdidas? E nossas cerâmicas e fibras têxteis, as mais lindas de todo o mundo! E nossa lã que era vendida em Roma no tempo de Juvenal e nosso linho e nosso damasco dos teares de Antrim e nossa renda de Limerick, nossos curtumes e nosso cristal branco lá de Ballybough e nossa popelina huguenote que nós temos desde Jacquard de Lyon e nossa seda tecida e nossos *tweeds* de Foxford e nossa guipura do convento das Carmelitas em New Ross, incomparável em todo o vasto mundo. Onde estão os mercadores gregos que vinham através das colunas de Hércules, o Gibraltar agora arrebatado pelo inimigo da humanidade, para vender em Wexford na feira de Carmen o ouro e a púrpura do povo de Tiro? Leiam Tácito e Ptolomeu, e mesmo Giraldus Cambrensis. Vinho, peles, mármore de Connemara, prata de Tipperary, não ficam devendo a ninguém, nossos cavalos de fama universal até hoje, os cavaleiros-de-pau irlandeses, com o rei Felipe da Espanha oferecendo pagar taxas para ter o direito de pescar em nossas águas. O que nos devem os indivíduos asquerosos da Anglia por terem arruinado nosso comércio e arruinado nossos lares? E os milhões de acres de pântano e lodaçal e os leitos de Barrow e Shannon que eles não querem aprofundar para nos fazer morrer de tuberculose?

– Breve estaremos tão desprovidos de árvores como Portugal – diz John Wyse – ou Heligoland com sua única árvore se não se fizer qualquer coisa para reflorestar a terra. Lariços, pinheiros, todas as árvores da família conífera estão sumindo rapidamente. Andei lendo uma declaração de lorde Castletown...

– Que sejam salvos – diz o cidadão – o freixo gigantesco de Galway e o olmo do chefe da clã de Kildare com um tronco de quarenta pés e um acre de folhagem. Que se salvem as árvores da Irlanda para os homens futuros da Irlanda nas belas colinas da Eire, Ó!

– A Europa tem os olhos voltados para você – diz Lenehan.

O elegante mundo internacional compareceu *en masse* esta tarde ao casamento do cavalheiro Jean Wyse de Neaulan, grande comandante-em-chefe da Guarda Florestal Nacional Irlandesa, com a senhorita Fir Conifer de Pine Valley. Lady Sylvester Elmshade, a Sra. Barbara Lovebirch, a Sra. Poll Ash, a Sra. Holly Hazeleyes, a senhorita Daphne Bays, a senhorita Dorothy Canebrake, a Sra. Clyde Twelvetrees, a Sra. Rowan Greene, a Sra. Helen Vinegadding, a senhorita Virginia Creeper, a senhorita Gladys Beech, a senhorita Olive Garth, a senhorita Blanche Maple, a Sra. Maud Mahogany, a senhorita Myra Murtle, a senhorita Priscilla Elderflower, a senhorita Bee Honeysuckle, a senhorita Grace Poplar, a senhorita O. Mimosa San, a senhorita Rachel Cedarfrond, as senhoritas Lilian e Viola Lilac, a senhorita Timidity Aspenall, a Sra. Kitty Dewey-Mosse, a senhorita May Hawthorne, a Sra. Gloriana

Palme, a Sra. Liana Forrest, a Sra. Arabella Blackwood e a Sra. Norma Holyoake de Oakholme abrilhantaram a cerimônia com sua presença. A noiva que foi conduzida ao altar por seu pai, o M'Conifer de Glands, estava extremamente fascinante numa criação executada em seda verde mercerizada, moldada sobre um forro cinza crepuscular, cingida por uma faixa verde-esmeralda e terminando com um triplo debrum franjado num verde mais escuro, o conjunto sendo realçado por glandes de bronze dispostas em fitas e entremeios nos quadris. As damas de honra, senhorita Larch Conifer e senhorita Spruce Conifer, irmãs da noiva, vestiam trajes do mesmo tom que lhes assentavam lindamente, um *motif* delicado de pluma rosa permeando as pregas em listas finas e se repetindo caprichosamente nas toucas verde-jade sob a forma de penas de garça de uma suave tonalidade de coral. O senhor Enrique Flor presidiu no órgão com sua renomada habilidade e, em acréscimo aos números musicais prescritos numa missa nupcial, tocou um arranjo novo e admirável de *Lenhador, Poupe Aquela Árvore* no final da cerimônia. Ao sair da igreja de Santo Fiacre *in Horto* depois da bênção papal o feliz par foi submetido a um alegre fogo cruzado de avelãs, fruto-de-faia, folhas de coroa-de-louro, amentilhos de salgueiro, folhagem-de-hera, frutos de azevinho, raminhos de visgo e frutos de sorveira-brava. O Sr. e a Sra. Wyse Conifer Neaulan passarão uma lua-de-mel tranqüila na Floresta Negra.

– E nossos olhos estão voltados para a Europa – diz o cidadão. – Tivemos nosso comércio com a Espanha e os franceses e com os flamengos antes que aqueles vira-latas fossem paridos, cerveja espanhola em Galway, a barcadevinho sobre o canal vinho-escuro.

– E teremos novamente – diz Joe.

– E com a ajuda da santíssima mãe de Deus teremos novamente – diz o cidadão, batendo com a mão na coxa. – Nossos portos agora vazios ficarão novamente cheios, Queenstown, Kinsale, Galway, Blacksod Bay, Ventry no domínio de Kerry, Killybegs, o terceiro maior porto na amplidão do mundo com uma frota de mastros dos Lynches de Galway e dos Cavan O'Reillys e dos O'Kennedys de Dublin quando o conde de Desmond pôde fazer um tratado com o próprio imperador Carlos Quinto. E o teremos novamente – diz ele – quando o primeiro couraçado irlandês for visto enfrentando as ondas com a nossa própria bandeira desfraldada, nenhuma das harpas de seu Henrique Tudor, não, a mais velha bandeira desfraldada, a bandeira da província de Desmond e Thomond, três coroas sobre um campo azul, os três filhos de Milesius.

E ele bebeu o último trago da caneca. Moya. Todo vento e mijo como um gato de curtume. As vacas em Connacht têm chifres longos. Imagine se a sua maldita vida merece que ele vá e fale à multidão reunida em Shanagolden onde ele não ousa aparecer com os Molly Maguires a procurá-lo para dar cabo dele por se apoderar da propriedade de um arrendatário desapossado.

– Bravo, muito bem dito – diz John. – O que vocês vão tomar?

– Uma da brigada imperial britânica – diz Lenehan – para celebrar a ocasião.

– Uma meia, Terry – diz John Wyse –, e uma mão para cima. Terry! Você está dormindo?

– Sim, senhor – diz Terry. – Uma dose pequena de uísque e uma garrafa de Allsop. Certo, senhor.

Pendurado no maldito jornal à procura com Alf de notícias excitantes em vez de servir a clientela. A imagem de uma luta de marradas, eles tentando arrebentar suas malditas cabeças, um cara investindo contra o outro com sua cabeça abaixada como um touro de encontro a um portal. E uma outra: *Fera Negra Queimada em Omaha, Ga.* Uma porção de Piratas da Savana com chapéus de abas largas desabadas e eles atirando num negro enforcado numa árvore com a língua para fora tendo uma fogueira embaixo. Droga, eles deviam afogá-lo no mar depois e eletrocutá-lo e crucificá-lo para ter certeza de um serviço completo.

– Mas e quanto à marinha de guerra – diz Ned –, que mantém encurralados nossos inimigos?

– Vou lhe dizer o que acontece com ela – diz o cidadão. – É o inferno sobre a Terra. Leia as revelações que aparecem nos jornais sobre o açoimento nos navios-escola em Portsmouth. Há um homem que escreve e que se denomina: *O Enojado*.

Então ele começa a falar sobre o castigo corporal e sobre a tripulação de marujos e oficiais e contra-almirantes parados com seus chapéus de bico e o capelão com sua bíblia protestante a testemunhar o castigo e um rapazinho trazido, berrando por sua mãe, e eles o amarram à culatra de um canhão.

– Um fundilho sangrento e doze chibatadas – diz o cidadão –, era assim que aquele velho rufião do sir John Beresford chamava isso mas o inglês moderno de Deus o chama de vergastada no traseiro.

E diz John de Wyse:

– É um costume que se conhece mais pelas violações do que pelo cumprimento da lei.

Então em breve ele nos falava do oficial responsável pela ordem no navio de guerra que chega com uma vara comprida que estende e com a qual chicoteia as costas sangrentas do pobre rapaz até que ele urre mil vezes por socorro.

– Essa é a sua gloriosa armada britânica – diz o cidadão – que controla a Terra. Os camaradas que nunca serão escravos, com a única Câmara hereditária na face da Terra de Deus e com seu solo nas mãos de uma dúzia de porcos e barões afetados. Esse é o grande império de que eles se vangloriam dos burros de carga e dos servos chicoteados.

– No qual o sol nunca se ergue – diz Joe.

– E a tragédia disso tudo – diz o cidadão – é que eles crêem nele. Os infelizes *yahoos* crêem nele.

Eles crêem no açoite, no flagelador todo-poderoso, criador do inferno na Terra, e em Jacky Tar, o filho de um patife, que foi concebido por bazófia profana, nascido da armada combatente, padeceu sob um fundilho e uma dúzia de chibatadas, foi cortado, esfolado e espancado, urrou loucamente, no terceiro dia se reergueu da cama, conduziu para o ancoradouro, sentou-se quase sem condições até nova ordem quando deverá vir para trabalhar como escravo para a sobrevivência e ser pago por isso.

– Mas – diz Bloom – a disciplina não é a mesma em toda parte? Quero dizer não seria a mesma coisa aqui se houvesse resistência à força?

Eu não lhe disse? Tão verdadeiro quanto dois e dois são quatro se ele estivesse nas últimas ele tentaria convencê-lo com tenacidade de que morrer era viver.

– Nós oporemos resistência à força – diz o cidadão. – Nós temos nossa maior Irlanda além-mar. Eles foram expulsos da casa e da pátria no ano tenebroso de 47. Seus casebres de barro e suas choças à beira da estrada foram postas abaixo por aríete e o *Times* esfregou as mãos de contentamento e disse aos covardes saxões que em breve haveria tão poucos irlandeses na Irlanda quanto peles-vermelhas na América. Até o Grande Turco nos enviou suas piastras. Mas o saxão tentou matar de fome a nação em seu próprio país enquanto a terra estava rica de safras que as hienas britânicas compravam e vendiam no Rio de Janeiro. Sim, eles expulsaram hordas de camponeses. Vinte mil deles morreram em naviosesquifes. Mas aqueles que vieram para a terra dos livres se lembram da terra da escravidão. E eles virão novamente e com uma vingança, não são poltrões não, os filhos de Granuaile, os paladinos de Kathleen ni Houlihan.

– Totalmente correto – diz Bloom. – Mas o que eu queria dizer é que...

– Temos esperado muito tempo por esse dia, cidadão – diz Ned. – Desde que a pobre velha senhora nos disse que os franceses estavam no mar e aportaram em Killala.

– É sim – diz John Wyse. – Nós lutamos pela realeza dos Stuarts que nos abandonou de encontro aos partidários de Guilherme III e eles nos traíram. Lembre-se de Limerick e da pedra partida do tratado. Demos o melhor do nosso sangue à França e à Espanha, nós os gansos selvagens. Fontenoy, hein? E Sarsfield e O'Donnell, duque de Tetuan na Espanha, e Ulysses Browne de Camus que era marechal-de-campo de Maria Teresa. Mas o que é que obtivemos com isso?

– Os franceses! – diz o cidadão. – Um bando de mestres de dança! Sabe-se lá o que é isso? Eles nunca valeram um tostão furado para a Irlanda. Não é que eles estão tentando agora estabelecer um pacto cordial no jantar de Tay Pay com a pérfida Albion? Agitadores da Europa eles sempre o foram.

– *Conspuez les français* – diz Lenehan, agarrando sua cerveja.

– E quanto aos prussianos e hanoverianos – diz Joe –, já não tivemos o suficiente desses bastardos comedoresdesalsicha no trono desde George o Eleitor até o rapaz alemão e a velha puta flatulenta que está morta?

Meu Jesus, eu tive de rir da maneira com que ele se saiu com aquilo acerca da velha com aqueles antolhos nela, bêbada como um gambá no seu palácio real toda a noite de Deus, a velha Vic, com seu copo de uísque escocês e seu cocheiro a carregando corpo e carcaça dela para rolá-la na cama e ela o puxando pelos fios da barba e cantando para ele velhos fragmentos de canções sobre *Ehren on the Rhine* e venha para onde a bebida é mais barata.

– Bem – diz J. J. – Nós temos agora Edward o Pacificador.

– Conte isso para um tolo qualquer – diz o cidadão. – Há muito mais de um sífili do que de um pacifi neste tipo. Edward de Guelph-Wettin!

– E o que vocês pensam – diz Joe – dos santos moços, os padres e bispos da Irlanda decorando seu quarto em Maynooth com as cores esportivas de Sua Majestade Satânica e pregando quadros de todos os cavalos que seus jóqueis montaram. Nada menos do que o conde de Dublin.

– Eles deviam ter pregado todas as mulheres em que ele próprio montou – diz o pequeno Alf.

E diz J. J.:

– Considerações de espaço influenciaram a decisão de suas senhorias.

– Quer tentar uma outra, cidadão? – diz Joe.

– Sim, senhor – diz ele. – Eu quero.

– Você? – diz Joe.

– Obrigado a você, Joe – digo eu. – Que isso lhe faça bom proveito.

– Uma nova rodada – diz Joe.

Bloom falava sem parar com John Wyse e ele muito excitado com aquela cara amareloacinzentada dele e seus velhos olhosameixa revirando à volta.

– Perseguição – diz ele –, toda a história do mundo está cheia dela. Perpetuando um ódio nacional entre as nações.

– Mas você sabe o que é uma nação? – diz John Wyse.

– Sim – diz Bloom.

– O que é? – diz John Wyse.

– Uma nação? – diz Bloom. – Uma nação é o mesmo povo vivendo no mesmo lugar.

– Por Deus, então – diz Ned, rindo –, se é assim eu sou uma nação pois eu vivo há cinco anos no mesmo lugar.

Assim naturalmente todo mundo riu de Bloom e diz ele, tentando escapar na brincadeira:

– Ou também vivendo em diferentes lugares.

– Isso cobre o meu caso – diz Joe.

– Qual é sua nação se me permite perguntar? – diz o cidadão.

– A Irlanda – diz Bloom. – Eu nasci aqui. A Irlanda.

O cidadão não disse nada apenas pigarreou a saliva que tinha na garganta e, puxa vida, ele cuspiu para fora uma ostra da Margem Vermelha bem no canto.

– Eu vou na onda, Joe – diz ele, retirando seu lenço para se secar.

– Aqui está, cidadão – diz Joe. – Pegue isso com sua mão direita e repita depois de mim as seguintes palavras.

O muitoapreciado e finamente bordado antigo lenço irlandês atribuído a Solomon de Droma e Manus Tomaltach og MacDonogh, autores do Livro de Ballymote, foi então cuidadosamente exibido e provocou prolongada admiração. Não é necessário nos determos na beleza lendária de seus quatro cantos, o apogeu da arte, em que se pode claramente distinguir cada um dos quatro evangelistas apresentando por sua vez a cada um dos quatro mestres seu símbolo evangélico, um cetro de carvalho fossilizado, um puma norte-americano (um rei dos animais muito mais nobre do que o espécime britânico, diga-se de passagem), um bezerro de Kerry e uma águia dourada de Carrantuohill. As cenas descritas no campo pituitário, mostrando nossas antigas colinas fortificadas, fortalezas e muralhas monolíticas e jardins de inverno de castelos medievais e sedes de sabedoria e pedras amaldiçoadas, são tão esplendorosamente belas e seus pigmentos tão delicados quanto quando os escribas de Sligo deram rédeas à sua artística fantasia muito muito tempo atrás na época dos Barmecides. Glendalough, os lagos encantadores de Killarney, as ruínas de Clonmacnois, a Abadia de Cong, Glen Inagh e os Twelve Pins, Ireland's Eye, os Green Hills de Tallaght, Croagh Patrick,

a destilaria dos Srs. Arthur Guinness, Filho e Companhia (Limitada), as margens de Lough Neagh, o vale de Ovoca, a torre de Isolda, o obelisco Mapas, o hospital Saint Patrick Dun, Cape Clear, a ravina de Aherlow, o castelo de Lynch, a Scotch House, Rathdown Union Workhouse em Loughlinstown, o presídio de Tullamore, as cachoeiras de Castleconnel, Kiballymacschonakill, a cruz em Monasterboice, o Jury's Hotel, o purgatório de São Patrício, o Salmon Leap, o refeitório de Maynooth College, o buraco de Curley, os três lugares de nascimento do primeiro duque de Wellington, a rocha de Cashel, o pântano de Allen, o Henry Street Warehouse, Fingal's Cave – todas estas cenas emocionantes ainda estão ali para nós hoje tornadas ainda mais belas pelas ondas de tristeza que se impuseram a elas e pelas ricas incrustações do tempo.

– Passe-nos a bebida – digo eu. – Qual a de cada um?

– Essa é minha – diz Joe –, como disse o demônio ao policial morto.

– E eu pertenço a uma raça também – diz Bloom – que é odiada e perseguida. Ainda agora. Neste exato momento. Neste exato instante.

Nossa, ele quase queimou seus dedos com o toco de seu velho charuto.

– Roubado – diz ele. – Pilhado. Insultado. Perseguido. Tomando o que nos pertencia por direito. Neste exato momento – diz, erguendo o punho – vendido em leilão em Marrocos como escravo ou gado.

– Você está falando da nova Jerusalém? – diz o cidadão.

– Estou falando de injustiça – diz Bloom.

– Certo – diz John Wyse. – Enfrentem então isso com força como homens.

Essa é uma imagem de almanaque. Alvo para uma bala aprimorada. O velho rosto oleoso enfrentando a extremidade de um canhão. Puxa, ele adornaria uma vassoura, adornaria mesmo, se ao menos ele estivesse vestindo um avental de ama-seca. E então ele desaba subitamente, se enrolando à volta de todos os que lhe são contrários, tão vacilante como um trapo molhado.

– Mas não adianta – diz ele. – Força, ódio, história, tudo o mais. Isso não é vida para homens e mulheres, insulto e ódio. E todo mundo sabe que é exatamente o oposto disso que vale realmente a vida.

– O quê? – diz Alf.

– O amor – diz Bloom. – Quero dizer o oposto do ódio. Tenho que ir agora – diz para John Wyse. – Dar um pulinho só no tribunal para ver se Martin está lá. Se ele vier diga apenas que eu estarei de volta num segundo. Só um minuto.

Quem o está impedindo? E sai rapidamente como um raio seboso.

– Um novo apóstolo para os gentios – diz o cidadão. – Amor universal.

– Bem – diz John Wyse. – Não é isso que nos é dito? Ame seu próximo.

– Aquele cara? – diz o cidadão. – Empobrecer meu vizinho é o seu lema. Amor, como se possível! Ele é um ótimo exemplo à Romeu e Julieta.

Amor ama amar o amor. A enfermeira ama o novo farmacêutico. O policial 14 A ama Mary Kelly. Gerty MacDowell ama o menino que tem a bicicleta. M. B. ama um senhor louro. Li Chi Han tá apaixonada pelo bejoqueiro Cha Pu Chow. Jumbo, o elefante, ama Alice, a elefanta. O velho Sr. Verschoyle com a corneta acústica ama a velha Sra. Verschoyle de olhar

estrábico. O homem com o impermeável marrom ama uma senhora que está morta. Sua Majestade o rei ama Sua Majestade a rainha. A Sra. Norman W. Tupper ama o oficial Taylor. Você ama uma certa pessoa. E esta pessoa ama aquela outra pessoa porque todo mundo ama alguém mas Deus ama todo mundo.

– Bem, Joe – digo eu –, à sua boa saúde e canção. Mais poder, cidadão.

– Hurra, pronto – diz Joe.

– Que a bênção de Deus e Maria e Patrício recaia sobre vocês – diz o cidadão.

E ele ergue sua caneca para tomar um trago.

– Nós conhecemos esses puritanos – diz ele –, pregando e batendo nossa carteira. O que vocês me dizem do santarrão do Cromwell e os membros de sua cavalaria que puseram a fio de espada as mulheres e crianças de Drogheda com o texto da bíblia *Deus é amor* grudado na boca de seu canhão? A bíblia! Vocês leram aquela chacota no *United Irishman* hoje sobre aquele chefe zulu que está visitando a Inglaterra?

– O que é isso? – diz Joe.

Então o cidadão pega uma de suas parafernálias de jornais e começa a ler em voz alta:

– Uma delegação dos principais magnatas do algodão de Manchester foi ontem apresentada a Sua Majestade o alaki de Abeakuta pelo chefe do protocolo, lorde Caminhar de Caminhar sobre Ovos, para oferecer a Sua Majestade o agradecimento mais sincero dos comerciantes britânicos pelas facilidades a eles concedidas em seus domínios. A delegação participou do almoço no final do qual o escuro potentado, no decorrer de um discurso feliz, traduzido livremente pelo capelão britânico, o reverendo Ananias Louvaadeus Descarnado, ofereceu seu mais sincero agradecimento a Massa Caminhar e enfatizou as relações cordiais existentes entre Abeakuta e o império britânico, declarando que apreciava como um dos seus bens mais preciosos uma bíblia iluminada, o livro da palavra de Deus e o segredo da grandeza da Inglaterra, graciosamente presenteado a ele pela chefe branca, a grande pele-vermelha Vitória, com uma dedicatória pessoal da mão augusta do Doador Real. O alaki bebeu à saúde então de um só trago a taça da amizade de uísque *Black and White* contido no crânio de seu imediato predecessor na dinastia Kakachakachak, de sobrenome Quarenta Verrugas, depois do que ele visitou a principal fábrica de Algodãoópolis e assinou com sua marca o livro dos visitantes, executando subseqüentemente uma fascinante velha dança guerreira abeakutica, no decorrer da qual engoliu diversos garfos e facas, em meio ao aplauso hilariante das operárias.

– A viúva – diz Ned. – Acima de qualquer suspeita. Eu me pergunto se ele fez o mesmo uso da bíblia que eu faria.

– O mesmo e ainda mais – diz Lenehan. – E daí por diante naquela terra fértil a mangueira de folhas largas floresceu extraordinariamente.

– Isso foi escrito por Griffith? – diz John Wyse.

– Não – diz o cidadão. – Não está assinado Shanganagh. Só tem a inicial: P.

– E uma muito boa inicial também – diz Joe.

– É assim que funciona – diz o cidadão. – O comércio acompanha a bandeira.

– Ora – diz J. J. –, se por acaso eles são piores do que aqueles belgas do Estado Livre do Congo eles devem ser ruins. Vocês leram aquele relatório por um homem como é o

nome dele?

– Casement – diz o cidadão. – Ele é um irlandês.

– Sim, é esse o homem – diz J. J. – Violando as mulheres e meninas e açoitando os nativos no ventre para extrair deles toda a borracha vermelha que pudessem.

– Eu sei aonde ele foi – diz Lenehan, estalando os dedos.

– Quem? – digo eu.

– Bloom – diz ele. – O tribunal é um pretexto. Ele jogou alguns shillings no *Jogarfora* e foi recolher seu dinheiro.

– Então é esse cafre de olhos brancos? – diz o cidadão, que enraivecido nunca apostou em um cavalo em toda a sua vida.

– Foi lá que ele foi – diz Lenehan. – Eu encontrei Bantam Lyons ao ir apostar naquele cavalo só que eu o dissuadi de fazê-lo e ele me disse que Bloom lhe dera a dica. Aposto o que vocês quiserem que ele tem agora cem shillings por cinco. Ele é o único homem em Dublin a tê-lo. Um azarão.

– Ele próprio é um maldito azarão – diz Joe.

– Preste atenção, Joe – digo eu. – Mostre-nos a entrada para sair.

– Lá está ela – diz Terry.

Adeus Irlanda estou indo para Gort. Assim eu só fui até o fundo do quintal para fazer xixi e puxa vida (cem shillings por cinco) enquanto eu descarregava meu (*Jogarfora* a vinte) fardo, nossa, falo comigo mesmo eu sabia que ele estava com a mente inquieta (duas doses de Joe e uma em Slattery) para escapar da meta de (cem shillings são cinco libras) e quando eles estavam no (azarão) Pisser Burke me falava sobre o jogo de cartas e deixando escapar que a filha estava doente (nossa, devo ter feito cerca de um galão) sua mulher de traseiro flácido falando por um alto-falante *ela está melhor* ou *ela está* (uau!) tudo um plano para que ele pudesse sumir com a bolada se ganhasse ou (meu Jesus, eu estava cheio mesmo) estivesse comerciando sem licença (uau!) a Irlanda minha nação diz ele (hoc, toc) nunca estar à altura desses malditos (terminou finalmente) cucos (ah!) de Jerusalém.

Então de qualquer forma quando eu voltei eles estavam numa tremenda discussão, John Wyse dizendo que Bloom deu idéias para o Sinn Fein para que Griffith pusesse em seu jornal toda sorte de expedientes eleitorais, júris enganosos e fraude nos impostos do governo e a nomeação de cônsules em todo o mundo para sair vendendo as indústrias irlandesas. Roubar Pedro para pagar a Paulo. Nossa, vai dar uma baboseira danada se o velho de olhos piegas arruinar o espetáculo. Que nos seja dada uma miserável oportunidade. Deus proteja a Irlanda contra esse safado e os da sua espécie. O Sr. Bloom com sua discussão e raciocínio infundado. E o seu velho antes dele cometendo fraudes, o velho Methusalem Bloom, o caixeiro-viajante ladrão, que se envenenou com ácido prússico depois de atolar o país com suas bugigangas e seus diamantes de cacaracá. Empréstimos por correspondência em condições moderadas. Qualquer importância de dinheiro adiantada por assinatura. Nenhum impedimento de distância. Nenhuma garantia exigida. Nossa, ele é como o bode de Lanty MacHale que ia com todo mundo por um bom pedaço de estrada.

– Bem, isso é um fato – diz John Wyse. – E ali está agora o homem que lhes informará tudo a respeito disso, Martin Cunningham.



Efetivamente chegava o carro do castelo com Martin e Jack Power com ele e um camarada chamado Crofter ou Crofton, aposentado da receita geral, um membro da Orange Order que Blackburn tem no registro e ele retirando seu pagamento ou Crawford vagabundeando pelo país às custas do rei.

Nossos viajantes chegaram à estalagem rústica e apearam de seus palafréns.

– Ho, escudeiro! – gritou aquele que por seu aspecto parecia ser o líder do grupo. – Insolente criado! A nós!

Assim dizendo ele bateu com força com o cabo da espada na porta aberta.

Meu hoteleiro avançou à convocação, envolvendo-o com seu manto.

– Dou-lhes uma boa noite, meus amos – disse ele com uma mesura subserviente.

– Ponha-se em movimento, seu malandro! – gritou aquele que tinha batido na porta. – Cuide dos nossos corcéis. E para nós dê o melhor de si mesmo pois realmente é disso que precisamos.

– Ai de mim, bons mestres – disse o hoteleiro –, minha pobre casa tem apenas despensa vazia. Não sei o que oferecer às Suas Senhorias.

– Como então, homem? – exclamou o segundo do grupo, um homem de fisionomia agradável. – É assim que você serve os mensageiros do rei, mestre Taptun?

Uma mudança instantânea se espalhou pelo rosto do senhorio.

– Concedam-me vossa misericórdia, cavalheiros – disse humildemente. – E os senhores são os mensageiros do rei (Deus proteja Sua Majestade!) não lhes faltará nada. Os amigos do rei (Deus abençoe Sua Majestade) não passarão fome na minha casa eu mesmo o garanto.

– Então mãos à obra! – exclamou o viajante que não tinha falado, um comilão de aspecto saudável. – Tem algo para nos oferecer?

Meu hoteleiro se inclinou novamente enquanto respondia:

– Que me dizem os senhores, bondosos amos, de um pastelão coxim de pombo, algumas fatias de veado, um lombo de vitela, marreco com *bacon* de porco tostado, uma cabeça de javali com pistache, uma bacia com creme gelatinoso, um pudim de nêspira e uma jarra de um velho vinho do Reno?

– Ora veja! – exclamou o último interlocutor. – Isso me agrada bem. Pistache!

– Aha! – exclamou o de fisionomia agradável. – Uma pobre casa e uma despensa vazia, um quinhão. Isso é que é um alegre trapaceiro.

Então entra Martin perguntando onde estava Bloom.

– Onde ele está? – diz Lenehan. – Enganando viúvas e órfãos.

– Não é verdade – diz John Wyse –, o que eu estava contando ao cidadão sobre Bloom e o Sinn Fein?

– É isso aí – diz Martin. – Ou assim eles o alegam.

– Quem fez essas alegações? – diz Alf.

– Eu – diz Joe. – Eu sou o aligátor.

– E afinal de contas – diz John Wyse – por que um judeu não pode amar seu país como qualquer outra pessoa?

– Por que não? – diz J. J. – Quando ele tem certeza absoluta de qual é o país.

– É ele um judeu ou um gentio ou um santo romano ou um protestante de meia-tigela ou que diabo de coisa ele é? – diz Ned. – Ou quem é ele? Sem ofensa Crofton.

– Quem é Junius? – diz J. J.

– Nós não o queremos – diz Crofton o membro da Orange Order ou presbiteriano.

– Ele é um judeu pervertido – diz Martin – de um lugar na Hungria e foi ele que redigiu todos os planos de acordo com o sistema húngaro. Sabemos disso no castelo.

– Não é ele primo de Bloom o dentista? – diz Jack Power.

– De forma alguma – diz Martin. – Apenas xarás. Seu nome era Virag, nome do pai que se suicidou tomando veneno. Ele o mudou por votação, o pai o fez.

– Esse é o novo Messias da Irlanda! – diz o cidadão. – Ilha dos santos e sábios.

– Bem, eles ainda estão esperando seu redentor – diz Martin. – Como nós, em suma.

– Sim – diz J. J. –, e a cada macho que nasce eles pensam que pode ser seu Messias.

E todo judeu fica num completo estado de excitação, creio, até que saiba se é um pai ou uma mãe.

– Aguardando que cada minuto seja o seu próximo – diz Lenehan.

– Ó, por Deus – diz Ned –, vocês deviam ter visto Bloom antes que seu filho que morreu tivesse nascido. Eu o encontrei um dia nos mercados da parte sul da cidade comprando uma lata de comida de Neave seis semanas antes de sua mulher dar à luz.

– *En ventre sa mère* – diz J. J.

– Você chama isso de homem? – diz o cidadão.

– Eu me pergunto se ele jamais o pôs longe de sua vista – diz Joe.

– Bom, de qualquer forma dois filhos nasceram – diz Jack Power.

– E de quem ele suspeita? – diz o cidadão.

Nossa, há muita palavra verdadeira dita de brincadeira. Ele é um desses produtos confusos. Pisser me disse certa vez que ele ficava deitado uma vez por mês na cama do hotel com uma dor de cabeça como uma moça em seu período menstrual. Você sabe o que estou lhe dizendo? Seria um ato de Deus segurar um camarada desse tipo e lançá-lo no mar sangrento. Homicídio justificável, seria esse. Então sumir com suas cinco libras sem pagar uma bebida sequer como um homem. Dê-nos a sua bênção. Nem sequer o bastante para cegá-lo.

– Caridade para com seu próximo – diz Martin. – Mas onde ele está? Não podemos esperar.

– Um lobo com pele de cordeiro – diz o cidadão. – Isso é o que ele é. Virag da Hungria! Ahasuerus é como o chamo. Amaldiçoado por Deus.

– Você tem tempo para uma rápida libação, Martin? – diz Ned.

– Apenas uma – diz Martin. – Temos que ser ligeiros. J. J. e S.

– E você Jack? Crofton? Três meias doses, Terry.

– São Patrício gostaria de aportar novamente em Ballykinlar e nos converter – diz o cidadão –, depois de ter permitido que coisas assim contaminassem nossas praias.

– Bem – diz Martin, batendo na mesa por um copo. – Deus os abençoe a todos aqui, esta é a minha oração.

– Amém – diz o cidadão.

– E tenho certeza que Ele o fará – diz Joe.

E ao som do sino sagrado, encabeçado por um cruciferário com acólitos, turiferários, carregadores de embarcação, leitores, ostiários, diáconos e subdiáconos, o grupo abençoado se aproximou de abades mitrados e priores e guardiães e monges e frades: os monges de Benedito de Spoleto, cartusianos e camaldulas, cistercianos e olivetanos, oratórios e valombrosianos, e os frades agostinhos, brigidinos, premontreses, servos de Maria, trinitários, e os filhos de Pedro Nolasco: e além disso do monte Carmelo os filhos e filhas do profeta Elias conduzidos pelo bispo Alberto e Teresa d'Ávila, calçados e descalços: e frades, marrons e cinza, filhos do pobre Francisco, capuchinhos, franciscanos, mínimos e observantes e as filhas de Clara: e os filhos de Domingos, os frades pregadores, e os filhos de Vicente e os monges de Santo Wolstano: e Inácio, os filhos: e a confraria dos irmãos cristãos conduzidos pelo reverendo irmão Edmund Ignatius Rice. E depois vinham todos os santos e mártires, virgens e confessores: S. Ciro e S. Isidoro Arator e Santiago o Menor e S. Phocas de Sinope e S. Julião Hospitator e S. Félix de Cantalice e S. Simão Estilita e S. Estevão Protomártir e S. João de Deus e S. Ferreol e S. Leugarda e S. Theodorus e S. Vulmar e S. Ricardo e S. Vicente de Paula e S. Martim de Tod e S. Martim de Tours e S. Alfredo e S. José e S. Dênis e S. Cornélio e S. Leopoldo e S. Bernardo e S. Terêncio e S. Eduardo e S. Owen Caniculus e S. Anônimo e S. Epônimo e S. Pseudônimo e S. Homônimo e S. Parônimo e S. Sinônimo e S. Laurence O'Toole e Santiago de Dingle e Compostella e S. Columcille e S. Columba e S. Celestino e S. Colman e S. Kevin e S. Brendan e S. Frigidian e S. Senan e S. Fachtna e S. Columbanus e S. Gall e S. Fursey e S. Fintan e S. Fiacre e S. João Nepomuc e S. Tomás de Aquino e S. Ives da Britânia e S. Michan e S. Herman-Joseph e os três patronos da juventude sagrada S. Aloísio Gonzaga e S. Stanislaus Kostka e S. John Berchmans e os santos Gervásio, Servásio e Bonifácio e S. Bride e S. Kieran e S. Canice de Kilkenny e S. Jarlath de Tuam e S. Finbarr e S. Pappin de Ballymun e irmão Aloysius Pacificus e irmão Louis Bellicosus e as santas Rosa de Lima e de Viterbo e S. Maria do Egito e S. Lucia e S. Brígida e S. Attracta e S. Dymrna e S. Ita e S. Marion Calpensis e a bem-aventurada irmã Teresa do Menino Jesus e S. Bárbara e S. Escolástica e S. Úrsula com onze mil virgens. E todos vinham com nimbos e auréolas e glórias, trazendo nas mãos palmas e harpas e espadas e coroas de olivas, com vestes nas quais estavam tecidos símbolos abençoados de suas eficácias, tinteiros de chifres, setas, pães, pequenos frascos, grillhões, machados, árvores, pontes, bebês numa banheira, conchas, carteiras de dinheiro, tesouras grandes, chaves, dragões, lírios, carabinas, barbas, porcos, lâmpadas, foles, colmeias, conchas de sopeira, estrelas, cobras, bigornas, caixas de vaselina, sinos, muletas, fórceps, chifres de veados, botas à prova de água, falcões, mós, olhos numa travessa, velas de cera, aspersórios, unicórnios. E enquanto seguiam seu caminho pela Coluna de Nelson, Henry Street, Mary Street, Capel Street, Little Britain Street entoando o intróito *in Epiphania Domini* que começa com *Surge, illuminare* e daí por diante mais suavemente o gradual que diz *Omnes de Saba venient* eles faziam diversas maravilhas tais como expulsar os demônios, ressuscitar os mortos, multiplicar os peixes, curar os mancos e os cegos, descobrir vários objetos que estavam perdidos, interpretar e cumprir as escrituras, abençoar e profetizar. E finalmente, sob um dossel de tecido de ouro vinha o reverendo padre O'Flynn seguido de Malachi e Patrick. E quando os bons padres alcançaram o lugar preestabelecido, a casa de Bernard Kiernan e Cia. Limitada, 8, 9 e 10 Little Britain Street,

armazém de venda por atacado, remetentes de vinho e aguardente, licenciados para a venda de cerveja, vinho e outras bebidas para consumo nas premissas, o celebrante abençoou a casa e incensou as janelas com mainéis e os quebra-mares de madeira e as abóbadas e as arestas e os capitéis e os frontões triangulares e as cornijas e os arcos denteados e as agulhas de torre e as cúpulas e aspergiu os lintéis daí com água benta e orou para que Deus abençoasse aquela casa como abençoara a casa de Abraão e Isaac e Jacó e fizesse com que os anjos de Sua luz naquele lugar fizessem sua morada. E entrando abençoou os alimentos e as bebidas e o grupo de todos os abençoados respondeu às suas orações.

– *Adiutorium nostrum in nomine Domini.*

– *Qui fecit coelum et terram.*

– *Dominus vobiscum.*

– *Et cum spiritu tuo.*

E ele pousou suas mãos sobre aquilo que abençoara e deu graças e orou e eles todos com ele oraram:

– *Deus, cuius verbo sanctificantur omnia, benedictionem tuam effunde super creaturas istas: et praesta ut quisquis eis secundum legem et voluntatem Tuam cum gratiarum actione usus fuerit per invocationem sanctissimi nominis Tui corporis sanitatem et animae tutelam Te auctore percipiat per Christum Dominum nostrum.*

– E assim dizemos todos nós – diz Jack.

– Mil por ano, Lambert – diz Crofton ou Crawford.

– Certo – diz Ned, pegando seu John Jameson. – E saúde e boa sorte.

Eu estava só olhando à volta para ver quem aquele pensamento feliz impressionaria quando macacos me mordam ei-lo que chega novamente deixando escapar que estava com uma pressa dos infernos.

– Acabei de dar um pulo no tribunal – diz ele –, procurando por você. Espero não estar...

– Não – diz Martin –, estamos prontos.

Tribunal uma ova e seus bolsos caindo de tão cheios de ouro e prata. Mesquinha lebre desgraçada. Pague-nos um drinque. Diabo é pouco para ele! Isso é que é um judeu! Tudo para elezinho. Esperto como um rato de merda. Cem por cinco.

– Não diga a ninguém – diz o cidadão.

– Perdão – diz ele.

– Vamos, rapazes – diz Martin, vendo que a coisa estava ficando preta. – Vamos embora agora.

– Não diga a ninguém – diz o cidadão, soltando um grito de dentro de si. – É um segredo.

E o maldito cão acordou e soltou um rosnado.

– Até logo – diz Martin.

E ele os levou para fora o mais rápido que pôde, Jack Power e Crofton ou o que quer que você o chame e ele no meio deles confessando que não estava entendendo nada e subindo com eles no maldito cabriolé.

– Partamos – diz Martin ao cocheiro.

O golfinho branco como leite sacudiu sua juba e, se erguendo na popa dourada, o timoneiro estendeu a vela enfunada ao vento e avançou com toda a vela exposta, a vela da fortuna a bombordo. Inúmeras ninfas graciosas se aproximaram de estibordo e bombordo e, se agarrando aos lados da nobre embarcação, uniram suas formas esplendorosas como o faz o hábil carpinteiro de carretas quando modela em volta do coração da roda os raios eqüidistantes em que cada um é irmão de um outro e os ata todos com um elo exterior e empresta velocidade aos pés dos homens tanto quando eles cavalgam em combate ou quando lutam pelo sorriso de belas damas. Desse modo elas vêm e se colocam ali, essas ninfas obsequiosas, as irmãs imortais. E elas riram, brincando no círculo de sua espuma: e a embarcação singrou as ondas.

Mas puxa vida eu acabava de beber o último gole da bebida quando vi o cidadão se levantar para caminhar gingando para a porta, bufando e soprando com hidropisia, ele praguejando e lançando a maldição de Cromwell sobre ele, sino, livro e vela em irlandês, cuspiendo e lançando o cuspe para fora de si e Joe e o pequeno Alf à volta dele como um duende tentando apaziguá-lo.

– Deixem-me em paz – diz ele.

E puxa vida ele chegou até a porta e eles o segurando e soltou um grito de dentro de si:

– Três vivas a Israel!

Ora vejam só, sente-se pelo amor de Deus no lado parlamentar de seu traseiro e não dê um espetáculo de si mesmo. Meu Jesus, há sempre um ou outro maldito palhaço fazendo um maldito escarcéu sobre desgraçadamente nada. Nossa, é de embrulhar mesmo o seu estômago, sem dúvida alguma.

E todos os maltrapilhos e prostitutas da nação em volta da porta e Martin dizendo ao cocheiro para seguir em frente e o cidadão gritando e Alf e Joe lhe dizendo para se calar e ele a todo vapor contra os judeus e os vagabundos pedindo um discurso e Jack Power tentando fazê-lo se sentar no carro e fechar sua maldita boca e um vagabundo com uma venda no olho começa a cantar *Se o homem na lua fosse um judeu, judeu, judeu* e uma prostituta solta um grito de dentro de si:

– Ei, senhor! Sua presilha está aberta, senhor!

E diz ele:

– Mendelssohn era um judeu e Karl Marx e Mercadante e Espinoza. E o Salvador era um judeu e seu pai era um judeu. O seu Deus.

– Ele não tinha nenhum pai – diz Martin. – Agora basta. Siga em frente.

– Deus de quem? – diz o cidadão.

– Bem, seu tio era um judeu – diz ele. – Seu Deus era um judeu. Cristo era um judeu como eu.

Nossa, o cidadão deu um mergulho para dentro da loja.

– Por Cristo – diz ele –, eu vou partir o crânio desse maldito judeu por usar o santo nome. Por Cristo, eu vou crucificá-lo, sem dúvida que vou. Me dêem aqui essa caixa de biscoito.

– Pare! Pare! – diz Joe.

Um grande e apreciador grupo de amigos e relações da metrópole e da grande Dublin se reuniram aos milhares para se despedir de Nagyaságos uram Lipóti Virag, ex-colaborador dos Srs. Alexander Thom, tipógrafos de Sua Majestade, por ocasião de sua partida para o clima distante de Százharminczbrojúgulyás-Dugulás (Prado de Águas Murmurantes). A cerimônia que teve lugar com grande *éclat* se caracterizou pela mais afetada cordialidade. Um pergaminho iluminado de antigo velino irlandês, trabalho de artistas irlandeses, foi apresentado ao eminente fenomenologista da parte de um grande setor da comunidade e foi acompanhado do presente de um escrínio de prata, de muito bom gosto executado no estilo de antigo ornamento celta, um trabalho que reflete o crédito a ser dado aos confeccionadores, Srs. Jacob *agus* Jacob. O convidado que partia foi objeto de calorosa ovação, muitos daqueles que estavam presentes estando visivelmente emocionados quando a orquestra seleta de gaitas-de-fole irlandesas tocou os conhecidos acordes de *Volte a Erin*, imediatamente seguidos da *Marcha de Rakózszy*. Barris de alcatrão e fogueiras foram acesos ao longo da costa dos quatro mares nos cimos do monte de Howth, de Three Rock Mountain, Sugarloaf, Bray Head, das montanhas de Mourne, dos Galtees, de Ox e Donegal e dos picos Sperrin, dos Nagles e dos Bograps, das colinas de Connemara, das atmosferas infectas de M'Gillicuddy, Slieve Aughty, Slieve Bernagh e Slieve Bloom. Em meio aos vivas que perfuram o firmamento, aos quais responderam vivas vindos de um grande ajuntamento de capangas na distante Câmbrria e nas colinas da Caledônia, o mastodôntico navio de recreio se afastou lentamente saudado por um tributo floral final das representantes do belo sexo que estavam presentes em grande número enquanto, à medida que ele prosseguia rio abaixo, escoltado por uma flotilha de barças, o Ballast Office e a Alfândega saudavam com as bandeiras assim como a usina elétrica da Pigeonhouse e de Poolbeg Light. *Visszontlátásra, kedvés barátom! Visszontlátásra!* Partido mas não esquecido.

Nossa de qualquer forma nem o diabo o impediria de se apoderar da maldita lata e lá se foi ele e o pequeno Alf pendurado no seu cotovelo e ele gritando como um porco crivado, tão bom quanto qualquer peça miserável do teatro real de Queen:

– Onde ele está até que eu o mate?

E Ned e J. J. paralisados de tanto rir.

– Malditas guerras – digo eu –, vou estar presente para o último evangelho.

Mas como a sorte o desejava o cocheiro puxou a cabeça do cavalo para o outro lado e lá se foi ele.

– Fique firme, cidadão – diz Joe. – Pare.

Nossa ele estendeu a mão deu com ela uma pancada violenta e deixou que voasse. Misericórdia divina o sol batia em seus olhos sem o que ele o teria deixado morto. Nossa, ele quase a enviou para o condado de Longford. O maldito cavalo se assustou e o velho vira-lata atrás do carro como o próprio inferno ambulante e todo o populacho gritando e rindo e a lata velha chocalhando pela rua afora.

A catástrofe foi terrível e instantâneo o seu efeito. O observatório de Dunsink registrou ao todo onze choques, todos do quinto grau da escala de Mercalli, e não há registro existente de um distúrbio sísmico semelhante em nossa ilha desde o terremoto de 1534, o ano da rebelião de Silken Thomas. O epicentro parece ter sido aquela parte da metrópole que

constitui o distrito de Inn's Quay e a paróquia de São Michan cobrindo uma superfície de quarenta e um acres, duas cruces e um pólo quadrado ou vara. Todas as residências dos lordes na vizinhança do palácio de justiça foram demolidas e aquele próprio edifício nobre, no qual no momento da catástrofe importantes debates legais estavam em andamento, é literalmente uma massa de ruínas sob a qual teme-se que todos os ocupantes foram enterrados vivos. Pelos relatórios de testemunhas oculares deduz-se que as ondas sísmicas foram acompanhadas por uma perturbação atmosférica violenta de caráter ciclônico. Um adorno de cabeça verificado pertencer ao muito respeitado funcionário da coroa e paz Sr. George Fottrell e um guarda-chuva de seda com cabo de ouro com as iniciais gravadas, timbre, brasão e número da casa do erudito e venerável presidente da corte de Quatro-Sessões, sir Frederick Falkiner, primeiro magistrado de Dublin, foram descobertos por grupos de busca em partes remotas da ilha respectivamente, o primeiro na terceira crista basáltica da barragem do gigante, a última enterrada numa profundidade de um pé e três polegadas na areia da praia da baía de Holeopen perto do velho cabo de Kinsale. Outras testemunhas oculares declaram que observaram um objeto incandescente de proporções enormes se movendo ruidosamente através da atmosfera com uma velocidade aterradora numa trajetória dirigida a sudeste vinda do sudoeste. Mensagens de condolência e simpatia estão sendo recebidas de hora em hora de todas as partes dos diferentes continentes e o soberano pontífice teve especial prazer em decretar que uma *missa pro defunctis* especial fosse celebrada simultaneamente pelos ordinários de cada e todas as igrejas catedrais de todas as dioceses episcopais submetidas à autoridade espiritual da Santa Sé em sufrágio das almas daqueles fiéis que partiram, que foram tão inesperadamente chamados para longe de nós. O trabalho de salvamento, remoção de *débris* restos humanos etc. foi confiado aos Srs. Michael Meade e Filho, 159 Great Brunswick Street, e aos Srs. T. e C. Martin, 77, 78, 79 e 80 North Wall, assistidos pelos homens e oficiais da infantaria do duque de Cornwall sob a supervisão geral de H. R. H., contra-almirante, o muito honrado senhor Hercules Hannibal Habeas Corpus Anderson, K. G., K. P., K. T., P. C., K. C. B., M. P., J. P., M. B., D. S. O., S. O. D., M. F. H., M. R. I. A., B. L., Mus. Doc., P. L. G., F. T. C. D., F. R. U. I., F. R. C. P. I. e F. R. C. S. I.

Você nunca viu coisa igual em toda a sua existência. Nossa, se ele recebesse aquele bilhete de loteria do lado de sua cabeça ele se lembraria do grande prêmio, certamente o faria, mas puxa vida o cidadão teria sido recolhido à colônia penal por agressão e ofensa física e Joe por auxiliar e se acumpliciar. O cocheiro salvou sua vida ao dirigir furiosamente tão certo como Deus ter feito Moisés. O quê? Ó, Jesus, ele o fez. E ele soltou uma saraivada de pragas sobre ele.

– Eu o matei – diz ele –, afinal de contas?

E ele gritando para o maldito cão:

– Atrás dele, Garry! Atrás dele, cara!

E a última coisa que vimos foi o maldito carro contornando a esquina e o velho rostodecarneiro nele gesticulando e o maldito vira-lata atrás dele com sua empáfia de volta por tudo que ele desgraçadamente valia para despedaçá-lo em todos os seus membros. Cem por cinco! Meu Jesus, ele tirou dele o valor disso, eu garanto.

Quando, vejam, surgiu à volta deles todos uma grande luminosidade e eles viram o

coche em que Ele estava ascender ao céu. E eles O viram no coche, vestido com a glória da claridade, tendo uma indumentária como se do sol, bela como a lua e terrível de modo que dominados pelo espanto não ousaram olhar para Ele. E veio do céu então uma voz, clamando: *Elijah! Elijah!* E Ele respondeu com um único grito: *Abba! Adonai!* E eles viram Ele até Ele, ben Bloom Elijah, em meio às nuvens e aos anjos ascender à glória da luminosidade num ângulo de quarenta e cinco graus acima de Donohoe em Little Green Street como a detonação de uma pazada.



A tarde de verão começara a envolver o mundo num misterioso abraço. Bem longe no poente o sol se punha e no último fulgor de todos também o dia evanescente se detinha amorosamente sobre o mar e a praia, sobre o promontório altivo do antigo e querido vilarejo Howth resguardando como sempre as águas da baía, sobre as rochas cobertas de ervas daninhas ao longo da praia de Sandymount e, por último mas não menos importante, sobre a pacata igreja de onde se emanava vez por outra no silêncio reinante a voz da oração àquela que em sua pura irradiação é um farol eterno para o homem sacudido por tempestades, Maria, a estrela-do-mar.

As três amigas estavam sentadas nas rochas, desfrutando o cenário do entardecer e o ar que estava fresco mas não friorento demais. Muitas e muitas vezes elas costumavam vir ali àquele recanto para bater um papo descontraído ao lado das ondas espumantes e discutir assuntos femininos, Cissy Caffrey e Edy Boardman com o bebê no carrinho e Tommy e Jacky Caffrey, dois menininhos de cabelo encaracolado, com roupas de marinheiros e bonés combinando e o nome *H. M. S. Belleisle* impresso em ambos. Pois Tommy e Jacky Caffrey eram gêmeos, de apenas quatro anos e às vezes gêmeos muito barulhentos e mimados mas apesar de tudo uns rapazinhos queridos de rostos muito vivos e alegres e de natureza carinhosa e cativante. Eles estavam brincando na areia com suas pás e baldes, construindo castelos como as crianças o fazem, ou brincando com sua bola grande e colorida, felizes como eles só. E Edy Boardman embalava o bebê gorducho no carrinho de um lado para o outro enquanto esse jovem cavalheiro positivamente ria gostosamente de prazer. Ele tinha apenas onze meses e nove dias e, embora ainda fosse um projetinho de gente dando os primeiros passos, começava a balbuciar as primeiras palavras em sua língua tatibitati. Cissy Caffrey se inclinou sobre ele para fazer cócegas nas suas bochechas gordinhas e na covinha delicada de seu queixo.

– Vamos, meu bebê – disse Cissy Caffrey. – Diga alto, bem alto. Eu quero beber água.

E o bebê balbuciou depois dela:

– Qué bebê aua.

Cissy Caffrey afagou o garotinho pois ela adorava crianças, tão paciente com os pequeninos sofredores que não conseguia nunca fazer com que Tommy Caffrey tomasse seu óleo de fígado de bacalhau a não ser que Cissy Caffrey tapasse o seu nariz e promettesse lhe dar a ponta esmigalhada do pão ou pão preto com um melado da melhor qualidade. Que poder de persuasão tinha aquela moça! Mas com certeza também o bebê Boardman valia ouro, um perfeito anjinho com seu babador do último tipo. Nenhuma dessas belezas cheias de vontade, do gênero de Flora MacFlimsy, era Cissy Caffrey. Uma garota mais leal nunca se viu, sempre rindo com seus olhos de cigana e uma palavra brincalhona em seus lábios vermelhos como cerejas maduras, uma moça cativante ao extremo. E Edy Boardman também riu com a fala engraçadinha do irmãozinho.

Mas justo naquele momento se dava uma pequena altercação entre mestre Tommy e

mestre Jacky. Meninos vão ser sempre meninos e nossos dois gêmeos não eram uma exceção a esta feliz regra. O pomo da discórdia era um certo castelo de areia que o mestre Jacky tinha construído e que mestre Tommy encasquetou que o certo está errado e que precisava ser arquiteturalmente melhorado com uma porta na frente como a que tinha a Torre Martello. Mas se o mestre Tommy era cabeça-dura o mestre Jacky também era teimoso e, fiel ao ditado de que toda casinha de um irlandês é o seu castelo, ele se atirou sobre seu rival odiado com tanta disposição que o que seria o agressor desabou e (triste de relatar!) com ele também o cobiçado castelo. Inútil dizer que os gritos do frustrado mestre Tommy atraíram a atenção das jovens amigas.

– Venha cá, Tommy – chamou sua irmã imperativamente. – Imediatamente! E você, Jacky, que vergonha derrubar o pobre do Tommy nessa areia suja. Esperem até que eu os pegue fazendo isso de novo.

Com os olhos marejados de lágrimas não derramadas mestre Tommy veio ao chamado dela pois uma palavra da irmã mais velha era lei para os gêmeos. E ele estava num triste estado também depois de sua desventura. Seu traje de marinheiro e cuequinha estavam cheios de areia mas Cissy era uma mestra de primeira na arte de suavizar as mais mínimas mazelas da vida e num instante nenhum grão de areia podia ser visto em sua bela roupinha. No entanto os olhos azuis brilhavam de lágrimas ardentes que iam deles jorrar então com um grande beijo ela apagou a mágoa e ameaçou com o dedo mestre Jacky o culpado e disse que se ela chegasse perto dele ele ia ver o que era bom, seus olhos fuzilando com a repreensão.

– Jacky seu feio e atrevido! – gritou ela.

Ela pôs o braço em volta do marinheirinho e o agradeceu sedutoramente:

– Como você se chama? Manteiga derretida?

– Diga quem é sua namorada – falou Edy Boardman. – É Cissy a sua namorada?

– Nam – disse o choroso Tommy.

– É Edy Boardman a sua namorada? – indagou Cissy.

– Nam – disse Tommy.

– Já sei – Edy Boardman disse não muito amavelmente com uma expressão brejeira em seus olhos míopes. – Eu sei quem é a namorada de Tommy. Gerty é a namorada de Tommy.

– Nam – disse Tommy à beira das lágrimas.

Com sua visão materna Cissy percebeu o que havia de errado e segredou a Edy Boardman que o levasse ali atrás do carrinho onde o cavalheiro não o pudesse ver e que prestasse atenção para que ele não molhasse seus sapatos novos castanho-amarelos.

Mas quem era Gerty?

Gerty MacDowell que estava sentada perto das companheiras, perdida em seus pensamentos, com o olhar fixo perdido na distância era, na verdade, o mais atraente espécime que pudesse ser visto das jovens beldades irlandesas. Ela era considerada bonita por todos os que a conheciam embora, como as pessoas freqüentemente diziam, ela fosse mais uma Giltrap do que uma MacDowell. Sua figura era delgada e graciosa, tendendo mesmo a uma certa fragilidade mas aquelas cápsulas gelatinosas de ferro que ela andara tomando ultimamente lhe tinham feito muito bem muito mais do que as pílulas femininas da Widow Welch e estava muito melhor daquelas perdas de sangue que costumava ter e daquela sensação de cansaço. A

palidez de cera de seu rosto era quase espiritual em sua pureza ebúrnea embora sua boca como um botão de rosa fosse um genuíno arco de cupido, de perfeição grega. Suas mãos eram de um alabastro delicadamente raiado de veias com dedos esguios e tão brancos como se banhados em suco de limão e na rainha dos unguentos embora não fosse verdade que ela costumasse usar luvas de pelica na cama e banhasse também seus pés em leite. Certa vez Bertha Supple contou a Edy Boardman, uma mentira deliberada, quando ela estava fora de si de raiva de Gerty (as amigas íntimas tinham suas pequenas desavenças de tempos em tempos como o resto dos mortais) e lhe disse que não deixasse escapar o que quer que ela fizesse que ela é que tinha lhe dito senão ela nunca mais falaria com ela. Não. Honra seja feita a quem ela é devida. Havia um requinte inato, uma lânguida *hauteur* régia em Gerty que era inequivocamente evidenciada por suas mãos delicadas e o notável arqueado de seus pés. Tivesse o bondoso destino querido que ela tivesse nascido uma senhora de alta estirpe por seus próprios méritos e tivesse lhe sido ao menos concedido o benefício de uma boa educação e Gerty MacDowell se teria mantido facilmente no nível de qualquer dama na superfície da Terra e teria trajado roupas as mais requintadas com jóias na sua fronte e nobres pretendentes a seus pés competindo uns com os outros em lhe prestar homenagem. Talvez fosse isso, o amor que podia ter sido, que conferia por vezes aos traços suaves de sua face uma expressão, tensa de sentido reprimido, que emprestava aos seus belos olhos uma propensão a um estranho enternecimento, um fascínio ao qual poucos poderiam resistir. Por que as mulheres têm olhos tão feiticeiros? Os de Gerty eram do mais azul dos azuis irlandeses, realçados por pestanas lustrosas e por sobrancelhas escuras e expressivas. Houve tempo em que essas sobrancelhas não eram tão sedosamente sedutoras. Foi madame Vera Verity, redatora-chefe da página Mulher Bonita da Princess Novelette que primeiro a aconselhou a experimentar a sobrancelhaleine que proporcionava aquela expressão nostálgica aos seus olhos, tão adequada aos líderes da moda, e ela nunca se arrependera disso. Em seguida houve a cura científica do rubor e como ser alta eleva sua estatura e você tem um rosto bonito mas e seu nariz? Isso serviria bem para a Sra. Dignam que tem um que parece um botão. Mas a maior glória de Gerty era a sua abundante e maravilhosa cabeleira. Seu cabelo era castanho-escuro com ondas naturais. Ela o tinha cortado naquela exata manhã devido à lua nova e ele se aninhava em volta de sua linda cabeça numa profusão de cachos luxuriantes e também aparara suas unhas, numa quinta-feira para ficar rica. E justamente agora com as palavras de Edy um rubor revelador, delicado como o mais tímido botão de rosa, deslizou pelas suas faces e ela parecia tão encantadora em sua suave timidez juvenil que por certo nunca existiu igual na Irlanda, a divina e bela terra.

Por um instante ela ficou silenciosa com os olhos tristes postos no chão. Esteve prestes a replicar mas algo reteve as palavras em sua boca. O desejo a incitava a falar abertamente: a dignidade lhe dizia que se calasse. Os lindos lábios por um momento fizeram beicinho mas então ela ergueu os olhos e soltou uma risadinha alegre que continha toda a frescura de uma jovem manhã de maio. Ela sabia muito bem, ninguém melhor, o que fizera com que a rancorosa Edy dissesse aquilo por ele ter esfriado em suas atenções com ela quando era simplesmente uma briga de namorados. Como de costume alguém torcia o nariz quando o rapaz que tinha uma bicicleta e rodava pela Londonbridge Road passava sempre para cima e

para baixo em frente à sua janela. Justamente agora o pai dele o mantinha à noite em casa estudando com afinco para fazer um exame para obter uma bolsa para o curso secundário que estava em curso e ele ia ingressar no Trinity College para estudar para ser um médico quando terminasse o curso secundário como seu irmão W. E. Wylie que participava das corridas de bicicleta da universidade no Trinity College. Talvez ele não se importasse nem um pouco com o que ela sentia, aquela dor às vezes imprecisa de vazio em seu coração, que lhe penetrava até o âmago. No entanto ele era jovem e quem sabe talvez pudesse com o tempo aprender a amá-la. Eles eram protestantes na família dele e naturalmente Gerty sabia Quem vinha em primeiro lugar e depois Dele a Virgem Santíssima e em seguida São José. Mas ele era inegavelmente bonito com um nariz delicado e era aquilo que aparentava, cada polegada dele um cavalheiro, o formato de sua cabeça também atrás sem o boné ela a conheceria em qualquer lugar como alguma coisa fora do comum e a maneira com que ele contornava o poste com suas mãos fora do guidom e ainda o perfume gostoso daqueles cigarros de boa qualidade e além do mais eles dois eram do mesmo tamanho e era por isso que Edy Boardman achava que ela era tão espantosamente inteligente porque ele não ia rodar pra cima e pra baixo de bicicleta em frente do pedacinho de jardim dela.

Gerty estava vestida com simplicidade mas com o gosto instintivo de uma devota súdita da Dama Moda pois ela sentia que talvez houvesse a possibilidade de que ele pudesse sair. Uma blusa elegante de um azul elétrico com bolas salpicadas de corantes (porque se esperava no *Lady's Pictorial*, que o azul elétrico seria usado) com um belo decote em V descendo até a divisão entre os seios e um bolso de lenço (no qual ela sempre mantinha um pedaço de algodão embebido em seu perfume favorito porque o lenço estragaria a linha) e uma saia três-quartos azul-marinho adequada ao andar que revelava à perfeição sua figura esbelta e graciosa. Ela usava um amor de chapéu coquete de palha cabeça-de-negro com um entrançado largo enfeitado para contrastar com a parte inferior da aba de *chenille* azul e do lado um laço borboleta de seda do mesmo tom. Toda a tarde da terça-feira anterior ela andara à procura de alguma coisa para combinar com aquela *chenille* mas finalmente encontrara o que queria nos saldos de verão de Clery, exatamente aquilo, ligeiramente manchado na loja mas que você nunca notaria, de doze a dois shillings e um penny. Ela fez tudo isso sozinha e qual não foi sua alegria então quando ela o experimentou, sorrindo para a encantadora imagem que o espelho lhe devolvia de si mesma! E quando ela o colocou na jarra para manter a forma ela sabia que isso ia empanar o brilho de algumas pessoas que ela conhecia. Seus sapatos eram do último modelo em matéria de calçado (Edy Boardman se orgulhava de ser bem *petite* mas nunca que ela teve um pé como o de Gerty MacDowell, um trinta e cinco, e nunca teria em toda a eternidade) com biqueiras de boa qualidade e apenas uma fivela elegante sobre o arqueado de seus pés. Seus tornozelos bem torneados exibiam proporções perfeitas sob a saia e apenas a quantidade apropriada e não mais do que isso de suas pernas bem modeladas envoltas em meias delicadas com saltos altos bem encaixados e no alto ligas largas podiam ser vistas. Quanto às peças íntimas essas eram a maior preocupação de Gerty e como pode aquele que conhece as trêmulas esperanças e os medos dos dezessete anos (embora Gerty nunca mais os veria) encontrar em seu coração condições de censurá-la? Ela possuía quatro conjuntos mimosos com bordados extremamente bonitos, três peças de roupa e camisolas

extras e cada conjunto com fitas de diferentes cores em seus orifícios, rosa, azul pálido, malva e verde-ervilha. Ela mesma as acabava de secar e as anilava quando vinham da lavadeira e as passava a ferro e possuía um caco de tijolo para repousar o ferro porque não confiava naquelas lavadeiras uma vez que vira a maneira pela qual chamuscavam as roupas. Ela estava usando o azul para dar sorte, esperando pelo improvável, sua própria cor que é de sorte também para uma noiva que devia pôr alguma coisa azul sobre si porque o verde que usara sete dias atrás lhe trouxera tristeza porque o pai dele o prendera em casa para estudar para aquela bolsa para o curso secundário e porque ela achava que talvez ele tivesse saído porque quando ela estava se vestindo aquela manhã ela quase enfiara suas calças pelo avesso e isso dava sorte e proporcionava o encontro de amantes se você pusesse essas coisas do lado do avesso ou se elas ficassem desamarradas ele estaria pensando em você desde que não fosse uma sexta-feira.

E no entanto – e no entanto! Aquela expressão tensa no seu rosto! Uma tristeza persistente ali o tempo todo. Sua própria alma se encontra em seus olhos e ela daria tudo para estar recolhida na privacidade de seu quarto familiar, entregue às lágrimas, ela podia dar uma boa chorada e aliviar seus confinados sentimentos sem exagero contudo porque ela sabia chorar bonito diante do espelho. Você é encantadora, Gerty, ele lhe dizia. A luz pálida do anoitecer cai sobre um rosto infinitamente triste e melancólico. Gerty MacDowell suspira em vão. Sim, ela soubera desde o princípio que sua fantasia de um casamento planejado nos céus com os sinos nupciais repicando para a Sra. Reggy Wylie T. C. D. (porque aquela que se casasse com o irmão mais velho seria Sra. Wylie) e na coluna social a Sra. Gertrude Wylie estava usando um vestido suntuoso cinzento guarnecido de um *renard* azul não se realizaria. Ele era jovem demais para compreender. Não acreditaria no amor, direito de nascença da mulher. Na noite da festa muito tempo atrás em Stoer (ele ainda usava calça curta) quando eles estavam sozinhos e ele deslizara um braço à volta de sua cintura ela ficou branca como um lençol. Ele a chamou de minha queridinha com uma voz estranhamente rouca e lhe roubou um meio beijo (o primeiro!) mas apenas na ponta do nariz e então ele saiu apressado da sala com um comentário sobre refrescos. Que rapaz impetuoso! Energia de caráter nunca fora um ponto forte de Reggy Wylie e aquele que cortejasse e conquistasse Gerty MacDowell teria de ser um homem entre os homens. Mas ela esperava, esperava sempre ser pedida e além do mais era um ano bissexto e terminaria em breve. Seu belo ideal não é nenhum príncipe encantado que ponha a seus pés um amor maravilhoso e raro mas um homem viril com um rosto forte e tranqüilo que não tivesse ainda encontrado o seu ideal, com o cabelo talvez com mechas ligeiramente grisalhas, e que a compreenderia, a tomaria em seus braços protetores, a estreitaria com toda a força de sua natureza profundamente apaixonada e a confortaria com um longo beijo. Seria simplesmente divino. Por alguém assim ela suspirava neste fragrante crepúsculo de verão. De todo o seu coração ela deseja ser somente dele, sua noiva comprometida na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe, agora e para todo o sempre.

E enquanto Edy Boardman estava com o pequeno Tommy atrás do carrinho ela pensava se jamais chegaria o dia em que ela pudesse ser chamada de sua futura mulherzinha. Então eles poderiam todos falar dela até ficarem roxos de raiva, Bertha Supple também, e

Edy, o paviozinho curto, porque ela ia fazer vinte e dois anos em novembro. Ela cuidaria dele também lhe proporcionando todos os mimos que uma criatura pode ter pois Gerty tinha a sabedoria feminina e sabia que um homem qualquer que fosse gostava daquela sensação de bem-estar no seu lar. Seus bolos assados na chapa a ponto de adquirirem uma tonalidade dourada e o pudim da rainha Ana de um cremoso delicioso lhe tinham valido famosa reputação por parte de todos porque ela tinha uma boa mão para acender o fogo, polvilhar fermento na farinha que crescia e sempre mexer na mesma direção, então acrescentar creme de leite e açúcar e bater bem as claras em neve embora ela não gostasse de comer quando havia visitas o que a intimidava e freqüentemente ela se perguntava por que não se poderia comer algo poético como violetas ou rosas e eles teriam uma bela sala de visitas lindamente mobiliada com quadros e gravuras e a fotografia de Garryowen o adorável cachorro do vovô Giltrap que só faltava falar de tão humano que era e capas de *chintz* para as cadeiras e aquele porta-torradas de prata da liquidação de verão da miscelânea de Clery como as que existem nas casas dos ricos. Ele seria alto de ombros largos (ela sempre admirara homens altos para maridos) com dentes brancos e brilhantes sob o vasto bigode cuidadosamente aparado e eles iriam ao continente para sua lua-de-mel (três semanas maravilhosas!) e então, quando eles se estabelecessem numa bela e confortável casinha despretensiosa e aconchegante, todo dia eles tomariam o seu café-da-manhã, simples mas perfeitamente servido, só para eles dois e antes de sair para o trabalho ele daria um bom e apaixonado abraço em sua querida mulherzinha e olharia por um momento profundamente nos olhos dela.

Edy Boardman perguntou a Tommy Caffrey se ele já tinha feito e ele disse que sim sendo assim ela abotoou para ele seu calção e lhe disse para correr e brincar com Jacky e para ser bonzinho agora e não brigar. Mas Tommy disse que queria a bola e Edy disse que não que o bebê estava brincando com ela e se ele a pegasse haveria um alvoroço mas Tommy disse que a bola era dele e ele queria a bola dele e bateu com o pé no chão, ora me faça um favor. Que gênio danado o dele! Ó, ele já era um homem o pequeno Tommy Caffrey visto que não usava mais um avental de criança. Edy lhe disse que não, não e que ele se mandasse e disse a Cissy Caffrey que não cedesse a ele.

– Você não é minha irmã – disse o levado Tommy. – A bola é minha.

Mas Cissy Caffrey disse ao bebê Boardman para olhar para cima, olhar bem para cima para o seu dedo e arrancou rapidamente a bola e a lançou na areia e Tommy saiu atrás dela em alta velocidade, tendo ganho o dia.

– Qualquer coisa por uma vida tranqüila – riu Ciss.

E ela fez cócegas nas bochechas do garotinho para fazê-lo esquecer e brincou eis aqui o prefeito, eis aqui seus dois cavalos, eis aqui sua carruagem de pão de mel e aqui vai ele patati patatá patati patatá. Mas Edy ficou danada da vida por ele ter conseguido o que queria daquele jeito com todo mundo sempre o mimando.

– Eu gostaria de lhe dar uma das boas – disse ela –, como eu gostaria, onde eu não digo.

– No seu bumbunzinho – riu Cissy alegremente.

Gerty MacDowell inclinou a cabeça e ficou vermelha com a idéia de Cissy dizer alto uma coisa tão pouco própria de uma dama que ela morreria de vergonha de dizer, ficando

muito ruborizada, e Edy Boardman disse que tinha certeza que o senhor do outro lado tinha ouvido o que ela dissera. Mas Cissy não ligou a mínima.

– Pois que ouça! – disse ela com uma sacudidela atrevida da cabeça e uma inclinação maliciosa do nariz. – Dou nele também no mesmo lugar tão rápido quanto o meu olhar para ele.

Estouvada Ciss com seus cachos grotescos. Você tinha de rir com ela às vezes. Por exemplo quando ela lhe perguntava se você queria mais chá chinês e geléia de framboesa e também quando ela desenhava as jarras e os rostos dos homens nas suas unhas com tinta vermelha fazia você se dobrar de tanto rir ou quando ela queria ir aonde você sabe ela dizia que queria correr e fazer uma visita à senhorita Branca. Isso era bem típico de Cissyneta. Ó, e será que é possível jamais esquecer a noite em que ela vestiu o terno e o chapéu do pai e com o bigode feito com cortiça queimada andou por Tritonville Road abaixo, fumando um cigarro. Não havia ninguém que se igualasse a ela em matéria de brincadeira. Mas ela era a sinceridade encarnada, um dos corações mais bravos e verdadeiros que o céu já produziu, não um daqueles tipos de duas caras, doces demais para serem autênticos.

E então surgiu no ar um som de vozes e o ressoar litúrgico do órgão. Era o retiro de abstinência dos homens conduzido pelo missionário, o reverendo John Hughes S. J., rosário, sermão e bênção do Santíssimo Sacramento. Eles estavam ali reunidos todos sem distinção de classe social (e um espetáculo muito edificante de se ver era aquele) naquele templo simples ao lado das ondas, depois das tormentas deste mundo miserável, ajoelhados aos pés da Imaculada Conceição, recitando a ladainha de Nossa Senhora de Loreto, implorando-lhe interceder por eles, as velhas palavras familiares, Santa Maria, santa virgem das virgens. Que coisa triste para os ouvidos da pobre Gerty! Se seu pai tivesse ao menos evitado as garras da bebida demoníaca, fazendo uma promessa a Deus ou tomando aqueles pós que curavam do vício de beber de *Pearson's Weekly*, ela poderia estar agora rodando em sua carruagem, a primeira entre todas. Muitas e muitas vezes ela dissera isso a si mesma enquanto refletia junto às brasas agonizantes com seus pensamentos sombrios sem uma lâmpada porque ela detestava duas luzes ou muitas vezes olhando por horas sonhadamente para fora da janela para a chuva caindo sobre o balde enferrujado, pensando. Mas aquele elixir desprezível que arruinara tantas famílias e lares lançara sua sombra sobre a sua infância. Mais ainda, ela mesma testemunhara no círculo familiar atos de violência causados pela intemperança e tinha visto o próprio pai, uma presa dos vapores da embriaguez, perder completamente a cabeça pois se havia uma coisa de todas as coisas de que Gerty tinha conhecimento essa era que o homem que levanta a mão para uma mulher a não ser por carinho merece ser estigmatizado como o mais vil dos vis.

E as vozes continuavam a cantar em súplica à Virgem mais poderosa, à Virgem mais misericordiosa. E Gerty, perdida em seus pensamentos, mal via ou ouvia suas companheiras ou os gêmeos em suas cambalhotas infantis ou o senhor que vinha de Sandymount Green que Cissy Caffrey dizia que era tão parecido com o pai quando ele fazia sua curta caminhada ao longo da praia. Você nunca o via bêbado mas apesar de tudo ela não gostaria de tê-lo como pai porque ele era velho demais ou sei lá o quê ou por causa do rosto dele (era um caso palpável de doutor Fell) ou seu nariz vermelho cheio de espinhas e seu bigode ruivo um pouco

branco debaixo do nariz. Pobre papai! Apesar de todos os seus defeitos ela ainda assim o amava quando ele cantava *Dize, Mary, como te Amar* ou *Meu Amor e Minha Cabana Perto de Rochelle* e eles tinham tido para jantar moluscos cozidos e salada de alface com molho de Lazenby e quando ele cantou *A Lua Elevou* com o Sr. Dignam que morreu de repente e foi enterrado, Deus se compadeça de sua alma, de um derrame. Era o aniversário da mãe dela e Charley estava em casa de férias e Tom e o Sr. Dignam e a Sra. Patsy e Freddy Dignam e iam tirar um retrato do grupo. Ninguém imaginava que o fim estivesse tão próximo. Agora ele repousava em paz. E sua mãe dissera a ele que aquilo lhe servisse de aviso para o resto dos seus dias e ele não pôde sequer ir ao enterro devido à gota e ela tinha tido que ir à cidade para lhe trazer do escritório as cartas e amostras do linóleo de Cork manufaturado por Catesby, com padrões de desenhos artísticos, próprios para um palácio, o que dá um estilo requintado e sempre claro e alegre a uma casa.

Gerty era uma filha genuinamente boa uma verdadeira segunda mãe na casa, um anjo providencial também com um coraçãozinho que valia o peso em ouro. E quando sua mãe tinha aquelas dores de cabeça violentas e devastadoras quem é que lhe esfregava mentol na testa senão Gerty embora ela não gostasse que sua mãe cheirasse rapé e essa era a única coisa que fazia com que elas discutissem, cheirar rapé. Todo mundo a achava o máximo devido aos seus modos gentis. Era Gerty que desligava o contador de gás toda noite e era Gerty que pregava na parede daquele lugar em que ela jamais se esquecia de jogar de quinze em quinze dias o clorato de limão-doce o calendário de Natal do merceeiro Sr. Tunney, com a imagem dos dias de alcione em que um jovem cavalheiro vestido com um traje que costumavam então usar com um chapéu de três bicos oferecia um ramo de flores à sua amada com o cavalheirismo dos velhos tempos através da treliça da janela dela. Podia-se ver que havia uma história por trás daquilo. As cores tornavam o todo uma coisa encantadora. Ela estava com um vestido branco justo e suave com uma atitude estudada e o cavalheiro com um traje cor de chocolate e tinha a aparência de um verdadeiro aristocrata. Frequentemente ela olhava sonhadoramente para eles quando ia ali por alguma razão e apalpava os próprios braços que eram brancos e macios exatamente como os da outra com as mangas arregaçadas e pensava naqueles tempos porque ela descobrira no dicionário de pronúncia de Walker que pertencia ao vovô Giltrap a respeito dos dias de alcione e do que eles representavam.

Os gêmeos estavam agora brincando da maneira mais fraternal possível até que afinal mestre Jacky que era realmente o atrevimento em pessoa não havia como negá-lo chutou a bola propositalmente com toda a força de que dispunha em direção às rochas cobertas de algas marinhas. É desnecessário dizer que o pobre do Tommy não levou tempo para clamar seu desespero mas felizmente o senhor de preto que estava sentado ali sozinho veio gentilmente em socorro e interceptou a bola. Nossos dois heróis reclamaram seu brinquedo aos gritos e para evitar confusão Cissy Caffrey gritou para o cavalheiro que atirasse por favor a bola para ela. O cavalheiro mirou com a bola uma ou duas vezes e então a atirou acima da areia em direção a Cissy Caffrey mas ela rolou pelo declive abaixo e foi parar exatamente debaixo da saia de Gerty perto da pequena poça junto à rocha. Os gêmeos a reclamaram novamente para eles e Cissy disse a ela que a chutasse e deixasse que eles se disputassem por ela então Gerty encolheu o pé mas ela gostaria que aquela bola estúpida não tivesse rolado até ela e deu um



chute mas errou e Edy e Cissy riram.

– Se você falhar tente novamente – disse Edy Boardman.

Gerty sorriu assentindo e mordeu o lábio. Um delicado rubor subiu-lhe à face encantadora mas ela estava determinada a lhes mostrar o que era bom assim levantou somente um pouco a saia mas apenas o necessário fez uma boa pontaria e deu na bola um chute e tanto e ela foi parar bem longe e os dois gêmeos correram atrás dela em direção ao seixo da praia. Puro ciúme naturalmente e nada mais do que isso para chamar a atenção do cavalheiro que do outro lado as olhava. Ela sentiu uma vermelhidão quente, sempre um sinal de perigo no caso de Gerty MacDowell, surgindo e inflamando seu rosto. Até então eles tinham apenas trocado olhares da maneira a mais casual possível mas agora sob a aba de seu chapéu novo ela se aventurou a olhá-lo e o rosto que enfrentou o seu olhar ali na penumbra, pálido e estranhamente contraído, pareceu a ela o mais triste que jamais vira.

Através da janela aberta da igreja o fragrante incenso era soprado e com ele os nomes fragrantes daquela que foi concebida sem a mancha do pecado original, vaso espiritual, rogai por nós, vaso honorífico, rogai por nós, vaso de excepcional devoção, rogai por nós, rosa mística. E corações conturbados ali estavam e labutadores pelo pão de cada dia e muitos daqueles que tinham errado e vagado, com os olhos úmidos de arrependimento mas apesar de tudo brilhando de esperança pois o reverendo padre Hughes lhes dissera o que o grande São Bernardo disse em sua famosa oração a Maria, a mais piedosa Virgem de força intercessora que em época alguma fora registrado que aqueles que implorassem sua proteção poderosa jamais seriam por ela abandonados.

Os gêmeos estavam agora de novo brincando bem alegremente pois os distúrbios da infância são apenas passageiros como as tempestades de verão. Cissy Caffrey brincava com o bebê Boardman até que este soltou um grito de alegria, batendo com suas mãozinhas no ar. Huhu gritou ela por trás da capota do carrinho e Edy perguntou aonde é que tinha ido a Cissy e então a cabeça de Cissy surgiu e gritou ah! e, minha Nossa Senhora, como o garotinho se divertiu com aquilo! E então ela disse para ele falar papai.

– Diga papai, meu bebê. Diga pa pa pa pa pa pai.

E o bebê se esforçou ao máximo em dizê-lo pois ele era muito inteligente para os seus onze meses todos diziam e grande para sua idade e a imagem da saúde, um perfeito feizezinho de amor, e certamente ele seria um dia bem importante, diziam.

– Ha ia ia haia.

Cissy limpou a boquinha dele com o babador pingado e quis que ele se sentasse direitinho e dissesse pa pa pai mas quando ela desatou a tira gritou, meu Santo Antônio, que ele estava alagado e para dobrar ao meio o cobertor por baixo dele virando-o ao contrário. Naturalmente sua majestade o infante se rebelou contra as formalidades daquela toaleta e o tornou bem claro para todos.

– Habaa baaagabaaa baaaa.

E duas bem grandes bonitas lágrimas grandes rolaram por suas faces. Não adiantava acalmá-lo com não, não, não, meu bebezinho, e dizer-lhe já passou e onde estava o au-au mas Cissy, com sua presença de espírito, pôs o bico da garrafa na boca dele e o pequeno selvagem rapidamente se acalmou.

Gerty desejava do fundo do coração que elas levassem seu bebê berrão para casa para fora dali para que não lhe desse nos nervos, não era mais hora para estar fora de casa, e os pirralhinhos dos gêmeos. Ela lançou o olhar para o mar distante. Era como aquelas pinturas que aquele homem costumava pintar na calçada com todo aquele giz de cores diferentes e dava tanta pena também de deixá-las ali para ficarem todas borradas, a noite e as nuvens surgindo e o farol de Bailey no topo de Howth e ouvir uma música como aquela e o perfume daquele incenso que queimavam na igreja como uma espécie de aragem. E enquanto ela olhava sua pulsação se acelerava. Sim, era para ela que ele estava olhando, e havia um significado no seu olhar. Os olhos dele a queimavam como se estivessem penetrando nela toda, lendo sua própria alma. Eram olhos maravilhosos, supremamente expressivos, mas seria possível confiar neles? As pessoas eram tão estranhas. Ela podia imediatamente ver por seus olhos escuros e seu rosto pálido de intelectual que ele era um estrangeiro, a imagem da foto que ela possuía de Martin Harvey, o ídolo das matinês, exceto pelo bigode o que ela preferia porque ela não era fanática por teatro como Winny Ripplingham que queria que as duas sempre se vestissem iguais devido a uma peça mas ela não podia ver de onde estava sentada se ele tinha um nariz aquilino ou ligeiramente *retroussé*. Ele estava de luto fechado, ela o podia ver claramente, e a história de um pesar obsessivo estava escrita em seu rosto. Ela teria dado tudo para saber o que era. Ele estava olhando para cima tão atentamente, tão imóvel, e a viu chutar a bola e talvez pudesse ver as fivelas de aço reluzentes de seus sapatos se ela pensativamente os balançasse daquele jeito com os dedos voltados para baixo. Ela estava contente por alguma coisa ter-lhe dito para pôr aquelas meias transparentes pensando que Reggy Wylie tivesse saído mas isso já estava bem longe. Aqui estava aquilo com que ela tantas vezes sonhara. Era ele que importava e havia alegria no rosto dela porque ela o desejava porque sentia instintivamente que ele era como ninguém mais. O coração ele mesmo da menina mulher partia para ele, seu marido dos sonhos, porque ela soube naquele instante que era ele. Se ele tivesse sofrido, tendo-se pecado mais contra ele do que ele mesmo tivesse pecado, ou mesmo, mesmo, se ele tivesse sido ele próprio um pecador, um homem mau, ela não se importava nem um pouco. Mesmo que ele fosse protestante ou metodista ela o converteria facilmente se ele a amasse de verdade. Havia feridas que precisavam ser curadas com bálsamodocoração. Ela uma mulher feminina não como aquelas outras moças volúveis nada femininas que ele conhecera, aquelas ciclistas que exibiam o que não tinham e ela só ansiava ter conhecimento de tudo, para perdoar tudo se ela pudesse fazê-lo se apaixonar por ela, fazê-lo esquecer as lembranças do passado. Então quem sabe ele a abraçaria gentilmente, como um verdadeiro homem, apertaria seu corpo frágil contra o dele, e a amaria, a garotinha toda sua, só por ser exclusivamente ela.

Refúgio dos pecadores. Consoladora dos aflitos. *Ora pro nobis*. Tem sido dito com toda a razão que qualquer um que reze a ela com fé e constância nunca poderá se perder ou ser lançado fora: e também adequadamente ela é um porto de refúgio para os aflitos por causa das sete dores que traspassaram seu próprio coração. Gerty podia imaginar toda a cena na igreja, as janelas com vitrais iluminados, as velas, as flores e os estandartes azuis da congregação da Santíssima Virgem e padre Conroy ajudando Canon O'Hanlon no altar, carregando as coisas pra dentro e pra fora com seus olhos postos no chão. Ele parecia quase um santo e seu confessionário estava tão silencioso e limpo e escuro e suas mãos que pareciam exatamente

cera branca e se algum dia ela se tornasse uma freira dominicana com o hábito branco delas talvez ele pudesse vir ao convento para a novena de São Domingos. Ele disse a ela aquela vez em que ela lhe falara sobre aquilo na confissão, ficando vermelha até a raiz dos cabelos com medo que ele pudesse ver, para não se perturbar porque aquilo era apenas a voz da natureza e que nós éramos todos sujeitos às leis da natureza, disse ele, nesta vida e que aquilo não era pecado porque provinha da natureza da mulher instituída por Deus, disse, e que Nossa Virgem Santa ela própria disse ao arcanjo Gabriel que seja feito em mim segundo a Tua Palavra. Ele era tão bom e santo que muitas e muitas vezes ela pensou e pensou se não podia fazer para ele de presente um abafador de bule enfeitado com um desenho floral bordado ou lhe dar um relógio mas eles tinham um relógio ela notara no consolo da lareira branco e ouro com um canário que saía de uma casinha para dizer a hora no dia em que ela foi lá a respeito das flores para a adoração de quarenta horas porque era difícil saber que tipo de presente se pode dar ou talvez um álbum de vistas iluminadas de Dublin ou de algum outro lugar.

Os gêmeos pirralinhos exasperantes começaram novamente a brigar e Jacky atirou a bola em direção ao mar e os dois correram atrás dela. Dois macaquinhos grosseiros como eles só. Alguém devia pegá-los e lhes dar uma boa surra para que eles aprendessem a se comportar, os dois. E Cissy e Edy gritaram com eles para que voltassem porque tinham medo que a maré pudesse subir até eles e eles se afogassem.

– Jacky! Tommy!

Eles, de jeito nenhum! Que grande idéia eles tinham! Então Cissy disse que era realmente a última vez que ela saía com eles. Ela levantou de um salto e os chamou e desceu correndo o declive passando por ele, sacudindo o cabelo para trás que tinha uma cor razoavelmente boa se fosse mais volumoso mas com todo esse negócio que ela esfregava nele ela não conseguia que ele ficasse longo porque não era natural por isso só podia tentar de algum jeito chamar a atenção. Ela correu com longas passadas de ganso e era de espantar que ela não rasgasse o lado da saia que estava apertada demais porque havia muito de uma menina levada em Cissy Caffrey porque ela era uma dona atirada onde quer que pensasse que tinha uma boa oportunidade de se mostrar e justamente porque era uma boa corredora ela correu daquele jeito de modo que ele pudesse ver o final de sua anágua correndo e suas canelas magras o mais alto possível. Seria bem merecido que ela tropeçasse acidentalmente em alguma coisa de propósito com seus saltos franceses altos e arqueados para parecer alta e levasse um belo tombo. *Tableau!* Teria sido uma revelação muito fascinante para um cavalheiro como aquele presenciar.

Rainha dos anjos, rainha dos patriarcas, rainha dos profetas, de todos os santos, eles rezaram, rainha do mais sagrado rosário e então padre Conroy entregou o turíbulo a Canon O’Hanlon e ele pôs ali o incenso e incensou o Santíssimo Sacramento e Cissy Caffrey pegou os dois gêmeos e estava louca para lhes dar um bom puxão de orelhas mas não o fez porque ela achou que ele podia estar observando mas ela nunca cometeu um erro maior do que aquele em toda a sua vida porque Gerty podia ver sem olhar que ele nunca tirou os olhos dela mesma e então Canon O’Hanlon entregou o turíbulo de volta a padre Conroy e se ajoelhou erguendo os olhos para o Santíssimo Sacramento e o coro começou a cantar o *Tantum Ergo* e ela só balançou o pé pra dentro e pra fora no compasso enquanto a música se elevava e se abaixava

para o *tantumer gosa cramen tum*. Três shillings e onze ela pagou por aquelas meias na Sparrow de George Street na terça-feira, não na segunda-feira antes da Páscoa e não havia nenhuma falha de fabricação nelas e era para isso que ele estava olhando, transparentes, e não para as insignificâncias dela que não tinham formato nem forma (que petulância a dela!) porque ele tinha olhos em sua cabeça para perceber por si mesmo a diferença.

Cissy subiu ao longo da praia com os dois gêmeos e a bola deles com seu chapéu de qualquer jeito em sua cabeça caído para o lado depois de sua corrida e ela tinha o aspecto de uma desleixada arrastando os dois garotos com a blusa insignificante que comprou apenas quinze dias atrás como um trapo em suas costas e um pouco de sua anágua pendente como uma caricatura. Gerty simplesmente tirou por um momento seu chapéu para ajeitar o cabelo e nunca se viu nos ombros de uma moça uma cabeça de tranças castanho-escuras mais bonita, mais elegante – uma pequena visão radiosa, na verdade, quase enlouquecedora em sua delicadeza. Você teria que viajar muitas e muitas milhas até encontrar uma cabeça com um cabelo igual àquele. Ela quase pôde ver como rápida resposta um lampejo de admiração nos olhos dele que fez com que todos os seus nervos tinissem. Ela pôs o chapéu para que pudesse ver por baixo da aba e balançou seu sapato de fivela mais rápido pois perdeu a respiração quando surpreendeu a expressão nos olhos dele. Ele a estava olhando como uma cobra olha para a sua presa. Seu instinto de mulher lhe disse que tinha despertado o demônio existente nele e com esse pensamento um escarlate abrasador deslizou da garganta à frente até a cor encantadora de sua face adquirir um rosa glorioso.

Edy Boardman o notou também porque estava olhando para Gerty de soslaio, meio sorridente, com seus óculos como de uma velha solteirona, fingindo cuidar do bebê. Coisinha irritante ela era e sempre seria e era por isso que ninguém podia se dar bem com ela metendo o nariz no que não lhe dizia respeito. E ela disse a Gerty:

– Um níquel por seus pensamentos.

– O quê? – replicou Gerty com um sorriso reforçado por dentes branquíssimos. – Eu só estava me perguntando se não está tarde.

Porque ela desejava do fundo do coração que levassem os gêmeos de narizes repulsivos e seu bebê para casa para fazer travessura fora dali de modo que foi por isso que ela fez apenas aquela insinuação sobre estar tarde. E quando Cissy se aproximou Edy lhe perguntou que horas eram e Miss Cissy, desembaraçada como ela só, disse que tinha passado meia hora da hora de beijar, era hora de beijar novamente. Mas Edy queria saber por que tinham lhes dito para chegar cedo.

– Espere – disse Cissy –, eu vou perguntar ao meu tio Pedro ali adiante que horas são em seu troço.

Então lá se foi ela e quando ele a viu chegando ela pôde vê-lo tirar a mão do bolso, ficar nervoso, e começar a brincar com a corrente do seu relógio, erguendo os olhos para a igreja. Embora de natureza apaixonada como era a dele Gerty podia ver que ele tinha um controle enorme sobre si mesmo. Num momento ele estivera ali, fascinado com uma beleza que o fizera olhar fixamente, no momento seguinte era o senhor de face grave e tranqüila, com autocontrole expresso em todos os traços de sua figura de aparência distinta.

Cissy pediu que ele a desculpasse mas ele se importaria de lhe dizer qual era a hora

exata e Gerty pôde vê-lo retirar seu relógio, levá-lo ao ouvido para escutar e erguendo os olhos e clareando a garganta ele disse que sentia muito seu relógio estava parado mas julgava que eram mais de oito horas porque o sol se tinha posto. Sua voz soava culta e embora ele se expressasse com um modo de falar compassado havia uma suspeita de tremor nos tons melódiosos. Cissy disse muito obrigada e voltou com a língua para fora e disse que o tio disse que seus órgãos urinários estavam enguiçados.

Então eles cantaram o segundo verso de *Tantum Ergo* e Canon O'Hanlon se levantou novamente e incensou o Santíssimo Sacramento e se ajoelhou e disse ao padre Conroy que uma das velas estava quase pegando fogo nas flores e padre Conroy se levantou e pôs tudo em ordem e ela podia ver o senhor dando corda no relógio e escutando o mecanismo e ela balançou mais a perna pra dentro e pra fora dentro do compasso. Estava ficando mais escuro mas ele podia ver e estava olhando o tempo todo enquanto dava corda no relógio ou o que quer que estivesse fazendo com ele e então o pôs de volta e pôs as mãos de volta nos bolsos. Ela sentiu uma espécie de sensação percorrê-la toda e soube pela sensação no seu couro cabeludo e por aquela irritação de encontro ao seu espartilho que aquela coisa estava chegando porque a última vez também foi assim quando ela aparou seu cabelo devido à lua. Os olhos escuros dele se fixaram novamente nela, bebendo cada um de seus contornos, literalmente a adorando em seu santuário. Se jamais houve uma admiração indisfarçável no olhar apaixonado de um homem estava claramente ali para ser vista no rosto daquele homem. É para você, Gertrude MacDowell, e você o sabe.

Edy começou a se aprontar para ir embora e era mais do que tempo para que ela o fizesse e Gerty notou que aquela pequena insinuação que fizera tinha surtido o efeito desejado porque o caminho era longo pela areia para chegar aonde havia lugar para empurrar o carrinho para cima e Cissy tirou os bonés dos gêmeos e ajeitou o cabelo deles naturalmente para se tornar mais atraente e Canon O'Hanlon se levantou com seu manto cutucando seu pescoço e padre Conroy lhe entregou o cartão para que lesse e ele leu em voz alta *Panem de coelo praestitisti eis* e Edy e Cissy estavam falando o tempo todo sobre a hora e lhe fazendo perguntas mas Gerty podia lhes dar o troco na mesma moeda delas e apenas respondeu com fulminante polidez quando Edy lhe perguntou se ela estava de coração partido porque seu namorado a tinha abandonado. Gerty estremeceu vivamente. Um breve fulgor gélido brilhou em seus olhos que expressavam todo o seu desprezo incomensurável. Isso doía – Ó sim, retalhava fundo porque Edy tinha sua própria maneira tranqüila de dizer coisas como aquela que sabia iam ferir como a execrável pestinha que ela era. Os lábios de Gerty se entreabriram para formar a palavra mas ela lutou contra o soluço que subia em sua garganta, tão tênue, tão puro, tão lindamente moldado que parecia algo com o qual um artista tivesse sonhado. Ela o amara mais do que ele se dera conta. Enganador despreocupado e instável como todo o seu sexo ele nunca compreenderia o que significara para ela e por um instante houve nos olhos azuis uma rápida ferroadada de lágrimas. Os olhos delas a sondavam impiedosamente mas com um esforço corajoso ela resplandeceu de volta com compreensão enquanto olhava para sua nova conquista para que elas vissem.

– Ó – replicou Gerty, rapidamente como um raio, rindo, e a cabeça orgulhosa chispou para cima. – Eu posso atirar o meu boné para quem eu gosto porque este é um ano bissexto.

Suas palavras soaram claras como cristal, mais musicais do que o arrulho do pombo-torçaz, embora cortassem gelidamente o silêncio. Havia aquilo em sua voz jovem que informava que ela não era alguém que pudesse ser ligeiramente escarnecida. Quanto ao Sr. Reggy com sua arrogância e seu dinheirinho ela podia simplesmente jogá-lo para o lado como se ele não fosse mais do que uma imundície e nunca mais lhe concederia de novo sequer um segundo pensamento e rasgaria seu tolo cartão-postal em doze pedaços. E se depois algum dia ele ousasse tomar liberdades ela poderia lhe lançar um olhar calculado de desprezo que o faria murchar no mesmo instante. A fisionomia franzina e pequena da senhorita Edy desabou consideravelmente e Gerty pôde ver por sua expressão negra como um trovão que ela estava simplesmente com uma raiva monumental embora o escondesse, a pequena tola impudente e vaidosa, porque aquele dardo tinha acertado o alvo devido ao seu ciúme mesquinho e ambas sabiam que ela era um tanto altiva, distante, de outra esfera, que ela não era do time delas e nunca seria e que havia alguém mais que também o sabia e via, assim que elas engolissem isso se pudessem.

Edy arrumou o bebê Boardman para se preparar para partir e Cissy aconchegou junto dele a bola as pás e baldes e já era mais do que hora também porque o João Pestana estava a caminho do mestre Boardman júnior. E Cissy lhe disse também que o soninho estava chegando e que o bebê ia fazer dodô e o bebê estava por demais uma gracinha, rindo com seus olhinhos alegres, e Cissy cutucou daquele jeito de brincadeira sua pequenina barriga gorda e o bebê, sem sequer dizer com sua permissão, enviou seus cumprimentos para todos no seu babador novo em folha.

– Ó céus! Porquinho querido! – protestou Cissy. – Ele destruiu seu babador.

O ligeiro *contretemps* exigia sua atenção mas em dois abrir e fechar de olhos ela consertou o pequeno estrago.

Gerty reprimiu uma exclamação sufocada e deu uma tossida nervosa e Edy perguntou o que era e ela esteve a ponto de lhe dizer que apanhasse o que pudesse enquanto era tempo mas ela era por demais uma dama em toda sua conduta de modo que simplesmente deixou passar com um tato consumado dizendo que se tratava da bênção porque exatamente naquele momento o sino tocou no campanário sobre a praia silenciosa porque Canon O'Hanlon estava em cima no altar com o véu humeral que padre Conroy pôs à volta de seus ombros dando a bênção com o Santíssimo Sacramento em suas mãos.

Que cena tocante aquela no crepúsculo que se expandia, o último lampejo de Erin, o repicar tocante daqueles sinos vespertinos e ao mesmo tempo um morcego a voar do campanário coberto de hera através da penumbra, aqui, ali, com um grito minúsculo que se perdia. E ela podia ver à distância as luzes dos faróis tão pitorescos que ela teria gostado de reproduzir com uma caixa de tintas porque era mais fácil do que fazer um homem e logo o acendedor de lampiões estaria fazendo sua ronda passando pelo terreno da igreja presbiteriana e prosseguindo pela sombria Tritonville Avenue onde pares caminhavam e acendendo o lampião perto de sua janela por onde Reggy Wylie costumava dar voltas em sua bicicleta como ela lera naquele livro *O Acendedor de Lampiões* da senhorita Cummins, autora de *Mabel Vaughan* e outros contos. Pois Gerty tinha seus sonhos que ninguém conhecia. Ela amava ler poesia e quando ganhou de lembrança de Bertha Supple aquele álbum

encantador de confissões com uma capa rosacoral para registrar seus pensamentos ela o colocou na gaveta de sua penteadeira que, embora não pecasse por excesso de luxo, era escrupulosamente limpa e ordenada. Era ali que ela guardava seus objetos mais valiosos de mocinha, os pentes de tartaruga, seu emblema de filha de Maria, o *sachet* de rosa branca, a sobranceleine, sua caixinha de perfumes de alabastro e as fitas para trocar quando suas roupas vinham da lavadeira de volta para casa e havia alguns belos pensamentos escritos nele com a tinta roxa que ela comprava no Hely de Dame Street pois ela sentia que também podia escrever poesia se pudesse ao menos se expressar como aquele poema que a atraía tão profundamente que ela o copiara do jornal que encontrara certa noite em volta das hortaliças. *És Real, meu Ideal?* era o seu nome da autoria de Louis J. Walsh, Magherafelt, e depois havia alguma coisa sobre *crepúsculo, desejarás tu jamais?* e muitas vezes a beleza da poesia, tão triste em seu encanto passageiro, umedecera seus olhos com lágrimas silenciosas pois sentia que os anos estavam lhe escapando, um a um, e não fosse por aquele defeito físico ela sabia não precisar temer competição alguma e aquilo fora um acidente quando descia Dalkey Hill e ela sempre se esforçava por escondê-lo. Mas ela sentia que isso tinha que terminar. Se ela visse aquele feitiço mágico nos olhos dele não haveria nada que a detivesse. O amor se ri dos ferralheiros. Ela faria o grande sacrifício. Todos os seus esforços se concentrariam em partilhar seus pensamentos com os dele. Ela seria a mais querida do mundo inteiro para ele e enfeitaria seus dias com a felicidade. Ali estava a questão mais importante de todas e ela morria de vontade de saber se ele era um homem casado ou viúvo que perdera a mulher ou alguma tragédia do tipo daquela do nobre de nome estrangeiro da terra da canção que teve que a confinar num hospício, cruel apenas para ser generoso. Mas mesmo que – e então? Faria grande diferença? Sua natureza refinada se afastava instintivamente de tudo que fosse o menos indelicado possível. Ela desprezava aquele tipo de pessoa, as mulheres perdidas da calçada de prostituição ao lado de Dodder que iam com os soldados e homens grosseiros sem respeito à honra de uma moça, degradando o sexo e sendo levadas para a delegacia de polícia. Não, não: aquilo não. Eles seriam apenas bons amigos como um irmão mais velho e a irmã sem tudo o mais apesar das convenções da Sociedade com um s maiúsculo. Talvez ele estivesse de luto por uma antiga paixão de dias distantes além da recordação. Ela achava que compreendia. Tentaria compreendê-lo porque os homens eram tão diferentes. O antigo amor aguardando, aguardando com mãozinhas brancas estendidas, com olhos azuis que apelavam. Ai meu coração! Ela seguiria, seu sonho de amor, os ditames do seu coração que lhe diziam que ele era tudo para ela, o único homem do mundo inteiro para ela pois o amor era o guia-mestre. Nada mais importava. Acontecesse o que acontecesse ela seria impetuosa, desimpedida, livre.

Canon O'Hanlon pôs o Santíssimo Sacramento de volta no tabernáculo e fez uma genuflexão e o coro cantou *Laudate Dominum Omnes Gentes* e então ele trancou a porta do tabernáculo porque a bênção havia terminado e padre Conroy lhe entregou seu chapéu para que o pusesse na cabeça e o gatoirritadiço Edy perguntou se ela não vinha mas Jacky Caffrey gritou:

– Ó, olhe, Cissy!

E todos olharam seria um relâmpago difuso mas Tommy o viu também por cima das árvores ao lado da igreja, azul e depois verde e púrpura.

– São fogos de artifício – disse Cissy Caffrey.

E eles todos desceram pela praia para ver acima das casas e da igreja, num corre-corre, Edy com o carrinho com o bebê Boardman nele e Cissy segurando Tommy e Jacky pela mão para que eles não caíssem correndo.

– Venha, Gerty – chamou Cissy. – São os fogos de artifício do bazar.

Mas Gerty estava inflexível. Não tinha intenção de ficar à disposição delas. Se elas podiam correr como desmioladas ela podia ficar sentada então ela disse que podia ver de onde estava. Os olhos que estavam cravados nela aceleravam os batimentos de seu coração. Por um momento ela olhou para ele, encontrando o seu olhar, e uma luz a invadiu. Havia uma paixão ardente naquele rosto, paixão silenciosa como um túmulo, e fez com que ela se tornasse dele. Finalmente eles foram deixados a sós sem os outros para espreitá-los e fazer comentários e ela sabia que podia confiar nele até a morte, um homem estável, autêntico, um homem de honra inabalável até a ponta dos dedos. As mãos dele e o rosto se moviam e um tremor a percorreu toda. Ela se reclinou para trás para olhar para cima onde estavam os fogos de artifício e segurou o joelho com as mãos para não cair para trás ao olhar para cima e não se via ninguém ali apenas ele e ela quando ela revelou suas pernas graciosas e lindamente modeladas como eram, um sortimento suave e delicadamente arredondado, e lhe parecia ouvir o ofegar do coração dele, sua respiração rouca, porque ela conhecia bem a paixão dos homens daquele tipo, de sangue quente, porque Bertha Supple lhe disse certa vez como segredo de morte e a fez jurar que nunca o desvendaria sobre o senhor do Congested Districts Board que era seu inquilino que tinha fotos recortadas de jornais daquelas dançarinas que levantavam as saias e jogavam as pernas para o ar e ela disse que ele costumava fazer uma coisa às vezes na cama não muito bonita como você podia imaginar. Mas isso era completamente diferente de uma coisa como essa porque havia uma diferença total porque ela podia quase sentir ele atraindo seu rosto para o dele e o primeiro toque rápido e quente dos belos lábios dele. Além do mais havia absolvição desde que você não fizesse a outra coisa antes de se casar e deveria haver mulheres padres que compreenderiam sem que você o dissesse e Cissy Caffrey também tinha aquele tipo sonhador de olhar sonhador em seus olhos de modo que ela também, minha querida, e Winny Ripplingham tão louca por fotografias de atores e além disso era por conta daquela outra coisa que estava vindo do jeito que vinha.

E Jacky Caffrey gritou para olharem, havia um outro e ela se inclinou para trás e as ligas eram azuis para combinar com as transparentes e todos o viram e todos gritaram para olhar, olhem, lá estava ele e ela se inclinou ainda mais para ver os fogos de artifício e uma coisa estranha voava através do ar, uma coisa suave, de um lado para o outro, escura. E ela viu um longo foguete subindo acima das árvores, alto, alto, e, na quietude tensa, eles estavam todos sem fôlego de excitação enquanto ele subia cada vez mais alto e ela teve que se inclinar cada vez mais para trás para olhar para cima para ele, alto, alto, quase fora da vista, e seu rosto estava coberto por um rubor divino e arrebatador por se esticar para trás e ele pôde ver suas outras coisas também, seus calções de cambraia, o tecido que acaricia a pele, melhor do que aquelas outras calças saiotas com fitas verdes, a quatro shillings e onze por serem brancas e ela deixou que ele visse e viu que ele via e então ele subiu tão alto que ficou fora da vista por um momento e ela tremia em todos os seus membros por ter se inclinado tanto para trás



que ele tinha uma visão completa bem acima do joelho dela onde ninguém nunca nem sequer no balanço ou andando na água e ela não estava envergonhada e ele também não estava de olhar daquela maneira imodesta como ela só porque ele não podia resistir à visão da revelação maravilhosa meio oferecida como a daquelas dançarinas que levantavam as saias se comportando de forma tão imodesta diante de cavalheiros que as olhavam e ele continuava olhando, olhando. Ela gostaria de ter gritado prazerosamente e embargadamente para ele, estendido seus braços delgados e brancos como a neve para ele vir, para sentir seus lábios pousados em sua testa branca, o grito de amor de uma jovem, um pequeno grito estrangulado, arrancado dela, aquele grito que ressoa através dos séculos. E então um rojão saltou e atirou ruidosamente às cegas e Ó! então o foguete explodiu e foi como um suspiro de Ó! e todo mundo gritou Ó! Ó! extasiado e jorrou dela uma chuva de fios de cabelo dourado e eles se derramaram e ah! e eles eram todos estrelas orvalhadas esverdeadas caindo com dourado, Ó tão lindas, Ó tão suaves, delicadas, suaves!

Então tudo derreteu como orvalho no ar cinzento: tudo estava silencioso. Ah! Ela olhou para ele enquanto se inclinava rapidamente para a frente, um olharzinho patético de piedoso protesto, de tímida reprovação que o fez corar como uma moça. Ele estava recostado de encontro à rocha que ficava atrás. Leopold Bloom (pois é ele) se levanta em silêncio, com a cabeça inclinada diante daqueles olhos jovens e ingênuos. Que selvagem ele fora! Fazendo isso de novo? Uma bela alma pura o chamara e, desgraçado que ele era, como ele havia respondido? Um completo cafajeste ele fora! Logo ele de todos os homens! Mas havia uma reserva infinita de misericórdia naqueles olhos, para ele também uma palavra de perdão embora ele tivesse errado e pecado e vagado. Será que uma moça contaria? Não, mil vezes não. Esse era o segredo deles, só deles, só no crepúsculo ocultador e não havia ninguém para saber ou contar exceto o pequeno morcego que voava tão suavemente através da tardinha de um lado para o outro e os pequenos morcegos não contam nada.

Cissy Caffrey assobiou, imitando os rapazes no campo de futebol para mostrar que grande pessoa ela era: e então gritou:

– Gerty! Gerty! Estamos indo. Venha. Podemos ver de lá de cima.

Gerty tinha uma idéia, um dos pequenos ardis do amor. Deslizou a mão para dentro do seu bolso de lenço e retirou o chumaço e acenou em resposta naturalmente sem largá-lo e então o deslizou de volta. Me pergunto se ele está longe demais para. Ela se levantou. Era um adeus? Não. Precisava ir mas eles se encontrariam de novo, ali, e ela sonharia com isso até aquele momento, amanhã, seu sonho da noite anterior. Ela se ergueu em toda a sua estatura. As almas deles se encontraram num último olhar prolongado e os olhos que atingiram seu coração, repletos de um brilho estranho, pairaram enlevados no rosto delicado como uma flor. Ela lançou um meio sorriso lânguido para ele, um doce sorriso magnânimo, um sorriso beirando as lágrimas, e então eles se separaram.

Lentamente, sem olhar para trás ela desceu pela praia irregular até Cissy, até Edy, até Jacky e Tommy Caffrey, até o bebê Boardman. Estava mais escuro agora e havia pedras e pedacinhos de madeira na areia e algas marinhas escorregadias. Ela caminhou com uma certa dignidade serena uma de suas características mas com cuidado e muito lentamente porque – porque Gerty MacDowell era...

Botas apertadas? Não. Ela é aleijada! Ó!

O Sr. Bloom a observava enquanto ela partia mancando. Pobre moça! Esta era a razão pela qual era deixada de lado enquanto as outras corriam a toda velocidade. Achei que alguma coisa estava errada por sua aparência. Beleza rejeitada. Um defeito físico é dez vezes pior em uma mulher. Mas as torna educadas. Contentes por não o saber enquanto ela estava se mostrando. Diabinha fogosa no entanto. Eu não me importaria. Uma curiosidade como uma freira ou uma negra ou uma moça de óculos. Aquela outra estrábica tem um aspecto frágil. Perto de suas regras, suponho, faz com que elas se tornem sensíveis. Estou com uma dor de cabeça tão forte hoje. Onde pus a carta? Sim, tudo bem. Toda sorte de desejos loucos. Lamber moedas. A moça no convento. Tranqüila aquela freira me disse que gostava de cheirar petróleo. As virgens enlouquecem no final eu suponho. Irmã? Quantas mulheres em Dublin têm isso hoje em dia? Martha, ela. Alguma coisa no ar. Isso é a lua. Mas então por que todas as mulheres não ficam menstruadas ao mesmo tempo com a mesma lua, quero dizer? Depende da hora em que nasceram suponho. Ou todas partem do zero e depois perdem o passo. Às vezes Molly e Milly juntas. De qualquer forma eu levei a melhor disso. Estou contente pra valer por não o ter feito no banho esta manhã ao ler sua carta tola com eu vou puni-lo. Uma compensação por aquele motorneiro esta manhã. Aquele trapaceador do M' Coy me parando para não dizer nada. E o compromisso da mulher dele no interior do país valise, voz como uma picareta. Grato pelas pequenas graças concedidas. É barato também. Seu de graça. Porque elas próprias o desejam. Seu anseio natural. Montões delas toda tardinha derramadas de escritórios. Melhor mostrar reserva. Não o quero e elas se atiram a você. Pegá-las vivas, Ó. Uma pena que eles não possam se ver. Um sonho de uma meia bem fornida. Onde foi isso? Ah, sim. Imagens mutoscópicas em Capel Street: para homens apenas. Espiando. O chapéu de Willy e o que as meninas fizeram com ele. Eles fotografam essas moças ou é tudo uma tapeação? *Lingerie* tem esse efeito. Toquei nas suas curvas por baixo do *deshabillé*. Excita-as também quando estão. Estou toda limpa venha e me suje. E elas gostam de vestir uma a outra para o sacrifício. Milly se encantava com a nova blusa de Molly. A princípio. Vesti-las todas para despi-las todas. Molly. Por que eu lhe comprei as ligas roxas. Nós também: a gravata que ele usou, suas belas meias e calça de bainha revirada. Ele usava um par de polainas na primeira noite em que nos encontramos. Sua bonita camisa estava brilhando debaixo de seu o quê? de azeviche. Diz-se que uma mulher perde um encanto com cada alfinete que retira. Presas por alfinetes. Ó, Mairy perdeu o alfinete de sua. Vestidas à perfeição para alguém. A moda é parte do encanto delas. Muda apenas quando você está na pista do segredo. Exceto no Oriente: Mary, Martha: agora como então. Nenhuma oferta razoável recusada. Ela também não estava com pressa. Sempre atrás de um homem quando estão. Nunca esquecem um encontro. Saem provavelmente em especul. Acreditam na chance porque ela é como elas. E as outras inclinadas a lhe dar uma estocada esporádica. Amigas na escola, com os braços em volta do pescoço da outra ou com dez dedos entrelaçados, beijando e sussurrando segredos sobre nada no jardim do convento. Freiras com os rostos brancos lavados, com toucas frescas e seus rosários indo pra cima e pra baixo, vingativas também por aquilo que não podem conseguir. Arame farpado. Esteja seguro agora e me escreva. E eu lhe escreverei. Então você não vai? Molly e Josie Powell. Até que o Sr. Certo chegue, então vão se ver uma vez na vida outra na

morte. *Tableau!* Ó, veja quem é pelo amor de Deus! Como vai você afinal de contas? O que você andou fazendo consigo mesmo? Beijam-se e tão encantada em, beijam-se, vê-la. Cada uma pondo defeito na aparência da outra. Você parece esplêndida. Almas irmãs. Mostrando os dentes uma para a outra. Quantos lhe sobraram? Não emprestariam uma à outra sequer uma pitada de sal.

Ah!

São demônios quando dá aquilo nelas. Têm um ar demoníaco e sombrio. Molly freqüentemente me dizia estar sentindo um peso de uma tonelada. Coce a sola do meu pé. Ó assim! Ó, isso é delicioso! Eu o sinto também. Bom descansar de vez em quando. Me pergunto se é mau ir com elas então. Seguro até certo ponto. Azeda o leite, faz estalar as cordas do violino. Eu li alguma coisa sobre as plantas murcharem num jardim. Além disso dizem que se a flor que ela está usando murcha ela é uma namoradeira. Todas são. Ouso dizer que ela sentiu que eu. Quando você se sente desse jeito você freqüentemente se depara com o que sente. Gostou de mim ou o quê? Para a roupa elas olham. Sempre se conhece o homem que está namorando: colarinhos e punhos. Ora os galos e os leões fazem o mesmo e os veados. Ao mesmo tempo podem preferir uma gravata desfeita ou coisa semelhante. Calças? Suponhamos que eu quando eu estava? Não. Fazê-lo gentilmente. Não gostam de indivíduo grosseiro e de confusão. Beijar no escuro e nunca revelar. Viu alguma coisa em mim. Me pergunto o quê. Prefere me ter como eu sou do que algum cara poeta de cabelo emplastrado e sebosocomurso, com cachinho caindo sobre seu olho direito. Ajudar cavalheiro em trabalho literário. Preciso prestar atenção à minha aparência na minha idade. Não a deixei me ver de perfil. Assim mesmo nunca se sabe. Moças bonitas e homens feios se casam. A bela e a fera. Além disso não posso ser tão se Molly. Ela tirou seu chapéu para mostrar seu cabelo. Aba larga. Comprado assim para esconder seu rosto, encontrando alguém que pudesse conhecê-la, abaixar a cabeça ou segurar um ramalhete de flores para esconder o rosto ao cheirá-las. Cabelo forte no cio. Conseguí dez shillings pelos fios de cabelo de Molly quando estávamos na miséria em Holles Street. Por que não? Suponhamos que ele lhe desse dinheiro. Por que não? Tudo preconceito. Ela vale dez, quinze, mais, uma libra. O quê? Assim o penso. Tudo isso por nada. Mão atrevida: Sra. Marion. Será que eu esqueci de escrever o endereço naquela carta como no cartão-postal que enviei para Flynn? E o dia em que fui a Drimmie sem gravata. Briga com Molly foi o que me pôs fora de mim. Não, eu me lembro. Richie Goulding: ele é outro. Pesa na mente dele. Engraçado meu relógio parou às quatro e meia. Poeira. Eles usam óleo de fígado de tubarão para limpar. Podia fazer eu mesmo. Economia. Aquilo foi justo quando ele, ela?

Ó, ele fez. Dentro dela. Ela fez. Feito.

Ah!

Com mão cuidadosa o Sr. Bloom recompôs sua camisa molhada. Ó Senhor, aquela diabinha manca. Está começando a ficar frio e melado. Efeito posterior nada agradável. É preciso contudo ficar livre daquilo de algum jeito. Elas não se importam. Talvez lisonjeadas. Vão para casa para um gostoso pãozinho com leitinho e rezam as orações da noite com os filhotes. Ora, não é que elas são? Vê-la como ela é estraga tudo. É preciso o cenário do espetáculo, ruge, vestuário, posição, música. O nome também. *Amours* de atrizes. Nell Gwynn,

Sra. Bracegirdle, Maud Branscombe. Cortina levantada. Esplendor prateado do luar. Revelada em cena moça de seio sonhador. Meu namoradinho venha me beijar. Ainda assim sinto. A força que isso dá a um homem. É esse o segredo. Ainda bem que eu soltei lá atrás do muro ao sair da casa de Dignam. Isso foi a sidra. De outro modo eu não teria podido. Depois faz você ter vontade de cantar. *Lacaus esant taratara*. Suponhamos que eu falasse com ela. Sobre o quê? No entanto um plano negativo se você não sabe como terminar a conversa. Faça a elas uma pergunta e elas respondem com outra. Uma boa idéia se você estiver engasgado. Ganha tempo. Mas aí você fica sem saber para que lado se virar. Maravilhoso naturalmente se você disser: boa-noite, e você vir que ela corresponde: boa-noite. Ó mas aquela tardinha escura na via Ápia em que eu quase falei com a Sra. Clinch Ó pensando que ela era. Ufa! A moça em Meath Street aquela noite. Todas as coisas sujas que eu fiz ela dizer. Tudo errado naturalmente. Ela chamou isso de meu transeiro. É tão difícil achar uma que. Ai! Se você não responde quando elas lhe oferecem seu serviço deve ser terrível para elas até que elas fiquem calejadas. E beijou minha mão quando eu lhe dei dois shillings a mais. Papagaios. Aperte o botão e o passarinho vai chiar. Gostaria que ela não tivesse me chamado de senhor. Ó, a sua boca na escuridão! E você um homem casado com uma moça solteira! É disso que elas gostam. Tirar um homem de outra mulher. Ou até mesmo ouvi-lo dizer. Diferente comigo. Contento de escapar da mulher daquele outro camarada. Comer do prato frio dele. O camarada no Burton hoje cuspiu fora a cartilagem mastigada. A camisinha ainda na minha carteira de notas. Causa de metade do problema. Mas poderia acontecer alguma vez, eu não acho. Entre, está tudo preparado. Eu sonhava. O quê? O pior está começando. Como elas mudam de ponto quando não gostam. Perguntam-lhe se você gosta de cogumelos porque ela conheceu certa vez um senhor que. Ou lhe perguntam o que alguém ia dizer quando ele mudou de idéia e parou, não disse nada. No entanto se eu fosse até o último extremo, de dizer: eu quero fazer ou alguma coisa no gênero. Porque eu queria. Ela também. Ofendê-la. Então fazer as pazes. Fingir desejar alguma coisa terrivelmente, em seguida desistir por amor a ela. Isso as deleita. Ela devia estar pensando em outra pessoa o tempo todo. Que mal há nisso? Desde que ela atingiu a idade da razão deve ter sido ele, ele e ele. O primeiro beijo resolve a questão. O momento propício. Alguma coisa dentro deles estoura. É assim meio piegas, é possível dizê-lo pelo olhar deles, às escondidas. Os primeiros pensamentos são os melhores. Lembram-se disso até o dia de sua morte. Molly, o tenente Mulvey que a beijou debaixo do Moorish Wall ao lado dos jardins. Quinze anos me disse ela. Mas seus seios eram desenvolvidos. Adormeceu então. Isso foi depois do jantar de Glencree quando voltamos de carro para casa. Monte Featherbed. Rangendo os dentes no sono. O prefeito estava de olho nela também. Val Dillon. Apoplético.

Lá está ela com eles ali embaixo para ver os fogos de artifício. Meus fogos de artifício. Para cima como um foguete, para baixo como uma vareta. E as crianças, devem ser gêmeas, esperando que alguma coisa aconteça. Querem ser gente grande. Vestindo as roupas da mãe. Têm tempo bastante para compreender todos os caminhos do mundo. E a escura com aquela gaforinha e boca de negra. Eu sabia que ela podia assobiar. Boca feita para isso. Como Molly. Por que aquela prostituta de alta categoria em Jammet usava seu véu somente até o nariz. O senhor poderia, por favor, me dizer a hora certa? Eu vou lhe dizer qual é a hora certa na alameda escura. Diga o rato roeu a roupa quarenta vezes toda a manhã, tratamento para

lábios grossos. Fazendo festa no menininho também. Os espectadores percebem a maior parte do jogo. Naturalmente elas entendem os pássaros, animais, bebês. Faz parte da atividade delas.

Ela não olhou para trás ao descer pela praia. Não queria dar esse gostinho. Essas moças, essas moças, essas encantadoras moças da beira do mar. Olhos bonitos eram os dela, claros. É o branco do olho que ressalta isso não tanto a pupila. Será que ela sabia o que eu? Naturalmente. Como um gato sentado fora do alcance do pulo de um cachorro. As mulheres nunca encontram alguém como aquele Wilkins no colégio desenhando uma Vênus com todos os pertences dele à mostra. Chama-se isso de inocência? Pobre idiota! Sua mulher tem seu trabalho feito a calhar para ela. Nunca as vejo sentadas num banco marcado *Tinta fresca*. Têm mil olhos. Olham debaixo da cama em busca do que não está ali. Loucas para levar o susto de suas vidas. Afiadas como agulhas elas são. Quando eu disse a Molly que o homem na esquina de Cuffe Street era bem-apegoado, pensei que ela gostaria, ela observou imediatamente que ele tinha um braço falso. E tinha, mesmo. Onde é que elas conseguem isso? A datilógrafa subindo de dois em dois degraus a escada de Roger Greene para mostrar suas pernocas. É passado de pai para, quero dizer, de mãe para filha. É inato. Milly por exemplo secando seu lenço no espelho para evitar passá-lo. O melhor lugar para um anúncio é um espelho para atrair o olhar de uma mulher. E quando eu a mandei a Prescott para buscar o xale de Paisley de Molly, por falar nisso eu preciso, aquele anúncio, trazendo para casa o troco na meia! Atrevidinha inteligente. Eu nunca disse isso a ela. Também a maneira caprichosa com que ela carregava os embrulhos. Uma coisinha assim atrai os homens. Levantando a mão, a sacudindo, para deixar o sangue fluir de volta quando ela estava vermelha. Com quem você aprendeu isso? Com ninguém. Uma coisa que a babá me ensinou. Ó, o que é que elas não sabem! Aos três anos de idade ela estava diante da penteadeira de Molly, logo antes de partirmos de Lombard Street oeste. *Mim ter uma cala binita*. Mullingar. Quem sabe? Os caminhos do mundo. Jovem estudante. De qualquer jeito firme em suas pernas não como a outra. Ainda assim ela era esperta. Meu Deus, estou todo molhado. Diaba que você é. O arredondado de sua barriga da perna. Meias transparentes, esticadas a ponto de se rasgar. Não como aquela frangalhona de hoje. A. E. Meias enrugadas. Ou aquela de Grafton Street. Brancas. Uau! Perna grossa.

Um rojão estourou, salpicando suas crepitações dardejadas. Zrads e zrads, zrads, zrads. E Cissy e Tommy e Jacky correram para ver e Edy atrás deles com o carrinho do bebê e então Gerty além da curva das rochas. Será que ela? Observe! Observe! Veja! Olhou à volta. Ela farejou alguma coisa. Querida, eu vi, sua. Eu vi tudo.

Meu Deus!

Mesmo assim me fez bem. Não estava me sentindo bem depois de Kiernan, de Dignam. Por esse alívio muito obrigado. Em *Hamlet*, é isso aí. Meu Deus! Foi tudo junto. Excitação. Quando ela se reclinou para trás, senti uma dor na ponta da minha língua. Sua cabeça ela simplesmente gira. Ele está certo. Poderia ter feito um papel de bobo ainda maior contudo. Em vez de falar sobre nada. Então vou lhe contar tudo. Assim mesmo foi uma espécie de linguagem entre nós dois. Será que por acaso não podia ser? Não, eles a chamaram de Gerty. Podia ser um nome falso como o meu nome e o endereço do Dolphin Barn um

subterfúgio.

*Seu nome de solteira era Jemina Brown*

*E ela morava com sua mãe em Irishtown.*

O lugar me fez pensar nisso creio. Todas farinha do mesmo saco. Limpando as canetas em suas meias. Mas a bola rolou para ela como se compreendesse. Toda bala tem seu destino. É evidente que na escola nunca consegui atirar nada reto. Torto como um chifre de carneiro. É pena contudo que levem apenas alguns anos até que se acalmem e comecem a lavar a louça e as calças de papai daqui a pouco vão servir para Willy e o pó de licopódio para o bebê depois de segurá-lo para fazer ps ps. Não é um trabalho ameno. Isso as salva. Isso as mantém a salvo. A natureza. Lavar uma criança, lavar um cadáver. Dignam. As mãos das crianças sempre agarradas nelas. Crânios como cocos, macacos, a princípio nem sequer fechados, leite azedo em seus cueiros e coalhos manchados. Não deviam ter dado uma teta vazia para aquela criança sugar. Enchê-la de vento. A Sra. Beaufoy, Purefoy. Preciso dar um pulo no hospital. Me pergunto se a enfermeira Callan ainda está lá. Ela costumava inspecionar algumas noites quando Molly estava no Coffee Palace. Eu a vi certa vez escovando o paletó daquele médico jovem, o doutor O'Hare. E a Sra. Breen e a Sra. Dignam foram também algum dia desse jeito, casaduras. O pior de tudo é à noite me disse a Sra. Duggan no City Arms. Marido rolando para casa bêbado, fodor de bar se exalando dele como um cangambá. No escuro fica aquilo no seu nariz, o bafo de bebedeira bolorenta. Então pergunta de manhã: eu estava bêbado ontem à noite? Não é uma boa política no entanto culpar o marido. Os frangos vêm para o galinheiro para se empoleirar. Eles ficam fiéis um ao outro como grude. Talvez também seja culpa das mulheres. É aí que Molly pode derrubar uma porção delas. É o sangue do sul. Mouresco. Também seu porte, o corpo. Mãos apalpavam as opulências. Basta comparar por exemplo com aquelas outras. Mulher trancada em casa, o esqueleto escondido no armário. Permita-me apresentar minha. Então eles lhe exibem um tipo de coisa indefinível, você não saberia como chamá-la. É em sua mulher que se descobre sempre o ponto fraco de um homem. É a força do destino, ficar apaixonado. Têm seus próprios segredos entre eles. Homens que seriam entregues às baratas se alguma mulher não lhes desse a mão. Então aquelas moças pedacinhos de gentes, do tamanho de um vintém, com seus maridos pequeninos. Assim como Deus os fez assim os casou. Às vezes os filhos vêm a ser um sucesso. Duas vezes zero dá um. Ou um velho ricaço de setenta anos e uma noiva tímida. Casar em maio e se arrepender em dezembro. Esta umidade é muito desagradável. Grudou. Ora o prepúcio não voltou para o lugar. Melhor destacar.

Uau!

Por outro lado um homenzarrão de seis pés de altura com uma mulherzinha da altura de sua cintura. O comprido e o curto. Ele grande ela pequena. Muito estranho o negócio do meu relógio. Os relógios de pulso estão sempre enguiçando. Me pergunto se há alguma influência magnética entre a pessoa porque essa era mais ou menos a hora em que ele. Sim, eu creio, imediatamente. Enquanto o gato está longe, os camundongos brincam. Eu me lembro de ter olhado em Pill Lane. Isso também agora é magnetismo. Por trás de tudo o magnetismo. A Terra por exemplo atraindo isso e sendo atraída. Isso provoca o movimento. E o tempo, bem esse é o tempo que o movimento leva. Então se uma coisa parasse todo o espetáculo pouco a

pouco pararia. Porque está tudo organizado. A agulha magnética lhe diz o que está acontecendo no sol, nas estrelas. Um pedacinho de ferro de aço. Quando você estende o garfo. Venha. Venha. Trepe. Homem e mulher é isso aí. Garfo e aço. Molly, ele. Elas se arrumam todas e olham e sugerem e deixam você ver e ver mais ainda e o desafiam se você é homem para ver isso e, como um espirro que vem, as pernas, olhe, olhe e isso se você tiver peito. Trepar. Tem de deixar voar.

Me pergunto o que ela está sentindo naquela região. A vergonha de toda a encenação é de ser diante de terceiro. Mais aborrecida por causa de um furo na meia. Molly na feira de cavalos, com o maxilar inferior projetado para a frente, a cabeça virada pra trás por causa de um fazendeiro de botas de cavalgar e esporas. E quando os pintores estavam em Lombard Street oeste. Bela voz tinha aquele camarada. Giuglini começou assim. Senti o cheiro do que eu fiz. Como o de flores. Era demais. Violetas. Vinha da terebintina provavelmente na tinta. Elas tiram partido de tudo. Ao mesmo tempo ao fazer isso ela esfregava seu chinelo no soalho para que eles não ouvissem. Mas muitas delas não experimentam orgasmo, creio. Ficam com aquela coisa em suspenso durante horas. Como se estivesse dando uma volta por todo o meu corpo até a metade de minhas costas.

Espere. Hum. Hum. Sim. Esse perfume é o dela. Por que ela acenou com a mão. Eu deixo isso para você para pensar em mim quando eu estiver longe sobre o meu travesseiro. O que é isto? Heliotrópio? Não. Jacinto? Hum. Rosas, eu creio. Ela gostaria de um odor desse tipo. Doce e barato: em breve azedo. Por que Molly gosta de opoponax. Combina com ela, misturado com um pouco de jasmim. Suas notas elevadas e suas notas baixas. Na noite da dança ela o conheceu, dança das horas. O calor revelava seu perfume. Ela estava com seu vestido preto e ele conservava o perfume da vez anterior. Bom condutor, não é? Ou mau? A luz também. Suponhamos que haja alguma conexão. Por exemplo se você entrar numa adega que esteja às escuras. Coisa misteriosa também. Por que eu só senti o cheiro agora? Levou tempo em vir como ela própria, lento mas seguro. Suponhamos que haja muitos milhões de grãos minúsculos soprados pelo vento na atmosfera. Sim, é isso aí. Porque aquelas ilhas Molucas, essas cingalesas esta manhã, sentimos o seu cheiro a léguas de distância. Vou lhe dizer o que é. É como um véu fino fino ou teia que elas têm por sobre toda a pele, fino como o que você chama de gaze, e elas estão sempre o tecendo e tirando para fora de si, fino como tudo, como as cores do arco-íris sem que elas se apercebam disso. Agarra-se a tudo que ela despe. O pé de suas meias. Seus sapatos quentes. O espartilho. As calçolas: um pequeno chute, para retirá-las. Baibai até a próxima vez. O gato também gosta de cheirar a camisa dela na cama. Eu conheço o seu cheiro entre mil outros. A água do seu banho também. Me lembra morangos com creme. Me pergunto onde realmente fica alojado. Ali ou nas axilas ou debaixo do pescoço. Porque você o exala por todos os orifícios e cantos. Perfume de jacinto feito de óleo de éter ou coisa semelhante. Rato almiscarado. Uma bolsa debaixo de seus rabos. Um grão exala um odor que se estende por anos afora. Cães cheiram o traseiro um do outro. Boa-noite. Noite. Como você cheira? Hum. Hum. Muito bem, obrigado. Os animais se guiam por isso. Sim agora, vejamos desse jeito. Nós somos iguais. Algumas mulheres, por exemplo, avisam quando estão menstruadas. Chegue perto. Então você recebe um cheirite de matar. Como o quê? Arenques enlatados estragados ou. Buuf! Por favor não pise na grama.

Talvez elas sintam um cheiro de homem em nós. Qual porém? Outro dia as luvas cheirando a charuto do comprido John estavam sobre a sua mesa. Hálito? É o que você come e bebe que produz isso. Não. Quero dizer, cheiro de homem. Deve ter ligação com isso porque os padres que se supõe sejam celibatários são diferentes. As mulheres zumbem em volta disso como moscas em volta de melado. Se atravancam na grade do altar para chegar a qualquer custo até ele. A árvore do padre proibido. Ó, pai, o senhor quer? Deixe-me ser a primeira a. Isso se difunde por todo o corpo, penetra. Fonte de vida. E o cheiro é extremamente curioso. Molho de aipo. Deixe-me.

O Sr. Bloom inseriu seu nariz. Hum. Dentro da. Hum. Abertura de seu colete. Amêndoas ou. Não. É limão. Ah não, isso é o sabonete.

Ó por falar nisso aquela loção. Eu sabia que havia alguma coisa na minha mente. Não voltei mais lá e o sabonete não foi pago. Não gosto de carregar garrafas como aquela velha bruxa desta manhã. Hynes podia ter me pago aqueles três shillings. Eu podia mencionar Meagher só para lhe lembrar. No entanto se ele publicar aquele parágrafo. Dois shillings e nove. Terá má impressão de mim. Vou procurá-lo amanhã. Quanto eu lhe devo? Três shillings e nove? Dois e nove, senhor. Ah. Poderia impedi-lo de me dar crédito uma outra vez. Perdem-se os fregueses desse jeito. É assim nos bares. Existem camaradas que esticam a conta o mais que podem e então escapolem pelas ruas de trás para consumir em outro lugar.

Eis aqui o nobre senhor com o qual cruzei antes. Soprado da enseada. Foi lá apenas e voltou. Sempre em casa na hora do jantar. Parece destroçado: deu uma boa comilança. Desfrutando agora da natureza. Ação de graças depois das refeições. Depois do jantar andar uma milha. Com certeza ele tem uma pequena conta bancária em algum lugar, sit. governamental. Andar atrás dele agora fazê-lo se sentir constrangido como aqueles meninos-jornaleiros fizeram eu me sentir hoje. Ainda assim se aprende alguma coisa. Ver a nós mesmos como os outros nos vêem. Desde que as mulheres não caçoem de nós o que importa? Essa é a maneira de o descobrir. Pergunte a si mesmo quem ele é agora, *O Homem Misterioso na Praia*, história premiada do Sr. Leopold Bloom. Pagamento na base de um guinéu por coluna. E aquele camarada hoje junto do túmulo com um impermeável marrom. Calos no seu destino no entanto. Corpos saudáveis talvez absorvam toda a. Dizem que assobiar traz chuva. Deve haver alguma em algum lugar. Sal na umidade do Ormond. O corpo sente a atmosfera. As juntas da velha Betty estão sofrendo torturas. A profecia da Mãe Shipton que é sobre os navios à volta eles voam num piscar. Não. São sinais de chuva. O leitor real. E as colinas distantes parecem se aproximar.

Howth. O farol de Bailey. Dois, quatro, seis, oito, nove. Veja. Tem de mudar ou eles poderiam pensar que se trata de uma casa. Salva-vidas. Grace Darling. Pessoas com medo do escuro. Também vagalumes, ciclistas: hora de se iluminar. As jóias de diamantes cintilam melhor. Mulheres. A luz é uma espécie de tranqüilizante. Não o vai machucar. Melhor agora naturalmente do que muito tempo atrás. Estradas do interior. Cortavam o seu pescoço sem qualquer motivo. Ainda há dois tipos de pessoas com os quais você se depara. Os carrancudos ou os sorridentes. Perdão! De nada. Melhor momento para se molhar as plantas também na sombra depois do pôr do sol. Alguma luz ainda. Os raios infravermelhos são os mais longos. Roygbiv Vance nos ensinou: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo, violeta. Estou



vendo uma estrela. Vênus? Ainda não o posso dizer. Duas. Quando chega a três já é noite. Aquelas nuvens noturnas estavam ali o tempo todo? Parecem um navio fantasma. Não. Espere. Seriam árvores? Uma ilusão de ótica. Miragem. Terra do pôr do sol essa aí. Pôr do sol do Homerule no sudeste. Minha terra natal, boa-noite.

O sereno caindo. Ruim para você, querida, sentar nessa pedra. Provoca fluxos vaginais. Nunca ter um bebezinho então a menos que ele seja suficientemente grande e forte para abrir caminho através. Eu mesmo poderia ter hemorróidas. Se agarra também como um resfriado de verão, ferida na boca. Cortes por grama ou papel os piores. Fricção pela posição. Eu gostaria de ser aquela rocha em que ela se sentou. Ó minha doçurinha, você não sabe como estava linda. Começo a gostar delas nessa idade. Maçãs verdes. Agarram-se a tudo que oferecem. Suponho que é a única idade em que cruzamos as pernas, sentados. Também hoje na biblioteca: aquelas moças graduandas. Cadeiras felizes debaixo delas. Mas é a influência do entardecer. Elas sentem tudo isso. Desabrocham como flores, conhecem seu momento, girassóis, topinambos, nos salões de baile, candelabros, avenidas sob os lampiões. As belas da noite no jardim de Mat Dillon onde eu beijei o ombro dela. Gostaria de ter um quadro a óleo dela de corpo inteiro naquele instante. Foi naquele mês de junho que eu também lhe fiz a corte. O ano retorna. A história se repete. Ó penhascos e cumes aqui estou eu mais uma vez com vocês. Vida, amor, viagem ao redor do seu mundinho. E agora? Triste por ela ser aleijada naturalmente mas preciso ficar na defensiva para não sentir piedade demais. Elas se aproveitam disso.

Tudo sossegado agora no Howth. As colinas distantes parecem. Onde nós. Os rododendros. Eu sou talvez um tolo. Ele fica com as ameixas e eu com os caroços. Onde eu entro nessa. Tudo que essa velha colina já viu. Os nomes mudam: é só isso. Os amantes: niam, niam.

Estou me sentindo cansado agora. Será que vou me levantar? Ó espere. Toda a minha virilidade se escoou, sua safadinha. Ela me beijou. Nunca mais. Minha juventude. Só acontece uma vez. Ou a dela. Tomar o trem para lá amanhã. Não. A volta nunca é a mesma coisa. É como quando somos crianças e vamos a uma casa pela segunda vez. Eu quero algo novo. Nada de novo sobre a Terra. Aos cuidados de P. R. Dolphin's Barn. Você não está feliz em sua? Meu querido travesso. Charadas em Dolphin's Barn na casa de Luke Doyle. Mat Dillon e seu bando de filhas: Tiny, Atty, Floey, Maimy, Louy, Hetty. Molly também. Isso foi em oitenta e sete. Um ano antes de nós. E o velho major, apreciador de seus bons tragos. Espantoso que ela seja filha única e eu filho único. E assim se retorna. Quando você pensa que está escapando você volta para si mesmo. A volta por maior que seja é o caminho mais curto para a casa. E logo quando ele e ela. Cavalo de circo andando em círculo. Nós representamos Rip van Winkle. Rip: rasgão no sobretudo de Henny Doyle. Van: a caminhonete do padeiro fazendo entrega. Winkle: conchas e moluscos. Em seguida eu fiz Rip van Winkle voltando. Ela observava apoiada no aparador. Olhos mourescos. Vinte anos adormecida no Antro do Sono. Tudo mudado. Esquecido. Os jovens estão velhos. A arma dele enferrujada pelo orvalho.

Ahah. O que é isso que está voando? Uma andorinha? Provavelmente um morcego. Pensa que sou uma árvore, tão cego. Os pássaros não têm olfato? Metempsicose. Eles acreditavam que por desgosto você podia ser transformado numa árvore. Chorão. Ahah. Lá vai

ele. Pequeno mendigo divertido. Me pergunto onde ele mora. Lá em cima no campanário. Muito provavelmente. Suspenso pelas patas em odor de santidade. O sino o assustou, creio. Parece que a missa terminou. Podia ouvi-los todos rezando. Oraí por nós. E oraí por nós. E oraí por nós. Uma boa idéia essa repetição. A mesma coisa com os anúncios. Compre de nós. E compre de nós. Sim, há luz na casa do padre. A refeição frugal deles. Eu me lembro do engano de avaliação quando eu estava em Thom. É o vinte e oito. Eles têm duas casas. O irmão de Gabriel Conroy é um cura. Ahah. De novo. Me pergunto por que eles saem à noite como camundongos. Eles são uma raça híbrida. Pássaros são como camundongos saltitantes. O que os assusta, a luz ou o barulho? Melhor ficar sentado quieto. Tudo é instinto é como aquele passarinho sedento que conseguiu beber a água do fundo de uma jarra jogando pedras nela. Ele é como um homenzinho com uma capa de mãos mínimas. Ossos minúsculos. Quase os vejo tremulando, com uma espécie de branco azulado. As cores dependem da luz em que são vistas. Olhe por exemplo fixamente para o sol como uma águia e depois olhe para o sapato e verá uma bolha como um borrão amarelado. Quer deixar sua marca de fabricação em tudo. Por exemplo, aquele gato esta manhã na escada. Cor de turfa marrom. Dizem que nunca se pode vê-los com três cores. Não é verdade. Aquela gata branca amarela e preta no City Arms com uma letra eme na testa. Corpo de cinqüenta cores diferentes. Algum tempo atrás Howth estava ametista. Vidro reluzindo. Foi assim com aquele homem sábio como é o nome dele com o vidro em chamas. Então a urze pega fogo. Não podem ser fósforos de turistas. O quê? Talvez os talos secos se esfreguem uns nos outros ao vento e à luz do sol. Ou garrafas quebradas nos tojos como um espelho ardendo sob a ação do sol. Arquimedes. É isso! Minha memória não está tão ruim assim.

Ahah. Quem sabe por que eles estão sempre voando. Insetos? Aquela abelha na semana passada entrou na sala e brincou com a sombra dela no teto. Podia ser aquela que me mordeu, que voltou para ver. Os pássaros também. Nunca descubro. Ou o que eles dizem. Como nossa conversa fiada. E ela diz e ele diz. Eles precisam de nervos para voar por sobre os oceanos e voltar. Muitos deles devem ser mortos pelas tempestades, fios telegráficos. Que vida pavorosa também têm os marinheiros. Forças brutas de vapores cruzando os oceanos que chapinham na escuridão mugem como vacas marinhas. *Faugh a ballagh!* Fora com isso, raios os partam! Outros em embarcações, com um pedaço de lenço como vela, lançada à volta como rapé num velório quando os ventos tempestuosos sopram. Casados também. Às vezes longe de casa durante anos em algum lugar nos confins do mundo. Realmente sem fim porque é redondo. Uma mulher em cada porto dizem. Ela tem um bom emprego se tiver cuidado até que Johnny volte novamente para a casa. Se ele jamais voltar. Farejando as ruelas dos portos. Como é que eles podem gostar do mar? No entanto eles gostam. A âncora é levantada. Ele parte navegando com um escapulário ou uma medalha no peito para dar sorte. Bem. E o tefilim não como é que eles o chamam que meu pobre papai tinha na sua porta para tocar. Isso nos tirou das terras do Egito e nos trouxe para a casa da servidão. Há alguma coisa em todas essas superstições porque quando você parte nunca sabe que perigos. Pendurado numa prancha ou montado numa viga com todas as forças, com um colete de salva-vidas à volta dele, engolindo água salgada, e essa é a última de suas façanhas até que os tubarões se apoderem dele. Será que os peixes ficam algum dia enjoados?

Então se tem uma bela calmaria sem uma nuvem, um mar manso, plácido, tripulação e carga em estilhaços, o cofre de Davy Jones, a lua olhando para baixo tão tranqüila. Não é minha culpa, seu velho pretensioso.

Uma última vela solitária vagou céu acima do bazar Mirus por fundos para o hospital Mercer e se desfez, caindo, e irradiou um feixe de estrelas violeta com a exceção de uma branca. Elas flutuaram, caíram: sumiram aos poucos. A hora do pastor: a hora de recolher as ovelhas ao aprisco: a hora do encontro marcado. De casa em casa, dando sua batida dupla sempre bem-vinda, ia o carteiro das nove horas, com a lâmpada de vagalume na cintura fulgurando aqui e ali através das sebes de loureiro. E entre as cinco jovens árvores de Leahy's Terrace a candeia içada do iluminador acendeu o lampião. Ao longo das janelas iluminadas, ao longo dos jardins simétricos uma voz estridente gritava, chorosa: *Evening Telegraph, com as últimas notícias! Resultado das corridas do Grande Prêmio!* e da porta da casa de Dignam um menino saiu correndo e chamou. Alvorçado o morcego voava aqui, voava ali. Lá longe por sobre a areia a arrebentação vinha e deslizava, cinzenta. Howth se preparava para dormir, cansado dos dias longos, dos rododendros niamniam (ele estava velho) e sentia contente a brisa da noite se elevar, eriçar suas ervas de samambaia. Ele estava deitado mas abria um olho vermelho desperto, respirando profunda e lentamente, sonolento mas acordado. E ao longe o navio farol ancorado no Kish Bank faiscou, piscou para o Sr. Bloom.

Que vida aqueles caras devem ter lá, fixos no mesmo lugar. O conselho que controla de Irish Lights. Penitência por seus pecados. Guardas costeiras também. Foguete e bóias e barco salva-vidas. No dia em que nós fizemos um cruzeiro a bordo do *Erin's King*, jogamos para eles o saco com jornais velhos. Ursos no zoológico. Que passeio infecto. Bêbados fora para sacudir seus fígados. Vomitando de bordo para alimentar os arenques. Náusea. E as mulheres, com pavor do castigo de Deus em seus rostos. Milly, nenhum sinal de medo. Com seu cachecol azul solto, rindo. Não têm idéia do que seja a morte nesta idade. E então com os estômagos limpos. Mas quando se perdem ficam assustadas. Quando nos escondemos atrás da árvore em Crumlin. Eu não queria. Mamãe! Mamãe! Crianças perdidas no bosque. Assustá-las também com máscaras. Jogá-las para cima no ar para pegá-las de volta. Eu vou te matar. É só de brincadeira? Ou crianças brincando de guerra. Totalmente convictas. Como é que as pessoas podem empunhar armas contra as outras. Às vezes elas disparam. Pobres garotos! Seus únicos problemas são sarampo e urticária. Purgante Calomel que eu comprei para ela. Depois disso dormi melhor de encontro a Molly. Elas têm os mesmos dentes. O que elas amam? Uma outra delas mesmas? Mas de manhã ela a enxotou com o guarda-chuva. Talvez para não a machucar. Tomei o seu pulso. Tiquetaqueando. A mão era pequena: agora é grande. Meu querido paizinho. Tudo isso a mão lhe diz quando você a toca. Adorava contar os botões do meu colete. Eu me lembro do seu primeiro espartilho. Me fez rir vê-lo. Mamilos pequeninos para começar. O do lado esquerdo é mais sensível, creio. O meu também. Mais perto do coração? Põem enchimentos se a moda for tê-los grandes. Suas dores de crescimento à noite, me chamando, me acordando. Ficou assustada quando menstruou pela primeira vez. Pobrezinha! Um momento difícil também para a mãe. Traz de volta a sua meninice. Gibraltar. Visão que se tinha de Buena Vista. A torre de O'Hara. Os pássaros marinhos gritando. O velho macaco de Barbary que devorou toda a sua família. Pôr do sol, disparo de canhão para o

recolhimento dos homens da guarnição. Estava olhando para o mar no dia em que ela me disse. Uma tardinha como esta, mas clara, sem nuvens. Eu sempre pensei que ia casar com um lorde ou um cavalheiro rico vindo com um iate. *Buenas noches, señorita. El hombre ama la muchacha hermosa.* Por que eu? Porque você era tão diferente dos outros.

Melhor não ficar entalado aqui a noite toda como um molusco. Este tempo o embrutece. Pela luz deve estar se aproximando das nove. Ir para casa. Tarde demais para *Leah. Lily of Killarney.* Não. Poderia ainda estar de pé. Vou dar um pulo no hospital para ver. Espero que ela já esteja livre. Um dia longo esse meu. Martha, o banho, o enterro, a casa de Keyes, o museu com aquelas deusas, a canção de Dedalus. Em seguida aquele energúmeno no Barney Kiernan. Eu lhe dei o troco. Esses bêbados vociferadores o que eu disse a respeito do Deus dele o fez estremecer. Um erro devolver-lhe o golpe. Ou? Não. Deviam ir para casa e rir deles mesmos. Querem sempre se embebedar na companhia de outros. Medo de ficar sozinho como uma criança de dois anos. Suponhamos que ele me tivesse atingido. Encaremos isso de outro modo. Não é tão ruim assim. Talvez não tivesse intenção de me machucar. Três vivas para Israel. Três vivas para a cunhada que ele apregoou nas ruas, com três dentes na boca. Mesmo estilo de beleza. Uma companhia particularmente encantadora para tomar chá. A irmã da mulher do selvagem de Bornéu acabou de chegar na cidade. Imagine só isso de manhã cedo perto de você. O que é de gosto regala a vida como disse Morris quando beijou a vaca. Mas Dignam meteu os pés pelas mãos. Casas de luto são tão deprimentes porque nunca se sabe. De qualquer forma ela precisa do dinheiro. Tenho que ir naquelas Viúvas Escocesas como prometi. Nome muito estranho. Assume que nós vamos bater as botas primeiro. Aquela viúva na segunda-feira não foi que estava do lado de fora de Cramer e olhou para mim. Enterrou o pobre do marido mas vai se virando com o seguro. Sua migalha de viúva. E então? O que você espera que ela faça? Precisa adular. Detesto ver um viúvo. Parece tão desamparado. A mulher e os filhos do pobre homem O'Connor envenenados por mariscos. Desesperado. Não tem jeito. Uma boa matrona de chapeuzinho redondo para cuidar dele. Levá-lo a reboque, com um rosto de lua cheia e um grande avental. Calções de senhoras de flanela cinza, a três shillings o par, uma pechincha espantosa. Feiosa e amada, amada para sempre, dizem. Feia: nenhuma mulher acha que é. Amemos, mintamos e sejamos belas pois amanhã morreremos. Vejo ele às vezes perambulando tentando descobrir quem lhe pregou uma peça. P. C.: para cima. Isso é o destino. Ele, eu não. O mesmo acontece com uma loja como freqüentemente observei. Parece perseguido por uma maldição. Sonhei ontem à noite? Espere. Alguma coisa confusa. Ela estava com uns chinelos vermelhos. Turca. Estava usando calções. E se ela usar? Será que eu gostaria de vê-la de pijama? Danado de difícil de responder. Nannetti partiu. O barco-correio. Perto de Holyhead agora. Preciso fechar negócio com aquele anúncio de Chaves. Utilizar Hynes e Crawford. Anáguas para Molly. Ela tem o que por dentro delas. O que é isso? Pode ser dinheiro.

O Sr. Bloom se inclinou e revirou um pedaço de papel na areia. Aproximou-o dos olhos e examinou. Carta? Não. Não consigo ler. Melhor ir embora. Melhor. Estou cansado para me mexer. Página de um caderno velho. Todos esses furos e seixos. Quem poderia contá-los? Nunca se sabe o que se vai encontrar. Garrafa com história de um tesouro, atirada de um naufrágio. Remessa de pacotes. Crianças sempre querem atirar coisas no mar. Confiança? Pão

atirado ao mar. O que é isso? Pedacinho de vareta.

Ó! Essa fêmea me exauriu. Não sou mais tão jovem. Será que ela vem aqui amanhã? Esperar por ela em algum lugar para sempre. Deve voltar. Os assassinos voltam. E eu voltarei?

Com sua vareta o Sr. Bloom remexeu gentilmente a areia grossa a seus pés. Vou escrever uma mensagem para ela. Pode ser que permaneça. O quê?

Eu.

Algum vagabundo de pé chato vai pisá-la de manhã. Inútil. Destruída pela água. A maré vem até aqui. Vi uma poça perto do pé dela. Eu me inclino, vejo meu rosto ali, um espelho escuro, sopro nele, ele se move. Todas essas rochas com linhas e cicatrizes e letras. Ó, aquelas transparentes! Além disso elas não sabem. Qual é o sentido daquele outro planeta. Eu o chamei de menino levado porque eu não gosto.

Sou. Um.

Não tem espaço. Deixa pra lá.

O Sr. Bloom apagou as letras com uma bota vagarosa. Uma coisa inútil a areia. Nada cresce nela. Tudo some. Nenhum receio de que grandes veleiros venham até aqui. Exceto as barcaças de Guinness. Em volta do Kish em oitenta dias. Fez de propósito a metade.

Ele atirou sua caneta de madeira para longe. A vareta caiu sobre a areia lodosa, ficou fincada. Agora se você tentasse fazer isso durante uma semana sem parar não conseguiria. Acaso. Nunca nos encontraremos novamente. Mas foi gostoso. Adeus, querida. Obrigado. Fez que eu me sentisse tão jovem.

Agora uma soneca se eu tirasse seria ótimo. Devem ser quase nove horas. O barco para Liverpool já partiu há bastante tempo. Nem mesmo a fumaça. E ela pode fazer a outra coisa. Fez mesmo. E Belfast. Eu não vou. Uma corrida para lá, uma corrida de volta para Ennis. Que ele o faça. Vou apenas fechar os meus olhos por um momento. Não vou dormir, porém. Meio sonhando. Nunca é a mesma coisa. Mas novamente. Inofensivo. Apenas uns poucos.

Ó queridinha todo seu branquinho de moça para cima eu vi a sua cinta suja me fez fazer amor pegajoso nós dois levada Grace querida ela ele quatro e meia a cama metem psi coisas anáguas para Raoul para perfumar cabelos negros sua mulher agitar sob a corpulên *señorita* olhos jovens Mulvey fartos seios eu caminhonete de padeiro Winkle chinelos vermelhos ela sono enferrujado perambular anos de sonho voltar no final Agendath desfalecida amada me mostrou seu próximo ano de calçolas retornar proximamente em seu próximo seu próximo.

Um morcego voou. Aqui. Ali. Aqui. Longe no céu cinzento um sino repicou. O Sr. Bloom com a boca aberta, seu pé esquerdo coberto nos lados de areia, se inclinou, respirou. Apenas por alguns

*Cuco*

*Cuco*

*Cuco.*

O relógio no consolo da lareira da casa do padre arrulhou onde Canon O'Hanlon e padre Conroy e o reverendo John Hughes S. J. estavam tomando chá com pão e manteiga e

costeletas fritas de carneiro com molho de tomate e conversando sobre

*Cuco*

*Cuco*

*Cuco*

porque foi um pequeno canário que saiu de sua casinha para dizer a hora que fez Gerty MacDowell notar o tempo em que estava ali porque ela era viva como ela só a respeito dessas coisas, isso Gerty MacDowell era, e ela notou imediatamente que o cavalheiro estrangeiro que estava sentado nas rochas olhando era

*Cuco*

*Cuco*

*Cuco.*

Deshil Holles Eamus. Deshil Holles Eamus. Deshil Holles Eamus. Mande-nos deus da luz, iluminado, Horhorn, fecundação e fruto-do-ventre. Mande-nos deus da luz, iluminado, Horhorn, fecundação e fruto-do-ventre. Mande-nos deus da luz, iluminado, Horhorn, fecundação e fruto-do-ventre.

Hurra meninoummenino hurra! Hurra meninoummenino hurra! Hurra meninoummenino hurra!

Universalmente a sagacidade dessa pessoa é avaliada ser muito pouco perceptiva no que diz respeito a quaisquer questões consideradas muito proveitosas por mortais dotados de sabedoria a serem estudadas por quem é ignorante daquilo que os mais eruditos na doutrina e certamente em razão desse ornamento elevado de seu espírito merecedores de veneração constantemente mantêm quando unanimemente afirmam que outras circunstâncias sendo iguais é a prosperidade de uma nação mais eficazmente afirmada do que na medida de como tão longe possa ter progredido o tributo de sua solicitude por aquela continuidade proliferadora que de males se o original estiver ausente quando afortunadamente o presente constitui o sinal certo do benefício impoluto da natureza todopoderosa. Pois quem é que existe que tenha apreendido algo de algum sentido mas esteja consciente de que esse esplendor externo possa ser a face de uma realidade túrbida que tende a decair ou ao contrário que exista alguém tão pouco iluminado a ponto de não perceber que nenhum dom da natureza pode lutar contra o benefício da proliferação assim cabe a todo cidadão muito justo tornar-se o exortador e admoestador de seus semelhantes e a tremer para que aquilo que no passado foi excelentemente iniciado possa no futuro ser realizado com igual excelência se uma prática imodesta tiver gradualmente denegrido os costumes honrados transmitidos pelos ancestrais àquele ponto de profundidade ao qual seria excessivamente audacioso aquele que tivesse a audácia de se erguer e afirmar que não pode existir para ninguém mais odiosa ofensa do que fazer cair em relegado esquecimento aquela mensagem divina simultaneamente de comando e de promessa lançada sobre todos os mortais com profecia de abundância ou com ameaça de redução daquela exaltada função de procriar sempre reiteradamente e irrevogavelmente ordenada?

Não é por isso portanto que nos perguntaremos se, como relatam os melhores historiadores, entre os celtas, que nada que não admiravam fosse admirável em sua natureza, a arte da medicina deve ser altamente reverenciada. Sem falar nos albergues, leprosários, salas de suar, covas de mortos por peste, seus maiores médicos, os O'Shiels, os O'Hickeys, os O'Lees, que estabeleceram diligentemente os diversos métodos pelos quais os doentes e os que recaíam em doença recuperavam a saúde seja que a doença tivesse sido dança de São Guido ou hemorragia aguda. Certamente em toda função pública que tenha em si algum grau de gravidade deveria haver uma preparação de proporcionada importância e por conseguinte um plano foi por eles adotado (seja por terem considerado previamente ou como amadurecimento

de experiência é difícil de dizer qual as opiniões discrepantes de que subseqüentes investigadores não estão até o presente de acordo em tornar manifesto) pelo qual era afastada qualquer possibilidade de acidente na maternidade de modo que qualquer cuidado que a paciente particularmente necessitava naquela hora mais difícil da mulher e não apenas para as mais fartamente ricas mas também para aquela não suficientemente provida de dinheiro que dificilmente e às vezes nem mesmo dificilmente podia subsistir valentemente e pelo qual um diminuto salário era fornecido.

A ela nada desde então e daí por diante era capaz de qualquer forma molestar pois isso era particularmente sentido por todos os cidadãos exceto no caso das mães fecundas nenhuma prosperidade podia existir e como eles tinham recebido dos deuses da eternidade a procriação de mortais para adaptá-los ao olhar dela, quando o caso vinha a se dar, a parturiente no veículo transportando para lá um desejo imenso no coração de todos uns aos outros incitavam ela ser recebida naquele domicílio. Ó coisa de nação prudente não apenas em ser vista mas até também em ser relatada digna de ser louvada de modo que eles nela por antecipação continuavam a ver a mãe, que subitamente tinha começado a ser tratada com carinho, ela sentia!

Neném não nascido foi mimado. Vivendo no ventre veneração recebeu. Qualquer coisa feita naquele caso era feita folgadoamente. Uma cama por parteiras atendida com comida saudável confortante, os mais limpos cueiros como se tivesse sido dada à luz e por sábia previdência posta: mas para fazer isso há necessidade daquelas drogas e instrumentos cirúrgicos que são próprios ao caso dela sem omitir a visão de todos os espetáculos que distraiam em várias latitudes de nossa orbe terrestre junto com imagens, divinas e humanas, cuja cogitação por mulheres em separado favorece a dilatação ou facilita a expulsão à luz do sol da bela casa bem construída das mães quando, ostensivamente preparadas para serem reprodutivas, se aproxima sua hora de dar à luz, sua hora tendo chegado.

Um certo homem que era viandante parou na porta da casa à aproximação da noite. Do povo de Israel era esse homem que errando pela Terra viajara de bem longe. Forte e banal companheira do homem sua missão o conduzira solitário até aquela casa.

Daquela casa A. Horne é o senhor. Setenta camas ele mantém ali em que mães prolíficas costumam se deitar e suportar dores para dar à luz crianças robustas como o anjo do Senhor anunciou a Maria. Duas vigias caminham ali, irmãs brancas em enfermaria insones. As que padecem dores elas acalmam, a doença amenizam: em doze luas cuidaram de três vezes cem. As mais fiéis servidoras das camas elas são duas, pois para a propriedade de Horne elas fazem a mais cuidadosa vigilância.

Em sua ronda cautelosa a guardiã ouvindo chegar aquele homem manso de coração erguendo novamente o pescoço envolto por um pano para ele abriu bem aberto o portão. Veja, um raio saltando ilumina num pestanejo o firmamento ocidental da Irlanda. Ela teme plenamente que Deus o Destruidor afogue toda a humanidade por causa dos pecados malignos dele. A cruz de Cristo ela traçou em seu peito e o puxou para que ele entrasse rapidamente sob o seu teto. Aquele homem sabendo a vontade dela ser inteligente e valiosa entrou na casa de Horne.

Relutante em molestar e segurando o chapéu na sala de entrada de Horne o solicitante



parou. No lugar dela ele vivera antes com a querida mulher e amada filha ele que por terras e mares vagara por nove longos anos. Certa vez ela no portodacidade o encontrando ele ao cumprimento dela não tirara o chapéu. Que ela o perdoasse agora ele implorava a ela que tinha razão de sobra pois reconhecia ter o rosto dela visto rapidamente, dela, que lhe tinha parecido então tão jovem. Uma rápida luz inflamou os olhos dela, as palavras dele fizeram desabrochar rubores.

Como os olhos dela notassem as roupas dele de luto pesado ela temeu uma desgraça. Contente ficou depois ela que antes tinha temido. A ela ele pediu notícias do doutor O'Hare mandado para a costa distante e ela com um suspiro doloroso lhe respondeu que doutor O'Hare no céu se encontrava. Desolado ficou o homem ao ouvir estas palavras que lhe embrulharam penosamente as entranhas. Tudo ela lhe contou então, a morte entristecedora de um amigo tão jovem, sempre uma recordação dolorosa mas não estava disposta a contestar a sempre certa sabedoria de Deus. Ela disse que ele teve uma bela morte suave através da Bondade Divina com um padre a quem se confessar, a receber a sagrada comunhão e a extrema-unção em seus membros. O homem então muito ansioso em saber perguntou à enfermeira de que morte o falecido tinha morrido e a enfermeira respondeu que ele tinha morrido em Mona Island de câncer no estômago faria três anos no Dia dos Santos Inocentes e ela rogava a Deus Todomisericordioso que mantivesse sua alma em eterna sobrevivência. Ele ouviu as palavras tristes dela, segurando o chapéu e a fitando entristecido. Assim ficaram os dois por um tempo em desespero se lamentando um com o outro.

Portanto, Homem, olha para o teu fim que é a tua morte e ao pó que se agarra a todo homem nascido de mulher pois assim como ele veio nu do ventre de sua mãe assim também nu seguirá ele no final para ir como veio.

O homem que entrara na casa então falou para a enfermeira e lhe perguntou como estava passando a mulher que se encontrava ali em trabalho de parto. A enfermeira lhe respondeu dizendo que aquela mulher estava com as dores do parto já há três dias inteiros e que seria um nascimento penoso difícil de suportar mas que agora dentro de pouco tempo terminaria. Disse além do mais que tinha visto muitos partos de mulheres mas nunca nenhum tão penoso quanto o daquela mulher. Então ela contou tudo para ele pelo fato de que ela conhecia o homem do tempo em que ele morara perto daquela casa. O homem escutava as suas palavras pois ele sentia com espanto o sofrimento das mulheres no trabalho de parto que elas tinham com a maternidade e ele se admirava em ver no rosto dela que era um rosto bonito para qualquer homem admirar e que ela ainda possuía depois de longos anos de serviço. Nove vezes doze fluxos de sangue a censurando por não ter filhos.

E enquanto eles falavam a porta do castelo foi aberta e se aproximou deles um grande barulho dos muitos que estavam sentados ali para comer. E se aproximou do lugar em que eles estavam um jovem cavaleiroaprendiz chamado Dixon. E o viajante Leopold foi cortês com ele visto que tinha acontecido que eles tinham tido a ver um com o outro na casa da misericórdia onde este cavaleiroaprendiz se encontrava pelo fato de o viajante Leopold ter vindo ali para ser curado pois estava severamente ferido no peito pela lança com a qual um horrível e pavoroso dragão o tinha golpeado em cujo ferimento ele tinha posto um curativo de sal volátil e pomada tanto quanto fosse suficiente. E ele disse agora que ia entrar no castelo para se

divertir com aqueles que estavam ali. E o viajante Leopold disse que iria para outro lugar pois ele era um homem prudente e astuto. Além do mais a dama era de sua opinião e censurou o cavaleiroaprendiz embora ela achasse que o viajante tinha dito uma coisa falsa apesar de sua astúcia. Mas o cavaleiroaprendiz não quis ouvir nenhuma recusa nem atender à ordem dela nem ouvir nada contrário ao que pensava e ele disse como se tratava de um castelo maravilhoso. E o viajante Leopold entrou no castelo para descansar por um tempo estando com as pernas doendo depois de muitas caminhadas ao redor de diversas terras e às vezes de caçada.

E no castelo estava posta uma mesa que era de madeira de vidoeiro da Finlândia e era sustentada por quatro anões daquele país mas eles não ousavam se mexer mais por encantamento. E sobre esta mesa estavam espadas e fâças assustadoras feitas numa grande caverna por demônios trabalhadores saídos de chamas brancas que eles fincam nos chifres de búfalos e cervos que ali existem maravilhosamente em abundância. E havia navios feitos por mágica de Mahound de areiador e ar por um feiticeiro com seu sopro que chameja neles como bolhas. E um alimento tão inteiramente lindo e rico estava sobre a mesa que pessoa alguma podia arquitetar um mais abundante e mais rico. E havia uma cuba de prata que se movia para se abrir por sortilégio na qual se encontravam peixes estranhos sem cabeça embora homens descrentes neguem que isso seja uma coisa possível sem eles os verem no entanto assim o são. E estes peixes jazem numa água oleosa trazida para ali das terras de Portugal porque a gordura ali encontrada é igual aos sucos de oliva prensada. E também era uma maravilha ver naquele castelo que como por mágica eles fazem um composto de grãos de trigo da Caldéia que com a ajuda de certos espíritos malignos que se metem ali se intumescem como uma vasta montanha. E eles ensinam às serpentes ali a se enroscar em varas longas que saem do solo e das escamas dessas serpentes eles fermentam uma beberagem como o hidromel.

E o cavaleiroaprendiz verteu uma bebida para o jovemnobre Leopold e enquanto isso serviu além disso todos aqueles que estavam ali que beberam cada um a sua. E o jovemnobre Leopold levantou sua viseira para agradecer a ele e tomou um pouco por amizade pois ele nunca bebia absolutamente nenhum hidromel que ele então pôs de lado e logo muito secretamente esvaziou a maior parte no copo de seu vizinho e seu vizinho não percebeu esta artimanha. E ele se sentou no castelo com eles para descansar ali um pouco. Graças sejam dadas ao Deus Todo-Poderoso.

Neste ínterim esta boa irmã ficou junto à porta e rogou a eles em homenagem a Jesus nosso Senhor soberano de todos que cessassem a sua orgia pois havia no andar de cima uma mulher em trabalho de parto, uma dama gentil, cuja hora estava próxima. Sir Leopold ouviu gritar bem alto no andar superior e se perguntava que grito era aquele se de criança ou mulher e eu me admiro, disse ele, que não esteja terminado ou agora. Me parece que dura demais. E ele estava atento e viu um anfitrião liberal chamado Lenehan naquele lado da mesa que era mais velho do que qualquer um dos outros e por isso eles eram ambos cavaleiros virtuosos naquele empreendimento e também pelo fato de que ele era o mais velho ele falou com ele muito gentilmente. Mas, disse ele, antes que demore demais ela vai parir por obra de Deus e Sua generosidade e ter a alegria de sua gravidez pois ela esperou por muito tempo. E o

anfitrião liberal que havia bebido disse, Aguardando que cada momento seja o seu próximo. Também ele pegou a taça que estava à sua frente pois ele não precisava nunca que alguém pedisse ou desejasse que ele bebesse e, Agora beba, disse ele, totalmente deleitosamente, e ele bebeu até a última gota o mais que pôde à saúde de ambos pois ele era um muito bom homem de seu vigor. E sir Leopold que era o melhor hóspede que jamais se sentou à mesa de doutos e que era o homem mais manso e o mais bondoso que jamais pôs a mão ligeira por baixo de galinha e que era o mais fiel cavaleiro do mundo alguém que sempre prestou delicado serviço para dama gentil bebeu à saúde dele cortesmente na taça. No infortúnio da mulher com assombro ponderando.

Agora deixe-nos falar daquela confraria que estava ali com a intenção de se embebedar se o pudesse. Havia uma espécie de estudantes ao longo de cada lado da mesa, isto é a saber, Dixon assim chamado júnior de Santa Maria da Misericórdia com outros seus companheiros Lynch e Madden, estudantes de medicina, e o anfitrião liberal aquele chamado Lenehan e um de Alba Longa, um Crotthers, e o jovem Stephen que tinha aparência de um noviço que estava na cabeceira da mesa e Costello que os homens chamavam de Punch Costello por atos de mestria continuamente por ele há muito tempo praticados (e de todos eles, o retraído Stephen, era o mais embriagado que ainda pedia mais hidromel) e ao seu lado o manso sir Leopold. Mas eles esperavam pelo jovem Malachi pois ele prometera ter vindo e aqueles que não pretendiam nada de bom disseram que ele tinha rompido sua promessa. E sir Leopold se sentou com eles pois ele tinha grande amizade pelo senhor Simon e por este seu filho o jovem Stephen e por isso sua languidez o aquietou ali depois de suas mais longas perambulações de tal modo que eles o festejaram por aquele tempo da maneira a mais honrosa possível. A compaixão o controlava, o amor o levava à vontade de vagar, embora relutante de partir.

Pois eles eram positivamente estudantes espirituosos. E ele ouviu seus questionamentos de um e de outro em relação a nascimento e justiça, o jovem Madden mantendo que em tal caso considerado era penoso a mulher ter de morrer (pois tinha acontecido um caso alguns anos atrás com uma mulher de Eblana na casa de Horne que agora trespassada além deste mundo e na própria noite seguinte antes de sua morte todos os médicos e boticários tinham trocado opinião sobre o seu caso). E eles disseram ademais que ela devia viver porque no início, eles disseram, a mulher devia parir com dor e portanto aqueles que eram desta imaginação afirmaram como o jovem Madden tinha falado a verdade pois a ele pesava na consciência deixá-la morrer. E muitos e entre estes o jovem Lynch estavam em dúvida se o mundo agora não era mais governado pelo mal que outrora no entanto as pessoas mesquinhas pensavam de outro modo mas nem a lei nem os juizes não ofereciam nenhum remédio. Alívio Deus concede. Mal isso foi dito e todos gritaram a uma só voz não, pela nossa Virgem Santíssima, que a esposa devia viver e o bebê morrer. Em aparência a respeito disso eles ficaram com a cabeça agitada devido ao argumento e devido à bebida mas o anfitrião liberal Lenehan foi pronto em lhes servir cerveja de modo que pelo menos não lhes faltasse alegria. Então o jovem Madden mostrou a todos o caso por completo e quando disse como ela tinha morrido e como pela santa religião por conselho do monge itinerante e que rezava pelas almas dos outros e por uma promessa que fizera a Santo Ulran de Arbraccan seu

honrado marido não queria aceitar a morte dela por meio da qual estavam todos extraordinariamente contristados. Para quem o jovem Stephen disse estas palavras seguintes: O resmungar, senhores, existe também entre as pessoas leigas. Tanto o bebê quanto a mãe agora glorificam seu Criador, um na escuridão do limbo, o outro no purgatório. Mas, graças sejam dadas, o que dizer daquelas almas possíveis de Deus que à noite tornamos impossibilitadas, o que é o pecado contra o Espírito Santo, o Próprio Deus, Senhor e Doador de Vida? Pois, senhores, disse ele, nossa luxúria é breve. Nós somos recursos para essas pequenas criaturas dentro de nós e a natureza tem outras finalidades que não as nossas. Então disse Dixon mais moço a Punch Costello que ele sabe quais os fins. Mas ele estava por demais embriagado e a melhor palavra que pôde sair de si foi que ele jamais desonraria uma mulher quem quer que ela fosse ou esposa ou moça solteira ou amante se lhe coubesse a sorte de ser libertado de seu acesso de paixão de cabeça concupiscente. À vista do que Crotthers de Alba Longa cantou o louvor de Malachi àquela fera o unicórnio como ele certa vez no milênio veio com seu chifre, o outro todo este tempo, dardejado por suas bocas que caçoavam dele, prestando testemunho de tudo e vários pelos engenhos de Santo Foutinus que ele podia fazer qualquer tipo de coisa que cabe ao homem fazer. Nessa altura riram eles todos muito alegremente a não ser o jovem Stephen e o senhor Leopold que nunca ousava rir abertamente demais em razão de um estranho humor que ele nunca trairia e também pelo fato de que ele se apiedava daquela que expunha à vista quem quer que ela pudesse ser ou onde quer que estivesse. Então falou o jovem Stephen altaneiro da mãe igreja que o expulsaria do seu seio, da lei dos cânones, de Lilith, patrona de abortos, da gravidez forjada por um vento de grãos de luz ou pela potência de vampiros boca a boca ou, como diz Virgílio, pela influência do zéfiro ou pela presença de uma mulher menstruada ou se ela se deita com uma mulher com quem seu homem acabou de se deitar, *effectu secuto*, ou por ventura em seu banho de acordo com as opiniões de Averroes e Moisés Maimônides. Ele disse também como no fim do segundo mês uma alma humana era infundida e como em todos nossa santa mãe envolveu sempre as almas para maior glória de Deus enquanto aquela mãe terrena que não era senão uma mãe para parir animallescamente devia morrer pelo cânone pois assim o disse aquele que detém o selo do pescador, o próprio abençoado Pedro em cuja rocha estava assentada a santa igreja. Todos eles solteiros então perguntaram ao senhor Leopold se num caso semelhante ele exporia a pessoa dela a um dano como o de arriscar a vida para salvar vida. Com mente cautelosa ele responderia como convinha a todos e, com a mão repousando no queixo, disse disfarçando, como era seu costume, que como tinha sido informado a ele, que sempre amara a arte da medicina como podia um leigo, e concordando também com sua experiência de um acidente tão raramente visto que era bom para aquela madre igreja provavelmente de um só golpe receber doação por nascimento e morte e dessa maneira habilmente ele escapou às perguntas deles. Isso é verdade, certamente, disse Dixon, e, ou estou enganado, uma palavra fecunda. O que ouvindo o jovem Stephen se sentiu maravilhosamente contente e asseverou que aquele que rouba dos pobres empresta a Deus pois ele tinha um comportamento impetuoso quando estava bêbado e isso ele estava agora como logo depois o demonstrou.

Mas sir Leopold estava muito circunspecto apesar de suas palavras porque ele ainda estava com pena da gritaria aterrorizante das mulheres estridentes em seu trabalho de parto

como ele se lembrava de sua boa dama Marion que tinha parido para ele um único filho-homem o qual no seu décimo primeiro dia de vida tinha morrido e arte alguma de homem pudera salvar tão sombrio é o destino. E ela estava extraordinariamente ferida no coração por aquele acontecimento funesto e para o enterro fez para ele um corselete de lã de carneiro, a nata do rebanho, para que ele não percesse totalmente e jazesse enregelado (pois se estava quase no meio do inverno) e agora sir Leopold que não tinha de seu corpo nenhum filho homem por herdeiro considerava aquele que era de seu amigo o filho e estava confinado em desgosto por sua felicidade que já se fora e tão triste ele estava por lhe faltar um filho de tão gentil coragem (pois todos o tinham por suas sólidas virtudes) assim ele se lastimava também em não menor proporção pelo jovem Stephen pois que ele vivia desenfreadamente com aqueles vagabundos e destruía seus bens com prostitutas.

Por volta daquele momento o jovem Stephen encheu todas as taças que permaneciam vazias de modo que não restou senão um pouco mais da bebida se o mais prudente não tivesse protegido a aproximação daqueles que ainda a ofereciam muito diligentemente que, rezando pelas intenções do soberano pontífice, ele lhes oferecia como penhor o vigário de Cristo que é igualmente como ele disse o vigário de Bray. Agora bebamos nós, citou ele, desta tigela e tomem vocês um gole desta beberagem que não é de fato uma parcela do meu corpo mas a personificação da minha alma. Deixem vocês uma fração de pão para aqueles que só vivem de pão. Não tenham medo também de qualquer coisa que lhes falte pois isto os confortará mais do que a outra falta os consternará. Vejam vocês aqui. E ele lhes mostrou moedas reluzentes do tributo e notas de ourives no valor de duas libras e dezenove shillings que ele tinha, disse ele, por uma canção que tinha escrito. Eles todos se admiraram ao ver as ditas riquezas em tal escassez de dinheiro como a que estava anteriormente ali. As palavras dele foram as seguintes como se segue: Saibam todos os homens, disse ele, que as ruínas do tempo constroem mansões de eternidade. O que isso quer dizer? O vento do desejo destrói o espinheiro mas depois ele se transforma de um arbusto de sarça em uma rosa sobre a cruz do tempo. Prestem atenção ao que eu digo. No ventre da mulher a palavra se faz carne mas no espírito do criador toda carne que passa se torna a palavra que jamais passará. Esta é a pós-criação. *Omnis caro ad te veniet*. Não há dúvida de que seja poderoso o nome daquela que teve no ventre o querido corpo de nosso Resgatador, Curador e Pastor, nossa poderosa mãe e mãe muito venerada e Bernardo disse apropriadamente que Ela tem uma *omnipotentiam deiparae supplicem*, seja dito, uma onipotência de petição porque ela é a segunda Eva e ela nos converteu, disse também Agostinho, enquanto a outra, nossa mãe-grande, à qual estamos ligados por sucessivas anastomoses de cordões umbilicais nos vendeu a todos, estirpe, raça e geração, por uma semente de um vintém. Mas aqui está agora a questão. Ou ela o conheceu, naquele segundo digo eu, e ele não foi senão uma criatura da criatura dela, *vergine madre, figlia di tuo figlio*, ou ela não o conheceu e então permanece na negação ou ignorância com Pedro Piscator que mora na casa que Jack construiu e com José o carpinteiro padroeiro da morte feliz de todos os casamentos infelizes, *parce que M. Léo Taxil nous a dit que qui l'avait mise dans cette fichue position c'était le sacré pigeon, ventre de Dieu! Entweder* transsubstancialidade *oder* consubstancialidade mas de forma alguma subsubstancialidade. E todos clamaram que ela era uma palavra muito desprezível. Uma gravidez sem alegria, disse ele, um parto sem dor, um

corpo sem mancha, um ventre sem grandeza. Que os torpes venerem com fé e fervor. Com determinação nós opoemos, negaremos.

Seguindo-se a isto Punch Costello martelou com seu punho na mesa e quis cantar uma canção humoristicamente indecente *Staboo Stabella* sobre uma garota que ficou prenhe de um ferrabrás em Almanya cujo refrão ele atacou imediatamente:

– *Nos três primeiros meses ela não estava bem, Staboo* ,

quando nesta altura a enfermeira Quigley da porta raivosamente ordenou-lhes que silenciassem vocês deviam se envergonhar nem era apropriado como ela os lembrava que estivessem ali sua intenção era ter tudo em ordem quando lorde Andrew viesse porque ela era zelosa de seu trabalho de modo que nenhuma confusão inútil empanasse o merecimento de sua guarda. Tratava-se de uma idosa e triste matrona de aparência tranqüila e andar cristão, com traje escuro adequado ao seu desânimo e rosto enrugado, nem deixou seu pedido exortativo de produzir efeito pois Punch Costello incontinente foi por todos eles censurado e eles protestaram contra o mal-humorado com rudeza civilizada alguns e o sacudiram com ameaça de bajulação outros enquanto todos eles o repreenderam, um morrinha a se apoderar dos toleirões, que diabos ele pretendia, seu miserável, seu fracalhão, seu nascido ilegítimo, seu libertino, seu miúdo de porco, sua prole de rebelde, sua represaderramada, seu aborto seu, para calar sua conversa fiada de bêbado como uma praga de imitador de Deus, o bom senhor Leopold que tinha por emblema a flor da serenidade, a delicada mangerona, advertindo também que o acontecimento daquela hora era muito sagrado e muito digno de ser muito sagrado. Na casa de Horne devia o repouso reinar.

Para encurtar este combate mal tinha ele terminado quando mestre Dixon de Mary em Eccles, com um sorriso atraente, perguntou ao jovem Stephen qual a razão pela qual ele não tinha concedido fazer os votos de frade e ele lhe respondeu obediência no ventre materno, castidade na tumba mas pobreza involuntária todos os seus dias. A isto mestre Lenehan retornou que tinha ouvido falar daqueles feitos iníquos e como, quando tinha ouvido contar a este respeito, ele, Stephen, tinha manchado a virtude lirial de uma mulher confiante o que era corrupção de menores e todos eles se manifestaram também, ficando alegres e brindando à saúde de sua paternidade. Mas ele declarou peremptoriamente que tudo isso era inteiramente contrário à suposição deles pois ele era o eterno filho e o sempre virgem. Nessa altura a alegria cresceu ainda mais dentro deles e eles recitaram para ele seu curioso ritual do matrimônio de despir e deflorar as esposas, como os padres costumam fazer na ilha de Madagascar, ela com um traje branco e açafão, seu noivo de branco e vermelho, com queimação de nardo e círios, num leitonupcial enquanto sacristãos cantavam *kyries* e a antífona *Ut novetur sexus omnis corporis mysterium* até que ela ficasse ali desvirginada. Ele lhes apresentou então um mínimo e admirável hino de himeneu por aqueles poetas delicados mestre John Fletcher e mestre Francis Beaumont que está no *Tragédia da Donzela* deles que foi escrito para um semelhante enlace de amantes: *Para a cama, para a cama* era o dever de ser tocado com o acompanhável concerto de sons sobre os virginais. Um primoroso e suave epitalâmio de persuasão muito amolecedora para os jovens amatórios aos quais as odoríficas tochas dos padrinhos escoltaram até o palco quadrúpede da comunhão conjugal. Em boas palavras eles estavam, disse mestre Dixon, deleitados, mas, escute, jovem senhor, melhor

seria eles serem chamados Beau Mont e Lecher pois, para falar a verdade, de tal fusão muita coisa podia advir. O jovem Stephen disse realmente do que ele bem se lembrava eles tinham apenas uma amásia entre eles e ela do bordel aprendera a encantá-los com delícias amorosas pois naqueles tempos os sentimentos eram muito exaltados e o costume do país aprovava isso. Não existia amor maior, disse ele, do que aquele de um homem entregar sua mulher ao seu amigo. Vai e faz o mesmo. Assim, ou com palavras nesse sentido, falou Zaratustra, outrora professor catedrático de preservativos da Universidade de Oxtail nem jamais existiu um homem ao qual a humanidade tenha devido mais. Traga um estranho para a sua torre e vai ser difícil mas você terá a segundamelhor cama. *Orate, fratres, pro memetipso*. E todo mundo dirá, Amém. Lembra-te, Erin, da tua geração e dos teus velhos tempos, como fizeste pouco de mim e de minha palavra e trouxeste um estranho para a minha porta para cometer fornicção à minha vista para engordar e chutar como Jeshurum. Portanto pecaste contra minha luz e me fizeste, tu meu senhor, ser o escravo de servos. Volta, volta, Clan Milly: não me esqueças, Ó Milésio. Por que cometeste esta abominação diante de mim de modo que me rejeitaste por um comerciante de jalapas e me negaste ao romano e ao indiano de linguagem obscura com quem tuas filhas se deitaram com luxúria? Olha agora à tua frente, meu povo, para a terra do comando, desde Horeb e de Nebo e de Pisgah e dos Chifres de Hatten até a terra que flui com leite e dinheiro. Mas tu me amamentaste com um leite azedo: minha lua e meu sol tu extinguiste para sempre. E me deixaste sozinho para sempre nos caminhos sombrios da minha amargura: e com um beijo de cinzas beijaste a minha boca. Esta tenebrosidade do íntimo, prosseguiu a dizer, não foi iluminada pela agudeza da Bíblia dos Septuaginta nem sequer mencionada pois o Oriente que vem de cima Que trava as portas do inferno visitou a escuridão que era totalmente remota. Atrocidades minoradas pelo hábito (como disse Tullius Cícero de seus queridos estóicos) e Hamlet pai não mostrou ao príncipe nenhuma bolha de combustão. O adíafano no meridiano da vida é uma praga do Egito que nas noites da pré-natividade e pós-mortalidade é seu mais adequado *ubi* e *quomodo*. E como as finalidades e os fins de todas as coisas se conciliam de certo modo e medida com seus começos e origens, essa mesma conciliação múltipla que leva ao crescimento desde o nascimento realizando por uma metamorfose regressiva aquela diminuição e ablação tendendo para o termo final que é do agrado da natureza assim se passa com nosso ser terreno. As irmãs idosas nos arrastam para a vida: nós nos lamentamos, engordamos, brincamos, nos abraçamos, nos estreitamos, nos separamos, minguamos, morremos: sobre nós mortos elas se inclinam. Primeiro, salvo das águas do antigo Nilo, entre juncos, um leito de vergas entrelaçadas: por fim a cavidade de uma montanha, um sepulcro oculto em meio ao clamor do lince e da águia-pescadora. E como nenhum homem conhece o local de seu túmulo nem por que processos seremos por ali introduzidos nem se para Tophet ou Edenville da mesma maneira tudo nos é oculto quando desejaríamos ver para trás de que região longínqua a essência de nossa entidade foi buscar sua procedência.

Ademais Punch Costello bradou essencialmente a *Etienne Chanson* mas ele lhes ordenou aos gritos, vejam, a sabedoria construiu para si uma casa, esta vasta majestosa abóbada há muito tempo estabelecida, o palácio de cristal do Criador, tudo em perfeita ordem, um níquel para quem encontrar o grão de ervilha.

– *Olhe a mansão cuidada por Jack o espertalhão*

*Veja o malte guardado em sacos de montão*

*No acampamento circular de Jackjanjão.*

Um barulho como um estampido sombrio aqui na rua, ai de mim, vociferou de volta. Alto à esquerda Thor trovejou: com ira terrível o lançadordomartelo. Veio em seguida a tempestade que silenciou seu coração. E mestre Lynch lhe solicitou ter o cuidado de não zombar e se exceder visto que o ser divino estava zangado com sua tagarelice infernal e paganismo. E ele que tinha anteriormente desafiado ser tão valente ficou pálido como podiam todos ver e se encolheu todo e sua auto-estima que estivera antes tão confiantemente elevada estava agora de repente bem depenada e seu coração tremia na prisão do seu peito enquanto ele saboreava o rumor daquela tempestade. Então alguns zombaram e alguns escarneceram e Punch Costello caiu de rijo nele o que mestre Lenehan prometeu que o faria depois e realmente o fez apenas uma palavra e um golpe sobre qualquer um deles. Mas o gabola fanfarrão gritou que um velho Papaininguém estava bêbado e estava muito indiferente e ele não ia ficar atrás de seu comando. Mas isto foi dito apenas para mascarar seu desespero visto que acovardado ele se agachou no salão de Horne. Ele bebeu na verdade de um só trago para se armar de coragem pois todo o céu trovejava demorada e retumbantemente de modo que mestre Madden, tendo sido devoto por algum tempo, bateu nas suas costas ao estampido do juízo final e mestre Bloom, ao lado do fanfarrão, falou com ele com palavras tranqüilizadoras para adormecer seu imenso medo, advertindo-o de que não se tratava de outra coisa senão de um ruído de tumulto que ele ouvira, a descarga de fluido do cúmulo da trovoada, você entende, que estava ocorrendo, e tudo da ordem de um fenômeno natural.

Mas será que o medo do jovem Gabolainsensível foi vencido pelas palavras do Tranqüilizador? Não, pois ele tinha cravado no peito um espigão chamado Amargor ao qual ele não podia pôr fim por meio de palavras. E não era ele então nem calmo como um nem devoto como o outro? Ele não era nem uma coisa nem outra por mais que ele desejasse ser uma coisa ou outra. Mas não poderia ele ter se esforçado em reencontrar como em sua juventude a garrafa Santidade com a qual ele vivia então? Na verdade não pois a Graça não estava ali para encontrar aquela garrafa. Ouviu ele então naquele estampido a voz do deus Gerador ou, o que disse o Tranqüilizador, um tumulto de Fenômeno? Ouviu? Ora, ele não podia deixar de ouvir a menos que tivesse vedado para si o canal Compreensão (o que não fizera). Pois através desse canal ele viu que estava na terra do Fenômeno em que ele devia por certo um dia morrer visto que ele era como os restantes uma manifestação efêmera. E ele não queria aceitar morrer como os demais e se extinguir? De modo nenhum ele aceitaria mesmo que tivesse de fazer mais cenas como as que os homens fazem com suas mulheres que o Fenômeno os ordenou a fazer no livro da Lei. Então ele não tinha nenhum conhecimento daquele outro país que é chamado de Creia-em-Mim, que é o país da promessa que convém ao rei Aprazível e existirá para sempre onde não há morte e nenhum nascimento nem tomar por esposa nem cuidar de filho para o qual todos virão tantos quantos os que acreditam nele? Sim, Piedoso lhe falara desse país e Casto lhe apontara o caminho mas o fato é que no caminho ele se deparou com uma certa prostituta de exterior agradável à vista cujo nome, ela disse, era Pássaro-na-Mão e ela o desviou com artimanhas da verdadeira trilha por meio de suas bajulações que disse a ele como, Oi, meu belo homem, vire-se para cá e eu lhe mostrarei um



lugar esplêndido, e ela o adou de tal maneira que o atraiu para a sua gruta que é chamada de Dois-Voando ou, por algumas pessoas doudas, Concupiscência Carnal.

Isto era o que todo aquele grupo que estava sentado ali na mesa na Mansão das Mães mais ansiava e se encontrassem esta prostituta Pássaro-na-Mão (que estava dentro de todas as pragas nefandas, monstros e um demônio maligno) eles se esforçariam ao máximo para correr atrás dela e conhecê-la. Pois em relação a Creia-em-Mim eles diziam que não era nada mais do que uma noção e não podiam fazer idéia do que fosse pois, primeiramente, Dois-Voando para onde ela os atraiu era a melhor gruta do mundo e nela estavam quatro travesseiros nos quais havia quatro bilhetes impressos, Pendurada-nas-Costas e De-Pernas-pro-Ar e Envergonhada e Lado-a-Lado e, em segundo lugar, eles não gostavam daquela praga nefanda Onivenérea e dos monstros pois Preservativo lhes tinha dado um escudo sólido de tripa-de-boi e, em terceiro lugar, que eles também não se deixariam atingir pela Prole que era aquele demônio maligno em virtude do mesmo escudo que se chamava Matarcriança. Assim estavam todos eles em sua fantasia cega, Sr. Sofisma e Sr. Às-vezes Divino, Sr. Chimpanzé de Cerveja, Sr. Falso Anfitrião Liberal, Sr. Delicado Dixon, Jovem Gabola e Sr. Tranqüilizador Cauteloso. No que, Ó desgraçado grupo, estavam todos vocês enganados pois aquela era a voz do deus que estava com uma raiva tão intensa que logo levantaria seu braço e derrubaria suas almas por causa de seus insultos e os extravasamentos deles feitos por eles contrários à palavra dele que gerar ardentemente ordena.

Assim na quinta-feira dezesseis de junho Patk. Dignam depositado no barro devido a um ataque de apoplexia e depois de severa seca, graças a Deus, choveu, um barqueiro vinha pela água de uma distância de cinqüenta milhas ou cerca disso carregado de turfa dizendo que a semente não ia germinar, os campos estavam sedentos, com uma cor muito triste e um cheiro fortemente desagradável, os atoleiros e as propriedades rurais também. Difícil de respirar e todas as novas sebes completamente consumidas sem chuvisco muito tempo atrás como ninguém se lembrava de ter estado assim antes. Todos os brotos rosados tornados marrons e glóbulos espalhados e sobre as colinas nada a não ser gladiolos e feixes secos prestes a se incendiar ao primeiro sinal de fogo. O mundo inteiro dizendo, por algo que sabiam, que o vento possante do fevereiro do ano passado que fez um estrago tão impiedoso na terra foi uma coisa insignificante ao lado desta secura. Mas logo, como foi dito, esta noite depois do pôr do sol, o vento se pondo a oeste, nuvens grandonas e infladas podiam ser vistas à medida que a noite avançava e os previsores do tempo olhando para elas e algumas camadas de raios a princípio e depois, passadas as dez horas, um grande golpe com um longo trovão e num contravento de tremores todos correram impulsivamente desordenadamente para dentro de casa devido à chuarada fumegante, os homens protegendo seus chapéus de palha com um pedaço de pano ou lenço, as mulheres saltando fora com saias arregaçadas desde que o aguaceiro chegou. Em Ely Place, Baggot Street, Duke's Lawn, dali através de Merrion Green até Holles Street um marulhar de água correndo no que estava antes bem seco e nem uma cadeira ou coche ou fiacre visto à volta mas nem mais um estalido depois daquele primeiro. Em frente da porta do Muito Ilustre Sr. Juiz Fitzgibbon (que deve ter assento com o Sr. Healy advogado a respeito das terras do College) Mal. Mulligan o camareiro de um cavalheiro que acabava de sair da casa do escritor Sr. Moore (que era um papista mas é agora, ao que se diz,

um bom Williamita) encontrou por acaso Alec Bannon de cabelo curto (que agora seguem a moda com capas de baile Kendal Green) que acabavam de chegar à cidade vindo de coche de Mullingar onde seu primo e o irmão de Mal. Mull. vão permanecer um mês até a festa de Santo Swithin e pergunta o que afinal de contas ele está fazendo ali, ele de volta à casa e o outro para ficar na casa de Andrew Horne para esvaziar uma taça de vinho, ao que ele disse, mas queria lhe falar a respeito de uma rapariga frívola, grande para sua idade e de pernas grossas, e o tempo todo jorrava chuva e então os dois juntos foram para a casa de Horne. Ali Leop. Bloom do jornal de Crawford sentado confortavelmente com um grupo de pândegos, possivelmente camaradas briguentos, Dixon jun., estudante de Nossa Senhora da Misericórdia, Vin. Lynch, um camarada escocês, Will. Madden, T. Lenehan, muito triste por causa de um cavalo de corrida no qual acreditara e Stephen D. Leop. Bloom ali por uma fraqueza que tivera mas estava agora melhor, ele tendo sonhado esta noite um sonho estranho com sua dama Sra. Moll com chinelos vermelhos e calção de banho turco que é considerado pelos videntes como sinal de mutação e a Sra. Purefoy ali, que entrou apelando para a gravidez, e agora com os pés amparados elevados em trabalho de parto, pobre criatura, já dois dias depois do tempo previsto, as parteiras apesar de seus esforços não conseguindo fazer a criança nascer, ela enjoada devido a uma tigela de água de arroz que é um sutil secador das entranhas e sua respiração muito pesada mais do que o necessário e pelos sofrimentos devia ser um meninão, segundo dizem, mas que Deus lhe dê um breve desfecho. É seu nono filhote a viver, que eu saiba, e no dia da Anunciação da Virgem Maria ela roeu as unhas do último filhote que tinha então doze meses e com os outros três todos amamentados que morreram como estava escrito com uma bela letra na bíblia do rei. Seu marido de cinquenta e poucos anos e um metodista mas que recebe os sacramentos e pode ser visto todo belo *sabbath* com um par de seus filhos homens fora da enseada de Bullock lançando o anzol de pesca com um molinete fortemente travado ou num bote que ele tem arrastando na rede linguado e pescada e apanha uma boa sacola, ao que parece. Em suma uma pancada de chuva infinitamente grande e tudo refrescado e a colheita vai aumentar muito no entanto aqueles que têm conhecimento dizem que depois do vento e da água virá o fogo de acordo com um prognóstico do almanaque de Malachi (e eu ouvi dizer que o Sr. Russell fez uma predição profética do mesmo teor extraída do hindustani para sua gazeta do fazendeiro) que diz que são sempre três coisas ao todo mas isto um mero truque sem fundamento da razão para mulheres velhas e murchas e crianças embora às vezes elas se encontrem numa estimativa correta com suas esquisitices sem que se saiba como.

Com isto avançou Lenehan para a extremidade da mesa para dizer como a carta estava na gazeta da noite e fez uma onda ao procurá-la à sua volta (pois ele jurava de pés juntos que se esforçara muito por causa dela) mas persuadido por Stephen ele desistiu da busca e foi solicitado a sentar-se perto deles o que ele fez muito animadamente. Ele era uma espécie de cavalheiro folgazão que se dava o gênero de um bufão ou de um honesto traquinas e se se tratava de mulheres, cavalos ou de um escândalo cabeludo ele traçava oportunamente. Para dizer a verdade ele era pobre de haveres e na maior parte do tempo suspirava pelos cafés e tabernas humildes na companhia de ludibriadores, cavaliços, corretores de apostas, parasitas, corredores, aprendizes, galanteadores, damas de bordel e outros trapaceiros da jogada ou com o viável assistente de xerife ou um beleguim freqüentemente às noites até o dia

raiar dos quais recolhia entre doses de vinho branco espanhol muito fuxico. Ele fazia sua refeição num restaurante de baixa categoria e se ele tivesse posto no estômago uma porção rudimentar de alimento ou um prato grande de tripas com apenas seis pence na carteira ele podia sempre se virar com a sua fala, com algum gracejo libidinoso que ouvira de uma prostituta ou o que quer que fosse que faria todos os filhos-da-mãe estourar de rir. O outro, isto é Costello, ouvindo esta conversa perguntou se era poesia ou conto. Na verdade, não, diz ele, Frank (era esse o seu nome) trata-se de tudo acerca das vacas Kerry que vão ser abatidas por causa da epidemia. Mas por mim elas podem se danar, diz ele com um piscar de olhos, com seu bife de primeira, coberto de varíola. Há um tão bom peixe nesta lata como jamais se viu e muito amavelmente ele lhes ofereceu alguns pedaços de arenque salgado que havia ali que ele tinha olhado com olhos cobiçosos naquele meio-tempo e achou o lugar certo que era de fato o principal objetivo de seu empenho visto que ele estava faminto. *Mort aux vaches*, diz Frank então na língua francesa que tinha aprendido com um expedidor de água ardente que tem uma casa de vinhos em Bordeaux e ele também falava francês como um cavalheiro. Desde criança este Frank tinha sido um biltre que o pai, um insignificante policial, que mal pudera mantê-lo na escola para aprender as letras e o uso dos globos, matriculou na universidade para estudar mecânica mas ele tomou o freio nos dentes como um potro despreparado e era mais familiarizado com o oficial de justiça e o bedel da paróquia do que com seus livros. Ora ele era um ator, ora era um vivandeirola ou um caloteiro, ora nada o mantinha longe de um ringue de luta de urso com cachorros e de uma briga de galos, ora eram as águas do oceano que o atraíam ou caminhar pelas estradas com os ciganos, raptando o herdeiro de um senhor rural sob a luz do luar ou furtando a roupa de cama das lavadeiras ou estrangulando galinhas atrás de uma sebe. Ele tinha escapado tantas vezes quantas são as vidas de um gato e voltado de novo de bolsos vazios tantas vezes mais para seu pai o insignificante policial que derramava uma quantidade de lágrimas toda vez que o via. O quê, diz o Sr. Leopold, com as mãos cruzadas, que estava aflito em saber o rumo da história, vão abater todas? Eu garanto que as vi esta manhã mesmo indo para os barcos de Liverpool, diz ele. Mal posso acreditar que a situação esteja tão ruim assim, diz ele. E ele tinha experiência com esse tipo de raça de animais e de bezerros, porcos gordurosos e lã de carneiro, tendo sido alguns anos antes escriturário para o Sr. Joseph Cuffe, um conceituado vendedor que fazia negócio de gado e leilões de gado nas pastagens bem ao lado do pátio do Sr. Gavin Low em Prussia Street. Eu questiono isso aí, diz ele. Parece mais se tratar de doença pulmonar de gado ou actinomicose. O Sr. Stephen, um pouco emocionado, disse-lhe no entanto muito elegantemente não se tratar de nada disso e que tinha recebido missivas do principal especialista do problema sério de gado do imperador o agradecendo por sua hospitalidade, e que estava lhe enviando o doutor Rinderpest, o mais renomado saca-boi de toda Moscóvia, com um ou dois bolos de remédio para pegar o touro à unha. Ora, ora, diz o Sr. Vincent, pondo as cartas na mesa. Ele vai se ver nas garras de um dilema se ele se meter com um touro que é irlandês, diz ele. Irlandês de nome e irlandês por natureza, diz o Sr. Stephen, e derramava a cerveja por todo lado, um touro irlandês numa loja de louça inglesa. Eu o compreendo, diz o Sr. Dixon. É o mesmo touro que foi mandado à nossa ilha pelo fazendeiro Nicholas, o mais intrépido criadordegado de todos, com uma argola de esmeralda no nariz. Você está certo, diz o Sr. Vincent do outro lado da

mesa, e um olhardetouro na barganha, diz ele, e jamais um touro mais gordo e mais corpulento cagou no trevo. Ele tinha chifres em abundância, um casaco de tecido de ouro e uma respiração suave fumegante exalando de suas narinas de modo que as mulheres de nossa ilha, deixando bolas de massa e rolos de pastelaria, o seguiam suspensas em sua touricidade por cadeias de margaridas. O que dizer disso, diz o Sr. Dixon, mas antes que ele chegasse o fazendeiro Nicolau que era um eunuco o fez ser devidamente castrado por uma junta de doutores que não estavam em melhor situação do que ele. Assim saia agora, diz ele, e faça tudo o que meu primo-irmão lorde Harry lhe disser e receba a bênção de um fazendeiro, e com isso ele lhe deu uma sonora palmada no seu traseiro. Mas a palmada e a bênção o mantiveram amigo, diz o Sr. Vincent, pois para compensar ele lhe ensinou um truque que valeu pelos outros dois de modo que moça, esposa, abadessa e viúva até os dias de hoje afirmam que preferiam qualquer dia do mês sussurrar no ouvido dele no escuro de um estábulo ou serem lambidas no pescoço por sua santa e longa língua do que se deitar com o melhor e mais robusto jovem violador dos quatro cantos de toda a Irlanda. Um outro então acrescentou com sua palavra: E eles o vestiram, diz ele, com uma camisa de mulher de rendas e uma anágua com uma estola e faixa e franzidos nos punhos e apararam seu topete e o esfregaram todo com óleo de espermacete e construíram estábulos para ele em cada curva da estrada com uma manjedoura de ouro em cada um deles cheio do melhor feno do mercado para que ele pudesse dormir e estercar à vontade. Nesta altura o pai dos fiéis (pois assim o chamavam) tinha ficado tão pesado que mal podia andar para o pasto. Para isso remediar nossas frustradas damas e donzelas traziam-lhe sua forragem nas dobras de seus aventais e assim que a barriga dele estava cheia ele se levantava nas suas patas traseiras para mostrar às suas senhorias um mistério e rugir e urrar na linguagem dos touros e elas todas atrás dele. Sim, diz um outro, e tão mimado era ele que não admitia que nada fosse plantado em toda aquela terra a não ser grama para si (pois essa era a única cor que existia para ele) e havia uma tabuleta posta num outeiro no meio da ilha com um aviso impresso, dizendo: Por lorde Harry, Verde é a grama que cresce no solo. E, diz o Sr. Dixon, se jamais ele farejasse um pecuarista de Roscommon ou das florestas de Connemara ou um agricultor de Sligo que estivesse semeando um punhado que fosse de mostarda ou um saco de semente de colza ele investiria furiosamente contra metade da zona rural desenterrando com seus chifres o que quer que estivesse plantado e tudo por ordem de lorde Harry. A princípio houve desentendimento entre eles, diz o Sr. Vincent, e lorde Harry chamou o fazendeiro Nicholas de todos os Nics do mundo e de velho devasso que mantinha sete rameiras em sua casa e vou me intrometer em seus negócios, diz ele. Vou fazer aquele animal sentir o cheiro do inferno, diz ele, com a ajuda daquele bom pênis de animal que meu pai me legou. Mas uma noite, diz o Sr. Dixon, quando lorde Harry estava limpando sua pele real para ir jantar depois de ganhar numa corrida de barco (ele tinha remos-pás para si mas a primeira regra da corrida era que os outros deviam remar com forçados) ele descobriu em si uma extraordinária semelhança com um touro e ao pegar um livrinho de contos manchado pelos polegares que ele guardava na despensa descobriu com certeza que ele era um descendente ilegítimo do famoso touro campeão dos romanos, *Bos Bovum*, que é uma boa privada latina para chefão do espetáculo. Depois disso, diz o Sr. Vincent, o lorde Harry pôs a cabeça dentro do bebedouro de uma vaca na presença de todos os seus cortesãos e

retirando-a para fora novamente disse a todos eles seu novo nome. Então, com a água escorrendo dele, ele se meteu numa velha bata e saia que tinham pertencido à sua avó e comprou uma gramática de linguagem de touros para estudar mas não conseguiu nunca aprender uma palavra sequer dela exceto o primeiro pronome pessoal que copiou com letra grande e decorou e se jamais ele saía para passear enchia seus bolsos de giz para escrevê-lo onde quer que cogitasse num lado de uma rocha ou numa mesa de casa de chá ou num fardo de algodão ou numa cortiçaflutuante. Em resumo, ele e o touro da Irlanda em breve eram tão íntimos amigos quanto um sovaco e uma camisa. Eles o eram, diz o Sr. Stephen, e o resultado foi que os homens da ilha vendo que não havia nenhum socorro para eles, como as ingratas mulheres tinham todas a mesma coisa em mente, fizeram uma balsa tipo barçaça, carregaram-na com as suas pessoas e suas trouxas de bens móveis a bordo, ergueram todos os mastros, guarneceram as vergas, puseram o leme de ló, meteram de capa, enfunaram as três velas, puseram a cabeça da embarcação entre o vento e a água, levantaram âncora, voltaram o leme para bombordo, proclamaram-se piratas, soltaram três vivas, soltaram as amarras, desatracaram seu barco e se puseram ao largo para redescobrir o continente da América. Ocasão esta, diz o Sr. Vincent, da composição por um contramestre daquela cantiga folgazã:

– *Pedro, o papa, não passa de um mijão.*

*Mas não deixa de ser homem não.*

Nosso digno conhecido Sr. Malachi Mulligan agora apareceu na porta quando os estudantes terminavam seu apólogo acompanhado por um amigo que tinha acabado de reencontrar, um jovem cavalheiro, de nome Alec Bannon, que tinha chegado recentemente à cidade, sendo sua intenção comprar uma insígnia ou comissão militar nas unidades militares e se alistar para as guerras. O Sr. Mulligan foi suficientemente civilizado em expressar alguma satisfação com isso além do fato de que isso coincidia com um projeto dele próprio para a cura do mal que tinha sido discutido. À vista do que ele distribuiu à volta para o grupo um conjunto de cartões de papelão que imprimira naquele dia no Sr. Quinnell trazendo uma legenda impressa em belos itálicos: *Sr. Malachi Mulligan. Fertilizador e Incubador. Lambay Island.* Seu projeto, como prosseguiu expondo, era o de se retirar do terreno dos prazeres ociosos como os que constituem o principal negócio do senhor Fopling Popinjay e senhor Milksop Quidnunc na cidade e se dedicar à tarefa mais nobre para a qual nosso organismo humano foi moldado. Bem, deixe-nos ouvir sobre isso, meu bom amigo, disse o Sr. Dixon. Não tenho dúvida de que isso cheira a prostituição. Venham, sentem-se, os dois. Custa tanto para sentar quanto para ficar em pé. O Sr. Mulligan aceitou o convite e, discorrendo sobre seu intento, disse aos seus ouvintes que tinha sido levado a este pensamento por uma consideração das causas de esterilidade, tanto a inibitória quanto a proibitória, se a inibição por sua vez fosse devida a vexames conjugais ou a uma parcimônia de equilíbrio assim como se a proibição procedesse de defeitos congênitos ou de predisposições adquiridas. Doía-lhe profundamente, disse ele, ver o leito nupcial privado de suas mais caras promessas: e refletir sobre tantas mulheres agradáveis dotadas de ricos quinhões, como uma presa dos mais vis monges budistas, que escondem seus próprios méritos num claustro incompatível ou perdem seu frescor feminino nos braços de algum bonitinho enigmático quando poderiam multiplicar suas enseadas de felicidade, sacrificando a inestimável jóia de seu sexo quando uma centena

de belos homens estavam à mão para acariciá-las, isto, ele lhes assegurava, fazia seu coração chorar. Para pôr um freio neste inconveniente (que ele concluía ser devido a uma supressão de calor latente), tendo se aconselhado com alguns conselheiros de peso e inspecionado esta matéria, ele tinha resolvido comprar para sempre com simples pagamento o domínio absoluto da ilha Lambay de seu proprietário, lorde Talbot de Malahide, um cavalheiro *tory* de renomada que tinha muito crédito junto ao partido predominante. Ele propôs estabelecer ali uma fazenda nacional fertilizante que se chamaria *Omphalos* com um obelisco talhado e erguido segundo o estilo do Egito e oferecer seus prestimosos serviços de pequeno proprietário rural para a fecundação de qualquer mulher qualquer que fosse sua condição social que se voltasse ali para ele com o desejo de preencher as funções de sua natureza. Dinheiro não era o problema, disse ele, nem ele aceitaria nenhum vintém pelo seu trabalho. A mais pobre cozinheira assim como a mais opulenta dama da moda, desde que suas estruturas e seus temperamentos fossem ardentes persuasores de suas petições, encontrariam nele seu homem. Para sua alimentação ele expôs como se alimentaria exclusivamente de uma dieta de tubérculos saborosos e peixe e coelhos ali, a carne destes últimos prolíficos roedores sendo altamente recomendada para esta finalidade, grelhada ou ensopada com uma folha de macis e uma ou duas cápsulas de pimenta-da-guiné. Depois desta homilia que ele pronunciou com muito calor de asseveração o Sr. Mulligan num instante retirou de seu chapéu um lenço com o qual ele o havia protegido. Ambos, parece, tinham sido surpreendidos pela chuva e por mais que tivessem alterado seus passos tinham sido molhados, como podia ser observado pelos calções do Sr. Mulligan de lã cinza que estava agora um tanto sarapintada. Seu projeto neste ínterim foi discutido muito favoravelmente por seus auditores e mereceu calorosos elogios de todos embora o Sr. Dixon de Mary fizesse exceção à regra, perguntando com um ar afetado se pretendia também carregar carvão para Newcastle. O Sr. Mulligan no entanto fez a corte aos letrados do grupo por meio de uma citação adequada retirada dos clássicos que, como residia em sua memória, lhe parecia um sustentáculo sólido e de bom gosto para a sua alegação: *Talis ac tanta depravatio hujus seculi, O quirites, ut matres familiarum nostrae lascivas cujuslibet semiviri libici titillationes testibus ponderosis atque excelsis erectionibus centurionum Romanorum magnopere anteponunt*, enquanto para aqueles de mente mais grosseira ele fez valer seu ponto de vista por meio de analogias com o reino animal mais apropriadas ao estômago deles, com o gamo e a corça do atalho da floresta, o ganso e o pato do terreiro da fazenda.

Dando bastante valor à sua elegância, sendo na verdade um homem bem-apeçoado, este indivíduo loquaz agora voltou sua atenção para sua roupa com reprimendas calorosas ao súbito capricho das perturbações atmosféricas enquanto o grupo esbanjava seus louvores ao projeto que ele apresentara. O jovem cavalheiro, seu amigo, cheio de satisfação como estava com a aventura recente que lhe coubera, não pôde deixar de contá-la ao seu vizinho mais próximo. O Sr. Mulligan, percebendo agora a mesa, perguntou para quem eram aqueles pães e peixes e, vendo o estrangeiro, apresentou-se a ele cortesmente e disse, Diga-me, senhor, estaria precisando de alguma assistência profissional que possamos lhe oferecer? O qual, diante de tal oferta, lhe agradeceu calorosamente, embora mantendo uma distância adequada, e lhe respondeu que viera ali por causa de uma dama, agora internada na casa de Horne, que se

encontrava em estado interessante, pobre criatura, passando pelo infortúnio da mulher (e aqui ele soltou um profundo suspiro) para saber se sua felicidade já tivera lugar. O Sr. Dixon, para inverter a situação, começou a perguntar ao Sr. Mulligan se sua incipiente ventripotência, da qual ele zombou, indicava uma gestação ovular no utrículo da próstata ou útero masculino ou era devida, como no caso do famoso médico, Sr. Austin Meldon, a um lobo no estômago. Em resposta o Sr. Mulligan, num acesso de riso até o âmago, bateu com força abaixo do diafragma, exclamando com uma admirável mímica cômica de Mãe Grogan (a mais excelente criatura de seu sexo embora seja uma pena que ela seja uma rameira): Aqui está um ventre que nunca gerou um bastardo. Este foi um conceito tão feliz que renovou o tumulto de hilaridade e lançou a sala toda na mais violenta agitação de contentamento. A lépida algazarra teria prosseguido com a mesma veia de imitação se não tivesse vindo da antecâmara um certo som de alarme.

Neste momento o ouvinte que era nada mais que o estudante escocês, um rapaz de cabeça quente, louro como uma estopa, felicitou da maneira mais viva o jovem cavalheiro e, interrompendo a narrativa num ponto cruciante, tendo desejado com um gesto significativo e polido que seu *vis-à-vis* fizesse a gentileza de lhe passar um frasco de cordial ao mesmo tempo com um porte de cabeça indagador (todo um século de educação polida não tinha realizado um gesto tão requintado) ao qual se aliou um balanço equivalente mas contrário da garrafa pediu ao narrador tão simplesmente quanto jamais foi dito em palavras se ele podia lhe servir uma taça da bebida. *Mais bien sûr*, nobre estrangeiro, disse ele alegremente, *et mille compliments*. Isso é lícito e muito oportuno. Só faltava esta taça para coroar minha felicidade. Mas, justos céus, se não me restasse senão uma crosta de pão na minha sacola e uma xícara de água do poço, meu Deus, eu as aceitaria e encontraria forças no meu coração para me prostrar de joelhos no chão e dar graças aos poderes divinos pela felicidade a mim concedida pelo Dispensador de todos os bens. Com estas palavras ele aproximou o cálice de seus lábios, deu um gole complacente do cordial, alisou o cabelo e, levando a mão ao peito, retirou subitamente um medalhão pendurado numa fita de seda, aquele mesmo retrato pelo qual ele nutria muito carinho desde que a mão dela havia nele escrito algumas palavras. Lançando um olhar para aqueles traços com um mundo de ternura, Ah, monsieur, disse ele, se o senhor a tivesse visto como eu a vi com estes olhos naquele momento tocante com sua manta elegante e sua nova touca coquete (um presente para seu dia de festa como ela me disse gentilmente) numa desordem tão destituída de artifício, de tamanha ternura derretida, palavra, até mesmo o senhor, monsieur, teria sido impelido por sua natureza generosa a se entregar totalmente nas mãos de tal inimiga ou abandonar para sempre o campo de batalha. Eu confesso, nunca fiquei tão comovido em toda a minha vida. Meu Deus, eu te agradeço, como Autor dos meus dias! Três vezes feliz será aquele a quem tão amável criatura abençoe com seus favores. Um suspiro de afeição proporcionou eloquência a estas palavras e, tendo recolocado o medalhão em seu peito, ele enxugou os olhos e suspirou novamente. Beneficente Disseminador de bênçãos a todas as Tuas criaturas, quão grande e universal deve ser a mais doce das Tuas tiranias que pode manter em servidão os livres e os escravos, os simples e jovens camponeses e os refinados janotas, o amante no apogeu de sua paixão inconseqüente e o marido dos anos mais maduros. Mas realmente, senhor, eu estou me desgarrando do assunto. Quão confusas e

imperfeitas são todas as nossas alegrias terrenas! Maldição!, exclamou angustiado. Queira Deus que essa presciência me faça lembrar de levar minha capa comigo! Eu poderia chorar só de pensar nisso. Afinal de contas, embora tivesse chovido canivetes, nós não estávamos nem um pouco em pior condição por isso. Mas maldito seja, exclamou ele, batendo com a mão na testa, amanhã será um novo dia e, raios me partam, eu conheço um *marchand de capotes*, monsieur Poyntz, de quem eu posso comprar por uma *livre* uma capa tão confortável quanto qualquer uma de estilo francês que já tenha protegido uma dama de se molhar. Ta, ta!, exclama *Le Fécondateur*, saltitando em cena, meu amigo monsieur Moore, aquele mais consumado viajante (eu acabei de esvaziar meia garrafa *avec lui* num círculo das maiores inteligências da cidade) me garantiu que em Cape Horn, *ventre biche*, eles têm uma chuva que molha até os ossos, até mesmo através da capa a mais resistente. Um encharcar dessa violência, me diz ele, *sans blague*, já mandou mais de um camarada infeliz num abrir e fechar de olhos para o outro mundo. Ora bolas! Uma *livre*!, exclama monsieur Lynch. Essas coisas desajeitadas não valem um tostão furado. Um diafragma, que não fosse maior do que um cogumelo encantado, vale dez desses quebra-galhos. Nenhuma mulher em seu juízo perfeito usaria um. Minha querida Kitty me disse hoje que preferia dançar sob um dilúvio a morrer de fome nessa arca de salvação pois, como ela me recordou (corando vivamente e segredando em meu ouvido embora não houvesse nada para abocanhar suas palavras a não ser umas vertiginosas borboletas), a dama Natureza, por bênção divina, a implantou em nossos corações e ela se tornou uma palavra familiar de modo que *il y a deux choses* para as quais a inocência de nossa vestimenta original, em outras circunstâncias uma quebra de convenções sociais, é a mais adequada, não, é o único traje. A primeira, disse ela (e aqui minha bela filósofa, quando eu a coloquei em seu tálburi, para fixar minha atenção, gentilmente lambeu com sua língua o lobo exterior de minha orelha), a primeira é um banho – Mas naquele momento uma sineta tinindo no saguão interrompeu subitamente um discurso que prometia tão bravamente ser uma forma de enriquecimento para nossa armazenagem de conhecimento.

Em meio à desabrida hilaridade geral da companhia uma campainha soou e, enquanto todos conjecturavam qual teria sido a causa, a senhorita Callan entrou e, tendo dito algumas palavras em voz baixa ao jovem Sr. Dixon, se retirou com um profundo cumprimento dirigido ao grupo. A presença ainda que só por um momento junto àquele grupo de debochados de uma mulher dotada de todas as qualidades da modéstia tão bela quanto severa refreou as investidas humorísticas até dos mais licenciosos mas sua partida foi o sinal para uma explosão de obscenidade. Raios me partam, disse Costello, um camarada sórdido que estava bêbado. Que pedaço de carne saboroso! Juro que ela marcou um encontro com você. O que, seu patife? Você sabe se virar com elas? Ora essa, sei e muito bem, disse o Sr. Lynch. Atitude delicada é aquela que eles usam no abrigo da Mater. Diacho, não é que o doutor O’Gargle dá umas pancadinhas no queixo das enfermeiras. Por minha salvação, eu tive essa informação da minha Kitty que trabalhou ali algumas vezes nestes sete meses como atendente. Deus se compadeça de mim, doutor, gritou o joveneto em sua veste primaveril, imitando um sorriso feminil afetado e com contorções impudicas no corpo, como o senhor me faz cócegas! Maldito seja o homem! Deus que me abençoe, eu estou toda treme treme. Ora, você é tão ruim quanto o querido padreco Cantekissem, isso você é! Que esta bebida me mate, gritou Costello, se ela não



estiver com uma família a caminho. Eu tô sabendo que uma dama está de barriga assim que eu tô pondo os olhos nela. O jovem cirurgião, no entanto, se levantou e pediu aos companheiros que desculpassem sua retirada porque a enfermeira tinha acabado de informá-lo que ele era necessário na enfermaria. A misericordiosa providência divina tinha decidido pôr um ponto final no sofrimento da dama que estava *enceinte* sofrimento este que ela suportara com louvável fortaleza e dera à luz um menino forte. Falta-me paciência, disse ele, para com aqueles que, sem engenho para animar ou sem cultura para instruir, ultrajam uma profissão enobrecedora que, salvo a reverência devida à Divindade, tem o maior poder de proporcionar felicidade sobre a Terra. Sou positivo quando digo que se houvesse necessidade eu poderia produzir uma nuvem de testemunhas para provar a excelência do nobre desempenho dela que, longe de ser um objeto de desprezo, deveria ser um glorioso incentivo para o coração humano. Eu não posso suportá-los com seus sarcasmos. O quê? Denegrir uma pessoa como ela, a amável senhorita Callan, que é o esplendor de seu próprio sexo e o assombro do nosso? E no instante mais significativo que pode ocorrer na vida de uma frágil criaturinha de barro? Que idéia! Estremeço em pensar no futuro de uma raça em que as sementes de tamanha malignidade foram semeadas e na qual nenhuma reverência condigna é prestada a uma mãe e virgem na casa de Horne. Tendo pronunciado esta reprimenda ele cumprimentou aquelas pessoas presentes que bebiam à volta e se encaminhou para a porta. Um murmúrio de aprovação se elevou de todos e alguns eram a favor de que se expulsasse o sórdido beberrão sem mais cerimônias, um plano que teria sido executado nem teria ele recebido mais do que o merecido se ele não tivesse reduzido suas ofensas ao afirmar com uma tremenda imprecisão (pois ele praguejava a três por dois) que ele era o melhor filho da verdadeira igreja que jamais existiu. Que se sequem as minhas entranhas, disse ele, se não foram sempre estes os sentimentos do honesto Frank Costello nos quais fui criado de maneira muito especial para honrar teu pai e tua mãe que tinha a melhor mão que existe para um rocambole ou um rápido pudim que você jamais tenha visto e de que eu me teja lembrando com coração amoroso.

Para voltar ao Sr. Bloom que, depois de sua entrada inicial, tinha sido objeto de gracejos impudentes que ele no entanto suportara como sendo frutos daquela idade que é comumente acusada de ignorar o sentimento de piedade. Os jovens lampejos, é verdade, eram tão cheios de extravagâncias quanto o são crianças grandes: as palavras de suas discussões tumultuárias eram dificilmente compreendidas e nem sempre lá muito bonitas: sua irritabilidade e *mots* ultrajantes eram tais que faziam sua inteligência rejeitá-las: nem eram eles escrupulosamente sensíveis às conveniências embora o cabedal de seus fortes ímpetos juvenis animalescos falassem em favor deles. Mas a palavra do Sr. Costello era de uma linguagem indesejável para ele pois lhe causava náuseas aquele miserável que lhe parecia ser uma criatura desorelhada de gibosidade deformada, filho ilegítimo e impelido para dentro do mundo como um corcunda provido de dentes e com os pés na frente, o que era tornado plausível pela marca dos ferros do cirurgião em sua cabeça, de modo a trazer à lembrança aquele elo que faltava da cadeia da criação desejada pelo falecido e engenhoso Sr. Darwin. Havia mais de metade do breve espaço de tempo dos anos a nós atribuídos que ele tinha percorrido através de mil vicissitudes da existência e, sendo de uma ascendência prudente e de uma natureza de rara previdência, ele tinha ordenado a seu coração reprimir todos os

impulsos de uma cólera crescente e, interceptando-os com a mais pronta cautela, fomentar em seu peito aquela plenitude de tolerância de que as mentes torpes zombam, que os juízes irrefletidos desprezam e todos consideram toleráveis mas apenas toleráveis. Àqueles que se fazem passar por inteligentes à custa da delicadeza feminina (um costume de que ele nunca se utilizou) a eles ele não concederia o direito de usar o nome de homem nem de herdar a tradição de uma linhagem condigna: enquanto para aqueles que, tendo perdido toda indulgência, não têm mais nada a perder, restava o nítido antídoto da experiência para provocar uma batida em retirada, precipitada e inglória, de sua insolência. Não que ele não pudesse se sentir afetado pela mocidade ardorosa que, não ligando a mínima para as caretas dos velhos senis ou para as reprimendas dos rigorosos, está sempre pronta (como a casta imaginação do Escritor Sagrado o expressa) a comer da árvore proibida desde que não indo tão longe a ponto de negligenciar um gesto de humanidade sob qualquer condição que fosse para com uma dama que esteja ocupada com seus encargos legítimos. Para concluir, embora de acordo com as palavras da enfermeira-chefe ele tivesse concluído que em breve o trabalho de parto estaria concluído, no entanto é preciso reconhecer que ele estava bem aliviado com a informação de que o desfecho tão almejado depois de uma provação tão demorada testemunhava mais uma vez agora a misericórdia assim como a magnanimidade do Ser Supremo.

Conseqüentemente ele abriu sua mente para o seu vizinho, dizendo que, para expressar sua idéia sobre a questão, sua opinião era (de alguém que talvez não devesse expressá-la) que se deve ter uma natureza insensível e uma cabeça bem fria para não se alegrar com estas últimas notícias sobre a conclusão do parto daquela que tinha sofrido tanto sem que isso fosse culpa sua. O jovem elegante e impetuoso disse que a culpa era do marido que a colocou naquela situação ou pelo menos devia ser dele a menos que ela fosse uma outra matrona do Éfeso. Devo dar-lhes a conhecer, disse o Sr. Crotthers, batendo com a mão na mesa a fim de evocar um sonoro comentário enfático, o velho Glória Aleluiarum andou hoje novamente por aqui, um homem idoso com suíças compridas e fartas, pedindo com voz fanhosa para ter notícias de Wilhelmina, minha vida, como ele a chama. Eu o aconselhei a ficar preparado porque o acontecimento ia estourar muito em breve. Pela vida de Deus, eu estarei com você. Não posso deixar de louvar a potência viril daquele velho fanfarrão que ainda podia botar um outro filho nela. Todos começaram a elogiá-lo, cada um à sua própria maneira, embora o mesmo jovem impetuoso mantivesse sua visão inicial de que um outro e não o seu cônjuge tivesse sido o goleiro, um homem da igreja, um pajem (virtuoso) ou um vendedor ambulante de artigos necessários em toda casa de família. É curiosa, pensou o convidado consigo mesmo, a prodigiosa faculdade distinta de metempsicose que eles possuem, que o dormitório das parturientes e o anfiteatro da dissecação possam ser os viveiros de tal frivolidade, que a mera aquisição de títulos acadêmicos seja suficiente para transformar num abrir e fechar de olhos estes partidários da frivolidade em profissionais exemplares de uma arte que muitos homens de qualquer modo eminentes têm considerado a mais nobre de todas. Mas, acrescentou ele mais adiante, pode ser que seja para aliviar os sentimentos reprimidos que de um modo geral os oprimem pois eu já observei mais de uma vez que cada qual ri com seu igual.

Mas com que propriedade, perguntemos ao nobre senhor, seu patrono, tem este estrangeiro, que recebeu de um gracioso príncipe a concessão de direitos civis, se constituiu o senhor supremo de nossos negócios internos? Onde está agora aquela gratidão que a lealdade teria recomendado? Durante a guerra recente toda vez que o inimigo tinha uma vantagem temporária com suas granadas não é que este traidor de sua raça aproveitou a oportunidade para descarregar sua arma contra o império do qual ele é um locatário por sua escolha enquanto tremia pela segurança de seus quatro por cento? Será que ele se esqueceu disso como esquece todos os benefícios recebidos? Ou será que por ser um engodo dos outros ele finalmente se tornou seu próprio engodo como o é, se o rumor não o calunia, seu próprio e único instrumento de prazer? Longe de ser candura violar a alcova de uma dama respeitável, filha de um major galante, ou censurar o mais distantemente possível a virtude dela mas se ele está desafiando a atenção (como não era ali na verdade de seu interesse fazê-lo) então que assim seja. Mulher infeliz, foi-lhe negado por tempo demais e de maneira por demais persistente escutar suas objurgações com qualquer outro sentimento a não ser o escárnio dos desesperados. Ele diz isso, um censor da moralidade, um perfeito pelicano em sua piedade, que não teve escrúpulo, esquecido dos laços da natureza, em tentar relações sexuais ilícitas com uma criada extraída da camada mais baixa da sociedade! Não, se a escova de lavar da garota não tivesse sido seu anjo tutelar, teria sido tão duro para ela como o foi para Hagar, a egípcia! Na questão das pastagens sua aspereza irritadiça é notória e chegou aos ouvidos do Sr. Cuffe trazida por um rancheiro indignado uma resposta fulminante expressa em termos tão diretos quanto bucólicos. Fica-lhe mal pregar aquele evangelho. Não tem ele mais perto de casa uma terra arável que jaz negligenciada por falta de cultivo? Um hábito repreensível na puberdade é uma segunda natureza e um opróbrio na meia-idade. Se ele precisa distribuir seu bálsamo da Judéia em panacéias e apotegmas de gosto duvidoso para restaurar a saúde de uma geração de devassos imaturos que sua prática se baseie mais nas doutrinas que agora o absorvem. Seu coração marital é o repositório de segredos que o decoro tem pudor de mencionar. As sugestões obscenas de alguma beldade desbotada pode consolá-lo por ser um consorte negligenciado e depravado mas este novo expoente da moral e curandeiro de males é no máximo uma árvore exótica que, quando enraizada em seu oriente nativo, vicejou e floresceu e foi um bálsamo abundante mas, quando transplantada para um clima mais temperado suas raízes perderam seu vigor antigo enquanto a substância que dela emana é estagnada, ácida e inoperante.

A notícia foi comunicada com uma circunspeção que lembrava o cerimonial empregado na Porta Sublime pela segunda enfermeira ao mais jovem médico residente, que por sua vez anunciou à delegação que um herdeiro tinha nascido. Quando ele se dirigiu ao aposento das mulheres para assistir à cerimônia prescrita do pós-parto com a presença do secretário de Estado para assuntos internos e dos membros do conselho privado, silenciosos numa exaustão e aprovação unânime os delegados, irritados pela duração e solenidade de sua vigília e esperando que o acontecimento feliz iria mitigar uma licença que a ausência simultânea de uma atendente e obstetra tornava mais fácil, irromperam imediatamente numa discussão inflamada. Em vão a voz do Sr. Agente de Publicidade Bloom se fez ouvir se empenhando em os exortar, abrandar e conter. O momento era propício demais para uma

demonstração daquela divagação que parecia ser o único laço de união entre temperamentos tão divergentes. Todos os aspectos da questão foram sucessivamente desentranhados: a repugnância pré-natal dos irmãos uterinos, a operação cesariana, o nascimento póstumo em relação ao pai e, aquela forma mais rara, em relação à mãe, o caso fratricida conhecido como o Assassinato Childs tornado memorável graças à defesa apaixonada do Sr. Advogado Bushe que garantiu a absolvição daquele que fora erroneamente acusado, os direitos de primogenitura a doação real para gêmeos e trigêmeos, abortos e infanticídios, simulados ou dissimulados, o acardíaco *foetus in foetu* e aprosopia devida a uma congestão, a agnatie de certos chineses sem queixo (citados pelo Sr. Mulligan) em consequência da reunião defeituosa dos calombos maxilares ao longo da linha mediana de modo que (como ele disse) uma orelha podia ouvir o que a outra falava, os benefícios da anestesia ou sono crepuscular, o prolongamento das dores do parto na gravidez avançada por motivo de pressão sobre a veia, a perda prematura do líquido amniótico (como exemplificado no caso presente) com conseqüente perigo de infecção da matriz, inseminação artificial por meio de seringas, involução do útero em consequência da menopausa, o problema da perpetuação da espécie no caso das mulheres engravidadas por estupro criminoso, aquela maneira aflitiva de parir chamada pelos brandenburgenses de *Sturzgeburt*, os casos registrados de multiinseminação, nascimentos duploespermáticos e monstruosos concebidos durante o período menstrual ou de pais consangüíneos – em suma todos os casos de natividade humana que Aristóteles classificou em sua obra-prima com ilustrações cromolitográficas. Os problemas mais graves da obstetrícia e da medicina forense foram examinados com tanta animação quanto as crenças mais populares sobre o estado da gravidez tais como a proibição de uma mulher grávida de subir um degrau de escada para que não se rompesse, com seu movimento, o cordão umbilical e estrangulasse seu filho e a recomendação feita a ela no caso de um desejo, nutrido com ardor e não satisfeito, de colocar a mão naquela parte de sua pessoa que um longo uso consagrou como a sede dos castigos corporais. As anormalidades do lábio leporino, sinais no peito, número excessivo de dedos, doença azul, marcas de morango e manchas de vinho do Porto foram invocadas por alguém como sendo de *prima facie* e uma explicação hipotética natural para aquelas crianças de cabeça porcina (o caso de madame Grissel Steevens não foi esquecido) ou de bebês ocasionalmente nascidos com pêlo de cão. A hipótese de uma memória plasmática, desenvolvida pelo enviado escocês e digna das tradições metafísicas do país que ele representava, considerava nestes casos uma parada no desenvolvimento embrionário em um certo estágio anterior ao humano. Um delegado estranho sustentava uma opinião contrária a estas duas visões, com tanto ardor que parecia quase ser convincente, a teoria de copulação entre mulheres e animais machos, sua autoridade sendo sua própria declaração de apoio às fábulas tais como aquela do Minotauro que o gênio do elegante poeta latino trouxe até nós nas páginas de sua *Metamorfoses*. A impressão causada por suas palavras foi imediata mas de curta duração. Foi apagada com a mesma facilidade com que fora evocada por uma alocução do Sr. Candidato Mulligan com aquela veia de jocosidade que ninguém como ele sabia como utilizar, postulando como o objeto mais supremo de desejo um belo velho limpo. Simultaneamente, um argumento caloroso tendo surgido entre o Sr. Delegado Madden e o Sr. Candidato Lynch referente ao dilema jurídico e teológico criado pela morte de

um irmão siamês antes do outro, a dificuldade foi levada por consentimento mútuo ao Sr. Agente de Publicidade Bloom para ser submetida imediatamente ao Sr. Diácono Coadjutor Dedalus. Até aquele momento calado, se para mostrar melhor por uma gravidade preternatural aquela dignidade singular do garbo com o qual ele estava investido ou em obediência a uma voz interior, ele enunciou brevemente e, como alguns pensavam, com desenvoltura o preceito eclesiástico que proíbe o homem de separar o que Deus juntou.

Mas a história de Malachias começou a enregelá-los de horror. Ele esconjurou a cena diante dos olhos deles. O painel secreto ao lado da chaminé deslizou para trás e na reentrância apareceu – Haines! Quem de nós não sentiu arrepios! Ele trazia em uma das mãos uma pasta repleta de literatura celta, na outra um pequeno frasco com a palavra *Veneno*. Surpresa, horror, aversão se desenharam em todos os rostos enquanto ele os olhava com um sorriso espectral. Eu previa uma recepção desta natureza, começou ele com um riso hediondo, pelo qual, parece, a culpa é da história. Sim, é verdade. Eu sou o assassino de Samuel Childs. E como estou sendo punido! O inferno não me causa terror. Esta é a condição em que me encontro. Lágrimas e ferimentos, de que maneira encontrarei afinal algum descanso, murmurou com voz surda, e eu que antigamente vagava por Dublin com minha quota de canções tendo ele atrás de mim como um fantasma ou o odor do assassinato? Meu inferno, e o da Irlanda, é esta vida. É o que tentei para apagar o meu crime. Distrações, trapaças no jogo, a língua erse (ele declama algumas frases), láudano (ergueu o pequeno frasco até seus lábios), acampamento a céu aberto. Em vão! Seu espectro rasteja atrás de mim. O entorpecente é minha única esperança... Ah! Arrasamento! A pantera negra! Com um grito ele subitamente sumiu e o painel deslizou para trás. Um instante depois sua cabeça apareceu na porta oposta e disse: Encontrem-me na estação de Westland Road às onze e dez. Ele partira! Lágrimas saltaram dos olhos do anfitrião devasso. O vidente ergueu suas mãos para o céu, murmurando: A vendeta de Mananaan! O sábio repetiu: *Lex talionis*. O sentimental é aquele que gostaria de sentir prazer sem se sentir imenso devedor pela coisa feita. Malachias, dominado pela emoção, parou. O mistério estava desvendado. Haines era o terceiro irmão. Seu nome verdadeiro era Childs. A pantera negra era ela própria o fantasma de seu próprio pai. Ele bebia drogas para obliterar. Por este grande alívio muito obrigado. A casa solitária junto ao cemitério está inabitada. Nenhuma alma quer morar ali. A aranha tece a sua teia na solidão. O rato noturno espreita do seu buraco. Há uma praga sobre ela. Ela é mal-assombrada. Terreno do assassino.

Qual é a idade da alma do homem? Como ela tem a virtude do camaleão de mudar de cor a toda nova aproximação, ficar alegre com os joviais e melancólica com os deprimidos, assim também é sua idade mutável como o seu estado de espírito. Leopold não é mais, enquanto está sentado ali, ruminando, ponderando sobre suas reminiscências, aquele sereno agente de publicidade e portador de uma modesta quantia de fundos do estado. Uma vintena de anos são soprados para longe. Ele é o jovem Leopold. Ali, como num arranjo retrospectivo, um espelho dentro de um espelho (ei, presto!), ele se vê. Aquela figura jovem de então é vista, precocemente viril, andando numa manhã gelada da velha casa de Clambrassil Street até o colégio, com sua mochila de livros a tiracolo, e nela um bom pedaço de pão de trigo, lembrança de uma mãe. Ou é a mesma figura, um ano depois ou coisa que valha, com seu primeiro chapéu duro (ah, aquele foi o grande dia!), já na estrada, um viajante já maduro da

firma da família, equipado com um livro de encomendas, um lenço perfumado (não apenas para exibir), seu estojo de vistosas bugigangas (infelizmente! agora uma coisa do passado!) e uma quantidade de sorrisos condescendentes para esta ou aquela meio-persuadida dona de casa calculando o preço com os dedos ou para uma virgem florescente, admitindo timidamente (mas de coração? Não sei não!) seus estudados cumprimentos. O perfume, o sorriso, mas, mais do que isso, os olhos negros e maneiras untuosas, faziam-no trazer para casa ao entardecer muitas comissões para o cabeça da firma, que depois de tarefas semelhantes fumava sentado seu cachimbo de Jacó junto ao fogo paternal da lareira (um prato de macarrão, pode estar certo, está sendo aquecido), lendo com seus óculos redondos de chifre algum jornal da Europa do mês anterior. Mas opa, presto, o espelho é soprado e o jovem cavalheiro errante recua, mirra, míngua até ficar um pontinho mínimo no meio da bruma. Agora ele é ele próprio paternal e esses aí à sua volta poderiam ser seus filhos. Quem sabe? O pai sábio conhece seu próprio filho. Ele pensa numa noite chuvosa em Hatch Street, ali próximo aos armazéns caucionados, a primeira. Juntos (ela uma pobre coitada abandonada, uma filha da vergonha, sua e minha e de todos por um mero shilling e alguns pence), juntos eles ouvem o passo pesado do sentinela enquanto duas sombras em capa de chuva passam pela nova universidade real. Bridie! Bridie Kelly! Ele não vai nunca esquecer o nome, sempre se lembrará da noite: a primeira noite, a noite de núpcias. Eles estão abraçados na mais profunda escuridão, o desejoso com a desejada, e num instante (*fiat!*) a luz vai inundar o mundo. Será que os corações batiam em uníssono? Não, meu caro leitor. Num sopro estava consumado mas – pare! Pra trás! Isso não pode ser! Aterrorizada a pobre moça foge para longe através das trevas. Ela é a noiva da escuridão, a filha da noite. Ela não ousa carregar o filho dourado do dia. Não, Leopold. Nem o nome nem a lembrança te confortam. Essa ilusão juvenil de tua força foi de ti retirada – e em vão. Não tens junto de ti nenhum filho de tuas entranhas. Não há ninguém agora que seja para Leopold o que Leopold foi para Rudolph.

As vozes se misturam e se fundem no silêncio nebuloso: silêncio que é o infinito do espaço: e rapidamente, silenciosamente a alma é transportada para regiões de ciclos de gerações que já viveram. Uma região sobre a qual sempre desce o crepúsculo cinza, que não cai nunca sobre as pastagens verde-amêndoa, deixando cair sua penumbra, espalhando um orvalho perene de estrelas. Ela segue sua mãe com passos desajeitados, uma égua conduzindo sua potranca. Fantasmas crepusculares são eles, moldados contudo em graças estruturais proféticas, esguias ancas bem delineadas, um flexível pescoço tendinoso, a cabeça submissa e temerosa. Elas se esvaem, tristes fantasmas: tudo se foi. Agendath é uma terra deserta, uma morada das corujaspiantes e da poupa míope. Netaim, a preciosa, não existe mais. E pela estrada das nuvens eles vêm, murmurando um estrondo de rebelião, os espectros das feras. HUUUUH! Hark! HUUUUH! Paralaxe rasteja atrás e os espicaça, os raios lancinantes de sua frente são escorpiões. Alce e iaque, os touros de Bashan e de Babilônia, mamute e mastodonte, eles vêm desfilando para o mar afundado, *Lacus Mortis*. Vingativa hoste zodiacal agourenta! Eles gemem, passando sobre as nuvens, chifrudos e capricórnicos, os de trombas com os de presas, os de crina leonina, os de esgalhos gigantescos, os focinhudos e rastejantes, os roedores, ruminantes e paquidermes, toda aquela multidão gemedora a se mover, assassinos do sol.

Avante em direção ao mar morto eles caminham para beber, não saciados e com

goladas horríveis, a torrente salgada sonolenta inesgotável. E o portento eqüestre cresce novamente, magnificado nos céus desertos, não para a própria magnitude do céu, até que se avulta, vasto, sobre a casa da Virgem. E veja, maravilha da metempsicose, a sempiterna noiva, precursora da estrela-d'alva, a noiva, sempre virgem. É ela, Martha, tu, perdida, Millicent, a jovem, a querida, a radiosa. Como ela se ergue serena agora, uma rainha entre as Plêiades, na penúltima hora anteluciana, calçando sandálias de puro ouro, com a cabeça coberta de um véu do que você chama de gaze fina. Ela flutua, se agita em volta de sua carne estelar e solta verte esmeralda, safira, malva e heliotrópio, suspensa nas correntes do vento frio interestelar, sinuosa, se enroscando, simplesmente rodopiando, se contorcendo nos céus numa escrita misteriosa até que, depois de uma miríade de metamorfoses de símbolo, ela resplandece, Alfa, um rubi e sinal triangular sobre a frente de Taurus.

Francis lembrava a Stephen os anos anteriores quando eles tinham estado juntos no colégio na época de Conmee. Perguntou por Glaucon, Alcibíades, Pisistratus. Onde estariam eles agora? Nenhum dos dois sabia. Você falou do passado e de seus fantasmas, disse Stephen. Por que pensar neles? Se eu os trago de volta à vida através das águas do Lethe não virão os pobres espectros em marcha ao meu chamado? Quem imagina isso? Eu, Bous Stephanoumenos, bardo benfeitordonovilhoso, sou o senhor e doador de suas vidas. Ele cingiu seu cabelo desgrenhado com uma grinalda de folhas de videira, sorrindo para Vincent. Essa resposta e essas folhas, disse-lhe Vincent, vão adorná-lo mais adequadamente quando alguma coisa mais, e muito mais, do que um punhado de odes suaves puderem chamar de pai o seu gênio. Todos que desejam o seu bem esperam isso para você. Todos desejam vê-lo produzir o trabalho que você medita, aclamá-lo Stephaneforos. De todo o coração desejo que você não lhes falhe. Ó não, Vincent, disse Lenehan, repousando a mão sobre o ombro que lhe estava próximo. Não tema. Ele não poderia deixar sua mãe órfã. O rosto do rapaz ficou sombrio. Todos podiam ver como era penoso para ele ser lembrado de sua promessa e de sua perda recente. Ele teria se retirado da festa se o barulho de vozes não tivesse apaziguado sua dor aguda. Madden perdera cinco dracmas no Cetro por um capricho por causa do nome do jóquei: Lenehan muito mais. Ele lhes falou sobre a corrida. A bandeira foi abaixada e, ufa! galopada, lá se foi correndo com todo o vigor a égua montada por O. Madden. Ela liderava na pista. Todos os corações palpitavam. Até mesmo Phyllis não podia se conter. Ela sacudiu seu cachecol e gritou: Viva! Cetro está ganhando. Mas na linha da chegada quando todos estavam em ordem serrada o cavalo negro Jogarfora atingiu seu nível, alcançou-a e a ultrapassou. Agora estava tudo perdido. Phyllis silenciou: seus olhos eram tristes anêmonas. Ó Juno, gritou, estou arruinada. Mas seu amante a consolou e lhe trouxe um belo cofrezinho de ouro no qual se encontravam alguns bombons ovais que ela partilhou. Uma lágrima foi derramada: apenas uma. Um tremendo e belo chicote é W. Lane, disse Lenehan. Quatro vencedores ontem e três hoje. Qual é o jóquei que é igual a ele? Quer ele monte um camelo ou um búfalo impetuoso a vitória num galope banal ainda assim será dele. Mas suportemos isso à moda antiga. Piedade para com os desafortunados! Pobre Cetro!, disse ele com um ligeiro suspiro. Ela não é mais a potranca que era. Nunca, por esta mão que aqui está, veremos uma igual a ela. Por Deus, senhor, a rainha delas. Você se lembra dela, Vincent? Gostaria que você pudesse ter visto minha rainha hoje, disse Vincent. Como estava jovem e radiosa (Lalage mal

podia ser considerada bela perto dela) com seus sapatos amarelos e túnica de musselina, não sei o nome certo disso. As castanheiras que faziam sombra sobre nós estavam em flor: o ar desfalecia com seu perfume persuasivo e com o pólen flutuando à nossa volta. Nos canteiros ensolarados poder-se-ia facilmente cozinhar sobre uma pedra uma porção daqueles pãezinhos com o fruto de Corinto neles que Periplipomenes vende em sua barraca perto da ponte. Mas ela não tinha nada para seus dentes a não ser o braço com o qual eu a segurava e que ela mordiscava maliciosamente quando eu a apertava com força contra mim. Na semana anterior ela estava doente, quatro dias na cama, mas hoje estava livre, alegre, zombava do perigo. Ela é mais atraente então. Seus ramos de flores também! Menina levada e louca que ela é, ela tinha colhido o máximo enquanto estávamos deitados juntos. E no seu ouvido, meu amigo, você não pode imaginar quem nós encontramos ao sair do campo. Conmee em pessoa! Ele estava andando junto à sebe, lendo, creio um breviário com, não tenho dúvida, uma carta espirituosa nele de Glycera ou Chloe para marcar a página. A doce criatura ficou de todas as cores em sua confusão, fingindo consertar uma pequena desordem em seu vestido: um graveto da vegetação estava agarrado nela pois as próprias árvores a adoram. Quando Conmee passou ela olhou para o seu eco encantador naquele espelhinho que ela traz consigo. Mas ele foi bom. Ao seguir ele nos abençoou. Os deuses também são sempre bondosos, disse Lenehan. Se eu tive pouca sorte com a égua de Bass talvez esta bebida possa me ser mais propícia. Ele estava colocando a mão na jarra de vinho: Malachi o viu e deteve seu gesto, apontando para o estranho e para o rótulo escarlate. Cautelosamente, Malachi sussurrou, mantenha um silêncio druida. A alma dele está bem longe. É talvez mais penoso despertar de um sonho do que nascer. Todo objeto, considerado com intensidade, pode ser uma porta de acesso ao éon incorruptível dos deuses. Você não acha Stephen? Theosophos me disse isso, respondeu Stephen, a quem numa vida anterior sacerdotes egípcios iniciaram nos mistérios da lei cármica. Os senhores da lua, me disse Theosophos, uma carga de um laranja ardente vindo do planeta Alfa da cadeia lunar não quiseram assumir as cópias etéricas e estas foram por conseguinte encarnadas pelos egos cor de rubi da segunda constelação.

No entanto, na verdade contudo, a conjectura absurda a respeito de ele estar de certo modo deprimido ou hipnotizado o que era totalmente devido a uma concepção errônea de caráter o mais superficial possível, não era de modo nenhum o caso. O indivíduo cujos órgãos visuais enquanto tudo isso se dava começavam a manifestar nesta conjuntura alguns sintomas de animação era tão astucioso se não mais astucioso do que qualquer homem vivo e qualquer um que pensasse o contrário descobriria muito rapidamente estar totalmente equivocado. Durante os últimos quatro minutos ou mais ou menos isso ele tinha estado a olhar atentamente para uma certa quantidade de cerveja Bass engarrafada pelos Srs. Bass e Cia. em Burton-on-Trent que estava situada entre muitas outras do lado oposto ao que ele se encontrava e que certamente estava destinada a atrair a observação de qualquer pessoa devido à sua etiqueta vermelha. Ele estava simplesmente e unicamente, como subsequente transpirou por motivos que ele conhecia melhor do que ninguém, o que dava um caráter totalmente diferente aos procedimentos, depois das observações precedentes sobre os dias da adolescência e das corridas de cavalo, recordando duas ou três de suas transações privadas das quais os outros dois estavam tão por fora quanto o bebê ainda por nascer. Eventualmente, no entanto, os olhos



dos dois se encontraram e assim que ele começou a se dar conta que o outro estava se esforçando por se servir da coisa, ele involuntariamente resolveu servi-lo ele mesmo e assim conseqüentemente pegou pelo gargalo o recipiente de vidro de tamanho médio que continha o fuido almejado e fez nele um buraco razoavelmente grande derramando uma porção do líquido dele, ao mesmo tempo também, contudo, que prestava considerável atenção para não derramar à sua volta a cerveja que havia nela.

O debate que se seguiu foi em seu escopo e desenrolar um epítome do curso da vida. Nem ao lugar nem à assembléia faltava dignidade. Os argumentadores eram os mais entusiásticos do país, o tema de que tratavam era o mais elevado e o mais vital. O alto saguão da casa de Horne nunca vira uma assembléia tão representativa e tão variada nem tinham os velhos caibros do telhado daquele estabelecimento jamais escutado uma linguagem tão enciclopédica. Tratava-se na verdade de uma cena notável. Crotthers estava ali ao pé da mesa com seu admirável traje de montanhês, com seu rosto corado do ar marinho de Mull of Galloway. Ali também, em frente a ele, estava Lynch cuja fisionomia já trazia os estigmas de uma depravação precoce e de uma sabedoria prematura. Junto do escocês estava o lugar destinado a Costello, o excêntrico, enquanto ao lado dele estava sentado num repouso imperturbável a forma atarracada de Madden. A cadeira do residente estava de fato vazia em frente à lareira mas de cada lado dela a figura de Bannon em traje de explorador com calções curtos de *tweed* e borzeguim de couro cru contrastava vivamente com a elegância primaveril e as maneiras urbanas de Malachi Roland St. John Mulligan. Finalmente na cabeceira da mesa estava o jovem poeta que encontrava um refúgio para os seus labores de pedagogia e inquisição metafísica na atmosfera jovial de discussão socrática, enquanto à esquerda e à direita dele estavam acomodados o petulante prognosticador, que acabava de vir do hipódromo, e aquele errante vigilante, coberto da poeira da viagem e do combate e manchado pela lama de uma desonra indelével, mas de cujo coração constante e imutável nenhum engodo ou perigo ou ameaça ou degradação podia jamais apagar a imagem daquela beleza voluptuosa que a pena inspirada de Lafayette retratou por todos os anos ainda por vir.

Seria melhor declarar aqui e agora no início que o transcendentalismo pervertido ao qual as contendas do Sr. S. Dedalus (Div. Scep.) pareceriam provar ele estar muito entregue vai de encontro aos métodos científicos aceitos. A ciência, não pode ser suficientemente reiterado, lida com fenômenos tangíveis. O homem de ciência como o homem da rua tem que enfrentar os fatos realistas que não podem ser ignorados e explicá-los da melhor maneira que puder. Pode haver, é verdade, algumas questões às quais a ciência não pode responder – no momento – tais como o primeiro problema apresentado pelo Sr. L. Bloom (Ag. de Pub.) em relação à determinação futura do sexo. Devemos aceitar a visão de Empédocles de Trinácia de que o ovário direito (o período pós-menstrual, afirmam outros) é responsável pelo nascimento de meninos ou são os espermatozóides ou nemaespermas negligenciados por um tempo longo demais os fatores diferenciadores ou se trata, como a maior parte dos embrionologistas estão inclinados a opinar, tais como Culpepper, Spallanzani, Blumenbach, Lusk, Hertwig, Leopold e Valenti, uma mistura dos dois? Isto seria equivalente à cooperação (um dos artifícios favoritos da natureza) entre a *nisus formativus* do nemaesperma de um lado e do outro lado uma posição escolhida de maneira feliz, *succubitus felix*, do elemento

passivo. O outro problema levantado pelo mesmo pesquisador não é menos vital: mortalidade infantil. É interessante porque, como ele observa com pertinência, nós todos nascemos da mesma maneira mas todos morremos de maneiras diferentes. O Sr. M. Mulligan (higienista e eugenista) culpa as condições sanitárias em que nossos cidadãos de pulmões cinza contraem adenóides, doenças pulmonares etc. ao inalar bactérias ocultas na poeira. Estes fatores, alegou ele, e os espetáculos revoltantes oferecidos por nossas ruas, pelos cartazes nefandos de publicidade, ministros religiosos das mais diversas denominações, soldados e marinheiros mutilados, motoristas de carro expondo seu escorbuto, as carcaças penduradas de animais mortos, solteiros paranóicos e aias infecundas – isso, disse ele, era responsável por toda e qualquer decadência na qualidade da raça. Calipedia, profetizou, em breve seria geralmente adotada e todas as graças da vida, música genuinamente boa, literatura agradável, filosofia leve, quadros instrutivos, reproduções moldadas em gesso de estátuas clássicas tais como Vênus e Apolo, fotografias coloridas artísticas de bebês premiados, todas estas pequenas atenções permitiriam que as damas que estavam numa condição particular a passar os meses intermediários de maneira mais prazerosa. O Sr. J. Crotthers (Disc. Bacc.) atribui algumas destas mortes a trauma abdominal no caso das mulheres trabalhadoras sujeitas a trabalhos pesados nas oficinas e à disciplina marital em casa mas de longe a grande maioria à negligência, privada ou oficial, culminando no abandono às intempéries de recém-nascidos, à prática do aborto criminoso ou ao crime atroz de infanticídio. Embora o primeiro (estamos pensando na negligência) seja indubitavelmente verdadeiro demais o caso que ele cita de enfermeiras esquecendo de contar as esponjas na cavidade peritoneal é raro demais para ser normativo. De fato quando se pára para examinar a questão o espanto é que tantas gravidezes e partos corram tão bem como acontece, tudo considerado e apesar de nossas deficiências humanas que freqüentemente frustram a natureza em suas intenções. Uma sugestão engenhosa é aquela lançada pelo Sr. V. Lynch (Bacc. Arith.) de que tanto a natalidade quanto a mortalidade, assim como todos os outros fenômenos da evolução, movimentos das marés, fases lunares, temperaturas sangüíneas, doenças em geral, tudo, em uma palavra, na vasta oficina da natureza desde a extinção de algum sol remoto até o florescer de uma das incontáveis flores que embelezam nossos parques públicos está sujeito a uma lei de numeração ainda até agora indefinida. Ainda assim a pergunta direta e clara de por que um filho de pais normalmente saudáveis e ele mesmo uma criança aparentemente saudável e corretamente cuidada sucumbe depois inexplicavelmente na primeira infância (embora outros filhos do mesmo casamento sobrevivam) deve certamente, nas palavras do poeta, nos dar o que pensar. A natureza, podemos ficar tranqüilos, tem suas boas e convincentes razões para o que quer que faça e com toda a probabilidade estas mortes são devidas a alguma lei de antecipação pela qual os organismos nos quais germes mórbidos estabeleceram residência (a ciência moderna mostrou de maneira conclusiva que apenas a substância plásmica pode ser dita imortal) tendem a desaparecer num estágio de desenvolvimento crescentemente inicial, um arranjo que, embora produza pesar a alguns dos nossos sentimentos (principalmente os maternos), é no entanto, alguns de nós assim o pensamos, a longo prazo benéfico à raça em geral assegurando dessa maneira a sobrevivência dos mais habilitados. A observação (ou deveríamos chamá-la de interrupção?) do Sr. S. Dedalus (Div. Scep.) de que um ser onívoro que pode mastigar,

deglutir, digerir e aparentemente deixar passar pelo canal comum com uma imperturbabilidade mais do que perfeita alimentos múltiplos como mulheres cancerígenas devastadas pelo parto, cavalheiros profissionais liberais corpulentos, sem falar de políticos biliosos e freiras coléricas, poderia talvez encontrar um alívio gástrico num confronto inocente do refrão oscilante, revela melhor do que qualquer outra coisa e sob uma luz assaz repugnante a tendência acima aludida. Para esclarecimento daqueles que não estão tão intimamente familiarizados com os pormenores do matadouro municipal quanto este esteta de mente mórbida e filósofo embrião que apesar de toda a sua orgulhosa arrogância a respeito das coisas científicas mal pode distinguir um ácido de um álcali que se orgulha de ser, deveria talvez ser dito que aquele refrão oscilante na linguagem grosseira de nossos taverneiros da classe baixa significa a carne cozinhável e comível de um novilho que acabou de ser posto no mundo por sua mãe. Numa recente controvérsia pública com o Sr. L. Bloom (Ag. Pub.) que ocorreu no salão do hospital da National Maternity, 29, 30 e 31 Holles Street, do qual, como é de conhecimento geral, Dr. A. Horne (médico parteiro, membro da Faculdade de Medicina da Irlanda) é o competente e popular dono, é relatado por uma testemunha ocular ele ter declarado que uma vez que uma mulher guardou um segredo (uma alusão de esteta, presumivelmente, a um dos processos da natureza mais complicados e maravilhosos da natureza – o ato do congresso sexual) ela tem que deixá-lo sair novamente ou lhe dar vida, como ele o expressou, para salvar a própria pele. Com o risco de sua própria vida, foi a resposta lapidar de seu interlocutor, não menos efetiva pelo tom moderado e comedido no qual foi formulada.

Nesse ínterim a habilidade e a paciência do médico tinham resultado num *accouchement* feliz. Tinha sido um período fatigante tanto para a paciente quanto para o médico. Tudo que a habilidade cirúrgica podia fazer foi feito e a corajosa mulher tinha ajudado bravamente. Tinha mesmo. Ela lutara um bom combate e agora estava muito muito feliz. Aqueles que já se foram, que foram antes, também estão felizes ao olhar para baixo e sorrir para a cena emocionante. Olhe com reverência para ela reclinada ali com o brilho maternal em seus olhos, aquela ânsia ardente por dedinhos de bebê (uma bela visão para se ver), no primeiro desabrochar de sua nova maternidade, murmurando uma oração silenciosa de agradecimento a Aquele que está em cima, o Marido Universal. E quando seus olhos amorosos se detêm em seu bebê ela só deseja mais uma bênção, ter ali com ela seu Doady querido para partilhar sua alegria, pôr nos braços dele aquele átomo da argila de Deus, o fruto de sua união carnal legítima. Ele está mais velho agora (você e eu podemos sussurrá-lo) e seus ombros estão ligeiramente curvados contudo no turbilhão dos anos uma grave dignidade se apoderou do consciencioso contador assistente do banco Ulster, agência College Green. Ó Doady, amado há tanto tempo, agora fiel companheiro de vida, talvez nunca mais volte, aquele tempo antigo das rosas! Com um sacudir familiar de sua bela cabeça ela se lembra daqueles dias. Meu Deus! Quão bonitos agora através da névoa dos anos! Mas seus filhos estão agrupados em sua imaginação em volta da cama, dela e dele, Charley, Mary Alice, Frederick Albert (se tivesse sobrevivido), Mamy, Budgy (Victoria Frances), Tom, Violet Constance Louisa, o querido pequenino Bobsy (assim chamado devido ao nosso famoso herói da guerra da África do Sul, lorde Bobs de Waterford e Candahar) e agora este último penhor de sua

união, um Purefoy se jamais existiu um, com o verdadeiro nariz de um Purefoy. Essa esperança jovem será batizada com o nome de Mortimer Edward o influente primo de terceiro grau do Sr. Purefoy dos escritórios da Fazenda no Castelo de Dublin, destinados a cobrar as dívidas à coroa na Irlanda. E assim caminha o tempo: mas o pai Cronion usou de mão ligeira aqui. Não, não deixe escapar nenhum suspiro daquele peito, querida e gentil Mina. E Doady, sacuda a cinza de seu cachimbo, o cachimbo com seu sabor de urze-branca de que você ainda gosta quando o toque de recolher soar para você (que possa ser num dia bem distante!) e se extinguir a luz por meio da qual você lê no Livro Sagrado pois o óleo também já está se acabando e assim de coração tranqüilo vá para a cama, para descansar. Ele sabe e o chamará na hora certa Dele. Você também combateu o bom combate e desempenhou lealmente seu papel de homem. Senhor, a você a minha mão. Parabéns a ti, bom e fiel servidor!

Existem pecados ou (que nós os chamemos como o mundo os chama) lembranças maléficas que são escondidas pelo homem nos lugares mais sombrios do coração mas eles se abrigam ali e esperam. Ele pode suportar que a lembrança deles fique pálida, façamos que eles sejam como se nunca tivessem existido e ele se persuada que nunca existiram ou pelo menos que eram diferentes. Contudo uma palavra ocasional vai invocá-los subitamente e eles se erguerão para confrontá-lo nas mais diversas circunstâncias, uma visão ou um sonho, ou enquanto pandeiro e harpa acalmam seus sentidos ou em meio à amena tranqüilidade prateada da noite ou no banquete, à meia-noite, quando ele estiver cheio de vinho. A visão não virá para insultá-lo como a alguém que se encontre debaixo do seu ódio, não por vingança para ceifá-lo dos vivos mas amortalhada na veste lastimável do passado, silenciosa, remota, reprovadora.

O estranho ainda observava no rosto à sua frente um lento recuo ali daquela calma falsa, imposta, ao que parecia, por hábito ou algum truque estudado, às palavras tão amargas a ponto de acusar em seu interlocutor uma enfermidade, um *flair*, para as coisas mais rudes da vida. Uma cena se destaca na memória do observador, evocada, ao que parece, por uma palavra de uma simplicidade tão natural como se aqueles dias estivessem realmente presentes ali (como alguns pensavam) com seus prazeres imediatos. Um espaço aparado de relva numa noite suave de maio, um bem lembrado pequeno bosque de lilases em Roundtown, purpúreos e brancos, espectadores delgados e fragrantes do jogo mas com um interesse muito real nas pelotas enquanto elas correm lentamente sobre o gramado ou colidem e param, lado a lado, com um pronto e breve choque. E mais além perto daquela urna cinzenta em que a água se move de vez em quando numa irrigação pensativa você via uma outra não menos fragrante irmandade, Floey, Atty, Tiny e a amiga delas mais morena com um não sei o quê de sedutor em sua pose, Nossa Senhora das Cerejas, com duas graciosas cerejas pendentes em uma orelha, ressaltando o calor exótico da pele tão delicadamente de encontro ao fruto ardente e fresco. Um garoto de quatro ou cinco anos vestido com um tecido grosseiro de algodão (estação das flores mas haverá alegria na lareira amena quando em breve as tigelas forem recolhidas e guardadas) está de pé na urna seguro por aquela roda de mãos amigas de meninas. Ele franze um pouco a testa exatamente como este jovem o faz agora com talvez um prazer consciente demais do perigo mas precisa necessariamente olhar por um pouco de tempo para onde sua mãe observa da *piazzetta* que dá para um cercado de flores com uma tênue imagem de

distanciamento ou de censura (*alles Vergängliche*) em seu olhar de mãe feliz.

Além disso atente para isso e lembre-se. O fim chega de repente. Entre nessa antecâmara do nascimento onde os estudiosos estão reunidos e observe seus rostos. Nada ali, ao que parece, de precipitado ou violento. Mais exatamente, a quietude da proteção, adequada ao posto deles naquela casa, a vigília atenta de pastores e de anjos em volta da manjedoura em Belém da Judéia muito tempo atrás. Mas como antes do raio as nuvens compactas, pesadas com seu excesso predominante de umidade, em massas infladas turgidamente distendidas, rodeiam o céu e a terra com um vasto torpor, pendentes sobre o campo ressecado e bois sonolentos e a vegetação crestada de arbustos e verduras até que num instante um relâmpago fende seu centro e com a reverberação do trovão a explosão das nuvens derrama sua torrente, assim e não de outra forma se deu a transformação, violenta e instantânea, na enunciação da palavra.

No Burke! lança meu senhor Stephen, soltando um grito, e o penduricalho e o cão todos atrás dele, o galinho, o arrogante, o caloteiro, o charlatão, o pontual Bloom nos seus calcanhares com um assalto universal aos chapéus, bengalas, espadas, chapéus-panamá e estojos de fuzil, bastões de alpinistas Zermatt e não sei mais o quê. Uma robusta mocidade dedaliana, todos os estudantes ali eram nobres. A enfermeira Callan surpresa no saguão não pode detê-los nem o cirurgião sorridente descendo com notícias da retirada da placenta, pesando um quilo e nenhum miligrama a menos. Ouça, gritam eles para ele. A porta! Ela está aberta? Ah! Eles saem, tumultuosamente, para uma corrida de um minuto, todos batendo perna bravamente, para Burke de Denzille e Holles seu último objetivo. Dixon segue censurando-os asperamente mas usa uma linguagem rude, ele também, e lá se vão. Bloom fica um pouco com a enfermeira para enviar uma palavra bondosa para uma mãe feliz e seu bebê lá em cima. Doutor Dieta e doutor Quietude. Não tem ela agora uma aparência diferente? A ala de vigilância na casa de Horne contou sua história com aquela palidez desbotada. Então tendo todos partido, com a ajuda de um olhar de bom senso maternal, ele sussurra mais perto ao sair: Senhora, quando te virá a cegonha?

O ar lá fora está impregnado de umidade pluvial, a essência da vida celestial, brilhando na pedra de Dublin ali sob o *coelum* estrelado. O ar de Deus, o ar do Paidetodos, cintilando circumambiente complacente. Aspira-o profundamente para dentro de ti. Por Deus, Theodore Purefoy, realizaste um feito audaz e não foi nenhum trabalho atamancado! És, eu juro, o mais notável progenitor sem nenhuma exceção desta crônica muito indiscriminada duvidosa e que tudo inclui. Estarrecedor! Nela residia um Doadodedeus Forjadodedeus que tu frutificaste com teu módico esforço de homem. Penetra nela! Luta! Trabalha com afinco, lida como um verdadeiro cão de guarda e deixa que os metidos a versados e todos os maltusianos se danem. És o paizinho deles todos, Theodore. Estás curvado sob a tua carga, cansado com as contas do açougueiro em casa e lingotes de ouro (não teus!) no banco? Ergue a cabeça! Para cada novo gerado recolherás tua medida de trigo maduro. Vê, teu toirão está encharcado. Tens inveja de Darby Dullman ali com sua Joan? Um gaio falador e um cão vira-lata são toda a sua prole. Arre, é o que te digo! Ele é uma mula, um corpo acabado, sem vigor ou energia, sem valer um tostão furado. Copulação sem população! Não, digo eu! A matança dos inocentes por Herodes é o seu nome mais verdadeiro. Legumes, certamente, e estéril coabitação! Que lhe

sejam dados bifos, vermelhos, crus, sangrentos! Ela é um respeitável pandemônio de doenças, glândulas hipertrofiadas, cachumba, amigdalite, joanetes, febre de feno, escaras, impetigo, rim caído, papeira, verrugas, crises hepáticas, cálculos biliares, pés frios, varizes. Uma trégua às lamentações e elegias e às jeremiadas e a toda esta música congênita e fúnebre! Vinte anos disso, não se lamente. Contigo não foi como com muitos que querem e que gostariam e que esperam e nunca – fazem nada. Tu viste a tua América, teu programa de vida, e te incumbiste de a mirar como o bisão transatlântico. Como disse Zaratustra? *Deine Kuh Trübsal melkest Du. Nun trinkst Du die süsse Milch des Euters.* Vê! Ele se dissolve por ti em abundância. Bebe, homem, um úbere cheio! O leite materno, Purefoy, o leite da raça humana, leite também daquelas estrelas germinantes lá no céu rutilantes no tênue vapor de água, leite de energia, como o que aqueles desordeiros vão emborcar em sua toca embriagadora, o leite da loucura, o leite-mel da terra de Canaã. A teta da vaca estava dura, o que importa? Oh, mas o leite dela é quente e doce e engordante. Ele não é nenhum montão qualquer de bebida mas um leite coalhado rico e grosso. A ela, velho patriarca! Mame! *Per deam Partulam et Pertundam nunc este bibendum!*

Todos de saída pra uma rodada de bebida, de braços dados, aos gritos rua abaixo. Viajantes de boa-fé. Onde é que tu durmiu ontem à noite? No Timóteo da ranhete malhada. Como a véia camaradagem. Alguns seios ou traseiro pra vender? Onde é que tão o cirurgião de Henry Nevil e as roupas velhas? Tristeza ninguém sabe. Viva Dix, ali! Pra frente pro balcão de fitas. Onde é que tá Punch? Todo sereno. Cristo, olha só pro padreco bebum saindo do hosp. da maternidade! *Benedicat vos omnipotens Deus, Pater et Filius.* Um trouxa, meu sinhô. Os rapazes de Denzille Lane. Diacho, raios os partam! Corrida. Pois não, Simão, chuta eles pra fora de campo. Tu te junta a nós, caro sior? Nada de enxerimento na vida privada. Tu é bão pra caramba homem. Tudo farinha do mesmo saco. *En avant mes enfants!* Dispara número um do canhão, bum! Pro Burke! Pro Burke! Dali eles avançaram cinco parasangas. A infantaria montada de Slattery. Onde é que tá este desgraçado encabeçador? Pastor Steve, credo dos apóstatas! Não, não, Mulligan! Ocê aí atrás! Abre caminho pra frente. Fica de olho no relógio. Hora de fechar Mullee! Que é que há contigo? *Ma mère m'a mariée.* Beatitudes britânicas! *Retamplatan digidi boumboum.* Os sins levam vantagem. Ser impresso e encadernado na gráfica Druiddrum por duas fêmeas cheias de astúcia. Capas de couro de bezerro verde-mijo. Última palavra em tonalidades artísticas. O mais lindo livro publicado na Irlanda no meu tempo. *Silentium!* Aperta o passo. Tenção. Segue pra cantina mais próxima e ali ao lado uma casa de bebidas. Marche! Tremp, tremp, tremp, os rapazes estão (sentido!) ressequidos. Bebida, carne, biscateiros, bíblias, buldogues, navios de guerra, sodomia e bispos. Mesmo no alto do patíbulo. Bebida, carne, pisem nas bíblias. Quando para a Irlandaquerida. Pisem nos pisadores. Trovejamento! Mantenha o miserável passo miglitar. Nós caímos. Botequim de bispos. Alto! Dar meia-volta. Rúgbi. Façam a jogada. Nada de chutar pra fora. Uau, meus pezinhos! Você machucado? Espantosamente desolado.

Indagar. Quem tá bancando as bebidas aqui? Orgulhoso possuidor de toda a danação. Declare miséria. Apostei tudo que tinha. Não tenho nenhuma grana. Nenhum centavo comigo esta semana. Sua a bebida de nossos pais pro *Übermensch*. Idem. Cinco Bass extra. E para o senhor? Um cordial de gengibre. Pra mim, a bebida do cocheiro. Pra estimular as calorias.

Dar corda no seu coração. Parou de vez pra nunca mais funcionar de novo quando o velho. Absinto pra mim, tá entendendo? Caramba! Toma um drinque de ovo no álcool ou uma mistura alcoólica contra ressaca. Que horas são? Meu diz-horas tá no prego. Dez para. Brigadíssimo. De nada. Tá com traumatismo peitoral não é, Dix? Evidente. Vui murdido por uma belinha quando tava durmindo no jardinchinho. Mora lá perto da Mater. Casado ele é. Conhece a patroa dele? Lógico, claro que sim. Bem gorducha. Eu a vi em seu dishibilli. Tira a roupa, um motivo de glória. Gostosa mulherzinha. Nada de vaca magricela, nem um pouco. Desce a persiana, amor. Duas Guinness. O mesmo aqui. Parece escorregadio. Se você cair não espera pra levantar. Cinco, sete, nove. Ótimo! Tem um belo par de olhos, verdade mesmo. E ela tá me oferecendo seus peitos e seu vasto traseiro. É preciso ver para crer. Seus olhos famintos e pescoço de alabastro você roubou meu coração, ai, meu spermazinho. Sinhô? Batata contra reumatismo? Tudo besteira, desculpe o mau jeito. Para as massas. Tô cum medo que tu seja um grande tolo. E então, dotô? Vindo lá de Lapland? Sua sagacidade corporosa OK? Como vão as mulheres e os curumins? Tá tua mulher pra parir? Pára e passa pra cá. Senha. Olha só o cabelo. Nossa, é a morte branca e o nascimento vermelho. Oi! Cospe pra cima que cai de volta, patrão! O telegrama do mímico. Plagiado de Meredith. Jesuíta jesuificado, de testículo inflamado, crivado de insetos. Minha titia escreveu pro pai Kinch. Maumauzinho Stephen desencaminha bombonzinho Malachi.

Hurrah! Agarra a bola, rapazinho. Passa a biritá. Olha aqui Jack, bravo montanhês, teu copo de cerveja. Que por muito tempo tua fumaça de chaminé ferva assim como teu caldeirão de sopa! Meu trago. *Merci*. À nossa saúde! Que tal? Infração com a perna no críquete. Não mancha minhas calças novinhas. Você aí, passa a pimenteira. Pega aí. Cominho pro caminho. Morou? Guinchos de silêncio. Cada camarada com a sua puta. Vênus Pandemos. *Les petites femmes*. Menina atrevida e safadinha da cidade de Mullingar. Diz pra ela que eu perguntei por ela. Segulando Sara pela cintula. Na estrada para Malahide. Eu? Se ela que me seduziu tivesse ao menos deixado o nome. Que é que tu quer por nove pence? Machree, macruiskeen. Cópula. Um esforço conjunto. *Ex!*

Esperando, patrão? Sem nenguma dúvida. Apostá à vontade. Espantado vendo que não tá ganhando nenhum vintém. Entendeu papudo? Tem grana *ad lib*. Eu vi um tempinho atrás ele com quase três libras que ele disse que era dele. Nós aceita direto o teu convite, viu? Depende de você, companheiro. Manda a grana. Dois shillings e um penny. Tu aprendeu aquele truque com os trapaceiros franceses? Aqui não vai dar pé de jeito nenhum. Cliancinha muito tlistinha. É o trapaceiro de coloração mais fagueira da nossa área. Verdade verdadeira, Chawley. Num somo tolos. Num somo nada tolos. À caixa-d'água, sôr. Aguadecido.

Com certeza. Que me diz? No bar da esquina. No pileque. Tô vendo o xiô. Bantam, dois dias abstêmio. Não bebendo xonga senão clarete. Droga! Dá uma olhada, dá. Por Deus, tô fudido. E foi no barbeiro pra valer. Demais no pileque pra falar. Com um cara da estrada de ferro. Como é que você tá tão? Que ópera ele gostaria? Rosa de Castela. Montes de figurantes. Polícia! Um pouco de H<sub>2</sub>O prum desmaiado. Veja as flores de Bantam. Gêmeos. Ele vai urrar. A lourinha. Minha lourinha. Ó pára com isso! Fecha a boca dele com mão firme. Tava com o vencedor até que eu acertei ele em cheio. O diabo que tome a frente de Stephen Hand e me dê o cavalinho pangaré. Ele tá caindo em cima de um menino do telégrafo que tava levando um

telegrama do hipódromo pro depósito com o nome do importante Bass. Joga pra ele uma moeda de quatro pence e viola a correspondência dele. Égua em forma, a favorita. Vantagem esmagadora. Chame isso de expectativa máxima. Verdade indiscutível. Distração criminosa? Acho que sim. Com certeza. Põe ele no xadrez se o tira roubou no jogo. As costas de Madden as costas de Madden são enlouquecedoras. Ó luxúria nosso refúgio e nossa força. Safar-se. Você tem de ir? Já pra mamãe. Me apóie. Alguém que esconda minha vergonha. Tô ruinado se ele me avistar. Vem pra casa, nosso Bantam. Orrivar mong viô. Não te esquece das prímulas pra ela. Credita em mim. Quem é que te deu teu potro? De amig pra amig. Honesto. De John Thomas, seu esposo. Nenhuma tapeação, velho Leo. Deus que me ajude, palavra de honra. Tremiam minhas pernas-de-pau se eu tivesse. Eis ali um grande gordo Santo frade. Proqui é que tu não me conta? Pem, eu tô vendo, se isso não é uma coisa de judeu, pem, eu vai ter um fim ruim e violento. Pelo pênis de nosso senhor, Amém.

Você propõe uma moção? Stephen, meu menino, você tá se metendo numa. Mais malditos beberrões? Quer o imensamente esplendífero pagador de bebidas permitir um beberrão da mais extrema pobreza e de uma baita grandiloqüente sede terminar uma bebida cara iniciada? Faz uma pausa. Patrão, patrão, tu tem um bom vinho, staboo? Apupos, sinhô, um tiquinho de um gole para provar. Pára e vem de novo. Certo. Bonifácio! Absinto pra todos. *Nos omnes biberimus viridum toxicum, diabolus capiat posterioria nostria.* Hora de fechar, pessoal. Ei? Vinho do bom pro janota Bloom. Será que eu ouvi tu dizer cebolas? Bloo. Implora anúncios. Papico da Foto, por tudo que é deslumbrante. Vai devagar, compadre. Sai de mansinho. *Bonsoir la compagnie.* E as peças pregadas pela sífilis. Onde é que tá o janota sentimentalóide? Abandonado? Escapuliu. Tudo bem, tu deve seguir teu próprio caminho. Xeque-mate. O rei contra a torre. Bondoso Kristyann pode dar uma mãozinha prum moço privado da chave do bangalô por seu amigo e pra achar um lugar pra encostar o coco de sua cabeça por 2 noite. Cruz-credo, tô caindo de bebum. Pra todo sempre, malditas minhas canelas se esta né as milhores mais formidáveis férias do mundo. Item, garção, dois bolinhos pra esta criança. Pelo sangue de Cristo e repasto, nenhum! Nem um tiquinho de queixos? Lançou sífilis pro fundo do inferno e com ela as outras bebidas licenciadas. Na hora, pessoal! Quem tá errando pelo mundo. À saúde de todos! *À la Vôtre!*

Por Deus, quem diacho é o joveneto de impermeável? Um palhaço. Espia só pras suas roupas. Pelo Todopoderoso! Que é que ele tem? Nada de grande coisa. Bovril, por Jaime. Precisa disso pra valer. Tu entende de simples soquetes? Cara maltrapilho de Richmond. Mal-ajambrado. Ele achava que tinha um peso de chumbo no seu pênis. Disparate de insanidade. Bartle o Pão nós o chamamos. Esse, meu sinhô, foi um dia um cid. próspero. Homem todo esfarrapado e rasgado que casou com moça toda abandonada. Ela bateu as botas, ela bateu mesmo. Ver aqui amor perdido. Impermeal cavaleiro errante solitário. Bebe e vai pra cama. Hora marcada. Fica de olho nos tiras. Perdão? Tu viu ele hoje numa quedamágica? O companheiro de ocê bateu o tindirate? Tem dó de mim sinhô! Pobre neguinhos! Não me diz isso, Pold seu vegetal! Tu derramou um grande borrifo de lágrimas de choro por causa que o migão Padney foi levado no saco preto? De todos os negões Massa Pat era o maioral. Nunca que eu vi igual desde que eu nasci. *Tiens, tiens,* mas é bem triste isso, por certo, sim. Ó sai dessa, é impossível prum carro de corrida acelerar até um grau de onze por cento. Eixos fixos



de direção estão condenados. Dois a um que Jenatzy o miserável vence ele pra valer. Japas? Tiro de grande curvatura, é isso aí! Afundado pelos Especiais de Guerra. Pior pra ele, diz ele, nem pra algum russo. Tá na hora gente. Já onze badaladas. Caiam fora. Em frente, seus tontos cambaleantes! Ba-noite. Ba-noite. Possa Alá o Excelente conservar a alma de vocês esta noite tremendamente para sempre.

Você aí! Não tamos tão bebum assim. A polícia de Leith nos despediu. A mais ínfima tolícia. Cuidado trapaceiros com o cara vomitando. Ruim nas suas regiões abomináveis. Ei. Ba-noite. Mona, meu verdadeiro amor. Ei. Mona, meu único amor. Ufa.

Escuta! Fecha tua matraca. Pflep! Pflep! Rápido. Lá vai ela. Brigada. Meia-volta navio. A caminho de Mount Street. Corta essa. Pflep. Tallyho. Tu não vem? Corre, confusão, corrida. Pflleeeep!

Lynch! Ei? Me acompanha. Denzille Lane é por aqui. Baldeação aqui pro prostíbulo. Nós dois, disse ela, vamos procurar as hospedarias em que a Mary da vida fácil está. Tá certo, a qualquer hora. *Laetabuntur in cubilibus suis*. Você vem comigo? Fala baixo, quem diacho é o cara com roupas pretas? Chuh! Pecaram contra a luz e agora mesmo está perto o dia em que ele virá para julgar o mundo através do fogo. Pflep! *Ut implerentur scripturae*. Comece a tocar uma balada. Então falou o medicante Dick ao seu companheiro o medicante Davy. Meu Cristo, quem é este excremento amarelo protestante em Merrion Hall? Elias está chegando! Lavado no sangue do Cordeiro. Venham vocês seus existências de vinhoespumante, gincrepitante, bebidaesbanjada! Venham seus malditos, tourinos, carrancudos, queixadas-deporco, cérebros-insignificantes, olhos-de-doninha, faroleiros, alarmes falsos e bagagem excessiva! Venham, seus fragmentos triplos da infâmia. Alexander J. Christ Dowie, esse é meu nome, que fui aos trancos à glória por metade deste planeta da praia de Frisco a Vladivostok. A divindade não é nem um pingo um *show* de carnaval. Eu garanto a vocês que Ele é justo e uma danada de boa proposta de negócio. Ele é até agora a coisa mais grandiosa e não se esqueçam disso. Clamar a salvação com o rei Jesus. Você precisa se levantar bem cedinho, seu pecador aí, se você quiser tapear o Deus Todopoderoso. Pflleeeep! Nem mais nem menos. Ele tem um xarope com um estimulante pra você, meu amigo, no bolso de trás dele. Experimente só.

# 15

*(A M ABBOT STREET DO quarteirão dos bordéis, em frente à qual se estende um desvio de linha de bonde sobre chão com esqueletos de trilhos, fogos-fátuos e sinais de perigo vermelhos e verdes. Fileiras de casas encardidas com portas escancaradas. Lâmpadas raras com leques multicores. Em volta da gôndola parada do sorveteiro Rabaiotti homens e mulheres raquíticos discutem. Eles agarram bolinhos folhados entre os quais estão entaladas camadas de neve coral e cobre. Crianças sugando, se dispersam lentamente. O pescoço de cisne da gôndola, bem ereto, avança aos poucos através da escuridão, branco e azul sob um farol. Assobios chamam e respondem.)*

## O CHAMADO

Espere, amor, já vou estar com você.

## A RESPOSTA

Aqui atrás do estábulo.

*(Um idiota surdo-mudo com olhos esbugalhados, sua boca informe pingando, se atira para adiante, sacudido com a dança de São Guido. Uma corrente de mãos infantis o aprisiona.)*

## AS CRIANÇAS

Canhoto! Salve!

### O IMBECIL

*(ergue um braço esquerdo entorpecido e gorgoleja)* Kralute!

## AS CRIANÇAS

Onde está a luz grande?

### O IMBECIL

*(gorgolejando)* Ghaghahuaste!

*(Eles o soltam. Ele se atira para adiante. Uma anã se balança numa corda suspensa entre dois parapeitos, contando. Uma forma escarrapachada de encontro a uma lata de lixo e com a cabeça encoberta por seu braço e chapéu ronca, geme, range os dentes rosnantes, e ronca de novo. Num degrau um gnomo cambaleando no meio de um depósito de lixo se agacha para carregar nas costas um saco de trapos e ossos. De pé ao lado uma mulher velha e enrugada com um lampião a gás na mão soca a última garrafa pela goela do saco dele. Ele suspende sua pilhagem, puxa violentamente para o lado seu boné pontudo e sai mancando mudo. A velha enrugada retorna à sua toca, balançando seu lampião. Uma criança de pernas arqueadas, acorada na soleira da porta com uma peteca de papel, rasteja deslizando atrás dela aos arrancos, agarra a saia dela, e se põe de pé. Um marinheiro bêbado segura com as duas mãos o corrimão de uma entrada para*

*o portão, cambaleando pesadamente. Numa esquina dois guardas-noturnos de pelerines, com as mãos sobre seus coldres, surgem altos. Um prato se espatifa: uma mulher grita: uma criança choraminga. Pragas de um homem troam, sussurram, cessam. Figuras vagueiam, se escondem, espreitam de prédios superlotados. Num quarto aceso por uma vela enfiada no gargalo de uma garrafa uma prostituta desfaz o emaranhado dos cabelos de uma criança escrofulosa. A voz de Cissy Caffrey, ainda jovem, canta estridente de uma alameda.)*

### CISSY CAFFREY

Eu dei para Molly  
Que não é nada mole,  
A perna do pato,  
A perna do pato.

*(Soldado Carr e soldado Compton, com suas badines debaixo dos braços, enquanto marcham titubeantes dão meia-volta e soltam em uníssono de suas bocas uma saraivada de arrotos. Risada de homens vindo da alameda. Uma virago rouca retruca.)*

### A VIRAGO

Azar pra vocês, seus bundas peludos. Viva a garota levada de Cavan.

### CISSY CAFFREY

Mais sorte pra mim. Cavan, Cootehill e Belturbet. (*ela canta*)  
Eu dei pra Constança

Enfiar na pança.  
A perna do pato,  
A perna do pato.

*(Soldado Carr e soldado Compton se viram e contra- replicam, com suas túnicas vermelho-sangue sob a luz do lampião a gás, encaixes pretos de bonés sobre suas cabeças de cabelos louros cortados rentes. Stephen Dedalus e Lynch passam através da turba bem junto dos casacosvermelhos.)*

### SOLDADO COMPTON

*( sacode seu dedo )* Abram caminho pro padre.

### SOLDADO CARR

*( volta-se e interpela )* Ei aí, padre!

### CISSY CAFFREY

*(sua voz planando bem alto)*

Ela a tem, ela a recebeu,  
Onde é que ela meteu,  
A perna do pato.

*(Stephen, brandindo a bengala com sua mão esquerda, canta com alegria o intróito do período pascoal. Lynch, com seu boné de jóquei bem baixo sobre sua sobrançelha, o escolta, com um sorriso escarninho de descontentamento franzindo seu rosto.)*

STEPHEN

*Vidi aquam egredientem de templo a latere dextro. Alleluia.*

*(Os famintos cacos de dentes de uma cafetina idosa se projetam de uma porta de entrada.)*

A CAFETINA

*(sua voz sussurrando roucamente) Sst! Venha aqui até que eu lhe conte. Virgem lá dentro. Sst!*

STEPHEN

*(altius aliquantulum) Et omnes ad quos pervenit aqua ista .*

A CAFETINA

*( cospe seu jato de veneno no rasto deles ) Medicantes de Trinity. Trompa de Falópio. Só pênis e nenhum centavo.*

*(Edy Boardman, fungando, agachada ao lado de Bertha Supple, passa o xale em volta das narinas.)*

EDY BOARDMAN

*(matraqueando)* E uma que disse: eu vi você na praça Faithful com um cara metido a conquistador, o lubrificador da estrada de ferro com seu chapéu-coco. Viu mesmo, digo eu. Não é da sua conta, digo eu. Você nunca que me viu no bordel com um soldado escocês casado, que eu disse. Gente da laia dela! Informante é o que ela é! Teimosa como uma mula. E ela andando com aqueles dois camaradas aquela vez, Killbride, o mecânico, e Oliphant, o cabo.

STEPHEN

*(triumfalista)* *Salvi facti sunt .*

*(Brandindo sua bengala de freixo, quebra a imagem projetada pelo lampião, espalhando luz pelo mundo. Um spaniel branco e amarelo em busca de presa vai furtivamente atrás dele, rosnando. Lynch o enxota com um chute.)*

LYNCH

Aí hein?

STEPHEN

*(olha para trás)* Assim esse gesto, nem música nem odores, seria uma língua universal, o dom das línguas tornando visível não o sentido corrente mas a primeira entelêquia, o ritmo estrutural.

LYNCH

Filoteologia pornosófica. Metafísica em Mecklenburgh Street!

STEPHEN

Nós temos Shakespeare oprimido por uma megera e Sócrates dominado pela mulher. Até o todo sábio estagirita foi mordido, refreado e montado por uma luz de amor.

LYNCH

Bolas!

STEPHEN

De qualquer jeito, quem precisa de dois gestos para ilustrar uma bisnaga de pão e um cântaro? Este movimento ilustra a bisnaga e o cântaro de pão ou de vinho em Omar. Segure a minha bengala.

LYNCH



Pro inferno com a tua bengala amarela. Aonde é que nós vamos?

## STEPHEN

Lince libidinoso, *à la belle dame sans merci*, Georgina Johnson, *ad deam qui laetificat iuventutem meam*.

*(Stephen empurra a bengala para cima dele e lentamente estende suas mãos para fora, inclinando sua cabeça para trás até que as duas mãos fiquem a pequena distância de seu peito, palmas voltadas para baixo, em planos cruzados, os dedos prestes a se apartar, com a mão esquerda mais elevada.)*

## LYNCH

Qual é o cântaro de pão? Pouco importa. Isso ou a alfândega. Ilustra tu mesmo. Olhe pegue aqui sua muleta e ande.

*(Eles passam. Tommy Caffrey escala até o lampião e, agarrado nele, sobe aos ímpetos. Do topo da garra da coluna ele desliza abaixo. Jacky Caffrey abraça o poste para subir. O peão dá uma guinada de encontro ao lampião. Os gêmeos fogem precipitadamente na escuridão. O peão, oscilando, aperta com o indicador uma aba de seu nariz e expele do fundo de sua narina um longo jato líquido de muco. Ombreando o lampião ele caminha com arrogância através da turba com seu fogaréu fulgurante. Serpentes de nevoeiro se elevam do rio se arrastando lentamente. De bueiros, fendas, esgotos, montes de lixo surgem de todos os lados com exalações estagnadas. Um fulgor jorra no sul além da região do rio voltada para o mar. O peão, avançando titubeante, abre caminho através da turba e cambaleia em direção à linha de manobra dos bondes. Do outro lado sob a ponte da ferrovia surge Bloom, vermelho, ofegante, abarrotando o bolso do lado de pão e chocolate. Da janela do cabeleireiro Gillen um retrato composto lhe mostra a imagem do galante Nelson. Um espelho côncavo do lado lhe apresenta o desprezado muito-tempo-perdido lúgubre Booloohoom. O grave Gladstone o vê face a face, Bloom pelo que é Bloom. Ele passa, atingido pelo olhar do truculento Wellington, mas no espelho convexo o sorriso aberto os olhos não atingidos do porquinho e as bochechas e mandíbulas do*

*benzinho gorducho olipoldy o toleirão negação. Bloom pára diante da porta de Antonio Rabaiotti, em suores sob o clarão da lâmpada de arco. Ele desaparece. Pouco depois reaparece e se apressa.)*

BLOOM

Peixe e batatas. N. b. Ah!

*(Ele desaparece no Olhousen, o salsicheiro, por debaixo da porta corrediça da loja que está sendo abaixada. Poucos minutos depois ele emerge por baixo da porta, o arquejante Poldy, o soprador Bloohoom. Em cada mão ele segura um pacote, um contendo uma moderadamente quente pata de porco, o outro uma pata fria de carneiro, borrifada de pimenta. Ele arfa ao se erguer. Então inclinando-se para um lado ele comprime um pacote de encontro às costelas e geme.)*

BLOOM

Uma pontada do lado. Por que é que eu corri?

*(Ele toma fôlego com cuidado e avança lentamente em direção às luzes da linha de manobra dos bondes. O fulgor jorra novamente.)*

BLOOM

O que é isso? Uma baliza com pisca-pisca? Um refletor.

*(Ele se posta na esquina de Cormack, observando.)*

## BLOOM

*Aurora borealis* ou uma fundição de aço? Ah, os bombeiros, naturalmente. Pelo menos no lado do sul. Grande labareda. Podia ser a casa dele. Beggar's Bush. Estamos salvos. *(ele cantarola alegremente)* Londres está ardendo, Londres está ardendo! Em chamas, em chamas! *(ele vislumbra o peão abrindo caminho através da turba no final da Talbot Street)* Vou sentir falta dele. Corre. Rápido. Melhor atravessar aqui.

*(Ele dispara para atravessar a rua. Garotos gritam.)*

## OS GAROTOS

Cuidado, moço!

*(Dois ciclistas, com lanternas de papel que se movem de um lado para o outro, deslizam por ele, tocando-o ao passar, com as campainhas retinindo.)*

## AS CAMPAINHAS

Tintamtintamparem!

## BLOOM

*(para ereto, picado por um espasmo)* Uau!

*(Ele olha à volta, dispara subitamente para a frente. Através de um nevoeiro que se eleva um bonde elétrico mastodôntico de limpeza, rodando com cautela, gira pesadamente para ele, com seu enorme farol vermelho dianteiro piscando, seu trole sibilando no fio elétrico. O motorneiro martela com o pé seu gongo.)*

## O GONGO

Bangue Bangue Bla Bac Blude Bugue Bloo.

*(O freio estala violentamente. Bloom, erguendo uma mão de policial enluvada de branco, sufocado sai às tontas da via férrea. O motorneiro, jogado pra frente, com o nariz achatado sobre o seu volante, berra enquanto resvala por sobre as chaves de mudança no trilho.)*

## O MOTORNEIRO

Ei, filho-da-mãe, você está usando o truque do chapéu?

*(Bloom salta no meio-fio e pára novamente. Ele esfrega a camada de lama pra fora de seu rosto com a mão que segura um pacote.)*

## BLOOM

Trânsito impedido. Por pouco escapei de um acidente mas passou a pontada. Preciso retomar novamente os exercícios de Sandow. Pra baixo sobre as mãos. Seguro contra acidentes na rua também. A Providential. *(ele apalpa o bolso da calça)* Pobre da panacéia da mamãe. Salto fica facilmente preso no trilho ou o cadarço da bota em um dente de roda. No dia em que a roda da Maria preta arrancou meu sapato em Leonard Corner. A terceira vez é que é a boa. Peça pregada pelo sapato. Condutor insolente. Devia dar queixa dele. A tensão os torna nervosos. Podia ser o camarada que me desapontou esta manhã com a mulher com jeito de amazona. Mesmo tipo de beleza. Apesar de tudo foi esperteza dele. Andar altaneiro. Palavra verdadeira dita de pilhéria. Aquela câimbra horrível em Lad Lane. Alguma coisa estragada que eu comi. Emblema de sorte. Por quê? Provavelmente de um gado perdido. Marca do animal. *(ele fecha os olhos por um instante)* Um pouco lelé da cuca. Mal-estar do mês ou efeito da outra. Cefalbrumalgina. Aquela sensação de cansaço. Demais pra mim agora. Uau!

*(Uma figura sinistra se encosta sobre as pernas dobradas no muro de O'Berney, um rosto desconhecido, sífilítico. De debaixo de um sombreiro frondoso a figura o olha com olhar maligno.)*

BLOOM

*Buenas noches, señorita Blanca. Que calle es esta?*

A FIGURA

*(impassível, faz um sinal com o braço) Senha. Sraid Mabbot.*

BLOOM

Haha. *Merci*. Esperanto. *Slan leath*. *(ele resmungo)* Espião da Liga gaélica, enviado pelo brigão.

*(Ele dá um passo à frente. Um maltrapilho com um saco nos ombros barra o seu caminho. Ele dá um passo à esquerda, o homem do saco dá um passo à esquerda.)*

BLOOM

Por favor.

*(Ele dá um passo à direita, o homem do saco faz o mesmo.)*

BLOOM

Por favor.

*(Ele desvia, muda de lado, dá um passo para um lado, passa deslizando e segue em frente.)*

BLOOM

Mantenha-se à direita, direita, direita. Se houver um poste sinalizador plantado pelo Touring Club em Stepside quem obteve esse favor público? Eu que perdi meu caminho e contribuí para as colunas do *Irish Cyclist* com a carta intitulada *Na mais escura Stepside*. Mantenha-se, mantenha-se, mantenha-se à direita. Trapos e ossos à meia-noite. Mais parece um receptor. Primeiro lugar para o qual o assassino vai. Lavar seus pecados deste mundo.

*(Jacky Caffrey, perseguido por Tommy Caffrey, esbarra com toda a força em Bloom.)*

BLOOM

Ó.

*(Chocado, com as barrigas das pernas bambas, ele pára. Tommy e Jacky somem lá, ali. Bloom bate de leve com as mãos segurando os embrulhos no seu bolsinho do relógio, no bolso de sua carteira de documentos, no bolso da carteira de dinheiro, no doçuras do pecado, na batata, sabonete.)*

BLOOM

Cuidado com os batedores de carteira. Velho truque dos ladrões. Esbarram. Em seguida

surrupiam sua carteira.

*(O cão de caça se aproxima farejando, com o focinho no chão. Uma forma esparramada espirra. Uma figura barbada curvada aparece vestindo um longo cafetã de um ancião de Sião e um gorro de fumante com borlas carmins. Óculos corníferos se apóiam nas abas de seu nariz. Vestígios de veneno amarelo no rosto tenso.)*

RUDOLPH

Segunda meiacoroa desperdício dinheiro hoje. Já disse você não andar nunca com gentio bêbado. Assim você não levar nenhum tostão.

BLOOM

*(esconde o pé de porco e pata de carneiro atrás das costas e, cabisbaixo, apalpa quente e frio porco-carneiro) Ja, ich weiss, papachi.*

RUDOLPH

O que você faz neste lugar? Você não tem coração? *(com garras fracas de ave de rapina ele apalpa o rosto silencioso de Bloom)* Você não é meu filho Leopold, o neto de Leopold? Você não é meu querido filho Leopold que abandonou a casa do pai e abandonou o deus de seus pais Abraão e Jacó?

BLOOM

*(com precaução)* Acho que sim, pai. Mosenthal. Tudo que resta dele.

RUDOLPH

*(severamente)* Uma noite eles trazem você para casa bêbado como um gambá depois de gastar seu dinheiro honesto. Como é que você chama caras dominadores?

BLOOM

*(de ombros estreitos dentro do terno Oxford azul, elegante de sua juventude, e um chapéu de alpinista, usando um relógio sem chave Waterbury de alta classe, de prata esterlina e uma corrente dupla Albert com etiqueta de qualidade, um lado dele coberto de uma lama que estava endurecendo)* Perseguidores, pai. Só dessa vez.

RUDOLPH

Uma vez! Lama da cabeça aos pés. Sua mão toda cortada. Tétano. Eles fazem você kaputt, Leopoldleben. Você ficar de olho nesses camaradas.



BLOOM

*(fracamente)* Eles me desafiaram para uma corrida de curta distância. Estava tudo enlameado. Eu escorreguei.

RUDOLPH

*(com desprezo)* *Goim nachez!* Um belo espetáculo para a tua pobre mãe!

BLOOM

Mamãe!

ELLEN BLOOM

*(em pantomima uma touca de senhora amarrada na cabeça, crinolina e anquinha, blusa de mangas bufantes abotoada atrás, à moda da viúva Twankey, mitenes cinzentas e broche camafeu, seu cabelo trançado dentro de uma rede, surge acima dos corrimãos da escada, com um castiçal inclinado na mão, e grita alarmada)* Ó abençoado Redentor, o que é que fizeram com ele! Meus saís! *(ela puxa para cima uma ruga da saia e rebusca no bolso de sua saia de linho listada de azul. Um frasco, um Agnus Dei, uma batata murcha e uma boneca de celulóide caem para fora)* Sagrado Coração de Maria, onde é que você se meteu se meteu? *(Bloom, resmungando, os olhos postos no chão, começa a guardar seus embrulhos nos seus bolsos cheios mas desiste, resmungando.)*

UMA VOZ

*(asperamente)* Poldy!

BLOOM

Quem? *(ele se abaixa e escapa por um triz de levar um tapa)* Às suas ordens.

*(Ele olha para cima. Ao lado de uma miragem de tamareiras uma bela mulher num traje turco se encontra à sua frente. Curvas opulentas recheiam suas calças compridas escarlates e jaqueta de lamê dourado. Uma larga faixa amarela envolve sua cintura. Um yashmak branco, violeta à noite, cobre seu rosto, deixando livres apenas seus grandes olhos escuros e cabelos cor de ébano.)*

BLOOM

Molly!

MARION

O quê? Sra. Marion a partir de agora, meu caro, quando se dirigir a mim. *(ironicamente)* O meu pobre maridinho está com os pés frios de tanto esperar?

## BLOOM

*(apóia-se num pé depois no outro)* Não, não. Nem um pouquinho.

*(Ele respira muito agitado, engolindo golfadas de ar, perguntas, esperanças, pés de porco para a ceia dela, tantas coisas para lhe dizer, desculpas, desejo, enfeitiçado. Uma moeda brilha na testa dela. Nos pés dela estão anéis com pedras preciosas. Seus tornozelos estão atados por correntes como finas algemas. Ao lado dela um camelo, encapuzado com um turbante torreado, aguarda. Uma escada de seda de inúmeros degraus leva ao seu assento balouçante. Ele se aproxima com ancas desapontadas. Ferozmente ela bate no traseiro dele, seus braceletes de ouro tilintando raivosamente, ao mesmo tempo ralhando com ele em árabe.)*

MARION

Nebrakada! Femininum!

*(O camelo, erguendo a pata da frente, colhe de uma árvore uma manga e, piscando o olho, a oferece à sua patroa com sua pata fendida, em seguida inclina a cabeça e, grunhindo, com o pescoço ereto, procura se ajoelhar. Bloom curva suas costas em posição de carniça.)*

BLOOM

Eu posso lhe dar... Quero dizer como seu empresário... Sra. Marion... se a senhora...

MARION

Então você nota alguma mudança? *(suas mãos passando lentamente sobre seu peitilho cheio de berloques, com uma lenta gozação amigável em seus olhos)* Ó Poldy, Poldy, seu antiquado! Vá viver a vida. Vá ver o mundo imenso.

## BLOOM

Eu estava justamente voltando para pegar aquela loção de parafina, água de flor de laranjeira. Loja fecha cedo na quinta-feira. Mas a primeira coisa de manhã. *(ele apalpa diversos bolsos)* Este rim que não pára quieto. Ah!

*(Ele aponta para o sul, depois para o leste. Um bolo de sabonete de limão novo e limpo se eleva, difundindo luz e perfume.)*

## O SABONETE

Nós somos um par e tanto, Bloom e eu.

Ele ilumina a terra. Eu dou brilho ao céu.

*(O rosto sardento de Sweny, o boticário, aparece no disco do solsabão.)*

## SWENY

Três shillings e um penny, por favor.

## BLOOM

Sim. Para minha mulher. Sra. Marion. Receita especial.

MARION

*(suavemente)* Poldy!

BLOOM

Sim, Madame?

MARION

*Ti trema un poco il cuore?*

*(Com desprezo ela se afasta perambulando, cantarolando o dueto de Don Giovanni, roliça como uma pomba-papo-de-vento mimada.)*

BLOOM

A senhora tem certeza a respeito desse *Voglio*? Quero dizer a pronún...

*(Ele segue, seguido por um terrier farejador. A velha cafetina agarra a manga dele, os pêlos de seu queixo reluzindo.)*

## A CAFETINA

Dez shillings uma virgem. Coisinha nova em folha nunca foi tocada. Quinze anos. Não há ninguém ali só seu velho pai bêbado como um gambá.

*(Ela aponta. Na abertura de seu furtivo covil escuro se encontra Bridie Kelly ensopada de chuva.)*

## BRIDIE

Hatch Street. Alguma coisa boa em sua cabeça?

*(Com um gritinho ela bate as asas de seu xale de morcego e corre. Um arruaceiro corpulento a persegue com passos largos de botas. Ele tropeça nos degraus, se recupera, mergulha na escuridão. Gritinhos fracos de riso são ouvidos, mais fracos.)*

## A CAFETINA

*(seus olhos de loba brilhando)* Ele está gozando agora. Você não vai conseguir uma virgem nos bordéis de alta categoria. Dez shillings. Não fique parado aí a noite toda até que o tira à paisana nos veja. O policial sessenta e sete é um filho-da-puta.

*(Olhando de soslaio, Gerty MacDowell avança mancando. Ela vem por trás, lançando um olhar amoroso, e mostra timidamente seu trapo ensangüentado.)*

## GERTY

Eu te dou todos os meus bens desse mundo. *(ela murmura)* Você fez isso. Eu te odeio.

## BLOOM

Eu? Quando? Você está sonhando. Eu nunca te vi.

## A CAFETINA

Deixe o cavalheiro em paz, sua impostora. Escrevendo cartas falsas para o cavalheiro. Rodando a bolsinha e se oferecendo. Era melhor que sua mãe prendesse você no pé da cama, uma sujeitinha como você.

## GERTY

*(para Bloom) Quando você viu todos os segredos da minha roupa de baixo. (ela agarra a manga dele, choramingando) Seu homem casado sujo! Eu amo você por ter feito isso comigo. (Ela se afasta tortuosamente. A Sra. Breen, vestindo um sobretudo de lã masculino com bolsos como foles, está de pé na calçada, com seus olhos indecentes bem abertos, sorrindo com seus herbívoros dentes salientes.)*

## SRA. BREEN

Senh...



BLOOM

*(tosse gravemente)* Minha senhora, quando nós tivemos a última vez o prazer por carta datada de dezesseis do corrente...

SRA. BREEN

Senhor Bloom! O senhor aqui no antro do pecado! Eu o peguei numa boa! Seu tratante!

BLOOM

*(apressadamente)* Não fale tão alto o meu nome. O que é que a senhora está pensando de mim? Não me denuncie. As paredes têm ouvidos. Como vai? Faz séculos que eu. Está com uma aparência esplêndida. Sem dúvida alguma. Um tempo próprio da estação estamos tendo nesta época do ano. O preto refrata o calor. Aqui é um atalho para ir para casa. Um quarteirão interessante. Salvação das mulheres perdidas. Asilo Magdalen. Eu sou o secretário...

SRA. BREEN

*(de dedo erguido)* Ora, não me conte tamanha lorota! Sei de alguém que não vai gostar nada disso. Espere só até que eu veja Molly! *(manhosamente)* O senhor me preste contas agora ou maldito seja!

## BLOOM

*(olha para trás)* Ela muitas vezes disse que gostaria de visitar. Os bairros pobres. O exótico, sabe. Gostaria também de empregados negros de libré se tivesse dinheiro. Aquele negro cruel Otelo. Eugene Stratton. Mesmo o tocador de castanholas e os camaradas pintados de preto da trupe de Livermore. Os irmãos Bohee. Até mesmo o limpador de chaminé.

*(Tom e Sam Bohee, negros pintados em ternos de algodão branco, soquetes escarlates, gargantilhas pretas engomadas e grandes estrelas escarlates nas suas botoeiras saltam fora como se de uma caixa. Cada um deles tem seu banjo a tiracolo. Suas mãos negróides menores e mais pálidas fazem tinir as cordas que tangem. Com olhos brancos cintilantes de negro e dentes grandes e salientes eles chocalham através de uma dança agitada com um sapateado tosco se retorcendo, cantando, costas contra costas, dedos do pé de um com o calcanhar do outro, calcanhar de um com os dedos do pé do outro, com os lábios grossos negros estalando.)*

## TOM E SAM

Há alguém na casa com Dina,  
Há alguém na casa, eu sei, oo,  
Há alguém na casa com Dina,  
Tocando no velho banjo.

*(Eles tiram as máscaras pretas de rostos de bebês em estado natural: então dando uma risadinha, rindo à socapa, arranhando os instrumentos, tangendo, eles cambaleiam cambaleiam se afastando numa dança grotesca.)*

## BLOOM

*(com um sorriso acri-terno)* Um pouco frívol, quem sabe nós dois, se estiver disposta a tanto? Gostaria que eu a abraçasse talvez só por uma fração de segundo?

SRA. BREEN

*(grita alegremente)* Ó, seu toleirão! Veja se se enxerga!

BLOOM

Em memória dos bons tempos. Eu só quis dizer um grupo de quatro, uma mistura de um casamento misto de nossos diferentes pequenos cônjuges. Você sabe que eu tive um fracasso por você. *(melancolicamente)* Fui eu que lhe mandei aquele cartão de uma terna gazela.

SRA. BREEN

Justos céus, você é mesmo uma figura! Simplesmente impagável. *(ela estende a mão inquisitivamente)* O que é que você está escondendo atrás das costas? Diga-nos, seja um bom rapaz.

BLOOM

*(agarra o pulso dela com sua mão livre)* Josie Powell era ela mesma, a deb mais linda de Dublin. Como o tempo voa! Você se lembra, voltando ao assunto num arranjo retrospectivo, na véspera de Natal, a celebração de Georgina Simpson da nova casa enquanto eles jogavam o jogo de Irving Bishop, de achar o alfinete com os olhos vendados e de leitura de pensamento? Assunto, o que está nesta tabaqueira?

SRA. BREEN

Você era o leão da noite com sua recitação sériocômica e você representava bem o seu papel. Você era sempre o favorito das damas.

BLOOM

*(cavaleiro andante, de smoking com debruns de seda acetinada, insígnia azul maçônico em sua botoeira, gravata-borboleta preta e abotoaduras de madrepérola, um copo de champanhe prismático pendia em sua mão)* Senhoras e senhores, eu lhes ofereço a Irlanda, lar e beleza.

SRA. BREEN

Os amados dias que se foram além da lembrança. A velha canção suave do amor.

BLOOM

*(baixando significativamente a voz)* Confesso que estou bule de curiosidade de descobrir se alguma coisa de alguma pessoa está um pouco bule agora.

SRA. BREEN

*(efusivamente)* Bule tremendamente! Londres está bule e eu estou simplesmente toda bule! *(eles se esfregam anca contra anca)* Depois dos jogos de mistério de salão e das balas de estalo da árvore nós nos sentamos na escada turca. Debaixo do visgo. Dois é o bastante.

BLOOM

*(usando um chapéu de Napoleão roxo com uma meia-lua cor de âmbar, com seus dedos e polegar passando lentamente pela mão suave úmida e carnuda dela que ela lhe entrega gentilmente)* A hora mágica da noite. Eu tirei a farpa desta mão lentamente, cuidadosamente. *(ternamente, enquanto enfia no dedo dela um anel de rubi)* *Là ci darem la mano.*

SRA. BREEN

*(com um vestido de baile de uma só peça, de um azul de luar, um diadema de sílfide de lantejoula na frente com seu carnê de baile caído ao lado de sua chinela de cetim azul de luar, fecha suavemente sua palma, respirando rapidamente)* *Voglio e non...* Você está quente! Está escaldante! A mão esquerda mais perto do coração.

BLOOM

Quando você fez a sua escolha atual disseram que era a bela e a fera. Não posso perdoá-la nunca por isso. *(ele traz à testa seu punho fechado)* Pense no que isso quer dizer. Tudo que você significava para mim então. *(roucamente)* Mulher, você está me arrasando!

*(Denis Breen, de cartolabranca, com cartazes-sanduiche do Sábio Hely, passa por eles arrastando os pés em pantufas, sua barba descorada espetada para fora, resmungando à direita e à esquerda. O pequeno Alf Bergan, coberto por um manto de ás de espadas, o segue à direita e à esquerda, dobrando de rir.)*

ALF BERGAN

*(aponta escarnecendo para os cartazes-sanduiche) P. c.: para cima.*

SRA. BREEN

*(para Bloom) Altas palhaçadas debaixo da escada. (ela lhe lança um olhar de revés) Por que você não beijou o sinal para curá-lo? Você bem que queria.*

BLOOM

*(chocado) A melhor amiga de Molly! Como é que você pode?*

SRA. BREEN

*(sua língua polpuda entre os lábios, manda um beijo de pomba)* Hanh. A resposta é um limão. Você tem um presentinho aí para mim?

BLOOM

*(repentinamente)* Kosher. Um lanche para ceia. Um lar sem carne enlatada é incompleto. Eu assisti a *Leah*, Sra. Bandmann Palmer. Distinto expoente de Shakespeare. Infelizmente joguei fora o programa. Um bom lugar animado ali para pés de porco. Apalpar.

*(Richie Goulding, com três chapéus de senhoras espetados na cabeça, aparece inclinado para um lado devido a uma pasta jurídica preta de Collis e Ward na qual estão pintados um crânio e ossos cruzados em cal branca. Ele a abre e a mostra cheia de salsichas, arenques defumados, hadoque Findon e pílulas bem empacotadas.)*

RICHIE

Do mais alto valor em Dub.

*(Calvo Pat, besouro aturdido, de pé no meio-fio, dobra seu guardanapo, aguardando atender.)*

PAT

*(avança trazendo um prato inclinado com um molho transbordante)* Bife e rim. Garrafa de cerveja. Hii hii hii. Aguarde até que eu atenda.

RICHIE

Misericórdia divina. Eunun cacomi em toda...

*(Com a cabeça pendente ele marcha obstinadamente para a frente. O peão, cambaleando, o fere com seu garfo de dois dentes, flamejante.)*

RICHIE

*(com um grito de dor, com sua mão nas costas) Ah! Bright's! Luzes!*

BLOOM

*(aponta para o peão) Um espião. Não chame a atenção. Odeio turbas estúpidas. Não estou propenso ao prazer. Estou num sério apuro.*

SRA. BREEN

Tapeando e bajulando como de costume com suas histórias incríveis.

BLOOM



Quero lhe contar um segredo de como eu vim parar aqui. Mas você não pode contar pra ninguém. Nem mesmo pra Molly. Eu tenho um motivo todo especial.

SRA. BREEN

*(toda ansiosa)* Ó, por nada neste mundo.

BLOOM

Vamos dar uma volta. Está bem?

SRA. BREEN

Vamos.

*(A cafetina faz um sinal despercebido. Bloom caminha com a Sra. Breen. O terrier os segue, ganindo penosamente, abanando o rabo.)*

A CAFETINA

Vesícula seminal de judeu!

BLOOM

*(num terno esporte cor de aveia, um raminho de madressilva na lapela, camisa elegante cor de camurça, gravata escocesa com cruz de Santo André, polainas brancas, guarda-pó castanho-claro no braço, borzeguins vermelho-fulvos, binóculo a tiracolo e um chapéu-coco cinza)* Você se lembra há muito muito tempo, anos e anos atrás, logo depois que Milly, nós a chamávamos de Marionette, foi desmamada quando nós estávamos todos juntos nas corridas de Fairyhouse, não foi?

SRA. BREEN

*(de tailleur requintado tonalidade azul Saxe, chapéu de veludo branco e véu-teia)* Em Leopardstown.

BLOOM

É o que quero dizer, em Leopardstown. E Molly ganhou sete shillings num cavalo de três anos chamado Nevertell e ao voltar para casa por Foxrock naquele velho vagonete de cinco assentos que não oferecia segurança você estava então no seu apogeu com um chapéu de veludo branco com orla de pele de toupeira que a Sra. Hayes a aconselhou a comprar porque tinha sido remarcado a dezenove shillings e onze, um pedacinho de arame e um velho trapo de veludo de algodão, e eu aposto o que você quiser que ela fez de propósito...

SRA. BREEN

Ela o fez, naturalmente, a megera! Não me diga! A bela conselheira!

BLOOM

Porque não assentava tão bem em você nem a metade daquela outra touquinha linda de étamine com a asa da ave-do-paraíso que eu admirava tanto em você nela francamente você ficava encantadora demais embora fosse uma pena matá-la, sua criatura malvada e cruel, um pinguinho de passarinho com um coração do tamanho de um ponto final.

SRA. BREEN

*(aperta o braço dele, sorri afetadamente)* Eu fui malvada e cruel!

BLOOM

*(baixo, secretamente, cada vez mais rápido)* E Molly estava comendo um sanduíche de filé condimentado tirado da cesta de lanche da Sra. Joe Gallaher. Francamente, embora ela tivesse seus mentores ou admiradores, eu nunca fui muito entusiasta do seu estilo. Ela era...

SRA. BREEN

Demais...

BLOOM

Sim. E Molly estava rindo porque Rogers e Maggot O'Reilly estavam imitando um galo quando passamos por uma fazenda e Marcus Tertius Moses, o comerciante de chá, passou por nós num cabriolé com sua filha, Dancer Moses era o nome dela, e o *poodle* no colo dela se impertigou todo e você me perguntou se eu jamais ouvira ou lera ou soubera ou me deparara...

SRA. BREEN

*(animadamente)* Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim.

*(Ela desaparece do lado dele. Seguido pelo cão que gane ele caminha na direção dos portais do inferno. Numa arcada uma mulher de pé, inclinada para a frente, com os pés afastados um do outro, urina como uma vaca. Diante de um bar de janelas fechadas um bando de vagabundos ouve uma história que seu chefe de nariz quebrado produz com voz irritante de humor estridente. Dois deles sem braços agitam-se numa luta romana, rosnando, num combate estúpido de mutilados.)*

O CHEFE

*(se agacha, com sua voz enrolada em seu focinho)* E quando Cairns desceu do cadafalso em Beaver Street no que é que ele fez depois senão na tina de cerveja que estava ali aguardando nas aparas de madeira pelos estucadores de Derwan.

## OS VAGABUNDOS

*(gargalhada com os palatos fendidos) Meu Jesus!*

*(Seus chapéus salpicados de tinta oscilam. Borrifados de goma e cal de seus ofícios eles pulam truncados à volta dele.)*

## BLOOM

Uma coincidência também. Eles acham isso divertido. Tudo menos isso. Em plena luz do dia. Estou tentando andar. Por sorte nenhuma mulher.

## OS VAGABUNDOS

Meu Jesus, essa é boa. Limonada purgativa. Santo Deus, na cerveja dos homens.

*(Bloom passa. Prostitutas baratas, isoladas, aos pares, com xales, desgrenhadas, chamam de travessas, portas, esquinas.)*

## AS PROSTITUTAS

Você está indo pra longe, seu esquisitão?

Como estão suas canelas?

Você tem por acaso um fósforo?

Ei, venha aqui que eu o endureço pra você.

*(Ele atravessa a poça de lama delas em direção à rua iluminada mais adiante. Do bojo das cortinas da janela um gramofone ergue sua trombeta impudente danificada. Na sombra uma taverneira discute com o peão e dois casacosvermelhos.)*

## O PEÃO

*(arrotando)* Onde está essa maldita casa?

## A TAVERNEIRA

Purdon Street. Um shilling uma garrafa de cerveja. Sou uma mulher honesta.

## O PEÃO

*(segurando os dois casacosvermelhos, cambaleia para a frente com eles)* Avante, armada britânica!

## SOLDADO CARR

*(atrás das costas dele)* Ele não tá meio doidão.

## SOLDADO COMPTON

*(ri)* Não é que está mesmo?

SOLDADO CARR

*(para o peão)* A cantina do quartel de Portobello. Procure por Carr. Só Carr.

O PEÃO

*(grita)*

Nós somos os rapazes. De Westford.

SOLDADO COMPTON

Escute! O que você me diz do sargento-ajudante?

SOLDADO CARR

Bennett? Ele é meu chapa. Eu amo o velho Bennett.

O PEÃO

*(grita)*

A corrente torturante.

E libertemos nossa terra pátria.

*(Ele cambaleia para frente, arrastando-os consigo. Bloom pára, embaraçado. O cachorro se aproxima, sua língua pendendo para fora, ofegante.)*

## BLOOM

Busca inútil. Casas licenciosas. Só Deus sabe onde eles se meteram. Os bêbados cobrem distâncias duas vezes mais rápido. Bela confusão. A cena em Westland Row. Então saltam na primeira classe com bilhete de terceira. Então além da estação. Trem com locomotiva atrás. Podia ter me levado para Malahide ou para um tapume para a noite ou para uma colisão. A segunda garrafa produz esse efeito. Uma é a dose certa. Por que é que eu o estou seguindo? Ainda assim, ele é o melhor do bando. Se eu não tivesse sabido da Sra. Beaufoy Purefoy eu não teria ido e não teria encontrado. Destino. Ele vai perder esse dinheiro. Não querem outra coisa senão te aliviar disso aqui. Bom negóc para os mascates e tocadores de órgãos. O que lhes falta. Logo obtido, logo perdido. Podia ter perdido minha vida com aquele homemgongorodatrilhobondeclarãocarrodeJagrená não fosse minha presença de espírito. Não posso sempre salvá-lo, contudo. Se eu tivesse passado pela janela de Truelock naquele dia dois minutos mais tarde teria sido alvejado. Ausência de corpo. Assim mesmo se a bala tivesse apenas atravessado meu casaco podia obter indenização de quinhentas libras por abalo nervoso. Quem era ele? Um cara chique do clube de Kildare Street. Deus guarde seu couteiro. *(Ele olha atentamente em frente, lendo no muro uma legenda rabiscada com giz Sonho Erótico e um desenho fálico.)* Que estranho! Molly desenhando no vidro gelado da carruagem em Kingstown. Com o que é que isso parece? *(Vistasas mulheres bonitas se recostam indolentemente nos vãos iluminados das portas, nas frestas das janelas, fumando cigarros Birdseye. O odor adocicado da erva flutua até ele em guirlandas redondas de fumaças ovaladas.)*

## AS GRINALDAS

Doces são as doçuras. Doçuras do pecado.



## BLOOM

Minha espinha dorsal está um pouco fraca. Ir ou voltar? E esta comida? Comê-la e ficar todo pegajoso do porco? Absurdo é o que sou. Desperdício de dinheiro. Um shilling e oito pence é demais. *(O cão de caça pressiona um focinho frio e ranhento em sua mão, abanando a cauda.)* Estranho como gostam de mim. Até aquele brutamontes hoje. Melhor falar com ele primeiro. Como as mulheres eles gostam de *rencontres*. Fede como um cangambá. *Chacun son goût*. Pode estar raivoso. Diadoscães. Incerto em seus movimentos. Bom rapaz! Fido. Bom rapaz! Garryowen! *(O cão-lobo se estatela de costas no chão, se retorcendo obscenamente com as patas implorantes, sua língua comprida pendendo para fora.)* Influência de seus arredores. Dê e acabe com isso. Desde que ninguém. *(Usando palavras encorajadoras ele recua trefegamente com o passo furtivo de um larápio, perseguido pelo cão perdigueiro até um canto escuro fedendo a urina. Ele desfaz um embrulho e se prepara para jogar fora de mansinho o pé de porco mas hesita e apalpa o pé de carneiro.)* É bastante grande por três pence. Mas por outro lado o tenho na minha mão esquerda. Exige um esforço maior. Por quê? É menor por falta de uso. Ó, deixa pra lá. Dois shillings e seis.

*(Com pesar ele deixa cair o desenrolado pé de porco e pé de carneiro. O mastim marreta desajeitadamente o pacote e se empanturra com rosnadora ganância, mastigando ruidosamente os ossos. Dois guardas com capas de chuva se aproximam, silenciosos, vigilantes. Murmuram juntos.)*

## O GUARDA

Bloom. De Bloom. Para Bloom. Bloom.  
*(Cada uma delas põe a mão no ombro de Bloom.)*

## PRIMEIRO GUARDA

Apanhado em flagrante. Não cometa nenhuma infração.

## BLOOM

*(balbucia)* Eu estou fazendo bem aos outros.

*(Um bando de gaivotas e petréis agitados se eleva do lodo do Liffey com bolos de Banbury em seus bicos.)*

## AS GAIVOTAS

Bele bedeu banbury bolo.

## BLOOM

O amigo do homem. Treinado com bondade.

*(Ele aponta. Bob Doran, caindo de um banco alto de bar, pende acima do cão que masca.)*

## BOB DORAN

Cachorrão. Dê a pata pra gente. Me dê a pata.

*(O buldogue rosna, seu cangote empinado, um naco de mocotó entre seus molares através dos quais uma espuma raivosa de saliva goteja. Bob Doran cai silenciosamente numa área.)*

## SEGUNDO GUARDA

Proibição de crueldade para com os animais.

### BLOOM

*(com entusiasmo)* Um trabalho nobre. Eu ralhei com aquele motorneiro na ponte de Harold por maltratar o pobre cavalo com seu arreio canalha. Palavrão foi o que recebi por meu esforço. Naturalmente estava gelado e era o último bonde. Todas as histórias da vida em circo são altamente desmoralizantes.

*(Signor Maffei, pálido de paixão, com um traje de domador de leão com botões de diamante no seu peitilho da camisa, dá um passo à frente, segurando um arco de circo de papelão, um enroscado chicotedecarruagem e um revólver com o qual ele aponta para o mastim voraz.)*

### SIGNOR MAFFEI

*(com um sorriso sinistro)* Senhoras e senhores, meu educado galgo. Fui eu que domei o corcoveante potro xucro Ajax com meu patenteado selim provido de espigões para carnívoros. Chicotear por baixo do ventre com uma correia nodosa. Bloqueio com cordame e uma roldana estranguladora vai subjugar seu leão, por mais rebelde que ele seja, até mesmo o *Leo ferox* ali, o líbio devorador de homens. Um pé-de-cabra em brasa e um certo unguento na parte queimada produziram Fritz de Amsterdã, a hiena pensante. *(ele lança um olhar penetrante)* Eu possuo o dom da hipnose. O brilho dos meus olhos faz isso junto com o cintilar do meu peito. *(com um sorriso cativante)* Apresento agora mademoiselle Ruby, o orgulho do picadeiro.

## PRIMEIRO GUARDA

Venha. Nome e endereço.

BLOOM

No momento não me lembro. Ah, sim! *(Ele retira seu chapéu de classe, cumprimentando.)* Dr. Bloom, Leopold, cirurgião-dentista. Você já ouviu falar de von Blum Pasha. Uma porção de milhões. *Donnerwetter!* Possui metade da Áustria. Egito. Primo.

PRIMEIRO GUARDA

Comprovação.

*(Um cartão cai da tira de couro do chapéu de Bloom.)*

BLOOM

*(com um fez vermelho, uma casaca de magistrado com uma faixa larga verde, usando uma insígnia falsa da Legião de Honra, pega rápido o cartão e o oferece.)* Permita-me. Meu clube é o Junior Army and Navy. Advogados: Srs. John Henry Menton, 27 Bachelor's Walk.

## PRIMEIRO GUARDA

(*lê*) Henry Flower. Nenhuma residência fixa. Aguardando uma oportunidade de armar uma cilada para uma vítima.

## SEGUNDO GUARDA

Um álibi. Considere-se advertido.

## BLOOM

(*tira de seu bolso junto ao coração uma flor amarela amassada*) Esta é a flor em questão. Foi-me dada por um homem cujo nome eu ignoro. (*plausivelmente*) Você conhece aquela velha piada, rosa de Castela. Bloom. A mudança de nome. Virag. (*ele murmura em particular e confidencialmente*) Estamos comprometidos, sabe, sargento. Uma dama no caso. Uma complicação amorosa. (*ele empurra de leve com o ombro o segundo guarda*) Destrua tudo. É a maneira de nós galanteadores da marinha agirmos. É obra do uniforme. (*ele se volta solenemente para o primeiro guarda*) Só que, naturalmente, às vezes temos nosso Waterloo. Apareça uma noite para tomar um borgonha. (*alegremente para o segundo guarda*) Eu o apresentarei, inspetor. Ela tem boa vontade. Ela o servirá num abrir e fechar de olhos.

(*Um rosto escuro mercurializado aparece, conduzindo uma figura coberta por um véu.*)

## O MERCÚRIO ESCURO

O Castelo o está procurando. Ele foi expulso do exército.

## MARTHA

*(com um véu espesso, um escapulário em volta do pescoço, uma cópia do Irish Times na mão, com um tom de censura na voz, apontando)* Henry! Leopold! Lionel, seu perdido! Limpe meu nome.

## PRIMEIRO GUARDA

*(asperamente)* Venha para o quartel.

## BLOOM

*(assustado, tira o chapéu, dá um passo atrás, e então, pondo a mão no coração e erguendo o braço direito com o cotovelo dobrado, faz o sinal do segundo grau da maçonaria)* Não, não, venerável mestre, luz de amor. Engano de identidade. O correio de Lyon. Lesurques e Dubosc. Você se lembra do caso de fratricídio de Childs. Nós somos médicos. Por golpeá-lo com uma machadinha. Eu estou sendo erroneamente acusado. É melhor um culpado escapar do que noventa e nove serem por engano condenados.

## MARTHA

*(soluçando por trás do véu)* Quebra de compromisso. Meu nome verdadeiro é Peggy Griffin. Ele me escreveu que era infeliz. Vou denunciá-lo ao meu irmão, o zagueiro do Bective Rugger, seu flertador impiedoso.

BLOOM

*(com a mão na frente da boca)* Ela está bêbada. A mulher está embriagada. *(ele murmura a palavra de passe dos Efraimitas)* Schitbroleeth.

SEGUNDO GUARDA

*(com lágrimas nos olhos, para Bloom)* Você devia ficar tremendamente envergonhado de si mesmo.

BLOOM

Senhores do júri, deixem-me explicar. Um mero equívoco. Eu sou um homem incompreendido. Estão fazendo de mim um bode expiatório. Eu sou um homem casado respeitável, sem qualquer mancha no meu caráter. Moro em Eccles Street. Minha mulher, eu sou a filha de um muito distinto comandante, um galante e íntegro cavalheiro, como vocês o chamam, general-de-divisão Brian Tweedy, um dos soldados britânicos que ajudaram a ganhar as batalhas. Recebeu seu título de major pela defesa heróica de Rorke's Drift.

PRIMEIRO GUARDA

Regimento.

## BLOOM

*(volta-se para a galeria)* Os Royal Dublins, camaradas, o sal da terra, conhecidos no mundo inteiro. Acho que estou vendo alguns antigos companheiros de armas aí entre vocês. Os R. D. F., com nossa própria polícia metropolitana, guardiães de nossos lares, os mais corajosos rapazes e a corporação melhor, quanto ao físico, a serviço de nosso soberano.

## UMA VOZ

Vira-casaca! Viva os bôeres! Quem zombou de Joe Chamberlain?

## BLOOM

*(com a mão no ombro do primeiro guarda)* Meu velho pai também era um juiz de paz. Eu sou um britânico tão leal quanto o senhor, sabe. Eu lutei sob as bandeiras pelo rei e o país na guerra dos soldados distraídos sob o comando do general Gough o do parque e fui posto fora de combate em Spion Kop e Bloemfontein, fui mencionado em despachos. Fiz tudo que um homem branco podia fazer. *(com sentimento tranquilo)* Jim Bludso. Mantenho o focinho de encontro à margem do rio.

## PRIMEIRO GUARDA

Profissão ou ofício.



## BLOOM

Bem, eu tenho uma ocupação literária, autor-jornalista. Na verdade nós estamos justamente publicando uma coleção de histórias premiadas das quais sou o inventor, algo que é uma medida inteiramente nova. Sou ligado à imprensa britânica e irlandesa. Se você ligar para...

*(Myles Crawford vem saltitando com passos largos, com uma pena de pato entre os dentes. Seu bico escarlate resplandece dentro da auréola de seu chapéu de palha. Ele balança uma réstia de cebola espanhola em uma das mãos e segura com a outra mão um fone telefônico junto ao ouvido.)*

## MYLES CRAWFORD

*(sacudindo as barbelas do galo)* Alô, setenta e sete oitenta e quatro. Alô. Aqui do *Mictório do Freeman* e do *Enxugatraseiro do Weekly*. Paralisem a Europa. Você o quê? Tiras? Quem escreve? Bloom?

*(Sir Philip Beaufoy, face empalidecida, está de pé no banco das testemunhas, com uma veste matinal apurada, com a ponta do lenço aparecendo no bolso de cima, com calça lavanda bem vincada e botas de boa qualidade. Traz na mão uma pasta grande rotulada Golpes de Mestre de Matcham.)*

## BEAUFOY

*(fala arrastado)* Não, você não é. De maneira nenhuma que eu saiba. Não o vejo dessa maneira, é tudo. Nenhum cavalheiro bem-nascido, ninguém com as mais rudimentares características de um cavalheiro se rebaixaria a uma conduta tão particularmente desprezível. Um desses, meu senhor. Um plagiador. Um bajulador dissimulado mascarando de *littérateur*. É perfeitamente óbvio que com a mais inerente baixeza ele plagiou algum de meus exemplares de maior sucesso, uma matéria realmente brilhante, uma perfeita preciosidade, as passagens amorosas nela são abaixo de qualquer suspeita. Os livros Beaufoy de amor e grandes haveres, com os quais vossa senhoria está sem dúvida familiarizado, são chavões através de todo o reino.

## BLOOM

*(murmura com a soturna brandura de um velhaco)* Eu faria uma objeção àquele pedacinho

sobre a risonha feiticeira de mãos dadas, se eu puder...

BEAUFOY

*(com o lábio revirado, sorri desdenhosamente para a corte)* Você, seu asno engraçadinho, você! Você é por demais tremendamente suspeito para que eu encontre palavras para expressar! Não penso que você precise se desincomodar excessivamente a esse respeito. Meu agente literário Sr. J. B. Pinker está cuidando disso. Presumo, meu senhor, que receberemos o magro pagamento usual das testemunhas, não é? Estamos extremamente sem dinheiro por causa deste miserável camarada da imprensa, este falastrão de Rheims, que nem sequer frequentou uma universidade.

BLOOM

*(indistintamente)* Universidade da vida. Má arte.

BEAUFOY

*(grita)* É uma mentira miseravelmente torpe, revelando a podridão moral do homem! *(ele estende sua pasta)* Temos aqui uma evidência condenatória, o *corpus delicti*, meu senhor, um espécime de meu trabalho mais amadurecido desfigurado pelo traço distintivo deste animal.

## UMA VOZ VINDA DA GALERIA

Moisés, Moisés, rei dos judeus,  
Enxugou seu traseiro no *Daily News*.

BLOOM

*(corajosamente)* Exagerado.

BEAUFOY

Seu abjeto cafajeste. Você devia ser mergulhado no tanque de lavar os cavalos, seu canalha. *(para a corte)* Ora, vejam a vida privada do homem! Levando uma existência quádrupla! Anjo na rua e demônio em casa. Não merece ser mencionado numa sociedade mista! O arquiconspirador da época!

BLOOM

*(para a corte)* E ele, um solteirão, como...

## PRIMEIRO GUARDA

O rei contra Bloom. Chamem a mulher Driscoll.

## O PREGOEIRO

Mary Driscoll, copeira!

*(Mary Driscoll, empregada desmazelada, se aproxima. Ela tem um balde na curva do braço e um esfregão em sua mão.)*

## SEGUNDO GUARDA

Uma outra! Você é daquela classe infeliz?

## MARY DRISCOLL

*(com indignação)* Eu não sou má, não. Eu tenho um caráter respeitável e fiquei quatro meses no meu último emprego. Eu tinha uma boa situação, seis libras por ano e meus extras com folgas nas sextas-feiras e tive que deixar o emprego por ele dar em cima de mim.

## PRIMEIRO GUARDA

De que você o acusa?

MARY DRISCOLL

Ele me fez uma certa proposta mas eu pensei mais em mim pobre do jeito que eu sou.

BLOOM

*(vestindo uma jaqueta de tecido enrugado de ficar em casa, calça de flanela, chinelos, barbudo, com o cabelo amarranhado: suavemente)* Eu a tratei bem. Eu lhe dei lembranças, ligas elegantes verde-esmeralda muito acima da sua classe social. Imprudentemente tomei seu partido quando você foi acusada de furto. Há um meio-termo em tudo. Seja justa.

MARY DRISCOLL

*(excitadamente)* Que Deus seja testemunha de mim esta noite se eu jamais pus a mão em uma dessas olstras.

## PRIMEIRO GUARDA

Qual a ofensa de que se queixa? Aconteceu alguma coisa?

MARY DRISCOLL

Ele me pegou de surpresa nos fundos da casa, Excelência, uma manhã quando a patroa estava fora fazendo compras me pedindo um alfinete de segurança. Ele me agarrou e como resultado eu fiquei com manchas em quatro lugares. E ele meteu as mãos dentro de minha roupa por duas vezes.

BLOOM

Ela contra-atacou.

MARY DRISCOLL

*(desdenhosamente)* Eu tinha mais respeito pelo esfregão, ah isso eu tinha. Eu protestei com ele, Vossa Senhoria, e ele me advertiu: bico calado.

*(Risada geral.)*

*(funcionário da coroa e da justiça, ressonantemente)* Ordem no tribunal! O acusado vai fazer agora uma declaração espúria.

*(Bloom, que se declara inocente e tem na mão um nenúfar desabrochado, inicia um discurso longo e ininteligível. Eles iam ouvir o que o advogado tinha a dizer em sua alocução comovedora ao grande júri. Ele estava arrasado mas, embora marcado como uma ovelha negra, se assim pudesse dizer, ele tencionava se reformar, para reabilitar a memória do passado de uma maneira puramente fraterna e retornar à natureza como um animal puramente doméstico. Uma criança nascida de sete meses, ele fora criado cuidadosamente e educado por mãe idosa presa ao leito. Podiam ter ocorrido erros de um pai culpado mas ele queria virar agora uma nova página, quando finalmente no final à vista do pelourinho, levar uma vida caseira no anoitecer de seus dias, impregnado do ambiente afetuoso do nobre seio da família. Um britânico aclimatizado, ele tinha vislumbrado naquele fim de dia de verão da plataforma da cabine do maquinista da companhia de estrada de ferro Loop Line enquanto a chuva se abstinha de cair, como se fosse, através das janelas de lares cheios de amor da cidade de Dublin e um distrito urbano de cenas verdadeiramente rurais de felicidade da melhor terra com papel de parede de Dockrell de um shilling e nove pence a dúzia, crianças inocentes nascidas cidadãs britânicas balbuciando orações ao Infante Sagrado, jovens estudantes segurando suas tarefas escolares ou mocinhas exemplares tocando no piano ou dentro em pouco todas com fervor recitando o rosário da família em volta da crepitante acha de Natal enquanto nas ruelas e verdejantes alamedas as moças passeavam com seus namorados quantas vezes ao som do acordeão Britânia com ressonância de órgão, de armação metálica com quatro registros de órgão e doze foles, um sacrifício, a maior barganha que jamais... Risada renovada. Ele murmura incoerentemente. Os repórteres reclamam que não conseguem ouvir.)*

## A CALIGRAFIA E A ESTENOGRAFIA

*(sem levantar os olhos de seus cadernos de notas)* Soltem as botas dele.



## PROFESSOR MACHUGH

*(do banco da imprensa, tosse e profere em voz alta)* Lance isso fora, homem. Cuspa-o aos pedacinhos.

*(O interrogatório prossegue a respeito de Bloom e do balde. Um grande balde. Bloom ele mesmo. Problema de intestino. Em Beaver Street. Afligir, sim. Bem ruim. O balde de um estucador. Andando com as pernas rígidas. Padeceu uma angústia indizível. Uma agonia mortal. Por volta do meio-dia. Amor ou borgonha. Sim, um pouco de espinafre. Momento crucial. Não olhou para dentro do balde. Ninguém. Uma confusão danada. Não totalmente. Um número antigo de Titbits. Gritaria e apupos. Bloom com uma sobrecasaca amarrotada e manchada de cal, com uma cartola repisada posta de lado na cabeça, uma tira de argamassa atravessada no nariz, fala com voz inaudível.)*

## J. J. O'MOLLOY

*(com uma peruca cinzenta e toga de causídico, falando com uma voz de doloroso protesto)* Este não é um lugar para frivolidade indecente à custa de um mortal culpado embriagado. Não estamos numa jaula de urso nem num banzé de Oxford nem num travesti de justiça. Meu cliente é um infante, um pobre imigrante estrangeiro que começou do zero como um passageiro clandestino e está agora tentando ganhar a vida honestamente. O fabricado delito foi devido a uma aberração momentânea hereditária, provocada por uma alucinação, tais familiaridades como a ocorrência culpada alegada sendo permitidas na região nativa do meu cliente, a terra dos Faraós. *Prima facie*, eu declaro aos senhores que não houve nenhuma tentativa de intenção carnal. Não houve relação sexual e a queixa apresentada por Driscoll, de que sua virtude foi solicitada, não foi reiterada. Eu trataria especialmente de atavismo. Houve casos de naufrágio e sonambulismo na família de meu cliente. Se o acusado pudesse falar ele revelaria uma história – uma das mais estranhas que jamais foram narradas entre as capas de um livro. Ele mesmo, meu senhor, é uma ruína física devido à tuberculose típica de um sapateiro. Sua hipótese submetida à sua apreciação é a de que ele é de origem mongol e irresponsável por seus atos. De fato, não está tudo aí.

## BLOOM

*(descalço, com tronco raquítico, túnica e calça de marinheiro indiano, com apologeticos dedos dos pés voltados para dentro, abre seus minúsculos olhos de toupeira e olha à sua volta com deslumbramento, passando a mão lentamente por sua testa. Então ele puxa seu cinto de marinheiro e com um encolher de ombros de mesura oriental saúda o tribunal, apontando com o polegar para o céu) Ele fezi mutchi beli noiti. (ele começa simplesmente a cantarolar)*

*Li li pobi beibi*

*Trazi pédeporco toda noiti*

*Pagui dois shilly...*

*(Vaias o fazem calar.)*

## J. J. O'MOLLOY

*(inflamado para o populacho)* Esta é uma luta solitária. Pelo senhor dos infernos, não posso admitir que qualquer cliente meu seja privado de falar livremente e atormentado desta maneira por um bando de cães vira-latas e hienas ridentes. O código de Moisés suplantou a lei da selva. Eu o digo e o digo enfaticamente, sem desejar por um momento frustrar os propósitos da justiça, o acusado não foi cúmplice perante o ato e a querelante não foi subornada. A jovem foi tratada pelo réu como se fosse sua própria filha. *(Bloom pega a mão de J. J. O'Molloy e a ergue até seus lábios)* Eu usarei evidência contrária para provar de maneira total que a mão escusa está novamente em seu velho jogo. Quando em dúvida persiga-se Bloom. Meu cliente, um homem tímido por natureza, seria o último homem no mundo a fazer qualquer coisa que não fosse cavalheiresca que a modéstia injuriada pudesse objetar ou atirar uma pedra numa moça que se desencaminhasse quando algum sórdido covarde, responsável pelo estado dela, tivesse empregado sua doce lábia para com ela. Ele quer andar reto. Eu o considero o homem mais puro que conheço. Ele está no presente momento em dificuldades devido à hipoteca de sua extensa propriedade em Agendath Netaim na distante Ásia Menor, cujos *slides* serão mostrados agora. *(para Bloom)* Sugiro que você faça agora um belo gesto.

## BLOOM

Um penny por cada libra devida.

*(A imagem do lago Kinnereth com um gado embaçado roendo a relva na névoa prateada é projetada na parede. Moses Dlugacz, albino deolhosdedoninha, com calça de brim azul, levanta-se na galeria, segurando em cada mão uma cidra cor de laranja e um rim de porco.)*

## DLUGACZ

*(roucamente)* Bleibtreustrasse, Berlim, W. 13.

*(J. J. O'Molloy dá um passo à frente para a base inferior da parede e segura a lapela de seu paletó com solenidade. Seu rosto se alonga, fica pálido e barbudo, com olhos fundos, as manchas de tuberculose e ossos da face febris de John F. Taylor. Leva o lenço à boca e examina minuciosamente a maré galopante de sangue rosa.)*

## J. J. O·MOLLOY

*(quase sem voz)* Perdoem-me. Estou padecendo de uma gripe séria, saí recentemente de um leito de doente. Algumas palavras bem escolhidas. *(Ele assume a cabeça avicular, bigode raposino e a eloqüência narigal de Seymour Bushe.)* Quando o livro dos anjos vier a ser aberto se algo que o seio pensativo inaugurou da alma transfigurada e da transfigurante mereça viver digo que concordo que ao prisioneiro na barra do tribunal se conceda o sagrado benefício da dúvida.

*(Um papel com alguma coisa escrita é entregue à corte.)*

## BLOOM

*(em traje do tribunal)* Posso apresentar as melhores referências. Srs. Callan, Coleman. Sr. Wisdom Hely J. P. Meu antigo chefe Joe Cuffe. Sr. V. B. Dillon, ex-prefeito de Dublin. Eu freqüentei o círculo fascinante das mais poderosas... Rainhas da sociedade de Dublin. *(negligentemente)* Estive justamente esta tarde batendo um papo na residência do vice-rei com meus velhos amigos, sir Robert e senhora Ball, astrônomo real, no desembarcadouro. Sir Bob, disse eu...

## SRA. YELVERTON BARRY

*(com vestido de baile de opala de decote avantajado e luvas longas marfim, usando uma peliça adornada de zibelina com um acolchoado cor de tijolo, uma travessa de brilhantes e penacho de águia-pescadora no cabelo)* Prenda-o, Sr. guarda. Ele me escreveu uma carta anônima em grafia inclinada de aprendiz quando meu marido estava na Jurisdição do Norte de Tipperary no circuito de Münster, assinada James Lovebirch. Ele disse que tinha visto do balcão superior minhas esferas incomparáveis quando eu estava sentada no camarote do Teatro Real numa representação de gala de *La Cigale*, requestada pelo vice-rei da Irlanda. Eu o excitei profundamente, disse ele. Ele me fez propostas impróprias para, na quinta-feira seguinte, eu me portar mal com ele às quatro horas da tarde, hora de Dunsink. Ofereceu me mandar pelo correio a obra de ficção de monsieur Paul de Kock, intitulada *A Moça dos Três Espartilhos*.

## SRA. BELLINGHAM

*(com touca e capa de pele de coelho castanho, enrolada até o nariz, sai de seu coche de quatro rodas e explora através de seu monóculo de aros de tartaruga que retira de dentro de seu enorme regalo de pele de gambá)* Para mim também. Sim, acredito que é a mesma pessoa desagradável. Porque ele fechou a portinhola da minha carruagem em frente da casa de Thornley Stoker num dia de chuva e neve durante a onda de frio de fevereiro de noventa e três quando até a rede de tubo de descarga e a válvula da caixa-d'água do meu banheiro estavam

congeladas. Subseqüentemente ele ajuntou uma flor de *edelweiss* colhida no alto da montanha, como ele disse, em minha honra. Eu fiz ela ser examinada por um perito em botânica e obtive a informação de que era um tubérculo da flor cultivado para consumo local roubado de uma estufa da fazenda modelo.

SRA. YELVERTON BARRY

Que vergonha!

*(Uma multidão de prostitutas e maltrapilhos se avoluma caminhando.)*

AS PROSTITUTAS E MALTRAPILHOS

*(gritando)* Pare ladrão! Hurra aí, Barbaazul! Três vivas ao Ikey Mo!

SEGUNDO GUARDA

*(exibe as algemas)* Aqui estão as algemas.

SRA. BELLINGHAM

Ele se dirigiu a mim usando diversas caligrafias com lisonjas excessivas tais como a Vênus das peles e alegou profunda piedade por meu cocheiro enregelado Palmer enquanto no mesmo fôlego se expressava invejoso de suas orelheiras e felpudas carneiras e de sua afortunada proximidade da minha pessoa quando ficava de pé atrás da minha cadeira vestindo meu uniforme e as divisas heráldicas do escudo de Bellingham ornado de zibelina, uma cabeça de gamo cravada de ouro. Ele louvou quase extravagantemente minhas extremidades inferiores, as protuberâncias das minhas barrigas das pernas cobertas por meias atingindo o mais alto possível, e elogiou ardorosamente meus outros tesouros ocultos por renda inestimável que, disse ele, podia evocar mentalmente. Ele instou comigo (declarando que considerava sua missão na vida instar comigo) a que profanasse o leito nupcial, a cometer adultério na mais breve oportunidade possível.

#### A ILUSTRE SRA. MERVYN TALBOYS

*(em traje de amazona, chapéu-coco, botas longas com esporas, colete escarlate, luvas mosqueteiras castanho-claras guarnecidas de tambores, longa cauda erguida e chicotinho de caçada com o qual ela golpeia constantemente a gáspea de sua bota)* A mim também. Porque ele me viu no campo de pólo do parque Phoenix na partida de Toda a Irlanda contra o Resto da Irlanda. Meus olhos, eu sei, brilhavam divinamente quando eu observei o capitão Slogger Dennehy do Inniskilling vencer o *set* final em seu cavalo favorito *Centauro*. Este dom-juan plebeu me observou por trás de um carro de aluguel e me mandou em envelopes duplos uma fotografia obscena, como as que são vendidas ao cair da noite nos bulevares de Paris, insultuosa para qualquer dama. Eu ainda a tenho. Ela representa uma *señorita* parcialmente nua, frágil e encantadora (a mulher dele, como solenemente me asseverou, tirada por ele ao natural), praticando ato sexual ilícito com um *torero* musculoso, evidentemente um patife. Ele instou comigo a que eu fizesse o mesmo, me comportasse mal, pecasse com oficiais da guarnição. Implorou que eu sujasse sua carta de uma maneira indizível, que o castigasse como ele ricamente merecia, que montasse nele e o cavalgasse, que lhe desse a mais selvagem surra de chicote.

SRA. BELLINGHAM

A mim também.

SRA. YELVERTON BARRY

A mim também.

*(Diversas senhoras altamente respeitáveis de Dublin erguem cartas impróprias recebidas de Bloom.)*

A ILUSTRE SRA. MERVYN TALBOYS

*(bate com suas esporas tilintantes num súbito paroxismo de fúria)* Eu vou, pelo Deus todopoderoso. Eu vou chicotear este covarde ser desprezível enquanto eu puder ficar sobre ele. Vou esfolá-lo vivo.

BLOOM

*(fechando os olhos, se encolhe esperançosamente)* Aqui? *(ele se contorce)* De novo! *(ele arqueja se agachando)* Eu amo o perigo.

A ILUSTRE SRA. MERVYN TALBOYS

Ele ama pra valer! Vou esquentar isso pra você. Vou fazê-lo dançar à moda de Jack Latten por isso.

SRA. BELLINGHAM

Bata bem na sua calça, o arrogante! Escreva nela as estrelas e os galões!

SRA. YELVERTON BARRY

Infame! Não há desculpa para ele! Um homem casado!

BLOOM

Todas estas pessoas. Eu só me referia à idéia de espancar. Um ardor formigante e quente sem efusão. Um fustigar requintado para estimular a circulação.

A ILUSTRE SRA. MERVYN TALBOYS

*(ri zombeteiramente)* Ah, é, meu belo senhor? Bem, pelo Deus vivo, você vai ter a surpresa de sua vida agora, creia em mim, a mais impiedosa surra pela qual um homem barganhou.



Você incitou a fúria da tigresa adormecida em minha natureza.

SRA. BELLINGHAM

*(sacode seu regalo e seu lorgnon vingativamente)* Faça ele sentir dor aguda, querida Hannah. Dê-lhe gengibre picante. Chicoteie este vira-lata quase até a morte. Com uma corda de nove grilhões. Castre-o. Vivissecte-o.

BLOOM

*(estremecendo, se encolhendo, junta as mãos: com aspecto desprezível)* Que frio! Que calafrio! Foi sua beleza divina. Esqueça, perdoe. Kismet. Deixe-me escapar só essa vez. *(ele oferece a outra face.)*

SRA. YELVERTON BARRY

*(severamente)* Não faça isso em meu benefício, Sra. Talboys! Ele deve ser açoitado valentemente!

A ILUSTRE SRA. MERVYN TALBOYS

*(desabotoando sua luva de montar violentamente)* Eu não faria tal coisa. Cachorroporco e sempre foi assim desde que foi parido! Ousar se dirigir a mim! Vou açoitá-lo no meio da rua até ele ficar cheio de contusões. Vou cravar minhas esporas nele até a roseta da espora. Ele é um notório corno. *(ela faz sibilar seu chicotedecaça selvagememente no ar)* Arriem as calças dele sem perda de tempo. Venha aqui, senhor! Rápido! Pronto?

## BLOOM

*(tremendo, começando a obedecer)* O tempo tem estado tão quente.

*(Davy Stephens, com cachos, passa com um bando de meninosjornaleiros descalços.)*

## DAVY STEPHENS

*Messenger of the Sacred Heart e Evening Telegraph* com o suplemento do Dia de São Patrício. Contendo os novos endereços de todos os cornos de Dublin.

*(O mui reverendo Canon O'Hanlon com um manto de tecido dourado eleva e exhibe um relógio de mármore. À sua frente padre Conroy e o reverendo John Hughes S. J. se inclinam profundamente.)*

## O RELÓGIO

*(abrindo a portinhola)*

Cuco.

Cuco.

Cuco.

*(As argolas de metal de uma cama são ouvidas tilintando.)*

## AS ARGOLAS

Diguedigue. Digadiga. Digdig.

*(Um painel de nevoeiro rola rapidamente para trás, revelando rapidamente no banco dos jurados as faces de Martin Cunningham, presidente do júri, de cartola, Jack Power, Simon Dedalus, Tom Kernan, Ned Lambert, John Henry Menton, Myles Crawford, Lenehan, Paddy Leonard, Nosey Flynn, M'Coy e o rosto sem traços definidos de Um Anônimo.)*

## O ANÔNIMO

Cavalgando em pêlo. Peso para a idade. Deus meu, ele a organizou.

## OS JURADOS

*(todas as cabeças voltadas para a voz dele)* É mesmo?

## O ANÔNIMO

*(rosna)* O traseiro por cima da cuca. Cem shillings para cinco.

## OS JURADOS

*(todas as cabeças abaixadas em assentimento)* A maior parte de nós pensou o mesmo.

### PRIMEIRO GUARDA

Ele é um homem marcado. A perda do rabo-de-cavalo de uma outra moça. Está sendo procurado: Jack o Estripador. Mil libras de recompensa.

### SEGUNDO GUARDA

*(pasma, sussurra)* E de preto. Um mórmon. Anarquista.

### O PREGOEIRO

*(em voz alta)* Considerando que Leopold Bloom sem domicílio fixo é um conhecido dinamitador, forjador, bígamo, cáften e corno e uma desgraça pública para os cidadãos de Dublin e considerando que nesta comissão de sessões periódicas do tribunal superior o muito ilustre...

*(Sua Excelência, senhor Frederick Falkiner, primeiro magistrado de Dublin, com veste judicial cor de pedra cinza, totalmente barbado se ergue de seu banco. Ele carrega em seus braços um cetro com forma de guarda-chuva. De sua frente se erguem rígidos chifres mosaicos de carneiro.)*

## O MAGISTRADO

Eu vou pôr um fim a este tráfico de escravos brancos e livrar Dublin desta praga odiosa. É escandaloso! *(ele põe o barrete preto)* Que ele seja levado, Sr. Subxerife, do recinto em que se encontra agora e detido em custódia no presídio de Mountjoy enquanto aprouver à Sua Majestade e ali seja enforcado pelo pescoço até que esteja morto e que lá não falhe por sua conta e risco ou tenha o Senhor misericórdia de sua alma. Removam-no.

*(Um barrete preto desce sobre sua cabeça. O subxerife Long John Fanning aparece, fumando um pungente Henry Clay.)*

## LONG JOHN FANNING

*(franze a testa e brada com uma expressão vocal magnificamente enrolada)* Quem vai enforcar o Judas Iscariote?

*(H. Rumbold, mestre barbeiro, com um gibão vermelhosangue e avental de curtidor, uma corda enrolada sobre o ombro, sobe no madeiro. Um cacete de ponta chumbada e uma maça provida de pregos estão fincados em seu cinto. Ele esfrega ferozmente suas mãos engalfinhantes, nodosas por soqueira de ferro.)*

## RUMBOLD

*(para o magistrado com familiaridade sinistra)* O enforcador Harry, Vossa Majestade, o terror de Mersey. Cinco guinéus por jugular. Pescoço ou nada.

*(Os sinos da igreja de São Jorge dobram lentamente, em tom bem elevado o ferro escuro.)*

## OS SINOS

Heiho! Heiho!

### BLOOM

*(desesperadamente)* Espere. Pare. Gaivotas. Bom coração. Eu vi. Inocência. Menina na jaula do macaco. Zoo. Chimpanzé libidinoso. *(sem fôlego)* Bacia pélvica. O rubor ingênuo dela me deprimiu. *(dominado pela emoção)* Eu abandonei o recinto. *(ele se volta para uma figura na multidão, apelando)* Hynes, posso falar com você? Você me conhece. Pode ficar com aqueles três shillings. Se você quiser um pouco mais...

### HYNES

*(friamente)* Você é um perfeito estranho.

### SEGUNDO GUARDA

*(aponta para o canto)* A bomba está aqui.

## PRIMEIRO GUARDA

Máquina infernal com um detonador programado.

BLOOM

Não, não. Pé de porco. Eu estava no enterro.

PRIMEIRO GUARDA

*(puxa o cassetete)* Mentiroso!

*(O bigle ergue seu focinho, mostrando o rosto cinzento e escorbútico de Paddy Dignam. Ele corroeu todo. Ele exala um hálito de uma carcaça putrefata. Ele cresce ao tamanho e forma humanos. Seu pêlo de bassê torna-se uma veste mortuária marrom. Seus olhos verdes brilham injetados. Metade de uma orelha, todo o nariz e ambos os polegares estão comidos por um espírito maléfico.)*

PADDY DIGNAM

*(numa voz cavernosa)* É verdade. Era o meu enterro. Doutor Finucase decretou vida extinta quando sucumbi a uma doença de causas naturais.

*(Ele ergue o mutilado rosto cadavérico em direção à lua e ladra lugubrememente.)*

BLOOM

*(triunfalmente)* Vocês ouviram?

PADDY DIGNAM

Bloom, eu sou o espírito de Paddy Dignam. Escuta, escuta, Ó escuta!

BLOOM

A voz é a voz de Esaú.

SEGUNDO GUARDA

*(se benze)* Como é possível isso?

PRIMEIRO GUARDA

Isso não está no catecismo abreviado.



PADDY DIGNAM

Por metempsicose. Assombrações.

UMA VOZ

Ó droga.

PADDY DIGNAM

*(veementemente)* Eu trabalhei certa vez para o Sr. J. H. Menton, advogado, membro de uma comissão para declarações juramentadas e depoimentos, do 27 Bachelor's Walk. Agora sou defunto, a parede do coração hipertrofiada. Duro destino. Minha pobre mulher ficou tremendamente magoada. Como ela está suportando isso? Mantenha-a longe daquela garrafa de xerez. *(ele olha à volta)* Uma lâmpada. Preciso satisfazer uma necessidade animal. Esse leitelho não combinou comigo.

*(A figura corpulenta de John O'Connell, zelador, avança segurando um molho de chaves presas por um crepe. Ao lado dele se encontra padre Coffey, capelão, de barriga de sapo, com pescoço duro, com uma sobrepeliz e bandana como touca de noite, segurando sonolentemente um bastão de papoulas entrelaçadas.)*

PADRE COFFEY

*(boceja, em seguida entoa com grasnido rouquenho)* Namine. Jacó. Vobiscuitos. Amém.

JOHN O'CONNELL

*(grita tempestuosamente com vozeirão rouco através de seu megafone)* Dignam, Patrick T, falecido.

PADDY DIGNAM

*(com as orelhas empinadas, estremece)* Riqueza de linguagem. *(ele avança se retorcendo e coloca uma orelha no chão)* A voz do meu mestre!

JOHN O'CONNELL

Registro de enterro letra número P. C. oitenta e cinco mil. Campo dezessete. Casa das Chaves. Lote cento e um.

*(Paddy Dignam escuta com visível esforço, pensando, seu rabo esticado, suas orelhas empinadas.)*

PADDY DIGNAM

Rezem pelo descanso da alma dele.

*(Ele rasteja através de um buraco de carvão, seu hábito marrom arrastando sua corrente sobre os seixos chocalhantes. Atrás dele cambaleia um avô rato obeso com patas fungosas de tartaruga sob uma carapaça cinza. A voz de Dignam, abafada, é ouvida uivando sob o solo: Dignam está morto e foi para baixo. Tom Rochford, com o peito como um tordo papo-roxo, de boné e calções salta de sua máquina de duas colunas.)*

## TOM ROCHFORD

*(com a mão no esterno, se curva)* Reuben J. Um florim para que eu o ache. *(fixa a tampa da rede de esgoto com um olhar decidido)* Minha vez agora. Acompanhem-me até Carlow.

*(Ele executa um arrojado salto de salmão no ar e é tragado pelo buraco do carvão. Sobre as colunas dois discos oscilam, olhos de zero. Tudo retrocede. Bloom caminha pesadamente novamente através da poça de lama. Beijos gorjeiam entre as brechas de nevoeiro. Um piano soa. Ele fica de pé diante de uma casa iluminada, escutando. Os beijos, batendo as asas de suas moradas, voam à volta dele, chilreando, trinando, arrulhando.)*

## OS BEIJOS

*(trinando)* Leo! *(chilreando)* Iqui liqui miqúi stiqui para Leo! *(arrulhando)* Cuú curuú!  
Iumium, uomuom! *(trinando)* Grande bemgrande! Pirueta!  
Leopold! *(chilreando)* Liioli! *(trinando)* Ó Leo!

*(Eles farfalham, adejam sobre as roupas dele, pousam, partículas luminosas estonteadas, lantejoulas prateadas.)*

## BLOOM

O toque de um homem. Música triste. Música de igreja. Talvez aqui.

*(Zoe Higgins, uma jovem prostituta com um negligé cor de safira, fechada por três fivelas de bronze, uma tira fina de veludo preto em volta da garganta, acena com a cabeça, corre escada abaixo e o aborda.)*

ZOE

Você está procurando alguém? Ele está aqui dentro com um amigo.

BLOOM

Isto aqui é da Sra. Mack?

ZOE

Não, é o oitenta e um, Sra. Cohen. Você pode ir mais longe e ser tratado muito pior. Mãe Slipperslapper. (*familiarmente*) Ela está em atividade hoje com o vet seu informante sobre corridas de cavalos que lhe indica todos os vencedores e paga pelo estudo de seu filho em Oxford. Trabalhando horas extras mas sua sorte virou hoje. (*desconfiada*) Você não é o pai dele, é?

BLOOM

De jeito nenhum!

ZOE

Vocês dois de preto. Tem o ratinho alguma coisa que agrade esta noite?

*(A pele dele, alerta, sente os dedos dela se aproximarem. Uma mão desliza sobre sua coxa esquerda.)*

ZOE

Como estão os testículos?

BLOOM

No lado errado. Curiosamente eles estão à direita. Mais pesados, creio. Meu alfaiate, Mesias, diz que é um caso num milhão.

ZOE

*(subitamente alarmada)* Você tem um cancro duro.

BLOOM

Pouco provável.

ZOE

Eu o sinto.

*(A mão dela desliza para dentro do bolso esquerdo da calça dele e retira uma batata dura preta e murcha. Ela a olha e a Bloom com úmidos lábios mudos.)*

BLOOM

Um talismã. Herança de família.

ZOE

Para Zoe? Para sempre? Por ter sido tão boazinha, que tal?

*(Ela põe a batata avidamente num bolso e então enfia seu braço no dele, acariciando-o com complacente calor. Ele sorri sem graça. Lentamente, nota por nota, é tocada uma música oriental. Ele olha atentamente para o cristal trigueiro dos olhos dela, circundados por uma sombra de olhos. O sorriso dele se suaviza.)*

ZOE

Você vai me reconhecer na próxima vez.

BLOOM

*(desanimadamente)* Eu nunca amei uma querida gazela mas estava seguro de...

*(Gazelas estão saltando, se alimentando nas montanhas. Perto existem lagos. Em volta de suas margens se enfileiram sombras escuras de bosques de cedros. Um aroma se exala, uma forte cabeleira de resina. O oriente arde, um céu de safira, fendido pelo vôo bronze de águias. Sob ele jaz suntuosamente a mulhercidade nua, branca, imóvel, serena, com deleite. Uma fonte murmura entre rosas adamascadas. Rosas imensas murmuram de videiras escarlates. Um vinho de vergonha, luxúria, sangue exsuda, murmurando estranhamente.)*

ZOE

*(murmurando uma melopéia com a música, com seus lábios de odalisca deliciosamente lambuzados com um unguento de gordura de porco e água de rosas) Schorach ani wenowach, benoith Hierushaloim.*

BLOOM

*(fascinado)* Eu pensei que você era de boa estirpe pelo seu sotaque.



ZOE

E você sabe o que fez o pensamento?

*(Ela morde suavemente a orelha dele com dentinhos obturados a ouro, lançando sobre ele um hálito enjoativo de alho rançoso. As rosas se separam, revelam um sepulcro de ouro dos reis e seus ossos reduzidos a pó.)*

BLOOM

*(recua, acariciando mecanicamente o seio direito dela com desajeitada mão estendida)* Você é uma moça de Dublin?

ZOE

*(agarra habilmente um fio desgarrado de cabelo e o enrosca no seu cacho)* De jeito nenhum. Sou inglesa. Você tem um cigarrinho?

BLOOM

*(como antes)* Raramente fumo, querida. Um charuto uma vez ou outra. Uma invenção infantil. *(lascivamente)* A boca pode ter uma melhor ocupação do que aquela com um cilindro de erva grosseira.

ZOE

Vamos lá. Faça um discurso político disso.

BLOOM

*(com um macacão de operário de veludo cotelê, uma suéter preta com gravata vermelha flutuante e boné de apache)* A humanidade é incorrigível. Sir Walter Raleigh trouxe do novo mundo aquela batata e aquela erva, uma destruidora de pestilência por absorção, a outra envenenadora dos ouvidos, dos olhos, do coração, da memória, da vontade, da compreensão, de tudo. O que quer dizer que ele trouxe o veneno cem anos antes de outra pessoa cujo nome esqueço ter trazido o alimento. Suicídio. Mentiras. Todos os nossos hábitos. Ora, vejam só nossa vida pública!

*(Badalos da meia-noite vindos de campanários distantes.)*

OS BADALOS

Volte novamente, Leopold! Prefeito de Dublin!

BLOOM

*(com traje de regedor e corrente)* Eleitores de Arran Quay, Inns Quay, Rotunda, Mountjoy e North Dock, é melhor fazer circular uma linha de bonde, digamos, do mercado de gado até o rio. Essa é a música do futuro. Esse é o meu programa. *Cui bono?* A não ser os bucaneiros Vanderdeckens em seu navio fantasma de finanças...

## UM ELEITOR

Três vezes três vivas para o nosso futuro supremo magistrado!

*(A aurora boreal salta da procissão de tochas.)*

## OS PORTADORES DE TOCHAS

Hurra!

*(Diversos conhecidos burgueses, magnatas da cidade e cidadãos da cidade apertam a mão de Bloom e o congratulam. Timothy Harrington, três vezes prefeito de Dublin, imponente em seu traje escarlate prefetoral, corrente de ouro e gravata de seda branca, conferencia com o conselheiro Lorcan Sherlock, prefeito interino. Eles acenam vigorosamente com a cabeça em sinal de concordância.)*

## O EX-PREFEITO HARRINGTON

*(vestindo uma túnica escarlate com um cetro, corrente prefetoral de ouro e grande cachecol de seda branca)* Que o discurso de regedor Leo Bloom seja impresso à custa dos contribuintes. Que a casa em que ele nasceu seja ornamentada com uma tabuleta comemorativa e que a via pública até então conhecida como Cow Parlour de Cork Street seja a partir de agora designada Boulevard Bloom.

## CONSELHEIRO LORCAN SHERLOCK

Aprovado por unanimidade.

*(veementemente)* O que importa a estes holandeses volantes ou holandeses impostores quando se reclinam em seus tombadilhos estofados, jogando dados? Máquinas são seus gritos, suas quimeras, suas panacéias. Mecanismos poupadores de trabalho, suplantadores, bichos-papões, monstros manufaturados para assassinato mútuo, duendes nefandos produzidos por uma horda de luxúrias capitalistas sobre nossa labuta prostituída. O homem pobre morre de fome enquanto eles estão apascentando seus veados montanheseos reais ou atirando em camponeses e ferdizes em sua purcega pompa de riqueza e poder. Mas o reino deles está sacabado pa rasempre e sempre e semp...

*(Aplausos prolongados. Mastros venezianos, mastros enfeitados e arcos festivos surgem. Uma bandeirola trazendo as legendas Cead Mille Failte e Mah Ttob Melek Israel atravessa a rua. Todas as janelas estão abarrotadas de excursionistas, principalmente senhoras. Ao longo do caminho os regimentos dos Royal Dublin Fusiliers, os King's Own Scottish Borderers, os Cameron Highlanders e os Welsh Fusiliers em posição de sentido detêm a multidão. Meninos de escolas ginásiais estão empoleirados nos postes de luz, nos postes telegráficos, nos parapeitos de janelas, nas cornijas, sarjetas, chaminés, balaustradas, calhas, assobiando e dando vivas. A coluna de nuvens aparece. Um pífar e um tambor de uma banda são ouvidos na distância tocando o Kol Nidre. Os batedores se aproximam com águias imperiais içadas, carregando bandeiras e agitando palmeiras orientais. O estandarte papal crisalelefantino se ergue bem alto, cercado de flâmulas da bandeira civil. A linha de frente da procissão aparece liderada por John Howard Parnell, oficial de justiça da cidade, num tabardo de tabuleiro de xadrez, o poursuivant de Athlone e King of Arms de Ulster. Eles estão acompanhados pelo Muito Honrado Joseph Hutchinson, prefeito de Dublin, sua excelência o prefeito de Cork, suas reverências os prefeitos de Limerick, Galway, Sligo e Waterford, vinte e oito pares irlandeses representativos do reino, comandantes da Índia, magnatas e marajás usando a vestimenta do estado, a Brigada de Bombeiros Metropolitana de Dublin, o capítulo dos santos das finanças em sua ordem plutocrática de precedência, o bispo de Down e Connor, Sua Eminência Michael cardeal Logue, arcebispo de Armagh, primaz de toda a Irlanda, Sua Graça, o mui reverendo Dr. William Alexander, arcebispo de Armagh, primaz de toda a Irlanda, o chefe rabino, o moderador presbiteriano, os cabeças das capelas batista, anabatista, metodista e morávia e o secretário honorário dos quakers. Atrás deles marcham membros de corporações e representantes de profissões com grande sucesso: tanoeiros, criadores de pássaros, construtores de moinhos, agentes publicitários para jornais, escritvães, massagistas, taberneiros, fabricantes de fundas herniárias, limpadores de chaminés, fabricantes de gorduras alimentícias, tecelões de tecidos de seda e lã e de popelina, ferreiros, merceeiros italianos, decoradores de igrejas, fabricantes de calçadeiras para botas, agentes funerários, negociantes de tecido de seda, lapidários, gerentes de vendas, cortadores de cortiça, avaliadores de perdas por incêndio, tintureiros e donos de lavanderias, engarrafadores de bebidas para exportação, negociantes de peles, impressores de etiquetas, gravadores de selos e*

*brasões, empregados de estrebaria, cambistas de barras de ouro ou prata, comerciantes de artigos de críquete e equipamento de arqueiro, fabricantes de crivos, comerciantes de ovos e batatas, negociantes de meias e luveiros, fornecedores de canos de chumbo. Atrás deles marcham os cavalheiros do quarto real, da Chibata Negra, o delegado da Ordem da Jarreteira, o coronel da Guarda Real Inglesa, o estribeiro-mor, o lorde camareiro-mor, o dignitário da Grã-Bretanha, o guardião-mor da casa real carregando a espada do estado, a coroa de ferro de Santo Estêvão, o cálice e a bíblia. Quatro corneteiros a pé tocam uma corneta. Alabardeiros da guarda real inglesa replicam, rematando com trombetas de boas-vindas. Debaixo de um arco de triunfo surge Bloom, com a cabeça descoberta, um manto de veludo carmesim adornado de arminho, trazendo na mão o bastão de Santo Eduardo, o globo e o cetro com a pomba, a curtana. Ele está sentado num cavalo branco como leite com um rabo carmesim longo e esvoaçante, ricamente enfeitado, com cabresto dourado. Excitação desenfreada. As damas lançam pétalas de rosas de seus balcões. O ar está perfumado por essências. Os homens dão vivas. Os meninos de Bloom correm por entre os espectadores com ramos de pilriteiros e tojos.)*

## OS MENINOS DE BLOOM

*A garriça, a garriça,  
Rainha da passarinhada  
No dia de Santo Estêvão  
Foi no tojo enredada.*

## UM FERREIRO

*(murmura)* Glória a Deus! E esse é o Bloom? Ele mal parece ter trinta e um anos.

## UM LADRILHEIRO E LAJEADOR

Esse é agora o famoso Bloom, o maior reformador do mundo. Tirem os chapéus.  
*(Todos tiram os chapéus. As mulheres sussurram animadamente.)*

## UMA MILIONÁRIA

*(ricamente)* Ele não é simplesmente maravilhoso?

## UMA NOBRE

*(nobremente)* Tudo que esse homem tem visto!

## UMA FEMINISTA

*(masculinamente)* E feito!

## UM ENCARREGADO DE SINO

Um rosto clássico! Ele tem a frente de um pensador.

*(As condições metereológicas de Bloom. Uma explosão solar aparece a noroeste.)*

## O BISPO DE DOWN E CONNOR

Eu lhes apresento aqui o seu indubitável imperador-presidente e dirigentedorei, o mais sereno e potente e muito poderoso governante deste reino. Deus salve Leopold Primeiro!

TODOS

Deus salve Leopold Primeiro!

BLOOM

*(numa dalmática e manto purpúreo, dirigindo-se, com dignidade, ao bispo de Down e Connor)* Obrigado, um tanto eminente senhor.

WILLIAM, ARCEBISPO DE ARMAGH

*(com uma gravata alta purpúrea e chapéu de aba larga)* Fará o senhor no poder que a lei e a clemência sejam cumpridas em todos os julgamentos na Irlanda e territórios a ela

pertencentes?

## BLOOM

*(colocando a mão direita em seus testículos, jura)* Possa o Criador assim proceder comigo. Tudo isso eu prometo fazer.

## MICHAEL, ARCEBISPO DE ARMAGH

*(derrama um frasco de óleodecabelo sobre a cabeça de Bloom)* *Gaudium magnum annuntio vobis. Habemus carnificem.* Leopold, Patrick, Andrew, David, George, esteja ungido!

*(Bloom veste um manto de tecido de ouro e põe um anel de rubi. Ele sobe e fica de pé na pedra do destino. Os pares delegados põem ao mesmo tempo suas vinte e oito coroas. Sinos de alegria soam nas igrejas de Cristo, São Patrício, São Jorge e no alegre bazar Mirus Malahide fogos de artifício se elevam de todos os lados com simbólicos desenhos falopirotécnicos. Os pares, um a um, prestam homenagem, se aproximando e se ajoelhando.)*

## OS PARES

Eu me torno seu vassalo de corpo e alma para uma veneração terrena.

*(Bloom ergue a mão direita na qual brilha o diamante Koh-i-Noor. Seu palafrem relincha. Silêncio imediato. Transmissores radiotelegráficos intercontinentais e interplanetários são instalados para recebimento de mensagem.)*



## BLOOM

Meus súditos! Nós pelo presente nomeamos nosso fiel cavalo de batalha Copula Felix à condição hereditária de Grão-vizir e anunciamos que a partir deste dia repudiamos nossa primeira esposa e concedemos nossa mão real à princesa Selene, o esplendor da noite.

*(A primeira esposa morganática de Bloom é rapidamente removida na Maria Preta. A princesa Selene, em túnica azullunar, uma meia-lua de prata na cabeça, desce da cadeirinha de uma liteira, carregada por dois gigantes. Uma explosão de vivas.)*

## JOHN HOWARD PARNELL

*(ergue o estandarte real)* Ilustre Bloom! Sucessor de meu famoso irmão!

## BLOOM

*(abraça John Howard Parnell)* Nós lhe agradecemos de coração, John, por suas boas-vindas reais à verde Erin, a terra prometida de nossos comuns ancestrais.

*(A liberdade da cidade é apresentada a ele encarnada numa carta régia. As chaves de Dublin, atravessadas sobre uma almofada carmesim, lhe são dadas. Ele mostra a todos que está usando meias verdes.)*

## TOM KERNAN

O senhor o merece, Excelência.

## BLOOM

Neste dia há vinte anos atrás nós vencemos nosso inimigo hereditário em Ladysmith. Nossos morteiros e nossos canhões de rodízio montados em camelos atuaram em suas linhas com resultado poderoso. Avante meia légua! Eles atacam! Está tudo perdido agora! Nós nos rendemos? Não! Nós os pressionamos arrojadamente! Reparem! Nós atacamos! Distribuindo as tropas para a esquerda nossa cavalaria ligeira se precipitou através das colinas de Plevna e, soltando seu grito de guerra *Bonafide Sabaoth*, golpearam os artilheiros sarracenos até o último homem.

## A ASSOCIAÇÃO DOS LINOTIPISTAS DO FREEMAN

Muito bem! Muito bem!

## JOHN WYSE NOLAN

Ali está o homem que fez James Stephens escapar.

## UM ALUNO DE BLUECOAT

Bravo!

## UM ANTIGO RESIDENTE

O senhor é uma honra para o seu país, é isso que o senhor é.

## UMA VENDEDORA DE MAÇÃ

Ele é o homem de que a Irlanda precisa.

## BLOOM

Meus amados súditos, uma nova era está para despontar. Eu, Bloom, lhes digo verdadeiramente que ela está agora mesmo à mão. Sim, com a palavra de um Bloom, vocês muito em breve penetrarão na cidade dourada que vai existir, a nova Bloomusalem da Nova Hibernia do futuro.

*(Trinta e dois operários, usando rosetas, de todos os condados da Irlanda, sob a liderança de Derwan o construtor, constroem a nova Bloomusalem. É um edifício colossal com telhado de cristal, construído com a forma de um enorme rim de porco, contendo quarenta mil salas. À medida que ele se estende diversos prédios e monumentos são demolidos. Escritórios governamentais são temporariamente transferidos para galpões da estrada de ferro. Numerosas casas são totalmente destruídas. Os habitantes são alojados em barris e caixas, todos marcados em vermelho com as letras: L. B. Vários indigentes caem de uma escada. Uma parte dos muros de Dublin, abarrotados de excursionistas fiéis, desaba.)*

## OS EXCURSIONISTAS

*(morrendo) Morituri te salutant. (eles morrem.)*

*(Um homem com um impermeável marrom surge através do alçapão. Ele aponta com um dedo alongado para Bloom.)*

## O HOMEM DO IMPERMEÁVEL

Não acreditem em nenhuma palavra do que ele diz. Esse homem é Leopold M'Intosh, o notório incendiário. Seu nome verdadeiro é Higgins.

## BLOOM

Atirem nele! Miserável cristão! Chega de M'Intosh!

*(Um tiro de canhão. O homem do impermeável desaparece. Bloom com seu cetro golpeia papoulas. As mortes instantâneas de muitos inimigos poderosos, invernadores de gado, membros do parlamento, membros dos comitês permanentes, são noticiadas. A escolta de Bloom distribui os óbulos da Quinta-feira Santa, medalhas comemorativas, pães e peixes, insígnias da sociedade de temperança, charutos caros Henry Clay, ossos grátis para fazer sopa, preservativos de borracha em envelopes selados atados com fio dourado, caramelo, caramelos de abacaxi, billets doux sob a forma de chapéu de bicos, ternos confeccionados, papas de carne assada, garrafas de desinfetante Jeyes, selos para compras, indulgências de 40 dias, moedas falsas, salsichas de porco alimentado em leiteria, passes de teatro, bilhetes da estação válidos para todas as linhas de bonde, cupons da loteria húngara real e privilegiada, fichas de um penny dando direito a um jantar gratuito, reedições baratas dos Doze Piores Livros do Mundo: Froggy e Fritz (político), Proteção do Bebê (infantil), 50 refeições por 7/6 (culinário), Foi Jesus um Mito do Sol? (histórico), Expelir Aquela Dor (medicinal), Compêndio do Universo do Infante (cósmico), Vamos Todos Rir à Socapa (hilário), Manual do Publicitário (jornalístico), Cartas de Amor da Mãe Assistente (erótico), Quem É Quem no Espaço (astronômico), Canções que Atingiram Nosso Coração (melódico), Maneira Econômica de Alcançar a Fortuna (parcimonioso). Corrida e escalada geral. Mulheres se comprimem para tocar a orla da túnica de Bloom. A senhora Gwendolen Dubedat*

*irrompe através da aglomeração, salta no cavalo dele e o beija nos dois lados da face em meio a grande aclamação. Uma fotografia de clarão de magnésio é tirada. Bebês e crianças de peito são erguidas.)*

## AS MULHERES

Paizinho! Paizinho!

## OS BEBÊS E AS CRIANÇAS DE PEITO

Batam batam palmas pro Poldizinho

Bolos no seu bolso pra ele sozinho.

*(Bloom, inclinando-se, cutuca gentilmente o estômago do Bebê Boardman.)*

## BEBÊ BOARDMAN

*(soluça, leite coalhado escorrendo de sua boca) Aiaiai.*

## BLOOM

*(apertando a mão de um rapazinho cego) Meu mais do que Irmão! (passando o braço em volta dos ombros de um casal idoso) Caros velhos amigos! (brinca de quatro cantos com meninos e meninas maltrapilhos) Pip! Bopip! (empurra os gêmeos num carrinho) Ticato querbotarumsapato? (faz truques de malabarismo, retira de sua boca lenços de seda vermelhos, laranja, amarelos, verdes, azuis, anil e violeta) Roygbiv. 32 pés por segundo. (consola uma viúva) A ausência remoça o coração (dança uma jiga escocesa com momices grotescas) Vamos com as pernas, seus malvados! (beija as escaras de um veterano paralítico) Feridas respeitáveis! (passa uma rasteira num policial gordo) P. c.: para cima. P. c.: Para cima. (sussurra no ouvido de uma garçonete corada e ri gentilmente) Ah, sua danadinha, danadinha! (come um nabo cru que lhe é oferecido pelo fazendeiro, Maurice Butterly) Ótimo! Esplêndido! (recusa-se a aceitar três shillings que lhe oferece o jornalista, Joseph Hynes) Meu caro, de jeito nenhum! (dá o seu paletó para um mendigo) Por favor aceite. (toma parte em uma corrida de estômago no chão junto com homens idosos e mulheres aleijadas) Vamos, rapazes! Contorçam-se, meninas!*

## O CIDADÃO

*(sufocado de emoção, enxuga uma lágrima com seu cachecol esmeralda) Que o bom Deus o abençoe!*

*(Cornetas de chifres de ovelha soam para impor silêncio. O estandarte de Sião é içado.)*

## BLOOM

*(tira seu manto majestosamente, revelando obesidade, desenrola um papel e lê solenemente) Aleph Beth Ghimel Daleth Hagadah Tephilim Kosher Yom Kippur Hanukah Roschaschana Beni Brith Bar Mitzvah Mazzoth Askenazim Meshuggah Talith.*

*(Uma tradução oficial é lida por Jimmy Henry, auxiliar do secretário da câmara municipal.)*

JIMMY HENRY

A Corte de Consciência está aberta agora. Sua Mui Católica Majestade administrará agora justiça ao ar livre. Aconselhamento médico e legal gratuito, solução de problemas duplos e outros. Todos cordialmente convidados. Concedido a esta nossa leal cidade de Dublin no ano 1 da Era Paradisiaca.

PADDY LEONARD

O que é que eu vou fazer com meus impostos e taxas?

BLOOM

Pague-os, meu amigo.

PADDY LEONARD

Obrigado.

NOSEY FLYNN

Posso penhorar meu seguro contra incêndio?

BLOOM

*(obstinadamente)* Senhores, observem que pela lei de responsabilidade civil os senhores estão cientes que estão condenados a pagar uma caução no valor de cinco libras por mês.

J. J. O'MOLLOY

Será que eu disse um Daniel? Não! Um Peter O'Brien!

NOSEY FLYNN

Onde eu obtenho as cinco libras?

PISSER BURKE

Para um problema com a bexiga?



BLOOM

*Acid. nit. hydrochlor. dil., 20 gotas*

*Tinct. nux vom., 5 gotas*

*Extr. taraxel. liq., 30 gotas*

*Aq. dis. ter in die*

CHRIS CALLINAN

Qual é a paralaxe do subsolar eclíptico de Aldebarã?

BLOOM

Muito prazer em ter notícias suas, Chris. K. 11.

JOE HYNES

Por que você não está uniformizado?

BLOOM

Quando meu progenitor de santa memória usou o uniforme do déspota austríaco numa prisão úmida onde estava o seu?

BEN DOLLARD

Amores-perfeitos?

BLOOM

Adornam (embelezam) jardins suburbanos.

BEN DOLLARD

Quando chegam os gêmeos?

BLOOM

Pai (pater, papai) começa a pensar.

LARRY O'ROURKE

Uma licença de oito dias para meu novo local. O senhor se lembra de mim, senhor Leo, quando o senhor estava no número sete. Estou enviando cerca de uma dúzia de garrafas de cerveja para sua patroa.

BLOOM

*(friamente)* O senhor leva vantagem sobre mim. Lady Bloom não aceita presentes.

CROFTON

Esta é de fato uma festividade.

BLOOM

*(solenemente)* O senhor chama isso de festividade. Eu o chamo de sacramento.

ALEXANDRE CHAVES

Quando é que nós teremos nossa própria casa de chaves?

## BLOOM

Eu defendo a reforma da moral do município e os puros e simples dez mandamentos. Novos mundos pelo antigo. A união de todos, judeus, muçulmanos e gentios. Três acres e uma vaca para todas as crianças da natureza. Carros funerários motorizados de luxo. Trabalho manual compulsório para todos. Todos os parques abertos ao público dia e noite. Lavadoras de pratos elétricas. A tuberculose, a loucura, a guerra e a mendicância devem cessar agora. Anistia geral, carnaval semanal com permissão para máscaras, bônus para todos, esperanto, a língua universal com fraternidade universal. Fim ao patriotismo dos esponjasdebares e impostores hidrónicos. Dinheiro para todos, moradia gratuita, amor livre e uma igreja leiga livre num estado leigo livre.

## O'MADDEN BURKE

Uma raposa livre num poleiro livre.

## DAVY BYRNE

*(bocejando)* Iiiiiiiiiaaaaaa!

BLOOM

Raças mistas e casamentos mistos.

LENEHAN

Que tal banhos mistos?

*(Bloom explica àqueles que estão perto dele seus esquemas para uma renovação social. Todos concordam com ele. O zelador do museu de Kildare Street aparece, arrastando um vagonete no qual estão sacudindo estátuas de várias deusas nuas, Vênus Calipígia, Vênus Pandemos, Vênus Metempsicose, e figuras de gesso, também nuas, representando as nove musas novas, Comércio, Música de Ópera, Amor, Publicidade, Manufatura, Liberdade de Expressão, Votação Pluralista, Gastronomia, Higiene Privada, Concertos de Entretenimento à Beira-mar, Obstetrícia Indolor e Astronomia para o Povo.)*

PADRE FARLEY

Ele é um episcopal, um agnóstico, um qualquercredo procurando derrubar nossa santa fé.

SRA. RIORDAN

*(rasga seu testamento)* Estou desapontada com você! Seu homem mau!

MÃE GROGAN

*(retira sua bota para atirá-la em Bloom)* Seu animal! Criatura abominável!

NOSEY FLYNN

Dê-nos uma melodia, Bloom. Uma das suaves canções antigas.

BLOOM

*(com humor folgazão)*

Jurei nunca abandoná-la  
Pois virou enganadora malvada  
Tarara timbum, tarara timbum.

HOPPY HOLOHAN

Velho bom Bloom! Afinal não há ninguém como ele.

PADDY LEONARD

Palhaço irlandês!

BLOOM

Que ópera da via férrea é como uma linha de bonde de Gibraltar? A Linha de Castilha.  
(*Risada.*)

LENEHAN

Plagiário! Abaixo Bloom!

A PROFETISA VELADA

(*entusiasticamente*) Eu sou uma Bloomita e me vanglorio disso. Acredito nele apesar de tudo. Eu daria minha vida por ele, o homem mais divertido do mundo.

BLOOM

(*pisca para os espectadores*) Aposto que ela é uma mocinha bonita.

## THEODORE PUREFOY

*(de gorro de pescar e jaqueta impermeável)* Ele emprega um recurso mecânico para inutilizar os fins sagrados da natureza.

## A PROFETISA VELADA

*(dá uma punhalada em si mesma)* Meu herói divino! *(ela morre)*

*(Muitas mulheres muito atraentes e entusiasmadas também cometem suicídio se apunhalando, se afogando, bebendo ácido prússico, acônito, arsênico, cortando as veias, recusando alimentar-se, se lançando debaixo de rolos compressores, do topo da Coluna de Nelson, no grande tonel da destilaria Guinness, se asfixiando ao colocar suas cabeças no forno a gás, se enforcando com ligas elegantes, saltando de janelas de diferentes andares.)*

## ALEXANDER J. DOWIE

*(violentamente)* Companheiros cristãos e antiBloomitas, o homem chamado Bloom vem das raízes do inferno, uma desgraça para os homens cristãos. Um libertino diabólico desde sua tenra infância este bode nojento de Mendes deu sinais precoces de libertinagem infantil, lembrando as cidades da planície, com uma anciã dissoluta. Este hipócrita vil, enrijecido pela infâmia, é o touro branco mencionado no Apocalipse. Um adorador da Mulher Escarlata, a intriga é a própria exalação de suas narinas. Os ramos enfeixados da fogueira e o caldeirão de óleo fervendo são para ele. Caliban!

## A MULTIDÃO



Vamos linchá-lo! Assá-lo! Ele é tão ruim quanto Parnell o era. O Sr. Fox!

*(Mãe Grogan atira sua bota em Bloom. Muitos lojistas de cima a baixo de Dorset Street atiram objetos de pequeno ou nenhum valor comercial, ossosdeporco, latas de leite condensado, repolho invendível, pão mofado, rabos de carneiro, pedaços avulsos de toucinho.)*

## BLOOM

*(excitadamente)* Isto é loucura de verão, alguma pilhéria medonha novamente. Por Deus, eu sou inocente como a neve não exposta ao sol! Foi meu irmão Henry. Ele é meu duplo. Ele mora no número 2 de Dolphin's Barns. Um infame, a víbora, me acusou injustamente. Meus compatriotas, *sgenl inn ban bata coisde gan capall*. Apelo para o meu velho amigo, Dr. Malachi Mulligan, especialista em sexo, para dar testemunho médico a meu respeito.

## DR. MULLIGAN

*(com jaqueta de couro, óculos verdes de aviador na testa)* O Dr. Bloom é bissexualmente anormal. Ele escapou recentemente do asilo particular do Dr. Eustace para cavalheiros dementes. Filho ilegítimo nele está presente uma epilepsia hereditária, conseqüência de luxúria desenfreada. Traços de elefantíase foram descobertos em seus ascendentes. Há nele sintomas marcantes de um exibicionismo crônico. Ambidesteridade é também latente. Ele é prematuramente calvo por masturbação, em conseqüência perversamente idealista, um devasso regenerado, e tem dentes de metal. Como conseqüência de um complexo de família ele perdeu temporariamente sua memória e eu acredito que ele seja um contra quem muito mais se há pecado do que pecou. Eu fiz um exame pervaginal e, depois da aplicação do teste do ácido para o anal 5427 e, axilar, pectoral e de pêlos púbicos, eu o declaro *virgo intacta*.

*(Bloom segura seu chapéu de alta qualidade sobre seus órgãos genitais.)*

DR. MADDEN

Hipospadia é também marcante. No interesse das gerações vindouras sugiro que as partes afetadas sejam preservadas em bebida alcoólica no museu nacional teratológico.

DR. CROTTERS

Eu examinei a urina do paciente. Está albuminóide. A salivação é insuficiente, o reflexo rotular intermitente.

DR. PUNCH COSTELLO

*O fetor judaicus* é muito perceptível.

DR. DIXON

*(lê um certificado de saúde)* O professor Bloom é um exemplo acabado do novo homem feminino. Sua natureza moral é simples e adorável. Muitos o acharam um homem amável, uma pessoa amável. Ele é um indivíduo um tanto original no seu todo, tímido embora não de mente fraca no sentido médico. Ele escreveu uma carta realmente bonita, um poema em si mesmo, ao tribunal missionário da Sociedade da Reforma de Proteção dos Padres que esclarece tudo. Ele é praticamente um total abstinente e posso afirmar que ele dorme numa padiola de palha e come a comida mais espartana possível, ervilhas secas frias de mercearia. Ele usa uma camisa de cilício de pura manufatura irlandesa inverno e verão e se flagela todo sábado. Ele era, assim o entendo, em certa ocasião um contraventor de primeira classe no reformatório de Glencree. Um outro relatório afirma que ele era um filho bem póstumo. Apelo para clemência em nome

da palavra mais sagrada que nossos órgãos vocais foram jamais intimados a expressar. Ele está para ter um filho.

*(Comoção e compaixão gerais. Mulheres desmaiam. Um americano rico faz uma coleta de rua para Bloom. Moedas de ouro e de prata, cheques em branco, notas bancárias, jóias, títulos do tesouro, letras de câmbio vencidas, I.O.U's, alianças de casamento, correntes de relógio, medalhões, colares e pulseiras são rapidamente coletados.)*

BLOOM

Ó, eu quero tanto ser mãe.

SRA. THORNTON

*(com roupa de enfermeira)* Me abrace apertado, querido. Em breve estará livre disso. Aperte bem, querido.

*(Bloom a abraça fortemente e pare oito filhos amarelos e brancos. Eles aparecem sobre uma escada atapetada adornada de plantas caras. Todos os óctuplos são bonitos, com rostos metálicos valiosos, bem-feitos, respeitavelmente vestidos e bem conduzidos, falando cinco línguas modernas fluentemente e interessados em várias artes e ciências. Cada um tem seu nome impresso em letras legíveis na frente de sua camisa: Nasodoro, Goldfinger, Chrysostomos, Maindorée, Silversmile, Silberselber, Vifargent, Panargyros. Eles são imediatamente nomeados para cargos públicos de alta confiança em diversos países diferentes como diretores de bancos, gerentes de tráfego de estradas de ferro, presidentes de companhias de responsabilidade limitada, vice-presidentes de corporações de hotéis.)*

UMA VOZ

Bloom, você é o Messias ben José ou ben David?

BLOOM

*(obscuramente)* Você o disse.

IRMÃO BUZZ

Então faça um milagre como padre Charles.

BANTAM LYONS

Profetize quem vai ganhar a corrida de Saint Leger.

*(Bloom caminha sobre uma rede, cobre seu olho esquerdo com sua orelha esquerda, passa através de diversas paredes, escala a Coluna de Nelson, se pendura do topo por suas pálpebras, come doze dúzias de ostras (conchas inclusive), cura diversos doentes de escrófula, contrai seu rosto de modo a se parecer com muitos personagens históricos,*

*lorde Beaconsfield, lorde Byron, Wat Tyler, Moisés do Egito, Moisés Maimônides, Moisés Mendelson, Henry Irving, Rip van Winkle, Kossuth, Jean-Jacques Rousseau, barão Leopold Rothschild, Robinson Crusóé, Sherlock Holmes, Pasteur, vira cada um dos pés simultaneamente em diferentes direções, ordena a maré a retroceder, eclipsa o sol estendendo o dedo mindinho.)*

## BRINI, NÚNCIO APOSTÓLICO

*(com uniforme papal de zuavo, couraças de aço como peitorais, armaduras de braço, armaduras de coxa, armaduras de perna, grande bigode profano e mitra de papel marrom)*  
*Leopoldi autem generatio.* Moisés gerou Noé e Noé gerou Eunuch e Eunuch gerou O'Halloran e O'Halloran gerou Guggenheim e Guggenheim gerou Agendath e Agendath gerou Netaim e Netaim gerou Le Hirsch e Le Hirsch gerou Jesurum e Jesurum gerou MacKay e MacKay gerou Ostrolopsy e Ostrolopsy gerou Smerdoz e Smerdoz gerou Weiss e Weiss gerou Schwarz e Schwarz gerou Adrianopoli e Adrianopoli gerou Aranjuez e Aranjuez gerou Lewy Lawson e Lewy Lawson gerou Ichabudonosor e Ichabudonosor gerou O'Donnell Magnus e O'Donnell Magnus gerou Christbaum e Chrisbaum gerou ben Maimun e ben Maimun gerou Dusty Rhodes e Dusty Rhodes gerou Benamor e Benamor gerou Jones-Smith e Jones-Smith gerou Savorgnanovich e Savorgnanovich gerou Jasperstone e Jasperstone gerou Vingtetunieme e Vingtetunieme gerou Szombathely e Szombathely gerou Virag e Virag gerou Bloom *et vocabitur nome eius Emmanuel.*

## A MÃO-DE-UM-MORTO

*(escreve no muro)* Bloom é um piadista.

## CARANGUEJO

*(na trouxa do habitante da moita)* O que você fez na passagem estreita do gado atrás de Kilbarrack?

## UMA INFANTE

*(sacode um chocalho)* E debaixo da ponte Ballybough?

## UM AZEVINHO

E na ravina do demônio?

## BLOOM

*(cora furiosamente todo ele da frente às nádegas, três lágrimas caindo de seu olho esquerdo)* Poupem meu passado.

*(de casacões e calções, com porretes da feira de Donnybrook) Açoite-o.*

*(Bloom com orelhas de asno senta-se no pelourinho com os braços cruzados e os pés espichados. Ele assobia Don Giovanni, a cenar teco. Os órfãos de Artane, de mãos juntas, saltam à volta dele. Meninas da Prisão Gate Mission, de mãos juntas, saltam à volta dele na direção oposta.)*

## OS ÓRFÃOS DE ARTANE

Seu tipo, seu porcão, seu imundo cão!

Você pensa que as damas o amarão!

## AS PRESAS NA PORTA DA PRISÃO

Foi o nosso velho Kay

O que balança e não cai

De quem seu parecer

A ninguém cabe entreter.

## CORNETEIRO

*(de éfode e boné de caça, anuncia) E ele levará os pecados do povo para Azazel, o espírito que está no deserto, e para Lilith, a bruxa da noite. E eles o apedrejarão e o violarão, sim, todos vindos de Agendath Netaim e de Mizraim, a terra de Ham.*

*(Todas as pessoas atiram pedras pantomímicas suaves em Bloom. Muitos viajantes bonafide e cachorros sem dono se aproximam dele e o violam. Mastiansky e Cidra se aproximam trajando gabardines, usando longos cachos caindo pelas orelhas. Eles*

*sacodem suas barbas para Bloom.)*

## MASTIANSKY E CIDRA

Belial! Laemlein de Istria, o falso Messias! Abulafia! Renegue!

*(George R. Mesias, alfaiate de Bloom, aparece, com um ferro de alfaiate debaixo do braço, apresentando uma conta.)*

## MESIAS

Para conserto de um par de calças onze shillings.

## BLOOM

*(esfrega as mãos alegremente)* Justo como nos velhos tempos. Pobre Bloom!

*(Reuben J. Dodd, Iscariotes de barbapreta, mau pastor, carregando nos ombros o cadáver afogado de seu filho, se aproxima do pelourinho.)*

## REUBEN



*(sussurra roucamente)* O preso informante está solto. Um policial disfarçado foi buscar os policiais. Apanhem o primeiro carro puxado a cavalo.

## O BOMBEIRO

Pfleepft!

## IRMÃO BUZZ

*(Reveste Bloom de um hábito amarelo com bordados de chamas pintadas e de um chapéu pontudo. Coloca um saco de pólvora em volta do pescoço dele e o entrega ao poder civil, dizendo)* Perdoai suas ofensas.

*(Tenente Myers do Corpo de Bombeiros de Dublin por solicitação geral toca fogo em Bloom. Lamentações.)*

## O CIDADÃO

Que os céus sejam louvados!

## BLOOM

*(com uma veste sem costura marcada com I. H. S. se mantém ereto entre as chamas fenixianas) Não chorem por mim, Ó filhas de Erin. (ele exhibe para os repórteres de Dublin traços de queimadura.)*

*(As filhas de Erin, de trajes pretos, com grandes livros de oração e velas longas acesas em suas mãos, se ajoelham e rezam.)*

## AS FILHAS DE ERIN

Rim de Bloom, orai por nós

Flor de Bath, orai por nós

Mentor de Menton, orai por nós

Agente publicitário do Freeman, orai por nós

Maçom caridoso, orai por nós

Sabonete peregrino, orai por nós

Doçuras do Pecado, orai por nós

Música sem Palavras, orai por nós

Reprovador do Cidadão, orai por nós

Amigo de todas as anáguas, orai por nós

Parteira Muito Misericordiosa, orai por nós

Preservativo de batata contra Praga e Pestilência, orai por nós

*(Um coro de seiscentas vozes, conduzido por Vincent O'Brien, canta o coro Messiah de Handel Aleluia ao Senhor Deus Onipotente Impere, acompanhado no órgão por Joseph Glynn. Bloom fica mudo, encolhido, carbonizado.)*

ZOE

Fale sem parar até ficar com o rosto preto.

## BLOOM

*(de boné com um cachimbo de barro fincado na braçadeira, borzeguins empoeirados, um pacote de lenço vermelho de emigrante na mão, conduzindo um porco preto de madeira de carvalho de turfeira por uma corda, com um sorriso nos olhos)* Deixe-me ir agora, mulher da casa, pois por todos os bodes de Connemara que eu sou depois de ter o pai e a mãe de um excluído. *(com uma lágrima nos olhos)* Tudo insanidade. Patriotismo, tristeza pelos mortos, música, futuro da raça. Ser ou não ser. O sonho da vida terminou. O fim é tranqüilo. Eles podem continuar a viver. *(ele fita à distância chorosamente)* Estou arruinado. Algumas pastilhas de acônito. As venezianas serradas. Uma carta. Então deita-se para descansar. *(ele respira suavemente)* Nada mais. Eu vivi. Até. Até logo.

## ZOE

*(rigidamente, com seu dedo na tira do pescoço)* Verdade? Até a próxima vez. *(ela escarnece)* Suponhamos que você se levante com o pé esquerdo ou chegue rápido demais com sua melhor garota. Ó, posso ler seus pensamentos!

## BLOOM

*(amargamente)* Homem e mulher, amor, o que é isto? Uma rolha e uma garrafa. Estou farto disso. Que tudo estoure.

## ZOE

*(com súbito enfado)* Eu detesto um patife que é fingido. Dê uma chance a uma puta sofredora.

BLOOM

*(arrependidamente)* Eu sou muito desagradável. Você é um mal necessário. De onde você é? Londres?

ZOE

*(loquazmente)* Hog's Norton onde o Pigs toca os órgãos. Eu nasci em Yorkshire. *(ela segura a mão dele que está apalpando o mamilo dela)* Escuta aqui, Tommy pedaçodecamundongo. Pare com isso e comece pior. Você tem dinheiro para um tempinho? Dez shillings?

BLOOM

*(sorri, acena lentamente com a cabeça)* Mais, minha huri, mais.

ZOE

E mais é mãe? *(ela bate de leve nele bruscamente com patas de veludo)* Você está vindo para a sala de música para ver nossa nova pianola? Venha e eu me despirei.

BLOOM

*(apalpando dubiamente sua nuca com o embaraço sem paralelo de um mascate inquieto avaliando a simetria das peras desnudas dela)* Alguém ficaria tremendamente enciumada se soubesse. O monstro de olhos verdes. *(veementemente)* Você sabe como é difícil. Não preciso lhe dizer.

ZOE

*(lisonjeada)* O que os olhos não vêem o coração não sente. *(ela bate de leve nele)* Venha.

BLOOM

Feiticeira risonha! A mão que embala o berço.

ZOE

Neném!

BLOOM

*(de cueiro e peliça, de cabeça grande, com uma coifa de cabelo escuro, fixa olhos grandes no négligé fluido dela e conta com um dedo gordinho as fivelas de bronze dela, com a língua úmida pendente e balbuciando) Um dois tlês: tlês, tlois, tlum.*

## AS FIVELAS

Me ama. Não me ama. Me ama.

## ZOE

*Quem cala consente. (Com pequenas garras separadas ela captura a mão dele, com seu dedo indicador dando na palma da mão dele o toque-de-senha do monitor secreto, atraindo-o para a perdição) Mãos quentes moela fria.*

*(Ele hesita entre perfumes, música, tentações. Ela o conduz aos degraus, arrastando-o pelo odor de seus sovacos, o vício de seus olhos pintados, o farfalhar de sua combinação em cujas dobras sinuosas se oculta o fedor leonino de todos os machos brutos que a possuíram.)*

## OS MACHOS BRUTOS

*(exalando o enxofre do cio e esterco e esbravejando em seu compartimento licencioso, rugindo debilmente, suas cabeças drogadas balançando de um lado para o outro) Ótimo!*

*(Zoe e Bloom alcançam a porta da entrada onde duas companheiras putas estão sentadas. Elas o examinam com curiosidade por debaixo de suas sobancelhas delineadas e sorriem para sua saudação apressada. Ele tropeça desajeitadamente.)*

ZOE

*(sua mão afortunada o salvando instantaneamente)* Opa! Não caia no andar de cima.

BLOOM

O homem justo cai sete vezes. *(ele fica de lado na soleira da porta)* Depois de você são boas maneiras.

ZOE

Primeiro as damas, depois os cavalheiros.

*(Ela atravessa a soleira da porta. Ele hesita. Ela se vira e, estendendo as mãos, o induz a subir. Ele pula. No cabide esgalhado do saguão estão pendurados um chapéu de homem e uma capa de chuva. Bloom tira o chapéu mas, ao vendo, franze a testa, em seguida sorri, preocupado. Uma porta no patamar de volta é escancarada. Um homem de camisa purpúrea e calças cinza, soquetes marrons, passa com um passo de símio, com sua cabeça calva e barba de bode erguidas, apertando nos braços uma moringajarradágua, seus suspensórios pretos de duas caudas pendentes até os calcanhares. Desviando o rosto rapidamente Bloom se inclina para examinar na mesa do saguão os olhos spaniel de uma raposa que corre: então, com sua cabeça erguida farejando, segue Zoe dentro da sala de música. Um quebra-luz de papel cor de malva tolda a luz do candelabro. Girando e girando voa uma mariposa, esbarrando, escapando. O chão está coberto por um oleado mosaico de rombóides jade e azul-celeste e vermelhão. Marcas de pés estão impressas em todos os sentidos sobre ele, de calcanhar a calcanhar, do calcanhar ao côncavo, de artelho a artelho, pés entrelaçados, uma dança de pés embaralhados sem corpos fantasmas, tudo numa escaramuça de pernas para o ar. As paredes estão atapetadas com papel de frondes de teixo e claros atalhos de floresta. Na lareira está estendido um anteparo de penas de pavão. Lynch está acachapado de pernas cruzadas no tapete da lareira de pêlo entretelado, com seu boné para trás da frente. Com uma vara ele bate o compasso lentamente. Kitty Ricketts, uma prostituta*

*pálida e ossuda com roupa de marinheiro, luvas de pele de corça enroladas para trás de uma pulseira de coral, com uma carteira de corrente na mão, senta-se empoleirada na beira de uma mesa balançando a perna e olhando-se no espelho dourado sobre o consolo da lareira. Uma ponta solta da renda do seu espartilho pende ligeiramente por baixo de sua jaqueta. Lynch indica zombeteiramente o casal no piano.)*

KITTY

*(tosse por trás de sua mão) Ela é um pouco imbecílica. (ela se benze com um indicador oscilante) Blemblém. (Lynch levanta a saia e a branca anágua dela com sua vara. Ela as abaixa rapidamente) Dê-se ao respeito. (ela soluça, em seguida abaixa rapidamente seu chapéu de marinheiro debaixo do qual seus cabelos brilham, vermelhos de hena) Ó, me desculpe.*

ZOE

*Mais luz de ribalta, Charley. (ela vai até o candelabro e gira a válvula do gás a toda)*

KITTY

*(examina o bico do gás) O que é que há com ele esta noite?*



LYNCH

*(profundamente)* Entram um fantasma e duendes.

ZOE

Palmas aí atrás para Zoe.

*(A vara na mão de Lynch lampeja: um atiçador de brasas de latão. Stephen fica de pé junto à pianola na qual estão estatelados seu chapéu e bengala. Com dois dedos ele repete mais uma vez a série de quintos vazios. Florry Talbot, uma prostituta loura fraca gordacomoumganso numa roupa maltrapilha cor de morango orvalhado, se reclina com pernas e braços abertos escarrapachada no canto do sofá, com seu antebraço mole pendente sobre o almofadão, escutando. Um terçol pesado faz cair sua pálpebra sonolenta.)*

KITTY

*(soluça novamente com um chute de seu pé eqüino)* Ó, me desculpe!

ZOE

*(prontamente)* Seu namorado está pensando em você. Dê um nó em sua roupa.

*(Kitty Ricketts inclina sua cabeça. Seu boá se desenrola, desliza, escorrega sobre seu ombro, costas, braço, cadeira até o chão. Lynch levanta a lagarta enroscada com sua vara. Ela serpenteia o pescoço, se aninhando. Stephen olha para trás para a figura escarrapachada com seu boné de trás para frente.)*

## STEPHEN

Aliás não tem importância se Benedetto Marcello o achou ou o fez. O ritual é o descanso do poeta. Pode ser um velho hino a Deméter ou também ilustrar *Coela enarrant gloriam Domini*. É suscetível de nós ou modos tão distanciados quanto hiperfrígido e mixolídio e de textos tão divergentes quanto padres cingindo aos gritos em volta do altar de David isto é de Circe ou o que estou dizendo do altar de Ceres e uma informação confiável de David ao seu chefe fagotista sobre a aceitabilidade de sua onipotência. *Mais nom de nom*, esse é outro par de calças. *Jetez la gourme. Faut que jeunesse se passe.* (ele pára, aponta para o boné de Lynch, sorri, ri) De que lado está a sua frenologia amadora?

## O BONÉ

(*com melancolia sombria*) Ora! É porque é. Razão de mulher. Judeugrego é gregojudeu. Os extremos se encontram. A morte é a forma mais elevada da vida. Ora!

## STEPHEN

Você se lembra muito acuradamente de todos os meus erros, jactâncias, enganos. Por quanto tempo devo continuar a fechar os meus olhos à deslealdade? Incentivo!

## O BONÉ

Ora!

STEPHEN

Olha mais essa para você. *(ele franze a testa)* A razão é porque o fundamental e o dominante estão separados pelo maior intervalo possível que...

O BONÉ

Quê? Termine. Você não pode.

STEPHEN

*(com esforço)* Intervalo quê. É a elipse maior possível. Consistente com. O retorno final. A oitava. Quê.

O BONÉ

Quê?

*(Do lado de fora o gramofone começa a clamar A Cidade Sagrada.)*

STEPHEN

*(abruptamente)* O que avançou até os confins do mundo para não se atravessar, Deus, o sol, Shakespeare, um caixeiro-viajante, tendo na realidade se atravessado torna-se aquele ser. Espere um momento. Espere um segundo. Dane-se o barulho daquele camarada na rua. Ser que ele próprio estava inelutavelmente preconditionado a se tornar. *Ecco!*

LYNCH

*(com um zombeteiro riso relinchante sorri para Bloom e Zoe Higgins)* Que discurso erudito, hein?

ZOE

*(vivamente)* Deus se compadeça de sua cabeça, ele sabe mais do que você esqueceu.  
*(Com imbecilidade obesa Florry Talbot olha fixamente para Stephen)*

FLORRY

Dizem que o último dia está chegando neste verão.

KITTY

Não!

ZOE

*(estoura de rir)* Grande e injusto Deus!

FLORRY

*(ofendida)* Bem, estava nos jornais sobre o Anticristo. Ó, meu pé está formigando.

*(Meninosjornaleiros maltrapilhos e descalços, sacudindo uma pipa de cauda, passam tagarelando, gritando.)*

OS MENINOSJORNALEIROS

Última edição. O resultado das corridas do cavalo de madeira. Serpente marítima no canal real. Chegada a salvo do Anticristo.

*(Stephen se vira e vê Bloom.)*

STEPHEN

Um tempo, tempos e a metade do tempo.

*(Reuben J. Anticristo, judeu errante, com uma mão de garra aberta em sua coluna, avança com passos pesados. Em volta de seus rins está suspensa uma carteira de peregrino da qual se projetam notas promissórias e contas não honradas. Sobre o seu ombro ele carrega um longo croque do gancho do qual pende pelo fundilho das calças a massa debruçada e encharcada de seu filho único, salvo das águas do Liffey. Um duende com a imagem de Punch Costello, descadeirado, acorcundado, hidrocefálico, prógnato, com a testa recuada e nariz de Ally Sloper, tropeça aos sobressaltos através da escuridão que se avoluma.)*

TODOS

O quê?

O DUENDE

*(com suas mandíbulas matraqueando, salta de um lado para o outro, com olhos arregalados, gritando, saltando como um canguru com os braçosgarras estendidos, então de repente enfia seu rosto sem lábios entre a forquilha de suas coxas) Il vient! C'est moi! L'homme qui rit! L'homme primigène! (ele rodopia sem parar com uivos de dervixe) Sieurs et dames, faites vos jeux! (Ele se agacha fazendo malabarismo. Planetas mínimos como roletas voam de suas mãos.) Les jeux sont faits! (os planetas se precipitam juntos, proferindo estalidos crepitantes) Rien va plus! (Os planetas, balões flutuantes, vogam intumescidos para cima e para longe. Ele salta fora dentro do vácuo.)*

FLORRY

*(afundando num torpor, se benzendo furtivamente) O fim do mundo!*

*(Um tépido eflúvio feminino escapa de dentro dela. Uma obscuridade nebulosa ocupa o espaço. Através de um nevoeiro carregado fora o gramofone clama por sobre tosses e pés se arrastando.)*

## O GRAMOFONE

Jerusalém!

Abra seus portões e cante

Hosana...

*(Um foguete se precipita para o céu e estoura. Uma estrela branca cai do céu, proclamando a consumação de todas as coisas e a segunda vinda de Elias. Ao longo de uma corda esticada infinita e invisível retesada do zênite ao nadir o Fim do Mundo, um polvo de duas cabeças com saiote escocês de criado, colbaque e saiote escocês tartã, rodopia através das trevas, de pernas para o ar, sob a forma de Três Pernas de Homem.)*

## O FIM DO MUNDO

*(com um sotaque escocês) Quem quer dançar o rigodão, o rigodão, o rigodão?*

*(Por cima da pressão da turba e tosses asfixiantes, a voz de Elias, estridente como a de um codornizão, soa asperamente no alto. Transpirando numa folgada sobrepeliz de algodão com mangas afuniladas ele é visto, com cara de sacristão, acima de uma tribuna em volta da qual uma bandeira da antiga glória está drapejada. Ele bate com o punho no parapeito.)*

ELIAS

Nenhum ganido, por favor, nesta tenda. Jake Crane, Creole Sue, Dave Campbell, Abe Kirschner, tussam com suas bocas fechadas. Olhem, estou acionando todas as linhas deste tronco. Rapazes, façam isso agora. A hora de Deus é 12h25. Digam à mãe que estarão lá. Apressem seu pedido e vocês lançarão mão de um excelente recurso. Alistem-se bem aqui. Registrem-se na conexão da eternidade, o trajeto sem escalas. Só uma parada a mais. Você é um deus ou um maldito imbecil? Se o segundo advento vier a Coney Island estamos preparados? Florry Cristo, Stephen Cristo, Zoe Cristo, Bloom Cristo, Kitty Cristo, Lynch Cristo, cabe a vocês perceber essa força cósmica. Temos pés frios a respeito do cosmo? Não. Fiquem do lado dos anjos. Sejam um prisma. Vocês têm aquela coisa dentro de vocês, o ser superior. Vocês podem conviver com um Jesus, um Gautama, um Ingersoll. Estão vocês todos nesta vibração? Eu digo que estão. Uma vez que vocês apreendam isso, uma congregação, uma alegre cavalgada fanfarrã ao céu se torna uma coisa antiquada. Me entenderam? É um iluminador da vida, certamente. A coisa mais excitante que jamais existiu. É a torta inteira ainda por cima com geléia. É simplesmente a mais astuta e mais vigorosa linha projetada. É imensa, supersuntuosa. Ela restaura. Vibra. Eu sei que eu sou um vibrador e tanto. Brincadeira de lado e, descendo ao fundamento, A. J. Christ Dowie e a filosofia harmônica, vocês entenderam? OK. Setenta e sete oeste Sixtyninth Street. Me entenderam? É isso aí. Vocês me ligam pelo fonessolar a qualquer hora. Bêbados inveterados, poupem seus selos. *(ele grita)* Agora então nossa canção de glória. Todos se juntam entusiasticamente na cantoria. *Encore! (ele canta)* Jeru...

## O GRAMOFONE

*(abafando sua voz)* Quemrusalameseurrairrooo... *(o disco produz um som irritante e dissonante de encontro à agulha)*

## AS TRÊS PROSTITUTAS

*(tapando os ouvidos, soltam gritos)* Aiaiaiai!



## ELIAS

*(com as mangas da camisa arregaçadas, de rosto preto, grita com toda a força dos pulmões, com os braços levantados)* O Grande Irmão ali em cima, Sr. Presidente, o senhor ouviu o que eu acabei de lhe dizer. Certamente, de uma certa forma eu acredito piamente no senhor, Sr. Presidente. Certamente estou pensando agora que a senhorita Higgins e a senhorita Ricketts têm a religião bem dentro delas. Certamente me parece nunca que eu vou ver nenhuma mulher pior assustada do que do jeito que você está, senhorita Florry, agora mesmo como acabei de ver você. Sr. Presidente venha e me ajude a salvar nossas queridas irmãs. *(ele pisca para sua audiência)* Nosso Sr. Presidente, ele observa tudo e não está dizendo nada.

## KITTY-KATE

Eu perdi a cabeça. Num momento de fraqueza eu errei e fiz o que fiz na colina Constitution. Fui crismada pelo bispo e admitida no escapulário marrom. A irmã de minha mãe casou com um Montmorency. Foi um bombeiro que foi minha ruína quando eu era pura.

## ZOE-FANNY

Eu o deixei socá-lo dentro de mim por brincadeira.

## FLORRY-TERESA

Foi em conseqüência de um vinho do Porto depois de um Hennessy de três estrelas. Pequei com Whelan quando ele se meteu na cama.

## STEPHEN

No princípio era o verbo, no fim o mundo sem fim. Abençoadas sejam as oito beatitudes.

*(As beatitudes, Dixon, Madden, Crotthers, Costello, Lenehan, Bannon, Mulligan e Lynch com trajas brancos de estudantes de cirurgia, em coluna de quatro, com passo de ganso, passam caminhando rápido em marcha ruidosa.)*

## AS BEATITUDES

*(incoerentemente)* Cerveja bife cãodebatalha compreJohnBull businum barnum malandrum, bispo.

## LYSTER

*(com calções cinzadequaker e chapéudeabaslargas, diz discretamente)* Ele é nosso amigo. Não preciso mencionar nomes. Procura tu a luz.

*(Ele dá um passo sincopado. Best entra com roupa de cabeleireiro brilhantemente lavada, com seus cachos com papelotes. Conduz John Eglinton que veste um quimono de mandarim de Nakeen amarelo, letradodelagarto, e um chapéu alto com forma de pagode.)*

## BEST

*(sorrindo, levanta o chapéu e exhibe uma cabeça raspada de cujo cocuruto se eriça um rabo-de-cavalo postiço atado com um nó grosso cor de laranja)* Eu só o estava embelezando, não sabe. Uma coisa bela, não sabe, diz Yeats, ou quero dizer, diz Keats.

## JOHN EGLINTON

*(produz uma lanterna escura de cobertura verde e lança a sua luz para um canto: com um tom de censura)* Estética e cosméticos são próprios de um quarto de vestir. Eu estou fora em busca da verdade. Verdade pura e simples para um homem simples. Tanderagee quer fatos e está decidida a obtê-los.

*(No cone do holofote atrás do balde de carvão, um sábio irlandês, de olhar sagrado, a figura barbada de Mananaun MacLir medita, com o queixo nos joelhos. Ele se levanta lentamente. Um vento frio do mar sopra de sua boca druida. Em volta de sua cabeça se contorcem enguias e elfos. Ele está incrustado com ervas daninhas e conchas. Sua mão direita segura uma bomba de bicicleta. Sua mão esquerda agarra um enorme lagostim por suas presas.)*

## MANANAUN MACLIR

*(com uma voz de ondas)* Aum! Hek! Wal! Ak! Lub! Mor! Ma! Branco adepto de ioga dos deuses. Oculto livro hermético de Hermes Trismegistos. *(com uma voz de vento sibilante do mar)* Punarjanam patsypunjaub! Não vou permitir que me passem a perna. Foi dito por alguém: cuidado com o esquerdo, o culto de Shakti. *(com um grito de pássaros da tempestade)* Shakti Shiva, Pai escurooculto! *(ele golpeia com sua bomba de bicicleta a mão esquerda do lagostim. No seu quadrante cooperativo fulgem os doze signos do zodíaco. Ele lamenta com a veemência do oceano)* Aun! Baum! Pyjaum! Eu sou a luz do lar! Eu sou a manteiga da sonhadora leiteria.

*(Uma esquelética mãodejudas estrangula a luz. A luz verde míngua para malva. O jato de gás se lamenta silvando.)*

## O JATO DE GÁS

Puuá! Pfuimmm!

*(Zoe corre para o candelabro e, entortando a perna, ajusta a manta.)*

ZOE

Quem tem um cigarrinho pra mim que estou aqui?

LYNCH

*(jogando um cigarro sobre a mesa)* Tome.

ZOE

*(com sua cabeça encarapitada para o lado com pretense orgulho)* Essa é a maneira de passar um trago para uma dama? *(Ela se estica para cima para acender o cigarro na chama, torcendo-o lentamente, mostrando os tufos marrons de seus sovacos. Lynch levanta ousadamente com seu atiçador de brasas um lado da anágua dela. Nua de suas ligas para cima sua pele aparece como o verde de uma ondina sob a safira. Ela solta uma lenta baforada de seu cigarro)* Você pode ver o sinal do meu traseiro?

LYNCH

Eu não estou olhando.

## ZOE

*(faz olhos de inocente)* Não? Você não faria uma coisa inferior. Você chuparia um limão?

*(Apertando os olhos com dissimulada vergonha ela olha para Bloom com sentido dúbio, em seguida se enrosca toda para ele, puxando sua anágua livre do atizador de brasas. Um fluido azul flui novamente por sua carne. Bloom fica de pé, sorrindo desejosamente, girando seus polegares. Kitty Ricketts lambe seu dedo médio com sua saliva e, se olhando no espelho, alisa as duas sobrancelhas. Lipoti Virag, um escriba real, cai rapidamente pelo conduto da chaminé e empertigado dá dois passos para a esquerda com aparvalhadas pernas de pau de cor rosa. Ele está ensalsichado em vários sobretudos e veste um impermeável marrom debaixo do qual segura um rolo de pergaminho. No seu olho esquerdo reluz o monóculo de Cashel Boyle O'Connor Fitzmaurice Tisdall Farrell. Em sua cabeça está encarapitada a coroa dupla do Egito. Duas penas grandes se projetam sobre suas orelhas.)*

## VIRAG

*(de calcanhares juntos, se inclina)* Meu nome é Virag Lipoti, de Szombathely. *(ele tosse pensativamente, secamente)* Nudez promíscua está muito em evidência por aqui, hein? Inadvertidamente sua visão traseira revelou o fato de que ela não está usando aquelas roupas íntimas de que você é particularmente devoto. Espero que você tenha percebido a marca de injeção na coxa? Bom.

## BLOOM

Vovozinho. Mas...

VIRAG

Número dois por outro lado, ela a de ruge cereja e *coiffeuse* branca, cujo cabelo deve muito ao nosso elixir tribal extraído de madeira de cipreste, está de traje de passeio e por sua maneira de sentar bem apertada em seu espartilho, eu diria. Espinha dorsal na frente, por assim dizer. Corrija-me mas eu sempre entendi que o ato assim desempenhado por humanos levianos com olhadelas na lingerie o atraíam em virtude de sua exibicioniticidade. Em suma. Hipogrifo. Estou certo?

BLOOM

Ela é bem magra.

VIRAG

*(afavelmente)* Sim, certamente! Bem observado e esses bolsos de anquinhas da saia e o efeito ligeiramente de pião são destinados a sugerir saliência de quadris. Uma nova compra em alguma liquidação monstro na qual um simplório foi despojado. Elegância meretrícia para enganar os olhos. Observe a atenção dada aos detalhes de grãosdepoeira. Nunca ponha amanhã o que você pode usar hoje. Paralaxe! *(com um tique nervoso de sua cabeça)* Você ouviu meu cérebro estalar? Polissilabaxe!

BLOOM

*(com o cotovelo repousando na mão, um dedo indicador na bochecha)* Ela parece triste.

VIRAG

*(cinicamente, de dentes de fuinha amarelos expostos, fecha o olho esquerdo com um dedo e ladra roucamente)* Roax! Cuidado com a chorosa falsa e melindrosa. Lírio da viela. Todas possuem o botão do solteirão descoberto por Rualdus Columbus. Derrube-a. Transforme-a numa pomba. Camaleão. *(mais jovialmente)* Bem então, permita que eu chame sua atenção para o item número três. Há muita coisa dela visível a olhos nus. Observe a massa de substância vegetal oxigenada em seu crânio. Olá, ela tropeça! O patinho feio do grupo, de pernas longas e nádegas grandes.

BLOOM

*(pesarosamente)* Quando se vai para a rua sem arma.

VIRAG

Podemos lhe oferecer todas as marcas, suave, média e forte. Pague com seu dinheiro, faça sua escolha. Como você poderia ser feliz com uma ou...

BLOOM

Com...?

## VIRAG

*(retorcendo a língua)* Lyum! Veja. Ela tem um largo sorriso. É revestida por uma camada considerável de gordura. É obviamente um mamífero pelo peso do seio que você observa ela tem na frente bem para a frente duas protuberâncias de dimensões bem respeitáveis, predispostas a cair no pratodesopa do meio-dia, enquanto na parte traseira inferior existem duas protuberâncias adicionais, que sugerem um reto potente e tumescente para o apalpamento, que não deixa nada a desejar a não ser compacidade. Tais partes carnis são o produto de uma nutrição cuidadosa. Quando engordados no galinheiro seus fígados atingem um tamanho elefantino. Bolinhas de pão fresco com feno-grego e goma de benjoim submersas em poções de chá verde as dotam durante sua breve existência de alfineteiras naturais de gordura bem colossais. Isso convém ao seu livro, não é? Pannelsdecarnequente do Egito para se almejar depois. Chafurdar nela. Lycopodium. *(sua garganta se contrai)* Bumba! Lá vai ele de novo.



BLOOM

Do terçol eu não gosto.

VIRAG

*(arqueia as sobrancelhas)* Contato com um aneldeouro, dizem. *Argumentum ad feminam*, como dizíamos na velha Roma e Grécia antiga no consulado de Diplodocus e Ichthyosauros. Para o resto o remédio soberano de Eva. Não está à venda. Só para aluguel. Huguenote. *(ele se contrai)* É um som engraçado. *(tosse encorajadoramente)* Mas possivelmente é apenas uma verruga. Presumo que você vai se lembrar do que eu lhe ensinei sobre esse assunto? Farinha de trigo com mel e noz-moscada.

BLOOM

*(refletindo)* Farinha de trigo com lycopodium e sillabaxe. Esta provação minuciosa. Foi um dia extraordinariamente fatigante, um capítulo de acidentes. Espere. Quero dizer, sanguedeverruga espalha verrugas, você disse...

## VIRAG

*(severamente, com seu nariz fortemente adunco, seu olho piscando de lado)* Pare de girar os polegares e dê uma boa velha pensada. Veja, você esqueceu. Exercite sua técnica mnemônica. *La causa è santa.* Tara. Tara. *(aparte)* Ele certamente vai se lembrar.

## BLOOM

Alecrim também entendi você dizer ou força de vontade sobre tecidos parasíticos. Então negativo não eu tenho uma vaga idéia. O toque da mão de um morto cura. Mnemo?

## VIRAG

*(excitadamente)* É o que digo. É o que digo. Mesmo assim. Técnico. *(ele dá com energia umas pancadinhas no rolo de pergaminho)* Este livro lhe diz como agir com todas as informações descritivas. Consulte o índice para o medo agitado de acônito, para melancolia de ácido muriático, para priapo anêmona pulsátila. Virag vai falar sobre amputação. Nossa velha amiga cáustica. Eles devem ser submetidos à fome. Corte-as com uma laçada de crina de cavalo por baixo da cavidade do pescoço. Mas, mudando de local para as búlgaras e as bascas, você já decidiu se gosta ou não gosta de mulheres com trajes de homem? *(com um riso seco abafado)* Você tencionava dedicar um ano inteiro ao estudo do problema religioso e os meses de verão de 1886 a enquadrar o círculo e ganhar aquele milhão. Romã! Do sublime ao ridículo basta um passo. Pijama, digamos? Ou calção reforçado, fechado com meia? Ou, consideremos o caso, aquelas combinações complicadas de camisola com calção? *(ele cocorica zombeteiramente)* Cocoricó!

*(Bloom examina precariamente as três prostitutas então fita a velada luz malva, ouvindo a mariposa voando sem parar.)*

## BLOOM

Eu queria que elas já tivessem concluído. Camisola não foi nunca. Por conseguinte isto. Mas amanhã é um novo dia será. O passado era é hoje. O que agora é será então amanhã como agora foi será passado ontem.

## VIRAG

*(sopra num sussurro de porco)* Os insetos do dia passam sua breve existência numa cópula reiterada, atraídos pelo cheiro da fêmea inferiormente pulcra possuindo o nervo pudendo estendificado na região dorsal. Linda Poll! *(seu bicodepapagaio amarelo papagueia nasalmente)* Eles tinham um provérbio nos Cárpatos em ou por volta do ano cinco mil quinhentos e cinquenta e cinco de nossa era. Uma colher de sopa de mel vai atrair o amigo Bruin mais do que uma dúzia de barris da melhor qualidade de vinagre de malte. O burburinho do urso aborrece as abelhas. Mas disso à parte. Em outra ocasião podemos retomar o assunto. Ficamos muito satisfeitos, nós outros. *(ele tosse e, inclinando a testa, esfrega seu nariz pensativamente com a mão em concha)* Você vai verificar que estes insetos noturnos acompanham a luz. Uma ilusão pois lembre-se do seu complexo olho inajustável. Por todos estes pontos nodosos veja o livro dezessete dos meus Fundamentos de Sexologia ou o Amor Passional que o doutor L. B. diz que é o livro sensação do ano. Alguns, para exemplificar, existem ainda cujos movimentos são automáticos. Perceba. Esse é seu sol apropriado. Pássarodanoite soldanoite cidadedanoite. Siga-me, Charley! *(ele sopra no ouvido de Bloom)* Zum!

## BLOOM

Abelha ou mosca-varejeira também outro dia batendo na sombra da parede atordoada então em mim vagou atordoada pela camisa abaixo bom trabalho eu...

## VIRAG

*(seu rosto impassível, ri com um tom feminino)* Esplêndido! Mosca espanhola na braguilha dele ou um emplastro de mostarda em seu peru. *(ele devora glotonamente com barbelas de peru)* Peru! Peru! Onde estamos? Abre-te Sésamo! Saia! *(ele desenrola seu pergaminho rapidamente e lê, seu nariz de vaga-lume correndo para trás sobre as letras que ele agarra)* Fique, meu bom amigo. Eu te trago tua resposta. Ostras da margemvermelha estarão em breve sobre nós. Eu sou o melhor mestre-cuca. Esses moluscos suculentos podem nos ajudar e as trufas do Perigord, túberas deslocadas através do onívoro senhor leitão, foram insuperadas em casos de debilidade nervosa ou viragite. Embora elas fedam ainda assim elas picam. *(ele sacode a cabeça com troça cacarejante)* Jocosos. Com meu monóculo no meu ocular. *(ele espirra)* Amém!

## BLOOM

*(distraidamente)* O caso bivalve da mulher é ocularmente pior. Sempre sésamo aberto. O sexo fendido. Por que elas temem vermes, coisas rastejantes. No entanto Eva e a serpente contradiz. Não um fato histórico. Analogia óbvia com minha idéia. As serpentes também são gulosas do leite da mulher. Serpenteiam através de milhas de florestas onívoras para sugar o suculento seio dela até secar. Como aquelas matronas romanas efervescentesjocosas que se lê em Elefantulíase.

## VIRAG

*(sua boca projetada com rugas acentuadas, olhos tristemente petreamente fechados, salmodia numa destacada monotonia)* Que as vacas com seus aqueles úberes distendidos que elas tenham sido as conhecidas...

## BLOOM

Eu vou gritar. Me perdoe. Ah? Assim. *(ele repete)* Procurar espontaneamente a toca do sáurio a fim de confiar suas tetas à sua sucção ávida. Formiga ordenha pulgão. *(profundamente)* Instinto governa o mundo. Na vida. Na morte.

## VIRAG

*(a cabeça inclinada, arqueia suas costas e curvados ombrosalados, examina a mariposa com olhos turvos protuberantes, aponta uma garra chifruda e grita)* Quem é mariposa mariposa? Quem é o querido Gerald? Querido Ger, é você? Ó meu Deus, ele é Gerald. Ó, temo muito que ele vai ficar gravemente queimado. Quer alguma pessoa por favor não agora impedimento tão catastróficos mit agitação de guardumnapo de primeiraclasse? *(Ele mia)* Gato gato gato gato! *(ele suspira, recua e olha fixamente para um lado com a mandíbula inferior caída)* Ora, ora. Ele vai descansar dentro em pouco. *(ele estala suas mandíbulas no ar)*

## A MARIPOSA

Sou uma coisa pequenininha  
Sei voar que nem ventoinha  
Dando voltas e mais voltas  
Há muito tempo eu fui rainha  
Agora eu sou esta coisinha  
No ar a primavera é minha.

*(ele se precipita de encontro ao quebra-luz malva, se agitando ruidosamente)*

Lindas lindas lindas lindas lindas lindas anáguas.

*(Vindo da entrada superior à esquerda com dois passos escorregadios Henry Flower avança para o centro esquerdo fronteiro. Ele traja um manto escuro e um sombreiro ornado de plumas pendentes. Ele traz uma cítara incrustada encordoada de prata e um cachimbo de Jacó debambu delongotalo, com o seu bojo de barro com a forma da cabeça*

*de uma mulher. Ele veste meias de veludo escuro e sapatilhas com fivelas prateadas. Tem o rosto romântico do Salvador com cachos ondulantes, barba rala e bigode. Suas pernas longas e pés de pardal são os do tenor Mario, príncipe de Candia. Ele acomoda seus rufos frisados e umedece os lábios passando uma língua amorosa.)*

## HENRY

*(com uma voz melodiosa, tocando as cordas de seu violão) Existe uma flor que floresceu. (Virag truculento, sua queixada imobilizada, olha fixamente para a lâmpada. Sérico Bloom observa com atenção o pescoço de Zoe. Henry galante se volta com papada pendente para o piano.)*

## STEPHEN

*(para si mesmo) Toque com seus olhos fechados. Imite pa. Enchendo minha barriga com as cascas de porcos. Demais disso. Eu vou me erguer e ir para meu. Conta com que isto seja o. Steve, tu estás de um jeito arriscado. Preciso visitar Deasy ou telegrafar. Nossa entrevista desta manhã me causou profunda impressão. Embora nossas idades. Vou escrever mais completamente amanhã. Estou parcialmente bêbado, por falar nisso. (toca as teclas novamente) Um acorde em menor vem agora. Sim. Não muito contudo.*

*(Almidano Artifoni estende um rolodebatuta de música com vigoroso movimento do bigode.)*

## ARTIFONI

*Ci rifleta. Lei rovina tutto.*

FLORRY

Cante alguma coisa para nós. A antiga doce canção do amor.

STEPHEN

Sem voz. Eu sou um muito consumado artista. Lynch, eu te mostrei a carta sobre o alaúde?

FLORRY

*(sorrindo afetadamente)* O pássaro que pode cantar e não quer cantar.

*(Os gêmeos siameses, Philip Bêbado e Philip Sóbrio, duas sumidades de Oxford com cortadoresdegrama, aparecem no vão da janela. Ambos estão com máscaras do rosto de Matthew Arnold.)*

PHILIP SÓBRIO

Aceite o conselho de um tolo. Nem tudo está bem. Resolva com a ponta de um lápis, como um bom rapaz idiota. Você obteve três libras doze, duas notas, um soberano, duas coroas, se ao menos a mocidade soubesse. Nenhum Mooney en Ville, nenhum Mooney's sur mer, o Moira, no Larchet, hospital de Holles Street, no Burke. Hein? Eu estou de olho em você.

PHILIP BÊBADO

*(impacientemente)* Ah, puxa, homem. Vá pro inferno! Eu paguei a minha parte. Se ao menos eu pudesse descobrir algumas oitavas. Reduplicação de personalidade. Quem foi mesmo que me disse seu nome? *(seu cortadordegrama começa a produzir um ruído surdo)* Ahah, sim. *Zoe mou sas agapo.* Tenho a impressão que já estive aqui antes. Quando foi não Atkinson o cartão dele eu tenho em algum lugar. Alguém Mac. Unmac é isso aí. Ele me falou a respeito, persista, Swinburne, não foi, não?

FLORRY

E a canção?

STEPHEN

O espírito está querendo mas a carne é fraca.

FLORRY

Você veio de Maynooth? Você parece com alguém que conheci certa vez.



## STEPHEN

Vim de lá agora. *(para si mesmo)* Inteligente.

## PHILIP BÊBADO E PHILIP SÓBRIO

*(seus cortadoresdegrama produzindo um ruído surdo com um rigodão de ramadasdegrama)* Sempre inteligente. Veio de lá veio de lá. Incidentalmente você tem o livro, a coisa, a bengala? Sim, ela ali, sim. Sempreinteligente veiodeláagora. Mantenha-se em forma. Faça como nós.

## ZOE

Esteve aqui um padre duas noites atrás para fazer sua parte do negócio com seu casaco abotoado de cima a baixo. Você não precisa tentar esconder, eu diz pra ele. Eu sei que você é um colarinho romano.

## VIRAG

Perfeitamente lógico do ponto de vista dele. Queda do homem. *(asperamente, suas pupilas se dilatando)* Para o inferno com o papa! Nada de novo sob o sol. Eu sou o Virag que desvendou os Segredos Sexuais dos Monges e Donzelas. Porque eu abandonei a igreja de Roma. Leia o Padre, a Mulher e o Confessionário. Penrose. Flipperty Jippert. *(ele se contorce)* Mulher desfazendo com suave pudor seu cinto de cordadejunco, oferece sua yoni todaúmida ao falo do homem. Pouco tempo depois homem presenteia mulher com pedaços de carne da selva. Mulher demonstra alegria e se cobre com pelesdepenas. Homem ama a yoni dela ferozmente

com grande lingam, o duro. *(ele grita) Coactus volui.* Então mulher tonta vai correr em volta. Homem forte agarra mulher pelo pulso. Mulher dá um grito agudo, morde, cospe. Homem, agora ferozmente zangado, bate com força no rabo gordo da mulher. *(ele corre atrás da própria cauda) Pifpaf! Popo! (ele pára, espirra) Atchim! (ele agita sua ponta) Prrrt!*

LYNCH

Espero que você tenha dado uma penitência ao bom padre. Nove glórias por atirar num bispo.

ZOE

*(esguicha fumaça de morsas pelas narinas)* Ele não conseguiu fazer uma conexão. Apenas, você sabe, sensação. Uma relação sexual seca.

BLOOM

Pobre homem!

ZOE

*(ligeiramente)* Apenas pelo que aconteceu com ele.

BLOOM

Como?

VIRAG

*(Com um ricto diabólico de luminosidade obscura contraindo seu rosto, estica seu pescoço descarnado para a frente. Ergue um focinho beócio e uiva.) Verfluchte Goim! Ele tinha um pai, quarenta pais. Ele nunca existiu. Porco Deus! Ele tinha dois pés esquerdos. Era Judas Iacchia, um eunuco líbio, o bastardo do papa. (ele se inclina para fora sobre patasdianteiras torturadas, cotovelos rígidos inclinados, seus olhos agonizando em seu pescoçocrânio chato e gane acima do mundo mudo)* Um filho de uma puta. Apocalipse.

KITTY

E Mary Shortall que estava no Lock com a sífilis que pegou de Jimmy Pidgeon na tentativa de conquistar teve um filho dele que não conseguia engolir e foi sufocado no colchão com convulsões e nós todos subscrevemos para o enterro.

PHILIP BÊBADO

*(gravemente) Qui vous a mis dans cette fichue position, Philippe?*

PHILIP SÓBRIO

*(alegremente) C'était le sacré pigeon, Philippe.*

*(Kitty tira o alfinete de seu chapéu e o coloca embaixo calmamente, dando uns tapinhas em seu cabelo hena. E uma cabeça mais bonita, mais delicada de cachos atraentes jamais se viu nos ombros de uma prostituta. Lynch põe o chapéu dela em sua cabeça. Ela o remove.)*

LYNCH

*(ri)* E para tais encantamentos Metchnikoff inoculou sífilis nos chimpanzés antropóides.

FLORRY

*(acena com a cabeça)* Ataxia locomotora.

## ZOE

*(alegremente)* Ó, meu dicionário.

## LYNCH

Três virgens sábias.

## VIRAG

*(sacudidodecalafrio, ovas profusas espumando sobre seus lábios ossudos epiléticos)* Ela vendia filtrosdeamor, cerabranca, flordelaranja. Panther, o centurião romano, a poluiu com seus genitais. *(ele põe para fora uma oscilante língua de escorpião fosforescente, com sua mão no seu pênis)* Messias! Ele estourou o tímpano dela. *(com gritos incoerentes de babuíno ele sacode as cadeiras num espasmo cínico)* Hic! Hec! Hac! Hoc! Huc! Kok! Kuk!

*(Ben Jumbo Dollard, rubicundo, músculosentumescidos, narinaspeludas, barbaimensa, orelhasdecouveflor, troncopeludo, choquecrinado, papagordurosa, se apresenta, seus lombos e genitais apertados numa roupa de banho de saco preta.)*

## BEN DOLLARD

*(tamborilando um tímpano de ossos de castanhola com suas imensas patas acolchoadas, jovialmente canta à moda dos montanhesees suíços com um baixo barriltom)* Quando o amor absorve minha alma ardente.

*(As virgens enfermeira Callan e enfermeira Quigley irrompem através dos protetoresdasbadaladas e das cordas e o cercam com braços abertos.)*

## AS VIRGENS

*(efusivamente)* Big Ben! Ben meu Chree!

## UMA VOZ

Segure esse camarada com calções ruins.

## BEN DOLLARD

*(bate na coxa com risada abundante)* Segure-o agora.

## HENRY

*(acariciando no seu peito uma cabeça cortada de mulher, murmura)* Teu coração, meu amor. *(ele dedilha as cordas de seu alaúde)* Quando eu pela primeira vez vi...

## VIRAG

*(livrando-se de suas peles, sua múltipla plumagem mudando de penas)* Ratos! *(ele boceja,*

*mostrando uma garganta preta com o carvão, e fecha suas mandíbulas com um empurrão para cima de seu rolo de pergaminho)* Depois de dizer do que me despedi. Adeus. Passa tu bem. *Dreck!*

*(Henry Flower penteia seu bigode e barba rapidamente com um pente de bolso e dá uma lambida de vaca no seu cabelo. Conduzido por seu espadim, ele desliza para a porta, sua harpa selvagem a tiracolo atrás dele. Virag alcança a porta com dois desajeitados saltos de perna de pau, sua cauda empinada, e habilmente bate de lado na parede uma borboleta com amarelo opus, dando cabeçadas nela com a sua cabeça.)*

## A BORBOLETA COM A CONTA

K. II. Não envie pelo correio nenhuma conta. Estritamente confidencial. Dr. Hy Franks.

HENRY

Tudo está perdido agora.

*(Virag desaparece com a cabeça num instante e a segura debaixo do braço.)*

## A CABEÇA DE VIRAG

Quack!

*(Sai separadamente.)*

STEPHEN

*(por cima de seu ombro para Zoe)* Você teria preferido o pároco lutador que fundou o erro protestante. Mas cuidado com Antisthenes, o cão sábio, e o fim dos fins de Arius Heresiarchus. A agonia na privada.

LYNCH

Tudo um e o mesmo Deus para ela.

STEPHEN

*(devotamente)* E Senhor soberano de todas as coisas.

FLORRY

*(para Stephen)* Estou certa de que você é um ex-padre. Ou um monge.

LYNCH



Ele é. Um filho de cardeal.

## STEPHEN

Pecado capital. Monges da foda.

*(Sua Eminência Simon Dedalus cardeal Dedalus, primaz de toda a Irlanda, aparece na porta, vestindo uma batina vermelha, sandálias e soquetes. Sete acólitos anões simiescos, também de vermelho, pecados capitais, sustentam sua cauda, espreitando por baixo dela. Ele usa uma cartola amassada de lado na cabeça. Seus polegares estão enfiados em suas axilas e suas palmas estendidas. Em volta do pescoço pende um rosário de rolhas terminando no seu peito com uma cruz de saca-rolha. Libertando seus polegares, ele invoca a graça do alto com vastos gestos ondulantes e proclama com pompa inflada:)*

## O CARDEAL

Conservio foi capturado  
As pernas acorrentadas  
Preso na mais funda masmorra  
Com correntes de três toneladas.

*(Ele olha para todos por um momento, seu olho direito hermeticamente fechado, sua bochecha esquerda inchada. Então, incapaz de reprimir sua alegria, ele se balança de um lado para o outro, com as mãos nos quadris, e canta com irrestrito humor folgazão:)*

Ah, o pobre rapazinho  
As pernas amarelas de de de de delezinho  
Era roliço, gordo, pesado e rápido como serpente  
Mas tendo algum selvagem comido  
O seu repolho branco preferido  
A pata namoradeira de Nell Flaherty ele assassinou de repente.

*(Uma multidão de maruins se apinha inofensiva sobre sua túnica. Ele se coça com os braços cruzados nas costelas, careteando, e exclama:)*

Estou sofrendo a agonia dos condenados. Com os diabos, graças sejam dadas a Jesus por esses camaradinhas divertidos não serem unânimes. Se eles fossem eles me varreriam da face do maldito globo terrestre.

*(Com a cabeça inclinada ele abençoa bruscamente com os dedos indicador e médio, dá o beijo da Páscoa e se esquiva comicamente, balançando seu chapéu de um lado para o outro, encolhendo rapidamente ao tamanho dos carregadores de sua cauda. Os acólitos anões, rindo, espreitando, cutucando, arregalando os olhos, beijandodepáscoa, ziguezagueiam atrás dele. A voz dele é ouvida suave de longe, macho misericordioso, melodiosa:)*

Leva a ti meu coração

Leva a ti meu coração

E o sopro acariciante da noite

Leva a ti meu coração

*(A maçaneta mágica gira.)*

## A MAÇANETA

Diiii!

ZOE

O demônio está nessa porta.

*(Uma forma masculina desce pela escada rangente e é ouvida tirando o impermeável e o chapéu do cabideiro. Bloom avança involuntariamente e, fechando a meio a porta quando passa, retira o chocolate de seu bolso e o oferece nervosamente a Zoe.)*

ZOE

*(funga no cabelo dele vivamente)* Hummm! Agradeça a sua mãe pelos coelhos. Sou muito amiga do que gosto.

BLOOM

*(ouvindo uma voz masculina falar com as prostitutas na soleira da porta, fica alerta)* Se fosse ele? Depois? Ou por que não? Ou o duplo acontecimento?

ZOE

*(abre rasgando o papel prateado)* Dedos foi feito antes de garfos. *(ela quebra e mordisca um pedaço, dá um pedaço para Kitty Ricketts e então se vira de modo brincalhão para Lynch)* Nenhuma objeção a losangos franceses? *(ele acena com a cabeça. Ela escarnece dele)* Você o quer agora ou espera até consegui-lo? *(Ele abre a boca, com sua cabeça empinada. Ela gira o prêmio num círculo para a esquerda. A cabeça dele acompanha. Ela gira de volta num círculo para a direita. Ele a olha.)* Pegue!

*(Ela joga um pedaço. Com hábil vivacidade ele o apanha e o morde com um estalido.)*

KITTY

*(mastigando)* O mecânico com quem eu estive no bazar os tem lindinhos. Cheios dos melhores licores. E o vice-rei estava lá com sua senhora. E a excitação que experimentamos nos cavalos de carrossel de Toft. Ainda estou tonta.

BLOOM

*(No sobretudo de peles de Svengali, com os braços cruzados e topete napoleônico, franze a testa num exorcismo ventríloquo com um olhar penetrante de águia em direção à porta. Então rígido com o pé esquerdo para a frente dá um passo rápido com dedos que impelem e faz o sinal de ex-mestre, puxando seu braço direito de seu ombro esquerdo para baixo.)* Vá, vá, vá, eu o conjuro, quemquer que você seja!

*(Uma tosse e passo masculinos são ouvidos através da névoa exterior. A feição de Bloom relaxa. Ele coloca uma mão em seu colete, posando calmamente. Zoe lhe oferece chocolate.)*

BLOOM

*(solenemente)* Obrigado.

ZOE

Faça como é solicitado. Olhe cá!

*(Um passo firme de saltoestalando é ouvido na escada)*

BLOOM

*(pega o chocolate)* Afrodisíaco? Tanásia e poejo. Mas eu o comprei. Baunilha acalma ou? Mnemo. Luz confusa confunde memória. Vermelho tem influência sobre lúpus. Cores afetam os temperamentos das mulheres, quaisquer que eles sejam. Este preto me faz ficar triste. Coma e fique alegre por amanhã. *(ele come)* Tem também influência sobre o paladar, a malva. Mas faz

tanto tempo desde que eu. Parece novo. Afro. Aquele padre. Deve vir. Antes tarde do que nunca. Experimentar trufas no Andrews.

*(A porta se abre. Bella Cohen, uma maciça cafetina, entra. Ela está vestida com um vestido trêsquartos cor marfim, guarnecido em volta da bainha com uma ourela ornada de borlas, e se refresca se abanando com um leque de chifre preto como Minnie Hauck em Carmen. À sua esquerda estão alianças de casamento e anéis de proteção. Seus olhos estão profundamente carbônicos. Ela tem um bigode crescido. Seu rosto cor de oliva é pesado, ligeiramente suado e nariz desenvolvido com narinas alaranjadas. Ela tem grandes brincos pingentes de berilo.)*

## BELLA

Nossa! Estou toda suada.

*(Ela olha à volta para os pares. Então seus olhos repousam em Bloom com insistência tenaz. Seu grande leque adeja vento em seu rosto e pescoço encalorado e corpulência. Seus olhos de falcão cintilam.)*

## O LEQUE

*(flertando rapidamente, em seguida lentamente)* Casado, pelo que estou vendo.

## BLOOM

Sim. Em parte, eu me desencaminhei...

O LEQUE

*(se entreabrindo, depois fechando)* E a patroa é o mestre. Governo da saia.

BLOOM

*(abaixa os olhos com um tímido sorriso forçado)* É isso aí.

O LEQUE

*(se dobrando todo, repousa no brinco esquerdo dela)* Você me esqueceu?

BLOOM

Nsim. Vnom.

O LEQUE

*(dobrado em ângulo reto nos quadris dela)* Sou eu ela que você sonhou antes? Era então ela ele você nós que desde então conheceu? Sou todos eles e os mesmos agora eu?

*(Bella se aproxima, batendo gentilmente de leve com seu leque.)*

BLOOM

*(estremecendo)* Ser poderoso. Em meus olhos leu aquele langor que as mulheres amam.

O LEQUE

*(batendo de leve)* Nós nos encontramos. Você é meu. É o destino.

BLOOM

*(intimidado)* Fêmea exuberante. Eu desejo enormemente sua dominação. Estou exausto, abandonado, não mais tão jovem. Fico, por assim dizer, com uma carta não enviada que traz o pagamento suplementar do regulamento diante da caixa tardia demais do correio geral da vida humana. A porta e a janela abertas em um ângulo reto causam uma corrente de ar de trinta e dois pés por segundo de acordo com a lei dos corpos que caem. Eu senti neste instante uma ferroada do ciático no meu músculo glúteo esquerdo. Isso está no sangue. Meu pobre querido papai, um viúvo, era um barômetro habitual disso. Ele acreditava no calor animal. Seu colete de inverno era forrado de pele de gato. Perto do fim, recordando o rei Davi e a Sunamita, ele partilhou sua cama com Athos, fiel após a morte. A saliva de um cão como você provavelmente... *(ele estremece)* Ah!

RICHIE GOULDING

*(sacolapesada, passa pela porta)* Zombar é empulhação. De maior valor em Dublin. Digno de um rei. Fígado e rim.

O LEQUE

*(batendo de leve)* Tudo tem um fim. Seja meu. Agora.

BLOOM

*(indeciso)* Tudo agora? Eu não devia ter me separado do meu talismã. Chuva, exposto ao sereno nas rochasmarítimas, um pecadilho nesta fase de minha vida. Todo fenômeno tem uma causa natural.

O LEQUE

*(aponta lentamente para baixo)* Você pode.

BLOOM



*(olha para baixo e nota o laço desfeito da bota dela)* Estamos sendo observados.

## O LEQUE

*(aponta rapidamente para baixo)* Você deve.

## BLOOM

*(com desejo, com relutância)* Posso dar um nó bem apertado. Aprendi quando fui aprendiz e trabalhei no serviço de expedição de Kellett. Mão experiente. Todo nó fala por si só. Deixe-me. Em sinal de cortesia. Já me ajoelhei uma vez antes de hoje. Ah!

*(Bella levanta ligeiramente o vestido e, se firmando em sua pose, ergue até a beira da cadeira uma pata roliça em bota de sola grossa e uma quartela protuberante, com meia de seda. Bloom, com as pernas rígidas, sob o peso dos anos, se inclina sobre a pata dela e com dedos delicados faz o cordão entrar e sair.)*

## BLOOM

*(murmura amorosamente)* Ser vendedor de sapatos de Manfield era meu sonho de moço, as alegrias favoritas do doce abotoar, dar laços entrecruzados até o joelho nos sapatos elegantes de pelica revestidos de cetim, tão incrivelmente impossivelmente pequenos, das senhoras de Clyde Road. Mesmo os modelos de cera de Raymonde eu visitava diariamente para admirar suas meias transparentes e artelho como um talo de ruibarbo, como eram usadas em Paris.

A PATA

Cheire meu couro de bode. Sinta meu peso real.

BLOOM

*(cruzando o laço)* Muito apertado?

A PATA

Se você fizer um trabalho malfeito, Handy Andy, eu te dou um chute futebolesco.

BLOOM

Não atar o ilhó errado como eu fiz na noite da dança do bazar. Azar. Enganchar no colchete errado dela... pessoa que você mencionou. Naquela noite ela encontrou... Agora!

*(Ele dá um nó com o cordão. Bella põe seu pé no chão. Bloom levanta a cabeça. O rosto pesado dela, seus olhos o atingem no meio da testa. Os olhos dele ficam apáticos, mais escuros e entufados, seu nariz engrossa.)*

BLOOM

*(murmura)* Aguardando suas futuras encomendas permanecemos, senhores...

BELLO

*(com um duro olhar basilisco, com voz de barítono)* Cão de desonra!

BLOOM

*(enrabichado)* Imperatriz!

BELLO

*(as pesadas postasdebochechas pendendo)* Adorador do rabo adúltero!

BLOOM

*(melancolicamente)* Imensidão!

BELLO

Devorador de esterco!

BLOOM

*(com tendões semiflexionados)* Magmagnificência!

## BELLO

Pra baixo! *(ele bate de leve no ombro dela com seu leque)* Incline os pés para a frente! Deslize o pé esquerdo um passo atrás! Você vai cair. Você está caindo. No chão apoiada nas mãos!

## BLOOM

*(com os olhos dela voltados para cima em sinal de admiração, fechando-os, gane)* Trufas!  
*(Com um grito epilético agudo ela afunda de quatro no chão, grunhindo, fungando, fossando aos pés dele: então deita-se, fazendo-se de morta, com olhos bem fechados, pálpebras trêmulas, dobrada no chão na atitude do mais excelente mestre.)*

## BELLO

*(com cabelo cortado curto, papada purpúrea, marcas de um bigode avultado em volta de sua boca barbeada, de perneiras de montanhês, casaco verde com botões prateados, camisa esporte e chapéu alpino com pena de galo de charneca, suas mãos enfiadas no fundo dos bolsos de seu calção, coloca o tacão em cima do pescoço dela e o esmaga)* Escabelo! Sinta todo o meu peso. Curve-se, escravo, diante da autoridade real do tacões gloriosos do seu déspota tão resplandecentes em sua firmeza altaneira.

BLOOM

*(subjugado, bale)* Eu prometo nunca desobedecer.

BELLO

*(ri alto)* Nossa Mãe! Você mal sabe o que o aguarda. Eu sou o tártaro para liquidar com o seu destinozinho e domá-lo! Aposto uma rodada de coquetéis Kentucky para todo o grupo que vou fazer você se envergonhar, meu velho. Fale impertinentemente comigo, eu o desafio. Se você fizer isso trema por antecipação pela punição do tacão que será infligida com uma roupa de ginástica.

*(Bloom rasteja debaixo do sofá e espreita através da fimbria.)*

ZOE

*(estendendo sua anágua para encobri-la)* Ela não está aqui.

BLOOM

*(fechando seus olhos)* Ela não está aqui.

FLORRY

*(escondendo-a com seu vestido)* Ela não tinha intenção, Sr. Bello. Ela vai ser boazinha, senhor.

KITTY

Não seja muito duro com ela, Sr. Bello. Com certeza não será, ma'amesior.

BELLO

*(persuasivamente)* Venha, meu patinho querido, quero te dizer uma palavrinha, meu bem, só para administrar um castigo. Só uma conversinha franca, doçura. *(Bloom põe para fora sua cabeça tímida)* Vamos isso é que é uma boa menina. *(Bello agarra violentamente o cabelo dela e a arrasta para a frente)* Eu só quero corrigi-la para o seu próprio bem num lugar seguro e macio. Que tal esse tenro traseiro? Ó, muito suavemente, querido. Comece a se aprontar.

BLOOM

*(desmaiando)* Não despedace meu...

BELLO

*(selvagemente)* A argola do nariz, o alicate, o cajado, o ganchodeenforçar, o cnute eu vou fazer você beijar enquanto as flautas tocam como o escravo núbio de antigamente. Você está em maus lençóis desta vez! Vou fazer você se lembrar de mim para o resto de sua vida natural. *(as veias da testa dele se entumescem, seu rosto fica congestionado)* Vou sentar na sela do seu lombo otomano toda manhã depois do meu enorme desjejum com fatiasdepresunto de Matterson e uma garrafa de cerveja Guinness. *(ele arrota)* E aspirar meu enorme e bom charuto Stock Exchange enquanto leio o *Licensed Victualler's Gazette*. Muito possivelmente eu mandarei matá-lo e espetá-lo nos meus estábulos e desfrutarei uma fatia de você com torresmo tostado tirado do tabuleiro de assar regado e assado como porco de leite com arroz e limão ou molho de groselha. Vai doer. *(Ele torce o braço dela. Bloom chia, virando de pernas para o ar.)*

BLOOM

Não seja cruel, babá! Por favor!

BELLO

*(torcendo)* Mais uma vez!

BLOOM

*(grita)* Ó, é um verdadeiro inferno! Todos os nervos do meu corpo estão doendo como loucos!



BELLO

*(berra)* Ótimo, pelo traseirante saltitante general! Essa é a melhor notícia que eu ouvi nestas seis semanas. Vamos, não me faça esperar, diabos o levem! *(ele dá um tapa na cara dela)*

BLOOM

*(choraminga)* Você está querendo me bater. Eu vou contar...

BELLO

Segurem ele firme, meninas, até que eu me sente nele.

ZOE

Sim. Cavalgue nele! Eu vou.

FLORRY

Eu vou. Não seja gananciosa.

## KITTY

Não, eu. Me empreste ele.

*(A cozinheira do bordel, Sra. Keogh, enrugada, debarbagrisalha, com um babador seboso, com meias de homem verde e cinza e borzeguins, lambuzada de farinha de trigo, com um rolo de pastel coberto de massa crua em seu braço e mão vermelhos descobertos, surge na porta.)*

## SRA. KEOGH

*(ferozmente)* Posso ajudar?

*(Elas seguram e o prendem.)*

## BELLO

*(se senta com um grunhido no rosto voltado para cima de Bloom, soltando uma baforada de seu charuto, afagando uma perna gorda)* Eu vejo que Keating Clay foi eleito vice-presidente do asilo Richmond e a propósito que as ações preferenciais de Guinness estão a dezesseis e três quartos. Amaldiçoem-me por ter sido tola porque não comprei aquele lote de que Craig e Gardner me falaram. Foi só a minha sorte infernal, maldição. E aquele maldito azarão *Jogarfora* a vinte por um. *(ele apaga seu charuto raivosamente na orelha de Bloom)* Onde está esse desgraçado maldito cinzeiro?

## BLOOM

*(espicaçado, sufocado pelas nádegas)* Ó! Ó! Monstros! Malvada!

## BELLO

Peça por isso de dez em dez minutos. Implore. Reze por isso como você nunca rezou antes. *(ele faz um gesto obscuro com o punho cerrado o dedo em riste e um charuto fétido)* Vamos, beije isso. Os dois. Beije. *(ele joga uma perna para o lado e, pressionando com joelhos de cavaleiro, grita com voz áspera)* Upa! Um cavalo de pau para Banbury Cross. Vou cavalgá-lo pelo prêmio de Eclipse *(ele se inclina para o lado e espreme rudemente os testículos de sua cavalgadura, berrando)* Ô! Derrubando tudo! Vou acariciá-lo de maneira adequada. *(ele cavalga o cavalo de pau com uma perna de cada lado, saltando na, na sela)* A dama vai a passo a passo e o cocheiro vai a trote a trote e o cavalheiro vai a galope a galope a galope a galope.

## FLORRY

*(dá um puxão em Bello)* Deixe-me montar nele agora. Você já o teve bastante. Eu pedi antes de você.

## ZOE

*(dando um puxão em Florry)* Eu. Eu. Você ainda não acabou com ele, sua sanguessuga?

## BLOOM

*(sufocando)* Não agüento.

BELLO

Bem, ainda não. Esperem. *(ele prende a respiração)* Maldição. Este batoque vai estourar. *(ele se desarrolha atrás: então se contorcendo, peida fortemente)* Tome isso. *(ele se arrolha)* Sim, por Jingo, dezesseis e três quartos.

BLOOM

*(um suor irrompendo por ele todo)* Não um homem. *(ele funga)* Mulher.

BELLO

*(se levanta)* Está acabado esse negócio de golpe quente e frio. Aquilo que você desejava ardentemente aconteceu. Daqui por diante você está desvirilizado e é meu sem brincadeira, uma coisa sob o jugo. Agora ordenado para seu castigo. Você vai largar seus trajes masculinos, entendeu, Ruby Cohen? E vestir seda usada sensualmente farfalhante enfiada pela cabeça e ombros. E ainda por cima rapidamente!

BLOOM

*(se encolhe)* Seda, a patroa disse! Ó pregueada! Arranhada! Tenho de tocá-la com a ponta dos dedos com minhas unhas?

## BELLO

*(aponta para suas prostitutas)* Como elas estão agora você também estará, de peruca, chamuscada, vaporizadadeperfume, empoada, com as axilas suavemente raspadas. Suas medidas vão ser tomadas com fita métrica junto à sua pele. Você será atada com força cruel em espartilho bem apertado de brim cinza suave com barbatana de baleia até a pélvis adornado de losangos, com orla exterior requintada, enquanto sua figura mais arredondada do que quando em liberdade estará contida em vestidos bem apertados, belas anáguas ligeiras com franjas e estamparias, naturalmente, com meu brasão, criações de delicada *lingerie* criadas para Alice e perfume refinado para Alice. Alice vai sentir o puxa-puxa. Marta e Maria vão sentir a princípio um certo friozinho num tão delicado invólucro de coxas mas a fragilidade dos babados de renda em volta de seus joelhos vai lhe fazer lembrar...

## BLOOM

*(encantadora soubrette com as faces lambuzadas de pintura, cabelo cor de mostarda e mãos e nariz grandes masculinos, boca provocadora)* Eu experimentei as roupas dela apenas duas vezes, uma pequena brincadeira, em Holles Street. Quando nós estávamos passando por dificuldades eu as lavei para poupar a despesa com lavanderia. Minhas próprias camisas eu usava viradas do avesso. Era a maior economia.

## BELLO

*(escarnece)* Trabalhinhos que dão prazer à mãe, hein? E você exibia faceira em seu dominó diante do espelho por trás de venezianas fechadas suas coxas desnudas e úberes de bode em várias poses de entrega, hein? Ho! Ho! Deixe-me rir! Aquela camisa preta de teatro de segunda mão e calções curtos até a metade das coxas todos com as costuras todas rasgadas na última vez em que foi violada que a Sra. Miriam Dandrake lhe vendeu no hotel Shelbourne, hein?

BLOOM

Miriam. Preta. Demimondaine.

BELLO

*(gargalha)* Cristo Todopoderoso é delicioso demais, isto! Você estava uma bonita Miriam quando aparou seus pêlos do portãodosfundos e estava deitada desfalecente atravessada na cama como a Sra. Dandrade prestes a ser violentada pelo tenente Smythe-Smythe, Sr. Philip Augustus Blockwell M. P., *signor* Laci Daremo, o robusto tenor, o Bert de olhosazuis, o ascensorista, Henri Fleury de fama Gordon Bennett, Sheridan, o mulato Creso, o remador número oito da equipe de universidade da antiga Trinity, Ponto, seu esplêndido terra nova e Bobs, viúva duquesa de Manorhamilton. *(ele gargalha novamente)* Cristo, isso faria rir um gato siamês, não?

BLOOM

*(as mãos e os traços dela se contraindo convulsivamente)* Foi Gerald que fez eu me apaixonar por um corpete quando eu personifiquei uma mulher em *Vice-Versa* peça da escola. Foi o querido Gerald. Ele tinha aquela mania, fascinado pelo espartilho da irmã. Agora o queridíssimo Gerald usa maquiagem de teatro rosa e passa pó dourado nas pálpebras. Culto da beleza.

BELLO

*(com prazer cruel)* Lindo! Dê-nos uma pausa! Quando você se sentou com cuidado feminino,

levantando seus babados ondulados, sobre o trono polido.

## BLOOM

Ciência. Ao comparar as diversas alegrias desfrutamos cada uma delas. *(vivamente)* E realmente é melhor a posição... porque freqüentemente eu costumava molhar...

## BELLO

*(severamente)* Nada de insubordinação! A serragem está ali no canto para você. Eu lhe dei instruções bem rígidas, não dei? Faça-o em pé, senhor! Eu lhe ensino a se comportar como um trapaceiro! Se eu pegar algum vestígio em seus cueiros. Aha! Pelo asno dos Dorans você vai descobrir que eu sou um militar durão. Os pecados de seu passado estão se erguendo contra você. Muitos. Centenas.

## OS PECADOS DO PASSADO

*(numa misturada de vozes)* Ele contraiu uma forma de casamento clandestino com ao menos uma mulher na somba da Igreja Negra. Mandou mentalmente por telefone mensagens indizíveis para a senhorita Dunn num endereço de D'Olier Street enquanto se apresentava indecentemente no aparelho de uma cabine telefônica. Por palavras e atos ele francamente encorajou uma rameira noturna a depositar substância fecal e outra substância numa privada ao ar livre anexada a um local ermo. Em cinco instalações sanitárias públicas ele escreveu a lápis mensagens oferecendo sua parceira nupcial a todos os machos de membros poderosos. E não é que ele passava noite após noite pela usina de vitríolo de cheiro insuportável por casais de namorados para ver se e o que e quanto ele podia ver? Não é que ele ficava deitado na

cama, esse varão grosseiro, contemplando com luxúria um fragmento nojento de papel higiênico bem-usado presenteado a ele por uma prostituta detestável, incitada por um pão de gengibre e um vale postal?

BELLO

*(assobia alto)* Vamos lá! Qual foi a obscenidade mais revoltante em toda a sua carreira de crimes? Desembuche tudo. Vamos, vomite! Seja sincero pelo menos uma vez.

*(Faces mudas desumanas avançam em massa, olhando de soslaio, sumindo, tagarelando, Booloohoom, Poldy Kock, cadarços por um vintém, a megera de Cassidy, rapazinho cego, rinoceronte Larry, a moça, a mulher, a prostituta, a outra a, a alameda a.)*

BLOOM

Não me pergunte! Nossa fé mútua. Pleasants Street. Eu só pensava a metade do... Juro por tudo que há de mais sagrado...

BELLO

*(peremptoriamente)* Responda. Seu desgraçado repugnante! Eu insisto em saber. Diga-me alguma coisa para me divertir, uma história obscena ou uma história de fantasma danada de boa ou uma linha de poesia, rápido, rápido, rápido! Onde? Como? A que horas? Com quantos? Dou-lhe apenas três segundos. Um! Dois! Tr...



BLOOM

*(dócil, gorgoleja)* Eu rererepugno em rererepugnante...

BELLO

*(imperiosamente)* Ó, fora, seu pulha! Bico calado! Fale quando lhe for dirigida a palavra.

BLOOM

*(se inclina)* Mestre! Mestra! Domadoradehomens!  
*(Ele levanta os braços. Seus braceletes caem.)*

BELLO

*(satiricamente)* De dia você vai molhar e esfregar nossas roupasdebaixo malcheirosas mesmo quando nós damas não estivermos lá muito bem, e limpar nossas latrinas com o vestido preso para cima com alfinete e um pano de prato amarrado à sua cauda. Isso não vai ser bonitinho? *(ele coloca um anel de rubi no dedo dela)* E pronto! Com este anel eu te possuo. Diga, *obrigada, patroa.*

## BLOOM

Obrigada, patroa.

## BELLO

Você vai arrumar as camas, aprontar minha banheira, esvaziar os urinóis dos diferentes quartos, inclusive o da velha Sra. Keogh, a cozinheira, um cheio de areia. Sim, e enxaguar bem os sete, entendeu, ou bebê-lo como champanhe. Beba-me chiando de quente. Salte! Você vai me servir solicitamente ou eu vou repreendê-la por suas falhas, senhorita Ruby, e espancar muito bem seu traseiro nu, senhorita, com a escova de cabelo. Você vai aprender no que dá o erro de seus modos. De noite suas mãos algemadas nas quais foi passado creme usarão luvas de quarenta e três botões empoadas de talco e tendo as pontas dos dedos delicadamente perfumadas. Por tais favores cavaleiros de antigamente sacrificaram suas vidas. *(ele dá um risinho)* Meus rapazes vão ficar infinitamente encantados em ver você parecendo tamanha dama, o coronel, acima de todos, quando eles chegarem aqui na noite antes do casamento para acariciar minha nova atração de saltos dourados. Primeiro eu farei uma tentativa em você eu mesmo. Um homem que eu conheço das corridas de cavalo chamado Charles Alberta Marsh (eu acabei de ir para a cama com ele e um outro cavalheiro do escritório Hanaper and Petty Bag) está procurando uma empregada para todo serviço o mais breve possível. Infle o busto. Sorria. Baixe os ombros. Que ofertas? *(ele aponta)* Por esse lote. Treinado pelo dono em pegar e carregar, cesta na boca. *(ele descobre o braço e o mergulha até o cotovelo na vulva de Bloom)* Há bastante profundidade para vocês aqui! O quê, rapazes? Isso lhes dá uma ereção? *(ele empurra seu braço no rosto do licitante)* Aqui molhe o piso e esfregue-o à volta!

## UM LICITANTE

Um florim.

*(O leiloeiro de Dillon toca sua campainha)*

## O LEILOEIRO

Brang!

UMA VOZ

Um e oito pence demais.

CHARLES ALBERTA MARSH

Deve ser virgem. Bom fôlego. Limpa.

BELLO

*(dá uma pancada seca com seu martelo)* Dois shillings. Um número extremamente baixo e barato pelo preço. Altura de quatorze palmos. Toque e examine suas extremidades. Manipule erle. Esta pele macia, estes músculos flexíveis, esta carne tenra. Se ao menos eu tivesse aqui meu perfurador de ouro! E muito fácil de ordenhar. Três galões de leite fresco por dia. Uma autêntica reprodutora, devendo cruzar dentro de uma hora. O recorde de leite do seu pai foi de mil galões de leite integral em quarenta semanas. Opa, minha jóia! Que coisa louca! Opa! *(ele marca sua inicial C com ferro em brasa na garupa de Bloom)* Pronto! Uma Cohen garantida! Quem eleva para dois shillings, cavalheiros?

## UM HOMEM DE ROSTO ESCURO

*(com sotaque disfarçado)* Hundert punt sterlink.

### VOZES

*(amortecidas)* Pelo Califa. Haroun Al Raschid.

### BELLO

*(alegremente)* Certo. Que todos eles venham. A saia curta escassa e audaciosa, subindo até o joelho para mostrar uma espiadela de calça comprida branca, é uma arma potente e meias compridas transparentes, presas por ligasesmeralda, com uma costura longa reta se arrastando acima do joelho, apela para os melhores instintos do homem *blasé* da cidade. Aprenda a caminhar suave e afetadamente sobre saltos Luís Quinze de quatro polegadas, a inclinação grega com uma garupa provocadora, as coxas fluidecentes, joelhos modestamente beijando. Traga todos os seus poderes de fascinação para exercê-los sobre eles. Satisfaça seus vícios gomorreanos.

### BLOOM

*(inclina seu rosto ruborizado para debaixo de sua axila e sorri tolamente com o dedo indicador na boca)* Ó, eu sei o que você está insinuando agora!

BELLO

Para o que mais você serve, sua coisa impotente? *(ele se abaixa e, examinando, cutuca rudemente com seu leque por baixo das dobras gordas das sebosas ancas de Bloom)* Pra cima! Pra cima! Gato de Manx! O que é que nós temos aqui? Aonde foi parar o seu pinto ou quem o decepou de você, meu passarinhozinho? Cante, meu passarinho, cante. Ele está tão mole como o de um menino de seis anos mijando atrás de uma carroça. Compre um balde ou venda sua bomba. *(em voz alta)* Você consegue fazer um serviço de homem?

BLOOM

Eccles Street...

BELLO

*(sarcasticamente)* Por nada neste mundo eu feriria seus sentimentos mas há ali presente um homem musculoso. O feitiço virou contra o feiticeiro, meu alegre juvenzinho! Ele é uma espécie de homem do campo adulto. Tudo bem pra você, seu fracasso, se você tivesse aquela arma coberta de calombos e caroços e verrugas. Ele fez o melhor possível, posso lhe garantir! Pé contra pé, joelho contra joelho, barriga contra barriga, seios contra peito! Ele não é nenhum eunuco. Ele tem um tufo de pêlos vermelhos saindo por trás como um tojo! Espere nove meses, meu rapaz! Meu santo ardor, está chutando e tossindo já acima e abaixo nas entranhas dela! Isso faz você ficar fora de si, não faz? Toca no ponto sensível? *(ele cospe com desdém)* Cuspideira!

BLOOM

Eu fui tratado obscenamente, eu... Informo à polícia. Cem libras. Inqualificável. Eu...

BELLO

Você faria se pudesse, seu aleijão. Nós queremos um aguaceiro não o seu chuvisco.

BLOOM

Para me enlouquecer! Moll! Eu esqueci! Perdão! Moll... Nós... Ainda...

BELLO

*(impiedosamente)* Não, Leopold Bloom, tudo está mudado por vontade da mulher desde que você dormiu em sentido horizontal em Sleepy Hollow na sua noite de vinte anos. Volte pra casa e veja.

*(O velho Sonolento Hollow clama por sobre o descampado ondulado.)*

SONOLENTO HOLLOW

Rip van Winkle! Rip van Winkle!

## BLOOM

*(de mocassins andrajosos com uma espingarda de caça enferrujada, na ponta dos pés, dedosapalpando, seu pálido rosto ossudo barbudo espreitando através das vidraças em forma de losangos, exclama)* Eu a vejo! É ela! A primeira noite em Mat Dillon! Mas aquele vestido, o verde! E seus cabelos estão tingidos de louro e ele...

## BELLO

*(ri zombeteiramente)* Essa é a sua filha, sua coruja, com um estudante de Mullingar.

*(Milly Bloom, cabeloslouros, vestidoverde, sandáliaselegantes, com sua echarpe azul simplesmente rodopiando sob o ventomarinho, se solta dos braços de seu namorado e chama, com os olhos jovens bemabertosdeespanto.)*

## MILLY

Meu Deus! É o papico! Mas, Ó papico, como você envelheceu!

## BELLO

Mudado, hein? Nossa estante, nossa escrivaninha em que nunca escrevemos, a poltrona de tia Hegarty, nossas reproduções clássicas de antigos mestres. Um homem e seus amigos homens estão vivendo ali na boa vida. O *Repouso do Cuco*! Por que não? Quantas mulheres você teve, hein, seguindo-as pelas ruas escuras, resoluto, excitando-as com seus resmungos sufocados, o quê, seu macho prostituto? Damas inocentes com pacotes de mercearias. Vire-se. O que é bom para a gansa, meu ganso O.

BLOOM

Elas... Eu...

BELLO

*(cortante)* Os tacões deles deixarão sua marca no tapete de Bruselette que você comprou no leilão de Wren. Nas brincadeiras deles com Moll a menina levada para achar a pulga macho nos calções dela eles vão desfigurar a estatueta que você trouxe para casa debaixo de chuva por arte pela arte. Eles vão violar os segredos de sua gaveta de baixo. Páginas serão rasgadas de seu manual de astronomia como pedaços de papel para acender seus cachimbos. E eles vão cuspir em seu guarda-fogo de metal de dez shillings de Hampton Leedom.

BLOOM

Dez shillings seis. O ato de canalhas sórdidos. Deixe que eu vá. Vou voltar para casa. Vou provar...

UMA VOZ

Jure!

*(Bloom cerra os punhos e se arrasta no chão, com uma faca de mato entre os dentes.)*



BELLO

Como um hóspede pagante ou um homem sustentado? Tarde demais. Você fez sua segundamelhor cama e outros devem deitar nela. Seu epitáfio está escrito. Você está fora de combate e não se esqueça disso, cara.

BLOOM

Justiça! Toda a Irlanda contra um! Será que ninguém...? *(ele morde o polegar)*

BELLO

Que você morra e se dane se ainda restar em você algum senso de decência ou dignidade. Posso lhe dar um vinho velho e raro que o enviará num salto ao inferno e de volta. Assine um testamento nos deixando qualquer dinheiro que você tenha! Se você não tiver trate de conseguir de qualquer jeito, furete, roube! Nós te enterraremos na latrina de nossa moita onde você estará morto e sujo com o velho Cuck Cohen, meu meio-sobrinho com quem me casei, o velho desgraçado delegado gotoso e sodomita com um torcicolo no pescoço, e meus outros dez ou onze maridos, quaisquer que fossem os nomes dos patifes, sufocados numa fossa sanitária. *(ele explode numa risada alta e catarrenta)* Vamos estrumá-lo, Sr. Flower! *(ele fala zombeteiramente com voz estridente)* Bai bai, Poldy! Bai bai, Papico Poldy!

BLOOM

*(aperta com as mãos a cabeça)* Minha força de vontade! Minha memória! Eu pequei! Eu sof... *(ele chora sem derramar lágrimas)*

## BELLO

*(escarnece)* Chorão! Lágrimas de crocodilo!

*(Bloom, prostrado, hermeticamente coberto por um véu para o sacrifício, soluça, o rosto de encontro à terra. Um dobrar de sinos é ouvido. Figuras dos circuncisos de xalespretos, com roupasdesaco e cinzas, ficam de pé junto ao muro das lamentações, M. Shulomowitz, Joseph Goldwater, Moses Herzog, Harris Rosenberg, M. Moisel, J. Citron, Minnie Watchman, O. Mastiansky, o reverendo Leopold Abramovitz, leitor da sinagoga. Balançando os braços eles choram em espírito sobre o infiel Bloom.)*

## OS CIRCUNCISOS

*(com um canto gutural sombrio quando eles jogam frutos mortos do mar sobre ele, nenhuma flor)* Shema Israel Adonai Elohenu Adonai Echad.

## VOZES

*(suspirando)* Assim ele se foi. Ah sim. Sim, realmente. Bloom? Nunca ouvi falar dele. Não? Um tipo estranho o camarada. Ali está a viúva. É mesmo? Ah, sim.

*(Da pira sati se eleva uma chama de madeira de cânfora. A nuvem de fumaça de incenso encobre e se dispersa. Fora de sua moldura de carvalho uma ninfa com os cabelos soltos, ligeiramente vestida de coresartísticas de infusão de chá, desce de sua gruta e passando por baixo de teixos entrelaçados fica de pé sobre Bloom.)*

## OS TEIXOS

*(suas folhas sussurrando)* Irmã. Nossa irmã. Ssh!

## A NINFA

*(suavemente)* Mortal! *(bondosamente)* Não, não chores!

## BLOOM

*(rasteja gelatinosamente para frente sob os galhos de árvore, raiado pela luz solar, com dignidade)* Esta posição. Eu senti que era esperado de mim. Força do hábito.

## A NINFA

Mortal! Você me encontrou em má companhia, dançarinastipocancan, verdureiros ambulantes, pugilistas, criadas populares, mímicos imorais em malhas cor de carne e excelentes dançarinos de *jazz*, La Aurora e Karini, um número musical, o sucesso do século. Eu estava oculta num papel rosa barato que cheirava a petróleo. Estava cercada pela conversa obscena de freqüentadores de clubes, histórias capazes de perturbar uma mocidade implume, anúncios de material transparente com figuras visíveis sob a luz, dados geometricamente perfeitos e bustos falsos, artigos manufaturados patenteados e de por que usar uma funda de um cavalheiro sofredor de hérnia. Dicas úteis para os casados.

BLOOM

*(ergue sua cabeça de tartaruga para o colo dela)* Nós nos encontramos antes. Em outro planeta.

A NINFA

*(tristemente)* Artigos de borracha. Nuncadestacada marca fornecida à aristocracia. Corpetes para homens. Eu curo crises ou dinheiro reembolsado. Testemunhos espontâneos em favor do maravilhoso peito exuberante do professor Waldmann. Meu busto cresceu quatro polegadas em três semanas, informa a Sra. Gus Rublin com foto.

BLOOM

Você quer dizer *Photo Bits*?

A NINFA

Quero sim. Você me ganhou, me pôs numa moldura de carvalho e ouropel, me colocou acima de sua cama de casal. Despercebido, numa noite de verão, você me beijou em quatro lugares. E com um lápis amoroso você sombreou meus olhos, meu seio e minha vergonha.

BLOOM

*(beija humildemente o cabelo longo dela)* Suas curvas clássicas, bela imortal, eu ficava contente de contemplar, de louvar, uma coisa bela, quase de rezar a você.

A NINFA

Durante noites escuras eu ouvi seu louvor.

BLOOM

*(rapidamente)* Sim, sim. Você quer dizer que eu... O sono revela o lado pior de cada um, com exceção talvez das crianças. Eu sei que caí da cama ou melhor fui empurrado. Diz-se que vinho com aço cura ronco. Para o mais existe aquela invenção inglesa, cujo panfleto eu recebi uns dias atrás, incorretamente endereçado. Ele se vangloria de proporcionar uma exalação silenciosa, inofensiva. *(ele suspira)* Era sempre assim. Fragilidade, teu nome é casamento.

A NINFA

*(com seus dedos nas orelhas)* E palavras. Elas não estão no meu dicionário.

BLOOM

Você as compreendeu?

OS TEIXOS

Ssh!

A NINFA

*(cobre seu rosto com as mãos)* O que é que meus olhos não viram naquele quarto? O que tiveram meus olhos de contemplar ali embaixo?

BLOOM

*(apologeticamente)* Eu sei. Roupas de baixo sujas, o lado ruim virado cuidadosamente pelo avesso. As argolas de metal estão soltas. De Gibraltar por longo mar há muito tempo atrás.

A NINFA

*(inclina sua cabeça)* Pior, pior!

## BLOOM

*(reflete com precaução)* Aquela cômoda antiquada. Não foi o peso dela. Ela pesava apenas cento e sessenta e três libras. Ela engordou nove libras depois do desmame. Foi uma rachadura e falta de óleo. Hein? E aquele utensílio absurdo com decoração grega homérica que só tem uma alça.

*(O som de uma cachoeira é ouvido com uma cascata radiante.)*

## A CACHOEIRA

Poulaphouca Poulaphouca  
Poulaphouca Poulaphouca

## OS TEIXOS

*(misturando seus galhos)* Ouça. Sussurre. Ela está certa, a nossa irmã. Nós crescemos junto à cachoeira Poulaphouca. Proporcionamos sombra nos dias langorosos de verão.

## JOHN WYSE NOLAN

*(no fundo da cena, com uniforme da Guarda-Florestal Nacional Irlandesa, retira seu chapéu de plumas)* Prosperem! Forneçam sombra nos dias langorosos, árvores da Irlanda!

### OS TEIXOS

*(murmurando)* Quem veio a Poulaphouca com a excursão do colégio? Quem abandonou seus colegas em buscadenozes para procurar nossa sombra?

### BLOOM

*(assustado)* Colégio de Poula? Mnemo? Não em posse total das faculdades mentais. Concussão. Atropelado por bonde.

### O ECO

Impostura!

### BLOOM



*(de peitodepombo, ombrosdegarrafa, acolchoados, num indescritível juvenil terno cinza com listas pretas, pequeno demais para ele, tênis brancos, meias compridas debruadas com as partes de cima dobradas e um bonécolegial vermelho com insígnia)* Eu estava na adolescência, um menino em desenvolvimento. Pouca coisa então era suficiente, um carro sacolejante, os odores misturados de vestiário e lavabo femininos, a multidão apertadamente encurralada na escada do velho Royal Theatre (pois elas amam apinhamentos, instinto de rebanho, e o teatro escuro e recendendoasexo põe à solta o vício), até mesmo uma listadepreços de meias. E então o calor. Houve manchassolares naquele verão. Final do ano escolar. E uma espécie de pão-de-ló embebido em vinho. Dias tranqüilos.

*(Dias Tranqüilos, meninos de colégio com camisas de futebol de malha e calças curtas azuis e brancas, master Donald Turnbull, master Abraham Chatterton, master Owen Goldberg, master Jack Meredith, master Percy Apjohn de pé numa clareira das árvores gritam para mestre Leopold Bloom.)*

## OS DIAS TRANQÜILOS

Cavala! Perdure conosco novamente. Hurra! *(eles soltam vivas)*

## BLOOM

*(rapazola, deluvasquentes, decachecolfeitopelamamãe, atordoado com bolas de neve consumidas, luta para se erguer)* De novo! Eu me sinto com dezesseis anos! Que graça! Vamos tocar todas as campainhas de Montague Street. *(ele dá vivas fracamente)* Hurra para o colégio!

Tolo!

## OS TEIXOS

*(sussurrando)* Ela tem razão, nossa irmã. Murmúrio. *(Beijos murmurantes são ouvidos em todo o bosque. Rostos de hamadriades espreitam dos troncos das árvores e entre as folhas e irrompem, desabrochando em flor.)* Quem profanou nossa sombra silenciosa?

## A NINFA

*(recatadamente, através de dedos entreabertos)* Ali? Ao ar livre?

## OS TEIXOS

*(perscrutando para baixo)* Irmã, sim. E em nosso relvado virgem.

## A CACHOEIRA

Poulaphouca Poulaphouca  
Phoucaphouca Phoucaphouca

## A NINFA

*(com os dedos bem abertos)* Ó, infâmia!

## BLOOM

Eu era precoce. Mocidade. Os faunos. Eu ofereci sacrifícios ao deus da floresta. As flores que florescem na primavera. Era época de acasalar. Atração capilar é um fenômeno natural. Lotty Clarke, de cabelos-cor-de-linho, eu a via fazendo sua toailete da noite através das cortinas malfechadas com os binóculos do pobre papai: A libertina comia capim ferozmente. Ela

rolava colina abaixo na ponte Rialto para me tentar com sua torrente de essência animalesca. Ela trepava em sua árvore tortuosa e eu. Um santo não poderia resistir a isso. O demônio se apossava de mim. Além do mais, quem me via?

*(Um novilho recém-nascido cambaleante, um bezerro de cabeçabranca, mete uma cabeça ruminante com narinas úmidas por entre a folhagem.)*

## NOVILHO CAMBALEANTE

*(com lágrimas volumosas rolando de seus olhos proeminentes, choraminga) Mim. Mim ver.*

## BLOOM

Simplesmente satisfazendo uma necessidade eu... *(patético)* Nenhuma menina queria quando eu me arriscava com ela. Feio demais. Elas não queriam brincar...

*(No alto de Ben Howth através dos rododendros uma cabra passa, de úberesroliços, companheiraderabo, semeando passas de corinto.)*

## A CABRA

*(bale) Mééééé! Namamamam!*

## BLOOM

*(sem chapéu, corado, coberto de carrapichos de lanugem de cardo e espinhodetojo)* Regularmente comprometido. Circunstâncias alteram os casos. *(ele olha atentamente para baixo na água)* Trinta e dois por segundo de pernas para o ar. Pesadelo da imprensa. Atordoado Elias. Queda do penhasco. Triste fim de funcionário da gráfica do governo.

*(Através do ar estival de silênciodeprata o manequim de Bloom, enrolado numa múmia, rola rotativamente do penhasco de Lion's Head para dentro das águas purpúreas que o aguardam.)*

## O MANEQUIMDAMÚMIA

Vrvrvrvrvrvrvrpluft!

*(Bem ao largo na baía entre os faróis de Bailey e Kish navega o Erin's King, enviando um penacho de fumaçadecarvão que se amplia de sua chaminé em direção à terra.)*

## CONSELHEIRO NANNETTI

*(sozinho no convés, vestindo uma alpaca escura, rosto amarelo demilhafre, com sua mão na abertura de seu colete, declama)* Quando meu país ocupar seu lugar entre as nações da terra, então, e só então, seja escrito o meu epitáfio. Eu...

## BLOOM

## A NINFA

*(arrogantemente)* Nós imortais, como vocês viram hoje, não ocupamos nenhum desses lugares e nenhum cabelo aqui também. Somos frios como a pedra e puros. Nós comemos a luz elétrica. *(ela arqueia o corpo numa crisperação lasciva, colocando seu dedo indicador na boca)* Falou comigo. Ouvi por trás. Como você pôde então...

## BLOOM

*(agarrando com a pata abjetamente a urze)* Ó, eu fui um perfeito porco. Lavagens também eu apliquei. Um terço de um quartilho de quássia ao qual se acrescente uma colher de sopa de sal-gema. Para dentro do traseiro. Com a seringa Hamilton Long, a amiga das senhoras.

## A NINFA

Na minha presença. A esponja de pó-de-arroz. *(ela cora e faz uma reverência)* E o resto então!

## BLOOM

*(desanimado)* Sim. *Peccavi!* Prestei homenagem no altar vivo em que as costas mudam de nome. *(com súbito fervor)* Pois por que deveria a delicada mão perfumada e coberta de jóias, a mão que governa...?

*(Figuras se insinuam serpenteando em lenta forma de bosque em volta de troncosdeárvores, arrulhando.)*

## A VOZ DE KITTY

*(na moita)* Mostre-nos uma dessas almofadas.

## A VOZ DE FLORRY

Aqui.

*(Um galo silvestre bate desajeitadamente as asas através da vegetação rasteira.)*

## A VOZ DE LYNCH

*(na moita)* Ufa! Chiando de quente!

## A VOZ DE ZOE

*(na moita)* Veio de um lugar quente.

## A VOZ DE VIRAG

*(um chefe excêntrico, listrado de azul e emplumado numa panóplia de guerra com sua*

*azagaia, caminhando a passos largos através de um estaleante bambuzal sobre frutos de faia e glandes)* Quente! Quente! Cuidado com Touro Sentado!

## BLOOM

Isso me subjuga. A impressão quente de sua figura quente. Até mesmo sentar onde uma mulher se sentou, especialmente com coxas bifurcadas, como se para conceder os últimos favores, muito especialmente com previamente levantadas abasdecasaco de cetineta branca. Tão femininamente, completa. Isso me completa completamente.

## A CACHOEIRA

Phillaphulla Poulaphouca  
Poulaphouca Poulaphouca

## OS TEIXOS

Ssh! Irmã, fale!

## A NINFA



*(cega, num traje branco de freira, gorro e touca de freira imensamente alada, suavemente, com olhos distantes)* Convento Tranqüila. Irmã Agatha. Monte Carmelo. As aparições de Knock e Lourdes. Sem mais desejo. *(ela reclina sua cabeça suspirando)* Somente o etéreo. Onde a sonhadora gaiivota cremosa ondula acima das águas sombrias.

*(Bloom levanta a metade do corpo. Seu botãodacalça detrás estala.)*

## O BOTÃO

Bip!

*(Duas prostitutas de Coombe passam dançando pluviosamente à volta, envoltas em xales, berrando monotonamente.)*

## AS PROSTITUTAS

Ó Leopold perdeu o alfinete de sua calça  
E não sabia o que fazer,  
Para que não desabasse,  
Para que não desabasse.

## BLOOM

*(friamente)* Você quebrou o encanto. Foi a última gota. Se houvesse só o etéreo onde estariam vocês todos, postulantes e noviços? Tímidos mas desejosos como um asno urinando.

## OS TEIXOS

*(precipitando as folhas de lâminasdeprata, seus magros braços envelhecendo e balançando)* Transitoriamente!

### A NINFA

*(seus traços se endurecendo, tateia nas pregas de sua túnica)* Sacrilégio! Atentar contra minha virtude! *(uma grande mancha úmida aparece na sua túnica)* Macular minha inocência! Você não é digno de tocar na roupa de uma mulher pura. *(ela aperta de novo sua túnica)* Espere. Satã, você não vai mais cantar canções de amor. Amém. Amém. Amém. Amém. *(ela saca um punhal e, trajando um revestimentodemalha de um cavaleiro eleito dos nove templários, golpeia os lombos dele)* Nekum.

### BLOOM

*(ergue-se, agarra a mão dela)* Eh! Nebrakada! Gato de sete vidas! Jogo honesto, madame. Nenhuma facadepodar. A raposa e as uvas, é isso? O que lhe faz falta com seu arame farpado? O crucifixo não é bastante grosso? *(ele agarra o véu dela)* Um santo abade é o que você quer ou Brophy, o jardineiro manco, ou a estátua sem esguicho do aguadeiro, ou a boa mãe Alphonsus, hein Reynard?

### A NINFA

*(com um grito foge dele ficando sem o véu, seu emplastro se fendendo, uma nuvem de fedor escapando das fendas)* Poli...!

## BLOOM

*(chama por ela)* Como se vocês mesmas não conseguissem isso em dobro. Nenhum tranco nem múltiplas mucosidades em você toda. Eu tentei. Sua força nossa fraqueza. Qual é o nosso pagamento pelo garanhão? O que você pagará sem demora? Você gratifica dançarinos na Riviera, eu li. *(a ninfa fugidia solta um lamento fúnebre)* Hein? Eu tenho dezesseis anos de trabalho escravo negro atrás de mim. E será que um júri me daria cinco shillings de pensão alimentícia amanhã, hein? Engane um outro, não a mim. *(ele funga)* Cio. Cebolas. Urina. Enxofre. Graxa.

*(A figura de Bella Cohen fica de pé em frente dele.)*

## BELLA

Você vai saber quem eu sou na próxima vez.

## BLOOM

*(tranqüilo, a olha fixamente)* *Passée.* Carneiro vestido de cordeiro. Com dentes longos e pêlo supérfluo. Uma cebola crua comida por último à noite seria benéfica para a sua cútis. E faça algum exercício para o seu queixo duplo. Seus olhos são tão desenxabidos quanto os olhos de vidro de sua raposa empalhada. Eles têm as dimensões de seus outros traços, e pronto. Eu não sou uma hélice tripla.

## BELLA

*(desdenhosamente)* Na verdade, você não é de nada. *(sua vaginadeporca ladra)* Fbracht!

BLOOM

*(desdenhosamente)* Limpe primeiro seu dedo médio sem unha, seu esperma frio de valentão está pingando de sua crista de galo. Pegue um punhado de feno e se limpe.

BELLA

Eu te conheço, seu agente de publicidade! Seu impotente!

BLOOM

Eu o vi, seu zeladorde bordel! Vendedor de doença venérea e de corrimento uretral!

BELLA

*(volta-se para o piano)* Qual de vocês estava tocando a marcha fúnebre de *Saul*?

ZOE

Euzinha. Cuidado com seus calose flores. *(ela se atira ao piano e bate com força acordes nele)*

*com os braços cruzados*) A perambulação do gato através da escória. *(ela olha para trás)* Ei! Quem está dando em cima das minhas queridinhas? *(ela se atira de volta para a mesa)* O que é seu é meu e o que é meu é só meu.

*(Kitty, desconcertada, cobre seus dentes com papel de alumínio. Bloom se aproxima de Zoe.)*

BLOOM

*(gentilmente)* Me dê de volta aquela batata, está bem?

ZOE

Penalidades, uma coisa ótima e uma coisa superótima.

BLOOM

*(com emoção)* Não vale nada, mas mesmo assim, uma relíquia de minha pobre mãezinha.

ZOE

Dê e depois retome isso  
Deus pergunta onde pôs isso  
Você responde eu não sei não  
Deus então o joga no chão.

BLOOM

Há uma lembrança ligada a ela. Eu gostaria de tê-la.

STEPHEN

Ter ou não ter, eis a questão.

ZOE

Olhe aqui. *(ela levanta a barra de sua anágua, revelando uma coxa desnuda, e desenrola a batata da dobra de cima de sua meia)* Aqueles que escondes sabes onde encontrar.

BELLA

*(franze as sobrancelhas)* Olhe aqui. Isto não é um cineminha musical. E não estraçalhe esse piano. Quem está pagando aqui?

*(Ela vai até a pianola. Stephen remexe em seu bolso e, retirando uma nota pela ponta, a entrega a ela.)*

STEPHEN

*(com exagerada polidez)* Esta carteira de seda eu fiz da orelha de porco do público. Madame, por favor. Se a senhora me permitir. *(ele indica vagamente Lynch e Bloom)* Nós somos todos farinha do mesmo saco, Kinch e Lynch. *Dans ce bordel où tenons nostre état.*

LYNCH

*(grita da lareira)* Dedalus! Abençoe ela por mim.

STEPHEN

*(entrega uma moeda a Bella)* Ouro. Ela a tem.

BELLA

*(olha para o dinheiro, depois para Stephen, então para Zoe, Florry e Kitty)* Vocês querem três meninas? São dez shillings aqui.

## STEPHEN

*(prazerosamente)* Cem mil perdões. *(ele remexe novamente e retira e entrega a ela duas coroas)* Permita-me, *brevi manu*, minha vista está um tanto turva.

*(Bella vai até a mesa para contar o dinheiro enquanto Stephen fala consigo mesmo em monossílabos. Zoe se inclina sobre a mesa. Kitty se apóia no pescoço de Zoe. Lynch se levanta, conserta seu boné e, apertando a cintura de Kitty, junta sua cabeça ao grupo.)*

## FLORRY

*(faz pesadamente esforços para se levantar)* Uau! Meu pé está dormente. *(Vai mancando para a mesa. Bloom se aproxima.)*

## BELLA, ZOE, KITTY, LYNCH, BLOOM

*(tagarelando e discutindo)* O cavalheiro... dez shillings... pagando pelas três... permita-me um momento... este cavalheiro paga separadamente... quem está tocando nisto?... uau!... preste atenção a quem você está beliscando... você vai passar a noite ou um período curto?... quem fez?... me desculpe, você é um mentiroso... o cavalheiro pagou na hora como um cavalheiro... beber... já passou muito das onze horas.



STEPHEN

*(na pianola, fazendo um gesto de aborrecimento)* Nenhuma garrafa! O quê, onze horas? Uma charada!

ZOE

*(levantando sua anágua e dobrando um meio soberano no topo de sua meia)* Ganho a duras penas nas minhas costas.

LYNCH

*(levantando Kitty da mesa)* Venha!

KITTY

Esperre. *(ela agarra as duas coroas)*

FLORRY

E eu?

LYNCH

Upalá!

*(Ele a levanta, a carrega e a joga no sofá.)*

STEPHEN

A raposa cantou,  
O galo cacarejou,  
Sinos de bronze  
Soaram onze.  
A hora da pobre alma  
Sair do céu chegou.

BLOOM

*(tranqüilamente coloca um meio soberano na mesa entre Bella e Florry) Aqui está. Permita-me. (ele recolhe a notadelibra) Três vezes dez. Estamos quites.*

BELLA

*(com admiração)* Que tamanho velhaco você é, seu velho arrogante. Eu poderia beijá-lo.

ZOE

*(aponta)* Ele? Profundo como um poço.

*(Lynch inclina Kitty para trás por cima do sofá e a beija. Bloom vai com a nota de uma libra até Stephen.)*

BLOOM

Isto é seu.

STEPHEN

Que história é essa? O mendigo desatento ou distraído. *(ele remexe novamente em seu bolso e retira um punhado de moedas. Um objeto cai)* Isso caiu.

BLOOM

*(curvando-se, pega do chão e entrega uma caixa de fósforos)* Isto.

STEPHEN

Lúcifer. Obrigado.

BLOOM

*(tranqüilamente)* Seria melhor que você me entregasse esse dinheiro para que eu cuide dele. Por que pagar mais?

STEPHEN

*(entrega a ele todas as suas moedas)* Seja justo antes de ser generoso.

BLOOM

Eu serei mas isto é sábio? *(ele conta)* Um, sete, onze, e cinco. Seis. Onze. Não me responsabilizo pelo que você possa ter perdido.

STEPHEN

Por que estavam soando onze horas? Proparoxítono. Um momento antes do próximo diz Lessing. Raposa sedenta. *(ri alto)* Enterrando sua avó. Provavelmente ela a matou.

BLOOM

Isso é uma libra seis shillings e onze. Uma libra e sete, digamos.

STEPHEN

Não tem a menor importância.

BLOOM

Não, mas...

STEPHEN

*(vem para a mesa)* Um cigarro, por favor. *(Lynch atira um cigarro do sofá para a mesa)* E

então Georgina Johnson está morta e casada. *(Um cigarro aparece na mesa. Stephen olha para ele.)* Prodígio. Magia de salão. Casada. Hum. *(com enigmática melancolia ele risca um fósforo para acender o cigarro)*

LYNCH

*(observando-o)* Você teria mais chance de acender se segurasse o fósforo mais perto.

STEPHEN

*(aproxima o fósforo de seus olhos)* Olho de lince. Preciso providenciar óculos. Quebrei-os ontem. Dezesseis anos atrás. Distância. O olho vê tudo plano. *(afasta o fósforo. Ele se apaga)* O cérebro pensa. Perto: longe. Modalidade inelutável do visível. *(Franze misteriosamente as sobrancelhas)* Hum. Esfinge. A fera que tem duas costas à meia-noite. Casada.

ZOE

Foi um caixeiro-viajante que casou com ela e a levou para longe com ele.

FLORRY

*(aprova com a cabeça)* O Sr. Cordeiro de Londres.

STEPHEN

Cordeiro de Londres, que tira os pecados do mundo.

LYNCH

*(abraçando Kitty no sofá, entoa profundamente)* *Dona nobis pacem.*

*(O cigarro desliza dos dedos de Stephen. Bloom o pega do chão e o atira na lareira.)*

BLOOM

Não fume. Você devia comer. Maldito cachorro que eu encontrei. *(para Zoe)* Você não tem nada?

ZOE

Ele está com fome?

STEPHEN

*(estende a mão para ela sorrindo e entoia a melodia de juramento-de-sangue em Crepúsculo dos Deuses)*

Hangende Hunger,  
Fragende Frau,  
Macht uns alle kaputt.

ZOE

*(tragicamente)* Hamlet, eu sou a verruma de teu pai! *(ela pega a mão dele)* Beleza de olhos azuis eu vou ler a sua mão. *(ela aponta para a testa dele)* Nenhuma argúcia, nenhuma ruga. *(ela conta)* Dois, três, Marte, isso é coragem. *(Stephen sacode a cabeça)*. Não brinca.

LYNCH

Coragem de relâmpago difuso. O jovem que não podia tremer e estremecer. *(para Zoe)* Quem te ensinou quiromancia?



ZOE

*(se vira)* Pergunte aos meus testículos que eu não tenho. *(para Stephen)* Eu o vejo em seu rosto. Os olhos, assim *(ela fecha a cara com a cabeça abaixada)*

LYNCH

*(rindo, bate duas vezes no traseiro de Kitty)* Desse jeito. Palmatória.

*(Duas vezes uma palmatória estala alto, a caixa da pianola se abre voando, a cabecinha calva caixa-de-surpresas do padre Dolan surge.)*

PADRE DOLAN

Algum menino querendo uma chicotada? Quebrou seus óculos? Seu Maquiavelzinho preguiçoso. Vejo isso em seus olhos.

*(Branda, benigna, reitoral, reprovadora, a cabeça de dom John Conmee se ergue da caixa da pianola.)*

DOM JOHN CONMEE

Vamos, padre Dolan! Ora vamos. Tenho certeza de que Stephen é um menininho muito bom!

ZOE

*(examinando a palma da mão de Stephen)* Mão de mulher.

STEPHEN

*(murmura)* Continue. Minta. Me segure. Me acaricie. Eu nunca pude ler a escrita Dele a não ser a impressão criminosa de Seu polegar no hadoque.

ZOE

Em que dia você nasceu?

STEPHEN

Quinta-feira. Hoje.

ZOE

Criança de quinta-feira tem que ir longe. *(ela traça linhas na mão dele)* Linha do destino.

Amigos influentes.

FLORRY

*(apontando)* Imaginação.

ZOE

Monte da lua. Você vai enfrentar um... *(ela examina as mãos dele abruptamente)* Não vou lhe dizer o que não é bom para você. Ou será que você quer saber?

BLOOM

*(desprende os dedos dela e oferece sua palma da mão)* Mais dano do que boa coisa. Aqui. Leia a minha.

BELLA

Mostre. *(vira para cima a mão de Bloom)* Era o que eu pensava. Articulações nodosas para as mulheres.

ZOE

*(examinando a palma de Bloom)* Gradeamento. Viaja além-mar e casa com dinheiro.

BLOOM

Errado.

ZOE

*(rapidamente)* Ó, percebo. Dedo mindinho curto. Marido dominado pela mulher. Isso errado?  
*(Liz negra, uma galinha imensa chocando num círculo de giz, se ergue, estende as asas e cacareja.)*

LIZ NEGRA

Gara. Cluc. Cluc. Cluc. *(ela escorrega do ovo que acabou de pôr e sai bamboleando)*

BLOOM

*(aponta para a sua mão)* Esse vergão aí é um acidente. Caí e a cortei vinte e dois anos atrás. Eu tinha dezesseis anos.

ZOE

Eu vejo, diz o homem cego. Conte-nos novidades.

STEPHEN

Está vendo? Se encaminha para um grande objetivo. Tenho vinte e dois anos. Dezesseis anos atrás ele tinha vinte e dois. Dezesseis anos atrás eu vinte e dois tropecei. Vinte e dois anos atrás ele dezesseis caiu de seu cavalinho-de-pau. *(ele estremece)* Machuquei minha mão em algum lugar. Tenho que ir ao dentista. Dinheiro?

*(Zoe segreda para Florry. Elas dão risadinha. Bloom liberta sua mão e escreve negligentemente na mesa com a grafia inclinada para a esquerda, fazendo curvas lentas com o lápis.)*

FLORRY

O quê?

*(Um carropuxadoacavalo, de número trezentos e vinte e quatro, com uma égua de belasancas, conduzida por James Barton, Harmony Avenue, Donnybrook, passa a trote. Blazes Boylan e Lenehan se esparramam balançando em seus assentos. O engraxate do Ormond está acororado atrás no eixo. Melancolicamente por sobre a persiana Lydia Douce e Mina Kennedy olham.)*

## O ENGRAXATE

*(se sacudindo, caçoa deles com o polegar e dedos se contorcendo como vermes)* Ho ho você está com uma ereção?

*(Bronze ao lado de ouro elas cochicham.)*

## ZOE

*(para Florry) Cochicho. (ela cochicha novamente)*

*(Blazes Boylan se inclina acima do vão interno do carro, com seu chapéu de palha de abas largas de lado, uma flor vermelha na boca. Lenehan de boné de iatista e sapatos brancos intrometidamente destaca um fio longo de cabelo da ombreira do paletó de Blazes Boylan.)*

## LENEHAN

Oh! O que é que eu estou vendo aqui? Você andou escovando as teiasdearanha de algumas bocetas?

## BOYLAN

*(satisfeito, sorri) Trepando.*

LENEHAN

Uma boa tarefa noturna.

BOYLAN

*(erguendo alto quatro dedos largos grossosungulados, pisca o olho)* Inflama Kate! Pra cima para mostrar para que veio ou seu dinheiro de volta. *(ele estende um dedo indicador)* Cheire isso.

LENEHAN

*(cheira alegremente)* Ah! Lagosta e maionese. Ah!

ZOE E FLORRY

*(riem juntas)* Ha ha ha ha.

BOYLAN

*(salta com segurança do carro e grita bem alto para todos ouvirem)* Olá, Bloom! A Sra. Bloom já está vestida?

BLOOM

*(num paletó de lacaio de pelúcia cor de ameixa e calções, meias compridas cor de camurça e peruca empoada)* Receio que não, senhor. Os últimos acessórios...

BOYLAN

*(atira seis pence para ele)* Tome, para comprar gim com soda para você. *(ele pendura rapidamente seu chapéu num prendedor da cabeça cornuda de Bloom)* Faça-me entrar. Eu tenho um pequeno negócio particular com sua mulher, compreende?

BLOOM

Obrigado, senhor. Sim, senhor. Madame Tweedy está no banho, senhor.

MARION



Ele devia se sentir profundamente honrado. *(ela faz barulho ao sair espadanando da água)* Raoul querido, venha e me enxugue. Estou na minha pele. Só de chapéu novo e uma esponja pra carro.

BOYLAN

*(com um brilho alegre nos olhos)* Ótimo!

BELLA

O quê? O que foi?

*(Zoe segreda para ela.)*

MARION

Que ele olhe, o enfeitiçado! Alcoviteiro! E se flagele! Eu vou escrever a uma poderosa prostituta ou Bartholomona, a mulher barbada, para que ela produza vergões nele de uma polegada de espessura e faça com que ele me traga um recibo assinado e selado.

BOYLAN

*(aperta suas mãos)* Vamos, eu não posso segurar esta coisinha por muito mais tempo. *(ele sai com passadas largas de pernas rijas de cavalaria)*

BELLA

*(rindo)* Ho ho ho ho.

BOYLAN

*(falando para Bloom por cima do ombro)* Você pode colocar seu olho no buraco da fechadura e se masturbar enquanto eu simplesmente penetro nela algumas vezes.

BLOOM

Obrigado, senhor. Vou fazer isso, senhor. Posso trazer dois camaradas para testemunhar o feito e bater um instantâneo? *(ele segura uma jarra de unguento)* Vaselina, senhor? Flor de laranjeira...? Água morna...?

KITTY

*(do sofá)* Conte pra nós, Florry. Conte pra nós. O que...

*(Florry sussurra para ela. Sussurrando murmúrios de palavrasdeamor, lábiolambendo ruidosamente, flopplop.)*

MINA KENNEDY

*(com os olhos revirados)* Ó, deve ser como o perfume de gerânios e pêssegos deliciosos! Ó, ele simplesmente idolatra cada pedacinho dela! Grudados um no outro! Coberta de beijos.

LYDIA DOUCE

*(abrindo a boca)* Iumium. Ó! Ele a está carregando pelo quarto afora fazendo isso! Cavalgar um cavalo-de-pau. Podiam ser ouvidos em Paris e Nova York. Como bocas cheias de morango com creme.

KITTY

*(rindo)* Hi, hi, hi.

A VOZ DE BOYLAN

*(docemente, roucamente, na boca do estômago)* Oh! Fogocelstialgurkbrkarcrastr!

A VOZ DE MARION

*(roucamente, docemente, se elevando até a garganta)* Oh! Uinaskissinapuisbuapuhue?

BLOOM

*(com os olhos ultra-arregalados aperta as mãos contra o corpo)* Mostre! Esconda! Mostre!  
Penetre nela! Mais! Se atire!

BELLA, ZOE, FLORRY, KITTY

Ho ho! Ha ha! Hi hi!

LYNCH

*(aponta)* O espelho voltado para a natureza. *(ri)* Hu hu hu hu hu!

*(Stephen e Bloom olham no espelho. O rosto de William Shakespeare, imberbe, aparece ali, rígido numa paralisia facial, coroado pelo reflexo do cabide de chapéu cornudo do saguão.)*

SHAKESPEARE

*(com majestoso ventriloquismo)* É a risada sonora que revela a mente ociosa. *(para Bloom)* Pensaste como se estivesses invisível. Olha atentamente. *(ele cocorica com o riso de um capão negro)* Iago! Como meu velho se sufocou na sua quinta-feira de manhã. Iago!

BLOOM

*(com um sorriso amarelo para as três prostitutas)* Quando é que eu vou ouvir a piada?

ZOE

Antes de você se casar duas vezes e ficar uma vez viúvo.

BLOOM

Lapsos são tolerados. Até mesmo o grande Napoleão quando tiraram suas medidas nu depois de sua morte...

*(Sra. Dignam, mulher viúva, com seu nariz arrebitado e suas bochechas coradas pela conversa sobre morte, lágrimas e porto Tunney, se apressa em seu traje de luto, sua touca enviesada, pondo ruge e pó-de-arroz nas faces, lábios e nariz, um cisne fêmea correndo com sua ninhada de cisnezinhos. Por baixo de sua saia aparecem as calças de todo dia do seu falecido marido e botinas de extremidades reviradas, tamanho trinta e oito avantajado. Ela tem na mão uma apólice de seguro das Viúvas Escocesas e um guarda-chuva tenda grande debaixo do qual sua ninhada corre com ela, Patsy saltando num pé só calçado, com o colarinho dele aberto, balançando um rolo de costeletas de porco, Freddy choramingando, Susy com uma chorosa boca de bacalhau, Alice lutando com o bebê. Ela bate neles para andarem, suas fitas agitadas em suspenso no ar.)*

FREDDY

Ai, mãe, você está me arrastando!

SUSY

Mamãe, o caldo de carne está transbordando!

SHAKESPEARE

*(com raiva paralítica) Só casa coa sagun quemmatau primaira.*

*(A cara de Martin Cunningham, barbado, volta a retratar a cara imberbe de Shakespeare. O guarda-chuva tenda oscila bebadamente, as crianças correm para um*

*lado. Debaixo do guarda-chuva aparece a Sra. Cunningham com um chapéu de viúva alegre e um quimono. Ela desliza com um movimento lateral e se curvando, rodopiando à moda japonesa.)*

SRA. CUNNINGHAM

*(canta)*

E eles me chamam de jóia da Ásia!

MARTIN CUNNINGHAM

*(a encara, impassível)* Imensa! Miserável horrível piranha!

STEPHEN

*Et exaltabuntur cornua iusti.* As rainhas se deitavam com touros premiados. Lembre-se de Parsifae por cujo desejo meu velhobalofoavô fez sua primeira confissão. Não se esqueça de madame Grissel Stevens nem dos pegajosos herdeiros da casa dos Lambert. E Noé se embebedou com vinho. E sua arca estava aberta.

BELLA

Nada disso aqui. Bateram na porta errada.

LYNCH

Deixe-o em paz. Ele está chegando de Paris.

ZOE

*(corre para Stephen e enfia um braço no dele) Ora vamos lá. Dê uma amostra do parleivu.  
(Stephen enfia o chapéu na cabeça e pula para perto da lareira onde fica de pé com os ombros encolhidos, as mãos piscosas estendidas, um sorriso pintado no rosto.)*

LYNCH

*(esmurrando no sofá) Rmn Rmn Rmn Rmmmn.*

STEPHEN



*(tagarela com solavancos de marionete)* Milhares de lugares de diversão para extravagância de suas noites com damas encantadoras que vendem luvas e outras coisas talvez o seu coração cervejas um perfeito estabelecimento elegante muito excêntrico onde uma porção de cocotes bem vestidas que nem princesas estão dançando cancan e exibindo suas palhaçadas parisienses ultratolas para estrangeiros solteiros como se estivessem falando um inglês esfarrapado como são espertas em questões de amor e sensações voluptuosas. Senhores muito seletos pois é um prazer ter de visitar o *show* do céu e do inferno mostram com celas mortuárias e eles lágrimas de prata que ocorrem toda noite. Perfeitamente chocantes terríveis as coisas da religião zombaria vista no mundo universal. Todas as mulheres chiques que chegam cheias de pudor e logo se despem e soltam gritos agudos para ver homem vampiro corromper freira muito juvenzinha com *dessous troublants (ele estala a língua ruidosamente)* *Ho, là là! Ce pif qu'il a!*

LYNCH

*Vive le vampire!*

AS PROSTITUTAS

Bravo! Parleivu!

STEPHEN

*(com a cabeça para trás ri alto, aplaudindo e fazendo caretas)* Grande sucesso da risada. Anjos muito como prostitutas e santos apóstolos como grandes e miseráveis rufiões. *Demimondaines* muito elegantes reluzentes de diamantes muito agradavelmente

trajadas. Ou você gosta prefere o que pertence à turpitude moderna prazerosa dos homens velhos? *(ele aponta à sua volta com gestos grotescos aos quais Lynch e as prostitutas replicam)* Estátua de borracha de mulher reversível ou machonas tamanho natural de nudezes virgens muito lésbicas o beijo repetido cinco dez vezes. Entre, cavalheiro, para ver no espelho todas as posições de trapézio todo aquele engenho ali além do mais se desejar também veja o ato terrivelmente bestial do filho de açougueiro que fornicava no fígado ainda quente da vitela ou com omelete sobre o ventre *pièce de Shakespeare*.

BELLA

*(batendo com as mãos na barriga afunda para trás no sofá, rindo às gargalhadas)* Uma omelete sobre o... Ho! Ho! Ho! Ho!... omelete sobre o...

STEPHEN

*(afetadamente)* Eu o amo, senhor querido. Você fala língua de inglês para *double entente cordiale*. Ó sim, *mon loup*. Quanto custa? Waterloo. *Watercloset*. *(ele pára subitamente e ergue o dedo indicador)*

BELLA

*(rindo)* Omelete...

# AS PROSTITUTAS

*(rindo) Encore! Encore!*

STEPHEN

Ouçam. Eu sonhei com uma melancia.

ZOE

Viaje e se apaixone por uma dama estrangeira.

LYNCH

Através do mundo em busca de uma esposa.

FLORRY

Os sonhos querem dizer o contrário.

STEPHEN

*(estende os braços)* Estava aqui. Rua das putas. Na Serpentine Avenue Belzebu mostrou-a para mim, uma viúva rechonchuda. Onde está estendido o tapete vermelho?

BLOOM

*(se aproximando de Stephen)* Espere...

STEPHEN

Não. Eu você, meus inimigos abaixo de mim. E sempre hão de estar. Mundo sem fim. *(Ele grita)* Pater! Livre!

BLOOM

Espere, veja...

STEPHEN

Dominar meu espírito, será que ele vai? *O merde alors! (ele grita, seus talões de abutre afiados) Holà! Hiliho!*

*(Simon Dedalus responde no mesmo tom, um tanto sonolento mas atento.)*

## SIMON

Tudo bem. *(ele investe vagamente através do espaço, girando, lançando gritos de encorajamento, com suas asas de urubu fortes e pesadas)* Oi, rapaz! Você vai vencer? Upa! Pschit! Aloj-se com esses mestiços. Eu não poria a minha mão no fogo por eles. Cabeça erguida! Mantenha nossa bandeira esvoaçando! Uma águia vermelha voando com as asas expandidas num campo prateado. Rei armado de Ulster! Upalá! *(ele imita o grito do beagle, botando a boca no mundo)* Bulbu! Burblblbulblbl! Aí, rapaz!

*(As frondes e espaços do papel de parede desfilam rapidamente através do campo. Uma raposa decidida, retirada do abrigo, cauda esticada, tendo soterrado sua avó, corre ligeiro para o espaço aberto, os olhos brilhantes, procurando texugo na terra, por baixo das folhas. A matilha de cães de caça segue, com o focinho no chão, farejando sua presa, acuando como bigles, ladrando para sentir o cheiro de sangue. Caçadores de Ward Union e caçadoras vivem com eles, secos por uma matança. De Six Mile Point, Flathouse, Nine Mile Stone seguem os curiosos com varetas nodosas, forcados, arpões de salmão, laços, donos de rebanho com açoites de gado, instigadores de cães contra ursos acorrentados com tantãs, toureiros com espadas de touros, negros cinzentos agitando tochas. A multidão de jogadores de dados comuns, de dados com figuras de coroas e âncoras, jogadores de dedais, trapaceiros. Corvos e vendedores importunos, agenciadores de apostas roucos com chapéus altos de feiticeiros clamam ensurdecidamente.)*

## A MULTIDÃO

Programa de corridas. Programa oficial de corrida!

Dez contra um no azarão!

Aqui o dinheiro do vencedor! O dinheiro do vencedor!

Dez contra um exceto um! Dez contra um exceto um!

Tentem a sorte com Spinning Jenny!

Dez contra um exceto um!

Cubro apostas até 500 libras! Cubro apostas até 500 libras!

Dou dez contra um!

Dez contra um exceto um!

*(Um cavalo negro, sem cavaleiro, dispara como um fantasma ultrapassando o poste da vitória, com sua crina espumando, seus globos oculares estrelados. Os competidores o seguem, um punhado de montarias corcoveantes, cavalos esqueléticos: Cetro, Maximum II, Zinfandel, Shotover do duque de Westminster, Repulse, Ceylon do duque de Beaufort, prêmio de Paris. Anões os montam, com armaduras enferrujadas, saltando, saltando em suas, em suas selas. O último numa garoa num cavalo marrom-amarelado, Galo do Norte, o favorito, com um amor de boné, jaqueta verde, mangas cor de laranja, Garrett Deasy ereto, agarrando as rédeas, um taco de hóquei em punho. Seu cavalo com patas engalochadas de branco trotava ao longo da estrada pedregosa.)*

## OS CAMAROTES LARANJA

*(zombando)* Desça e empurre, senhor. Última volta! O senhor vai estar em casa à noite!

## GARRETT DEASY

*(ereto como um fuso, seu rosto arranhado coberto de selosdepostagem, brande seu taco de hóquei, com os olhos azuis faiscando no prisma do candelabro enquanto sua montaria galopa num galope adestrado) Per vias rectas!*

*(Uma enfiada de baldes é lançada sobre ele e seu cavalo empinado uma torrente de consômê de carneiro com rodela dançantes de cenoura, cevada, cebola, nabos, batatas.)*

## OS CAMAROTES VERDES

Um dia ameno, sir John! Um dia ameno, excelência!

*(Soldado Carr, soldado Compton e Cissy Caffrey passam por baixo das janelas, cantando com discordância.)*

STEPHEN

Ouçam! Nosso amigo barulho na rua.

ZOE

*(levanta a mão)* Parem!

SOLDADO CARR, SOLDADO COMPTON E CISSY CAFFREY

Estou com uma espécie de  
Prazer Yorkshire por...

ZOE

Isso sou eu. *(ela bate palmas)* Dancem! Dancem! *(corre para a pianola)* Quem tem dois pence?

BLOOM

Quem vai...?

LYNCH

*(entregando a ela moedas)* Tome.

STEPHEN

*(estalando os dedos impacientemente)* Rápido! Rápido! Onde está minha varinha de adivinho? *(ele corre para o piano e pega sua bengala, batendo com o pé em ritmo de tripudium)*

ZOE

*(gira a manivela do cilindro)* Pronto.



*(Ela deixa cair dois pennies na fenda de moedas. Luzes douradas róseas e violeta surgem. O cilindro gira ronronando com hesitação uma valsa. Professor Goodwin, com seu chinó preso por um nó corrediço, com vestimenta da corte, usando uma pelerine Inverness manchada, dobrado em dois devido à idade incrível, cambaleia através da sala, suas mãos voltijando. Ele se senta minuscilmente no tamborete do piano e ergue e bate no teclado com os braços-varetas manetas, acenando com a cabeça com a graça de uma donzela, balouçando seu chinó.)*

## ZOE

*(gira em volta de si mesma, batendo com o salto)* Dancem. Alguém de cá pra lá? Quem vai dançar? Saiam da mesa.

*(A pianola com as luzes cambiantes toca em ritmo de valsa o prelúdio de Minha Garota É de Yorkshire. Stephen joga sua bengala na mesa e agarra Zoe pela cintura. Florry e Bella empurram a mesa para junto da lareira. Stephen, tendo Zoe nos braços com graça exagerada, começa a valsar com ela pela sala. Bloom fica de pé do lado. A manga dela caindo de braços graciosos revela uma marca branca recente de vacinação. Por entre as cortinas o professor Maginni insere uma perna na ponta de pé da qual rodopia uma cartola. Com um chute hábil ele a envia rodopiando para o seu cocuruto e patina elegantemente enchapelado. Ele veste uma sobrecasaca cor de telha com lapelas de seda purpúrea, uma gola de tule creme, um colete curto verde, um colarinho trivial com um lenço branco, calças justas cor de lavanda, escaupins de boa qualidade e luvas amarelo-canário. Na sua botoeira está uma imensa dália. Ele gira seu bastão empanado em direções opostas, depois o coloca firme embaixo de sua axila. Põe levemente a mão no seu esterno, se curva, e afaga sua flor e botões.)*

## MAGINNI

A poesia do movimento, a arte da calistenia. Nenhuma ligação com o método de madame Legget Byrne ou de Levenston. Bailes à fantasia organizados. Postura. O passo de Katty Lanner. Assim. Observem-me! Minhas habilidades dançarinas. *(ele minueta adiante com três*

*passadas sobre leves pés de abelha) Tout le monde en avant! Révérence! Tout le monde en place!*

*(O prelúdio cessa. Professor Goodwin, batendo com braços confusos, murcha, encolhe, sua pelerine vibrante caindo em volta do tamborete. A melodia soa num ritmo mais firme de valsa. Stephen e Zoe rodam livremente. As luzes se alteram, fulgem, esvanecem num tom violeta dourado róseo.)*

## A PIANOLA

Dois rapazes estavam falando sobre suas garotas, garotas, garotas.  
Namoradas que deixaram para trás...

*(De um canto escapam rapidamente as horas da manhã, de cabelosdourados, de sandálias delgadas, num azul juvenil, de cinturasdevespa, com mãos inocentes. Dançam lepidamente, girando suas cordas de pular. As horas do meio-dia seguem num âmbar dourado. Rindo, unidas, suas altas travessas de cabelo reluzindo, elas capturam o sol em espelhos zombeteiros, erguendo os braços.)*

## MAGINNI

*(bate palmas com mãos silenciosasdeluvas) Carré! Avant deux! Respirem tranqüilamente! Balance!*

*(As horas da manhã e do meio-dia valseiam em seus lugares, rodando, avançando uma para a outra, moldando suas curvas, inclinando-se vis-à-vis. Os cavaleiros atrás delas se arqueiam e elevam os braços, com mãos descendo, tocando, se elevando de seus ombros.)*

HORAS

Vocês podem tocar minha.

CAVALEIROS

Posso tocar sua?

HORAS

Ó, mas levemente!

CAVALEIROS

Ó, tão levemente!

A PIANOLA

Minha pequenina tímida mocinha tem uma cintura.

*(Zoe e Stephen rodam impudentemente com um balanço mais solto. As horas do*

*crepúsculo avançam de longas sombrasterrestres, dispersadas, se demorando, com olhos lânguidos, suas faces delicadas com hena e um tímido falso viço. Elas estão numa névoa cinzenta com mangas escuras de morcego que esvoaçam na brisaterrestre.)*

## MAGINNI

*Avant huit! Traversé! Salut! Cours de mains! Croisé!*

*(As horas da noite, uma a uma, caminham furtivamente para o último lugar. As horas da manhã, do meio-dia e do crepúsculo recuam diante delas. Elas estão mascaradas, com cabelos como punhais e braceletes de campainhas surdas. Exaustas fazem mesurasmesuras sob os véus.)*

## OS BRACELETES

Heiho! Heiho!

## ZOE

*(rodopiando, com a mão na testa) Ó!*

MAGINNI

*Les tiroirs! Chaîne de dames! La corbeille! Dos à dos!*

*(Arabesqueando fatigados eles tecem um desenho no chão, tecendo, destecendo, fazendo medidas, rodopiando, simplesmente girando.)*

ZOE

Estou tonta!

*(Ela se liberta, cai de cansaço numa cadeira. Stephen agarra Florry e roda com ela.)*

MAGINNI

*Boulangère! Les ronds! Les ponts! Chevaux de bois! Escargots!*

*(Enroscando, retrocedendo, com mãos se intercalando as horas da noite se unem umas às outras com braços arqueados num mosaico de movimentos. Stephen e Florry rodam pesadamente.)*

MAGINNI

*Dancez avec vos dames! Changez de dames! Donnez le petit bouquet à votre dame!  
Remerciez!*

## A PIANOLA

Melhor, melhor de todos,  
Barabumbum!

## KITTY

*(dá um salto para cima) Ó, eles tocaram isso nos cavalos de carrossel do bazar Mirus!  
(Ela corre para Stephen. Ele solta Florry bruscamente e agarra Kitty. Um assobio alto áspero gritante de abetouro guincha. Gemidogungunargoglejo o rodopiar pesadão do carrossel Toft gira lentamente a sala bem em volta de si mesma.)*

## A PIANOLA

Minha garota é uma moça de Yorkshire.

## ZOE

Totalmente Yorkshire. Venham todos!  
*(Ela agarra Florry e valsa com ela.)*

## STEPHEN

*Pas seul!*

*(Ele empurra Kitty para os braços de Lynch, retira a bengala de cima da mesa e vai dançar. Todos dão viravoltas valseiam rodopiam Bloombella Kittylynch Florryzoe mulheres jujubas. Stephen com chapéu bengala lascasderã em meio a altospontapés com boca fechada chutandoocéu mão cerrada batendo embaixo da coxa. Com tinido metálico bumdetambor gritodecaçador corneteiro lampejos azuis verdes amarelos o carrossel pesadão gira com cavaleiros de cavalos-de-pau pendentes de serpentes douradas, entranhas de fandango saltando chutam o solo com o pé e caem novamente.)*

## A PIANOLA

Embora ela seja uma jovem operária

E não use roupas elegantes

*(Garrasfechadas rápido maisrápido fulgorclangorfulgor correndo rapidamente eles disparandespojamardejam estrondeando. Barabum!)*

## TUTTI

*Encore! Bis! Bravo! Encore!*

## SIMON

Pense na família de sua mãe.

## STEPHEN

Dança da morte.

*(O banguê novo baranguê banguê da sineta do leiloeiro, cavalo, rocim, bezerro, leitões, Conmee no Natal, marinheiro aleijado manco de muleta em escaler braços cruzados puxandocorda coxeando a dança completamente inglesa. Barabum! Em rocins porcos cavalosdesinetas suínos de Gardara Corny em caixão de aço lousa dura maneta Nelson duas trapaceiras Frauenzimmer sujasdeameixa caindo de carrinho de criança berrando. Gum ele é um campeão. Companheiro estopimazul de barril do reverendo das vésperas Love em cabriolé sacolejante Blazes cego esquivou-se como bacalhau de ciclistas Dilly com merengue e nada de roupas elegantes. Então numa última estrada em ziguezague arrastando-se acima e abaixo chocam-se num barril uma espécie de gosto de vice-rei e rainha pela mistura de sons da rosa de Yorkshire. Barabum! Os pares se separam. Stephen rodopia atordoadamente. A sala rodopia de volta. Com os olhos fechados ele cambaleia. Trilhos vermelhos atravessam voando o espaço. Estrelas ao redor de sóis giram a toda volta. Maruins reluzentes dançam nas paredes. Ele pára exausto.)*

## STEPHEN

Hoh!

*(A mãe de Stephen, emaciada, se ergue hirta através do chão, vestida de cinzento morfético com uma coroa de floresdelaranja murchas e um véu de noiva rasgado, seu rosto gasto e sem nariz, verde de bolor de sepultura. Seu cabelo é escasso e escorrido. Ela fixa suas órbitas ocas e de olheiras azuis em Stephen e abre sua boca desdentada emitindo uma palavra silenciosa. Um coro de virgens e confessores canta sem voz.)*

## O CORO

Liliata rutilantium te confessorum...

Iubilatium te virginum...

*(Do cimo de uma torre Buck Mulligan, uma roupa de bufão meicolorida de marrom-*



*arroxeado e amarelo e boné de palhaço com uma campainha enroscada, fica boquiaberto diante dela, com um bolo amanteigado partido fumegante na mão.)*

BUCK MULLIGAN

Ela está brutalmente morta. Que pena! Mulligan se encontra com a mãe atormentada. *(ele revira os olhos)* Malachi mercúreo!

A MÃE

*(com o sorriso sutil da loucura da morte)* Eu fui um dia a bela May Goulding. Estou morta.

STEPHEN

*(horrorizado)* Lemur, quem é você? Não. Que truque de espantalho é este?

BUCK MULLIGAN

*(sacode a campainha enroscada do boné)* A zombaria disso! Kinch corpodeção matou o corpodecadela da mãe. Ela bateu as botas. *(lágrimas de manteiga derretida caem de seus*

*olhos sobre o bolo) Nossa grande doce mãe! Epi oinopa ponton.*

A MÃE

*(se aproxima, respirando sobre ele suavemente seu sopro de cinzas molhadas)* Todos têm de passar por isso, Stephen. Mais mulheres do que homens no mundo. Você também. A hora chegará.

STEPHEN

*(sufocando de medo, remorso e horror)* Eles dizem que eu te matei, mãe. Ele ofendeu a tua memória. Foi o câncer que fez isto, não eu. O destino.

A MÃE

*(um riacho verde de bile pingando de um lado de sua boca)* Você cantou aquela canção para mim. *O Mistério Amargo do Amor.*

STEPHEN

*(veementemente)* Diga-me a palavra, mãe, se você souber agora. A palavra conhecida de todos os homens.

## A MÃE

Quem salvou você na noite em que você saltou dentro do trem em Dalkey com Paddy Lee? Quem teve pena de você quando você ficou triste no meio de estranhos? A oração é todopoderosa. Oração pelas almas sofredoras no manual Ursulino e indulgência de quarenta dias. Arrependa-se, Stephen.

## STEPHEN

Espírito maléfico! Hiena!

## A MÃE

Eu rezo por você no meu outro mundo. Faça Dilly fazer aquele arroz cozido para você toda noite depois do seu trabalho intelectual. Por anos e anos eu amei você, Ó, meu filho, meu primogênito, quando você jazia em meu ventre.

ZOE

*(se abanando com o abano da grelha)* Estou derretendo!

FLORRY

*(aponta para Stephen)* Olhem! Ele está branco!

BLOOM

*(vai para a janela para abri-la mais)* Tonto!

A MÃE

*(com olhos ardendo)* Arrependa-se! Ó, o fogo do inferno!

STEPHEN

*(ofegando)* A sublimação não corrosiva dele! A devorador de cadáver! Cabeça em carne viva e ossos sangrentos!

A MÃE

*(seu rosto se aproximando mais e mais, exalando um sopro de cinzas) Cuidado! (ela ergue seu braço direito escurecido e murcho lentamente para o peito de Stephen com o dedo esticado) Preste atenção à mão de Deus!*

*(Um caranguejo verde com olhos malignos vermelhos finca suas garras sorridentes no coração de Stephen.)*

STEPHEN

*(sufocado de raiva, seus traços tornados cinzentos e envelhecidos) Merda!*

BLOOM

*(junto à janela) O quê?*

STEPHEN

*Ah non, par exemple! A imaginação intelectual. Comigo ou tudo ou nada. Non serviam!*

FLORRY

Dê-lhe um pouco de água gelada. Espere. *(ela sai apressada)*

A MÃE

*(torce as mãos lentamente, gemendo desesperadamente)* Ó Sagrado Coração de Jesus, tenha piedade dele! Salve-o do inferno, Ó Divino Sagrado Coração!

STEPHEN

Não! Não! Não! Dobrem meu espírito, todos vocês, se puderem! Eu porei todos vocês aos meus pés!

A MÃE

*(na agonia do seu estertor de morte)* Por mim, Senhor, tenha piedade de Stephen! Foi inexpressível minha angústia ao expirar com amor, sofrimento e agonia no monte Calvário.

STEPHEN

*Nothung!*

*(Ele ergue sua bengala bem alto com ambas as mãos e espedaça o candelabro. A chama lívida final do tempo salta e, na escuridão que se segue, ruína de todo o espaço, o vidro é estilhaçado e a alvenaria derrubada.)*

O JATODEGÁS

Pfung!

BLOOM

Pare!

LYNCH

*(avança rápido e agarra a mão de Stephen) Olhe! Calma! Não ataque às cegas!*

BELLA

Polícia!

*(Stephen, abandonando sua bengala, sua cabeça e seus braços jogados rígidos para atrás, bate com os pés no chão e dispara para fora da sala, passando pelas prostitutas na porta.)*

BELLA

*(grita)* Atrás dele.

*(As duas prostitutas correm para a porta do saguão. Lynch e Kitty e Zoe debandam da sala. Eles conversam excitadamente. Bloom os segue, volta.)*

AS PROSTITUTAS

*(comprimidas na porta, apontando)* Por ali.

ZOE



*(apontando)* Ali. Está havendo alguma coisa.

BELLA

Quem paga pela lâmpada? *(ela segura a aba do casaco de Bloom)* Escute, você estava com ele. A lâmpada está quebrada.

BLOOM

*(se lança para o saguão, se lança de volta)* Que lâmpada, mulher?

UMA PROSTITUTA

Ele rasgou seu paletó.

BELLA

*(com os olhos duros de raiva e cupidez, aponta)* Quem vai pagar por isso? Dez shillings. Você é testemunha.

BLOOM

*(apanha a bengala de Stephen)* Eu? Dez shillings? Você já não arrancou bastante dele? Ele não...?

BELLA

*(em voz alta)* Escute, nada dessa sua conversa fiada. Isto não é um bordel. Uma casa de dez shillings.

BLOOM

*(com a cabeça debaixo da lâmpada, puxa a corrente. Puxando, o jato de gás ilumina uma sombra purpúrea cor de malva amassada. Ele ergue a bengala)* Só a chaminé está quebrada. Aqui está tudo que ele...

BELLA

*(se esquiva para trás e grita)* Meu Jesus! Não!

BLOOM

*(evitando um golpe)* Para lhe mostrar como ele atingiu o papel. Não houve um dano de seis pence sequer. Dez shillings!

FLORRY

*(com um copo de água, entra)* Onde ele está?

BELLA

Você quer que eu chame a polícia?

BLOOM

Ó, eu sei. Buldogue no prédio. Mas ele é um estudante de Trinity. Patronos de seu estabelecimento. Cavalheiros que pagam o aluguel. *(ele faz um sinal maçônico)* Sabe o que quero dizer? Sobrinho do vice-reitor. Você não vai querer um escândalo.

BELLA

*(colericamente)* Trinity! Vindo aqui fazendo algazarra depois das regatas não pagando nada. Você é o chefe aqui ou? Onde é que ele está? Eu vou acusá-lo. Eu vou desgraçá-lo, isso eu vou! *(ela berra)* Zoe! Zoe!

BLOOM

*(insistentemente)* E se fosse o seu próprio filho em Oxford? *(advertindo)* Eu sei.

BELLA

*(quase sem fala)* Quem são. Incog!

ZOE

*(no vão da porta)* Está havendo uma briga.

BLOOM

O quê? Onde? *(Ele joga um shilling na mesa e parte)* Isso é pela chaminé. Onde? Eu preciso de ar puro da montanha.

*(Ele se apressa através do saguão. As prostitutas apontam. Florry o segue, entornando água de seu copo inclinado. Na soleira da porta todas as prostitutas agrupadas conversam verbosamente, apontando para a direita onde o nevoeiro se dissipou. Da esquerda chega uma tilintante carruagem de aluguel. Ela diminui a marcha em frente da casa. Bloom na porta do saguão observa Corny Kelleher que está prestes a saltar da carruagem com dois libertinos silenciosos. Ele vira o rosto. Bella de dentro do saguão incita suas prostitutas. Elas atiram beijos iquiliquistiqui iumium. Corny Kelleher replica com um sorriso horrivelmente obscuro. Os libertinos silenciosos se voltam para pagar o cocheiro. Zoe e Kitty ainda apontam para a direita. Bloom, batendo de leve nos ombros delas, enfia seu capuz de califa e poncho e desce apressado os degraus com o rosto virado para o lado. Incog Haroun Al Raschid ele voa atrás dos libertinos silenciosos e se precipita junto às grades com o passo veloz de um leopardo espalhando alguma coisa de arrastão atrás de si, envelopes rasgados embebidos em sementes de anis. A bengala marca seu passo largo. Uma matilha de cães de caça, conduzida pelo corneteiro de Trinity brandindo um chicotedecão com um boné de caçador e uma calça velha cinzenta, segue de longe, apreendendo o cheiro, mais perto, ladrando, ofegando, errando, levantando a caça, tirando as línguas para fora, mordendo os calcanhares dele, saltando na sua traseira. Ele anda, corre, ziguezagueia, galopa, os que se arrastam postos para trás. Ele é apedrejado com cascalho, pedaços de repolho, caixas de biscoito, ovos, batatas, bacalhau morto, chinelos de mulher. Atrás dele o grito de protesto ziguezagueia galopa em sua perseguição ardorosa de seguir meu líder: 65 C, 66 C, guardas-noturnos, John Henry Menton, Wisdom Hely, V.B. Dillon, conselheiro Nannetti, Alexandre Chaves, Larry O'Rourke, Joe Cuffe, Sra. O'Dowd, Pisser Burke, o Anônimo, Sra. Riordan, o Cidadão, Garryowen, Quem você chama, Rostoe estranho, Camarada que assim parece, Vioantes, Caracomum tumor, Chris Callinan, sir Charles Cameron, Benjamin Dollard, Lenehan, Bartell d'Arcy, Joe Hynes, vermelho Murray, editor Brayden, T. M. Healy, Sr. Justice Fitzgibbon, John Howard Parnell, o reverendo Tinned Salmon, professor Joly, Sra. Breen Denis Breen, Theodore Purefoy, Mina Purefoy, a agente do correio de Westland Row, C. P. M'Coy, amigo de Lyons, Hoppy Holohan, homem narua, outro homem narua, Chuteiras de futebol, motorista de nariz arrebitado, senhora protestante rica, Davy Byrne, Sra. Ellen M'Guinness, Sra. Joe Gallaher, George Lidwell, Jimmy Henry sobre calos, superintendente Laracy, padre Cowley, Crofton da Coletoria Geral de Imposto, Dan Dawson, cirurgião-dentista Bloom com pinças, Sra. Bob Doran, Sra. Kennefick, Sra. Wyse Nolan, John Wyse Nolan, vistos a mulher casada esfregada de encontro a um plotraseiro em Clonskeatram, o livreiro de Doçuras do Pecado, senhorita Dubedastandshedidbedad, senhoras Gerald e Stanislaus Moran de Roebuck, o gerente de Drimmie, Whereup, coronel Hayes, Mastiansky, Citron, Penrose, Aaron Figatner, Moses Herzog, Michael E. Geraghty, inspetor Troy, Sra. Galbraith, o policial da esquina de Eccles Street, o velho doutor Brady com estetoscópio, o homem mistério na praia, um cão de caça, Sra. Miriam Dandrade e todos os seus amantes.)*

## O CLAMOR

*(confusão e barulhão)* É o Bloom! Detenham o Bloom! Detenham bloom! Superladrão! Hi! Hi! Detenham-no na esquina!

*(Na esquina de Beaver Street abaixo do andaime Bloom ofegante pára na beira de um agrupamento briguento e barulhento, sem saber a mínima do que era aquele hi! Hi! banzé e disputa em torno de quem que alvoroçou todo.)*

## STEPHEN

*(com gestos elaborados, respirando profunda e lentamente)* Vocês são meus hóspedes. Não convidados. Por obra do quinto de George e do sétimo de Edward. Culpa da história. Fabulada pelas mães da memória.

## SOLDADO CARR

*(para Cissy Caffrey)* Ele a estava insultando?

## STEPHEN

Dirigi-me a ela em vocativo feminino. Provavelmente neutro. Não genitivo.

## VOZES

Não, não estava. Eu o vi. A moça ali. Ele estava na Sra. Cohen. O que está acontecendo?  
Soldado e civil.

## CISSY CAFFREY

Eu estava na companhia de soldados e eles me deixaram para fazer, você sabe, e o rapaz correu atrás de mim. Mas eu sou fiel ao homem que está cuidando de mim embora eu seja apenas uma puta de um shilling.

## VOZES

Ela é fiel ao homem.

## STEPHEN

*(avista as cabeças de Lynch e Kitty)* Salve, Sísifo. *(ele aponta para si mesmo e para os outros)* Poético. Uropoético.

CISSY CAFFREY

Sim, para ir com ele. E eu com um amigo soldado.

SOLDADO COMPTON

Ele está querendo ficar com a orelha inchada, o desprezível. Dê um soco nele, Harry.

SOLDADO CARR

*(para Cissy)* Ele insultou você enquanto nós estávamos fazendo xixi?

LORDE TENNYSON

*(cavalheiro poeta com um blazer da Union Jack e calça de flanela de críquete, sem chapéu, barbaesvoaçante)* Não cabe a eles raciocinar o porquê.

SOLDADO COMPTON

Dê um soco nele, Harry.



STEPHEN

*(para o soldado Compton)* Não sei o seu nome mas você está totalmente certo. Doutor Swift diz que um homem de armadura baterá em dez homens em mangas de camisa. Camisa é sinédoque. Uma parte pelo todo.

CISSY CAFFREY

*(para a multidão)* Não, eu estava com os soldados.

STEPHEN

*(amavelmente)* Por que não? O ousado rapaz soldado. Na minha opinião toda dama por exemplo...

SOLDADO CARR

*(com seu boné enviesado, avança para Stephen)* Olhe, que tal, meu chefe, eu socar o seu queixo?

## STEPHEN

*(olha para o céu)* Que tal? Muito desagradável. Nobre arte de auto-embromação. Pessoalmente, eu detesto ação. *(ele abana a mão)* A mão está doendo ligeiramente. *Enfin ce sont vos oignons.* *(para Cissy Caffrey)* Está havendo algum problema aqui. Qual é precisamente?

## DOLLY GRAY

*(de seu balcão acena com o lenço, dando o sinal da heroína de Jericó)* Rahab. Filho de cozinheiro, adeus. Lar seguro para Dolly. Sonhe com a moça que deixou para trás e ela sonhará com você.

*(Os soldados viram seus olhos oscilantes.)*

## BLOOM

*(acotovelando-se através da multidão, puxa vigorosamente a manga de Stephen)* Vamos embora, professor, aquele cocheiro está esperando.

## STEPHEN

*(vira)* Hein? *(se desvencilha)* Por que eu não deveria falar com ele ou com qualquer ser humano que ande ereto sobre esta laranja esferóide? *(aponta com o dedo)* Não tenho medo do que eu possa falar se eu vir os olhos dele. Mantendo a perpendicular. *(ele cambaleia um passo para trás)*

BLOOM

*(amparando-o)* Mantenha de preferência a sua.

STEPHEN

*(ri sem vontade)* Meu centro de gravidade está deslocado. Eu esqueci o jeito. Vamos nos sentar em algum lugar e conversar. A luta pela vida é a lei da existência mas os amantes humanos da paz, notavelmente o czar e o rei da Inglaterra, inventaram a arbitragem. *(ele bate com a mão na testa)* Mas aqui algo me diz que devo matar o padre e o rei.

BIDDY A GONORRÉIA

Você ouviu o que disse o professor? Ele é um professor universitário.

BOCETINHA KATE

Ouvi sim. Eu ouvi isso.

BIDDY A GONORRÉIA

Ele se expressa com tão acentuado requinte de fraseologia.

### BOCETINHA KATE

Realmente, sim. E ao mesmo tempo com tamanha adequada mordacidade.

### SOLDADO CARR

*(se liberta e avança)* O que é que você está dizendo sobre o meu rei?

*(Eduardo Sétimo aparece na arcada. Ele veste um Jersey branco no qual uma imagem do Sagrado Coração está bordada com a insígnia da Ordem da Jarreteira e da Ordem do Cardo, do Velocino Dourado, do Elefante da Dinamarca, do cavalo de Skinner e Probyn, do juiz da Taverna de Lincoln e antiga e honrada companhia de artilharia de Massachusetts. Ele chupa uma jujuba vermelha. Está vestido como um grande perfeito eleito e sublime maçom com colher de pedreiro e avental, com a etiqueta made in Germany.*

*Na sua mão esquerda ele segura um balde de estucador no qual está impresso Défense d'uriner. Um rugido de boas-vindas o saúda.)*

### EDUARDO SÉTIMO

*(lentamente, solenemente mas indistintamente)* Paz, perfeita paz. Para identificação, o balde em minha mão. Alô, rapazes. *(volta-se para os seus súditos)* Viemos aqui para presenciar uma correta luta limpa e cordialmente desejamos a ambos os homens a maior sorte possível. Mahak makar a bak. *(ele aperta as mãos do soldado Carr, soldado Compton, Stephen, Bloom e Lynch)*

*(Aplauso geral. Eduardo Sétimo ergue graciosamente seu balde em sinal de agradecimento.)*

## SOLDADO CARR

*(para Stephen)* Diga de novo.

## STEPHEN

*(nervoso, amigável, se levanta)* Entendo o seu ponto de vista embora eu não tenha nenhum rei no momento. Esta é a era dos remédios patenteados. Uma discussão é difícil aqui. Mas este é o ponto. Você morre pelo seu país. Suponhamos. *(ele põe o braço na manga do soldado Carr)* Não que eu deseje isso para você. Mas eu digo: Que meu país morra por mim. Até o presente ele fez isso. Eu não queria que ele morresse. Que a morte se dane. Viva a vida!

## EDUARDO SÉTIMO

*(levita sobre pilhas de mortos, com a vestimenta e a auréola do Zombeteiro Jesus, uma jujuba branca em seu rosto fosforescente)*

Com poeira nos olhos faço os cegos ver.

Meu método novo é de surpreender.

STEPHEN

Reis e unicórnios! *(cai um passo para trás)* Venha em algum lugar e nós... O que a moça estava dizendo...?

SOLDADO COMPTON

Ei, Harry, chute os testículos dele. Finque um pontapé no pênis.

BLOOM

*(para os soldados, suavemente)* Ele não sabe o que está dizendo. Bebeu um pouco mais do que é bom para ele. Absinto. Monstro de olhosverdes. Eu o conheço. Ele é um cavalheiro, um poeta. Está tudo bem.

STEPHEN

*(acena afirmativamente com a cabeça, sorrindo e rindo)* Cavalheiro, patriota e juiz de impostores.

SOLDADO CARR

Eu não dou a mínima para quem ele é.

SOLDADO COMPTON

Nós não damos a mínima para quem ele é.

STEPHEN

Parece que os estou aborrecendo. Trapo verde para um touro.

*(Kevin Egan de Paris de camisa espanhola preta orlada de bolas e chapéu de rapaz protestante faz sinal para Stephen.)*

KEVIN EGAN

Alô! *Bonjour!* A *vieille ogresse* com os *dents jaunes*.

*(Patrice Egan espreita por detrás, seu rostodecoelho mordiscando uma folha de marmelo.)*

PATRICE

*Socialiste!*

DOM EMILE PATRIZIO FRANZ RUPERT POPE HENNESSY

*(numa cota de malha longa medieval, dois gansos selvagens voando em seu elmo, com nobre indignação aponta a mão coberta de malha contra os soldados)* Jogue esses nojentos no chão a seus pés, volumosos grandes porcos imundos ingleses todos cobertos de sopa!

BLOOM

*(para Stephen)* Vem para casa. Você vai arrumar encrenca.

STEPHEN

*(balançando)* Eu não a evito. Ele atíça minha inteligência.

BIDDY A GONORRÉIA



Observa-se imediatamente que ele é de linhagem nobre.

### A VIRAGO

Verde acima do vermelho, diz ele. Wolfe Tone.

### A CAFETINA

O vermelho é tão bom quanto o verde. E melhor. Salve os soldados! Salve o rei Eduardo!

### UM ARRUACEIRO

*(ri)* Ei! Mãos ao alto para De Wet.

### O CIDADÃO

*(com um enorme cachecol esmeralda e um bordão irlandês, brada)*

Possa Deus acima

Enviar abaixo uma pomba

Com dentes afiados como navalhas

Para cortar as gargantas  
Dos cães ingleses  
Que enforcaram nossos líderes irlandeses.

## O JOVEM PATRIOTA

*(com o laçodacorda em volta do pescoço, segura com ambas as mãos as tripas que se descarregam.)*

De nenhuma criatura viva tenho rancor,  
Mas é da pátria, não do rei, o meu maior amor.

## RUMBOLD, BARBEIRO DEMÔNIO

*(acompanhado de dois assistentes mascaradosdenegros, avança com maladeviagem que abre)* Senhoras e senhores, cutelo de açougueiro comprado pela Sra. Pearcy para matar Mogg. Faça com a qual Voisin desmembrou a mulher de um compatriota e escondeu os restos num lençol no porão, a garganta da infeliz tendo sido cortada de uma orelha a outra. Pequeno frasco contendo arsênico recobrado do corpo da senhorita Barron que mandou Seddon para a forca.

*(Ele sacode a corda. Os assistentes saltam nas pernas da vítima e o arrastam para baixo, grunhindo. A língua do jovem patriota se estende violentamente.)*

## O JOVEM PATRIOTA

*Resqueci re rzar relo rescanso re rinha rãe.*

*(Ele entrega a alma a Deus. Uma ereção violenta do enforcado esguicha gotas de*

*esperma através das roupas morto nos paralelepípedos. As Sra. Bellingham, Sra. Yelverton Barry e a ilustre Sra. Mervyn Talboys avançam correndo com seus lenços para embebê-los.)*

## RUMBOLD

Eu estou quase terminando. *(ele desfaz o laço)* Corda que enforcou o tremendo rebelde. Dez shillings por vez. Como dedicado a Sua Alteza Real. *(ele mergulha sua cabeça no ventre escancarado do enforcado e retira novamente sua cabeça grumosa com entranhas enroscadas e fumegantes)* Meu penoso dever foi cumprido. Deus salve o rei!

## EDUARDO SÉTIMO

*(dança lentamente, solenemente, chocalhando seu balde, e canta com suave contentamento)*

No dia da coroação, nesse dia,  
Grande festa vamos ter,  
Com uísque, cerveja e vinho pra beber!

## SOLDADO CARR

Espere. O que você está dizendo sobre o meu rei?

STEPHEN

*(joga as mãos para cima)* Ó, isto é monótono demais! Nada. Ele quer o meu dinheiro e a minha vida, embora querer seja seu mestre, para algum império brutal dele. Dinheiro eu não tenho. *(ele procura vagamente em seus bolsos)* Eu o dei a alguém.

SOLDADO CARR

Quem quer seu miserável dinheiro?

STEPHEN

*(procura se afastar)* Será que alguém pode me dizer onde é menos provável que eu encontre estes males necessários? *Ça se voit aussi à Paris.* Não que eu... Mas, por São Patrício...!

*(As cabeças das mulheres se unem. A Velha Vovó Viscosa com um chapéu de pão-de-açúcar aparece sentada num cogumelo, a folhadamorte da doença das batatas estiolada no seu peito.)*

STEPHEN

Aha! Eu te conheço, velhota! Hamlet, vingança! A velha porca que come a sua ninhada!

## VELHA VOVÓ VISCOSA

*(balançando pra lá e pra cá)* Namorada da Irlanda, filha do rei da Espanha, minha querida. Estranhos na minha casa, maus modos para eles! *(ela se lamenta com o infortúnio da fada)* Alas! Alas! Primor do gado! *(ela se lastima)* Você topou com a pobre velha Irlanda e como ela suporta?

## STEPHEN

Como eu suporto você? O truque do chapéu! Onde está a terceira pessoa da Abençoada Trindade? Meu padre bem-amado? O reverendo Carrion Crow.

## CISSY CAFFREY

*(esganiçada)* Impeça-os de lutar!

## UM ARRUACEIRO

Nossos homens bateram em retirada.

SOLDADO CARR

*(puxando o cinto com força)* Eu torcerei o pescoço de qualquer maldito que diga uma palavra contra o meu maldito rei.

BLOOM

*(aterrorizado)* Ele não disse nada. Nem uma palavra. Um puro mal-entendido.

SOLDADO COMPTON

Vamos lá, Harry. Dê-lhe um no olho. Ele é um probôer.

STEPHEN

Disse? Quando?

BLOOM

*(para os casacosvermelhos)* Nós lutamos por vocês na África do Sul, tropas de infantaria

irlandesas. Isto não é história? Fuzileiros Reais de Dublin. Homenageados pelo nosso monarca.

## O OPERÁRIO

*(passando por eles cambaleante) Ó sim, é mesmo! Ó meu Deus, sim, é mesmo! Ó, faz a guerra o kproguerra! Ó! Bo!*

*(Alabardeiros de armadura e capacetes estendem para frente um toldo projetado. O major Tweedy, com um bigode como o de Turko o terrível, de boné de peledurso com plumadepenas e atavios, com dragonas, divisas douradas e sacolasachatadas, seu peito reluzente de medalhas, segue as regras. Ele dá o sinal de guerreiro peregrino dos cavaleiros templários.)*

## MAJOR TWEEDY

*(resmungando rispidamente) Rorke's Drift! Avante, guardas, a eles! Mahar shalal hashbaz.*

## O CIDADÃO

*Erin go brah!*

*(Major Tweedy e o Cidadão exibem um ao outro medalhas, condecorações, troféus de guerra, ferimentos. Ambos saúdam com feroz hostilidade.)*



SOLDADO CARR

Eu vou acabar com ele.

SOLDADO COMPTON

*(afasta a multidão para trás)* Jogo limpo, aqui. Faça do patife um açougue sangrento.  
*(Brandas bandas clamam juntas Garryowen e Deus salve o rei.)*

CISSY CAFFREY

Eles vão lutar. Por mim!

BOCETINHA KATE

Os bravos e os justos.

BIDDY A GONORRÉIA

Parece-me que aquele cavaleiro sombrio lá vai combater com o melhor.

BOCETINHA KATE

*(corando profundamente)* Não, madame. A parelha de goles e o alegre São Jorge por mim!

STEPHEN

O grito da meretriz cada rua percorrendo  
A mortalha da Irlanda irá tecendo.

SOLDADO CARR

*(afrouxando o cinto, lentamente grita)* Eu torcerei o pescoço de qualquer maldito bastardo que diga uma palavra contra o meu maldito desgraçado rei.

BLOOM

*(sacode os ombros de Cissy Caffrey)* Fale, você! Ficou completamente muda? Você é o elo entre nações e gerações. Fale, mulher, sagrada doadoradevida!

CISSY CAFFREY

*(alarmada, agarra a manga do soldado Carr)* Não estou com você? Não sou sua garota?  
Cissy é sua garota. *(ela grita)* Polícia!

STEPHEN

*(Estaticamente, para Cissy Caffrey)*

Branças as tuas mãos, rubra a tua boca.  
O teu corpo é tão belo e tão delicado

VOZES

Polícia!

VOZES DISTANTES

Dublin está ardendo! Dublin está ardendo! Em chamas, em chamas!

*(Chamas de enxofre surgem. Nuvens densas passam rolando. Pesadas armas automáticas ribombam. Pandemônio. Tropas se dispõem em formação de combate. Galope de patas. Artilharia. Comandos roucos. Sinos retinem. Apostadores berram. Bêbados vociferam. Putas guincham. Sereias exortam. Gritos dos bravos. Gritos estridentes de moribundos. Lanças se entrechocam com couraças. Ladrões roubam de mortos. Aves de rapina, voando do mar, erguendo-se dos pântanos, precipitando-se de seus ninhos, pairam guinchando, mergulhões, cormorões, abutres, Açores, galinholas trepadoras, falcões reais, esmerilhões, tetrazes, águias-marinhas, gaiivotas, albatrozes, bernacas. O sol de meia-noite está escurecido. A terra treme. Os mortos de Dublin de Prospect e Mount Jerome de sobretudos brancos de peledecarneiro e capas pretas de couro de cabra*

*surgem e aparecem a muitos. Um abismo se abre com um bocejo silencioso. Tom Rochford, vencedor, de calças de golfe e camiseta de atleta, chega à testa da barreira desvantajosa nacional e salta no vazio. Ele é seguido por uma classe de corredores e saltadores. Em atitudes selvagens eles saltam da margem. Seus corpos mergulham. Operárias de fábrica com roupas extravagantes jogam barabombas incandescentes de Yorkshire. Senhoras da sociedade levantam as saias acima de suas cabeças para se proteger. Bruxas gargalhantes de camisas vermelhas encurtadas cavalgam em cabos de vassouras através do espaço. Qakerlistra emplastros bolhistrá. Chovem dentes de dragões. Heróis armados saltam de sulcos. Eles trocam entre si em amizade a senha dos cavaleiros da cruz vermelha e lutam duelos com sabres de cavalaria: Wolfe Tone contra Henry Grattan, Smith O'Brien contra Daniel O'Connell, Michael Davitt contra Isaac Butt, Justin M'Carthy contra Parnell, Arthur Griffith contra John Redmond, John O'Leary contra Lear O'Johnny, lorde Edward Fitzgerald contra lorde Gerald Fitzedward, The O'Donoghue de The Glens contra The Glens de The O'Donoghue. Numa proeminência, o centro da terra, se ergue o altardecampanha de Santa Bárbara. Velas pretas se erguem nos chifres do lado esquerdo do evangelho e do lado direito da epístola. Dos elevados barbacãs da torre dois fachos de luz caem sobre a pedra do altar envolvida em manto de fumaça. Na pedra do altar jaz a Sra. Mina Purefoy, deusa da irracionalidade, jaz nua, agrilhoada, um cálice repousando em seu ventre inflado. Padre Malachi O'Flynn com uma saia de renda e casula do lado do avesso, com os dois pés esquerdos com o calcanhar para a frente, celebra a missa campal. O reverendo Sr. Hugh C. Haines Love M. A. com uma batina comum e barrete de formatura, com a parte posterior da cabeça e do colarinho para a frente, segura acima da cabeça do celebrante um guarda-chuva aberto.)*

PADRE MALACHI O'FLYNN

*Introibo ad altare diaboli.*

O REVERENDO SR. HAINES LOVE

Ao demônio que tornou alegres meus dias de juventude.

PADRE MALACHI O'FLYNN

*(toma do cálice e eleva uma hóstia gotejante de sangue) Corpus meum.*

O REVERENDO SR. HAINES LOVE

*(se ergue bem alto por trás da saia do celebrante, revelando suas nádegas despidas cinzentas e peludas entre as quais está enfiada uma cenoura) Meu corpo.*

A VOZ DE TODOS OS AMALDIÇOADOS

Anier Etnetopino Sued Rohnes O Siop, Aiulela!

*(Lá do alto a voz de Adonai clama.)*

ADONAI

Cãooooooooooooo!

## A VOZ DE TODOS OS ABENÇOADOS

Aleluia, pois o Senhor Deus Onipotente reina!  
*(Lá do alto a voz de Adonai clama.)*

### ADONAI

Deuuuuuuuus!

*(Em estridente discórdia camponeses e cidadãos das facções Laranja e Verde cantam Chutem o Papa e Diariamente, diariamente cantem para Maria.)*

### SOLDADO CARR

*(com articulação feroz) Eu vou acabar com ele, o maldito Cristo que me ajude! Eu vou torcer a maldita traquéia amaldiçoada sangrenta do maldito bastardo!*  
*(O cão de caça, farejando na beira da multidão, ladra ruidosamente.)*

### BLOOM

*(corre para Lynch) Você não pode tirá-lo daqui?*

LYNCH

Ele gosta de dialética, a língua universal. Kitty! *(para Bloom)* Tire-o daqui, você. Ele não me ouve.

*(Ele arrasta Kitty para longe.)*

STEPHEN

*(aponta) Exit Judas. Et laqueo se suspendit.*

BLOOM

*(corre para Stephen)* Venha comigo agora antes que aconteça o pior. Pegue o seu bastão.

STEPHEN

Bastão, não. Razão. Esta festa de pura razão.

VELHA VOVÓ VISCOSA

*(atira um punhal para a mão de Stephen)* Remova-o, acushla. Às 8h35 da manhã você estará no céu e a Irlanda estará livre. *(ela reza)* Ó bom Deus, leve-o!

CISSY CAFFREY

*(puxando o soldado Carr)* Vamos embora, você está bêbado. Ele me insultou mas eu o perdôo. *(gritando no ouvido dele)* Eu o perdôo por me insultar.

BLOOM

*(por cima do ombro de Stephen)* Sim, vá. Você percebe que ele está incapaz.

SOLDADO CARR

*(se solta)* Eu vou insultá-lo.

*(Ele corre em direção a Stephen, com o punho esticado, e lhe dá um golpe na face. Stephen titubeia, desaba, cai, aturdido. Jaz de bruços, com o rosto voltado para o céu, seu chapéu rolando para o muro. Bloom o segue e apanha o chapéu.)*

MAJOR TWEEDY



*(em voz alta)* Carabina embainhada! Cessar fogo! Saúdem!

## O CÃO DE CAÇA

*(ladrando furiosamente)* Ute ute ute ute ute ute ute.

## A MULTIDÃO

Ergam-no! Não o ataquem enquanto ele está no chão! Ar! Quem? O soldado o feriu. Ele é um professor. Ele está machucado? Não o maltratem! Ele está desmaiado!

## UMA VELHA MEGERA

Que direito tinha o casacovermelho de atacar um cavalheiro ainda por cima tonto de tanto álcool. Que eles se mandem e lutem contra os bôeres!

## A CAFETINA

Vejam quem está falando! Não tem o soldado o direito de andar com sua namorada? Ele lhe deu o golpe covarde.

*(Elas agarram os cabelos uma da outra, agadanham-se e cospem.)*

## O CÃO DE CAÇA

*(ladrando)* Uau uau uau.

## BLOOM

*(empurra-os para trás aos gritos)* Pra trás, pra trás!

## SOLDADO COMPTON

*(puxando com força seu colega)* Olha. Cai fora, Harry. Os tiras estão aí!  
*(Dois guardas de capadechuva, altos, encontram-se no grupo.)*

## PRIMEIRO GUARDA

Qual o problema aqui?

SOLDADO COMPTON

Nós estávamos com esta dama. E ele nos insultou. E agrediu meu camarada. *(o cão de caça ladra)* A quem pertence o vira-lata maldito?

CISSY CAFFREY

*(com expectativa)* Ele está sangrando?

UM HOMEM

*(que estava de joelhos se erguendo)* Não. Ele perdeu os sentidos. Ele vai voltar a si normalmente.

BLOOM

*(olha vivamente para o homem)* Deixe-o comigo. Eu posso facilmente...

SEGUNDO GUARDA

Quem são vocês? Vocês o conhecem?

SOLDADO CARR

*(dá uma guinada em direção ao guarda)* Ele insultou a minha amiga.

BLOOM

*(colericamente)* Você bateu nele sem provocação. Sou testemunha. Seu guarda tome o número do regimento dele.

SEGUNDO GUARDA

Dispensó suas instruções para o desempenho do meu dever.

SOLDADO COMPTON

*(puxando seu colega)* Olha, cai fora, Harry. Ou Bennett vai te impor uma punição militar.

## SOLDADO CARR

*(cambaleando enquanto é puxado para fora)* Que se dane o velho Bennett. Um patife bundamole. Não dou a mínima por ele.

## PRIMEIRO GUARDA

*(retira seu caderno de notas)* Como ele se chama?

## BLOOM

*(perscrutando acima da multidão)* Estou justamente vendo um carro ali. Se me der uma mãozinha um segundo, sargento...

## PRIMEIRO GUARDA

Nome e endereço.

*(Corny Kelleher, com tarjas pretas em volta de seu chapéu, uma coroa fúnebre em sua mão, aparece entre os curiosos.)*

## BLOOM

*(rapidamente)* Ó, o homem desejado! *(ele sussurra)* O filho de Simon Dedalus. Um pouco alto. Faça com que esses policiais afastem esses vagabundos.

## SEGUNDO GUARDA

Noite, Sr. Kelleher.

## CORNY KELLEHER

*(para o guarda com olho arrastado)* Tudo bem. Eu o conheço. Ganhou um pouco nas corridas. Grande Prêmio. *Jogar fora.* *(ele ri)* Vinte a um. Estão me entendendo?

## PRIMEIRO GUARDA

*(volta-se para a multidão)* Olhem, por que vocês estão aí embasbacados? Afastem-se.  
*(A multidão se dispersa lentamente, resmungando, pela travessa abaixo.)*

## CORNY KELLEHER

Deixe isso comigo, sargento. Vai tudo dar certo. *(ele ri, sacudindo a cabeça)* Muitas vezes fomos tão ruins quanto eles, ou quem sabe ainda piores. O quê? Hein, e daí?

#### PRIMEIRO GUARDA

*(ri)* Suponho que sim.

#### CORNY KELLEHER

*(cutuca o segundo guarda)* Vamos retire a acusação. *(ele saltita, abanando sua cabeça)* Com meu tararatimbum tararatimbum tararatimbum tararatimbum. Ora, hein, você me entende?

#### SEGUNDO GUARDA

*(cordialmente)* Ah, certamente nós também fomos.

#### CORNY KELLEHER

*(piscando o olho)* Rapazes serão sempre rapazes. Tenho um carro por aqui.

SEGUNDO GUARDA

Está bem, Sr. Kelleher. Boa-noite.

CORNY KELLEHER

Farei com que assim seja.

BLOOM

*(aperta as mãos dos dois guardas um de cada vez)* Muito obrigado senhores. Obrigado. *(ele murmura confidencialmente)* Não queremos nenhum escândalo, compreendem. O pai é um cidadão muito conhecido altamente respeitado. Só um pouco de loucuras da mocidade, vocês compreendem.

PRIMEIRO GUARDA

Ó, eu compreendo, senhor.

SEGUNDO GUARDA



Está tudo bem, senhor.

## PRIMEIRO GUARDA

Era só em caso de danos corporais que eu tinha que relatar na delegacia.

## BLOOM

*(rapidamente acena afirmativamente com a cabeça)* Naturalmente. Com toda a razão. Apenas obrigação de seu dever.

## SEGUNDO GUARDA

É nosso dever.

## CORNY KELLEHER

Boa-noite, homens.

## OS GUARDAS

*(saudando juntos)* Noite, senhores.

*(Eles se afastam com passos pesados e lentos.)*

## BLOOM

*(sopra)* Providencial a sua chegada à cena. Está de carro...?

## CORNY KELLEHER

*(ri, apontando com seu polegar acima de seu ombro direito para o carro trazido até o andaime)* Dois comerciantes que estavam pagando champanhe para outros fregueses no Jammet. Como príncipes, na verdade. Um deles perdeu duas libras nas corridas. Afogando seu desgosto. E estavam prontos para uma saída com moças alegres. Então eu lhes dei uma carona no carro de Behan até a zona dos bordéis.

## BLOOM

Eu estava justamente indo para casa por Gardiner Street quando aconteceu que...

## CORNY KELLEHER

*(ri)* É certo que eles queriam que me juntasse a eles com as prostitutas. Não, por Deus, disse eu. Não para veteranos como eu mesmo e você mesmo. *(ele ri novamente e olha de soslaio com olhos sem brilho)* Graças a Deus temos isso em casa, ora, hein, você me entende? Hah, hah, hah!

## BLOOM

*(tenta rir)* Hi, hi, hi! Sim. Aliás eu estava justamente visitando um velho amigo meu ali, Virag, você não o conhece (pobre homem, ele esteve de cama toda a semana passada) e nós tomamos um licor juntos e eu já estava indo para casa...

*(O cavalo relincha.)*

## O CAVALO

Holoholoholoholoholoholo! Halahahacasa!

## CORNY KELLEHER

É verdade que foi Behan nosso cocheiro que me disse depois que nós deixamos os dois comerciantes na Sra. Cohen e eu lhe disse para parar e eu saltei para ver. *(ele ri)* Os sóbrios cocheiros de carrosfúnebres são uma especialidade. Devo dar uma carona até a casa dele? Onde ele vai ficar? Em algum lugar em Cabra, será?

BLOOM

Não, em Sandycove, creio, pelo que ele deixou escapar.

*(Stephen, deitado, respira para as estrelas. Corny Kelleher, de soslaio, fala arrastadamente para o cavalo. Bloom, abatido, assoma.)*

CORNY KELLEHER

*(coça sua nuca)* Sandycove! *(ele se inclina e grita para Stephen)* Ei! *(ele chama de novo)* Ei!  
De qualquer forma ele está coberto de aparas de madeira. Vejam se não roubaram nada dele.

BLOOM

Não, não, não. Eu estou com o dinheiro dele e seu chapéu aqui e o bastão.

CORNY KELLEHER

Ah, bom, ele vai se recuperar. Nenhum osso quebrado. Bem, vou dar o fora. *(ele ri)* Tenho um encontro de manhã. Enterrar os mortos. Salvo em casa!

## O CAVALO

*(relincha)* Hahacahahacasa.

## BLOOM

Boa-noite. Eu vou só esperar e levá-lo comigo daqui a...

*(Corny Kelleher volta para o carro e sobe nele. Os arreios do cavalo tilintam.)*

## CORNY KELLEHER

*(de pé, do carro)* Noite.

## BLOOM

Noite.

*(O cocheiro instiga o cavalo com os arreios e ergue o chicote encorajadoramente. O carro e cavalo retrocedem lentamente, desajeitadamente, e viram. Corny Kelleher no assento lateral balança a cabeça de um lado para o outro em sinal de alegria com o apuro de Bloom. O cocheiro se junta à muda alegria pantomímica acenando afirmativamente com a cabeça do assento mais afastado. Bloom sacode a cabeça numa alegre resposta muda. Com o polegar e a palma da mão Corny Kelleher tranqüiliza dizendo que os dois policiais permitirão que o sono prossiga até que qualquer outra coisa seja feita. Com um aceno lento Bloom demonstra sua gratidão visto ser isto exatamente que Stephen necessita. O carro tilinta tararatimbum em volta da esquina da travessa tararatimbum. Corny Kelleher novamente afirmabum com a mão. Bloom com*

*sua mão tranqüilizabum Corney Kelleher com sua mão. As patas retinintes e arreios tinlidentes se esvanecem com seus tararatintim tarara tim. Bloom, segurando com a mão o chapéu de Stephen, festonado de aparas de madeira, assim como a bengala, mantém-se em pé irresoluto. Em seguida se inclina para ele e o sacode pelo ombro.)*

## BLOOM

*Ei! Ho! (nada de resposta. Ele se inclina novamente) Sr. Dedalus! (nada de resposta) O nome se você assim o chamar. Sonâmbulo. (ele se inclina novamente e, hesitante, aproxima sua boca da face da forma prostrada) Stephen! (Nada de resposta. Ele chama de novo.) Stephen!*

## STEPHEN

*(amarra a cara) Quem? Pantera negra. Vampiro. (suspira e se estica, então murmura pesadamente com vogais prolongadas)*

*Quem... dirigir... Fergus agora*

*E penetrar... a sombra tecida do bosque...?*

*(Ele se vira para o lado esquerdo, suspirando, dobrando-se em dois.)*

## BLOOM

*Poesia. Bem-educado. Pena. (inclina-se novamente e desabotoa os botões do colete de Stephen) Para respirar. (escova as aparas de madeira das roupas de Stephen levemente com a mão e dedos) Uma libra e sete. De qualquer forma não está machucado. (escuta) O quê?*

## STEPHEN

*(murmura)*

... sombras... os bosques

... peito branco... mar sombrio

*(Ele estica os braços, suspira novamente e enrosca o corpo. Bloom, segurando o chapéu e a bengala, se mantém ereto. Um cachorro ladra na distância. Bloom aperta e afrouxa a mão que segura a bengala. Olha para baixo para o rosto e a forma de Stephen.)*

## BLOOM

*(comunga com a noite)* Rosto me lembra sua pobre mãe. No bosque sombrio. O peito branco profundo. Ferguson, penso que peguei. Uma moça. Uma certa moça. A melhor coisa que poderia lhe acontecer. *(ele murmura)* ... Juro que vou sempre saudar, sempre ocultar, nunca revelar qualquer parte ou partes, arte ou artes... *(murmura)*... nas areias ásperas do mar... a uma distância cabo de reboque da praia... onde a maré flui... e reflui...

*(Silencioso, pensativo, alerta ele fica de guarda, os dedos nos lábios na atitude de mestre secreto. De encontro ao muro escuro uma figura aparece lentamente, um menino encantado de onze anos, uma criança trocada ao nascer, raptado, vestido com um terno de Eton com sapatos de vidro e um pequeno elmo de bronze, segurando um livro em sua mão. Ele lê da direita para a esquerda inaudivelmente, sorrindo, beijando a página.)*

## BLOOM

*(maravilhado, chama inaudivelmente)* Rudy!

## RUDY

*(olha, sem ver, para os olhos de Bloom e continua a ler, beijando, sorrindo. Ele tem um rosto delicado cor de malva. Em seu terno ele tem botões de diamante e rubi. Em sua mão esquerda livre segura uma bengala fina de marfim com um cabo violeta. Um cordeirinho branco espreita para fora do bolso do seu colete.)*



## Parte III

### 16

Em preparação ao que viesse a mais o Sr. Bloom livrou Stephen de grande quantidade de aparas de madeira e lhe entregou o chapéu e a bengala de freixo e de um modo geral o animou de uma forma samaritana ortodoxa de que o jovem estava extremamente necessitado. Sua (de Stephen) mente não estava exatamente o que se pudesse chamar de peregrina mas digamos um tanto instável e segundo seu desejo expresso propensa a qualquer coisa bebível assim o Sr. Bloom em vista da hora que era e não havendo nenhuma bomba de água do Vartry disponível para suas abluções muito menos para beber ocorreu-lhe um expediente ao sugerir, de pronto, a conveniência do abrigo do cocheiro, como era chamado, a uma pequena distância dali perto da ponte Butt onde eles poderiam encontrar bebidas sob a forma de leite e soda ou uma água mineral. Mas como chegar lá era a questão. Por ora ele estava um tanto embaraçado mas visto que o dever claramente lhe conferia tomar algumas medidas sobre o assunto ele se pôs a refletir sobre os meios e modos apropriados enquanto Stephen bocejava sem parar. Pelo que pudesse perceber ele estava com o rosto um tanto pálido de modo que lhe pareceu ser altamente aconselhável conseguir um meio de transporte qualquer que correspondesse à condição em que se achavam, ambos estando exaustos, principalmente Stephen, sempre se assumindo que houvesse alguma coisa encontrável no gênero. Conseqüentemente depois de algumas medidas preliminares como uma nova escovada, apesar de ter esquecido de pegar seu lenço um tanto espumodesabão depois de ter prestado um bom serviço na limpeza das aparas, eles andaram os dois juntos ao longo da Beaver Street ou, melhor, a alameda até a loja do ferreiro e a atmosfera nitidamente fétida das estrebarias na esquina de Montgomery Street onde se afastaram para a esquerda dali desembocando na Amiens Street pela esquina de Dan Bergin. Mas como confiantemente antecipava não havia à vista em parte alguma sinal de cocheiro oferecendo serviço exceto um carro de quatro rodas, provavelmente contratado por alguns camaradas dentro na farra, do lado de fora do hotel North Star e não havia sintoma de

fazer o menor movimento quando o Sr. Bloom, que nada tinha de um assobiador profissional, tentou chamá-lo emitindo, duas vezes, uma espécie de assobio, com os dois braços arqueados acima de sua cabeça.

Esta era uma situação difícil mas, apelando para o bom senso para suportá-la, não havia evidentemente nada a fazer senão enfrentar com coragem a questão e ir a pé o que conseqüentemente fizeram. Assim, seguindo por Mullett e Signal House que logo alcançaram, eles prosseguiram forçosamente na direção do terminal da ferrovia de Amiens Street, o Sr. Bloom colocado em desvantagem pela circunstância de ter um dos botões de trás de sua calça, para variar o consagrado adágio, tido o destino de todos os botões embora, entrando completamente no espírito da coisa, heroicamente deu pouca atenção ao contratempo. Assim como nenhum dos dois estivesse particularmente com pressa, como acontecia, e a temperatura tivesse refrescado desde que o tempo melhorou depois da visita recente de Júpiter Pluvius, eles perambularam passando por onde o veículo vazio aguardava sem passageiro ou cocheiro. Aconteceu que um limpatrihos da Dublin United Tramway Company acontecia estar voltando e o homem mais velho recontou ao seu companheiro *à propos* o incidente de sua escapada milagrosa de pouco tempo atrás. Eles passaram pela entrada principal da estação ferroviária de Great Northern, o ponto de partida para Belfast, onde naturalmente todo o tráfego estava suspenso naquela hora tardia e passando pela porta de trás do necrotério (uma localidade não muito atraente, para não dizer até certo ponto horrível, mais especialmente à noite) finalmente chegaram à Taverna Dock e a seu devido tempo dobraram em Store Street, famosa por sua divisão C da delegacia de polícia. Entre este ponto e os armazéns altos agora não iluminados de Beresford Place Stephen começou a pensar em Ibsen de alguma forma associado em sua mente com o talhadorpedra Baird em Talbot Place, dobrando primeiro à direita, enquanto o outro que estava agindo como seu *fidus Achates* inalava com satisfação interna o cheiro da padaria de James Rourke, situada bem próximo de onde estavam, o odor verdadeiramente muito palatável de nosso pão de cada dia, de todos os artigos do público o mais primordial e mais indispensável. Pão, o sustento da vida, ganhe seu pão, Ó diga-me onde se encontra o mágico pão, na padaria de Rourke diz o refrão.

*En route* ao seu taciturno e, para não falar mais claramente, ainda não completamente sóbrio companheiro o Sr. Bloom que houvesse o que houvesse estava em plena posse de suas faculdades mentais, pode-se dizer, de fato nojentamente sóbrio, disse uma palavra de precaução *re* os perigos da zona dos bordéis, mulheres de má reputação e vigaristas frajolas que, de vez em quando apenas permissíveis embora não como uma prática habitual, era um consumado lugar perigoso para rapazes da sua idade especialmente sob a influência do álcool se tivessem adquirido o hábito de beber a menos que se tivesse algum conhecimento de jiu-jítsu para qualquer contingência pois mesmo um camarada derrubado no chão poderia dar um sério pontapé se não se tivesse cuidado. Altamente providencial foi o aparecimento em cena de Corny Kelleher quando Stephen estava beatificamente inconsciente não fosse aquele homem na brecha surgindo na décima primeira hora a *finis* poderia ter acontecido que ele tivesse sido um candidato à ala hospitalar de acidentes ou, falhando isso, à prisão e um comparecimento à corte de justiça no dia seguinte perante o Sr. Tobias ou, ele sendo o procurador, o velho Wall, quer dizer, ou Mahony, o que significava desgraça quando

espalhado o boato. A razão pela qual ele mencionou o fato era a de que muitos daqueles policiais, que ele cordialmente detestava, eram reconhecidamente inescrupulosos no serviço à Coroa e, como o Sr. Bloom o salientou, recordando um ou dois casos na divisão A da Clanbrassil Street, estavam prontos para jurar que branco é preto. Nunca no lugar em que eram desejados mas de preferência nas partes sossegadas da cidade, por exemplo Pembroke Road, os guardiães da lei estavam bem em evidência, o motivo óbvio sendo o fato de serem pagos para proteger as classes altas. Uma outra coisa que ele comentou foi equiparem os soldados com armas de fogo ou pistolas de qualquer tipo capazes de disparar a qualquer momento que era equivalente a incitá-los contra os civis que por acaso brigassem por qualquer coisa. Você desperdiçava o seu tempo, ele muito sensatamente o mantinha, e a saúde e também o caráter além de que, a mania de esbanjamento da coisa, mulheres dissolutas do *demimonde* fugiam com muitas libras na jogada e o maior perigo de todos era com quem você se embebedava embora, no que tocava à questão muito vexatória dos estimulantes, ele apreciasse um copo de um velho vinho de boa safra da estação como não só nutritivo mas também estimulantesangüíneo e possuidor de virtudes laxativas (notadamente um bom Borgonha do qual ele era um leal adepto) assim mesmo nunca além de um certo ponto em que ele invariavelmente fixava o limite visto que isso simplesmente levava a uma boa confusão para não dizer nada sobre ficar praticamente à terna mercê dos outros. Acima de tudo ele comentou negativamente sobre a deserção de Stephen por todos os seus *confrères* freqüentadores de bares a não ser um, um muito evidente exemplo de vira-casaca por parte de seus confrades médicos em todas as circs.

– E aquele era Judas – disse Stephen, que até então não dissera nada vezes nada.

Discutindo estes e tópicos semelhantes eles foram direto por trás da Alfândega e passaram por baixo da ponte Loop Line onde um braseiro de coque ou coisa no gênero queimava em frente à guarita da sentinela atraindo seus passos arrastados. Stephen por conta própria parou sem nenhuma razão especial para olhar para um monte de áridas pedras arredondadas e pela luz que emanava do braseiro pôde distinguir a figura mais escura do vigia da corporação dentro da guarita obscura. Começou então a se lembrar que isto tinha acontecido ou sido mencionado como tendo acontecido antes mas depois de razoável esforço ele se lembrou que reconhecia na sentinela um amigo *quondam* de seu pai, Gumley. Para evitar um encontro ele se aproximou das colunas da ponte da ferrovia.

– Alguém o cumprimentou – disse Bloom.

Uma figura de altura média rondando evidentemente debaixo dos arcos saudou novamente, bradando:

– Noite!

Stephen naturalmente andou meio tonto e parou para devolver o cumprimento. O Sr. Bloom movido por motivos de inerente delicadeza pois ele acreditava em não se intrometer onde não era chamado se afastou mas permaneceu no entanto no *qui vive* com apenas uma sombra de ansiedade embora nada atemorizado. Embora pouco usual na área de Dublin ele sabia que não era de todo desconhecido que criminosos que não tinham praticamente nada para sobreviver ficassem em circulação à espreita e geralmente aterrorizassem pedestres pacíficos colocando uma pistola em suas cabeças em algum lugar isolado fora da cidade propriamente dita, vadios famintos semelhantes aos das margens do Tâmisia podiam estar à

espera ali ou simplesmente saqueadores prontos para fugir com qualquer dinheiro que pudessem obter rapidamente numa ação mortal, a bolsa ou a vida, deixando-o ali por uma questão de princípios, amordaçado e garroteado.

Stephen, isto é quando a figura que o abordava se aproximou, embora não estivesse num estado particularmente sóbrio reconheceu o hálito forte de mosto apodrecido de Corley. Lorde John Corley como alguns o chamavam e sua genealogia surgiu desta maneira. Ele era o filho mais velho do inspetor Corley da divisão G, morto recentemente, que tinha se casado com uma certa Katherine Brophy, a filha do fazendeiro de Louth. Seu avô Patrick Michael Corley de New Ross tinha casado com a viúva de um publicano de lá cujo nome de solteira tinha sido Katherine (também) Talbot. Havia rumores (embora não provados) que ela descendia da casa dos lordes Talbot de Malahide em cuja mansão, realmente uma residência incontestavelmente requintada no gênero e digna de ser vista, sua mãe ou tia ou alguma parenta, uma mulher conforme era comentado de extrema beleza, tinha desfrutado a distinção de estar a serviço na lavanderia. Isto por conseguinte era a razão pela qual o homem ainda comparativamente jovem embora dissoluto que agora se dirigia a Stephen era tratado por alguns com propensões jocosas como lorde John Corley.

Pegando Stephen de lado ele falou aquela costumeira cantada melancólica. Nem sequer uma quantia ínfima para pagar um alojamento noturno. Todos os seus amigos haviam desertado. Além do mais ele tivera uma briga com Lenehan para quem disse a Stephen chamou de maldito vil bêbado com um bocado de outras expressões indesejáveis. Ele estava desempregado e implorava que Stephen lhe dissesse onde neste mundo de Deus ele podia conseguir alguma coisa, qualquer coisa, para fazer. Não, era a filha da mãe da lavanderia que era irmã de criação do herdeiro da casa ou então eles eram relacionados de qualquer forma através da mãe, ambas ocorrências acontecendo ao mesmo tempo se tudo não fosse uma total invenção do princípio ao fim. De qualquer jeito ele estava quebrado.

– Eu não lhe pediria nada se não – prosseguiu ele – eu lhe juro solenemente e Deus o sabe pelo fato de estar sem um níquel.

– Vai haver um emprego amanhã ou no dia seguinte – disse-lhe Stephen – num colégio de meninos em Dalkey para assistente de um professor. Sr. Garrett Deasy. Tente lá. Pode mencionar o meu nome.

– Ah, meu Deus – replicou Corley –, eu não poderia de jeito nenhum lecionar numa escola, cara. Eu nunca estive entre os inteligentes como vocês – acrescentou com um meio riso. – Fui reprovado duas vezes nos juniores no Christian Brothers.

– Eu mesmo não tenho lugar para dormir – informou-lhe Stephen.

À primeira vista Corley estava inclinado a suspeitar que era alguma coisa que tinha a ver com o fato de Stephen ter sido dispensado do seu alojamento por trazer da rua para dentro uma maldita mulher da vida. Havia uma pensão barata em Marlborough Street, da Sra. Maloney, mas era uma de apenas seis pence e cheia de indesejáveis mas M'Conachie lhe disse que se podia conseguir uma bastante decente em Brazen Head lá na Winetavern Street (o que era remotamente sugestivo para seu interlocutor do frade Bacon) por um shilling. Ele também estava faminto embora não tivesse dito uma palavra a respeito.

Apesar de este tipo de coisa acontecer uma noite sim outra não ou mais ou menos isso

ainda assim os sentimentos de Stephen levaram em certo sentido a melhor embora ele soubesse que a conversa fiada nova em folha de Corley comparável em todos os aspectos com as outras dificilmente merecia muito crédito. No entanto *haud ignarus malorum miseris succurrere disco* como observa o poeta latino acontecia que se a sorte o favorecesse lhe fosse pago seu salário depois de cada metade do mês no dia dezesseis que era aliás a data do mês embora boa parte dos recursos estivesse toda comida. Mas a nata da piada era que nada fazia com que saísse da cabeça de Corley que Stephen vivia na abundância e não tinha mais nada a fazer senão distribuir o necessário. Ao passo que. Ele pôs a mão num bolso de qualquer forma não com a idéia de encontrar alguma comida ali mas pensando que pudesse lhe emprestar qualquer coisa até um shilling ou coisa semelhante de modo que ele pudesse se esforçar acontecesse o que acontecesse e ter o suficiente para comer mas o resultado foi negativo pois, para seu vexame, descobriu que seu dinheiro vivo estava em falta. Alguns biscoitos partidos foram todo o resultado de sua investigação. Ele tentou ao máximo recordar por um momento se tinha igualmente perdido ele podia ter tido ou deixado tudo em algum lugar porque nessa eventualidade não era uma perspectiva agradável, na verdade muito pelo contrário. Estava inteiramente por demais exausto para estabelecer uma busca meticulosa embora ele tentasse recordar. Quanto aos biscoitos ele vagamente se lembrava. Quem precisamente os deu ele então se perguntava ou onde fora ou se ele comprara. No entanto num outro bolso ele se deparou com o que supôs no escuro serem moedas sem maior valor, erroneamente contudo, como seria comprovado.

– Estas são meias coroas, cara – corrigiu-o Corley.

E assim na realidade elas comprovaram ser. Stephen de qualquer maneira emprestou-lhe uma.

– Obrigado – respondeu Corley –, você é um cara legal. Eu lhe pagarei um dia. Quem é esse com você? Eu o vi algumas vezes no Bleeding Horse em Camden Street com Boylan, o colador de cartazes. Você podia dizer uma palavra favorável a meu respeito para que eu fosse aproveitado ali. Eu usaria um anúncio anduíche só que a moça no escritório me disse que os candidatos já estavam lotados para as próximas três semanas, meu caro. Puxa, é preciso reservar com antecedência, cara, como se fosse para uma ópera da Companhia Carl Rosa. De qualquer forma não ligo a mínima desde que eu consiga um emprego, até mesmo de gari.

Subseqüentemente não estando mais tão deprimido depois dos dois shillings e seis que recebeu ele informou Stephen a respeito de um homem de nome Bags Comisky que disse Stephen o conhecer bem lá do Fullam, o cordoeiro, guarda-livros dali que costumava freqüentar os fundos do bar Nagle com O'Mara e um camaradilha com uma gagueira de nome Tighe. De qualquer forma ele foi preso anteontem e multado em dez shillings como bêbado e desordeiro e por se recusar a ir com o policial.

Nesse ínterim o Sr. Bloom ficou se esquivando nos arredores das pedras arredondadas perto do braseiro de coque em frente à guarita do vigia da corporação que evidentemente um glutão de trabalho, como lhe ocorreu, estava tirando tranqüilamente uma soneca para todos os efeitos por sua própria conta e risco enquanto Dublin dormia. Ao mesmo tempo ele lançava de vez em quando um olhar casual ao interlocutor de Stephen trajado nada imaculadamente como se tivesse visto aquele nobre em algum lugar ou outro embora onde ele

não tinha condição de verdadeiramente precisar nem tinha a mais remota idéia de quando. Sendo um indivíduo equilibrado que podia aliás dar pontos em termos de observação sagaz ele também observou seu chapéu bem dilapidado e indumentária geral desalinhada testemunhando uma penúria crônica. Obviamente ele era um de seus parasitas mas quanto a isso era apenas uma questão de alguém caindo em cima de seu vizinho do lado, em toda sua profundidade, por assim dizer, uma profundidade mais profunda e quanto a isso o homem da rua que por acaso fosse julgado e condenado à prisão com trabalhos forçados com ou sem opção de pagar multa seria a mais completa *rara avis*. Em todo caso ele tinha uma dose consumada de fria audácia ao interceptar as pessoas àquela hora da noite ou da manhã. Isso era bem desagradável.

O par se despediu e Stephen se juntou ao Sr. Bloom que, com seu olho atilado, não pôde deixar de perceber que Stephen tinha sucumbido à brandiloquência do outro parasita. Aludindo ao encontro ele, quer dizer Stephen, disse, rindo:

– Ele está numa maré de pouca sorte. Ele me pediu para eu lhe pedir para pedir a alguém chamado Boylan, um colador de cartazes, para lhe dar um emprego como homemsanduíche.

A esta notícia, à qual ele aparentemente manifestou pouco interesse, o Sr. Bloom olhou distraidamente pelo espaço de meio segundo ou coisa parecida na direção de uma dragadecaçamba, regozijando-se com o nome profundamente famoso de Eblana, atracado ao longo do cais da Alfândega e muito possivelmente fora de uso, e então observou evasivamente:

– Todo mundo tem sua quota de sorte – dizem. – Agora que você está mencionando isso seu rosto me era familiar. Mas, deixando isso por um momento de lado, quanto você desembolsou – indagou – se não estou sendo inquisitivo demais?

– Meia coroa – respondeu Stephen. – Acho que ele precisa disso para dormir em algum lugar.

– Precisa! – proferiu o Sr. Bloom, não manifestando a menor surpresa com a informação. – Posso dar facilmente crédito a essa declaração e garanto que ele invariavelmente dá. Cada um de acordo com suas necessidades ou cada um de acordo com seus atos. Mas, falando sobre coisas em geral, onde – acrescentou ele com um sorriso – você mesmo vai dormir? Caminhar para Sandycove está fora de questão. E mesmo supondo que você fosse você não vai entrar lá depois do que ocorreu na estação de Westland Row. Meramente esfalfar-se lá por nada. Não tenciono me aventurar a lhe dar ordens quaisquer que sejam mas por que você saiu da casa de seu pai?

– Em busca do infortúnio – foi a resposta de Stephen.

– Eu encontrei seu respeitável pai numa ocasião recente – retrucou diplomaticamente o Sr. Bloom –, na verdade hoje, ou para ser mais estritamente preciso, ontem. Onde ele está morando atualmente? Percebi durante a conversa que ele tinha se mudado.

– Creio que ele está em algum lugar em Dublin – respondeu Stephen despreocupadamente. – Por quê?

– Um homem dotado – disse o Sr. Bloom sobre o Sr. Dedalus pai – sob mais de um aspecto e um bom *raconteur* se jamais existiu algum. Ele tem, bem legitimamente, muito

orgulho de você. Talvez você pudesse voltar – arriscou, pensando ainda na cena muito desagradável no terminal de Westland Row quando foi perfeitamente claro que os outros dois, isto é, Mulligan e aquele amigo turista inglês, que eventualmente desapontou o terceiro companheiro, estavam patentemente tentando como se toda a droga da estação lhes pertencesse escapular de Stephen na confusão, o que eles realmente fizeram.

Nenhuma resposta resultou contudo da sugestão, tal como foi feita, a visão mental de Stephen estando por demais ativamente ocupada em retratar novamente a lareira de sua casa a última vez em que a viu com sua irmã Dilly sentada junto ao fogo, o seu cabelo solto, esperando que um chocolate inferior e fraco Trinidad que estava na chaleira coberta de fuligem ficasse pronto de modo que ela e ele pudessem bebê-lo com água de farinha de aveia em lugar de leite depois dos arenques de sexta-feira que tinham comido dois por um penny com um ovo por cabeça para Maggy, Boody e Katey, o gato nesse ínterim debaixo da tábua de passar roupa devorando uma mixórdia de cascas de ovos e cabeças e ossos de peixe tostados num quadrado de papel marrom, de acordo com o terceiro preceito da igreja de jejuar e se abster nos dias comandados, tratando-se de quarto tempo ou se não, de dias de cinzas ou coisa semelhante.

– Não – repetiu novamente o Sr. Bloom –, eu pessoalmente se estivesse na sua situação não confiaria muito, como guia, filósofo e amigo naquele seu jovial companheiro, Dr. Mulligan, que contribui com o elemento humorístico. Ele sabe de que lado é passada a manteiga no seu pão embora com toda a probabilidade ele nunca se deu conta do que é ficar sem as refeições habituais. Naturalmente você não notou tanto quanto eu. Mas não me causaria a menor surpresa saber que uma pitada de tabaco ou de algum narcótico era colocada em sua bebida por um objetivo ulterior.

Ele compreendeu no entanto de tudo que ouviu que o Dr. Mulligan era em todos os aspectos um homem versátil, de forma alguma confinado apenas à medicina, que estava rapidamente se destacando em sua área e, se o parecer geral fosse confirmado, prometia desfrutar de uma clínica florescente num futuro não muito distante como um clínico na moda obtendo um belo pagamento por seus serviços em acréscimo ao seu *status* profissional pelo salvamento por meio de respiração artificial e que chamam de primeiros socorros daquele homem que ia certamente se afogar em Skerries, ou Malahide não foi? foi, ele tinha que admitir, um ato extremamente corajoso que ele não podia deixar de altamente elogiar, de modo que ele francamente se via totalmente impossibilitado de compreender que motivo material podia estar por trás daquilo a não ser atribuí-lo à mera perversidade ou ciúme, pura e simplesmente.

– A menos que simplesmente signifique uma coisa e que ele como dizem esteja roubando informações e idéias de você – ele se aventurou a lançar.

O olhar cauteloso de meia solicitude meia curiosidade somado à afabilidade para com a expressão morosa naquele momento de Stephen não lançou uma torrente de luz, nenhuma de fato sobre o problema quanto a ele ter-se deixado terrivelmente enganar a julgar por duas ou três observações desanimadas que deixara escapar ou se por outro lado ele percebeu o negócio e por alguma razão ou outra apenas conhecida dele mesmo permitiu que as coisas ficassem mais ou menos como estavam. Opressiva pobreza produzia esse efeito e mais

de uma vez ele conjecturara que, apesar das elevadas qualificações educativas que possuía, ele tinha alguma dificuldade em viver dentro do seu orçamento.

Contíguo ao mictório público eles observaram uma carroça de sorvete em volta da qual um grupo presumivelmente de italianos em esquentada discussão estava soltando expressões loquazes em sua linguagem vivaz de maneira especialmente animada, havendo algumas pequenas contestações entre as partes em questão.

– *Puttana madona, che ci dia i quattrini! Ho ragione? Culo rotto!*

– *Intendiamoci. Mezzo sovrano più...*

– *Dice lui, pero!*

– *Mezzo.*

– *Farabutto! Mortacci sui!*

– *Ma ascolta! Cinque la testa più...*

O Sr. Bloom e Stephen entraram no abrigo do cocheiro, uma construção despretensiosa de madeira, onde, antes daquele momento, ele raramente se é que jamais estivera antes, o primeiro tendo previamente sussurrado para o segundo algumas indicações acerca do encarregado do abrigo que se dizia ter sido o outrora famoso Pele-de-Cabra, Fitzharris, o invencível, embora ele não pudesse garantir a realidade dos fatos dos quais não havia possivelmente nenhum vestígio de verdade. Alguns minutos depois estavam nossos dois noctâmbulos sentados com toda a segurança num canto discreto para serem saudados apenas por uma coleção decididamente variada de párias e desgarrados e outros indescritíveis espécimes do gênero *homo* já ali ocupados em comer e beber diversificados pela conversa para os quais aparentemente constituíam um objeto de marcante curiosidade.

– Agora tomando uma xícara de café – aventurou-se o Sr. Bloom a plausivelmente sugerir para quebrar o gelo – me ocorre que você poderia tentar alguma coisa sob a forma de uma comida sólida, digamos, um pãozinho de algum tipo.

Conseqüentemente seu primeiro gesto foi pedir tranqüilamente estes artigos com seu característico *sangfroid*. O *hoi polloi* de cocheiros ou estivadores ou o que quer que fossem depois de uma rápida inspeção desviaram seus olhos, aparentemente descontentes, embora um indivíduo beberrão de barba ruiva, com parte de seu cabelo grisalho, provavelmente um marinheiro, continuasse a fixá-los por um tempo apreciável antes de transferir sua enlevada atenção para o chão. O Sr. Bloom, dando-se o direito de liberdade de expressão, tendo apenas um conhecimento superficial da língua da disputa, embora, certamente, mais numa dúvida sobre *voglio* do que outra coisa, observou para o seu *protégé* num tom de voz audível *apropos* da batalha real na rua que continuava a rolar forte e furiosa:

– Uma bela língua. Quero dizer para ser cantada. Por que você não escreve sua poesia nessa língua? *Bella Poetria! É tão melodiosa e cheia. Belladoma. Voglio.*

Stephen, que estava tentando desesperadamente bocejar se o conseguisse, vítima de um cansaço generalizado, replicou:

– Para encher o ouvido de uma elefanta. Eles estavam discutindo sobre dinheiro.

– É mesmo? – perguntou o Sr. Bloom. – Naturalmente – acrescentou pensativamente, como uma reflexão interior para começo de conversa sobre haver mais línguas do que o absolutamente necessário – podia ser apenas a magia meridional que a cercava.



O encarregado do abrigo no meio do *tête-à-tête* colocou sobre a mesa uma xícara fervente e transbordante de um preparado primoroso denominado café e um tanto antediluviano espécime de pãozinho doce ou o que assim parecia ser. Depois disso bateu em retirada para o seu canto, estando o Sr. Bloom determinado a dar uma boa olhada nele mais tarde sem parecer que... Por esta razão ele encorajou Stephen com os olhos a prosseguir enquanto ele fazia as honras da casa empurrando furtivamente e gradativamente mais para perto dele a xícara do que temporariamente se supunha ser chamado café.

– Sons são embustes como nomes – disse Stephen após uma pausa de algum tempo. – Cícero, Podmore. Napoleão, Sr. Goodbody. Jesus, Sr. Doyle. Shakespeares eram tão comuns quanto Murphies. O que existe num nome?

– Sim, certamente – concordou o Sr. Bloom impassivelmente. – Naturalmente. Nosso nome foi mudado também – acrescentou, empurrando o pseudopãozinho para a frente.

O marinheiro de barba ruiva que tinha seu olho atento nos recém-chegados abordou formalmente Stephen, que escolhera para dedicar diretamente especial atenção, perguntando:

– E qual poderia ser o seu nome?

Justo no exato momento o Sr. Bloom tocou na bota de seu companheiro mas Stephen, ignorando aparentemente a pressão cordial de inesperada procedência, respondeu:

– Dedalus.

O marinheiro o fitou pesadamente com um par de olhos empapuçados e sonolentos, um tanto estropiado pelo uso excessivo de bebida, de preferência um bom velho gim Hollands e água.

– Você conhece Simon Dedalus? – perguntou finalmente.

– Ouvi falar nele – retorqui Stephen.

O Sr. Bloom ficou por um momento sem saber o que fazer, vendo os outros evidentemente também escutando às escondidas.

– Ele é irlandês – afirmou atrevidamente o homem domar, continuando a fitar do mesmo modo e aprovando com a cabeça. – Todo irlandês.

– Todo irlandês demais – retorqui Stephen.

Quanto ao Sr. Bloom, ele não podia entender aquele negócio todo e só se perguntava qual a possível relação quando o marinheiro por sua própria conta se voltou para os outros ocupantes do abrigo com a observação:

– Eu o vi acertar com um tiro por cima do ombro em dois ovos sobre duas garrafas a cinquenta jardas de distância. Com a mão esquerda sem errar.

Embora ele estivesse ligeiramente tolhido por uma gagueira ocasional e seus gestos também fossem por assim dizer desajeitados ele se esforçou ao máximo para explicar.

– Garrafas ali, digamos. Medidas cinquenta jardas. Ovos sobre as garrafas. Engatilha sua arma sobre seu ombro. Faz pontaria.

Ele deu meia-volta com o corpo, fechou o olho direito completamente. Então contorceu a fisionomia de uma certa forma para o lado e dardejou o olhar pela noite adentro com uma expressão desenxabida no semblante.

– Pum! – ele então gritou uma vez.

Todo o público esperou, antecipando uma detonação adicional, faltando ainda um

outro ovo.

– Pum! – berrou duas vezes.

O ovo dois evidentemente destruído, ele aprovou com a cabeça e piscou, acrescentando sedentodesangue:

– *Buffalo Bill atira para matar,*

*Nunca jamais ele vai errar.*

Seguiu-se um silêncio até que o Sr. Bloom por amabilidade sentiu-se inclinado a lhe perguntar se era para uma competição de pontaria certa como em Bisley.

– Perdão – falou o marinheiro.

– Há muito tempo? – prosseguiu o Sr. Bloom sem vacilar um pouco que fosse.

– Ora – replicou o marinheiro, relaxando por um certo tempo sob a influência mágica da troca espirituosa –, poderia ser uma questão de dez anos. Ele fez uma excursão pelo mundo inteiro com o Circo Real de Hengler. Eu o vi fazendo isso em Estocolmo.

– Curiosa coincidência – confiou o Sr. Bloom discretamente a Stephen.

– Murphy é o meu nome – continuou o marinheiro. – D. B. Murphy de Carrigaloe. Sabe onde fica isso?

– Porto de Queenstown – replicou Stephen.

– É isso mesmo – disse o marinheiro. – Forte Camden e Forte Carlisle. É de lá que eu provenho. Eu pertenço àquele lugar. É de lá que eu provenho. Minha mulherzinha está lá. Ela está esperando por mim, eu sei. *Pela Inglaterra, o lar e a beleza.* Ela é minha própria e verdadeira mulher que eu não vejo há sete anos, navegando por aí.

O Sr. Bloom podia facilmente imaginar o advento dele na cena, o regresso do marinheiro ao lar à tosca construção à beira da estrada depois de ter enganado Davy Jones, numa noite chuvosa sob a escuridão da lua. Através do mundo por uma esposa. Havia um número bem grande de histórias sobre o assunto o tópicos Alice Ben Bolt, Enoch Arden e Rip van Winkle e será que alguém por aqui se lembra de Caoc O’Leary, uma peça de declamação preferida e muito dolorosa por falar nisso do pobre John Casey e um trecho de poesia perfeita em sua própria forma modesta. Nunca sobre a volta da mulher que foge voltando, por mais que seja devotada ao ausente. O rosto na janela! Calcule seu espanto quando finalmente ganhou a corrida e a terrível verdade despontou acerca de sua cara-metade naufragada em seu afeto. Você mal contava comigo mas eu vim para ficar para recomeçar. Ali está ela sentada, uma mulher longe do marido, na mesmíssima lareira. Acredita que eu esteja morto, embalado no berço do mar. E ali está sentado o tio Chubb ou Tomkin, qualquer que possa ser o caso, o publicano do Crown and Anchor, em mangas de camisa, comendo rabada e cebola. Nenhuma cadeira para o pai. Bruu! O vento! Seu recém-chegado novo em folha está sobre os joelhos dela, filho *postmortem*. Com um tralalará! e um tralarilá! e meu choroso bronzeado galopante, Ó! Rendo-me ao inevitável. Sorrio e o suporte. Permaneço com muito amor seu marido de coração partido D. B. Murphy.

O marinheiro, que dificilmente parecia ser um habitante de Dublin, voltou-se para um dos cocheiros com o pedido:

– Será que por acaso você tem sobrando um pedaço de tabaco para mascar que possa me ceder?

Aconteceu que o cocheiro a quem ele se dirigiu não tinha mas o encarregado pegou um pequeno cone de maço de fumo de sua boa jaqueta pendurada num prego e o objeto desejado passou de mão em mão.

– Obrigado – disse o marinheiro.

Ele depositou o pedaço em sua goela e, mastigando e com algumas lentas gagueices, prosseguiu:

– Nós chegamos esta manhã às onze horas. O *Rosevean* de três mastros vinha de Bridgewater com um carregamento de tijolos. Eu embarquei para terminar. Acertaram as minhas contas esta tarde. Aqui está meu documento de baixa. Vê? D. B. Murphy. Sadio Navegador.

Para confirmar sua declaração ele libertou de um bolso interno e entregou ao seu vizinho um documento dobrado não muito limpo.

– Você deve ter visto uma boa parte do mundo – observou o encarregado, inclinándose sobre o balcão.

– Ora – respondeu o marinheiro ao refletir sobre o assunto –, eu circum-naveguei um bocado desde que ingressei pela primeira vez na marinha. Estive no mar Vermelho. Estive na China e América do Norte e América do Sul. Fomos perseguidos por piratas em uma viagem. Ví muitos *icebergs*, rosnadores. Estive em Estocolmo e no mar Negro, nos Dardanelos sob o comando do capitão Dalton, o homem mais danado de bom que jamais pôs a pique um navio. Visitei a Rússia. *Gospodi pomilyou*. É assim que os russos rezam.

– Nem me diga, você viu paisagens estranhas – acrescentou um cocheiro.

– Ora – disse o marinheiro, mudando de lugar seu naco de fumo parcialmente mastigado. – Eu vi coisas estranhas também, altos e baixos. Ví um crocodilo morder a pata de uma âncora da mesma maneira com que estou mordendo esse pedaço.

Ele retirou da boca o pedaço polpudo e, alojando-o entre os dentes, mastigou ferozmente:

– Caan! Assim. E eu vi canibais no Peru que come cadáveres e os fígados de cavalos. Olhe aqui. Aqui estão eles. Um amigo meu me mandou.

Ele tirou desajeitadamente um cartão-postal com uma fotografia de dentro do seu bolso interior que parecia ser à sua maneira uma espécie de repositório e o empurrou pela mesa afora. A matéria impressa nele dizia: *Choza de Índios. Beni, Bolívia*.

Todos focalizaram a atenção na cena exibida, um grupo de mulheres selvagens de tangas listradas, acoradas, piscando, amamentando, olhando carrancudas, dormindo em meio a um bando de bebês (devia haver bem uma vintena deles) do lado de fora de cabanas de vime.

– Mastigam coca o dia todo – acrescentou o comunicativo nauta. – Estômagos como raladores de pão. Cortam fora seus peitinhos quando elas não podem mais ter filhos. Vejam só eles sentados ali com seus testículos rígidos à mostra comendo o fígado cru de um cavalo morto.

Seu cartão-postal mostrou ser um centro de atração para os simplórios senhores por vários minutos se não mais.

– Sabem como os manter afastados? – perguntou de uma maneira geral.

Ninguém se prontificando a fazer uma declaração ele piscou, dizendo:

– Vidro. Isso os perturba e fascina. Vidro.

O Sr. Bloom, sem demonstrar surpresa, despretensiosamente virou o cartão para ler cuidadosamente o registro postal e o endereço parcialmente obliterado. Dizia o que se segue: *Tarjeta Postal, Señor A. Boudin, Galeria Becche, Santiago, Chile*. Não havia evidentemente mensagem alguma, como particularmente observou.

Embora não fosse um crente implícito na história sensacional narrada (ou no negócio do tirofácil nos ovos aliás apesar de Guilherme Tell e do Lazarillo-Dom Cesar de Bazan incidente descrito em *Maritana* em cuja ocasião a bola do primeiro passou através do chapéu do segundo) tendo detectado uma discrepância entre o nome dele (assumindo que ele fosse a pessoa que representava ser e não estar navegando sob falsas cores depois de ter mudado completamente de direção em estrito silêncio em algum lugar) e o endereçado fictício da missiva que o fazia nutrir alguma suspeita sobre a *bona fides* do nosso amigo no entanto isso lhe lembrava de uma certa maneira um plano por muito tempo acariciado que ele tencionava um dia realizar em alguma quarta-feira ou sábado de viajar para Londres *via* alto-mar para não dizer que não tivesse jamais viajado extensivamente por alguma grande extensão mas de coração ele era um aventureiro nato embora por uma artimanha do destino tivesse permanecido consistentemente um marinheiro de água doce a menos que você assim chame a ida a Holyhead que foi sua mais longa viagem. Martin Cunningham freqüentemente dizia que ele ia providenciar um passe através de Egan mas algum desgraçado impedimento ou outro eternamente surgia com o resultado claro de que o esquema fracassara. Mas mesmo supondo-se que viesse a pagar o necessário e partisse o coração de Boyd não era assim tão caro, a carteira o permitindo, alguns guinéus por fora considerando-se que a passagem para Mullingar aonde ele imaginava ir era de cinco shillings e seis, ida e volta. A viagem beneficiaria a saúde devido ao revigorante ozônio e seria de toda forma totalmente prazerosa, especialmente para um camarada cujo fígado estava fora de ordem, ver os diferentes lugares ao longo do caminho, Plymouth, Falmouth, Southampton e assim por diante culminando numa excursão instrutiva aos locais da grande metrópole, o espetáculo de nossa Babilônia moderna onde sem dúvida ele veria o maior desenvolvimento possível, torre, abadia, a riqueza de Park Lane para com ele renovar relação. Uma outra coisa que lhe ocorreu como não sendo de forma alguma uma noção negativa foi o fato de que ele poderia dar uma olhada à volta do lugar para ver como tentar fazer um arranjo para uma turnê de concerto de música de verão abrangendo as estações de verão mais proeminentes e agradáveis, Margate com banhos mistos e hidrotermas e spas de primeira ordem, Eastbourne, Scarborough, Margate e assim por diante, a bela Bournemouth, as ilhas do Canal e semelhantes jóias de lugares, que poderiam revelar ser altamente remunerativos. Não, naturalmente, com uma companhia clandestina ou senhoras locais na atividade, a prova disso o tipo da Sra. C. P. M' Coy que diz me dê sua valise e eu lhe envio a passagem pelo correio. Não, algo que houver de melhor, a mais fina flor das estrelas irlandesas, a grande companhia de ópera Tweedy-Flower com sua própria consorte legal como atriz principal como uma espécie de contraposição a Elster Grimes e Moody-Manners, uma questão perfeitamente simples e ele estava bastante confiante no sucesso, fornecendo anúncios extravagantes aos jornais locais podia ser administrada por um indivíduo com um

pouco de audácia que poderia mexer seus pauzinhos indispensáveis e assim combinar negócio com prazer. Mas quem? Essa era a dificuldade.

Também, sem ser realmente positivo, parecia-lhe que um grande campo estava prestes a ser aberto no ramo de criação de novas rotas para acompanhar o passo da época *apropos* da rota de Fishguard-Rosslare que, aberta à discussão, estava mais uma vez no *tapis* nos setores de circunlóquios com a costumeira quantidade de uso excessivo de formalidades e vacilações de obsoletismo estéril e pessoas tolas em geral. Havia certamente uma grande oportunidade para a iniciativa e o empreendimento irem de encontro às necessidades de viagem do público como um todo, o homem comum, i.e. Brown, Robinson e Companhia.

Era um motivo de pesar e também de absurdo a julgar pelas aparências e de razoável reprovação para nossa sociedade jactanciosa que o homem da rua, quando o sistema realmente precisava de reforço, fosse privado no que diz respeito a umas insignificantes libras de conhecer mais o mundo em que vive em vez de ficar permanentemente confinado desde que minha velha pessoa retrógrada me tomou por esposa. Afinal de contas, droga, eles tiveram seus onze e mais meses enfadonhos disso e mereciam uma mudança radical de *venue* depois da faina da vida da cidade no verão por escolha quando a dama Natureza está na sua forma mais espetacular constituindo nada menos que um novo prazo de vida. Havia igualmente excelentes oportunidades para veranistas na ilha-lar, encantadores locais silvestres de rejuvenescimento, oferecendo uma pletora de atrações assim como um tônico estimulante para o sistema em e à volta de Dublin e mesmo em seus arredores pitorescos, Poulaphouca para onde havia um trem a vapor, mas também bem mais distante da multidão enlouquecedora de Wicklow, designada corretamente de jardim da Irlanda, uma vizinhança ideal para ciclistas idosos desde que não caíssem, e na floresta de Donegal onde se a informação falasse a verdade o *coup d'oeil* era excessivamente grandioso embora a localidade mencionada por último não fosse facilmente alcançável de modo que o influxo de visitantes não era ainda tudo que poderia ser considerando-se os notáveis benefícios a serem oriundos dele enquanto Howth com suas associações históricas e sob outros aspectos, Silken Thomas, Grace O'Malley, Jorge IV, rododendros muitas centenas de pés acima do nível do mar era um refúgio favorito de todas as sortes e condições de homens especialmente na primavera quando a fantasia dos jovens, embora tivesse sua própria taxa de mortes por queda dos penhascos propositais ou acidentais, usualmente, por falar nisso, sobre sua perna esquerda, estando apenas a três quartos de hora de distância da coluna. Porque naturalmente as viagens de turismo estavam ainda apenas, por assim dizer, em sua infância, e as acomodações deixavam muito a desejar. Interessante compreender parecia-lhe ser por um motivo, puro e simples, de curiosidade, se era o tráfico que criava a rota ou vice-versa ou as duas coisas de fato. Ele virou o cartão com a fotografia para o outro lado e o passou para Stephen.

– Eu vi um chinês uma vez – relatou o valente narrador – que tinha pequenas pílulas como betume e as pôs dentro da água e elas se abriram e cada pílula era uma coisa diferente. Uma era um navio, uma outra uma casa, uma outra era uma flor. Cozinha ratos em sua sopa – acrescentou apetitosamente – os chinas o faz.

Possivelmente percebendo uma expressão de dubiedade nos seus rostos o *globe-trotter* continuou, mantendo-se fiel às suas aventuras.

– E eu vi um homem assassinado em Trieste por um camarada italiano. Faça nas costas. Faça como essa.

Enquanto falava ele exibiu um canivete de aparência perigosa bem de acordo com seu caráter e o segurou numa posição de golpe.

– Num bordel foi feita uma tentativa de enganar entre dois contrabandistas. Camarada se escondeu atrás da porta, vindo por trás dele. Assim. *Prepare-se para encontrar seu Deus*, disse ele. Châk! Ela entrou dentro das costas dele até o seu cabo.

Seu olhar pesado vagando preguiçosamente parecia desafiar futuras perguntas que eles quisessem por acaso fazer.

– Esse é um bom pedaço de aço – repetiu, examinando seu formidável *stiletto*.

Depois desse crucial *dénouement* suficiente para amedrontar os mais bravos ele fez a lâmina estalar e guardou a arma em questão como antes em sua câmara de horrores, ou seja seu bolso.

– Eles são o máximo no uso da arma branca – disse alguém que estava bem por fora em proveito dos outros. – Foi por isso que eles pensaram que os assassinatos do parque dos invencíveis foram feitos por estrangeiros pelo fato de usarem facas.

Com esta observação feita obviamente com o espírito de *onde há ignorância existe felicidade* o Sr. B. e Stephen, cada um de sua maneira particular, trocaram ambos instrutivamente olhares significativos, dentro contudo de um silêncio religioso do estritamente *entre nous* variedade, em direção onde Pele-de-Cabra, aliás o encarregado, sem pestanejar, estava tirando jatos de líquido de sua caldeira. Seu rosto inescrutável que era realmente uma obra de arte, um estudo perfeito em si mesmo, esgotando os recursos de descrição, transmitia a impressão de que ele não tinha entendido um pinga do que estava acontecendo. Muito gozado!

Seguiu-se uma pausa um tanto tediosa. Um homem estava lendo espasmodicamente um jornal da tarde manchado de café, um outro o cartão com os nativos *choza de*, um outro a baixa do homemdomar. O Sr. Bloom, no que lhe dizia pessoalmente respeito, estava apenas ponderando pensativamente. Ele se lembrava vivamente quando a ocorrência aludida tivera lugar como ontem, aproximadamente uns vinte anos antes nos dias anteriores dos problemas da terra, quando o mundo civilizado foi tomado de assalto, falando em sentido figurado, no início da década de oitenta, em oitenta e um para ser mais preciso, quando ele tinha apenas quinze anos.

– Ei, chefe – interrompeu o marinheiro. – Dê-nos de novo esses papéis.

O pedido sendo atendido ele os agarrou com um chiado.

– Você viu o rochedo de Gibraltar? – inquiriu o Sr. Bloom.

O marinheiro fez uma careta, mastigando, de um jeito que podia ser lido como sim ou não.

– Ah, você tocou lá também – disse o Sr. Bloom – a ponta da Europa – pensando que ele tinha, na esperança que o bucaneiro pudesse possivelmente ter algumas reminiscências mas ele falhou em fazê-lo, deixando simplesmente esguichar um jato de vômito na serragem, e sacudiu a cabeça com uma espécie de desprezo indolente.

– Por volta de que ano seria isso? – interrogou o Sr. B. – Você pode se lembrar dos

barcos?

Nosso *soi-disant* marinheiro por algum tempo mascou avidamente e fortemente antes de responder:

– Estou cansado de todos esses rochedos no mar – disse – e de barcos e navios. Carne salgada o tempo todo.

Parecendo cansado, ele cessou. Seu interlocutor, percebendo que provavelmente não obteria uma grande mudança de um velho freguês tão ardiloso, se entregou a devaneios sobre as enormes dimensões da água em volta do globo, bastando dizer que, como revelava um olhar casual ao mapa, ela cobria totalmente três quartos dele e conseqüentemente ele se deu plenamente conta do que significava controlar as ondas. Em mais de uma ocasião, por baixo uma dúzia de vezes, perto de North Bull em Dollymount ele tinha observado um marinheiro experiente rejeitado porque antiquado, evidentemente desprezado, sentado habitualmente perto do mar não particularmente redolente sobre a muralha, fitando-o obviamente bem e ele também o fitando, sonhando com bosques frescos e novas pastagens como é cantado em algum lugar por alguém. E isso o deixava conjeturando por quê. Possivelmente ele tentara descobrir o segredo por si mesmo, debatendo-se os antípodas para cima e para baixo e toda sorte de coisas e acima e abaixo, bem, não exatamente abaixo, tentando os destinos. E havia uma probabilidade de vinte a zero que não houvesse realmente nenhum segredo a respeito disso. No entanto, sem chegar às *minutiae* do negócio, permanecia o fato eloqüente de que o mar estava ali em toda a sua glória e no curso natural das coisas alguém ou outrem tinha que navegar nele e desobedecer abertamente à providência embora isso apenas demonstrasse como as pessoas geralmente planejavam sobrecarregar o próximo com esse tipo de ônus como a idéia do inferno e da loteria e seguro que decorriam em direções exatamente as mesmas de modo que por essa exata razão se não por outra o salva-vidas Sunday era uma instituição altamente louvável à qual o público em geral, morando na ilha ou à beira-mar, como qualquer que fosse o caso, a coisa explicada a eles dessa maneira devesse estender sua gratidão também aos oficiais encarregados do porto e ao serviço da guarda costeira que tinham que pegar as cordas e avançar em meio aos elementos qualquer que fosse a estação quando convocados pelo dever *a Irlanda espera que cada homem* e assim por diante e às vezes passavam por momentos terríveis no inverno sem esquecer os faróis irlandeses, Kish e outros, capazes de soçobrar a qualquer momento, que ele com sua filha passando à volta experimentaram um notável tempo instável, para não dizer, tempestuoso.

– Houve um camarada que navegou comigo no *Rover*, o velho lobo-do-mar, ele mesmo um bucaneiro – prosseguiu – foi para a terra e ingressou num emprego suave como criado pessoal de um cavalheiro a seis libras por mês. Estas são as calças dele que estou vestindo e ele me deu uma roupa impermeável e essa faca de mola. Estou disposto a um emprego desses, fazer a barba e me arrumar. Detesto vagar. Existe meu filho agora, Danny, que partiu para o mar e sua mãe queria que ele trabalhasse para um negociante de fazenda em Cork em que poderia conseguir dinheiro fácil.

– Que idade ele tem? – indagou um ouvinte que, por sinal, visto de lado, tinha uma semelhança distante com Henry Campbell, o arquivista da câmara municipal, afastado dos encargos opressivos do escritório, sujo naturalmente e com um traje andrajoso e uma forte

suspeita de alcoolismo em seu apêndice nasal.

– Ora – respondeu o marinheiro com uma lenta expressão embaraçada –, meu filho, Danny? Ele deve estar com uns dezoito anos agora, segundo posso imaginar.

Imediatamente o pai cidadão de Skibbereen abriu rasgando com as duas mãos sua camisa cinza ou suja e coçou seu peito no qual podia ser vista uma imagem tatuada com tinta azul chinesa que tinha intenção de representar uma âncora.

– Havia piolhos naquele catre em Bridgewater – observou ele – tão certo quanto dois e dois são quatro, eu preciso tomar um banho amanhã ou no dia seguinte. É a estes caras pretos que eu faço objeção. Detesto esses malandros. Sugam seu sangue até secar, eles faz.

Vendo que eles todos estavam olhando para o seu peito ele obsequiosamente abriu mais sua camisa de modo que acima do venerável símbolo da esperança e do repouso do marinheiro eles pudessem ter uma visão total do número 16 e de um rosto de perfil um tanto carrancudo de um jovem.

– Tatuagem – explicou o exibicionista. – Isso foi feito quando estávamos parados sem vento ao largo de Odessa no mar Negro sob o capitão Delton. Um camarada, de nome Antonio, fez isso. Ali está ele próprio, um grego.

– Doeu muito fazer isso? – alguém perguntou ao marinheiro.

Esse indivíduo, no entanto, estava muito ocupado recolhendo à volta o. De alguma forma em seu. Esmagando ou.

– Olhe aqui – disse ele, mostrando Antonio. – Ali ele está amaldiçoando o imediato. E aqui está ele agora – acrescentou – o mesmo camarada, puxando a pele com seus dedos, algum truque especial evidentemente, e ele rindo com uma anedota.

E na realidade o rosto lívido do jovem chamado Antonio tinha a aparência de estar com um sorriso forçado e o efeito curioso excitava a admiração sem reserva de todo mundo inclusive Pele-de-Cabra, que desta vez se estirou para ver.

– Sim, sim – suspirou o marinheiro, baixando os olhos sobre seu peito viril. – Ele também se foi. Comido depois por tubarões. Ai, ai.

Ele soltou a pele de modo que o perfil retomou a expressão normal de antes.

– Servicinho limpo – disse um estivador.

– E para que o número? – inquiriu o segundo vagabundo.

– Comido vivo? – perguntou um terceiro ao marinheiro.

– Sim, sim – suspirou novamente o último personagem, mais alegremente desta vez com uma espécie de meio sorriso de pequena duração somente na direção do perguntador sobre o número. – Comido. Um grego ele era.

E então ele acrescentou com um certo humor de malfeitor considerando seu alegado fim:

– *Tão ruim quanto o velho Antonio*

*Que me deixou sem niguemnio.*

O rosto vidrado e desfigurado de uma prostituta por baixo de um chapéu de palha preto perscrutou furtivamente em torno da porta do abrigo obviamente explorando por sua conta com o objetivo de obter algo mais proveitoso para si. O Sr. Bloom, mal sabendo para que lado olhar, virou em direção contrária naquele momento agitado mas aparentemente



calmo, e, pegando da mesa a folha rosa do órgão de Abbey Street que o cocheiro, se tal ele fosse, tinha deixado de lado, ele a apanhou e olhou para o rosa do jornal embora por que rosa. Seu motivo para fazer isso foi que ele reconheceu no momento em torno da porta o mesmo rosto que ele tinha vislumbrado naquela tarde no cais de Ormond, a mulher meio idiótica, isto é, da ruela que conhecia a senhora de costume marrom que estava com você (Sra. B.) e rogou-lhe a chance de lavar sua roupa. Também por que lavar o que parecia um tanto vago, sua roupa. Ainda assim a honestidade o compelia a admitir que ele tinha lavado as roupas íntimas de sua mulher quando sujas em Holles Street e as mulheres fariam e faziam o mesmo com as roupas semelhantes de um homem que traziam as iniciais marcadas a tinta de Bewley e Draper (as dela eram, isto é) se realmente o amassem, bem entendido, me ame, ame minha camisa suja. Ainda assim justamente então, em estado de suspense, ele desejava o quarto da mulher mais do que sua companhia assim teve um sentimento genuíno de alívio quando o encarregado fez um sinal violento para que ela caísse fora. Pelo lado do *Evening Telegraph* ele só vislumbrou o rosto dela em torno da porta com uma espécie de sorriso vítreo demente demonstrando que não estava exatamente toda ali, observando com evidente diversão o grupo de observadores em volta do peito do capitão do mar Murphy e em seguida não houve mais sinal dela.

– A mendiga-prostituta – disse o encarregado.

– O que me invoca – confiou o Sr. Bloom a Stephen, falando do ponto de vista médico – é como uma criatura desgraçada como essa do hospital Lock exalando mau cheiro de doença pode ter bastante descaramento de solicitar freguês ou como qualquer homem em seu juízo perfeito, se ele dá o mínimo valor à sua saúde. Criatura infeliz! Naturalmente suponho que algum homem é em última análise responsável por seu estado. Contudo não importa qual seja a causa de...

Stephen não a tinha notado e sacudiu os ombros, observando apenas:

– Neste país as pessoas vendem muito mais do que ela jamais teve e fazem um comércio ensurdecido. Não tema aquelas que vendem o corpo mas não têm poder de comprar a alma. Ela é uma má comerciante. Compra caro e vende barato.

O homem mais velho, embora não sendo de forma alguma uma velha solteirona ou um pudico, disse que não deixava de ser um escândalo gritante que tinha que ter um paradeiro *instante* dizer-se que mulheres desta espécie (bem longe de qualquer melindre pudico sobre o assunto), um mal necessário, não eram licenciadas e medicamente examinadas por autoridades adequadas, uma coisa, ele podia verdadeiramente afirmar, ele, como um *paterfamilias*, era um advogado resolutivo dessa medida desde o início. Quem quer que embarcasse num programa desse tipo, disse ele, e ventilasse o assunto da maneira mais completa possível proporcionaria um benefício duradouro a todos os interessados.

– Você como um bom católico – observou ele, falando de corpo e alma – acredita na alma. Ou você quer dizer a inteligência, o poder do cérebro como tal, como distinta de qualquer objeto exterior, a mesa, digamos, essa xícara. Eu mesmo acredito nisso porque foi explicado por homens competentes como circunvoluções da massa cinzenta. De outro modo não teríamos nunca invenções tais como os raios X, por exemplo. Acredita?

Assim encurralado, Stephen teve que fazer um esforço sobre-humano de memória para

tentar se concentrar e se lembrar antes de poder dizer:

– Foi-me dito com a maior autoridade que é uma substância simples e por conseguinte incorruptível. Seria imortal, entendo, a não ser pela possibilidade de sua anulação pela Primeira Causa Que, de tudo que ouvi falar, é bem capaz de ser acrescentada à soma de Suas outras brincadeiras, *corruptio per se* e *corruptio per accidens* ambas sendo excluídas pelo protocolo da corte celestial.

O Sr. Bloom concordou plenamente em geral com o ponto principal deste pensamento a sutileza mística envolvida estava um pouco fora de sua profundidade sublunar ainda assim ele se sentia fadado a entrar com uma ação legal a título de uma réplica simples, prontamente observando:

– Simples? Eu não diria que essa seria a palavra apropriada. Naturalmente, admito, para conceder um ponto, uma vez na vida outra na morte você se depara com uma alma simples. Mas a conclusão a que anseio chegar é a de que é uma coisa por exemplo inventar aqueles raios que Röntgen inventou ou o telescópio como Edison fez, embora eu creia que foi antes do seu tempo que Galileu foi o homem, quero dizer, e o mesmo se aplica às leis, por exemplo, de um fenômeno natural de maior alcance tal como a eletricidade mas são outros quinhentos dizer que você acredita na existência de um Deus sobrenatural.

– Ó isso – protestou Stephen – tem sido provado conclusivamente por muitas das mais conhecidas passagens de Sagrada Escritura, deixando de lado a evidência circunstancial.

Neste ponto intrincado no entanto os pontos de vista do par, pólos à parte em que ambos se encontravam em instrução e tudo mais com a marcante diferença de suas respectivas idades, se chocavam.

– Tem sido? – objetou o mais experiente dos dois, agarrando-se ao seu ponto de vista original com um sorriso de descrença. – Não tenho tanta certeza assim. Isso é uma questão da opinião de cada um, sem arrastar para o lado sectário do negócio, rogo discordar aí de você *in toto*. Minha crença é, para lhe dizer a cândida verdade, que essas passagens foram invenções genuínas todas elas introduzidas muito provavelmente por monges ou é a grande questão de nosso poeta nacional novamente, quem precisamente as escreveu como *Hamlet* e Bacon, como, você que conhece seu Shakespeare infinitamente melhor do que eu, naturalmente não preciso lhe dizer. Por falar nisso, você não pode beber esse café? Deixe-me mexê-lo. E coma um pedaço desse pãozinho. É como um dos tijolos disfarçados do nosso capitão do mar. Ainda assim ninguém pode dar aquilo que não tem. Experimente um pedaço.

– Não poderia – Stephen deu um jeito de sair dessa, seus órgãos mentais naquele momento se recusando a exigir mais.

A mania de criticar sendo proverbialmente uma ocupação condenável o Sr. Bloom achou bom mexer o café ou procurar o açúcar grumoso do fundo da xícara e refletiu com algo próximo à aspereza no Coffee Palace com seu trabalho (lucrativo) de temperança. Certamente era um objetivo legítimo e além de sim ou não desempenhava um mundo de coisas boas, abrigos como o presente em que se encontravam funcionando em linhas abstêmias para os andarilhos à noite, concertos, representações dramáticas e conferências proveitosas (entrada grátis) por homens qualificados para as classes inferiores. Por outro lado ele tinha uma lembrança distinta e penosa de que tinham pago a sua mulher, Madame Marion Tweedy que

havia se associado proeminentemente a eles certa vez, uma remuneração muito modesta para tocar piano. A idéia, ele estava firmemente inclinado a acreditar, era a de fazer o bem e obter um lucro líquido, não se cogitando de nenhuma competição. Sulfato de cobre veneno SO, ou coisa semelhante em algumas ervilhas secas ele se lembrava ter lido numa taberna barata em algum lugar mas não podia se lembrar quando fora ou onde. De qualquer forma inspeção, inspeção médica, de todos os comestíveis lhe parecia mais do que nunca necessária o que era possivelmente responsável pela moda do Vi-Cocoa do Dr. Tibble devido à análise médica envolvida.

– Dê um gole dele agora – aventurou-se a dizer sobre o café depois de mexido.

Assim persuadido de qualquer maneira a prová-lo Stephen ergueu a xícara pesada da poça marrom que sapateou para fora quando elevada pela asa e deu um gole da bebida ofensiva.

– Todavia é um alimento sólido – insistiu seu bom conselheiro –, eu sou um defensor obstinado do alimento sólido, sua única e exclusiva razão sendo nem um pouco uma gulodice mas uma refeição regular como o *sine qua non* para qualquer tipo de trabalho adequado, mental ou manual. Você deveria comer mais alimentos sólidos. Você se sentiria um outro homem.

– Líquido eu posso tomar – disse Stephen. – Mas Ó, faça-me o favor de tirar daí essa faca. Não posso olhar para a ponta dela. Ela me lembra a história romana.

O Sr. Bloom fez prontamente o sugerido e removeu o objeto incriminado, uma faca cega comum de cabodechifre sem nada particularmente romano ou antigo em si ao olhar de um leigo, observando que a ponta era a ponta menos proeminente possível.

– As histórias de nosso amigo mútuo são como ele – observou o Sr. Bloom *apropos* de facas para o seu *confidante sotto voce*. – Você acha que elas são genuínas? Ele podia contar essas lorotas horas infundáveis a noite toda e mentir tremendamente. Olha para ele.

No entanto embora seus olhos estivessem inchados de sono e a vida no mar fosse cheia de uma porção de coisas e coincidências de natureza terrível e estava bem nos limites da possibilidade não ser uma inteira invenção apesar de que à primeira impressão não havia nenhuma probabilidade inerente em toda a lábria que saía do seu peito de um evangelho exato.

Ele tivera nesse meio-tempo examinado com interesse o indivíduo à sua frente e o observado à Sherlock Holmes desde que batera com os olhos nele. Embora um homem bem conservado de bastante vigor, se ligeiramente propenso à calvície, havia alguma coisa espúria na sua aparência pessoal que sugeria que tivesse saído da prisão e não era necessário nenhum excesso de imaginação para associar um espécime tão excêntrico com aprisionamento. Ele podia até ter feito o serviço para o seu homem supondo que fosse seu próprio caso que tivesse contado, como as pessoas muitas vezes faziam sobre as outras, a saber, que ele o matara ele mesmo e cumprira pena durante quatro ou cinco de seus belos anos num encarceramento vergonhoso para não dizer nada do personagem Antonio (nenhuma relação com o personagem dramático de nome idêntico que surgiu da pena de nosso poeta nacional) que expiou seus crimes na maneira melodramática acima descrita. Por outro lado ele podia estar apenas blefando, uma fraqueza perdoável devido ao encontro inconfundível com simplórios, residentes de Dublin, como esses cocheiros aguardando notícias do exterior que tentariam um

antigo marinheiro que navegou por oceanos e mares para contar uma história incrível sobre a escuna *Hesperus* etcetera. E quando tudo foi dito e feito as mentiras que um homem contasse sobre si mesmo provavelmente não poderiam ser comparadas às indiscriminadas grossas mentiras que outros homens inventassem sobre ele.

– Note bem, não estou dizendo que tudo seja pura invenção – prosseguiu. – Cenas análogas são deparadas ocasionalmente, ainda que não o sejam freqüentemente. Gigantes, embora seja coisa distante, a gente vê de vez em quando, Marcella a rainha anã. Naqueles trabalhos de cera em Henry Street eu mesmo vi alguns astecas, como são chamados, sentados com as pernas arqueadas, eles não podiam endireitar as pernas mesmo que fossem pagos para tanto porque os músculos aqui, entende – prosseguiu, indicando em seu companheiro o breve contorno dos tendões ou como quer que fossem chamados atrás do joelho direito –, estavam totalmente desprovidos de força pelo fato de sentarem desse modo por tanto tempo comprimidos, sendo adorados como deuses. Aí está novamente um exemplo de almas simples.

No entanto revertendo para o amigo Simbá e suas aventuras terrificantes (que lhe lembravam um pouco Ludwig, *alias* Ledwidge, quando ele ocupou os cartazes do Gaiety quando Michael Gunn foi identificado com a direção no *Flying Dutchman*, um sucesso estupendo, e sua multidão de admiradores vinha em bandos, cada um simplesmente afluindo para ouvi-lo embora navios de qualquer tipo, espectro ou o oposto, no palco usualmente fossem um fracasso como também os trens o eram) não havia nada intrinsecamente incompatível acerca dele, concedeu ele. Ao contrário aquela punhalada nas costas estava bem de acordo com aqueles italianos embora candidamente ele tivesse a liberdade de admitir que esses fazedores de sorvete e de peixes fritos sem mencionar a variedade de batatas palha e assim por diante na pequena Itália daqui perto de Coombe eram sóbrios e econômicos trabalhadores apesar de talvez um pouco dados demais à caça noturna do inofensivo e necessário animal do gênero felino por persuasão de outros à noite a fim de ter uma boa e succulenta refeição com alho *de rigueur* ele ou ela no dia seguinte sossegadamente e, acrescentou, com pouca despesa.

– Os espanhóis, por exemplo – continuou –, de temperamentos apaixonados daquele jeito, impetuosos como o Velho Nick, são dados a fazer justiça por suas próprias mãos e causar rapidamente a morte de alguém com esses punhais que trazem em seu ventre. Isso é proveniente do calor intenso, geralmente do clima. Minha mulher é, por assim dizer, espanhola, isto é, meio espanhola. Na verdade ela poderia realmente reivindicar nacionalidade espanhola se quisesse, tendo nascido (tecnicamente) na Espanha, isto é, Gibraltar. Ela tem um tipo espanhol. Bem escura, uma verdadeira morena, preta. Eu por minha parte acredito certamente que o clima é responsável pelo temperamento. Essa é a razão pela qual eu lhe perguntei se você escrevia seus poemas em italiano.

– Os temperamentos ali na porta – interpôs Stephen – estavam muito apaixonados a respeito de dez shillings. *Roberto ruba roba sua*.

– Certamente – duplicou o Sr. Bloom.

– Então – disse Stephen fitando e divagando consigo mesmo ou com algum ouvinte desconhecido em algum lugar – temos a impetuosidade de Dante e o triângulo isósceles senhorita Portinari por quem ele se apaixonou e Leonardo e são Tommaso Mastino.

– Está no sangue – acedeu imediatamente o Sr. Bloom. – Todos são lavados no sangue do sol. Por coincidência aconteceu eu estar no museu de Kildare Street hoje, logo antes do nosso encontro se assim posso chamá-lo, e eu estava exatamente olhando as estátuas antigas ali. As proporções esplêndidas dos quadris, seios. Nós simplesmente não nos confrontamos com esse tipo de mulheres aqui. Salvo uma exceção aqui e ali. Belas sim, bonitas de certa forma a gente encontra mas do que estou falando é da forma feminina. Além do mais elas têm tão pouco gosto ao se vestir, a maior parte delas, o que realça enormemente a beleza natural de uma mulher, não importa o que se possa dizer. Meias dobradas, pode ser, possivelmente é, um fraco que tenho mas apesar disso é uma coisa que simplesmente detesto ver.

O interesse no assunto, no entanto, estava começando a murchar de uma certa forma e então os outros começaram a falar sobre acidentes no mar, navios perdidos no nevoeiro, colisões com *icebergs*, toda essa sorte de coisas. Navioi naturalmente tinha algo a dizer por conta própria. Ele tinha dobrado o cabo algumas vezes e enfrentado uma monção, uma espécie de vento, nos mares da China e através de todos esses perigos do mar havia uma coisa, declarou ele, que o tinha amparado ou palavras nesse sentido, uma medalha piedosa que ele tinha que o salvava.

De modo que depois disso eles vagaram para o naufrágio do rochedo de Daunt, naufrágio daquele infeliz barco norueguês de que ninguém cogitava o nome naquele momento até que o cocheiro que tinha realmente a aparência de Henry Campbell lembrou ser *Palme* em Booterstown Strand. Esse era o assunto da cidade naquele ano (Albert William Quill escreveu um lindo verso original de grande mérito sobre o tópico para o *Irish Times*), ondas de arrebentação o inundando e multidões e multidões na praia em grande agitação petrificadas de horror. Então alguém disse alguma coisa sobre o caso do navio a vapor *Lady Cairns* de Swansea abalroado pelo *Mona* que estava na direção oposta perdido num tempo opressivamente quente e úmido com toda a tripulação a bordo. Nenhuma ajuda foi dada. Seu capitão, o de *Mona*, disse que tinha receio que seu anteparo de colisão cedesse. O navio não tinha água alguma, parece, em seu porão.

Nesta altura ocorreu um incidente. Tendo-se tornado necessário para ele desfraldar uma vela o marinheiro desocupou seu assento.

– Deixe-me fazer ao largo companheiro – disse ao seu vizinho que estava justamente se entregando gentilmente a uma soneca tranqüila.

Ele deu o fora pesadamente, lentamente com uma espécie de andar abatido até a porta, desceu pesadamente um degrau que havia na saída do abrigo e se encaminhou para a esquerda. Enquanto estava se orientando o Sr. Bloom que notou quando ele se levantou que havia dois frascos presumivelmente de rum do navio apontando em cada um de seus bolsos para o consumo particular de seu ardente interior, o viu exhibir uma garrafa e desarrolhá-la ou desatarraxá-la e levando seu bocal aos lábios, dar um bom trago deleitante nela com um ruído gorgolejante. O irreprimível Bloom, que também tinha uma arguta suspeita de que o velho ator saía numa manobra atrás da atração oposta sob a forma de uma mulher que contudo tinha praticamente desaparecido, pôde se esforçando percebê-lo, quando devidamente revigorado por seu brilhante feito no barril de rum, olhando boquiaberto para os quebra-mares e vigas da Loop Line um tanto desnorteado visto que naturalmente tudo estava radicalmente alterado e

grandemente melhorado desde sua última visita. Uma certa pessoa ou pessoas invisíveis o encaminharam para o mictório erigido no local pelo comitê de limpeza para aquela finalidade mas depois de um breve espaço de tempo durante o qual reinou um silêncio absoluto o marinheiro, mantendo-se evidentemente afastado, se aliviou nas proximidades ao seu alcance, o barulho de sua água imunda acumulada por algum tempo esguichando no chão aparentemente despertou um cavalo do ponto de carros. Uma pata escavou de qualquer jeito para encontrar um novo apoio depois do sono e os arreios tilintaram. Ligeiramente perturbado em sua guarita junto ao braseiro de coque em brasas o vigia da corporação que, embora agora prostrado e prestes a suspender as atividades, não era outro senão na dura realidade o previamente mencionado Gumley, agora vivendo praticamente à custa das taxas da paróquia, o emprego temporário tendo sido dado com toda probabilidade humana por princípios humanitários por Pat Tobin que o tinha conhecido antes mexeu-se de um lado para o outro na sua guarita até ajeitar novamente os membros nos braços de Morfeu, uma verdadeiramente espantosa conjugação de durezas impostas em sua forma mais virulenta a um homem muito respeitável ligado e familiarizado a vida toda com o conforto de uma família decente que em certa ocasião veio a ter uma renda líquida de 100 libras anuais que naturalmente o duplo asno desperdiçou. E ali estava ele no limite de suas forças sem um miserável vintém depois de ter pintado o sete na cidade. É inútil dizer que ele bebia e mais uma vez era possível salientar a conclusão moral de que ele poderia estar bem facilmente num grande negócio se – um grande se, contudo – ele tivesse conseguido se curar de sua particular predileção.

Nesse ínterim todos estavam lamentando em alta voz a queda da frota mercante irlandesa, costeira e também externa, o que era parte integrante da mesma coisa. Um barco Palgrave Murphy tinha largado da bacia Alexandra, o único lançamento à água daquele ano. Verdade seja dita os portos estavam ali só que nenhum navio jamais aparecia.

Havia naufrágios e naufragados, disse o encarregado, que estava evidentemente *au fait*.

O que ele gostaria de indagar era por que aquele navio bateu com estrondo no único rochedo da baía de Galway quando o esquema do porto de Galway era debatido por um Sr. Worthington ou um nome parecido, hein? Perguntem ao capitão de então, ele os aconselhou, quanto azeite de dendê o governo britânico lhe deu por esse dia de trabalho, capitão John Lever da Lever Line.

– Estou certo, capitão? – indagou do marinheiro, agora de volta depois de sua bebida particular e do resto de seus esforços.

Aquele homem digno pegou o rastro da sobra da canção ou as palavras resmungadas no que seria música mas com grande vigor uma espécie de canção náutica ou outra em segundas ou terceiras. Os ouvidos afiados do Sr. Bloom ouviram-no expectorar a rolha provavelmente (que ela era) de modo que ele devia tê-la abrigado temporariamente em seu punho enquanto se entregava às suas bebidas e urinava e achou-a um tanto azeda depois do líquido inflamável em questão. Em todo caso entrou rolando depois de sua bem-sucedida libação-*cum*-bebericação, introduzindo uma atmosfera de bebida na *soirée*, cantando ruidosamente, como um verdadeiro filhodamãe:

– *Os biscoitos estava duro como o ouro*

*E salgado como da mulher de Lot o traseiro.*

*Ó, Johnny Lever!*

*Johnny Lever, Ó!*

Depois desta efusão o temível espécime chegou devidamente à cena e retomando seu assento afundou mais do que se sentou pesadamente na forma destinada a este fim. Pele-de-Cabra, assumindo-se que fosse ele, com um interesse pessoal, estava propalando seus dissabores num ataque amargo forçosamente fraco acerca dos recursos naturais da Irlanda ou coisa no gênero que ele descreveu em sua longa dissertação como o país mais rico excluindo nenhum da superfície desta terra de Deus, muitíssimo superior à Inglaterra, com carvão em grande quantidade, seis milhões de quilos de porco exportado todo ano, dez milhões entre manteiga e ovos e todas as riquezas retiradas dela até a última gota pelas taxas arrecadadas pela Inglaterra do povo pobre que era sempre sobrecarregado e comendo vorazmente e com muito mais vigor a melhor carne no mercado e muito mais energia extra com a mesma disposição. A conversa tornou-se conseqüentemente geral e todos concordaram que isso era um fato. Você podia plantar qualquer coisa mortal no solo irlandês, declarou ele, e haveria sempre aquele coronel Everard ali em Navan plantando tabaco. Onde é que poderia ser encontrado um toucinho igual ao irlandês? Mas o dia do acerto de contas, declarou *crescendo* sem incerteza na voz, monopolizando totalmente a conversa, estava reservado à poderosa Inglaterra devido a seus crimes, apesar de todo seu poder monetário. Haveria uma queda e a maior queda da história. Os alemães e os japoneses teriam sua chance de sucesso, afirmou ele. Os bôeres eram o começo do fim. A Inglaterra de Birmingham já estava ruindo e sua derrocada seria a Irlanda, seu calcanhar-de-aquiles, ele lhes explicou sobre o ponto vulnerável de Aquiles, o herói grego, um ponto imediatamente percebido pelos seus auditores enquanto ele prendia a atenção deles mostrando em sua bota o tendão mencionado. Seu conselho a todos os irlandeses era: fiquem na terra de seu nascimento e trabalhem pela Irlanda e vivam para a Irlanda. A Irlanda, disse Parnell, não podia dispensar nenhum de seus filhos.

O silêncio a toda a volta marcou o término de sua *finale*. O impenetrável navegante ouviu estas novidades sensacionais, impávido.

– Tome um pouco disso, patrão – revidou aquele diamante bruto obviamente um tanto contrariado em resposta ao truísmo anterior.

Com esta ducha fria referente à derrocada e assim por diante o encarregado concordou mas manteve contudo seu principal ponto de vista.

– Quem é as melhores tropas do exército? – interrogou iradamente o velho encanecido veterano. – E os melhores saltadores e corredores? E os melhores almirantes e generais que temos? Digam-me.

– São os irlandeses, de preferência – retrucou o cocheiro como Campbell – imperfeições faciais à parte.

– É isso aí – corroborou o velho marinheiro. – O camponês católico irlandês. Ele é a espinha dorsal do nosso império. Vocês conhecem Jem Mullins?

Embora lhe concedendo o direito à opinião individual como homem comum o encarregado acrescentou que não dava a mínima para qualquer império que fosse, nosso ou dele, e não considerava capaz ou eficiente nenhum irlandês que o servisse. Então eles

começaram a trocar algumas palavras irascíveis e quando a raiva esquentou mais, ambos, é inútil dizer, apelaram para os presentes que acompanhavam com interesse a luta desde que eles não partissem para recriminações e viessem a trocar golpes.

Por dentro da informação que se estendia por uma série de anos o Sr. Bloom estava bastante inclinado a fazer pouco da sugestão como um notável contra-senso pois, até que a consumação fosse desejada ou não, ele estava perfeitamente ciente do fato de que seus vizinhos do outro lado do canal, a menos que fossem muito mais tolos do que ele o achasse, escondiam mais sua força do que seus opositores. Equivalia à idéia quixotesca de certos grupos de que dentro de uns cem milhões de anos o veio carbonífero da ilha irmã se esgotaria e se, com o passar dos anos, isso viesse a ser como as coisas iam parar tudo que ele podia pessoalmente dizer sobre o assunto era que um grande número de contingências, igualmente relevantes para esta finalidade, podiam ocorrer antes dessa ocasião era altamente aconselhável nesse ínterim ambos os países tentarem aproveitar o máximo mesmo se encontrando em pólos opostos. Um outro pequeno ponto interessante, as aventuras amorosas de prostitutas e imigrantes, pondo isso num jargão comum, lhe lembrava que soldados irlandeses tinham freqüentemente lutado tanto pela Inglaterra como contra ela, mais neste caso, na verdade. E agora, por quê? Assim a cena entre o par deles, o licenciado do local que se dizia ser ou ter sido Fitzharris, o famoso invencível, e o outro, obviamente fictício, lembravam-lhe forçosamente como estando de acordo com o conto do vigário, supondo-se, isto é, que estivesse planejado como o mero espectador, um estudante da alma humana se tanto o fosse, os outros percebendo o mínimo da jogada. E quanto ao locatário ou encarregado, que provavelmente não era de forma alguma a outra pessoa, ele (B.) não podia deixar de sentir e muito apropriadamente que era melhor dar a pessoas desse tipo o muçurango a menos que você seja totalmente um consumado idiota e recuse ter alguma coisa a ver com eles como uma regra preciosa na vida particular e seu cenário crime, havendo sempre a probabilidade de um Danny se apresentar e se tornar agora a evidência da rainha ou do rei como Denis ou Peter Carey, uma idéia que ele repudiava completamente. Bem diferentemente disso ele não gostava por princípio dessas carreiras de erros e crimes. Contudo, embora tais propensões criminosas não tivessem nunca sido uma coisa inata em seu íntimo de qualquer forma ou sentido, ele certamente sentia e não o negava (enquanto permanecia intimamente o que era) um certo tipo de admiração por um homem que tivesse realmente brandido uma faca, de aço frio, com coragem por convicções políticas (apesar de que ele, pessoalmente, nunca faria parte de tal coisa) da mesma farinha que aquelas *vendettas* amorosas do sul, que eu a tenha ou seja enforcado por ela, quando o marido freqüentemente, depois de algumas palavras trocadas entre os dois dizendo respeito às relações com o outro feliz mortal (ele tendo tido o par vigiado), infligiu danos fatais em sua adorada em consequência de uma *liaison* alternativa pós-nupcial enterrando a faca nela, até que ele se deu conta que esse Fitz, apelidado Pele-de, apenas dirigiu o carro dos verdadeiros perpetradores do ultraje e assim não era, se ele tivesse sido confiavelmente informado, realmente um membro da emboscada que, de fato, foi a alegação com a qual um luminar das leis lhe salvou a pele. Em todo caso isso era agora uma história muito antiga e quanto ao nosso amigo, o pseudo Pele-de-etcetera, ele tinha transparentemente sobrevivido à boa acolhida. Ele devia ter morrido naturalmente ou



pendurado na forca. Como atrizes, sempre na despedida da última performance então vêm sorrindo mais uma vez. Generoso ao extremo naturalmente, temperamental, sem economizar ou qualquer coisa no gênero, sempre tentando agarrar o osso pela sombra. Assim semelhantemente ele astuciosamente suspeitava que o Sr. Johnny Lever ficou livre de algumas libras shillings pence no percurso de suas perambulações em volta das docas na atmosfera apropriada da taverna *Old Ireland*, voltaria para Erin e assim por diante. Então quanto ao outro ele ouvira não muito tempo atrás a mesma idêntica linguagem como a que ele usou para Stephen de como ele simplesmente mas efetivamente tinha silenciado o ofensor.

– Ele se ofendeu com alguma coisa ou outra que eu deixei escapar – declarou aquela pessoa muitomagoada mas no todo equilibrada. – Ele me chamou de judeu de uma maneira ofensivamente acalorada. Então sem me desviar nem um pouco de simples fatos eu lhe disse que o seu Deus, quero dizer Cristo, também era um judeu como eu assim como toda a sua família embora eu na realidade não seja. Essa foi uma vitória sobre ele. Uma resposta branda afasta a cólera. Ele não encontrou uma palavra para se defender como todo mundo viu. Não estou certo?

Ele lançou sobre Stephen um longo olhar intenso de você está enganado de um orgulho timorato e sombrio à suave acusação com um vislumbre também de súplica pois ele parecia perceber de uma certa forma que tudo não era exatamente.

– *Ex quibus* – murmurou Stephen com uma entonação evasiva, seus dois ou quatro olhos convergindo – *Christus* ou Bloom seu nome ou qualquer outro é afinal de contas, *secundum carnem*.

– Naturalmente – continuou o Sr. Bloom a estipular – é preciso considerar os dois lados da questão. É difícil estabelecer regras severas e rápidas quanto ao certo e ao errado mas há lugar para uma melhora em toda parte certamente embora todo país, dizem, nosso próprio infeliz país inclusive, tem o governo que merece. Mas com um pouco de boa vontade por toda parte. Tudo bem que as pessoas se vangloriem de mútua superioridade mas e quanto à mútua igualdade. Fico indignado com a violência e a intolerância de qualquer forma ou feitio. Nunca chega a nada ou impede nada. Uma revolução deve provir de um plano de prestações atribuíveis. É um absurdo patente à primeira vista odiar as pessoas porque elas moram na esquina e falam um outro vernáculo, na casa ao lado por assim dizer.

– Memorável batalha sangrenta da ponte e guerra de sete minutos – assentiu Stephen – entre a Skinner's Alley e o mercado Ormond.

Sim, concordou plenamente o Sr. Bloom, endossando inteiramente a observação, isso era esmagadoramente certo. E o mundo todo estava cheio desse tipo de coisa.

– Você simplesmente tirou as palavras da minha boca – disse ele. – Uma embromação de evidências conflitantes que não se poderia candidamente remotamente...

Todas essas desgraçadas disputas, em sua humilde opinião, inspirando entusiasmo negativo, de alguma faculdade de combatividade ou glândula de algum tipo, erroneamente atribuído a um ponto de honra delicado e a uma bandeira, eram grandemente uma questão de dinheiro que existia por trás de tudo cobiça e ciúme, as pessoas nunca sabendo quando parar.

– Eles acusam – observou audivelmente.

Ele se virou em direção contrária aos outros que provavelmente e falou mais perto de,

de modo a que os outros no caso de.

– Judeus – comunicou ele num aparte no ouvido de Stephen – são acusados de destruir. Nenhum vestígio de verdade nisso, posso seguramente dizer. A história, você ficaria surpreso em saber, prova de maneira cabal que a Espanha decaiu quando a inquisição caçou os judeus e que a Inglaterra prosperou quando Cromwell, um rufião excepcionalmente habilidoso que sob outros aspectos tem muitas contas a dar, os importou. Por quê? Porque eles estão imbuídos de um espírito adequado. Eles são práticos e provaram ser assim. Não quero favorecer nenhum porque você conhece as obras padrão sobre o assunto e além disso ortodoxo como você é. Mas no domínio econômico, sem tocar na religião, o padre implica pobreza. A Espanha novamente, você viu na guerra, comparada com a América progressista. Turcos. Está no dogma. Porque se eles não acreditassem que iriam direto para o céu quando morressem eles tentariam viver melhor, ao menos assim o penso. Esse é o malabarismo com o qual o padre paroquial arranja dinheiro sob falsos pretextos. Eu sou – retomou ele com força dramática – um tão bom irlandês quanto aquela pessoa grosseira de que lhe falei no início e quero ver todo mundo – concluiu –, todos os credos e classes *pro rata* tendo uma renda confortável e apreciável de nenhuma maneira parcimoniosa, alguma coisa por volta de 300 libras por ano. Essa é a decisão vital em questão e é viável e seria provocadora de um intercâmbio mais amigável de homem a homem. Pelo menos essa é a minha idéia do que vale a pena. Chamo isso de patriotismo. *Ubi patria*, como aprendemos em noções breves em nossos dias clássicos em *Alma Mater, vita bene*. Onde você pode viver bem, o sentido é, se você trabalhar.

Sobre sua não provada apologia de uma xícara de café, escutando a sinopse de coisas em geral, Stephen fitou nada em particular. Ele podia, naturalmente, ouvir todas as sortes de sons mudando de cor como aqueles caranguejos de manhã em Ringsend se escondendo rapidamente em todas as cores dos diferentes tipos de areia em que tinham um lar em algum lugar abaixo ou pareciam ter. Então ergueu os olhos e viu os olhos que diziam ou não diziam as palavras que ele ouvia ditas, se você trabalhar.

– Deixe-me fora disso – logrou observar, querendo dizer trabalho.

Os olhos ficaram surpresos com esta observação porque como ele, a pessoa que os possuía *pro tempore* observou ou melhor sua voz falando o fez, todos devem, têm que trabalhar, juntos.

– Quero dizer, naturalmente – o outro se apressou em afirmar –, trabalho no sentido mais amplo possível. Igualmente labor literário não apenas pela glória da coisa. Escrevendo para os jornais que hoje em dia são os canais mais imediatos. Isso também é trabalho. Trabalho importante. Afinal de contas, do pouco que o conheço, depois de todo o dinheiro gasto com a sua educação você tem o direito de se ressarcir e comandar seu preço. Você tem o mesmíssimo direito de viver de sua pena em busca de sua filosofia quanto o tem um camponês. O quê? Vocês dois pertencem à Irlanda, o cérebro e o músculo. Cada um dos dois tem igual importância.

– Você suspeita – retorquiou Stephen com uma espécie de meio riso – que eu possa ser importante porque pertenço ao *faubourg Saint Patrice* chamado em resumo Irlanda.

– Eu daria um passo mais adiante – insinuou o Sr. Bloom.

– Mas eu suspeito – interrompeu Stephen – que a Irlanda deve ser importante porque me pertence.

– O que pertence – interrogou o Sr. Bloom, se inclinando imaginando que estivesse talvez sujeito a algum mal-entendido. – Perdoe-me. Infelizmente, não peguei a última parte. O que é que você...?

Stephen, patentemente contrariado, repetiu e empurrou para o lado sua caneca de café ou como você queira chamá-la de um jeito nada cortês, acrescentando:

– Não podemos mudar o país. Mudemos então de assunto.

A esta sugestão pertinente para mudar de assunto, o Sr. Bloom baixou os olhos mas num estado de perplexidade, pois ele não podia dizer exatamente em que construção colocar pertence que mais parecia ser um grito distante. Uma certa censura era mais clara do que a outra parte. Inútil dizer que a exaltação de sua orgia recente falava então com alguma aspereza de uma maneira curiosa e amarga estranha ao seu estado sóbrio. Provavelmente a vida familiar à qual o Sr. Bloom atribuía a maior importância não tinha sido tudo de que ele necessitava ou ele não se tinha familiarizado com o tipo certo de pessoas. Com uma sombra de medo pelo jovem ao seu lado que ele examinou furtivamente com um ar de certa consternação lembrando que ele acabara de regressar de Paris, os olhos mais especialmente o recordando forçosamente o pai e a irmã, deixando, no entanto, de lançar uma luz sobre o assunto, ele rememorou instâncias de homens cultos que tinham um futuro tão promissor destruídos bem cedo por uma decadência prematura sem que se pudesse acusar ninguém a não ser eles próprios. Por exemplo houve o caso de um O'Callaghan, o meiodoido novidadeiro, respeitavelmente relacionado embora com recursos inadequados, com suas loucas excentricidades entre outros atos alegres quando bêbado e se tornando inconveniente com todo mundo à volta com seu hábito de ostensivamente se exhibir em público com um terno de papel marrom (um fato). E então o usual *dénouement* depois de a brincadeira ter prosseguido ele se atirava rápido e furioso em água quente e tinha que ser arrebatado por alguns amigos, depois de uma forte advertência do inspetor John Mallon de Lower Castle Yard de modo a não se tornar responsável perante a seção dois do ato de emenda criminal, certos nomes daqueles intimados tendo sido entregues mas não divulgados por motivos que ocorrerão a qualquer um com um pinga de cabeça. Resumidamente, tirando conclusões, seis dezesseis aos quais ele claramente fez ouvidos de mercador, Antonio e assim por diante, jóqueis e estetas e a tatuagem que estava em plena moda nos anos setenta ou por volta deles até na Câmara dos Lordes porque cedo na vida o ocupante do trono, então herdeiro aparente, os outros membros da alta sociedade e outros altos personagens simplesmente seguiam os passos do chefe de Estado, ele refletiu a respeito dos erros das notoriedades e cabeças coroadas indo de encontro à moralidade como no caso Cornwall anos antes sob sua aparência de certa forma dificilmente intencionada pela natureza, uma coisa com a qual a boa Sra. Grundy, de acordo com a lei, estava terrivelmente de marcação embora não pelo motivo que eles pensavam que estavam quaisquer que fossem a não ser mulheres principalmente que estavam sempre enganando mais ou menos umas às outras tratando-se principalmente de uma questão de roupa e tudo o mais. Senhoras que gostam de roupas íntimas distintivas deveriam, e todo homem bem vestido deve, tentar estabelecer uma diferença maior entre elas por meio de indiretas e proporcionar um

incentivo genuíno a atos de impropriedade entre os dois, ela desabotoou a dele e então ele desamarrou a dela, cuidado com o alfinete, enquanto os selvagens nas ilhas canibais, digamos, a noventa graus à sombra não ligam nem um pingo. No entanto, revertendo ao original, havia por outro lado outros vindos do degrau mais baixo que tinham subido na vida por seus próprios esforços. Simples força de seu talento natural, isso. Com inteligência, senhor.

Por esta e razões ulteriores ele sentia que era de seu interesse e até seu dever esperar e aproveitar a ocasião inesperada embora por que ele não poderia dizer exatamente sendo como já eram vários shillings de débito tendo de fato se prejudicado. Ainda assim para cultivar o relacionamento com alguém de calibre invulgar que pudesse oferecer alimento para a reflexão compensaria amplamente alguns pequenos esforços. Estímulo intelectual, como tal, era, ele sentia, de tempos em tempos um tônico de primeira grandeza para a mente. Acrescida a isso havia a coincidência de encontro, discussão, dança, rixa, marinheiro experiente do tipo aqui hoje e longe amanhã, vadios da noite, toda a galáxia de acontecimentos, todos contribuía para formar um camafeu miniatura do mundo em que vivemos especialmente quando as vidas da classe pobre, a saber, mineiros, mergulhadores, garis etc., estavam sendo ultimamente vistas através de um microscópio. Para melhorar a hora cintilante ele se perguntava se ele poderia se deparar com alguma coisa semelhante à sorte do Sr. Philip Beaufoy se ao escrever suponhamos ele fosse descrever algo fora da rotina comum (como ele tencionava plenamente fazer) no valor de um guinéu por coluna. *Minha Experiência*, digamos, num *Abrigo de Cocheiros*.

A edição extra cor-de-rosa de esporte do *Telegraph* mentira explícita, como a sorte o desejaria, jazia ao lado de seu cotovelo e enquanto ele ponderava novamente, longe de satisfeito, sobre um país lhe pertencendo e sobre o rébus precedente a embarcação vinha de Bridgewater e o cartão-postal era dirigido a A. Boudin descobrir a idade do capitão, seus olhos se revisaram sem objetivo os respectivos cabeçalhos que diziam respeito ao seu especial departamento o todo abrangente dê-nos hoje nossa imprensa de cada dia. Primeiro ele levou um pequeno susto mas resultou ser apenas alguma coisa sobre alguém chamado H. du Boyes, vendedor de máquinas de escrever ou algo no gênero. Grande batalha, Tóquio. Namoro em irlandês, prejuízos de 200 libras. Gordon Bennett. Fraude em imigração. Carta de Sua Graça, William ✕. Programa de corridas de cavalo Ascot, o Grande Prêmio. Vitória do azarão *Jogarfora* lembra o Derby de 92 quando o cavalo preto *Sir Hugo* do Capt. Marshall obteve a faixa azul contra todas as expectativas. Desastre de Nova York. Milhares de vidas perdidas. Aftose. Enterro do falecido Sr. Patrick Dignam.

Então para mudar de assunto ele leu a respeito de Dignam R. I. P. que, ele refletiu, tudo menos uma alegre despedida. Ou de qualquer forma uma mudança de endereço. – *Esta manhã* (Hynes inseriu isso naturalmente) *os restos mortais do Sr. Patrick Dignam foram removidos de sua residência, no 9 Newbridge Avenue, Sandymount, para enterro em Glasnevin. O cavalheiro falecido era uma personalidade cordial e muito popular na vida da cidade e sua morte depois de uma doença breve foi um grande choque para os cidadãos de todas as classes que lastimaram muito sua perda. Suas exéquias, às quais compareceram muitos amigos do falecido, foram realizadas pelos* (certamente Hynes escreveu isso com uma cutucada de Corny) *Srs. H. J. O'Neill e Filho, 164 North Strand Road. Os pranteadores*

incluíam: Patk. Dignam (filho), Bernard Cirrugan (cunhado), Jno. Henry Menton, advogado, Martin Cunningham, John Power, .)eatondph 1/8 ador durador duradora (deve ser onde ele chamou Monks de registro dia sobre o anúncio do Chaves) Thomas Kernan, Simon Dedalus, Stephen Dedalus B. A., Edw. J. Lambert, Cornelius T. Kelleher, Joseph M'C Hynes, L. Boom, C. P. M'Coy, – Impermeal e vários outros.

Bastante irritado com o L. Boom (como incorretamente registrado) e a linha do tipo provocativo mas encantado ao máximo simultaneamente com C. P. M'Coy e Stephen Dedalus B. A. que eram notórios, desnecessário dizer, por sua total ausência (para não dizer nada de Impermeal). L. Boom mostrou-o ao seu companheiro B. A. ocupado em conter um outro bocejo, meio nervosismo, sem esquecer a safra usual de disparates absurdos de erros de impressão.

– Está incluída aquela primeira epístola aos hebreus? – perguntou ele quando o seu maxilar inferior o permitiu. – Texto: abre tua boca e mete os pés pelas mãos.

– Está sim. Realmente – disse o Sr. Bloom (embora a princípio imaginasse que ele aludia ao arcebispo até que ele acrescentou a respeito do pé e da boca com o qual não podia haver nenhuma conexão possível) cheio de alegria em repousar sua mente e um tanto pasmo com o fato de Myles Crawford afinal conseguir. Pronto.

Enquanto o outro lia na página dois Boom (dar-lhe por essa vez seu novo nome errado) entretinha-se em alguns momentos restantes de descanso aos arrancos com o relato do terceiro acontecimento em Ascot na página três, ao seu lado. Valor 1.000 soberanos com 3.000 sobs acrescidos em espécie. Por potros inteiros e potranças. *Jogarfora* do Sr. F. Alexander, c.b. filho de *Rightaway-Thrale*, de 5 anos, 9 stone. 4 libs. (W. Lane), *Zinfandel* de lorde Howard de Walden (M. Cannon) 2, *Cetro* do Sr. W. Bass. Aposta 5 para 4 em *Zinfandel*, 20 para 1 em *Jogarfora* (fora). *Cetro*, um pouco mais pesado, 5 para 4 em *Zinfandel*, 20 para 1 em *Jogarfora*. *Jogarfora* e *Zinfandel* ficaram ombro a ombro. Era uma corrida qualquer então a fila do azarão veio para a frente, tomou a dianteira, derrotando o potro castanho de lorde Howard de Walden e a potranca baía *Cetro* do Sr. W. Bass numa corrida de duas milhas e meia. O vencedor foi treinado por Braine de modo que a versão de Lenehan do negócio foi pura conversa fiada. Assegurado o veredicto brilhantemente por um corpo. 1.000 sobs com 3.000 em espécie. Também correu: *Maximum II* de J. de Bremond (o cavalo francês sobre o qual Bantam Lyons indagava ansiosamente não estava ainda ali mas era aguardado a qualquer minuto). Maneiras diferentes de dar um golpe. Estragos de namoro. Embora aquele simplório Lyons em sua impetuosidade escorregasse pela tangente a ver navios. Naturalmente apostar levava eminentemente a esse tipo de coisa embora do jeito que as coisas aconteceram o pobre tolo não tinha muita razão de se congratular por sua escolha, a última esperança. A uma suposição ela eventualmente se reduziu.

– Havia toda indicação de que eles chegariam a isso – ele, Bloom, disse.

– Quem? – disse o outro, cuja mão por falar nisso estava machucada.

Uma manhã você abriria o jornal, afirmou o cocheiro, e leria: *A Volta de Parnell*. Ele apostava quanto eles quisessem. Um fuzileiro estava uma noite nesse abrigo e disse que o viu na África do Sul. Foi o orgulho que o matou. Ele deveria ter dado um fim a si mesmo ou ficado na moita por um tempo depois da sala do comitê número 15 até que ele voltasse

novamente a ser seu antigo ser com ninguém a apontar um dedo para ele. Então eles todos como um só homem teriam se postado de joelhos diante dele para que voltasse quando ele caísse em si. Morto ele não estava. Simplesmente escondido em algum lugar. O caixão que trouxeram estava cheio de pedras. Ele mudou seu nome para De Wet, o general bôer. Ele cometeu o erro de lutar com os padres. E assim por diante e assim por diante.

Mesmo assim Bloom (assim corretamente chamado) estava um tanto surpreso com a memória deles pois nove casos entre dez eram um caso de barrisdealcatrão e não isoladamente mas aos milhares e em seguida completo esquecimento porque havia mais de vinte anos. Muito pouco provável naturalmente que houvesse até uma sombra de verdade nas pedras e, mesmo supondo, ele achava um retorno nada aconselhável, levando tudo em consideração. Alguma coisa evidentemente os exasperava na morte dele. Ou ele sumira aos poucos mansamente demais de uma pneumonia aguda justo quando seus diferentes arranjos políticos estavam próximos de uma conclusão ou se transpirasse que ele devia sua morte a ter deixado de mudar suas botas e roupas depois de ficar molhado quando resultou um resfriado e deixando de consultar um especialista confinando-se em seu quarto até que eventualmente morresse disso em meio a um pesar muito difundido antes que terminasse uma quinzena ou possivelmente eles estavam angustiados ao ver que a tarefa estava fora de suas mãos. Naturalmente ninguém estando a par de seus movimentos mesmo antes que houvesse qualquer pista do seu paradeiro que era decididamente do tipo de *Alice, onde estás* mesmo antes que começasse a se esconder sob diversas alcunhas tais como Fox e Stuart então a observação que emanava do amigo cocheiro podia se encontrar nos limites da possibilidade. Naturalmente então seria uma preocupação para ele como um líder nato de homens o que ele sem dúvida era e uma figura imponente, de seis pés de altura ou de qualquer maneira cinco pés e dez ou onze polegadas descalço, enquanto os Srs. Fulano e Beltrano que, embora não pudessem se comparar com o primeiro homem, cantavam de galo depois que seus traços redentores já eram muito poucos. Isso certamente apontava para uma conclusão moral, o ídolo de pés de barro, e então para setenta e dois de seus leais ajudantes de confiança que o rodeavam com acusações injuriosas. E exatamente o mesmo com assassinos. Você tinha que voltar. Esse sentido obsessivo de uma certa forma o atraía. Mostrar ao substituto do papel titular como. Ele o viu uma vez numa ocasião auspiciosa quando suspenderam as atividades do tipo no *Irreprimível* ou foi na *Irlanda Unida*, um privilégio que ele apreciou profundamente, e, na verdade, entregou-lhe sua cartola quando foi derrubada e ele disse *Obrigado*, excitado como sem dúvida estava sob seu exterior frio não obstante a pequena desventura mencionada entre a taça e o lábio: um sinal inato. Ainda assim no que diz respeito ao retorno. Você era um cachorro feliz se eles não aticassem o *terrier* contra você assim que você voltasse. Então muita hesitação usualmente se seguia, Tom a favor e Dick e Harry contra. E então, número um, você se defrontava com o homem em posse e tinha de apresentar suas credenciais como o demandante no caso Tichborne, Roger Charles Tichborne, *Bella* era o nome do barco de acordo com sua melhor recordação ele, o herdeiro, se apresentou como testemunha foi para mostrar e havia uma marca de tatuagem em tinta indiana, que era lorde Bellew, como ele podia muito facilmente ter obtido os detalhes de algum companheiro a bordo do navio e então, quando se levantou para corresponder à descrição dada, apresentar-se com: *Perdão, meu*

*nome é Assim Assim* ou alguma observação corriqueira. Um rumo mais prudente, como Bloom disse ao não excessivamente efusivo, na verdade como o personagem distinto em discussão ao seu lado, teria sido sondar primeiro a disposição do terreno.

– Aquela rameira, aquela prostituta inglesa, liquidou com ele – o proprietário da taverna comentou. – Ela pôs o primeiro prego no caixão dele.

– Um belo pedaço de mulher assim mesmo – observou o *soi-disant* arquivista Henry Campbell – e um bom pedaço mesmo. Ela afrouxou muitas coxas de homens. Eu vi o retrato dela no barbeiro. O marido era um capitão ou um oficial.

– Sim – acrescentou divertidamente Pele-de-Cabra –, ele era um afetado.

Esta contribuição gratuita de caráter humorístico provocou uma boa risada entre seu *entourage*. Quanto a Bloom, ele, sem a mais leve suspeita de sorriso, olhou apenas na direção da porta e refletiu sobre a história histórica que tinha despertado extraordinário interesse na ocasião em que os fatos, para piorar as coisas, se tornaram públicos com as habituais cartas afetuosas que trocaram entre eles cheias de doces nada. A princípio foi estritamente platônico até que a natureza interferiu e uma ligação surgiu entre eles até que pouco a pouco as coisas atingiram o clímax e a questão se tornou a conversa da cidade até que o golpe atordoante veio como uma notícia bem-vinda para não poucos inclinados para o mal, no entanto, que estavam decididos a contribuir para a sua queda embora a coisa fosse desde o início do domínio público apesar de não atingir de forma alguma a extensão sensacional que ela ulteriormente alcançou. Desde que seus nomes foram acoplados, contudo, desde que ele foi declarado o favorito dela, qual a necessidade de proclamar aos quatro ventos do topo das casas, o fato, a saber, de que ele partilhava o seu quarto o que surgiu no banco das testemunhas sob juramento quando um frêmito percorreu o tribunal abarrotado eletrizando literalmente todo mundo na forma de testemunhas jurando tê-lo visto em tal ou qual data particular no ato de escalar para fora de um apartamento com a ajuda de uma escada com trajes de dormir, tendo sido admitido para dentro da mesma maneira, um fato que proporcionou às publicações semanais, um tanto inclinadas ao lúbrico a ganhar um montão de dinheiro com isso. Enquanto o simples fato do caso era o de ser simplesmente um caso de o marido não estar à altura da mulher, com coisa alguma em comum entre eles além do nome, e então um homem de verdade chegar à cena, tão forte que quase fraco, sendo vítima dos encantos de sereia dela e esquecendo os laços familiares, o resultado usual foi o de se aquecer nos sorrisos da amada. O eterno problema da vida conjugal, é desnecessário dizer, veio à tona. Pode existir o verdadeiro amor entre pessoas casadas, supondo-se que aconteça existir um outro camarada no caso? Enigma. Embora não dissesse absolutamente respeito a eles que ele a olhasse com afeto, arrebatado por uma onda de loucura. Um magnífico espécime de virilidade ele verdadeiramente era engrandecido obviamente por dons da mais alta qualidade, se comparado com o outro militar supérfluo isto é (que era apenas o tipo de indivíduo usual cotidiano *adeus, meu galante capitão* de um indivíduo da cavalaria ligeira, do 18º hussardos para ser preciso) e sem dúvida inflamável (o líder decaído, isto é, não o outro) em sua própria maneira peculiar que ela naturalmente, mulher, rapidamente percebeu como muito provavelmente capaz de talhar seu caminho para a fama o que ele quase prometia fazer até que padres e ministros do evangelho como um todo, seus fiéis adeptos anteriores, e seus amados desapossados arrendatários pelos

quais ele fizera serviço subalterno nos centros rurais do país em defesa de seus direitos de uma maneira que excedia as mais ardorosas expectativas deles, frustraram com grande eficiência suas esperanças matrimoniais, empilhando assim carvões em brasa sobre sua cabeça como o coice do asno da fábula. Olhando agora para trás numa espécie de arranjo retrospectivo tudo parecia ser um sonho. E então retornar era a pior coisa que se podia fazer porque nem é preciso dizer você se sentiria deslocado visto que as coisas sempre se modificam com o tempo. Ora, enquanto ele refletia, a praia de Irishtown, uma localidade na qual não estivera por muitos anos parecia de certa forma um tanto diferente, como acontecia, desde que ele fora morar no norte. Norte ou sul, contudo, era simplesmente o caso notório da paixão inflamada, pura e simples, estragando completamente os planos com uma vingança e simplesmente confirmava a coisa ela mesma de que ele estava falando pois ela também era espanhola ou meio espanhola, criaturas que não faziam as coisas pela metade, o ardente abandono do sul, lançando aos ventos qualquer pinga de decência.

– Simplesmente confirma o que eu estava dizendo – disse ele excitado no íntimo para Stephen – sobre o sangue e o sol. E se não estou muito enganado ela também era espanhola.

– A filha do rei da Espanha – respondeu Stephen, acrescentando uma coisa ou outra bastante confuso sobre até logo e adeus a vocês cebolas espanholas e a primeira terra chamada de Deadman e de Ramhead à Sicília era assim e tantas outras.

– Ela era? – proferiu Bloom, surpreso embora de forma alguma atônito. – Eu nunca ouvi esse boato antes. Era possível, especialmente ali, visto que ela viveu ali. Portanto, Espanha.

Cuidadosamente evitando um livro em seu bolso *Doçuras do*, que a propósito lhe lembrava aquela biblioteca fora de moda de Capel Street, ele retirou seu livro de bolso e, revirando os vários conteúdos que continha rapidamente finalmente ele.

– A propósito, você considera – disse ele, selecionando pensativamente uma foto desbotada que pôs sobre a mesa – essa um tipo espanhol?

Stephen, a quem tinha sido ostensivamente dirigida a palavra, baixou os olhos sobre a foto que mostrava uma senhora grande com seus encantos carnavais em evidência de uma maneira aberta visto que ela estava no pleno viço de sua feminilidade de traje de noite com um decote ostensivamente baixo para a ocasião para oferecer uma amostra liberal de seu busto, com mais do que uma visão dos seios, seus lábios carnudos entreabertos e alguns dentes perfeitos, de pé, com uma gravidade ostensiva, junto ao piano no suporte do qual estava *In Old Madrid*, uma balada, bonita à sua moda, que estava então em plena voga. Seus (da senhora) olhos, grandes, escuros, olhavam para Stephen, prestes a sorrir a respeito de alguma coisa a ser admirada, Lafayette de Westmoreland Street, maior artista fotográfico de Dublin, sendo responsável pela execução estética.

– A Sra. Bloom, minha mulher a *prima donna* Madame Marion Tweedy – indicou Bloom. – Tirada há alguns anos. Em ou por volta de noventa e seis. Muito do jeito dela então.

Ao lado do rapaz ele também olhou para a foto da senhora agora sua mulher legal que, insinuou ele, era a talentosa filha do major Brian Tweedy e desde mocinha demonstrou notável capacidade como cantora tendo mesmo feito sua primeira reverência de agradecimento ao público quando tinha apenas encantadores dezesseis anos. Quanto ao rosto tinha uma



semelhança de expressão quase falada mas não fazia justiça à sua figura que geralmente chamava muito a atenção e que não saíra da melhor maneira possível nessa apresentação. Ela podia sem dificuldade, disse, ter posado para uma impressão geral, sem insistir sobre certas curvas opulentas do. Ele podia se alongar, sendo um pouco um artista nas horas vagas, sobre as formas femininas em geral extensivamente porque, como acontecia, ainda essa tarde ele vira aquelas estátuas gregas, perfeitamente elaboradas como obras de arte, no Museu Nacional. O mármore podia reproduzir o original, ombros, costas, toda a simetria, tudo o mais. Sim, puritanismo, embora a vigarice soberana de São José alors (Bandez!) Figne toi trop. Enquanto nenhuma foto poderia porque simplesmente em uma palavra não se tratava de uma arte.

Movido pelo espírito ele teria gostado muito de seguir o bom exemplo de Jack Tar e deixar de lado ali por uns minutos a semelhança falar por si mesma como apelo de modo que o outro pudesse sorver a beleza ele mesmo, sua presença de palco sendo em si mesma, francamente, um regalo ao qual a máquina fotográfica não podia de forma alguma fazer justiça. Mas dificilmente era uma etiqueta profissional assim. Embora se tratasse agora de uma noite agradavelmente quente contudo maravilhosamente tépida considerando a estação, a luz do sol depois da tempestade. E ele sentia naquele momento uma espécie de necessidade de seguir a maré como uma espécie de voz interior e satisfazer uma possível necessidade de mover uma moção. No entanto ficou sentado firme apenas contemplando a foto ligeiramente manchada amassada com curvas opulentas, nem por isso contudo pior pelo uso, e olhou para longe pensativamente com a intenção de não aumentar mais o possível embaraço do outro enquanto sondava a simetria dela de ondulante *embonpoint*. De fato a ligeira mancha era apenas um encanto a mais como no caso da roupa de cama ligeiramente suja, boa como nova, de fato muito melhor sem goma. Suponhamos que ela tivesse ido embora quando ele? Eu procurei a lâmpada que ela me disse veio à mente dele mas foi apenas uma fantasia passageira dele porque ele então recordava a cama desarrumada da manhã etcetera e o livro sobre Ruby com metem psi coisa (*sic*) nele que deve ter caído de maneira bastante conveniente ao lado do urinol doméstico com pedidos de desculpa a Lindley Murray.

A proximidade do rapaz certamente lhe agradava, educado, *distingué* e de quebra impulsivo, sem sombra de dúvida o melhor de todos embora não se pensaria que ele tivesse isso em si no entanto pensaria. Além do mais ele disse que o retrato era bonito que, diga-se de passagem, era mesmo embora no momento ela estivesse claramente mais forte. E por que não? Fazia-se um escândalo danado com esse tipo de coisa envolvendo um perpétuo estigma com a costumeira página lamacenta de um jornalismo sórdido sobre a mesma velha confusão matrimonial alegando adultério com golfista profissional ou o mais recente ator favorito ao invés de ser franco e honesto a respeito de toda a questão. Como eles estavam destinados a se encontrar e uma ligação surgiu entre os dois de modo que seus nomes foram unidos pelo rumor público foi dito no tribunal com cartas contendo as habituais expressões piegas e comprometedoras sem deixar nenhuma escapatória para mostrar que eles coabitavam abertamente duas ou três vezes na semana em algum hotel conhecido à beira-mar e as relações, quando as coisas seguiram seu curso normal, se tornaram mais íntimas no momento devido. Então o julgamento *nisi* e o procurador do rei procura alegar a causa e, ele deixando de

revogá-la, o que era *nisi* tornou-se definitivo. Mas quanto a isso os dois contraventores, extremamente envolvidos como estavam um no outro, podiam se dar tranqüilamente o direito de ignorá-la como amplamente o fizeram até que a questão foi colocada nas mãos de um procurador que entrou com uma petição pela parte ofendida no momento oportuno. Ele, B., desfrutou o privilégio de estar próximo em carne e osso do rei não coroado de Erin quando a coisa ocorreu na balbúrdia histórica quando os fiéis capangas do líder, que notoriamente se manteve firme em seus princípios até a última gota mesmo quando coberto pelo manto do adultério, capangas leais (do líder) no número de dez ou doze ou mesmo mais do que isso penetraram na sala de imprensa do *Insuppressible* ou não foi do *United Ireland* (um título a propósito de forma alguma apropriado) e quebraram os tipos com martelos ou coisa no gênero devido a algumas efusões obscenas das penas hábeis dos escribas O'Brienitas com a usual acusação injuriosa se refletindo na moral da vida privada do antigo tribuno. Embora palpavelmente um homem radicalmente mudado ele era ainda uma figura imponente apesar de como sempre vestido de maneira descuidada com aquela expressão de decisão firmada que produzia tanto efeito sobre os indecisos até eles descobrirem com grande desapontamento que seu ídolo tinha pés de barro depois de colocá-lo sobre um pedestal que ela, contudo, foi a primeira a perceber. Como aqueles eram tempos particularmente agitados no tumulto geral Bloom sofreu uma pequena contusão produzida pela cotovelada violenta de um camarada na multidão naturalmente reunida que atingiu a proximidade de seu estômago, felizmente sem maiores conseqüências. Seu chapéu (o de Parnell) uma cartola foi inadvertidamente derrubada e, como uma matéria estritamente histórica, Bloom foi o homem que no aperto a pegou do chão depois de testemunhar o ocorrido com o intuito de devolvê-la a ele (e devolvê-la foi o que fez com a maior rapidez) que ofegante e sem chapéu e tendo o pensamento milhas longe de seu chapéu naquele momento assim mesmo sendo um cavalheiro nato e um cidadão ciente de seus princípios relativos ao seu país ele, na verdade, ele que tinha entrado nisso mais pela glória da coisa do que por outro motivo qualquer, o que é congênito instilado nele desde a infância no colo de sua mãe sob a forma de saber o que é boa forma voltou imediatamente a si ao virar para o seu doador e lhe agradecer com perfeito *aplomb*, dizendo: *Obrigado, senhor*, embora com um tom de voz bem diferente do ornamento da profissão legal cujo chapéu Bloom ajeitara anteriormente no percurso do dia, a história se repetindo com uma diferença, depois do enterro de um amigo comum quando eles o tinham deixado sozinho em sua glória depois da tarefa penosa de ter entregue seus restos mortais à sepultura.

Por outro lado o que o exasperou mais profundamente foram as brincadeiras espalhafatosas do cocheiro e assim por diante que impingiu tudo como uma pilhéria, rindo descaradamente, fingindo entender tudo, o porquê e o motivo, e na realidade desconhecendo suas próprias mentes, tratando-se de um caso para as duas partes a menos que resultasse que o marido legítimo acontecesse ser uma das partes devido a alguma carta anônima do usual informante, que acontecesse encontrá-los no momento crucial numa posição amorosa nos braços um do outro, chamando a atenção para o seu procedimento ilícito e levando à rixa doméstica e a beldade errada rogando de joelhos o perdão de seu senhor e mestre e prometendo com lágrimas nos olhos romper a ligação e não receber mais suas visitas se ao menos o marido melindrado fechasse os olhos para o assunto e esquecesse o que se passara

embora possivelmente ao mesmo tempo com ironia pois muito possivelmente havia vários outros. Ele pessoalmente, tendo tendência a ceticismo, acreditou e não hesitou assim em dizer que aquele homem ou homens no plural estavam sempre à volta na lista de espera de uma dama, mesmo supondo que ela fosse a melhor esposa do mundo e se dessem bastante bem juntos em benefício do argumento, quando, negligenciando seus deveres, ela decidiu se cansar da vida de casada e se entregou a um pequeno alvoroço de polida libertinagem a chamar a atenção deles para ela com uma intenção imprópria, o desfecho sendo que suas afeições estavam centralizadas num outro, a causa de muitas *liaisons* entre mulheres casadas ainda atraentes se aproximando de uma bela quarentona e homens mais jovens, como sem dúvida diversos casos famosos de insensatez feminina o provaram inteiramente.

Era lamentável que um jovem, abençoado por uma cabeça privilegiada como seu vizinho obviamente era, perdesse seu tempo valioso com mulheres devassas que podiam presenteá-lo com uma bela dose de um mal que lhe durasse a vida toda. Sob a forma de uma bênção ele um dia se casaria quando a senhorita Certa aparecesse em cena mas no meio-tempo a sociedade das mulheres era uma *conditio sine qua non* embora ele tivesse sérias dúvidas, não que ele quisesse nem um pouco sondar Stephen a respeito da senhorita Ferguson (que era muito possivelmente a estrela-guia que o trouxera para Irishtown tão cedo de manhã), quanto a ele sentir ou não muito prazer com a idéia de fazer a corte a uma moça e na companhia de senhorinhas sorridentes sem um vintém para dar-lhes durante duas ou três semanas com os preliminares jargões lisonjeiros de praxe e os passeios que levam aos comportamentos amorosos dos apaixonados com flores e bombons. Pensar nele sem casa e sem lar, trapaceado por alguma senhoria pior do que qualquer madrasta, era ruim demais na idade dele. As coisas subitamente estranhas que vinham à tona atraíam o homem mais velho que era vários anos mais velho do que o outro ou como se fosse seu pai mas alguma coisa substancial ele deveria comer nem que fosse apenas uma gemada feita com alimento materno inalterado ou, faltando isso, um ovo caseiro cozido.

– A que horas você jantou? – perguntou ele à figura esbelta e cansada embora sem rugas.

– Em alguma hora ontem – disse Stephen.

– Ontem! – exclamou Bloom até se lembrar que já era amanhã sexta-feira. – Ah, você quer dizer depois da meia-noite!

– Anteontem – disse Stephen, melhorando o que dissera.

Literalmente pasmo com tal informação Bloom refletia. Embora eles não estivessem de acordo em tudo havia ali uma certa analogia de certa forma como se suas duas mentes viajassem, por assim dizer, no mesmo sentido de pensamento. Na idade dele quando se dedicando amadoristicamente à política uns vinte anos atrás quando fora um *quasi* aspirante às honras parlamentares nos dias de Buckshot Foster ele também se lembrava em retrospecto (o que era por si mesmo uma fonte de intensa satisfação) que ele tinha uma secreta consideração por estas mesmas idéias extremistas. Por exemplo quando a questão dos arrendatários desapossados, então em seu primeiro encetamento, avultou fortemente nas mentes das pessoas embora, nem é preciso dizer, sem contribuir nem um pouco para uma fé absoluta em suas máximas, algumas das quais não tinham a menor consistência, ele em princípio no início de

todos os acontecimentos era totalmente simpático à posse dos camponeses como uma expressão da tendência da opinião moderna (uma parcialidade, contudo, da qual, realizando seu erro, ele ficou ulteriormente parcialmente curado) e foi até censurado por ter avançado mais do que Michael Davitt em suas surpreendentes concepções que ele em certa ocasião inculcou como um apoio ao arrendatário, o que foi uma das razões de ele ter ressentido fortemente a insinuação que lhe foi atribuída de maneira tão descarada por nosso amigo na reunião dos clãs no Barney Kiernan de modo que ele, embora com frequência consideravelmente incompreendido e o menos belicoso dos mortais, que seja repetido, abandonou sua maneira de ser costumeira para lhe dar (metaforicamente) um direto no estômago embora, no que dizia respeito à política, ele tivesse apenas plena consciência dos desastres decorrentes invariavelmente da propaganda e manifestações de mútua animosidade e da miséria e sofrimento que isso impunha como um prejulgamento a ótimos jovens, principalmente, em uma palavra, a destruição dos mais capazes.

De qualquer forma pesando os prós e os contras, como era quase uma, como ocorria, já era hora de se recolher. O crucial era que era um pouco arriscado levá-lo para casa pois eventualidades podiam provavelmente acontecer (ela tendo às vezes suas crises de mau humor) e entornar de todo o caldo como na noite em que ele desencaminhadamente trouxe para casa um cachorro (raça desconhecida) com uma pata aleijada (não que as situações fossem idênticas ou o reverso embora ele também tivesse machucado sua mão) para o Ontario Terrace como ele se lembrava claramente, tendo estado lá, por assim dizer. Por outro lado era ao todo sem sombra de dúvida tarde demais para uma sugestão de ir para Sandymount ou Sandycove de modo que ele estava um tanto confuso quanto a qual das duas alternativas. Tudo apontava para o fato de que lhe cabia se aproveitar ao máximo da oportunidade, levando tudo em consideração. Sua impressão inicial era a de que ele estava um pouquinho esquivo ou não excessivamente efusivo mas que de certa forma isso o fazia subir em seu conceito. Em primeiro lugar podia ser que ele não se entusiasmasse com a idéia, se abordado, e o que mais o preocupava era que ele não sabia como encaminhar o assunto ou expressá-lo precisamente, supondo-se que ele tomasse em consideração a proposta, o que lhe causaria um enorme prazer pessoal se ele lhe permitisse ajudá-lo a conseguir algum dinheiro ou alguma roupa, se considerasse conveniente. Em todo caso ele terminou por concluir, evitando por esta vez o precedente preconceituoso, que com uma xícara de chocolate Epps e uma cama improvisada para a noite mais o uso de um cobertor de lã ou dois e um sobretudo dobrado como travesseiro ele estaria ao menos em boas mãos e tão quente quanto uma torrada numa trempe ele não conseguia ver nenhum enorme mal nisso sempre com a condição de que nenhuma desordem fosse provocada. Uma providência tinha de ser tomada porque aquele alegre camarada, o homem separado em questão que parecia estar grudado no lugar, não parecia estar particularmente apressado em se dirigir para a casa para sua querida bem-amada Queenstown e era muito provável que algum bordel de beldades aposentadas do aproveitador de Sheriff Street em que a idade não era um obstáculo seria a melhor pista do paradeiro desse ambíguo personagem nos próximos dias, abalando alternativamente seus sentimentos (das sereias) com casos de revólveres de seis tiros beirando o calor dos trópicos calculados para enregelar a medula dos ossos de qualquer um e marretando nesse ínterim seus encantos avolumados com

um prazer rude e desordenado ao acompanhamento de grandes libações de uísque e a costumeira adulação a si mesmo pelo que ele na realidade era digamos x igual ao meu verdadeiro nome e endereço, como o Sr. Álgebra observa *passim*. Ao mesmo tempo ele intimamente se regozijava com sua resposta pronta gentil ao paladino do sangue e droga sobre o seu deus ser um judeu. As pessoas podiam suportar ser mordidas por um lobo mas o que as exasperava totalmente era uma mordida de um carneiro. O ponto mais vulnerável do frágil Aquiles. Seu deus é um judeu. Porque a maior parte das vezes eles pareciam imaginar que ele viesse de Carrick-on-Shannon ou de alguma parte no condado de Sligo.

– Proponho – sugeriu eventualmente nosso herói depois de uma reflexão amadurecida enquanto prudentemente punha no bolso o retrato dela – como está bastante abafado aqui que venha para casa comigo para discutirmos sobre o assunto. Minha casa fica aqui perto na vizinhança. Você não pode beber essa coisa. Gosta de chocolate? Espere. Vou só pagar esta despesa.

A melhor solução sendo claramente dar o fora, o restante sendo simplesmente ir navegando, enquanto punha a foto prudentemente no bolso, ele fez sinal para o zelador da cabana que não parecia.

– Sim, isso é o melhor – assegurou ele a Stephen para quem quanto a isso Brazen Head ou ele ou qualquer outro lugar era praticamente a mesma coisa.

Toda sorte de projetos utópicos jorrou em seu (de B.) cérebro ocupado, educação (o artigo genuíno), literatura, jornalismo, prêmio de titbits, programa atualizado, turnês de concertos em balneários ingleses repletos de hidros e teatros à beira-mar, esbanjamento de dinheiro, duetos em italiano com sotaque perfeitamente fiel à natureza e uma quantidade de outras coisas, nenhuma necessidade, naturalmente, de anunciar isso aos quatro ventos ao mundo e à sua mulher dos topos das casas, e um bocado de sorte. Uma abertura era tudo que era desejado. Porque ele mais do que suspeitava que tinha a voz do pai para sustentar suas esperanças o que tudo indicava ser provável que tivesse de modo que tanto fazia, a propósito sem nenhum problema, conduzir a conversa na direção daquela particular pista falsa só para.

O cocheiro leu no jornal que pegara que o antigo vice-rei, conde Cadogan, tinha presidido o jantar da associação dos cocheiros em algum lugar em Londres. Um silêncio com um ou dois bocejos acompanhou esta informação sensacional. Então o velho espécime no canto que parecia ter sobrado um vislumbre de vitalidade leu que sir Anthony MacDonnell saíra de Euston para seu posto de chefe de gabinete ou coisa semelhante. Ao que absorvendo uma parte da informação o eco respondeu o porquê.

– Dê-nos uma olhadela nessa literatura, vovô – interpôs o antigo marinheiro, manifestando uma certa impaciência natural.

– E de bom grado – respondeu o mais velho a quem fora assim dirigido.

O marinheiro puxou para fora de um estojo que tinha uns óculos grandes esverdeados que enganchou bem lentamente no nariz e em ambas as orelhas.

– Você é ruim de visão? – indagou o compreensivo personagem que parecia um arquivista.

– Ora – respondeu o homem do mar com uma barba de serrano escocês, que era aparentemente um camarada literário em sua própria maneira discreta, fitando para fora das

vigias verdemar como era possível descrevê-las –, eu uso óculos grandes lendo. A areia do mar Vermelho fez isso. Houve tempo em que eu podia ler um livro no escuro, maneira de falar. *As Mil e Uma Noites* era o meu preferido e *Rosa como uma Rosa Ela É*.

Logo em seguida ele manuseou desajeitadamente o jornal aberto e meditou sobre sabe Deus o que, encontrado afogado ou as façanhas de King Willow, Iremonger tendo feito cento e poucos pontos para Notts e derrubado dois *wickets*, durante este tempo (sem dar a mínima para Ire) o zelador estava intensamente ocupado em afrouxar uma bota aparentemente nova ou de segunda mão que evidentemente o incomodava enquanto ele resmungava contra quem quer que fosse que a tinha vendido, todos eles que estavam suficientemente despertos o bastante para serem percebidos por sua expressão facial, isto é, ou simplesmente sendo espectadores taciturnos ou fazendo um comentário trivial.

Para encurtar uma longa história Bloom, percebendo a situação, foi o primeiro a se levantar do seu lugar de forma a não abusar da recepção cordial, cumprindo sua palavra de que pagaria desta vez a conta, tendo antes de mais nada tomado a sábia precaução de fazer um sinal quase imperceptível para meu anfitrião de despesa finda quando os outros não estavam olhando no sentido de que a importância devida estava à mão, perfazendo um total de quatro pence (quantia que ele depositou discretamente sob a forma de quatro moedas de cobre, literalmente as últimas das Moicanas), ele tendo previamente localizado na lista impressa de preços para todos aqueles que chegassem a lê-la em frente a ele em algarismos inconfundíveis, café 2d, doces do, e honestamente valendo às vezes o dobro do dinheiro, como Wetherup costumava observar.

– Venha – aconselhou ele para terminar a *séance*.

Vendo que o estratagema tinha funcionado e que a costa estava livre eles saíram juntos do abrigo ou cabana e da sociedade *élite* de tecido impermeável e companhia a qual nada poderia demover de seu *dolce far niente* a não ser um terremoto. Stephen, que confessou ainda estar se sentindo indisposto e exausto, parou, por um momento, na porta.

– Uma coisa nunca compreendi – disse ele impulsivamente para ser original. – Por que eles põem as mesas de cabeça para baixo de noite, quero dizer as cadeiras de cabeça para baixo, nas mesas dos cafés.

A isto de improviso o inesgotável Bloom replicou sem um minuto de hesitação, dizendo imediatamente:

– Para varrer o chão de manhã.

Assim falando ele saltou à volta, lepidamente considerando as circunstâncias, francamente ao mesmo tempo apologético para ficar à direita de seu companheiro, de passagem, um hábito seu, o lado direito sendo, em linguagem clássica, seu tendão-de-aquiles. O ar da noite era certamente agora um regalo para respirar embora Stephen estivesse um pouco fraco nas pernas.

– Vai (o ar) lhe fazer bem – disse Bloom, querendo também dizer a caminhada – daqui a um momento. A única coisa a fazer é andar então você vai se sentir um homem diferente. Venha. Não é longe. Apóie-se em mim.

Conseqüentemente ele passou o braço esquerdo pelo braço direito de Stephen e assim o conduziu.

– Sim – disse Stephen incerto porque ele achou que sentia um tipo estranho de carne de um homem diferente aproximar-se dele, sem força e vacilante e tudo o mais.

De qualquer forma eles passaram pela guarita da sentinela com pedras, braseiro etc. onde o extranumerário municipal, ex-Grumley, ainda estava na verdade para todos os efeitos envolto nos braços de Morfeu, como diz o adágio, sonhando com campos frescos e novas pastagens. E *apropos* de caixão de pedras a analogia não era nada má pois era de fato um apedrejamento até a morte por parte de setenta e dois de oitenta grupos de constituintes que viraram casaca por ocasião da cisão e principalmente a louvada classe camponesa, provavelmente os mesmos arrendatários expulsos que ele pusera de volta em suas propriedades.

Então eles começaram a conversar sobre música, uma forma de arte pela qual Bloom, como mero amador, tinha o maior amor, enquanto eles davam o fora de braços dados através de Beresford Place. Música wagneriana, embora confessadamente grandiosa à sua maneira, era um pouco pesada demais e difícil de acompanhar à primeira detonação mas ele simplesmente se deleitava com a música *Huguenote* de Mercadante, *As Últimas Sete Palavras sobre a Cruz* de Meyerbeer e *A Décima Segunda Missa* de Mozart, a *Gloria* sendo, em sua cabeça, o ápice da música de primeira classe como tal, estraçalhando tudo o mais. Ele preferia infinitamente a música sacra da igreja católica a qualquer outra coisa que a instituição oposta pudesse oferecer nessa linha tal como os hinos Moody e Sankey ou *Ordena-me a Viver e eu Viverei para Ser Teu Protestante*. Ele também não cedia a ninguém em sua admiração por *Stabat Mater* de Rossini, uma obra simplesmente abundante em números imortais, em que sua mulher, madame Marion Tweedy, era um sucesso, uma verdadeira sensação, podia afirmar com segurança, acrescentando grandemente aos seus outros lauréis e deixando os outros totalmente na sombra, na igreja dos padres jesuítas no alto de Gardiner Street, o edifício sagrado ficando repleto de público até as portas para ouvi-la com seus virtuosismos, ou melhor *virtuosi*. Era opinião unânime que não havia ninguém que lhe chegasse aos pés e bastava dizer que num lugar de veneração à música de caráter sacro era voz comum haver um desejo de bis. Ao todo embora favorecendo de preferência ópera ligeira do tipo de *Don Giovanni* e *Martha*, uma preciosidade no seu gênero, ele tinha um *penchant*, embora apenas com um conhecimento superficial, pela severidade da escola clássica tal como em Mendelssohn. E por falar nisso, aceitando que ele soubesse tudo sobre os antigos favoritos, ele mencionava *par excellence* a ária de Lionel em *Martha*, *M'appari*, que, bem curiosamente, ele ouvira ou escutara, para ser mais preciso, ontem, um privilégio que ele apreciava profundamente, dos lábios do pai respeitado de Stephen, cantada à perfeição, um estudo do número, de fato, que fez com que todos os outros se colocassem em posição secundária. Stephen, em resposta à pergunta delicadamente feita, disse que não a cantava mas disparou em elogios às canções de Shakespeare, ao menos as daquela época ou por volta dela, ao tocador de alaúde Dowland que morava em Fetter Lane perto de Gerard o herbanário, que *annos ludendo hausit*, *Doulandus*, um instrumento que ele tencionava comprar do Sr. Arnold Dolmetsch, do qual B. não se lembrava embora o nome lhe soasse familiar, por sessenta e cinco guinéus e Farnaby e filho com seus conceitos *dux* e *comes*, e Byrd (William) que tocava os virginais, disse ele, na capela da Rainha ou em qualquer outro lugar que houvesse e um

Tomkins que fazia brinquedos ou melodias e John Bull.

Na rua da qual se aproximavam enquanto ainda falavam além das correntes balouçantes um cavalo, arrastando uma máquina de varrer andava a passo no solo pavimentado, limpando uma longa faixa de lama de modo que com o barulho Bloom não estava absolutamente certo de ter pegado corretamente a alusão aos sessenta e cinco guinéus e a John Bull. Ele perguntou se era John Bull a celebridade política da mesma classe, pois o surpreendia a impressionante coincidência de dois nomes idênticos.

Preso pelas correntes o cavalo lentamente deu uma guinada para se virar, o que foi percebido por Bloom, que como de costume mantendo uma vigilância atenta, puxou gentilmente a manga do outro, observando jocosamente:

– Nossas vidas estão correndo perigo esta noite. Cuidado com o rolo compressor.

Em razão disso eles pararam. Bloom olhou para a cabeça de um cavalo que não valia de jeito algum sessenta e cinco guinéus, subitamente em evidência na escuridão que estava bem perto de modo que ele lhe pareceu novo, um amontoado de ossos e mesmo carne diferente porque era palpavelmente um cavalo de andar descoordenado, de ancas desiguais, de posterior escuro, um oscilador-de-cauda, um cabeçapendente pondo pra frente sua pata de trás enquanto o senhor de sua criação estava sentado no poleiro, ocupado com seus pensamentos. Mas o coitado era um pobre animal e ele estava com pena de não ter um torrão de açúcar para lhe dar mas, como sabiamente refletia, dificilmente era possível estar-se preparado para todas as emergências que pudessem vir à tona. Ele era apenas um grande tipo de cavalo nervoso tolo pateta, sem nenhuma preocupação neste mundo. Mas até um cachorro, refletiu ele, por exemplo aquele vira-lata de Barney Kiernan, do mesmo tamanho, seria um tamanho horror a enfrentar. Mas não era culpa de nenhum animal em particular se ele era feito desse jeito como o camelo, galera do deserto, destilando uvas em uísque em sua protuberância. Nove décimos deles todos podiam ser enjaulados ou domados, nada afora a arte dos homens barrando as abelhas. A baleia com um arpão à moda de grampo de cabelo, o crocodilo faça cócegas nas suas costas e ele percebe a brincadeira, para o galo um círculo de giz, o tigre meu olho de águia. Estas reflexões oportunas acerca das feras do campo ocupavam sua mente um tanto perturbada pelas palavras de Stephen enquanto o navio da rua estava manobrando e Stephen prosseguia a respeito dos antigos altamente interessantes.

– O que era isto que eu estava dizendo? Ah, sim! Minha mulher – insinuou, mergulhando *in medias res* – teria o maior prazer em conhecê-lo pois ela é apaixonada por qualquer tipo de música.

Ele olhou de lado de uma maneira amigável para o perfil de Stephen, imagem de sua mãe, que não parecia com o usual tipo de belo vilão atrás do qual elas inquestionavelmente correm insaciavelmente pois talvez ele não fosse feito daquele jeito.

Ainda assim, supondo-se que tivesse o dom de seu pai como ele muito suspeitava, isso abria uma nova perspectiva em sua mente tal como as indústrias irlandesas de lady Fingall, concerto na segunda-feira anterior, e a aristocracia em geral.

Ele estava agora descrevendo umas variações estranhas sobre uma melodia *A Mocidade Aqui Tem Fim* de Jans Pieter Sweelinck, um holandês de Amsterdã de onde vêm as holandesas. Ele ainda gostava mais de uma antiga canção alemã de Johannes Jeep sobre o mar



claro e as vozes das sereias, suaves assassinas dos homens, que assustavam um pouco Bloom:

*Von der Sirenen Listigkeit*

*Tun die Poeten dichten.*

Ele cantou estas linhas iniciais e as traduziu *extempore*. Bloom, acenando afirmativamente com a cabeça, disse que compreendia perfeitamente e lhe rogou que continuasse a todo custo o que ele fez.

Uma voz de tenor fenomenalmente bonita como aquela, a mais preciosa dádiva, que Bloom apreciou logo à primeira nota que soou, podia facilmente, se devidamente tratada por uma autoridade de voz reconhecida tal como Barraclough e de quebra sendo capaz de ler música, comandar seu próprio preço em que para os barítonos era dez por um penny e proporcionar ao seu felizardo possuidor num futuro próximo uma *entrée* nas casas elegantes dos melhores bairros residenciais de magnatas das finanças numa grande escala de negócios e pessoas possuidoras de títulos em que com seu grau universitário de B. A. (uma tremenda propaganda à sua maneira) e um comportamento cavalheiresco para influenciar ainda mais a boa impressão infalivelmente o faria alcançar um grande sucesso, sendo abençoado com massa cinzenta que poderia também ser utilizada com esse intuito e outros requisitos, se suas roupas fossem devidamente cuidadas de modo a ele se insinuar em suas boas graças pois ele, um jovem aprendiz dos requintes de vestimenta da sociedade, mal podia compreender como uma coisa tão pequena como aquela podia militar contra ele. Era de fato apenas uma questão de meses e ele podia facilmente antevê-lo participando de suas *conversaciones* musicais e artísticas durante as festividades da estação do Natal, de preferência, provocando um ligeiro alvoroço nos pombais do belo sexo e sendo muito solicitado pelas damas em busca de sensações, casos estes, como ele bem conhecia, de que se tinha notícia – na verdade, sem querer se vangloriar, ele próprio em certa ocasião, se tivesse ligado, poderia facilmente ter tido. Acrescido a isso naturalmente haveria o ganho financeiro a não ser de forma alguma desprezado, de mãos dadas com seus honorários de professor. Não, isso era apenas um parêntese, que em função de um lucro sórdido ele precisasse necessariamente abraçar a carreira lírica como um meio de vida por um longo espaço de tempo. Mas um passo na direção requerida ficava além de um sim ou um não e tanto monetariamente quanto mentalmente não haveria o menor reflexo em sua dignidade e freqüentemente era extraordinariamente útil receber um cheque num momento de extrema necessidade quando o pouco que fosse ajudava. Além do mais, embora o gosto tivesse ultimamente se deteriorado a um alto grau, uma música original como essa, diferente do uso convencional, estaria rapidamente em grande voga pois seria uma inegável novidade para o mundo musical de Dublin depois do costumeiro uso trivial de solos batidos de tenores impingidos a um público confiante por Ivan St. Austell e Hilton St. Just e seu *genus omne*. Sim, sem sombra de dúvida ele podia, com todas as cartas na mão e ele tinha uma ótima oportunidade de fazer um nome por si mesmo e conquistar um lugar elevado na estima da cidade onde ele podia se impor uma aparência fria e, fazendo um grande sucesso, dar um magnífico concerto para os patronos da casa de King Street, sendo-lhe dado um financiador, se alguém estivesse prestes a promovê-lo, por assim dizer, um grande *se* contudo, com algum ímpeto do tipo váemfrente para prevenir a estagnação inevitável que freqüentemente passava uma rasteira num príncipe de boas-praças

festejado demais. E não era preciso depreciar o outro nem um pingo pois, sendo senhor de si mesmo, teria montanhas de tempo para exercitar a literatura nos momentos livres quando desejoso de assim o fazer sem que isso entrasse em conflito com sua carreira vocal ou contivesse alguma coisa depreciativa de qualquer tipo visto que se tratava de uma questão dele apenas. De fato ele tinha a bola a seus pés e essa era a verdadeira razão pela qual o outro, possuidor de um nariz extraordinariamente aguçado para suspeitar uma tramóia de qualquer tipo que fosse, se pendurava nele.

O cavalo estava justamente então. E mais tarde numa oportunidade propícia ele estava decidido (Bloom estava), sem de forma alguma se intrometer em seus negócios particulares no princípio de *tolos pisam onde os anjos*, aconselhá-lo a cortar sua ligação com um certo médico iniciante que, ele notou, estava propenso a desacreditá-lo e mesmo num certo sentido com algum pretexto hilariante quando não estava presente, a condená-lo, ou como você queira chamá-lo o que na humilde opinião de Bloom lançava uma informação subsidiária desagradável sobre o caráter de uma pessoa, sem nenhuma intenção de trocadilho.

O cavalo tendo atingido o final de sua corda, por assim dizer, parou e, erguendo alto sua orgulhosa cauda emplumada, acrescentou sua contribuição deixando cair no chão que a escova em breve escovaria e poliria, três fumegantes esferas de excrementos. Lentamente três vezes, uma após a outra, das nádegas repletas ele evacuou. E por humanidade seu condutor esperou até que ele (ou ela) tivesse terminado, paciente em sua segadeira.

Lado a lado Bloom, aproveitando o *contretemps*, passou com Stephen através do espaço entre as correntes, dividido pela coluna, e, passando por cima do lodo, atravessou em direção a Gardiner Street, Stephen cantando mais ousadamente, mas não em voz alta, o final da balada.

*Und alle Schiffe brücken.*

O condutor não disse nunca uma palavra, boa, ruim ou indiferente, mas apenas observou as duas figuras, *enquanto estava sentado em seu carro de encosto baixo*, ambas pretas, uma mais cheia de corpo, a outra esbelta, andando em direção à ponte da estrada de ferro, *para serem casadas por padre Maher*. Enquanto andavam às vezes paravam e andavam novamente continuando seu *tête-à-tête* (do qual, naturalmente, ele estava totalmente por fora) sobre sereias, inimigas da razão humana, misturado com uma porção de outros tópicos da mesma categoria, usurpadores, casos históricos do gênero enquanto o homem no carro da máquina de varrer ou poder-se-ia dizer no carro de dormir que de qualquer forma não tinha possibilidade de ouvir porque eles estavam longe demais estava simplesmente sentado em seu assento perto do final de Gardiner Street *e olhou para o carro de encosto baixo deles*.

Que caminhos paralelos seguiram Bloom e Stephen ao retornar?

Partindo unidos ambos numa marcha normal de Beresford Place eles seguiram na ordem mencionada por Lower Gardiner e Middle Gardiner Streets e por Mountjoy Square, oeste: em seguida, em passo reduzido, cada um deles mantendo a esquerda, por Gardiner's Place por uma inadvertência até a esquina mais distante de Temple Street: então, com passo reduzido com interrupções de parada, mantendo a direita, Temple Street, norte, até Hardwicke Place. Aproximando-se, díspares, numa caminhada mais descansada eles atravessaram os dois diametralmente a praça circular em frente à igreja de São Jorge, a corda de qualquer círculo sendo menor do que o arco que ela subtende.

Sobre o que o duunvirato deliberou durante o seu itinerário?

Música, literatura, Irlanda, Dublin, Paris, amizade, mulher, prostituição, dieta, a influência da luz-de-gás ou da luz de arco e lâmpadas incandescentes sobre o crescimento das árvores heliotrópicas adjacentes, exibição das latas de lixo municipais, a igreja romana católica, o celibato eclesiástico, a nação irlandesa, a educação jesuíta, carreiras, o estudo da medicina, o dia anterior, a influência maléfica do pré-sabá, o desfalecimento de Stephen.

Descobriu Bloom fatores comuns de similaridade entre suas reações respectivas semelhantes e diversas em relação à experiência?

Ambos eram sensíveis a impressões artísticas, musicais de preferência a plásticas ou pictóricas. Ambos preferiam um modo de vida continental a um insular, um local de residência cisatlântico a transatlântico. Ambos calejados por um aprendizado doméstico precoce e uma tenacidade herdada de resistência heterodoxa confessavam sua descrença em muitas religiões ortodoxas, doutrinas nacionais, sociais e éticas. Ambos reconheciam a influência alternativamente estimulante e obstruidora do magnetismo heterossexual.

Eram suas visões a respeito de certos pontos divergentes?

Stephen divergia abertamente das visões de Bloom sobre a importância de um espírito de iniciativa dietético e cívico enquanto Bloom divergia tacitamente das visões de Stephen sobre a afirmação eterna do espírito do homem na literatura. Bloom concordava veladamente com a retificação de Stephen do anacronismo envolvido em designar a data da conversão da nação irlandesa do druidismo ao cristianismo por Patrício filho de Calpórnio, filho de Potito, filho de Odisseu, enviado pelo papa Celestino I no ano 432 no reinado de Leary até o ano 260 ou por aí no reinado de Cormac MacArt († 266 A.D.), sufocado por deglutição imperfeita de alimento em Sletty e enterrado em Rossnaree. O desfalecimento que Bloom atribuiu à inanição gástrica e a certos componentes químicos de graus diferentes de adulteração e força alcoólica, acelerado por esforço mental e à velocidade de um movimento circular rápido numa atmosfera

relaxante, Stephen atribuiu ao reaparecimento de uma nuvem matinal (percebida pelos dois de dois pontos diferentes de observação, Sandycove e Dublin) a princípio não maior do que a mão de uma mulher.

Houve algum ponto em que suas visões foram iguais e negativas?

A influência da luz-de-gás ou da luz elétrica sobre o crescimento das árvores paraheliotrópicas adjacentes.

Discutira Bloom assuntos semelhantes durante perambulações noturnas no passado?

Em 1884 com Owen Goldberg e Cecil Turnbull à noite em vias públicas entre Longwood Avenue e Leonard Corner e Leonard Corner e Synge Street e Synge Street e Bloomfield Avenue. Em 1885 com Percy Apjohn nos fins de tarde, reclinado no muro entre a vila de Gibraltar e a casa de Bloomfield em Crumlin, baronato de Uppercross. Em 1886 ocasionalmente com conhecidos casuais e possíveis compradores em soleiras de portas, em salas de visitas, em vagões de estrada de ferro de terceira classe de linhas suburbanas. Em 1888 freqüentemente com o major Brian Tweedy e sua filha senhorita Marion Tweedy, juntos e separadamente no saguão da casa de Mathew Dillon em Roundtown. Uma vez em 1892 e uma vez em 1893 com Julius (Juda) Mastiansky, nas duas ocasiões na sala de visitas da casa dele (de Bloom) em Lombard Street, oeste.

Que reflexão relativa à seqüência irregular de datas 1884, 1885, 1886, 1888, 1892, 1893, 1904 fez Bloom antes da chegada deles ao seu destino?

Ele refletiu que a extensão progressiva do campo individual de desenvolvimento e experiência era regressivamente acompanhada por uma restrição do domínio inverso de relações interindividuais.

Como por exemplo de que maneiras?

Da inexistência à existência ele vinha para muitos e era recebido como um: existência com existência ele era com qualquer um como qualquer um com qualquer um: de existência à não-existência passada ele seria percebido por todos como ninguém.

Que ato Bloom praticou à chegada deles ao seu destino?

Nos degraus da casa do quarto dos números ímpares eqüidiferentes, número 7 Eccles Street, ele introduziu sua mão mecanicamente no bolso de trás da calça para obter seu chaveiro.

Ele estava lá?

Estava no bolso correspondente da calça que ele tinha usado no dia anterior.

Por que ficou ele duplamente irritado?

Porque tinha esquecido e porque ele se lembrava de que tinha lembrado a si mesmo duas vezes para não se esquecer.

Quais foram então as alternativas que se apresentaram, premeditadamente (respectivamente) e

inadvertidamente, ao par desprovido de chave?

Entrar ou não entrar. Bater na porta ou não bater.

A decisão de Bloom?

Um estratagema. Pousando seus pés no muro anão, ele escalou a grade, comprimiu seu chapéu em sua cabeça, agarrou dois pontos na união inferior das grades e umbrais, abaixou seu corpo gradualmente em sua extensão de cinco pés e nove polegadas e meia até os dois pés e dez polegadas da calçada e permitiu que seu corpo se movimentasse livremente no espaço separando-se das grades e se agachando em preparação para o impacto da queda.

Ele caiu?

Pelo peso conhecido de seu corpo de onze *stone* e quatro libras do sistema de medida *avoirdupois*, como certificado pela máquina graduada para pesagem periódica nas premissas de Francis Froedman, químico farmacêutico de 19 Frederick Street, norte, na última festa da Ascensão, a saber, o décimo segundo dia de maio do ano bissexto mil novecentos e quatro da era cristã (da era judaica cinco mil seiscentos e sessenta e quatro, da era muçulmana mil trezentos e vinte e dois), número dourado 5, epacta 13, círculo solar 9, letras dominicais C B, indicação romana 2, período Juliano 6617, MCMIV.

Levantou-se ele ileso com o choque?

Recuperando novo equilíbrio estável ele se levantou ileso embora abalado pelo impacto, levantou o trinco da porta da área exercendo força sobre a tranqueta que se movia livremente e pela força de alavanca aplicada ao seu eixo, teve acesso retardado à cozinha através da copa subjacente, riscou um fósforo lúcher por fricção, liberou o gás de hidrogênio girando a torneira de acesso, acendeu uma chama alta que, regulando, reduziu a uma tranqüila incandescência e acendeu finalmente uma vela portátil.

Que sucessão discreta de imagens Stephen percebeu neste meio-tempo?

Reclinado sobre as grades ele percebeu através das vidraças transparentes da cozinha um homem regulando uma chama a gás de 14 CP, um homem acendendo uma vela de 1 CP, um homem removendo sucessivamente cada uma de suas duas botas, um homem saindo da cozinha segurando uma vela.

Reapareceu o homem em outro lugar?

Depois de um lapso de quatro minutos o clarão fraco da vela era discernível através da clarabóia de vidro semitransparente semicircular sobre a porta da entrada. A porta da entrada girou lentamente sobre seus gonzos. No espaço aberto da soleira o homem reapareceu sem seu chapéu, com sua vela.

Obedeceu Stephen ao seu sinal?

Sim, entrando suavemente, ele ajudou a fechar e a passar a corrente na porta e seguiu suavemente ao longo do saguão as costas do homem e seus passos silenciosos e vela acesa passando por uma frincha iluminada do vão da porta à esquerda e descendo cuidadosamente

uma escada em espiral de mais de cinco degraus para entrar na cozinha da casa de Bloom.

O que é que Bloom fez?

Ele apagou a vela com a rápida expiração de um sopro sobre a chama, puxou duas cadeiras de madeira de pinho e assentos côncavos para junto da pedra da lareira, uma para Stephen com seu espaldar voltado para a janela, a outra para ele quando necessária, ajoelhou-se sobre um joelho, arrumou na grelha uma pira de gravetos cruzados cobertos de resina e vários papéis coloridos e polígonos irregulares do melhor carvão Abram de vinte e um shillings a tonelada do depósito dos Srs. Flower e M'Donald do 14 D'Olier Street, ateou-a com três pontas de papel com um fósforo lúcifer aceso, liberando desse modo a energia potencial contida no combustível permitindo que seus elementos de carbono e hidrogênio entrassem em livre união com o oxigênio do ar.

Em que aparições semelhantes pensou Stephen?

Em outras em outro lugar em outros tempos que, ajoelhadas sobre um joelho ou dois, haviam acendido lareiras para ele, no irmão Michael na enfermaria do colégio da Sociedade de Jesus em Clongowes Wood, Sallins, no condado de Kildare: em seu pai, Simon Dedalus, numa sala sem mobília de sua primeira residência em Dublin, número 13 Fitzgibbon Street: em sua madrinha senhorita Kate Morkan na casa de sua irmã agonizante senhorita Julia Morkan no 15 Usher's Island: em sua tia Sara, mulher de Richie (Richard) Goulding, na cozinha de sua moradia no 62 Clanbrassil Street: em sua mãe Mary, mulher de Simon Dedalus, na cozinha do número 12 North Richmond Street, na manhã da festa de São Francisco Xavier 1898: no decano de estudos, padre Butt, no anfiteatro de física do University College, 16 Stephen's Green, norte: em sua irmã Dilly (Delia) na casa de seu pai em Cabra.

O que viu Stephen ao erguer o olhar à altura de uma jarda da lareira para a parede oposta?

Sob uma fileira de cinco campainhas espiraladas movendo-se em círculo uma corda curvilínea, esticada entre dois ganchos de lado a lado através do recesso ao lado da pilastra da chaminé, da qual pendiam quatro lenços quadrados pequenos dobrados não presos consecutivamente em retângulos adjacentes e um par de meias compridas cinza de senhora tendo suspensórios Lisle na parte superior e pés em sua posição habitual presos por três pregadores de madeira eretos dois nas extremidades exteriores e o terceiro no seu ponto de junção.

O que viu Bloom no fogão da cozinha?

Na placa de ferro (menor) da direita uma panela de esmalte azul: na placa de ferro (maior) da esquerda uma chaleira preta de ferro.

O que fez Bloom no fogão?

Ele removeu a caçarola da placa da esquerda, ergueu e levou a chaleira de ferro para a pia a fim de abrir a bica girando a torneira para deixar a água correr.

Ela correu?

Sim. Do reservatório Roundwood no condado de Wicklow com uma capacidade cúbica de 2.400 milhões de galões, passando através de um aqueduto subterrâneo de condutos de filtro de canalizações isoladas e duplas construído a um custo inicial de planta de £5 por jarda linear passando por Dargle, Rathdown, Glen of the Downs e Callowhill até o reservatório de 26 acres em Stillorgan, uma distância de 22 milhas estatutárias, e daí, através de um sistema de tanques de descarga, por meio de um declive de 250 pés até a fronteira da cidade na ponte Eustace, parte superior de Leeson Street, embora devido a uma seca prolongada de verão e um suprimento diário de 12,5 milhões de galões a água caíra abaixo das comportas do transbordamento da barragem razão pela qual o fiscal do município e o técnico da usina hidráulica, Sr. Spencer Harty, C.E., por instrução do comitê da usina hidráulica tinha proibido o uso da água municipal para fins outros que não fossem os de consumo (encarando a possibilidade de ter recurso à água não potável dos canais Grand e Royal como em 1893) particularmente como os South Dublin Guardians, apesar de sua razão de 15 galões por dia por pobre fornecida através de um registro de 6 polegadas, ter sido acusada de um desperdício de 20.000 galões por noite pela leitura do seu registro segundo afirmação do agente legal da corporação, Sr. Ignatius Rice, procurador, agindo desse modo em detrimento de uma outra parte do público, auto-suficientes pagadores de impostos, solventes, são.

O que Bloom, amante da água, tirador da água, aguadeiro, voltando para o fogão, admirava na água?

Sua universalidade: sua igualdade democrática e constância em sua natureza ao procurar seu próprio nível: sua vastidão na projeção oceânica de Mercator: sua profundidade desconhecida no fosso de Sundam do Pacífico excedendo 8.000 braças: a agitação de suas ondas e partículas de superfície visitando sucessivamente todos os pontos de sua orla marítima: a independência de suas unidades: a variabilidade dos estados do mar: sua quietude hidrostática na calmaria: sua turgidez hidrocínética em maré morta e fortes marés: sua subsidência depois da devastação: sua esterilidade nas calotas circumpolares, árticas e antárticas: seu significado climático e comercial: sua preponderância de 3 a 1 sobre a terra seca do globo: sua hegemonia indiscutível se estendendo em léguas quadradas por sobre toda a região abaixo do trópico subequatorial de Capricórnio: a estabilidade multissecular de sua bacia primitiva: seu leite lúteofulvo: sua capacidade de dissolver e conservar em solução todas as substâncias solúveis inclusive milhões de toneladas dos metais mais preciosos: suas erosões lentas de penínsulas e ilhas, sua formação persistente de ilhas homotéticas, penínsulas e promontórios propensos à inclinação: seus depósitos aluviais: seu peso e volume e densidade: sua imperturbabilidade nas lagoas e lagos pequenos nas regiões montanhosas: sua gradação de cores em zonas tórridas e temperadas e frígidas: suas ramificações veiculares em correntes continentais contendo lagos e rios confluentes fluindo para o oceano com seus afluentes e correntes transoceânicas, golfos, cursos norte e sul equatoriais: sua violência nos maremotos, trombas-d'água, poços artesianos, erupções, torrentes, torvelinhos, cheias, enchentes, vagalhões, bacias hidrográficas, divisores de água, gêiseres, cataratas, redemoinhos, turbilhões, inundações, dilúvios, aguaceiros: sua vasta curva ahorizontal em volta da Terra: seu segredo das fontes e umidade latente, revelado por instrumentos rabdomânticos ou

higrométricos e exemplificado pelo poço pelo buraco no muro do portão de Ashtown, saturação do ar, destilação do orvalho: a simplicidade de sua composição, duas partes componentes de hidrogênio com uma parte componente de oxigênio: suas virtudes curativas: sua fluatibilidade nas águas do mar Morto: sua perseverante penetrabilidade em córregos, ravinas, represas inadequadas, fendas em navio: suas propriedades de limpar, matar a sede e apagar o fogo, alimentar a vegetação: sua infalibilidade como paradigma e modelo de perfeição: suas metamorfoses em vapor, névoa, nuvem, chuva, saraivada, neve, granizo: sua força em hidrantes rígidos: sua variedade de formas em lagos e baías e golfos e angras e desfiladeiros e lagoas e atóis e arquipélagos e estreitos e fiordes e canais entre ilhas e estuários de maré e braços de mar: sua solidez em geleiras, *icebergs*, banquisas: sua docilidade ao trabalhar com rodas de azenha hidráulicas, turbinas, dínamos, centrais elétricas, agentes descoradores, curtumes, fábricas de linho: sua utilidade em canais, rios, se navegáveis, docas flutuantes e revestidas de alcatrão: sua potencialidade derivável de marés utilizadas ou cursos de água caindo de um nível para o outro: sua fauna e flora submarinas (anacústicas e fotofóbicas), numericamente, se não literalmente, os habitantes do globo: sua ubiqüidade ao constituir 90% do corpo humano: a nocividade de seus eflúvios em brejos lacustres, pântanos pestilentos, vasos de flores murchas, poças estagnadas sob a lua minguante.

Tendo colocado a chaleira cheia pela metade sobre os carvões agora ardentes, por que ele retornou à torneira com a água ainda escorrendo?

Para lavar suas mãos sujas com um sabonete de limão Barrington parcialmente consumido, ao qual o papel ainda aderiria (comprado treze horas antes por quatro pence e ainda não pago), numa água fresca e fria sempre mudando e nunca mudando e secá-los, rosto e mãos, num longo pano de algodão debruado de vermelho passado por um rolo giratório de madeira.

Qual foi o motivo que Stephen alegou para recusar a oferta de Bloom?

Que ele era hidrófobo, detestando contato parcial por imersão ou total por submersão em água fria (seu último banho tendo tido lugar no mês de outubro do ano anterior), detestando as substâncias aquosas de vidro e cristal, desconfiando de aquacidades de pensamento e linguagem.

O que impedia Bloom de dar a Stephen conselhos profiláticos e de higiene aos quais deveriam ser acrescentadas sugestões relativas à preliminar molhadela da cabeça e contração dos músculos com rápido borrião do rosto e pescoço e regiões torácica e epigástrica no caso de banho de mar ou de rio, as partes da anatomia humana mais sensíveis ao frio sendo a nuca, o estômago e tênar ou sola do pé?

A incompatibilidade da aquacidade com a originalidade caprichosa do gênio.

Que conselhos didáticos adicionais reprimiu ele semelhantemente?

Dietético: referente à porcentagem respectiva de proteína e energia calórica do toucinho de fumeiro, salgação e manteiga, a ausência da primeira na segunda mencionada e a abundância



da segunda na primeira mencionada.

O que pareciam ser para o anfitrião as qualidades predominantes de seu convidado?  
Confiança em si mesmo, um poder igual e contrário de abandono e recuperação.

Que fenômeno concomitante ocorreu no recipiente do líquido por atuação do fogo?

O fenômeno de ebulição. Bafejada por uma constante corrente de ar entre a cozinha e o conduto da chaminé, a ignição foi comunicada dos fagotes do combustível pré-combustível às massas poliédricas de carvão betuminoso, contendo em forma mineral comprimida a decídua folheada fossilizada das florestas primevas que por sua vez derivaram sua existência vegetativa do sol, fonte primeira de calor (irradiante), transmitido através do onipresente éter luminífero diatérmico. O calor (transmitido), uma forma de movimento desenvolvido por esta combustão, era constantemente e crescentemente comunicado da fonte de calorificação ao líquido contido no recipiente, sendo irradiado através da superfície escura irregular e não lustrada do ferro metálico, em parte refletido, em parte absorvido, em parte transmitido, aumentando gradualmente a temperatura da água de um estado normal a um ponto de ebulição, um aumento de temperatura exprimível como resultado de um consumo de 72 unidades térmicas necessárias para elevar uma libra de água de 50 a 212 graus Fahrenheit.

O que anunciou a consumação desta subida de temperatura?

Uma dupla ejeção falciforme de vapor de água dos dois lados simultaneamente de debaixo da tampa da chaleira.

Com que objetivo pessoal poderia Bloom ter utilizado a água assim fervida?

Para se barbear.

Que vantagens acompanhavam a barbeação à noite?

Uma barba mais macia: um pincel mais macio se intencionalmente deixado de uma barbeação para outra em sua espuma aglutinada: uma pele mais macia se encontrasse inesperadamente conhecidas mulheres em lugares distantes em horas inesperadas: reflexões tranqüilas no percurso do dia: uma sensação de maior limpeza ao despertar de um sono mais recente visto que ruídos matinais, premonições e perturbações, um latão de leite chocalhado, uma dupla batida na porta do carteiro, um jornal lido, relido enquanto se ensaboando, reensaboando o mesmo lugar, um choque, um tiro, com o pensamento de algo que ele procurava embora provido de nada podia causar um ritmo mais rápido na barbeação e um corte sobre o qual aderisse um emplastro de incisão cortado com precisão e umedecido e aplicado: o que devia ser feito.

Por que a ausência de luz o perturbava menos do que a presença de barulho?

Devido à segurança do sentido do tato em sua mão firme totalmente masculina feminina passiva ativa.

Que qualidade ela (sua mão) possuía mas com que influência contrária?

A qualidade operatória cirúrgica mas sua relutância a verter sangue humano mesmo quando os fins justificavam os meios, preferindo, em sua ordem natural, a helioterapia, a terapia psicofísica, a cirurgia osteopática.

O que estava exposto nas prateleiras inferior, média e superior do aparador da cozinha, aberto por Bloom?

Na prateleira inferior cinco pratos de sobremesa colocados verticalmente, seis pires dispostos horizontalmente sobre os quais repousavam xícaras de chá invertidas, uma xícaradebigode, não invertida, e um pires Crown Derby, quatro taças para ovo quente brancas com a borda dourada, uma carteira de camurça aberta revelando moedas, a maior parte de cobre, e uma garrafinha de confeitos aromáticos (violeta). Na prateleira média um oveiro lascado contendo pimenta, um tambor de sal de mesa, quatro azeitonas pretas aglomeradas em papel gorduroso, um pote vazio de carne enlatada Plumtree, uma cesta de vime oval incrustada de fibra e contendo uma pêra Jersey, uma garrafa meio vazia de William Gilbey e Cia. de porto branco invalidado, meio despido de sua faixa de papel de seda rosacoral, um pacote de chocolate solúvel Epp, cinco onças de chá de primeira Anne Lynch de 2/- por lb num saco de papel de chumbo amarrotado, uma lata para chá cilíndrica contendo o melhor torrão de açúcar cristalizado, duas cebolas, uma, a maior, espanhola, inteira, a outra, a menor, irlandesa, dividida ao meio com maior dimensão e mais fragrante, uma jarra de creme irlandês Model Dairy, uma moringa de barro marrom contendo uma medida de um quarto de leite azedo adulterado, convertido pelo calor em água, soro ácido e coalhos semi-solidificados, que acrescida à quantidade subtraída para os cafés-da-manhã do Sr. Bloom e da Sra. Fleming constituía um quartilho imperial, a quantidade total originariamente entregue, dois cravos-da-índia, um meio penny e um prato pequeno contendo uma fatia de filé de costela fresca. Na prateleira superior uma bateria de potes de geléia (vazios) de vários tamanhos e proveniências.

O que atraiu sua atenção repousando sobre o anteparo do aparador de cozinha?

Quatro fragmentos poligonais de dois bilhetes de aposta escarlates dilacerados, com os números 8 87, 8 86.

Que reminiscências franziram temporariamente sua testa?

Reminiscências de coincidências, verdade mais estranha do que ficção, pré-indicativas do resultado do *handicap* flagrante do Grande Prêmio, o resultado oficial e definitivo que ele lera no *Evening Telegraph*, edição final rosa, no abrigo do cocheiro, em Butt Bridge.

Onde intimações prévias do resultado, efetuadas ou projetadas, tinham sido recebidas por ele? No estabelecimento licenciado de Bernard Kiernan, 8, 9 e 10 Little Britain Street: no estabelecimento licenciado de David Byrne, 14 Duke Street: em O'Connell Street inferior do lado de fora de Graham Lemon's quando um homem escuro colocou em sua mão um anúncio de jogar fora (subseqüentemente jogado fora), anunciando Elias, restaurador da igreja em São: em Lincoln Place fora das premissas de F. W. Sweny e Cia. (Limitada), boticários,

quando, quando Frederick M. (Bantam) Lyons tinha requerido rapidamente e sucessivamente, lido com atenção e restituído a cópia da tiragem corrente do *Freeman's Journal* e do *National Press* que ele estava prestes a jogar fora (subseqüentemente jogados fora), ele tinha procedido em direção ao edifício oriental dos Banhos Quentes Turcos, 11 Leinster Street, com a luz da inspiração brilhando em seu semblante e levando nos braços o segredo da corrida, gravado na linguagem da predição.

Que considerações suavizantes apaziguaram suas perturbações?

As dificuldades de interpretação uma vez que o significado de qualquer evento seguia sua ocorrência tão variavelmente como o relatório acústico seguia a descarga elétrica e de contra-avaliar uma perda verdadeira por falhar em interpretar a soma total de perdas possíveis procedendo originalmente de uma interpretação bem-sucedida.

Seu estado de espírito?

Ele não tinha arriscado, ele não tinha previsto, ele não tinha ficado desapontado, ele estava satisfeito.

O que o satisfazia?

Não ter sofrido nenhuma perda positiva. Ter proporcionado um ganho positivo para outros. Luz para os gentios.

Como Bloom preparou uma pequena refeição para um gentio?

Ele derramou dentro de duas xícaras de chá duas colheres rasas, quatro ao todo, de chocolate solúvel Epp conforme as instruções para o uso dele impressas no rótulo, acrescentando a cada uma depois de tempo suficiente para a infusão os ingredientes prescritos para difusão na maneira e na quantidade prescritas.

Que sinais super-rogorários de particular hospitalidade manifestou o anfitrião ao seu conviva?

Renunciando ao seu direito de chefe do banquete familiar à xícara-de-bigode de imitação do Crown Derby a ele presenteada por sua filha única, Millicent (Milly), ele a substituiu por uma xícara idêntica à do seu conviva e serviu extraordinariamente seu conviva e, de forma reduzida, a si mesmo o creme viscoso ordinariamente reservado para o café-da-manhã de sua mulher Marion (Molly).

Teve seu conviva consciência e reconheceu estes sinais de hospitalidade?

Sua atenção foi jocosamente dirigida a eles pelo seu anfitrião, e ele os aceitou seriamente enquanto bebiam num silêncio jocosos-sério o produto Epp's, o chocolate do ser vivo.

Houve outros sinais de hospitalidade que ele considerou mas suprimiu, reservando-os para um outro e para si mesmo em ocasiões futuras para completar o ato iniciado?

O conserto de uma fissura do tamanho de uma polegada e meia no lado direito da jaqueta de seu conviva. Um presente para o seu conviva de um dos quatro lenços de senhora, se e quando verificado estar em condição apresentável.

Quem bebeu mais rápido?

Bloom, tendo a vantagem de dez segundos ao iniciar e tomando, da superfície côncava de uma colher ao longo do cabo da qual um contínuo fluir de calor era conduzido, três goles para um de seu opositor, seis por dois, nove por três.

Que atividade intelectual acompanhou seu ato freqüentativo?

Concluindo por inspeção mas erroneamente que seu silencioso companheiro estava ocupado numa composição mental ele refletiu sobre os prazeres derivados da literatura de instrução mais do que de diversão como a que ele dedicara às obras de William Shakespeare mais de uma vez para a solução de problemas difíceis na vida real ou imaginária.

Tinha ele encontrado solução para eles?

Apesar de uma leitura cuidadosa e repetida de certas passagens clássicas, auxiliada por um glossário, ele obtivera uma convicção imperfeita do texto, as respostas não ajudando em todos os pontos.

Que linhas concluíram seu primeiro verso original escrito por ele, poeta potencial, com a idade de onze anos em 1877 por ocasião da oferta de três prêmios de 10/-, 5/- e 2/6 respectivamente para competição pelo *Shamrock*, um jornal semanal?

*Ambição e olhar de lado  
Pro meu verso publicado  
Me faz esperar que os senhores  
Considerem promissores os que aqui vão.  
Então peço que o meu nome  
L. Bloom coloquem na conclusão.*

Encontrou ele quatro forças separadoras entre seu conviva temporário e ele mesmo?

Nome, idade, raça, credo.

Que anagrama fez ele com seu nome na juventude?

Leopold Bloom  
Ellpodbomool  
Molldopeloob  
Bollop doom  
Old Ollebo, M. P.

Que acróstico com a abreviação de seu primeiro nome mandara ele (poeta cinético) para a senhorita Marion (Molly) Tweedy no dia 14 de fevereiro de 1888?

*Poetas antigos louvaram em canções  
Os cantos da música para os corações.  
Louvem o que bem quiserem, pois seja como for  
Devo dizer que mais que vinhos e canções*

## *O mundo para mim é o teu amor.*

O que o havia impedido de completar uma canção corrente (música de R. G. Johnston) sobre os acontecimentos do passado, ou acessórios para os atuais, anos, intitulada *Se Brian Boru ao menos pudesse voltar e ver como a velha Dublin está agora*, encomendada por Michael Gunn, locatário do Teatro Gaiety, 46, 47, 48, 49 South King Street, e a ser introduzida na sexta cena, o vale dos diamantes, da segunda edição (30 de janeiro de 1893) da grande pantomima anual de Natal *Simbá o Marinheiro* (produzida por R. Shelton em 26 de dezembro de 1892, escrita por Greenleaf Whittier, cenário de George A. Jackson e Cecil Hicks, figurinos das Sra. e senhorita Whelan sob a supervisão pessoal da Sra. Michael Gunn, balés por Jessie Noir, arlequinada por Thomas Otto) e cantada por Nelly Bouverist, a jovem atriz principal?

Em primeiro lugar, oscilação entre os acontecimentos de interesse imperial e local, o antecipado jubileu de diamante da rainha Vitória (nascida em 1820, ascensão ao trono em 1837) e a inauguração posticipada do novo mercado municipal de peixe: em segundo lugar, a apreensão de uma oposição por parte dos círculos extremistas às questões das visitas respectivas de Suas Altezas Reais o duque e a duquesa de York (real) e de Sua Majestade rei Brian Boru (imaginário): em terceiro lugar, um conflito entre a etiqueta profissional e a emulação profissional relativo à construção recente do Grand Lyric Hall no Burgh Quay e do Teatro Real em Hawkins Street: em quarto lugar, distração resultante de compaixão pela expressão de fisionomia não-intelectual, não-política, não-tópica de Nelly Bouverist e concupiscência causada pelas revelações de Nelly Bouverist de artigos de *lingerie* branca não-intelectuais, não-políticos, não-tópicos quando ela (Nelly Bouverist) usava os artigos em questão: em quinto lugar, as dificuldades de seleção de música apropriada e de alusões humorísticas do *Livro de Piadas para Todos* (1.000 páginas e uma risada em cada uma delas): em sexto lugar, as rimas, homófonos e cacófonos, associados com os nomes do novo prefeito de Londres, Daniel Tallon, do novo xerife supremo, Thomas Pile e do novo procurador-geral, Dunbar Plunket Barton.

Que relação existia entre as idades deles?

16 anos antes em 1888 quando Bloom estava com a idade atual de Stephen Stephen tinha 6 anos. 16 anos depois em 1920 quando Stephen teria a idade atual de Bloom Bloom teria 54 anos. Em 1936 quando Bloom tiver 70 anos e Stephen 54 suas idades inicialmente na razão de 16 a 0 seriam de 17 e 1/2 a 13 e 1/2, a proporção crescendo e a disparidade diminuindo de acordo à medida que os anos futuros arbitrários fossem acrescidos, pois se a proporção existente em 1883 tivesse prosseguido imutável, concebendo-se que isso fosse possível, até então 1904 quando Stephen estava com 22 anos Bloom teria 374 anos e em 1920 quando Stephen tivesse 38, como Bloom tinha então, Bloom teria 646 enquanto em 1952 quando Stephen teria atingido a idade máxima pós-diluviana de 70 anos Bloom, tendo 1.190 anos de vida tendo nascido no ano 714, teria ultrapassado de 221 anos a idade máxima antediluviana, aquela de Matusalém, de 969 anos, enquanto, Stephen continuaria a viver até que tivesse atingido essa idade no ano 3072 A.D., Bloom teria sido obrigado a ficar vivo 83.300 anos, tendo sido obrigado a ter nascido no ano 81.396 a.C.

Que acontecimentos poderiam anular estes cálculos?

A cessação de existência de ambos ou de um deles, a inauguração de uma nova era ou calendário, o aniquilamento do mundo e a conseqüente exterminação da espécie humana, inevitável mas imprevisível.

Quantos encontros anteriores deram prova de seu conhecimento preexistente?

Dois. O primeiro no jardim de lilases da casa de Mathew Dillon, Medina Villa, Kimmage Road, Roundtown, em 1887, na companhia da mãe de Stephen, Stephen tendo então 5 anos de idade e relutasse dar a mão em sinal de cumprimento. O segundo na sala de café do hotel Breslin num domingo chuvoso de janeiro de 1892, na companhia do pai de Stephen e do tio-avô de Stephen, Stephen sendo então 5 anos mais velho.

Aceitou Bloom o convite para jantar feito pelo filho e depois secundado pelo pai?

Muito gratamente, com apreciação agradecida, com sincera gratidão apreciativa, com apreciavelmente grata sinceridade de pesar, ele recusou.

Revelou a conversação dos dois tendo por assunto estas reminiscências um terceiro laço de ligação entre eles?

A Sra. Riordan (Dante), uma viúva de situação financeira independente, tinha residido na casa dos pais de Stephen de 10 de setembro de 1888 até 29 de dezembro de 1891 e também residira durante os anos de 1892, 1893 e 1894 no hotel City Arms de propriedade de Elizabeth O'Dowd no número 54 Prussia Street onde, durante parte dos anos 1893 e 1894, tinha sido uma informante constante de Bloom que também residia no mesmo hotel, sendo então um funcionário a serviço de Joseph Cuffe do número 5 Smithfield para a superintendência de vendas do adjacente mercado de gado de Dublin em North Circular Road.

Tinha ele prestado a ela algum serviço especial físico de caráter caridoso?

Ele tinha às vezes impelido em noites quentes de verão, uma enferma viúva de situação financeira independente, embora limitada, em seu carro de inválida, com lentos movimentos de revolução das rodas até a esquina de North Circular Road do lado oposto do estabelecimento comercial do Sr. Gavin Low onde ela permanecera por algum tempo examinando através dos binóculos dele de uma lente binocular cidadãos irreconhecíveis em bondes, bicicletas de estrada com pneus de ar comprimido, carruagens de aluguel, tandens, landôs particulares e de aluguel, carros puxados por cães, charretes inglesas e breques indo da cidade até o Phoenix Park e *vice versa*.

Por que podia ele então suportar aquela vigília com a maior equanimidade?

Porque na flor da idade tinha freqüentemente ficado sentado observando através do rondó de vidro gravado de uma vidraça multicolorida o espetáculo oferecido com contínuas mudanças de uma via pública externa, pedestres, quadrúpedes, velocípedes, veículos, passando lentamente, rapidamente, tranqüilamente, em volta em volta em volta da borda de um globo redondo escarpado.

Que diferentes lembranças precisas tinha cada um deles dela que já morrera há oito anos? O mais velho, seu jogo de besigue e fichas, seu cachorro *skye terrier*, sua suposta riqueza, seus lapsos de atenção e surdez catarral incipiente: o mais moço, sua lâmpada a óleo colza diante da estátua da Imaculada Conceição, suas escovas verde e granadina para Charles Stewart Parnell e para Michael Davitt, seus papéis de seda.

Restavam-lhe ainda meios de alcançar o rejuvenescimento destas reminiscências divulgadas a um companheiro mais jovem que as tornasse mais desejáveis?

Os exercícios dentro de casa, primeiramente praticados intermitentemente, subseqüentemente abandonados, prescritos em *Força Física e Como Obtê-la* de Eugen Sandow que, particularmente destinada aos homens de negócio entregues a ocupações sedentárias, deviam ser feitos com concentração mental em frente a um espelho de modo a pôr em ação as várias famílias de músculos e produzir sucessivamente uma rigidez agradável, um relaxamento mais agradável e a mais agradável revitalização da agilidade juvenil.

Tinha ele tido alguma agilidade especial em sua primeira mocidade?

Embora levantamento de peso tivesse sido além de suas forças e rotação total em círculo além de sua coragem contudo como estudante de escola secundária ele se destacara na execução demorada e estável do movimento de meia alavanca nas barras paralelas em consequência de seus músculos abdominais anormalmente desenvolvidos.

Algum dos dois aludiu abertamente à sua diferença racial?

Nenhum dos dois.

Quais, reduzidos à sua forma recíproca mais simples, eram os pensamentos de Bloom sobre os pensamentos de Stephen a respeito de Bloom e sobre os pensamentos de Stephen sobre os pensamentos de Bloom a respeito de Stephen?

Ele pensou que ele pensava que ele era um judeu enquanto ele sabia que ele sabia que ele sabia que não era.

Quais, uma vez derrubadas as barreiras da reticência, eram seus respectivos parentescos?

Bloom, filho único herdeiro transubstancial de Rudolf Virag (subseqüentemente Rudolph Bloom) de Szombathély, Viena, Budapeste, Milão, Londres e Dublin e de Ellen Higgins, segunda filha de Julius Higgins (nascido Karoly) e Fanny Higgins (nascida Hegarty). Stephen, filho mais velho sobrevivente herdeiro consubstancial de Simon Dedalus de Cork e Dublin e de Mary, filha de Richard e Christina Goulding (nascida Grier).

Tinham Bloom e Stephen sido batizados, e onde e por quem, clérigo ou leigo?

Bloom (três vezes), pelo reverendo Sr. Gilmer Johnson M. A., sozinho, na igreja protestante de São Nicolau de Fora, Coombe, por James O'Connor, Philip Gilligan e James Fitzpatrick, juntos, com pompa na aldeia de Swords, e pelo reverendo Charles Malone C. C., na igreja dos Três Patronos, Rathgar. Stephen (uma vez) pelo reverendo Charles Malone C. C., sozinho, na igreja dos Três Patronos, Rathgar.

Achavam eles que seus estudos preparatórios tinham algo em comum?

Substituindo Stephen por Bloom Stoom teria passado sucessivamente por uma escola primária e uma escola secundária. Substituindo Bloom por Stephen Blephen teria passado sucessivamente pelo preparatório, a divisão dos menores, a divisão dos médios e a divisão dos maiores do curso intermediário e pela matrícula na Royal University, seguida de primeiras artes, segundas artes e bacharelado.

Por que Bloom se absteve de declarar que havia freqüentado a universidade da vida?

Devido à sua incerteza flutuante quanto a esta observação já ter sido feita ou não por ele a Stephen ou por Stephen a ele.

Que dois temperamentos representavam eles individualmente?

O científico. O artístico.

Que provas citou Bloom para provar que sua tendência era para a ciência aplicada, mais do que para a ciência pura?

Certas possíveis invenções que tinha cogitado quando reclinado em um estado de supina saciedade para ajudar a digestão, estimulado por sua apreciação da importância de invenções agora comuns mas outrora revolucionárias, por exemplo, o pára-quedas aeronáutico, o telescópio de reflexão, o saca-rolhas espiralado, o alfinete de segurança, o sifão de água mineral, as eclusas com comportas mecânicas, a bomba de sucção.

Eram estas invenções principalmente destinadas a um esquema aperfeiçoado de jardim-de-infância?

Sim, tornando obsoletos espingardas de ar comprimido, vesículas natatórias, jogos de azar, bодоques. Elas compreendiam caleidoscópios astronômicos mostrando as doze constelações do zodíaco de Áries a Peixes, miniaturas planetárias mecânicas, losangos aritméticos gelatinosos, geométricos para corresponder aos biscoitos zoológicos, bolas de jogar com mapa do globo, bonecas com trajes históricos.

O que também o estimulava em suas cogitações?

O sucesso financeiro alcançado por Ephraim Marks e Charles A. James, o primeiro por seu bazar de 1 penny no número 42 George's Street, sul, o último em sua loja de 6 shillings e 2 pence e exposição de feira de fantasias do mundo e obras de cera no número 30 Henry Street, acesso a 2 pence, crianças 1 penny: e as infinitas possibilidades até então inexploradas da arte moderna publicitária se condensadas em símbolos monoideais trilaterais, verticalmente de máxima visibilidade (prevista), horizontalmente de máxima legibilidade (decifrada) e de eficácia magnetizadora para atrair a atenção involuntária, interessar, convencer, decidir.

Tais como?

K. 11. Calças de Kino de 11 shillings.

Casa de Chaves (Chaves). Alexandre J. Chaves.



Quais não?

Olhe para esta longa vela. Calcule quando ela queima totalmente e você receberá grátis 1 par de nossas botas especiais de couro verdadeiro, com a garantia de 1 potência.

Endereço: Barclay and Cook, 18 Talbot Street.

Mortobacilo (Pó Inseticida).

A Nec plus ultra (Graxa).

Indispensável (Canivete de bolso de duas lâminas com saca-rolhas, lima de unhas e limpador de cachimbo).

Quais nunca?

O que é um lar sem Carne Enlatada de Plumtree?

Incompleto.

Com ela uma moradia de felicidade.

Manufaturada por George Plumtree, 23 cais de Merchant, enlatada em potes de 110 gramas, e inserida pelo conselheiro Joseph P. Nannetti, M. P., Rotunda Ward, 19 Hardwicke Street, sob as notícias obituárias e aniversários de morte. O nome no rótulo é Plumtree. Uma ameixeira num pote de carne, marca comercial registrada. Cuidado com as imitações. Peatmot. Trumplee. Montpat. Plamtroo.

Que exemplo ele mencionou para induzir Stephen a deduzir que originalidade, embora proporcionando sua própria recompensa, não conduz invariavelmente ao sucesso?

Seu próprio projeto concebido e rejeitado de uma carreta publicitária iluminada, puxada por uma besta de carga, na qual estariam sentadas duas moças elegantemente vestidas ocupadas em escrever.

Que cena sugerida foi então arquitetada por Stephen?

Hotel solitário num desfiladeiro de montanha. Outono. Crepúsculo. Fogo aceso na chaminé. Num canto escuro um jovem sentado. Uma jovem entra. Agitada. Solitária. Ela se senta. Vai até a janela. Fica de pé. Senta-se. Crepúsculo. Ela pensa. No papel solitário do hotel ela escreve. Ela pensa. Ela escreve. Ela suspira. Rodas e patas. Ela sai apressada. Ele vem de seu canto escuro. Ele pega o papel solitário. Ele o segura em direção ao fogo. Crepúsculo. Ele lê. Solitário.

O quê?

Em grafia inclinada para a esquerda, oblíqua, vertical: Queen's Hotel, Queen's Hotel, Queen's Hotel, Queen's Ho...

Que cena sugerida foi então reconstruída por Bloom?

O Queen's Hotel, Ennis, condado Clare, onde Rudolph Bloom (Rudolf Virag) morreu na noite de 27 de junho de 1886, a uma hora não declarada, em consequência de uma *overdose* de napelo (acônito) que ele próprio tomou sob a forma de um linimento nevrálgico composto de 2 partes de linimento de acônito para 1 de linimento de clorofórmio (comprado por ele às 10h20 da manhã do dia 27 de junho de 1886 na ala médica de Francis Dennehy, 17 Church Street,

Ennis) depois de ter, embora não em consequência de ter, comprado às 3h15 da tarde de 27 de junho de 1886 um novo chapéu de palha de barqueiro, ultra-elegante (depois de ter, embora não em consequência de ter, comprado na hora e no lugar anteriormente mencionado, a toxina anteriormente mencionada), na loja de roupas de James Cullen, 4 Main Street, Ennis.

Atribuiu ele esta homonímia a informação ou coincidência ou intuição?

Coincidência.

Descreveu ele a cena verbalmente para que seu convidado a visse?

Ele próprio preferiu ver o rosto de um outro e ouvir as palavras de um outro pelas quais uma narração potencial foi realizada e um temperamento cinético aliviado.

Viu ele apenas uma segunda coincidência na segunda cena a ele narrada, descrita pelo narrador como *Uma Visão da Palestina* ou *A Parábola das Ameixas*?

Ela, com a cena precedente e com outras não narradas mas existentes por implicação, à qual ensaios adicionados sobre vários assuntos ou apotegmas morais (ex. *Meu Herói Favorito* ou *Procrastinação é o Ladrão do Tempo*) compostos durante os anos escolares, parecia-lhe conter em si mesma e em conjunção com a equação pessoal certas possibilidades de sucesso financeiro, social, pessoal e sexual, quer especialmente colhida e selecionada como temas pedagógicos modelares (de mérito cem por cento) para o uso de estudantes que preparam ou tenham obtido seu certificado de estudos em formulário impresso, de acordo com o precedente criado por Philip Beaufoy ou doutor Dick ou *Estudos em Azul* de Heblon, para uma publicação de circulação e solvência registrada ou empregada verbalmente como estímulo intelectual para ouvintes compreensivos, tacitamente apreciativa de uma narrativa bem-sucedida e confidencialmente pressagiosa de uma realização coroada de êxito, durante as crescentes noites mais longas sucedendo gradualmente ao solstício de verão no dia seguinte excetuando três, videlicet, terça-feira, 21 de junho (Santo Aluísio de Gonzaga), sol nascente às 3h33 da manhã, sol poente às 8h29 da noite.

Que problema doméstico ocupava freqüentemente sua mente tanto, se não mais do que qualquer outro?

O que fazer com nossas esposas.

Quais tinham sido suas hipotéticas soluções singulares?

Jogos de salão (dominós, halma, jogo-de-pulga, varetas, bilboquê, napoleão, mata-cinco, besigue, vinte-e-cinco, fedorento, damas, xadrez ou gamão): bordado, cerzidura ou tricô para a sociedade de ajuda à vestimenta: duetos musicais, bandolim e violão, piano e flauta, violão e piano: documentos legais ou expedição comercial: visitas bissemanais a entretenimentos variados, atividade comercial de proprietárias que comandam agradavelmente e são agradavelmente obedecidas numa leiteria fresca ou num divã aquecido de fumar charuto: satisfação clandestina de irritação erótica nos bordéis masculinos, inspecionados pelo estado e medicamente controlados: visitas sociais, a intervalos esporádicos antecipados e com superintendência preventiva freqüente, de ida e vinda de relações femininas de reconhecida

respeitabilidade na vizinhança: cursos de instrução noturna especialmente destinados a tornar agradável a instrução liberal.

Que exemplos de desenvolvimento mental deficiente em sua mulher o predispueram a favor da última (nona) solução mencionada?

Em momentos ociosos ela mais de uma vez cobrira uma folha de papel com sinais e hieróglifos que declarava serem caracteres gregos e irlandeses e hebraicos. Ela interrogara constantemente em intervalos variados quanto ao método correto de escrever o nome de uma cidade do Canadá, Quebec, com letra inicial maiúscula. Ela pouco entendia de complicações políticas, internas, ou de equilíbrio de poder, externo. Ao calcular as adições de contas a pagar ela freqüentemente recorria à contagem com os dedos. Depois de completar composições epistolares lacônicas ela abandonava o instrumento da caligrafia no pigmento encáustico, exposto à ação corrosiva de sulfato ferroso, vitríolo verde e noz de galha. Polissílabos incomuns de origem estrangeira eram por ela interpretados foneticamente ou por falsa analogia ou por ambos: metempsicose (metem psi coisa), alcunha (uma pessoa mentirosa mencionada na sagrada escritura).

O que é que, no equilíbrio falso de sua inteligência, compensava tais e tais deficiências de julgamento em relação a pessoas, lugares e coisas?

O aparente paralelismo falso de todos os braços perpendiculares de todas as balanças, comprovado ser verdadeiro por sua construção. O contrapeso de sua proficiência de julgamento de uma pessoa, comprovado ser verdadeiro por meio de experiência.

Como tentara ele remediar este estado de relativa ignorância?

De várias maneiras. Deixando num lugar visível um certo livro aberto em determinada página: assumindo nela, ao aludir explanatoriamente, um conhecimento latente: ridicularizando abertamente na presença dela o lapso ignorante de algum outro ausente.

Com que chance de sucesso tinha ele tentado uma instrução direta?

Ela não acompanhava tudo, uma parte do todo, prestava atenção com interesse, compreendia com surpresa, com cuidado repetia, com maior dificuldade lembrava, esquecia com facilidade, com dúvida relembrava, re-repetia com erro.

Que sistema se mostrara mais eficiente?

Sugestão indireta implicando interesse próprio.

Exemplo?

Ela não gostava de guarda-chuva com chuva, ele gostava de mulher com guarda-chuva, ela não gostava de chapéu novo com chuva, ele gostava de mulher com chapéu novo, ele comprou chapéu novo com chuva, ela levou guarda-chuva com chapéu novo.

Aceitando a analogia implícita na parábola de seu convidado que exemplos de eminência pós-exílica ele aduziu?

Três exploradores da verdade pura, Moisés do Egito, Moisés Maimônides, autor de *More Nebukim* (Guia dos Perplexos) e Moisés Mendelssohn de tal eminência que de Moisés (do Egito) a Moisés (Mendelssohn) não surgiu ninguém como Moisés (Maimônides).

Que declaração foi feita, sujeita à correção, por Bloom a respeito do quarto explorador da verdade pura, de nome Aristóteles, mencionado, com permissão, por Stephen?

Que o explorador mencionado tinha sido um aluno de um filósofo rabínico, de nome incerto.

Foram mencionados outros anapócrifos filhos ilustres da lei e descendentes de uma raça escolhida ou rejeitada?

Felix Bartholdy Mendelssohn (compositor), Baruch Espinoza (filósofo), Mendoza (pugilista), Ferdinand Lassalle (reformador, duelista).

Que fragmentos de verso das línguas antigas hebraica e irlandesa foram citados com modulações de voz e tradução de textos pelo convidado ao anfitrião e pelo anfitrião ao convidado?

Por Stephen: *suil, suil, suil arun, suil go siocair agus suil go cuin* (ande, ande, ande pelo seu caminho, ande com segurança, ande com cuidado).

Por Bloom: *kifeloch, harimon rakatejch m'baad l'zamatejch* (tua têtpora por entre os teus cabelos é como uma fatia de romã).

Como uma comparação hieroglífica dos símbolos fônicos de ambas as línguas foi feita como comprovação tangível da comparação oral?

Por justaposição. Na penúltima página em branco de um livro de estilo literário inferior, intitulado *Doçuras do Pecado* (produzido por Bloom e tão manipulado que sua capa fronteira entrou em contato com a superfície da mesa) com um lápis (fornecido por Stephen) Stephen escreveu os caracteres irlandeses para g, e, d, m, simples e modificados, e Bloom por sua vez escreveu os caracteres hebraicos *ghimel, aleph, daleth* e (na falta de m) um substituto *goph*, explicando seus valores aritméticos e números cardinais e ordinais, *videlicet* 3, 1, 4 e 100.

Era o conhecimento possuído por ambos de cada uma destas línguas, a extinta e a revitalizada, teórico ou prático?

Teórico, estando confinado a certas regras gramaticais de rudimentos da língua e sintaxe e praticamente excluindo o vocabulário.

Que pontos de contato existiam entre estas línguas e entre os povos que as falavam?

A presença de sons guturais, aspirações diacríticas, letras epentéticas e servis em ambas as línguas: sua antiguidade, ambas tendo sido ensinadas na planície de Shinar 242 anos depois do dilúvio no seminário instituído por Fenius Farsaigh, descendente de Noé, progenitor de Israel, e ascendente de Heber e Heremon, progenitores da Irlanda: suas literaturas arqueológicas, genealógicas, hagiográficas, exegéticas, homiléticas, toponomásticas, históricas e religiosas compreendendo as obras de rabinos e culdees, Torá, Talmude (Mischna e Ghemara), Massor, o Pentateuco, o Livro de Dun Cow, o Livro de Ballymote, Garland de Howth, o Livro de

Kells: sua dispersão, perseguição, sobrevivência e renascimento: o isolamento de seus ritos sinagógicos e eclesiásticos em guetos (Abadia de Santa Maria) e casa-Deus (Taverna de Adão e Eva): o banimento de seus costumes nacionais por leis penais e decretos sobre a vestimenta judaica: a restauração em Chanah Davi de Sião e a possibilidade de autonomia política irlandesa ou devolução.

Que antífona cantou Bloom parcialmente em antecipação dessa consumação múltipla, etnicamente irreduzível?

*Kolod balejwaw pnimah*  
*Nefesch, jehudi, homijah.*

Por que o canto foi interrompido no final do primeiro dístico?  
Em consequência de uma mnemotécnica defeituosa.

Como o cantor compensou esta deficiência?  
Por meio de uma versão perifrástica do texto geral.

Em que estudo comum suas reflexões mútuas se fundiram?  
A crescente simplificação identificável dos hieróglifos epigráficos egípcios para os alfabetos grego e romano e a antecipação da estenografia moderna e código telegráfico nas inscrições cuneiformes (semita) e a escrita virgular do alfabeto irlandês quinqüecostado (celta).

Aquiesceu o convidado à solicitação de seu anfitrião?  
Duplamente, apondo sua assinatura em caracteres irlandeses e romanos.

Qual foi a sensação auditiva de Stephen?  
Ele ouviu numa estranha melodia antiga viril profunda o acúmulo do passado.

Qual foi a sensação visual de Bloom?  
Ele viu numa vivaz figura jovem viril a predestinação de um futuro.

Quais eram as quase-sensações volitivas quase-simultâneas das identidades ocultas de Stephen e Bloom?

Visualmente, de Stephen: A figura tradicional hipostática, descrita por Johannes Damascenus, Lentulus Romanus e Epiphanius Monachus como leucodérmica, sesquipedal com cabelos cor de vinho-escuro.

Auditivamente, de Bloom: A inflexão tradicional de êxtase da catástrofe.

Que carreiras futuras tinham sido possíveis para Bloom no passado e com que modelos?

Na igreja, romana, anglicana ou não-conformista: modelos, o muito reverendo John Conmee S. J., o reverendo T. Salmon, D. D., reitor do Trinity College, Dr. Alexander J. Dowie. No tribunal, inglês ou irlandês: modelos, Seymour Bushe, K. C., Rufus Isaacs, K. C. No palco,

moderno ou shakespeariano: modelos, Charles Wyndham, grande comediante, Osmond Tearle († 1901), expoente de Shakespeare.

Encorajou o anfitrião seu conviva a entoar com voz modulada uma lenda estranha sobre um tema afim?

De uma maneira tranqüilizadora, seus lugares, onde ninguém os podia ouvir falar, sendo afastados, tranqüilizados, suas decocções, permitindo um sedimento residual subsólido de uma mistura mecânica, água mais açúcar mais creme mais chocolate, tendo sido consumidas.

Recite a primeira (maior) parte desta lenda entoada.

*O pequeno Harry Hughes e seus colegas de escola*

*Foram jogar bola.*

*A primeira bola que chutou*

*Por cima do muro do judeu voou.*

*E a segunda*

*Todas as janelas quebrou.*

The image shows a handwritten musical score for a song. It consists of six staves of music, each with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The lyrics are written below the notes. The lyrics are: "Little Harry Hughes and his school fellows all went out for to play ball. Went out for to play ball. And the very first ball little Harry Hughes played He drove it over the Jew's garden wall. He drove it over the Jew's garden wall. And the very second ball little Harry Hughes played He broke the Jew's windows all. He broke the Jew's windows all." The handwriting is in cursive and appears to be a personal or working draft.

Como o filho de Rudolph recebeu esta primeira parte?

Com um sentimento isento. Sorrindo, um judeu, ele ouviu com prazer e viu a janela intacta da cozinha.

Recite a segunda parte (menor) da lenda.

*Então apareceu a filha do judeu*

*Que, vestida de verde, assim falou:*

*“Volta aqui, menino lindinho,*

*E joga mais um pouquinho.”*

*“Não quero voltar, não posso, não devo,  
Sem meus colegas não vou voltar, não.  
Se meu professor me pegar  
Vai me dar mais que um sermão.”*

*Ela pegou na mão branca do menino  
E foi com ele pelo corredor  
Até um quarto fechado  
De onde não se ouvia seu clamor.*

*Aí tirando um canivete do bolso  
Cortou o pequenino pescoço.  
E agora o menino não brinca mais  
Porque a morte não volta atrás.*



Como o pai de Millicent recebeu esta segunda parte?

Com sentimentos mistos. Sem sorrir, ele ouviu e viu com espanto a filha de um judeu, toda vestida de verde.

Condense o comentário de Stephen.

Um de todos, o menor de todos, é a vítima predestinada. Uma vez por inadvertência, duas vezes com determinação ele desafia seu destino. Este vem quando ele é abandonado e o desafia relutante e, como uma aparição de esperança e juventude, o mantém preso sem resistência. Leva-o para uma morada estranha, para um apartamento descrente secreto, e ali, consentindo, implacável, o imola.

Por que o anfitrião (vítima predestinada) estava triste?

Ele desejava que o relato de um feito fosse contado de um feito não por ele não por ele fosse contado.

Por que estava o anfitrião (relutante, sem resistir) quieto?

De acordo com a lei da conservação de energia.

Por que estava o anfitrião (descrente secreto) silencioso?

Ele pesou as evidências possíveis a favor e contra o ritual de assassinato: as incitações da hierarquia, a superstição do populacho, a propagação do boato em fração continuada de veracidade, a inveja da opulência, a influência da retaliação, o reaparecimento esporádico da delinquência atávica, as circunstâncias mitigantes do fanatismo, sugestão hipnótica e sonambulismo.

De quais (se de alguma) destas desordens mentais ou físicas não era ele totalmente imune?

De sugestão hipnótica: uma vez, ao acordar, ele não tinha reconhecido seu quarto de dormir: mais de uma vez, ao acordar, ele tinha ficado por um tempo indeterminado incapaz de se mover ou de pronunciar sons. De sonambulismo: uma vez, dormindo, seu corpo se levantara, se agachara e se arrastara em direção a um fogo sem calor e, tendo atingido seu destino, ali, enroscado, sem aquecimento, de roupa de dormir tinha ficado deitado, dormindo.

Tinha este último ou algum fenômeno cognato se manifestado em algum membro de sua família?

Duas vezes, em Holles Street e em Ontario Terrace, sua filha Millicent (Milly) com as idades de 6 e 8 anos tinha soltado dormindo uma exclamação de terror e tinha respondido às interrogações de duas figuras trajando roupa de dormir com uma expressão apática e muda.

Que outras lembranças infantis teve ele dela?

15 de junho de 1889. Uma criança recém-nascida lamurienta do sexo feminino chorando para causar e diminuir congestionamento. Uma criança rebatizada Padney Socks que sacudi com sacudidelas sua caixadedinheiro: contou os três botões livres dele de um penny, um, dois, três: uma boneca, um menino, um marinheiro ela jogou fora: loura, nascida de dois morenos, ela tinha ascendência loura, remota, uma violação, herr Hauptmann Hainau, exército austríaco, a seguir, uma alucinação, tenente Mulvey, exército britânico.

Que características endêmicas estavam presentes?

Inversamente a formação nasal e frontal derivava de uma linha direta de linhagem que, embora interrompida, continuaria a intervalos distantes a intervalos mais distantes até seus mais distantes intervalos.

Que lembranças tinha ele da adolescência dela?

Ela relegou seu arco e corda-de-pular a um lugar oculto. No gramado do duque, rogada por um visitante inglês, ela negou permitir-lhe que tirasse e levasse com ele sua imagem fotográfica (objeção não declarada). Na South Circular Road na companhia de Elsa Potter, seguida por um indivíduo de aspecto sinistro, ela andou meio caminho da Stamer Street e virou abruptamente para trás (razão da mudança não declarada). Na véspera do 15º aniversário de seu nascimento ela escreveu uma carta de Mullingar, condado Westmeath, fazendo uma breve alusão a um estudante local (faculdade e ano não mencionados).



Afetou-o esta primeira divisão, pressagiando uma segunda divisão?  
Menos do que ele imaginara, mais do que ele esperara.

Que segunda partida foi semelhantemente, embora diferentemente, percebida contemporaneamente por ele?  
Uma partida temporária de sua gata.

Por que semelhantemente, por que diferentemente?  
Semelhantemente, porque movida pelo objetivo secreto da busca de um novo macho (estudante de Mullingar) ou por uma erva medicinal (valeriana). Diferentemente, devido aos possíveis diferentes retornos aos habitantes ou à habitação.

Sob outros aspectos eram suas diferenças semelhantes?  
Em passividade, em economia, no instinto de tradição, no inesperado.

Como?  
Visto que ao se inclinar ela sustinha seu cabelo louro para ele pôr a fita para ela (cf. gata de pescoçoarqueado). Além disso, na superfície livre do lago em Stephen's Green em meio aos reflexos invertidos das árvores o cuspe não comentado dela, descrevendo círculos concêntricos de anéisdeágua, indicava pela constância de sua permanência o local de um peixe prostrado sonolento (cf. gata observando camundongo). Novamente, a fim de se lembrar da data, dos combatentes, do resultado e conseqüências de uma famosa manobra militar ela puxava uma trança do seu cabelo (cf. gata lavando a orelha). Além do mais, tola Milly, sonhava ter tido uma conversa não falada e não lembrada com um cavalo cujo nome tinha sido José a quem (ao qual) ela tinha oferecido um copo de limonada que ele (José) parecera ter aceitado (cf. gata sonhando na lareira). Portanto, em passividade, em economia, em instinto de tradição, no inesperado, suas diferenças eram semelhantes.

De que maneira tinha ele utilizado presentes [1) uma coruja, 2) um relógio], dados como augúrios matrimoniais, para interessá-la e instruí-la?  
Como objetos de lição para explicar: 1) a natureza e hábitos de animais ovíparos, a possibilidade de vôo aéreo, certas anormalidades de visão, o processo secular de embalsamamento: 2) o princípio do pêndulo, exemplificado em fio de prumo, engrenagem de roda e regulador, a tradução em termos de regulamento humano ou social das várias posições dos indicadores móveis de dextrorso sobre um mostrador de relógio que não se move, a exatidão da recorrência por hora de um instante em cada hora quando o ponteiro mais longo e mais curto estiverem no mesmo ângulo de inclinação, *videlicet*, 5<sub>5/11</sub> de minutos passados de cada hora por hora em progressão aritmética.

De que maneiras ela retribuiu?  
Ela se lembrava: do 27<sup>o</sup> aniversário do nascimento dele em que ela o presenteou com uma xícaradebigode para o café-da-manhã em imitação à porcelana Crown Derby. Ela providenciava: nas entradas trimestrais ou por volta disso ou quando ele fazia compras não

para ela, ela se mostrava atenta às necessidades dele, antecipando seus desejos. Ela admirava: um fenômeno natural que lhe tivesse sido explicado por ele, ela expressava o desejo imediato de possuir sem aquisição gradual uma fração da ciência dele, a metade, o quarto, uma milésima parte.

Que proposta fez Bloom, diâmbulo, pai de Milly, sonâmbulo, a Stephen, noctâmbulo?

Passar em repouso as horas ocorrendo entre quinta-feira (propriamente) e sexta-feira (normal) num cubículo improvisado no apartamento imediatamente acima da cozinha e imediatamente adjacente ao quarto de dormir de seu anfitrião e anfitriã.

Que diversas vantagens resultariam ou poderiam resultar de um prolongamento de uma tal improvisação?

Para o hóspede: segurança de domicílio e reclusão para estudo. Para o anfitrião: rejuvenescimento de inteligência, satisfação vicária. Para a anfitriã: desintegração de obsessão, aquisição de uma pronúncia italiana correta.

Por que estas diversas contingências provisórias entre o hóspede e uma anfitriã não podiam necessariamente impossibilitar ou ser impossibilitadas de uma eventualidade permanente de união reconciliatória entre um estudante e uma filha de judeu?

Porque o caminho para a filha era conduzido através da mãe, o caminho para a mãe através da filha.

A que pergunta polissilábica inconseqüente de seu anfitrião respondeu o convidado com uma resposta monossilábica negativa?

Se ele tinha conhecido a falecida Sra. Emily Sinico, acidentalmente morta na estação de estrada de ferro de Sydney Parade, em 14 de outubro de 1903.

Que declaração dedutiva incipiente foi conseqüentemente suprimida pelo anfitrião?

Uma declaração explanatória de sua ausência por ocasião do enterro da Sra. Mary Dedalus (nascida Goulding), no dia 26 de junho de 1903, véspera do aniversário do falecido Rudolph Bloom (nascido Virag).

Foi a proposta de abrigo aceita?

Prontamente, inexplicavelmente, com amistosidade, gratamente ela foi declinada.

Que troca de dinheiro teve lugar entre o anfitrião e o convidado?

O primeiro devolveu ao último, sem lucro, uma soma de dinheiro (£1-7-0), uma libra e sete shillings esterlinos, adiantados pelo último ao primeiro.

Que contrapropostas foram alternativamente propostas, aceitas, modificadas, declinadas, reformuladas em outros termos, reaceitas, ratificadas, reconfirmadas?

Inaugurar um curso pré-organizado de ensino de italiano, local a residência do instruído. Inaugurar um curso de educação vocal, local a residência da instrutora. Inaugurar uma série de

diálogos intelectuais estáticos, semi-estáticos e peripatéticos, locais a residência de ambos os falantes (se os dois falantes residissem no mesmo local), o hotel e taverna Ship, 6 Lower Abbey Street (W. e E. Connery, proprietários), a Biblioteca Nacional da Irlanda, 10 Kildare Street, o Hospital Maternidade Nacional, 29, 30 e 31 Holles Street, um jardim público, a vizinhança de um local de veneração, uma junção de duas ou mais vias públicas, o ponto de bifurcação de uma linha reta desenhada entre suas residências (se os dois falantes residissem em locais diferentes).

O que tornava problemática para Bloom a realização destas propostas mutuamente auto-excludentes?

A irreparabilidade do passado: certa vez numa atuação do circo Albert Hengler na Rotunda, Rutland Square, Dublin, um intuitivo palhaço parcialmente colorido em busca de paternidade tinha penetrado do picadeiro num lugar no auditório onde Bloom, solitário, estava sentado e tinha declarado publicamente a uma divertida audiência que ele (Bloom) era dele (o palhaço) o papai. A imprevisibilidade do futuro: certa vez no verão de 1898 ele (Bloom) tinha marcado um florim (2/-) com três chanfraduras na extremidade serrilhada e o entregou em pagamento de uma conta devida a e recebida pela família J. e T. Davy de comerciantes de secos e molhados, em 1 Charlemont Mall, Grand Canal, para circulação nas águas da finança cívica, para um possível retorno, circundante ou direto.

Era o palhaço filho de Bloom?

Não.

Retornou a moeda de Bloom?

Nunca.

Por que o deprimiria ainda mais uma frustração recorrente?

Porque no crítico ponto crucial da existência humana ele desejava corrigir muitas condições sociais, o produto da desigualdade e avareza e animosidade internacional.

Acreditava ele então que a vida humana era infinitamente perfectível, se eliminadas estas condições?

Permaneciam as condições genéricas impostas pela lei natural, distinta da lei humana, como partes integrais do todo humano: a necessidade de destruição para conseguir sustento alimentar: o caráter penoso das funções máximas de existência separada, as agonias do nascimento e da morte: a menstruação monótona das fêmeas simiescas e (particularmente) humanas se estendendo da idade da puberdade à menopausa: acidentes inevitáveis no mar, em minas e fábricas: certas doenças muito dolorosas e suas resultantes operações cirúrgicas, loucura inata e criminalidade congênita, epidemias dizimatórias: cataclismos catastróficos que tornam o terror a base da mentalidade humana: convulsões sísmicas cujos epicentros estão localizados em regiões densamente populosas: o fato do crescimento vital, através de convulsões de metamorfoses, da infância através da maturidade até o declínio.

Por que ele desistiu da especulação?

Porque era uma tarefa para uma inteligência superior substituir outros fenômenos mais aceitáveis no lugar de fenômenos menos aceitáveis a serem removidos.

Participou Stephen de sua depressão?

Ele afirmou seu significado como um animal racional consciente procedendo silogisticamente do conhecido para o desconhecido e um reagente racional consciente entre um micro e um macrocosmo inelutavelmente construído sobre a incerteza do vazio.

Foi esta afirmação apreendida por Bloom?

Não verbalmente. Substancialmente.

O que confortava sua falsa impressão?

Que como um cidadão competente sem chave ele tinha prosseguido ativamente do desconhecido para o conhecido através da incerteza do vazio.

Em que ordem de precedência, com que resultante cerimônia foi o êxodo da casa da servidão para a solidão da habitação efetuada?

Vela acesa no castiçal  
levada por  
bloom  
Chapéu eclesiástico no bastão de freixo  
levado por  
stephen

Com que entonação *secreto* de que salmo comemorativo?

A 113<sub>a</sub>, *modus peregrinus: In exitu Israel de Egypto: domus Jacob de populo barbaro.*

O que fez cada um deles na porta da saída?

Bloom pôs o castiçal no chão. Stephen pôs o chapéu na cabeça.

Para que criatura era a porta de saída de entrada?

Para uma gata.

Que espetáculo os confrontou quando eles, primeiro o anfitrião, em seguida o convidado, emergiram silenciosamente, duplamente de preto, da obscuridade por uma passagem de detrás da casa para dentro da penumbra do jardim?

A árvorecú de estrelas pairava com o fruto úmido da noiteazul.

Com que reflexões para o seu companheiro acompanhou Bloom sua demonstração de várias constelações?

Reflexões de evolução crescentemente mais ampla: sobre a lua invisível na luação incipiente, ao se aproximar do perigeu: sobre a infinita via láctea pulverizada cintilante e

entreliçada, discernível à luz do dia a um observador situado na extremidade inferior de uma haste vertical cilíndrica cravada a 5.000 pés de profundidade da superfície em direção do centro da Terra: sobre Sírio (alfa em Cão Maior) 10 anos-luz (57.000.000.000.000 milhas) de distância e com um volume 900 vezes a dimensão do nosso planeta: sobre Arcturo: sobre a precessão dos equinócios: sobre Órion com cinto e sêxtuplo sol teta e nebulosa nos quais 100 de nossos sistemas solares poderiam ser contidos: sobre as novas estrelas nascentes e moribundas tais como Nova em 1901: sobre o nosso sistema mergulhando em direção à constelação de Hércules: sobre a paralaxe ou desvio paralático das assim chamadas estrelas fixas, na realidade peregrinas de moto-contínuo das remotas eras imensuráveis para futuros infinitamente remotos em comparação com os quais os anos, sessenta anos e dez, de repartida vida humana formaram um parêntese de brevidade infinitesimal.

Houve reflexões inversas de involução crescentemente menos ampla?

Sobre as eras de períodos geológicos registradas nas estratificações da terra: sobre as miríades diminutas existências entomológicas orgânicas ocultas em cavidades da terra, abaixo de pedras removíveis, em enxames e montículos, de micróbios, germens, bactérias, bacilos, espermatozóides: sobre incalculáveis trilhões de bilhões de milhões de moléculas imperceptíveis contidas pela coesão de afinidade molecular numa única cabeça de alfinete: sobre o universo de linfa humana constelada com corpos vermelhos e brancos, eles próprios universos de espaço vazio constelado com outros corpos, cada um, em continuidade, seu universo de corpos componentes divisíveis dos quais cada um novamente divisível em divisões de corpos componentes redivisíveis, dividendos e divisores sempre diminuindo sem uma divisão verdadeira até que, se a progressão fosse levada bastante longe, o nada em nenhum lugar não fosse nunca atingido.

Por que ele não elaborou estes cálculos para atingir um resultado mais preciso?

Porque em alguns anos anteriores em 1886 quando ocupado com o problema da quadratura do círculo ele tinha tomado conhecimento da existência de um número calculado com um grau relativo de exatidão ser de tal magnitude e de tantos lugares, *e.g.*, a 9ª potência da 9ª potência de 9, que, o resultado tendo sido obtido, 33 volumes rigorosamente impressos de 1.000 páginas cada de inumeráveis cadernos não costurados e resmas de papel da Índia teriam que ser requisitados a fim de conter o relato completo de seus todos impressos de unidades, dezenas, centenas, milhares, dezenas de milhares, centenas de milhares, milhões, dezenas de milhões, centenas de milhões, bilhões, o núcleo da nebulosa de todos os dígitos de todas as séries contendo sucintamente a potencialidade de ser elevada à máxima elaboração cinética de qualquer potência de qualquer de suas potências.

Achou ele de solução mais fácil os problemas de habitabilidade dos planetas e de seus satélites por uma raça, dados em espécie, e da redenção social e moral possível da dita raça por um redentor?

Com uma ordem diferente de dificuldade. Consciente de que o organismo humano, normalmente capaz de suportar uma pressão atmosférica de 19 toneladas, quando elevado a

uma considerável altitude na atmosfera terrestre sofria com uma progressão aritmética de intensidade, conformemente quando a linha de demarcação entre a troposfera e a estratosfera era aproximada, de hemorragia nasal, obstrução da respiração e vertigem, ao propor uma solução para este problema, ele conjecturara como uma hipótese funcional que não podia ser considerada impossível que uma raça de seres mais adaptável e construída anatomicamente diferente podia subsistir de outra forma sob condições suficientes e equivalentes em Marte, Mercúrio, Vênus, Júpiter, Saturno, Netuno e Urano, apesar de uma humanidade de seres em apogeu criada de várias formas com diferenças finitas resultantes serem semelhantes ao todo e uma à outra provavelmente permaneceria aqui e ali inalteravelmente e inalienavelmente presa às vaidades, às vaidades das vaidades e a tudo que é vaidade.

E o problema de redenção possível?

O menor era provado pelo maior.

Que várias características das constelações foram por sua vez consideradas?

As várias cores significativas dos vários graus de vitalidade (branco, amarelo, carmesim, escarlate, vermelho): seus graus de fulgor: suas magnitudes reveladas e incluindo a 7<sup>a</sup>: suas posições: a estrela do carroceiro: a via Walsingham: a biga de Davi: os cinturões anelados de Saturno: a condensação da nebulosa espiral em sóis: as rotações interdependentes de sóis duplos: as descobertas sincrônicas independentes de Galileu, Simon Marius, Piazzzi, Le Verrier, Herschel, Galle: a sistematização tentada por Bode e Kepler de cubos de distância e quadrados de horas de revolução: a quase infinita compressibilidade de cometas hirsutos e suas vastas órbitas elípticas emergenciais e reentrantes do periélio ao afélio: a origem sideral das pedras meteóricas: as inundações líbias de março por volta da época do nascimento do mais jovem astrocopista: a recorrência anual de chuvas meteóricas por volta da época da festa de São Lourenço (mártir, 10 de agosto): a recorrência mensal conhecida como a nova lua com a velha lua em seus braços: a influência firmada dos corpos celestiais sobre os corpos humanos: o aparecimento de uma estrela (1<sup>a</sup> magnitude) de fulgor excessivo dominando noite e dia (um novo sol luminoso gerado pela colisão e amalgamação em incandescência de dois ex-sóis não luminosos) por volta da época do nascimento de William Shakespeare sobre delta na constelação reclinada que nunca se põe de Cassiopéia e de uma estrela (2<sup>a</sup> magnitude) de origem semelhante mas de menor fulgor que tinha aparecido dentro e desaparecido da constelação de Corona Setentrional por volta da época do nascimento de Leopold Bloom e das estrelas de (presumivelmente) origem semelhante que tinham (efetivamente ou presumivelmente) aparecido dentro e desaparecido da constelação de Andrômeda por volta da época do nascimento de Stephen Dedalus, e dentro e da constelação Auriga alguns anos depois do nascimento e morte de Rudolph Bloom, filho, e dentro e de outras constelações alguns anos antes ou depois do nascimento ou morte de outras pessoas: os fenômenos concomitantes de eclipses, solares e lunares, de imersão para emersão, redução de vento, trânsito de sombra, taciturnidade de criaturas aladas, emergência de animais noturnos ou crepusculares, persistência de luz infernal, obscuridade de águas terrestres, palor de seres humanos.

A conclusão lógica dele (Bloom), tendo pesado a questão e permitido possível erro? Que não era uma arvoredocéu, nem uma grutadocéu, nem uma feradocéu, nem um homemdocéu. Que era uma Utopia, não havendo nenhum método conhecido do conhecido para o desconhecido: um infinito que podia ser igualmente interpretado como finito pela aposição espúria de um ou mais corpos igualmente com as mesmas e diferentes magnitudes: uma mobilidade de formas ilusórias imobilizadas no espaço, remobilizadas no ar: um passado que possivelmente deixara de existir como um presente antes que seus prováveis espectadores tivessem entrado na verdadeira existência presente.

Estava ele mais convencido do valor estético do espetáculo?

Indubitavelmente em consequência dos exemplos de poetas reiterados no delírio do frenesi da paixão ou no aviltamento da rejeição ao invocar ardentes constelações compreensivas ou a frigidez do satélite de seu planeta.

Aceitou ele então como um artigo de crença a teoria de influências astrológicas sobre desastres sublunares?

Parecia a ele como suscetível de prova assim como de refutação e a nomenclatura empregada em seus mapas selenográficos como atribuíveis a uma intuição verificável assim como a uma analogia falaz: o lago dos sonhos, o mar das chuvas, o golfo dos orvalhos, o oceano da fecundidade.

Que afinidades especiais lhe pareceram existir entre a lua e a mulher?

Sua antiguidade em preceder e sobreviver a sucessivas gerações telúricas: sua predominância noturna: sua dependência satélica: seu reflexo luminar: sua constância sob todas as suas fases, erguendo-se e pondo-se em suas horas indicadas, ficando cheia e sumindo: a invariabilidade forçada de seu aspecto: sua resposta indeterminada à interrogação inafirmativa: sua força sobre as águas efluentes e refluentes: seu poder de enamorar, mortificar, investir com beleza, tornar insano, incitar e auxiliar a delinqüência: a inescrutabilidade tranqüila de seu rosto: a terribilidade de sua isolada dominante implacável resplendente propinquidade: seus presságios de tempestade e de calmaria: a estimulação de sua luz, seu movimento e sua presença: a advertência de suas crateras, de seus mares áridos, de seu silêncio: seu esplendor, quando visível: sua atração, quando invisível.

Que sinal luminoso visível atraiu o olhar de Bloom, que atraiu o de Stephen?

No segundo andar (de trás) de sua (de Bloom) casa a luz de uma lâmpada a óleo de parafina com sombra oblíqua projetada sobre uma tela de veneziana de rolete fornecida por Frank O'Hara, fabricante de persiana de janela, vara de cortina e persiana giratória, no 16 Aungier Street.

Como ele elucidou o mistério de uma pessoa atraente invisível, sua mulher Marion (Molly) Bloom, assinalado por um sinal visível esplêndido, uma lâmpada?

Com alusões verbais ou afirmações diretas e indiretas: com afeição e admiração moderadas: com descrição: com impedimento: com sugestão.

Estavam então ambos silenciosos?

Silenciosos, cada um contemplando o outro em ambos os espelhos da carne recíproca deles delenãodesta carasdehomem.

Ficaram eles indefinidamente inertes?

Por sugestão de Stephen, por instigação de Bloom ambos, primeiro Stephen, em seguida Bloom, urinaram na penumbra, tendo seus lados contíguos, seus órgãos de micção reciprocamente tornados invisíveis por circunposição manual, seus olhares, primeiro de Bloom, em seguida de Stephen, erguidos para a sombra projetada luminosa e semiluminosa.

Semelhantemente?

As trajetórias de suas, primeiro seqüentes, depois simultâneas, micções foram dessemelhantes: a de Bloom mais longa, menos precipitada, na forma incompleta da penúltima letra bifurcada do alfabeto, Bloom que em seu último ano na escola secundária (1880) tinha sido capaz de atingir o ponto de mais elevada altitude contra o total da força concorrente da instituição, 210 estudantes: a de Stephen mais alta, mais sibilante, Stephen que nas últimas horas do dia antecedente tinha aumentado por consumo diurético uma pressão vesical persistente.

Que diferentes problemas se apresentaram a cada um em relação ao invisível órgão colateral audível do outro?

Para Bloom: o problema da irritabilidade, intumescência, rigidez, reatividade, dimensão, sanitariedade, pilosidade.

Para Stephen: o problema da integridade sacerdotal de Jesus circuncidado (1<sup>o</sup> de janeiro, feriado de obrigação de assistir à missa e abster-se de trabalho desnecessário servil) e o problema quanto a ser o divino prepúcio, o anel carnal nupcial da santa igreja católica apostólica romana, conservado em Calcata, merecedor de hiperdulia ou do quarto grau de latria concedido à excisão de divinas excrescências tais como cabelo e unhas dos dedos dos pés.

Que sinal celestial foi observado simultaneamente pelos dois?

Uma estrela precipitada com aparente grande velocidade através do firmamento de Vega da Lira acima do zênite para além do grupo de estrelas da Trança de Berenice na direção do signo do zodíaco de Leão.

Como o centrípeto que permanecia permitiu o egresso do centrífugo que partia?

Introduzindo a haste de uma chave macho rugosa de ferrugem no buraco de uma fechadura fêmea instável, obtendo uma alavanca na curvatura da chave e girando suas guardas da direita para a esquerda, retirando uma lingüeta de seu encaixe, puxando espasmodicamente para dentro uma porta desengonçada obsolescente e revelando uma fresta para livre egresso e livre ingresso.



Como eles se despediram, um do outro, na separação?

Ficando de pé perpendicularmente na mesma porta nos lados diferentes de sua base, as linhas de seus braços de despedida se encontrando num certo ponto e formando um certo ângulo menor do que a soma de dois ângulos retos.

Que sons acompanharam a união de suas tangentes, a desunião de suas mãos (respectivamente) centrífugas e centrípetas?

O som do repique de uma hora da noite pelo carrilhão de sinos da igreja de São Jorge.

Que ecos desse som foram ouvidos por ambos e cada um deles?

Por Stephen:

*Liliata rutilantium. Turma circumdet.*

*Iubilantium te virginum. Chorus excipiat.*

Por Bloom:

*Heigho, heigho,*

*Heigho, heigho.*

Onde estavam os diversos membros do grupo com o qual Bloom viajara naquele dia ao comando do repique de Sandymount ao sul a Glasnevin ao norte?

Martin Cunningham (na cama), Jack Power (na cama), Simon Dedalus (na cama), Ned Lambert (na cama), Tom Kernan (na cama), Joe Hynes (na cama), John Henry Menton (na cama), Bernard Corrigan (na cama), Patsy Dignam (na cama), Paddy Dignam (no túmulo).

Sozinho, o que Bloom ouviu?

A dupla reverberação dos pés que se afastavam na terra nascidocéu, a dupla vibração da harpa de um judeu na alameda ressonante.

Sozinho, o que Bloom sentiu?

O frio do espaço interestelar, milhares de graus abaixo do ponto de congelamento ou zero absoluto de Fahrenheit, Centígrado ou Réaumur: a intimação incipiente da aurora próxima.

O que lhe lembravam o repique do sino e toque do dâmo e pisada do pé e calafrio solitário?

Os companheiros agora defuntos de várias maneiras em diferentes lugares: Percy Apjohn (morto em ação, Modder River), Philip Gilligan (tísica, hospital de Jervis Street), Mathew F. Kane (afogamento acidental, Dublin Bay), Philip Moisel (piemia, Heytesbury Street), Michael Hart (tísica, hospital Mater Misericordiae), Patrick Dignam (apoplexia, Sandymount).

Que prospecto de que fenômenos o levaram a permanecer?

O desaparecimento de três estrelas finais, a difusão do alvorecer, o aparecimento de um novo disco solar.

Já tinha ele sido um espectador desses fenômenos?

Uma vez, em 1887, depois de uma demorada exibição de charadas na casa de Luke Doyle, Kimmage, ele aguardara com paciência o aparecimento de um fenômeno diurno, sentado num muro, com seu olhar voltado na direção de Mizrach, o leste.

Lembrava-se ele dos parafenômenos iniciais?

Um ar mais ativo, um galo matutino distante, relógios eclesiásticos em vários pontos, música de pássaros, o passo isolado de um viandante matutino, a difusão visível da luz de um corpo luminoso invisível, o primeiro limbo dourado do sol refulgente perceptível abaixo no horizonte.

Permaneceu ele?

Com profunda inspiração ele retornou, reatravessando o jardim, reentrando na passagem, refechando a porta. Com suspiro breve ele retomou a vela, resubiu a escada, reaproximou-se da porta da sala da frente, chãosaguão, e reentrou.

O que subitamente deteve o seu ingresso?

O lobo temporal direito da esfera côncava de seu crânio entrou em contato com um sólido ângulo de madeira em que, numa infinitésima mas sensível fração de segundo mais tarde, uma sensação dolorosa foi localizada em consequência de sensações antecedentes transmitidas e registradas.

Descreva as alterações efetuadas na disposição das peças do mobiliário.

Um sofá estofado em pelúcia cor de ameixa tinha sido transferido do lado oposto da porta para o pé da lareira perto do pavilhão do Reino Unido compactamente enrolado (uma alteração que ele freqüentemente tencionara fazer): a mesa marchetada de quadrados de xadrez de faiança italiana brancos e azuis tinha sido colocada do lado oposto da porta no lugar vagado pelo sofá de pelúcia ameixa: o aparador de noqueira (cujo ângulo projetado tinha momentaneamente interrompido seu ingresso) tinha sido movido de sua posição ao lado da porta para uma mais vantajosa mas mais perigosa posição em frente à porta: duas cadeiras tinham sido movidas da direita para a esquerda do pé da lareira para a posição originalmente ocupada pela mesa marchetada de quadrados de xadrez de faiança italiana brancos e azuis.

Descreva-as.

Uma: uma poltrona atarracada estofada, com braços firmes estendidos e espaldar inclinado para trás, que, repelida em recuo, tinha então revirado uma franja irregular de um tapete retangular e agora exibia em seu vasto assento estofado uma descoloração centralizada difusa e decrescente. A outra: uma delgada cadeira de pés chatos com curvas de rotim lustroso, colocada diretamente em frente à outra, sua estrutura do topo ao assento e do assento à base sendo envernizada em marrom-escuro, seu assento sendo um círculo claro de palhinha trançada branca.

Quais os significados ligados a estas duas cadeiras?

Significados de semelhança, de postura, de simbolismo, de evidência circunstancial, de um

testemunho perdurável.

O que ocupava a posição originalmente ocupada pelo aparador?

Um piano vertical (Cadby) com o teclado exposto, sua caixa fechada sustentando um par de luvas longas amarelas de senhora e um cinzeiro esmeralda contendo quatro palitos de fósforo usados, um cigarro parcialmente consumido e duas guimbas de cigarro descoloradas, seu suporte de música sustentando a música no tom de G natural para voz e piano de *A Antiga e Doce Canção de Amor* (palavras de G. Clifton Bingham, composta por J. L. Molloy, cantada por madame Antoinette Sterling) aberta na última página com a indicação final *ad libitum, forte, pedal, animato, pedal sustentado, ritirando, término*.

Com que sensações Bloom contemplou estes objetos em rotação?

Com tensão, erguendo o castiçal: com dor, sentindo uma intumescência contundida na sua têmpora direita: com atenção, focalizando seu olhar numa grande massa passiva apática e numa delgada ativa clara: com solicitação, inclinando-se e desvirando a franjadocarpete revirada: com diversão, lembrando-se do esquema de cor do Dr. Malachi Mulligan contendo a gradação do verde: com prazer, repetindo as palavras e ato antecedente e percebendo através de vários canais de sensibilidade interna a agradável e tépida difusão conseqüente e concomitante da descoloração gradual.

Seu próximo procedimento?

De uma caixa aberta da mesa encimada de faiança italiana ele extraiu um cone diminuto preto, de uma polegada de altura, colocou-o sobre sua base circular num pequeno prato de metal, colocou seu castiçal no lado direito do consolo da lareira, retirou de seu colete uma página dobrada de um prospecto (ilustrado) intitulado Agendath Netaim, desdobrou o mesmo, examinou-o superficialmente, enrolou-o sob a forma de um cilindro fino, queimou sua extremidade na chama da vela, aplicou-o quando queimado no ápice do cone até que ele atingisse o estágio de rutilação, colocou o cilindro na bacia do castiçal dispondo sua parte não consumida de tal maneira a ponto de facilitar a combustão total.

O que se seguiu a esta operação?

O cume cônico truncado da cratera do vulcão diminuto emitiu um vapor vertical e serpentino fragrante de incenso aromático oriental.

Que objetos estabelecidos pelo homem, além do castiçal, se encontravam sobre o consolo da lareira?

Um relógio de mármore estriado de Connemara, parado na hora 4h46 da manhã de 21 de março de 1896, presente matrimonial de Mathew Dillon: uma árvore anã de arborescência glacial sob a sombra de uma campainha transparente, presente matrimonial de Luke e Caroline Doyle: uma coruja empalhada, presente matrimonial de Alderman John Hooper.

Que intercâmbios de olhares ocorreram entre estes três objetos e Bloom?

No espelho de tremó de moldura dourada as costas não decoradas da árvore anã olhavam as

costas eretas da coruja empalhada. Diante do espelho presente matrimonial de Alderman John Hooper com evidente melancolia um olhar brilhante imóvel compadecido contemplava Bloom enquanto Bloom com um obscuro profundo e tranqüilo olhar imóvel compadecido contemplava o presente matrimonial de Luke e Caroline Doyle.

Que imagem múltipla simétrica no espelho atraiu então sua atenção?  
A imagem de um homem solitário (ipsorelativo) mutável (aliorelativo).

Por que solitário (ipsorelativo)?

*Irmãos e irmãs tudo era nulo.*

*Contudo o pai do homem era do avô filho.*

Por que mutável (aliorelativo)?

Da infância à maturidade ele se parecia com sua procriadora materna. Da maturidade à senilidade ele pareceria crescentemente com seu procriador paterno.

Que impressão visual final lhe era comunicada pelo espelho?

O reflexo ótico de diversos volumes invertidos inadequadamente arrumados e não na ordem de suas letras comuns com títulos cintilantes nas duas estantes opostas.

Catalogue estes livros.

*Catálogo de Endereços dos Correios Thom de Dublin, 1886.*

*Obras Poéticas* de Denis Florence M'Carthy (marcador de página de cobre na p. 5).

*Obras* de Shakespeare (marroquim grená, gravado a ouro).

*Tabelas Úteis de Conversão* (tecido marrom).

*A História Secreta da Corte de Carlos II* (tecido vermelho, encadernação gravada).

*Guia da Criança* (tecido azul).

*As Belezas de Killarney* (invólucros).

*Quando Éramos Meninos* de William O'Brien M. P. (tecido verde, ligeiramente desbotado, marcado por envelope na p. 217).

*Pensamentos de Espinoza* (couro granadino).

*A História dos Céus* de sir Robert Ball (tecido azul).

*Três Viagens a Madagascar* de Ellis (tecido marrom, título obliterado).

*As Cartas de Stark-Munro* de A. Conan Doyle, propriedade da Biblioteca Pública da cidade de Dublin, 106 Capel Street, emprestado em 21 de maio (Véspera de Pentecostes) de 1904, vencimento no dia 4 de junho de 1904, 13 dias atrasado (encadernação de tecido preto, trazendo um bilhete branco com letras e números).

*Viagens na China* de "Viator" (encapado com papel marrom, título em tinta vermelha).

*A Filosofia do Talmude* (panfleto costurado).

*A Vida de Napoleão* de Lockhart (faltando a capa, anotações na margem, minimizando vitórias, engrandecendo derrotas do protagonista).

*Soll und Haben* de Gustav Freytag (bordas pretas, caracteres góticos, marcado por cupom de cigarro na p. 24).

*História da Guerra Russo-Turca* de Hozier (tecido marrom, 2 volumes, com rótulo colado, Biblioteca Garrison, Governor's Parade, Gibraltar, no verso da capa).

*Laurence Bloomfield na Irlanda* de William Allingham (segunda edição, tecido verde, desenho de trevo dourado, nome do dono anterior apagado no lado direito da folha em branco inicial).

*Manual de Astronomia* (capa, couro marrom, destacada, 5 ilustrações, tipo corpo 10 com letras de imprensa antigas, notas de pé de página do autor incomparáveis, deixas marginais em tipo corpo 8, cabeçalhos em paica pequena).

*A Vida Oculta de Cristo* (bordas pretas).

*Na Trilha do Sol* (tecido amarelo, faltando a página do título, título recorrente acima de cada página).

*Força Física e Como Obtê-la* de Eugene Sandow (tecido vermelho).

*Curtos mas Básicos Elementos de Geometria* escrito em francês por F. Ignat. Pardies e traduzido para o inglês por John Harris D. D. Londres, impresso por R. Knaplock na Bishop's Head, MDCCXI, com dedicatória para seu digno amigo Charles Cox, cavalheiro, membro do Parlamento pelo burgo de Southwark e tendo uma declaração escrita a tinta na folha em branco inicial certificando que o livro era da propriedade de Michael Gallagher, datada do 10<sup>o</sup> dia de maio de 1822 e solicitando à pessoa que o encontrasse, se o livro fosse deixado ou perdido, devolvê-lo a Michael Gallagher, carpinteiro, Dufery Gate, Enniscorthy, condado de Wicklow, o mais belo lugar do mundo.

Que reflexões ocuparam sua mente durante o processo de reversão dos volumes invertidos?

A necessidade de ordem, um lugar para tudo e tudo em seu lugar: a apreciação deficiente de literatura possuída pelas mulheres: a incongruência de uma maçã incrustada num copo de vidro e de um guarda-chuva inclinado numa cadeira de retrete: a insegurança de esconder qualquer documento secreto atrás, embaixo ou entre as páginas de um livro.

Que volume era maior em tamanho?

*História da Guerra Russo-Turca* de Hozier.

Qual entre outros dados continha o segundo volume da obra em questão?

O nome de uma batalha decisiva (esquecido), freqüentemente lembrado por um oficial determinado, major Brian Cooper Tweedy (lembrado).

Por que, primeiramente e em segundo lugar, não consultou ele a obra em questão?

Primeiramente, a fim de exercitar a mnemotécnica: em segundo lugar, porque depois de um intervalo de amnésia, quando, sentado à mesa central, prestes a consultar a obra em questão, ele se lembrou por mnemotécnica do nome do engajamento militar, Plevna.

O que lhe trouxe consolo enquanto sentado?

A candura, nudez, pose, tranqüilidade, mocidade, graça, sexo, conselho de uma estátua ereta no centro da mesa, uma imagem de Narciso comprada num leilão de P. A. Wren, 9 Bachelor's Walk.

O que lhe causou irritação enquanto sentado?

A pressão inibidora do colarinho (tamanho 17) e colete (5 botões), dois artigos supérfluos de roupa na indumentária de homens maduros e sem elasticidade para alterações de volume por expansão.

Como foi a irritação minorada?

Ele removeu o colarinho, que continha uma gravata preta e um botão flexível, do seu pescoço para uma colocação no lado esquerdo da mesa. Desabotoou sucessivamente na direção inversa colete, calça, camisa e camiseta ao longo da linha medial dos pêlos escuros irregulares encrespados se estendendo em convergência triangular da bacia pélvica acima da circunferência do abdome e depressão umbilical ao longo da linha medial das protuberâncias até a interseção da sexta vértebra peitoral, dali se estendeu em duas direções em ângulos retos e terminou em círculos descritos em volta de dois pontos equidistantes, à direita e à esquerda, nos cumes das proeminências mamárias. Ele desabotoou sucessivamente cada um dos seis botões abotoados de sua calça, ordenados em pares, dos quais um incompleto.

Que atos involuntários se seguiram?

Ele comprimiu entre 2 dedos a carne circum-adjacente a uma cicatriz na região infracostal esquerda abaixo do diafragma resultante de uma picada infligida 2 semanas e 3 dias atrás (23 de maio de 1904) por uma abelha. Coçou imprecisamente com a mão direita, embora inconsciente de algum prurido, vários pontos e superfícies de sua pele parcialmente exposta, totalmente lavada. Inseriu sua mão no bolso esquerdo inferior de seu colete e extraiu e recolocou uma moeda de prata (1 shilling), colocada ali (presumivelmente) na ocasião (17 de outubro de 1903) da internação da Sra. Emily Sinico, Sydney Parade.

Compile a provisão para o dia 16 de junho de 1904.

Débito Crédito

£ - s - d    £ - s - d

1 Rim de porco 0 - 0 - 3    Dinheiro vivo 0 - 4 - 9

1 Cópia do *Freeman's Journal* 0 - 0 - 1    Comissão recd. *Freeman's Journal* 1 - 7 - 6

1 Banho e gorjeta 0 - 1 - 6    Empréstimo (Stephen Dedalus) 1 - 7 - 0

Passagem de bonde 0 - 0 - 1

1 In Memoriam Patrick Dignam 0 - 5 - 0

2 Bolinhos Banbury 0 - 0 - 1

1 Almoço 0 - 0 - 7

1 Renovação de empréstimo de livro 0 - 1 - 0

1 Pacote de papéis de nota, envelopes 0 - 0 - 2

1 Jantar e gorjeta 0 - 2 - 0

1 Encomenda postal e selo 0 - 2 - 8

Passagem de bonde 0 - 0 - 1

1 Pé de porco 0 - 0 - 4

1 Pé de carneiro 0 - 0 - 3

1 Bolinho de chocolate 0 - 1 - 0

1 Pão de forma 0 - 0 - 4

1 Café e pãozinho 0 - 0 - 4

Empréstimo (Stephen Dedalus) restituído 1 - 7 - 0

Balancete 0 - 16 - 6

Prosseguiu o seu processo de despojamento?

Consciente de uma dor benigna persistente nas solas de seus pés ele estendeu o pé para um lado e observou os pontos salientes, vincos e protuberâncias causados pela pressão do pé durante a caminhada repetidamente em diferentes direções, então, inclinado, ele desfez os nós dos cadarços, desenganchou e soltou os cadarços, descalçou cada uma das duas botas pela segunda vez, arrancou a meia direita parcialmente umedecida através de cuja ponta a unha do seu dedão tinha novamente penetrado sorratamente, ergueu seu pé direito e, tendo soltado o elástico do suspensório roxo da meia, retirou sua meia direita, colocou seu pé direito despido na beira do assento de sua cadeira, arrancou com os dedos e gentilmente dilacerou a parte projetada da unha do dedão do pé, levou a parte dilacerada até as suas narinas e inalou o odor do âmago, então, com satisfação, jogou fora o fragmento ungueal lacerado.

Por que com satisfação?

Porque o odor inalado correspondia a outros odores de outros fragmentos ungueais, arrancados e dilacerados pelo Sr. Bloom, aluno da escola juvenil da Sra. Ellis, pacientemente toda noite no ato de uma breve genuflexão e oração noturna e ambiciosa meditação.

Em que ambição final tinham agora todas as ambições consecutivas concorrentes se fundido?

Não herdar por direito de primogenitura, partilha de terras ou burgo inglês, ou possuir para sempre uma extensa propriedade de um número suficiente de acres, quartos de acres e perchas, medidas agrárias legais (avaliação £42), de turfeira de pastagem em volta de um saguão senhorial com porteira de pavilhão de caça e rua de parque nem, por outro lado, uma casa com terraço ou uma vila geminada, descrita como *Rus in Urbe* ou *Qui si sana*, mas comprar por um acordo privado com pagamento simples uma moradia de dois andares com forma de bangalô e telhado de sapê de aspecto sulista, encimada por um cata-vento e condutor de luz, conectado com a terra, com pórtico coberto por parasitas (hera ou trepadeira de Virgínia), porta de entrada, verde-oliva, com um acabamento elegante como de carruagem com metaisdeporta polidos, fachada de estuque com ornato rendilhado dourado no beiral e frontão, erguendo-se, se possível, sobre uma delicada elevação com uma vista agradável de um parapeito de coluna de pedra sobre pastagens desocupadas ou inocupáveis interjacentes e se erguendo em 5 ou 6 acres de seu próprio terreno, a tal distância da via pública mais próxima que tornasse as luzes das casas visíveis à noite acima e através de uma sebe de espinheiro e carpino de corte topiário, situada num determinado ponto não menos do que uma milha regulamentar da periferia da metrópole, dentro de um limite de tempo de nada menos do que 15 minutos da linha de bonde ou de trem (*e.g.* Dundrum, sul, ou Sutton, norte, ambas as localidades ditas por experiência serem semelhantes a pólos terrestres por serem climas favoráveis aos indivíduos físicos), local a ser mantido com um aluguel anual estabelecido outorgado, arrendamento de 999 anos, o prédio residencial consistindo de 1 sala de visitas com janela de sacada (2 arcos ogivais), termômetro anexado, 1 sala de estar, 4 quartos, 2 quartos de empregada, cozinha de azulejo com fogão e copa, uma saleta suprida de armários

embutidos para roupa de cama e mesa, estante de livros de carvalho pintado dividida em seções contendo a Enciclopédia Britânica e o Novo Dicionário do Século, armas transversais orientais e medievais obsoletas, um gongo para as refeições, lâmpada de alabastro, lustre de globo pendente, telefone automático de ebonite com catálogo adjacente, tapete Axminster de tufo alto com fundo creme e borda de treliça, mesa de jogo com coluna central e pés de garras, uma lareira com guarnição em bronze maciço e na cornija um pêndulo de bronze dourado, de precisão garantida com carrilhão de catedral, um barômetro com mapa hidrográfico, confortáveis canapés de sala e móveis de canto, estofados em pelúcia rubi com bom molejo e centro afundado, um biombo japonês com três estandartes e cuspideiras (estilo de clube, belo couro cor de vinho, brilho renovável com um mínimo de esforço pelo uso de óleo de linhaça e vinagre) e um lustre central com penduricalhos com forma de prismas, poleiro inclinado de madeira com papagaio tão manso que vai no dedo (linguagem expurgada), mural de papel estampado a 10 shillings a dúzia de folhas com guirlandas transversais de desenho floral carmesim e friso no topo da coroa, escada, com três lances contínuos em sucessivos ângulos retos, de carvalho granulado envernizado, degraus e espelhos de degraus, balaústre de pé de escada, balaústres e corrimão, com um painel elevado de lambris, revestido com cera canforada: banheiro, com água quente e fria, banheira e chuveiro: privada sobre mezanino provido de uma janela oblonga com uma única vidraça opaca, assento articulado, lâmpada de aplique na parede, corrente de descarga de metal e braçadeira, braços de cadeira, tamborete para os pés e oleografia artística na face interna da porta: a mesma privada, comum: apartamentos de empregadas com banheiro separado e tendo os requisitos higiênicos indispensáveis para cozinha, criada para todo o serviço e ajudante de cozinha (salário, aumentado por incrementos bianuais não recebidos de duas libras, abrangendo uma bonificação por fidelidade, abono anual (£1) e aposentadoria (baseada no sistema de 65 anos) depois de 30 anos de serviço), copa, celeiro, despensa, geladeira, dependências externas, armazém de carvão e madeira com armazenagem de vinho (safra espumantes e não-espumantes) para hóspedes requintados, se convidados para jantar (traje de noite), fornecimento geral de gás de monóxido de carbono.

Que atrações complementares poderia a propriedade comportar?

Como adendos, uma quadra de tênis e de handebol, uma moita de arbustos, um viveiro de palmeiras tropicais, equipado da melhor maneira botânica, um jardim de pedras com plantas ornamentais com borrião de água, uma colméia planejada por princípios humanos, canteiros de flores ovais em gramados retangulares dispostos com elipses excêntricas de tulipas escarlates e amarelas e de cromo, jacintos azuis, açafrões, narcisos-romanos-dobrados, cravinhos, ervilha-de-cheiro, lírio do vale (bulbos obteníveis de sir James W. Mackey (Limitada) negociantes de sementes e bulbos na venda por atacado e no varejo e horticultores de viveiros de plantas, agentes de estrumes químicos, 23 Sackville Street Upper), um pomar, horta e parreiral, protegidos contra invasores ilegais por meio de cercados murais encimados de vidro, um alpendre-de-madeira com cadeado para guardar vários utensílios inventariados.

Tais como?



Armadilhas-de-enguia, armadilhas para pegar lagostas, caniços, machadinha, balança romana, mó, britadeira, enrola-cabo, manta de carruagem, escada dobrável, ancinho de 10 dentes, tamancos, máquina de virar e espalhar feno, tridente, podão, balde de tinta, escova, enxada e assim por diante.

Que melhorias poderiam ser subseqüentemente introduzidas?

Uma coelheira e um galinheiro, um pombal, uma estufa, duas redes (de senhora e de cavalheiro), um quadrante solar abrigado na sombra de laburno ou árvore de lilás, uma sineta japonesa de timbre exótico e harmonioso fixada no pilar do portão lateral esquerdo, um vasto barril para água, uma máquina de cortar grama com escoamento lateral e caixa de grama, um irrigador de água de gramado com mangueira hidráulica.

Que facilidades de trânsito eram desejáveis?

Quando com destino à cidade uma conexão freqüente por trem ou bonde das respectivas estações intermediárias ou terminais. Quando com destino ao campo triciclos, uma bicicleta sem motor e corrente com uma cesta lateral anexada, ou transporte de tração animal, um burro com uma charrete de vime ou carruagem elegante puxada por um cavalo com patas sólidas (ruão castrado, 14 h).

Qual poderia ser o nome desta residência erigida ou erigível?

Sítio de Bloom. Vila São Leopoldo. Vilaflor.

Podia Bloom de 7 Eccles Street antever Bloom de Vilaflor?

De roupa larga de lã com um boné Harris, preço 8 shillings e 6 pence, e botas úteis de jardim com reforços elásticos e regador, plantando fileiras de jovens figueiras, molhando, podando, escorando com estacas, plantando semente de feno, empurrando carrinho de mão carregado de ervas silvestres sem cansaço excessivo à tardinha em meio ao perfume do feno recém-ceifado, aprimorando o solo, multiplicando sabedoria, alcançando longevidade.

Que roteiro de atividades intelectuais era simultaneamente possível?

Fotografia instantânea, estudo comparativo de religiões, folclore relativo a várias práticas eróticas e supersticiosas, contemplação das constelações celestes.

Que diversões mais leves?

Ao ar livre: jardim e trabalho de campo, ciclismo em rodovias pavimentadas planas, escaladas de montanhas moderadamente elevadas, natação em rio isolado de água doce e canotagem de rio tranqüilo em barcaça segura ou em guiga ligeira com ancorete de segurança entre dois braços de rio livres de barragens e cachoeiras (período de estivação), perambulação vespertina ou desfile eqüestre com inspeção de paisagem estéril e contrastantemente agradáveis fogos fumegantes de torrões de turfa dos chalés (período de hibernação). Dentro de casa: discussão em tépida segurança de problemas históricos e criminais não solucionados: preleção sobre obras-primas exóticas e eróticas inexpurgadas: banco de carpintaria com caixa de ferramentas contendo martelo, sovela, pregos, parafusos,

tachinhas de ferro, verruma, pinças, plaina e chave-de-fenda.

Poderia ele se tornar um fidalgo fazendeiro de produto campestre e criação de gado?

Nada impossível, com 1 ou 2 vacas que se deixem ordenhar até a última gota, 1 pedágio de terreno elevado de feno e utensílios de lavoura indispensáveis, tais como, uma bateadeira de manteiga horizontal, um despoldador de nabo etc.

Quais seriam suas funções cívicas e posição social entre as famílias dos camponeses e os latifundiários da classe média alta?

Dispostas sucessivamente em poderes ascendentes da ordem hierárquica, as de jardineiro, lavrador, agricultor, criador de gado, e no apogeu de sua carreira, magistrado residente ou juiz de paz com um timbre familiar e brasão e moto clássico adequado (*Semper paratus*), devidamente registrado no registro da corte (Bloom, Leopold P., M. P., P. C., K. P., L. L. D. (*honoris causa*), Bloomville, Dundrum) e mencionado na corte e na intelectualidade da moda (Sr. e Sra. Leopold Bloom mudaram-se de Kingstown para Londres).

Que linha de conduta traçou ele para si mesmo nesta qualidade?

Uma linha que ficava entre clemência indevida e rigor excessivo: a dispensa numa sociedade heterogênea de classes arbitrárias, incessantemente redistribuídas em termos de maior ou menor desigualdade social, de uma justiça indiscutível homogênea e imparcial, mitigada pela largueza mais ampla possível mas rigorosa até o último vintém com confiscação do Estado, real e pessoal, para a coroa. Leal ao mais elevado poder constituído na Terra, movido por um amor inato à retidão seus objetivos seriam a manutenção estrita da ordem pública, a repressão de muitos abusos embora não de todos simultaneamente (toda medida de reforma ou supressão sendo uma solução preliminar a ser contida pelo fluxo na solução final), a defesa da letra da lei (direito comum, leis parlamentares e direito comercial) contra todos os contestantes em fraude e violadores de direitos alheios atuando em contravenção de estatutos e normas, todos os ressuscitadores (por violação e furto insignificante de gravetos) de direitos feudais, obsoletos por desuso, todos os instigadores imponentes de perseguição internacional, todos os perpetradores de animosidades internacionais, todos os molestadores servis do convívio doméstico, todos os profanadores do matrimônio doméstico.

Prove que ele amara a retidão desde sua mais tenra idade.

Ao mestre Percy Apjon na Escola Secundária em 1880 ele revelara sua descrença dos dogmas da igreja (protestante) irlandesa (à qual seu pai Rudolf Virag (mais tarde Rudolph Bloom) tinha se convertido abjurando sua fé israelita e confraternização em 1865 com a Sociedade para propagação do cristianismo entre os judeus) subseqüentemente abjurada por ele em favor do catolicismo romano na época de e tendo em vista seu casamento em 1888. A Daniel Magrane e Francis Wade em 1882 durante uma amizade juvenil (terminada pela emigração prematura do primeiro) ele defendera durante uma perambulação noturna a teoria política de expansão colonial (e.g. Canadense) e teorias evolucionárias de Charles Darwin, expostas em *A Queda do Homem* e *A Origem das Espécies*. Em 1885 ele manifestara publicamente sua

adesão ao programa econômico coletivo e nacional defendido por James Fintan Lalor, John Fisher Murray, John Mitchel, J. F. X. O'Brien e outros, à política agrária de Michael Davitt, ao debate constitucional de Charles Stewart Parnell (M. P. por Cork City), ao programa de paz, compressão de despesas e reforma de William Ewart Gladstone (M. P. por Midlothian, N. B.) e, em apoio às convicções políticas, atingira uma posição segura e elevada entre os galhos de uma árvore em Northumberland Road para ver a chegada (2 de fevereiro de 1888) à capital de um desfile de 20.000 portadores de tochas, divididos entre 120 associações comerciais, trazendo nas mãos 2.000 tochas na escolta do marquês de Ripon e (honesto) John Morley.

Como e quanto ele propôs pagar por sua casa de campo?

De acordo com o prospecto da Sociedade de Edificação Amigável Estrangeira aclimatada naturalizada e subvencionada pelo Estado (incorporada em 1874), um máximo de £60 anuais, sendo 1/6 de uma renda assegurada, decorrente de ações de valorização máxima, representando 5% de juros simples sobre um capital de £1.200 (preço de compra pagável em 20 anos), da qual 1/3 a ser pago no momento da aquisição e a diferença, ou seja £800 mais 2 1/2% de juros sobre o mesmo, sob a forma de aluguel anual, repagável trimestralmente em prestações anuais iguais até o término por amortização de um aluguel anual de £64, aluguel do imóvel incluído, os títulos da propriedade devendo permanecer em posse da entidade ou entidades financiadoras com uma cláusula de ressalva visando a uma venda forçada, execução de hipoteca e compensações mútuas no caso de demora prolongada em pagar de acordo com os termos prescritos, de outro modo a casa de moradia com suas dependências deverá se tornar propriedade total do arrendatário ocupante com a expiração do período de anos estipulado.

Que meios rápidos porém inseguros de fazer fortuna poderiam facilitar uma aquisição imediata?

Uma agência privada de telégrafo sem fio que transmitiria por meio de código Morse o resultado de um *handicap* de uma prova nacional hípica (rasa ou de obstáculos) de uma ou mais milhas e algumas centenas de jardas vencida por um azarão com cotação de 50 a 1 às 3h08 da tarde em Ascot (hora de Greenwich), a mensagem sendo recebida e permitindo apostar em Dublin às 2h59 da tarde (hora de Dunsink). A descoberta inesperada de um objeto de grande valor financeiro (pedra preciosa, adesivo valioso ou selos de postagem impressa (7 shillings, de cor malva, não picotado, Hamburg, 1866: 4 pence, rosa, papel azul, picotado, Grã-Bretanha, 1855: 1 franco, pedra, oficial, perfurado com rolete, sobrecarga diagonal, Luxemburgo, 1878), antigo anel dinástico, relíquia exclusiva) em receptáculos inusitados ou por meios inusitados: vindo do ar (deixado cair por uma águia em vôo), pelo fogo (entre os restos carbonizados de um edifício incendiado), no mar (entre destroços de naufrágio, cargas alijadas ao mar, destroços do fundo do mar e navio abandonado), na terra (na moela de uma ave comestível). Uma doação de um prisioneiro espanhol de um tesouro distante de preciosidades ou moeda sonante ou barra de ouro ou prata depositado numa corporação bancária solvente 100 anos antes com um juro composto de 5% do valor coletivo de cinco milhões de libras esterlinas. Um contrato com um contratante sem consideração para entrega

de 32 objetos em consignação de determinada mercadoria tendo em vista pagamento em dinheiro na entrega por entrega com uma taxa inicial de 1/4 de pence a ser acrescida constantemente em progressão geométrica de 2 (1/4 de pence, 1/2 pence, 1 penny, 2 pence, 4 pence, 8 pence, 1 shilling e 4 pence, 2 shillings e 8 pence até 32 termos). Um esquema preparado baseado num estudo de cálculos de probabilidade para quebrar o banco em Monte Carlo. Uma solução do problema secular de quadratura do círculo, prêmio governamental de 1.000.000 de libras esterlinas.

Era uma vasta riqueza adquirível através de canais industriais?

Pela recuperação de terreno arenoso e árido, proposta no prospecto de Agendath Netaim, Bleibtreustrasse, Berlim, W. 15, pelo cultivo das plantações de laranjais e campos de melão e reflorestamento. A utilização de papéis descartados, das peles dos roedores que freqüentam os esgotos, do excremento humano possuidor de propriedades químicas, em vista da vasta produção do primeiro, um vasto número do segundo e imensa quantidade do terceiro, todo ser humano normal de vitalidade e apetite médios produzindo anualmente, excluídos os subprodutos da água, uma soma total de 80 libras (dieta mista animal e vegetal) a ser multiplicada por 4.386.035, a população total de acordo com o censo de 1901.

Havia esquemas de maior envergadura?

Um esquema a ser formulado e submetido à aprovação dos membros da comissão do porto para a exploração de hulha branca (força hidráulica), obtida pela usina hidrelétrica na maré alta na barra do porto de Dublin ou nas quedas de Poulaphouca ou Powerscourt ou nas barragens de captação dos principais rios para a produção econômica de 500.000 W.H.P. de eletricidade. Um esquema para fechar o delta peninsular do North Bull em Dollymount e erigir no espaço do promontório, usado para jogos de golfe e carreiras de tiro, uma esplanada asfaltada com cassinos, cabinas, galerias para tiro ao alvo, hotéis, pensões, salões de leitura, estabelecimentos para banhos mistos. Um esquema para o uso de carroças puxadas por cachorros e carroças puxadas por bodes para a entrega cedo do leite da manhã. Um esquema para o desenvolvimento do tráfego turístico irlandês dentro e em volta de Dublin por meio de barcosfluviais movidos a gasolina, fazendo regularmente um percurso fluvial entre a ponte de Island e Ringsend, charabãs, bitolas estreitas de ferrovias locais, e vapores de passeio para navegação costeira (10 shillings por pessoa por dia, guia (trilíngüe) incluído). Um esquema para a restauração de tráfego de passageiros e mercadorias sobre as vias marítimas irlandesas, quando libertas de leitões de ervas daninhas. Um esquema para ligar por meio de uma linha de bonde o Mercado de Gado (North Circular Road e Prússia Street) com os cais (Sheriff Street, inferior, e East Wall), paralelo à linha ferroviária de junção situada (em conjunção com a grande linha Great Southern and Western Railway) entre o parque do gado, Liffey Junction, e estações terminais da Midland Great Western Railway 43 a 45 North Wall, na proximidade das estações terminais ou ramais de Dublin da Great Central Railway, Midland Railway da Inglaterra, City of Dublin Steam Packet Company, Lancashire and Yorkshire Railway Company, Dublin and Glasgow and Londonderry Steam Packet Company (Laird line), British and Irish Steam Packet Company, Dublin and Morecambe Steamers,

London and North Western Railway Company, porto de Dublin e hangares de desembarque e hangares de trânsito de Palgrave, Murphy and Company, donos de navios a vapor, agentes para linhas de navegação do Mediterrâneo, Espanha, Portugal, França, Bélgica e Holanda e para a Associação dos Inspetores de Seguro de Liverpool, o custo do material circulante para o transporte de animal e da milhagem adicional operado pela Companhia de Ferrovias Unidas de Dublin, limitada, devendo ser coberto pelas quotas de pastagem.

Sendo postulada a dita prótase tornar-se-ia a contração uma apódose natural e necessária para tão diversos esquemas?

Dada uma garantia igual à soma solicitada, a cooperação, pelo ato de doação e comprovantes de transferência durante a vida do doador ou a pedido depois da extinção indolor do doador, de eminentes financistas (Blum Pasha, Rothschild, Guggenheim, Hirsch, Montefiore, Morgan, Rockefeller), possuindo fortunas de 6 algarismos, acumuladas durante uma vida bem-sucedida, e juntando ao capital o sentido de oportunidade a coisa requisitada foi feita.

Que eventualidade o tornaria independente de tal riqueza?

A descoberta independente de uma mina de ouro de minério inesgotável.

Por que motivo meditou ele sobre esquemas de tão difícil realização?

Um dos seus axiomas era o de que meditações semelhantes ou a relação automática consigo mesmo de uma narrativa que lhe dizia respeito ou a recordação tranqüila do passado quando praticada habitualmente antes de se recolher para a noite aliviava a fadiga e produzia como resultado um repouso saudável e uma vitalidade renovada.

Suas justificativas?

Como físico ele aprendera que dos 70 anos de uma completa vida humana pelo menos  $\frac{2}{7}$ , ou seja, 20 anos são passados dormindo. Como filósofo ele sabia que no final de qualquer vida concedida apenas uma parte infinitesimal dos desejos de uma pessoa foi realizada. Como fisiologista ele acreditava no apaziguamento artificial de ações malignas principalmente atuantes durante a sonolência.

O que é que ele temia?

A perpretação de homicídio ou suicídio durante o sono por uma aberração da luz da razão, a inteligência categórica incomensurável situada nas circunvoluções cerebrais.

Quais eram habitualmente suas meditações finais?

De algum único exclusivo anúncio que fizesse os transeuntes parar maravilhados, uma novidade como cartaz, com todos os acréscimos irrelevantes excluídos, reduzido aos termos mais simples e mais eficientes sem exceder um palmo de uma visão casual e adequada com a velocidade da vida moderna.

O que continha a primeira gaveta aberta?

Um caderno escrito a mão Vere Foster, da propriedade de Milly (Millicent) Bloom, com

certas páginas contendo desenhos de diagrama, marcados *Papli*, que mostravam uma cabeça grande globular com 5 fios de cabelo ereto, 2 olhos de perfil, o tronco bem de frente com 3 botões grandes, 1 pé triangular: 2 fotografias esmaecidas da rainha Alexandra da Inglaterra e de Maud Banscombe, atriz e modelo profissional: um cartão Yuletide, trazendo uma representação pictórica de uma parasita, a lenda *Mizpah*, a data Natal 1892, o nome dos remetentes: de Sr. + Sra. M. Comerford, o versículo: *Possa este Yuletide te trazer, Alegria e paz e o prazer de boas-vindas*: um resto de um lacre vermelho parcialmente liquefeito, obtidos nas lojas de departamento dos Srs. Hely, Ltd., 89, 90 e 91 Dame Street: uma caixa contendo o restante de uma grossa de penas de caneta “J” douradas, obtida no mesmo departamento da mesma firma: uma ampulheta antiga que rolava contendo areia que rolava: uma profecia selada (nunca desselada) escrita por Leopold Bloom em 1886 referente às conseqüências da transformação em lei da Home Rule de William Ewart Gladstone de 1886 (nunca votada): um bilhete de bazar, n.º 2004, da Feira de Caridade de S. Kevin, preço 6 pence, 100 prêmios: uma epístola infantil, datada, esse minúsculo em segunda-feira, leitura: pe maiúsculo em Papli vírgula ce maiúsculo em Como vai você ponto de interrogação e maiúsculo em Eu vou muito bem ponto final novo parágrafo assinatura com eme maiúsculo floreado em Milly nenhum ponto: um broche camafeu, de propriedade de Ellen Bloom (nascida Higgins), falecida: um alfinete de gravata camafeu, de propriedade de Rudolph Bloom (nascido Virag), falecido: 3 cartas batidas à máquina, destinatário, Henry Flower, c/o. P. O. Westland Row, remetente, Martha Clifford, c/o P. O. Dolphin’s Barn: o nome transliterado e endereço da remetente em criptograma boustrofedônico quadrilinear pontilhado (vogais suprimidas) N. IGS./WI. UU. OX/W. OKS. MH/Y. IM: um recorte impresso de um periódico semanal inglês *Modern Society*, assunto castigo corporal em escolas de meninas: uma fita rosa que tinha festonado um ovo de Páscoa do ano 1899: dois preservativos de borracha parcialmente desenrolados com duas bolsinhas de reserva, comprados pelo correio da Caixa 32, P. O., Charing Cross, Londres, W. C.: um pacote de 1 dúzia de envelopes creme e papel de carta com linhas esmaecidas, com marcas d’água, agora diminuídos de 3: algumas moedas austro-húngaras: dois cupons da Loteria Húngara Real e Privilegiada: uma lupa de pequeno aumento: 2 cartões de fotos eróticas mostrando a) sexo oral entre *señorita* nua (vista de detrás, posição superior) e *torero* nu (visto de frente, posição inferior) b) violação anal por religioso homem (todo vestido, olhos abjetos) de religiosa mulher (parcialmente vestida, olhar direto), comprado pelo correio da Caixa 32, P. O. Charing Cross, Londres, W. C.: um recorte de jornal de uma receita para renovação de botas velhas cor castanho-amarelada: um selo adesivo de 1 penny, cor de lavanda, do reinado da rainha Vitória: uma tabela de medidas de Leopold Bloom compilada antes, durante e depois de 2 meses consecutivos de uso do aparelho de ginástica de roldana de Sandow-Whiteley (de homens 15/-, de atleta 20/-), ou seja, tronco 28 polegadas e 29 1/2 polegadas, bíceps 9 polegadas e 10 polegadas, antebraço 8 1/2 polegadas e 9 polegadas, coxa 10 polegadas e 12 polegadas, panturrilha 11 polegadas e 12 polegadas: um prospecto de The Wonderworker, o maior remédio mundial para problemas retais, direto de Wonderworker, Coventry House, South Place, Londres E. C., endereçado (erroneamente) para a Sra. L. Bloom com uma anotação breve acompanhando começando (erroneamente), Prezada Senhora.

Cite os termos textuais por meio dos quais o prospecto apontava as vantagens deste remédio taumatúrgico.

Ele corrige e acalma enquanto você dorme, em caso de distúrbio provocado por flatulência, socorre a natureza da maneira mais extraordinária possível, assegurando um alívio imediato na descarga de gases, mantendo as partes limpas e dando liberdade à ação natural, uma despesa inicial de 7 shillings e 6 pence fazendo de você um novo homem e a vida digna de ser vivida. As senhoras acham Wonderworker especialmente útil, uma surpresa agradável quando notam um resultado delicioso como a frescura de uma bebida de água mineral fresca num dia abafado de verão. Recomende-o às suas amigas e amigos, dura toda a vida. Introduza pela longa extremidade arredondada. Wonderworker.

Houve testemunhos disso?

Numerosos. De um padre, de um oficial da marinha britânica, de um autor bem conhecido, de um homem da cidade, de uma enfermeira de hospital, de uma senhora, de uma mãe de cinco, de um mendigo distraído.

Como concluiu o testemunho conclusivo do mendigo distraído?

Que pena que o governo não tenha fornecido remédios taumatúrgicos aos nossos homens durante a campanha na África do Sul! Que grande alívio teria sido!

Que objeto Bloom acrescentou a esta coleção de objetos?

Uma 4ª carta batida à máquina recebida por Henry Flower (deixe que H. F. seja L. B.) de Martha Clifford (encontre M. C.).

Que reflexão agradável acompanhou esta ação?

A reflexão de que, além da carta em questão, o rosto magnético dele, sua maneira de ser e de falar tinham sido favoravelmente recebidos durante o dia anterior por uma esposa (Sra. Josephine Breen, nascida Josie Powell), uma enfermeira, senhorita Callan (prenome desconhecido), uma donzela, Gertrude (Gerty, nome de família desconhecido).

Que possibilidade parecia decorrer daí?

A possibilidade de exercer um poder viril de fascinação no futuro não imediato depois de uma refeição dispendiosa num apartamento particular na companhia de uma elegante cortesã, de beleza física, moderadamente mercenária, de instrução variada, uma dama por sua origem.

O que continha a segunda gaveta?

Documentos: a certidão de nascimento de Leopold Paula Bloom: uma dotação de uma apólice de seguro de £500 na Sociedade de Seguro das Viúvas Escocesas em benefício de Millicent (Milly) Bloom, entrando em vigor aos 25 anos como uma apólice de £430, £462-10-0 e £500 aos 60 anos ou morte, 65 anos ou morte e morte, respectivamente, ou com uma apólice de lucro (inteiramente paga) de £299-10-0 junto com um pagamento em dinheiro de £133-10-0, à escolha: uma caderneta de conta corrente emitida pelo Banco Ulster, agência College Green mostrando uma declaração de c/c de meio ano terminando em 31 de dezembro de 1903, saldo

em favor do depositante: £18-14-6 (18 libras, 14 shillings e 6 pence, sterling), bens lucro líquido: certificado de posse de £900, canadenses 4% (inscritas) ações do governo (livres de selo): certificados de pagamento de direitos aduaneiros do Comitê de Cemitérios Católicos (Glasnevin), relativos ao lote de terra de uma sepultura comprada: um recorte de jornal local referente à mudança de nome feita por uma pessoa.

Cite os termos textuais desta notícia.

Eu, Rudolph Virag, agora residente no n.º 52 Clanbrassil Street, Dublin, anteriormente de Szombathely no reino da Hungria, por meio deste notifico que eu assumi e tenciono daqui por diante em todas as ocasiões e o tempo todo ser conhecido pelo nome de Rudolph Bloom.

Que outros objetos relativos a Rudolph Bloom (nascido Virag) estavam na segunda gaveta?  
Um daguerreótipo indistinto de Rudolf Virag e seu pai Leopold Virag tirado no ano de 1852 no salão de fotografia de seu primo (respectivamente) de 1.º e 2.º graus, Stefan Virag de Szesfehervar, Hungria. Um livro antigo Hagadah no qual um par de óculos convexos com armação de chifre marcava a passagem da ação de graças nas orações rituais para o Pessach (Páscoa): um cartão-postal representando o Queen's Hotel, Ennis, Rudolph Bloom, proprietário: um envelope endereçado: *Ao Meu Querido Filho Leopold.*

Que frações de frases evocaram essas cinco palavras?

Amanhã faz uma semana que eu recebi... não adianta Leopold estar... com sua querida mãe... isso não é mais suportável... para ela... tudo para mim está terminado... seja bom para Athos, Leopold... meu querido filho... sempre... de mim... *das Herz... Gott... dein...*

Que reminiscências de um ser humano sofrendo de uma progressiva melancolia estes objetos evocaram em Bloom?

Um homem velho, viúvo, de cabelos descuidados, na cama, com a cabeça coberta, suspirando: um cachorro doente, Athos: acônito, recorrido em doses crescentes de grãos e escrópulos como um paliativo para neuralgia recrudescente: a face da morte de um septuagenário, suicidado por envenenamento.

Por que Bloom experimentou um sentimento de remorso?

Porque com impaciência imatura tratara com desrespeito certas crenças e práticas.

Tais como?

A proibição do uso de carne e leite na mesma refeição: o simpósio hebdomadário de ex-correligionários e ex-compatriotas descoordenadamente abstratos, ardorosamente concretos e mercantis: a circuncisão dos bebês machos: o caráter sobrenatural da escritura judaica: a infabilidade do tetragrama: a santidade do sabá.

Como estas crenças e práticas se apresentavam a ele agora?

Não mais racionais do que tinham se apresentado antes, não menos racionais do que outras que apareciam agora.



Que primeira reminiscência tinha ele de Rudolph Bloom (falecido)?

Rudolph Bloom (falecido) narrou para seu filho Leopoldo Bloom (de 6 anos) um arranjo retrospectivo de migrações e estabelecimentos em e entre Dublin, Londres, Florença, Milão, Viena, Budapeste, Szombathely com manifestações de satisfação (seu avô tendo visto Maria Teresa, imperatriz da Áustria, rainha da Hungria), com conselhos comerciais (tendo tido cuidado com os pence, as libras tendo cuidado de si mesmas). Leopold Bloom (de 6 anos) tinha acompanhado estas narrativas com a consulta constante de um mapa geográfico da Europa (política) e com sugestões para o estabelecimento de sucursais comerciais nos diversos centros mencionados.

Tinha o tempo obliterado igualmente mas diferentemente a lembrança destas migrações no narrador e no ouvinte?

No narrador pelo passar dos anos e em conseqüência do uso de narcótico tóxico: no ouvinte pelo passar dos anos e em conseqüência da ação de diversões sobre experiências vicárias.

Que idiosincrasias do narrador eram produtos concomitantes de amnésia?

Ocasionalmente ele comia sem ter tirado previamente o chapéu. Ocasionalmente ele bebia vorazmente o suco de groselha com nata batida de um prato inclinado. Ocasionalmente ele removia de seus lábios os vestígios de comida por meio de um envelope lacerado ou outro fragmento de papel disponível.

Que dois fenômenos de senilidade eram mais freqüentes?

A contagem digital de moedas de um míope, o arroto conseqüente de saciedade.

Que objeto oferecia consolo parcial a estas reminiscências?

A apólice de seguro, o talão de cheques, o certificado provisório de subscrição de ações.

Reduza Bloom por meio da multiplicação cruzada de reveses de fortuna, contra os quais estes esteios o protegiam, e pela eliminação de todos os valores positivos a uma quantidade irreal irracional negativa ínfima.

Sucessivamente, numa ordem servil descendente: Pobreza: a do mascate de bijuteria que trabalha na rua, a do credor importuno pela recuperação de dívidas duvidosas e nocivas, o arrecadador das taxas dos pobres e dos impostos dos deputados. Mendicância: a do falido fraudulento com ativos insignificantes pagando 1/4 de pence na £, homemsanduíche, distribuidor de anúncios de-jogar-fora, andarilho noturno, bajulador insinuante, marinheiro aleijado, rapaz cego, beleguim aposentado, perturbador-de-festa, lambedor-de-prato, desmancha-prazeres, puxa-saco, público-alvo de riso excêntrico sentado num banco de uma praça pública debaixo de um guarda-chuva perfurado abandonado. Carência: o interno do Abrigo dos Velhos (Hospital Real), Kilmainham, o interno do Hospital Simpson para homens sem recursos mas respeitáveis permanentemente incapacitados por gota ou ausência de visão. Nadir de miséria: miserável moribundo idoso lunático impotente privado de direitos civis sustentado pelos impostos locais.

Com que concomitantes indignidades?

A indiferença insensível de mulheres anteriormente amáveis, o desprezo de homens musculosos, a aceitação de fragmentos de pão, a ignorância simulada de conhecidos casuais, o ladrar de cães vagabundos ilegítimos não-licenciados, o bombardeio infantil de projéteis de vegetais apodrecidos, valendo pouco ou nada, nada ou menos do que nada.

De que maneira poderia esta situação ser evitada?

Por falecimento (mudança de estado): por partida (mudança de lugar).

Qual delas preferivelmente?

A última, de acordo com o princípio da menor resistência.

Que considerações tornavam a partida não inteiramente indesejável?

Coabitação constante impedindo tolerância mútua de defeitos pessoais. O hábito de compras independentes crescentemente cultivado. A necessidade de contrabalançar a imobilidade permanente por meio de uma estada transitória.

Que considerações faziam que a partida não fosse irracional?

As partes em questão, unindo-se, tinham crescido e multiplicado, o que sendo feito, os filhos produzidos e desenvolvidos até atingir a maturidade, as partes, se não desunidas eram obrigadas a se unir novamente para crescer e multiplicar, o que era absurdo, para formar por reunião o par original das partes unidas, o que era impossível.

Que considerações tornavam a partida desejável?

O caráter atraente de certas localidades na Irlanda e no exterior, como eram representadas em mapas geográficos gerais com desenhos multicores ou por ordem especial em mapas topográficos pelo uso de escalas numerais e sombreados.

Na Irlanda?

Os penhascos escarpados de Moher, as florestas ventosas de Connemara, o lago Neagh com a cidade petrificada submersa, o dique do Gigante, o forte Camden e o forte Carlisle, o vale Dourado de Tipperary, as ilhas de Aran, as pastagens do Meath real, o olmo de Brigid em Kildare, o estaleiro de Queen's Island em Belfast, o salto do Salmão, os lagos de Killarney.

No exterior?

Ceilão (com jardins de condimentos fornecendo chá para Thomas Kernan, agente para Pulbrook, Robertson and Co., 2 Mincing Lane, Londres, E. C., 5 Dame Street, Dublin), Jerusalém, a cidade santa (com a mesquita de Omar e o portão de Damasco, meta de aspiração), os estreitos de Gibraltar (o lugar incomparável de nascimento de Marion Tweedy), o Partenon (contendo estátuas de divindades nuas gregas), o mercado de dinheiro de Wall Street (que controlava as finanças internacionais), a Plaza de Toros em La Linea, Espanha (onde O'Hara dos Camerons matara o touro), Niagara (sobre a qual nenhum ser humano passara impune), a terra dos esquimós (comedores de sopa), o país proibido do Tibete (do

qual nenhum viajante retorna), a baía de Nápoles (para ver o que devia morrer), o mar Morto.

Sob que orientação, seguindo que sinais?

No mar, setentrional, à noite a estrela polar, localizada no ponto de interseção da linha reta de beta a alfa na Ursa Maior produzida e dividida externamente em ômega e a hipotenusa do triângulo de ângulo reto formado pela linha alfa ômega assim produzida e a linha alfa delta da Ursa Maior. Na terra, meridional, uma lua biesférica, revelada em fases variadas imperfeitas de luação através do interstício posterior da saia imperfeitamente oculta de uma carnuda mulher negligente perambulando, uma coluna de nuvens de dia.

Que anúncio público divulgaria a ocultação do que partira?

Uma recompensa de £5, para perdido, raptado ou extraviado de sua residência 7 Eccles Street, indivíduo desaparecido de cerca de 40 anos, respondendo pelo nome de Bloom, Leopold (Poldy), altura 5 pés e 9 e meia polegadas, corpulento, tez azeitonada, pode ter deixado desde então crescer a barba, quando visto pela última vez usava um terno preto. A importância acima mencionada será paga por informação que leve à sua descoberta.

Que denominações binominais universais seriam as dele como entidade e não-entidade?

Assumida por alguém ou conhecida de ninguém. Homem-comum ou Ninguém.

Que dons os dele?

Boa reputação e presentes de estrangeiros, os amigos do Homem-comum. Uma ninfa imortal, beleza, a noiva de Ninguém.

Aquele que partiu não reapareceria nunca em nenhum lugar de nenhum modo?

Ele vagaria sempre, autocompelido, ao extremo limite de sua órbita cometária, além das estrelas fixas e sóis variados e planetas telescópicos, seres astronômicos perdidos e objetos sem donos, para a fronteira extrema do espaço, passando de terra em terra, entre povos, entre eventos. Em algum lugar ele ouviria imperceptivelmente e um tanto relutantemente, compelido pelo sol, e obedeceria aos apelos da lembrança. Por esse motivo, desaparecendo da constelação da Coroa Boreal ele reapareceria de uma certa forma renascido sobre delta na constelação de Cassiopéia e depois de incalculáveis éons de peregrinação voltaria como um vingador ofendido, um justiceiro contra malfeitores, um cruzado sombrio, um dorminhoco despertado, com recursos financeiros (por suposição) ultrapassando aqueles de Rothschild ou do rei de prata.

O que tornaria esta volta irracional?

Uma equação insatisfatória entre um êxodo e retorno no tempo através do espaço reversível e de um êxodo e retorno no espaço através do tempo irreversível.

Que jogo de forças, induzindo à inércia, tornava a partida indesejável?

O tardio da hora, tornando-a protelatória: a obscuridade da noite, tornando-a invisível: a incerteza das vias públicas, tornando-a perigosa: a necessidade de repouso, neutralizando o

movimento: a proximidade de uma cama ocupada, evitando pesquisa: a antecipação do calor (humano) temperado com o frescor (linho), evitando o desejo e tornando desejável: a estátua de Narciso, som sem eco, desejo desejado.

Que vantagens eram possuídas por uma cama ocupada, distinta de uma cama desocupada?  
A remoção de uma solidão noturna, a qualidade superior da calefação humana (fêmea madura) à inumana (jarradeáguas quente), a estimulação de um contato matinal, a economia da passagem de roupa na casa no caso de calças dobradas com esmero e colocadas longitudinalmente entre o colchão de molas (listrado) e o colchão de lã (seção de biscoito).

Que causas passadas consecutivas de fadiga acumulada apreendidas antes de se levantar Bloom recapitulou silenciosamente, antes de se levantar?

A preparação do café-da-manhã (oferta queimada): congestão intestinal e defecação premeditativa (santo dos santos): o banho (rito de João): o funeral (rito de Samuel): o anúncio de Alexandre Chaves (Urim e Thummim): o almoço pouco substancial (rito de Melquisedeque): a visita ao museu e à biblioteca nacional (lugar sagrado): a procura de livros ao longo de Bedford Row, Merchant's Arch, Wellington Quay (*Simchath Torah*): a música no hotel Ormond (*Shira Shirim*): a discussão com o troglodita truculento nas premissas de Bernard Kiernan (holocausto): um período sombrio incluindo um passeio de carro, uma visita a uma casa de luto, uma despedida (deserto): o erotismo produzido pelo exibicionismo feminino (rito de Onan): o parto prolongado da Sra. Mina Purefoy (oferta arfada): a visita à casa desregrada da Sra. Bella Cohen, 82 Tyrone Street, inferior, e subsequente disputa e mixórdia fortuita em Beaver Street (Armagedon): perambulação noturna à ida e à saída do abrigo do cocheiro, Butt Bridge (expição).

Que enigma imposto a si mesmo Bloom apreendeu involuntariamente quanto a se levantar a fim de sair para concluir temendo que não concluísse?

A causa de um imprevisto isolado e agudo estalido breve ouvido emitido pela tensão venosa do material inanimado de uma mesa de madeira.

Que enigma por si mesmo complexo Bloom de pé, voluntariamente apreendendo, não compreendeu, saindo, recolhendo roupas múltiplas multicores multiformes?

Quem era M'Intosh?

Que enigma por si mesmo evidente ponderado com constância desultória durante 30 anos Bloom agora, tendo efetuado uma obscuridade natural pela extinção da luz artificial, subitamente silenciosamente compreendeu?

Onde estava Moisés quando a vela se apagou?

Que imperfeições num dia perfeito Bloom, andando, carregado de artigos recolhidos de homem recentemente despido de traje de uso, sucessivamente, silenciosamente, enumerou?

Um insucesso provisório em obter a renovação de um anúncio: comprar um certa quantidade de chá de Thomas Kernan (agente para Pulbrook, Robertson e Co., 5 Dame Street, Dublin, e 2

Mincing Lane, Londres E. C.): certificar a presença ou ausência de orifício retal posterior no caso das divindades helênicas femininas: obter admissão (gratuita ou paga) para o espetáculo de *Leah* pela Sra. Bandman Palmer no teatro Gaiety, 46, 47, 48, 49 South King Street.

Que impressão de um rosto ausente Bloom, parado, silenciosamente relembrou?  
O rosto do pai dela, o falecido major Brian Cooper Tweedy, dos Fuzileiros Reais de Dublin, de Gibraltar e Rehoboth, Dolphin's Barn.

Que impressões recorrentes do mesmo rosto eram possíveis por hipótese?  
Afastando-se, no terminal da Great Northern Railway, Amiens Street, com uma aceleração constante e uniforme, ao longo de linhas paralelas encontrando-se no infinito, se produzidas: ao longo de linhas paralelas, reproduzidas vindo do infinito, com retardamento constante e uniforme, no terminal da Great Northern Railway, Amiens Street, retornando.

Que efeitos variados de vestuário pessoal feminino foram percebidos por ele?  
Um par de meias novas pretas meio-seda inodoras de senhora, um par de ligas novas de cor violeta, uma calça tamanho extragrande de senhora de musselina da Índia, corte avantajado, impregnada do cheiro de opópanax, de jasmim e de cigarros turcos Muratti e contendo um longo e brilhante alfinete de segurança de aço, fechado curvilíneo, um corpete de cambraia com um debrum fino de renda, uma anágua sanfona de seda *moirette* azul, todos estes objetos sendo dispostos irregularmente no topo de uma mala grande retangular, presa com quatro travessas, tendo cantoneiras reforçadas, com etiquetas multicores, com iniciais no lado fronteiro em letreiro branco B. C. T. (Brian Cooper Tweedy).

Que objetos impessoais foram percebidos?  
Uma cômoda, uma perna quebrada, totalmente coberta por um corte quadrado de cretone, desenho de maçã, na qual repousava um chapéu de palha preto de senhora. Louça com estrias-laranja, comprada em Henry Price, fabricante de cesta, artigos de fantasia, porcelana e ferragens, 21, 22, 23 Moore Street, dispostos irregularmente sobre lavatório e no chão e consistindo de bacia, saboneteira e porta-escova (juntos, no lavatório), jarro e artigos de noite (separados, no chão).

Atos de Bloom?  
Ele depositou os artigos de roupa na cadeira, removeu seus restantes artigos de roupa, tirou de debaixo do almofadão na cabeceira da cama uma longa camisola branca dobrada, introduziu sua cabeça e braços dentro das aberturas devidas da camisola, removeu um travesseiro da cabeceira para o pé da cama, preparou conseqüentemente o lençol da cama e entrou na cama.

Como?  
Com circunspeção, como o fazia invariavelmente ao entrar numa habitação (sua ou não sua): com solicitude, as molas em espiralserpentina do colchão sendo velhas, as argolas de metal e os barrotes viperinos pendentes soltos e trêmulos sob pressão e tensão: prudentemente, como ao entrar numa toca ou emboscada de luxúria ou de víboras: levemente, para perturbar o

menos possível: reverentemente, a cama da concepção e do nascimento, da consumação do matrimônio e do rompimento do matrimônio, do sono e da morte.

O que encontraram os seus membros, quando gradualmente distendidos?

Um novo lençol de linho limpo, odores adicionais, a presença de uma forma humana feminina, dela, o vestígio de uma forma humana, masculina, não dele, algumas migalhas, alguns nacos de carne enlatada, recozida, que ele removeu.

Se ele tivesse sorrido por que teria sorrido?

Para refletir que cada um que entra se imagina ser o primeiro a entrar enquanto ele é sempre o último termo de uma série precedente mesmo se ele for o primeiro termo de uma série subsequente, cada um imaginando ser o primeiro, o último, o único e exclusivo enquanto ele não é nem o primeiro nem o último nem o único nem o exclusivo numa série originada ali e repetida ao infinito.

Que séries precedentes?

Assumindo Mulvey ter sido o primeiro termo de sua série, Penrose, Bartell d'Arcy, professor Goodwin, Julius Mastiansky, John Henry Menton, padre Bernard Corrigan, um fazendeiro na Exposição de Cavalos da Sociedade Real de Dublin, Maggot O'Reilly, Mathew Dillon, Valentine Blake Dillon (prefeito de Dublin), Christopher Callinan, Lenehan, um tocador de realejo italiano, um cavalheiro desconhecido no teatro Gaiety, Benjamin Dollard, Simon Dedalus, Andrew (Pisser) Burke, Joseph Cuffe, Wisdom Hely Alderman John Hooper, Dr. Francis Brady, padre Sebastian de Mount Argus, um engraxate do Correio Geral, Hugh E. (Blazes) Boylan e assim cada um e assim por diante até nenhum termo final.

Quais eram suas reflexões a respeito do último membro desta série e tardio ocupante da cama?

Reflexões sobre seu vigor (um pelintra), proporção corporal (um pregador de cartazes), habilidade comercial (um logro), impressionabilidade (um gabola).

Por que para o observador impressionabilidade em acréscimo a vigor, proporção corporal e habilidade comercial?

Porque ele tinha observado com freqüência crescente nos membros precedentes da mesma série a mesma concupiscência, inflamavelmente transmitida, primeiro com alarme, depois com compreensão, em seguida com desejo, finalmente com fadiga, com sintomas alternados de compreensão e apreensão mistas.

Com que sentimentos antagônicos foram suas reflexões subsequentes afetadas?

Inveja, ciúme, abnegação, equanimidade.

Inveja?

De um organismo físico e mental masculino especialmente adaptado à postura superdebruçada de uma cópula humana enérgica e movimento de pistão e de cilindro enérgico para a completa

satisfação de uma concupiscência constante mas não aguda residente num organismo físico e mental feminino, passivo mas não obtuso.

Ciúme?

Porque a natureza plena e volátil em seu estado livre, era alternativamente o agente e o reagente de atração. Porque atração entre agente(s) e reagente(s) variando a todo instante, com proporção inversa de aumento e diminuição, com extensão circular incessante e reentrância radial. Porque a contemplação controlada da flutuação da atração produzia, se desejado, uma flutuação de prazer.

Abnegação?

Em virtude de a) relacionamento iniciado em setembro de 1903 no estabelecimento de George Mesias, alfaiate e fabricante de roupas de esporte, 5 Eden Quay, b) hospitalidade estendida e recebida em espécie, recíproca e reapropriada em pessoa, c) juventude relativa sujeita a impulsos de ambição e magnanimidade, altruísmo para com um colega e egoísmo amoroso, d) atração extra-racial, inibição intra-racial, prerrogativa supra-racial, e) uma eminente turnê musical provincial, despesas correntes comuns, lucros líquidos divididos.

Equanimidade?

Como tão natural quanto qualquer e todo ato natural de uma natureza expressa ou compreendida executada na natureza naturada por criaturas naturais de acordo com as naturezas naturadas dele, dela e deles, de similaridade dissimilar. Como não tão calamitosa quanto uma destruição cataclísmica do planeta em consequência de uma colisão com um sol escuro. Como menos repreensível do que roubo, assalto em estrada, crueldade para com crianças e animais, obter dinheiro com falsos pretextos, contrafação, desfalque, malversação do dinheiro público, traição da confiança pública, simular doença para fugir ao serviço, lesões corporais, corrupção de menores, libelo criminoso, chantagem, desprezo à corte, incêndio criminoso, traição, delito grave, motim em alto-mar, transgressão, invasão de domicílio, fuga da prisão, prática de vício contra a natureza, deserção do exército em campo de batalha, perjúrio, invasão de terras alheias, usura, informação secreta aos inimigos do rei, fazer-se passar por outrem, agressão criminosa, homicídio culposo, assassinato voluntário e premeditado. Como não mais anormal do que todos os outros processos paralelos de adaptação às condições modificadas da existência, resultando num equilíbrio recíproco entre o organismo físico e suas circunstâncias concomitantes, comidas, bebidas, hábitos adquiridos, inclinações saciadas, doença significativa. Como mais do que inevitável, irreparável.

Por que mais abnegação do que ciúme, menos inveja do que equanimidade?

De ultraje (matrimônio) a ultraje (adultério) nada surgiu a não ser ultraje (cópula) contudo o violentador matrimonial da matrimonialmente violentada não tinha sido ultrajado pelo violentador adúltero da adúlteramente violentada.

Que retribuição, se alguma?

Assassinato, nunca, pois dois erros não tornam um ato certo. Duelo por combate, não.

Divórcio, agora não. Desmascaramento por artifício mecânico (cama automática) ou testemunho individual (testemunhas oculares escondidas), não ainda. Ação judicial por danos por influência legal ou simulação de assalto com evidência de ferimentos sofridos (infligidos a si mesmo), não impossivelmente. Suborno por influência moral, possivelmente. Se, positivamente, alguma conivência se impuser, de introdução de emulação (material, uma próspera agência de publicidade rival: moral, um agente rival bem-sucedido de ligação íntima), depreciação, alienação, humilhação, separação protegendo um separado do outro, protegendo o separador dos dois.

Por meio de que reflexões ele, um consciente reator contra o vazio da incerteza, justificou a si mesmo seus sentimentos?

A predestinada fragilidade do himeneu: a pressuposta intangibilidade da coisa em si: a incongruência e desproporção entre a tensão por si mesma prolongada da coisa proposta a ser feita e o relaxamento auto-abreviador da coisa feita: a fraqueza falaciosamente apontada na mulher: a musculosidade do macho: as variações dos códigos éticos: a transição gramatical natural por inversão envolvendo nenhuma alteração de sentido de uma proposição pretérita aorística (analisada como sujeito masculino, verbo transitivo onomatopaico monossilábico com objeto direto feminino) da voz ativa em sua proposição pretérita aorística correlativa (analisada como sujeito feminino, verbo auxiliar e particípio passado onomatopaico quasemonossilábico com agente masculino complementar) na voz passiva: o produto continuado de inseminadores por geração: a produção contínua de sêmen por destilação: a futilidade do triunfo ou do protesto ou da justificação: a inutilidade da virtude exaltada: a letargia da matéria ignara: a apatia das estrelas.

Com que satisfação final convergiram estes sentimentos e reflexões antagônicos, reduzidos às suas formas mais simples?

Satisfação com a ubiqüidade nos hemisférios terrestres orientais e ocidentais, em todas as terras e ilhas habitáveis exploradas ou inexploradas (a terra do sol da meia-noite, as ilhas dos abençoados, as ilhas da Grécia, a terra da promessa), dos hemisférios femininos anteriores e posteriores adiposos, redolentes de leite e mel e de calor sanguíneo e seminal excretório, remanescentes de famílias seculares de curvas de amplitude, não suscetíveis a estados de espírito de impressão ou de contrariedades de expressão, expressivos de uma animalidade muda imutável e madura.

Sinais visíveis de ante-satisfação?

Uma ereção aproximada: uma oposição solícita: uma elevação gradual: uma revelação experimental: uma contemplação silenciosa.

E então?

Ele beijou o rabo dela amadurecido amelonado-odorizado amarelado arredondado, em cada hemisfério arredondado amelonado, em seu sulco amadurecido amarelado, com um ósculo obscuro prolongado provocativo melonoso.



Os sinais visíveis de pós-satisfação?

Uma contemplação silenciosa: uma dissimulação experimental: um aviltamento gradual: uma aversão solícita: uma ereção aproximada.

O que se seguiu a esta ação silenciosa?

Uma invocação sonolenta, uma identificação menos sonolenta, uma excitação incipiente, uma interrogação catequética.

Com que modificações o narrador respondeu a este interrogatório?

Negativas: ele omitiu mencionar a correspondência clandestina entre Martha Clifford e Henry Flower, a alteração pública na, dentro e da vizinhança do local licenciado de Bernard Kiernan e Cia., Limitada, 8, 9 e 10 Little Britain Street, a provocação erótica e resposta a ela causada pelo exibicionismo de Gertrude (Gerty), sobrenome desconhecido. Positivas: ele incluiu a menção de uma representação pela Sra. Bandmann Palmer de *Leah* do teatro Gaiety, 46, 47, 48, 49 South King Street, um convite para cear no hotel Wynn (Murphy), 35, 36 e 37 Lower Abbey Street, um volume de tendência pornográfica pecaminosa intitulado *Doçuras do Pecado*, autor anônimo um cavalheiro da moda, uma concussão temporária causada um movimento calculado em falso durante uma exibição de ginástica pós-refeição, a vítima (desde então completamente recuperada) sendo Stephen Dedalus, professor e autor, filho mais velho vivo de Simon Dedalus, sem ocupação fixa, um feito aeronáutico executado por ele (narrador) na presença de uma testemunha, o professor e autor acima mencionado, com prontidão de decisão e flexibilidade ginástica.

Foi a narração de outro modo inalterada por modificações?

Sim, certamente.

Que acontecimento ou pessoa emergiu como ponto saliente de sua narração?

Stephen Dedalus, professor e autor.

Que limitações de atividade e inibições de direitos conjugais foram percebidas pelo ouvinte e narrador referentes a eles durante a exposição desta narração intermitente e crescentemente mais lacônica?

Pela ouvinte uma limitação de fertilidade visto que como o casamento tinha sido celebrado no mês 1 do calendário depois do 18º aniversário do nascimento dela (8 de setembro de 1870), a saber 8 de outubro, e consumado na mesma data com o nascimento de uma menina em 15 de junho de 1889, tendo sido antecipatoriamente consumado no dia 10 de setembro do mesmo ano e relação carnal completa, com ejaculação do sêmen dentro do órgão natural da mulher, tendo tido lugar por último 5 semanas antes, a saber em 27 de novembro de 1893, para o nascimento em 29 de dezembro de 1893 de um segundo (e único menino) nascido, falecido em 9 de janeiro de 1894, com onze dias de vida, restou então um período de 10 anos, 5 meses e 18 dias durante os quais a relação carnal foi incompleta, sem ejaculação de sêmen dentro do órgão natural feminino. Pelo narrador uma limitação de atividade, mental e corporal, visto que uma relação mental completa entre ele e a ouvinte não tinha ocorrido desde a consumação da

puberdade, indicada por hemorragia menstrual, da menina nascida do narrador e da ouvinte, em 15 de setembro de 1903, restou um período de 9 meses e 1 dia durante o qual, em consequência de uma compreensão e incompreensão natural preestabelecida entre duas mulheres feitas (ouvinte e filha), completa liberdade física de ação tinha sido circunscrita.

Como?

Por várias perguntas femininas reiteradas referentes à destinação masculina para onde, o lugar em que, a hora em que, a duração para a qual, o objeto com o qual no caso de ausências temporárias, projetadas ou efetuadas.

O que se moveu visivelmente acima dos pensamentos invisíveis da ouvinte e do narrador?  
O deslocamento para cima do reflexo de uma lâmpada e sombra, uma série inconstante de círculos concêntricos de várias gradações de luz e sombra.

Em que direção estavam deitados ouvinte e narrador?

Ouvinte, SE por E: Narrador, NO por O: no 53<sup>o</sup> paralelo de latitude, N, e 6<sup>o</sup> meridiano de longitude, O: num ângulo de 45° ao equador terrestre.

Em que estado de repouso ou movimento?

Em repouso em relação a si mesmos e um ao outro. Em movimento estando cada um e ambos impelidos para oeste, para a frente e para trás respectivamente, pelo movimento perpétuo e próprio da Terra através das trajetórias sempre mutantes do espaço imutável.

Em que postura?

Ouvinte: reclinada semilateralmente, esquerda, mão esquerda debaixo da cabeça, perna direita estendida numa linha reta e repousando sobre a perna esquerda, na atitude de Gea-Tellus, repleta, recumbente, cheia de semente. Narrador: reclinado lateralmente, esquerda, com as pernas direita e esquerda flexionadas, o dedo indicador e o polegar da mão direita repousando no cavalete do nariz, na atitude descrita na fotografia instantânea tirada por Percy Apjohn, o homem-criança cansado, o criança-homem no ventre.

Ventre? Cansado?

Ele repousa. Ele viajou.

Com?

Simbá o Marinheiro e Timbá o Timbadeiro e Jimbá o Jimbadeiro e Whimbá o Whimbadeiro e Nimbá o Nimbadeiro e Fimbá o Fimbadeiro e Bimbá o Bimbadeiro e Pimbá o Pimbadeiro e Mimbá o Mimbadeiro e Himbá o Himbadeiro e Rimbá o Rimbadeiro e Dimbá o Dimbadeiro e Vimbá o Vimbadeiro e Limbá o Limbadeiro e Ximbá o Ximbadeiro.

Quando?

Indo para uma cama escura havia um quadrado em volta de Simbá o Marinheiro ovo de alca de roco na noite da cama de todos os alcas dos rocos de Darkimbá o Darkimbadeiro.

Onde?

.

## Parte III

### 18

Sim, porque ele nunca fez uma coisa dessas como pedir para tomar seu café-da-manhã na cama com dois ovos desde o hotel City Arms quando ele costumava fingir ter de ficar de cama com uma voz de doente bancando importante para se fazer de interessante para a velha encarquilhada Sra. Riordan sobre quem ele pensava ter grande influência e ela nunca nos deixou nenhum níquel tudo para missas para ela e para a sua alma a maior unha-de-fome que jamais existiu na verdade com medo de gastar 4 centavos com seu álcool metílico falando de todas as suas doenças que ela tinha demais seu velho papo sobre política e terremotos e o fim do mundo vamos nos divertir primeiro um pouco que Deus proteja o mundo se todas as mulheres fossem do seu tipo com aversão a maiôs e decotes naturalmente ninguém havia de querer que ela os usasse imagino que ela era devota porque nenhum homem olharia para ela duas vezes espero não ser nunca como ela um espanto que ela não tenha querido que cobríssemos nossos rostos mas ela era uma mulher bem-educada certamente e seus disparates de Sr. Riordan pra cá e Sr. Riordan pra lá imagino que ele ficou contente de se livrar dela e de seu cachorro fuçando meu casaco de pele e sempre se esgueirando para se levantar debaixo da minha saia especialmente então ainda assim eu gosto disso nele educado com as mulheres idosas daquele jeito com os garçons e mendigos também ele não é orgulhoso por qualquer coisa mas nem sempre se jamais ele pegasse alguma coisa realmente séria é muito melhor para eles irem para um hospital onde tudo é limpo mas eu acho que eu teria que convencê-lo à força durante um mês sim e então nós teríamos uma enfermeira de hospital logo em cena teríamos ele permanecendo ali até que eles o expulsassem ou uma freira talvez como a fotografia enegrecida que ele tem ela é tão freira quanto eu sim porque eles são tão fracos e choramingentos quando estão doentes eles querem uma mulher para ficar bons se o nariz dele sangra a gente pensa que era Ó trágico e aquela expressão agonizante ao saltar do South Circular quando ele torceu o pé na festa do coral na montanha do Pão-de-açúcar no dia em que

usei aquele vestido a senhorita Stack trazendo para ele flores as piores que pôde encontrar no fundo da cesta qualquer coisa que fosse que fizesse ela entrar no quarto de dormir de um homem com sua voz de solteirona tentando imaginar que ele estava morrendo por causa dela nunca mais ver teu rosto de novo embora ele parecesse mais um homem com a barba um pouco crescida na cama meu pai era a mesma coisa além do mais eu detesto fazer curativos e dar remédios quando ele cortou o dedo do pé com sua gilete aparando seus calos com medo de ter septicemia mas se fosse eu que ficasse doente então nós veríamos que atenção só que naturalmente a mulher esconde para não causar todo o problema que eles causam sim ele veio de algum lugar pelo seu apetite de qualquer jeito amor não é ou ele estaria sem apetite pensando nela assim ou era uma daquelas mulheres da noite se fosse realmente lá que ele tivesse realmente estado e a história do hotel que ele inventou um punhado de mentiras para esconder aquilo planejando-o Hynes me deteve quem eu encontrei ah sim eu encontrei você se lembra de Menton e quem mais vejamos aquele cara-de-bebê grande eu o vi e ele há pouco tempo casado flertando com uma moça em Pooles Myriorama e eu virei as costas para ele quando ele escapuliu parecendo bem consciente que estrago mas ele teve o descaramento de dar em cima de mim certa vez bem feito para ele que se acha o máximo e seus olhos de peixe frito de todos os grandes imbecis que já encontrei e isso é chamado simplesmente de advogado mas eu detesto ter uma longa disputa na cama ou então se não for isso é uma ou outra prostitutazinha que ele recolheu em algum lugar ou conseguiu às escondidas se elas ao menos o conhecessem tão bem quanto eu sim porque anteontem estava escrevinhando alguma coisa uma carta quando eu entrei no quarto da frente para lhe mostrar a morte de Dignam no jornal como se alguma coisa me dissesse e ele a cobriu com o mata-borrão fingindo estar pensando sobre algum negócio de modo que muito provavelmente era aquilo para alguém que pensa que tem nele um imbecil porque todos os homens ficam um pouco desse jeito na idade dele especialmente chegando aos quarenta ele está agora assim para arrancar com agrados qualquer dinheiro que possa dele não há tolo maior do que um velho tolo e então o beijo costumeiro no meu traseiro foi para encobrir não que eu ligue a mínima com quem ele o faça ou quem conheceu antes daquele jeito embora eu gostasse de descobrir desde que eu não tenha que ter os dois o tempo todo debaixo do meu nariz como aquela vagabunda aquela Mary que tivemos no Ontario Terrace estufando seu falso traseiro para excitá-lo o quanto pudesse sentir nele o cheiro daquelas mulheres pintadas uma ou duas vezes eu estava desconfiada quando o fiz chegar perto de mim quando eu descobri um fio longo de cabelo no paletó dele sem contar aquela quando eu entrei na cozinha fingindo que ele estava bebendo água 1 mulher não é bastante para eles foi tudo culpa dele naturalmente estragando as empregadas em seguida propondo que ela comesse em nossa mesa no dia de Natal se me faz favor Ó não obrigada não em minha casa roubando minhas batatas e as ostras 2 shillings e 6 pence a dúzia saindo para ver sua tia me faça o favor isso era roubo comum eu tinha certeza que ele tinha alguma coisa com ela sou capaz de descobrir uma coisa dessas ele disse você não tem provas era a prova dela Ó sim a tia dela gostava muito de ostras mas eu lhe disse o que eu pensava dela sugerindo que eu sáisse para que ele ficasse sozinho com ela eu não ia me rebaixar espionando os dois as ligas que eu encontrei no quarto dela na sexta-feira em que ela saiu aquilo foi o bastante para mim um pouco demais o rosto dela se inflou de raiva quando eu paguei suas semanas de

trabalho eu cuidei disso é melhor passar de todo sem elas eu arrumo os quartos eu mesma mais rápido a não ser pela infeliz da cozinha e a limpeza do pó eu dei uma lição nele de qualquer forma ou ela ou eu saio de casa eu não podia sequer tocar nele se eu pensasse que ele estava com uma suja mentirosa descarada e desleixada como aquela negando na minha cara e cantando em volta da casa no WC também porque ela sabia que estava numa situação boa demais sim porque possivelmente ele não podia passar sem aquilo por muito tempo então ele tinha de fazê-lo em algum lugar e a última vez que ele entrou no meu traseiro quando foi isso na noite em que Boylan deu um grande apertão em minha mão andando ao longo do Tolka em minha mão se introduziu clandestinamente uma outra eu apenas pressionei a palma da mão dele daquele jeito com o meu polegar para apertar de volta cantando a jovem lua de maio ela está irradiando amor ele tem alguma idéia a respeito dele e de mim ele não é tão tolo assim ele disse eu vou jantar fora e vou ao Gaiety embora eu não vá lhe dar esta satisfação de qualquer jeito Deus sabe que ele é de certa forma uma mudança não estar sempre usando o mesmo chapéu velho a menos que eu pegasse um rapaz bonito para fazer isso visto que eu não posso fazer sozinha um rapaz gostaria de mim eu o perturbaria um pouco se ficasse sozinha com ele eu o deixaria ver minhas ligas as novas e o faria ficar vermelho olhando para ele e o seduziria eu sei o que os rapazes sentem com aquela penugem em seu rosto se masturbando esticando aquela coisa interminavelmente pergunta e resposta você faria isso aquilo e o que mais com o carvoeiro sim com o bispo sim eu faria porque eu lhe contei a respeito do deão ou bispo que estava sentado ao meu lado nos jardins do templo dos judeus quando eu estava tricotando aquela coisa de lã um estranho para Dublin que lugar era aquele e assim por diante sobre os monumentos e ele me cansou com as estátuas eu o encorajando e o fazendo pior do que era quem está em sua cabeça agora diga em quem você está pensando quem é diga pra mim o nome dele quem é o imperador alemão sim imagine que eu sou ele pense nele a gente pode sentir ele tentando fazer de mim uma prostituta o que ele nunca fará ele deve desistir agora nesta idade de sua vida isso é simplesmente uma perdição para qualquer mulher e sem nenhuma satisfação nisso fingindo gostar até que ele venha e então termine fora de mim de qualquer maneira e faz os lábios da gente ficarem pálidos de qualquer forma está acabado agora uma vez por todas com toda a conversa do mundo que as pessoas têm a esse respeito é só a primeira vez que conta depois disso é só a coisa corriqueira fazer e não pensar mais no assunto por que você não pode beijar um homem sem casar com ele primeiro a gente às vezes ama desvairadamente quando a gente sente dessa maneira tão agradavelmente por todo o corpo a gente não pode se conter eu desejaria que um homem qualquer me tomasse algum dia em seus braços quando ele está ali e me beijasse não há nada como um beijo longo e quente para a alma da gente quase nos paralisa ora eu odeio aquela confissão quando eu costumava ir ao padre Corrigan ele me tocou pai e que mal há se ele o fez onde e eu disse na beira do canal como uma tola mas em que lugar em sua pessoa minha filha na perna atrás bem alto foi sim bem no alto foi onde você se senta sim Ó Senhor será que ele não podia dizer traseiro de uma vez e acabar com isso que é que essas coisas têm a ver com isso e você fez de que maneira ele a tocou eu esqueço não pai e eu sempre penso no verdadeiro pai o que é que ele queria mesmo saber pois se eu já o confessei a Deus ele tinha uma mão bonita e gorda a palma sempre úmida eu não me importaria de a sentir nem ele eu

diria junto ao pescoço gordo em seu colarinho reto eu me pergunto se ele sabia quem eu era no confessionário eu podia ver o seu rosto ele não podia ver o meu naturalmente ele nunca se virou ou se revelou assim mesmo seus olhos estavam vermelhos quando seu pai morreu eles estão assim perdidos para uma mulher naturalmente deve ser terrível quando um homem chora e para eles então eu gostaria de ser abraçada por um com suas vestes e o cheiro de incenso emanando dele como o papa além do mais se você for casada não há perigo com um padre ele é cuidadoso demais consigo mesmo então dê de penitência alguma coisa para S. S. o papa eu me pergunto se ele ficou satisfeito comigo uma coisa de que eu não gostei foi ele me dar com tanta familiaridade uma palmada atrás ao sair no saguão embora eu risse eu não sou um cavalo ou um asno sou acho que ele estava pensando em seus pais eu me pergunto se ele está acordado pensando em mim ou sonhando estarei em seu eu que lhe dei aquela flor que ele disse que comprou ele cheirava a algum tipo de vinho não uísque ou cerveja ou talvez à espécie de massa açucarada com que eles colam seus anúncios algum licor eu gostaria de bebericar aquelas bebidas caras de aparência saborosa verdes e amarelas que aqueles camaradas de porta de teatro com chapéus de copa alta bebem eu provei certa vez com meu dedo mergulhado no daquele americano que tinha um esquilo e falava sobre selos com meu pai ele fez tudo que pôde para não cair no sono depois da última vez depois que bebemos o Porto e comemos a carne enlatada tinha um delicado sabor salgado sim eu me sentia linda e me cansei e caí num sono de pedra no momento em que me atirei direto na cama até que aquele trovão me acordou Deus tenha piedade de nós eu pensei que o céu estava desabando sobre nós para nos punir quando eu fiz o sinal-da-cruz e rezei uma ave-maria como aqueles raios apavorantes em Gibraltar como se o mundo estivesse chegando ao fim e então eles vêm e dizem que Deus não existe o que é que a gente poderia fazer se ele estivesse rolando e correndo de um lado para o outro nada apenas fazer um ato de contrição a vela que eu acendi na capela da rua Whitefriars pelo mês de maio sabe ela nos deu sorte embora ele fosse zombar se ouvisse porque ele nunca vai à missa ou aos encontros na igreja ele diz a sua alma você não tem alma dentro de você só existe massa cinzenta porque ele não sabe o que é ter uma sim quando eu acendo a lâmpada porque ele deve ter gozado umas 3 ou 4 vezes com aquela bruta coisa vermelha grande que ele tem eu pensava que a veia ou que diabo eles a chamam ia explodir apesar de que seu peru não é tão grande assim depois que eu tirei todas as minhas coisas com as persianas abaixadas depois de horas me vestindo e me perfumando e penteando aquilo é como ferro ou uma espécie de pé-de-cabra grosso em pé o tempo todo ele deve ter comido ostras eu acho algumas dúzias delas ele estava bem-disposto cantando a todo o vapor não eu nunca em toda a minha vida senti que alguém tivesse um daquele tamanho para fazer a gente se sentir repleta ele deve ter comido um carneiro inteiro depois que idéia foi essa de fazer a gente desse jeito com um buraco grande no meio da gente ou um garanhão o metendo dentro da gente porque é só isso que eles querem da gente com aquela expressão determinada e viciada nos olhos dele eu tive que ficar com meus olhos semicerrados entretanto ele não tinha uma quantidade tão enorme assim de esperma quando eu fiz ele tirar e o fazer sobre mim tanto melhor assim de qualquer jeito considerando que é tão grande no caso de sobrar um pouco que não tivesse sido lavado devidamente a última vez que eu deixei que ele terminasse em mim bela invenção que eles fizeram para as mulheres para ele ter todo o prazer mas se

alguém lhes desse uma amostra disso eles saberiam eles mesmos o que eu passei com Milly ninguém acreditaria também na fase de dentição dela e o marido de Mina Purefoy Deus que nos preserve da história que a gente está contando enchendo a barriga dela com um filho ou gêmeos todo ano tão pontual quanto um relógio com um cheiro de crianças emanando dela o que eles chamavam de traquinas ou coisa assim como um negro com o cabelo emaranhado aí meu Jesus a criança é um preto a última vez que eu estive lá um esquadrão deles caindo uns por cima dos outros e berrando de perfurar o tímpano presume-se que sejam saudáveis não ficam satisfeitos senão quando nos vêem inchadas como elefantes ou sei lá o que supondo que eu arriscasse ter um outro filho não dele apesar de que se ele fosse casado tenho certeza que teria um filho bonito e forte mas não sei não Poldy tem mais garra em si sim isso seria extremamente divertido eu suponho que foi o encontro com Josie Powell e o enterro e pensar em mim e Boylan que o provocou bem ele pode pensar o que quiser agora se isso lhe agrada eu sei que eles estavam namorando quando eu entrei em cena ele estava dançando e sentado ao ar livre com ela na festa de Georgina Simpson para celebrar a nova casa e ele quis me fazer engolir que não gostava de a ver tomando chá-de-cadeira e foi por isso que nós tivemos a briga acirrada sobre política ele a começou não eu quando finalmente ele disse que Nosso Senhor era carpinteiro ele me fez chorar naturalmente uma mulher é tão sensível a respeito de tudo depois eu fiquei enfurecida comigo mesma por ter cedido só porque eu sabia que ele estava atraído por mim ele disse Ele foi o primeiro socialista ele me aborreceu tanto eu não consegui fazer ele ficar zangado ele sabe sempre uma porção de coisas complicadas sobre o corpo e o que tem dentro eu muitas vezes quis aprender isso eu mesma o que temos dentro de nós aquele médico de família eu podia sempre ouvir a voz dele falando quando a sala estava cheia de gente e o observar depois disso eu fingi que eu tinha esfriado com ela por causa dele porque ele costumava ser um pouco ciumento toda vez que ele perguntava você vai na casa de quem eu dizia na de Floey e ele me deu de presente os poemas de lord Byron e três pares de luvas assim isso terminou aquilo eu podia muito facilmente fazer ele fazer as pazes a qualquer momento eu sei como faria mesmo supondo que ele se reconciliasse com ela de novo e saísse para vê-la em algum lugar eu saberia se ele se recusasse a comer cebola eu conheço uma porção de truques pedir a ele para desabotoar a gola da minha blusa ou tocar nele com meu véu e luvas ao sair 1 beijo então mandaria todas elas passear no entanto está bem veremos então que ele vá para ela ela naturalmente ficaria simplesmente feliz demais em fingir que está loucamente apaixonada por ele eu não me importaria tanto com isso eu apenas iria até ela e perguntaria você o ama e olharia firmemente nos seus olhos ela não poderia me enganar mas ele podia imaginar que estava a fazer uma declaração de amor a ela com sua maneira de enrolar a gente como fez comigo apesar de que eu tive uma trabalhadeira dos diabos para arrancar dele a declaração apesar de que eu gostei dele por isso ele mostrava que podia se conter e que não era para ser conquistado de graça ele esteve a pique de se declarar a mim também aquela noite na cozinha em que eu estava enrolando o bolo de batata há uma coisa que eu quero dizer para você somente pois eu o desconcertei revelando que eu estava de mau humor com minhas mãos e braços cheios de farinha de trigo de qualquer jeito eu tinha deixado escapar demais na noite anterior falando de sonhos então eu não queria deixar ele perceber mais do que o necessário ela costumava sempre me abraçar a Josie toda vez que ele estava ali



de olho nele naturalmente me agarrando toda e quando eu dizia que eu me lavava de alto a baixo tanto quanto possível me perguntando e você lavou o possível as mulheres estão sempre puxando a conversa para isso se mostrando exageradamente quando ele está ali elas sabem pelo piscar de olho sonso dele bancando o indiferente quando elas se saem com alguma coisa assim do jeito que ele é é isso que o estraga eu não estranho nem um pouco porque ele era muito bonito naquela época procurando parecer com lorde Byron eu dizia que eu gostava apesar de que ele era bonito demais para um homem e ele era um pouco parecido antes de ficarmos noivos depois porém ela não gostou tanto assim no dia em que eu tive um ataque de riso com uma risada que não conseguia parar todos os meus grampos de cabelo caindo um atrás do outro com a grande quantidade de cabelo que eu tinha você está sempre de muito bom humor ela disse sim porque isso a atormentava porque ela sabia o que isso significava porque eu costumava contar para ela um bocado daquilo que acontecia entre nós não tudo justo o suficiente para deixá-la com água na boca mas não era minha culpa ela não botou muito os pés na nossa casa depois que nós casamos eu me pergunto como ela está agora depois de viver com aquele marido maluco que ela tem o rosto dela já estava começando a parecer enrugado e despencado a última vez que eu a vi ela devia ter acabado de ter uma briga com ele porque eu vi no momento em que ela estava a ponto de começar uma conversa sobre maridos e falar sobre ele para o criticar o que é que foi que ela me disse Ó sim que às vezes ele costumava ir para a cama com suas botas sujas quando dava na veneta dele imagine só ter de entrar na cama com uma coisa dessas que poderia matar a gente a qualquer momento que homem meu Deus bem essa não é a única maneira de ficar doido Poldy de qualquer forma o que quer que ele faça sempre limpa seus pés no capacho quando entra molhado ou lustra sempre e engraxa de preto suas próprias botas também e ele sempre tira o chapéu quando ele se aproxima de alguém na rua como naquela ocasião e agora ele está andando de um lado para o outro com seus chinelos para cobrar £10.000 por um cartão P C para cima Ó minha namorada May uma coisa dessas não ia simplesmente fazer você morrer de tédio realmente é tolo demais até mesmo tirar suas botas agora o que você poderia fazer com um homem desses eu preferiria morrer 20 vezes a me casar com um outro do sexo deles naturalmente ele não encontraria nunca uma outra mulher como eu para suportá-lo como faço conheça-me venha dormir comigo sim e ele sabe disso também no fundo do seu coração veja aquela Sra. Maybrick que envenenou o marido para quê eu me pergunto apaixonada por outro homem sim foi desmascarada não foi uma completa miserável ao fazer uma coisa dessas claro alguns homens podem ser terrivelmente irritantes enlouquecem a gente e sempre a dizer o pior de nós por que eles nos pedem em casamento se fosse assim tão ruim quanto parece sim porque eles podem se virar sem nós foi pó branco de arsênico que ela pôs no chá dele o mesmo de papel-pegamosca não foi eu me pergunto por que eles chamam isso disso se eu perguntasse a ele ele diria que vem do grego que continuamos tão sábios como éramos antes ela devia estar loucamente apaixonada pelo outro camarada para correr o risco de ser enforcada Ó ela não se importava se aquela era a natureza dela o que ela podia fazer além disso com certeza eles não são suficientemente cruéis para enforcar uma mulher são

eles são todos tão diferentes Boylan falando sobre a forma do meu pé que ele notou imediatamente mesmo antes de ser apresentado quando eu estava na D B C com Poldy rindo e

tentando escutar eu estava balançando meu pé nós dois pedimos 2 chás com pão e manteiga eu vi ele olhando com suas duas irmãs solteironas quando eu me levantei e pedi à garçonete onde era o que me importa com aquilo já escorrendo pelas pernas e aqueles calções fechados que ele me fez comprar que levo meia hora para arriar me molhando toda sempre com algum capricho novo em folha toda semana e eu fiz um tão comprido que eu esqueci minhas luvas de camurça no assento atrás que eu nunca recuperei depois que uma ladra de uma mulher e ele queria que eu pusesse no *Irish Times* perdidas no toalete das mulheres D B C na Dame Street quem encontrar devolva à Sra. Marion Bloom e eu vi os olhos dele nos meus pés ao sair pela porta rotativa ele estava olhando quando eu olhei para trás e eu fui lá para tomar chá 2 dias depois na esperança de mas ele não estava lá então como aquilo o excitou será porque eu os estava cruzando quando nós estávamos primeiro na outra sala ele queria dizer que os sapatos estavam apertados demais para andar minha mão é bonita assim se ao menos eu tivesse um anel com a pedra do meu mês uma bela água-marinha eu vou ficar em cima dele por um desse jeito e uma pulseira de ouro eu não gosto tanto do meu pé mesmo assim eu fiz ele gastar uma vez com o meu pé na noite depois do concerto fracassado de Goodwin estava tão frio e ventoso bem nós tínhamos aquele rum em casa para nos aquecer e o fogo não estava apagado quando ele me pediu para tirar as minhas meias deitado no tapete em Lombard Street oeste e uma outra vez era com minhas botas enlameadas que ele queria que eu pisasse em todo o esterco dos cavalos que eu pudesse encontrar mas naturalmente ele não é normal como o resto do mundo que eu o que é que ele disse podia dar 9 pontos de vantagem sobre 10 a Katty Lanner e derrotá-la o que isso quer dizer eu lhe perguntei eu esqueço o que ele disse porque a edição de última hora acabava de ser anunciada aos gritos e o homem de cabelo crespo na leiteria Lucan que é tão educado eu acho que já vi a cara dele em algum lugar eu o notei quando eu estava provando a manteiga então eu não me apressei Bartell dArcy também de quem ele costumava caçoar quando ele começou a me beijar na escada do coro depois que eu cantei a *Ave-Maria* de Gounod o que é que nós estamos esperando Ó meu coração me beije bem na testa que é o meu lado moreno e parta ele estava bem ardente apesar de sua voz metálica também ele estava sempre entusiasmado com minhas notas graves se a gente pode acreditar nele eu gostava do jeito que ele fazia com a boca cantando então ele disse não era terrível fazer aquilo ali num lugar daqueles eu não vejo nada de tão terrível nisso eu vou contar isso a ele um dia não agora e vou surpreendê-lo isso sim e vou levá-lo ali e mostrar a ele o próprio lugar também em que fizemos aquilo e então agora aí está agüente ele pensa que nada pode acontecer sem que ele saiba ele não tinha nenhuma idéia a respeito de minha mãe até que ficamos noivos senão ele não me teria conseguido tão facilmente como o fez de qualquer jeito ele era 10 vezes pior rogando que eu desse a ele um pedacinho tirado de minha calçola isso foi na noite em que vínhamos andando pela praça Kenilworth ele me beijou no ilhó de minha luva e eu tive que tirá-la me fazendo perguntas é permitido perguntar o formato do meu quarto então eu deixei que ele a guardasse como se eu tivesse esquecido para pensar em mim quando eu o vi a meter em seu bolso evidentemente ele é louco quando se trata de calçolas isso é claro de se perceber sempre espreitando aquelas coisas de rostos bronzeados montadas em bicicletas com as saias sopradas pelo vento até seus umbigos mesmo quando Milly e eu saíamos com ele ao ar livre na festa aquela de musselina creme de pé bem contra o

sol de modo que ele podia ver cada átomo existente nela quando ele me viu por trás seguindo na chuva no entanto eu o vi antes que ele me visse de pé na esquina da rua transversal Harold vestindo uma capa de chuva nova com um cachecol sarapintado de cores para ressaltar a cor de sua pele e o chapéu marrom como sempre com um ar matreiro o que é que ele estava fazendo ali onde não tinha nada que fazer eles podem ir e ter o que quer que desejem qualquer coisa mesmo que vista uma saia e não temos direito de fazer nenhuma pergunta mas eles querem saber onde a gente estava aonde a gente vai eu podia sentir ele vindo sorratamente atrás de mim seus olhos no meu pescoço ele tinha andado afastado de casa ele sentia que estava ficando apaixonado demais então eu dei meia-volta e parei e então ele me atormentou para eu dizer sim até que eu tirei minha luva lentamente enquanto o observava ele disse que minhas mangas bordadas eram frias demais para a chuva como desculpa para pôr a mão bem perto de mim calçolas calçolas todo o bendito tempo até que eu prometi lhe dar uma da minha boneca para levar de um lado para o outro no bolso do seu colete Ó Maria Santíssima ele parecia realmente um grande tolo curvando-se na chuva que dentes maravilhosos ele tinha me dava fome olhar para eles e me suplicou que levantasse minha saia plissada cor de laranja ele disse que não havia ninguém ele se ajoelharia ali no molhado se eu não fizesse aquilo perseverante ele faria mesmo e estragaria sua capa de chuva nova a gente nunca sabe que fantasia eles podem ter sozinhos com a gente eles são tão selvagens por isso se alguém passasse então eu a levantei um pouco e toquei a calça dele com minha mão do anel pelo lado de fora como eu costumava com Gardner para evitar que ele fizesse pior num lugar que era público demais eu estava morrendo de vontade de descobrir se ele era circunciso ele estava tremendo todo como uma geléia eles querem fazer tudo depressa demais isso tira todo o prazer e meu pai esperando o tempo todo para jantar ele me disse para eu dizer que eu tinha deixado minha carteira no açougue e que tinha tido que voltar para pegá-la que Tapeador então ele me escreveu aquela carta com todas aquelas palavras como ele pôde ter a audácia para qualquer mulher que fosse com suas maneiras de homem do mundo tornando aquilo tão constrangedor depois quando nos encontramos perguntando se eu tinha ficado ofendida com meus olhos postos no chão naturalmente ele viu que eu não estava ele tinha inteligência bastante não era como aquele outro o tolo do Henry Doyle que estava sempre quebrando ou rasgando alguma coisa durante as charadas eu detesto um homem sem sorte e se eu sabia o que queria dizer naturalmente eu tinha que dizer que não para constar eu não te compreendo eu disse e não era natural que fosse naturalmente que o é costumava estar escrito em cima do muro de Gibraltar com o desenho daquilo de uma mulher com aquela palavra que eu não podia encontrar em nenhum lugar se ao menos as crianças não vissem jovens demais depois escrevendo toda manhã uma carta às vezes duas por dia eu gostava da maneira com que fazia a corte além disso ele sabia como conquistar uma mulher quando ele me mandou as 8 papoulas grandes porque o meu era o dia 8 então eu escrevi na noite em que ele beijou meu coração no Dolphin Barn eu não poderia descrever aquilo isso simplesmente faz a gente sentir como se não fosse nada nesta terra mas ele nunca soube abraçar tão bem quanto Gardner eu espero que ele venha na segunda-feira como ele disse na mesma hora quatro eu detesto as pessoas que vêm a qualquer hora a gente abre a porta pensa que são os legumes e é alguém e a gente toda malvestida ou a porta da cozinha descuidada e suja que se escancara no dia que o velho Goodwin de rosto

gelado veio me ver a respeito do concerto em Lombard Street logo depois do jantar e eu toda afogueada e agitada com o guisado que cozinhava a duras penas eu tive que dizer não olhe para mim professor eu estou um pavor sim mas ele era a seu modo um verdadeiro cavalheiro era impossível ser mais respeitoso ninguém para dizer que a gente saiu a gente tem que espreitar para fora através da veneziana como aquele mensageiro hoje eu pensei que era um adiamento primeiramente ele mandando o Porto e os pêssegos e eu estava justamente começando a bocejar nervosa pensando que ele estava tentando me fazer de tola quando eu reconheci seu toctoc na porta ele devia estar um pouco atrasado porque eram 3 e  $\frac{1}{4}$  quando eu vi as 2 meninas Dedalus vindo da escola eu nunca sei a hora até mesmo aquele relógio que ele me deu nunca parece estar funcionando direito eu gostaria que ele fosse consertado depois quando eu joguei o níquel para aquele marinheiro aleijado pela Inglaterra o lar e a beleza enquanto eu assobiava há uma moça encantadora que eu amo e eu não tinha sequer vestido minha roupa limpa ou posto pó-de-arroz no rosto ou outra coisa então de hoje a uma semana nós tínhamos de ir a Belfast tudo bem ele tem que ir a Ennis é o aniversário de seu pai no dia 27 não era agradável se ele fizesse suponhamos que nossos quartos no hotel fossem um ao lado do outro e alguma besteira entrasse em cena na cama nova eu não podia dizer a ele para parar e não me aborrecer com ele no quarto ao lado ou talvez algum pastor protestante com tosse batendo na parede então ele nunca acreditaria no dia seguinte que não tivéssemos feito alguma coisa tudo bem com o marido mas a gente não pode enganar um amante dizendo a ele que não fizemos nada naturalmente ele não acreditaria em mim não é melhor que ele esteja indo aonde ele vai além do mais sempre acontece alguma coisa com ele como aquela vez indo para o concerto de Mallow em Maryborough pedindo uma sopa bem quente para nós dois e então a sineta tocou e ele andou pela plataforma com a sopa salpicando à volta tomando colheradas dela e ele não teve o topete e o garçom atrás dele dando um bendito espetáculo o guinchar e a confusão da locomotiva para dar a partida mas ele não queria pagar até que a tivesse terminado os dois cavalheiros do vagão da 3ª classe disseram que ele tinha toda a razão e ele a tinha mesmo ele é tão cabeçudo às vezes quando ele põe uma coisa na cabeça um trabalho bem-feito aquele ele foi capaz de abrir a porta do vagão com a sua faca ou eles nos teriam levado para Cork eu creio que isso foi feito para se vingarem dele Ó eu adoro passear de trem ou de carro com almofadas bonitas e macias eu me pergunto se ele vai arrumar uma 1ª classe para mim ele poderia querer fazer isso no trem dando uma gorjeta para o guarda Ó creio que existirão os idiotas costumeiros olhando para nós embasbacados tão tolos como possivelmente sempre o são aquele foi um homem excepcional aquele operário comum que nos deixou sozinhos no vagão naquele dia indo para Howth eu gostaria de descobrir alguma coisa a respeito dele 1 ou 2 túneis talvez e então a gente tem de olhar para fora da janela é mais bonito ainda depois voltando suponhamos que eu nunca voltasse o que eles diriam fugiu com ele isso contribui para que você entre para o teatro no último concerto em que cantei onde mesmo há mais de um ano teria sido no salão Sta. Teresa em Clarendon Street Kathleen Kearney as mocinhas magricelas e as do gênero que eles têm agora cantando devido a meu pai estar no exército e eu cantar *O Mendigo Distraído* e usar um broche lorde Roberts quando eu tinha toda a cara de uma irlandesa e Poldy não era bastante irlandês será que foi ele que o conseguiu daquela vez eu não duvidaria como quando ele deu um jeito de eu cantar o *Stabat*

*Mater* dizendo aonde ia que estava musicando Conduza Luz Benigna e que eu o instigara a fazer isso até que os jesuítas descobriram que ele era franco-maçom martelando no piano *Que Tua Mão Me Conduza* copiada de um antiga ópera sim e ele andava ultimamente com alguns daqueles Sinner Fein ou o que quer que eles se chamassem falando seus disparates e absurdos usuais ele disse que aquele homenzinho sem pescoço que ele me mostrou é muito inteligente é o homem do futuro Griffith bem ele não tem cara de ser é tudo que posso dizer ainda assim deve ter sido ele ele sabia que havia um boicote eu detesto a menção deles à política depois daquela guerra de Pretória e Ladysmith e Bloemfontein em que Gardner G 8<sup>o</sup> Batalhão do 2<sup>o</sup> Regimento de Lancashire morreu de febre entérica ele era um belo rapaz de cáqui tendo justo a altura certa acima de mim tenho certeza que ele era corajoso também ele disse que eu era encantadora na noite em que nós nos demos um beijo de despedida junto à eclusa do canal minha beleza irlandesa ele estava pálido de excitação por ir embora ou nós seríamos devidamente vistos da estrada o que ele não podia suportar e eu tão ardente como nunca me senti eles podiam ter feito as pazes no início ou o velho tio Paul e o resto dos outros velhos Krugers podiam resolver por uma luta entre eles em vez de prolongar cansativamente durante anos matando lá de febre na guerra alguns homens bonitões se ao menos ele tivesse sido baleado decentemente não teria sido tão ruim eu adoro ver um regimento ser passado em revista a primeira vez que eu vi a cavalaria espanhola em La Roque foi lindo depois de olhar de Algeciras através da baía todas as luzes do rochedo como pirilampos ou aquelas batalhas simuladas nos 15 acres os Black Watch com seus *kilts* na cadência da marcha o 10<sup>o</sup> Regimento dos Hussardos do príncipe de Gales ou os lanceiros Ó os lanceiros são formidáveis ou os Dublins que venceram a batalha de Tugela o pai dele ganhou dinheiro vendendo cavalos para a cavalaria bem que ele podia comprar um presente bonito para mim em Belfast depois do que eu dei a ele eles têm ali um linho lindo ou um daqueles belos quimonos coisas que eu preciso comprar naftalina como a que eu tinha antes para pôr na gaveta com eles seria excitante andar com ele pelas lojas para comprar aquelas coisas numa nova cidade é melhor deixar para trás este anel que é preciso ficar girando girando para ele passar ali pela articulação ou eles poderiam espalhar aos quatro cantos da cidade em seus jornais ou me denunciar à polícia mas eles poderiam pensar que somos casados Ó que eles todos digam o que quiserem e que se enforcem eu não ligo a mínima ele tem muito dinheiro e não é homem de casar e é melhor que alguém arranque isso dele se eu pudesse descobrir se ele gosta de mim eu estava parecendo desbotada naturalmente quando eu olhei de perto no espelho de mão ao me empoar um espelho nunca reflete a expressão além do mais ter tido ele curvado sobre mim com seus grandes ossos dos quadris ele é pesado também neste calor com seu tronco peludo sempre tendo que nos deitar para eles era melhor ele o pôr em mim por trás da maneira que a Sra. Mastianski me disse que o marido fazia com ela como os cachorros fazem e ela ficar de língua de fora o mais que podia e ele tão sossegado e suave com sua cítara tilintante será que nós podemos algum dia competir com os homens do jeito que eles fazem uma fazenda bonita naquele terno azul que ele usava e a gravata elegante e meias com aqueles enfeites de seda azul-celeste ele certamente é rico eu sei pelo corte de suas roupas e seu relógio pesado mas durante alguns minutos ele ficou como se estivesse com o diabo no corpo depois que ele voltou com a edição de última hora rasgando os bilhetes e praguejando que inferno porque ele tinha perdido 20

libras por causa daquele azarão que venceu a corrida e ele apostou a metade para mim devido ao palpite de Lenehan o amaldiçoando o mais que pôde aquele parasita que tomou liberdades comigo depois do jantar em Glencree ao voltar naquele longo passeio ao monte Featherbed depois o prefeito olhando para mim com seus olhos obscenos Val Dillon aquele grande selvagem eu o notei primeiro na sobremesa quando eu estava quebrando as nozes com meus dentes eu gostaria de ter podido comer o frango com as mãos e chupar todos os seus pedacinhos estava tão saboroso e tostado e tão macio só que eu não queria comer tudo que estava no meu prato aqueles garfos e facas de peixe eram de prata eu também desejaria ter alguns eu poderia facilmente ter deixado escorregar dois para dentro do meu regalo enquanto eu brincava com eles afinal de contas sempre dependemos deles por dinheiro num restaurante temos que ser agradecidas pelo pouco que desce por nossa garganta abaixo até por nossa miserável xícara de chá como se fosse uma grande gentileza que devesse ser notada a maneira pela qual o mundo está dividido de qualquer jeito se isso vai continuar assim eu quero para começo de conversa pelo menos duas boas camisas e mas não sei o quê de que tipo de calçola ele gosta de nenhuma creio não foi isso que ele disse sim e metade das moças em Gibraltar também nunca as usaram nuas como Deus as fez aquela cantora andaluza cantando sua Manola ela não fazia muito segredo do que ela não tinha sobre o corpo e o segundo par de meias silkette que perdeu o fio depois de um dia de uso eu podia as ter levado de volta a Lewers esta manhã e armado um banzé e feito aquela fulana as trocar só que para não me aborrecer e não correr o risco de esbarrar nele e estragar tudo e um espartilho daqueles que caem bem na gente como uma luva de que eu precisava anunciado barato na revista Gentlewoman com foles elásticos nos quadris foi ele que consertou o que eu tenho mas ele não vale nada o que é que eles dizem que eles conferem uma silhueta encantadora onze shillings e 6 pence reduzindo a gordura e pondo fim àquela largura na altura dos rins de aparência tão desagradável minha barriga está um pouco grande demais eu vou ter que suprimir a cerveja no jantar ou eu gosto dela demais a última que mandaram de Ó Rourkes estava tão chata quanto panqueca ele ganha dinheiro fácil o velho Larry como eles o chamam que pacote sórdido ele mandou no Natal um bolo sem cobertura e uma garrafa de bebida de péssima qualidade ele tentou impingir um clarete que ele não conseguiu que ninguém bebesse que Deus poupe sua saliva para que ele não morra de sede ou eu preciso fazer alguns exercícios respiratórios eu me pergunto se aquela linha de remédios de esbelteza presta poderia exagerar as magras não estão agora assim tão na moda ligas isso eu tenho o par violeta que eu usei hoje isso é tudo que ele comprou para mim do cheque que ele recebeu no dia primeiro Ó não teve a loção facial porque eu terminei a última ontem que tornava minha pele como nova eu disse a ele muitas e muitas vezes mande fazê-la no mesmo lugar e não se esqueça disso só Deus sabe se afinal de contas ele fez depois de tudo que eu disse a ele eu vou saber de qualquer maneira pela garrafa se não acho que eu vou ter simplesmente que me lavar com o meu pipi como se fosse beeftea ou sopa de frango com um pouco daquele opóponax e violeta eu achei que ela estava começando a parecer áspera ou envelhecida por baixo é muito mais fina onde ela despelou ali no meu dedo depois da queimadura é uma pena que ela não seja toda desse jeito e os quatro lenços reles por cerca de 6 shillings ao todo a gente com certeza não pode se dar bem neste mundo sem se vestir bem indo tudo para comida e aluguel quando eu tiver eu vou gastá-lo aos

quatro cantos com muita classe eu sempre tenho vontade de pôr um punhado de chá no bule medindo e esmiuçando se eu compro um par de borzeguins velhos você gosta desses sapatos novos sim quanto eles custaram eu não tenho roupa nenhuma o costume marrom e a saia e a jaqueta e aquela na tinturaria 3 o que é isso para uma mulher cortando este chapéu velho e remendando o outro os homens não vão querer olhar para a gente e as mulheres vão tentar pisar na gente porque elas sabem que a gente não tem nenhum homem então com todas as coisas ficando mais caras todo dia pelos quatro anos a mais que eu tenho de vida para chegar aos 35 não eu tenho que é que eu tenho realmente eu vou fazer 33 em setembro não é mesmo Ó veja só aquela Sra. Galbraith ela é muito mais velha do que eu eu vi quando ela saiu a semana passada sua beleza está declinando ela era uma linda mulher com magníficos cabelos longos até a cintura jogando eles para trás como Kitty Oshea em Grantham Street a 1ª coisa que eu fazia toda manhã era olhar para o lado oposto da calçada para ver ela pentear o cabelo como se ela o amasse e estivesse satisfeita com ele é uma pena que eu só fosse conhecê-la na véspera de partirmos e aquela Sra. Langtry o Lírio de Jersey por quem o príncipe de Gales estava apaixonado suponho que ele é como qualquer homem andando pelas ruas se não fosse pelo seu título de rei eles são todos feitos da mesma maneira só que eu gostaria de experimentar o de um negro uma beldade até que idade será que ela tinha 45 anos havia uma história estranha sobre o velho marido ciumento qual era ela mesmo e uma faca de ostra ele ia não ele fazia ela usar uma espécie de coisa de estanho em volta do corpo e o príncipe de Gales sim ele tinha a faca de abrir ostra não pode ser verdade uma coisa dessas como algumas daqueles livros que ele me traz de Algum Mestre François intitulado padre sobre uma criança nascida da orelha dela porque o intestino reto dela tinha caído uma bela palavra para um padre escrever e seu c — como se qualquer imbecil não soubesse o que aquilo queria dizer eu detesto acima de tudo esse fingimento em relação àquele velho patife qualquer pessoa pode ver que não é verdade e aquele Ruby e Belos Tiranos que ele me trouxe duas vezes eu me lembro que quando eu cheguei na página 50 a parte em que ela o pendura num gancho para o flagelar com uma corda não existe certamente nada de uma mulher nisso tudo história inventada sobre ele beber champanhe no chinelo dela depois que o baile terminou como a do menino Jesus na manjedoura em Inchicore nos braços das Santíssimas Virgens certamente nenhuma mulher deu à luz uma criança grande daquele jeito e primeiro eu pensei que tinha saído do lado dela porque como é que ela poderia sentar assim no urinol quando quisesse ela naturalmente uma senhora rica ela se sentia honrada ele S. A. R. estava em Gibraltar quando eu nasci apostado que ele encontrou lírios também ali onde ele plantou a árvore ele plantou mais do que aquela em seu tempo ele poderia me ter plantado também se tivesse chegado um pouco mais cedo então eu não estaria aqui como estou ele devia se livrar daquele Freeman com aqueles poucos miseráveis shillings que lhe pagam ali e entrar para um escritório ou coisa semelhante onde ele tivesse um pagamento certo ou para um banco onde poderiam o colocar num trono para contar dinheiro o dia todo naturalmente ele prefere ficar em casa andando lentamente de um lado para o outro da casa de modo que a gente não pode se mover sem esbarrar nele qual é o seu programa hoje eu gostaria até que ele fumasse um cachimbo como meu pai a fim de ter o cheiro de um homem ou fingir estar perambulando em busca de anúncios quando ele poderia ainda estar no escritório do Sr. Cuffes se não fosse o que ele fez então me

mandando tentar pôr um fim à briga eu podia ter conseguido que ele fosse promovido ali ser o gerente ele me lançou uma grande mirada uma ou duas vezes primeiro ele ficou inflexível como o diabo realmente e verdadeiramente Sra. Bloom só que eu me sentia simplesmente reles naquele vestido velho que era um lixo do qual eu tinha perdido as pecinhas de chumbo da bainha e que não tinha um bom corte mas eles estão ficando na moda de novo eu o comprei apenas para agradar a ele eu sabia que não prestava pelo acabamento uma pena eu desisti de ir a Todd e Burns como eu disse e não a Lees o vestido estava como a própria loja uma feira de caridade com uma quantidade de entulhos eu detesto aquelas lojas suntuosas elas me dão nos nervos nada pode me destruir inteiramente só que ele pensa que entende muito de vestido de mulher e de cozinha temperando com tudo que ele pode tirar das prateleiras se eu seguisse seus conselhos todo chapéu que eu ponho na cabeça fica bem na minha cabeça ou não sim pegue aquele que está bom o que parece um bolo de noiva milhas acima da minha cabeça ele disse que ficava bem em mim ou a tampa de panela que descia pelas minhas costas ficou em apertos com aquela vendedora daquela loja em Grafton Street em que eu tive a infelicidade de fazer ele entrar e ela insolente o quanto podia com seu sorriso afetado ele dizendo receio que estamos lhe dando muito trabalho pra que ela está ali mas eu fiz ele entrar nos eixos ele ficou solenemente rígido e não era de estranhar mas ele mudou depois que ele olhou para mim pela segunda vez Poldy é cabeçudo como de costume como com a sopa mas eu pude ver ele olhando insistentemente para o meu peito quando ele se levantou para abrir a porta para mim pois foi amável da parte dele me acompanhar na minha saída de qualquer maneira eu sinto muitíssimo Sra. Bloom acredite em mim sem acentuar muito da primeira vez depois de ter sido insultado e sendo eu a mulher dele eu apenas dei um meio sorriso eu sei que meu peito estava para fora daquele jeito na porta quando ele disse eu sinto muitíssimo e estou certa que ele estava

sim eu acho que ele os tornou mais firmes sugando daquele jeito durante tanto tempo que ele me dava sede ele as chamava de tetas eu tinha que rir sim de qualquer forma o bico deste fica duro por qualquer coisinha eu vou fazer ele continuar assim eu vou pegar estes ovos batidos com Marsala e os cevar para ele o que é que são todas essas veias e coisas aí é estranho do jeito que é feito 2 iguais no caso de gêmeos presume-se que eles sejam o emblema da beleza postos ali em cima como são como aquelas estátuas no museu uma delas fingindo esconder aquilo com sua mão são tão bonitas comparadas com o que o homem parece com seus dois sacos cheios e sua outra coisa fora dele pendurada para baixo ou estendida para cima para você como um cabide para chapéu não é de estranhar que eles a escondam com uma folha de parreira aquele nojento soldado Cameron atrás do mercado de carne ou aquele outro miserável com aquela cabeça ruiva atrás da árvore onde a estátua do peixe costumava ficar quando eu passei fingindo que estava urinando com ele em pé para fora para que eu pudesse ver com seu saiote de criança levantado para um lado o regimento da rainha ainda bem que os Surreys os substituíram eles tentavam o mostrar para a gente quase toda vez que eu passava em frente ao mictório perto da estação de Harcourt Street só para me pôr à prova um daqueles homens tentava chamar minha atenção como se aquilo fosse 1 das 7 maravilhas do mundo Ó e o cheiro horrível daqueles lugares infectos naquela noite vindo para casa com Poldy depois da festa dos Comerfords laranjas e limonada fazem a gente se sentir bem e toda cheia de água eu



entrei em 1 deles o frio estava tão mordente que eu não pude me segurar quando foi isso em 93 o canal estava congelado sim foi alguns meses depois foi uma pena que um ou dois dos Camerons não estivessem ali para me ver agachada no lugar dos homens meadero eu tentei fazer um desenho daquilo antes de rasgar como uma salsicha ou coisa assim eu me pergunto se eles não têm medo de andar pra lá e pra cá com aquilo de levar um pontapé ou uma pancada com alguma coisa naquele lugar a mulher é naturalmente uma beleza isso é reconhecido por todos quando ele disse que eu podia posar nua para um quadro de algum homem rico em Holles Street quando ele perdeu o emprego em Helys e eu vendia roupas e arranhava o piano no palácio do café será que eu seria como aquela ninfa no banho com meus cabelos descendo pelas costas sim só que ela é mais moça ou será que eu sou como aquela puta suja daquela fotografia espanhola que ele tem as ninfas costumavam andar assim de um lado para o outro eu perguntei a ele sobre ela e aquela palavra metem algo em coisa e ele veio com uma daquelas palavras de enrolar a língua a respeito de encarnação ele não consegue nunca explicar uma coisa simplesmente de jeito que qualquer pessoa possa entender depois ele vai e queima o fundo da panela tudo isso para o seu Rim este não tanto ali ainda está a marca dos seus dentes onde ele tentou morder o bico eu tive que gritar não é que eles são assustadores tentando machucar a gente com Milly eu tinha um seio cheio de leite o bastante para dois bebês qual era o motivo daquilo ele disse eu podia ganhar uma libra por semana como ama-de-leite ele ficava todo intumescido de manhã aquele estudante que tinha uma aparência tão frágil e morava no número 28 com os Citrons Penrose quase via pela janela eu me lavando se eu não tivesse agarrado a toalha e coberto meu rosto aquela era a sua maneira de estudar como eles doíam quando eu a desmamei até que ele arrumou o doutor Brady para que ele me desse uma receita de beladona eu tinha que fazer ele sugar meus seios eles estavam tão duros ele dizia que era mais doce e mais grosso do que o das vacas então ele queria me ordenhar no chá bem eu posso afirmar que ele é espantoso alguém devia colocá-lo no estoque se eu ao menos pudesse me lembrar de 1 metade das coisas e escrever um livro sobre isso as obras do mestre Poldy sim e fica tão mais macia a pele tão ele ficou uma hora neles pelo relógio tenho certeza como se fosse um bebê grande que eu tivesse em mim eles querem tudo em suas bocas todo o prazer que esses homens podem tirar de uma mulher eu posso sentir a sua boca Ó Senhor eu preciso me esticar eu gostaria que ele estivesse aqui ou algum outro para que eu me abandonasse e voltasse a gozar daquele jeito eu me sinto toda em fogo por dentro ou se eu pudesse sonhar com isso quando ele me fez gozar pela 2ª vez me fazendo cócegas com seu dedo atrás eu gozei durante quase 5 minutos com minhas pernas em volta dele eu tive que o apertar entre os meus braços depois Ó Senhor eu queria gritar toda sorte de coisas puta merda ou qualquer outra coisa que fosse só que eu não parecesse feia ou mostrasse aquelas rugas provocadas por tensão quem sabe de que maneira ele encararia isso a gente quer sentir o terreno com um homem nem todos são como ele graças a Deus alguns querem que a gente seja tão refinada em relação a isso eu notei o contraste ele faz o que tem que fazer e não fala eu dei aquela expressão aos meus olhos com o meu cabelo um pouco solto pelas sacudidelas e minha língua entre meus lábios estendidos para ele o selvagem o bruto quinta sexta um sábado dois domingo três Ó Senhor eu não posso esperar até segunda

friiiruumuuuuuummmmm trem apitando em algum lugar que força aquelas máquinas

têm como grandes gigantes e a água rolando por todas elas e fora delas de todos os lados como o final de o Amor é uma antiga e suave canção coitados dos homens que têm que ficar fora de casa toda a noite longe das mulheres e das famílias assando naquelas máquinas estava sufocante hoje estou contente porque eu queimei metade daqueles velhos Freemans e Photo Bits deixando as coisas assim jogadas ele está ficando muito descuidado e joguei todo o resto no WC vou fazer com que ele corte todos amanhã em vez de os guardar para o ano que vem para ganhar alguns níqueis com eles ter ele me perguntando onde está o jornal de janeiro passado e todos aqueles sobretudo velhos que eu expulsei do saguão e que tornavam o lugar ainda mais quente do que é aquela chuva estava refrescante e gostosa logo depois de meu sono reparador eu pensei que ia ficar como Gibraltar meu Deus o calor ali antes que o mistral chegasse negro como a noite e o fulgor da rocha se erguendo como um grande gigante se comparado com a montanha deles dos 3 Rochedos que eles acham tão grande com as sentinelas vermelhas aqui e ali os álamos e todos eles incandescentes e o cheiro da água-da-chuva naqueles tanques e a gente observando o sol todo o tempo descendo sobre a gente ele desbotou todo aquele vestido que a amiga de meu pai a Sra. Stanhope me mandou do Bon Marché de Paris que vergonha minha muito querida Cachorrinha ela escreveu ela era muito gentil qual era mesmo seu outro nome isso era apenas um cartão para te dizer que eu te mandei um presentinho eu acabei de tomar um banho bem quente e me sinto agora um cachorro *muito* limpo eu gostei muito do escurinho ela o chamou de escurinho daria tudo para estar de volta em Gib e ouvir você cantar Waiting e na velha Madri Concone é o nome desses exercícios que ele comprou para mim um daqueles novos eu não podia decifrar uma certa palavra xales eles são coisas divertidas mas se rasgam sem mais nem menos ainda assim eles são bonitos não acha vou sempre me lembrar dos chás gostosos que tomamos juntas eu adoro aqueles bolos deliciosos com passas e os folhados de framboesa bem agora minha muito querida Cachorrinha não deixe de me escrever logo dando boas notícias ela esqueceu lembranças para seu pai e também capitão Grove com carinho sua afimete Hester x x x x x ela não parecia nem um pouco casada exatamente como qualquer moça ele era anos mais velho do que ela o escurinho dela gostava tremendamente de mim quando ele prendeu o fio de ferro com o pé para eu passar por cima na tourada em La Linea quando foi dada a orelha do touro àquele matador Gomez essas roupas que temos que usar quem foi que as inventou esperando que a gente as usasse para escalar o monte Killiney depois por exemplo naquele piquenique toda metida num espartilho a gente não pode fazer absolutamente nada no meio de uma confusão correr ou saltar fora do caminho dos outros foi por isso que eu fiquei com medo quando aquele outro velho Touro feroz começou a atacar os banderilleros com os cinturões e as 2 coisas em seus chapéus e aqueles homens brutos a gritar bravo toro as mulheres certamente tão furiosas quanto eles com suas bonitas mantilhas brancas eles cortavam todas as entranhas daqueles pobres cavalos eu nunca ouvi falar numa coisa dessas em toda a minha vida sim ele costumava morrer de rir quando eu imitava o cachorro latindo em Bell Lane pobre animal e ainda por cima doente o que foi feito deles creio que eles morreram há muito tempo os 2 é como se fosse tudo através de uma névoa faz a gente se sentir tão velha eu tinha tudo só para mim quando mocinha Hester e eu costumávamos comparar nossos cabelos os meus eram mais grossos do que os dela ela me mostrou como arrumá-los atrás quando eu

comecei a usá-los para cima e mais ainda como dar um nó num fio só com uma das mãos nós éramos como primas que idade eu tinha então na noite da tempestade eu dormi na cama dela ela ficou com seus braços em volta de mim então de manhã nós brigamos com o travesseiro que farra ele estava sempre me observando toda vez que tinha uma oportunidade na banda militar na esplanada da Alameda quando eu estava com meu pai e o capitão Grove eu olhei primeiro para a igreja e depois para as janelas e então para baixo e nossos olhos se encontraram eu senti alguma coisa me percorrer toda como agulhas meus olhos dançaram eu me lembro quando eu olhei depois para mim no espelho eu mal me reconheci que mudança ele era atraente para uma moça apesar de um pouco careca ele tinha uma aparência inteligente ficava desapontado e alegre ao mesmo tempo ele era como Thomas em A Sombra de Ashlydyat eu tinha uma pele maravilhosa por causa do sol e como uma rosa de excitação eu não preguei olho não teria sido correto por causa dela mas eu podia ter dado um basta naquilo a tempo ela me deu A Pedra da Lua para ler foi o primeiro que eu li de Wilkie Collins eu li East Lynne e A Sombra de Ashlydyat da Sra. Henry Wood eu emprestei depois a ele Henry Dunbar daquela outra mulher com a foto de Mulvey dentro para que ele visse que eu não estava sem e Eugene Aram de lorde Lytton ela me deu Molly da Sra. Hungerford por causa do nome eu não gosto de livros com um Molly neles como aquele que ele trouxe para mim sobre uma de Flandres uma prostituta sempre furtando em lojas qualquer coisa que pudesse fazenda e metros e metros de tecidos de lã Ó este cobertor é pesado demais em mim assim é melhor eu não tenho uma única camisola decente essa coisa fica toda enrolada embaixo de mim além disso ele e suas tolices assim é melhor naquele tempo eu costumava ficar como num banho de vapor minha camisa alagada de suor grudava entre as minhas nádegas quando eu estava sentada e quando eu me levantava elas estavam tão gordurosas e rijas quando eu ficava em pé nas almofadas do sofá para olhar com minhas roupas levantadas os percevejos toneladas deles à noite e os mosquiteiros eu não podia ler uma linha sequer meu Deus há quanto tempo parecem séculos naturalmente eles nunca voltaram e ela não pôs seu endereço direito em cima ela pode ter percebido que seu escurinho as pessoas estavam sempre indo embora e nós nunca eu me lembro daquele dia com as ondas e os barcos com seus topos elevados balançando e o cheiro do navio aqueles uniformes de Oficiais com licença de ir à terra me davam enjôo ele não dizia nada ele era muito sério eu estava com minhas botas altas abotoadas e minha saia voava com o vento ela me beijou seis ou sete vezes como eu chorei sim eu acho que chorei ou quase meus lábios se abriam e se fechavam quando eu disse adeus ela estava com uma manta deslumbrante de um tom azul especial para a viagem com um corte enviesado muito peculiar e era extremamente bonita ficou monótono pra valer depois que eles foram eu quase planejei fugir como louca para algum lugar fora dali nunca estamos contentes onde estamos pai ou tia ou casamento esperando sempre esperando para o encaminhaaaaar paaara mim esperando sem apressar os passos velozes dele seus malditos canhões estourando e ribombando por toda a loja especialmente no aniversário da rainha e derrubando tudo em todas as direções se a gente não abrisse as janelas quando o general Ulysses Grant quem quer que ele fosse ou fizesse que as pessoas achavam que era um homem importante desembarcou e o velho Sprague o cônsul que estava lá desde antes do dilúvio vestido a rigor e ele pobre homem de luto pelo filho então de manhã aqueles mesmos antigos clarins da alvorada e tambores rufando e os pobres-

diabos dos soldados infelizes andando de um lado para o outro com suas gamelas espalhando no lugar um cheiro pior do que o dos velhos judeus de barbas longas com suas batas de capuz e assembléia de levitas e preparar armas e tiro de canhão para os homens cruzarem a fronteira e o administrador marchando com suas chaves para trancar os portões e as gaitas-de-fole e somente o capitão Groves e meu pai falando sobre Rorkes Drift e Plevna e sir Garnet Wolseley e sobre Gordon em Khartoum e eu acendendo os cachimbos para eles toda vez que eles saíam velho demônio bêbado com sua bebida no peitoral da janela nem pensar em apanhá-lo deixando um pouco dela pondo o dedo no nariz tentando pensar em alguma outra história suja para contar numa esquina mas ele nunca perdeu a cabeça quando eu estava ali mandando que eu saísse da sala com alguma desculpa enferrujada me fazendo elogios era o uísque Bushmills falando naturalmente mas ele fazia o mesmo com qualquer mulher que aparecesse eu creio ele morreu de bebida galopante séculos atrás os dias eram como anos nem uma carta de vivalma a não ser as poucas avulsas que eu enviei a mim mesma pelo correio com pedacinhos de papel nelas eu ficava às vezes tão entediada que eu podia arranhar com minhas unhas aquele velho árabe que tinha um olho só com seu instrumento lamuriento cantando seus hiah hiah ahiah todos os meus cumprimentos pela mixórdia de seus hiass era tão aborrecido que agora com os braços pendentes eu olhava pela janela para ver se havia ao menos um rapaz bonito na casa em frente àquele estudante de medicina em Holles Street no qual a enfermeira dava em cima quando eu punha minhas luvas e chapéu na janela para mostrar que eu ia sair ele não tinha a menor noção do que eu queria dizer com aquilo eles são muito bracos eles nunca compreendem o que a gente diz mesmo que a gente quisesse imprimir bem alto num grande cartaz para eles nem sequer se você apertar duas vezes com a mão esquerda a mão dele ele também não me reconheceu quando eu fechei um pouco a cara para ele do lado de fora da capela de Westland Row onde é que fica a inteligência deles eu gostaria de saber massa cinzenta eles têm ela toda no rabo deles na minha opinião aqueles trapaceiros lá no City Arms inteligência eles tinham muito menos do que os touros e vacas dos quais eles vendiam a carne e a sineta do carvoeiro daquele patife barulhento que tentou me trapacear com a conta trocada que tirou do seu chapéu que par de patas e as panelas e frigideiras e chaleiras para consertar pelo funileiro algumas garrafas quebradas para um pobre homem hoje e nenhum visitante ou correio nunca a não ser cheques ou algum anúncio como o daquele milagreiro que mandaram para ele endereçado prezada Senhora apenas a carta dele e um cartão de Milly esta manhã sabe ela escreveu uma carta para ele de quem eu recebi a última carta de Ó a Sra. Dwenn o que é que deu nela para escrever do Canadá depois de tantos anos para pedir a receita que eu tinha de pisto madrileno Floey Dillon desde que ela escreveu para dizer que estava casada com um arquiteto muito rico se eu for acreditar em tudo que eu ouço com uma vila de oito quartos o pai dela era um homem extremamente gentil ele estava perto dos setenta sempre bem-humorado pois bem senhorita Tweedy ou senhorita Gillespie ali está o piano aquele era um serviço de café de prata de lei que ele tinha também em cima de um aparador de mogno depois morrendo tão longe eu detesto as pessoas que têm sempre suas historinhas tristes para contar todo mundo tem seus próprios problemas aquela pobre Nancy Blake morreu no mês passado de pneumonia aguda bem eu não a conhecia tão bem assim ela era mais amiga de Floey do que minha pobre Nancy é um aborrecimento ter de

responder ele sempre me diz por assim dizer as coisas erradas e não pára como se estivesse fazendo um discurso sua perda dolorosa sinpatia eu sempre cometo esse erro e soubrinho com um u eu espero que ele me escreva uma carta longa da próxima vez se de fato ele gosta de mim Ó graças sejam dadas a Deus todo-poderoso eu consegui alguém para me dar aquilo que eu desejava tanto e me dar ânimo você não tem mais chance nenhuma neste lugar como você costumava ter há muito tempo eu desejaria que alguém me escrevesse uma carta-de-amor a dele não era muito e eu disse a ele que ele podia escrever o que quisesse seu para sempre Hugh Boylan na matéria da velha Madri as mulheres acreditam que amor é suspirar eu estou morrendo assim mesmo se ele escrevesse isso eu creio que haveria alguma verdade nisso verdadeiro ou não verdadeiro isso enche todo o dia e a vida da gente é sempre alguma coisa para pensar a todo momento e vê-la toda à volta da gente como um mundo novo eu poderia escrever a resposta na cama para deixar ele me imaginar curta apenas algumas palavras não aquelas cartas longas cruzadas que Atty Dillon costumava escrever para o camarada que era alguma coisa no tribunal que depois rompeu com ela tiradas do Correspondente das Senhoras quando eu disse a ela para escrever algumas palavras simples que ele poderia torcer como quisesse sem agir com precipit itação com igual franqueza a maior felicidade na terra responder afirmativamente à proposta de casamento de um cavalheiro bondade divina não existe nada mais é tudo ótimo para eles mas quanto a ser uma mulher assim que a gente fica velha eles podem muito bem jogar a gente fora para o fundo do buraco.

a de Mulvey foi a primeira quando eu estava na cama naquela manhã e a Sra. Rubio a trouxe com o café ela ficou ali de pé enquanto eu pedia que ela me desse e eu apontava para eles eu não conseguia achar a palavra um grampo de cabelo para que eu a abrisse com um ah horquilla velha imprestável e ele diante do nariz dela com sua trança postiça e vaidosa de sua aparência feia como ela só beirando seus 80 ou 100 anos seu rosto um montão de rugas dominadora apesar de toda a sua religião porque ela não podia nunca se resignar que a frota do Atlântico viesse com metade dos navios do mundo e que a Union Jack flutuasse apesar de todos os seus carabineros porque 4 marinheiros ingleses bêbados tiraram todo o rochedo deles e porque eu não corria mais freqüentemente para a missa em Santa Maria para agradar a ela com seu xale a cobrindo até a cabeça exceto quando havia um casamento com todos os milagres dos seus santos e sua virgem santa preta com o vestido de prata e o sol dançando 3 vezes na manhã do domingo de Páscoa e quando o padre passava com a sineta porque trazendo o vaticano para os moribundos ela se benzendo para sua Majestade e ele a assinou um admirador eu quase saltei de surpresa eu tive vontade de pegá-lo quando eu o vi pelo vidro da vitrine da loja me seguindo ao longo da Calle Real em seguida ele me tocou de leve justo ao passar por mim mas eu nunca pensei que ele fosse me escrever marcando um encontro eu o guardei dentro do corpete de minha combinação o dia inteiro eu li e reli em segredo enquanto meu pai estava no treinamento dando instrução para descobrir pela caligrafia ou a linguagem dos selos eu me lembro que eu cantava será que eu vou usar uma rosa branca e eu desejei adiantar aquele velho e estúpido relógio para perto da hora ele foi o primeiro homem que me beijou embaixo da muralha dos mouros meu namorado quando rapaz nunca tinha entrado em minha cabeça o que significava beijar até que ele pôs sua língua em minha boca sua boca era doce jovem eu levantei meu joelho para ele durante alguns minutos para aprender o jeito o que

foi que eu disse para ele que eu estava noiva só de brincadeira do filho de um nobre espanhol chamado Dom Miguel de la Flora e ele acreditou em mim que eu devia me casar com ele dentro de 3 anos há muita palavra verdadeira dita de brincadeira há uma flor que desabrochou eu contei para ele algumas coisas verdadeiras a meu respeito só para ele ficar imaginando as moças espanholas ele não gostava delas eu acho que uma delas não quis saber dele eu fiz ele ficar excitado ele esmagou todas as flores no meu corpete que ele tinha trazido para mim ele não sabia contar as pesetas e as perragordas até que eu ensinei ele disse que vinha de Cappelouin no Blackwater mas foi muito curto então um dia antes de partir em maio sim era maio quando o infante rei da Espanha nasceu eu fico sempre assim na primavera eu gostaria de ter um novo homem todo ano no topo do rochedo sob a bateria perto da torre O'Haras eu dizia a ele que ela tinha sido atingida por um raio e contava tudo sobre os velhos macacos de Barbária que eles enviaram para Clapham sem a cauda galopando por todo lado no espetáculo nas costas uns dos outros a Sra. Rubio dizia que a fêmea era o velho habitual escorpião do rochedo roubando as galinhas da fazenda Inces e que ela atirava pedras na gente se a gente chegasse perto ele estava olhando para mim eu estava com aquela blusa branca aberta na frente para o encorajar tanto quanto possível sem ser abertamente demais eles estavam justamente começando a ficar redondos eu disse que estava cansada nós nos deitamos acima da enseada do pinheiro um lugar selvagem eu creio que deve ser o rochedo mais alto que existe as galerias e casamatas e aqueles rochedos assustadores e a gruta de Saint Michael com os pingentes de gelo ou como quer que os chamem pendendo e as escadas toda a lama salpicando em minhas botas eu tenho certeza de que este é o caminho pelo qual os macacos vão por baixo do mar para a África quando morrem os navios fora da barra longe como lascas de madeira aquele era o barco de Malta passando sim o céu e o mar a gente podia fazer o que quisesse ficar deitada ali para sempre ele os acariciava por fora eles gostam de fazer isso por serem roliços ali eu estava inclinada sobre ele com o meu chapéu de palha de arroz para remover a inexperiência daquilo o lado esquerdo do meu rosto é o melhor minha blusa aberta para o último dia dele a camisa que ele usava era transparente eu podia ver seu tronco rosado ele queria tocar o meu com o dele por um instante mas eu não deixei ele ficou tremendamente aborrecido primeiramente por medo a gente nunca sabe tuberculose ou me deixar com uma criança embarazada aquela velha empregada Ines me disse que uma gota apenas se por acaso entrar na gente depois eu experimentei com uma banana mas eu tive medo que pudesse quebrar e ficar perdida em algum lugar lá dentro porque certa vez eles tiraram uma coisa de uma mulher que ficara lá durante anos coberta de sais de cal todos eles ficam loucos para entrar ali de onde eles saem a gente poderia pensar que eles nunca poderiam ir tão longe na gente e depois é como se tivesse acabado com a gente de uma certa forma até a próxima vez sim porque há uma sensação maravilhosa ali tão terna o tempo todo como é que nós terminamos fora sim Ó sim eu o retirei para que gozasse no meu lenço fingindo que eu não estava excitada mas eu abri as minhas pernas eu não deixei que ele me tocasse por dentro de minha anágua porque eu estava com uma saia aberta do lado eu o atormentei como um danado primeiro fazendo cócegas nele eu gostava de incitar aquele cachorro do hotel brkskss awokwokawok ele fechava seus olhos e um passarinho voava abaixo de nós ele era tímido mesmo assim eu gostava dele como aquela manhã em que eu fiz ele ficar um pouco vermelho quando eu fiquei

em cima dele daquele jeito quando eu o desabotoei e tirei o dele para fora e eu abaixei a pele que ele tem uma espécie de olho nele todos os homens são Botões no meio do lado mau deles ele me chamava de Molly querida como era o nome dele Jack Joe Harry Mulvey não era sim um tenente eu creio ele era mais para louro ele tinha uma espécie de riso na voz eu dei voltas para ver o como-é-que-se-chama tudo era como-é-que-se-chama bigode ele tinha ele disse que ele ia voltar Senhor era como se fosse ontem para mim e se eu estivesse casada ele faria aquilo comigo e eu prometi a ele sim fielmente eu deixaria ele meter em mim então incontinentemente talvez ele esteja morto ou assassinado ou seja um capitão ou um almirante são quase 20 anos se eu dissesse enseada do pinheiro ele saberia se ele viesse por trás de mim e pusesse suas mãos sobre os meus olhos para eu adivinhar quem eu poderia reconhecê-lo ele ainda é jovem cerca de 40 talvez ele esteja casado com alguma moça em Black Water e esteja bastante mudado eles sempre fazem isso eles não têm metade do caráter que uma mulher tem ela mal sabe o que eu fiz com o seu amado marido antes que ele sequer sonhasse com ela em plena luz do dia também à vista do mundo inteiro era possível dizer que eles podiam pôr um artigo sobre isso no Chronicle eu fiquei um pouco enfurecida depois quando eu estourei o saco velho de biscoito da loja dos irmãos Benady e eu o explodi meu Deus que estrondo todas as galinholas e pombos gritando nós voltamos pelo mesmo caminho que fomos pelo platô de Middle Hill contornando a prisão militar e o cemitério dos judeus fingindo ler em voz alta o hebraico em cima eu quis dar um tiro com a pistola dele ele disse que não tinha nenhuma ele não sabia o que fazer comigo com o seu boné pontudo que sempre que ele usava torto eu punha sempre direito H. M. S. Calipso balançando meu chapéu aquele velho Bispo que dizia do altar seu sermão longo sobre as mais elevadas funções da mulher e sobre as moças que andavam agora de bicicleta e usavam bonés pontudos e sobre os bloomers os novos calções das mulheres Deus que lhe dê bom senso e a mim mais dinheiro acho que eles foram chamados assim por causa dele eu nunca pensei que aquele seria o meu nome Bloom quando eu o escrevia com letra de forma para ver como ficava em um cartão de visita ou exercitava para o açougueiro e agradar M Bloom você está com uma aparência deslumbrante Josie costumava dizer depois que eu me casei com ele bem é melhor do que Breen ou Briggs briggue ou aqueles nomes horríveis com traseiro neles Sra. Ramsbottom ou algum outro tipo de traseiro Mulvey eu não ficaria louca por nenhum deles ou imaginemos que eu me divorciasse dele Sra. Boylan minha mãe quem quer que ela fosse podia ter me dado um nome mais bonito só Deus sabe em homenagem ao dela que era encantador Lunita Laredo como nós nos divertimos correndo ao longo da Willis Road até a Ponta Europa dando voltas e reviravoltas do outro lado de Jersey eles se sacudiam e dançavam de um lado para o outro dentro de minha blusa como os pequeninos de Milly agora quando ela sobe a escada correndo eu gostava de olhar para baixo para eles eu subia nas pimenteiras e nos álamos arrancava as folhas e as jogava nele ele foi para a Índia ele devia escrever sobre a viagem que aqueles homens tinham de fazer para os confins do mundo e voltar abraçar em seus braços uma ou duas mulheres é o mínimo que podem fazer enquanto podem antes de sair para se afogarem ou serem explodidos em algum lugar eu subi o Windmill Hill até chegar ao Windmill Flats naquele domingo de manhã com o capitão Rubios que tinha morrido ele tinha dito que teria um ou dois óculos de alcance como o sentinela tinha para ver de bordo eu estava com aquele vestido do B Marché

de Paris e o colar de coral com os estreitos brilhando eu podia ver acima em direção a Marrocos quase a enseada de Tanger branca e a montanha Atlas coberta de neve e os estreitos como um rio tão claro Harry Molly querida eu pensava nele no mar o tempo todo depois na missa quando minha anágua começou a escorregar na elevação durante semanas e semanas eu conservei o lenço debaixo do meu travesseiro por causa do cheiro dele não existia nenhum perfume decente que se pudesse conseguir em Gibraltar só aquele barato pele de Espanha que sumia e deixava um cheiro ruim na gente mais do que qualquer outra coisa eu queria dar uma lembrança para ele que me deu aquele anel deselegante de Claddagh para dar sorte que eu dei a Gardner quando ele foi para o sul da África onde os bôeres o mataram com a sua guerra e febre mas eles foram todos derrotados do mesmo jeito como se ele trouxesse azar consigo como uma opala ou uma pérola no entanto devia ser ouro puro de 16 carrote porque era muito pesado mas o que é que uma pessoa podia conseguir num lugar daqueles aquela saraivada de rã-pólvora da África e aquele navio abandonado que chegou à enseada Marie a Marie o fulano-beltrano-sicrano não ele não tinha bigode aquele era Gardner sim eu posso ver seu rosto recém-barbeado Friiruumuuuuuummmmm aquele trem de novo tom choroso certa vez nos queridos dias ardentes que se fooram além da re cordação fecho meus olhos prendo a respiração meus lábios estendidos beijo expressão triste olhos abertos piano antes que sobre todo o mundo as névoas comessem eu detesto aquelas pedintes o amor vem é uma doce cançãaaooaoao eu vou deixar isso escapar totalmente quando eu estiver de novo em frente da ribalta Kathleen Kearney e seu bando de miadoras senhorita Isso senhorita Aquilo senhorita Aoutra um bando de pardais desprezíveis rindo que nem tolas e discutindo política elas entendem tanto disso quanto o meu traseiro o que é que aquelas sem graça não fariam no mundo para se tornar de certa forma beldades irlandesas interessantes filha de soldado eu sou sim e de quem vocês são de sapateiros e taverneiros me desculpe coche eu pensei que você fosse um carrinho de mão elas caíam mortas sem se agüentar se algum dia elas tivessem a chance de andar ao longo da Alameda de braço dado com um oficial como eu na noite em que a banda tocou meus olhos brilham meu busto que elas não têm que loucura que Deus tenha piedade de suas pobres cabeças eu sabia mais sobre os homens e sobre a vida quando eu tinha 15 anos do que todas elas sabem aos 50 elas não sabem como cantar uma canção como aquela Gardner dizia que ninguém podia olhar para a minha boca e para os meus dentes sorrindo daquele jeito e não pensar nisso a princípio eu tinha medo que ele não gostasse do meu sotaque ele tão inglês foi tudo que meu pai me deixou além dos seus selos eu tenho os olhos e a silhueta de minha mãe de qualquer forma era o que ele sempre dizia eles são tão descarados sobre si mesmos alguns daqueles cafajestes ele não era nem um pouco assim ele estava louco pelos meus lábios que elas arranjem primeiro um marido que mereça ser olhado e uma filha como a minha ou que vejam se podem excitar um figurão com dinheiro que possa ser exigente e escolher quem ele quiser como Boylan fazer aquilo 4 ou 5 vezes entrelaçados nos braços um do outro ou a voz também eu poderia ter sido uma prima-dona se eu não tivesse me casado com ele a canção do amoor que vem com baixo profundo o queixo para trás não demais para fazê-lo duplo O Quarto de Minha Dama é longa demais para um bis em volta da granja cercada de fosso no crepúsculo e as salas alardeantes sim eu vou cantar Ventos que Sopram do Sul que ele me deu depois da atuação nos degraus do coro eu vou mudar aquela renda do meu



vestido preto para mostrar meus seios e por Deus eu vou sim eu vou mandar consertar aquele leque grande e fazer elas morrerem de inveja meu buraco sente sempre comichão quando eu penso nele eu sinto que eu quero eu sinto uma certa sensação em mim é melhor ir devagar não o acordar para que ele não recomece de novo a babar em mim com seus beijos depois de eu ter lavado todo o meu corpo minhas costas minha barriga e lados se nós tivéssemos ao menos um banheiro ou o meu próprio quarto de qualquer forma eu gostaria que ele dormisse numa cama sozinho com seus pés frios em cima de mim que nós tivéssemos espaço ao menos para soltar um pum meu Deus ou fazer a menor coisa de uma maneira melhor sim mantê-los um pouco desse jeito do meu lado piano calmamente uuuuu lá está aquele trem bem longe pianíssimo iiii mais uma vez acanção

isso foi um alívio onde quer que se esteja deixar os gases saírem livres quem sabe se aquela costeleta de porco que eu comi com minha xícara de chá depois estava muito boa com aquele calor eu não pude sentir nenhum cheiro estranho nela eu estou certa de que aquele homem esquisito no açougue de carne de porco é um grande tratante espero que aquela lâmpada não esteja fumegando para encher meu nariz de fuligem é melhor do que ele deixar o gás aceso a noite toda eu não conseguia descansar à vontade na minha cama em Gibraltar até mesmo me levantando para ver por que eu fico tão tremendamente nervosa com isso embora eu goste disso no inverno faz mais companhia Ó meu Deus foi miseravelmente frio também aquele inverno quando eu só tinha cerca de dez anos não é eu sim eu tinha aquela boneca grande com todas aquelas roupas gozadas e eu a vestindo e a despindo aquele vento gelado uivando através daquelas montanhas aquela espécie de Nevada sierra nevada de pé junto à lareira com aquele pedacinho de uma camisa curta que eu tinha de reserva para me esquentar eu gostava de dançar vestida nela e depois dar uma corrida de volta para a cama tenho certeza que aquele camarada em frente costumava ficar ali o tempo todo observando com a luz apagada no verão e eu nua em pêlo saltando à volta eu costumava adorar ficar despida em frente à pia batendo de leve com a esponja e passando creme só quando chegava a hora de ir para o vaso eu também apagava a luz de modo que havia então nós dois adeus ao meu sono por esta noite de qualquer forma eu espero que ele não esteja se metendo com aqueles estudantes de medicina que o desencaminham fazendo ele pensar que é jovem de novo chegando às 4 da manhã deve ser isso se não for mais assim mesmo ele teve a educação de não me acordar que é que eles tanto têm para tagarelar a noite toda esbanjando dinheiro e ficando cada vez mais bêbados será que eles não poderiam beber água então ele começa a ordenar que lhe tragam ovos e chá e hadoque Findon e torrada quente com manteiga imagino que nós vamos o ver sentado como o rei do país bombeando seu ovo com a colher pelo seu lado errado para cima e para baixo em seu ovo em que lugar do mundo pode ele ter aprendido a fazer isso e eu adoro ver ele tropeçar na escada de manhã com as xícaras chocalhando na bandeja e então brincar com a gata que se enrosca na gente para seu próprio prazer eu me pergunto se ela tem pulgas ela é tão ruim como uma mulher sempre se lambendo e babando mas eu detesto as garras delas eu me pergunto se elas vêem alguma coisa que nós não vemos com os olhos fixos no espaço daquele jeito quando ela se senta no topo da escada por um longo tempo e fica escutando enquanto eu espero sem parar que boa ladra também ela é aquele belo linguado fresco que eu comprei eu acho que vou comer um bocado de peixe amanhã ou

hoje será que é sexta-feira sim eu vou comer com um pouco de manjar branco com geléia de groselha preta como antigamente não aqueles potes de 2 libras de uma mistura de ameixa e maçã do Londres e Newcastle um pote do Woods dura duas vezes mais eu detesto aquelas enguias só por causa das espinhas bacalhau sim eu vou comprar um belo pedaço de bacalhau eu estou sempre comprando o bastante para 3 me esquecendo de qualquer forma que eu estou farta daquela interminável carne do açougue de Buckley pedaços de lombo e pernil e costeletas de vitela e carne de pescoço de carneiro e miúdos de vitela o próprio nome é suficiente ou suponhamos que nós fizéssemos um piquenique que cada um de nós desse 5 shillings ou que ele o pagasse e convidássemos uma outra mulher para ele quem por exemplo a Sra. Fleming e fôssemos de carro para Furry Glen ou Strawberry Beds nós o veríamos primeiro examinando as patas de todos os cavalos como ele faz com as cartas não não com Boylan ali sim com alguns sanduíches mistos de vitela fria e presunto existem de propósito umas casinhas embaixo na base das ribanceiras mas ele diz que ali é quente como o inferno de qualquer jeito não é um dia de feriado bancário eu tenho horror de ver sair de dia essa turba de mulheres vestidas como se para teatros de revista se dando ares de importância a segunda-feira de Pentecostes é um dia amaldiçoado também não é de espantar que uma abelha tenha mordido ele é melhor à beira-mar mas nunca mais na minha vida eu entro num barco com ele depois que ele disse àquele barqueiro em Bray que ele sabia remar se alguém lhe perguntasse se ele sabia montar num cavalo de corrida de obstáculo para obter a taça de ouro ele diria que sim então sobreveio que o mar ficou encrespado aquela coisa velha vergando e o peso tombando todo para o meu lado e ele me dizendo para puxar o controle da direita agora e depois o da esquerda e a maré inundando o barco através do fundo e o remo dele escorregando para fora do gancho foi por Deus que nós não nos afogamos ele naturalmente sabe nadar eu não fiquei calma não há perigo de espécie alguma eu gostaria de ter esfarrapado e arrancado a sua calça de flanela na frente de todas aquelas pessoas e lhe dado como disse alguém uma boa flagelada até que ele ficasse preto e cheio de manchas azuis de tanto apanhar isso lhe faria todo o bem do mundo se não fosse aquele cara de nariz comprido que eu não sei quem é com aquela outra beldade Burke do hotel City Arms que sempre que havia uma briga estava ali espionando como de costume no embarcadouro onde não era desejado era de se vomitar na cara dele não havia decididamente nenhuma simpatia entre nós isso é um consolo eu me pergunto que espécie de livro é esse que ele me trouxe Doçuras do Pecado por um cavalheiro da moda um outro Sr. de Kock eu acho que as pessoas lhe deram esse apelido por ele ir com o seu tubo de uma mulher para a outra eu não pude sequer trocar os meus sapatos brancos que foram destruídos pela água salgada e o chapéu que eu estava usando com aquela pena toda esvoaçante e atirada em cima de mim que coisa desagradável e irritante porque o cheiro do mar me excitava naturalmente as sardinhas e as breimas na bacia catalã à volta e atrás da rocha eram bonitas todas prateadas nos cestos dos pescadores no do velho Luigi cerca de cem eles disseram que elas vinham de Gênova e o camarada alto com brincos eu não gosto de um homem que se tenha que escalar para chegar até ele creio que há muito tempo estão todos mortos e apodrecidos além disso eu não gosto de ficar sozinha à noite nessa casa que mais parece uma caserna acho que eu vou ter que aturar isso eu nunca trouxe para casa um pingo de sal que fosse mesmo na confusão quando nós nos mudamos a academia de música que ele ia

fazer na sala de visitas do primeiro andar com uma placa de bronze ou o hotel particular dos Blooms que ele sugeriu que ele faça e se arruíne todo do jeito que fez o pai dele em Ennis como todas as coisas que ele disse ao meu pai e a mim que ele ia fazer mas eu percebi tudo nele me falando sobre todos os lugares bonitos aos quais nós iríamos em nossa lua-de-mel Veneza com as gôndolas à luz do luar e o lago Como ele tinha uma fotografia recortada de algum jornal de bandolins e lanternas Ó que coisa bonita eu disse qualquer coisa de que eu gostasse ele ia fazer imediatamente se não o mais breve possível você quer ser meu homem você quer assumir a responsabilidade ele devia ganhar uma medalha de couro com um aro de massa de cimento por todos os planos que ele inventa e depois deixa a gente aqui o dia inteiro nunca se sabe que velho mendigo com sua longa história por uma crosta de pão poderia ser um vagabundo que pusesse o pé na porta para impedir que eu a fechasse como a fotografia daquele homem que foi chamado de criminoso empedernido no Lloyds Weekly News que ficou 20 anos na cadeia depois saiu e assassinou uma senhora idosa por causa do dinheiro dela imagine a pobre mulher ou a mãe dele ou quem quer que ela seja de uma figura dessas a gente fugiria a milhas de distância eu não conseguia descansar tranqüilamente até que tivesse posto trancas nas portas e janelas para ter certeza mas é pior ficar trancada novamente como numa prisão ou num hospício eles todos deviam ser fuzilados ou o gato de sete caudas um grande bruto como aquele que atacou uma pobre velha para assassiná-la na cama eu cortaria os dele fora eu faria isso não que eles fossem de Grande utilidade mesmo assim seria melhor do que nada a noite em que tive certeza de que eu ouvi ladrões na cozinha e ele desceu de camisa com uma vela e um atiçador de brasas como se estivesse procurando um camundongo branco como um lençol fora de si de medo fazendo barulho o mais possível em benefício dos ladrões não existe muito o que roubar realmente Deus o sabe assim mesmo é a sensação agora com Milly fora que idéia a dele de mandar a menina lá para longe para aprender a tirar fotografias por causa do avô dele em vez de a mandar para a academia de Skerry onde ela teria que estudar não como eu só notas fracas no colégio só ele faria uma coisa dessas assim mesmo por causa de mim e de Boylan foi por isso que ele fez isso tenho certeza do jeito que ele trama e planeja tudo ultimamente eu não podia me virar com ela em casa a menos que eu trancasse primeiro a porta ela me punha nervosa entrando sem bater primeiro na porta quando eu pus a cadeira de encontro à porta exatamente quando eu estava me lavando ali embaixo com a luva me dá nos nervos então se fazer de tola o dia inteiro colocá-la numa redoma de vidro com dois ao mesmo tempo para olhar para ela se ele soubesse que ela quebrou a mão daquela estatueta de enfeite com sua agitação e descuido antes de partir que eu fiz aquele rapazinho italiano consertar por 2 shillings de modo que não se pode ver a emenda não escorria sequer a água das batatas para a gente naturalmente ela tem razão de não querer estragar suas mãos eu notei que ele estava sempre conversando ultimamente com ela na mesa explicando coisas no jornal e ela fingindo compreender dissimulada naturalmente isso vem do lado da família dele ele não pode dizer que eu sou fingida pode na verdade eu sou honesta demais e a ajudando a pôr o casaco mas se havia algum problema com ela era a mim que ela contava não a ele eu acho que ele pensa que eu estou liquidada e boa para jogar fora pois bem eu não estou nem coisa nenhuma do gênero veremos veremos vamos ver agora que ela está também claramente flertando com os dois filhos de Tom Devan me imitando assobiando com aquelas meninas

levadas dos Murray a requisitando a Milly pode vir aqui por favor ela é procurada sem parar para tirarem dela tudo que puderem andando na bicicleta de Harry Devan à noite em Nelson Street foi melhor ele a mandar para onde ela está ela já estava ultrapassando os limites querendo ir ao ringue de patinação e fumando e tragando os cigarros deles eu senti o cheiro de cigarro se desprendendo do vestido dela quando eu cortei com os dentes o fio de linha do botão que eu estava pregando na parte de baixo da jaqueta dela ela não conseguia esconder muita coisa de mim posso lhes dizer só que eu não devia o ter pregado com a jaqueta nela isso traz uma partida e também o último pudim de passas rachado em duas metades não importa o que eles digam isso acontece a língua dela é um pouco comprida demais para o meu gosto sua blusa está decotada demais ela me diz é o roto falando do esfarrapado e eu tive que dizer a ela para não empinar as pernas daquele jeito dando um espetáculo no peitoril da janela diante de todas as pessoas que passavam eles todos olham para ela como olhavam para mim quando eu tinha a idade dela naturalmente qualquer trapo velho fica bem na gente então também uma grande não-me-toques à sua própria maneira na peça O Único Caminho no teatro Royal tire o seu pé daí eu detesto que as pessoas me toquem ela morre de medo que eu amarrote sua saia plissada deve haver muito roçar nos teatros nos agrupamentos e na escuridão eles estão sempre tentando se esfregar na gente aquele camarada no fundo da platéia no Gaiety para ver Beerbohm Tree em Trilby é a última vez que eu vou lá para ser espremida daquela maneira para ver qualquer Trilby ou o traseiro dela nu de dois em dois minutos batendo de leve ali e virando o rosto para o lado eu acho que ele é um pouco louco eu acho que o vi depois tentando se aproximar de duas senhoras elegantemente vestidas em frente à vitrine de Switer com a mesma jogada eu o reconheci no mesmo momento o rosto e tudo o mais mas ele não se lembrou de mim sim e ela nem mesmo quis que eu a beijasse em Broadstone ao ir embora bem eu espero que arranje alguém que a sirva obsequiosamente da maneira que eu fiz quando ela caiu doente com cachumba com suas glândulas inchadas onde está isso onde está aquilo naturalmente ela não pode ainda sentir nada profundamente contudo eu não consegui gozar completamente senão quando eu tinha mais ou menos 22 anos ou coisa assim sempre entrava no lugar errado só aqueles disparates e risadinhas usuais das moças aquela Conny Connolly escrevendo para ela com tinta branca em papel preto selado com cera assim mesmo ela bateu palmas quando foi baixada a cortina porque ele era tão bonito então tivemos Martin Harvey no café-da-manhã no almoço e no jantar mais tarde eu pensei comigo mesma deve ser amor verdadeiro se um homem renuncia à sua vida por ela daquela maneira por nada creio que ainda existem alguns homens assim ainda que seja difícil acreditar nisso a menos que tenha realmente acontecido comigo a maior parte deles não tem um pingote de amor em suas naturezas encontrar duas pessoas como essas hoje em dia ligadas uma na outra que sentiriam a mesma coisa que a gente sente eles são em geral um pouco tontos da cabeça o pai dele deve ter sido um pouco estranho para se envenenar depois que ela assim mesmo pobre velho acho que ele se sentiu perdido ela está sempre namorando também as minhas coisas os poucos trapos velhos que eu tenho querendo suspender o cabelo com 15 anos meu pó-de-arroz também só que posto nela estraga a pele dela ela vai ter tempo suficiente para isso depois toda a sua vida ela fica inquieta sabendo que é bonita com seus lábios tão vermelhos é uma pena que eles não fiquem desse jeito eu também ficava mas não adianta ir à feira com essa coisa me

respondendo mal como uma debochada quando eu lhe pedi para comprar três quilos de batatas no dia em que nós encontramos a Sra. Joe Gallaher nas corridas de cavalos e ela fingiu que não nos viu em sua carruagem com Friery o procurador nós não éramos bastante importantes para ela até que lhe dei dois puxões bem dados na orelha tome isso agora por me responder dessa maneira isso e isso por sua insolência ela tinha me exasperado a esse ponto naturalmente me contradizendo eu estava de mau humor também ou porque como tinha ido parar uma folhinha no meu chá ou porque eu não dormi bem na noite anterior eu comi queijo foi isso e eu sempre lhe disse milhares de vezes para não deixar as facas cruzadas daquele jeito porque ela não admite que ninguém lhe dê ordens como ela mesma disse bem se ele não a castigar por certo eu o farei foi a última vez que ela saiu do sério eu era assim mesmo eles não ousam me dar ordens em minha casa a culpa é dele naturalmente que nos faz trabalhar como escravas em vez de há muito tempo ter arranjado uma mulher para o serviço será que um dia eu vou ter de novo uma verdadeira empregada naturalmente então ela o veria chegar eu tenho que a prevenir ou ela vai se vingar elas são um prejuízo aquela velha Sra. Fleming a gente tem que andar atrás delas depois que elas pegam as coisas com suas mãos espirrando e soltando puns em cima dos potes bem naturalmente ela é velha e não pode evitar uma boa coisa eu ter encontrado aquele velho pano de prato rasgado e cheirando mal que estava perdido atrás do aparador da cozinha eu sabia que havia alguma coisa ali e abri a janela da área para deixar sair o cheiro trazendo os amigos os receber em casa como na noite em que ele veio para casa com um cachorro se me faz o favor aquilo podia estar raivoso logo quem o filho de Simon Dedalus com um espírito crítico daqueles com seus óculos em cima e com sua cartola na partida de críquete e grandes buracos em sua meia um rindo para o outro e seu filho que ganhou todos os prêmios que conquistou eu não sei em que no seu curso imagine ele escalando o muro se alguém que nos conhecesse o tivesse visto não sei como é que ele não fez um buraco grande na sua famosa calça do funeral como se aquela que a natureza lhe deu não fosse bastante para qualquer pessoa tentando arrastá-lo pela velha e suja cozinha adentro agora eu lhe pergunto ele está batendo bem da cabeça é uma pena que hoje não fosse dia de lavar roupa minhas calças velhas podiam também ter sido dependuradas em exibição no varal pouco se lhe dá com aquela marca de ferro que a velha trouxa deixou nelas quando as queimou ele podia pensar que era uma outra coisa e ela nunca tirou a mancha de gordura que eu mandei que tirasse e agora ela está do jeito que está por causa do seu marido que ficou parálítico estar piorando existe sempre alguma coisa errada com elas doença ou elas têm que ser operadas ou quando não é isso é bebida e ele bate nela eu vou ter que sair procurando alguém outra vez todo dia quando eu me levanto acontece alguma novidade meu bom Deus meu bom Deus eu acho que vou ter um pouco de paz quando eu estiver estirada morta no meu túmulo eu quero me levantar um minuto se deixarem espere Ó Jesus espere sim aquela coisa chegou em mim agora sim não é para a gente ficar naturalmente atormentada com toda aquela socação e trepada e penetração dele em cima de mim agora o que é que eu vou fazer sexta sábado e domingo não é de desmontar a alma de uma pobre mortal a menos que ele goste disso alguns homens gostam só Deus sabe há sempre alguma coisa errada conosco 5 dias de três em três ou quatro em quatro semanas o costumeiro desmanchar mensal não é simplesmente revoltante aquela noite que chegou aquilo a única vez em que nós estávamos num camarote que Michael

Gunn tinha oferecido a ele para vermos a Sra. Kendal e o marido dela no Gaiety por um negócio de seguro que ele tinha feito para ele em Drimmies eu estava nervosa embora eu não fosse entregar os pontos com aquele senhor elegante me fitando com seu binóculo e ele sentado do outro lado falando sobre Espinoza e sua alma que já morreu milhões de anos atrás eu sorri o melhor que pude toda atolada me inclinando para a frente como se eu estivesse interessada tendo que ficar sentada até a última deixa do ator eu não vou me esquecer tão cedo daquela mulher de Scarli às pressas supostamente uma peça sobre adultério tinha a reputação de ser ousada aquele idiota nas galerias vaiando e chamando aos gritos a mulher de adúltera imagino ele saiu e pegou uma mulher na ruela mais próxima depois de a ter perseguido por todas as travessas a fim de buscar uma compensação para aquilo eu gostaria que ele tivesse o que eu tenho então ele ia vaiar aposto que o gato está numa situação melhor do que nós será que nós temos sangue demais em nós ou sei lá o quê Ó haja paciência para este despejamento de sangue para fora de mim como um oceano de qualquer maneira grande do jeito que ele é ele não me engravidou eu não quero estragar os lençóis limpos que eu acabei de pôr na cama suponho que a roupa de cama limpa que eu usei atraiu isso droga droga eles sempre querem ver uma mancha na cama para saber se a gente é uma virgem para eles é isso que os perturba eles são também tão tolos a gente podia ser uma viúva ou 40 vezes divorciada e uma mancha de tinta vermelha ou suco de amora-preta funcionaria não essa é arroxeadada demais Ó meu Jesus que eu saia dessa ora bolas as doçuras dos pecado quem foi que inventou esse negócio para as mulheres como entre outras coisas roupas e cozinha e filhos esta desgraçada cama velha tilintando pra valer acho que eles podiam nos ouvir lá longe do outro lado do parque até que eu sugeri que se pusesse a colcha no chão com o travesseiro debaixo do meu traseiro eu me pergunto se é melhor de dia eu acho que sim devagar eu acho que vou cortar todo o pêlo que existe em mim me escaldando eu podia ficar parecendo uma garota ele não teria então uma surpresa e tanto na próxima vez que ele levantasse a minha roupa eu daria tudo para ver a cara dele onde foi parar o urinol devagar eu tenho simplesmente pavor que ele quebre debaixo de mim como aquela velha cadeira eu me pergunto se eu estava pesada demais sentada nos joelhos dele eu fiz ele se sentar na poltrona de propósito quando eu tirei primeiro só minha blusa e minha saia no outro quarto ele estava tão ocupado com o que não devia estar que ele não sentiu o meu peso espero que o meu hálito não estivesse desagradável depois de comer aqueles confeitos perfumados devagar meu Deus eu me lembro da vez em que eu consegui emitir isso direto quase assobiando como um homem devagar Ó Senhor meu que barulheira espero que haja bolhas nele que é sinal que algum homem vai me dar uma bolada de dinheiro eu tenho que me perfumar lá de manhã não se esqueça aposto que ele nunca viu um par de coxas melhor do que esse olhe como são brancas o lugar mais macio é exatamente ali entre este pedacinho aqui tão macio como um pêssego devagar por Deus eu não me importaria de ser um homem e ficar em cima de uma mulher bonita Ó meu Deus que confusão você está fazendo como o lírio de Jersey devagar devagar Ó como as águas escoam em Lahore

quem sabe se há alguma coisa errada com as minhas entranhas ou será que eu tenho alguma coisa crescendo dentro de mim que produz essa coisa dessa forma toda semana quando foi a última vez que eu na segunda-feira depois de Pentecostes sim faz apenas cerca de 3 semanas eu tenho que ir ao médico só que seria como foi antes de eu casar com ele quando eu

tive aquela coisa branca saindo de mim e Floey me fez ir àquele velho chato do Dr. Collins especialista em doenças de mulheres em Pembroke Road sua vagina ele disse eu acho que é desse jeito que ele conseguiu todos esses espelhos dourados e tapetes envolvendo aquelas ricas de Stephens Green que correm para ele por qualquer bagatela a vagina dela e a conchinchina dela elas têm dinheiro naturalmente assim elas estão todas certas eu não me casaria com ele nem que ele fosse o último homem na superfície da terra além do mais há alguma coisa estranha em relação aos filhos delas elas estão sempre farejando à volta essas putas sujas de todos os lados ele me perguntando se o que eu fazia tinha um cheiro repugnante o que é que ele queria que eu fizesse que não fosse aquilo ouro talvez que pergunta se eu cobrisse todo o seu rosto velho e enrugado com aquilo com todos os meus cumprimentos eu creio que ele então saberia e as fezes conseguiam passar facilmente passar o que eu achei que ele estava falando do rochedo de Gibraltar do jeito que ele apresentou a coisa a propósito essa é também uma ótima invenção só que eu gosto de afundar na privada o mais que posso me espremer e puxar então a corda para dar a descarga boas pequenas espetadelas assim mesmo existe algum sentido nisso eu acho eu sempre costumava saber pelas de Milly quando ela era criança se ela estava com vermes ou não mas ainda assim pagar a ele por isso quanto é que custa esse médico um guinéu ora faça-me o favor e me perguntando se eu tinha omissões freqüentes onde é que esses velhos vão buscar todas essas palavras eles têm omissões com seus olhos míopes me olhando enviesados eu não confiaria muito nele para me cloroformizar ou só Deus sabe o quê mas assim mesmo eu gostei dele quando ele se sentou para escrever aquela coisa de sobrelhas franzidas tão sério seu nariz inteligente assim sua miserável mentirosa atrevida Ó ele podia ser o que fosse exceto um imbecil ele era bastante inteligente para perceber aquilo naturalmente isso era tudo pensando nele e nas suas cartas loucas minha Preciosidade tudo ligado com o seu Corpo glorioso tudo realçado que vem dele é um objeto de beleza e de alegria para sempre uma coisa que ele tirou de algum livro absurdo que ele tinha sempre em cima de mim 4 a 5 vezes por dia e eu disse que eu não tinha você tem certeza eu disse Ó sim certeza absoluta de uma certa forma isso fez ele ficar calado eu sabia o que vinha depois apenas uma fraqueza natural era que ele me excitava eu não sei como na primeira noite em que nos encontramos quando eu morava em Rehoboth Terrace nós ficamos olhando um para o outro cerca de 10 minutos como se tivéssemos nos encontrado em algum lugar creio pelo fato de eu ser judia parecida com a minha mãe ele costumava me divertir as coisas que ele dizia com aquele sorriso meio adulator que ele tinha e todos os Doyles diziam que ele ia se candidatar a membro do Parlamento Ó não é que eu fui uma completa idiota de acreditar em toda essa conversa fiada sobre autonomia da Irlanda e reforma agrária me mandando aquela canção longa e confusa dos Huguenotes para eu cantar em francês para ser mais chique Ó beau pays de la Touraine que eu não cantei nem uma única vez explicando e dizendo coisas sem sentido sobre religião e perseguição ele não quer deixar você ter prazer em nada naturalmente então poderia ele como um grande favor na primeira oportunidade possível que ele teve uma chance de entrar correndo no meu quarto em Brighton Square fingindo que a tinta tinha caído em suas mãos para lavá-la fora com o sabão Albion de leite e enxofre que eu costumava usar e ainda por cima a gelatina ainda em volta da tinta Ó eu morri de rir dele naquele dia é melhor eu não ficar a noite toda sentada nesse troço eles deviam fazer urinóis de um tamanho normal

para que uma mulher pudesse sentar nele direito ele se ajoelha para fazer o que precisa eu creio acho que não existe em toda a criação um outro homem com os hábitos que ele tem olhe só para o jeito dele dormindo no pé da cama como é que ele pode sem um travesseiro duro é muito bom que ele não chuta ou poderia acabar com todos os meus dentes respirando desse jeito com sua mão no nariz como aquele deus indiano que ele me levou num domingo em que chovia a um museu em Kildare Street para ver todo amarelo com um avental deitado de lado sobre sua mão com os dedos dos pés estendidos para a frente que ele disse que era de uma religião mais importante do que a dos judeus e de Nossos dois Deuses juntos em toda a Ásia ele o imitando como ele está sempre imitando todo mundo eu acho que ele costumava também dormir no pé da cama com seus grandes pés quadrados em cima da boca de sua mulher esta coisa nojenta mas que droga onde é que está este estão esses paninhos ah sim eu sei eu espero que o velho armário não ranja ah eu sabia que ele rangeria ele está com um sono pesado ele se divertiu bastante em algum lugar ainda assim ela deve ter dado muita importância a ele por causa do dinheiro dele naturalmente ele tem que pagar pelo que ela lhe dá Ó a chateação dessa coisa espero que eles arrumem uma coisa melhor para nós no outro mundo nos submetendo a essa provação que Deus nos ajude por esta noite está certo agora essa cama velha encaroçada e tilintante me lembra sempre o velho Cohen eu acho que ele se esfregou nela isso e muito mais e ele pensa que meu pai a comprou de lorde Napier que eu admirava tanto quando era pequena porque eu disse a ele devagar piano Ó eu gosto da minha cama Deus aqui estamos nós no mesmo atoleiro em que estávamos 16 anos atrás em quantas casas nós estivemos ao todo em Raymond Terrace e Ontario Terrace e Lombard Street e Holles Street e ele vai andando assobiando toda vez que nós estamos de novo de mudança os huguenotes dele ou a marcha dos sapos fingindo ajudar os homens com os nossos 4 cacarecos de mobília e depois o hotel City Arms cada vez pior como diz o encarregado Daly aquele lugar encantador no embarcadouro sempre com alguém dentro rezando em seguida deixando todo o seu mau cheiro atrás de si sempre se sabe quem esteve lá pela última vez quando justamente as coisas estão dando certo acontece alguma coisa ou ele mete os pés pelas mãos em Thom e Hely e em Sr. Cuffe e em Drimmie ou ele vai ser mandado para a prisão por causa dos antigos bilhetes de loteria isso era para ser toda a nossa salvação ou ele resolve ser insolente e nós o vemos chegar em casa com um bilhete azul logo fora do Freeman também como dos demais por causa daqueles Sinner Fein ou dos franco-maçons então nós vamos ver se o homenzinho que ele me mostrou todo molhado de chuva sozinho por volta da travessa Coady isso vai servir de muito consolo para ele ele diz que ele é muito capaz e sinceramente irlandês ele é realmente a julgar pela sinceridade da calça que ele estava vestindo espere esses são os sinos da igreja de São Jorge espere 3 quartos de hora 1 espere 2 horas essa é uma hora bonita para ele chegar em casa para alguém saltar para dentro da área se alguém o visse eu vou acabar amanhã com esse pequeno hábito dele primeiro eu vou examinar a camisa dele para ver ou eu vou ver se ele ainda tem aquele preservativo no seu bolso eu acho que ele pensa que eu não sei homens enganadores nem todos os 20 bolsos deles são suficientes para esconder suas mentiras então por que é que nós diríamos a eles mesmo que seja verdade eles não acreditam na gente e então encolhidos na cama como aqueles bebês na Obra-prima do velho Aristocrata que ele me trouxe da outra vez como se nós não tivéssemos bastante disso na vida real sem que algum velho Aristocrata ou



qualquer que seja o seu nome nos enojasse ainda mais com aqueles retratos de crianças com duas cabeças e nenhuma perna esse é o tipo de vilania com a qual eles estão sempre sonhando com mais nada em suas cabeças ocas metade deles devia tomar veneno lentamente e então chá e torrada com manteiga dos dois lados e ovos frescos para ele eu suponho que eu não valho mais nada quando eu não quis que ele me lambesse uma noite em Holles Street homem homem tirano como sempre por causa daquela única coisa ele dormiu no chão metade da noite nu do jeito que os judeus costumam fazer quando alguém que pertencia à família deles morre e não quis tomar nenhum café-da-manhã ou dizer uma única palavra querendo ser mimado então eu pensei que eu tinha me mantido firme o suficiente por aquela vez e o deixei ele faz tudo errado aliás pensando apenas no seu próprio prazer sua língua é chata demais ou sei lá o quê ele se esquece que eu então eu não vou fazer ele fazer isso de novo se ele não prestar atenção e vou trancá-lo lá embaixo para dormir na carvoaria com as baratas eu me pergunto se foi ela Josie fora de si com meus rebotalhos ele é também um tamanho mentiroso nato ele nunca teria coragem com uma mulher casada é por isso que ele quer eu e Boylan embora quanto ao seu Denis como ela chama aquele espetáculo de aspecto lastimável que a gente não pode chamar de marido sim é alguma putazinha com a qual ele se meteu mesmo quando eu estava com ele e com Milly nas corridas do College aquele Contador-de-vantagem com touca de criança no alto da cuca nos fez entrar pela porta de trás ele estava lançando seu olhar de peixe morto àquelas duas que estavam se mostrando para os homens andando para cima e para baixo eu tentei piscar primeiro para ele não adiantou naturalmente e é desse jeito que o dinheiro vai estes são os frutos do Sr. Paddy Dignam sim eles estavam todos em grande estilo naquele famoso enterro no jornal que Boylan trouxe se eles vissem um verdadeiro funeral de oficial isso seria uma coisa e tanto com armas tambores surdos o pobre cavalo andando atrás de preto L. Bloom e Tom Kernan aquele homem espécie de barrilzinho bêbado que caiu bêbado no banheiro dos homens num lugar ou noutro e Martin Cunningham e os dois Dedalus e o marido de Fanny MCoys aquela magricela que nem um repolho alourado com uma vesguice no olhar tentando cantar minhas canções ela teria que nascer de novo e seu velho vestido verde decotado uma vez que ela não pode os atrair de nenhum outro modo como chamando chuva com seu canto eu agora vejo tudo claramente e eles chamam isso de amizade matando e depois enterrando um ao outro e todos eles com suas mulheres e famílias em casa muito especialmente Jack Power mantendo aquela garçonete como ele faz naturalmente sua mulher está sempre doente ou indo ficar doente ou simplesmente melhorando e ele é um homem ainda de bela aparência embora esteja ficando um pouco grisalho com cãs eles são todos um belo time bem eles não vão pegar meu marido de novo com suas garras se eu puder impedir caçoando dele atrás de suas costas eu sei muito bem quando ele está andando com esses idióticos porque ele tem o bom senso de não esbanjar cada moeda de penny que ele ganha pela goela deles abaixo e cuida de sua mulher e de sua família eles são uns inúteis assim mesmo pobre Paddy Dignam de uma certa forma eu tenho pena dele o que é que sua mulher e seus 5 filhos vão fazer a menos que ele tenha um seguro cômico pequeno polichinelo sempre enfiado em um bar e ela ou o filho dela esperando Bill Bailey você não quer vir por favor para casa seu traje de luto de viúva não vai melhorar a aparência dela no entanto ele favorece tremendamente se a gente é bonita que homens será que ele não era sim ele estava no jantar de Glencree e Ben Dollard baixo

barrilto na noite em que ele tomou emprestado o fraque para cantar em Holles Street se espremeu e se comprimiu dentro da calça e rindo até as orelhas com seu grande rosto de Boneca como uma bundinha de criança que levou boas palmadas não é que ele parecia um testículo refrescante isso foi com certeza um espetáculo e tanto no palco imagine pagar 5 shillings em lugares reservados por isso para ver ele trotando em sua calça e Simon Dedalus também estava sempre surgindo meio atarraxado cantando primeiro o segundo verso o antigo amor é o novo era um dos seus cantou tão suavemente a moça no galho do espinheiro ele estava sempre pronto também a flertificar quando eu cantei com ele Maritana da ópera particular em Freddy Mayer ele tinha uma voz deliciosa gloriosa Phoebe minha muito querida adeus querida *querida* ele sempre a cantava não como Bartell dArcy que *rida* adeus naturalmente ele tinha o dom da voz portanto não havia arte nisso ela se derramava sobre a gente como uma água quente de chuveiro Ó Maritana flor do bosque selvagem nós cantamos maravilhosamente embora fosse um tom muito alto para o meu registro de voz mesmo transposto e naquela época ele era casado com May Goulding mas então ele dizia ou fazia alguma coisa que estragava tudo agora ele é um viúvo agora eu me pergunto de que tipo é o seu filho ele diz que ele é um autor e vai ser um professor universitário de italiano e eu devo ter aulas com ele o que é que ele está pretendendo agora mostrando a ele o meu retrato não é uma boa foto eu devia ter tirado com um tecido drapejado que nunca fica fora de moda assim mesmo eu pareço jovem nela eu me pergunto por que ele não deu logo ela de presente para ele e me deu também afinal de contas por que não eu vi ele de carro com seu pai e sua mãe em direção à estação de Kingsbridge eu estava de luto isso foi onze anos atrás sim ele teria onze anos embora de que adiantava eu ficar de luto pelo o que não era nem uma coisa nem outra o primeiro choro foi suficiente para mim eu ouvi também a vigília da morte fazendo tique-taque na parede naturalmente ele insistiu em ficar de luto pelo gato eu suponho que ele deve estar um homem agora ele era então um garoto inocente e um amor de rapazinho em seu terno de lorde Fauntleroy e cabelo cacheado como um príncipe em cena quando eu o vi em Mat Dillon ele gostou de mim também eu me lembro que eles todos gostam espere por Deus sim espere sim espere aí ele estava nas cartas esta manhã quando eu tirei a sorte união com um jovem estranho nem moreno nem louro que você conheceu antes eu pensei que se referia a ele mas ele não é nem um frangote nem também um estranho além do mais meu rosto estava virado para o outro lado qual era a 7ª carta depois dessa o 10 de espadas para uma jornada por terra em seguida havia uma carta a caminho e escândalos também as 3 rainhas e o 8 de ouros por um progresso na sociedade sim espere tudo veio à tona e 2 8tos vermelhos para roupas novas olhe só pra isso e não é que eu sonhei com alguma coisa também sim havia alguma coisa sobre poesia no sonho eu espero que ele não tenha cabelos longos e gordurosos caindo pelos olhos ou levantados como de um pele-vermelha por que é que eles andam desse jeito só para que riam deles e de sua poesia eu sempre gostei de poesia quando eu era moça eu pensei primeiro que ele era um poeta como lorde Byron e não existe nem um pingão disso nele eu achava ele bem diferente do que é eu me pergunto se ele é jovem demais ele tem mais ou menos espere 88 eu me casei 88 Milly fez 15 anos ontem 89 que idade ele tinha então quando estava nos Dillons cerca de 5 ou 6 88 eu creio que ele tem 20 ou mais eu não sou velha demais para ele se ele tiver 23 ou 24 eu espero que ele não seja aquele tipo de estudante universitário

convencido não de outro modo ele não ia se sentar com ele numa cozinha velha e tomar chocolate Eppss e conversar naturalmente ele fingiu entender tudo provavelmente ele lhe disse que tinha se formado em Trinity College ele é muito moço para ser um professor eu espero que ele não seja um professor como Goodwin era ele era um professor prestigioso de John Jameson todos eles escrevem sobre alguma mulher em sua poesia bem suponho que ele não vai encontrar muitas como eu em que haja ternos suspiros de amor o violão suave em que a poesia está no ar o mar azul a lua brilhando tão lindamente voltando no barconoturno de Tarifa o farol na ponta Europa o violão que aquele moço tocava era tão expressivo será que eu vou voltar lá novamente todas caras novas dois olhos lançando olhares para uma treliça escondida eu vou cantar aquilo para ele eles são meus olhos se ele tiver alguma coisa nele de poeta dois olhos tão sombriamente brilhantes como a própria estrela do amor não são bonitas essas palavras como a estrela jovem do amor será uma mudança só Deus sabe ter uma pessoa inteligente com quem falar sobre si mesma não o ouvindo o tempo todo e o anúncio de Billy Prescotts e o anúncio de Keyes e o anúncio de Tom de Devils e então se alguma coisa dá errado no negócio deles nós temos que sofrer tenho certeza que ele é muito distinto eu gostaria de conhecer um homem assim meu Deus não aqueles outros da ralé além do mais ele é jovem aqueles belos rapazes que eu podia ver lá embaixo do lado do rochedo na praia balneária de Margate se erguendo ao sol nus como um Deus ou coisa semelhante e então mergulhando no mar com eles por que todos os homens não são assim seria algum consolo para uma mulher como aquela estatuazinha encantadora que ele comprou eu poderia olhar para ele o dia inteiro cabeça cacheada e os ombros dele o dedo erguido para você escutar isso é beleza verdadeira e poesia para a gente muitas vezes eu senti que queria beijá-lo todo também seu peru jovem e encantador ali tão simplezinho eu não me importaria de o botar na minha boca se ninguém estivesse olhando como se estivesse pedindo que o chupasse ele parece tão limpo e branco com seu rosto de menino eu o faria em 1/2 minuto mesmo que um pouco dele caísse e daí é apenas como papa ou o orvalho não há perigo além do mais ele seria tão limpo se comparado com aqueles porcos daqueles homens creio que eles nunca sonham em lavá-lo de um ano ao outro a maior parte deles mas é isso que dá bigodes nas mulheres tenho certeza que será fantástico se eu puder ao menos conseguir um jovem e belo poeta na minha idade a primeira coisa que eu vou fazer de manhã é pôr as cartas até eu ver se a cartadodesejo sai ou eu vou tentar emparelhar a própria dama e ver se ele sai eu vou ler e estudar tudo que eu puder encontrar ou aprender um pouco de cor se eu soubesse de quem ele gosta para que ele não me considere tola se ele pensar que todas as mulheres são iguais e eu posso lhe ensinar a outra parte eu vou fazê-lo gozar todinho até deixá-lo meio desfalecido debaixo de mim então ele escreverá publicamente sobre mim amante e amada também com nossas 2 fotografias em todos os jornais quando ele se tornar famoso Ó mas então o que é que afinal de contas eu vou fazer com ele

não isso é demais da parte dele será que ele não tem modos nem requinte nem nada em sua natureza dando uma palmada desse jeito no meu traseiro porque eu não o chamei de Hugh o ignorante que não distingue poesia de um repolho é nisso que dá a gente não saber mantê-los em seu próprio lugar tirando seus sapatos e calças ali sobre a cadeira na minha frente tão descarado sem sequer pedir permissão se salientando daquela maneira vulgar

naquela espécie de meiacamisa que eles usam para ser admirados como um padre ou um açougueiro ou aqueles velhos hipócritas do tempo de Júlio César naturalmente ele está bastante certo em sua maneira de passar o tempo como uma piada certamente você poderia da mesma forma estar na cama com o quê com um Deus leão tenho certeza que ele daria um jeito melhor de se arranjar um velho Leão o faria Ó afinal de contas suponho que seja porque eles fossem tão roliços e tentadores na minha anágua curta que ele não pôde resistir eles excitam a mim mesma às vezes está tudo bem para os homens toda a extensão de prazer que eles têm com o corpo de uma mulher nós somos sempre tão redondas e brancas eu gostaria de ser um eu mesma para variar só para experimentar com aquele troço que eles têm engrossando dentro da gente tão duro e ao mesmo tempo tão macio quando a gente o toca meu tio John tem um troço comprido eu ouvi aqueles garotos de rua dizendo quando passei pela esquina de Marrowbone Lane minha tia tem uma coisa peluda porque estava escuro e eles sabiam que uma moça estava passando isso não me fez corar por que o faria ou é só a natureza e ele põe seu troço longo na coisa peluda de minha tia Mary etcetera e isso vem a ser pôr um cabo numa vassoura os homens de novo toda vida eles podem pegar e escolher o que lhes agrada uma mulher casada ou uma viúva alegre ou uma moça para os seus diferentes gostos como naquelas casas ali em volta atrás da Irish Street não mas nós temos que estar sempre acorrentadas eles não vão me acorrentar não uma vez que eu me decido eu lhe digo nenhum maldito medo do ciúme de seus maridos estúpidos por que não podemos permanecer amigos a respeito disso em vez de brigar o marido dela descobriu o que eles fizeram juntos ora naturalmente e se ele descobriu pode ele desfazer isso ele é de qualquer jeito coronado o que quer que ele faça e então ele indo ao outro extremo louco em relação à mulher em Fair Tyrants o homem não dá nunca a mínima para o marido ou para a mulher também é a mulher que ele quer e que consegue para o que mais nos foram dados todos esses desejos eu gostaria de saber eu não posso impedir se ainda sou jovem posso é um milagre que não seja uma velha megera encarquilhada antes do tempo vivendo com ele tão frio nunca me beijando a não ser às vezes a minha extremidade errada quando está dormindo sem saber suponho quem ele tem ali qualquer homem que beijasse o traseiro de uma mulher eu não daria um níquel por ele depois disso ele beijaria qualquer coisa que não fosse natural onde nós não temos 1 átomo de qualquer tipo de expressão em nós todos nós iguais 2 montes de gordura antes que eu jamais faça isso com um homem puá os brutos sujos a simples idéia é suficiente eu beijo os seus pés senhorita há algum sentido nisso não é que ele beijou nossa porta de entrada sim ele fez isso que homem louco ninguém compreende suas idéias malucas a não ser eu ainda assim naturalmente uma mulher quer ser beijada 20 vezes por dia quase para fazer com que ela pareça moça não importa por quem desde que seja estar apaixonada ou amada por alguém se o homem que você quer não está ali às vezes pelo Senhor meu Deus eu estava pensando se eu não iria vagar pelos cais por ali em alguma noite escura onde ninguém me conheça e pegar um marinheiro de folga do mar bem quente para isso e não ligar a mínima com quem eu estivesse apenas fazer aquilo num portão em algum lugar ou um daqueles ciganos de aspecto selvagem em Rathfarnham onde eles tinham seu acampamento negro como piche perto da lavanderia Bloomfield para tentar roubar nossas coisas se pudessem eu só mandei minha roupa lá algumas vezes por causa do nome lavanderia modelo que me mandou de volta repetidas vezes algumas meias velhas desemparelhadas aquele

camarada com cara de patife e belos olhos descascando uma vara se ele me atacasse no escuro e me encostasse no muro sem uma palavra ou um assassino qualquer um o que eles fazem eles mesmos os belos cavalheiros com suas cartolas aquele AC que mora em algum lugar por ali saindo da passagem de Hardwicke Lane a noite em que ele nos ofereceu um jantar de peixe por ter ganho na luta de boxe naturalmente foi a mim que ele o ofereceu eu o reconheci por suas ligas e andar e quando eu me virei um minuto depois só para ver que havia uma mulher depois saindo também alguma prostituta imunda então ele vai para a casa para sua mulher depois disso só que eu creio que metade daqueles marinheiros estão por sua vez podres de doenças Ó afaste sua grande carcaça daqui pelo amor de Deus escute só os ventos que te transportam meus suspiros tudo bem ele pode dormir e suspirar o grande Sugeridor Don Poldo de la Flora se ele soubesse como ele surgiu nas cartas esta manhã ele teria alguma coisa para suspirar por um homem moreno com certa perplexidade entre 2 7s também na prisão pois Deus sabe o que ele faz que eu não sei e eu tenho de ficar me arrastando de um lado para o outro na cozinha a preparar o café-da-manhã de sua excelência enquanto está todo enroscado como uma múmia será que eu tenho mesmo você já me viu correndo eu gostaria de me ver fazendo isso quanto mais atenção você dá a eles mais eles a tratam como lixo eu não me importo com o que qualquer um possa dizer mas seria muito melhor para o mundo se ele fosse governado por mulheres você não veria mulheres indo e se matando umas às outras e massacrando quando é que a gente jamais vê mulheres se rolando à volta bêbadas como eles fazem ou apostando nos cavalos todo o dinheiro que têm e o perdendo sim porque uma mulher o que quer que ela faça sabe quando deve parar certamente eles não estariam de forma alguma no mundo se não fosse por nós eles não sabem o que é ser uma mulher e uma mãe como poderiam onde estariam eles todos se não tivessem uma mãe para cuidar deles que eu nunca tive essa é a razão pela qual ele sai à noite e leva uma vida desregrada longe de seus livros e estudos sem viver em casa devido a uma casa usualmente desordenada suponho bem é uma questão triste que aqueles que têm um ótimo filho como esse não estejam satisfeitos e eu nenhum será se ele não foi capaz de fazer um não foi culpa minha nós gozamos juntos quando eu olhava os dois cachorros trepados atrás da cachorra no meio da rua deserta aquilo me desanimou totalmente creio que eu não devia tê-lo enterrado com aquele jaleco de lã que eu tricotei chorando do jeito que eu estava mas o dar a alguma criança pobre mas eu sabia muito bem que eu jamais teria um outro era a nossa 1ª morte também desde então nunca fomos os mesmos Ó eu não vou me deixar mais abater com isso eu me pergunto por que ele não quis ficar naquela noite em que eu senti o tempo todo que ele tinha trazido para casa algum estranho em vez de perambular pela cidade encontrando Deus sabe quem notívagos e batedores de carteira sua pobre mãe não gostaria disso se estivesse viva talvez se destruindo por toda a vida ainda assim é uma hora adorável tão silenciosa eu costumava adorar voltar para casa depois dos bailes no ar da noite eles têm amigos com quem podem conversar nós não temos ninguém ou ele quer o que não pode conseguir ou é alguma mulher pronta para enterrar uma faca na gente eu detesto isso nas mulheres não admira que eles nos tratem do jeito que o fazem nós somos um bando de cadelas pavorosas suponho que sejam todas as dificuldades que temos que nos tornam tão intratáveis eu não sou assim ele poderia facilmente ter dormido ali no sofá no outro quarto creio que ele era tão tímido quanto qualquer rapaz ele sendo tão jovem ele mal

tem 20 anos comigo no quarto ao lado ele me teria ouvido no urinol Ó Deus que mal há nisso Dedalus eu me pergunto é como aqueles nomes em Gibraltar Delapaz Delagracia eles tinham uns danados de nomes esquisitos ali padre Vilaplana de Santa Maria que me deu o rosário Rosales y Oreilly na Calle las Siete Revueltas e Pisimbo e a Sra. Opisso em Governor Street Ó que nome eu sairia e me afogaria no primeiro rio se tivesse um nome como o dela Ó meu Deus e todas as vielas Paradise Ramp e Bedlam Ramp e Rodgers Ramp e Crutchetts Ramp e os degraus do desfiladeiro do diabo não me condenem por ser leviana sei que sou um pouco mas eu juro que não me sinto nem um pouquinho mais velha do que eu era então eu me pergunto se eu poderia enrolar minha língua e dizer em espanhol como esta usted muy bien gracias y usted viu eu não esqueci tudo eu pensava que eu tinha apenas a gramática um substantivo é o nome de qualquer pessoa ou coisa que pena eu nunca tentei ler aquele romance de Valera que a rabugenta da Sra. Riordan me emprestou com as perguntas todas de cabeça para baixo nos dois sentidos eu sempre soube que no final de tudo nós iríamos embora eu posso ensinar espanhol a ele e ele me ensinar italiano então ele vai ver que não sou tão ignorante que pena que ele não ficou tenho certeza que o pobre rapaz estava morto de cansaço e ansiava por uma boa cama eu podia lhe trazer o café-da-manhã na cama com uma fatia de torrada contanto que eu não a tivesse preparado com a ponta da faca porque isso dá azar ou se a mulher tivesse rondado por aqui com seu agrião e alguma coisa apetitosa e saborosa há algumas azeitonas na cozinha podia ser que ele gostasse a mim elas nunca apeterceram em Abrines eu podia fazer de criada o quarto parecia em ordem desde que eu o virei no outro sentido sabe alguma coisa me dizia que eu devia me apresentar a ele que não me conhecia e para quem tanto fazia eu ser ou não Adão muito divertido não é eu sou a mulher dele ou fingir que nós estávamos na Espanha com ele meio acordado sem a menor noção de onde estava dos huevos estrellados señor meu Deus as coisas loucas que me vêm à cabeça às vezes seria muito divertido supondo que ele ficasse conosco por que não existe o quarto vazio lá em cima e a cama de Milly no quarto dos fundos ele poderia fazer seus escritos e estudos na mesa ali qualquer que seja a escrevinhação que ele faça e se ele quiser ler na cama de manhã como eu quando ele preparar o café-da-manhã para 1 ele pode prepará-lo para 2 certamente eu não vou aceitar qualquer inquilino da rua para agradar a ele se ele aluga uma casa abagunçada como esta eu gostaria de ter uma conversa longa com uma pessoa inteligente e bem-educada eu tinha que ter uns belos chinelos vermelhos como aqueles que aqueles turcos de fez costumavam vender ou então amarelos e um penhoar bonito meio transparente para de manhã que eu preciso tanto ou uma jaqueta elegante flor de pêssego como aquela que havia há muito tempo em Walpole por apenas 8 shillings 6 ou 18 shillings 6 eu vou dar a ele mais uma chance eu vou me levantar cedo de manhã de qualquer forma estou cheia da velha cama Cohen eu poderia percorrer os mercados para ver todas as verduras e repolhos e tomates e cenouras e toda sorte de frutas maravilhosas todas chegando bonitas e frescas quem sabe qual seria o primeiro homem que eu iria encontrar eles rondam em busca disso de manhã como Mamy Dillon costumava dizer que eles fazem e à noite também aquela era sua ida para a missa eu gostaria agora de uma pêra grande e succulenta para derreter em minha boca como eu costumava ficar na fase quando eu tinha os meus desejos então eu jogaria nele seus ovos e o chá na xícara-de-bigode que ela lhe deu para tornar sua boca maior suponho que ele também gostaria do meu

bom creme eu sei o que vou fazer eu vou andar de um lado para o outro bem alegre mas não demais cantando um pouco agora e então mi fã pietà Masetto depois vou começar a me vestir para sair presto non son più forte vou pôr minha melhor camisa e calçola deixando que ele dê uma boa olhada para fazer seu peru se erguer e eu deixarei que ele saiba se é isso que ele quer que sua mulher foi transada sim e muito bem transada também até meu pescoço e não por ele 5 ou 6 vezes sem parar ali está a marca do esperma dele no lençol limpo eu não vou me preocupar em apagá-la com o ferro quente isso deve satisfazê-lo se você não acredita em mim apalpe minha barriga a menos que eu o faça ficar ereto ali e o ponha dentro de mim tenho vontade de lhe contar tudo em seus menores detalhes e fazer com que ele goze fora na minha frente ele bem que merece é tudo culpa dele se eu sou uma adúltera como aquela coisa na galeria disse Ó muito barulho à toa se jamais esse for todo o mal que fizemos neste vale de lágrimas não é muito não fazem todos a mesma coisa eles apenas o escondem creio que é para isso que se supõe que uma mulher exista ou Ele não nos teria feito do jeito que Ele fez tão atraentes para os homens então se ele quiser beijar o meu traseiro eu vou afastar bem a minha calçola e o esfregarei em cheio em seu rosto com toda a força ele pode então enfiar sua língua 7 milhas adentro do meu buraco enquanto ele estiver ali na minha parte morena e eu lhe direi que quero 1 libra ou talvez 30 shillings eu lhe direi que quero comprar roupas de baixo então se ele me der isso ele não será tão ruim assim eu não quero arrancar todo o dinheiro dele como fazem outras mulheres muitas vezes eu poderia ter preenchido um bom cheque para mim de duas libras e assinar o nome dele algumas vezes ele esqueceu de trancá-lo além do mais ele não quer gastá-lo eu vou deixá-lo gozar atrás de mim desde que ele não lambuze todas as minhas calçolas limpas Ó creio que isso não pode ser evitado vou dar uma de indiferente 1 ou 2 perguntas e eu saberei pelas respostas quando ele está daquele jeito e que ele não consegue guardar nada para si eu conheço todos os seus pontos fracos eu vou contrair bem meu traseiro e deixar escapar algumas palavras obscenas cheire-rabo ou lamba minha merda ou a primeira coisa maluca que me vier à cabeça então eu vou sugerir sim Ó espere um pouco meu queridinho chegou a minha vez eu vou ser bem alegre e amável em relação a isso Ó mas eu estava esquecendo como era esta maldita praga puá a gente fica sem saber se ri ou se chora nós somos uma tamanha mistura de ameixas e maçãs eu vou ter de usar meus velhos lençóis tanto melhor será mais apropriado ele não vai nunca saber se foi ele que o fez ou não isso é bem bom para você qualquer coisa velha mesmo então eu vou enxugar maquinalmente sua omissão então vou sair enquanto ele fica olhando para o teto aonde é que ela foi agora fazer com que ele me deseje é o único jeito um quarto de hora que não é desse mundo suponho que eles estão acabando de se levantar na China penteando seus rabos-de-cavalos para o dia daqui a pouco vamos ter as freiras soando o ângelo elas não têm ninguém que venha perturbar seu sono exceto um velho padre ou dois para seu ofício da noite ou o despertador do vizinho de romper os tímpanos ao primeiro cocoricó de um galo vamos ver se eu posso tirar um cochilo 1 2 3 4 5 que espécie de flores são aquelas que eles inventaram como as estrelas o papel de parede de Lombard Street era muito mais bonito o avental que ele me deu era assim uma coisa que eu só usei duas vezes é melhor abaixar esta lâmpada e tentar novamente de modo que eu possa me levantar cedo eu vou então ao Lambe ali ao lado de Findlater e fazer com que eles nos mandem algumas flores para espalhar pela casa caso ele o traga aqui em casa amanhã

quero dizer hoje não não sexta-feira não é um dia de sorte e primeiro quero arrumar de alguma forma a casa a poeira parece brotar nela acho enquanto eu durmo em seguida podemos tocar música e fumar cigarros eu posso acompanhá-lo primeiro eu preciso limpar as teclas do piano com leite o que é que eu vou usar será que eu uso uma rosa branca ou aqueles bolos maravilhosos de Lipton eu gosto do cheiro de uma loja grande e elegante de 7 1/2d ou os outros com cerejas e açúcar rosado a 11d duas libras dessas uma planta bonita para o centro da mesa eu a conseguiria mais barata em espere onde foi que eu as vi não faz muito tempo eu adoro flores eu gostaria de ter a casa toda nadando em rosas Deus do céu não há nada no mundo como a natureza as montanhas selvagens e então o mar e as ondas se precipitando e então um campo belo com plantações de aveia e trigo e toda sorte de coisas e todo o belo gado perambulando isso faria bem ao coração da gente ver rios e lagos e flores de toda sorte de forma e perfume e cor surgindo até mesmo dos fossos primaveras e violetas isso é natureza quanto a eles dizerem que Deus não existe eu não daria a menor importância a todo o conhecimento que eles possam ter por que eles não saem por aí e criam alguma coisa eu muitas vezes perguntei a ele os ateus ou o que quer que eles se denominem que eles tratem primeiro de se lavar de suas impurezas e então eles gemem por um padre quando estão morrendo e por que por que porque estão com medo do inferno por causa de sua consciência culpada ah sim eu os conheço muito bem quem foi a primeira pessoa no universo antes que houvesse alguém que fez tudo quem ah isso eles não sabem nem eu portanto aí está eles poderiam da mesma forma tentar impedir que o sol se erguesse amanhã o sol brilha para você ele disse no dia em que estávamos deitados entre os rododendros no topo de Howth com aquele terno de tweed cinza e seu chapéu de palha o dia em que eu fiz ele se declarar a mim sim primeiro eu lhe dei um pedacinho do bolo de sementes aromáticas que eu tinha na minha boca e era um ano bissexto como agora sim 16 anos atrás meu Deus depois daquele beijo longo em que eu quase perdi a respiração sim ele disse que eu era uma flor da montanha sim assim somos todas flores todo corpo de uma mulher sim isso foi uma coisa verdadeira que ele disse em sua vida e o sol brilha para você hoje sim foi por isso que eu gostei dele porque eu vi que ele compreendia ou sentia o que uma mulher é e eu sabia que eu poderia sempre contorná-lo e eu lhe dei todo o prazer que pude levando-o a que me pedisse que dissesse sim e eu primeiro não quis responder olhei apenas para o mar e para o céu eu estava pensando em tantas coisas que ele não sabia Mulvey e o Sr. Stanhope e Hester e meu pai e o capitão Groves e os marinheiros brincando de a canoa virou e pular carniça e urinando no quebra-mar como eles o diziam e a sentinela em frente à casa do governador com aquela coisa em volta de seu capacete branco pobre-diabo meio assado e as moças espanholas rindo com seus xales e seus pentes grandes no alto e os leilões de manhã os gregos e os judeus e o árabes e sabe-se lá quem mais de todos os extremos da Europa e Duke Street e o mercado de aves todas cacarejando do lado de fora de Larby Sharon e os pobres burros deslizando meio adormecidos e os vagabundos com suas capas dormindo nos degraus na sombra e as rodas grandes das carroças de bois e o velho castelo milhares de anos antigo sim e aqueles belos mouros todos de branco e com turbantes como reis pedindo que você se sentasse em suas pequeninas lojas e Ronda com as velhas janelas das pousadas 2 olhos olhando da treliça escondida para seu amante que beija o gradil de ferro e as lojas de vinho meio abertas à noite



e as castanholas e a noite em que perdemos o barco em Algecira o vigia andando à volta sereno com sua lâmpada e Ó a terrível torrente que desabou Ó e o mar o mar carmesim às vezes como fogo e os gloriosos crepúsculos e as figuras nos jardins da Alameda sim e todas as ruazinhas estranhas e as casas rosa e azuis e amarelas e os jardins-de-rosas e os jasmims e os gerânios e cactos e Gibraltar quando eu era uma mocinha onde eu era uma Flor da montanha sim quando eu pus uma rosa no meu cabelo como as moças andaluzas usavam ou será que eu vou usar uma vermelha sim e como ele me beijou debaixo do muro mouresco e eu pensei bem tanto faz ele como um outro e então eu lhe pedi com meus olhos que pedisse novamente sim e então ele me pediu se eu queria sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus meus braços à sua volta sim e o arrastei para baixo sobre mim para que ele pudesse sentir meus seios todos perfume sim e seu coração disparou como louco e sim eu disse sim eu quero Sim.

Trieste – Zurique – Paris

1914-1921

# Notas

## 1. TELÊMACO

A *Odisséia* de Homero começa com o relato do conselho dos deuses no Olimpo, para decidir sobre o destino de Odisseu, cativo da ninfa Calipso em sua ilha Ogígia. Instado pela deusa Palas Atena, Zeus decide que já é hora de Odisseu retornar à sua casa. A cena seguinte apresenta Telêmaco em Ítaca, preocupado com a ausência do pai e com o assédio dos candidatos à mão de Penélope, sua mãe, na ânsia que eles têm de conquistá-la e de se apossar de seus bens. A deusa Palas Atena, protetora de Odisseu, aparece a Telêmaco, ora disfarçada em Mentos, rei de Tafo e amigo de Odisseu, ora sob a forma de Mentor, guardião da casa e dos escravos na ausência do rei. Ela aconselha Telêmaco a sair em busca do pai e consegue convencê-lo a partir, fornecendo-lhe os meios necessários para o cumprimento de sua missão.

Em *Ulisses* de Joyce, diversamente de Telêmaco, Stephen Dedalus não parte da Torre Martelo, que divide com o companheiro Buck Mulligan, em busca do pai, mas para dar aula na escola dirigida pelo Sr. Deasy, sem contudo saber onde irá morar daquele dia em diante. Neste episódio Joyce ainda parodia *Hamlet* de Shakespeare. Como Hamlet, enlutado pela morte do pai, Stephen se mantém de luto pela mãe e é admoestado por Mulligan que, assim como Cláudio justificara a morte do irmão ao sobrinho Hamlet, a apresenta como o fim inevitável e natural de todo ser humano. Igualmente paródico é o fato de Mulligan ser visto por Stephen como usurpador, lembrando o fato de que Cláudio fora o usurpador da coroa do sobrinho, herdeiro presuntivo do trono da Dinamarca. Lembra também *Hamlet* a presença do fantasma da mãe na mente de Stephen, a cobrar-lhe o arrependimento de seus pecados, como o fantasma do velho Hamlet cobrara vingança do filho.

*Introibo ad altare Dei* – latim: “Eu irei ao altar de Deus.” (Salmo 43,4) – Palavras do padre ao iniciar a antiga missa latina.

*Pois isto, meus bem-amados... e feridas* – paródia das palavras de Jesus na Última Ceia: “Tomai e comei, isto é o meu corpo... Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue” (Mateus 26, 26-28). O sangue e as feridas de Deus. “Cristina”: afeminação do nome de Cristo. Mulligan, zombeteiro, está celebrando uma pseudomissa negra.

*Crisóstomo* – grego: “boca de ouro”; nome de dois oradores da Antiguidade: Dion Crisóstomo (c. 50-c. 117), teórico grego, e São João Crisóstomo (c. 345-407), Patriarca da Igreja.

*Seu nome absurdo, um grego antigo!* – o “grego” é Dédalo, o arquiteto habilidoso que construiu para o rei Minos o labirinto em que prenderam o Minotauro. Minos, encolerizado porque Dédalo construíra uma vaca de madeira para a rainha Pasífae a fim de que ela pudesse copular com um touro campeão, mandou enclausurar Dédalo e seu filho Ícaro dentro do labirinto. Dédalo fabricou asas de cera e penas, e ele e o filho voaram para fora do labirinto. Todavia Ícaro, seduzido pelo êxtase de voar, chegou perto demais do sol, as asas derreteram, ele caiu no mar e afogou-se. (Veja Ovídio, *Metamorfoses*, VIII.) O nome Stephen vem de Santo Estevão (St. Stephen), o primeiro mártir cristão.

*Meu nome também... dois dátilos* – Malachi: hebraico, “meu mensageiro”; o profeta do Velho Testamento que previu a vinda de Elias.

*Não é que o mar é aquilo... doce mãe?* – “a grande e doce mãe... o mar”, palavras de “The Triumph of Time” (“O Triunfo do Tempo”) do poeta inglês Algernon Charles Swinburne (1837-1909).

*Epi oinopa ponton* – epíteto de Homero: “sobre o mar escuro cor de vinho”.

*Thalatta! Thalatta!* – grego ático: “O mar! O mar!” De *Anabasis*, crônica de autoria de Xenofontes (c. 428-c. 354 a.C.), historiador grego, sobre a expedição dos Dez Mil mercenários gregos contra os persas. Esse era o grito dos Dez Mil quando alcançavam o mar... olhou para a água embaixo... da enseada de Kingstown – Kingstown: antigo nome inglês de Dun Laoghire, cidade à margem sul da baía de Dublin.

*E seu nome é Úrsula* – talvez por causa de Sta. Úrsula, santa do início do cristianismo, renomada por sua castidade, líder lendária de onze mil virgens.

*A raiva de Caliban* – Prefácio de Oscar Wilde (1854-1900) em seu romance *O Retrato de Dorian Gray* (1891): “A aversão do século XIX ao Realismo é a cólera de Caliban ao ver seu próprio rosto no espelho. A aversão do século XIX ao Romantismo é a cólera de Caliban ao não ver seu próprio rosto no espelho.”

*Ele é um símbolo da arte* – veja “The Decay of Lying” (“A Decadência da Mentira” – 1889) de Wilde, onde Cyril diz que tratar arte como um espelho “reduziria o gênio à posição de um espelho partido”. A criada aqui é, literalmente, a moça de quem Mulligan pediu “emprestado” o espelho, mas obviamente, metaforicamente a criada é a Irlanda.

*poderíamos fazer alguma coisa pela ilha. Helenizá-la* – em “Culture and Anarchy” (“Cultura e Anarquia” – 1869), Matthew Arnold (1822-88) apresenta uma teoria segundo a qual a cultura ocidental é impulsionada por duas forças contrárias, mas que em condições ideais se complementariam: a hebraica (“energia impulsionando à prática” e acompanhada de “senso de dever, autocontrole e trabalho”) e a helênica (“o impulso indomável para o conhecimento”, para ver as coisas como realmente são... em sua essência e beleza). No final do século XIX “helenizar” tornara-se sinônimo de “trazer cultura para, ou estetizar”.

*O braço de Cranly. Seu braço* – Cranly é um ex-amigo de Stephen dos tempos do *Um Retrato do Artista quando Jovem*.

*Gritos escapando da janela aberta... partículas saltitantes da relva* – Stephen imagina uma cena em Oxford onde Oliver St. John Gogarty, modelo vivo para Mulligan, passou um semestre em 1904.

*com a máscara de Matthew Arnold* – Joyce considerava Arnold um “arrumadinho” desagradável, um homem de “poucas opiniões”, como afirma em seu ensaio de 1898/99 “The Study of Languages” (“O Estudo das Línguas”).

*Para nós... novo paganismo* – *Tò ourselves* (para nós): inglês para o gaules Sinn Féin – “nós mesmos”; moto de vários grupos militantes lutando pelo renascimento da cultura irlandesa e uma volta ao gaules como língua principal da Irlanda; termo adotado por Arthur Griffith (1872-1922) como nome de organização política comprometida com o nacionalismo irlandês.

*Para nós... novo paganismo... omphalos* – grego: “umbigo”; termo usado por Odisseu para designar a ilha de Calípsos; uma pedra usada em rituais religiosos gregos, o mais célebre sendo o de Delfos, considerado o centro da terra e o principal local de profecias na Grécia antiga.

*Ela chama o médico sir Peter Teazle* – Sir Peter Teazle: personagem da peça *School for Scandal (Escola de Maledicência)* (1777) de Richard Brinsley Sheridan (1751-1816).

*porque eu não me lamurio como... de Lalouette* – Lalouette’s: estabelecimento funerário de Dublin.

*Acabe com Loyola, Kinch, e desça* – Sto. Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Sociedade de Jesus (jesuítas).

*E basta de virar para o lado... as carruagens de bronze* – “Who goes with Fergus” (“Quem vai com Fergus” – 1892), canção da peça de W. B. Yeats (1865-1939) *The Countess Cathleen (A Condessa Cathleen)*, cantada para consolar Cathleen que vendeu sua alma para comprar comida para seu povo. A letra continua: “E governa a sombra da floresta, / E o branco peito do mar sombrio / E todas as desgrenhadas estrelas errantes.”

*Ela ouviu o velho Royce... quando ele cantou* – “Turko the terrible”: pantomima (1873) de Edwin Hamilton (1849-1919) imensamente popular em Dublin em suas várias apresentações nas décadas de 1880 e 1890. Nela, a Fada Rose, que é mágica, concede o dom da invisibilidade.

*Liliata rutilantium te confessorum... excipiat* – latim: “Que a multidão de exultantes Confessores adornados de lírios te envolva; que o coro de Virgens jubilosas te dê as boas-vindas”; oração para os agonizantes.

*Vamos tomar... druidas druidicos* – druidas: sacerdotes da antiga religião pagã dos celtas.

*Ó, vamos ter momentos divertidos... dia da coroação* – versão de “De Golden Wedding” (“O Casamento Dourado” – 1880), canção da autoria do compositor afro-americano James A. Bland (1854-1911).

*Assim também eu carreguei... Clongowes* – Clongowes Wood College, escola de padres jesuítas para meninos onde

estudaram Stephen (em *Um Retrato do Artista quando Jovem*) e Joyce.

*Um servo também. Um servidor de um servo* – literalmente Stephen, como coroinha (*server*), ajudando o padre (*servant of God*); mas metaforicamente um irlandês servindo um inglês (colonialismo).

*In nomine Patris... Sancti* – latim: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”; bênção da Santíssima Trindade.

*Cinco linhas de texto e dez páginas... vento forte* – comentário sarcástico de Mulligan a respeito da tendência em geral antiquada dos irlandeses contemporâneos; “weird sisters”: as bruxas em Macbeth.

*Você se lembra, irmão... no Mabinogian ou nos Upanixades* – Mabinogian: coleção de mitos gauleses clássicos.

*Você se lembra, irmão... no Mabinogian ou nos Upanixades* – Upanixades: escrituras místicas hindus, leitura freqüente de Yeats e dos teosofistas.

*Os nativos da ilha... colecionador de prepúcios* – o Deus hebraico, Jeová, que exigia a circuncisão.

*Seda do gado e pobre mulher velha* – dois nomes tradicionais da Irlanda; traduzidos diretamente do gaélico: *Sioda na mbó e Sean bhean bhocht*.

*exceto suas entranhas sujas de mulher ...presa da serpente* – descrições da mulher no Velho Testamento: “entranhas impuras”: depois do parto (Lv 12, 2-5) e durante a menstruação (15, 19-28); “da carne de Adão”: Eva feita de uma costela de Adão (Gn 2, 22); e “presa da serpente”: ela sucumbiu ao estratagema da serpente (Satã) (Gn 3).

*Eu achei que era irlandês... é do oeste, senhor?* – [the] west: as remotas regiões ocidentais da Irlanda onde o gaélico é falado.

*Não me peça mais nada, doçura... eu lhe dou* – Swinburne, “The Oblation” (“A Obleção”), *Songs Before Sunrise* (1871), Il. 1-2 e 3-4.

*A Irlanda espera que todo homem... o seu dever* – paródia das supostas palavras de lorde Nelson na Batalha de Trafalgar (21 de outubro de 1805): “A Inglaterra espera que...”; essas palavras também são parte da canção de S. J. Arnold e John Braham “The Death of Nelson” (“A Morte de Nelson”).

*Falando comigo... uma mancha* – *Agenbite of inwit*: inglês medieval: “remorso de consciência”, e título da tradução (1340) de Dan Michel de Northgate de um tratado moral francês.

*Espere até ouvi-lo... Haines* – Hamlet: obviamente a tragédia de Shakespeare; um importante e recorrente tema para Stephen que freqüentemente durante o dia volta a fazer o papel de Hamlet. Parafrazeando Kenner, Stephen pensa que está em um livro chamado *Hamlet* e nunca descobre que na verdade o livro se chama *Ulisses* e que ele tem um papel secundário, não o principal (Kenner, 28).

*Mulligan está despojado de suas vestes* – paródia da décima Estação da Cruz (Mt 27,28; Jo 19,23-24): “Cristo é despojado de suas vestes.”

*E aí está o seu chapéu do Quartier Latin, disse ele* – o chapéu de Stephen, como os próprios personagens de *Ulisses*, muda de papel conforme a situação. Aqui o chapéu lembra a estada de Stephen no Quartier Latin de Paris; mais adiante vai se transformar no chapéu de Hamlet. Da mesma forma Mulligan usa “o chapéu de Mercúrio” de conformidade com sua personificação de “Malachi Mercuriano” que lhe empresta Stephen: “Mercúrio”: o mensageiro dos deuses na mitologia grega; assim como em hebraico “Malachi” significa “meu mensageiro”.

*Billy Pitt as mandou construir... no mar* – Billy Pitt: William Pitt the Younger (1759-1806), primeiro-ministro da Inglaterra na época em que as torres Martello foram construídas (1803-06) como proteção contra uma possível invasão da Irlanda pelos franceses durante as Guerras Napoleônicas.

*Billy Pitt as mandou construir... quando os franceses estavam no mar* – alusão às tentativas (em 1796 e 1798) por parte dos franceses de intervir em prol dos irlandeses em sua rebelião contra as medidas repressivas da Inglaterra. Alusão específica à balada irlandesa, “The Shan Van Vocht”, em gaélico “Sean Bhean Blocht” ou “A Pobre Velha”: “Oh, os franceses estão no mar, [...] Sim! Para a Irlanda libertar.”

*Não, não, gritou Buck Mulligan... algumas cervejas* – Santo Tomás de Aquino (1225-74), dominicano, teólogo, filósofo escolástico. Em *Um Retrato do Artista Quando Jovem*, Stephen descreve sua teoria estética como “Aquino aplicado”.

*Ó sombra de Kinch... à procura de um pai* – *Japhet in Search of a Father*: título de um romance (1836) do capitão Frederick Marryat (1792-1848); sobre um filho abandonado que busca (e acaba encontrando) um pai. Também, é claro, toca no

tema de um filho à procura de um pai o qual atravessa a narrativa de *Ulisses*.

*me lembram de certa forma Elsinore... dentro do mar, não é?* – o cenário de Hamlet, a alusão é a Hamlet I.iv.71.

*O rei dos mares, ele olhou em direção ao sul... bordejando Muglins* – a Inglaterra (ou Haines que era inglês), conforme a ode de James Thomson (1700-48) “Rule Britannia” (1740), musicada por Thomas Arne (1710-78).

*Eu sou um fulano muito esquisitinho... E com a brisa do Jardim eu hei de voar* – a primeira de uma série de citações quase palavra por palavra de versos escritos por Oliver St. John Gogarty. O tema, aqui blasfemo, da real existência física de Jesus (em oposição à sua divindade) voltará a aparecer.

*40 pés* – 12 metros.

*Haines parou para retirar... uma pedra verde* – primeiro aparecimento de uma imagem recorrente da Irlanda, a Jóia Verde do Mar de Prata (uma outra versão da “Emerald Isle” (“Ilha Esmeralda”)); aqui claramente usada como um símbolo do colonialismo, uma vez que o inglês Haines tem o estojo na palma da mão.

*et unam sanctam catholicam et apostolicam ecclesiam*: latim: “e uma igreja sagrada, católica e apostólica”; Credo Niceno (325).

*Símbolo dos apóstolos na missa para o papa Marcelo* – o Credo dos Apóstolos na Missa; o músico italiano Giovanni Pierluigi (1525-94) compôs missa para o papa Marcelo II, uma composição que Joyce descreveu para Budgen como o que “salvou a música para a Igreja”.

*e por trás do canto o anjo vigilante da igreja militante... seus heresiarcas* – a luta da igreja militante é a batalha no século XVI da Igreja Católica contra a heresia protestante que se levantava.

*Uma horda de heresias voando... Fócio e a ninhada de zombadores* – Fócio (c. 815-c. 897): designado patriarca de Constantinopla (857) em oposição aos desejos do papa Nicolau I, recusou-se a aceitar o dogma segundo o qual o Espírito Santo procedia do Pai e do Filho; excomungado (863), iniciou a divisão que culminou na separação das Igrejas Ortodoxa e Católica em 1054.

*e Ario lutando com a própria vida* – Ario (c. 256-336): sua heresia foi manter que o Pai e o Filho não eram da mesma substância e sim de substâncias similares; o Conselho Niceno respondeu criando o Credo Niceno que usou o termo “consustanciação” para enfatizar o fato de Pai e Filho serem da mesma substância.

*e Valentino, rejeitando o corpo terrestre de Cristo* – agnóstico egípcio afirmava que Cristo não tivera um corpo verdadeiro e não sofrera.

*e o sutil heresiarca africano Sabelio* – Sabelio afirmava que os três membros da Santíssima Trindade eram na verdade uma unidade, isto é, meras manifestações diferentes da mesma substância.

*Eu também não quero ver meu país... judeus-alemães* – Haines expressa a atitude anti-semita (que prevalecia na Europa em 1904) que Joyce pretendia combater quando escreveu *Ulisses*.

*Eu sou o Übermensch* – termo de Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra* (1883); Zaratustra, um profeta persa, dá voz às teorias de Nietzsche.

*Aquele que rouba dos pobres... ao Senhor* – paródia do Provérbio 19, 17: “Quem faz caridade ao pobre empresta ao Senhor.”

*Chifre de um touro, casco de um cavalo, sorriso de um saxão* – as três proverbiais ameaças a um irlandês.

*Usurpador* – *Usurper*: comparação entre a situação de Telêmaco, cuja mãe Antonious gostaria de desposar e de cuja herança gostaria de se apoderar, e a situação de Hamlet com Claudius que, casando-se com a rainha Gertrude, como diz Hamlet: “Surgiu de repente entre a escolha e minhas expectativas” (*Hamlet*, v.ii.65).

## 2. NESTOR

Em *A Odisséia*, Telêmaco procura o sábio e ilustre guerreiro Nestor, para dele obter alguma informação sobre seu pai. Infelizmente Nestor não tem notícias de Odisseu, mas relata o retorno dos guerreiros gregos de Tróia, assim como a chegada ao lar de Agamenon, seu assassinato e a vingança de Orestes da morte do pai. Aconselha ainda Telêmaco a procurar Menelau para dele, talvez, obter informações mais precisas sobre o paradeiro de Odisseu.

Em *Ulisses*, Stephen procura o Sr. Deasy, diretor da escola em que leciona, para receber o seu salário. É o Sr. Deasy quem lhe faz um pedido: ao lhe entregar um artigo que escrevera sobre a febre aftosa no país, lhe pede que tente obter sua publicação no jornal. Aos preconceitos do diretor e à sua obsessão por dinheiro, Stephen, com objetividade e clareza, se pergunta, numa alusão a Nestor, se essa é a velha sabedoria.

*Toda a primeira página do capítulo* – Tarento, Asculo, Pirro: A aula de história de Stephen é a respeito de Pirro (318-272 a.C.), rei de Epiro que foi chamado (em 281 a.C.) pelos habitantes de Tarento (cidade grega na Itália) para defendê-los dos romanos. Pirro teve sucesso, mas suas vitórias foram tão dispendiosas (especialmente a de Asculo em 279) que a queda de Tarento tornou-se inevitável. Daí a expressão “vitória de Pirro”: uma vitória custosa demais.

*Fabulado pelas filhas da Memória... intemperança de Blake* – o poeta William Blake (1757-1827) em sua “A Vision of the Last Judgment” (“Visão do Juízo Final”) contrasta “Visão” com a “Poesia Inferior” de “Fábula ou Alegoria”. Para ele a história – a assim chamada “Realidade Lembrada” como “as Vaidades de Tempo & Espaço” (“the Vanities of Time & Space”) – é uma Realidade de Fábula e portanto inferior à Realidade Visionária (o que “Existe Eternamente”). Stephen, impaciente com Blake por ter este substituído a história temporal por “Realidade Eterna”, dá a entender que as afirmações de Blake resultavam da impaciência do poeta e de sua predileção pelo “excessivo”.

*Eu ouço a destruição de todo o espaço... chama final* – Blake afirmou repetidas vezes que o corrupto mundo temporal (“the Vanities of Time & Space”) seria destruído pelo fogo apocalíptico e suplantado por “Verdade e Eternidade” (“Truth and Eternity”). Stephen enfatiza a destruição de Tempo e Espaço, não sua substituição pela glorificada “Verdade Eterna”.

*Sim, senhor. E ele disse: Uma outra... estamos liquidados* – declaração de Pirro depois da vitória de Asculo, segundo as *Vidas* de Plutarco.

*Você, Armstrong... Qual foi o fim de Pirro?* – Pirro foi morto com a ajuda da mãe de um inimigo (Zopiro) que Pirro ia matar; ela jogou uma telha que o atordoou e então Zopiro cortou-lhe a cabeça.

*Não tivesse Pirro caído... descartados do pensamento* – César (100-44 a.C.), general romano, estadista, ditador, assassinado pelos conspiradores aristocráticos que temiam seu poder. Stephen considera a possibilidade de a história poder ter sido diferente; o que já foi feito não pode ser desfeito pelo pensamento.

*Não chorem mais... águas mortais* – John Milton (1608-74), “Lycidas”, elegia pastoral sobre a morte por afogamento de Edward King, colega de Milton em Christ’s College, Cambridge.

*O pensamento é o pensamento do pensamento* – Joyce traduz Aristóteles do francês, desta vez de *Metafísica*.

*A alma é... a alma é a forma das formas* – Aristóteles, *De Anima*: “A alma em um certo sentido é tudo que existe”; “A alma intelectual é a forma das formas.”

*A César o que é de César... de Deus* – palavras de Cristo quando lhe perguntaram se era certo pagar tributo a César (a imagem de César estava gravada nas moedas romanas) (Mt 12,21, Mc 12,17, Lc 20,25).

*Adivinhe, adivinhe, adivinho!... paizinho* – começo de uma charada tradicional.

*O galo cacarejou... Ir pro céu chegou* – adaptação de outra charada.

*A raposa enterrando sua avó... um azevinho* – Stephen substitui a palavra mãe da charada original por avó.

*Era isso então real? A única coisa verdadeira na vida?* – Stephen naturalmente refere-se ao “amor de mãe” ecoando a afirmação de Cranly em *Um Retrato do Artista Quando Jovem*: “Seja lá o que for incerto no monte de esterco deste mundo fedorento, o amor de mãe não é.”

*O corpo prostrado de sua mãe o ardente Columbano... cima* – São Columbano (543-615), santo irlandês e escritor que Joyce menciona em seu ensaio “Ireland, Island of Saints and Sages” (“Irlanda, Ilha de Santos e Sábios” – 1907). Consta que,

indo para a Europa como missionário, ele deixou sua mãe contra a vontade dela.

*Dê as mãos, atravesse, incline-se... diabinhos da imaginação dos mouros* – os mouros levaram a álgebra para a Europa.

*Partiram também do mundo, Averróis... compreender* – Averróis (1126-98): filósofo hispano-árabe; Moisés Maimônides (1135-1204): filósofo e rabino judeu. Ambos tiveram grande influência sobre a Escolástica Cristã medieval.

*Partiram também do mundo... refletindo em seus espelhos... a alma obscura do mundo* – frase recorrente em filosofia (principalmente medieval e mística); Stephen provavelmente tirou a frase de Giordano Bruno (1548-1600), filósofo italiano para quem a *anima del mondo* era o princípio unificador e a origem da natureza; Joyce escreveu um ensaio sobre ele, “The Bruno Philosophy” (“A Filosofia de Bruno”), em 1903.

*Partiram também do mundo... uma escuridão brilhando na claridade... compreender* – inversão paródica de João 1,5: “e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam”. Stephen está preocupado (como Joyce) com a persistência de uma incomensurável escuridão (ou erro, ou heresia) dentro da “luz” (ou lei ou Igreja), uma escuridão que é mais “verdadeira” do que a “verdade” da “luz”.

*Amor matris: genitivo subjetivo e objetivo* – latim: “amor de mãe”, significando “amor de mãe (por alguém)” (subjetivo), ou “amor (de alguém) pela mãe” (objetivo).

*Como era no princípio, é agora* – conclusão de Glória ao Pai: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre por todos os séculos dos séculos.”

*No aparador a bandeja com as moedas Stuart* – O rei católico da Inglaterra Jaime II (1633-1701), deposto pelo protestante Guilherme de Orange (1650-1702), primeiro fugiu para a França e alguns anos depois foi para a Irlanda que permanecera leal a ele. Comandou tropas irlandesas derrotadas pelo já rei Guilherme III na Batalha de Boyne (1690), uma derrota em parte responsável pelo forte poder protestante na Irlanda do Norte. Enquanto viveu na Irlanda, Jaime mandou cunhar moedas de metal inferior (dessa forma depreciando a moeda corrente). Ironicamente as moedas tornaram-se valiosas como raridades.

*Ponha apenas dinheiro em sua carteira... Iago* – Deasy cita Iago em *Otelo* de Shakespeare.

*Fred Ryan, dois shillings... Russell, um guinéu* – Fred Ryan (1876-1913), economista e jornalista irlandês editor da revista *Dana*. George William Russell (1867-1935), teosofista, jornalista (do *Irish Homestead*, onde Joyce também teve matéria publicada), reformador agrário e figura de proa no renascimento da literatura irlandesa.

*um homem de saio escocês axadrezado: Alberto Eduardo, príncipe de Gales (1841-1910)* – a partir de 1904 rei Eduardo VII da Inglaterra.

*Eu vi três gerações desde o tempo de O’Connell* – Daniel O’Connell (1775-1847), líder político irlandês (“o Libertador”) que militou com sucesso pela Emancipação Católica (1829). (Os católicos vinham sofrendo severas restrições de seus direitos e liberdades políticos e religiosos desde o tempo de Henrique VIII, que reinou entre 1509 e 1547.) O’Connell também, desta vez sem sucesso, fez campanha para que fosse revogado o Ato de União (Act of Union) que em 1800 dissolvera o Parlamento Irlandês e submetera a Irlanda ao Parlamento Britânico em Westminster.

*Eu me lembro da praga da fome em 46* – A Grande Fome (1845-8) durante a qual as plantações de batatas foram destruídas pela praga. Como a batata era a base da dieta da grande maioria dos camponeses irlandeses (pelo menos a metade da população naquela época), e como a Irlanda estava sendo impedida de desenvolver indústrias independentes que poderiam ameaçar as inglesas, não havia nenhuma estrutura econômica industrial que pudesse sustentar a crise e os efeitos foram cataclísmicos: uma redução da população (por morte ou emigração) de 8,2 milhões de habitantes em 1841 para 6,6 milhões em 1851.

*Você sabia que os núcleos orange agitaram a opinião pública* – núcleos orange: sociedades protestantes (muitas vezes violentamente anticatólicas) formadas na década de 1790 e unidas pela Sociedade Orange (Orange Society) (1795), cujo objetivo era “a manutenção da autoridade britânica na Irlanda” (“*the maintenance of British authority in Ireland*”); concentravam-se em Ulster, os condados ao extremo norte da Irlanda.

*agitaram a opinião pública em favor da revogação do Ato da União vinte anos* – os orange foram inicialmente – e por pouco tempo – antiunião. A versão da história apresentada por Deasy se não é ignorante é altamente seletiva e distorcida.

*Vocês fenianos esquecem algumas coisas* – o termo (*fenians*) vem do exército Fianna na saga medieval Fionn Mac Cumbail, nome popular da Irmandade Republicana Irlandesa (Irish Republican Brotherhood) fundada por James Stephens (1825-1901) em 1858; organização política compromissada com a luta pela independência irlandesa e disposta a usar todos os meios necessários. O termo também descreve qualquer republicano irlandês.

*Memória gloriosa, piedosa e imortal* – Stephen condensa vários momentos da história das confrontações protestantes-católicas, a começar por: “Memória gloriosa...”: saudação dos orange à memória de Guilherme III (“que nos salvou de pobreza, escravidão, poder arbitrário, dinheiro de cobre e sapatos de madeira”).

*O núcleo de Diamond em Armagh... cadáveres de papistas* – em 11 de setembro de 1795 vinte ou trinta “defensores” (habitantes católicos organizados para se defenderem dos “impositores” protestantes das leis anticatólicas) foram massacrados em Diamond no condado de Armagh, ao norte da Irlanda (papistas: católicos); o incidente levou à formação da Sociedade Orange (Orange Society).

*O juramento de lealdade dos fazendeiros... dentes* – o Pacto dos Agricultores (Planters covenant): aparentemente uma alusão ao juramento de lealdade ao rei da Inglaterra (chefe do Estado e da Igreja) com o qual se obtinha terra (ou plantações) na Irlanda desde o tempo do reinado de Elizabeth I (1558-1605).

*O norte protestante-reacionário... cabeças tosadas* – Norte negro (Black north): a Irlanda do norte protestante. “Submetam-se cabeças tosadas”: *slogan* dos protestantes orange; “tosado” (*croppy*): um termo para designar qualquer “rebelde” irlandês a partir dos rebeldes de Wexford que lutaram na Rebelião de 1798 contra o domínio inglês.

*Nós somos todos irlandeses, todos filhos de reis* – Deasy está citando o provérbio irlandês “Todos os irlandeses são filhos de reis” (“*All Irishmen are kings’ sons*”), sendo os reis em questão os reis irlandeses da Antiguidade.

*Ai de mim, disse Stephen* – Stephen chama atenção para a ironia de “reis” serem também os reis ingleses, e portanto todos os irlandeses serem súditos do colonialismo inglês.

*Per vias rectas, disse o Sr. Deasy...* – Por vias retas: lema de sir John; a esta altura está claro que as “vias” de Deasy são tudo menos “retas”.

*Trota, trota meu rocim... Dublin* – “The Rocky Road to Dublin”, balada irlandesa de autor desconhecido.

*Emolduradas nas paredes imagens de cavalos desaparecidos...* – vários aristocratas ingleses e seus cavalos campeões; o Nestor de Homero era evidentemente um “exímio cavaleiro” (*master of horsemanship*) o qual fornecia cavalos e uma carruagem a Telêmaco para suas viagens.

*É sobre a febre aftosa* – houve uma epidemia de febre aftosa (que não tinha cura) na Irlanda mas só em 1912. Joyce mudou a data para 1904.

*A corja de Liverpool que... Galway* – em meados do século XIX existiam vários projetos para transformar Galway em um porto transatlântico; todos fracassaram não por razão de uma conspiração mas sim de ignorância no assunto.

*Que me seja perdoada uma alusão clássica. Cassandra.* – filha de Príamo e Hécuba, cuja profecia da queda de Tróia foi ignorada. Tendo recusado o amor de Apolo, foi condenada por ele a fazer profecias verdadeiras em que ninguém acreditaria.

*De rua em rua uma prostituta... da Inglaterra* – William Blake, *Auguries of Innocence* (“Augúrios da Inocência” – c. 1803).

*A história, disse Stephen, é um pesadelo... despertar* – conforme Jules Laforgue (1860-87), *Mélanges Posthumes* (Paris, 1903): “A história é um velho pesadelo espalhafatoso que não desconfia que as melhores piadas são as mais curtas.” (“*L’histoire est un vieux cauchemar bariolé qui ne se doute pas que les meilleures plaisanteries sont les plus courtes.*”)

*Uma mulher infiel trouxe... príncipe de Breffni* – outro erro de Deasy: o rei Dermot MacMurrough era o amante de Devorgilla, O’Rourke era o marido dela. Em 1167 o príncipe Tiernan O’Rourke, com o apoio de Roderick O’Connor, rei da Irlanda, conseguiu depor MacMurrough vingando-se do rapto de sua mulher. MacMurrough fugiu para a Inglaterra de onde, em 1169, junto com as forças de Henrique II, realizou a primeira invasão anglo-normanda da Irlanda.

*Uma mulher também causou a derrocada de Parnell* – Charles Stewart Parnell (1846-91), parlamentar líder do Partido Parlamentar Irlandês (Irish Parliamentary Party) e latifundiário, militava pela independência da Irlanda (Home Rule) e era chefe de uma organização dedicada a garantir, através de ação direta, uma solução justa para o opressivo sistema de posse e gerenciamento de terras. Preso por seu envolvimento com a organização, voltou ao Parlamento depois de solto, conseguindo o apoio do primeiro-ministro liberal Gladstone. Em 1889 foi citado em um pedido de divórcio do capitão William O’Shea contra sua mulher Katherine que há anos vivia “maritalmente” com Parnell. Em seguida, apesar de lutar corajosamente para manter sua posição, Parnell foi abandonado pelo Partido Irlandês, denunciado pela Igreja Católica, e morreu poucos meses depois de casar-se com Katherine.

*Por Ulster lutaremos... salvaremos* – Ulster: o extremo norte das antigas províncias da Irlanda, atualmente praticamente um sinônimo de Irlanda do Norte. Foi lorde Randolph Churchill (1849-94), oponente de Gladstone e da independência irlandesa,



quem inventou o nome, que se tornou *slogan* nas campanhas pró-protestantes e anti-Home Rule.

*Porque ela nunca os deixou entrar... solenemente* – a história irlandesa inclui a presença de habitantes judeus desde o século XI, apesar de terem sido expulsos da Irlanda (e da Inglaterra) em 1290. No governo de Cromwell (a partir de 1650), voltaram a se instalar nos dois países. Em 1904, segundo o recenseamento, 3.898 judeus viviam na Irlanda.

### 3. PROTEU

Em *A Odisséia*, Telêmaco chega à casa de Menelau durante a festa de casamento do seu filho. Menelau conta a Telêmaco sobre seu retorno ao lar, depois da guerra de Tróia. Narra também como, orientado pela filha de Proteu, aprendeu onde encontrá-lo, como pegá-lo e mantê-lo firme para obter as informações desejadas, pois Proteu tomava as mais diversas formas para escapar aos que desejassem capturá-lo. Assim feito através dos ensinamentos recebidos, Menelau obteve dele várias informações, inclusive a de que Odisseu se encontrava cativo na ilha de Calipso.

Em *Ulisses*, Joyce transfere a mutabilidade protéica para a luta que Stephen trava com o intelecto. Caminhando pela praia, Stephen luta, em sua mente, com o problema da mudança da face do mundo, em relação à realidade que se esconde por trás dela. Tal revelação é alcançada por meio dos modos mutáveis e limitados do audível e do visível, segundo Aristóteles, dentro das dimensões do espacial (*Nebeneinander*) e do temporal (*Nacheinander*). Segundo Joyce confessa ao amigo Frank Budgen, neste episódio tudo muda: terra, água, cão, hora do dia, partes da linguagem, o próprio advérbio tornando-se verbo – *almosting*. Até o cachorro que perambula pela praia vai fuçar a areia com fúria e parecer proteicamente uma pantera.

*Verdemeleca, azulprata, ferrugem: sinais coloridos* – “coloridos” porque, segundo Aristóteles, é a cor que permite que determinados corpos não-transparentes sejam vistos.

*Batendo com a sua cachola neles, lógico* – como poderia Aristóteles ter sabido que eram corpos antes de ter formulado uma teoria de como os percebia visualmente? Batendo com a cabeça neles.

*Calvo ele era e um milionário... che sanno* – de histórias tradicionais a respeito de Aristóteles.

*maestro di color che sanno* – “mestre dos que sabem”; da descrição que Dante faz de Aristóteles em “Inferno.”

*Diáfano, adíafano* – adíafano: o que não é transparente, o opaco.

*Cinco, seis: o Nacheinander ... caisse inelutavelmente através do Nebeneinander* – alemão: *Nacheinander*: um depois do outro, sucessivamente; *Nebeneinander*: um junto do outro, adjacentes. Para Stephen os dois termos representam, respectivamente, a característica particular do tempo (uma coisa depois da outra) e do espaço (coisas adjacentes umas às outras). Ele também liga o audível ao tempo (e a *Nacheinander*) e o visível ao espaço (e a *Nebeneinander*).

*...feito pelo malhete de Los demiurgos* – William Blake: *O Livro de Los* (1795); “Los, o criador” incorpora a imaginação criadora. Em Milton, Blake declara: “Pois cada Espaço maior do que um Glóbulo vermelho de sangue Humano / É visionário e é criado pelo Martelo de Los” (“*For every Space larger than a red Globule of Man’s blood / Is visionary, and is created by the Hammer of Los*”). Joyce parafraseou essas palavras em sua palestra sobre Blake e daí Stephen fazer (em silêncio) um trocadilho com “visionário” e “visível”: Los criou o mundo visível. “Demiurgos”: o demiurgo, um deus subalterno, é criador do mundo físico.

*Um tetrâmetro acatalético de iambos marchando* – métrica poética completa em suas sílabas.

*de iambos marchando* – iambo: pé de verso composto de uma sílaba breve e outra longa.

*Vocês serão como os deuses?* – palavras de Satã para Eva: “Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.

*Aleph, Alpha, zero, zero, um* – a primeira letra do alfabeto em hebraico e grego, respectivamente.

*Esposa e companheira de Adam Kadmon* – Adam Kadmon: nome teosófico para ser humano pré-queda: completo, andrógono, não-caído.

*Heva, Eva nua. Ela não tinha umbigo* – “Heva”: do hebraico Cheva: “Vida”; nome antigo de Eva.

*também fui, feito não gerado* – revertendo a declaração do Credo Niceno de que Cristo foi “gerado mas não feito”, Stephen admite sua humanidade e mortalidade.

*Uma lex eterna permanece à volta Dele* – latim: “lei eterna”. Santo Tomás de Aquino: Deus é eterno, a lei de Deus é eterna, tudo existe Nele; portanto, coisas que ainda não aconteceram (no tempo humano) já existem em Deus.

*a substância divina pela qual Pai e Filho são consubstanciais?* – Stephen parece sugerir que Pai e Filho são consubstanciais somente no sentido de uma lei eterna.

*Onde está o querido e pobre Ario* – segundo a tradição Ario realmente morreu de hemorragia intestinal em um banheiro público na véspera do dia em que seria readmitido na Igreja.

*sob o vento auspicioso, os corcéis de Mananaan* – Mananaan MacLir é o deus irlandês do mar, as ondas são as crinas de seus cavalos. Como Proteu, ele pode mudar de forma.

*sindicâncias comuns e uma intimação Duces Tecum* – latim: documento legal exigindo que uma pessoa compareça ao tribunal com uma peça específica de evidência.

*Resquiescat de Wilde* – latim: “Deixe-a descansar”; poema (1881) de Oscar Wilde por ocasião da morte de sua irmã.

*All’erta!... Ele assobia compassos da ária di sortita* – italiano: *All’erta*: Em guarda!; palavra do começo da ária de entrada (*aria di sortita*) de Ferrando na ópera de Giuseppe Verdi (1813-1901) *Il Trovatore (O Trovador)* (1852).

*Nem na baía estagnante da biblioteca de Marsh* – Biblioteca do Santo Sepulcro, Catedral de São Patrício, Dublin, fundada em 1707 por Narcissus Marsh, arcebispo da Igreja Irlandesa; é a biblioteca pública mais antiga da Irlanda.

*as profecias evanescentes de Joaquim Abbas* – teólogo místico italiano (c. 1145-1202), dividiu a história em três períodos correspondentes aos três membros da Santíssima Trindade.

*Aquele que odiava sua espécie fugiu dela... Houyhnhnm* – Jonathan Swift (1667-1745), deão da catedral de São Patrício (St. Patrick’s Cathedral) a partir de 1713; conhecido por odiar os seres humanos; além de doente e surdo ficou prematuramente senil. Os Houyhnhnms eram os cavalos totalmente racionais das *Viagens de Gulliver* (1726).

*Pai Abbas, deão furioso* – o deão furioso é obviamente Swift.

*Foxy Campbell, mandíbulaslanternosas* – apelidos do professor de Stephen, padre Campbell, mencionado em *Um Retrato do Artista quando Jovem*.

*Descende, calve... decalveris* – latim: “Desce, calvo, ou ficarás mais calvo ainda.”

*Dan Occam pensou nisso... comichou seu cérebro* – William de Occam (c. 1285-1389), filósofo e teólogo. Segundo ele o corpo de Cristo não está presente na hóstia em qualidade ou quantidade, mas puramente em “fé”, portanto só existe um corpo de Cristo mesmo que várias eucaristias sejam celebradas simultaneamente. “Hipóstase”: toda a pessoa de Cristo com suas naturezas divina e humana.

*Primo Stephen, você nunca será um santo* – comentário inspirado pelo de John Dryde (1631-1700) a respeito de Swift: “Primo Swift, você nunca será um poeta” (“*Cousin Swift, you will never be a poet*”).

*nunca será um santo. Ilha dos santos* – nome medieval da Irlanda: *Insula Sanctorum* (latim).

*Lembra as epifanias escritas* – Stephen define “epifania” em Stephen Hero como “uma súbita manifestação espiritual” (“*a sudden spiritual manifestation*”) da essência de algo; a Festa da Epifania (6 de janeiro) celebra a revelação para os Reis Magos do corpo de Deus na forma do menino Jesus.

*milhares de anos depois, um mahamanvantara* – hindu: “grande ano”; período longo de tempo (c. quatro bilhões de anos).

*Como Pico della Mirandola* – humanista, filósofo, acadêmico (1463-94) da Renascença italiana, tentou misturar teologia

cristã com cabalística e filosofia pré-cristã.

*Ai, muito parecido com uma baleia* – Polônio concordando com Hamlet a respeito da forma de uma nuvem (*Hamlet*, III, ii).  
*areia mais firme em direção à Pigeonhouse*. – costumava ser um forte, é agora a estação de energia elétrica em Dublin Bay.  
*Qui vous a mis... le pigeon, Joseph* – francês: “Quem o colocou nessa posição horrível? O pombo, Joseph.” De *La Vie de Jésus (A Vida de Jesus – 1884)* da autoria de Léo Taxil. Taxil era o pseudônimo de Gabriel Jogand-Page (1854-1907), que escreveu vários volumes comicamente blasfemos.

*Filho do ganso selvagem, Kevin Egan de Paris*. – inicialmente “gansos selvagens” (*wild geese*) eram os que tendo sido derrotados por Guilherme III preferiram o exílio a viver sob o domínio inglês. O retrato de Kevin Egan se parece com o de John Casey, ativista do Sinn Féin preso por participar em 1867 da libertação de dois companheiros de uma caminhonete da polícia.

*natureza das mulheres em Michelet* – Jules Michelet (1798-1874), historiador francês e autor de *La Femme*, uma romântica “história” da mulher.

*C'est tordant, vous savez... Mon père, oui*. – francês: “É uma piada, sabe. Eu sou socialista. Não acredito na existência de Deus. Não diga a meu pai.” “Ele acredita?” “Meu pai acredita sim.”

*Schluss. Ele lambe*. – *schluss*: alemão: “Basta!”

*Um bocado de mou en civet* – francês: ensopado muito barato.

*panelas de carne do Egito* – em Êxodo 16,2-3 os filhos de Israel queixam-se de terem sido levados para o deserto por Moisés e desejam voltar para o “Egito quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão com fartura”.

*Lui, c'est moi*. – francês: “Eu sou ele.”

*Encore deux minutes* – francês: “Mais dois minutos.”

*Columbano. Fiacre e Scotus* – todos os três foram missionários irlandeses no continente.

*Il est irlandais. Hollandais?... Ah, oui*. – francês: “Ele é irlandês.” “Holandês?” “Não queijo.” “Dois irlandeses, nós, Irlanda, sabe?” “Ah, sim!”

*Ora: slainte*. – galês: “saúde” (um brinde).

*Sobre a Irlanda, os Dalcassians* – Dalcassians: do gaélico: *Dalg Cais*: “Raça de Cãs” (clã).

*sobre Arthur Griffith agora* – Arthur Griffith (1872-1922), nacionalista irlandês, fundou Sinn Féin, a Sociedade Literária Celta e o *United Irishman* (jornal nacionalista), e foi o primeiro presidente (1922) da República da Irlanda (Irish Free State); AE: pseudônimo de George William Russell (1867-1935), poeta irlandês.

*poimandres* – ser superior que aparece numa visão a Hermes Trismegistos e lhe revela um mundo esotérico e conhecimentos ocultos.

*Você é bem o filho de seu pai. ... a voz* – alusão à semelhança entre as vozes de Telêmaco e Odisseu, e também à peça que Jacó pregou em seu pai Isaac fazendo-o acreditar que ele, Jacó, era Esaú, seu irmão mais velho (Gênesis 27).

*M. Drumont, famoso jornalista...* – Edouard Adolphe Drumont (1844-1917), jornalista francês, editor de *La Libre Parole*, um virulento jornal anti-semita.

*Maud Gonne, mulher bonita* – nacionalista irlandesa, famosa por sua beleza, amada de W. B. Yeats, refugiou-se em Paris.

*mulher bonita, La Patrie, M. Millevoye* – M. Millevoye, editor do jornal *La Patrie*, foi amante de Maud Gonne e pai de sua filha Isolda.

*Félix Faure, sabe como ele morreu?* – presidente da República francesa entre 1895 e 1899, morreu de hemorragia cerebral supostamente causada por excessos sexuais.

*Como o cabeça do grupo escapou...* – James Stephens, chefe da Irmandade Republicana Irlandesa (Irish Republican Brotherhood), foi capturado e preso, depois fugiu e acabou indo para os Estados Unidos. Segundo os boatos, escapou disfarçado de mulher.

*ele rodou com o coronel Richard Burke* – americano membro de Sinn Féin, responsável pelo resgate em Manchester de dois líderes fenianos.

*Lembrando de ti, O Sion.* – lamento dos judeus dispersos longe da pátria.

*Um coche ensablé...* – francês: “Um coche preso na areia.”

*Os brinquedos de Sir Lout.* – talvez uma invenção de Joyce, Lout era um gigante pré-histórico, sexualmente fraco, com pedras na boca em vez de dentes.

*figuras, duas. As duas marias.* – Maria Madalena e Maria mãe de Tiago e José, as duas que viram Cristo ressuscitado.

*Galeras de Lochlanns afluíram* – *Lochlanns*: gaélico: “Lugar-Lago”, Escandinávia; nome dado aos escandinavos que invadiram a Irlanda no século VIII.

*quando Malachi usou o colar de ouro.* – de “Let Erin Remember the Days of Old” (“Deixe Erin Relembrar os Dias de Antigamente”) da autoria de Thomas Moore (1779-1852). Malachi II, rei da Irlanda, ajudou Brian Boromhe a libertar a Irlanda dos invasores nórdicos e ganhou o colar como prêmio.

*Um cardume de baleias* – em 1331 baleias encalharam nas margens da baía de Dublin, sendo mortas e devoradas pelos dublinenses famintos.

*Fome, peste e carnificinas.* – no século XIV Dublin passou pelas três: a fome em 1331, a peste em 1348 e as carnificinas da invasão de Roberto I, chamado Roberto Bruce, rei da Escócia, entre 1314 e 1318.

*sobre o Liffey congelado* – no inverno de 1338-9, o rio Liffey ficou tão solidamente congelado que as pessoas acendiam fogueiras nele.

*Eu simplesmente parei pálido, silencioso, acuado.* – Stephen no papel de Actéon que, tendo secretamente assistido ao banho de Diana, foi transformado em um veado e acuado por seus próprios cães.

*Terribilia meditans* – latim: “meditando sobre coisas terríveis”.

*Mas os cortesãos que zombaram... próprias casas* – Guido Cavalcanti (c. 1250-1300), poeta italiano; esta história é contada no *Decameron* de Boccaccio (1313-75): os amigos de Guido caçoam dele por estar meditando melancolicamente. Ele responde que eles podem caçoar em sua própria casa – um dos amigos compreende que essa casa é a Casa da Morte (o que Stephen também evita dizer).

*Lembre-se. Haroun al Raschid.* – Haroun al Raschid (763-809), califa de Bagdá, conhecido pelo esplendor de sua corte e por aparecer em vários contos das *Mil e uma Noites*. Consta que se disfarçava para andar entre o seu povo.

*Aquino, frate porcospino* – italiano: “Irmão Porco-espinho”, Santo Tomás de Aquino, cujos pensamentos são espinhosos.

*Através das areias do mundo... terras da noite.* – alusão à espada flamejante de Deus por ocasião da expulsão de Adão e Eva do Paraíso.

*Ela arrasta... sua carga.* – “Ela” é Eva (Gn 3, 16); os verbos são todos sinônimos com diferentes origens lingüísticas.

*Contemple a serva da lua.* – adaptação de Lc 1, 38: “Eis aqui a serva do Senhor.”

*Omnis caro ad te veniet.* – latim: salmo 65, 2: “... porque ouves a prece, toda a carne vem a ti”.

*delta de Cassiopéia, mundos.* – a delta é uma estrela de relativamente baixa magnitude: Cassiopéia é a constelação que parece um W deitado, no céu nórdico.

*O bom bispo de Cloyne retirou o véu* – George Berkeley (1685-1753), bispo de Cloyne da Igreja irlandesa, filósofo idealista.

*Qual é aquela palavra... os homens?* – Stephen volta à pergunta já feita e respondida em outras obras; Stephen sabe a resposta: “O amor, sim. Palavra conhecida de todos os homens.”

*Et vidit... bona.* – latim: Gn 1, 31: “Deus viu tudo o que tinha feito e era muito bom.”

*A hora de Pan, o meio-dia do fauno.* – de “L’Après-midi d’un faune” (“A Tarde de um Fauno”) de Stéphane Mallarmé. Meio-dia é a hora de Pan (o deus grego da natureza) e a hora em que Proteu caiu nas mãos de Menelau.

*os refugos de um cervo, nebeneinander.* – *Nebeneinander*: alemão: lado a lado.

*amor de Wilde que... nome.* – palavras de Oscar Wilde em seu julgamento por “indecência e sodomia”: “O Amor que não ousa dizer seu nome.”

*Santo Ambrósio... patiens ingemiscit.* – Santo Ambrósio (c. 340-97), bispo de Milão: “Dias e noites a criação geme por causa

das iniquidades.”

*Todoesplendoroso ele cai... occasum.* – a queda de Lúcifer (o nome significa “o que traz a luz”) foi causada por seu orgulho intelectual que o fez recusar-se a servir a Deus; a frase em latim: “A estrela da manhã, digo eu, a que nunca se põe.”

*Meu chapéu de bico... assandalhados.* – canção de Ofélia em *Hamlet*.

#### 4. CALIPSO

No livro 5 de *A Odisséia*, Odisseu é descoberto cativo da deusa Calipso (cujo nome significa “a dissimuladora”), na ilha Ogígia (ônfalo – segundo os gregos: centro da Terra). Compadecida ante a situação de Odisseu, Palas Atena intercede junto a Zeus para que mande Hermes com um recado para Calipso, a fim de que ela liberte o rei de Ítaca. De fato, Odisseu ficara ali aprisionado por sete anos, lamentando sua escravidão e ansiando por voltar para casa. Calipso promete a Hermes libertar Odisseu e instruí-lo como chegar a salvo em sua terra. Ele parte, mas é interceptado por trovoadas fortes e, mais uma vez, Palas Atena intercede junto a Zeus para que acalme o temporal.

Em *Ulisses*, Bloom está em sua casa em 7 Eccles Street, em 1904, uma rua respeitável da tradicional classe média. Molly, como Calipso, a ninfa que enfeitiçou Odisseu durante sete anos, também mantém Bloom cativo de seus encantos, através de todo aquele dia tão longo. Embora ele saia de casa de manhã, tenha um dia bastante atribulado e só retorne de madrugada, Molly permanece em seus pensamentos como uma imagem que o seduz e, ao mesmo tempo, o faz sofrer.

*Vindas de tão longe de Gibraltar* – Gibraltar: Molly Bloom nasceu nessa colônia inglesa para onde o pai dela, major Brian Tweedy, tinha sido mandado.

*Os russos, eles seriam apenas... japoneses.* – uma das poucas referências em *Ulisses* a um acontecimento do mundo contemporâneo: a guerra russo-japonesa (fev. 1904 – set. 1905).

*Inishturk. Inishark. Inishboffin* – gaélico: *Inis Tuir* (“Ilha do Javali”), *Inis Eirc* (“Ilha do Boi”), *Inis Bó Finn* (“Ilha da Vaca Branca”), ilhotas na costa ocidental da Irlanda.

*A minha. Monte Bloom.* – montanha na Irlanda central.

*a fazenda modelo... Tiberíades* – Kinneret: pequena cidade a sudoeste do lago Tibérias (mar da Galiléia); a “fazenda modelo” existia na realidade.

*de inverno ideal. Moisés Montefiore* – Sir Moses Haim Montefiore (1784-1885), um dos primeiros sionistas, esse rico filantropo inglês usava a sua fortuna para assegurar a emancipação dos judeus na Inglaterra.

*Tem que ser sem nenhum defeito, disse ele.* – de acordo com o Talmude a fruta trazida para a Festa do Tabernáculo devia ser perfeita em todos os sentidos.

*Chamavam de enxofre... Gomorra, Edom* – exceto Edom, são cidades da planície sobre as quais Deus fez chover enxofre (Gn 19, 14-15).

*moças da beira do mar de Blazes Boylan* – uma canção recorrente, ligada sempre ao nome de Blazes Boylan, da autoria de Harry B. Norris.

*Là ci darem* – a frase completa em italiano: “*Là ci darem la mano*”: “Então vamos de mãos dadas”, primeira de muitas alusões a um dueto da ópera *Don Giovanni* (1787) de Mozart.

*Love’s Old Sweet Song* – primeira de muitas referências a essa canção popular de G. Clifton Bingham (1859-1913) e James Lyman Molloy (1837-1909).

*Voglio e non vorrei* – italiano: “Quero e não gostaria”, citação incorreta de “*Vorrei et non vorrei*”: “Gostaria e não gostaria” da ópera *Don Giovanni*.

*O monstro Maffei desistiu... imprecação* – quase exatamente tirado da legenda de uma ilustração do romance *Ruby: o Orgulho do Ringue*, de Amye Reade, porém no livro o nome do monstro é Mr. Henry, não Maffei.

*O Banho da Ninfa... cama* – O Banho da Ninfa: uma das aparições de Calipso.

*número de Páscoa da Photo Bits...* – revista semanal de Londres ostensivamente fotográfica, na verdade pornográfica (*soft porn*).

*um antigo número de Titbits* – semanário londrino.

*O camarada da... James Stephens* – nota no capítulo II.

*Stephens a escapar; dizem. O’ Brien.* – se Bloom está se referindo a William Smith O’Brien, companheiro de Stephens, ele está enganado. O’Brien não poderia ter ajudado Stephen a escapar uma vez que estava preso na época.

*Golpe de Mestre de Matcham* – segundo Stanislaus Joyce, trata-se de uma referência humorística a uma história que o próprio Joyce escrevera na adolescência.

*O que Gretta Conroy estava usando?* – Gretta Conroy é personagem do conto “Os Mortos de Joyce”.

*a dança das horas de Ponchielli* – balé da ópera *La Gioconda* de Almicare Ponchinelli.

## 5. OS LOTÓFAGOS

Em *A Odisséia*, tendo desembarcado na terra do rei Alcínoo, Odisseu é por ele recebido na corte e lhe revela quem é, a saber, o rei de Ítaca. Começa então a relatar seus encontros anteriores ao desembarque na ilha de Calipso. Primeiro, conta sua chegada à terra dos lotófagos, onde ele e seus companheiros comem e bebem. No entanto, aqueles que aceitam comer o lótus perdem o desejo de partir. Tendo o efeito de uma droga, a planta os reduz à inércia e os faz esquecer sua terra, seus lares, tornando-os apenas desejosos de permanecer onde estão, sem fazer nada. Odisseu tem de forçá-los a retornar ao navio e eles partem imediatamente.

Em *Ulisses*, este pequeno incidente, inserido no episódio “Os ciclopes” de *A Odisséia*, é utilizado por Joyce para explorar a sensação de inércia, que transmitirá através da linguagem e das imagens. Assim, enquanto caminha pela cidade, o que Bloom vê e os pensamentos que lhe vêm à mente sobre o que vê são registrados de forma a expressar o tom ocioso, receptivo e repousante do episódio. Imagens de indolência oriental, de alimentos sendo comidos, de perfumes e de flores contribuem para sugerir inação e impotência, culminando com a languidez de um banho de imersão em que Bloom flutua como uma flor. Entorpecimento e letargia, narcose libidinal e mental são estreitos correlativos neste episódio, em que os efeitos do “lótus” estão localizados nas poções de Sweney, o farmacêutico, nos “filtros do amor” ou nas “curas de Lourdes, águas de olvido”.

*Bethel. El, sim: casa de* – Bethel: hebraico *Beth*: “casa de”; *El*: “Deus”.

*sob o sol num dolce far niente* – italiano: “doce fazer nada”.

*É uma lei ou coisa no gênero* – a lei que Bloom luta para enunciar é a de Arquimedes (c. 287-212 a.C.).

*Trinta e dois pés por segundo por segundo.* – índice da velocidade de corpos em queda; *trinta dois pés* – dez metros.

*Carta de Maud Gonne para tirá-los* – durante a Guerra dos Bôeres na África do Sul (1899-1902), quando as tropas britânicas em Dublin não ficavam recolhidas ao quartel à noite e criavam confusões nas ruas, as “Filhas da Irlanda” militaram

para conseguir mudar a situação e um panfleto ostensivamente escrito por Maud Gonne instava as mulheres irlandesas a recusar qualquer associação com os soldados inimigos.

*e Brutus é um homem honrado.* – comentário irônico de Marco Antônio diante do corpo de César sobre os motivos que Brutus tinha para matá-lo (da peça *Júlio César* de William Shakespeare).

*a exibição da. Esprit de corps* – francês: “companheirismo solidário”.

*surto de varíola lá não piore.* – houve realmente uma epidemia de varíola em Belfast nos meses de maio e junho de 1904.

*Leah hoje à noite.* – “*Leah*”: adaptação de John Augustin Daly de *Deborah*, peça do dramaturgo germano-austríaco Salomon Hermann Mosenthal cujo tema central expõe e ataca o anti-semitismo.

*Maomé cortou um pedaço de seu manto* – história tradicional sobre o profeta Maomé.

*Marta, Maria. Eu vi aquele quadro* – as duas irmãs de Lázaro.

*Lorde Iveagh certa vez... Lorde Ardilaun* – os dois irmãos Guinness que se tornaram barões.

*São Peter Claver S. J. e a Missão Africana.* – santo jesuíta espanhol, tornou-se patrono de todos os missionários da África.

*Orações pela conversão de Gladstone* – William Ewart Gladstone (1809-1898), quatro vezes primeiro-ministro, apoiava a independência política da Irlanda (Irish Home Rule). Era anticatólico, porém tolerante.

*Converta Dr. William J. Walsh D. D. ... religião.* – arcebispo católico de Dublin, foi ele que instigou os católicos irlandeses a rezar por Gladstone.

*Não como Ecce Homo. Coroa de espinhos e cruz.* – “*Ecce Homo*”: latim: “Eis o Homem”, palavras de Pilatos (Jo 19, 5) quando Jesus foi levado até ele com a coroa de espinhos e o manto.

*Idéia genial o trevo de São Patrício.* – consta que São Patrício (c. 389-c. 481), santo patrono da Irlanda, instruiu o rei irlandês Laoghaire sobre a Santíssima Trindade usando um trevo de três folhas.

*Quem é meu próximo?* – pergunta do advogado para Jesus quando este lhe diz que ame o seu próximo; como resposta Jesus conta a história do Bom Samaritano.

*Cura de Lourdes... aparição de Knock...* – Lourdes: cidade francesa famosa por suas curas milagrosas, onde a Virgem Maria apareceu a Bernadette (1858); Knock: vila irlandesa também famosa por seus milagres, onde a Virgem, São José e São João apareceram diversas vezes (1879-80).

*Letras... I.N.R.I.? Não: I.H.S.* – I.N.R.I do latim: *Iesus Nazarenus, Rex Iudaeorum* (Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus); e I.H.S: originalmente as três primeiras letras do nome de Jesus em grego (*iota, eta, sigma*) e por tradição associadas à frase latina: *Iesus Hominum Salvator* (Jesus o Salvador dos Homens).

*Aquele homem... contra os invencíveis* – os Invencíveis eram uma facção militante dos fenianos formada em 1881 com a intenção expressa de assassinar personalidades britânicas responsáveis por medidas repressivas contra os irlandeses. James Carey (1845-83), um líder dublinense dos Invencíveis envolvido em assassinatos, tornou-se testemunha da acusação. Quando tentava emigrar de Dublin em 1883, Carey foi reconhecido e morto por Patrick O’ Donnell. Carey tinha um irmão chamado Peter, mas nenhum chamado Denis.

*o Stabat Mater de Rossini.* – latim: “A Mãe estava em pé” (Maria junto à cruz), poema medieval musicado por vários compositores como Gioacchino Rossini (1792-1868).

*Qui est homo* – latim: “Quem é o homem?”, primeiras palavras da *Stabat Mater* de Rossini.

*Um dos filhos da velha rainha... Leopold, sim.* – a “velha rainha” é obviamente a rainha Vitória (1819-1901) cujo filho caçula, o príncipe Leopoldo, duque da Albânia, sofria de hemofilia.

*Ascot. Grande Prêmio.* – um acontecimento importante para os dublinenses em *Ulisses*; o Grande Prêmio mencionado ocorreu em 1904 em Ascot, Inglaterra.

*A feira de Donnybrook... deles.* – feira da vila de Donnybrook ao sudeste de Dublin, famosa por suas desordens orgíacas; abolida em 1855, seu nome tornou-se sinônimo de baderna.

*Este é o meu corpo.* – palavras de Jesus na Última Ceia (Mt 26, 26; Mc 14, 22; Lc 22, 19) ditas durante a Consagração da Hóstia na missa.

## 6. HADES

Em *A Odisséia*, aconselhado por Circe, Odisseu vai ao Hades, o reino das sombras e dos mortos, para consultar o profeta Tirésias e saber, antes do seu retorno, o futuro que o aguarda em Ítaca. Tirésias lhe diz que Posídon tentará impedir seu retorno ao lar e o aconselha a não matar os bois sagrados de Hélio, deus-do-sol, porque caso o faça perderá todos os seus homens e terá sua jornada bem dificultada. Promete-lhe, contudo, que chegará são e salvo a Ítaca e que exterminará todos os pretendentes que assediam Penélope em sua casa.

Em *Ulisses*, a paródia à visita de Odisseu ao Hades é a ida de Bloom ao cemitério Glasnevin, para o enterro de Paddy Dignam, o que faz não por obrigação, mas levado por seu espírito de solidariedade. São seus pensamentos e reações diante da morte que acompanhamos aqui. A técnica utilizada neste episódio é a do incubismo (de *incubus*, espírito maligno responsável pelos pesadelos e aparições de espectros). Realmente, a mente de Bloom vagueia pela conversa imaginária com “o pobre velho bisavô”, pela sensação de rejeição provocada pelas piadas anti-semitas e menção reprovadora de suicídio, pelas lembranças do filho morto e suicídio do pai. Bloom se preocupa com a finalidade física da morte e lhe desagradava pensar na ressurreição final, pois lhe repugna a idéia de “cada indivíduo caçando seu fígado e seu cérebro e o resto dos seus troços”.

*Seu fidus Achates!* – latim: “fiel Achates” (*Eneida* de Virgílio).

*muro do deixar de fazer o mal.* – palavras sobre a porta da prisão de Richmond: “Pare de fazer o mal – aprenda a fazer o bem.”

*Lembrança de mês...* – trata-se na verdade de missa de 30<sup>o</sup> dia, mas aqui se refere a um tributo publicado em jornal um mês depois da morte de um ente querido; o poema que se segue é um exemplo.

*sir Philip Crampton. Quem era ele?* – resposta: um famoso cirurgião de Dublin (1777-1858); o memorial foi removido.

*J. C. Doyle e John MacCormack* – respectivamente famoso barítono e tenor; o próprio Joyce, tenor de talento, dividiu o palco com os dois em 27 de agosto de 1904.

*Voglio... Vorrei e non.* – Bloom repete a citação, corrigindo aqui o erro cometido anteriormente.

*Mi trema un poco il.* – italiano: da ópera *Don Giovanni*, a frase inteira “*Mi trema un poco il cuore*” significa “Meu coração estremece um pouco”.

*a estátua do Libertador com sua enorme capa.* – o “Libertador” é Daniel O’Connell; sua estátua fica no meio de Sackville Street, hoje chamada O’Connell Street, na altura da ponte que também tem o seu nome.

*Da tribo de Reuben, disse ele.* – Gn 29, 32: Ruben era o mais velho dos 12 filhos de Jacó (os 12 dando origem às “Doze Tribos de Israel”); Cunningham está identificando assim Reuben J. Dodd, por causa do primeiro nome de Dodd que é judeu. Segundo alguns, na tradição cristã, Judas pertencia à “tribo de Ruben”, o que faz do comentário um dos muitos de autoria de dublinenses anti-semitas.

*passou pela estátua de Gray.* – Sir John Gray (1816-75), editor e proprietário protestante do *Freeman’s Journal*, defensor da reforma agrária, cuja estátua se encontra no meio de Sackville Street.

*Que se afogue Barrabás!* – Barrabás era o criminoso que os judeus queriam que fosse libertado em vez de Jesus (Mt 27, 16-26; Mc 15, 11-15; Lc 23, 18-25; Jo 18, 40); o outro Barrabás é o arquivilão da peça *The Jew of Malta* (*O Judeu de Malta*) de Christopher Marlowe.

*Coluna de Nelson.* – outra estátua no meio de Sackville Street, esta um monumento ao almirante britânico Horatio, Visconde Nelson (1758-1805).

*Pedra fundamental para Parnell.* – na época o monumento a Parnell ainda não havia sido colocado sobre o seu pedestal (construído em 1899), o que aconteceria em 1911.

*A Gordon Bennett.* – corrida internacional anual; em 1904 teria lugar perto de Hamburgo na Alemanha.

*Marcha fúnebre de Saul* – *Saul*, oratório de G. F. Handel (1685-1759).

*Não posso entender... a corporação...* – Dublin Corporation, a autoridade cívica da cidade.

*pela casa de Brian Boromhe.* – Brian Boromhe (926-1014), rei da Irlanda conhecido por ter derrotado os dinamarqueses



sendo em seguida morto em sua tenda. A casa é um *pub* com uma cena de Boroimhe lutando pintada sobre a porta.

*Para as mulheres hindus apenas.* – referência a um costume hindu segundo o qual as viúvas se sacrificavam na pira funerária de seus maridos.

*Viuvez não é mais... em Frogmore.* – príncipe Albert, marido da rainha Vitória, morreu quarenta anos antes dela; o luto interminável da rainha, que lamentava publicamente a morte do marido, fez a viuvez ficar na moda; Frogmore é o mausoléu erguido por ordem da rainha no terreno do castelo de Windsor para ela mesma, sua mãe e o príncipe.

*Quem vai ler o livro? Eu, disse a gralha.* – tirado de um versinho para crianças.

*Dominenamine.* – eco das palavras que Bloom ouve o padre pronunciar, em latim: *In nomine Domine*, “Em nome do Senhor”.

*Tu és Pedro.* – Jesus chama Simão de Pedro (“pedra”: a pedra sobre a qual erguerá sua igreja – Mt 16, 18).

*Non intres in iudicium cum servo tuo, Domine.* – latim: “Não entreis em julgamento com vosso servo, Senhor”, da oração de absolvição.

*Et ne nos inducas in tentationem.* – latim: “E não nos deixeis cair em tentação” do “Pai-nosso”.

*In paradisum* – hino que, com as duas citações anteriores, forma a parte da cerimônia fúnebre católica depois da missa e antes que o caixão seja depositado no túmulo.

*O círculo de O’Connell* – no meio do cemitério de Glasnevin fica o memorial a Daniel O’Connell.

*Mas seu coração está enterrado em Roma.* – O’Connell morreu em 1847, na Itália, voltando de uma peregrinação a Roma; seu coração foi para a igreja de Santa Ágata (Irish College) em Roma e o corpo enviado a Dublin.

*A cerimônia da Igreja irlandesa* – a igreja irlandesa (Church of Ireland), contraparte da Igreja inglesa (Church of England).

*Eu sou a ressurreição e a vida.* – as palavras de Jesus a Marta quando ela duvida que ele possa ressuscitar Lázaro (Jo 11, 25) iniciam a cerimônia fúnebre da Igreja irlandesa e, em latim, a da Igreja católica.

*seis pés por dois* – três metros por um, em referência à cova.

*Pra frente Lázaro* – Jesus a Lázaro (Jo 11, 43).

*quando os cemitérios bocejam* – palavras de Hamlet na peça de William Shakespeare.

*Amor entre as pedras tumulares. Romeu* – alusão ao poema de Robert Browning “Love among the Ruins” (“Amor entre as Ruínas”) e ao último ato de *Romeu e Julieta* quando os dois amantes morrem no mausoléu de Julieta.

*judeus, que, disseram, mataram um menino cristão.* – Bloom está pensando na repetida acusação anti-semita de que os judeus matavam crianças e usavam seu sangue em diversos rituais.

*Coveiros em Hamlet.* – referência à cena da peça *Hamlet*.

*De mortuis nil nisi prius.* – Bloom muda a frase latina *De mortuis nil nisi bonum*: “Dos mortos não fale senão coisas boas” para *De mortuis nil nisi prius*: “Dos mortos não fale a não ser antes”, dando a entender que deveria haver um período de reverência antes que se caçoe dos mortos.

*Vimos enterrar César. Seus idos de março ou junho.* – comentário irônico de Marco Antônio em sua oração fúnebre para Júlio César na peça *Júlio César* de Shakespeare; César foi morto nos idos de março (dia 15) e Dignam morreu nos idos de junho (dia 13).

*Digamos que Robinson Crusoe... Sextafeira o enterrou.* – do livro *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (1660-1731) onde Sexta-Feira não enterra Crusoe que sobrevive e deixa a ilha.

*Último ato de Lucia.* – na ópera *Lucia di Lammermoor* de Gaetano Donizetti (1797-1848), o herói Edgar lamenta a morte de Lucia antes de se suicidar.

*Até Parnell. O dia da hera se extingüindo.* – Dia da Hera (Ivy Day): 6 de outubro, aniversário da morte de Parnell, quando seus seguidores usavam um ramo de hera na lapela.

*até a sepultura do chefe* – “o chefe”: Parnell.

*Panegírico de... Thomas Campbell.* – o autor não é Wordsworth ou Campbell e sim Thomas Gray (1716-71).

*Será que passarinhos... Esse era Apolo.* – Bloom está tentando lembrar-se do nome do pintor grego Apeles, não Apolo, mas a história diz respeito a outro pintor grego, Zeuxis (morto em c. 400 a.C.), famoso por suas pinturas realistas.

*Robert Emmet foi... não foi?* – orador ilustre, líder do Irlandeses Unidos (United Irishmen), e de uma rebelião sangrenta, Robert Emmet (1778-1803) foi enforcado e decapitado, tornando-se um mito. Não se tem certeza até hoje do local em que foi enterrado.

## 7. ÉOLO

Em *A Odisséia*, Éolo, favorito dos deuses e guardião dos ventos, acolhe amigavelmente Odisseu e o ajuda em sua viagem de volta a Ítaca, confinando em uma sacola de couro todos os ventos tempestuosos e desfavoráveis. Recomenda insistentemente a Odisseu que a sacola não seja de forma alguma aberta. No entanto, já próximos de Ítaca, os companheiros se aproveitam de um momento de descanso de Odisseu para abrir a sacola, libertando os ventos tempestuosos, que devolvem os barcos à praia de onde haviam partido. Ao recorrer novamente a Éolo, Odisseu é por ele rudemente repellido e expulso de suas terras, por terem os seus homens provocado a ira dos deuses.

Em *Ulisses*, Bloom terá sorte semelhante à de Odisseu. A proposta de um anúncio para a empresa Chaves, que ele apresenta a Myles Crawford, editor do *Freeman*, é inicialmente implícita e cordialmente aceita, dependendo de uma condição imposta pelo jornal. Quando, no entanto, Bloom regressa com a resposta positiva de Chaves, é recebido por um Crawford que, inesperadamente, o trata com rispidez e grosseria, ignorando a aquiescência anterior. Joyce parodia a fúria dos ventos com o barulho das máquinas da sala de imprensa, com seu ininterrupto “Slt, Slt”, ao qual se juntam os gritos dos pequenos jornaleiros, as portas a baterem, as pessoas a correrem, aos empurrões, tendo como pano de fundo o barulho dos bondes na rua e o retinir de suas sinetas. São também paródicos os estilos distintos, com profusão de figuras retóricas, sugerindo a diversidade das pessoas que entram no jornal.

*as iniciais reais, E.R.* – Edward Rex: Eduardo VII.

*O ilustre William Brayden* – William Henry Brayden (1865-1933), advogado irlandês e editor do *Freeman's Journal*.

*Mario o tenor.* – Giovanni Matteo (1810-83), nome artístico “Mario”, tenor italiano.

*Em Martha.* – *Martha, oder der Markt von Richmond*, ópera ligeira de Friedrich von Flotow (1812-83).

*gabinete de leitura de Nannetti.* – Joseph Patrick Nannetti (1851-1915), político e tipógrafo ítalo-irlandês.

*da gazeta oficial.* – a *Dublin Gazette*, publicada por uma agência inglesa (His Majesty's Stationer's Office), incluía notícias “oficiais”.

*A rainha Ana morreu.* – comentário ofensivo dirigido a divulgador de notícias velhas; originou-se do fato de Joseph Addison (1672-1719) ter anunciado a morte da rainha Ana nas páginas de *The Spectator* dias depois do acontecido.

*A Casa de Chaves* – Bloom queria fazer um trocadilho com a palavra chaves; a Casa de Chaves: Câmara de Deputados da ilha de Man a qual, apesar de sob a autoridade da Coroa Britânica, tinha o seu próprio parlamento, sendo assim um símbolo de autonomia política (Home Rule).

*seu livro Hagadah.* – “*hagadah*”: hebraico, “conto”; o livro é lido no primeiro dia do ritual da Páscoa judaica e conta a história do êxodo dos filhos de Israel.

*Pessach.* – a Páscoa judaica.

*O ano que vem em Jerusalém.* – conclusão tradicional do ritual da primeira noite da Páscoa judaica.

*que nos tirou... casa da servidão alleluia.* – versão equivocada ou irônica de Bloom da frase sempre repetida do Antigo Testamento: “... dia em que saíste do Egito, da casa da servidão” (Ex 13, 14).

*Shema Israel Adonai Elobenu* – hebraico: “Ouve, ó Israel, Iahweh nosso Deus” (Dt 6, 4); começo da oração hebraica mais conhecida, a “Shema”.

*E então a ovelha... açougueiro... gato.* – canção em aramaico, “Chad Gadya” (“Um Cabrito”), cantada no final da Páscoa judaica.

*Erin... mar prateado* – nome arcaico/poético da Irlanda.

*O fantasma anda...* – gíria teatral: “os salários vão ser pagos”; alusão à peça *Hamlet*.

*E Xenofonte olhou para... para o mar.* – de George Gordon, lorde Byron (1788-1824), “As Ilhas da Grécia”, em *Dom Juan*.

*Um fragmento de Cícero* – Cícero (106-43 a.C.), maior orador romano e estadista, conhecido por sua retórica moderada.

*Colhendo o turbilhão.* – Os 8, 7: “Porque semeiam vento, colherão tempestade!”

*para o Express* – *Daily Express*, jornal conservador e basicamente pró-união com a Inglaterra.

*com Gabriel Conroy.* – protagonista do conto de Joyce “Os Mortos”.

*começou no Independent.* – *Irish Daily Independent*, jornal fundado por Parnell, só foi publicado depois da morte dele e se tornou propriedade de seus adversários.

*A lua, disse o professor... de Hamlet.* – tendo louvado os encantos da Irlanda ao anoitecer ele esqueceu de louvar também a alvorada irlandesa como Horácio faz em *Hamlet*.

*Ó Harpa Eólica* – instrumento de cordas “tocado” pelo vento cujo nome vem de éolo do grego *aiólos*: vento; a harpa, instrumento dos poetas celtas, é também o emblema da Irlanda.

*caso de fraude do Canadá?* – caso que na época estava sendo julgado de um homem acusado de enganar as pessoas prometendo passagens para o Canadá por uma quantia irrisória.

*Nós somos os garotos de Wexford* – da balada de R. Dwyer Joyce (1830-83) sobre a Rebelião de 1798.

*Parta!... está à sua frente.* – frase quase proverbial encontrada no final do *Paraíso Perdido* de Milton quando Adão e Eva saem do Paraíso: “O mundo estava todo diante deles”; e Byron em sua “Epístola para Augusta” declara: “O mundo está todo diante de mim.”

*sua obsessão cloacal.* – a frase foi usada por H. G. Wells (1866-1946) em sua crítica a *Um Retrato do Artista* de Joyce: “Assim como Swift e um outro escritor irlandês vivo, o Sr. Joyce tem uma obsessão cloacal. Gostaria de trazer de volta para a vida em geral aspectos que os esgotos modernos e o decoro moderno afastaram dos relacionamentos e conversas habituais.”

*E Pôncio Pilatos é seu profeta* – da afirmação tradicional muçulmana “Deus é um só e Maomé é seu profeta”; a lei romana de Pôncio Pilatos condenou Jesus.

*Na nau ligeira... minha boca* – poema de Stephen escrito em Proteu, adaptação livre de um poema de Douglas Hyde.

*Um irlandês salvou... na Irlanda.* – acredita-se que Maximilian Karl Lamoral Graf O’ Donnell von Tirconnel, filho de um irlandês, tenha salvado a vida do imperador Francis Joseph (18 de fevereiro de 1853) que estava sendo atacado por um alfaiate húngaro.

*Kyrie Eleison!* – grego: “Senhor tende piedade”; ladainha cantada na missa. “Kyrios”: grego, “Senhor”.

*se arruinou em Trafalgar* – Trafalgar foi uma batalha decisiva nas guerras napoleônicas; a esquadra inglesa, sob o comando do almirante Nelson, derrotou as esquadras da França e da Espanha que lutavam juntas. Nelson foi mortalmente ferido.

*frotas atenienses em Egospotamos.* – batalha decisiva na Guerra do Peloponeso quando os espartanos derrotaram os atenienses.

*De luto por Saluste* – Gaius Sallustius Crispus (86-35 a.C.), partidário de César, como homem público era corrupto, depois de aposentado tornou-se um historiador de renome.

*membros de uma comuna.* – membros esquerdistas da Comuna de Paris que depois da guerra franco-prussiana (1870-1)

assumiu o controle do governo da cidade por três meses.

*no vice-rei da Finlândia?... Bobrikoff.* – no dia 16 de junho de 1904 o despótico Nikolai Ivanovitch Bobrikoff, governador-geral da Finlândia, foi assassinado por Eugen Schaumann.

*Omnium Agrupamentum* – latim de mentirinha: “coleção diversificada”.

*No léxico da juventude* – da peça *Richelieu, ou a Conspiração* de Edward-Bulwer Lytton (1803-73).

*Vejo isso no seu rosto... preguiçoso.* – Stephen lembra-se do castigo injusto que sofreu nas mãos do padre Dolan em Clongowes (*Retrato do Artista*).

*Grande assembléia... Borris-in-Ossory.* – nesse local, em 1843, O’Connell organizou um de seus “comícios gigantes” para repelir o Decreto de União (Act of Union); os nacionalistas estavam pensando em repetir o feito em 1904.

*Tim Kelly... conduziu o carro.* – todos os três Invencíveis, Brady, Kelly, Kavanagh, e mais Pele-de-Cabra (James Fitzharris) estavam envolvidos nos assassinatos do parque Phoenix.

*A Velha Senhora de Prince Street...* – apelido do *Freeman’s Journal*.

*Lady Dudley estava caminhando* – mulher de William Ward, 2º conde Dudley (1866-1932), magistrado-chefe da Irlanda.

*como Whiteside... eloqüente.* – todos os três advogados e oradores irlandeses e defensores da independência política da Irlanda (Home Rule).

*la tua pace... tace.* – italiano: “tua paz”, “tens prazer em falar”, “enquanto o vento, como agora, se cala”; do “Inferno” de Dante.

*Ele as viu... centre ventre.* – todas frases de Dante; italiano: *per l’aer perso*: “através do ar escuro” (“Inferno”), *quella pacifica orifiamma*: “essa pacífica oriflama” (“Paraíso”), *di rimirar fê più ardenti*: “mais ardentes de remirar” (“Paraíso”). Os “homens velhos penitentes” de Stephen são como os que aparecem no “Purgatório”.

*Por que não trazer... Burke?* – Henry Flood (1732-91): estadista e orador irlandês; Demóstenes (c. 384-322 a.C.): reconhecidamente o maior orador ateniense e líder político oposicionista como Flood; Edmund Burke (1729-97): membro anglo-irlandês do Parlamento britânico, advogado, orador, filósofo político, defendia a emancipação dos irlandeses, dos católicos, dos americanos e dos indianos, opunha-se ao comércio de escravos e aos excessos “ateus” da Revolução Francesa.

*de Chapelizod, Harmsworth... imprensa marrom* – Alfred C. Harmsworth (1865-1922), editor inglês nascido em Chapelizod, fundou o *Daily Mail* de Londres; “seu primo americano”: Joseph Pulitzer (1847-1911), amigo de Harmsworth e dono do *New York World*.

*Paddy Kelly’s... Eagle.* – jornais irlandeses.

*Voluntários irlandeses.* – força de defesa nacional formada em 1778 quando as tropas inglesas deixaram a Irlanda para lutar na América, contribuiu em 1782 para o estabelecimento do Parlamento irlandês, o qual foi dissolvido 18 anos mais tarde pelo Decreto de União.

*Fundado em 1763. Dr. Lucas.* – Charles Lucas (1713-1817), médico irlandês, escrevia para o *Freeman’s Journal*; segundo Grattan ele criou as bases da liberdade irlandesa.

*Quem... John Philpot Curran?* – John Philpot Curran (1750-1817), advogado, orador e membro do Parlamento, contrário à União, defendeu vários irlandeses unidos.

*E no pavilhão... derramou.* – o Fantasma em *Hamlet* narra como Cláudio o assassinou enquanto ele dormia derramando veneno em seu ouvido.

*Ou a outra... costas?* – expressão tirada da peça *Otelo* significando cometer adultério, neste caso relacionada à rainha Gertrudes (*Hamlet*).

*Itália, Magistra Artium* – latim: “Itália, Mestre das Artes”.

*a lex talionis* – latim: “lei do mesmo”; lei de talião: “olho por olho, dente por dente” (Ex 21, 24).

*aquela efígie... divina* – assim o filósofo alemão Frederick von Schelling (1775-1854) define a arquitetura: “música no espaço, como se fosse música congelada”.

*deOsse grupo hermético... A. E. ... que iniciou isso.* – Helena Petrovna Blavatsky (1831-91), viajante russa, fundou a

Sociedade Teosófica em 1875; publicou *Isis Unveiled (Ísis Revelada)*; era freqüentemente investigada por charlatanismo; W. B. Yeats foi o seu “seguidor” mais famoso, apesar de A. E. (pseudônimo de George William Russell) ter sido talvez o mais ardente.

*discurso pronunciado por John F. Taylor* – advogado, orador e jornalista irlandês, Taylor fez um discurso (em 24 de outubro de 1901) na língua irlandesa.

*O juiz Sr. Fitzgibbon* – Gerald Fitzgibbon (1837-1909); juiz da Corte de Apelação, contrário à independência política da Irlanda, conservador, e comissário de educação acusado de tentar anglicizar a Irlanda.

*E que possam... tortuosas.* – “... subir às suas narinas / De nossos altares abençoados” (*Cimbelina*, de Shakespeare).

*Foi-me revelado... corrompidas.* – das *Confissões* de Sto. Agostinho.

*Ísis e Osiris... Ra.* – divindades egípcias: Ísis e Osiris respectivamente os princípios feminino e masculino (irmã e irmão, mulher e marido); Hórus: filho de Ísis e Osiris, deus da luz; Ammon Ra: deus do sol, divindade suprema.

*Exércitos... Mullaghmast e Tara.* – os “exércitos” que participaram dos dois mais bem-sucedidos “comícios-monstro” de Daniel O’Connell para repelir o Decreto de União.

*Inscrições acasianas de tudo...* – termo teosófico: Akasa é a eterna memória da Natureza.

*Fuit Ilium!* – latim: “Tróia acabou!” (Virgílio, *Eneida*).

*Duas vestais de Dublin...* – as vestais eram virgens sacerdotisas de Vesta, a deusa romana do lar.

*Que haja vida.* – de “Haja luz.” (Gn 1, 3).

*Virgens sábias...* – de uma parábola de Jesus (Mt 25, 1-13).

*da Congregação dos Passionistas.* – membro de uma ordem de padres católicos, fundada em 1737 por São João da Cruz (1697-1775).

*par* – parágrafo.

*Nulla bonna...* – latim: “Nenhuns haveres ou bens”: termo legal: nada que possa ser vendido para pagamento de dívidas.

*Adúltero maneta!* – o almirante Nelson que perdeu um braço na batalha de Santa Cruz e tinha um famoso caso com Lady Emma Hamilton, a mulher do embaixador britânico em Nápoles.

*Penélope Rich.* – infeliz em seu casamento com Robert, lorde Rich, Penélope Rich (c. 1562-1607) vivia abertamente com lorde Mountjoy, com quem se casou depois de se divorciar de Rich.

*Deus nobis haec otia fecit.* – latim: “Deus criou esta paz para nós” (Virgílio, *Éclogas*).

*Uma visão... monte Pisgah...* – a montanha do alto da qual Deus mostrou a Moisés a Terra Prometida à qual não lhe era permitida a entrada (Dt 34, 1-5); como de costume Stephen está usando palavras de outrem, desta vez de Thomas Fuller (1608-61) em sua geografia descritiva da Terra Santa.

## 8. OS LESTRÍGONES

Em *A Odisséia*, Odisseu conta que, depois de expulso pelo rei dos ventos, Éolo, aporta na ilha dos lestrígones, em cuja baía todos os navios ancoram, com exceção do seu. Um grupo pequeno de seus homens desembarca e é levado por uma jovem para a casa de seu pai, Antífates, rei dos lestrígones. Este é um gigante e um canibal, que logo devora um do grupo enquanto os outros fogem. Irritado, ele, juntamente com seus homens, destrói os navios ancorados e mata a tripulação, só escapando

Odisseu, seus homens e seu barco.

Em *Ulisses*, é hora do almoço e há um cheiro de comida por toda parte por onde Bloom passa, em busca de um lugar para comer. Finalmente, levado pela fome, ele se dirige para o restaurante Burton, mas, ao entrar, o desejo de comer é substituído por uma sensação de repugnância. Um cheiro forte e desagradável lhe invade as narinas e a visão de pessoas comendo sôfrega e vorazmente lhe tira o apetite. Parecem canibais, o que o faz pensar nas vantagens do vegetarianismo, que não sacrifica animais. Sai então apressadamente, indo, por fim, fazer uma refeição ligeira – um sanduíche e vinho – no bar Davy Byrne.

*Bloo... do Cordeiro.* – Bloo de Bloom acaba formando Blood (sangue); “Sangue do Cordeiro” (“*Blood of the Lamb*”); identificação de Bloom, o escuro estrangeiro, com um Messias muito diferente, e alusão ao hino evangélico *Washed in the Blood of the Lamb* (*Lavado no Sangue do Cordeiro*) de E. A. Hoffmann.

*Elias está chegando.* – na tradição judaica a segunda vinda de Elias precede a vinda do Messias; em Malaquias 4, 5: “Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível.”

*Dr. John Alexander Dowie* – o evangelista John Alexander Dowie (1847-1907), cidadão americano natural da Escócia, fundou sua própria igreja (e cidade, Zion City, Illinois); declarando ser Elias o Restaurador (Elijah the Restorer), tentou converter a cidade de Nova York e promoveu uma campanha evangélica pelo mundo; foi finalmente expulso pelos seus seguidores por abusos cometidos.

*foi Torry e Alexander.* – americanos que pregavam um renascimento religioso e que estiveram na Grã-Bretanha entre 1903 e 1905.

*Crescei e multiplicai* – ordem recebida por Adão e Eva no Paraíso (Gn 1, 28)

*o jejum atroz de Yom Kippur* – Yom Kippur: o Dia do Perdão, o mais sagrado do calendário religioso judaico e, segundo a lei mosaica, o único jejum; dia de penitência.

*trinta e dois pés* – dez metros aproximadamente.

*cinquenta jardas* – 45 metros aproximadamente.

*Hamlet, eu sou... terra* – da peça *Hamlet* de Shakespeare; Bloom substitui a palavra “termo” por “tempo” e erra quando faz o Fantasma chamar Hamlet pelo nome.

*Cisnes de Anna Liffey* – o rio Liffey que atravessa o centro de Dublin; “Anna” do gaélico *ahba*: “rio”; em *Finnegan’s Wake* Joyce o transforma em Anna Livia Plurabelle.

*Robinson Crusó teve que* – pura invenção de Joyce.

*A bola-do-tempo... Dunsink.* – o relógio era o Big Ben de Dublin; a “bola-do-tempo” (uma bola grande) caía em uma hora específica todos os dias; a hora era a “hora de Dunsink”, hora no Observatório da Irlanda (Royal Observatory of Ireland).

*livrinho de sir Robert Ball.* – Sir Robert Ball (1840-1913), astrônomo diretor do observatório de Cambridge, autor de *The Story of the Heavens* (*A História dos Céus*).

*Paralaxe. Eu nunca* – a aparente diferença na posição ou direção de um objeto causada por mudança na posição do observador.

*As mulheres também. Curiosidade. Estátua de sal.* – Ló e sua família foram salvos da destruição de Sodoma com a condição de não olharem para trás quando deixassem a cidade; a mulher de Ló olhou e foi transformada em uma estátua de sal (Gn 19, 16).

*uma freira... arame farpado.* – três americanos, Smith, Hunt e Keely inventaram o arame farpado em 1867-8.

*Dr. Horne a internou lá.* – Andrew J. Horne da Maternidade (National Maternity Hospital).

*Ele passou pelo Irish Times.* – jornal dublinense, sólido, conservador, de modo geral protestante anglo-irlandês e em oposição à Home Rule.

*Raposa incomível.* – em *Uma Mulher sem Importância* de Oscar Wilde, lorde Illingworth comenta: “O proprietário rural inglês galopando atrás de uma raposa.”

*Câmara do Parlamento Irlandês* – o edifício em questão fora sede do Parlamento irlandês (dissolvido pelo Decreto de União em 1800), mas em 1904 era o Banco da Irlanda.

*de Tommy Moore... encontro das águas* – Thomas Moore (1779-1852), poeta irlandês, morava na Inglaterra e publicou, além dos poemas *Irish Melodies (Melodias Irlandesas)*, *Captain Rock (Capitão Rock)*, obra que demonstrava sua percepção dos problemas enfrentados pelos católicos em zonas rurais; freqüentemente chamado de “poeta nacional” da Irlanda; seu poema “The Meeting of the Waters” (“O Encontro das Águas”) celebra as belezas do vale de Avoca.

*no dia em que Joe Chamberlain se formou* – Joseph Chamberlain (1836-1914), industrial e político, membro do Parlamento pelo Partido Liberal, deixou o partido por causa do apoio de Gladstone à Home Rule, criou os Unionistas Liberais (Liberal Unionists), como secretário das Colônias foi um defensor agressivo da política imperialista britânica: contra a Home Rule; muitas vezes responsabilizado pela Guerra dos Bôeres na África do Sul. Os nacionalistas irlandeses eram pró-bôer e, quando Chamberlain foi a Dublin receber um título honorífico de Trinity College, organizaram uma grande manifestação durante a qual a polícia entrou em choque com os manifestantes.

*Três vivas para De Wet!* – Christian R. De Wet (1854-1922), importante comandante bôer.

*Pra força com... azeda!* – versão adaptada de uma canção da Guerra Civil americana, “O Corpo de John Brown”: “Vamos enforcar Jeff Davis numa macieira azeda!” (Davis era o presidente da Confederação dos estados do sul).

*A idéia... melhor.* – James Stephen foi quem organizou a Irmandade Republicana Irlandesa.

*seus próprios narizes. Garibaldi.* – Giuseppe Garibaldi (1807-82), patriota e líder militar italiano, uma vez entrou em Nápoles, então guardada por tropas hostis, com apenas dois companheiros.

*Grandes pedras... redondas.* – os restos da antiga Irlanda: as pedras e as torres redondas dos mosteiros pré-normandos dos séculos IX a XII.

*Casas de cogumelo de Kerwan* – casas de baixo custo construídas por Michael Kerwan.

*John Howard Parnell* – John Howard Parnell (1843-1923), irmão de Charles Stewart Parnell, membro do Parlamento e, em 1904, encarregado da segurança em Dublin.

*A louca Fanny... Sra. Dickinson* – irmã de Charles Stewart Parnell, Fanny era de todos os irmãos a nacionalista mais romântica; a Sra. Dickinson era outra irmã.

*O banquete... no parque.* – os nacionalistas comiam laranjas em assembléias patrióticas para provocar os Orangemen (membros da Orange Order, criada por protestantes para defender o protestantismo e manter sua ascendência na Irlanda).

*A. E.: o que isso quer dizer?* – as duas letras, pseudônimo de George Russell, foram escolhidas por serem as primeiras da palavra “aeon” (“éon”).

*apresentação para o professor Joly* – Charles Jasper Joly (1864-1906), Astronomer Royal da Irlanda, professor de astronomia em Trinity e diretor do observatório Dunsink.

*Gás:... rochedo congelado* – segundo o astrônomo francês Pierre Simon, marquês de Laplace (1749-1827), o movimento da matéria é em direção a um perpétuo esfriamento.

*O negócio de Dion Boucicaut* – Dion Boucicaut (1822-90), dramaturgo e ator irlandês-americano.

*A harpa... fome.* – paródia em forma de trocadilho do título de uma das *Irish Melodies (Melodias Irlandesas)* de Thomas Moore.

*Lacaus esant... Meyerbeer.* – italiano: “A causa é sagrada” (“*La causa è santa*”); alusão à ópera *Os Huguenotes* de Giacomo Meyerbeer (1791-1864).

*Cormac aquele último... no entanto.* – Bloom lembra-se do poema de sir Samuel Ferguson (1810-86) “The Burial of King Cormac” (“O Enterro do Rei Cormac”), segundo o qual Cormac morre engasgado com a comida; Cormac (c. 254-c. 277), conhecido como fundador da nação irlandesa, que fez de Tara a antiga residência dos reis irlandeses, não foi o último rei pagão apesar do que diz a lenda.

*Nasceu... na boca.* – versão de Bloom do provérbio “Nasceu com uma colher de prata na boca” (“*Born with a silver spoon in his mouth*”), ou “Nasceu em berço de ouro”.

*Kosher.* – de acordo com a lei judaica.

*em que Myler Keogh... Portobello* – Joyce alterou os detalhes desse acontecimento mencionado várias vezes, trocando o verdadeiro oponente de Keogh, o irlandês Garry, por Percy Bennett, um sargento inglês.

*Foi o arquiduque... Habsburgos?* – Leopold von Bayern (1821-1912), príncipe regente da Baviera, é confundido com Otto I (1848-1916), rei da Baviera que não era um Habsburgo.

*como Pigmalião e Galatéia* – mito grego de Pigmalião, o rei de Chipre que se apaixona pela estátua de marfim de uma mulher a qual, graças a Afrodite, ganha vida.

*alimento, quilo... alimento* – eco de seqüência encontrada em *Causa, Princípio e Unidade* de Giordano Bruno.

*Alguma coisa verde... você poderia.* – Bloom se imagina seguindo o percurso da comida dentro do corpo usando raios Röntgen (raios X).

*Don Giovanni... esta noite* – da ópera *Don Giovanni* de Mozart.

*Todas aquelas... Holocausto.* – um navio americano, alugado para uma excursão de escola dominical luterana, pegou fogo matando mais de mil pessoas no estreito de Long Island, Nova York.

*Solene como Troy.* – o reverendíssimo John Thomas Troy, antinacionalista arcebispo católico de Dublin, que emitiu uma “condenação solene” contra a rebelião de 1798.

*O Messiah... isso.* – o *Messiah* de Handel foi apresentado pela primeira vez em 1742 em Dublin, em benefício do hospital Mercer.

## 9. CILA E CARIBDE

Em *A Odisséia*, ao sair da ilha de Circe, Odisseu deverá escolher entre dois rumos a seguir: ou as rochas ondulantes ou o estreito que tem de um lado Cila e do outro Caribde. Ele opta pelo estreito, orientado por Circe, e escolhe ficar mais próximo da margem de Cila, o monstro de seis cabeças e 12 pés, do que da margem de Caribde, o redemoinho escuro que traga as embarcações que o desafiam. Apesar de perder alguns homens, destruídos por Cila, ele consegue atravessar o estreito, vencendo assim o temível obstáculo.

Em *Ulisses*, Cila e Caribde são metáforas. Os dois perigos são mais oratórios do que físicos. Um encontro de intelectuais da elite irlandesa, na Biblioteca Nacional, representa de uma certa forma uma ameaça para Stephen Dedalus. Como Odisseu é ele que, com sua inteligência e perspicácia, ao expor sua teoria sobre Shakespeare, consegue passar incólume pelos diversos Cilas que aguardam uma oportunidade para se apoderar de suas afirmações, a fim de destruí-las, embora não o consigam.

*Com urbanidade, o bibliotecário quaker* – Thomas William Lyster (1855-1922), bibliotecário da Biblioteca Nacional da Irlanda, tradutor, editor e adepto da seita religiosa *quaker* da Sociedade de Amigos (Society of Friends).

*inestimáveis de Wilhelm Meister.* – personagem de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) em *O Aprendizado de Wilhelm Meister*; Wilhelm traduz, interpreta e atua na sua versão revisada de *Hamlet*.

*Uma alma... dúvidas conflitantes...* – a teoria de Wilhelm é que o caráter de Hamlet não está à altura de suas tarefas.

*perguntou John Eglinton* – pseudônimo de William Kirkpatrick Magee (1868-1961), ensaísta, assistente de bibliotecário na Biblioteca Nacional; demitiu-se em protesto contra a criação do Estado Livre Irlandês (Irish Free State), nome da Irlanda do Sul após a divisão da Irlanda.

*As Tristezas de Satã.* – romance de Marie Corelli, pseudônimo de Mary McKay (1855-1924).

*Primeiro ele... alegre medi* – parte de um poema nunca publicado de Oliver St. John Gogarty.

*Os sete... chama W. B.* – W. B. Yeats se refere aos planetas (aos sete conhecidos em 1895) como “*the shining seven*” (“os



sete cintilantes”).

*um ollav... santidade.* – um mestre de artes irlandês pré-cristão, neste caso uma referência a A. E. (George Russell).

*um riso de bolsista de Trinity...* – os bolsistas em Trinity College trabalhavam como criados e usavam um chapéu vermelho que os distinguia dos outros alunos.

*Satã orquestral... trombeta* – três linhas disparatadas tiradas de Milton em *O Paraíso Perdido* e de Dante em “Inferno”.

*Kathleen... campos verdes* – personagem da peça de Yeats *Cathleen ni Houlihan*; os quatro campos verdes são as províncias da Irlanda pré-normanda: Ulster, Connacht, Munster e Leinster.

*E mais... ave rabbi* – e mais um para fazer o papel de Judas: latim vulgar: “*ave, rabbi*” (“Salve, Mestre”), saudação de Judas a Jesus identificando-o para os soldados (Mt 26, 49).

*eu o admire... velho Ben.* – palavras de Ben Johnson sobre Shakespeare: “pois eu amava o homem e honro sua memória (quase com idolatria)”.

*se Hamlet é... Essex.* – respostas à eterna pergunta: “Quem serviu de modelo para Hamlet?”

*Hiesos Kristos* – grego: Jesus Cristo.

*o Logos que sofre* – “logos”: grego: a palavra.

*Eu sou o fogo... sacrifício.* – paródia da Bhagavat-Ghita.

*Dunlop, Judge... adeptos.* – Daniel Nicol Dunlop, editor do *Irish Theosophist*; William Q. Judge (1851-96), co-fundador com madame Blavatsky da Sociedade Teosófica; o mais nobre romano: Brutus segundo Marco Antônio em *Júlio César* de Shakespeare; Arval: conselho administrativo da Sociedade Teosófica; o Nome Inefável: um dos dois mestres de Blavatsky que falavam com ela em mensagens espirituais.

*Irmãos da grande loja branca* – a Sociedade Teosófica Ariana de Nova York que Judge dirigia.

*A Sra. Cooper... H. P. B.* – Isabel Cooper-Oakley, rica mulher de negócios de Londres e amiga íntima de madame Blavatsky; H. P. B.: Helena Petrovna Blavatsky.

*Pfuiteufel!* – alemão: “*pfui*”: “que horror/que vergonha”; “*teufel*”: “demônio”.

*O Sr. Best entrou* – Richard Irvine Best (1872-1959), diretor da Biblioteca Nacional.

*Eles adoram os éons...* – “eles” são os teosofistas; “éons”: brincadeira com o pseudônimo de Russell.

*Através de espaços... uma sombra.* – mistura de *Milton* de Blake e o “Inferno” de Dante.

*o livro de Jubainville.* – *Le Cycle mythologique irlandais (O Ciclo Mitológico Irlandês)*, livro de Marie Henri d’Arbois de Jubainville, traduzido por Best.

*o ovo áurico* – termo teosófico usado para o “Pensador” quando está mais “em sintonia”.

*corrupção em Mallarmé* – Stéphane Mallarmé (1842-98), poeta francês, esteta, simbolista, “decadente”.

*a vida dos feácios de Homero.* – *A Odisséia*: os feácios tinham uma vida de paz, prosperidade e beleza.

*Stephen MacKenna costumava ler* – Stephen MacKenna (1872-1914), jornalista, lingüista e filósofo irlandês.

*Hamlet ou... Shakespeare* – francês: “Hamlet ou O Distraído Peça de Shakespeare”; citação de Mallarmé em “Hamlet et Fortinbras” (“Hamlet e Fortinbras”).

*O mendigo distraído* – poema de Rudyard Kipling (1865-1936) musicado por Arthur Sullivan para angariar fundos em benefício dos soldados britânicos na Guerra dos Bôeres.

*Exagero... de assassinato.* – “Hamlet e Fortinbras” de Mallarmé.

*Um carrasco... Greene* – na verdade o dramaturgo Robert Greene (c. 1558-92) chama a luxúria (não Shakespeare) de carrasco da alma.

*Nove vidas... seu pai.* – na realidade são oito as vidas sacrificadas pela do pai em *Hamlet*.

*campo de concentração... Swinburne.* – no soneto pela morte do coronel Benson, Swinburne acusa os bôeres das mortes na guerra e se recusa a admitir a existência de campos de concentração ingleses onde civis bôeres, inclusive mulheres e crianças,

eram mantidos prisioneiros em condições desumanas.

*Cranly... as batalhas.* – Stephen se vê seguindo a linha de argumentos de seu amigo Cranly em *Retrato do Artista*.

*Mulheres... nós poupamos* – do mesmo soneto de Swinburne mencionado anteriormente.

*Como o rapaz gordo em Pickwick* – em *The Pickwick Papers (As Aventuras do Sr. Pickwick)* de Charles Dickens.

*Escuta!... Se tu jamais* – diz o Espectro a Hamlet.

*limbo patrum* – latim: gíria de Shakespeare para “prisão” (*Henrique VIII*), o limbo na teologia católica era para onde iam os justos mortos antes da vinda de Jesus à terra e os bebês não batizados.

*navegaram com Drake* – Sir Francis Drake (c. 1540-96), navegador, vice-almirante, deu volta ao mundo e ajudou a Inglaterra a derrotar a Armada Espanhola.

*Shakespeare saiu... dos cisnes.* – anacronismo, esta informação só foi divulgada em 1910 quando Charles Wallace publicou um artigo sobre a residência de Shakespeare em Silver Street.

*O cisne de Avon* – epitáfio de Ben Johnson para Shakespeare.

*Composição... de Loyola* – Sto. Inácio de Loyola usa o termo em seus *Exercícios Espirituais*.

*Villiers de l’Isle o disse.* – conde Jean Marie Mathais Philippe Auguste de Villiers de l’Isle Adam (1838-89), poeta e dramaturgo francês.

*Flua... MacLir* – do poema dramático Deirdre de George Russell.

*Ele é do outro lado... nordeste.* – Russell nasceu em County Armagh, Ulster, isto é, na Irlanda do Norte; o rio Boyne fica na fronteira entre a Irlanda do Norte e a do Sul.

*Eu que... e jejuei.* – Stephen lembra-se de sua infância como descrita em *Retrato do Artista*.

*Sócrates fez com Xantipa?* – Sócrates (469-399 a.C.), filósofo grego, professor de Platão; Xantipa, sua mulher.

*com sua mãe... ao mundo.* – a mãe de Sócrates era parteira.

*(absit nomen!)* – latim: “que o nome esteja ausente”; trocadilho com “*absit omen*” “que não haja mau agouro” (equivalente latino a bater na madeira para afastar má sorte).

*Epipsychidion de Socratididion* – “Epipsychidion”: título de um poema de P. B. Shelley; *Socratididion*: diminutivo de Sócrates.

*sermões de Caudle* – em *Curtain Lectures* de Douglas Jerrold (1803-57).

*dos arcontes de Sinn Fein* – os arcontes eram os legisladores atenienses que condenaram Sócrates à morte.

*Mesmo se o terremoto... azuis dela.* – trecho tirado de “Vênus e Adônis”, poema erótico de Shakespeare.

*É Katherine... jovem e bela.* – *A Megera Domada* de Shakespeare.

*suas mulheresapazinhas* – até que a primeira atriz inglesa aparecesse em um palco no ano de 1660, as personagens femininas eram interpretadas por rapazes.

*Ele foi escolhido* – segundo consta, a família de Anne Hathaway apressou o casamento porque ela estava grávida.

*A deusa de olhos cinzentos* – epíteto da deusa Atenas, mas em “Vênus e Adônis”, Vênus diz a Adônis: “Meus olhos são cinzentos.”

*moça atrevida de Stratford* – Anne Hathaway.

*Páris: o deleitado deleitador.* – mito grego segundo o qual Páris agrada Afrodite dando-lhe o prêmio de mais bela, e Afrodite agrada Páris dando-lhe o amor de Helena (resultado: a guerra de Tróia).

*na casa de Moore?* – George Moore (1852-1933), escritor irlandês, participou do renascimento da literatura irlandesa; companheiro e amigo de Yeats, Synge etc.

*Isis Desvendada.* – referência teosófica.

*livro deles em língua pali.* – pali é uma forma de sânscrito na qual, segundo Blavatsky, os mitos mais antigos foram escritos.

*um logos asteca* – para Blavatsky a verdade universal encontra-se nos mitos astecas, hindus, egípcios e babilônicos.

*Louis H. Victory, T. Caufield Irwin.* – figuras literárias irlandesas.

*As damas de Lótus* – asparas: sedutoras ninfas hindus.

*Golfador de almas, engolfador.* – o Deus teosófico.

*O jovem Colum... Roberts* – Padraic Colum (1881-1972) e James Sullivan Starkey, que mudou seu nome para Seamus O'Sullivan (1879-1958), eram figuras literárias; George Roberts era diretor de editora.

*extravagante no Express.* – *Daily Express*: jornal conservador pró-Grã-Bretanha.

*da senhorita Mitchell... e Martyn?* – Susan Mitchell (1866-1926): poeta, parodista, jornalista irlandesa; Edward Martyn (1859-1923): latifundiário rico e católico fervoroso, entre outras coisas presidente do Sinn Féin.

*Lembra-nos Dom Quixote e Sancho Pança.* – *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes.

*Dr. Sigerson diz* – Dr. George Sigerson (1838-1925), médico, poeta e tradutor irlandês.

*Um paladino de triste figura* – um dos epítetos de Dom Quixote.

*O'Neil Russell?* – Thomas O'Neil Russell (1828-1908), linguísta, ficcionista, defensor do renascimento céltico, viveu em exílio voluntário nos EUA.

*E sua Dulcinéia?* – a heroína idealizada de *Dom Quixote*.

*Cordélia. Cordoglio. A mais solitária... Lir* – Cordélia da peça *Rei Lear* de Shakespeare; “*cordoglio*”: italiano: “tristeza profunda”; “*Lir*”: gaélico: oceano; antigo deus dos mares, a filha de Lir, Fionnuala, é transformada em cisne pela madrasta.

*Synge também me prometeu* – John Millington Synge (1871-1909), poeta e dramaturgo irlandês convertido ao movimento do renascimento literário irlandês.

*artigo para Dana.* – *Dana*: uma revista dublinense; Dana era a mãe dos antigos deuses irlandeses.

*na ponta dos pés... de chapim* – tirado de *Hamlet*.

*Raposacrsto em calças... e gansos* – Stephen une Shakespeare e George Fox (“*fox*”: “raposa”), fundador no século XVII da Sociedade de Amigos (Society of Friends) dos *quakers*, perseguido por suas idéias, solteiro até os 45 anos, converteu muitos, inclusive prostitutas.

*E em New Place* – a casa de Shakespeare em Stratford.

*Outros toleram nossa pergunta.* – primeiro verso do soneto “Shakespeare” de Matthew Arnold.

*Ta an bad... shagart.* – gaélico: “O barco está em terra. Eu sou um sacerdote”, citação aproximada de *Simple Lessons in Irish (Lições Simples em Irlandês)*, cartilha em gaélico do reverendo Eugene O'Growney (1863-99).

*Um basilisco. E quando... Brunetto* – Brunetto Latini (c. 1210-c. 1295), escritor florentino que Dante admirava, discute em um de seus livros a natureza de basilisco, um fabuloso animal nascido de uma serpente do ovo de um galo; “*E quando vede l'uomo l'attosca*”: italiano: “E quando olha para um homem, envenena-o.”

*tecemos e destecemos... sua imagem.* – tirado de *The Renaissance (A Renascença)* de Walter Pater.

*...quando o espírito... desvanecente...* – tirado de *A Defence of Poetry (Uma Defesa da Poesia)* de P. B. Shelley.

*Assim no futuro... Drummond of Hawthornden* – Stephen se inspira em pensamento do poeta escocês William Drummond of Hawthornden (1585-1649).

*que Renan admirava* – Ernest Renan (1823-92), filósofo, historiador e ensaísta francês.

*colocada em seus braços, Marina.* – em Péricles, Marina, assim que nasce, no auge de uma tempestade, é colocada nos braços de Péricles, seu pai.

*Shakespeare... de Bacon.* – Sir Francis Bacon (1561-1626); referência à teoria de que as peças de Shakespeare na verdade foram escritas por Bacon; a teoria freqüentemente dependia da descoberta de um criptograma escondido nos textos de algumas das peças.

*A leste do sol...: Tir na n-og.* – gaélico: “Terra dos Jovens”.

*O Sr. Brandes a considera... final.* – George Morris Cohen Brandes (1842-1927), crítico literário dinamarquês.

*O que o Sr. Sidney... disse?* – Sidney Lee (1859-1926), editor do *Dicionário de Biografias Nacionais*, biógrafo da rainha Vitória e de Shakespeare.

*da tempestade, Miranda... perdida.* – Miranda: filha de Próspero em *A Tempestade*; Perdita: filha de Leonte em *Conto de Inverno*.

*Minha amada... moça.* – da peça *Péricles* de Shakespeare.

*o Sr. George Bernard Shaw.* – romancista, crítico, dramaturgo nascido em Dublin em 1856, George Bernard Shaw afirma em um de seus trabalhos sobre Shakespeare que cada um pinta o bardo segundo sua própria imagem.

*Cuidado... meia-idade.* – da autobiografia de Goethe.

*que é uma buonaroba* – italiano literário “coisa boa”; em gíria elisabetana, meretriz, como em *Henrique IV* de Shakespeare.

*Primeiramente ele foi dominado... salvá-lo.* – Frank Harris afirma que Shakespeare detestava Anne e procurava compensar o seu casamento fracassado com vários casos amorosos.

*A presa... jaz sangrando.* – alusões múltiplas inclusive à *Odisséia* de Homero e a “Vênus e Adônis” de Shakespeare.

*Eles escutam... eu derramo.* – alusão às palavras do Espectro em *Hamlet*.

*dos globos de marfim de Lucrecia* – de *O Rapto de Lucrecia* de Shakespeare.

*seio de Imogene... manchas.* – de *Cymbeline*.

*Tu... meu inimigo.* – palavras de Acab a Elias (I Reis 21, 20).

*Ninhada... Johann Most.* – Photius, patriarca separatista de Constantinopla; Malachi: hebraico: “o mensageiro do Senhor”; Johann Most, anarquista, encadernador, panfletista, editor alemão, publicou *Abaixo os Anarquistas!*

*Aquele Que... já estarão mortos.* – paródia do Credo publicada por Johann Most.

*Glo-ri-a... De-o* – “Glória a Deus nas alturas” (Lc 2, 14).

*O camarada... como Synge.* – Mulligan está caçoando da declaração de Yeats de que Synge escrevia como Ésquilo.

*Vining afirmou... mulher.* – Edward Payson Vining (1847-1920).

*Ninguém pensou... algumas pistas.* – Dunbar Plunket Barton (1853-1937), juiz da Suprema Corte da Irlanda.

*cinco faculdades mentais* – bom senso, imaginação, fantasia, discernimento e memória (*Romeu e Julieta*).

*pela altiva... ele se adorna.* – de um soneto de Shakespeare.

*O sentimentalista... ato praticado.* – George Meredith (1828-1909) em *The Ordeal of Richard Feverel (As Provações de Richard Feverel)*.

*Rosto duro... Saint André des Arts* – lembrança que o próprio Joyce tinha de seu primeiro encontro com Synge.

*Oisin com Patrício.* – lenda do encontro entre Oisín (gaélico: “fauno”), poeta-herói mítico, e São Patrício.

*C'est vendredi saint.* – francês: “É sexta-feira santa.”

*Eu encontrei um tolo na floresta.* – Jacques falando de Touchstone em *Como Gostais* de Shakespeare.

*Como é o nome dele? Ikey Moses?* – Ikey Moses: o retrato “cômico” de um “tipo” de judeu que tenta insinuar-se na classe média cristã aparecia em *Half-Holiday*, um semanário ilustrado londrino evidentemente anti-semita.

*Vida de vida, teus lábios inflamam* – de P. B. Shelley em *Prometeus Unbound (Prometeu Libertado)*.

*Venus Calipigia* – estátua encontrada no Domus Áureo (Casa Dourada) de Nero, atualmente no Museo Nazionale, Nápoles.

*O deus perseguindo a virgem escondida.* – de Swinburne (*Atalanta in Calydon*).

*como uma Griselda paciente* – arquétipo de esposa obediente e mansa; do personagem em *Decamerom* de Bocage e nos *Contos de Canterbury* de Chaucer.

*Antístenes... à pobre Penélope.* – para Antístenes, Górgias e Penélope, ver cap. 7; “Kyrios Menelaus”: Senhor Menelau, marido de Helena que foi a Tróia para reavê-la.

*Vinte anos ele viveu... da Irlanda.* – referente a Shakespeare.

*Sir Walter Raleigh, ao ser preso* – sir Walter Raleigh (1554-1618), explorador e poeta, foi preso em 1603 por traição quando James I subiu ao trono.

*A agiota Eliza Tudor* – Eliza Tudor: rainha Elizabeth I; durante seu reinado instituiu-se um sistema pelo qual terras irlandesas confiscadas tornavam-se propriedade de ingleses e eram cultivadas por trabalhadores irlandeses.

*a história de Manningham... antes de Ricardo III.* – acontecimento da época narrado no diário de John Manningham.

*Cours-la-Reine... Tu veux?* – francês: Cours-la-Reine: rua de Paris; o resto: “Mais vinte sous. A gente pode fazer umas coisinhas indecentes. Puta? Você quer?”

*Sir William Davenant... Oxford* – sir William Davenant (1606-68), poeta e dramaturgo, cujos pais tinham um *pub* em Oxford; segundo uma história não fundamentada, Shakespeare seria o pai biológico de William.

*Abençoada... Qualquercanário!* – de Margaret Mary Alacoque, ver cap. 6.

*E a filha... seis mulheres.* – a filha de Henrique VIII, Elizabeth I.

*E as outras... Lawn Tennyson* – Lawn Tennyson: lorde Alfred Tennyson.

*No roseiral... ruivoacinzentado.* – John Gerard: jardineiro, botânico, era conhecido de Shakespeare.

*Uma campânula... veias dela.* – de *Cymbeline*.

*Pálpebras... violetas.* – de *Conto de Inverno*.

*ventres não cultivados* – úteros virgens, de um soneto de Shakespeare.

*na quinta cena de Hamlet* – a cena em que o Espectro se dirige a Hamlet.

*não há menção* – a referência é a Anne Hathaway.

*Mary, seu bomhomem John... Elizabeth* – parentes de Shakespeare.

*casou... matado o primeiro.* – o vovô é Shakespeare e as palavras são de Hamlet.

*também o cantodecisne... à posteridade.* – a seu testamento, no qual não inclui Anne, Shakespeare junta uma cláusula deixando-lhe sua segunda melhor cama.

*Separatio a mensa et a thalamo* – latim: “Separação de mesa e quarto de dormir.”

*A antiguidade menciona... em sua quinta.* – trata-se de Aristóteles; Nell Gwynn foi amante de Carlos II; o rei moribundo pediu que não a deixassem passar fome.

*Um quarto de cerveja... rei.* – de *Conto de Inverno*.

*dirigir-se a: E. Dowden* – Edward Dowden (1843-1913), professor e orador inglês, Trinity College, Dublin.

*Tudo que podemos... naquela época.* – linguagem tipicamente evasiva de Dowden com relação às conotações homossexuais dos *Sonetos*.

*O doutor pode nos dizer* – talvez referência a Sigmund Freud (1856-1939).

*Ele tirou Shylock... cesta do janota.* – neste parágrafo Stephen desenha seu retrato de Shakespeare; Shylock: o agiota judeu em *O Mercador de Veneza*.

*Seus quadros vivos... de entusiasmo à Mafeking.* – Mafeking: cidade da África do Sul, vitória britânica durante a Guerra dos Bôeres, tornou-se expressão para designar comemorações extravagantes e ruidosas, especialmente as de caráter nacional.

*Os jesuítas... sobre ambigüidade.* – depois da tentativa católica de explodir as Casas do Parlamento (Gunpowder Plot) em novembro de 1605, um jesuíta apresentou sua teoria (“*theory of equivocation*”) segundo a qual ele podia mentir sob juramento se o fizesse para a maior glória de Deus.

*a peça que Renan... primo americano.* – a peça: *A Tempestade*; “Patsy”: personagem irlandês no palco; “Caliban”: o semi-

humano dono da ilha antes da chegada de Próspero (*A Tempestade*); “nosso primo americano”: peça de Tom Taylor (1817-80).  
*Os sonetos... aos de Sidney*. – alguns acreditam que os sonetos de sir Philip Sidney influenciaram Shakespeare; a expressão “sonetos açucarados” é de Francis Mere em 1598.

*Quanto à fada Elizabeth... de Windsor* – “fada Elizabeth”, “Bess ruiva”, “virgem vulgar”: Elizabeth I.

*Mingo... mingere*. – latim: do verbo “mingere”: “urinar”.

*Sufflaminandus sum*. – latim: “Eu devia ter minha velocidade reduzida”; dos comentários de Ben Johnson sobre Shakespeare.

*Amplius... amicitia inter multos*. – latim: “Além disso, na sociedade humana a amizade entre os muitos é uma necessidade vital.”

*Ora pro nobis*. – latim: “Orai por nós.”

*Pogue mahone. Acuschla machree!* – gaélico: “*Póg mo thón. A chúisle mo chroidhe*”; “Lamba o meu cu. Ó pulso do meu coração!”

*da nova escola vienense* – a psicanálise fundada por Sigmund Freud.

*o velho Papainguém nos dirá* – o deus antropomórfico, irado e ciumento que aparece em algumas obras de William Blake.

*vizinho senhor sorriso* – *Conto de Inverno*.

*Requiescat! orou Stephen*. – latim: da oração para os mortos: “*Requiescat in pace*”: “Descanse em paz.”

*Onde está... muito tempo* – começo de um poema de A. E. (George Russell) a Shakespeare.

*inquit Eglintonus Chronologos*. – latim: “citou Eglintonus o Cronologista”.

*Falstaff não era um homem de família* – Falstaff: personagem de Shakespeare (*Henrique IV* e *Henrique V*).

*repudia teus parentes* – de *Romeu e Julieta*.

*Dê-me o meu Wordsworth*. – Eglinton em seus ensaios louva Wordsworth.

*Ele escreveu a peça... do pai*. – segundo alguns Shakespeare escreveu *Hamlet* em 1601, ano em que seu pai, John, morreu.

*nel mezzo del cammin di nostra vita* – italiano: “no meio do caminho da nossa vida”, primeira linha do “Inferno” de Dante.

*é o graduando imberbe de Wittenberg* – Hamlet é universitário em “Wittenberg”.

*De hora... e apodrece*. – de *Como Gostais*.

*Amor matris... objetivo* – latim: “amor de mãe”; significado ambíguo ou “amor de mãe pelo filho” (genitivo subjetivo) ou “amor do filho pela mãe” (genitivo objetivo).

*Amplius. Adhuc. Iterum. Postea*. – termos retóricos latinos: “Além disso. Antigamente. Mais uma vez. Daqui por diante.”

*rainhas com touros premiados*. – em *Metamorfoses* de Ovídio.

*O bulldogue Aquino* – Santo Tomás de Aquino, dominicano, em latim medieval um trocadilho: “*Domini canis*”: “cão de deus”.

*Rutlandbaconsouthamptonshakespeare* – as várias figuras freqüentemente consideradas responsáveis pelas obras de Shakespeare: Roger Manners, quinto conde de Rutland (1576-1612); Francis Bacon (1561-1626); Henry Wriothesley, terceiro conde de Southampton (1573-1624).

*através da madressilva retorcida*. – Milton em “L’Allegro”.

*Pallas Athena!* – deusa protetora de Odisseu; deusa da sabedoria; sai já crescida da cabeça de Zeus.

*o nome... floresta de Arden*. – Stephen acredita que o nome da floresta de Arden em *Como Gostais* vem da mãe de Shakespeare, que se chamava Mary Arden.

*Sua morte... em Coriolano*. – Mary Arden morreu em 1608, data da criação de *Coriolano*.

*A morte de seu filho... Rei John*. – Hamnet Shakespeare morreu em agosto de 1596 quando consta que a peça *Rei John* foi escrita.

*Quem Cleópatra... podemos adivinhar*: – a teoria de Stephen é que todas essas figuras femininas de peças de Shakespeare

foram inspiradas por Anne Hathaway.

*Gilbert na velhice... suas costas.* – Gilberto teria ido a Londres ver o irmão atuar em suas próprias peças; o personagem mencionado aqui é o de Adam em *Como Gostais*.

*O que existe em um nome?* – de *Romeu e Julieta*.

*Mais ainda, essa última... em Southwark.* – *Rei Lear* estreou em dezembro de 1606, Edmund Shakespeare foi enterrado em dezembro de 1607.

*Mas aquele... nome honrado* – palavras de Iago em *Otelo*.

*Como John of Gaunt* – John O’Gaunt: personagem de *Ricardo II*.

*honorificabilitudinitatibus* – latim: “a condição de estar carregado de honrarias”.

*Autontimorumenos. Bous Stephanoumenos.* – grego: “auto-atormentador”; “auto-sacrifício”.

*S.D.: sua dona... amare S.D.* – italiano: “S.D.: sua mulher. Já: dele. Gelindo resolve não amar S.D.”

*Stephanos, minha coroa.* – Stephanos: grego: “coroa ou grinalda”.

*Fabuloso artífice.* – Dédalo.

*Ícaro. Pater, ait.* – Ícaro, filho de Dédalo, caindo dos céus chama o pai: latim: “Pai, ele grita.”

*Padre Dineen deseja* – O padre Patrick S. Dineen (1860-1934), lingüista, tradutor, editor e filólogo irlandês, autor de dicionário gaélico-inglês, ajudou na tradução da *History of Ireland (História da Irlanda)* de Geoffrey Keating (c. 1570-c. 1644).

*Estou cansado... de Esaú.* – Jacó recebe de seu pai cego as bênçãos devidas a seu irmão Esaú fingindo ser ele.

*Meu reino... bebida.* – em *Ricardo III*: “meu reino por um cavalo”; segundo Shakespeare um rei que também foi um usurpador.

*Richard o conquistador... o conquistado.* – segundo Stephen, Richard Shakespeare era o terceiro irmão de William e conquistou sua mulher.

*Que voulez-vous?* – francês: “O que quer/deseja?”

*Ele situa... citar Aristóteles.* – dois erros de Shakespeare: o primeiro em *Conto de Inverno*; no segundo Stephen junta um erro seu ao de Shakespeare: em *Troilus e Cressida* Heitor, não Ulisses, cita Aristóteles, que viveu séculos depois da guerra de Tróia.

*prótase, epítase, catástase, catástrofe.* – as quatro partes em que a estrutura dramática era dividida pela escola Alexandrina helênica.

*está petrificado... ossos dela.* – a inscrição no túmulo de Shakespeare parece querer evitar que o corpo de Anne Hathaway seja enterrado com o dele.

*A idade não o murchou.* – palavras de um personagem a respeito de Cleópatra em *Antônio e Cleópatra*.

*como José... verdadeira Carmen.* – da ópera *Carmen* de Bizet (1838-75).

*Afinal de contas... Dumas père* – dois Alexandre Dumas, o pai (1802-70) e filho (1824-95).

*O homem... nem a mulher* – de *Hamlet*.

*próspero Próspero... titio Richie* – Próspero, de *A Tempestade*, a imagem do próprio Shakespeare; Lizzie, a primeira neta de Shakespeare, e titio Richie, seu irmão Richard.

*para o qual os negros malvados vão.* – Stephen Foster em “Tio Ned” (“Uncle Ned”) fala de “onde os bons negros vão”.

*Maeterlinck diz... dele o conduzirão.* – Maurice Maeterlinck (1862-1949) em *La Sagesse et la Destinée (Sabedoria e Destino)*.

*Eureka! gritou... Eureka!* – grego: “Achei!”; tradicionalmente palavras de Arquimedes ao descobrir o princípio de Arquimedes.

*como os diálogos... escreveu.* – platônicos em sua forma de diálogo são os ensaios “The Decay of Lying” (“A Decadência da

Mentira”) e “The Critic as Artist” (“O Crítico enquanto Artista”) de Oscar Wilde.

*Herr Bleibtreu... monumento de Stratford.* – Karl Bleibtreu (1859-1928) em *Die Lösung der Shakespeare-Frage (A Solução do Problema Shakespeare)* identifica o escritor por trás da obra de Shakespeare como Roger Manners, conde de Rutland.

*Ele vai visitar o atual duque* – John James Robert Manners, na verdade não um duque e sim o sétimo conde de Rutland.

*Eu acredito... descrença.* – Mc 9, 24.

*Quem... Egomen.* – grego: “Eu por um lado.”

*Freidrairie.* – “Fred Ryan”.

*estudo da Suma contra Gentiles* – título resumido de *Summa Veritate Catholicae Fidei contra Gentiles (Tratado sobre a Verdade da Fé Católica contra os Descrentes)* de Santo Tomás de Aquino.

*Vamos, Aengus... pássaros.* – mito irlandês: Aengus era o deus da juventude e da beleza representado com pássaros voando ao redor de sua cabeça.

*Notre ami Moore* – francês: “Nosso amigo Moore.”

*o suavementedeslizante Mincius.* – o rio Mincius na Lombardia perto do lugar onde Virgílio nasceu.

*Puck Mulligan* – Puck: ajudante de Oberon em *Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare.

*John Eglinton... uma mulher?* – “John Anderson My Jo” (“John Anderson Meu Jo”) de Robert Burns.

*a surra... lhe deu.* – história segundo a qual Shakespeare roubou cervos de sir Thomas Lucy, que o fez açoitar e prender.

*a femme de trente ans.* – francês: “a mulher de trinta anos”; título de um romance de Honoré de Balzac (1799-1850).

*o cabelo louro... para afagar.* – em



*Fédon* de Platão, Sócrates brinca com o cabelo de Fédon enquanto discute a imortalidade da alma.

*Assim que ouço... sem parar* – paródia de “Baile and Aillin” de Yeats.

*Ele leu, marcato.* – “*marcato*”: italiano: “*marcado*”: linguagem musical significando tocar com ênfase.

*Eu te temo, velho marinheiro.* – palavras do Convidado ao Velho Marinheiro em *The Rime of the Ancient Mariner (A Rima do Velho Marinheiro)* de Samuel Taylor Coleridge.

*passo de pardo* – pardo: o mais belo de todos os animais segundo tratados fabulosos medievais sobre animais.

*Louvemos os deuses... abençoados* – em *Cymbeline*.

## 10. AS ROCHAS ONDULANTES

Em *A Odisséia*, “as rochas ondulantes” não chegam a constituir um episódio, trata-se apenas de uma breve referência feita por Circe a Odisseu sobre o possível rumo a ser por ele tomado para retornar a Ítaca são e salvo. Desaconselha-o, contudo, de segui-lo, pois, por elas, nem mesmo seres alados conseguem passar ilesos. Sugere uma outra alternativa, a passagem entre Cila e Caribde, que é a escolhida por Odisseu. Diz a lenda, segundo Stuart Gilbert, que a “ondulação” das rochas resulta de uma ilusão de ótica. Essas rochas, projetando-se acima da superfície do mar, pareceriam estar mudando de posição o tempo todo. Pareceriam estar, assim, se movimentando em direção às embarcações, como a cercá-las, atraindo-as traiçoeiramente em sua direção.

Em *Ulisses*, o que parece desestruturado constitui, na verdade, uma estrutura especial. O episódio consiste em 18 cenas curtas, seguidas de uma coda, descrevendo a passagem do vice-rei através de Dublin. Todas estas cenas se passam nas ruas de Dublin entre três e quatro horas da tarde e seu sincronismo é indicado pela inserção, em cada fragmento, de um ou mais trechos dos outros fragmentos. Joyce construiu um labirinto de pequeno calibre, dentro do qual a maior parte dos personagens aparece, descrita isoladamente em seus afazeres, dentro do contexto da comunidade dublinense a que pertencem. O método aqui utilizado por Joyce é o da paródia estilística, explorando os estilos pessoais de cada um dos indivíduos envolvidos.

*Vere dignum et justum est.* – latim: “É justo e certo na verdade”, começo do Prefácio na missa.

*nas palavras do cardeal Wolsey* – Thomas, cardeal Wolsey (c. 1474-1530), arcebispo de York e chefe da Suprema Corte, era um favorito de Henrique VIII, até que não conseguiu que o papa desse ao rei permissão para divorciar-se de Catarina de Aragão; acusado de traição, morreu a caminho do tribunal.

*Como Mary, rainha da Escócia* – Mary Stuart (1542-87), católica, condenada à morte por Elizabeth I por traição, famosa por sua beleza, coragem e fé.

*Deo Volente.* – latim: “Segundo a Vontade de Deus.”

*Perto da casa... perdulário.* – lorde Aldborough (morto em 1801) construiu essa casa muito dispendiosa apesar de já possuir várias outras; sua mulher recusou-se a morar nela; seu nome tornou-se sinônimo dos excessos da nobreza.

*Aquele livro do jesuíta belga* – *Le Rigorisme, le Nombre des Élus e la Doctrine du Salut (O Rigorismo, o Número dos Eleitos e a Doutrina da Salvação)* de A. Castelein SJ.

*padre Conmee... do Baronato* – *Old Times in the Barony (Velhos Tempos no Baronato)*, título verdadeiro do verdadeiro padre John Conmee SJ (1847-1910).

*ejaculatio seminis inter vas naturale mulieris* – latim: “ejaculação de sêmem dentro do órgão natural feminino”.

*do campo de Conglowes.* – padre Conmee foi reitor de Clongowes Wood College no tempo de Stephen (e Joyce – *Retrato*

*do Artista).*

*Deus in adiutorium.* – “Ó Deus (vem) em meu socorro” (Salmo 70).

*Res... iustitiae tuae.* – salmo 119: latim: “*Beati immaculati*”: “Felizes os íntegros”; o salmo é dividido em partes, cada uma com uma letra do alfabeto hebraico, *Res* ou *Resh* é a letra da citação: “O princípio da tua palavra é a verdade, tuas normas são justiça para sempre.”

*Sin: Principes... cor meum.* – *Sin* ou *Schin* é a letra desta outra parte: latim: “Príncipes me perseguem sem motivo, meu coração teme as tuas palavras.”

*Pela Inglaterra... lar e beleza.* – da canção “The Death of Nelson” (“A Morte de Nelson”).

*Ele olhou... de Goldsmith.* – Oliver Goldsmith (1730-74), clérigo, poeta, ensaísta, novelista anglo-irlandês cuja estátua se encontra em Trinity College.

*Anch'io ho avuto... Tante belle cose!* – conversa em italiano entre Stephen e Almidano Artifoni: (A): “Eu também pensava assim quando era jovem como você. Naquela época estava convencido de que o mundo era uma fera. Uma pena. Porque sua voz... seria uma fonte de renda, ora vamos. Mas, em vez, você se sacrifica.” (S): “Sacrifício sem sangue.” (A): “Esperemos... Mas ouça o que eu digo. Pense nisso.” (S): “Vou pensar.” (A): “Mas seriamente, hein?” (A): “Chegou. Venha me ver e pense sobre isso. Adeus, meu caro.” (S): Adeus, mestre... E obrigado.” (A): “De quê? Desculpe, hein. Tudo de bom.”

*não estava a estátua de Wolfe Tone* – Theobald Wolfe Tone (1763-98), patriota e revolucionário irlandês, um dos fundadores da Sociedade dos Irlandeses Unidos (Society of United Irishmen), suicidou-se quando capturado; a laje foi colocada em 1798 mas a estátua não apareceu nunca; atualmente existe um monumento a ele em St. Stephen's Green.

*O fósforo Vesta* – marca de fósforos com o nome da deusa romana do lar.

*o templo original dos judeus... Adelaide Road.* – essa não foi a primeira sinagoga de Dublin.

*Ele desceu... Thomas Court.* – história fantasiosa que inclui até pontes que só foram construídas no século XVII.

*Ele está escrevendo... me disse.* – os Fitzgerald: uma das famílias mais famosas da Irlanda cujas origens datam do século XII.

*tramando... conspiração da pólvora* – a conspiração (*gunpowder plot* – 5 de novembro de 1605) de um pequeno grupo de católicos extremistas que pretendiam explodir o Parlamento inglês matando inclusive o rei James I.

*Leopoldo... campo de centeio* – frase tirada do refrão de uma canção de Edward Fitzball e sir Henry Bishop.

*uma libra e meia* – cerca de 700 gramas.

*Vejam, o primeiro raio de luz da manhã.* – um quarteto, não dueto, da ópera de Michael Balfe, *The Siege of Rochelle* (*O Cerco de Rochelle*).

*cúbito* – comprimento do antebraço.

*As Terríveis Revelações de Maria Monk* – Maria Monk (c. 1817-50) escreveu um livro em que dizia ter escapado de um convento em Montreal e que estava revelando os acontecimentos hediondos que testemunhara; apesar de ser reconhecida como fraudulenta, a obra vendeu milhões de exemplares e suscitou sentimentos intensamente anticatólicos.

*A Obra-Prima de Aristóteles.* – um tratado semipornográfico que se supunha médico e que não era da autoria de Aristóteles.

*Contos do Gueto... Masoch.* – romancista austríaco (1835-95) cujo nome deu origem à palavra “masoquismo”.

*Belos Tiranos de James Lovebirch.* – o pseudônimo era comum entre autores do gênero sadomasoquista, mas esse título é desconhecido.

*Doçuras do Pecado* – também não encontrado, possivelmente invenção de Joyce.

*Ali Emmet... e esquartejado.* – Emmet foi enforcado e decapitado mas não eviscerado e esquartejado (ver cap. 6).

*Épocas de distúrbios.* – Rebelião de 1798.

*Em algum lugar... Moira House.* – lorde Edward Fitzgerald (1763-98), um dos líderes dos Irlandeses Unidos, supostamente o arquiteto da Rebelião de 1798; denunciado, escondeu-se mas acabou sendo capturado; sua mulher usou a Moira House como esconderijo.

*É evidente que estavam do lado errado.* – declaração que coloca Kernan do lado antinacionalista, pró-britânico.

*No cerco de Ross meu pai caiu* – Ross foi o local de um confronto com soldados ingleses.

*Avô... tesouro roubado.* – de uma descrição de Yeats em “The Eaters of Precious Stones” (“Os Devoradores de Pedras Preciosas”).

*The Irish Beekeeper Journal.* – “O Jornal do Criador de Abelhas Irlandês.”

*Stephano Dedalo... ferenti.* – latim: “Para Stephen Dedalus, excelente aluno, o prêmio da classe.”

*Livro oitavo e nono de Moisés.* – tradição cabalística segundo a qual Moisés teria escrito, além dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, mais quatro perdidos.

*Selo do rei Davi.* – a estrela-de-davi.

*Se el yilo... Amen.* – tradução possível: “Meu pequeno céu de feminilidade abençoada! Ama só a mim! Santo! Amém.”

*Um rosto... Carlos* – Carlos I (1600-49), segundo rei Stuart da Inglaterra.

*em direção ao Tholsel... Hurdles.* – Tholsel: antigo edifício municipal de Dublin; Ford de Hurdles: tradução literal do gaélico: “Áth Cliath”; antigo nome de Dublin.

*cruzamento de Lobengula com Lynchehaun.* – Lobengula (c. 1833-94): rei zulu de Matabele, feroz na defesa de seu território; Lynchehaun: personagem que se tornou lendário como alguém que a polícia não podia tocar.

*Olhe só... no judeu* – palavras de Antônio, ao conseguir o empréstimo, a respeito de Shylock em *O Mercador de Veneza*.

*Ele retirou... grande Henry Clay* – marca de charuto com nome do político americano Henry Clay (1777-1852).

*Será que os pais conscritos* – como eram chamados os senadores romanos.

*como locum tenens* – latim: “ocupando o lugar de”.

*o tom helênico... de Swinburne* – mais estético do que instrutivo.

*a morte branca... róseo.* – de *Songs Before Sunrise (Cantos Antes do Amanhecer)* de Swinburne.

*porque o professor Pokorny de Viena* – Julius P. Pokorny (nascido em 1887), vienense especializado em cultura celta.

*Coactus volui.* – latim: “Tendo sido forçado, concordei.”

*pela janela do dentista Sr. Bloom* – Marcus J. Bloom, sem nenhum parentesco.

*o James dernier cri.* – francês: última moda.

*do cavalo de King Billy* – a detestada estátua equestre do rei Guilherme III, vencedor da Batalha do Boyne, foi removida em 1929.

*Minha pequena... Yorkshire.* – canção de C.W. Murphy e Dan Lipton.

*um quarto de milha* – 400 metros.

## 11. AS SEREIAS

Em *A Odisséia*, ainda uma vez orientado por Circe, Odisseu e seus homens conseguem passar navegando incólumes pelas duas sereias em suas ilhas, resistindo aos seus cantos envolventes, por se terem preparado antecipadamente para enfrentá-las. Instruído por Circe, Odisseu faz com que seus companheiros o amarrem fortemente no mastro do barco, podendo, assim, ouvir as canções sedutoras sem, contudo, atender ao seu apelo, enquanto eles próprios têm seus ouvidos tapados com cera,

indiferentes, portanto, aos protestos e rogos de seu chefe que suplica que o soltem.

Em *Ulisses*, além das duas garçonetes, senhorita Douce e senhorita Kennedy, destituídas do fascínio das verdadeiras sereias, o episódio se distingue por ser uma extraordinária paródia musical. Na verdade, ao emprego muito especial de palavras, com seus sons e ritmos, Joyce acrescenta uma linguagem moldada à maneira da *fuga per canonem* – uma fuga em contraponto. O resultado é uma paródia tanto da estrutura da língua quanto da estrutura da música.

*uma jarda* – pouco menos de um metro.

*Vestidadeazul... baixo.* – as cores tradicionais da Virgem Maria.

*Ó Idolores... orientais!* – refrão de “The Shade of the Palm” (“A Sombra da Palmeira”) da opereta *Floradora* de Leslie Stewart (Thomas A. Barrett) e outros.

*Umah raposa... cegonha.* – combinação de duas fábulas de Esopo: “O Lobo e a Garça” e “A Raposa e a Cegonha”.

*As estrelas.../.../...E eu de ti* – de “Goodbye, Sweetheart, Goodbye” (“Adeus, Amor, Adeus”), música de John L. Hatton (1809-86) e letra de Jane Williams (1806-85).

*Mas olhe aqui... de Castela.* – referência a *The Rose of Castille (A Rosa de Castela)*, ópera do compositor irlandês Michael William Balfe (1808-70).

*Eis o herói... chega* – de um poema do mesmo nome de Thomas Morell (1703-84) usado por Handel em dois de seus oratórios, *Judas Macabeu (Judas Maccabaeus)* e *Joshua*.

*A bela do Egito... para mim.* – trecho adaptado de “A Sombra da Palmeira”.

*apressou-se para... te abandonar* – trecho adaptado de “Adeus, Amor, Adeus”.

*Sonnez la cloche!* – francês: “Toque a campainha.”

*Amor e Guerra* – “Love and War”, um dueto de T. Cooke no qual a Amante e o Soldado ecoam as frases um do outro em uma competição musical.

*Filha do regimento.* – título da ópera cômica de Gaetano Donizetti (1797-1848).

*Minha irlandesa Molly, Ó.* – balada irlandesa anônima.

*Quando o amor... ardente* – de “Amor e Guerra”.

*Certamente... o tímpano dela* – segundo tradição medieval a Virgem Maria teria concebido Jesus ao ouvir a Palavra de Deus pela membrana intacta de seu tímpano.

*Amoroso ma non troppo.* – italiano: instrução musical: “delicado e carinhoso mas não demais”.

*A harpa que uma ou duas vezes.* – paródia de título de uma canção de Thomas Moore.

*M'appari / M'appari... l'incontr* – ária da ópera *Martha de Flotow* (ver cap. 7).

*Uma Última Despedida.* – título de uma canção de John Willis.

*Ah, realmente... terminaram* – da canção antiguerra “Johnny, I hardly knew you” (“Johnny, eu mal o reconheci”).

*disse Richie: Sonnambula.* – ópera de Vincenzo Bellini, *La Sonnambula (A Sonâmbula)*.

*Joe Maas* – tenor inglês (1847-86).

*M'Guckin* – Barton M'Guckin, tenor irlandês (1852-1913).

*Estirado entre os Mortos.* – canção inglesa para cantar bebendo de John Dyer.

*Agora Está Tudo Perdido.* – ária “Tutto è sciolto” (“Está tudo perdido”) da ópera *A Sonâmbula*.

*da doce banshee* – gaélico: “*bean sidhe*”: espírito feminino que pranteava a morte de entes queridos.

*Eco. Quão suave a resposta.* – da canção de Thomas Moore “Echo” (“Eco”) em *Canções Irlandesas*.

*Dormindo ela ia... a lua.* – a heroína de *A Sonâmbula*.

*Ainda repisando... sua filha.* – adaptação de palavras de Polônio a Hamlet.

*Quando primeiro... cativante.../Para mim!* – todas as linhas em itálico dessas páginas são da canção de Lionel em *Marta de Floto*.

*Esperando ela cantou.* – “Waiting” (“Esperando”), canção de Ellen H. Flagg e H. Millard.

*na velha Madri* – canção de G. Clifton Bingham e “Henry Trotter” (Henry Trotter).

*Era classe social e fama.* – ária de *A Rosa de Castela*.

*Nós nunca... encontramos.* – título de canção de Frank Egerton.

*Corpus paradisum.* – latim: o corpo do paraíso; Bloom combina dois trechos litúrgicos.

*A música tem magia. Shakespeare disse.* – na verdade quem disse isso foi William Congreve (1670-1729) em *The Morning Bride* (*A Noiva da Manhã*).

*Como é... perdeu a voz.* – Walter Bapty (1850-1915), professor de canto em Dublin.

*O que as ondas... dizendo?* – título de um dueto de autoria de Joseph Edwards Carpenter e Stephen Glover.

*Um: um, um... quatro.* – descrição dos passos dos dançarinos.

*Minha... sua mulher.* – de uma canção folclórica americana “The Grey Goose” (“O Ganso Cinzento”).

*quis est homo: Mercadante.* – uma combinação de *Stabat Mater* de Rossini e Mercadante (ver cap. 5).

*Música de câmara.* – título do volume de letras de Joyce.

*Como aquelas... húngaras* – Franz Litz (1811-86), pianista e compositor húngaro.

*Qui sdegno* – italiano: “Aqui indignação” do libreto da ópera de Mozart *A Flauta Mágica*.

*O Jovem Patriota* – a canção “The Croppy Boy”.

*In nomine Domini* – latim: “Em nome do Senhor.”

*ou Coffey, corpusnomine.* – latim: palavra composta de autoria de Bloom: “corpo-nome”.

*O xá... disse.* – Nasr-al Din (morto em 1896), xá da Pérsia, fez duas visitas oficiais à Inglaterra; a segunda visita deu origem a numerosas canções e histórias.

*o que Espinoza declara* – Baruch Espinoza (1632-77), filósofo judeu holandês.

*Todos se foram... raça.* – lembrança de outra derrota dos “patriotas” (“croppies”).

*Lablache, disse padre Cowley.* – Luigi Lablache (1794-1858), o mais famoso baixo europeu de sua época; deu aulas de canto à rainha Vitória.

*A Última Rosa do Verão* – “‘Tis the Last Rose of Summer”, canção de Thomas Moore em *Irish Melodies* (*Melodias Irlandesas*).

*A mão dela... o mundo.* – ecoa o poema “What Rules the World” (“O que Governa o Mundo”) de William Ross Wallace.

*Melhor dar passagem... moça virgem.* – de Provérbios 30, 18-19 e título de uma novela pornográfica do século XIX: *The Way of a Man with a Maid* (*O Que Faz o Homem com uma Donzela*).

*não por favor ela gritou* – ocorre como um refrão na novela citada.

*eles chamam de da capo.* – italiano: “do começo” (temor musical).

*As sete... de Meyerbeer.* – justaposição errada: Mercadante escreveu *The Seven Last Words* (*As Últimas Sete Palavras*), não Meyerbeer.

*Homens... como vocês homens.* – de “Memory of the Dead” (“A Memória dos Mortos”), poema de John Kells Ingram.

## 12. OS CICLOPES

Em *A Odisséia*, Odisseu narra sua aventura na terra dos ciclopes, gigantes de um olho só. Conta que foi ali aprisionado com seus homens na caverna do gigante Polifemo, que, depois de ter devorado dois deles, festeja o feito. Odisseu aproveita, então, para embebedá-lo e, enquanto o faz, declara seu nome ser “Ninguém”. Durante a festa, Polifemo, bêbado, dorme e Odisseu aproveita para cegá-lo. Desesperado de dor, Polifemo grita, dizendo aos gigantes que vêm em seu socorro que Ninguém o destruiu. Os vizinhos, então, zombam dele e não o socorrem. No dia seguinte, Odisseu e os companheiros escapam de Polifemo, escondidos entre seus carneiros. Ao chegar ao barco, Odisseu grita seu verdadeiro nome para Polifemo, que, encolerizado por ter sido enganado, atira em sua direção uma pedra enorme, que, felizmente, não atinge o herói grego.

Em *Ulisses*, o Cidadão, figura gigantesca que não tem sequer um nome próprio – é um típico irlandês ou a Irlanda –, também, metaforicamente, tem apenas um olho: não consegue ver ou aceitar nenhum outro ponto de vista que não seja o seu, radical e extremado. Outra forma de gigantismo, além do ego inflado do Cidadão, pela qual Joyce parodia o modelo original, é expressa pela grande variedade de estilos usados no episódio, cada um deles sendo uma caricatura intumescida dos estilos jurídico, épico, científico, jornalístico e outros mais, como assinala Harry Blamires em *The Bloomsday Book*. Cansado da agressividade gratuita do Cidadão, Bloom, finalmente, revida os ataques e é, ironicamente, quase atingido pela lata de biscoito que o agressor lança sobre ele.

*Por produtos... da outra parte.* – O parágrafo é uma paródia de documento legal.

*Em Inisfail a Bela* – paródia da tradução de James Clarence Mangan de um poema de Alfrid, rei de Nortúmbria no século VII; Inisfail: gaélico: “Inis Fál”: Ilha do Destino: nome poético da Irlanda.

*a terra de São Michan.* – paróquia de São Michan, distrito municipal de Dublin.

*de Eblana... de Boyle* – nomes de províncias, cidades, distritos, locais antigos irlandeses.

*um magnífico palácio* – o Mercado de Frutas, Vegetais e Peixes da Corporação de Dublin (Dublin Corporation Fruit, Vegetable and Fish Market).

*seu Rory da colina.* – assinatura dos que mandavam cartas ameaçadoras aos que tiravam ou ocupavam as fazendas.

*a chara* – gaélico: meu amigo.

*A figura sentada... paleolítica toscamente modelado.* – paródia: a descrição da figura sentada foi emprestada da descrição que Homero faz dos Ciclopes; a lista de heróis começa com autênticos heróis irlandeses, mas vai incluindo figuras menos heróicas, figuras menos e até nada irlandesas e finalmente figuras de ficção.

*varas* – antiga medida inglesa equivalente a cerca de 1,10m

*Os olhos... e um sorriso* – do poema de Thomas Moore “Erin, the Tear and the Smile in Thine Eyes” (“Erin, a Lágrima e o Sorriso em teus Olhos” – *Irish Melodies*).

*Para a velha senhora... subvencionado.* – referência ao *Freeman's Journal*, que apesar de ser considerado o jornal oficial dos Nacionalistas Irlandeses era moderado demais.

*The Irish Independent... por Parnell* – o jornal, fundado por Parnell, só foi publicado depois da morte dele e passou logo às mãos de adversários.

*Gordon, Barnfield Crescent... Isabella Helen.* – o cidadão realmente está lendo matéria do *Irish Daily Independent* de 16 de junho de 1904, mas pulando os nomes irlandeses.

*Martin Murphy... de Bantry?* – William Martin Murphy (1844-1921), dono do jornal *Irish Daily Independent*, nascido em Bantry, foi membro do Parlamento.

*Bi i dho husht* – gaélico: “bi i do thost”: “fica quieto”.

*Terence O’Ryan... e os etiópicos* – paródia baseada em lenda, romance medieval e mito irlandês.

*os dois nobres... Bungardilaun* – os irmãos Guinness (não eram gêmeos) donos da cervejaria: lorde Iveagh e lorde Ardilaun.

*os filhos da Leda imortal.* – Castor e Pólux, os irmãos gêmeos filhos de Zeus (o Cisne) e Leda.

*a aparição do duplo etérico* – o menos material dos dois corpos de cada pessoa segundo os teosofistas.

*descarga de raios jvicos* – raios energéticos.

*a caminho do prālâyã* – “*pralaya*”: período entre a morte e a reencarnação.

*ele tinha visto... obscuramente* – São Paulo aos Coríntios (13, 12).

*desenvolvimento átomico* – o “plano átomico” é o plano de puro ser aonde a alma chega depois do ciclo de reencarnações.

*t̄al̄ af̄ an̄ a... w̄ at̄ ak̄l̄ as̄ at̄* – trocadilhos com ortografia imitando os teosofistas que tinham predileção pelo sânscrito.

*no lado errado de M̄aya* – Maya: o enganador mundo físico e sensual.

*nos círculos devânicos* – deva: divindade; portanto freqüentando os deuses.

*Lamente, Banba* – lenda irlandesa: Banba é uma das três filhas de Caim, filho de Adão e Eva, que com suas irmãs Erin e Fotha teria colonizado a Irlanda.

*H. Rumbold* – como sir Horace Rumbold, embaixador britânico na Suíça.

*Na terra sombria... o Senhor.* – paródia de romance medieval.

*conduzem ao Érebo* – mitologia grega: lar das Sombras infernais.

*Joe Brady, o invencível.* – Brady foi enforcado na prisão (ver cap. 7).

*Paixão dominadora... morte* – quem disse foi Alexander Pope (1688-1744) em *Moral Essays (Ensaaios Morais)*.

*O distinto cientista... capitis.* – paródia: descrição jornalística de conferência médica.

*da corpora cavernosa* – latim: “corpos cavernosos”: terminologia médica para os tecidos eréteis.

*in articulo... capitis.* – latim: “no momento da morte causada por fratura do pescoço!”

*os homens de sessenta e sete* – rebelião feniana fracassada em 1867.

*do fundo da lata de Jacobs* – W. e R. Jacobs & Cia., fabricantes de biscoitos de Dublin.

*uma jarda* – pouco menos de um metro.

*os irmãos Sheares* – Henry (1755-98) e John (1766-98), dos Irlandeses Unidos, participaram da Rebelião de 1798, foram executados de mãos dadas segundo a lenda.

*e Wolfe Tone... Arbour Hill* – local do suicídio de Tone (ver cap. 10).

*e Robert Emmet... seu país* – (ver cap. 6).

*o toque de Tommy Moore... país.* – a canção de Thomas Moore “*She Is Far From the Land*” (“Ela Está Longe da Terra” – *Irish Melodies*) é sobre Sarah Curren, noiva secreta de Robert Emmet.

*Sinn Fein!... amhain!* – gaélico: brinde: “Nós... Só nós!”

*Os amigos... nossa frente.* – adaptação de uma canção de Thomas Moore em *Melodias Irlandesas*.

*O último adeus... em Limehouse Way.* – paródia de uma notícia de primeira página, neste caso a execução de Robert Emmet.

*a musa melancólica de Speranza* – Speranza: pseudônimo de Jane Francesca Elgee, lady Wilde, mãe de Oscar Wilde.

*F.O.T.E.I* – Friends of the Emerald Isle.

*hoch. banzai... Allah* – brindes em várias línguas.

*nec e non plus ultra* – latim: nos dois casos: “nada mais alto”.

*graduado de Oxford... aceito no ato.* – três anos depois da morte de Emmet, Sarah Curren casou-se com o capitão Henry Sturgeon, inglês porém não de Oxford.

*ele que tinha disparado... nativos indianos* – forma de execução de soldados amotinados no tempo dos imperadores Mogul (1526-1857) e usada também mais tarde pelas autoridades britânicas.

*pro bono publico* – latim: “para o bem do público”.

*Todos aqueles... luzes de Lowry.* – paródia de jornal anunciando acontecimento.

*(e seu nome é legião)* – Marcos 5, 9.

*de cinantropia* – tipo de loucura que faz uma pessoa imaginar que é um cachorro.

*como Garry Owen.* – lendário rei de Leinster no século III.

*Galinho Cheiroso...* – pseudônimo (“The Sweet Little Branch”) de Douglas Hyde (1860-1947), nacionalista literário, poeta, acadêmico, tradutor irlandês.

*do famoso Raftery* – Anthony Raftery (c. 1784-1834), bardo irlandês cego.

*A praga... luzes de Lowry* – paródia imitando as tentativas da época de escrever poesia irlandesa clássica.

*uma milha* – pouco mais de 1,5 quilômetro.

*Permita-me, disse ele... sequer de falar.* – paródia da ficção sentimental do século XIX.

*Slan leat, diz ele.* – gaélico: “adeus”.

*O Peludo Iopas* – poeta na *Eneida* de Virgílio.

*oito polegadas* – cerca de 20 centímetros.

*The Sluagh na h-Eireann.* – gaélico: “Exército da Irlanda” (“Army of Ireland”), sociedade patriótica.

*O Sr. Cowe Conacre... Vivas.* – paródia de sessão no Parlamento.

*dezesseis libras* – cerca de sete quilos.

*Na bacleis* – gaélico: “*Ná bac leis*”: “não se incomode com isso”.

*Uma discussão... T. Quirke, etc., etc.* – paródia das minutas de uma reunião de organização social ou política escrita como matéria de jornal. Os clérigos mencionados são reais.

*Brian O’ Ciarnain... Bheag* – gaélico: “O estabelecimento de Barney O’ Kiernan em Little Britain Street.”

*à noite por Finn MacCool* – Fionn Mac Cumhail (morto c. 284), líder e poeta irlandês, figura central das sagas *Ossian* ou *Finn*.

*Foi uma batalha... o cercou encantado.* – paródia de coluna esportiva.

*Orgulho... de Calpe* – mitologia grega: um dos pilares de Hércules, agora o Rochedo de Gibraltar.

*o zuavo papal* – jovens católicos devotos recrutados para ajudar o papa a defender Roma contra a invasão italiana.

*no caso de Sadgrove v. Hole.* – um processo judicial verdadeiro sobre a questão de um cartão-postal ser ou não considerado publicação.

*E considerando... malfeitor.* – paródia de laudo de julgamento à maneira de uma lenda clássica irlandesa.

*os membros do alto sanhedrin... de Ossian* – 12 como os patriarcas das 12 tribos de Israel e os 12 membros de um júri; *Iar*: gaélico: “oeste, remoto”; os 12 nomes irlandeses são reais.

*ne bail ne mainprise* – frase legal em inglês antigo (1100-1500): “sem fiança ou responsável”.

*A adúltera e seu amante* – (ver cap. 2).

*os saxões ladrões* – na verdade anglo-normandos.

*O’Nolan... dividido pelo mar.* – paródia de lenda clássica e romance medieval.

*política de Nelson... telescópio* – o almirante Nelson, tendo perdido o olho direito na batalha da Córsega e não querendo obedecer ao sinal para recuar, colocou o telescópio no olho direito, disse que não via sinal nenhum e conquistou uma brilhante vitória.

*cabinet d’aisance* – francês: eufemismo para banheiro.

*Conspuez les anglais! Perfide Albion!* – francês: “Desprezo aos ingleses! Albion pérfida!”

*Lamh Dearg Abu* – gaélico: “Mão Vermelha para a Vitória” (“Red Hand to Victory”); a Mão Vermelha era o símbolo



heráldico de Ulster e O'Neill.

*Raimeis, diz o cidadão.* – gaélico: “romance, bobagem” (“romance, nonsense”).

*Leiam Tácito e Ptolomeu* – Tácito (c. 56-c. 117), historiador e orador romano, menciona a Irlanda em sua obra *Agrícola*; Claudius Ptolomaeus (c. 100-178), astrônomo, matemático, geógrafo grego, menciona a Irlanda em *Esboço Geográfico*.

*e mesmo Giraldus Cambrensis.* – Girald de Barri (c. 1146-c. 1220), escritor do País de Gales, autor de livros sobre a Irlanda.

*quarenta pés* – pouco mais de 12 metros.

*um acre* – quatro quilômetros quadrados.

*O elegante mundo... na Floresta Negra.* – paródia de coluna social.

*Queenstown... Killybegs* – todos portos importantes nos séculos XVI e XVII.

*Lynches... Carlos Quinto.* – antigas famílias poderosas da Irlanda; o conde de Desmond: James Fitzmaurice Fitzgerald, quando morreu estava para se aliar a Carlos V (1500-58), imperador romano, contra a Inglaterra.

*nenhuma das harpas... Tudor* – a harpa foi incorporada ao brasão de Henrique VIII como emblema de seu poder sobre a Irlanda.

*a mais velha bandeira... filhos de Milesius.* – os milesianos foram os últimos invasores lendários da Irlanda.

*os Molly Maguires* – em 1904 o termo significava terroristas em geral; originalmente grupo rebelde formado por Cornelius Maguire; usavam como disfarce roupas femininas, daí o nome “Molly”.

*Leia as revelações... O Enojado.* – piada à custa de George Bernard Shaw (1856-1950) em relação a uma carta que o escritor escrevera para o *Times* de Londres contra o uso continuado, e já então ilegal, de castigos corporais na Marinha Britânica.

*Os camaradas... escravos* – palavras de James Thompson (1700-48), musicadas por Thomas Arne (1710-78).

*única Câmara... da terra* – não exatamente: a Câmara dos Lordes não era toda hereditária nem a única Câmara hereditária do mundo.

*Os infelizes yahoos crêem nele.* – *yahoos*: de *Gulliver Travels (As Viagens de Gulliver)* de Jonathan Swift.

*Eles crêem... por isso.* – paródia do Credo dos apóstolos.

*maior Irlanda além-mar.* – os Estados Unidos, onde imigrantes irlandeses conseguiam apoio para a causa do nacionalismo irlandês.

*ano tenebroso de 47.* – 1847, o pior ano da fome que flagelou a Irlanda entre 1845 e 1848.

*Vinte mil... naviosesquifes.* – eram comuns as mortes de imigrantes irlandeses que viajavam de navio para a América.

*os filhos de Granuaile* – nome irlandês de Grace O'Malley (c. 1530-c. 1600), líder, comandante marítimo e rebelde da Irlanda ocidental.

*Kathleen ni Houlihan.* – tradicional encarnação feminina do espírito da Irlanda, nome de uma peça de Yeats.

*a pobre velha senhora... Killala.* – “pobre velha senhora”: ver cap. 1; Killala: aldeia na Irlanda ocidental onde as forças francesas desembarcaram em 1798, tarde demais para ajudar a Rebelião.

*Lembre-se de Limerick* – depois de serem derrotados na Batalha de Boyle os irlandeses (com auxílio dos franceses) continuaram a lutar; a última batalha foi em Limerick.

*Demos o melhor... gansos selvagens.* – “gansos selvagens”: os que se exilaram principalmente na França e na Espanha depois de Limerick.

*bêbada como um gambá... mais barato.* – depois da morte do príncipe Alberto, o luto eterno e a reclusão da viúva rainha Vitória deram origem a histórias sobre o que estaria na verdade acontecendo no palácio; o “cocheiro” era seu fiel servidor, o escocês John Brown (1826-83).

*Edward o pacificador... suas senhorias.* – rei Edward VII, o pacificador depois de suas tentativas de relações pacíficas com a França, a Alemanha e a Áustria, era notoriamente mulherengo.

*O muitoapreciado... incrustações do tempo.* – paródia de descrição jornalística.

*a Solomon de Droma... Ballymote.* – Solomon de Droma: importante escriba; Livro de Ballymote: antologia irlandesa de histórias, genealogias e lendas de antigos reis datando de c. 1391.

*pedras amaldiçoadas* – pedras empilhadas como um monumento ao desastre.

*Kiballymacschonakill* – nome gaélico inventado.

*o buraco de Curley* – perigosa piscina natural em Dollymount.

*Sua Majestade o alaki de Abeakuta* – rei de uma província na Nigéria ocidental.

*cucos (ah!) de Jerusalém.* – gíria: sionistas.

*Nossos viajantes... alegre trapaceiro.* – paródia de imitação de estilo de romance medieval em voga no século XIX.

*Quem é Junius?* – Junius era um satirista anônimo do século XVIII, autor de várias cartas publicadas no *Public Adviser*.

*En ventre sa mère* – francês: “No ventre de sua mãe.”

*Ahasuerus... por Deus.* – nome tradicional do Judeu Errante.

*E ao som... Dominum nostrum.* – paródia de bênção a diversos locais; os santos mencionados são irlandeses na sua maioria.

*abençoara a casa de Abraão e Isaac e Jacó* – estranho final hebraico de um texto católico.

*O golfinho branco como leite... singrou as ondas* – paródia de tradução do século XIX de romance medieval.

*sobre ele, sino, livro e vela* – maior excomunhão possível.

*Se o homem na lua... judeu* – imitação da canção racista americana “If the Man in the Moon Were a Coon” (“Se o Homem na Lua Fosse um Preto”).

*Um grande... mas não esquecido.* – paródia de texto jornalístico sobre o fim de visita oficial.

*Nagyaságos uram Lipóti Virag* – húngaro: “O magnífico, meu senhor, Leopold Flower.”

*Százharminczbrojűgulyás-Dugulás* – húngaro: “130-bezerro-pastor-metendo-dentro”.

*Marcha de Rakózszy.* – marcha nacional húngara.

*Visszontlátásra... Visszontlátásra!* – húngaro: “Até a vista, meu querido amigo! Até a vista!”

*A catástrofe... F. R. C. S. I.* – paródia de matéria sensacionalista de jornal.

*quarenta e um acres* – 164 quilômetros quadrados.

*um pé e três polegadas* – 38 centímetros.

*missa pro defunctis* – latim: “missa para os mortos”.

*Quando, vejam... pazada.* – paródia de acontecimento bíblico.

### 13. NAUSICAA

Em *A Odisséia*, Odisseu tendo partido da ilha de Calipso é atormentado por Posídon, pai de Polifemo, e por ele, finalmente, lançado à foz de um rio na terra dos feácios. Exausto e nu, ele se esconde numa moita e adormece. Por sugestão de Palas

Atena, que lhe aparece em sonho, Nausicaa, filha do rei Alcino, vem com suas damas ao rio, para lavar a roupa do palácio. Ali, brincando, rindo, jogando bola, elas despertam Odisseu. Embora suas companheiras se assustem, embaraçadas com o que vêem, Nausicaa se ocupa de tudo com simplicidade: limpa e cobre Odisseu, e lhe mostra como chegar ao palácio.

Em *Ulisses*, Bloom é seduzido por Gertie MacDowell, que, não possuindo a pureza e a simplicidade de Nausicaa, tem consciência de seus dotes físicos e poder de sedução e os usa para enfeitiçar aquele homem mais velho e atraente, sentado à sua frente, nas rochas da praia de Sandymount. O estilo aqui empregado por Joyce é sentimental e folhetinesco. O episódio é uma paródia do romance sentimental, com todos os clichês e imagens que lhe são próprios.

*Maria, a estrela do mar*. – Igreja Católica de Maria, Estrela do Mar.

*do gênero de Flora MacFlimsy* – heroína de um poema cômico de William Allen Butler.

*no Lady's Pictorial* – revista semanal londrina de modas.

*Sra. Reggy Wylie T. C. D.* – T. C. D: Trinity College, Dublin.

*Pearson's Weekly* – publicação semanal londrina com anúncios de remédios e curas milagrosas.

(... *caso palpável de doutor Fell*) – Dr. John Fell (1625-86) de Christ Church, Oxford.

*Ora pro nobis* – latim: “orai por nós”.

*a adoração de quarenta horas* – uma devoção em que o Santíssimo Sacramento fica exposto aos fiéis por quarenta horas consecutivas (Jesus ficou quarenta horas no túmulo).

*Tableau!* – brincadeira de salão em que os participantes fazem poses que representam mensagens e quando estão prontos para serem “lidos” declaram: “Tableau!”

*Tantum ergo* – latim: “Um sacramento tão alto, então”: hino cantado durante a consagração do Santíssimo Sacramento.

*tantumer gosa cramen tum.* – versão métrica de Gerty para *Tantum ergo sacramentum.*

*Panem de coelo praestitisti eis* – latim: “Vós lhes destes o pão celestial.”

*O Acendedor... outros contos.* – Maria Cummins (1827-66), *O Acendedor de Lampiões: um Romance Sentimental.*

*Laudate Dominum Omnes gentes* – latim: “Louvai o Senhor, todos vós.”

*Imagens mutoscópicas* – o “mutoscópio” era um aparelho de animação para fotografia.

*Lacaus esant taratara.* – versão métrica de Bloom para “La causa è santa” (ver cap. 8).

*seis pés* – 1,83 metro.

*uma milha* – 1,6 quilômetro.

*A profecia de Mãe Shipton... num piscar* – Mother Shipton (c. 1487-c. 1561), profetisa inglesa, talvez figura de ficção.

*O leitor real* – livros escolares ingleses que faziam parte do currículo irlandês.

*Grace Darling.* – filha de um faroleiro, Grace Darling (1815-42) com o pai salvou nove passageiros de um navio afundado; Wordsworth dedicou-lhe um poema.

*Roygbiv Vance* – o primeiro nome consiste nas primeiras letras das cores do arco-íris em inglês (*red, orange, yellow, green, blue, indigo, violet*).

*Ó penhascos... com vocês.* – de *Guilherme Tell*, tragédia do dramaturgo anglo-irlandês James Sheridan Knowles (1784-1862).

*Nós representamos Rip van Winkle.* – da história *Rip van Winkle* do autor americano Washington Irving (1783-1859).

*aquele homem sábio... em chamus.* – história segundo a qual Arquimedes incendiou os navios romanos dirigindo os raios do sol com espelhos.

*Faugh a ballagh.* – gaélico: “*fág a' bealach*”: “Saíam da frente.”

*ir nas Viúvas Escocesas* – Sociedade de Seguro de Vida das Viúvas Escocesas (Scottish Widows' Fund Live Assurance Society).

## 14. O GADO DO SOL

Em *A Odisséia*, saindo da ilha de Circe, Odisseu e seus companheiros aportam na ilha de Hélio, o deus do sol. Avisado por Tirésias de que os bois sagrados do lugar não podem ser mortos ou comidos, Odisseu adverte seus homens da gravidade de tal crime e os faz jurar não tocar nos animais. No entanto, cansado adormece e eles, dominados pela fome incontrolável, desobedecem às suas ordens. Encolerizado, Hélio exige de Zeus punição para o crime e, ao partir, a embarcação deles é atingida por um raio e todos morrem, com exceção de Odisseu.

Em *Ulisses*, a paródia reside nas brincadeiras irreverentes e cínicas dos estudantes de medicina, reunidos na Maternidade, as quais se constituem em uma espécie de sacrilégio contra as pacientes, que, como o gado do sol, são símbolos de fertilidade. Apenas Bloom discorda do comportamento inadequado dos rapazes e só ele permanece sério. A forma mais rica de paródia neste episódio é a diversidade dos estilos, que se estendem da fase embrionária da língua inglesa ainda marcada por uma sintaxe e um vocabulário latinos, passando pelo anglo-saxão, pelo *Middle English*, pelas prosas de sir Thomas Mallory, dos séculos XVI e XVII, pelos estilos de Samuel Pepys, George Moore, Daniel Defoe, Jonathan Swift, Richard Steele, Oliver Goldsmith, Edmund Burke, Richard Sheridan e outros mais até chegar ao *pidgin English* (dialeto do inglês) com seu estilo sintática e semanticamente desintegrado.

Joyce se refere a este episódio como uma alegoria na qual Bloom é o espermatozóide, o hospital, o ventre, a enfermeira, o óvulo, e Stephen, o embrião.

*Deshil Holles Eamus... meninoummenino hurra!* – cântico imitando os de antigos sacerdotes romanos em ritos de fertilidade.

*Universalmente... de procriar?* – no estilo de historiadores romanos.

*Não é por isso... começava a sentir.* – no estilo latino de prosa medieval.

*um plano foi por eles adotado* – o plano de construir maternidades; a primeira na Grã-Bretanha foi a de Dublin, construída em 1745.

*Neném não nascido... um com o outro.* – imitação da prosa rítmica do anglo-saxão Aelfric (c. 955-c. 1010).

*Portanto, Homem... não ter filhos.* – no estilo de auto medieval.

*todo homem nascido de mulher* – Jó 14, 1.

*pois assim como ele veio... como veio.* – Jó 1, 21.

*Nove vezes doze fluxos de sangue* – nove anos de menstruação.

*E enquanto eles falavam... Deus Todo-Poderoso.* – no estilo de *Travels of Sir John Mandeville* (*As Viagens de Sir John Mandeville*), uma coleção de contos de viagens do fim do século XIV.

*pavoroso dragão* – uma abelha.

*de Mahound* – o profeta Maomé.

*Nesse interim... ponderando.* – no estilo medieval de sir Thomas Malory em sua obra *Le Morte d'Arthur* (*A Morte de Artur*).

*Agora deixe-nos falar... relutante de partir.* – no estilo de John Bouchier, lorde Berners (1467-1533).

*Alba Longa* – a cidade mais antiga da Itália, mas “Alba” também significa Escócia em gaélico.

*Pois eles eram... o demonstrou.* – imitação dos estilos de Berners, sir Thomas More (1477-1535) e sir Thomas Elyot.

*a mulher devia parir com dor* – palavras de Deus a Eva: ... “na dor darás à luz filhos” (Gn 3, 16).

*pecado contra o Espírito Santo* – blasfêmia contra o Espírito Santo, único pecado imperdoável.

*Santo Foutinus* – bispo francês do século III visto como padroeiro da fertilidade.

*Lilith, patrona de abortos* – segundo a lenda, a lasciva primeira mulher de Adão.

*da gravidez forjada... Moisés Maimônides.* – lendas a respeito de impregnações fabulosas.

*vampiros boca a boca* – poema de Stephen (ver cap. 3).

*effectu secuto* – latim: “um desempenho depois do outro”.

*Por volta daquele momento... o repouso reinar*. – no estilo de crônica elisabetana.

*o vigário de Bray*. – “The Vicar of Bray”, canção sobre um sacerdote cujas crenças mudavam convenientemente de acordo com cada monarca.

*Agora bebamos... da minha alma*. – paródia das palavras de Jesus na Última Ceia (Mt 26, 26-8).

*as ruínas... na eternidade*. – trecho de carta de William Blake a William Hayley.

*omnipotentiam deiparae supplicem* – latim: “A onipotência da mãe de Deus em súplicas.”

*virgine madre, figlia di tuo figlio* – italiano: “Virgem Mãe, filha de teu filho.”

*na negação... Pedro Piscator* – Pedro, “o Pescador”, duas vezes negou conhecer Jesus (Mt 26, 34); “casa que Jack construiu”: a Igreja Católica.

*parce que... ventre de Dieu!* – francês: “Porque o Sr. Leo Taxil nos disse que quem a colocou nessa situação terrível foi a pomba sagrada, as entranhas de Deus!”

*Staboo Stabella* – outro verso indecente não publicado de John Gogarty.

*Para encurtar... um fenômeno natural*. – imitação do estilo dos séculos XVI e XVII.

*o eterno filho e o sempre virgem*. – Jesus, feito de carne mas livre de todo pecado.

*Ut novetur sexus omnis corporis mysterium* – latim: “Que todo o mistério da sexualidade física seja conhecido”; na verdade não se trata de um hino.

*mestre John Fletcher... para a cama* – canção de *The Maid's Tragedy (A Tragédia da Donzela)*, uma peça de Francis Beaumont (c. 1584-1616) e John Fletcher (1579-1625).

*costume do país* – título de uma peça de John Fletcher e Philip Massinger (1583-1640).

*Vai e faz o mesmo*. – Jesus aconselha a seguir o exemplo do Bom Samaritano (Lc 10, 37).

*Orate, frates, pro memetipso*. – latim: “Orai, irmãos, por mim mesmo.”

*Lembra-te, Erin... velhos tempos* – combinação de uma canção de Thomas Moore com Deuteronômio 32, 7: “Recorda os dias que se foram, repassa gerações e gerações...”

*como Jeshurum*. – hebraico: “virtuoso”; nome poético de Israel; Deuteronômio 32,15: “Jesurun engordou e deu coices.”

*Horeb... Nebo... Pisgah... Chifres de Hatten* – montanhas associadas aos israelitas e seu líder Moisés.

*a terra que flui com leite e dinheiro*. – a “terra prometida” para onde Moisés leva os filhos de Israel: Êxodo 33, 3: “terra que mana leite e mel”.

*Bíblia dos Septuaginta* – tradução grega do Antigo Testamento (c. século XII a.C.) contendo a Apócrifa.

*como disse Tullius Cícero* – o estóico Marcus Tullius Cícero (106-43 a.C.) aconselhava a contemplação de eventos futuros porque “a antecipação do futuro mitiga a aproximação de males previstos”.

*uma praga do Egito* – a peste assolou o Egito porque o faraó recusou-se a libertar os israelitas (Ex 10, 21).

*ubi e quomodo* – latim: “onde e de que maneira”.

*Primeiro salvo... sepulcro oculto* – nascimento e morte de Moisés.

*a sabedoria... uma casa* – Provérbios 7, 1.

*Olhe a mansão... Jackjanjão* – primeiros versos da paródia de George Shepherd.

*Thor trovejou* – deus nórdico do trovão e do relâmpago.

*Mas será que o medo... ardentemente ordena*. – imitação do estilo de John Bunyan (1628-88).

*chamado de Cria-em-Mim* – Jesus à multidão: “... o que crê em mim nunca mais terá sede” (Jo 6, 35).

*não há morte... cuidar de filho* – Jesus aos saduceus: “(Pois quando ressuscitarem dos mortos) nem eles se casam, nem elas se dão em casamento.”

*Assim na quinta-feira... sem que se saiba como.* – no estilo dos diários de Samuel Pepys (1633-1703) e John Evelyn (1620-1706).

*cinquenta milhas* – pouco mais de oitenta quilômetros.

*que era um papista... Williamita* – George Moore, que, tendo sido católico, se tornou protestante e pró-ingleses.

*apelando para a gravidez* – em *Moll Flanders* de Daniel Defoe, Moll diz que sua mãe conseguiu escapar da execução anunciando que estava grávida.

*Com isto avançou... por todo lado* – no estilo de Daniel Defoe (1660-1731).

*Mort aux vaches* – francês: “Morte às vacas.”

*um touro irlandês... ser homem não* – paródia do estilo de Jonathan Swift em *A Tale of a Tub (A História de uma Banheira)*.

*pelo fazendeiro Nicholas* – Nicholas Breakspear, papa Adriano IV, o único papa inglês, deu a Irlanda ao rei inglês Henrique II.

*uma argola de esmeralda no nariz.* – segundo John de Salisbury, Adriano IV deu a Henrique II um anel de esmeralda como símbolo de seu poder sobre a Irlanda (1156).

*o lorde Harry* – neste caso Henrique II; a denominação é usada adiante para Henrique VII e Henrique VIII.

*dos quatro cantos de toda a Irlanda.* – os quatro “antigos reinos” da Irlanda: Munster, Leinster, Ulster e Conacht.

*o pai dos fiéis* – o título de “Defensor da Fé” (“Defender of the Faith”) foi dado pelo papa a Henrique VIII.

*Por lorde Harry* – Henrique VII, que reafirmou o direito inglês à Irlanda.

*lorde Harry chamou... em sua casa* – desentendimento entre Henrique VIII e a Igreja Católica em vista da recusa do papa em permitir que o rei se divorciasse de Catarina de Aragão; a acusação é que, se o rei tinha seis esposas, o papa tinha sete amantes.

*do famoso touro campeão* – São Pedro.

*Bos Bovum* – latim incorreto: “Touro dos Touros.”

*seu novo nome.* – “Defensor da Fé.”

*ele e o touro da Irlanda* – por decreto do Parlamento, Henrique VIII foi proclamado Chefe da Igreja e do Estado em 1536 e rei da Irlanda em 1541.

*Nosso digno conhecido... som de alarme.* – no estilo dos ensaístas Joseph Addison (1672-1719) e Richard Steele (1672-1729).

*uma citação adequada... magnopere anteponunt* – não se trata de uma citação de Cícero e sim de uma invenção de Mulligan: “É de tal natureza e tamanha a depravação da nossa geração. Ó cidadãos, que as nossas matronas preferem as titilações lascivas dos gauleses semi-homens aos pesados testículos e extraordinárias ereções dos centuriões romanos.”

*incipiente ventripotência* – barriga grande, gula.

*gestação ovular no utrículo da próstata* – descrição médica de uma gestação masculina: gestação de um embrião na próstata.

*Neste momento... armazenagem de conhecimento.* – no estilo de Laurence Sterne (1713-68), romancista e clérigo nascido na Irlanda.

*marchand de capotes* – francês: “vendedor de capas”, mas “capote” também é gíria para preservativo.

*Lê Fécondateur* – francês: “O Fecundador.”

*Em meio à desabrida hilaridade... com coração amoroso.* – no estilo de Oliver Goldsmith (1730-74), ensaísta, dramaturgo, poeta e romancista nascido na Irlanda.

*que estava enceinte* – francês: grávida.

*Para voltar ao Sr. Bloom... do Ser Supremo.* – no estilo de vários ensaístas do século XVIII.

*uma criatura desorelhada... com os pés na frente* – descrição de Ricardo III nas peças de Shakespeare *Henrique VI* e *Ricardo III*.

*o elo que faltava... Sr. Darwin.* – hipótese de Charles Darwin (1809-82) em *A Descendência do Homem*.

*Conseqüentemente ele abriu... cada qual ri com seu igual.* – no estilo de Richard Brinsley Sheridan (1751-1816), dramaturgo, membro do Parlamento e ensaísta político nascido em Dublin.

*Hagar; a egípcia!* – criada de Sara, mulher de Abraão, Hagar deu à luz um filho de Abraão, Ismael, tradicionalmente “pai” dos povos árabes.

*com uma circunspeção... que Deus juntou.* – no estilo de Edward Gibbon (1737-94), filósofo e historiador.

*o acardiaco foetus in foetu... outro falava* – uma série de nascimentos monstruosos: acardiaco: sem coração, prosopia: sem rosto, agnatia: sem maxilar.

*de Sturzgeburt* – alemão: nascimento repentino.

*Aristóteles classificou em sua obra-prima* – alusão à quase pornográfica *Obra-Prima* de Aristóteles.

*Minotauro... Metamorfoses.* – segundo o relato de Ovídio em *Metamorfoses*, o Minotauro foi gerado na cópula de uma rainha com um touro premiado.

*o preceito eclesiástico... Deus juntou.* – Mateus 19, 6: “Portanto que o homem não separe o que Deus uniu.”

*Mas a história de Malachias... Terreno do assassino.* – imitação do estilo dos romances dos séculos XVIII e XIX.

*a língua erse* – gaélico.

*O vidente... Mananaan!* – “O vidente”: George Russell; Mananaan: cântico de sua peça *Deirdre*.

*Lex talionis.* – ver cap. 7.

*Qual é a idade... foi para Rudolph.* – no estilo de Charles Lamb (1775-1834), ensaísta, dramaturgo, poeta e autor de *The Adventures of Ulysses (As Aventuras de Ulisses)*.

*O pai sábio conhece seu próprio filho.* – da peça de Shakespeare *O Mercador de Veneza*.

*e num instante... o mundo.* – como quando Deus criou o mundo segundo Gêneses 1,1-3.

*As vozes se misturam... a frente de Taurus.* – no estilo de Thomas De Quincey (1785-1859).

*os espectros das feras.* – comparar com *A Odisséia* onde os espectros dos bois mortos mexem-se e mugem.

*Lacus Mortis.* – latim: “Lago dos Mortos”: o mar Morto.

*Francis lembrava... da segunda constelação.* – no estilo de Walter Savage Landor (1775-1864).

*Perguntou por Glaucon* – aparece na República de Platão e é por muitos considerado irmão de Platão.

*Alcibiades* – general ateniense, discípulo de Sócrates.

*Pisistratus* – tirano ateniense (c. 560), mas também nome do filho de Nestor na *Odisséia*.

*Bous Stephanoumenos* – ver cap. 9 e *Retrato do Artista*.

*No entanto, na verdade... os anos ainda por vir.* – no estilo de Thomas Babington Macaulay (1800-59).

*Seria melhor declarar... foi formulada.* – no estilo de Thomas Henry Huxley (1825-95).

*Empédocles... nascimento de meninos* – versão de uma teoria de Empédocles de Acragas (c. 495-c. 435 a.C.).

*Culpepper... Valenti* – todos médicos, biólogos, naturalistas, embriólogos que escreveram tratados sobre embriologia.

*nisus formativus* – latim: “tendência formativa”.

*succubitus felix* – latim: “a pessoa fértil que fica por baixo”.

*Calipedia, profetizou* – grego: “o estudo da beleza”.

*Nesse ínterim a habilidade... bom e fiel servidor!* – no estilo de Charles Dickens (1812-70).

*o pai Cronion* – o Tempo, em uma conjunção da palavra grega “chronos” com Cronus, o deus da colheita.

*Parabéns... servidor!* – Mateus 25, 23.

*Existem pecados... remota, reprovadora.* – no estilo de John Henry, cardeal Newman (1801-90), ensaísta e católico convertido.

*O estranho ainda observava... olhar de mãe feliz.* – no estilo de Walter Pater (1839-94), ensaísta, filósofo esteta.

*alles Vergänglichliche* – alemão: “tudo o que é transitório” do *Fausto* de Goethe.

*Além disso atente... enunciação da palavra.* – no estilo de John Ruskin (1819-1900), crítico de arte e filósofo esteta.

*No Burke!... nunc este bibendum!* – no estilo de Thomas Carlyle (1795-1881), ensaísta e historiador escocês.

*o coelum estrelado* – “*coelum*”: latim: “abóbada celeste”.

*os maltusianos se danem* – seguidores da filosofia de Thomas Robert Malthus (1766-1834).

*A matança dos inocentes* – 28 de dezembro quando se comemora o massacre dos inocentes por ordem de Herodes.

*Deine Kuh Trübsal... Milch des Euters.* – alemão: “Você está ordenhando a sua vaca, Aflição. Agora você está tomando o doce leite de seu úbere.”

*Per deam Partulam... bibendum!* – latim: “Pelas deusas Partula e Pertunda devemos beber agora”; Partula: deusa romana do parto; Pertunda: deusa romana que presidia a perda da virgindade.

*Todos de saída... Experimenta só.* – fragmentos de dialeto e gíria.

*Benedicat vos... Pater et Filius.* – “Que Deus todo-poderoso, o Pai e o Filho, vos abençoe”; a bênção no fim da missa; aqui faltou “e o Espírito Santo”.

*En avant mes enfants!* – francês: “Pra frente, meus filhos.”

*Ma mère m’a mariée* – francês: “Minha mãe me casou”, de uma canção obscena.

*Retamplatan digidi boumboum.* – refrão de coro sem sentido.

*Vênus Pandemos.* – Vênus “de todo o povo”, originalmente deusa “de todo o povo” da Grécia; mais tarde deusa da luxúria.

*Nos omnes biberimus... nostra.* – latim: “Vamos todos beber veneno verde e que o diabo tome os nossos traseiros.”

*Laetabuntur in cubilibus suis.* – latim: “Deixe que cantem alto sobre suas camas.”

*Ut implerentur scripturae.* – latim: “Que as escrituras sejam cumpridas.”

## 15. CIRCE

Em *A Odisséia*, depois das aventuras desastrosas com Éolo e os lestrígones, Odisseu aporta na ilha de Circe. Ali alguns de seus companheiros partem para explorar o local e, depois de serem recebidos com festejos em seu palácio pela feiticeira Circe, são drogados e transformados em porcos, indo se juntar às vítimas anteriores de suas bruxarias. Informado do ocorrido por Euríloco que fora com eles mas se esquivara de entrar na mansão, Odisseu vai à procura de seus homens e, auxiliado por Hermes, se prepara para salvá-los. Imunizado pela droga mágica, *moly*, que o deus lhe dá, e por ele instruído como agir, Odisseu consegue dominar Circe. Só depois de ver os companheiros restituídos à sua forma humana ele consente deixar-se



levar por Circe para o seu leito.

Em *Ulisses*, é a bestialidade das vítimas de Circe que é parodiada por Joyce, através do ambiente sórdido da zona dos bordéis em que Bloom vai parar, em sua tentativa de encontrar Stephen, que, bêbado, precisaria de sua proteção. Um estilo teatral, surpreendente e notável, é empregado para dramatizar as fantasias eróticas de Bloom, mescladas de sentimento de culpa e seus sonhos de poder incontroláveis e vãos, assim como para retratar a libertação de Stephen do fantasma da mãe. Enquanto Odisseu domina Circe pelo poder imunizante de uma droga mágica, Bloom, indefeso, é arrastado por suas fantasias, nelas mergulhando.

*Vidi aquam egredientem... Alleluia.* – latim: “Eu vi um curso d’água surgindo do lado direito do templo. Aleluia!”; frase cantada enquanto o altar é aspergido com água benta (*altius aliquantulum*).

*aqua ista.* – latim: “(Com grande profundidade.) E todos dentre eles vieram até a água.”

*o dom das línguas* – a manifestação do Espírito Santo nos Apóstolos no dia de Pentecostes.

*Até o todo sábio estagirita... uma luz de amor.* – segundo Stephen, Aristóteles (nascido em Stagira) foi vítima do amor de uma mulher.

*a bisnaga e o cântaro... em Omar.* – da mais famosa frase na tradução de Omar Kayan por Edward Fitzgerald (1809-83).

*la belle dame sans merci* – francês: “a bela mulher sem misericórdia”, título de um poema de John Keats (1795-1821).

*ad deam qui laetificat juventutem meam.* – latim: “à deusa que alegrou os dias da minha juventude”; trocando a letra u de “Deum” por a, “deam”, Stephen blasfema usando o Intróito da missa.

*A Providential.* – companhia de seguros sediada em Londres.

*Buenas noches...es esta?* – espanhol: “Boa-noite, senhorita Blanca. Que rua é esta?”

*Sraid Mabbot.* – gaélico: “*Stráid*” : “Rua.”

*Slan leath.* – gaélico: “Adeus.”

*Ja, ich weiss, papachi.* – alemão: “É, eu sei, papai.”

*Goim nachez!* – ídiche: “O prazer orgulhoso dos gentios!”

*um Agnus Dei* – latim: “Cordeiro de Deus”; um emblema religioso com a imagem do cordeiro (representando Jesus).

*Ti trema un poco il cuore?* – italiano: “Teu coração está tremendo um pouco?”, da ópera *Don Giovanni* de Mozart (ver cap. 4).

*o jogo de Irving Bishop* – um jogo de “leitura de pensamentos” do mágico americano Irving Bishop.

*Confesso que estou bule... toda bule!* – jogo de adivinhação em que uma palavra (neste caso “bule”) substitui outra que deve ser adivinhada.

*Là ci darem la mano.* – italiano: “Então iremos de mãos dadas”, *Don Giovanni* de Mozart (ver cap. 4).

*Voglio e non* – italiano: “Quero e não” (ver cap. 4).

*Borrifados de goma e cal de seus ofícios* – primeira imagem maçônica do capítulo.

*Chacun son goût.* – francês: “Cada um com o seu gosto.”

*Bloom... Bloom.* – declinação do nome como em latim: nominativo, genitivo, dativo, acusativo.

*Donnerwetter!* – alemão: “temporal”, palavra usada também como imprecação.

*venerável mestre, luz de amor.* – “mestre”: grau mais alto da maçonaria; “luz de amor”: originalmente título de uma canção popular do século XVI, a expressão mais tarde passou a significar mulher inconstante ou imoral.

*O correio... Dubosc.* – peça de Charles Reade (1814-84), *The Lyons Mail (O Correio de Lyon)* é sobre um caso verídico de engano de identidade.

*Recebeu seu título... Rorke's Drift.* – batalha do começo da guerra contra os zulus cujo território na África do Sul a Grã-Bretanha invadiu.

*Spion Kop e Bloemfontein* – Spion Kop: montanha em Natal (África do Sul), local de uma importante vitória dos bôeres; Bloemfontein: importante cidade para os bôeres até ser tomada pela Grã-Bretanha.

*Meu agente... Pinker* – J. B. Pinker era o agente literário de Joyce em Londres.

*corpus delicti* – latim: “corpo de delito”.

*Prima facie* – latim: “à primeira vista”.

*representação de gala de La Cigale* – *La Cigale et la Fourmi* (*A Cigarra e a Formiga*), ópera de Henry Chivot, Alfred Duru e Edmond Audran, baseada na famosa fábula de La Fontaine.

*a Vênus das peles* – *Venus im Pelz*, romance de Leopold von Sacher-Masoch (1836-94), cujo nome deu origem ao termo “masoquismo”.

*Vou fazê-lo... Jack Latten...* – irlandês lendário que apostou poder dançar mais de 32 quilômetros até a sua casa e ganhou.

*De sua frente... de carneiro.* – sir Fredrick Falkiner (ver cap. 8) aparece como o Moisés de Michelangelo; a estátua representa Moisés com chifres por causa da tradução errada de Êxodo 34,29 na Bíblia Vulgata.

*Bloom, eu sou... Ó escuta!* – imitando palavras do Espectro em *Hamlet*.

*A voz é a voz de Esaú.* – Esaú: ver cap. 9.

*um bastão de papoulas entrelaçadas.* – como o de Morfeu, deus do sono.

*Namine. Jacó. Vobiscuitos.* – A versão em latim de Bloom para “Dominus vobiscum”: “O Senhor esteja convosco”; Jacó. Vosbicitos: dos biscoitos Jacó.

*Eu nunca amei... seguro de* – da obra de Thomas Moore, *Lalla Rookh*.

*suntuosamente a mulhercidade* – Jerusalém na descrição de Blake entre outros.

*Schorach... Hierushalaim.* – hebraico incorreto: “Eu sou negra mas bela, Ó filhas de Jerusalém.”

*Cui bono?* – latim: “A quem beneficia?”

*Vanderdeckens... de finanças* – Vanderdecken: *O Holandês Voador*; “de finanças”: liga Vanderdecken a Cornelius Vanderbilt (1794-1877), financista americano.

*Cead Mille Failte* – gaélico: “Cem mil boas-vindas.”

*Mah Ttob Melek Israel* – hebraico: “Como é belo o vosso rei, Ó Israel.”

*Kol Nidre.* – hebraico: “Todos os juramentos”: oração cantada na véspera do Yom Kippur.

*John Howard Parnell* – as autoridades municipais e clericais que aparecem na lista a seguir são na sua maioria tiradas da realidade.

*A garriça, a garriça... no tojo enredada* – cântico tradicional do dia de Santo Estevão.

*(colocando a mão... jura)* – forma antiga de juramento solene.

*Gaudium magnum... carneficem* – latim: “Uma grande alegria vos anuncio. Temos um carrasco”, seguindo a fórmula que anuncia um novo papa.

*nomeamos... de Grão-vizir* – imitando o imperador romano Calígula (12-41), Bloom dá um título público a seu cavalo.

*princesa Selene* – mito grego, deusa da lua, versão primitiva de Ártemis (Diana).

*em Ladysmith.* – cidade de Natal, África do Sul.

*Bonafide Sabaoth* – “Bonafide”: latim: “de boa-fé”, “autêntico”; “Sabaoth”: forma grega do hebraico “*tsebâôth*”: “exércitos”.

*Morituri te salutant.* – latim: “Os que estão para morrer te saúdam”, declaração dos gladiadores romanos a César ao entrar na arena.

*Doze Piores Livros do Mundo* – aparentemente todos inventados.

*Mulheres se comprimem... de Bloom.* – veja Mateus 9,20.

*32 pés* – 9,7 metros.

*Cornetas de chifre... é içado.* – a chamada israelita para batalha era dada com o “shofar” feito de chifres; “o estandarte de

Sião”: emblema da posição dos israelitas como o povo escolhido por Deus.

*Aleph... Daleth* – primeiras quatro letras do alfabeto hebraico.

*Hanukah* – a Festa de Consagração comemorando a reconsagração do Templo.

*Roschaschana* – Rosh Hashana: o feriado de dois dias celebrando o ano-novo judaico.

*Beni Brith* – hebraico: “filhos do pacto”, confraria judaica.

*Bar Mitzvah* – hebraico: “filho do comando”, cerimônia que comemora a maioridade (13 anos) dos rapazes judeus.

*Mazzoth* – hebraico: “sem fermento”, o pão da Páscoa.

*Askenazim* – os judeus da Europa oriental.

*Meshuggah* – ídiche: “louco”.

*Talith* – xale que os homens judeus usam para rezar.

*Será que eu disse um Daniel?* – de *O Mercador de Veneza*.

*Um Peter O’Brien!* – Peter O’Brien (1842-1914), ministro do Supremo Tribunal da Irlanda.

*Três acres e uma vaca* – slogan dos que lutavam pela reforma agrária irlandesa; três acres equivalem a 12 mil metros quadrados.

*um qualquercredo* – de *Conversas Polidas* de Jonathan Swift; muitos dos provérbios e clichês deste capítulo têm a mesma origem.

*este bode nojento* – um dos três animais sagrados do antigo Egito, símbolo do poder criador.

*touro branco... Mulher Escarlata* – não existe touro branco no Apocalipse; “Mulher Escarlata”: a “Prostituta da Babilônia” (Ap 17, 4-5).

*latas de leite condensado* – quando o leite condensado em latas começou a ser fabricado, era rotineiramente retirado todo o seu valor nutritivo com a conseqüente desnutrição das crianças pobres; o escândalo deu origem a uma lei de controle da produção do leite.

*inocente como... ao sol!* – de *Cimbeline*, peça de Shakespeare.

*Hipospadia é também marcante.* – “hipospadias”: má-formação da uretra masculina.

*fetor judaicus* – latim: “fedor judaico”.

*novo homem feminino.* – idéia tirada de *Sexo e Caráter* de Otto Wininger (1880-1903), um “estudo” sexista e anti-semita segundo o qual os judeus eram afeminados.

*Nasodoro... Panargyros.* – todos têm nomes de metais “preciosos”: Nasodoro: italiano “nariz de ouro”; Chrysostomos: grego: “boca de ouro”; Maindorée: francês: “mão de ouro”; Silberselber: alemão: “eudeprata”; Vifargent: francês: “mercúrio líquido”; Panargyros: grego: “tododeprata”.

*o Messias ben José ou ben David?* – nas lendas apocalípticas judaicas o Messias da Casa de José prepara o caminho para o verdadeiro Messias da Casa de David.

*Você o disse.* – Lucas 23, 3.

*lorde Beaconsfield* – Benjamin Disraeli (1804-81), romancista, estadista e primeiro-ministro de ascendência judaica.

*Wat Tyler* – líder da Revolta dos Camponeses (Peasants’ Revolt) de 1381.

*Henry Irving* – (1838-1905), famoso ator inglês.

*Kossuth* – Lajos Kossuth (1802-94), líder da revolução húngara.

*Jean-Jacques Rousseau* – (1712-78), filósofo político francês.

*barão Leopoldo Rothschild* – (1845-1917), banqueiro judeu filho do barão Lionel Nathan de Rothschild (1808-79), primeiro judeu membro do Parlamento.

*Sherlock Holmes* – famoso detetive criado pelo escritor sir Arthur Conan Doyle (1859-1930).

*Leopoldi autem generatio.* – imitando Mateus 1, 18.

*et vocabitur nomen eius Emmanuel.* – latim: “e o chamará de Emanuel” (Isaías 7, 14).

*A Mão-de-um-Morto* – significado literal de “mortmain”, termo legal para terras que pertencem em caráter inalienável a organizações eclesiásticas.

*E ele levará... no deserto* – “Azazel”, o bode expiatório simbólico usado em cerimônias para receber os pecados.

*Mizraim, terra de Ham.* – “Mizraim!”, nome do Egito no Antigo Testamento, chamado “terra de Ham”, nome do filho de Noé.

*Belial!* – associado a Satã; “os filhos de Belial”: os que levariam os israelitas à idolatria.

*Laemlein de Istria* – herege judeu que apareceu em Istria (perto de Veneza) e se apresentou como arauto do Messias.

*Não chorem por mim. Ó filhas de Erin.* – como as palavras de Jesus às mulheres presentes à sua crucificação: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim.” (Lc 23, 28)

*Rim de Bloom... Pestilência, orai por nós* – paródia de ladainha católica.

*o toque-de-senha do monitor secreto* – aqui o toque obviamente significa disponibilidade sexual, mas é também um sinal maçônico secreto avisando de perigo.

*O homem justo cai sete vezes.* – Provérbios 14,16.

*se Benedetto Marcello o achou ou o fez.* – Benedetto Marcello (1686-1739), compositor italiano que parafraseou e musicou os Salmos.

*velho hino a Deméter* – Deméter: deusa da fertilidade e da agricultura.

*Coela enarrant gloriam Domini.* – latim: “Os céus declaram a glória do Senhor”, adaptação do Salmo 19, 1.

*hiperfrígio e mixolídio* – duas claves de música antiga grega.

*do altar de Ceres* – Ceres: deusa romana da colheita.

*Jetez la gourme... jeunesse se passe.* – francês: “Cometa loucuras. A juventude deve ser vivida enquanto dura.”

*Um tempo, tempos e a metade do tempo.* – de Apocalipse 12, 13-14.

*Il vient!... primigène!* – francês: “Ele está vindo! Sou eu! O homem que ri! O homem primordial!”

*Sieurs et dames, faites vos jeux!* – francês: “Senhoras e senhores, façam as suas apostas!”

*Les jeux sont faits!* – francês: “As apostas foram feitas!”

*Rien va plus!* – francês: “Nada funciona mais!”

*Jerusalém... Hosana* – coro da canção “A Cidade Sagrada” de Frederick Edward Weatherly e Stephen Adams.

*Fiquem do lado dos anjos.* – falando contra a teoria de Darwin em 1864, Disraeli declarou: “A questão é esta: o homem é um macaco ou um anjo? Eu estou do lado dos anjos.”

*um Gautama* – Sidarta Gautama, o nome do Buda.

*um Ingersoll.* – Robert Ingersoll (1833-99), político e orador americano, agnóstico apaixonado e defensor do racionalismo científico.

*No princípio era o verbo... sem fim.* – João 1, 1.

*Uma coisa bela* – o começo do poema de John Keats “Endymion”.

*Aum! Hek! Wal! Ak! Lub! Mor! Ma!* – segundo A. E., sons das origens da fala humana.

*Hermes Trismegistos.* – lendário grande mago, supostamente autor de numerosos tratados.

*Hipogrifo.* – animal fabuloso com cabeça de grifo e corpo de cavalo.

*o botão do solteirão... Columbus.* – o clitóris que o anatomista Rualdus Columbus (1516-69) dizia ter descoberto.

*Lycopodium.* – pó usado como remédio e na fabricação de fogos de artifício.

*Argumentum ad feminam* – latim: “argumento para a mulher”.

*técnica mnemônica.* – a “ciência” da memória.

*anêmona pulsatila.* – espécie de anêmona cujo óleo se acreditava ser afrodisíaco.

*Elefantulíase* – combinação de elefantíase (doença) com Elefantis, escritora grega de obras eróticas.

*Enchendo minha barriga... Eu vou me erguer e ir para meu.* – as duas frases são da parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 18).

*Ci rifleta. Lei rovina tutto.* – italiano: “Refleta. Você estraga tudo.”

*Zoe mou sas agapo.* – grego: “Minha vida, eu te amo”, epígrafe de Byron.

*Maynooth?* – o Royal College of St. Patrick, seminário católico, centro teológico do catolicismo irlandês.

*oferece sua yoni* – órgão sexual feminino em sânscrito.

*Verfluchte Goim!* – iídiche: “Malditos gentios!”

*Qui vous a mis... pigeon, Philippe.* – francês: “Quem colocou você nessa terrível posição, Felipe? Foi a pomba sagrada, Felipe.”

*Metchnikoff... antropóides.* – Ilya Metchnikoff (1845-1916), cientista russo, infectou grandes macacos com sífilis.

*Ela vendia... com seus genitais.* – tirado de *Santo Antonio* de Flaubert onde um judeu conta ao santo que Maria, uma vendedora de perfumes, tendo ficado grávida de um soldado romano, deu à luz Jesus.

*meu Chree!* – gaélico: “*mo chroidhe*”: “(do) meu coração”.

*Dreck!* – iídiche: “porcaria”.

*Virag desaparafusa... do braço* – do “Inferno” de Dante.

*o pároco lutador... protestante.* – Martinho Lutero (1483-1546), líder da Reforma Protestante.

*Monges da foda.* – sociedade não religiosa irlandesa também conhecida como a Ordem de São Patrício.

*Ah, o pobre rapazinho... assassinou de repente* – adaptação do segundo verso da balada irlandesa “A Pata de Nell Flaherty”.

*peles de Svengali* – personagem de *Trilby* de George du Maurier (1834-96).

*trinta e dois pés* – 9,7 metros.

*o rei Davi e a Sunamita* – Reis 1, 1-4.

*Adorador do rabo adúltero!* – sintoma de masoquismo.

*de quatro no chão, grunhindo, fungando, fossando* – comparável ao encantamento de Circe que transforma os homens de Odisseu em porcos.

*na atitude do mais excelente mestre.* – posturas e juramentos maçons começam a combinar com sintomas de masoquismo.

*Vice-Versa* – adaptação teatral do romance de Thomas Anstey Guthrie (1856-1934).

*quatro polegadas* – cerca de dez centímetros.

*M. Shulomowitz... Leopold Abramovitz* – todos membros reais da comunidade judaica residente em Lombard Street West.

*Shema Israel... Adonai Echad.* – ver cap. 7; “Adonai Echad”: hebraico: “O Senhor é Um”; a frase inteira é o cântico para os moribundos.

*quatro polegadas* – cerca de dez centímetros.

*cento e sessenta e três libras* – 74 quilos; *nove libras* – quatro quilos.

*Poulaphouca* – cachoeira no alto Liffey.

*Peccavi!* – latim: “Eu pequei.”

*dos nove templários* – ordem medieval de cavaleiros existente durante as cruzadas.

*Ter ou não ter eis a questão.* – adaptação do monólogo mais famoso de *Hamlet*.

*Dans ce bordel... état* – francês: “Neste prostíbulo onde temos a nossa corte”; de uma frase de François Villon (1431-c. 1463).

*brevi manu* – italiano: “lesado no troco”.

*Um momento... diz Lessing* – Gotthold Lessing (1729-81), filósofo estético, diferencia a poesia da pintura e da escultura em suas relações com o “momento”: as duas últimas captando pequenos momentos e a primeira momentos contínuos.

*Dona nobis pacem* – latim: “Dai-nos paz.”

*juramento-de-sangue em Crepúsculo dos Deuses* – ópera de Richard Wagner.

*Hangende Hunger... kaputt* – alemão: “aspirações frustradas, uma esposa questionadora arruína nós todos”.

*palmatória... menininho muito bom* – relembra o incidente com padre Dolan quando Stephen foi injustamente punido (*Um Retrato do Artista Quando Jovem*).

*Eu nunca pude ler... no hadoque* – segundo a lenda de que o hadoque carrega a impressão digital do polegar de São Pedro nas barbatanas (Mt 17, 24-7).

*uma polegada* – dois centímetros e meio.

*Et exaltabuntur cornua iusti* – latim: “E os chifres dos justos serão exaltados.”

*dessous troublants* – francês: “roupa de baixo perturbadora.”

*Ce pif qu'il a!* – francês: gíria, “Que cara!”

*Belzebu* – hebraico: “Senhor das moscas”; nome de Satã ou de seus atendentes.

*Uma águia vermelha... prateado* – brasão dos Joyce e Galway.

*Tout le monde* – as frases em francês que se seguem por duas páginas são instruções de dança.

*Lemur, quem é você?* – espectro romano dos mortos; aparece no *Fausto* de Goethe.

*Non serviam!* – latim: “Não servirei”, de *Retrato do Artista*.

*Nothing!* – alemão: “Necessária”, nome da espada mágica de Siegfried na ópera de Wagner.

*Salve, Sísifo.* – Odisseu encontra com ele em Hades onde está condenado a empurrar eternamente uma pedra até o alto de um morro de onde ela logo escorrega para baixo de novo.

*Não cabe... porquê.* – da “Carga da Brigada Ligeira” de Tennyson: “Não lhes cabe compreender / Só lhes cabe fazer e morrer.”

*Doutor Swift... mangas de camisa.* – do texto de Swift: “Pois racionalmente todo governo sem o consentimento dos governados é escravidão; mas realmente onze homens armados certamente subjugarão um homem sozinho em manga de camisa.”

*Enfin ce sont vos oignons.* – francês: “Afinal de contas são suas cebolas”, isto é, “É problema seu não meu.”

*Dolly Gray* – de uma canção popular da Guerra dos Bôeres.

*dando o sinal... Rahab.* – Rahab: a prostituta heroína de Jericó que protegeu os espiões de Joshua e por isso sobreviveu quando Joshua destruiu Jericó; o “sinal” dela era uma linha vermelha na janela.

*o czar* – o czar Nicolau II da Rússia (1868-1918).

*o rei da Inglaterra* – Eduardo VII (ver cap. 12).

*Défense d'uriner* – francês: “Proibido urinar.”

*Verde acima do vermelho* – canção de Thomas Osborne Davis: o verde irlandês acima do vermelho inglês.

*Ça se voit aussi à Paris.* – francês: “Isso se vê também em Paris.”

*A velha porca... ninhada.* – descrição que Stephen faz da Irlanda em *Retrato do Artista*.

*Mahal shalal hashbaz.* – hebraico (o certo é “maher”, não “mahar”): “Corram para o saque.” (Is 8, 1 e 3)

*O grito da meretriz... tecendo* – tirado de “Auguries of Innocence” (“Presságios da Inocência”) de William Blake.

*Lanças... com couraças.* – como na Rebelião de 1798.

*Michael Davitt* – nacionalista irlandês (1846-1906), fundador da Liga da Terra (Land League), membro do Parlamento, colega de Parnell.

*John Redmond* – nacionalista irlandês (1856-1918), membro do Parlamento e do Partido Parlamentar Irlandês.

*John O’Leary* – nacionalista (1830-1907), figura proeminente no renascimento literário irlandês.

*Velas pretas... ventre inflado.* – paródia de Missa Negra (inversão da missa em que o Diabo é adorado em vez de Cristo).

*Introibo ad altare diaboli* – latim: “Trei ao altar do Diabo.”

*hóstia gotejantedesangue* – Missa Negra.

*Corpus meum.* – latim: “Meu corpo.”

*Exit Judas. Et laqueo se suspendit.* – latim: “Judas saiu e se enforcou.”

*Quem... dirigir... do bosque* – Stephen balbucia uma repetição da canção de Yeats, “Who Goes with Fergus” (“Quem vai com Fergus”).

*Juro que vou... arte ou artes* – versão do juramento dos maçons.

*Ele lê... beijando a página* – como um hebreu devoto.

## 16. EUMEU

Em *A Odisséia*, ao retornar a Ítaca, Odisseu se apresenta, disfarçado de mendigo, na cabana do guardador de porcos Eumeu, a quem conta uma história falsa para justificar a sua chegada, como estrangeiro, à terra. Quando seu filho, Telêmaco, que ele mandara chamar, chega, Odisseu lhe revela ser seu pai e, juntos, planejam destruir os pretendentes à mão de Penélope, que há tanto tempo a importunam e consomem seus bens.

Em *Ulisses*, embora o abrigo perto de Butt Bridge corresponda à cabana de Eumeu, e seu zelador Pele-de-Cabra seja imperfeitamente comparável ao personagem homérico, não existe uma equivalência exata entre este episódio e o de *A Odisséia*. O relato falso que Odisseu faz de sua viagem pode ser equiparado à basófia do marinheiro Murphy, ao contar, no abrigo, suas aventuras diante de Bloom e de Stephen. Além disso, a auto-revelação de Bloom para Stephen e a de Stephen para Bloom – mal interpretada em vários aspectos por Bloom – ecoam o encontro de Odisseu e Telêmaco.

*Júpiter Pluvius* – latim: “Júpiter o deus da chuva.”

*Stephen começou... Talbot Place* – Henrik Ibsen (1828-1906), dramaturgo norueguês muito admirado pelo jovem Joyce.

*aquele homem na brecha* – coloquial: “um homem que corajosamente e com sucesso defende uma causa ou uma opinião”.

*inescrupulosos no serviço à Coroa* – uma queixa comum: a Polícia Metropolitana de Dublin, apesar de irlandesa, era vista como um instrumento da política inglesa e do poder inglês.

*Lorde John Corley* – um dos personagens de *Dublinenses*.

*Brazen Head... frade Bacon* – o nome Brazen Head Hotel faz Stephen se lembrar da peça *The Honourable History of Friar Bacon and Friar Bungay* (*A Honrada História de Frei Bacon e Frei Bungay*) de Robert Greene (1558-92).

*haud ignarus malorum miseris succurrere disco* – latim: “os males não me sendo desconhecidos, sei como ajudar os

desgraçados”, adaptação de trecho da *Eneida* de Virgílio.

*Companhia Carl Rosa* – popular companhia inglesa de ópera; o violonista Carl Rose (1842-89) foi o seu fundador.

*rara avis* – latim: “ave rara.”

*Cada um de acordo... com seus atos* – adaptação da máxima de Karl Marx: “De cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com sua necessidade.”

*Puttana madona... la testa più* – gíria italiana: “Putá da Virgem Santíssima”, ele tem que nos dar dinheiro! Certo? Cuzão!

Vamos deixar isso bem claro. Dez shillings mais...

Então é isso que ele diz, mas.

Metade.

Ladrão! Seus mortos nojentos!

Mas olha! Cinco mais por cabeça...

*Bella Poetria!* – Bloom tentando dizer em italiano “Bella Poesia”.

*Belladonna. Voglio.* – italiano: “Bela mulher. Quero.”

*cinquenta jardas* – cerca de 46 metros.

*Buffalo Bill atira para matar* – Buffalo Bill: William Frederick Cody (1846-1917), famoso desbravador e atirador, fundador do Buffalo Bill’s Wild West Show.

*Enoch Arden* – poema de Tennyson.

*Gospodi pomilooy.* – esloveno: “Deus tenha piedade de você.”

*Choza de Índios.* – espanhol: “Palhoça de índios.”

*Tarjeta Postal* – espanhol: “cartão-postal”.

*Guilherme Tell* – herói suíço lendário; condenado à morte pelos austríacos, oferecem-lhe a liberdade se ele acertar uma flecha em uma maçã colocada sobre a cabeça de seu filho, o que ele naturalmente consegue fazer.

*Moody-Manners* – na época a maior companhia de ópera inglesa fundada pelo irlandês Charles Manners (1857-1935) e sua esposa inglesa Madame Fanny Moody.

*tapis* – francês: tapete.

*setores de circunlóquios* – clichê que se refere a departamentos governamentais.

*bem mais distante... enlouquecedora* – do título de um romance de Thomas Hardy.

*coup d’oeil* – francês: “olhadela”.

*Jorge IV* – (1762-1830), rei da Inglaterra, primeiro a visitar a Irlanda depois de Guilherme III.

*muitas centenas de pés* – um pé equivale a 0,3048 metro.

*onde há... felicidade* – de um poema de Thomas Gray.

*pai cidadão de Skibbereen* – da balada anônima “Old Skibbereen” (“O Velho Skibbereen”) sobre a fome.

*Não tema... comprar a alma.* – de Mateus 10, 28: “Não temais os que matam o corpo mas não podem matar a alma.”

*uma substância simples... corruptio per accidens* – da *Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino*.

*Edison* – Thomas Alva Edison (1847-1931), inventor da luz elétrica e do fonógrafo entre outras coisas, mas não do telescópio.

*Galileu* – (1564-1642), astrônomo italiano que demonstrou claramente a utilidade do telescópio.

*essa faca... história romana.* – provavelmente o assassinato de Júlio César.

*Antonio... poeta nacional* – provavelmente o personagem do mesmo nome em *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare.

*antigo marinheiro... história incrível* – de *The Rime of the Ancient Mariner* (*A Rima do Antigo Marinheiro*) de Samuel Taylor Coleridge.

*o amigo Simbá e suas aventuras* – Simbá: o marinheiro herói do conto das *Mil e uma Noites* “Simbá o Marinheiro”; um



personagem próximo de Odisseu.

*na pequena Itália daqui perto de Coombe* – pequena comunidade italiana em Dublin.

*inofensivo e necessário animal do gênero felino* – palavras de Shylock em *O Mercador de Veneza*.

*Roberta ruba roba sua.* – italiano: “Roberta roubou as coisas dele.”

*impetuosidade de Dante... se apaixonou* – segundo Bocage, Beatriz, imagem do amor ideal na *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321), era Beatrice Portinari, uma mulher florentina casada; daí o triângulo.

*Leonardo* – Leonardo da Vinci (1452-1519).

*são Tommaso Mastino.* – Santo Tomás de Aquino (ver cap. 1).

*nos braços de Morfeu* – deus grego e romano dos sonhos.

*por que aquele navio... Lever Line.* – o navio *Indian Empire*, propriedade de John Orell Lever que não era capitão, chocou-se em plena luz do dia com o único rochedo do porto.

*a Irlanda, seu calcanhar-de-aquiles* – frase de George Bernard Shaw no Prefácio de *John Bull's Other Islands (As Outras Ilhas de John Bull)*.

*Jem Mullins?* – o arquétipo do “*self-made man*”, James Mullin (1846-1920), nascido camponês, foi autodidata e acabou médico.

*um Danny se apresentar* – “Dannyman”: “informante”.

*Ex quibus... secundum carnem.* – o texto da Bíblia Vulgata: “e dessa raça é Cristo segundo a carne” (Rm 9, 5).

*A Espanha novamente... América progressista.* – os Estados Unidos derrotaram facilmente a Espanha na guerra Hispano-Americana.

*Ubi patria... vita bene.* – latim: “Onde está a minha pátria, aí a vida é boa”, adaptação da frase de Cícero: “Ubi bene, ibi pátria”: “Onde eu estou bem, aí é a minha pátria.”

*faubourg Saint Patrice... Irlanda.* – francês: subúrbio São Patrício, isto é, a Irlanda é dominada por São Patrício, portanto, pelo catolicismo.

*seção dois do ato de emenda criminal* – proibindo a prostituição.

*a boa Sra. Grundy* – porta-voz dos costumes da classe média, na frase de Thomas Moxton (c. 1764-1838): “O que é que a Sra. Grundy vai dizer?” (“*What will Mrs. Grundy say?*”)

*A edição extra cor-de-rosa* – a última edição dos jornais de Dublin.

*9 stone. 4 libs.* – equivalente a 59 quilos.

*duas milhas e meia* – quatro quilômetros.

*seis pés* – 1,83 metro.

*cinco pés e dez ou onze polegadas* – respectivamente 1,78 e 1,80 metro.

*Aquela rameira, aquela prostituta inglesa* – Katherine O’Shea, companheira, depois esposa de Parnell; esses comentários eram comuns na época, no entanto não há qualquer evidência de que ela fosse uma mulher promíscua.

*A filha do rei da Espanha... assim e tantas outras* – Stephen faz alusão primeiro a uma canção de roda, depois a uma balada anônima.

*com pedidos de desculpa a Lindley Murray* – Lindley Murray (1745-1826), gramático inglês autor de *Grammar of the English Language (Gramática da Língua Inglesa)* e outros livros escolares.

*escribas O’Brienitas* – William O’Brien (1852-1928), editor do *United Ireland* quando este se virou contra Parnell; como O’Brien se encontrava nos Estados Unidos na época, o jornal estava nas mãos de seus “escribas”.

*conditio sine qua non* – latim: “condição indispensável”.

*Rosa como uma Rosa* – romance sentimental de Rhoda Broughton (1840-1920).

*literalmente as últimas das Moicanas* – *O Último dos Moicanos*, romance de James Fenimore Cooper (1789-1851);

significado metafórico aqui, as últimas moedas.

*Huguenote de Mercadante... sobre a Cruz* – mais uma vez Bloom confunde as coisas; Mercadante compôs “Últimas Sete Palavras”, Meyerbeer compôs “Huguenotes”.

*annos ludendo hausi, Doulandus* – latim: “eu passei anos tocando”; moto de John Dowland (1563-1626), tocador de alaúde e compositor inglês.

*Farnaby e filho com seus conceitos dux e comes* – os Farnaby, pai e filho, viveram no séculos XVI/XVII; *dux*: latim: “líder”, *comes*: “companheiro”.

*Byrd (William)... na capela da rainha* – William Byrd (1543-1623), compositor e organista de Elizabeth I.

*in medias res* – latim: “no meio das coisas”.

*Von der Sirenen... dichten* – alemão: “Da astúcia das sereias os poetas fazem versos”, palavras do compositor alemão Johannes Jeep (c. 1582-1644).

*genus omne* – latim: “toda a espécie”.

*Und alle Schiffe brücken.* – alemão: “E todos os navios atravessam.”

## 17. ÍTACA

Em *A Odisséia*, ainda disfarçado de mendigo, Odisseu usa um estratagema para entrar em seu palácio, assim como Bloom o faz para entrar em casa de madrugada, tendo esquecido a chave. O estado em que se encontra seu lar perturba Odisseu, assim como perturba Bloom ao penetrar no dele. Antínoo, um dos principais pretendentes à mão de Penélope, irritado com Odisseu, atira nele um banquinho; Bloom também esbarra na mobília que fora mudada de lugar. Odisseu e Telêmaco encurrelam os candidatos no salão e Stephen, por sua vez, ajuda a trancar a porta da casa de Bloom. Depois que Odisseu é o único capaz de retesar seu próprio arco, na competição que fora estabelecida, feito este comemorado por Zeus com um ribombo de trovão, ele se junta a Telêmaco e, finalmente, destroem os pretendentes importunos, que, por tanto tempo, haviam assediado Penélope.

Em *Ulisses*, além dos paralelos mencionados, neste episódio – preferido por Joyce, embora por ele visto como seu “patinho feio”, com seu estilo catequético de perguntas e respostas – o processo de reivindicação de direitos é bem diverso. Na verdade, o que Bloom utiliza contra o seu rival não é uma arma, mas simplesmente a palavra. De retorno à sua casa na companhia de Stephen, a longa conversa que com ele mantém revela o que ambos possuem em comum – Bleephen, Stoom – e o que os distingue, e contribui para que ele diga a Molly aquelas palavras que a perturbarão ao alterar a rotina da casa. Este episódio, embora não o pareça, é rico em interpretações psicológicas, particularmente no que se refere à personalidade de Bloom.

*árvores heliotrópicas* – botânica: cujas folhas se viram em direção ao sol.

*anacronismo... em Rossnaree* – o rei Cormac Mac Art, segundo a lenda, converteu-se ao cristianismo e morreu engasgado com um osso de salmão.

*cinco pés e nove polegadas e meia até os dois pés e dez polegadas* – respectivamente 1,765 metro e 86 centímetros.

*onze stone e quatro libras* – 71,1 quilos.

*feira de São Francisco Xavier 1898* – São Francisco Xavier (1506-52), jesuíta espanhol missionário, veja *Retrato do Artista*, capítulo 3.

*2.400 milhões de galões* – onze bilhões de litros.

*jarda* – equivalente a 0,9144 metro.

*26 acres* – 105 metros quadrados.

*22 milhas estatutárias* – 35,4 quilômetros.

*250 pés* – 76 metros.

*12,5 milhões de galões* – 57 milhões de litros.

*15 galões* – 68 litros; *6 polegadas* – 15 centímetros.

*20.000 galões* – 90.922 litros.

*na projeção oceânica de Mercator* – Gerardus Mercator (1512-94), geógrafo flamengo, partindo da esfera tridimensional projetou o mapa mundial bidimensional, o que resultou em oceanos desproporcionalmente grandes.

*8.000 braças* – 14.632 metros.

*instrumentos rãdomânticos* – instrumentos que “adivinham” a existência de nascentes subterrâneas.

*higrométricos* – medem o grau de umidade na atmosfera.

*uma libra* – 0,45359 quilo.

*50 a 212 graus Fahrenheit* – 10 a 100 graus Celsius.

*falciforme* – com forma de foice.

*helioterapia... osteopática* – todos esses tratamentos alternativos eram relativamente recentes em 1904.

*cinco onças* – 140 gramas.

*um quarto* – a quarta parte de um galão, equivalente a pouco mais de um litro.

*Elias, restaurador da igreja em Sião* – isto é, o Dr. Alexander Dowie (ver caps. 8 e 14).

*com a luz da inspiração... linguagem da predição* – Bloom descrito nos termos usados por John F. Taylor para descrever Moisés.

*Luz para os gentios* – como Isaías descreve o futuro Messias (Is 49, 6).

*uma polegada e meia* – 3,8 centímetros.

*Se Brian ao menos... está agora* – Brian Boru (Boroimhe), ver cap. 6.

*Simbá o Marinheiro* – pantomima popular que teve várias apresentações em Dublin.

*A Sra. Riordan (Dante)* – a personagem Dante de *Retrato do Artista*.

*herdeiro transubstancial... herdeiro consubstancial* – “transubstancial” porque com pai morto, “consubstancial” porque com pai vivo.

*Royal University* – universidade não residencial.

*Meu Herói Favorito* – título de um ensaio sobre Ulisses que Joyce escreveu na escola.

*Moisés Maimônides, autor de More Nebukim* – para Moisés Maimônides, ver cap. 2; *More Nebukim*: hebraico: “Guia para os Perplexos”, em que ele procurava conciliar o pensamento hebraico com princípios aristotélicos.

*Mendoza (pugilista)* – Daniel Mendoza (1763-1836), apelidado “Estrela de Israel”, pugilista judeu inglês campeão de 1792 a 1795.

*Ferdinand Lassalle* – (1825-64), judeu alemão socialista, trabalhou para fundar um partido operário na Alemanha.

*letras epentéticas e servis* – respectivamente, letras inseridas no meio de palavras e letras que não pertencem à raiz das palavras em que ocorrem.

*Torá* – estritamente falando, o Pentateuco ou os primeiros cinco livros do Antigo Testamento (supostamente escritos por Moisés).

*Talmude (Mischna e Ghemara)* – lei judaica; Mischna: a lei elaborada a partir do Pentateuco, Ghemara: comentários sobre

Mischna.

*Massor* – um sistema de pronúncia para o hebraico bíblico.

*o Livro de Dun Cow* – a transcrição mais antiga das lendas irlandesas.

*Garland de Howth* – manuscrito latino ilustrado dos quatro evangelhos datando do século VIII ou IX.

*o Livro de Kells* – manuscrito ilustrado dos quatro evangelhos datando do século VIII, o mais famoso manuscrito ilustrado irlandês e, segundo Joyce, inspiração para *Finnegans Wake*.

*eclesiásticos em guetos... Adão e Eva* – o catolicismo sobreviveu apesar das tentativas por parte dos ingleses de suprimi-lo durante os séculos XVI e XVII, graças em parte aos franciscanos que estabeleceram uma igreja secreta perto da Taverna de Adão e Eva, o que fazia parecer que os frequentadores da igreja estavam indo para a taverna.

*Kolod... homijah* – os primeiros versos da canção que se tornou o hino nacional de Israel; tradução aproximada: “Enquanto no fundo do coração / a alma da Judéia for turbulenta e forte.”

*Johanes Damascenus... Monachus* – todos autores de comentários sobre a aparência física de Jesus.

*leucodérmica, sesquipedal* – respectivamente: “de pele branca”; literalmente, “um pé e meio de altura” (erro de Stephen, na verdade “seis pés”); em sentido figurado: “comprido”.

*Sra. Emily Sinico* – ela morre no conto “Um Caso Doloroso” de *Dublinenses*.

*Em que ordem de precedência... habitação efetuada?* – como nas cerimônias da Páscoa judaica quando o dono da casa tem precedência.

*secreto* – latim: “separado”: orações em voz baixa que precedem o Prefácio na missa.

*A 113ª... populo barbaro.* – latim: “modo de sair”; “Quando Israel saiu do Egito, a casa de Jacó de um povo de língua estranha”.

*5.000 pés* – 1.524 metros.

*57.000.000.000.000 milhas* – uma milha equivale a 1,6 quilômetro.

*às vaidades... tudo que é vaidade* – Eclesiastes 1, 2.

*Utopia* – da obra de sir Thomas Morus (1477-1535) *Utopia*; latim: “lugar nenhum”.

*mapas selenográficos* – mapas da superfície lunar.

*Liliata rutilantium... Chorus excipiat* – Stephen muda a pontuação e as frases originais (ver cap. 1).

*com seu olhar voltado... o leste.* – “Mizrach”: hebraico: o leste; virando-se para o leste Bloom imita a postura de judeus devotos quando rezam a oeste de Jerusalém.

*uma polegada* – 2,5 centímetros.

*(ipsorelativo)... (aliorelaivo)* – respectivamente: “em relação ao eu”, “em relação aos outros”.

*uma imagem de Narciso* – Narciso: na mitologia grega o belo jovem que se apaixonou pela própria imagem.

*Rus in Urbe* – latim: “o Campo na Cidade.”

*Qui si sana* – latim: “Aqui se fica saudável.”

*5 ou 6 acres* – 20 ou 24 mil metros quadrados.

*uma milha* – 1,6 quilômetro.

*(Semper paratus)* – latim: “Sempre pronto.”

*Charles Darwin* – (1809-82), biólogo inglês evolucionista.

*James Fintan Lalor* – (1807-49), jornalista político irlandês, partidário de uma reforma agrária radical e do uso de força na luta pela independência da Irlanda.

*John Fisher Murray* – (1811-65), satirista político irlandês.

*John Mitchel* – (1815-75), jornalista radical irlandês.

*J. F. X. O'Brien* – (1828-1905), serviu como oficial médico na Guerra Civil americana, emigrou para a Irlanda e se envolveu na revolta de Cork em 1869.

*marquês de Ripon* – George Frederick Samuel Robinson (1827-1909), católico convertido, era partidário da reforma agrária e da Home Rule.

*(honesto) John Morley* – (1838-1923), estadista inglês partidário da Home Rule.

*(Blum Pasha... Rockefeller)* – todos financistas conhecidos, na sua maioria judeus.

*Mizpah* – palavra usada como saudação, oração ou bênção em hebraico.

*boustrofedônico* – escrito alternadamente da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

*tronco 28 polegadas...* 12 polegadas – as medidas são, respectivamente, 71 e 75 centímetros, 23 e 25 centímetros, 21,5 e 23 centímetros, 25 e 30 centímetros, 28 e 30 centímetros.

*remédio taumatúrgico* – de curas milagrosas.

*das Herz... Gott... dein* – alemão: “o coração”; “Deus”; “seu”.

*5 pés e 9 e meia polegadas* – 1,76 metro.

*Ninguém* – quando interrogado sobre o seu nome pelo ciclope Polifemo, Odisseu responde que se chama Ninguém.

*um vingador... sombrio* – como Odisseu no seu retorno a Ítaca.

*A preparação do café... (expição)* – uma recapitulação litúrgica judaica do dia de Bloom, semelhante à católica no cap. 15.

*(Urim e Thummim)* – objetos usados pelo sumo sacerdote que lhe permitiam conhecer a vontade de Jeová (Ex 28, 29-30).

*(Simchath Torah)* – “Alegrai-vos na Lei.”

*(Shira Shirim)* – hebraico: “Cântico dos Cânticos.” (Salomão)

*proposição pretérita aorística* – de acordo com a gramática grega: “aorística”: relativa a passado simples de verbo; “pretérito”: ação passada completada.

*Gea-Tellus* – a deusa grega da terra, Gea, e a deusa romana da terra, Tellus Mater.

## 18. PENÉLOPE

Em *A Odisséia*, Penélope é despertada pela ama, que lhe informa que Odisseu regressou e exterminou todos os candidatos que a assediavam. A princípio, Penélope se nega a acreditar nas palavras da ama e quando desce ao encontro de Odisseu ainda está relutante, testando-o de toda maneira possível. Só se convence, finalmente, quando ele menciona o segredo da construção e imutabilidade do leito conjugal, que apenas os dois conhecem. Somente, então, unidos pelo amor, eles se recolhem ao quarto, contam suas histórias um ao outro e o poema termina em paz e harmonia.

Em *Ulisses*, um mergulho no mundo íntimo de Molly Bloom nos revela as suas reações extremamente femininas, provocadas pelas últimas palavras de Bloom antes de adormecer. De fato, ele pede a Molly que lhe traga o café-da-manhã na cama, fato inusitado que não ocorria desde a morte do filho Rudy, havia onze anos. Durante todo aquele tempo, fora ele que se incumbira dessa tarefa. Revela ainda este episódio que, embora não seja o modelo de virtude conjugal do original grego, Molly não é aquela mulher devassa e desonesta, decantada por alguns. É, na verdade, acima de tudo, uma criatura espontânea, romântica, extrema e inconformadamente solitária, assim como sedenta de carinho, que não receia dizer sim à vida e ao amor.

*Pooles Myriorama* – “myriorama”: uma imagem grande formada por várias imagens menores que podem ser reagrupadas para formar uma nova imagem; Pooles: um *show* ambulante que aparecia em Dublin uma vez por ano.

*que Nosso Senhor era carpinteiro* – de acordo com Marcos 6, 2-3.

*Ó minha namorada May* – canção em que a pequena May pede ao cantor para casar-se com ela, mas quando ele volta, ela, já crescida, está noiva de outro.

*Katty Lanner* – (1831-1915), professora de balé e coreógrafa do Teatro de Variedades Inglês, filha de Joseph Lanner (1801-43), compositor austríaco da valsa vienense.

*Bartell dArcy* – o cantor que emociona tanto Gretta Conroy em “Os Mortos”.

*Ave-Maria de Gounod* – Charles François Gounod (1818-93), compositor francês.

*o que é que nós... e parta* – de “Good-bye” (“Adeus”), canção de G. J. Whyte-Melville e F. Paolo Tosti.

*há uma moça encantadora que eu amo* – canção do Ato I da ópera *The Lily of Killarney* (*O Lírio de Killarney*).

*Kathleen Kearney* – personagem de *Dublinenses*.

*Sinner Fein* – versão de Molly para Sinn Féin.

*Pretória e Ladysmith e Bloemfontein* – Transvaal, África do Sul.

*o velho tio Paul... Krugers* – Stephanus Johannes Kruger (1825-1904), governador do Transvaal, África do Sul.

*15 acres* – 60 mil metros quadrados.

*os Dublins... batalha de Tugela* – um batalhão de fuzileiros irlandeses (Royal Dublin Fusiliers) participou da sangrenta batalha no vale do rio Tugela durante a Guerra dos Bôeres.

*cantando sua Manola* – espanhol: “Manola” é uma madrilenha de classe baixa, portanto, nesse contexto, uma canção cantada por uma delas.

*Kitty Oshea* – não confundir com Kitty O’Shea, a mulher de Charles Stewart Parnell.

*Algum Mestre François* – François Rabelais (c. 1490-1553), romancista satírico francês.

*como a do menino Jesus... nos braços* – o presépio a que Molly se refere é da igreja de Maria Imaculada (Church of Oblate Fathers of Mary Immaculate), Inchicore, Dublin.

*S. A. R. estava em Gibraltar* – Sua Alteza Real o Príncipe de Gales.

*dos homens meadero* – “meadero”: espanhol: “mictório”.

*a Sra. Stanhope* – Lady Hester Stanhope (1776-1839), sobrinha e secretária particular de William Pitt “o Jovem” (1759-1806), primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

*Concone é o nome desses exercícios* – Giuseppe Concone (1801-61), professor de canto italiano, famoso por seus exercícios.

*A Pedra da Lua... Wilkie Collins* – *A Pedra da Lua* (1868) de Wilkie Collins (1824-89) foi um dos dois primeiros romances policiais escritos em inglês.

*East Lynne* – outro romance extremamente popular escrito pela Sra. Henry Wood (1814-87).

*Henry Dunbar* – romance de Mary Elizabeth Braddon (1835-1915).

*Eugene Aram de lorde Lytton* – um romance escrito por Edward Bulwer-Lytton, barão Lytton (1803-73), para expor injustiças sociais.

*Molly da Sra. Hungerford* – Molly Bawn, romance de Margaret Wolfe Hungerford (1855-97).

*uma de Flanders* – evidentemente Moll Flanders do romance de Daniel Defoe.

*quando o general... desembarcou* – Ulysses Grant (1822-85), general da Guerra Civil americana e presidente dos Estados Unidos.

*assembléia de levitas* – levitas: tribo judaica tradicionalmente de assistentes dos sumos sacerdotes.

*pisto madrilenho* – espanhol: prato de tomates e pimentão vermelho.

*Correspondente das Senhoras* – guia para correspondência com instruções para todo tipo de carta.

*4 marinheiros... todo o rochedo deles* – Gibraltar foi tirado dos espanhóis por uma força militar anglo-holandesa em 1704.

*a linguagem dos selos* – a posição do selo no envelope era considerada significativa.

*muralha dos mouros* – a longa muralha que atravessa o platô superior de Gibraltar.

*Deus que lhe dê... mais dinheiro* – frase de um dos personagens de Jonathan Swift, *Polite Conversation (Conversa Educada)*.

*anel deselegante de Claddagh* – aliança tradicional na forma de duas mãos segurando um coração.

*Sr. de Kock* – Charles Paul de Kock (1794-1871), romancista francês não pornográfico; Molly está enganada pensando ser um apelido.

*o último... duas metades* – segundo uma superstição, se um bolo ou pudim se parte ao ser retirado da forma é sinal de casamento desfeito, separação.

*O Único Caminho no Teatro Royal – The Only Way (O Único Caminho)*, peça de Freeman Crofts Wills (c. 1849-1913).

*Beerbohm Tree* – sir Herbert Beerbohm Tree (1853-1917), ator inglês.

*Ó como as águas escoam em Lahore* – versão de Molly de palavras do poema de Robert Southey (1774-1843).

*omissões freqüentes* – a palavra certa seria emissões.

*objeto de beleza... para sempre* – de “Endymion” de Keats.

*Ó beau pays de la Touraine* – francês: “Ó bela terra de la Touraine” canção da peça *Les Huguenots (Os Huguenotes)*.

*lorde Napier* – Robert Cornelis, lorde Napier (1810-90), entre outros cargos governador de Gibraltar.

*Obra-prima do velho Aristocrata* – isto é, *Obra-Prima* de Aristóteles.

*Tom Kernan... no banheiro dos homens* – *Dublinenses*.

*Rosales y Oreilly na Calle las Siete Revueltas* – espanhol: “Rosie O’Reilly na Rua das Sete Voltas.”

*como esta usted... y usted* – espanhol: “como vai muito bem obrigado e você”.

*com as perguntas todas de cabeça para baixo* – por causa dos pontos de interrogação em espanhol.

*dos huevos estrellados señor* – espanhol: “dois ovos fritos senhor”.

*mi fà pietá Masetto... presto non son più forte* – italiano: “Tenho pena de Masetto. Rápido, estou perdendo as forças”, Zerlina em *Don Giovanni*.

*7 milhas* – pouco mais de 11 quilômetros.